



IMENSURÁVEL

TRILOGIA AMORES GENUÍNOS

LIVRO 2

*"Poderia o desejo dar lugar
ao amor?"*



UM ROMANCE INTENSO POR
THATYANNE TENÓRIO





PERIGOSAS NACIONAIS

IMENSURÁVEL
TRILOGIA AMORES GENUÍNOS
LIVRO 2

UM ROMANCE INTENSO POR
THATYANNE TENÓRIO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Thatyanne Tenório

FICHA TÉCNICA:

REVISÃO: Bárbara Lorrany

DESIGN CAPA: Thatyanne Tenório

DIAGRAMAÇÃO: Bárbara Lorrany

EDITORA BELLA DONNA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Gostaria de dedicar o livro a todas que me incentivaram a continuar, o apoio para uma escritora iniciante é tudo. Tive momentos de inseguranças, mas com ajuda de amigas verdadeiras segui em frente. E dedico também a leitura a quem gosta de um pouco de suspense e amores que se conhecem e que, em meio a lasciva paixão, começam a descobrir o real significado do amor

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[SINOPSE](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46 – Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Poderia o desejo dar lugar ao amor?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

No coração de New York uma jovem terminava a faculdade de pedagogia. Filha e aluna exemplar, jamais imaginou estar passando pelo que sua vida tinha se transformado. Em uma noite de diversão, ela conheceu um dançarino extremamente prepotente, mas jamais imaginaria que ele se tornaria alguém importante na sua vida.

Em meio a tudo ela descobre um perseguidor, mas sua identidade é oculta.

Assombrada com alguns acontecimentos, ela se vê dividida entre: o desejo por Benjamin e o medo do seu perseguidor.

Imensurável é o livro dois da **Trilogia Amores Genuínos**, onde a insana paixão dará lugar ao sentimento inexplicável chamado amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Naquele dia a sala de aula estava cheia. Era um milagre, porque na noite passada tiveram uma festa ao qual Sayuri não foi. Olhando rapidamente para a tela do celular viu que em dez minutos o sinal tocaria. Relanceando para a janela – que ficava ao lado – notou algumas pessoas saindo da universidade.

Suspirando, fitou o céu azul. Não entendia porque estava tão aérea, talvez pelo fato de hoje ser sexta-feira e iria visitar os pais. Ou talvez porque sua melhor amiga estava no dormitório do campus – ao qual dividiam – dormindo de pura ressaca. Sorriu lembrando-se de Noemie, sua melhor amiga era maluquinha.

— Srta. Hodgens – o professor lhe chamou a atenção deixando-a levemente assustada e envergonhada. — Estou curioso para saber o motivo de estar tão avoada – continuou falando fazendo Sayuri fitar os colegas que a encaravam sorrindo. — Acho que todos nessa sala também estão curiosos para saber. Quer compartilhar seus PERIGOSAS ACHERON

pensamentos ou alguma piada?

Encostando-se na cadeira e lançando mais um olhar para a turma, negou.

— Me desculpe, Sr. Herban. — Ouviu alguns risinhos atrás de si. — Não irá se repetir.

Concordando o homem, voltou para o livro que tinha em mãos. Tentando não prestar atenção nos cochichos que ouvia ao seu lado, voltou sua atenção para o livro aberto e algumas anotações que havia escrito no caderno.

Minutos depois o sinal tocava, informando que aquela aula já tinha finalizado. Rapidamente fechou o livro e o caderno, pensando em casa. A mãe com certeza estaria lhe esperando com uma deliciosa comida, mas antes de ir passaria no quarto para saber como Noemie estava.

Colocando a bolsa no ombro e pegando os livros para sair, o professor Herban lhe sorriu acenando. Mesmo apressada para ir, aproximou-se do homem com um pequeno sorriso.

— Algo lhe incomoda, Srta. Hodgens? — questionou preocupado enquanto se escorava na mesa. — Nunca a vi dessa forma, tão aérea.

— Não há nada, Sr. Herban — respondeu
PERIGOSAS ACHERON

sorrindo. — Não precisa se preocupar.

Sorriu concordando com a cabeça.

— Tudo bem – murmurou ajeitando os óculos —, mas saiba que sempre estaremos aqui para o que precisar.

— Obrigada Sr. Herban – agradeceu sorrindo logo saindo da sala.

No corredor observava os alunos andando para lá e para cá. Todos ali andavam em grupos. Sorriu ao notar que o único grupo que tinha era uma única pessoa. Não que fosse antissocial, mas só se sentia à vontade com Noemie.

Ao sair do corredor começou a se encaminhar para os dormitórios, dobrando em um outro corredor – onde ficava os dormitórios dos alunos de administração – deu de cara com Caine a olhando assustado. Sorrindo sem entender o que ele fazia naquele corredor o encarou.

— O que faz aí? – questionou segurando os livros contra o peito enquanto fitava os olhos arregalados do outro.

Passando a mão na barba, o loiro a olhou com um sorriso de lado.

— Estava indo atrás da minha garota – falou puxando-a de encontro ao corpo. — Estava com saudades então decidi passar o fim de semana com você.

— Bem tentador – respondeu sentindo os beijos do homem em seu pescoço —, mas vou para a casa dos meus pais – anunciou recebendo um bufar e o outro a encarar. — Não faz assim – pediu depositando um beijo nos lábios masculinos.

— Você nunca tem tempo para mim – resmungou a encostando na parede.

Pegou os livros que ela segurava e os jogou no chão.

— Caine! – bronqueou tentando pegar os livros, mas foi interrompida pelo braço do loiro.

— *Shh!* – Silenciou-a tomando os lábios rosados para si. A beijava com fome e desejo, sempre era assim quando a beijava. Achava que nunca se cansaria de beijar aqueles lábios, ter aquele corpo, sentir as carícias que ela lhe proporcionava. Só não conseguia entender o motivo de ela nunca o colocar em primeiro lugar. —
PERIGOSAS ACHERON

Vamos para um banheiro matar essa saudade, não seja tão má.

— Não dá. — Afastou-o fazendo com que ele a encarasse. — Eu prometi a minha mãe que iria essa semana, não fui na outra. Tenho que me arrumar logo.

Caine suspirou crispando os lábios.

— Eu cheguei hoje de viagem — indagou alterando um pouco o tom da voz. — Passei esses dias em reuniões e palestras sobre o *carro perfeito*, novas invenções que vai tornar os carros de agora mais modernos. Estou estressado e só queria que minha garota me entendesse e me desse mais atenção.

Nervosa, encarou o homem a sua frente.

— Caine, nós já falamos sobre isso — proferiu cruzando os braços. — Se você está estressado vá para casa, tome um banho, coma e durma.

— Eu quero você! — exclamou decidido.

— Ótimo! Então vamos comigo — chamou sorrindo observando o homem impaciente lamber os lábios lhe dando as costas. — Venha conhecer minha família. Fazem dois anos que estamos juntos e você não os conheceu.

— Por que sempre fala isso? É tão importante assim que eu os conheça? — questionou logo notando o olhar magoado que a outra lhe lançara. — Olha, desculpa eu...

— Tudo bem — interrompeu a fala do loiro abaixando-se e pegando os livros. — Eu tenho que ir.

— Você não vai mesmo passar o fim de semana comigo? — quis saber observando-a.

Colocando a bolsa no ombro e segurando os livros, encarou Caine.

— Você fala que eu não te compreendo, não te dou atenção — começou a falar —, mas você não se coloca no meu lugar. — Fitou-o colocar as mãos no bolso da jaqueta. — É importante para mim que você conheça os meus pais, meu irmão... São as pessoas que eu amo e te apresentar para eles seria um passo que daríamos ao nosso relacionamento.

— Sayuri...

Suspirou aproximando-se.

— Não. É melhor você ficar sozinho e pensar nas coisas. Pensar no que você quer comigo realmente, se só sexo ou algo mais.

Olhando-o uma última vez, voltou ao
PERIGOSAS ACHERON

caminho que fazia antes dele aparecer. Não choraria por ele, havia chorado uma vez por Patt – o menino que havia lhe levado para o baile –, mas como sua mãe mesmo disse: ele não merece suas lágrimas. E era isso o que Caine agora não merecia.

Não entendia o porquê de tanta negação.

Noemie uma vez dissera que ele tinha outras espalhadas pelo mundo por isso que não aceitava conhecer os sogros. Não podia negar que essa possibilidade já passou por sua cabeça, mas não acreditava que o loiro pudesse fazer algo que a magoasse dessa forma.

Chegando finalmente no corredor do dormitório, notou o carrinho de limpeza. Olhando ao redor não viu ninguém. Apressando o passo abriu a porta do dormitório que dividia com Noemie e se assustou quando fitou a morena no sofá, deitada usando óculos escuro e pijama.

— Você está péssima! – comentou recebendo um sorriso debochado da outra. — Você está bem *Mortícia* de óculos.

Riu colocando os livros em cima de mesinha de centro.

— *Rá rá* – zombou pegando uma garrafa de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

água a bebendo. — Não me faça rir.

— Como você está? — perguntou enquanto sentava-se próximo a morena.

— Bem — respondeu encostando-se no travesseiro que tinha atrás de si. — Que horas são?

Olhando o horário no celular de Noemie viu que dariam 5:00pm.

— Quase 5:00pm — avisou olhando-a. — Tem certeza que posso ir visitar os meus pais? Você me parece tão mal.

— Tenho! Pode ir. — Sorriu cruzando os braços. — Já tem dias que você fala nos seus pais e no delícia do seu *Nii-san*.

Revirando os olhos e suspirando, Sayuri sorriu.

— Não fala assim do meu bebê.

Retirando os óculos, Noemie a encarou.

— Se estou a cara da *Mortícia*, você está a *Murta* com essa expressão de tristeza. O que aconteceu?

Suspirando fitou as mãos.

— Caine e eu brigamos.

Revirando os olhos, a morena recolocou os óculos.

PERIGOSAS ACHERON

— Você sabe o que tem que fazer — deixou claro enquanto suspirava. — Sêrio, esse cara não é para você.

Ficando em silêncio por um momento fitou a amiga, logo saindo de onde estava para ir buscar no quarto a mochila que separara.

— Eu gosto dele — disse no corredor.

— *Gostar não é amar* — Sayuri ouviu-a retrucar com a voz de tédio —, *mas você já sabe disso*.

Sorrindo, saiu do quarto indo até a amiga e beijando-lhe a testa.

— Se cuida — pediu recebendo um sorriso. — Se precisar de algo, você pode me ligar.

— Não se preocupe — afirmou sorrindo. — Só estou dando um tempo aqui, hoje tem festa no bloco G e eu vou — terminou fazendo uma dancinha esquisita.

Surpresa, Sayuri a encarou colocando as mãos na cintura e em tom de bronca proferiu:

— *Mei*, você já foi para uma festa ontem! Não acha que ficar um pouco aqui estudando para a prova de terça seria uma boa?

Soltando um ruído com a boca, Noemie a

PERIGOSAS ACHERON

encarou.

— Tchau, Sayuri. — Sorriu saindo do sofá e empurrando a outra que segurava um livro. — Diga a tia Yumi que mandei um beijo — murmurou abrindo a porta. — Qualquer dia apareço por lá.

— Está bem. — Voltou-se para a amiga e lhe abraçou. — Me liga se precisar.

Piscando e sorrindo a outra fechou a porta.

Colocando a mochila nas costas e segurando o livro contra os seios começou a andar. Saindo do corredor rumou para saída e, antes que chegasse em seu objetivo, o faxineiro apareceu em seu campo de visão a encarando com o olhar sério de sempre.

Parando de andar, o observou.

Uma vez até o cumprimentou, mas o homem apenas a encarou.

O faxineiro usava um macacão cinza, a farda e coturnos. Segurava uma vassoura enquanto ao seu lado tinha o carrinho amarelo de limpeza. Alguns alunos tinham medo do homem, pois era corpulento e tinha uma aparência nada amigável. Outros alunos apenas zombavam.

Sayuri não tinha medo dele, mas havia algo em seu olhar — de íris cinza — que a fazia tentar

PERIGOSAS ACHERON

entender o que se passava com ele. Suspirando e colocando um sorriso simpático, retomou a caminhada e ao passar pelo homem o cumprimentou:

— Oi.

Como sempre a resposta que teve foi o silêncio. Andando mais rápido, soltou a respiração que até então não sabia que prendia e se encaminhou para o ponto de ônibus. Não tinha carro, nunca aprendera a dirigir um. Seu pai até que tentou, mas foi desastroso demais.

Três horas depois descia do ônibus e sorria cumprimentando alguns vizinhos que transitavam por ali. O céu estava com algumas estrelas, o frio da noite estava presente fazendo-a se abraçar. Aproximando-se da casa dos pais notou Romee andando na calçada do vizinho, uma pequena bolsa descansava no ombro enquanto a outra se abraçava com um casaco de tecido franzino. Sorrindo, atravessou a rua e foi ao encontro da outra que lhe sorriu assim que a notou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Romee – falou já abraçando. — Como vai?

Sem graça, Romee separou-se do abraço lhe sorrindo.

— Bem – respondeu olhando-a. — Veio passar o fim de semana em casa?

Concordou, colocando as mãos no bolso da calça.

— E você está estudando muito?

Mordendo os lábios a outra baixou a cabeça, mas logo a fitou nos olhos.

— Eu tive que parar – confidenciou sem graça, notando o olhar surpreso de Sayuri. — Aconteceu umas coisas – parou segurando com mais força a bolsa no ombro —, mas não vamos falar disso. Eu tenho que ir.

— Claro. – Deu um pequeno sorriso a olhando. — Te vejo depois, diz para sua mãe que mandei um beijo.

— Sim – concordou lhe dando um último sorriso.

Sayuri ainda ficou olhando-a andar rapidamente para longe dali.

Suspirando atravessou novamente a rua.

PERIGOSAS ACHERON

No chão da varanda haviam algumas madeiras ao lado de uma caixa de ferramenta, sem dar muita importância abriu a porta da frente adentrando a residência.

Na sala encontrou o pai sentado com alguns papéis ao redor, pigarreando chamou a atenção do homem que a encarou rapidamente sorrindo.

— Filha! — Largou os papéis e foi abraçá-la.
— Finalmente você chegou.

— Papai — murmurou sentindo o abraço apertado do homem. — Senti saudades.

Afastando e segurando delicadamente o rosto da filha, Urion depositou um beijo em sua testa.

— Eu também senti — afirmou fitando o sorriso da jovem. — Sua mãe não está em casa — proferiu pegando a mochila da outra. — Ela saiu com seu irmão. Foram ao supermercado.

Abraçando a filha e com a mochila na outra mão, rumou ao lado de Sayuri até o quarto cor de rosa. Abriu a porta e colocou a mochila em uma mesinha. Inspirando o cheiro que o quarto tinha e observando os ursinhos que ali se encontravam, sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Eram nesses momentos que ela chorava lembrando do PERIGOSAS ACHERON

passado, dos bons momentos que passara ali ao lado da família e de Pimpolho. Uma foto em cima da mesa lhe chamou a atenção.

Colocando o livro que trazia em mãos na mesa e pegando o porta retrato que tinha ali, fitou a si quando tinha seis anos e o pequeno cachorrinho em seu colo. Tocando a imagem deixou algumas lágrimas caírem logo as limpando.

— Eu também sinto saudades dele.

Ela ouviu a voz do pai dizer.

Respirando fundo e sorrindo, voltou-se para ele.

— Ele era muito levado.

Urion cruzou os braços com um sorriso de lado.

— Sua mãe as vezes fazia vista grossa com ele — contou recebendo um sorriso —, mas ela o amava.

— Era impossível não amar.

Do lado de fora da casa a caminhonete estacionava e, dela desciam Yumi e Ian. O jovem rapaz foi o primeiro a descer e pegar as sacolas, ao seu lado a mãe se postava enquanto o abraçava pelo braço. Ian havia se tornado um rapaz lindo

PERIGOSAS ACHERON

consequentemente chamando a atenção de algumas meninas.

Estudava engenharia química em uma Universidade próximo ao da irmã. A reação dos pais quando dissera que estudaria esse curso foi de surpresa, mas logo após ficaram felizes por ele encontrar algo que gostasse.

Abrindo a porta de casa deixou um sorriso escapar quando avistou a irmã descer as escadas ao lado do pai.

— *Nee-chan* – indagou sorrindo e abrindo os braços para abraçá-la, mas antes que isso acontecesse a mãe passou rapidamente na frente e abraçou a jovem. — *Ai, mãe!* – reclamou ainda segurando as sacolas.

Sayuri apenas sorriu abraçada a mãe.

— Filha – murmurou separando-se e a olhando dos pés à cabeça. — Está tão magrinha, tem se alimentado bem? Dormido? Está precisando de alguma coisa? Você sabe que sempre pode falar, filha.

Sorriu voltando a abraçá-la.

Urion observava com um sorriso a cena. Foi tão difícil para eles no começo. Com Sayuri longe, PERIGOSAS ACHERON

Yumi queria ligar de cinco em cinco minutos. Já ele sabia perfeitamente que a filha precisava de espaço, por isso sempre ligava de hora em hora.

— Mamãe, estou bem, não preciso de nada. E sim tenho dormido – respondeu ainda sorrindo e observando a mais velha lhe acarinhar o rosto.

— Eu fiz sua torta favorita – avisou a puxando para se sentar no sofá. — Me conta como estão as coisas. E Noemie como está?

Observando a mãe, Sayuri pensou como os pais reagiriam ao saberem que a amiga estava tentando sobreviver à uma ressaca, mas já pensando em uma outra festa.

O pai com certeza não iria gostar.

— Ela está bem – disse apenas. — Tem prova na terça, mandou beijos.

Sorrindo, Yumi alisou o cabelo castanho da filha.

— Vou terminar o jantar – anunciou sorrindo. — Vá tomar banho para jantarmos.

Após isso saiu e foi para a cozinha. Antes que Sayuri pudesse fazer qualquer coisa, sentiu os braços do irmão ao seu redor a abraçando.

— *Nii-san!* – exclamou quando sentiu o outro

PERIGOSAS ACHERON

ficar de pé a levantando.

— Mamãe mentiu – indagou a colocando no chão. — Você está bem pesada.

Acertando um tapa no braço do outro, Sayuri lhe deu língua em um ato totalmente infantil. Urion observava calado os filhos brincarem entre si. Sorriu quando notou que já estavam crescidos e ele ainda se referia aos mesmos como crianças.

Em breve estariam com diplomas, emprego e uma família. Olhando sua pequena franziu o cenho imaginando Sayuri lhe apresentando um possível candidato a namorado. Calado, fitou a jovem subir e Ian sentar-se no sofá pegando o celular o olhando com desinteresse.

— E você – chamou a atenção do filho. — Algo novo?

Encarando o pai, Ian guardou o celular no bolso novamente. Cruzando os braços soltou uma pequena respiração, ato que fez o homem lhe encarar com o cenho franzido.

— Estou namorando. – Deu de ombros recebendo um olhar surpreso e interessado do pai. — Acho que pode dar certo.

— Mesmo? E quem é?

Inclinando-se para frente Ian encarou o mais velho.

— Eu acho que a mamãe não vai gostar muito – avisou com o cenho franzido.

Urion o encarou, olhando rapidamente para a cozinha.

— Por que?

— Se lembra da Courtney? – questionou notando o olhar do pai de entendimento. — Ela está na mesma Universidade, só que ela estuda Biomedicina.

Ian já havia saído antes com a jovem. Foi o seu par no Baile ao qual os dois ganharam o título de Rei e Rainha. Courtney era uma jovem muito bonita, morava em um bairro na parte mais cara da cidade e vivia uma vida de patricinha. O motivo da mãe não gostar da jovem era simples, Courtney fazia questão de esbanjar o que tinha e de sempre colocar os outros para baixo.

Já tinha conversado com a loira sobre a maneira que ela tratava as pessoas e isso foi um dos motivos que o fez cortar a relação que tinham, mas então o tempo passou e eles se reencontraram. Acabou acontecendo.

— Eu a encontrei por lá e fomos almoçar juntos – continuou observando a reação do pai. — E ficamos depois disso, ela pediu para voltar então eu topei.

Urion encarava o filho relatar de forma simples o acontecimento.

— E como estão as coisas entre vocês?

— Bem – respondeu sorrindo. — Não se preocupe, transamos com camisinha.

Sorriu ao notar o sorriso do pai.

— É tão mais fácil falar com você sobre esses assuntos.

Yumi aproximando-se dos dois sorriu balançando a cabeça.

— Sobre o que estão falando? – questionou colocando as mãos na cintura. — Só ouço cochichos da cozinha.

Levantando-se do sofá, Ian a abraçou e beijou-a no rosto.

— Que curiosa, Dona Yumi – debochou com um sorriso de lado. — Só falávamos coisas de homens, sabe como é né.

— Homens? – Sayuri repetiu confusa enquanto sorria descendo as escadas, já tomada

PERIGOSAS ACHERON

banho.

— Sim — concordou separando-se da mãe, olhando a irmã o encarar zombeteira. — Eu sou o segundo homem da casa, por ser o único filho homem e alto.

Parando em frente ao irmão, Sayuri sorriu cruzando os braços.

— E o que tem a ver ser alto? — quis saber mesmo sabendo o motivo. — Do que vale ser alto e ser o mais novo?

Ian sorriu pegando-a e a colocando no ombro sob os protestos da irmã. Yumi observava os dois sorrirem e Ian adentrar a cozinha com Sayuri no ombro. Relanceando para o marido o viu sorrir para a cena. Aproximou-se do moreno e depositou um beijo nos lábios dele. Sorriu ao receber em troca um carinho no rosto.

Puxando-o pela mão andaram até a cozinha e no local fitaram Sayuri e Ian falarem qualquer assunto que eles não entendiam, mas que aqueles momentos eram um dos favoritos do casal.

Após o jantar, Sayuri ficou para ajudar a mãe com a louça, enquanto Ian e Urion estavam na sala com alguns papéis distribuídos na mesinha de centro.

— O que o papai e o *Nii-san* estão fazendo? — questionou fitando rapidamente a mãe.

— Seu pai está pensando em abrir uma loja para artigos domésticos — anunciou concentrada no que fazia. — Acho que eles estão estudando as possibilidades.

— Ah — respondeu voltando a enxugar os pratos e a guardá-los.

Pensava em Caine.

No que o loiro estaria fazendo agora, se ainda estava chateado com ela ou se esperava que ela lhe ligasse. Suspirou. As vezes era difícil não se estressar com ele. Caine tinha trinta e dois anos, era dono de uma loja de carros de luxo e consertos em geral de veículos caros. O conheceu no shopping enquanto comprava um presente para o irmão e ele lhe pediu uma opinião sobre o presente para dar a mãe. Ela o ajudou com a compra e logo após foram comer um hambúrguer por conta do loiro. E desde então os dois mantinham um relacionamento sem

PERIGOSAS ACHERON

nome, ela achava que era namoro, mas não podia afirmar que o outro pensava da mesma forma.

Faziam dois anos que se conheciam e tinham algo, e ele nem sequer tomava uma iniciativa para tentar conhecer os pais dela. Franziu o cenho quando notou que não queria apenas sexo dele.

— Sayuri? – chamou pela quarta vez encarando a filha. — Tudo bem?

Um pouco atordoada balançou a cabeça, logo dando um sorriso para a mais velha.

— S-Sim – gaguejou. — Sim, só pensando nos meus estágio.

Sorrindo, Yumi enxugou as mãos em um pano de prato.

— Vai ficar na mesma escola que antes?

— Acho que sim, ainda não sei. – Sorriu. — Só que agora vou ter que lidar com os adolescentes.

— Está ansiosa? – quis saber abraçando a jovem enquanto saiam da cozinha, lado a lado.

— Nervosa, eu diria – exclamou tensa. — Serão adolescentes e não crianças.

— Você vai ser a melhor professora que eles já tiveram.

Sorriu beijando a bochecha da filha.

Chegando na sala sentou-se com a mãe no outro sofá, olhando o pai parar o que fazia a olhando.

— Qual o problema?

— Nada – respondeu aconchegando-se no abraço da mãe. — Só meu estágio se aproximando, estou nervosa por isso.

— É o último? – Ian perguntou.

— Sim.

— Então relaxa – pediu sorrindo encostando-se no sofá. — Vai tirar de letra.

Sorrindo em agradecimento, lembrou-se de Romee.

— Quando estava vindo encontrei com Romee – falou para ninguém em especial. — Ela está linda.

Ian desviou o olhar, voltando sua atenção para o papel que tinha em mãos.

— É uma menina tão educada – reforçou Yumi sorrindo. — E muito esforçada. – Sorriu. — Trabalha na casa *dos que não podem ser nomeados*.

Sorrindo, Sayuri fitou o pai que balançava a cabeça sorrindo.

— E trabalha em um restaurante aqui

PERIGOSAS ACHERON

próximo.

— Como a senhora sabe? — questionou Ian interessado.

Olhando-o, a mais velha sorriu enquanto respondia:

— Ela conversa comigo.

Fingindo desinteresse ficou de pé.

— A conversa está muito boa — disse após espreguiçar —, mas vou me recolher.

— Ainda não são 10:00pm! — Yumi estava com o cenho franzido. — Está fugindo da conversa?

— Não estamos conversando — retrucou colocando as mãos no quadril. — Eu somente lhe perguntei sobre algo que a senhora mesmo disse e... — parou de falar quando notou o sorrisinho de lado que a mãe tinha. — Quer saber? Boa noite.

Sorrindo, Urion fitou o filho subir desaparecendo no corredor. Olhando a esposa a viu cochichar algo para Sayuri que sorriu.

— Eu também vou me deitar — anunciou Sayuri beijando o rosto da mãe. — Hoje acordei cedo — indagou saindo de perto da mais velha indo dar um beijo no rosto do pai. — Vocês se

PERIGOSAS ACHERON

comportem!

Sorrindo, correu em direção da escada, deixando os pais na sala.

Dentro do quarto abriu a mochila buscando o aparelho celular. Desbloqueou a tela e notou várias mensagens de Caine. Sentando-se na cama começou a ler uma por uma, todas elas diziam basicamente a mesma coisa: um pedido de desculpas e promessas de quando ela voltasse ele a levaria para jantar.

Bloqueando novamente a tela e colocando o aparelho na escrivaninha ao lado, rumou para o banheiro onde escovou os dentes e trocou a roupa por um pijama que se consistiam em uma calça e uma blusa de mangas compridas.

Deitando-se na cama e se enrolando pensou no dia que tivera. Esticando o braço pegou novamente o celular, mandaria uma mensagem para saber como Noemie estava. Minutos depois ela recebeu a foto da amiga segurando um copo vermelho enquanto sorria ao lado de um homem.

Suspirando mandou uma resposta, pedindo para que ela tomasse cuidado e fosse cedo para o quarto. Como resposta teve um emoji de uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãozinha “dando beleza”, odiava quando lhe respondiam com emojis. Bloqueando a tela e deixando o celular de lado, tentou fechar os olhos, mas logo os abrindo.

Queria mandar uma mensagem para Caine, mas se acalmaria. Dissera que ele tinha o final de semana para pensar no que queria, e não seria ela a se contradizer. Ela esperaria, passaria o fim de semana curtindo a família e na segunda teria tempo para o loiro.

Sorriu.

Era tão bom voltar para casa, o ruim era a despedida. Sempre chorava, mas não pensaria nisso. Fitando o teto do quarto, notou a luz do luar nele e a sombra de um galho a se mexer, quando era pequena morria de medo dessas coisas. Sempre quando sentia medo ia dormir com os pais e era abraçada pelos dois.

Respirando fundo, tornou a fechar os olhos e dessa vez não os abriu.

Deixou que a inconsciência aos poucos lhe levasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Na manhã seguinte, Sayuri despertava ouvindo algumas movimentações no andar de baixo. Foi até o banheiro e escovou os dentes, então tomou um banho rápido. No quarto, abriu a mochila onde pegou uma calcinha e um sutiã logo em seguida um short e uma blusa sem mangas. Antes de sair calçou os pés com um par de tênis *Allstar*, não esquecendo de colocar o celular no bolso.

No andar de baixo, pôde ver o irmão e o pai carregando algumas madeiras já cortadas para fora. Sorrindo, acompanhou os dois. Na varanda viu algumas madeiras, pregos e latas de tinta.

— Bom dia — saudou olhando para os materiais de forma curiosa. — O que vão fazer?

Urion limpou as mãos na calça aproximou-se da filha e a beijando na testa.

— Vou colocar cercas — falou observando ao redor. — Os cachorros fazem a festa nessa grama.

Ian, que estava contando as madeiras, parou o que fazia quando notou Romee andando de cabeça

PERIGOSAS ACHERON

baixa na calçada dos vizinhos. A olhou de cima a baixo, notando que a calça jeans colada no corpo e a blusa rosa claro com mangas longas a fazia parecer uma *hippie* moderna. Em suas mãos trazia um prato coberto.

Sem esperar, a jovem o encarou e deu um pequeno sorriso enquanto atravessava a rua. Aproximando-se do outro, Romee parou em sua frente.

— Bom dia, Sr. Dupke, Sayuri... – saudou tímida recebendo um aceno do homem e um sorriso de Sayuri, ficando mais tímida ainda quando encarou Ian. — E-Eu fiz uns *coockies* para você.

Sorriu, entregando o prato para o rapaz.

— Não precisava – respondeu sério franzindo o cenho e fazendo Romee engolir em seco.

— E-Eu sei... eu... quer dizer tinha os ingredientes para fazer e eu só fiz – terminou de falar nervosa.

Um tempo atrás ele havia defendido ela de Blake – o filho dos vizinhos – e desde esse dia a jovem quando o encontrava falava e sorria com ele, mesmo estando envergonhada, ou trazia coisas para ele comer.

Sayuri, ao lado do pai, observava os dois com um pequeno sorriso. A porta da casa sendo aberta chamou a atenção de todos, e dela Yumi saiu vestida em uma calça jeans e blusa azul.

— Romee, querida – exclamou aproximando-se da jovem. — Você está tão linda.

Envergonhada, Romee lhe endereçou um pequeno sorriso.

— Obrigada, Sra. Dupke, a senhora também está linda.

Devolveu sentindo o olhar de Ian em si.

Sorrindo, Yumi fitou as mãos do filho.

— O que é isso?

— São *coockies* – respondeu Romee. — Eu fiz para Ian.

Sorriu recebendo um sorriso da mais velha.

Yumi olhou a jovem dos pés à cabeça.

Adorava aquela menina e sabia que ela sentia algo por Ian. Torcia internamente para que o filho desse uma chance à menina.

Não gostando de ser o centro das atenções, Ian acenou e logo saiu do local. Romee encarava as costas dele se afastarem um pouco chateada.

Relanceando para o filho, Yumi logo voltou

PERIGOSAS ACHERON

sua atenção para a jovem que olhava Ian ir embora. Querendo desfazer o clima tenso que se instalara, sorriu e cruzou os braços.

— E sua mãe como está?

Olhando as mãos rapidamente, Romee deu um sorriso um pouco triste.

— Está um pouco adoentada – respondeu de forma simples —, mas logo estará boa. Já vou, tenha um bom dia, Sra. Dupke.

— Você também, querida – falou, recebendo mais um sorriso enquanto fitava a outra sair rapidamente dali.

Dando-lhe as costas, observou o marido parado segurando um martelo. Aproximando-se dele colocou as mãos na cintura.

— Você viu como seu filho se comportou?

Assustado a encarou confuso.

— Ele a tratou normal.

— Normal? – repetiu com as sobrancelhas arqueadas. — O que você entende por normal?

— Por que está brigando comigo? – quis saber surpreso. — Ele fez o que todo homem comprometido deve fazer.

— Comprometido? – falou recebendo um
PERIGOSAS ACHERON

olhar assustado do homem.

Rapidamente entrou na casa em busca do filho e o encontrou na cozinha bebendo água com Sayuri do lado. Os *cookies* estavam em cima da mesa ainda cobertos.

Urion foi atrás da esposa e parou ao seu lado.

— Você está namorando?

Ian imediatamente fitou o pai, esse que deu de ombros com um sorriso sem graça.

— Estou – respondeu colocando o copo na pia. — Por que?

— Por nada – falou cruzando os braços. — Só fiquei curiosa. Quem é ela?

Sayuri observava o irmão encarar a mãe com uma expressão indecisa. Pensava qual seria o motivo para ele não querer contar. Crispou os lábios, logo em seguida, quando algo passou em sua cabeça.

— Ela é casada? – questionou tendo as atenções para si.

— Não! – exclamou com o cenho franzido. — É a Courtney.

Yumi o encarou ainda com os braços cruzados.

— A mesma do baile? — perguntou observando o filho coçar a cabeça dando um pequeno sorriso.

— Essa mesma.

Olhou a mãe esperando que ela lhe dissesse algo, mas nada veio.

Com uma concordância, Yumi virou-se para Sayuri.

— Você ainda não tomou café — afirmou pegando uma xícara no armário. — Nunca é bom ficar sem comer pela manhã.

Ian fitou o pai em questionamento e, como resposta, recebeu um dar de ombros. De forma cautelosa Sayuri sentou-se à mesa, sentindo o clima no ar e tentando fazer com que isso se dissipasse voltou sua atenção para a mãe que partia uma fatia de torta.

— Mamãe eu pensei em sairmos — proferiu sorrindo e recebeu um sorriso da mais velha. — Eu pensei em comprar roupas.

— Depois do seu café — proferiu andando em direção à pia onde tinha alguns pratos.

Urion que observava a cena calado, indicou o caminho da saída ao filho. Ao chegar na varanda o

PERIGOSAS ACHERON

jovem esfregou os olhos com impaciência, chamando a atenção pai.

— Calma, filho – pediu Urion sentando-se no degrau da escadinha, tendo Ian seguindo o exemplo logo em seguida. — Eu não queria lhe dedurar saiu sem querer.

— Tudo bem – avisou com um pequeno sorriso apoiando os braços nos joelhos. — Só achei que ela diria algo.

Concordando com a cabeça, fitou a frente, as pessoas passarem para lá e para cá.

— Sua mãe sabe que não pode se intrometer na sua vida – respondeu olhando o perfil do filho. — Mesmo ela não gostando da menina.

— Courtney mudou – falou de forma indecisa. — Quer dizer... eu acho que sim.

Parou de falar quando fitou Romee sair da casa dos vizinhos. Bennett falava enquanto gesticulava alguma coisa para a jovem, mas a expressão no rosto da loira era impassível. Antes que Romee o pegasse a olhando, desviou os olhos.

O pai que estava ao seu lado notou as reações do filho e não conseguia entender o que se passava na mente dele em relação à jovem.

— O que você acha dela?

Assustado, o filho o encarou com o cenho franzido.

— Nada – disse levantando-se e limpando o traseiro. — Vamos logo começar com isso antes que fique muito tarde.

Urion o fitou com um pequeno sorriso de lado. Claro que ele achava alguma coisa, mas não seria ele a forçar o filho a falar. Na hora certa ele se abriria.

Levantou-se e pegou uma pá.

Andava ao lado da mãe enquanto olhava algumas vitrines. Tinha comprado algumas roupas com o próprio dinheiro. Aquela era uma coisa boa dos estágios – além do aprendizado que passava e recebia – era que ganhava renumeração.

— Mamãe – chamou a atenção da mais velha. — A senhora não gostou muito de o Ian estar com a Courtney, né?

Suspirando, a mulher fitou a filha.

— Você sabe, filha – começou a falar —, não
PERIGOSAS ACHERON

gosto muito daquela menina, mas seu irmão é bem grandinho.

— Sim — concordou sorrindo. — Ele sabe bem com quem anda.

— Sim! Vocês dois são grandinhos e sabem com quem andam — proferiu olhando-a. — Você tem alguma coisa para me dizer? Quando saímos de casa você ficou olhando para o celular como se esperasse alguma ligação.

Mordendo os lábios, Sayuri deu um pequeno sorriso. Queria muito falar para a mulher sobre o que estava acontecendo em sua vida amorosa, nunca havia escondido nada da mãe, mas não podia contar seu envolvimento com Caine. Até porque ele não queria conhecer os pais dela, então contaria na hora certa.

— É complicado, mamãe — respondeu fitando-a —, mas não se preocupe.

— É impossível não me preocupar com vocês — retrucou com um sorriso, recebendo um pequeno sorriso da filha. — Vamos beber alguma coisa? Já faz algumas horas que estamos andando, daqui a pouco temos que voltar. Vou preparar o almoço.

— Vamos — confirmou —, mas antes eu

PERIGOSAS ACHERON

gostaria de ir comprar um livro que preciso.

Parou ficando em frente a mãe. Algumas pessoas passavam apressadas ao redor. O local, como sempre, estava barulhento.

— Então vou guardar um lugar nosso e comprar dois *Milk-shakes*. — Sorriu quando a filha fechou os olhos sorrindo. — Não demore.

Concordando, segurou as sacolas com mais firmeza e se pôs a andar a procura de uma livraria. O dia estava em clima agradável, por isso não havia mudado de roupa para sair.

Adentrando em uma livraria rumou até a seção de livros específicos.

Era uma amante de livros.

Adora ler todo o tipo de literatura, mas o seu preferido era leitura romance erótico. A primeira vez que leu um livro assim ficara com muita vergonha da mãe ou do pai descobrirem, mesmo que fosse maior de idade e não estivesse fazendo nada de errado. Na prateleira procurou o novo lançamento da série que acompanhava e amava. O décimo sexto livro de uma série sobre vampiros guerreiros. Duas risadas na outra seção lhe chamou a atenção e, levantando a vista fitou o grande

PERIGOSAS ACHERON

homem negro que ao lado de um loiro sorria enquanto segurava um livro.

O homem negro em questão usava uma camisa verde de gola V, os braços musculosos eram cobertos por tatuagens. O cabelo era cortado quase raspado, a barba estava por fazer o deixando com uma aparência desleixada e selvagem.

Sayuri continuou o encarando e engoliu em seco quando ele sorriu mais uma vez. Um sorriso aberto que chegava até os olhos, era realmente bonito. E como se sentisse que era vigiado constantemente, fitou-a com os olhos castanhos escuros parando de sorrir, mas logo piscando de um jeito charmoso. Ato que a fez piscar rapidamente e baixar o olhar voltando a procurar o livro. Quando finalmente o encontrou, suspirou. Pegou o livro e foi até balcão, logo o pagando e saindo apressada da livraria.

Não notou que o homem a cuidava com os olhos. Observava-a sair do recinto segurando algumas sacolas e mais uma com a logotipo da livraria.

— *Patricinha* — resmungou chamando a atenção do amigo.

— O que? – o outro questionou confuso parando de olhar a sinopse de um livro.

— Nada – respondeu com sua voz grossa. — Quando vai aparecer no CM? – quis saber enquanto começavam a andar para fora do lugar.

Do lado de fora da loja recebiam alguns olhares. Alguns desejosos outros curiosos, ele sabia que era cobiçado por outras pessoas e não ligava para isso. Dustin olhou para o outro sorrindo.

— Ah, Benny – falou recebendo um revirar de olhos do amigo. Dustin sabia que Benjamin não gostava quando o chamavam assim fora do CM. — Sabe que a Taylor não gosta quando apareço lá.

Benjamin sorriu relanceando para o outro.

— Por isso que não namoro ninguém – deixou claro notando o olhar de tédio do loiro. — Sério! Eu que não mudaria o que sou para mulher nenhuma.

— Eu também dizia isso – retrucou enquanto saiam do shopping. — E olha como estou de quatro por Taylor.

Encaminhando-se para o carro estacionado, parou ao lado de um *new 2018 Jeep Compass Latitude*. Era um carro grande, quatro portas, preto

PERIGOSAS ACHERON

com detalhes em branco.

— Isso não tem perigo de acontecer comigo — exclamou com um sorriso de lado enquanto se acomodava no banco do motorista, e o loiro no do carona. — Não sou homem de uma mulher só.

Balançando a cabeça negativamente, Dustin fitou a janela. Sorrindo, Benjamin saiu do local.

Sayuri andava apressada a procura da mãe.

Quando aquele homem a encarou, sentiu o sangue gelar e a boca ficar seca, nunca tinha acontecido de ficar olhando um homem daquela forma por muito tempo. Suspirando, parou. Tentava encontrar a mais velha e, quando a viu, sorriu logo se encaminhando para onde a mãe estava sentada.

— Você encontrou? — questionou fitando a filha colocar as sacolas em uma cadeira.

— Sim. — Sorriu mostrando a sacola para a mãe. — Não tinha muita gente na livraria.

Pegando o *Milk-shake* de morango deu um grande gole.

— Seu pai me ligou — avisou mexendo no

PERIGOSAS ACHERON

canudo do *Milk-shake*. — Perguntou se demoraríamos.

Sem responder observou o lugar, parando a atenção em um casal — claramente apaixonado — que se beijavam de forma carinhosa. Caine e ela também saíam e faziam coisas de namorados, mas ele não querer conhecer sua família a deixava triste. Não era bobagem, como disse antes, seria um passo a mais que dariam ao relacionamento.

Voltou sua atenção para a mãe e via que ela lhe falava alguma coisa.

Suspirou e tomou mais um gole do gelado.

— Filha? O que foi? Você sabe que pode me falar qualquer coisa.

Olhando-a, Sayuri decidiu contar. *Dane-se!* Não queria esconder mais nada da mãe.

— Eu tenho uma pessoa — proferiu fazendo a mãe a olhar surpresa —, mas é complicado demais. Ele não quer conhecer vocês.

— Por que não?

— Ele desconversa — murmurou mordendo os lábios. — Acho que ele pensa que é bobagem isso, mas eu realmente queria poder trazê-lo para apresentar a vocês. Eu me sinto uma criminosa por

PERIGOSAS ACHERON

esconder isso.

De forma compreensível, Yumi lhe tocou a mão.

Dando um pequeno sorriso indagou:

— Por que não me fala mais um pouco sobre ele?

— E o papai? A história é longa.

Sorriu de forma triste.

— Seu pai espera. — Sorriu. — Agora me fale tudo.

Respirando fundo, começou a contar como havia conhecido o loiro. Mostrou uma foto dele, falou da forma carinhosa que ele a tratava, mesmo as vezes se comportando de forma mimada. Comentou sobre o trabalho dele sob o olhar atento da mãe e sobre a pequena discussão que tiveram antes dela ir embora.

Calada, Yumi observava a filha abrir o coração. E já de cara não havia gostado do homem. Perguntava-se o porquê de não querer conhecê-los. Soltoou um pequeno sorriso ao notar que os filhos — talvez — ainda não sabiam distinguir as boas companhias. Ou poderia estar errada. Talvez o homem fosse tímido, ou apenas estivesse brincando

PERIGOSAS ACHERON

com sua filha. Mas algo dentro de si afirmava que ele não era um bom homem para sua menina.

— Então o que a senhora acha?

— Noemie não gosta dele? E fala que ele não é homem para você? – repetiu o que a filha tinha lhe dito, recebendo um aceno. — Ela disse o motivo?

— Não – negou cruzando os braços. — Ela só me falou isso.

— E você ama esse homem?

— Amar?

Parou com o cenho franzido.

— Sim – concordou observando-a. — Você o ama?

— Eu acho que amo – falou recebendo um arquear de sobrancelha. — Quer dizer, ele foi o meu primeiro – disse envergonhada. — Passamos por bons momentos juntos. As vezes ele é um pouco incompreensível, mas ele nunca foi violento nem nada disso. Sempre carinhoso.

Yumi lhe segurou as mãos.

— Você sabe que antes de eu conhecer o Urion – começou de forma suave. — Eu era casada com o Reece, seu pai biológico.

— Sim – respondeu engolindo em seco.

Quando completou a maior idade sua mãe e seu pai lhe chamaram para conversar sobre isso, e lhe contaram tudo desde o começo. No início foi difícil, mas depois nada daquilo lhe importava, pois, independentemente de qualquer coisa Urion era seu verdadeiro pai.

— Eu era muito apaixonada pelo Reece, ele também foi o meu primeiro – comentou procurando as palavras certas —, mas então eu conheci o Urion e ele me ajudou quando mais precisei. E eu percebi que o que eu sentia pelo Reece não era nada comparado ao que sinto por Urion.

— A senhora ainda ama o papai.

— Sim. – Deixou algumas lágrimas caírem.
— Amo muito! E sinto que esse amor só se multiplica. Seu pai me faz a mulher mais feliz do mundo todos os dias, e eu não consigo me ver sem ele. E eu sei que o sentimento é recíproco.

Concordou com a cabeça fitando as mãos unidas.

Sayuri agora se perguntava se o que sentia por Caine era amor, ela gostava dele e sentia um forte carinho pelo mesmo. Um forte carinho.

— Lembra que eu te falei uma vez — perguntou de forma suave — que muitos tentariam te conquistar?

— Sim — confirmou observando a mãe enxugar os olhos.

— Assim como o Patt... — Sorriu notando o pequeno sorriso da filha. — Caine será só mais um a te conquistar, mas só você saberá quando o homem certo aparecer.

Sorrindo confirmou com a cabeça.

— Acho que devemos ir.

— Sim. — Sorriu abrindo a bolsa e retirando o dinheiro para pagar os *milk-shakes*. — Quem me ligou também foi a Grace — comunicou colocando o dinheiro em cima da mesa, logo pegando as sacolas. — Avisando que irá passar o domingo conosco.

— Que notícia boa — proferiu começando a andar ao lado da mãe. — Faz um tempinho que não vejo Leslie — falou se referindo a filhinha do casal.

— Ela está uma fofura. — Sorriu lembrando-se da sobrinha. — Fala pelos cotovelos, igual você quando era pequena.

Abraçando a mãe se dirigiram rapidamente
PERIGOSAS ACHERON

para o estacionamento. Yumi havia aprendido a dirigir com os ensinamentos de Urion. As vezes ficava tensa ao estar muito perto de alguns carros, mas no geral conseguia perfeitamente dirigir.

Estacionando em frente à casa Sayuri sorriu ao notar as cercas já colocadas ao redor do lugar. Espreguiçando-se esperou a mãe descer do automóvel para então começarem a andar. Ao abrir a porta sorriu quando percebeu o homem loiro sentado ao lado do pai e, próximo a eles, Leslie brincava no chão com algumas canetas e papéis.

Colocando as sacolas no chão aproximou-se da pequena.

— Oi, Leslie — falou tendo a atenção da menor que no mesmo instante se levantou apressada. — Cadê o meu abraço?

— Tia *Yuli* — indagou afobada enquanto sentia a mais velha lhe apertar em um abraço forte. — Aí tia — resmungou. — *Tava* com saudade de mim?

Sayuri sorriu sentando-se e ficando com a

PERIGOSAS ACHERON

menor no colo.

— Desculpe, amor – pediu dando um beijo no rosto da pequena. — Estava morrendo de saudades de você, acho que vou te levar comigo quando for embora. O que acha?

— Não, tia – indagou com os olhos arregalados. — Meu paizinho chora.

— Choro mesmo – afirmou Bratt com um pequeno sorriso fazendo Sayuri sorrir.

— O que você estava desenhando? – perguntou olhando-a sair do colo apressada.

— Sayuri, você está linda – Bratt proferiu recebendo um sorriso da jovem. — Celeste não parava de falar em você.

— Tio... – Levantou-se indo o abraça-lo. — Como o senhor está?

— Bem. – Sorriu voltando sua atenção para Urion. — Como crescem rápido, daqui uns dias Sayuri estará casada.

Envergonhada, a jovem voltou a se sentar com a pequena em seu colo. Fitou o pai e notou o cenho franzido do homem em um claro desgosto ao ouvir aquilo, parecia que seu pai não admitia que ela tinha crescido.

— Tia, olha meu desenho — Celeste falou mostrando a folha.

— É lindo. — Sorriu observando uma casinha torta colorida, e três bonecos desenhados com traços imperfeitos. — Posso desenhar também? — perguntou recebendo um aceno positivo da menina.

Yumi sorriu colocando as sacolas próximas ao sofá. Sentando-se ao lado de Urion o beijou nos lábios.

— Como vai, Bratt? — perguntou Yumi olhando para Bratt.

— Bem, um pouco cansado. Leslie não me dá sossego — respondeu observando a filha desenhar com Sayuri. — Quer dizer, o único momento que ela dá sossego é dormindo.

— Crianças nessa idade são assim mesmo.

Bratt sorriu balançando a cabeça.

— Verdade — concordou pegando o celular quando o sentiu vibrar no bolso. Era uma mensagem da esposa perguntando se já haviam almoçado. — Então, Urion. — Voltou-se para o amigo que abraçava a morena. — Acho ótima a sua ideia, vou passar na primeira loja para resolver o outro assunto pendente.

Sayuri desenhava uma princesa enquanto sentia a pequena se remexer em seu colo.

— Olha tia o cabelo dela tem que ser grandão — instruiu olhando atentamente para o desenho —, mas o vestido tem que ser da cor rosa porque eu gosto do rosa.

— Tudo bem. — Sorriu pegando um lápis de cor rosa. — Como está na escolinha?

— Eu sei fazer a letra “a”, quer ver? — questionou sorrindo, recebendo um aceno positivo da outra.

Entregando uma folha em branco para a pequena, Sayuri ficou olhando a força que a menor fazia para segurar a caneta. Ainda sorrindo levantou a vista para a mãe que lhe sorriu.

— Aqui, tia — apontou mostrando a letrinha “a” com toda torta. — Né lindo, né? — quis saber olhando Sayuri que sorriu lhe beijando o rosto.

— É muito lindo! Você é tão esperta — elogiou achando graça quando a pequena concordou com a cabeça fitando o pai que sorria. — Eu diria a menina mais esperta que eu conheço.

— Eu sei, tia — respondeu arrancando sorrisos de todos.

Bratt sorrindo ficou de pé segurando uma pequena bolsa rosa.

— Bom, agora vamos indo, Leslie – chamou a filha que balançou a cabeça se abraçando em Sayuri. — Quer ficar?

— *Quelo*, papai, me deixa eu ficar – pediu enquanto encostava o rostinho no da adulta. — Tia *Yuli* fala *pra* ele *pra* eu ficar?

Ficando em pé com a menor no colo, Sayuri sorriu para o loiro que observava a pequena com os braços cruzados e um sorriso no rosto.

— É tio, deixa-a ficar.

— É papai eu vou ficar – reforçou sorrindo traquina para o homem.

— Tudo bem – respondeu com um sorriso de lado colocando a bolsa no sofá. — Vou aproveitar que a mamãe está trabalhando e vou ao shopping comer hambúrguer e sorvete grandão.

Leslie arregalou os olhos, logo choramingando para descer do colo.

— Não! Eu vou papai. Tia *Yuli* me deixa eu ir – resmungou afobada arrancando sorrisos de todos.

— Vai me trocar por um hambúrguer e
PERIGOSAS ACHERON

sorvete? – questionou observando a pequena correr desengonçada até o pai que a pegou no colo beijando-lhe o rosto.

— Vou – confirmou abraçando o pescoço do pai. — Tchau, tia.

Ainda sorrindo, Bratt alcançou a bolsa da menor acenando para todos na sala. Suspirando com um pequeno sorriso, Yumi ao lado da filha pegou as sacolas subindo.

Minutos depois, a mais velha desceu para começar a preparar o almoço, deixando a filha sozinha no quarto. Sayuri assim que se trancou no recinto pegou o celular decidindo por mandar uma mensagem à Caine. Rapidamente digitou se ele estava muito ocupado, logo enviando.

Ficou alguns minutos olhando o celular esperando uma mensagem que não veio. Suspirando, bloqueou a tela do celular e o colocou em cima da mesinha. Emburrada saiu da cama começando a arrumar as roupas que comprara. Algumas ela levaria, deixando outras peças ali na casa.

Uma batida na porta a fez parar o que fazia e, em seguida, a voz do irmão se fez presente.

— *One-chan* abre.

Com o cenho franzido abriu a porta dando espaço para o outro passar. Olhando-o de cima a baixo, Sayuri fitou o irmão tirar as sacolas que havia em cima da cama e então, deitar-se esparramado.

— A mamãe falou alguma coisa da Courtney? – perguntou juntando as mãos no peito.

Suspirando Sayuri coçou a parte de trás da cabeça.

— Não – mentiu tentando soar calma. — O que ela poderia dizer?

Revirando os olhos e encarando a irmã, Ian fitou a mão direita dela.

— Sabia que quando você mente torce o dedão da mão direita?

Olhou a mão e viu que o coitado do dedão estava sendo esmagado. Dando um pequeno sorriso sentou-se ao lado do outro.

— *Nii-san* você sabe quando a mamãe não gosta de uma pessoa ela não gosta – falou tendo os olhos castanhos escuros em si. — A prova viva é a *você sabe quem*. – Apontou em direção a casa dos vizinhos. — A gente nem pronuncia o nome.

Riu sendo seguida por Ian.

— É! Eu sei – concordou fitando o teto —, mas eu gosto da Courtney.

— E a Romee? – questionou de supetão fazendo com que o irmão sentasse e a encarasse.

— O que tem ela?

Fechando a boca e respirando fundo, Sayuri parou um momento. Não tinha o direito de se intrometer nisso, não era certo. Mordendo os lábios coçou atrás da orelha.

— Nada – murmurou olhando as mãos. — Só que ela fez *cookies* para você e ela é tão legal.

Revirando os olhos encostou-se na cabeceira da cama e, cruzando os braços começou a pensar na jovem. Aquela menina vivia atrás dele sempre trazendo coisas. Somente a ajudara uma única vez e isso foi motivo o suficiente para ela ficar em sua cola. Não queria agradecimentos pelo o que fizera, não tinha feito nada demais. E ele não gostava mesmo da ideia da outra ficar atrás dele por algum tipo de obrigação.

Mas, talvez, agora que ele estivesse namorando ela parasse um pouco de trazer coisas para ele. Não negaria que ela cozinhava bem

PERIGOSAS ACHERON

porque dos *cookies* não sobraram nada, mas ele não queria uma fã atrás de si.

Quando tomou uma respiração para falar, o celular da irmã começou a tocar e na tela o nome *Caine* aparecera.

— Quem é Caine? — quis saber com o cenho franzido.

Com os olhos arregalados Sayuri agarrou o celular contra o peito.

— Ninguém — respondeu nervosa.

Olhando-a de modo sério questionou: — Você está namorando?

Levantando e dando as costas ao outro caminhou até a porta.

— Acho que você tem outras coisas para fazer.

— Está namorando escondido? — quis saber ignorando a fala da outra.

Respirando fundo fitou o celular que ainda tocava.

— Olha, eu sou a mais velha aqui — deixou claro notando o sorrisinho de lado do irmão. — Então sai do meu quarto.

Ficando em pé rapidamente, Ian a encarou

PERIGOSAS ACHERON

com um sorrisinho debochado.

— Tenho até pena desse cara — falou enquanto saía do quarto feminino. — Papai quando souber ficará possesso.

— Você não vai falar para ele sobre isso, é sério! — indagou de modo sério.

Ian parou de sorrir.

— Não digo — respondeu notando a irmã ficar calma —, mas você sabe que o papai ficará possesso, né?

— Sim, eu sei, por isso que não é a hora dele descobrir sobre o Caine. Por favor.

Aproximando-se da irmã e lhe dando um beijo na testa, ele sorriu.

— Tudo bem — concordou —, mas se ele a fizer sofrer é só me dizer. Não fiz as aulas de *karatê* por nada.

Sorrindo, Sayuri lhe beijou a bochecha.

— Obrigada — agradeceu sorrindo. — Agora vai embora.

Fechando a porta enquanto ouvia o irmão rir, Sayuri fitou o celular onde Caine lhe ligava novamente.

— Alô?

— *Por que demorou tanto para atender?* — questionou Caine assim que ouviu a voz da outra.

— Meu irmão estava aqui — respondeu indo sentar-se na cama. — Estávamos conversando.

— *Não me atendeu por causa do seu irmão?*

Puxando uma respiração, Sayuri crispou os lábios.

— Se você vai continuar com isso eu vou desligar — avisou logo ouvindo a voz rouca do loiro lhe falar.

— *Não, não desliga* — pediu. — *Eu só estou com saudades.*

Deitado na cama Caine fitava as duas mulheres à sua frente provarem alguns biquínis. Com o dedo pediu para que uma delas girasse, logo sorrindo fitando como as peças ficavam sexys naquele corpo moreno.

— Eu também estou — murmurou deitando-se na cama. — O que você está fazendo?

— *Nada.* — Sorriu para a loira. — *Daqui a pouco vou visitar minha mãe, e você?*

— No quarto. Comprei umas coisas e estava organizando-as — parou ouvindo um barulho no outro lado da linha. — O que foi isso?

Caine encarou a mulher que tinha as duas mãos em frente ao corpo e no chão estava o abajur que a loira tinha acertado sem querer. Crispando os lábios e saindo rapidamente do quarto, o loiro ficou na varanda.

— *Nada* – mentiu sentindo o ar fresco entrar em seus pulmões. — *Sem querer derrubei uma coisa.* – Tomando uma respiração voltou sua atenção para as duas mulheres em seu quarto. — *Então quando você estiver aqui me liga, tenho que ir.*

De forma triste Sayuri sorriu confirmando com a cabeça.

— Certo, se cuida! – pediu carinhosa.

— *Você também, querida.*

E dizendo isso encerrou a ligação.

O fim de semana era mais movimentado que os outros dias.

Observando ao redor Benjamin notou algumas mulheres mais ousadas dançando com o companheiro de trabalho que usava apenas um

PERIGOSAS ACHERON

chapéu e botas negras. Sorrindo voltou-se para o bar onde um homem com avental fazia alguns *drinks*.

— Foi um show daqueles, o seu, Benny — proferiu em voz alta recebendo um sorriso convencido do outro. — Vi algumas aqui do balcão dizendo que *ovularam*.

Rindo, o homem sentou-se apoiando os braços no balcão.

— Se eu te contar o que já me disseram — comentou com um sorriso de lado. — Você não acreditaria.

Falando isso voltou sua atenção para o local. O clube de mulheres funcionava há muito tempo ali, porém faziam três anos que trabalhava como strip. Não fazia pelo dinheiro, até porque ele tinha um outro meio para viver, mas estar ali o fazia sentir mais vivo. Talvez pela adrenalina ou apenas porque era um descarado. Pensar assim o fez sorrir, sorriso esse que aos poucos morreu quando a nova dona do lugar apareceu em seu campo de visão. Pegando a bebida que estava no balcão a bebeu em um só gole. Sentiu o líquido descer queimando em sua garganta.

— Benny — exclamou ao ficar em frente ao homem. — Adorei o seu show, estava magnífico.

Sorrindo, Benjamin a encarou dos pés à cabeça. Madame Margot — como gostava de ser chamada — sempre teve interesse em Benjamin, mas ele nunca havia dado brechas à mulher. Era um safado — não negava —, mas tudo tinha limites. E ultrapassar ele com a chefe não era algo que queria.

— Obrigado, Madame Margot — agradeceu achando graça quando a mulher sorriu ainda mais, o comendo com os olhos. — A casa está bastante cheia hoje.

— Sim. — Aproximou-se do outro tocando-lhe o peitoral nu, sentindo a maciez que era ali. — E nas próximas semanas nossa casa receberá algumas despedidas de solteiras.

Afastando-se do alcance da loira, Benjamin concordou com a cabeça.

— E eu quero você em algumas delas.

Deixou claro com o olhar carregado de desejo.

— Claro, Madame. — Sorriu relanceando o olhar para o barmen que limpava alguns copos ouvindo a conversa. Voltou sua atenção para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Margot. — Agora se me dá licença vou embora.

— Embora? — estranhou apoiando o braço no balcão — A essa hora?

— Hoje é minha folga — respondeu recebendo uma sobrelanceira arqueada. — Vim cobrir um outro colega.

— Claro, sempre prestativo não? — Dando um sorriso de lado fitou os olhos escuros do homem. — Eu adoro isso em você... sempre pronto para ajudar e ser ajudado, né verdade?

Cruzando os braços a encarou.

— Nunca recebi ajuda fácil de ninguém para nada — disse notando a postura da mulher mudar um pouco. — Se tudo o que conquistei até agora e venho conquistando é por mérito meu.

Ajeitando o vestido e respirando fundo, a mulher lhe sorriu, antes de lhe dar as costas.

— Ela não desiste nunca — o barmen falou fazendo o outro sorrir.

— Isso até outro aparecer no meu lugar — murmurou observando a loira acariciar outros dançarinos. — Bem eu já vou, até.

Despediu-se recebendo um acenar do homem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi até o camarim e trocou de roupa. Seu desejo era chegar logo no apartamento onde morava, tomar um banho e dormir.

Minutos depois estacionava com o carro na vaga de sempre em frente ao prédio. Falando rapidamente com o porteiro, seguiu em frente e subiu os lances de escadas até chegar em seu andar logo soltando um pequeno palavrão quando notou a Sra. Mikkelsen em pé na porta. Colocando um sorriso no rosto a fitou.

— Sra. Mikkelsen – falou tendo a atenção da mais velha para si. — Como vai?

— Pedindo à Deus que você não dê festa amanhã – respondeu com os braços cruzados olhando de forma acusadora. — Você não cansa de ficar fazendo essas festas que incomoda a todos, menino?

Revirando os olhos, Benjamin respirou fundo.

Não era de ficar fazendo festas... acontecia ocasionalmente algumas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe, Sra. Mikkelsen, não farei festa alguma.

— Ótimo – murmurou séria. — Espero que quem ocupar esse apartamento ao lado não seja um festeiro para arranjar mais problemas. Esses jovens de hoje acham que a vida é uma festa, não sei qual o problema... – continuou falando, mas agora dentro do apartamento.

Bufando, pegou as chaves para abrir a porta. Relanceando para a porta ao lado, notou a plaquinha de aluga-se pregado na madeira. Antes um casal morava ali, mas então decidiram mudar depois que descobriram que estavam grávidos.

Abrindo a porta e a trancando, rumou para o banheiro onde tomou um banho relaxante. Após isso, secou-se e nu encaminhou-se para a cama, deitando-se e dormindo relaxadamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Naquela manhã acordou-se com o barulho de um aspirador de pó ligado e pancadas na parede. Tentando se situar onde estava, Benjamin sentou-se de forma preguiçosa. Bocejando e espreguiçando-se, saiu da cama e foi até o banheiro, onde escovou os dentes e tomou um banho demorado.

Saindo do recinto, procurou o celular o encontrando no bolso da calça que usara ontem. Ligando o aparelho notou que eram 12:00pm, espantando-se logo em seguida. Nunca havia dormido tanto desse jeito. No closet pegou uma cueca, calça jeans e uma blusa social azul vestindo-as rapidamente.

Na cozinha, abriu a geladeira e pegou uma garrafinha de água a bebendo. Passaria o dia com a mãe. Ontem depois que deixou Dustin na casa da namorada rumou para o trabalho e agilizou algumas coisas.

Tinha uma academia de artes marciais mistas, que inicialmente era pequena, mas que com o trabalho no clube das mulheres conseguiu investir

PERIGOSAS ACHERON

mais e fazer com que ela crescesse.

Se fosse por desejo de sua mãe ainda morava com ela, mas ele tinha trinta e dois anos. E como queria ter mais liberdade decidiu sair de casa, na verdade ele havia saído de casa com vinte e cinco anos. Jillian, ou Jilly como gostava de ser chamada, era mãe solteira. Foi criado com muito esforço e sacrifício, era muito pequeno na época, mas ainda se lembrava como a mãe chorava à noite, deitada ao seu lado, onde ficavam em uma pequena casa com dois cômodos.

O clube foi sua salvação, pois no início foi por causa desse emprego que começou a trazer comida para casa. E quando deu, conseguiu tirar a mãe de onde estava. Sorrindo, lembrou-se do dia que a mulher descobrira que ele dançava pelado para ganhar dinheiro. Jilly ficara horrorizada pois ela pensava que o dinheiro era devido as aulas que Benjamin dava de autodefesa. A mulher ainda ficou uns dias sem falar com o ele, mas não seria um motivo como aquele que a faria renegar seu único filho.

Pegando as chaves do carro rumou para a saída.

Estacionava em frente à casa da mãe.

Descendo do carro, acenou para o vizinho da frente, logo se encaminhando para a entrada da residência. Tocando a campainha esperou que a mãe o atendesse e, minutos depois, a porta era aberta e a mais velha o olhava sorrindo.

— Filho — falou o abraçando sentindo os braços fortes do filho a arrodar. — Que saudades eu estava de você.

Separou-se do abraço e lhe alisou o rosto.

— Também senti, mãe. — Sorriu beijando-a no rosto. — Por isso vim passar o dia aqui.

Dando espaço para o filho entrar, a mulher fechou a porta.

— Sabe que se quiser vir morar comigo tudo bem — murmurou tentando-o fazer mudar de ideia como sempre fazia. — Seu quarto está lá em cima.

Sentando-se no sofá deixou um sorriso escapar.

— A senhora nunca muda.

Soltando um sorriso envergonhado, a mulher
PERIGOSAS ACHERON

sentou-se ao seu lado.

— Não custa tentar. — Sorriu observando-o.

— Você comeu? Está bem magrinho.

Dando um sorriso de lado, Benjamin levantou as sobrancelhas.

— Aquelas mulheres me arrancam as energias — anunciou fazendo a mãe parar de sorrir, saindo da sala.

— Meu filho é uma prostituta — exclamou indo para a cozinha, ouvindo-o sorrir caminhando atrás dela. — Não ri. Por que não sai de lá? Você já tem seu outro emprego.

Sentando-se à mesa, Benjamin fitou os braços com tatuagens, logo observando a mãe abrir a geladeira tirando de lá um bolo de chocolate e suco. Já havia pensando em sair do clube, mas gostava de lá e não via necessidades para dar as costas ao lugar.

— Não sou uma prostituta — retrucou apenas.
— Só danço.

— Tirando a roupa? — falou em um tom de censura.

— Não é tão ruim — respondeu notando a mãe o olhar com uma sobrancelha arqueada. —

PERIGOSAS ACHERON

Pode ser no começo, mas logo fica legal.

Balançando a cabeça, Jilly partiu uma generosa fatia de bolo para o filho e o serviu.

— O que me deixa calma é que quando você encontrar uma mulher, você irá parar com isso.

Bufando, pegou o suco enchendo o copo.

— Isso não vai acontecer.

— Não tem como saber, meu bebê. — Sorriu sentando-se em frente ao homem. — Como estão as coisas?

Colocando uma fatia na boca a encarou.

— Estão indo bem — disse após engolir o pedaço de bolo. — A academia está indo muito bem. Entraram novos alunos. A noite eu vou para o meu outro emprego, tudo normal.

Concordando com a cabeça, Jilly esperou ele lhe falar mais alguma coisa.

— Nenhuma namorada?

— Eu não namoro — avisou bebendo um gole do suco. — Eu sou de todas. — Sorriu recebendo um tapa da mãe. — Ai! Mas me fala — pediu ainda rindo. — Como estão as coisas aqui?

— Normal — falou alisando a mesa. — Eu limpo a casa, lavo roupa, faço as compras, vou à

PERIGOSAS ACHERON

igreja nos sábados e domingo à noite, assisto a algum filme que tiver passando. — Parou respirando fundo o encarando. — Nada demais acontece.

Baixando o olhar Benjamin notou que a mãe era muito sozinha. E aquilo o fez se sentir mal.

— Não faça essa expressão — pediu dando um sorriso. — Não estou reclamando. Quando limpo a casa e lavo roupa *Lionel Richie* me faz companhia, acho até que a vizinha aqui do lado não gosta de mim porque eu coloco mesmo o som bem alto — confessou rindo. — A igreja nos sábados e domingo são os dias para me fazer refletir sobre minhas ações, mas quando *Lionel* começa a cantar... — Fechou os olhos dando um pequeno sorriso. — Eu gosto daqui, filho. Não pense que não. Eu só sinto saudades sua, do meu bebê — disse acarinhando-o no rosto.

— Que tal sair comigo? Ir no shopping, pegar um cinema depois um jantar... o que me diz? — propôs observando o sorriso da mulher à sua frente.

— Vou adorar! — Sorriu concordando com a cabeça. — Vou me arrumar.

Avisou logo saindo do recinto sob o olhar risonho de Benjamin. Horas mais tarde, os dois

PERIGOSAS ACHERON

saíam da casa rumo ao shopping, com a programação toda preparada para um dia de mãe e filho.

Sayuri ajudava a mãe a levar os pratos de comida para a parte dos fundos da casa. Grace em pé ao lado de uma mesa de madeira, arrumava os talheres. Leslie brincava com Ian, enquanto Urion e Bratt ficaram encarregados da churrasqueira.

Sorrindo, Sayuri fitou o irmão brincando com a pequena. Ian era um bobo por crianças, parecia uma quando começava a brincar com as pequenas. O ciúme estava plantado quando Rinko – filha de Hideki e Akemi – estava por perto. A pequena tinha seis anos.

O único primo adolescente era o filho do ruivo com a Meghanie. Clint tinha vinte anos, era dois anos mais novo que Ian. Os dois apesar de morarem longe, sempre mantinham contato. Clint, assim como os pais, era um modelo, tinha puxado a beleza natural e bonita – como o próprio tio dissera inúmeras vezes – e por isso vivia com a agenda

PERIGOSAS ACHERON

cheia.

— Ian, cuidado com ela – Sayuri ouviu a mãe dizer. Curiosa ao que Ian fazia fitou o irmão que brincava de pega-pega com a pequena. — Queria tanto que todos estivessem aqui.

— Os modelos da família estão muito ocupados. – Grace sorriu fitando-a. — Akemi me ligou e disse que tentaria vir no dia de ação de graças.

Sayuri sentou-se no banco e relanceou para o pai que sorria conversando com o loiro. Após o almoço em família voltaria para o campus da universidade e, só de pensar nisso sentia o coração apertar.

— Vocês venham comer – Grace chamou observando a filha nos braços de Ian. — Vão lavar as mãos para poder almoçarem – mandou recebendo um aceno positivo do sobrinho. Voltando sua atenção para Sayuri notou o olhar vago que a jovem tinha. — Volta quando para o campus?

— Daqui a pouco – respondeu olhando-a. — Tenho umas coisas para fazer.

Concordando, Grace fitou Yumi que olhava a

PERIGOSAS ACHERON

filha com um pequeno sorriso.

— Você já termina esse ano, né? — questionou recebendo um sorriso da outra.

— Sim — afirmou, um grito infantil fez voltar sua atenção para a entrada da casa onde Ian trazia a pequena deitada no ombro. — Acho que por isso estou ansiosa.

— Eu fico tão feliz por você, querida — exclamou sorridente fitando Sayuri lhe sorrir.

— E você, Grace? Vai mesmo se desligar do hospital esse ano? — Yumi questionou colocando as mãos na cintura.

— Vou. — Sorriu pegando Leslie do colo de Ian. — Quero agora aproveitar para valer minha família, minha princesinha.

— A mãezinha me ama muito — Leslie afirmou fazendo as mulheres sorrirem. — Né, mãezinha?

— Isso mesmo — concordou beijando o rosto da pequena. — Bratt e Urion, o almoço já está na mesa.

Respirando fundo, Sayuri deu um pequeno sorriso observando a mãe sorrir enquanto colocava comida para o marido. Ian à sua frente tentava

PERIGOSAS ACHERON

pegar com a mão um pedaço da lasanha, logo recebendo um tapa da tia. Voltando sua atenção para a mãe, a viu sorrir.

Suspirando começou a se servir.

— Então, Sayuri – Bratt começou a observando. — Como anda a vida acadêmica?

Sorrindo, bebeu um gole de suco antes de responder.

— É corrida – respondeu fitando-o. — Esse será meu último estágio antes de finalmente concluir com tudo.

— Minha filha professora. – Urion sorriu orgulhoso. — Será uma excelentíssima professora.

Envergonhada, começou a comer escutando os mais velhos falarem entre si. Comia concentrada, pensava no que faria quando acabasse. Com certeza alugaria uma casa ou um apartamento, talvez Noemie queira dividir novamente um quarto com ela. Conversaria a respeito quando estivesse a sós. Diferente de Sayuri, Noemie não cursava Pedagogia e sim Jornalismo, porém antes disso ela ainda estudou Relações Internacionais, mas nas palavras da amiga “Isso não é para mim.”

Em uma das escolas onde estagiou, a diretora
PERIGOSAS ACHERON

afirmou que um emprego já a esperava por lá, mas se não conseguisse não se desesperaria, pois tinha boas recomendações e não desistia facilmente dos seus ideais.

Voltando sua atenção para a conversa que se seguia na mesa, fitou o irmão que falava com empolgação sobre o que fazia. Seu irmão era tão inteligente, quando mais novo era mais preguiçoso, mas com o passar dos anos ele foi mudando e amadurecendo.

Horas mais tarde, Sayuri se despedia dos tios. Grace segurava a pequena que dormia de forma serena em seus braços. Acenando, observou o casal entrarem no carro e irem embora.

Ian descia as escadas segurando uma mochila enquanto a mãe lhe segurava o braço com os olhos em lágrimas. Dando um pequeno sorriso viu o pai beijar os lábios da mulher logo saindo do recinto com as chaves do carro na mão.

— Mamãe, não chora — pediu se emocionando aproximando-se da mulher a

PERIGOSAS ACHERON

abraçando. — Em breve voltamos.

— É — Ian reforçou sorrindo. — Quando menos esperar estaremos de volta.

Enxugando os olhos e sorrindo, Yumi acarinhou os rostos dos filhos.

— Eu vou sentir saudades de vocês — exclamou fitando os filhos. — É tão difícil me despedir assim.

Sayuri sorriu sentindo os olhos se encherem de lágrimas. Também era difícil para ela voltar ao campus depois de passar três dias em casa, mas fazia parte da vida. Abraçando-a pela cintura, se encaminharam para fora de casa.

Na calçada, encostado ao carro, estava o pai com os lábios crispados. Dando mais um abraço na mãe e a beijando no rosto, Sayuri lhe sorriu começando a andar para o carro e, adentrando o veículo, fitou o irmão abraçando a mais velha.

Segundos depois o irmão afastava-se da mulher, se sentando no banco do passageiro.

O caminho de volta para a universidade foi feito em silêncio. Três horas de puro silêncio, cada um envolvido em seus pensamentos. A primeira parada foi no campus onde Sayuri estudava e, após

PERIGOSAS ACHERON

se despedir do pai começou a andar para dentro do local.

A mochila estava nas costas e nas mãos algumas sacolas, os corredores naquele horário – 5:45pm – estavam vazios. Geralmente alguns alunos voltavam pela segunda de manhã, mas Sayuri tinha assuntos para estudar. Dobrando no corredor ao qual sua moradia ficava, fitou o carrinho de limpeza estacionado próximo a parede. Uma porta se abriu e notou que era a do dormitório que ficava. Franzindo o cenho aproximou-se cautelosamente e, do recinto saiu o faxineiro.

Assustada, encarou os olhos claros do homem levemente assustados.

Sentindo a respiração ficar descompassada, Sayuri lançou um olhar para a porta aberta logo voltando a encarar o homem.

— O que fazia aí dentro?

Em silêncio o homem a encarou e, aquela falta de resposta estava deixando-a com um pouco de medo.

— Eu fiz uma pergunta! – exclamou tentando parecer calma.

— A porta estava aberta – ele falou com uma
PERIGOSAS ACHERON

voz grossa o que fez Sayuri se arrepiar de medo. — Eu só vim olhar o que tinha acontecido.

Respirando um pouco aliviada, mas ainda sim alerta, concordou com a cabeça. Uma risada ao fundo a fez virar para a dona da voz e fitando Noemie viu que ela falava ao celular, mas a expressão era de pura confusão.

— Olha, depois eu te ligo — falou logo encerrando a ligação e colocando o celular no bolso aproximando-se da amiga. — Está tudo bem aqui? — quis saber cruzando os braços encarando o faxineiro de cima a baixo.

Noemie achava aquele homem estranho demais. Muito na dele, nunca falava com ninguém e as vezes o pegava encarando as meninas da universidade principalmente Sayuri.

— Mei, a porta estava aberta — Sayuri falou segurando as sacolas com nervosismo.

Franziu o cenho confusa.

— Mesmo?

— Sim — respondeu e no mesmo instante o homem passou rapidamente arrastando o carrinho amarelo. Quando sumiu das vistas das duas, Sayuri voltou-se para amiga com o olhar assustado. — Ele

PERIGOSAS ACHERON

estava lá dentro!

Ainda com o cenho franzido Noemie adentrou o lugar, olhando rapidamente a tranca da porta onde não tinha nada de anormal. Buscou na memória se havia fechado ou não, as vezes acontecia de não trancar na chave.

Mordendo os lábios, fitou a amiga que encarava o lugar com desconfiança.

— Relaxa, Say – pediu com um pequeno sorriso, tentando não alarmar mais a outra. — Eu acho que esqueci de trancar novamente e você sabe que aquele cara como faxineiro tem que reportar qualquer coisa de anormal que acontecer por aqui.

Cutucando o dedo com a unha em um gesto totalmente nervoso, Sayuri concordou com a cabeça.

— Eu sei – suspirou olhando atentamente para a sala —, mas ele é um pouco estranho.

— Um pouco é eufemismo. – Riu trancando a porta e sentando-se no sofá para abrir as sacolas. — Ah! Obrigada, Say – agradeceu pegando uma blusinha azul. — Essa ficará linda no meu corpinho.

Rindo, mas um pouco tensa encarou a amiga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como passou os dias aqui? – quis saber retirando os tênis.

— Legal – respondeu abrindo outras sacolas.
— Conheci um gatinho na festa do bloco G, um aluno transferido. Da *Espanha*.

— Qual o nome dele?

Parando um momento, Noemie buscou na memória, mas não conseguiu lembrar.

— Daqui a pouco eu lembro – disse sorrindo.
— Beija tão bem que até me esqueci o nome dele.

Balançando a cabeça, Sayuri voltou sua atenção para a porta. Não conseguiria esquecer aquele episódio.

— Você sabe que hoje é o seu dia na cozinha né? – quis saber Noemie dando um sorriso de lado.
— Faz aquele macarrão ao queijo que só você sabe fazer?

Revirando os olhos segurou as bolsas e a mochila.

— Vou tomar um banho bem relaxante – afirmou dando um sorriso de lado. — Talvez depois eu faça.

— Faz sim – retrucou sorrindo. — Os seus chulés não se esqueça.

PERIGOSAS ACHERON

Os pegou com uma mão, tapando o nariz com a outra. Rapidamente Sayuri voltou com um sorrisinho debochado de lado.

— Eu não tenho chulé.

— Ah não! Tem não. Esqueci que a princesa não tem sudorese – debochou escutando a risada de Sayuri ao fundo.

Observando a sala com atenção, procurou alguma coisa de anormal, mas logo suspirou revirando os olhos. Amanhã tentaria descobrir alguma coisa sobre o faxineiro.

Pensando nisso saiu da sala indo para o quarto.

Eram por volta das 9:50pm quando Benjamin estacionou o carro em frente à casa da mãe. Olhando a mais velha, notou o sorriso que ela tinha e sentiu-se bem por proporcionar momentos felizes para a mãe. Descendo do carro e enganchando o braço forte no da mulher se encaminharam para dentro da residência.

— Ah, filho! Eu amei esse domingo! —
PERIGOSAS ACHERON

exclamou feliz. — Obrigada! — agradeceu abraçando o homem.

— Não precisa agradecer — informou separando-se do abraço, dando um beijo na bochecha da mãe. — Vamos repetir mais vezes esse dia.

— Sim — concordou abrindo a porta na sala retirou os sapatos. — Meu menino — murmurou lhe alisando o rosto. — Fico tão feliz por você ter se tornado esse homem que você é, mesmo tirando a roupa para um monte de desconhecida — indagou com o cenho franzido recebendo um sorriso do filho —, mas tenho muito orgulho de ser sua mãe. Tenho sim. O melhor filho que uma mãe poderia ter.

Enxugando algumas lágrimas da mulher, Benjamin a abraçou. Sentindo o perfume que sua mãe tinha, lembrando-se de quando era pequeno e ela o abraçava enquanto contava histórias.

— Bem, agora eu tenho que ir — avisou dando um pequeno sorriso. — Amanhã eu acordo cedo. Vou voltar a correr e treinar.

— Isso é bom — falou acompanhando o filho até o lado de fora —, mas cuidado para não ficar PERIGOSAS ACHERON

muito exagerado.

Dando um sorriso de lado e levantando a sobrancelha, a encarou.

— As mulheres gostam — piscou olhando a mãe sorrir balançando a cabeça. — Se cuida.

— Você também — murmurou observando o filho entrar no carro, logo indo embora.

Pelo retrovisor Benjamin encarava a mãe parada na entrada da casa. Deixando um pequeno sorriso nos lábios reviveu a tarde que passara com a mais velha, deveria fazer mais atividades assim com a mulher. Conversara com a mesma sobre quem sabe ela fazer alguma coisa fora de casa, mas a resposta que recebera foi direta: não.

Talvez se ela tivesse algum animalzinho em casa, seria uma boa. Quando pequeno não poderia ter, mas agora tinha condições, porém no apartamento onde morava era proibida a entrada de animais. Amanhã veria sobre isso.

A época que estava era o outono, porém aquela noite estava mais fria que as outras. Descendo do carro, andou calmamente para a entrada do prédio sorrindo quando o porteiro Evans o cumprimentou.

— Sr. Buthler, como vai?

— Bem, Evans – respondeu simpático. —
Como passou o dia? Alguma novidade?

— Um casal veio olhar o apartamento vago –
avisou tendo a atenção do homem —, mas a Sra.
Mikkelsen fez o favor de deixá-los a par do que
acontecia no andar do senhor.

— Fala sério? – quis saber colocando as
mãos no quadril.

— Sim, senhor – afirmou cruzando os braços.
— O casal foi embora sem dizer nada.

Todos ali naquele prédio sabiam que a Sra.
Mikkelsen era um pouco intragável. Morava
sozinha, não era casada e não tinha filhos – ou seja
– era uma solteirona que gostava de implicar com
Benjamin.

— Mas eu garanto que o imóvel será alugado
logo, Sr. Buthler.

— Aposto que sim – respondeu de forma
irônica. — Bem, vou subir – avisou estendendo a
mão em um cumprimento masculino. — Cuidado
aí.

— Pode deixar, Sr. Buthler.

Sorrindo, deu as costas ao homem.

Não gostava de elevador, por isso, sempre usava as escadas. Ao chegar no andar que morava – o terceiro – fitou a Sra. Mikkelsen com várias sacolas ao redor enquanto abria a porta.

Aproximando-se da mulher foi em direção à porta já com as chaves na mão. Relanceou os olhos para a mais velha e viu que suspirava com as mãos nas costas. Suspirando e dando um pequeno sorriso aproximou-se.

— Boa noite, Sra. Mikkelsen – saudou recebendo um rápido olhar da mulher. — Precisa de ajuda?

— Eu pareço precisar? – retrucou colocando a mão na cintura roliça.

— Acho que sim. – Sorriu abaixando-se e pegando as sacolas, todas elas. — Vamos abra a porta.

— Não me dê ordens, menino! – exclamou abrindo a porta rapidamente. — Agora coloque ali em cima da mesa.

Levantando a sobrancelha e sorrindo fez o que a outra mandou. Lançando um olhar para o local viu uma cozinha muito bem arrumada com tudo em seu devido lugar.

— Obrigada.

Surpreso, Benjamin a encarou com o cenho franzido. Em todos os anos que morava ao lado da mulher, essa era a primeira vez que ela abria a boca para lhe agradecer algo.

— A senhora sente-se bem?

Confusa, a mais velha o encarou.

— Claro, por quê?

— Então acho que eu que não escutei direito – murmurou com um pequeno sorriso de lado. — A senhora me agradeceu?

Crispando os lábios e o olhando com um olhar fuzilante, a mais velha apontou o dedo gordo para a porta.

— Saia da minha casa, seu abusado!

Sorrindo, saiu da residência com as mãos para cima, escutando ao fundo a porta ser fechada e trancada. Abrindo a própria porta e a trancando, rumou para o banheiro e após o banho voltou para o quarto se enxugando. Colocando a toalha em uma cadeira próxima à cama, Benjamin deitou na cama como estava: nu.

Gostava de dormir sem nada, pois não se sentia muito confortável com a cueca lhe

PERIGOSAS ACHERON

apertando. Arrumando o travesseiro nas costas fitou o teto.

Amanhã voltaria a treinar, tinha alguns dias que não o fazia. Fechando os olhos deixou que a inconsciência se fizesse presente.

Sayuri estava sentada no sofá lendo um artigo sobre *Sociologia da Educação*. Usava seu pijama de calça e blusão. Em uma mão segurava um copo de leite no outro o celular. Sem esperar alguém bateu na porta. Nervosa com quem poderia ser àquela hora da noite levantou-se com cautela indo até a porta.

— Quem é?

— *Sou eu* – a voz de Caine fora ouvida e rapidamente abriu a porta sorrindo. — Não vai me convidar para entrar?

— O que faz aqui? Amanhã eu acordo cedo, sabia? – indagou dando espaço para ele passar.

— Estava com saudades da minha garota – murmurou observando-a fechar e trancar a porta. — Passei esse fim de semana sofrendo porque você

PERIGOSAS ACHERON

não estava comigo – mentiu com um sorrisinho de lado.

Com um pequeno sorriso a jovem se aproximou do loiro o abraçando e depositando um selinho nos lábios do homem.

— Eu também senti saudades.

Sorriu sentindo as mãos masculinas subirem por dentro da blusa que ela usava, causando arrepios. Puxando-a para mais perto de si, começou a depositar beijos molhados pelo pescoço da jovem. Subindo com as carícias até a orelha feminina onde mordeu e rosnou como um animal faminto.

— Vamos para o seu quarto – pediu enquanto agarrava o cabelo macio. — Estou duro por você.

Beijando-a e sentindo-a entregue para si, Caine a colocou no colo encaminhando-se até o quarto da mulher e, chegando lá fechou a porta logo depositando o corpo feminino no colchão. Retirando a roupa com rapidez, fitou Sayuri sorrir enquanto ficava nua. Tirando a última peça de roupa, o loiro acariciou o membro que estava totalmente ereto.

Deitando-se por cima da jovem ele a acariciou entre as pernas, sentindo-a lubrificada

PERIGOSAS ACHERON

logo levando o membro até a abertura feminina, mas antes que pudesse penetrá-la, Sayuri o parou.

— A camisinha — lembrou sentindo a respiração ficar rápida.

Bufando o loiro a beijou tentando novamente penetra-la, porém, mais uma vez sendo parado.

— Caine! A camisinha.

Na penumbra do quarto, Sayuri encarou os lábios crispados do homem.

— Você vai mesmo me parar por causa de uma droga de camisinha? — quis saber a encarando de forma séria.

— Você vai mesmo ser um babaca? — retrucou pegando o lençol se cobrindo.

O fogo que estava sentindo havia se dissipado e agora somente sentia um vazio dentro de si.

— Eu já entendi — proferiu fazendo-a encará-lo. — Você quer terminar comigo, por isso fica inventando essas palhaçadas.

— O que?

— Começou com isso de ir para a casa dos seus pais e me deixar — falou de forma dura. — Agora isso. Não entendo o motivo. Ou você se

PERIGOSAS ACHERON

esqueceu de que fui eu que tirei a sua virgindade e a fiz mulher?

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas e sem acreditar no que ouvira saiu da cama. E de forma séria abriu a porta do quarto.

— Sai daqui! — mandou com a voz séria. — Sai da minha casa!

— Se eu sair agora não volto mais — deixou claro pegando as roupas.

— Ótimo! — exclamou segurando as lágrimas, não choraria. — Não volte mais!

Ficou o olhando vestir a roupa com ignorância e segurando a camisa e os sapatos saiu do quarto. Andando atrás dele, viu como ele abriu a porta e a fechou com violência fazendo-a pular. Noemie saia do quarto apenas de blusão, a expressão era de susto e confusa. Chegando na sala fitou a amiga trancando a porta apenas enrolada em um lençol.

— O que está acontecendo?

— O Caine é um idiota! — respondeu fazendo a amiga levantar as mãos para o céu em forma de agradecimento.

— Só agora que você notou isso, Say? O que PERIGOSAS ACHERON

ele fez? Era ele que estava aqui?

— Sim, era. Ele foi um babaca – afirmou abraçando-se. — Estávamos quase transando e ele não queria usar a camisinha, então falou umas coisas – omitiu não querendo contar que o que ele dissera a deixou magoada. — E disse que se eu o deixasse ir, ele não mais voltaria.

— Pode ter certeza que você está muito melhor sem ele – murmurou com um pequeno sorriso. — Você merece mais que aquele projeto de homem.

Com o cenho franzido Sayuri encarou a amiga. Nunca realmente entendeu o motivo de tanto repúdio que a amiga tinha para com o loiro e, Noemie era difícil não gostar de uma pessoa.

— Você fala com tanta veemência de que ele não presta – anunciou fazendo a amiga a encarar séria. — Aconteceu alguma coisa?

— Não – mentiu suspirando, não valia a pena. — O importante é que você se livrou daquele ser. Sabe o que você precisa? Estar com um outro homem.

— Não – negou se encaminhando para o quarto escutando a amiga andar atrás de si.

— Sério! Você precisa sair, mas não nessas festas que ocorre aqui na Universidade. — Revirou os olhos. — Uma foda com homens, digo, homem no singular. Apesar de que um *ménage* é maravilhoso. — murmurou para si com um pequeno sorriso.

— Não vai rolar.

— Ah! Mas vai sim! — Riu indo para o próprio quarto. — Não se preocupa que eu vejo isso para você, só relaxe.

Após falar isso se trancou no quarto.

Suspirando, Sayuri voltou para a cama deitando-se do jeito que estava.

Não entendia o motivo do loiro ter dito aquilo ou agido daquela forma. Ele sabia muito bem que ela não transava sem camisinha, até porque não usava anticoncepcional e era muito responsável quanto ao sexo. Como sua mãe lhe dissera uma vez que conversaram: Sexo somente com camisinha.

Talvez quem quisesse terminar o relacionamento fosse ele. Claro! Por isso fez aquele show, já deveria saber que o que tinha com o loiro não era tão forte como ela pensava que era. O melhor talvez, seria ela não se envolver com mais

PERIGOSAS ACHERON

ninguém. Lhe pouparia tempo e paciência.

Queria poder ligar para a mãe agora e lhe dizer que não amava Caine, talvez nem acontecesse de amar alguém. Não tinha sorte, primeiro Patt e agora Caine.

Bufando, cruzou os braços e ficou encarando o teto. Antes estivesse estudando do que se lamentando por algo que estava fadado ao fracasso.

Respirando fundo, fechou os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Não conseguira dormir um sono tranquilo e, por isso, Sayuri se xingava. Havia prometido não chorar, mas em um certo momento da noite as lágrimas contidas começaram a descer sem sua permissão. Não conseguia acreditar que Caine tinha sido tão idiota a ponto de fazer aquilo, e pior, por algo que nem deveria incomoda-lo. Pois sexo com segurança deveria ser algo incontestável.

As primeiras aulas de hoje seriam com o Prof. Herban e por isso tentaria não perder o foco como da última vez, não ficaria bonito para uma futura educadora ser chamada a atenção por não estar prestando atenção no conteúdo. Saindo do quarto foi para cozinha e notou Noemie vestida em uma calça jeans e blusa de mangas compridas.

Preparava o café e no balcão da cozinha tinha um livro aberto.

— Bom dia — saudou sentando-se na cadeira alta que fazia conjunto ao balcão. — Estudando?

— Pois é — murmurou concentrada olhando o livro. — Lembrei ontem que a prova de terça é PERIGOSAS ACHERON

hoje.

Sorriu descontraída.

Sayuri parou observando-a.

— E você fala nessa calma?

— Já viu o horário? – quis saber recebendo um franzir de cenho. — O desespero será somente quando o professor entregar a prova e eu esquecer totalmente o que estudei. Até meu nome.

Sayuri sorriu balançando a cabeça.

— Mas me fala como você está? – questionou Noemie fitando a amiga.

— Não sei dizer – anunciou. — Ainda não estou acreditando.

— Eu entendo – murmurou bebendo um gole de café —, mas então você sabe o que fazer e eu já tenho que ir – pegou os livros e a bolsa.

Dando um beijo no rosto da amiga, saiu do recinto.

— Boa prova! – gritou escutando ao fundo a morena gritar um “valeu”.

Levantando-se de onde estava foi até o armário pegando uma caneca de café. O celular em cima do balcão começou a tocar. Dando um gole no líquido quente foi até o aparelho e o pegou, vendo

PERIGOSAS ACHERON

que quem lhe ligava era Caine.

Revirando os olhos ignorou a chamada.

Hoje era segunda-feira e ela não iria começar a semana se estressando por causa de homem. Terminando de beber o café lavou a caneca e a guardou.

Pegando a bolsa, os livros e o celular saiu da casa não esquecendo de confirmar que a porta estava trancada. Olhando o horário no celular viu que eram 8h30, em dez minutos começaria a aula. Apertando os passos fitou as pessoas ao redor conversando de forma despreocupada, sorriu para algumas que a cumprimentou. Na parte da frente da universidade onde tinha alguns bancos e um espaço verde enorme, Sayuri notou o mesmo faxineiro que estava em seu dormitório, ele juntava com uma vassoura de jardim algumas folhas que estavam no pátio.

Desviando a atenção dele, voltou a observar o caminho que seguia. Pronta para adentrar a sala escutou seu nome ser chamado, virando-se para a voz viu que era a Diretora da faculdade.

— Srta. Hodgens – murmurou aproximando-se da jovem. — Posso tomar um minutinho do seu

PERIGOSAS ACHERON

tempo?

Olhando rapidamente para a sala de aula notou o professor à mesa.

— É que... — parou de falar observando os olhos claros da mulher. — Sim, claro.

— Não se preocupe — pediu sorrindo. — Herban sabe que quero falar com você.

Assustada, Sayuri a encarou.

— Eu fiz alguma coisa que não podia?

— Não, querida. — Riu abraçando-a e começando a se afastar da porta. — Eu quero comunicar uma coisa a você.

— Pode falar, Diretora Thoren — indagou nervosa fitando rapidamente a mão da mais velha onde tinha algumas folhas.

Sorrindo, a mulher ficou na frente da outra.

— Você sabe que nossa Universidade tem convênios com algumas escolas da região, algumas particulares e outras públicas — falou recebendo uma concordância em resposta. — Não é novidade que você é uma excelente aluna e educadora. Recebi ótimos elogios de todos os seus orientadores. — Sorriu recebendo um sorriso tímido. — Na sexta-feira recebi três e-mails de três escolas

PERIGOSAS ACHERON

ao qual você estagiou.

— Mesmo?

— Sim – concordou sorrindo. — Entraram em contato, pois, querem que você trabalhe com eles.

Sem acreditar Sayuri a olhou surpresa, logo sentindo os olhos encherem de lágrimas.

— Mesmo?

— Sim – afirmou sorrindo. — Então, aqui estão – proferiu entregando as folhas para a jovem. — As propostas e informações das escolas.

Sorrindo emocionada passou os olhos nos logos das escolas, mas logo parou de sorrir.

— Mas Diretora Thoren eu ainda não me formei e falta um estágio.

— Não se preocupe com isso – pediu segurando-lhe a mão. — Apenas me fale qual será sua escolha, afinal, você já conhece as escolas. Me fale que eu vou te ajudar com isso e com o que você precisar.

Emocionada a abraçou pegando-a de surpresa.

— Obrigada – agradeceu sentindo as lágrimas caírem. — Muito obrigada, Diretora PERIGOSAS ACHERON

Thoren.

— Não precisa agradecer. — Separou-se do abraço e olhou. — É mérito seu! Seus pais devem serem orgulhosos por ter uma filha tão dedicada como você. Agora vá já para a aula e, depois me fale qual foi sua escolha — indagou levando-a até a porta da sala de aula.

— Certo! Obrigada.

Sorrindo, colocou as folhas dentro do livro.

— Prof. Herban? — a diretora bateu a porta chamando a atenção do homem. — Queira aceitar em sua sala de aula a Srta. Hodgens — apontou para Sayuri. — Eu estava conversando com ela lhe tomando o tempo.

— Pode sentar-se em seu lugar, Srta. Hodgens — indicou o lugar que ela sempre sentava.

Sorrindo mais uma vez para a diretora, Sayuri cumprimentou o professor se encaminhando para a cadeira.

— Estávamos conversando sobre *As Técnicas de Avaliação de Aprendizagem* poderia me dizer o que aborda esse tema? — quis saber com os braços cruzados a olhando.

— Claro — concordou sentando-se ereta,
PERIGOSAS ACHERON

tendo a atenção de todos para si. — Aborda os conceitos, fundamentos e finalidades da avaliação da aprendizagem do aluno. Discute sobre o papel do professor na avaliação escolar, os métodos de verificação de rendimento na escola e a avaliação por competências.

Concordando com a cabeça o homem deixou um sorriso de lado escapar. Aquela jovem era muito inteligente e, se já não bastasse isso, também era dona de uma beleza exótica. Era professor há anos, e em toda a sua vida nunca tinha visto uma combinação perfeita como aquela jovem.

Respirando fundo voltou sua atenção para a turma que o observava.

— Está correta, Srta. Hodgens — falou encostando-se à mesa. — Agora vamos todos abrir na página 236 até 340, quero uma dissertação sobre o tema.

A sala toda foi tomada por resmungos e suspiros. Dando a volta na mesa, Herban encarou uma última vez Sayuri que abria o livro na página mandada, olhando com atenção seu conteúdo.

No final da aula, Sayuri podia sentir os músculos reclamarem por estarem em uma única posição o dia todo. Havia apenas alguns alunos dentro da sala de aula.

Pegando os materiais rumou para a saída.

— Srta. Hodgens. – O professor a fez parar, voltando-se para ele com um sorriso esperou que lhe falasse. — Posso falar com a senhorita rápido?

— Claro – respondeu aproximando-se do homem.

Herban fitou os alunos que ainda estavam na sala, e pigarreando indicou para que eles saíssem da sala sendo rapidamente atendido.

Sayuri o olhava curiosa.

— Então, Srta. Hodgens, eu soube que você recebeu algumas propostas de empregos.

Com o cenho franzido, ela o encarou.

— Sim, como sabia?

— Eu tenho muitos amigos na área da educação e souberam que sou seu professor – avisou recebendo um sorriso da outra. — Me perguntaram sobre você, só fui sincero e falei que você é uma das alunas mais inteligentes e aplicadas

que já tive.

Envergonhada, colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Obrigada, Sr. Herban. Fiquei feliz quando soube que fui procurada – murmurou sorrindo. — Tenho que ser sincera, eu não estava esperando por isso.

Olhando-a nos olhos o homem sorriu, encantado com o sorriso da jovem.

— Eu sempre acreditei que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde – proferiu ainda a observando. — Srta. Hodgens, eu estava indo comer alguma coisa em uma lanchonete que fica próximo daqui – continuou falando. — Não gostaria de me acompanhar?

Surpresa com o convite Sayuri abraçou os livros contra os seios e, encarou de forma indecisa o homem.

— Bem, eu...

— *Sayuri!*

Virando-se para à porta fitou Caine parado com um ramalhete de flores. Esse encarava o outro homem com uma expressão séria.

— Caine... – sussurrou vendo o loiro

PERIGOSAS ACHERON

aproximar-se de Herban estendendo a mão e o cumprimentando.

— Como vai? Você é o professor da minha namorada?

Herban, envergonhado, desviou os olhos para Sayuri.

— É... Sim, sou – confirmou coçando a nuca em um sinal de nervosismo. — Bem, então vou indo Srta. Hodgens.

Pegando os materiais saiu apressado da sala. Suspirando, Sayuri voltou sua atenção para o loiro que a encarava com uma expressão arrependida.

— Para você – anunciou estendendo o ramalhete de flores. — Eu fui um babaca ontem, espero que me desculpe.

Revirando os olhos Sayuri passou pelo loiro, começando a caminhar para a cantina da universidade. Respirando fundo Caine foi atrás dela a puxando pelo braço.

— Não faz isso – pediu tentando alisar o rosto macio da outra. — Eu estava bêbado por isso me comportei daquela forma.

— Você não parecia bêbado, Caine – exclamou de forma séria puxando o braço do agarre
PERIGOSAS ACHERON

do outro. Algumas pessoas que passavam por perto observavam os dois. — Você me pareceu bem lúcido nas suas ações.

— Eu tinha bebido mais cedo. — Tentou ludibria-la recebendo um revirar de olhos. — E estava estressado com uma coisa da empresa, por favor me desculpe.

— Então você achou certo descontar em mim suas frustrações?

— Não! Claro que não! — Puxou-a entrando em uma sala vazia. — Você é minha princesa e eu reconheço que fui um babaca idiota — proferiu a puxando para mais perto. — Não deveria ter falado aquilo... quando eu te tive pela primeira vez foi especial para mim também. Não pense que não foi! Você sabe que antes de você só houve duas garotas na minha vida.

Sorriu quando notou que a outra estava baixando a guarda.

— Eu entendo se você não me quiser mais — falou lhe acarinhando o rosto —, mas isso me matará porque você é importante para mim. Me desculpa?

Pediu enquanto a puxava para mais perto,
PERIGOSAS ACHERON

baixando o rosto começou a lhe cheirar o pescoço onde depositou um beijo ali fazendo com que a barba que mantinha arrastasse no pescoço branco e macio. Colocando o ramallete em cima da mesa usou as mãos para acarinhar os braços femininos, sentindo-os arrepiarem. Com um sorriso nos lábios, depositou um beijo no canto da boca feminina.

Respirando fundo Sayuri o afastou.

— Não – negou olhando-o nos olhos. —
Você me magoou falando aquilo.

— Eu também fiquei magoado comigo. —
Tentou novamente. — Por favor me desculpa e me dá uma chance? Vamos lá, me dá um sorriso?

Mordendo os lábios Sayuri fitou a porta atrás de loiro. Ainda estava chateada com o que aconteceu entre eles e, tinha várias coisas para fazer.

— Olha, agora não é um bom momento –
exclamou cansada vendo o homem respirar fundo.
— Vai para casa e depois eu te ligo.

— Você não pode me crucificar por ter dito aquilo na hora da raiva – interpôs falando sério.

O sorriso de lado que mantinha no rosto tinha ido embora.

— Caine, eu não estou com cabeça para isso agora – murmurou ainda agarrada aos livros. — Eu tenho uma dissertação para fazer, alguns artigos para ler...

— Como sempre não tem tempo para mim – cortou a fala da mulher. — Como sempre...

Olhando-a pegou o ramalhete de flores o jogando no lixo e, ainda a encarando proferiu:

— Espero que não se arrependa.

Em silêncio, fitou o loiro sair da sala. Respirando fundo abriu a porta logo saindo do local também, havia perdido a fome. Ótimo! E nem adiantava forçar a comer, não conseguiria. Andando rapidamente para o pátio dos estudantes de administração viu Noemie sentada à uma mesa e, do lado dela estava um homem. O clima estava agradável para um final de tarde. Caminhando até a amiga sorriu quando os olhos castanhos de Noemie fitou os seus.

— Say! – exclamou sentando-se reta no banco, tocando o braço do homem. — Esse é o Juan, Juan essa é minha amiga Sayuri.

— Prazer.

Sayuri estendeu a mão para o homem que

PERIGOSAS ACHERON

ainda encarou a mão estendida antes de apertá-la.

Noemie lhe lançou um pequeno sorriso dando de ombros.

— Vocês estão estudando?

— Eu estava falando sobre a cidade para o Juan — Noemie respondeu levantando as sobrancelhas para a amiga que a encarou confusa. — Ele não é daqui, é transferido.

— Ah sim — murmurou entendendo. Era aquele homem que a amiga tinha ficado na festa. — Espero que esteja gostando daqui.

Olhou-o esperando que ele dissesse algo, mas não disse.

Voltando sua atenção para o livro, o abriu e pegou os papéis que a diretora havia lhe dado. Lendo o primeiro notou que era a escola ao qual ela tinha feito o primeiro estágio, sorriu lembrando-se dos alunos. O segundo papel — diferente do primeiro — era uma escola da rede pública, a turma que tenha pego era dos alunos pré-adolescentes. Havia gostado daquela turma, tinha também bons profissionais no lugar. Não que as outras escolas não tivessem, mas havia realmente gostado daquela turma. E ela foi tão bem recebida por todos lá, a

PERIGOSAS ACHERON

diretora foi um amor de pessoa com ela.

A risada de Noemie a fez tirar os olhos do papel e encarar os dois a sua frente. Juan continha um pequeno sorriso enquanto Noemie lhe sorria abertamente, nunca havia visto a amiga dessa forma por homem nenhum.

Ainda a encarando, Sayuri viu Noemie parar de sorrir enquanto fitava alguma cena por cima de seus ombros. Estranhando a reação da amiga virou o rosto e o que viu a fez ficar sem palavras, Caine estava aos beijos com uma loira qualquer enquanto uma mão descia pelo corpo da mulher a outra estava agarrada nos cabelos loiros. Ali no pátio para todo mundo ver.

Sentindo a respiração ficar descompassada Sayuri desviou o olhar, fitava Noemie que a olhava com uma expressão de incredulidade. Balançando a cabeça, pegou as coisas e saiu do lugar. Caine realmente era um completo idiota e moleque. Não acreditava que tinha sido tão idiota a ponto de querer algo mais sério com o mesmo.

Era muito idiota, era fato.

Andando rapidamente rumou para o dormitório, sentia as lágrimas descendo sem sua

PERIGOSAS ACHERON

permissão e se odiava por isso. Ao chegar finalmente em seu corredor enxugou as lágrimas, e trêmula abriu a porta.

Colocando os livros de qualquer jeito no sofá correu para o quarto, sentando-se na cama chorou. Minutos depois, Noemie abriu a porta do quarto de supetão, quase caindo, a encarando Sayuri desviou o olhar.

Sentia-se uma idiota.

— Say, não fica assim – falou sentando-se ao lado da amiga. — Eu... – parou antes que dissesse “eu avisei”.

— Eu sei você me avisou – completou o que a outra não teve coragem. — Por que ele fez isso? Eu não sabia que ele frequentava o prédio de administração.

— Acho que ele pensava a mesma coisa de você – afirmou com o olhar compreensível. — Afinal, nós nunca ficamos naquele pátio.

— Ele veio me pedir desculpas – confidenciou sob o olhar surpreso de Noemie —, mas eu não aceitei. Ontem ele jogou na nossa discussão o fato de ter tirado minha virgindade, e eu me senti tão mal por isso. A forma que ele

PERIGOSAS ACHERON

falou...

— Say, aquele homem é um idiota! A sorte dele é que eu não estava na hora, pois, se estivesse eu arrancaria o que ele tem entre as pernas e faria ele comer — exclamou nervosa fazendo Sayuri sorrir em meio as lágrimas.

— Eu te amo, sabia? — indagou olhando-a nos olhos.

— Sabia sim. — Sorriu a abraçando. — Eu também amo você, mesmo as vezes quando você fica chata e dá uma de mãe.

Sorrindo, Sayuri enxugou as lágrimas.

— Isso porque as vezes você se comporta como se tivesse quinze anos.

Revirando os olhos Noemie sorriu.

— Não me comporto nada — retrucou de forma infantil. — Você que não se diverte.

Com um pequeno sorriso Sayuri fitou as mãos.

— A diretora Thoren veio falar comigo — avisou tendo a atenção da amiga para si. — Três escolas em que estagiei estão me querendo para trabalhar com eles.

— Que notícia boa! — exclamou feliz. — E
PERIGOSAS ACHERON

qual você vai escolher?

— Eu ainda não sei.

Suspirou fitando a janela que tinha no quarto.

Noemie a encarou e se sentiu mal pela a amiga estar daquele jeito por causa daquele miserável. Talvez se tivesse tido antes o motivo de que Caine não prestava, Sayuri não estaria daquele jeito. Sentindo-se culpada deu um sorriso chamando a atenção da outra.

— Que tal uma pizza? – propôs sorrindo. — E faltarmos os compromissos que tivermos?

— Eu não po...

— Só hoje – reforçou sorrindo olhando a face indecisa da amiga. — Eu compro metade com brócolis – falou fazendo expressão de nojo, recebendo um abraço apertado. — E então?

Teria que começar a dissertação, mas estava tão sem cabeça para isso. Então já que não conseguiria se concentrar em nada, não via mal nenhum em não fazer nada o resto da noite.

— Eu topo.

— Certo – concordou ficando em pé —, mas antes eu vou me despedir do Juan. Ele é tão *amorzito* né?

— Um o que? — questionou confusa.

Noemie a encarou confusa.

— *Amorcito* — tentou de novo logo levantando as mãos para cima. — Um amor, pronto.

Sayuri sorriu dando de ombros.

— Ele é bem na dele.

— É porque ele não gosta de humanos — murmurou de forma simples. — Então não leve para o lado pessoal.

— E você é o que, Mei? Se não uma humana?

Rindo, Sayuri acompanhou a amiga que saía do quarto.

— Eu sou a exceção — indagou com seriedade, mas logo sorriu. — Volto logo.

Ainda sorrindo, Sayuri observou a amiga sair rapidamente dali, estava prestes a entrar quando ouviu um grito que parecia de dor. Petrificada no lugar, esticou o pescoço para fitar o outro lado e ouviu algo cair fazendo barulho. Fechando a porta atrás de si com cuidado, começou a caminhar em direção ao barulho. O corredor estava vazio, pois naquela hora todos estavam em sala de aula ou em

PERIGOSAS ACHERON

seus dormitórios.

Dobrando em um corredor escutou mais uma batida. Controlando a respiração aproximou-se de uma porta onde tinha uma janela no meio, e cautelosamente observou o que tinha dentro da sala. E prendendo a respiração ela viu o faxineiro com uma estudante da Universidade, os dois transando de forma rápida e forte.

No chão ela viu alguns livros e, levantando a vista fitou como o homem parecia um touro penetrando a mulher. As mãos dele a seguravam pela cintura, impedindo que ela se mexesse demais e naquela posição em que estavam Sayuri conseguia ver o peitoral do homem descoberto mostrando os músculos que ele tinha.

E quando menos esperava ele a encarou nos olhos dando um pequeno sorriso de lado que mais parecia um sorriso macabro. Fazendo-a arregalar os olhos castanhos e parar de olhar o que acontecia ali dentro.

— *Está doendo, mas está tão gostoso.*

Sayuri ouviu a mulher dizer.

Balançando a cabeça correu dali voltando para o dormitório, onde trancou a porta e respirou

PERIGOSAS ACHERON

fundo. A imagem do sorriso do faxineiro ainda em sua mente, esfregando os olhos decidiu tomar um banho.

Benjamin estava no camarim terminando de se aprontar, quando Madame Margot bateu a porta já adentrando no local. Ficando em pé com os braços cruzados encostou-se à penteadeira do camarim, tendo os olhos da mulher correrem por seu corpo.

— Preparado para mais um show? — questionou aproximando-se do homem.

Benny usava uma roupa de policial, a fantasia mais pedida entre as mulheres que visitavam o local.

— Sempre — respondeu olhando-a sério.

Margot sentiu-se arrepiar com a intensidade do olhar daquele jovem. Não importava se ele tinha idade para ser seu filho, ela o queria e apostava todo o seu dinheiro que ainda teria Benjamin em sua cama.

— Só vim para lhe desejar uma boa
PERIGOSAS ACHERON

performance. – Sorriu lambendo os lábios de batom vermelho. — E que estarei de camarote o observando.

— Como quiser. – Sorriu de lado. — A senhora é a dona.

— Não precisa me chamar de senhora. Ainda sou nova para a minha idade.

— Claro.

— Então até.

Ao dizer isso saiu do local.

Benjamin já começava a ficar impaciente com a insistência da mulher, sempre forçando o tentando agarrar e até mesmo dar indiretas.

Saindo do camarim, rumou para detrás das cortinas e quando recebeu o sinal de que poderia entrar em palco o fez. Na mesma hora as mulheres que estavam sentadas em algumas cadeiras gritaram aplaudindo, colocando um sorriso cafajeste nos lábios começou a dançar contraindo o abdômen e os braços.

Escorregando até uma mulher morena que estava sentada à sua direita ele a fez levantar e, retirando o quepe que usava o colocou na cabeça da mulher – enquanto ao som de uma música

PERIGOSAS ACHERON

provocante se esfregava no traseiro feminino.

Ele não transava com elas, dançava apenas, porém, acontecia delas o apalparem como agora. A mesma mulher que ele puxara para dançar o apertava por cima da calça e, não poderia negar que adorava essas mais ousadas. Tanto é que estava ficando ereto. Saindo do agarre dela, se encaminhou para uma outra mulher, uma ruiva. Sentando-se no colo da mesma virado para ela começou a simular o ato sexual enquanto agarrava-lhe os cabelos. Sorrindo, escutou as mulheres gritando histéricas. Agarrando com mais força os cabelos da nuca ruiva, ele pôde a ouvir arfar.

Levantando-se começou a retirar a camisa e com o tecido na mão começou a girar por cima da cabeça. A noiva estava sentada no meio, usava uma tiara branca, que a diferenciava das outras.

Ao redor, outros dançarinos dançavam só que em pequenos palcos, para um pequeno grupo de mulheres.

Aproximando-se da noiva, ele a encarou com um olhar predador junto com um sorriso de lado, fazendo-a sorrir em expectativa. Arreganhando as pernas torneadas, fez que iria retirar as calças, mas

PERIGOSAS ACHERON

logo levantou um dedinho em negação fazendo as mulheres rirem nervosas e gritarem “tira logo”.

Colocando as mãos em frente ao corpo começou a movimentar o quadril para frente e para trás simulando um sexo totalmente selvagem e, quando a música que tocava chegou novamente no refrão ele puxou a calça, rasgando-a e mostrando a cueca de tecido branco que não escondia em nada o membro ereto que ele mantinha.

Sentando-se no colo da noiva começou a rebolar e a esfregar a ereção na mulher, sentindo as mãos femininas apertar-lhe o traseiro. Levantando-se, ele a agarrou pela cintura e a puxou para cima, logo sentindo as pernas dela lhe abraçarem.

E recebendo um sorriso da noiva começou a esfregar-se de forma descarada, escutando a mulher rir e o ajudar no ato também esfregando-se nele.

Sorrindo notou que a noite estava apenas começando.

Sentada no sofá Sayuri digitava no notebook sua dissertação. Noemie já havia se recolhido há

PERIGOSAS ACHERON

horas. Sentia-se um pouco cansada, mas queria terminar aquela folha. Naquela noite não conseguia deixar os afazeres incompletos. O horário do celular marcava 0h30, e agradeceu mentalmente por ter aulas somente pela parte da tarde, pois, acreditava que não conseguiria acordar cem por cento depois. Concentrada no que fazia escutou um ruído vir do lado de fora do dormitório, fitando a fresta que tinha por baixo da porta viu uma sombra se postar ali.

Colocando o notebook de forma cautelosa no sofá, encarou a sombra e assustada viu a maçaneta girar. Sentindo os olhos se encherem de lágrimas e trêmula, ficou encarando a porta. Sua vontade era de gritar, mas a voz não vinha.

Nervosa se aproximou da porta e sem pensar segurou a maçaneta com força e pôde ouvir claramente uma respiração alta por detrás da porta assustando-a no mesmo instante, fazendo com que a jovem se afastasse da porta e consequentemente bateu na mesinha onde tinha um abajur o derrubando. Virando-se para o chão assustada fitou o abajur quebrado, mas logo voltou sua atenção para a fresta da porta onde a sombra que estava ali

PERIGOSAS ACHERON

tinha sumido.

Noemie saía do quarto apenas de calcinha e blusa. Esfregando os olhos fitou o relógio de parede constatando que ainda era madrugada.

— Say, o que você está fazendo? — quis saber sonolenta.

— Mei, eu vi alguma coisa por detrás da porta — exclamou assustada aproximando-se da amiga. — Acho que era um ladrão.

— Por detrás da porta? — repetiu bocejando. — Say, são quase uma da manhã, podemos falar sobre seus poderes amanhã *x-men*?

— Mei, tinha alguém no corredor — exclamou de forma séria.

Prestando atenção na amiga Noemie a fitou dos pés à cabeça. Fitando por trás da outra notou o abajur quebrado no chão. No sofá tinha o notebook aberto.

Bocejando mais uma vez voltou a encarar Sayuri.

— A Universidade é segura, nada entraria aqui — começou a falar. — Você está há horas nesse notebook — comentou cruzando os braços. — Sabe quando eu estou sozinha em um lugar já começo a PERIGOSAS ACHERON

imaginar várias coisas.

— Eu não imaginei, eu sei o que eu ouvi — afirmou pegando os cacos do abajur.

Suspirando coçou a cabeça ainda olhando a amiga limpar o que havia quebrado.

— Amanhã podemos procurar a diretora e olhar na câmera — propôs colocando as mãos na cintura.

— Obrigada — agradeceu recebendo um sorriso da amiga.

— Não precisa agradecer — falou voltando para o quarto. — *Vai dormir!*

Gritou fazendo Sayuri sorrir.

Terminando de limpar o que havia quebrado pegou o notebook e o celular, se encaminhando para o quarto. Trancando a porta deitou-se na cama, e de repente sentiu vontade de chorar. Quis ligar para a mãe, mas se fizesse isso nesse horário assustaria a mais velha.

Primeiro pegou o faxineiro dentro do dormitório, depois o pegou transando com uma aluna e agora alguém tentava abrir a porta da casa. Quando acordasse conversaria com Noemie para procurarem um outro lugar, não estava se sentindo

PERIGOSAS ACHERON

à vontade ali e já estava perto de terminar com o curso. Teria que sair dali mais cedo ou mais tarde.

Só omitiria para os pais o motivo de se mudar, não queria alarmar e fazer com que o pai se intrometesse em suas coisas. Sabia que ele fazia pelo bem dela, mas já estava grande o suficiente para resolver seus próprios problemas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Olhando a água escorrer pelo ralo, Sayuri sentia o líquido frio escorrer por sua cabeça. A noite passada dormira mal, se sentia vigiada em sua própria moradia, vulnerável e isso não estava sendo legal. Poderia ser paranoia da sua cabeça – as vezes era mesmo –, mas desde que pegara aquele faxineiro ali dentro começou com esse medo.

E sem falar na forma como ele a encarava.

Desligando o chuveiro e se enrolando em uma toalha, abriu a porta do banheiro pulando de susto ao ver Noemie deitada em sua cama lhe sorrindo.

— Te assustei? – questionou ainda sorrindo.

— Assustou – concordou indo até o guarda-roupa pegando uma calcinha e sutiã —, mas o que faz aqui tão cedo no meu quarto?

— Então – exclamou com um grande sorriso.

— Sabe a Mary aquela ruiva do prédio de economia? Que teve um tempo que ela colocou uns dreads no cabelo.

— A da *paz e amor*? – imitou a voz da PERIGOSAS ACHERON

menina sorrindo logo em seguida quando Noemie a encarou com a mão na boca. — Ela fala assim — murmurou colocando a calcinha sem se importar que a outra estivesse ali.

— Que seja! Ela está casando — falou deixando Sayuri surpresa. — E a despedida dela de solteira será no sábado.

— E o que tem? — comentou com o cenho franzido, mas logo entendeu quando a amiga levantou uma sobrancelha. — Ah não! Não.

— Ah qual é? — choramingou sentando-se. — É uma despedida de solteira, será em um local fechado. Ninguém vai saber o que vai acontecer lá.

— Achei que você estivesse conhecendo o Juan? — retrucou enxugando os cabelos, já vestida com o sutiã e calcinha.

— Eu estou — responde revirando os olhos —, mas não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Confusa Sayuri a encarou, logo voltando sua atenção para o armário onde escolheu um blusão.

— Eu e o Juan estamos nos conhecendo — voltou a falar —, mas não quer dizer que eu vou parar de sair com minhas amigas por causa disso.

— Uma despedida de solteira? — repetiu
PERIGOSAS ACHERON

sentando-se em uma cadeira enquanto penteava os cabelos.

— É, Say! Vamos lá.

— Mas eu nem sou amiga da Mary – falou sorrindo. — Não pega bem.

— Que besteira! – debochou revirando os olhos. — Você vai comigo e ela te convidou, eu soube que o lugar é um clube para mulheres. Não será a primeira vez que um homem faz um striptease para mim – deixou claro recebendo um sorriso de Sayuri —, mas será maravilhoso. Você vai amar!

— Mei, eu...

— Nem vem! Vai sim! Você nunca sai para se divertir – reclamou cruzando os braços. — Vai ser bom, você vai ver. Tem que comemorar porque você se livrou de um homem lixo, praticamente já está empregada e, o melhor, encaminhada para pegar o diploma sem complicações. Um orgulho essa menina, meu Deus!

Antes de sair, Noemie fitou a amiga pegar um secador de cabelo o ligando.

Sayuri sorriu observando a amiga lhe mandar um beijo enquanto saía.

Depois que secou o cabelo rumou para a cozinha, onde Noemie estava preparando algumas panquecas. Sentando-se no banquinho e escorando os braços na bancada, fitou a amiga.

— Mei, eu queria falar com você sobre esse lugar — indagou olhando Noemie colocar uma panqueca em um prato à servindo. — Não estou me sentindo bem ficando mais aqui.

Assustada a outra a encarou.

— Isso tudo por ontem?

— Não exatamente — respondeu suspirando.
— Desde o dia em que aquele faxineiro...

— Olson.

— O que? — questionou confusa.

— O nome daquele cara é Nicholson — proferiu sentando-se à frente de Sayuri —, mas como o nome é estranho como o dono o chamam de Olson. Eu perguntei por aí.

Respirando fundo partiu um pedaço da panqueca.

— Então... desde que o Olson entrou aqui sem a gente estar por perto eu ando me sentindo mal. — Mordeu os lábios. — Sabe-se lá o que ele estava realmente fazendo aqui dentro... Ou se era a
PERIGOSAS ACHERON

primeira vez que ele entrava aqui... E ontem à noite eu vi alguém tentando abrir a porta – terminou sentindo os olhos arderem.

Só de lembrar a sensação que sentiu – sem conseguir gritar – tinha vontade de chorar. Esfregando a testa voltou a encarar a amiga.

— Eu pensei em procurar um apartamento para ficar – anunciou recebendo um acenar positivo de Noemie —, mas eu queria que você fosse comigo. Quer dizer, já estamos terminando e, querendo ou não, vamos ter que procurar um outro lugar.

Noemie a encarava muda.

Pensava nessa proposta que a amiga tinha lhe feito. Realmente teriam que mudar, pois os dormitórios só eram para os alunos. Pensou em Juan, teria que avisá-lo que iria embora dali.

— Se você não quiser dividir novamente uma moradia comigo eu vou entender e...

— É claro que vou com você – interrompeu-a com um sorriso recebendo um grande sorriso da outra. — Só estava pensando no Juan, vou ter que falar com ele que vou mudar.

Aliviada Sayuri agarrou a mão de Noemie.

— Obrigada – agradeceu sorridente. — Podemos ver isso no... domingo? – questionou recebendo um acenar. — Okay, então vamos pesquisar um apartamento para a gente.

— Pode ser – concordou comendo a panqueca. — Gosto de apartamento.

— Não fala de boca cheia – brigou estendendo um guardanapo para a morena. — Pode se engasgar.

Revirando os olhos Noemie limpou a boca, logo tomando um gole de suco.

— Sobre o emprego já sabe onde vai ficar?

— No College Stewart McNaight – proferiu sorrindo. — Vou falar com a Diretora Thoren depois.

Com o cenho franzido Noemie procurou na mente qual escola ela estava falando e, quando finalmente lembrou deu um pequeno sorriso.

— É aquela escola pública que fica depois do centro? – perguntou recebendo um acenar da amiga. — Você tem certeza?

Parando de comer Sayuri fitou-a.

— Tenho – afirmou. — Lá é um bom lugar não se deixe levar por alguns comentários que
PERIGOSAS ACHERON

existe. Quando estagiei naquela escola fui muito bem recebida e minha turma foi maravilhosa, tem alguns que não querem nada – murmurou com tristeza —, mas a outra maioria querem. E eu, como futura educadora, quero poder lidar com todos ali, pois eu sei que cada aluno naquela instituição tem um grande potencial para se tornar uma pessoa grande na vida.

Noemie a olhou encantada. Sim, essa era sua amiga e já deveria saber qual seria sua escolha.

— Você é demais, sabia? – falou deixando a outra envergonhada. — Que orgulho tenho de você.

— Não seja boba – murmurou sorrindo. — Vou agora terminar minha dissertação e... – Parou de falar lembrando-se de uma coisa que só tinha percebido agora. — Mei, ontem o Prof. Herban me chamou para comer fora.

— Sério? – quis saber sorridente. — Aquele professor é uma delícia, o que você falou?

— Caine apareceu na hora.

Revirou os olhos bufando.

— Aquele homem realmente é um atraso de vida – exclamou voltando a comer.

Após comer lavou os pratos e os guardou.
PERIGOSAS ACHERON

Pegando o notebook e o livro foi se sentar no sofá. Noemie com a bolsa no ombro se despediu logo saindo pelo corredor.

Ligando o notebook, abriu no documento que estava digitando e, de forma calma se concentrou começando a digitar.

Sentia o pescoço doer pela posição que estava e as costas reclamarem. Fitando o horário no canto inferior da tela viu que era próximo ao almoço, teria que comer algo antes de ir para uma aula extra que tinha como complemento da matéria.

Quando finalmente terminou a dissertação sorriu, logo enviando o documento para o e-mail do professor. Levantando-se do sofá foi até a pequena cozinha que tinha pegando alguns ingredientes para preparar um almoço leve.

Após o almoço ficar pronto e comer um pouco, guardou a outra porção para Noemie. Foi até o quarto, trocou de roupa colocando uma calça jeans e blusa azul, nos pés o tênis *allstar*. Pegando a bolsa e colocando o livro dentro dela,

PERIGOSAS ACHERON

encaminhou-se para fora.

Andava pelos corredores da Universidade alheia ao olhar penetrante que o homem lhe lançava. Esse estava escorado em uma pilastra no pátio, enquanto a observava sem piscar. Olhava fascinado a forma como ela andava, o sorriso que ela lançava para algumas pessoas. Olhando o corpo magro, mas com curvas, lembrou-se das noites que passava em claro somente imaginando como seria tê-la submetida a si. E da forma que ela lhe falava ou sorria, mesmo as vezes ele não correspondendo a altura.

Afinal quais chances ele tinha?

— *Nenhuma!* – A voz em sua cabeça falou.

Não era de agora que ele à olhava. Não. Ele sempre a observava, desde o primeiro dia que ela colocou os pés naquela Universidade. Quando ela lhe sorria e lhe falava, lhe mostrava que ele poderia se aproximar..., mas... era tão pura para ele. Mesmo *eles* dizendo que não, que ela era perfeita para tudo o que ele precisava.

Ontem pela madrugada tentou entrar novamente no dormitório da jovem. Ela já tinha dado os sinais de que queria, então quando pensou

PERIGOSAS ACHERON

em arrombar a porta, sentiu o agarre na maçaneta e a voz que mandava em todas as outras dizer para ele ir. Para correr.

Queria falar e escutar a voz suave dela, mas os outros *eles* não deixavam. *Eles* sempre lhe falavam o quão desprezível ele era. E que se ele tentasse se aproximar ela zombaria. As vezes *eles* deixavam-no confuso.

Você é nojento.

Esfregou a mão na testa fechando os olhos. Não! Ele não era nojento!

— Não sou nojento — falou sozinho sentindo a respiração ficar descompassada.

Você é sozinho.

Fechando os olhos respirou, logo saindo dali. Teria que tomar os remédios, ou ele não conseguiria ficar em paz.

Louco.

Respirando fundo focou em seu caminho.

Horas mais tarde, Sayuri acabava de sair da sala de aula, iria procurar a diretora para poder lhe

PERIGOSAS ACHERON

falar sua escolha. Dobrando no corredor onde ficava a sala da mais velha a viu conversando com o Prof. Herban. Tímida, aproximou-se dos dois.

O homem foi o primeiro a notá-la, lhe mandando um pequeno sorriso.

— Boa tarde – Sayuri falou tendo a atenção dos dois para si. — Me desculpem interromper.

— Não interrompeu, querida – a diretora falou. — Veio falar sobre sua decisão do emprego?

— Sim – respondeu com um pequeno sorriso. — Eu me decidi ficar no College Stewart McNaight.

— Na escola pública? – Herban questionou surpreso.

— Sim. – Ela sorriu. — Eu gostei bastante de lá, adorei as outras também – falou rápido com os olhos arregalados fazendo a mais velha sorrir —, mas me senti mais próxima aos alunos da Stewart.

Thoren à olhava com um grande sorriso.

— Se me dão licença – Herban indagou. — Tenho que aplicar uma prova ainda hoje, mas fiquei feliz com sua decisão, Srta. Hodgens.

— Obrigada, Prof. Herban – agradeceu recebendo um sorriso e, logo o homem saiu de

PERIGOSAS ACHERON

perto das duas.

— Você fez uma ótima escolha – Thoren murmurou sorrindo. — Vou dar um jeito para que seu último estágio seja lá novamente, não seria nada produtivo se você ficasse em duas escolas em horários diferentes. Seria exaustivo demais.

— Obrigada, Diretora Thoren.

— Vou entrar em contato com a coordenação da escola, em breve falo com você – informou lhe dando as costas.

— Diretora Thoren – a chamou novamente tendo a atenção da mulher para si. — Eu gostaria de lhe falar um outro assunto.

— Pode falar – autorizou enquanto andavam.
— Aconteceu alguma coisa?

Suspirando e mordendo os lábios, Sayuri ficou indecisa, mas logo falou.

— Bem... sim – concordou. — Ontem à noite, na madrugada, eu vi alguém tentar abrir minha porta.

Após falar isso a mulher parou abruptamente e a encarando séria.

— Alguém?

— S-Sim – gaguejou. — Estava no sofá
PERIGOSAS ACHERON

terminando um trabalho e vi alguém parar atrás da minha porta e tentar abri-la.

— Tem certeza?

— Sim – afirmou, respirando fundo decidiu comentar sobre o faxineiro dentro do dormitório.

— E um outro dia o faxi...

— Senhor Nicholson, por favor – o chamou fazendo Sayuri parar de falar. — Perdão Srta. Hodgens, pode continuar.

Nervosa, Sayuri virou encarando o homem se aproximar. De perto ele parecia maior ainda. O olhar que lhe lançava era sério, a deixando mais nervosa. Sim. Estava começando a ficar com medo do homem.

— E um outro dia...? – a diretora a incentivou a falar.

Desviando o olhar do homem fitou as mãos juntas.

— N-Não era nada.

Concordando com a cabeça, a mais velha fitou o funcionário.

— Senhor Nicholson – começou recebendo a atenção do homem para si. — O senhor viu alguma movimentação anormal por esses dias? —

PERIGOSAS ACHERON

questionou vendo o homem olhar rapidamente para Sayuri, mas logo voltando a encará-la.

— Não, senhora – respondeu com sua voz rouca. — Por que?

— Srta. Hodgens veio me relatar que alguém tentou entrar em seu dormitório ontem pela madrugada – comentou encarando os olhos impassíveis do homem. — O senhor poderia olhar nas câmeras o que aconteceu?

— Claro – concordou olhando mais uma vez para Sayuri.

— Obrigada – agradeceu olhando o homem lhe dar as costas. — Não se preocupe o Senhor Nicholson dará uma olhada, mas não se preocupe com nada querida. Todos vocês estão seguros nessa Universidade, nada de mal acontecerá com ninguém de vocês.

Com o coração bombeando forte e sentindo uma enorme vontade de chorar, Sayuri concordou com a cabeça logo também saindo dali.

Ao chegar no dormitório trancou a porta e deixou as lágrimas caírem.

— O que está acontecendo comigo? – perguntou-se.

Até alguns dias atrás estava tudo normal, mas agora não se sentia mais segura ali. Queria poder abraçar a mãe, talvez fosse isso: Saudades que estava sentindo dos pais. Confusa fechou os olhos respirando fundo, Noemie ainda não havia chegado.

Indo até o quarto trocou de roupa, recolocando o mesmo blusão que usava. Caminhando para a cozinha pegou o sorvete que tinha no congelador e ligando a tevê começou a assistir um filme qualquer enquanto comia a massa gelada.

Uma batida na porta a fez pular de susto e cautelosa andou até a porta. Respirando fundo tomou coragem.

— Quem é?

— *Sou eu, filha* – ela ouviu a voz do pai e, rapidamente abriu a porta sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Eu vim...

— Papai – chorou abraçada ao homem.

Em alerta, Urion a abraçou protetoramente sentindo-a chorar em seu peito. Adentrando o dormitório e fechando a porta ele a fez encará-lo.

— O que aconteceu?

Fungando Sayuri o encarou.

— Eu estava com saudades.

Com o cenho franzido ele a encarou, parando com os olhos na mão da jovem. Onde o dedão era apertado fortemente.

— Você tem certeza?

Sem responder ela o abraçou, sentindo-se protegida nos braços do pai. Minutos depois ela estava mais calma e, sem chorar sorria observando o mais velho a encarar nervoso.

— Eu só estou sensível demais – comentou vendo o pai respirar em alívio. — Me desculpe por lhe preocupar.

— Não precisa se desculpar, sou o seu pai. – Sorriu lhe acarinhando o rosto. — Eu vim ver uns imóveis e sem querer acabei aqui.

Sayuri o encarou com os braços cruzados e uma sobrancelha arqueada.

— Tudo bem. – Coçou o pescoço dando um pequeno sorriso. — Sua mãe me pediu para vir aqui, ela não estava conseguindo dormir direito preocupada com você.

Sem palavras Sayuri encarava o pai, sua mãe sentira sua angustia. Baixando os olhos sentiu os

PERIGOSAS ACHERON

olhos se encherem de lágrimas.

— Eu estou bem — murmurou ainda de cabeça baixa. — Ela não precisa se preocupar.

Concordando com a cabeça, Urion fitou o sorvete em cima da mesinha. Pegando-o começou a comer.

— Onde está Noemie?

— Acho que na biblioteca — respondeu observando o pai. — Papai eu preciso falar umas coisas — indagou recebendo a atenção do homem. — Eu recebi três propostas de emprego em três escolas que estagiei.

Urion a olhou orgulhoso sorrindo amplamente.

— Parabéns, filha. Fico orgulhoso — afirmou lhe alisando a bochecha.

— Obrigada! Eu escolhi o College Stewart McNaight — informou olhando o pai orgulhoso lhe sorrir. — Mei e eu vamos procurar um apartamento para morarmos.

Com o cenho franzido o pai a encarou.

— Por que?

— Bem — fitou as mãos em um gesto nervoso. — Teremos que sair mais cedo ou mais
PERIGOSAS ACHERON

tarde, então, melhor procurar agora.

Desconfiado Urion a encarou, sentindo que tinha algo que ela não estava lhe contando.

— E vocês já sabem de algum apartamento?

Soltando a respiração que estava presa, Sayuri o fitou.

— Ainda não – respondeu com um pequeno sorriso. — Vamos procurar no domingo.

— Se quiser eu posso ver isso para você.

— Não precisa – negou ainda sorrindo. — Vai ser bom procurarmos.

Concordando com a cabeça, Urion encarou a sala, virando para olhar a cozinha.

— O senhor está com fome? – quis saber recebendo um sorriso do homem. — Eu preparei algo simples – exclamou o puxando para a cozinha.

— Esse seu vestido está um pouco curto, não acha? – questionou assim que ela se levantou o puxando.

Revirando os olhos Sayuri, voltou sua atenção para o pai.

— Pai, é um blusão – avisou olhando-o sentar-se à bancada. — E é extremamente confortável.

Sem responder Urion a encarou com um pequeno sorriso. Realmente era difícil para ele ver sua garotinha crescer e se tornar uma mulher.

Noemie andava calmamente para o dormitório.

Horas atrás estava aos beijos com Juan na parte mais afastada do pátio. Sorrindo lembrou-se que o homem lhe fazia muito bem e sentia que esse envolvimento que estava acontecendo entre eles daria muito certo.

Dobrando em um corredor um pouco movimentado ela viu Olson limpando o chão com um esfregão. Na hora lembrou-se dos acontecidos, com o rosto sério aproximou-se do homem. Ele, que estava com a cabeça baixa, levantou a vista para a morena, olhando-a dos pés à cabeça.

— Olha aqui — começou a falar séria. — Eu acho bom você ficar longe da Sayuri e do nosso dormitório, entendeu?

Nicholson apenas a encarou mudo.

— Não é de agora que eu vejo você rondando

PERIGOSAS ACHERON

a gente e algumas meninas desse Campus — exclamou fitando os olhos do homem. — Já não basta ser esquisitão, tem que ficar rondando a Sayuri?

Confuso, ele a encarou, logo ficando sério.

— Ainda não esqueci que você estava dentro do nosso dormitório — continuou sentindo o coração bombear mais rápido. — Se isso acontecer de novo você vai pagar.

Esperou alguma resposta, mas em vez disso ele sorriu. Um sorriso que a deixou levemente amedrontada. Conversas e risadas ao redor a trouxe de volta para o que acontecia ao redor e, crispando os lábios, retomou a caminhada para o dormitório.

Caine estacionava o carro em frente a Universidade.

Tentaria falar com Sayuri mais uma vez. Não aceitaria que ela o dispensasse assim, talvez ao invés de trazer flores deveria ter trazido uma joia.

Mulheres adoravam joias caras e gastar dinheiro com baboseiras.

Depois que a encontrasse e ela lhe perdoasse, procuraria Amy — uma outra que ele tinha conhecido por acaso — e, quem sabe, poderiam sair para algum lugar. Não poderia correr o risco de Sayuri descobrir que ele mantinha algo com a loira.

Andando em direção do dormitório da jovem, pensou nos envolvimento paralelos que tinha, mas não poderia fazer nada em relação a isso. Era homem tinha que ter mais de uma opção, porém, Sayuri era melhor que todas as que ele mantinha e se ela o colocasse em primeiro lugar em tudo até poderia pensar em terminar com as outras.

Sorrindo, passou a mão no cabelo e se aproximou do seu destino. Quando pensou em bater na porta, ela foi aberta e sentindo uma raiva incontrolável fitou Sayuri usando um blusão e, ao lado dela, estava um homem dos olhos claros e barbudo.

— Caine? — proferiu assustada com a aparição do loiro. Não acreditava que depois do que ele fez, ainda teria coragem de aparecer ali. — O que faz aqui?

— Quem é esse homem? — questionou encarando o outro com ódio, sentindo que foi

PERIGOSAS ACHERON

retribuído por Urion. — Você está dando para ele?

Assustada, Sayuri fitou o loiro com os olhos arregalados, sentindo o pai puxar uma respiração. Viu-o empurrar Caine com força fazendo o loiro bater com tudo na parede. Noemie que estava atrás de Sayuri observou a cena que se seguia surpresa com um sorriso no rosto. Finalmente o loiro levaria uns esporros.

— Olha como você fala, seu porra! — Urion rugiu sentindo Sayuri o segurar pelo braço. — Quem você pensa que é?

— Não — pediu ao pai que bufava observando o loiro. — Caine, vai embora daqui!

— Embora? Era tudo o que você queria, sua vadia! — xingou deixando Sayuri surpresa. — Que eu fosse embora para você me trair com esse velho — cuspiu com ódio enquanto apontava para Urion.

Urion soltando-se do agarre da filha socou o rosto do loiro que pego desprevenido não conseguiu desviar.

— Pai, não! — gritou desesperada ficando na frente do mais velho. — Não seja babaca, Caine! Ele é o meu pai.

— Seu pai? — repetiu sem acreditar.

— Sim, meu pai — indagou nervosa. — Eu falei para você! Eu fui idiota o suficiente para contar minha vida e deixar que você participasse dela — proferiu recebendo um olhar confuso do outro. — Para no final eu descobrir o quão podre você é!

— O que?

— Eu vi — falou sentindo os olhos se encherem de lágrimas, lágrimas de vergonha pelo pai estar ouvindo tudo aquilo. — Você estava beijando uma estudante de administração e, ainda tem a cara de pau de vir aqui? Qual o seu problema?

Urion, possesso, observava a cena à sua frente. Aquele homem estava saindo com sua filha e ainda teve a coragem de trai-la, o que ele mais temia estava acontecendo: Sua filha sofrendo por causa de um projeto de homem que não a merecia.

Assustado por ter sido pego em flagrante Caine a encarou e, respirando fundo fitou Noemie que estava atrás de Sayuri. A mulher continha um sorriso no rosto.

— Foi você, não foi? — acusou fazendo Noemie parar de sorrir e o encarar confusa. — Foi

PERIGOSAS ACHERON

ela, Sayuri! Ela que armou tudo isso. Não seria capaz de traí-la! Eu te amo. — Sorriu um pouco nervoso. — Essa vaca que sempre dava em cima de mim — exclamou querendo sorrir quando a mulher o encarou sem acreditar. — Ficava querendo dar para mim, mas eu nunca quis.

Sem acreditar, Noemie avançou em cima dele o batendo e arranhando-o.

— Como se atreve a mentir desse jeito, seu nojento! Porco! — gritou sentindo os braços fortes do pai da amiga lhe segurar. — É mentira desse porco! Eu nunca ia dar em cima de você! Nojento! Desgraçado.

— Mei — Sayuri proferiu chocada demais com o que o loiro dissera. — Calma... Vamos...

Parou de falar, sentindo a respiração ficar acelerada.

— Sayuri, entre com a Noemie — Urion mandou empurrando a amiga da filha para dentro.

— Papai...

— Não — a cortou de forma séria. — Eu vou falar com esse infeliz — deixou claro recebendo um olhar sério do loiro.

Dando uma última olhada em Caine, Sayuri
PERIGOSAS ACHERON

balançou cabeça cansada demais para lidar com o homem. Após a porta ser fechada, Urion aproximou-se do outro o pegando pelo colarinho.

— Você vai ficar longe da minha filha! — exigiu fitando o olhar impassível de Caine. — Eu não quero saber de você atrás da Sayuri.

Soltando-se do agarre do mais velho, Caine o encarou de cima a baixo.

— Eu não vou fazer o que você está mandando — retrucou alisando a jaqueta que usava. — Eu não sou um moleque que tem medo do “pai” — fez aspas com os dedos — da namorada.

— Pois acho bom você ter — proferiu de forma séria. — Não vou deixar um *bostinha* como você fazer minha filha sofrer.

Sorrindo de lado, Caine o encarou. Estava na ponta da língua a resposta que ele queria soltar, mas não faria. Não iria valer a pena brigar com aquele cara, então, pensando assim alisou o cabelo.

— Eu vou embora porque tenho outras coisas para fazer — avisou olhando-o. — Mas ainda vamos conversar, Sayuri — falou alto enquanto olhava a porta.

Urion o encarou presenciando o loiro ir
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embora e, quando ele sumiu no corredor o mais velho voltou-se para a porta chamando a filha, que no mesmo instante abriu a porta.

— Tudo bem? – perguntou recebendo um abraço da filha. — Quem era...?

— Por favor, papai, eu não quero falar dele – pediu sentindo o abraço do mais velho.

— Tudo bem – murmurou beijando-lhe a testa. — Onde está Noemie?

— No quarto – respondeu triste. — Ela se trancou nele.

Suspirando, notou que não queria deixar as duas sozinhas ali. Olhando o final do corredor viu um faxineiro passar empurrando um carrinho, voltando sua atenção para a filha dando-lhe um beijo na testa – logo a afastando.

— Você quer que o papai fique aqui hoje?

Sorrindo, Sayuri negou com a cabeça.

— Não precisa – falou abraçando-se. — Preciso falar com a Mei à sós.

— Tudo bem! Tudo bem! – exclamou inseguro olhando-a. — Se você precisar me liga? Sabe que não importa o horário, pode ligar que eu venho.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada, papai – agradeceu beijando-lhe o rosto. — Pode ir sossegado.

Concordando com a cabeça Urion lhe lançou um último olhar, antes de ir embora. Observando o mais velho ir embora, Sayuri entrou trancando a porta. Encostada à madeira fechou os olhos suspirando.

Lambendo os lábios foi em direção ao quarto da amiga. Chegando a porta bateu novamente rezando para que agora Noemie abrisse a porta.

— Mei, por favor me responde – pediu com os olhos fechados. — Eu não... – parou de falar quando a porta foi aberta rapidamente e, uma Noemie a encarava com os olhos vermelhos.

— Você acreditou nele?

— Não! Claro que não – respondeu com um sorriso de lado.

— Ótimo – falou a abraçando. — Porque não é verdade! Foi ele que deu em cima de mim, mas eu o coloquei no lugar dele.

— Mas estou chateada – confidenciou vendo a amiga baixar o olhar de forma triste. — Por que me omitiu isso?

— Me desculpa – pediu a puxando para

PERIGOSAS ACHERON

dentro e sentando-se na cama. — Eu não sabia que ele tinha um envolvimento fora ao que vocês tinham. E quando ele deu em cima de mim foi no início, e como eu disse antes eu o coloquei no lugar dele.

— Isso não importa mais — disse olhando-a.
— Eu não quero mais ele na minha vida. Não mais.

— Isso! — Sorriu secando as lágrimas. — E sábado vamos para a despedida de solteira e no domingo procurar um apartamento.

— Eu acho que não estou afim de ir nessa...

— Já confirmei sua presença e a Mary já colocou seu nome lá — murmurou segurando-lhe a mão. — Say, você sabe que eu jamais faria nada com a intenção de te magoar — continuou. — Você foi a primeira pessoa ao qual eu conheci aqui, me aturou esses anos todos. — Sorriu recebendo um sorriso. — Eu não jogaria nossa amizade fora por causa de um homem.

Terminou de falar com a voz séria.

Sim. Sayuri sabia disso, ela conhecia o caráter da amiga. Foi por ser essa pessoa maravilhosa que Sayuri a manteve por perto.

— Eu sei disso — respondeu a abraçando. —
PERIGOSAS ACHERON

Você é uma pessoa verdadeira, sei que não disse para me poupar.

— Você ainda vai conhecer um homem de verdade – Noemie confidenciou separando-se do abraço. — E será um amor imensurável.

— O que? – questionou rindo.

— É isso mesmo – anunciou com o nariz em pé. — Será um sentimento que não poderá ser medido.

— Você está bem romântica.

— É o Juan – respondeu sorrindo. — Sabe, parece que o conheço há anos. É tão estranho só que ao mesmo tempo não – terminou de dizer com o cenho franzido, mas com um sorriso brincando nos lábios.

Sayuri a encarou em silêncio, fitava os olhos castanhos escuros da amiga. Observava o sentimento que continham neles e ficava feliz por ela.

— Vou cozinhar algo para nós – avisou saindo do quarto, deixando-a ali na cama sentada.

Imensurável.

Era bom ver o otimismo exalando de Noemie, não acreditava que isso fosse realmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecer. Não tinha como acontecer. Quem sabe com os anos pudesse conhecer um homem. Quem sabe um professor educado, que more em uma casinha com cercas e seja solteiro, que a respeite e não a faça sofrer. Franziu o cenho quando notou que estava fantasiando um homem que não existia. Talvez estivesse sendo pessimista, ou apenas realista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

A semana passou de rapidamente.

E nesses três dias que passaram, Caine não deu as caras e Sayuri agradecia por isso. O loiro agora era página virada em sua vida, mesmo que ainda estivesse chateada em como tudo terminou, afinal de contas tinha um envolvimento com o homem há tempos. E terminar o romance por causa de infidelidade era algo que a jovem jamais acreditaria, sabia que algo assim poderia acontecer só não acreditava.

Dias atrás havia tido provas – umas das últimas – e agora faltava apenas começar o tcc. Na verdade, já tinha algumas coisas prontas só precisava respirar fundo e começar a montá-lo. Sempre fora uma aluna aplicada e não gostava de deixar nada para a última hora, pois, eram nessas horas que o desespero assolava e nada de produtivo saía.

Na segunda começaria o estágio na escola, seria nos dois horários. Dias atrás havia ido junto com Noemie olhar três apartamentos. Em

PERIGOSAS ACHERON

concordância com a amiga, decidiram ir visitar o último. Esse último era próximo à universidade e ficava duas horas do emprego de Sayuri. Suspirando, fitou o guarda roupa com os braços cruzados. Noemie estava no outro quarto se arrumando.

— Que grande ideia essa sua, Sayuri — comentou para si. — Deveria estar começando o tcc.

Olhando as roupas em seus devidos cabides puxou uma calça jeans de lavagem escura. Pegando-a rapidamente olhou-se no espelho, os cabelos estavam soltos e usava um blusão. Jogando a calça em cima da cama voltou sua atenção para o guarda-roupa onde pegou uma blusa roxa. Já tinha tomado banho, então apenas retirou o blusão e começou a se vestir.

A risada de Noemie chegou antes que ela abrisse a porta.

Noemie usava um cropped cinza junto com uma saia colada, e os pés descalços.

— Sayuri, eu... — parou de falar franzido o cenho quando viu a vestimenta da amiga. — Fala sério! Você disse que iria comigo!

— Mas eu vou com você — respondeu não entendendo. — Falta vestir a roupa e passar um batom.

Noemie a encarava como se a mesma tivesse lhe apontado uma arma. Suspirou coçando atrás da orelha, talvez a escolha da roupa não fora tão boa.

Sayuri fitou a amiga que sem dizer nada saiu do quarto e, mordendo os lábios suspirou quando minutos depois Noemie adentrou o recinto segurando um vestido.

— Por favor, seja boazinha e use esse vestido — pediu observando a outra cruzar os braços. — Vamos à uma boate — esclareceu sorrindo. — E não à biblioteca.

Levantando as sobrancelhas viu Sayuri revirar os olhos enquanto pegava o vestido.

— Usa aquele seu salto que fica lindo em você — indagou sorrindo enquanto saía do quarto, mas logo voltou. — Eu iria falar alguma coisa, mas esqueci.

Sayuri apenas a olhou sair de novo, mas dessa vez não voltou. Sorrindo retirou o blusão e o sutiã que não dava para usar um com aquele vestido. Colocando e olhando-se novamente no

PERIGOSAS ACHERON

espelho notou como a peça a deixou sensual, o vestido tinha um pequeno decote na frente e atrás e por ser bem colado ao corpo mostrava com precisão suas curvas.

Com as mãos na cintura e ainda se olhando balançou a cabeça. Nunca teria coragem de aparecer com aquele vestido na casa do pai, mas como sairia com Noemie não via problema.

Indo até a penteadeira colocou um pouco de perfume e sentando-se começou a se maquiar. Nada muito elaborado – até porque não sabia se maquiar – somente para não sair de cara muito limpa. Pegando um batom vermelho, o passou. Após isso calçou os saltos não esquecendo de pegar uma bolsa de lado para colocar algum dinheiro, a chave e o celular.

Ao passar pela porta notou Noemie com uma bolsa pequena, parada em frente ao quarto. Quando a amiga levantou as vistas e a fitou, soltou um suspiro.

— Um lápis, rímel e batom? – questionou jogando o cabelo ondulado para o lado.

— Não seja exigente demais – proferiu sorrindo. — Vamos logo antes que eu mude de
PERIGOSAS ACHERON

ideia – ameaçou assistindo a amiga sair na frente rumo à sala.

— Não se preocupe, você fica linda de qualquer jeito – murmurou abrindo a porta, dando espaço para Sayuri sair. — Se eu não estivesse com o Juan e você não fosse minha amiga eu te pegava.

Anunciou fazendo Sayuri a olhar espantada. Noemie a encarou sorrindo.

Trancando a porta rumaram para a saída. Sayuri estava nervosa, nunca tinha ido para uma casa de strip, esperava não se arrepender. Quase nunca saía para lugares assim com Noemie.

— *Droga!*

Ouviu Noemie xingar.

— O que foi? – quis saber encarando-a.

— Naquela hora que entrei no seu quarto era para perguntar se eu já tinha te entregado a pulseirinha – exclamou procurando na bolsa. — A minha também não está comigo, acho que na minha bolsa.

Bufando, passou a mão no cabelo.

— Eu volto logo – indagou sem esperar uma resposta.

Suspirando, Sayuri olhou a amiga correr
PERIGOSAS ACHERON

voltando para dentro. Olhando ao redor notou alguns alunos. Pegou o celular e quando fitou a hora, viu que eram 8:20pm.

Abraçando-se ficou olhando ao redor, sentia-se como se alguém a vigiasse e voltando sua atenção para o caminho que Noemie percorreu, viu o faxineiro parado em um lugar mais afastado. E quando o homem começou a andar em sua direção, sentiu o sangue gelar e o coração bombear rapidamente.

Prestes a gritar, um carro estacionou à sua frente. Olhando-o rapidamente viu Caine descer a olhando com o cenho franzido. Voltou o foco no faxineiro e não o viu mais, franzindo o cenho viu Noemie vir rapidamente.

— Para onde você vai vestida assim? — Caine a questionou adotando uma expressão séria no rosto.

Sem lhe responder e o ignorando, Sayuri deixou sua atenção na amiga que se aproximava coma feição fechada.

— O que esse merda faz aqui? — questionou Noemie.

— O assunto é entre mim e minha namorada

PERIGOSAS ACHERON

— Caine expôs de modo azedo. — Então eu sugiro que você fique fora dessa, sua piranha.

— Caine não fale assim com ela — Sayuri exclamou séria, não deixando a amiga falar. — Não temos mais nada o que falar, você já fez a sua escolha, então por favor não me procure mais.

Bufando, o loiro a puxou pelo braço, fazendo Noemie avançar em cima da mão dele.

— Eu não vou aceitar isso — indagou segurando com mais força o braço cálido.

— Solta a minha amiga, seu traste!

— Solta o meu braço, Caine! — falou ao mesmo tempo que Noemie. — Eu não lhe devo satisfação em nada.

Alguns alunos que estavam ao redor se aproximaram.

— *Solta a moça!* — um deles exclamou aproximando-se.

— Não ouviu, cara? Fica longe das duas! — um loiro afastou Caine com um safanão ficando cara a cara com um homem.

Caine observava os cinco alunos com ódio. Voltou sua atenção para Sayuri que estava atrás dos rapazes e ao seu lado Noemie tinha o celular na

PERIGOSAS ACHERON

mão.

— Vamos conversar Sayuri — propôs respirando fundo. — Não vamos terminar o que temos por besteira.

— Besteira? — repetiu incrédula. — Você sabe muito bem que o que você fez não é besteira. O que tínhamos era especial, e você estragou isso.

— Você fala que a culpa é minha? A culpa é sua! — rugiu apontando o dedo para a jovem. — Se eu fui procurar por outras a culpa foi sua! Era por isso que eu não queria conhecer sua família! — exclamou alto. — Como quer que eu faça parte de algo assim, se eu não sou seu primeiro pensamento? Se eu não sou o primeiro na sua vida?

— O que? — repetiu sem acreditar. — Então, eu sou a culpada por você me trair?

— Sim, você é a única culpada. Se você me colocasse em primeiro lugar na sua vida, você seria a primeira na minha.

Pasma, Sayuri o encarava sem reação.

Respirando fundo desviou o olhar do dele, fitando o céu escuro com algumas estrelas.

Noemie encarava o loiro incrédula, os rapazes que estavam impedido que o loiro

PERIGOSAS ACHERON

avançasse mais, observavam o desenrolar da história calados à espera que o loiro fosse embora.

Voltando sua atenção para Caine, o viu encará-la sério.

— Você é tão idiota, Caine! Mimado! — acusou-o. — Como pôde jogar fora o que tínhamos? Como pôde jogar sua infidelidade nas minhas costas? — quis saber nervosa. — O que me deixa mais triste é ter sido tão idiota que não vi isso acontecer. Não vi o quão podre você é.

— Não sou mimado! E não sou podre! — rugiu sendo segurado pelos homens. — O que fiz foi o que qualquer homem faria! Você me deixava totalmente no escuro — falou fazendo-a encarar com os olhos assustados. — Como confiaria em alguém que é assim como você?

— Como eu?

— Está certo que você era virgem quando deu para mim — sorriu de lado não perdendo o olhar sério que ela lhe lançou —, mas não posso confiar em alguém que não me coloca como primeiro em tudo.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas, Sayuri fitou o chão. Aquilo era um pesadelo, não

PERIGOSAS ACHERON

poderia ser verdade. Ela não estava passando por aquela vergonha. Ela se recusava.

— Você conseguiu – proferiu fazendo-o ficar levemente confuso. — Você está em primeiro lugar na minha vida – falou com um sorriso triste. — O primeiro homem que teve e sempre terá o meu desprezo, meu nojo... – Parou de falar quando um carro amarelo parou perto do meio fio. — Eu espero que você nunca mais apareça na minha frente. Eu tenho nojo de você.

Noemie com a porta do carro aberta, esperava Sayuri adentrar e quando ela o fez, voltou-se para o loiro – que gritava para o soltarem – e sorrindo lhe endereçou o dedo do meio, logo também adentrando o veículo.

Enxugando os olhos e respirando fundo, Sayuri endereçou um olhar para a amiga, que lhe mandava um pequeno sorriso. Abraçando-se a Noemie sentiu o carinho que recebia nos cabelos.

— Não chore – pediu respirando fundo. — Ele não merece suas lágrimas.

— Eu sou tão idiota – xingou-se. — Eu deveria saber que o Caine era um babaca, fui tão tola.

Separando-se do abraço, Noemie abriu a bolsa retirando um espelho pequeno.

— Não diga isso – proferiu entregando o objeto à amiga. — Quem nunca foi uma trouxa que atire a primeira pedra. — Sorriu observando o repuxar de lábios da outra. — Anime-se, vamos curtir bastante hoje e você esquecerá esse episódio ruim. No CM tem cada homem lindo, você vai amar! A noite hoje é uma criança.

O taxista lançou um rápido olhar para Noemie pelo retrovisor, deixando um sorriso escapar de lado. Sorriso esse que Noemie viu e cruzou os braços encarando o homem.

— Algum problema? – quis saber deixando-o levemente assustado.

— Não, senhorita.

Sayuri observava os dois enquanto se arrumava. Os olhos estavam levemente vermelhos e a ponta do nariz parecia que alguém tinha o apertado.

— Espero que tenha razão – falou devolvendo o espelho à amiga, logo observando a janela ao seu lado.

Minutos depois desciam em frente à uma fachada luxuosa com os dizeres *CM Pleasure*. Voltando-se para a amiga que pagava o taxista viu uma pequena fila formada, alisando o cabelo começou a andar para o final dela – logo sendo parada por Noemie.

— Para onde vai?

— Para o final da fila? – retrucou com uma pergunta.

— Não seja bobinha, Sayuri. – Sorriu retirando da bolsa as pulseiras. — Somos VIPS esqueceu?

Puxando-a pelo braço até a entrada onde tinha dois homens altos, Noemie mostrou as pulseiras que logo foram colocadas no pulso de cada uma.

— Podem passar, meninas – um segurança falou.

Respirando fundo e sentindo a mão ser segurada por Noemie, Sayuri observou o lugar. Ficou encantada com a riqueza que era o local. Sorriu e fitou a amiga que lhe sorriu.

O som que tocava no recinto era uma música sensual.

Observando com mais atenção, fitou alguns homens andarem pelo local. Assustou-se quando fitou um loiro usando apenas quepe e um tipo de cueca que só resguardava o membro – notando que o mesmo estava ereto. Desviando o olhar para um outro lugar notou o barmen usando roupa, talvez o homem seria o único vestido ali.

— *Olha a Mary ali* – Noemie falou alto chamando sua atenção.

Sorrindo, aproximou-se da ruiva que estava sentada junto com outras meninas.

— Sayuri! Emi! – gritou logo indo abraçar as duas. — Dá para acreditar que eu vou casar?

— Não – Noemie negou sorrindo enquanto acenava para as outras meninas —, mas estamos felizes por você ter encontrado alguém e principalmente por ter nos chamados para sua despedida.

Sayuri sorriu desviando o olhar das duas fitando o corredor próximo ao palco, notando um homem grande e negro. Esse usava uma calça de bombeiro e conversava com uma senhora elegante, Sayuri notou.

Com o cenho franzido forçou os olhos na

PERIGOSAS ACHERON

direção do homem, como aquela área estava iluminada Sayuri conseguia enxergar lhe o rosto. Tinha uma leve impressão de que já havia o visto, mas não conseguia formular nada na mente.

— Fico feliz que tenha vindo, Sayuri – Mary gritou assustando-a. — Eu pensei que você não vinha.

Lançando mais um olhar ao homem, viu ele sorrir para a mulher. Voltando sua atenção para a ruiva sorriu.

— É, eu não vinha – respondeu acanhada. — Eu fiquei envergonhada e...

— Que bobagem! – interrompeu-a sorrindo. — Somos todas conhecidas! Vamos nos divertir hoje!

Sorrindo, fitou as meninas gritarem e baterem palmas, lançando um olhar para Noemie a viu dançar ao ritmo da música.

O local estava cheio.

Sayuri notou que tinha o enorme palco na frente a ao redor havia alguns poles dancing improvisados em pequenos palcos. Olhando as meninas que conversavam entre si, fitou as vestimentas que elas usavam. Sim. Noemie tinha

PERIGOSAS ACHERON

razão do vestido. Suspirando, decidiu pegar uma taça de champanhe que o garçom oferecia enquanto passava por elas. Deu um gole e voltou a observar o local.

Alguns minutos depois eram encaminhadas para o centro do lugar – em frente ao palco – onde tinha umas mesas e cadeiras. Sentando-se no lugar mais afastado possível, Sayuri fitou Noemie que se balançava bebericando o champanhe.

— Mei – chamou a tocando no braço. — Temos que dar dinheiro para ele?

Sorrindo a amiga lhe encarou.

— Só se você gostar.

Concordando com a cabeça bebeu um grande gole de champanhe. Mary estava sentada no meio em uma única cadeira, parecia ansiosa.

De repente por detrás das cortinas saiu um homem com dreads na cabeça e uma barba enorme. Movimentava-se ao ritmo lento da música enquanto descia as escadinhas. Com o cenho franzido Sayuri fitou Noemie que o encarava confusa.

— Do que ele está fantasiado? – Sayuri perguntou próximo ao ouvido da amiga.

Noemie apenas encarou o homem dos pés à

PERIGOSAS ACHERON

cabeça.

— Acho que ele não está — falou colocando a mão na boca. — Não acredito nisso, mas ele até que é gostoso — terminou quando o homem retirou a blusa.

Sorrindo, Sayuri olhou para o outro palco que tinha e, na hora sentiu a respiração ficar presa. O bombeiro dançava de forma sensual e provocante para cinco mulheres. Mordendo os lábios notou o volume grande que tinha no meio das pernas do homem negro.

Duvidava que aquilo tudo poderia ser de verdade, talvez enchimento? Claro, enchimento. Engolindo em seco viu quando ele pegou uma das mulheres e começou a se esfregar nela simulando um ato sexual totalmente selvagem.

Havia até esquecido o motivo que tinha vindo ali, conseguia ouvir as mulheres gritando eufórica, mas ela não conseguia desviar os olhos dos movimentos que o bombeiro fazia. O sorriso que ele ostentava nos lábios deixava claro que ele estava adorando aquilo tudo. *Claro, homens,* pensou revirando os olhos.

Com amargura lembrou-se de Caine e,
PERIGOSAS ACHERON

sorrindo triste percebeu que o loiro fazia a mesma coisa. Tirava sarro da sua ingenuidade. Ela lhe entregara o bem mais precioso e o mesmo fez pouco caso se divertindo e rindo com outras mulheres.

Fitando a taça de champanhe, viu que bebeu apenas três taças e já estava um pouco tonta, mas não completamente. Sabia onde estudava e morava. O campus ao qual o faxineiro trabalhava por lá e estava dentro de seu dormitório e ele poderia estar nesse momento em seu quarto. Olhando Noemie, viu ela rindo enquanto fitava Mary com o homem.

Respirando fundo cruzou os braços balançando a cabeça. Não iria pensar besteiras, iria aproveitar a noite.

Voltou a olhar o homem que agora estava apenas de cueca e, arregalando os olhos notou que o comprimento que viu antes era mesmo de verdade.

Grande e grosso.

Olhando o próprio antebraço encarou de volta a anatomia que estava em evidência do homem. Engasgou com a saliva quando teve plena consciência de que os dois tinham semelhança.

PERIGOSAS ACHERON

Fechando os olhos voltou a prestar atenção no homem que fora contratado por Mary que agora estava nu escondendo o membro com as mãos.

— Até que o show foi proveitoso — Noemie exclamou sorrindo. — O que achou, Say?

— O que? — questionou rápido assustada.

— O show. O que achou? — repetiu a encarando confusa. — Onde você estava com a cabeça?

— E-Eu... — gaguejou encarando as mãos no colo. — Aqui. Eu amei o show, mesmo.

Sorriu, mas se referia ao show do outro dançarino.

— Legal — indagou levantando-se e indo até as meninas. — Você vem? — questionou quando a viu parada no mesmo lugar.

— Vou no bar pegar uma bebida — respondeu recebendo um aceno da amiga.

Encaminhou-se até o bar e escorou os cotovelos no balcão dando um pequeno sorriso ao barmen.

— Boa noite, senhorita. O que deseja?

— Eu...

— Um *Dry Martini* — uma voz grossa falou a
PERIGOSAS ACHERON

interrompendo. — Por minha conta, *Chuchu*.

Virando-se para o homem, Sayuri notou que era o dançarino bombeiro, usando apenas a calça da fantasia. Envergonhada desviou os olhos dele.

Enquanto dançava, Benjamin sentia outros olhos em si e quando relanceou o olhar para o lado, notou uma jovem asiática o comer com os olhos. Era realmente linda, tinha um olhar angelical e ao mesmo tempo devasso.

Quando o show finalizou decidiu ir atrás dela para, quem sabe, trocarem uma conversa gostosa e, aproximando-se viu o corpo que ela tinha. Olhando aquele traseiro arrebitado, imaginou-se dando-lhe umas boas palmadas.

E, sorrindo, percebeu que já a tinha visto antes. Sim, ele não iria esquecer um rosto tão lindo como aquele. Tinha sido no shopping, na seção de livro eróticos. Sabia disso, pois antes estava na mesma seção com Dustin. O loiro tinha ido comprar um livro para a namorada, mas não encontrou o que ela queria.

Agora observava com atenção o rosto da japonesa. Ela parecia acanhada, aproximando-se mais dela sorriu de lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Então... *Chuchu*, apreciou o show?

— Fala sério? Chuchu? — repetiu o encarando, recebendo um sorriso de lado.

— Prefere princesa?

Respirando fundo e o encarando cruzou os braços, fazendo com que a atenção dele fosse direto para o decote do vestido.

— Primeiro não me chame de Chuchu e nem de princesa — exclamou observando-o levantar a sobancelha. — Segundo não precisa me pagar nada e, terceiro não vi nada demais no show.

Ela estava nervosa, ele notou.

— Eu discordo — afirmou relanceando para o companheiro de trabalho que observava a cena com um pequeno sorriso. — Você só faltou sair de onde estava para me comer inteiro.

Assustada por ter sido pega em flagrante, Sayuri o encarou com a respiração descompassada.

— O senhor está equivocado — proferiu olhando a expressão debochada do homem. — Sim, está!

— Será? Porque eu vi esses seus lindos olhinhos — apontou ainda sorrindo debochado. — Me comecem como se eu fosse...

— Você é muito metido! — Exaltou-se sentindo o coração bombear rapidamente. — Eu só olhei... e não foi dessa forma que você...

— Então admite que estava olhando? — Interrompeu-a ainda sorrindo.

Sayuri já estava ficando estressada com aquele sorrisinho que ele lhe lançava e da insistência.

— E se eu tiver olhado? Eu só olhei, não é como se eu fosse o chamar para o sexo. Não se ache muito.

Sorrindo de lado Benjamin aproximou-se mais dela, invadindo o espaço pessoal da jovem.

— Eu também não fico com virgens — murmurou fazendo-a arregalar os olhos. — Você é bonitinha, não vou negar..., mas é tão... — Parou de falar dando um sorriso de lado. — Então você não se ache muito, no máximo o que posso te oferecer é um beijo.

Sorrindo sem humor e sentindo os olhos arderem, Sayuri sentiu vontade de desferir um tapa naquele rosto de sorriso arrogante. Queria chorar, porque parecia que os homens tinham prazer em fazê-la de idiota ou a humilhar em público.

Benjamin encarava a guerra interna nos olhos castanhos e, sentiu-se mal por ter dito aquilo. Quando pensou em se desculpar sentiu a face arder pelo tapa que levava. Piscando sem acreditar a encarou logo a puxando pela mão.

Encarou os olhos arregalados dela.

— Me solta! — mandou olhando-o nos olhos, sentindo o braço forte do homem lhe rodear a cintura.

Podia sentir o calor que era o peito dele e uma parte da anatomia dura contra a sua barriga. Levantando as vistas notou o olhar sério que ele lhe lançava.

— Você me deu um tapa — proferiu próximo aos lábios dela, sentindo-a arrepiar em seus braços. — Nada mais justo que...

— Você vai me bater? — quis saber assustada relanceando o olhar para o barmen que observava os dois com as sobrancelhas arqueadas. — Vai deixá-lo fazer isso comigo? — questionou ao homem.

— Eu não bato em mulheres — Benjamin esclareceu a puxando mais para si, sentindo os seios dela em seu peito. — Então, Clark, pode

PERIGOSAS ACHERON

relaxar – falou para o barmen —, mas eu vou querer algo seu.

— Me solta! – repetiu fechando os olhos sentindo o perfume amadeirado entrar em suas narinas.

Antes que pudesse abrir os olhos ou falar alguma coisa, sentiu os lábios firmes dele nos seus e uma das mãos masculinas lhe segurar pelo cabelo. Assustada com a ação do homem, tentou falar e nessa hora a língua dele adentrou sua boca.

Suspirando sentiu-se ser imprensada contra o balcão. Levantando as mãos até o peito dele, tentou afastá-lo, mas desistiu quando sentiu os músculos duros sob seu toque. Inclinando o rosto para o lado, sentiu quando ele a abraçou com mais afínco a beijando gostoso. Podia sentir a barba por fazer raspar em seu rosto e, uma das mãos grandes escorregar para o seu traseiro o apertando e fazendo-a arfar. A outra mão estava posicionada em seu rosto, enquanto lhe fazia um leve carinho na bochecha.

Ao fundo ouvia barulhos de pessoas falando e uma música alta, mas ela não conseguia raciocinar. O beijo daquele dançarino era muito

PERIGOSAS ACHERON

bom, a forma como lhe mordia o lábio ou como chupava a língua, fazia com que ela quisesse mais.

Quando sentiu o seio ser apertado, uma pressão insuportável no baixo ventre e o queixo ser mordido, abriu os olhos percebendo algumas pessoas encararem a cena com sorrisinhos e isso a fez voltar a si.

Empurrando-o com força e lhe desferindo mais um tapa, ela o encarou com a respiração descompassada, observando os lábios dele com resquícios do batom vermelho que ela usava.

— Não faça mais isso! Quem você pensa que eu sou?

Sorrindo, Benjamin pegou a bebida intocada dela, bebericando o líquido enquanto a olhava sorrindo.

— Vai me dizer que não gostou?

— Odiei – respondeu nervosa e alisando o vestido, logo depois os lábios fitando os dedos com batom. — Já tive beijos melhores que esse.

Sério e com um pequeno sorriso de lado, ele a encarou.

— É mesmo? – debochou cruzando os braços. — Não pareceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim! — afirmou séria olhando rapidamente para o meio das pernas dele, onde tinha um grande volume ali. — Espero nunca mais encontra-lo.

Falando assim lhe deu as costas.

Com um sorriso de lado, ele a observou ir embora. Fitava o traseiro feminino lembrando-se dos apertos que dera ali, uma delícia. Voltando-se para Clark viu que o homem encarava-o com os olhos arregalados.

— Uau — balbuciou olhando o outro. — Ela te deu dois tapas.

— Ela não é a primeira mulher a fazer isso — comentou voltando a beber o drink —, mas é a que mais me deixou intrigado.

— Ela não quer te ver nem pintado de ouro.

— Ela não sabe o que está perdendo. — Riu observando-a sair acompanhada com uma outra mulher. — Qual será o nome dela?

— Você tinha que ter perguntado.

— Ela nem agradeceu a bebida — proferiu voltando a olhar ao redor. — Mal-educada.

PERIGOSAS ACHERON

Do lado de fora da boate, Sayuri jogava o cabelo para trás, ao seu lado Noemie a encarava com uma sobrancelha arqueada. Estava conversando com as meninas quando Sayuri apareceu nervosa avisando que iria para casa. Viu a cena da amiga com o dançarino gatão, até pensou em ir até os dois, mas quando viu o beijo entre eles se impediu de ir.

Assim que o táxi parou e as duas se acomodaram dentro do veículo, Sayuri fitou a amiga que tinha um sorriso de lado.

— O que? — perguntou recebendo aquele sorriso que ela não gostava. O sorriso que dizia que ela escondia alguma coisa, e que Noemie sabia muito bem o que era. — Não! Nem vem com esse sorriso.

— Eu vi, hein! — Sorriu aproximando-se da amiga. — Que *beijão* foi aquele? Um tanto pornográfico, eu achei.

Envergonhada Sayuri olhou a janela.

— Ah não faz isso! Me fala quem é ele?

— Eu não sei e prefiro assim — murmurou bufando. — Não quero me envolver com ninguém.

Concordando com a cabeça Noemie encarou
PERIGOSAS ACHERON

a tela do celular. Olhando pelo canto de olho para amiga, Sayuri suspirou.

— Ele é um dançarino de lá – comentou fazendo a amiga lhe sorrir. — Eu estava prestando atenção na dança dele, então ele veio me pagar uma bebida.

— Não acredito! Você bem que poderia ter usufruído daquele corpo – afirmou sorrindo e vendo a amiga sorrir enquanto negava com a cabeça. — Sério! Ele é grandão deve ter pegada, ele tem pegada?

Acanhada Sayuri fitou o motorista que de vez em quando lançava olhares para as duas.

— O senhor poderia por favor prestar atenção no caminho? – Noemie pediu com uma falsa gentileza. — Não podemos mais sermos piranhas sem alguém lançar um olhar reprovador? – questionou fitando Sayuri negar com o dedo desesperada. — Oh, moço, se eu ou minha amiga aqui quisermos dar para o cara no primeiro encontro podemos.

— Noemie! – Sayuri a repreendeu envergonhada.

— O que?

— Eu não sou piranha! — exclamou observando a amiga rir. — É sério! Não sou.

Olhando-a Sayuri deixou de sorrir. Só Noemie para lhe fazer passar tamanha vergonha assim e, mesmo assim não conseguia se chatear com o que ela falava.

Voltando sua atenção para a noite fria percebeu que estavam quase no campus.

Minutos depois elas desciam em frente à entrada e, encostado ao portão estava Juan.

Noemie rapidamente foi até o homem sendo abraçada e beijada.

— Se divertiu? — Sayuri ouviu o moreno questionar à Noemie.

— Um pouco — respondeu abraçada a ele. — E você?

— Quer ir no meu dormitório? — perguntou não a respondendo. — Estou sozinho lá.

Noemie sorriu, mas parou lançando um olhar para Sayuri.

— Tudo bem, Mei — falou sorrindo. — Pode ir. Eu vou tomar um banho relaxante e dormir, chega para mim.

— Valeu — agradeceu abraçando-a. — Sabe,
PERIGOSAS ACHERON

né? Se for caso de vida ou morte me liga, mas se não for manda mensagem.

— Não se esqueça que amanhã vamos visitar aquele apartamento.

— Okay!

Concordando com a cabeça fitou a amiga lhe acenar, logo indo embora para o outro bloco.

Abraçando-se começou a caminhar em direção ao dormitório que ficava. Evitava olhar muito ao redor, pois, aquele lugar quando escuro dava um pouco de medo, era como um filme de terror. Pegando o celular na bolsinha viu que marcava 11:50pm. Olhando rapidamente para trás fitou as árvores que havia no pátio. Respirando fundo andou mais rápido e quando finalmente chegou à porta do dormitório a abriu e logo adentrou.

Encostando a cabeça na porta fechou os olhos enquanto retirava os saltos, os pés estavam doloridos. Colocou a bolsa no móvel próximo a porta e pronta para trancar de chave escutou algo vir do corredor onde ficava o quarto.

Cautelosa andou até o meio da sala e abrindo a boca em choque viu um grande homem todo de

PERIGOSAS ACHERON

preto encapuzado sair de seu quarto segurando um objeto pontiagudo, uma faca.

Os olhos se encheram de lágrimas e quando o homem a notou ali parada também parou balançando a faca e, nesse momento Sayuri agiu. Correu até a porta e a abriu para que pudesse sair no corredor. Queria gritar, mas estava muito nervosa e o grito não saía. Olhando rapidamente para trás viu o homem correr atrás de si, deixando-a apavorada.

Colocando a mão na boca enquanto corria sentiu as lágrimas caírem dos seus olhos, iria morrer. Ainda correndo adentrou uma sala que estava com a porta aberta e escorrendo até o chão tentou parar de chorar, alguns minutos se passaram e como não ouviu mais nada decidiu sair de onde estava.

Saindo da sala de maneira cautelosa decidiu sair do campus. Não poderia tentar a sorte e ficar ali e, respirando fundo recomeçou a correr.

Dobrando em um corredor e olhando mais uma vez para trás trombou com alguém, mas antes que pudesse cair a pessoa lhe segurou. Alarmada tentou se soltar estapeando e chorando.

— Srta. Hodgens, calma – a voz lhe pediu e Sayuri o olhou chorando. — O que faz essa hora nos corredores?

Respirando fundo e deixando mais lágrimas caírem, Sayuri fitou o homem mais calma.

— P-Prof. Herb-ban... – gaguejou olhando-o, rapidamente voltou sua atenção para o corredor.

— Srta. Hodgens, está trêmula. Aconteceu alguma coisa?

— A-Alguém esta-tava no meu dormitório – relatou observando o homem franzir o cenho olhando-a. — Ele... A faca... Ele queria me matar.

— O que? – questionou calmo e um pouco confuso. — Respire comigo – pediu sendo obedecido. — Agora me fale do começo.

Fechando os olhos e tentando acalmar as batidas do coração, Sayuri fitou os olhos claros do homem.

— Eu estava em uma despedida de s-solteira com a Mei – começou a falar mais calma. — Então eu fui para o quarto e Mei saiu com o namorado, eu vi um homem alto dentro do dormitório. Ele segurava uma faca e u-sava preto.

Herban a encarava cauteloso fazendo Sayuri
PERIGOSAS ACHERON

o encarar confusa.

— A senhorita bebeu nessa despedida?

— O que? – questionou nervosa.

— Ingeriu bebidas alcoólicas?

— Sim – afirmou confusa, mas logo notando o que o homem queria dizer. — Eu não estou bêbada.

— Certo – concordou observando-a ainda trêmula. — E onde está o seu perseguidor?

Incrédula encarou o homem a sua frente.

— Eu não estou mentindo sobre isso! – exaltou-se. — Tinha alguém atrás de mim.

— Okay, vamos até o seu dormitório – propôs indicando o caminho.

— Não! Temos que chamar a polícia para...

— Srta. Hodgens – a interrompeu fazendo-a encará-lo. — A universidade é uma das mais seguras e bem vistas por todos. Tem que entender que alarmando e chamando uma atenção negativa para a instituição pode acarretar sérios problemas para nós.

— Eu não estou...

— Eu sei – falou colocando a mão no ombro desnudo dela. — Me desculpe, Srta. Hodgens, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os policiais vão ter a mesma conclusão que eu.

— Por favor, Prof. Herban – implorou chorando. — Eu não quero manchar a reputação de ninguém eu...

— Eu vou com você até o seu quarto – avisou de modo calmo. — Se existir alguém além da gente aqui, saberíamos.

Balançando a cabeça em negação abraçou-se sentindo o homem lhe abraçar. E deixando algumas lágrimas caírem fez o caminho de volta para o dormitório e, aproximando-se da porta aberta segurou no braço masculino.

Herban foi o primeiro a entrar e acender a luz, pegando um objeto que tinha em uma mesa o usou como uma possível arma. Depois de adentrar os cômodos da casa e, Sayuri não ver nada de anormal, suspirou franzindo o cenho.

Tudo estava do jeito como havia deixado antes.

— Nada – Herban falou com os lábios crispados. — Sentiu falta de alguma coisa?

Enxugando as lágrimas Sayuri negou com a cabeça.

— Ouça, eu não estou dizendo que...

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, Prof. Herban – o interrompeu sentindo-se cansada. — Obrigada por ter vindo me ajudar.

— Tudo bem. Se eu puder fazer alguma coisa por você me deixe saber – indagou acenando pronto para sair dali.

— Professor – o chamou. — O senhor poderia me dar uma carona?

Herban a encarou acenando com a cabeça.

Minutos depois o carro do professor estacionava em frente à casa azul. Sayuri com uma mochila no colo observava a casa completamente escura, os pais já estavam dormindo essa hora.

— Obrigada, professor.

— Tudo bem. – Sorriu olhando-a. — Aqui é a casa dos seus pais?

— Sim – concordou sorrindo. — Foi aqui que passei minha infância. Obrigada mais uma vez.

Agradeceu recebendo um sorriso e, antes que saísse do carro franziu o cenho voltando a atenção para o homem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que o senhor fazia àquela hora no corredor?

Parando um momento o homem deu um pequeno sorriso.

— Eu esqueci algumas cadernetas na sala – falou observando o rosto suave da jovem. — Tenho que entregar as notas na segunda, mas acabei esquecendo.

— Então não conseguiu? – quis saber deixando o homem confuso.

— O que?

— As cadernetas – murmurou fazendo-o sorrir batendo a mão na testa. — O senhor está sem elas.

— Pois é, a porta estava trancada.

Concordando com a cabeça se despediu mais uma vez do homem, logo saindo do automóvel. Herban ainda lhe lançou um último olhar antes de sair dali.

Sayuri aproximava-se da porta e já sentia os olhos se encherem de lágrimas, tocando a campainha esperou alguns minutos até que o pai abriu a porta assustando-se quando a viu parada a porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Filha?

— Papai! — Abraçou-o chorando. — Eu posso dormir aqui?

Yumi descia as escadas com o semblante preocupado e, assim que viu a filha abraçada à Urion enquanto chorava sentiu o peito se apertar.

— Filha — a mais velha correu até ela, a abraçando e a levando até o sofá. — O que aconteceu?

Urion trancava a porta logo indo até as duas mulheres.

— Eu posso dormir aqui? Não quero ficar sozinha no campus.

— Claro, filha — Yumi concordou lhe enxugando os olhos da jovem. — Noemie onde está?

— Com o namorado, não quero atrapalhar. Amanhã cedo eu vou embora.

— Tudo bem, não se preocupe com isso — Yumi indagou dando um pequeno sorriso. — Você quer comer alguma coisa?

— Não — negou sentindo mais lágrimas caírem dos olhos. — Só quero dormir abraçada com a senhora, por favor.

Abraçou a mais velha fazendo Yumi olhar Urion em questionamento.

— Vamos subir, filha — chamou-a ainda abraçadas. — Você está segura.

Sim. Agora ela estava segura e, amanhã mesmo mudaria do campus. Ela não passaria um dia a mais naquele lugar. Esperava que o apartamento que visitaria amanhã ainda estivesse para alugar. Pois, lá seria o seu mais novo lar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Esfregando o nariz no travesseiro e esticando-se na cama, Sayuri abriu os olhos fitando o quarto da mãe. Na noite passada depois de chorar mais um pouco, tomou um banho e dormiu abraçada com a mais velha. Não importava se já era adulta para ficar dormindo com os pais, mas naquele momento o que ela mais precisava era saber que não estava sozinha.

Respirando fundo sentou-se na cama olhando as mãos por cima do lençol. A porta sendo aberta a fez encarar a recém-chegada que lhe sorria enquanto trazia uma bandeja com o café da manhã. Sorrindo fitou a mãe.

— Bom dia — Yumi saudou sorridente. — Como você está? Dormiu bem?

Observava atentamente a jovem e viu quando a mesma baixou a vista mexendo as mãos.

— Bom dia — respondeu calma. — Estou bem, dormi bem.

Sorriu pegando o copo de suco e dando um gole.

— Que bom – murmurou ainda a olhando. —
Filha, o que aconteceu? – questionou cautelosa. —
Eu nunca te vi daquela forma... Aconteceu alguma coisa?

Ainda segurando o copo, Sayuri pensou se valia a pena mesmo preocupar a mãe com as coisas que vinha acontecendo no campus. Afinal, iria se mudar de lá e não correria mais riscos com nada.

Mordendo os lábios bebeu mais uma vez o suco.

— Eu terminei com Caine – avisou, o que não era mentira. — Ele me traía.

Yumi respirou fundo. Ela estava certa afinal de contas, aquele homem não servia para sua filha.

— Eu sinto muito – proferiu segurando-lhe a mão.

— Tudo bem – indagou olhando a bandeja. — Não era para ser.

Pegando um pedaço de panqueca e o levando a boca, encarou a mãe.

— Café da manhã na cama. – Sorriu recebendo um sorriso da mais velha. — Obrigada.

— Não precisa agradecer – informou lhe acarinhando o rosto. — Seu pai saiu cedo. Foi nas
PERIGOSAS ACHERON

lojas, ele ficou bem preocupado com o seu estado ontem. Como veio para cá?

— Meu professor me deu carona – comentou notando a sobrancelha da mãe arquear. — O Prof. Herban só foi gentil.

— Tudo bem. – Sorriu cruzando os braços. — E Noemie? Vocês estavam juntas ontem? – questionou.

Queria saber o que tinha acontecido, não acreditava que sua filha estava naquele estado por um simples rompimento. Sentia que era algo a mais.

Pousando o garfo no prato e voltando sua atenção para a mais velha a viu aguardando uma resposta. Sua mãe estava desconfiada.

— Fomos à uma despedida de solteira. – Sorriu notando o olhar surpreso da mãe. — Depois voltamos para o campus e ela saiu com o cara que ela está saindo. Então eu fui para o dormitório e... – Parou de falar lembrando-se do homem grande dentro do dormitório e da faca brilhando na luz da escuridão. Respirando fundo voltou a encarar a mais velha que lhe observava. — E eu me senti sozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encarou as mãos sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

— Então seu professor lhe deu uma carona?

— Ele tinha ido buscar umas cadernetas que havia esquecido – comentou voltando a comer. — Me deu uma carona porque eu pedi.

Concordando com a cabeça Yumi a encarou antes de se levantar, alisando o vestido que usava.

— Certo eu vou no supermercado – comentou a olhando. — Você quer ir comigo?

— Não – negou sorrindo. — Vou tomar um banho e ligar para a Mei, vamos visitar um apartamento hoje. Vamos nos mudar do campus.

— Seu pai me contou – Yumi murmurou encarando-a. — Semana passada você não me falou nada disso.

— Eu decidi dias atrás.

— Está tudo bem por lá? – perguntou com um pequeno sorriso.

Olhando-a Sayuri sorriu.

— O meu emprego fica distante do campus – falou recebendo um acenar da mãe. — E eu teria que me mudar mesmo. – Deu de ombros. — Então...

PERIGOSAS ACHERON

— Entendi – Yumi a interrompeu sorrindo, aproximando-se da filha a beijou na testa. — Sabe que pode me falar sobre qualquer coisa, né? Sempre.

— Obrigada.

— Antes de sair tranque a porta da frente – pediu recebendo um aceno positivo da filha.

Sozinha no quarto Sayuri terminou de comer e, quando estava pronta para entrar no banheiro e tomar um banho o celular começou a tocar.

— *Sayuri, onde você está?*

A voz da amiga se fez presente.

— Oi, Mei. – Sorriu indo até o banheiro. — Estou na casa dos meus pais.

— *Oi? Por que? O que aconteceu? Por que não me ligou?*

— Olha, vamos conversar pessoalmente? Daqui a duas horas nos encontramos no apartamento, tudo bem?

Após um suspiro ouviu a amiga responder:

— *Tudo bem! Te encontro lá. Beijos.*

Com a ligação encerrada Sayuri pôde voltar ao que fazia e, depois de pronta vestiu uma calça jeans e uma blusa preta de tecido fino. Calçando os

PERIGOSAS ACHERON

pés com uma sapatilha fechou a porta do quarto encaminhando-se para o andar de baixo junto com a mochila. Indo até a cozinha lavou os utensílios que estavam ali.

Saiu da casa depois de trancá-la e avistou Romee com algumas sacolas.

— Não sabia que estava aqui, Sayuri – Romee falou sorrindo.

— Vim ontem à noite – respondeu cruzando os braços. — E você como está?

— Trabalhando muito.

— *O que pensa que está fazendo aí?* – a voz de Bennett assustou as duas. — Por isso estava demorando? Jogando conversa fora?

Bennett encarava Romee que a fitou respirando fundo.

— Não pago você para ficar de fofoca com ninguém.

— Não precisa falar assim com a Romee – Sayuri falou deixando a jovem levemente assustada. — Seja pelo menos educada com as pessoas.

— E quem você pensa que é? Eu falo da forma como eu quiser!

— É tão triste pessoas como você – Sayuri indagou lançando um olhar de pena. — Se precisar de qualquer coisa Romee saiba que estaremos aqui para você.

— C-Certo, obrigada.

E lançando um último olhar para a mais velha, Sayuri saiu dali sem olhar para trás.

Depois de pegar um transporte e descer em um ponto próximo à avenida, Sayuri observou com atenção os prédios que haviam ao redor. Colocou a mochila nas costas e começou a caminhar até o endereço do apartamento. Minutos depois parava em uma portaria e, sorridente, adentrou o hall do lugar, encaminhando-se até o porteiro.

— Bom dia – saudou recebendo um sorriso.
— Eu vim para ver o apartamento que estava no anúncio, minha amiga já está com a corretora.

— Bom dia, senhorita! – murmurou eufórico.
— O apartamento fica no terceiro andar, número 203A.

— Obrigada – agradeceu logo subindo pelas
PERIGOSAS ACHERON

escadas.

Ao chegar no terceiro andar fitou o corredor muito bem limpo e com algumas janelas dando vista à rua. Respirando fundo procurou a porta 203A e quando encontrou se encaminhou até ela. Ao aproximar-se ouviu a voz de Noemie e de uma outra mulher.

Batendo à porta sorriu quando a amiga apareceu em seu campo de visão.

— Say! Até que fim chegou – disse a puxando para mais perto. — Essa é a Judith, Judith essa é a Sayuri vamos dividir o apartamento.

— Prazer, Sayuri. – A mulher lhe sorriu. — Queira me acompanhar. Irei mostrar todos os cômodos da casa.

Sayuri encarava o lugar encantada. O local era grande tinha dois quartos e nos dois quartos tinham banheiros o que a fez sorrir mais. Além da casa ser mobiliada a cozinha também era toda equipada e toda organizada, tinha uma pequena área de serviço onde tinha uma máquina de lavar. Na sala havia uma grande janela que dava vista a rua detrás.

— É realmente tudo lindo.

— Sim – Judith confirmou sorridente. — Os vizinhos são ótimas pessoas e o lugar também é seguro.

Seguro.

Respirando aliviada Sayuri sorriu para amiga. Era tudo o que ela precisava, um local seguro.

— E o preço?

Atenta ao que a mulher falava, Sayuri percebeu que dava para pagar o local. Noemie também tinha dinheiro guardado e, também recebia pelos estágios que fazia. Nada muito grande, mas que dava para pagar. Juntas podiam fazer aquilo dar certo.

Depois de assinar os contratos e pagar a primeira fiança, as duas se despediram da corretora que saiu do lugar quase saltitando, ato que fez Noemie a encarar sorrindo.

— Vai ver esse lugar estava há tempos para ser alugado e não saía.

— E nem perguntamos isso, né? – Noemie questionou sentando-se no sofá.

— Mas não importa realmente – Sayuri proferiu sentando-se também. — O importante é sairmos do campus.

Noemie a encarou com o cenho franzido.

— Cheguei no nosso dormitório pela manhã – comentou chamando a atenção de Sayuri. — E você simplesmente não estava lá! Isso me assustou. O que aconteceu?

Mordendo os lábios, fitou a amiga.

— Ontem à noite tinha alguém no nosso dormitório – falou recebendo um olhar sério de Noemie. — E ele estava armado.

— Ele quem? O faxineiro?

— Não – negou confusa. — Acho que não era ele – proferiu incerta. — Ele estava encapuzado, mas fiquei com tanto medo que corri. Ele veio atrás de mim, então apareceu o Prof. Herban e ele...

— Espera, o que? – a interrompeu confusa. — Eu não estou entendendo nada. Tinha um homem no nosso dormitório e ele estava armado e você não chamou a polícia? – quis saber séria e um pouco assustada.

Desviando do olhar de Noemie, Sayuri fitou as mãos.

— Mei, o Prof. Herban achou que eu estava bêbada, ele não queria chamar. Ele foi comigo no PERIGOSAS ACHERON

nosso dormitório e não tinha ninguém, não tinha nada fora do normal estava como deixamos.

— Você tinha que ter ligado para a polícia! — exclamou nervosa. — Um homem armado! Qual o problema do Prof. Herban?

— Eu pedi para ele me levar em casa — anunciou olhando-a. — Não queria ficar sozinha.

— Você me ligava, *caralho* — exasperou-se ficando em pé. — Eu sou uma amiga tão ruim assim que você não poderia me ligar?

Assustada Sayuri encarou Noemie que a fitava com os braços abertos.

— Não! Você é a melhor — retrucou aproximando-se da outra —, mas não queria te atrapalhar.

— Fala sério!

— Eu queria meus pais — chorou notando o olhar triste da amiga. — Me desculpa! Mas eu só queria ficar abraçada com os meus pais... fiquei muito assustada. Eu pensei que iria morrer e, eu só queria sentir o abraço protetor que minha mãe tem.

Noemie bufou cruzando os braços enquanto pensava no que poderia ter acontecido com a amiga ou consigo naquele dormitório. Voltando o olhar a

PERIGOSAS ACHERON

Sayuri a viu chorando e, sentiu-se mal.

— Vem cá – chamou abraçando-a. — Está tudo bem agora, vamos até o campus pegar nossas coisas e vir para cá. O que acha?

— P-Perfeito – comentou entre as lágrimas. — Me desculpa por...

— Não se desculpe, eu entendo – a interrompeu com um pequeno sorriso. Por dentro estava nervosa com tudo, mas não demonstraria à amiga. — O bom é que eu só tenho só mais essa semana no campus, vou me livrar daquele lugar e irei começar meu estágio no *Journal NY* – avisou sorridente.

— Que notícia boa, Mei!

A abraçou logo separando-se.

— É, eu sei! Minha mãe ficou eufórica, falou para todos da família. – Revirou os olhos voltando a encara-la. — Vamos comer na casa da sua mãe? – Noemie propôs com um pequeno sorriso. — Faz um tempinho que não como a comida da Dona Yumi e nem vejo o seu pai. O seu pai é um gato.

— Eca – murmurou indo até a porta segurando as chaves. — Não fala assim do meu pai, é nojento.

— Não posso falar do seu *Nii-san* – começou a falar saindo do apartamento. — Não posso falar do seu pai, você é muito chatinha.

— E você, não é?

Noemie apenas revirou os olhos esperando que a porta fosse trancada e do lado de fora encontraram uma senhora que encarou as duas com o cenho franzido.

Após trancar a porta e colocar um sorriso nos lábios, Sayuri aproximou-se da mais velha.

— Olá, como vai?

— Bem e vocês? Quem são? – questionou séria, ato que fez Noemie crisar os lábios.

— Bem nós... Alugamos o apartamento – Sayuri respondeu sentindo Noemie ficar ao seu lado.

A idosa de olhos arregalados fitou as duas.

— Vocês duas? – quis saber horrorizada. — Duas moças? Juntas? Meu Deus, onde vamos parar? Primeiro esse vizinho festeiro mal-educado e agora duas meninas juntas.

Noemie encarava a cena com um sorriso nos lábios.

— Pois é, Tia – debochou fazendo Sayuri a
PERIGOSAS ACHERON

encarar. — Essa aqui é minha gata, somos um casal. E não se espante se escutar barulhos estranhos vindo do nosso apartamento, somos selvagens.

Piscou, fazendo a mais velha lhe dar as costas, saindo do campo de visão das duas.

Chocada, Sayuri fitava a amiga que ria retirando o celular da bolsa.

— Você ainda me mata de vergonha.

— Mato nada! – fez pouco caso a puxando para o elevador. — Vamos comer e depois pegamos nossas coisas.

— Obrigada – agradeceu entrando no cubículo de metal.

E quando as portas do elevador se fecharam, Benjamin surgia das escadas segurando algumas sacolas. Tinha ido comprar alguns suprimentos que precisava, havia marcado um almoço com a mãe.

No térreo Sayuri andava ao lado de Noemie, o porteiro que estava em seu lugar sorriu para as duas.

— Então, senhoritas, gostaram do apartamento? – perguntou de forma educada.

— Sim, nos mudamos ainda hoje – Noemie

PERIGOSAS ACHERON

lhe respondeu. — Me chamo Noemie e essa é Sayuri.

— Me chamo Evans — respondeu estendendo a mão para as duas. — Com o que precisarem estarei as ordens — prontificou-se arrancando sorrisos das duas.

— Obrigada, Sr. Evans — agradeceu educada. — Então até mais tarde.

Os pés estavam elevados à mesa. Em suas mãos tinha uma fotografia recente que ele havia tirado disfarçadamente, a imagem era dela... Sayuri. Estava sentada em uma mesa do pátio lembrava-se que ela estava com mais duas pessoas: um homem e a amiga inseparável. Observando com atenção focou no pequeno sorriso que ela tinha.

Linda.

Fechando os olhos contou de um até dez, como o seu psicólogo havia mandado. Ele não gostava de tomar remédios, mas era preciso. Tampouco gostava de visitar o psicólogo, o homem era muito calmo. E ele não gostava de calma. PERIGOSAS ACHERON

Não. Preferia mil vezes a agitação, o caos.

Sorrindo pegou a faca que usava sempre e traçou no rosto da jovem.

Linda.

— Você não pode fazer isso — falou para si.
— É claro que eu posso — respondeu rapidamente olhando para o lado.

Estava sozinho.

Girando na cadeira ele gargalhou, aquela casa estava vazia. Não tinha ninguém para conversar, ninguém que realmente se importasse com ele e isso o magoava.

Se não pagasse por sexo não teria, mesmo tendo os olhos claros e o porte físico bonito.

Ultimamente seus esforços para ser uma pessoa boa estava sendo em vão. Esfregando os lábios voltou a encarar a foto, era uma pena que por causa de alguns uma pessoa tão boa pagasse.

Ela não é totalmente boa.

— Ela mente. — Riu com os olhos loucos olhando-se no espelho. — Mentirosa.

Em um ímpeto enfiou a faca no móvel sentindo a respiração ficar descompassada. Fechando os olhos pensou que amanhã teria que
PERIGOSAS ACHERON

trabalhar, aos olhos dos outros era uma pessoa normal naquele emprego medíocre. Alguns não gostavam de si, outros sim.

— Sayuri...

Sorriu levando a foto ao peito e deitando-se na cama.

Sayuri observava Noemie conversar com a mais velha e, olhando para o lado notou o pai com um pequeno sorriso enquanto prestava atenção na conversa. Voltando sua atenção para a comida no prato ficou imaginando como seria amanhã, estava muito ansiosa.

— Filha? — Yumi a chamou notando-a avoada. — A comida está boa?

— Sim — concordou com um pequeno sorriso. — Uma delícia.

Ian não tinha conseguido vir essa semana, estava fazendo um trabalho para um seminário que teria.

— Papai, o senhor poderia nos ajudar a levar nossas coisas para o apartamento novo?

Sorrindo, o homem concordou. Ficara internamente rezando para que a filha o chamasse, não queria se oferecer e parecer que estava querendo bisbilhotar.

— Claro.

— A senhora também, mamãe. — Voltou-se para a mãe que lhe sorriu. — O lugar é lindo.

— E a gente conheceu uma senhorinha tão legal — Noemie comentou recebendo um sorriso de Sayuri. — Nos Adorou logo de cara.

— Que bom, meninas — Yumi falou não notando o leve sarcasmo que a amiga usou. — Então vamos logo terminar aqui, quero terminar a arrumação na sua casa logo.

— Só temos algumas roupas e objetos pessoais nossos — Sayuri murmurou tomando um gole de suco. — O apartamento é todo mobiliado.

Voltando a comer lembrou-se do homem com a faca, talvez aquela cena não saísse de sua cabeça tão cedo. Após comerem e Sayuri ajudar a mãe com os pratos, os quatro saíram e se dirigiram para a caminhonete.

Três horas depois paravam em frente a Universidade, onde poucas pessoas circulavam por

PERIGOSAS ACHERON

ali. Três viagens dos quatro foram suficientes para pegar todas as coisas a maioria roupa. Em todo tempo Sayuri estava alerta observando o lugar em busca de alguma coisa suspeita e, percebeu que em nenhum momento o faxineiro apareceu.

Com tudo na caminhonete rumaram para o apartamento. O local ficava alguns minutos do campus e do trabalho da Sayuri, o motivo de ter ficado com o imóvel.

Estacionando em frente ao prédio Urion observou o local com atenção. Cumprimentando o porteiro que abriu a porta ajudando a todos, Urion encarou o hall e rumou para o elevador. Apertando o botão do terceiro andar Sayuri relanceou para a mãe, logo sorrindo lhe.

Benjamin descia as escadas com um pequeno sorriso, enquanto segurava uma mochila e as chaves.

— Sr. Buthler, o apartamento ao lado do senhor foi finalmente ocupado – anunciou fazendo-o parar e sorrir. — Parece que a Sra. Mikkelsen não conseguiu estragar a ocupação do imóvel.

— Graças à Deus – murmurou sorridente. — E quem são? Um casal? Um solteiro? Uma

PERIGOSAS ACHERON

solteira? – questionou com um sorriso safado de lado.

— Eu não sei dizer, senhor – respondeu com um pequeno sorriso, notando a confusão nos olhos castanhos do outro. — São duas jovens.

— Ah! Entendi – falou relanceando para as escadas. — Bem, vou nessa.

— Tenha um bom trabalho, senhor.

Benjamin agradeceu indo para o carro. Passou o dia com a mãe, mas precisou voltar, pois um dos dançarinos tinha se machucado e o show não poderia parar por isso, então como sempre iria quebrar o galho do cara.

Já dentro do carro, Benjamin pensava no que a mãe dissera novamente nesse almoço. Em sair do clube das mulheres, suspirando crispou os lábios. O lugar não era de todo ruim, se divertia e conhecia novas pessoas – pensando assim lembrou-se da esquentadinha ao qual beijara. Sendo sincero havia sonhado com a jovem, mas diferente do que aconteceu no bar, ele a levava para o camarim e no local eles transavam como dois animais sedentos de desejo.

Sorrindo lambeu os lábios imaginando quem

PERIGOSAS ACHERON

seria a moça e, parando no sinal percebeu que queria novamente beijar aqueles lábios.

Parando de fantasiar em coisas que jamais aconteceria, focou no caminho que fazia.

Sayuri estava sentada no sofá ao lado do pai enquanto Noemie e a mais velha andavam para lá e para cá. Apoiando a cabeça no peito masculino, a jovem fechou os olhos sentindo o carinho que o pai fazia em seus cabelos.

Yumi, ao lado da amiga da filha, colocava alguns alimentos que tinham pego no dormitório no armário.

— Eu vi um supermercado quando passávamos naquela avenida próximo à uma praça – indagou recebendo um aceno positivo de Noemie.

— Eu também vi – respondeu concentrada.
— Depois vamos lá.

Concordando com a cabeça, Yumi notou o corredor vazio e voltando a atenção para Noemie a viu escorada no balcão anotando alguma coisa. Não queria fazer isso, mas sua filha estava escondendo

PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa de si e isso a deixava nervosa e preocupada.

— Noemie – falou tendo a atenção da jovem para si. — Está acontecendo alguma coisa que vocês não estão contando?

Noemie a encarou com os olhos arregalados.

— O que? Tipo o que? – desconversou cruzando os braços soltando um risinho nervoso.

— Eu não sei – respondeu cruzando os braços a encarando de forma séria —, mas eu sinto que tem alguma coisa que vocês não estão contando.

Desviando os olhos Noemie voltou a encarar a folha que anotava. Se Sayuri não disse, era porque não queria preocupar os pais e, não seria ela a abrir o bico e falar que alguém estava perturbando Sayuri. Ou deveria falar?

Endireitando-se Noemie respirou fundo e pronta para falar Sayuri adentrou o recinto, fazendo-a voltar sua atenção para a folha.

— Tudo bem por aqui? – questionou observando a mãe encarar Noemie e, logo voltar os olhos castanhos para si.

— Tudo, filha – proferiu com um pequeno

PERIGOSAS ACHERON

sorriso. — Só falta arrumar suas coisas.

— Tudo bem. Daqui a pouco eu arrumo.

— Não se esqueça que você tem que descansar – anunciou aproximando-se da filha. — Amanhã você acordará cedo, minha filha professora – verbalizou cheia de orgulho.

Abraçando a mais velha, Sayuri fitou Noemie que lhe sorria. Separando-se do abraço Yumi voltou-se para a outra jovem.

— Você também é meu orgulho, minha jornalista – falou fazendo-a sorrir, logo a abraçando. — Temos orgulho das duas.

— Obrigada, Tia Yumi – agradeceu recebendo um beijo na bochecha.

— Bem, agora vamos embora. Tenho umas coisas para fazer em casa.

Anunciou saindo da cozinha sendo acompanhada pelas jovens. Ao chegar na sala Yumi fitou o marido que lhe sorria. Ele era tão lindo, o tempo passou e só fez bem ao homem. Adorava estar sozinha com ele em casa, faziam várias loucuras juntos.

— Vamos para casa, Sr. Dupke? – perguntou parando em frente ao homem que ficou em pé no

PERIGOSAS ACHERON

mesmo minuto.

Abraçando-a pela cintura Urion encostou os lábios nos dela, fazendo-a corar por estar na frente da filha.

— Vamos, Sra. Dupke. — Separando-se da mulher abriu os braços para a filha, logo sentindo-a lhe abraçar. — Eu te amo, princesa.

— Eu também te amo, papai — respondeu sentindo o beijo em seus cabelos. — Você é o meu herói.

Alisando a bochecha da filha ele sorriu. Fitando Noemie, acenou.

— Se precisarem é só ligar.

Abrindo a porta Sayuri se despediu dos mais velhos. Após fechar a porta voltou a encarar a amiga que lhe sorria, mas logo parou de sorrir franzindo o cenho.

— O que eu fiz?

— Você falou para a minha mãe sobre o motivo de sairmos do campus?

— Não, mas bem que deveria.

— Mei, não quero preocupar meus pais com isso — falou de forma suave. — Para o meu pai se acostumar comigo longe de casa foi difícil, se eu

PERIGOSAS ACHERON

falar o que aconteceu ele vai parar o que estiver fazendo para ficar aqui me vigiando. Amo meu pai, mas eu já sou adulta. Consigo me defender.

Respirando fundo e esfregando os olhos Noemie concordou com a cabeça.

— Tudo bem.

— E já saímos do dormitório. Temos nossa privacidade aqui. — Sorriu alegre. — Então agora é vida nova.

— Ainda temos o tcc isso não é vida para ninguém — reclamou indo para o quarto. — Vou arrumar essa bagunça e... Ah! Lembrei.

Parou sorrindo enquanto fitava Sayuri cruzar os braços.

— Eu sei que no nosso dormitório não fazíamos isso — começou recebendo um olhar cauteloso da outra —, mas o Juan pode vir dormir aqui? Não será todo dia! — adiantou-se quando a viu abrir a boca. — Só será algumas vezes, por favorzinho? Prometo que ele não vai invadir seu espaço, você não vai nem notá-lo aqui.

Noemie a fitava com um grande sorriso e, quando Sayuri também sorriu a outra deu um grito de felicidade.

— Obrigada! Te amo.

Sem esperar uma resposta se trancou no quarto. Ainda sorrindo, Sayuri entrou no quarto em frente ao de Noemie e, com as mãos na cintura suspirou começando a retirar as roupas da caixa para colocar no guarda-roupa.

Após tudo organizado Sayuri tomou um bom banho. Vestiu um blusão e se encaminhou para a sala, onde ligou a tevê. Relanceando para a janela viu o céu escuro com estrelas, abraçando-se fitou a rua iluminada.

Parecia um show de luzes com cores diferentes.

A voz de Noemie a tirou dos pensamentos.

— Vou pedir uma pizza — comunicou sentando-se ao lado da amiga. — Tudo bem?

— Sim.

Voltando sua atenção para a tevê Sayuri viu um casal se beijando e, imediatamente lembrou-se daquele dançarino arrogante. Da forma como ele a beijou e a segurou nos braços, fechando os olhos

PERIGOSAS ACHERON

recordou-se dos lábios carnudos e da sensação que era ser beijada por ele, porém lembrou-se, logo em seguida, dele afirmando que ela era bonitinha, mas que não era tudo aquilo.

— Idiota.

— O que? — Noemie questionou a fitando.

— Não, não é você. É aquele dançarino — falou, mas logo fechou os olhos se arrependendo.

— Então você está pensando nele, hein? — zombou virando-se para a amiga. — Me conta! Ele tem pegada? Você não me falou! — reclamou cruzando os braços. — E o beijo? Ele beija bem?

Revirando os olhos e suspirando Sayuri a fitou.

— Beija bem, mas é arrogante o que estraga tudo.

Soltando um sorriso debochado Noemie a encarou.

— Sei — desdenhou. — Tão arrogante que você está aí pensando no beijo dele e em transar com ele.

— O que?

— É isso mesmo! Você está pensando isso que eu sei. — Sorriu gesticulando com as mãos. —

Imaginando-o te pegando com força, te puxando o cabelo – comentou observando as reações da amiga. — Te fazendo sentir coisas que você jamais sentiu.

Suspirando Sayuri a ignorou. Tentava não pensar em nada daquilo, mas agora não conseguia parar de imaginar aquelas cenas. Aquelas mãos enormes, sem falar naquela parte da anatomia dele – que ela lembrava muito bem – que a fazia sentir-se quente só de imaginar *aquilo* tudo dentro de si.

Não aguentaria, era fato.

Lembrou também do cheiro que ele tinha, da língua exigente, dos lábios a tomando como se dependesse do seu beijo para viver. Recordou-se também de sentir um leve carinho na bochecha enquanto ele lhe beijava.

Mordendo os lábios percebeu que fazia um tempo que não transava. A última vez foi antes de Caine sair para viajar.

Cruzando os braços exigiu a si mesma que esquecesse de vez o loiro. Ele não merecia estar em seus pensamentos.

O interfone tocando na cozinha chamou a atenção das duas. Noemie foi a primeira a reagir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo até o aparelho e o atendendo, segundos depois voltava sorridente.

— A pizza chegou, era o porteiro ligando para saber se tínhamos pedido pizza.

Sorrindo, Sayuri percebeu que havia feito um bom negócio afinal. O lugar era seguro.

Minutos depois a campainha era tocada e Sayuri observou Noemie pagar o homem, logo pegando a pizza.

— Eu amo pizza!

Noemie sorriu enquanto mordida um pedaço da massa quente.

Ainda sorrindo Sayuri foi até a cozinha pegando duas latinhas de refrigerante e dois pratos. Retornando a sala sentou-se ao lado da amiga, logo começando a comer também.

Olhando para a janela enquanto comia pediu aos céus que seu primeiro dia em sala de aula fosse produtivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

]

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

As 6h Sayuri já estava acordada. Pegando o papel que a diretora lhe passara com as relações do dia que teria fitou as turmas ao qual lecionaria. Teria que lidar com os pré-adolescentes. Respirando fundo pegou o caderno que tinha os planejamentos para hoje, estava tudo lá.

Indo até o banheiro escovou os dentes e tomou um banho. Minutos depois saiu enrolada na toalha, entraria na escola às 8h30. A roupa escolhida estava na cama, terminando de se enxugar começou a se vestir.

Após estar pronta, pegou a mochila com os materiais e saiu do quarto rumando para a cozinha onde encontrou Noemie toda arrumada bebendo café.

— Bom dia — Sayuri saudou alegre e Noemie apenas acenou com a cabeça. — Nossa, que animação.

— Estou super — retrucou depositando a xícara no balcão —, mas por dentro. O que me alegra é que irei ver meu Juan.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está gostando mesmo desse cara – comentou enquanto colocava café em uma xícara.

— Pois é. – Sorriu lembrando-se do homem.
— Mas não se preocupe! O seu está chegando, pode ser que demore, mas ele chega.

— Nem brinque com isso – falou tomando o resto do café. — Tenho que ir, vai que horas para o campus?

— Lá pelo final da tarde, não sei... acho que não vou – indagou sentando-se na bancada. — Vou começar meu tcc.

— Faz bem. Você é meu orgulho – proferiu depositando um beijo na bochecha da outra. — Você poderia entregar nossas chaves a diretora Thoren?

— Tudo bem e se você não me encontrar aqui é porque estou com o Juan – avisou recebendo um aceno positivo. — E você que é meu orgulho! – gritou observando a amiga sair do apartamento.

Usando o elevador encontrou um casal de moradores. Sorrindo educada cumprimentou-os sendo prontamente respondida, ao chegar no térreo cumprimentou o porteiro e sentindo o frio da manhã lhe ricochetear o rosto, começou a fazer a
PERIGOSAS ACHERON

caminhada até o ponto de ônibus.

A escola ficava alguns quarteirões depois da universidade já perto do centro da cidade. Da janela do ônibus observava as pessoas andarem apressadas pela calçada e o trânsito fluir de maneira rápida. Descendo no ponto próximo à escola, Sayuri fitou alguns alunos andarem em grupos brincando entre si e falando alto.

Sorrindo começou a andar até a entrada onde encontrou um grupo de estudantes com o casaco do time. Olhava a todos com atenção, recebendo também olhares.

— E aí, japinha? Aluna transferida? — Um deles que aparentava ter seus 17 anos aproximou-se com um sorrisinho de lado.

Ainda sorrindo Sayuri o fitou.

— Não — negou observando a forma como ele a encarava. — Eu sou a nova professora do 9th grade.

— Não *fode*! — exclamou assustado a encarando de cima a baixo. — Você será a nova PERIGOSAS ACHERON

professora dos pirralhos? Que sortudos.

Sorriu sentindo os dois amigos ficarem do seu lado.

— Se me der licença — murmurou sorrindo, recebendo uma piscadela do adolescente. — O sinal já irá tocar, então cuidado com o horário.

Adentrando o recinto lembrou-se da primeira vez que colocou os pés ali. Ficara encarregada da turma do primário, mas aconteceu que em um dia teve que ficar na turma dos maiores, a professora havia faltado. Então quando a oportunidade surgiu de mostrar que estava ali para fazer a diferença, agarrou com todas as forças e agora estava sendo agraciada com esse emprego e o estágio no mesmo lugar. Ainda teria que ir para o campus, pois, assistia algumas aulas complementares. Porém nada que lhe atrapalhasse nessa jornada de emprego e estágio.

Encaminhando-se até a diretoria fitou o relógio de parede. Em trinta minutos o sinal tocaria. Aproximando-se da porta de madeira onde tinha uma plaquinha com os dizeres *Diretoria*, Sayuri bateu três vezes e pôde ouvir um *entre* vindo de dentro.

Nervosa, abriu a porta e fitou a diretora rechonchuda sentada em uma cadeira vermelha.

— Srta. Hodgens! Estou tão feliz por você ter aceito o emprego – indagou saindo de onde estava indo até a jovem a abraçando.

Surpresa, Sayuri a abraçou de volta, logo sentindo-a se afastar.

— Eu que fiquei feliz por me dar essa oportunidade, Sra. Cooler – murmurou sorridente. — Prometo não desapontar.

— Seríamos malucos se não a tivéssemos conosco – retrucou de forma séria. — Precisamos de mais professores como a senhorita.

Emocionada sorriu recebendo um sorriso.

Parando de sorrir Cooler virou-se pegando uma caderneta a jovem.

— Aqui está a relação dos alunos do 9th grade – avisou observando a jovem ler seu conteúdo. — Se precisar de qualquer coisa saiba que estou as ordens. Seja bem-vinda ao College Stewart McNaight.

— Obrigada.

— Vamos, vou levá-la até a sua turma – proferiu dando espaço para a outra passar. Nos

PERIGOSAS ACHERON

corredores alguns alunos cumprimentou a mais velha. — Vão todos para suas salas o sinal já vai tocar – falou alto fazendo os adolescentes revirarem os olhos.

Sayuri fitava a mulher rechonchuda andar lançando olhares sérios para os alunos. Sorrindo lembrou-se de antigamente quando estudava ao lado do irmão. Sentava na frente, não se atrasava e não se metia em brigas. Já Ian... era um ímã para esses acontecimentos, não que seu irmão fosse briguento, mas ele não gostava de ver injustiças. Então, por isso, se metia em brigas.

Aproximando-se da sala ao qual lecionaria sentiu a barriga gelar. As mãos estavam suadas e, nervosa, sorriu para a mais velha. Adentrando a sala observou alguns alunos jogando bolinhas de papéis uns nos outros. Alguns sentados mexiam nos celulares, enquanto outros conversavam sem prestar atenção ao seu redor.

Indo até a frente da sala parou ao lado da mais velha.

— Silêncio! – proferiu alto fazendo os alunos calarem. — Essa será a nova professora de vocês Sayuri Hodgens, sejam receptivos com ela. Não

PERIGOSAS ACHERON

quero saber de reclamação e, caso haja uma – parou olhando cada aluno. — Vão se ver comigo.

Sayuri um pouco assustada observava a mulher terminar de falar, mas logo saiu da sala. Ótimo! Agora era capaz dos alunos não gostarem dela, mesmo sem ter feito nada.

— Bem... – Limpou a garganta recebendo olhares desinteressados de alguns alunos. — E-Eu sou Sayuri Hodgens, a nova professora de vocês.

Após dizer isso teve vontade de se chutar. Até parecia seu primeiro estágio – o que não era. Respirando fundo e sorrindo colocou a mochila na cadeira atrás da mesa e cruzou os braços encarando cada aluno.

— Gostaria que vocês se apresentassem – pediu um pouco nervosa. — Se possível é claro, quero memorizar o nome de cada um de vocês e...

— Até parece que você vai querer fazer isso – um aluno retrucou sentado de maneira displicente na cadeira. — Não dou dois dias e a senhorita vai fazer a mesma coisa que a professora Herckman fez. Vai embora.

— Por que você não para de ser chato, Bradley? – uma menina loira que estava na PERIGOSAS ACHERON

primeira cadeira exclamou. — Você sempre tem que ser tão idiota assim?

— Eu não te chamei na conversa, *Olivia palito*, porque você não cala essa sua boca, sua... — proferiu fazendo a menina virar a atenção para frente, com os olhos cheios de lágrimas.

— Pessoal! — Sayuri interrompeu-o gesticulando com as mãos. — Por favor, calma! — pediu aproximando-se do menino que agora ela sabia que se chamava Bradley. — Bradley, eu não pretendo sair desse emprego tão cedo. Então pode ficar despreocupado, o seu nome eu já decorei. — Sorriu observando o cenho franzido do menino. — Agora o que acha de se desculpar com sua colega de classe?

— Por que eu faria isso? — quis saber cruzando os braços em um claro desafio.

Olhando novamente a menina loira, Sayuri voltou sua atenção ao Bradley.

— Porque não é legal isso que você disse sobre ela — respondeu com um olhar calmo. — Machuca.

Levando os olhos até a loira da primeira cadeira, ele viu que ela tinha a cabeça baixa.

Suspirando falou como se não fosse nada.

— Hailee – a chamou tendo os olhos claros em si. — Desculpa.

Rapidamente baixou o olhar, não notando o pequeno sorriso que a outra lhe endereçou. Os outros alunos começaram a sorrir soltando piadinha com os dois.

— Srta. Hodgens – o menino com o cabelo espetado a chamou. — Me chamo Charlize.

— É um prazer, Charlize – anunciou sorridente.

— A senhorita tem namorado? – perguntou fazendo todos o olharem enquanto sorriam.

Sentindo as bochechas coradas Sayuri negou com a cabeça.

— Quer que eu te pague um sorvete depois da aula?

Sorrindo ela o encarou enquanto ouvia o resto da sala sorrirem.

— Eu tenho um outro compromisso, Charlize. Fica para uma próxima.

Concordando com a cabeça o menino a encarou sorrindo. E depois de rirem mais um pouco Sayuri pediu para que um dos alunos a deixassem a

PERIGOSAS ACHERON

par sobre o que estavam estudando. Começando enfim a dar o assunto.

Benjamin estacionava o carro em frente à academia. Andando rapidamente para dentro do lugar ele viu o local cheio, olhando para o lado fitou os ringues que tinha. Apesar de ter alunas também, a maioria eram homens. Porém aos poucos mais mulheres se inscreviam no programa de treinamento que a academia possuía.

Cumprimentando algumas pessoas foi diretamente até a sala da gerência onde Dustin trabalhava.

— E aí, cara. — Estendeu a mão em um cumprimento masculino. — Como estamos?

— Bem — respondeu sorrindo. — Essa é a relação dos últimos dias para agora. A academia vem crescendo mais a cada dia.

— Isso é bom — falou sentando-se à cadeira.

Suspirando começou a ler o conteúdo do papel.

— E essa cara de quem não fode há algum

PERIGOSAS ACHERON

tempo? – Dustin zombou parando o que fazia para encarar o homem. — Ranzinza por causa da japonesa misteriosa?

Sorrindo de lado Benjamin o encarou. Havia dito o acontecido ao amigo e, desde então o loiro o enchia a paciência com isso. Não deveria ter comentado, era fato.

— Não sei do que fala – desconversou jogando os papéis em cima da mesa —, mas está certo sobre foder.

— Ser celibatário não combina com você.

— Está muito preocupado com minha vida sexual – debochou o encarando.

— Isso porque quem sofre com essa falta sou eu! – comentou com a sobancelha arqueada. — Você quando não fode fica insuportável.

Rindo Benjamin ficou de pé.

— Não se preocupe com isso – pediu enquanto se encaminhava para fora. — Vou agora para a minha turma.

Saindo da sala rumou para o vestiário. Havia aberto inscrições para *Kickboxing* para aqueles que queriam aprender sobre e hoje iniciaria com as aulas, uma turma de quinze pessoas.

No vestiário trocou de roupa colocando um calção preto e uma blusa sem mangas branca.

Chegando em uma parte da academia avistou sua turma. Um grupo misto de adolescentes entre dezessete a vinte anos. Aproximando-se dos alunos sorriu colocando a mochila no chão e batendo palmas chamou a atenção de todos.

— Bom dia! – saudou com um pequeno sorriso. — Me chamo Benjamin e serei o professor de vocês – anunciou observando cada um ali presente. — O *Kickboxing*, se refere para ambos um grupo de artes marciais e esportes de combate em pé baseados em chutes e socos, mas também para um estilo de arte marcial e desporto de combate – comentou tendo a atenção para si. — O *kickboxing* ou *full contact* é frequentemente praticado como defesa pessoal, condicionamento físico geral ou como um esporte de contato.

Parou de falar quando um adolescente magro levantou a mão.

— Pode falar.

— E-Eu não... – parou respirando fundo. — P-Posso ir no banheiro? – pediu um pouco pálido.

— Claro – autorizou observando-o sair do

PERIGOSAS ACHERON

local. — Bem, como dizia o esporte é frequentemente praticado como defesa pessoal e, por isso decidi ensiná-los – continuou recebendo alguns sorrisos. —, mas antes vou dar uma olhada no nosso colega e volto em dois minutos. Enquanto isso vão se aquecendo.

Ao dizer isso saiu em busca do outro aluno. Indo em direção dos banheiros fitou o adolescente sentado em um banco com a cabeça baixa, aproximando-se do mesmo sentou ao seu lado – o assustando.

— Tudo bem? – quis saber o olhando. — Se não se sentir preparado você pode voltar depois.

— N-Não – negou olhando as mãos. — Eu quero fazer isso.

Observando-o em silêncio fitou os braços finos e brancos, as pernas do mesmo jeito. Os cabelos loiros estavam ressecados, mas parecia que o jovem tinha passado algo para dar um brilho neles – ou talvez fosse apenas oleosidade.

— Tudo bem é normal ficar nervoso com algo pela primeira vez – puxou assunto. — Eu...

— Eu só não sei se consigo aprender – o interrompeu. — Quer dizer, você viu os caras PERIGOSAS ACHERON

daqui? E os outros da turma? Todos grandes e eu desse jeito.

— Quando eu tinha a sua idade eu era como você – anunciou deixando-o surpreso. — Eu tive que treinar bastante para chegar ao corpo que tenho hoje, então, não se coloque para baixo. E eu não nasci sabendo o que sei, tive que treinar muito.

— Você acha que eu consigo? – perguntou cauteloso.

— Eu tenho certeza – murmurou sorrindo.

Dando um pequeno sorriso o adolescente ficou de pé.

— Me chamo Liam.

— Benjamin – respondeu segurando a mão que lhe era oferecida. — Agora vamos lá.

O dia passou de maneira rápida.

Sayuri, que antes estava nervosa, com o passar das aulas foi acalmando mais e tomando confiança no que estava fazendo. A turma – apesar do começo que tivera – se mostrou ser uma classe unida. Bradley calado em sua cadeira observava a

PERIGOSAS ACHERON

nova professora explicar o conteúdo da matéria, de vez em quando lançava alguns olhares para os lados.

Suspirou.

Não gostava de estar perdendo tempo naquela classe, sabia muito bem qual seria seu futuro. Endireitando-se fitou os cabelos loiros de Hailee, ela sim prestava bastante atenção no que a nova professora falava. Realmente era um idiota por falar que ela era Olivia Palito, mas não conseguia evitar. Qual outra forma que ela lhe daria alguma atenção a não ser assim?

Voltando a encarar o livro aberto em sua frente tratou de prestar atenção na voz da professora. O sinal tocando anunciou o término das aulas naquele dia e, com um pequeno sorriso no rosto Sayuri observou seus alunos saírem apressados da sala.

Antes que Bradley saísse, Sayuri o chamou, recebendo um revirar de olhos.

— O que é? — perguntou de maneira grossa.

Suspirando Sayuri cruzou os braços deixando um pequeno sorriso de lado escapar.

— Eu só queria que você soubesse que eu

PERIGOSAS ACHERON

sou amiga de vocês – comentou fazendo-o franzir o cenho. — Não quero prejudicar ninguém, então não precisa me tratar dessa forma.

— Não espere que vá ficar sorrindo para tudo o que você fala – retrucou. — Eu não gosto daqui, não gosto de vocês. Então não finja que se importa.

Sem esperar uma resposta, Bradley a deixou sozinha. Sayuri soltou a respiração em uma lamentação, ela iria com calma. Ganharia a confiança de todos para que assim pudessem ter uma boa convivência na sala de aula.

Pegando o celular olhou o horário. 5:30pm. Sorrindo começou a guardar os materiais. Havia dado o assunto e feito uma atividade com todos e, depois do intervalo continuou com o mesmo assunto. Dia produtivo. Conseguiu conhecer um pouco dos alunos naquele dia e, não se abateria.

Amanhã o dia seria majestoso.

Saindo da sala de aula sorriu para alguns alunos que estavam por ali. Colocando a mochila nas costas e segurando alguns livros que usaria para as próximas aulas, saiu andando pela calçada.

Horas mais tarde chegava em casa e agradecia por isso. Estava muito cansada, mas antes

PERIGOSAS ACHERON

de dormir teria que planejar a aula do dia seguinte e seu tcc. Cumprimentando o porteiro adentrou o elevador apertando o botão do terceiro andar. Deveria ir pelas escadas que era o bem para a saúde, mas agora no estado em que estava se pudesse voar até a cama faria isso.

Abrindo a porta do apartamento e a trancando, andou até o quarto. Colocou a mochila em cima da cama e começou a retirar as roupas. Após um banho relaxante voltou para o quarto enrolada na toalha. Secou-se, pegou uma calcinha de algodão – daquelas que cobria o traseiro por completo – e o pijama que se consistiam em uma blusa com alça fina e uma calça.

Pegando o celular viu mensagens de Noemie avisando que passaria a noite com Juan e que voltaria amanhã para casa. Sorrindo foi até a cozinha, abriu a geladeira e buscou algo que pudesse aplacar a sua fome, não estava com vontade de cozinhar, por isso, pegou as duas fatias de pizza que estava em um prato e colocou-as no micro-ondas.

O celular tocando na bancada lhe chamou a atenção. Indo até o aparelho rapidamente crispou os

PERIGOSAS ACHERON

lábios quando viu quem era: Caine.

Revirando os olhos ignorou a ligação.

Panelas caindo a assustaram, depois sorriu quando viu que era na casa do vizinho ou da vizinha. Só havia conhecido a senhorinha, entre as duas havia um apartamento. Minutos depois uma música consideravelmente alta tomou conta do ambiente.

— Fala sério — murmurou com os braços cruzados olhando para a parede do vizinho.

Respirando fundo decidiu não fazer nada, mas se o som continuasse ligado quando ela fosse fazer os trabalhos teriam um problema. E não se importaria de ser a vizinha chata, a saúde mental dela agradecia a calmaria.

Após comer e lavar os pratos — ao som de *Avenged Sevenfold* que o vizinho insistia em ouvir a mesma música quatro vezes — Sayuri decidiu dar mais cinco minutos a quem quer que estivesse ouvindo a música, para desligar o som ou pelo menos colocar em um volume que não atrapalhasse a concentração dela.

Não conseguia trabalhar com barulhos aleatórios.

Sentando-se confortavelmente no sofá com a mochila do lado e o notebook, abriu a pasta com o nome “tcc”. Iria dar mais uma lida no que já tinha escrito para reparar algum erro que pudesse haver e digitar outras coisas.

Mais uma batida de panela na pia a fez pular. Respirando fundo e fechando os olhos, voltou a encarar a tela do notebook no canto superior o horário marcava 10:10pm. A monografia tinha doze páginas, havia enviado ao Prof. Herban – seu orientador – e ele apontou algumas coisas que ela poderia se aprofundar mais.

Mordendo os lábios clicou duas vezes no arquivo do monólogo.

Uma voz masculina começou a cantar alto no ritmo da canção. Bufando, colocou o notebook no sofá e rapidamente abriu a porta indo até a porta vizinha onde apertou a campainha uma vez.

Sim, ela seria a vizinha chata.

Apertando a campainha mais uma vez esperou para que alguém fosse lhe atender, o que não ocorreu. Cruzando os braços, ela bufou. Olhando para cima, pediu à Deus que lhe ajudasse, pois, sua vontade era de chutar aquela porta abaixo.

PERIGOSAS ACHERON

A voz dentro do apartamento ficou mais alta como se ele estivesse fazendo de propósito.

— Desgraçado! — xingou baixo.

Sem paciência alguma começou a bater na madeira de maneira forte e, sem esperar ela foi aberta. Pegando os dois de surpresa.

— Você?! — os dois falaram ao mesmo tempo.

Benjamin a encarava assustado. Pensava que era a Sra. Mikkelsen mais uma vez sendo a vizinha maravilhosa que ela era, mas então o destino resolveu brincar com ele, colocando a mulher que não saía de sua cabeça à sua frente.

Só poderia agradecer ao céus por essa proeza.

Olhando-a dos pés à cabeça adorou aquele pijama que ela usava, era comportado o que o deixava com a imaginação a mil. Escorando o grande braço tatuado no batente da porta ele a encarou com um sorriso, mas logo franziu o cenho. Aquela era a sua vizinha? Espiando para fora do apartamento ele viu a porta do lado aberta. Sim, a esquentadinha era sua vizinha.

— Ora, ora, ora — murmurou enquanto coçava próximo ao umbigo, fazendo com que ela
PERIGOSAS ACHERON

encarasse seu peitoral descoberto. — Que bom te ver de novo.

Pasma Sayuri sentia a respiração ficar descompassada. Lançando um olhar assustado e ao mesmo tempo furioso, colocou as mãos no quadril. Não acreditava que aquele dançarino arrogante morava ao seu lado, aquilo não poderia ser real. Nervosa decidiu fingir que não sabia sobre o que ele estava falando. Sim. Era uma boa tática.

— O senhor poderia diminuir o volume da música? — pediu deixando-o surpreso.

— Se você me der um beijo, quem sabe eu possa até desligar ele da tomada — gracejou achando graça quando notou as bochechas dela ficarem vermelhas. — Quem diria que você seria minha vizinha, hein? Estou surpreso, não vou negar, mas adorei a surpresa.

— Não sei sobre o que você está falando — indagou cruzando os braços. — Nunca o vi na vida. Deu de ombros.

Levantando uma sobrancelha Benjamin a encarou.

— Isso não combina com você, *Chuchu*.

— Eu já disse para não me chamar assim! —

exclamou apontando-lhe o dedo.

Sorrindo Benjamin deixou-se escorar no batente da porta.

— Então agora você se lembra, *Chuchu*? – perguntou sarcástico olhando-a respirar fundo.

Ele estava adorando mexer com ela.

— Você vai ou não desligar a droga do som? Eu trabalho, sabia? Tenho que acordar cedo, faço algo de útil na vida – proferiu nervosa.

Aquele homem a deixava nervosa e, não sabia dizer se isso era bom ou ruim.

Colocando as mãos no quadril Benjamin a encarou sério.

— Quer insinuar que eu não faço?

— Eu não disse isso...

— Então o que você disse? – quis saber lambendo os lábios chamando a atenção da jovem para eles.

Quando olhava aqueles lábios Sayuri lembrava-se de como era ser beijada por ele. Era uma delícia. Puxando uma respiração tentou não ser tão grossa.

— Que o senhor desligasse ou diminuísse o volume da música.

Olhando-a em silêncio Benjamin bufou, logo fechando a porta na cara da mulher. Sem acreditar em tamanha falta de educação Sayuri tornou a bater na porta que rapidamente foi aberta pelo moreno.

— O que é, *Chuchu*? – questionou com um sorriso de lado.

Fechando os olhos para quem sabe procurar uma calma dentro de si que não tinha. Sayuri voltou a fita-lo.

— Poderia desligar o som? – perguntou pausadamente.

Pensativo Benjamin a observou com atenção.

— Poderia – respondeu sorrindo —, mas eu não quero.

— Olha aqui, seu... – Parou de falar quando ele voltou a fechar, deixando-a falando sozinha. — Meu Senhor me ajude a não bater nesse homem.

Com o dedo na campainha esperou que ele volta-se a abrir e aconteceu. Benjamin abriu a porta rapidamente tirando a mão dela da campainha e, com os lábios crispados cruzou os braços.

— Eu vou ter que chamar a polícia? – Sayuri questionou nervosa.

— Você está muito estressada – Benjamin
PERIGOSAS ACHERON

comentou. — Cuidado, *Chuchus* também enfartam.

Bufando ela o empurrou e adentrou o apartamento dele indo diretamente no som e o desligou. Benjamin a observava com os braços cruzados e, quando ela voltou-se para ele estava envergonhada.

Talvez ela não tivesse que ter feito isso.

— Vê como o silêncio é gostoso? — perguntou andando rapidamente para a porta, mas foi barrada. — Não vai me deixar passar?

— Sabe o que é mais gostoso? — Benjamin questionou ainda em frente à porta.

— O declínio da aristocracia? — respondeu como uma pergunta.

Confuso, ele a encarou.

— Não — negou aproximando-se dela. —, mas pode ser. Depende de qual lado está. Porém o mais gostoso é você com essa roupa.

Com a respiração descompassada Sayuri se abraçou. Podia sentir os bicos dos seios eretos e sabia que dava para ver sobre a blusa. O tecido era fino e, quando estava em casa não gostava de usar sutiã.

— Por favor, saia da frente.

— Você da última vez me deu dois tapas – comentou aproximando os corpos, podia sentir o calor que era o peitoral dele. — E agora adentrou minha casa e desligou o som, sem autorização.

Mordendo os lábios Sayuri encarou os olhos castanhos dele.

— E-Eu pedi com educação e você não o fez.

— Eu acho que você me deve desculpas – esclareceu a puxando pela cintura, sentindo os seios dela contra ele. — Você não acha?

— M-Me solta – pediu olhando os lábios dele. — E-Eu não...

O beijo a calou.

Sentia as mãos dele a puxarem mais para si como se dependesse disso para viver. Envolvida no beijo, Sayuri percebeu quando ele a encostou na parede enquanto reivindicava com força os lábios e a língua dela. Benjamin a beijou novamente, pois, precisava sentir aqueles lábios nos seus. Precisava ter aqueles lábios uma última vez para que assim o desejo que ele estava sentindo por ela se esvaísse, mas estava errado.

Quanto mais a beijava, mais sentia vontade de se enfiar todo nela. Um gemido que ela soltou o

PERIGOSAS ACHERON

deixou insano e mordendo o lábio inferior feminino, sentiu quando as unhas dela lhe arranharam os ombros.

Abraçando com mais afinco desejou que ela estivesse sem a blusa, queria sentir os bicos dos seios se esfregarem em seu peitoral, a maciez dos seios sob seu toque. Ele sabia que eles eram macios.

Descendo os beijos para o pescoço branco, Benjamin mordeu e lambeu aquela área. O cheiro que desprendia dela estava o enlouquecendo, queria pega-la nos braços agora mesmo e a deitar no sofá ou a colocar de quatro enquanto a fazia gemer até o amanhecer. O pau dentro da calça de moletom estava totalmente ereto, com apenas o beijo.

Um gemido seguido de um suspiro o fez voltar ao presente. E antes que pudesse a beijar de novo sentiu as mãos delicadas o afastar e, a face arder pelo tapa.

— C-Como ousa?

Com os dedos nos lábios Sayuri fitava os lábios vermelhos dele.

— Vai ter coragem de dizer agora que já teve beijos melhores que esse? – quis saber com um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso de lado.

Sayuri o encarava com a respiração rápida.

— Não preciso dizer – falou notando-o sorrir.
— Já falei uma vez, não sou gravador.

Benjamin parou de sorrir a encarando de cima a baixo. Sayuri não se reconhecia quando estava à frente do homem, mas ela não conseguia evitar aquela forma ao qual ela falava. Aquele moreno a deixava em um estado de várias emoções, parecia que ele podia ler tudo o que estava passando em sua cabeça. Por isso ficava tão na defensiva.

— Mentirosa – acusou-a fazendo os olhos castanhos dela se arregalarem. — Você é tão mentirosa.

— Eu não...

— É mentirosa – a interrompeu aproximando-se dela. — Eu aposto que você está toda molhadinha. – Sorriu observando-a abrir a boca. — Seus gemidos não mentem.

— Meu Deus – bufou cruzando os braços. — Você realmente se acha demais, foi apenas um beijo qualquer não é como se eu fosse me apaixonar por você ou qualquer coisa do tipo.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrindo Benjamin saiu da frente dela, deixando a passagem livre. Empinando o nariz Sayuri passou por ele, mas antes que pudesse sair escutou a voz lhe falar.

— Pode falar o que quiser, mas sabemos o que está acontecendo.

Não lhe respondendo, Sayuri adentrou o apartamento e trancou a porta. Foi até o sofá e sentou-se enquanto alisava os lábios. Se fechasse os olhos podia sentir os lábios dele nos seus, as mãos masculinas descenderem por seu corpo. Esfregando as pernas uma na outra sentiu um incomodo vir de sua intimidade.

Pegando o notebook e a mochila foi em direção ao quarto. Tirando a roupa decidiu tomar um banho bem gelado para poder comer os afazeres, os bicos dos seios estavam doloridos e sensíveis. Levando os dedos até os bicos dos seios começou a estimulá-los e, fechando os olhos imaginou que eram as mãos do vizinho do 203B.

Mordendo os lábios sentiu o prazer se alastrando pelo corpo.

Não.

Parando o que fazia — com a respiração
PERIGOSAS ACHERON

desregular – ligou o chuveiro na temperatura fria e rapidamente se colocou em baixo da água. Ela não faria aquilo, tinha que se concentrar em suas atividades.

Benjamin acabava de sair de uma ducha fria. Secando-se com calma rumou até o quarto e, após secar o corpo deitou-se na cama colocando os braços atrás da cabeça. Lançando um olhar rápido para a parede da vizinha ele sorriu.

Não acreditava que aquela mulher estava morando ao seu lado. Fitando o teto percebeu que ele não sabia seu nome. Ainda sorrindo fechou os olhos, amanhã seria um ótimo dia.

Levantaria cedo para correr e depois iria para a academia.

Capítulo 9

As grandes mãos percorriam por seu corpo fazendo-a arfar. Apertando os seios Sayuri mordeu os lábios observando a boca do vizinho abocanhar toda a sua intimidade. Podia sentir as lágrimas de prazer escaparem de seus olhos. Em um movimento rápido ele a deixou mais exposta do que já estava.

— Segure as pernas assim – falou rouco lambendo-a, fazendo com que ela mordesse com mais força os lábios enquanto segurava as pernas afastadas para ele. — Boa garota...

Gemendo alto sentiu a língua lhe penetrar e as mãos dele lhe apertarem os bicos dos seios. A barba por fazer do vizinho a estimulava de uma forma gostosa onde ela mais precisava.

— Vai me deixar foder você gostoso? – ele questionou dando uma última lambida no clitóris sensível. — Por que estou louco para enfiar meu pau em você – murmurou enquanto falava rente aos lábios femininos.

— Sim – respondeu o puxando para um beijo. — Por favor...

Sorrindo Sayuri o fitou pegar o membro e o esfregar de forma estimulante em seu clitóris.

— Por favor... — implorou mordendo o lábio inferior dele. — Coloca logo...

— Sayuri! — a voz de Noemie a fez sentar rapidamente na cama. Passando a mão na testa sentiu o suor que tinha ali. Respirando rapidamente notou que estava no quarto sozinha. — Coloca logo o que? — quis saber com um sorriso de lado.

— O que? — repetiu nervosa.

— Eu cheguei há uns dez minutos e ouvi o seu gemido da sala — exclamou fazendo a amiga arregalar os olhos. — Me assustei porque pensei: quem será que está no quarto com ela? E encontro você aqui nessa situação — murmurou com os braços cruzados. — Suada, gemendo e necessitada. Não me diga que é pelo Caine?

Saindo da cama sentiu a intimidade sensível.

— Não, eu... — Parou de falar arregalando os olhos. — Meu Deus! Estou atrasada?

Correu para o banheiro para tomar um banho.

— Não — negou sentando-se na cama enquanto olhava Sayuri colocar a cabeça para fora

PERIGOSAS ACHERON

do banheiro. — Eu que pulei da cama do Juan e vim para casa. São 6h.

Mais calma Sayuri saiu do banheiro ainda vestida, então sentou-se ao lado da amiga e a fitou.

— Por que veio tão cedo?

— Por nada – respondeu sorrindo. — Só quis vir mais cedo. – Mordendo os lábios lembrou-se da conversa com a diretora. — Ah! Diretora Thoren pediu para que você fosse lá hoje.

— O que ela quer?

— Ela não disse – indagou pegando a mochila, mas parando antes de sair. — Com que você estava sonhando?

— Com ninguém – mentiu indo até o guarda roupa.

Desconfiada Noemie a chamou, tendo a atenção para si.

— Foi com o Caine?

— Não – proferiu pegando um vestido que ia até os joelhos. — Não foi com ninguém, eu só... – Parou pensando em uma desculpa. — Estou com cólicas.

— Rá rá – debochou cruzando os braços. — Vai, me fala! Com quem você sonhou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com ninguém, Noemie.

— Nossa! — Assustou-se com a mão no peito.

— Agora eu sou Noemie? Não me ama mais? Não me conta as coisas você só está me usando — dramatizou fazendo Sayuri rir.

— Para com isso, Mei — pediu enquanto separava as roupas de baixo. — Drama não é com você.

Sorrindo, a morena fitou as unhas.

— Se não me falar com quem sonhou, vou adivinhar. — Sorriu vendo a amiga revirar os olhos. — E o primeiro da lista é o dançarino arrogante.

Assustada Sayuri encarou a outra e, pela reação que a amiga teve Noemie sabia que era exatamente isso.

— Mentira! — exclamou com um grande sorriso. — Você estava sonhando com ele!

— Não! Sai do meu quarto — mandou observando o sorrisinho que Noemie tinha no rosto. — Para, Mei.

— Eu nunca quis conhecer tanto um dançarino assim — expôs parada à porta. — Naquele dia só deu para ver que ele era grande, negro e tatuado. Você nem disse se ele tem pegada ou não.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou me arrumar. Poderia sair do meu quarto?

— Só me fala se ele tem pegada ou não.

Crispando os lábios enquanto revirava os olhos, Sayuri concordou com a cabeça.

— Ah! Sabia.

Coçando a cabeça Sayuri esperou que a morena saísse do quarto, porém uma curiosidade caiu sobre si.

— Mei, você conheceu o vizinho? — perguntou enquanto apontava para o lado.

— Não — negou arrumando a bolsa no ombro.

— Por que?

— Não. — Riu balançando a mão. — Por nada.

Concordando com a cabeça e desconfiada, Noemie sorriu enquanto saía do quarto. Sozinha Sayuri correu para o banheiro e tomou um rápido banho, então antes das sete estava pronta. Na cozinha Noemie preparava café, sempre lançando olhares para a amiga.

— O prof. Herban perguntou sobre você — avisou notando o olhar de Sayuri em si. — Primeiro me perguntou como andava o meu tcc,
PERIGOSAS ACHERON

depois perguntou sobre você.

— E o que você disse?

— Nada demais. — Deu de ombros colocando café em uma xícara para Sayuri. — Ele sabe que você já está passada, com emprego e fazendo estágio.

Revirou os olhos logo sorrindo para a outra.

Sorrindo Sayuri bebeu um gole do café.

— Como foi ontem no seu primeiro dia, professora?

— Foi produtivo — murmurou bebendo mais um gole de café. — De primeiro momento um dos alunos não foi muito bem receptivo — comentou olhando-a —, mas será questão de tempo.

— Sim — concordou apoiando o queixo na mão. — Você terá bastante tempo para conquistar a confiança de todos.

Dando mais um gole na bebida quente mandou um beijo para Noemie.

— Tenho que ir. Quando sair da aula vou passar no campus para saber o que a diretora quer comigo — avisou rapidamente enquanto pegava uma bolsa.

Ao sair do apartamento Sayuri deu de cara

PERIGOSAS ACHERON

com o vizinho que logo lhe sorriu. Esse usava calça de moletom e uma camisa sem mangas, nas mãos segurava um celular conectado no fone de ouvido.

— Bom dia, *Chuchu* — saudou sendo ignorado pela jovem. — Não é bem-educado ignorar as pessoas.

— E não é nada cortês um homem se referir à uma mulher dessa forma que você faz — anunciou fitando-o. — Não temos intimidades.

Ao dizer isso Benjamin esfregou os lábios com dois dedos de maneira sensual, fazendo-a encará-lo.

— Será? — Sorriu notando-a ficar vermelha. — Isso porque você não me disse o seu nome. Que tal me dizer como se chama?

Deu de ombros ainda sorrindo.

— Não pretendo dizer-lo — expôs de maneira séria.

— *Sayuri!* — a voz de Noemie fora ouvida ao longe, fazendo Benjamin a encarar com um sorriso de lado enquanto Sayuri fechava os olhos. Segundos depois Noemie aparecia segurando um livro. — Você esqueceu isso, sua... *Porra!* — exclamou quando fitou o homem. Confusa, o

PERIGOSAS ACHERON

encarou de cima a baixo. Lançando um olhar confuso para a amiga viu o olhar assustado da mesma. Aquele homem era familiar. Voltando a encarar Benjamin, Noemie sorriu. — Bom dia, vizinho! Prazer, me chamo Noemie — cumprimentou estendendo a mão para o homem.

— Prazer, Noemie — respondeu educado fazendo Sayuri o encarar pasma. — Me chamo Benjamin.

— Benjamin... — Testou o nome enquanto cruzava os braços. — Você me é familiar, Benjamin. Já nos vimos antes?

Nesse momento Sayuri ficou tensa.

— Mei ele já estava de saída. — Arregalou os olhos fazendo Noemie a encarar com um pequeno sorriso. — É sério.

Benjamin fitou a vizinha que se chamava Sayuri — um bonito nome que combinava perfeitamente com a beleza dela —, ela parecia nervosa com a chegada da amiga. Parecia querer esconder quem ele era, colocando as mãos no bolso sorriu abertamente.

— Não fique chateado com o que vou perguntar — Noemie começou fazendo Sayuri
PERIGOSAS ACHERON

arregalar os olhos —, mas você por acaso trabalha no CM? — questionou, a reação que a amiga teve foi suspeito.

— Sim — concordou sorrindo. — E de forma alguma ficaria chateado, é um trabalho honesto como qualquer outro — alfinetou olhando diretamente para Sayuri que o encarou com um olhar fuzilador.

Sorrindo debochada, Noemie fitou a amiga que estava ocupada demais bufando enquanto observava com um olhar assassino o homem. Então o dançarino arrogante morava ao lado das duas.

— Que destino, hein — Noemie murmurou enquanto cutucava a barriga da amiga, fazendo Benjamin a encarar curioso. — E você não...

— Tchau, Mei — a interrompeu pegando o livro e empurrando a morena para dentro de casa. — Depois falamos.

Benjamin sorria, enquanto acenava para a outra vizinha. Voltando sua atenção para Sayuri a fitou dos pés à cabeça, achando-a linda no vestido que usava. Os pés estavam calçados com sapatilhas simples, no ombro uma mochila que ele deduzia estar pesada. Quando ela o olhou, jogou os cabelos

PERIGOSAS ACHERON

para trás, passando rapidamente por ele.

Fechando a porta correu até o elevador, ele não iria de escada e perder a bela companhia da mulher.

Revirando os olhos Sayuri se concentrou na sua frente, sabendo que era analisada pelos olhos castanhos do vizinho. Respirando fundo sentiu o cheiro maravilhoso que ele tinha. Fitou o painel e o notou marcar segundo andar. Sua mente traidora trazia à tona o sonho indecente que tivera com o homem e, se fechasse os olhos poderia sentir novamente os beijos e as sensações de ter as mãos dele em si.

— Então, você trabalha? — Benjamin perguntou interessado.

Lançando um rápido olhar para o homem engoliu em seco. Benjamin era realmente bonito e dominava o ambiente inteiro naquele elevador.

— Estou terminando meu curso de Pedagogia — respondeu tentando não gaguejar. — Estou estagiando em uma escola próxima daqui.

Ao terminar de falar o olhou, notando o olhar fixo que recebia. Benjamin observava com atenção a forma como ela lhe falava. A voz era de um tom

PERIGOSAS ACHERON

suave que o deixava hipnotizado e antes que pudesse falar alguma coisa as portas do elevador se abriram e a primeira a sair rapidamente foi Sayuri. Benjamin encarava o rebolar que ela tinha e, a forma que cumprimentou Evans.

Aproximando-se viu o homem observar Sayuri enquanto ela se afastava. Evans nem piscava e, não sabia o motivo – mas não havia gostado disso.

— Evans – gritou assustando o homem. — Chegou alguma coisa?

— N-Não, senhor – falou um pouco envergonhado. — Aquela é a nova moradora.

Apontou e olhando mais uma vez para Sayuri, ele a viu sumir em uma esquina. Fitando novamente o porteiro ele concordou com a cabeça.

— A conheci ontem – comentou dando de ombros. — Parece ser uma boa pessoa.

— Sim, senhor – concordou arrumando a gravata do uniforme. — Vai correr?

— Sim. – Balançou a cabeça. — Vou indo, tenho outros assuntos para resolver daqui a pouco.

Antes que pudesse passar pela porta, um homem alto dos olhos claros e barba por fazer

PERIGOSAS ACHERON

adentrou o recinto.

— O apartamento que estava para alugar já foi alugado? — o homem questionou ao porteiro com o tom de voz sério.

Acenando para Evans, Benjamin colocou os fones e clicou em uma música do Avengend Sevenfold. Sua banda preferida. Esticando o pescoço saiu correndo, ainda teria que ir na academia.

Sayuri adentrava a escola cumprimentando algumas pessoas, mas rapidamente se pôs a ir para sua sala. E assim que passou pela porta observou os alunos conversando. Franzindo o cenho fitou o lugar onde Bradley sentava — a cadeira estava vazia. Olhando o relógio de parede viu que faltava cinco minutos para tocar, então colocou a mochila na cadeira e o livro na mesa.

Lembrou-se de Benjamin.

Em como ele a fazia ficar nervosa sem precisar de muito, do sorriso idiota que ele lhe endereçava como se soubesse de algo que ela não

PERIGOSAS ACHERON

estava escondendo. Na noite passada depois que terminou os preparativos para a aula de hoje, ela não conseguiu dormir de imediato. Não. Sua mente traidora a fez pensar nos minutos em que passou no apartamento dele. Se questionava caso não o parasse, ele iria continuar? Não, não iria. Já havia deixado claro sobre o que achava dela, mesmo sem conhecê-la. Crispando os lábios lembrou-se também de quando ele disse que só lhe daria beijos.

Idiota.

Havia o batido. Três vezes. Não deveria fazer isso, ele poderia revidar. Nunca fora de bater em ninguém, só no irmão, porque sabia que ele jamais retrucaria com violência. Afinal, eram irmãos. Mas Benjamin era um desconhecido, haviam trocado apenas beijos. Sentindo as bochechas ficarem vermelhas encarou o resto da turma e o sinal tocando a fez pular.

Suspirando fitou o lugar de Bradley.

— Bom dia, turma! — saudou sorrindo recebendo um “bom dia, Srta. Hodgens!”. — Alguém sabe o motivo do Bradley não ter vindo? — questionou, porque sabia muito bem que uma das regras da escola era se o aluno não entrasse no

PERIGOSAS ACHERON

horário certo, não entraria mais. No tempo que estudava poderia entrar na segunda chamada, mas não nessa instituição.

Fitou cada aluno, mas não obteve resposta.

— Tudo bem. — Colocou uma mecha atrás da orelha. — Hoje vamos aprender mais sobre a história do décimo sexto presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln.

Sorriu observando a loirinha na primeira cadeira lhe sorrir.

Benjamin observava os alunos praticarem alguns movimentos entre si. Seu olhar não saía de Liam que era um pouco desengonçado ao fazer os movimentos. Cruzando os braços fitou mais uma vez os outros alunos. O som ambiente era apenas de vozes e resmungos dos alunos. Olhava a tudo com um sorriso orgulhoso. Aquele era o seu lugar. Fitando rapidamente o relógio de parede viu que estava próximo da pausa para que eles comessem.

Batendo palmas chamou a atenção de todos, Benjamin sorriu.

— Hora da pausa! Em quinze minutos quero todos nesse tatame.

Observador como era fitou cada aluno sair. Alguns em duplas, outros em grupos. Porém, uma pessoa lhe chamou a atenção. Liam sentava-se no chão enquanto bebia um pouco de água e pegava algumas bolachas para comer.

Franzindo o cenho aproximou-se do jovem.

— Bolachas não vão te ajudar a te dar energia.

Liam o olhou um pouco tímido enquanto guardava as bolachas na bolsa.

— E-Eu não estou com muita fome — respondeu olhando as mãos.

Em silêncio Benjamin fitou com atenção o jovem. As roupas que ele usava eram encardidas e velhas, o cabelo loiro como sempre tinha um aspecto de oleosidade. Ele não poderia deixar o adolescente voltar a treinar sem antes ter comido algo que o dê sustância.

Sorrindo pigarreou.

— Que tal ir comigo à uma lanchonete que tem aqui na esquina? — perguntou deixando o outro surpreso. — Eles vendem um sanduíche *puta*
PERIGOSAS ACHERON

delicioso.

— N-Não quero incomodar.

— Tudo bem, eu geralmente como dois sanduíches. — Deu de ombros sorrindo. — Seus quinze minutos estão passando.

Rodou o dedo que apontava para o relógio.

— Se f-for tudo bem para o senhor.

— Não me chame de senhor — exclamou em desagrado. — Me chame de Benjamin.

Sorriu quando o menino pegou a pequena mochila se encaminhando para fora.

Já instalados em uma mesa, logo foram recepcionados por uma garçonete. Sorrindo Benjamin a fitou.

— Benjamin — a mulher murmurou ajeitando o cabelo. — Finalmente apareceu.

— Pois é, *baby* — respondeu olhando o cardápio. — Muito ocupado — falou recebendo um aceno da morena —, mas me diga o que temos de novo nesse lugar?

Lambendo os lábios, a mulher o encarou
PERIGOSAS ACHERON

enquanto sorria.

— Temos um molho especial que acompanha o hambúrguer – disse solícita relanceando para o adolescente sentando. — Quem é o seu amigo?

Benjamin esperou que o loiro se apresentasse, mas não aconteceu. Esse observava sem piscar a garçonete. Sorrindo deu um assovio chamando a atenção do outro.

— Esse é o Liam, um aluno da academia.

— É um prazer, Liam. – Sorriu inclinando-se.
— Vou trazer um sanduíche por conta da casa para você, fofinho – proferiu apertando-lhe a bochecha.

— E o meu?

— Podemos negociar – disse de forma sedutora. — O mesmo de sempre? – perguntou recebendo um aceno positivo.

— Não esqueça as bebidas.

Sorrindo a viu sair do local.

Benjamin a acompanhou até que ela sumiu de suas vistas. Já havia transado algumas vezes com Pheobe na academia, depois do expediente. E a mulher era um furacão na cama, um dos melhores sexos que ele já teve na vida foi com ela.

Pheobe não tinha pudor algum em nada, uma
PERIGOSAS ACHERON

vez até deu a ideia de um ménage – que ele apreciou muito. Voltando sua atenção para o menino o viu observar o local enquanto apertava os dedos.

— Então, Liam – falou assustando-o. — Me fale sobre você.

Fitando a janela Liam suspirou, não tinha nada de interessante em sua vida.

— Não tenho nada para falar.

Franzindo o cenho Benjamin cruzou os braços.

— Você ainda estuda? Tem quantos anos?

— Sim – respondeu o olhando. — Eu estudo à tarde, tenho dezessete anos e tenho um irmão de quinze anos.

Apoiando as mãos na mesa focou somente no loiro.

— E por que seu irmão não pratica também *Kickboxing*?

— Ele estuda em tempo integral – falou torcendo as mãos.

— E por que você só estuda à tarde? – questionou curioso observando o menino respirar fundo. — Sou curioso.

Sorriu recebendo um aceno do adolescente.

— Não tinha minha série pela parte integral.
— Deu de ombros, omitindo que ele não tinha conseguido uma vaga. — Então... — Parou de falar dando de ombros.

Pheobe se aproximando dos dois com os pedidos, fez Liam se calar e dar graças a Deus pela mulher interromper o pequeno interrogatório. Não estava gostando de tantas perguntas.

— Aqui está, rapazes – a mulher falou sorridente. — Para você, Liam. – Colocou a comida em sua frente. — Por conta da casa. – Sorriu recebendo um sorriso tímido. — E para você Benjamin o de sempre.

— Obrigada, *baby*. – Sorriu recebendo uma piscadela, quando virou-se para Liam notou que ele o encarava. — O que?

— Sua n-namorada?

— Uma amiga.

Sorriu dando uma mordida no sanduíche.

— Então, turma, vocês terão duas semanas
PERIGOSAS ACHERON

para me entregar esse resumo – avisou observando os alunos. — Ela valerá uma parte da nota de vocês.

Sorriu ouvindo o sinal do fim da tarde tocar. Suspirando fitou todos saírem da sala, menos Hailee que parecia querer lhe falar algo.

— Srta. Hodgens?

— Pois não, Hailee? – exclamou cruzando os braços enquanto sorria.

Mordendo os lábios um pouco nervosa, Hailee a encarou.

— A senhorita perguntou sobre o Bradley no início das aulas – murmurou recebendo um aceno da mais velha. — Às vezes ele falta uma semana inteira. Ele... – parou indecisa.

— Pode me dizer, Hailee. – encorajou sorrindo.

— Ele vai reprovar? – perguntou preocupada. Sorrindo para passar tranquilidade negou.

— Na minha turma ninguém reprova – afirmou recebendo um pequeno sorriso. — Todos aqui são capazes, não se preocupe que vou eu mesma me certificar de que ele não falte mais.

Concordando com a cabeça a adolescente

PERIGOSAS ACHERON

saiu da sala, deixando-a sozinha.

— Isso foi lindo de ouvir — a voz falou a assustando. — Desculpe assusta-la.

Com a mão no peito, Sayuri fitou o homem que lhe sorria.

— Prof. Herban, que surpresa.

Aproximando-se da jovem, ele a encarou.

— Eu vim conversar um assunto com a diretora. — Sorriu colocando as mãos no bolso. — Então decidi passar aqui. Fiquei uns minutos aqui fora ouvindo. — Apontou para o corredor. — Você me surpreende a cada dia mais, vejo que tem voz de professora na sala. Isso é bom, passa confiança.

Envergonhada ela sorriu colocando uma mecha atrás da orelha.

— Eu estou adorando minha turma — comentou ainda envergonhada. — Meus alunos são educados e prestativos.

Em silêncio Sayuri observou o homem a encarar. Pigarreando colocou os materiais na bolsa — não esquecendo do livro.

— Bem eu tenho que ir. Diretora Thoren disse que queria falar comigo.

— Eu acho que sei o motivo — expôs a

PERIGOSAS ACHERON

olhando. — Bem, eu me senti mal pelo seu estado no sábado, então comentei com a Diretora Thoren. Não falei nada demais, mas pedi para que ela olhasse na câmera.

Surpresa ela se abraçou lembrando-se daquele dia.

— Srta. Hodgens, poderia me dizer exatamente como se sentiu quando o viu saindo do seu quarto?

— Bem, eu — começou a falar, mas parou lançando um olhar confuso. — Como sabia que era do meu quarto?

Não deixando as emoções transparecer ele desconversou.

— Você me disse — afirmou recebendo um olhar confuso. — Creio que você estava muito assustada e não se lembra.

Respirando fundo e balançando a cabeça viu que era isso mesmo. Aquele dia foi aterrorizante, um dos piores que já teve. Pois, achava que iria morrer. Parecia estar em um filme de terror.

— Então — chamou-lhe a atenção. — Como se sentiu?

— Eu fiquei com medo — relatou. — Muito PERIGOSAS ACHERON

medo, eu achei que iria morrer. Eu... Nem gosto de lembrar para ser sincera.

Sorriu triste.

— Agora você está morando naquele apartamento.

Confusa ela o encarou, mas logo lembrou-se que Noemie conversara com ele.

— Sim. — Sorriu. — Bem, já vou indo — murmurou não querendo ser muito grossa.

— Eu tenho um outro compromisso, se não fosse isso eu lhe daria uma carona.

— Não precisa se incomodar — indagou colocando a mochila nas costas. — Eu mandei para o e-mail do senhor aquela parte onde me disse que eu precisava explorar mais o assunto — avisou recebendo um sorriso.

— Hoje eu leio e lhe digo o que achei.

— Obrigada, Prof. Herban.

Sorriu saindo da sala.

Ao passar pelo homem ouviu quando ele inspirou profundamente. Alisando o cabelo com a mão se dirigiu para a diretoria e, ao chegar no local, viu alguns alunos sentados com as expressões de tédio. Sorrindo foi até uma secretária que havia no

PERIGOSAS ACHERON

recinto, porque como professora teria que entrar em contato com os pais do aluno para saber o motivo da falta.

— Olá — saudou batucando os dedos no balcão. — Eu sou professora da nona série, você poderia me dar o contato do aluno Bradley Spielberg?

— Ele faltou ontem também? — perguntou a mulher de forma mecânica.

— Não — negou fitando-a. — Foi o primeiro dia.

— Então se ele faltar mais três dias a senhorita pode vir aqui pedir o contato dele — expôs com tédio.

Sayuri surpresa a encarou com o cenho franzido.

— Mas o certo seria entrar em contato agora — retrucou recebendo um revirar de olhos. — Pois se algo estiver acontecendo o quanto antes poderemos resolver.

Bufando a mulher saiu da cadeira e foi até uma gaveta, onde procurou a documentação do aluno. Quando finalmente achou — com a supervisão de Sayuri — a mulher pegou o telefone e

PERIGOSAS ACHERON

começou a discar o número que estava na ficha. Sorriu quando a mulher lhe entregou o telefone, e sob o olhar tedioso da outra – Sayuri crispou os lábios quando a chamada foi encerrada.

— Poderia ligar novamente? – pediu recebendo um aceno.

Relanceou o olhar para os alunos que estavam ali prestando atenção nela.

— Alô? – falou quando lhe atenderam.

— *Quem ‘tá falando?* – retrucou uma voz grossa um pouco raivosa.

— Sr. Spielberg? – perguntou receosa escutando algo se quebrar ao fundo. — Gostaria de...

— *É ele, quem fala?* – a interrompeu mal-educado.

— Eu sou Sayuri Hodgens – murmurou tentando não gaguejar. — Sou professora do Bradley...

— *O que aquele merdinha fez?* – questionou rude a interrompendo novamente.

— Ele não fez nada, Sr. Spielberg – defendeu o garoto. — Liguei para saber o motivo de sua ausência em sala de aula.

— *Ah! Isso não é da sua conta.*

— O senhor está enganado. É meu dever reportar quando o aluno falta, a menos que seja justificável sua ausência.

— *Eu não tenho tempo para isso, então vá amolar outro.*

A ligação sendo encerrada fez Sayuri fitar a mulher a sua frente.

Com a sobrancelha franzida desaprovou a atitude do homem. Grosseiro. A voz é totalmente agressiva e, por um momento isso a preocupou. Bradley também demonstrou uma atitude agressiva em sala de aula, talvez a convivência com o pai não era a das melhores.

— Obrigada – agradeceu a mulher. — Você poderia me entregar o endereço dele?

Indecisa a mulher a olhou.

— Isso não é uma boa ideia – expôs cruzando os braços. — Ele mora em um dos bairros mais violentos aqui de New York.

— Agradeço sua preocupação – proferiu com um pequeno sorriso —, mas irei precisar do endereço caso ele não apareça amanhã. Por favor, eu sei me defender.

Dando de ombros e suspirando a secretária entregou o endereço.

— Obrigada.

Dando as costas colocou o endereço guardado dentro da mochila. E saindo na rua rumou até o ponto de ônibus, logo pegando um transporte. Quinze minutos depois estava no campus, ao redor alguns alunos e professoras andavam e conversavam. Olhando o caminho do antigo dormitório sentiu uma leve saudades do local, tinha passado bons momentos ali – assim como maus.

Já na diretoria encaminhou-se até a porta, logo a batendo e escutando um “entre”. Assim que entrou fitou a diretora que a olhou com um pequeno sorriso, enquanto apontava para a cadeira à sua frente.

— Como vai, Srta. Hodgens?

— Bem, Diretora Thoren – exclamou nervosa, não sabia o motivo, mas estava nervosa.

— A senhora queria me ver?

— Sim, senhorita – respondeu levando as

PERIGOSAS ACHERON

mãos em forma de oração para a mesa. — Semana passada você me disse que alguém tentou abrir a porta do seu dormitório?

— Sim.

— Nicholson, o nosso faz tudo daqui – sorriu pelo termo usado — olhou nas câmeras e não notou nada de anormal nelas – avisou deixando Sayuri momentaneamente sem fala. — Não tinha ninguém tentando abrir sua porta.

Olhando as mãos Sayuri recordou-se daquele dia. Ela não estava imaginando aquilo, foi real, assim como o homem armado dentro do seu dormitório.

— Eu...

— E hoje o Prof. Herban me falou sobre o acontecido no sábado – continuou enquanto a olhava. — Ele me disse que a senhorita estava nervosa, não falava coisa com coisa – indagou franzindo o cenho. — Dizendo que tinha um homem armado no seu dormitório.

— Diretora Thoren, eu...

— Eu pedi para que olhassem as fitas desse dia – anunciou interrompendo-a. — Nas fitas só mostram você correndo pelos corredores, sem um

PERIGOSAS ACHERON

perseguidor.

— Diretora Thoren...

— Por favor deixe eu terminar – pediu séria recebendo um aceno. — Eu gosto muito de você, Srta. Hodgens. Você é uma menina de ouro, mas não posso fechar os olhos sobre o que está acontecendo. Você sabe que nossa Instituição é uma das melhores de New York, acha que outros alunos vão querer estudar aqui quando souberem que possivelmente tem um homem louco armado em nossa Universidade? O que sabemos que não tem, pois, as filmagens não mentem.

Sayuri sentia os olhos se encherem de lágrimas.

— Diretora Thoren eu não menti – falou mordendo os lábios. — Eu não mentiria com algo assim tão sério.

— O Prof. Herban falou que você bebeu no sábado – retrucou cruzando os braços. — Não quero dizer que você esteja mentindo, mas a mente do ser humano pode criar coisas onde não tem. Eu só lhe chamei para pedir que não saia espalhando essas coisas por aí, isso mancha a reputação da nossa Universidade. E não queremos que isso

PERIGOSAS ACHERON

aconteça, não é verdade?

— Sim — concordou enxugando os olhos. — Não vou falar.

— Obrigada, Srta. Hodgens — agradeceu sorrindo. — Pode ir.

Acenando com a cabeça, Sayuri saiu apressadamente do local. Achavam que estava mentindo. Por um momento pensou em ligar para mãe e dizer tudo aquilo, mas lembrou-se que ela não sabia o que estava acontecendo. Sentia-se sufocada, pelo menos Noemie acreditava no que ela dizia.

Sem paciência para esperar o transporte, começou a fazer a pé o caminho de casa. Tinham pessoas na rua, então estava seguro. Abraçando-se ficou atenta a tudo que acontecia ao redor. O vento frio lhe assoprou o cabelo e, isso a fez lembrar de levar um casaco consigo da próxima vez.

Faltava alguns quarteirões até chegar ao prédio e, desde que começara a se aproximar de onde morava sentia alguém lhe seguindo. Tentou

PERIGOSAS ACHERON

usar sua visão periférica para ver se via alguém suspeito – sem fazer muito alarde –, mas não conseguia ver ninguém. Respirando fundo e rezando mentalmente, escutou passadas atrás de si e virou rapidamente olhando o local.

Não tinha ninguém.

Ela não poderia estar louca.

Mordendo os lábios ficou alguns minutos olhando o caminho que passara. Se fosse corajosa – ou muito idiota – iria até o beco onde havia algumas latas de lixo, só para ter a certeza de que estava sozinha. Um carro parando ao seu lado a fez pular de susto e, assustada fitou o vizinho que lhe sorria, mas ao ver sua expressão fitou ao redor com cautela.

— Tudo bem, *Chuchu*? – perguntou alto ainda atento ao lugar. — Quer uma carona?

— Não, obrigada! Não quero incomodar – falou baixo não ligando para o apelido que o homem dissera.

Encarando-a de cima a baixo com as sobrancelhas arqueadas, Benjamin voltou a olhar ao redor.

— Moramos no mesmo prédio – anunciou
PERIGOSAS ACHERON

como se ela não soubesse. — Não vou deixar você voltar a pé, vem.

Chamou-a notando que ela observava ao redor mais uma vez, mas rapidamente adentrou o carro e logo colocou o cinto de segurança.

Sayuri sentia o coração bombear mais rápido e olhando uma última vez para trás, pelo para-brisa atrás pôde ver um homem todo de preto voltar o caminho rapidamente.

Voltando a encarar a frente sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Respirando fundo e secando as lágrimas que caíam, fitou Benjamin que lhe falava alguma coisa.

— Desculpe – pediu deixando-o confuso. — Eu não entendi o que disse.

— Falei que você não deveria andar por esses lados sozinha – comentou de modo sério. — Mesmo com pessoas na rua é perigoso uma mulher bonita como você andando só. – Parou um pouco assustado. — Você está legal?

— Sim – concordou respirando fundo, tentando parar de chorar.

Envergonhada fitou a camisa dele e viu que era uma farda, porque a logo da camisa era um

PERIGOSAS ACHERON

bonequinho em posição de luta.

— Você trabalha em uma academia de luta?
— quis saber curiosa, logo mudando de assunto.

— Sim — respondeu sorrindo de lado. —
Ensino *Kickboxing* para alguns adolescentes.

— E você trabalha no clube das mulheres também.

Concordando com a cabeça ele a encarou rapidamente.

— Algum problema com isso? — questionou com uma sobrancelha arqueada.

— Não — negou cruzando os braços dando de ombros —, mas acho que se você tivesse uma namorada não trabalharia nele.

— Quem disse a você que eu não tenho, *Chuchu*? — brincou, mas logo ficou sério quando viu a expressão do rosto dela.

Sayuri sentiu a garganta apertar e percebeu que havia o beijado sem ao menos saber se ele era comprometido ou não. Ela não queria ser a outra a estragar a relação de alguém, pois, o que aconteceu consigo não queria para mais ninguém. E dar-se conta de que sem querer havia feito isso, a fez se sentir suja.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem namorada? — perguntou olhando-o. — Você tem namorada e me beijou?

Sorrindo a encarou, não recebendo um sorriso de volta.

— Para o carro! — mandou nervosa enquanto balançava a cabeça, xingando-se por ter sido tão idiota mais uma vez. — Vamos, pare logo o carro!

Franzindo o cenho, ele manobrou o carro para o acostamento fitando-a abrir a porta e a fechar com força.

— Você está sendo boba — gritou ainda sorrindo e olhando-a atravessar a rua.

Sayuri fingiu que nada ouviu e continuou caminhando. O prédio estava próximo, olhando para o lado viu Benjamin com o braço escorado na janela do carro enquanto matinha a velocidade com a dela. Ele sorria enquanto ela bufava.

Homens.

Após chegar na portaria cumprimentou o porteiro que acenou a cabeça, logo indo para o elevador. Minutos depois Benjamin adentrava o hall do prédio, sorrindo para Evans. Subindo rapidamente as escadas chegou a tempo de ver a vizinha fechar a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrindo foi para casa tomar um banho.

Sayuri bufava enquanto colocava o mochila no chão e se jogava de cara no sofá. O dia que até tinha sido bom, terminou de um jeito que ela não esperava.

O celular tocando a fez se arrastar até o chão e, tomando coragem foi até o aparelho vendo que quem ligava era Caine. Revirando os olhos encerrou a chamada e num impulso bloqueou o número do loiro. Antes que pudesse colocar o celular na mesinha de centro ele apitou informando uma mensagem. Olhando-o notou que era Noemie dizendo que levaria comida japonesa, o que a fez sorrir.

Ainda sorrindo lembrou-se da avó, havia a visitado ano passado. Ela e Ian. Tinha conhecido alguns familiares que ainda estavam vivos, conheceu a família dos tios. A mãe de Akemi era doidinha como a tia.

Foi até o banheiro, tomou um banho relaxante e, após isso foi até o quarto, onde pegou uma calcinha, um short e uma blusa – que mostrava boa parte da barriga. Como Noemie avisou que levaria comida, não comeria nada até a amiga

PERIGOSAS ACHERON

chegar.

Na cozinha pegou um copo de água e o bebeu.

Alguém batendo à porta chamou sua atenção e rapidamente foi até ela. Ao abrir a porta fitou Benjamin a encarando com um pequeno sorriso, a vestimenta dele era somente um short de tecido fino.

Cruzando os braços enquanto tomava uma postura defensiva, Sayuri o encarou de forma séria.

— O que quer?

— Queria saber se você estava bem mesmo. — Deu de ombros colocando as mãos no quadril. — Se precisava de alguma coisa... Você estava bem... assustada eu diria. Aconteceu alguma coisa?

Surpresa pela resposta, Sayuri descruzou os braços coçando atrás da orelha.

— Eu estou bem — falou um pouco envergonhada por ter sido mais grossa. — Não precisa se preocupar não foi nada.

Concordando com a cabeça ele a encarou de cima a baixo. Solto um suspiro de satisfação quando fitou as coxas descobertas. Enquanto tomava banho ele pensou na pergunta que ela fez,
PERIGOSAS ACHERON

se ele tinha namorada. Na forma como ela ficou ofendida por ele tê-la beijado, mesmo namorando. Ele não namorava, mas não era da conta dela.

Agora ali a olhando, sentiu vontade de sentir o corpo dela junto ao seu.

— Então se era só isso...

— Eu não namoro – a interrompeu deixando-a surpresa e ficando surpreso por estar se justificando. — Não beijaria você se tivesse namorando, sei que em um relacionamento a base do respeito é tudo.

Mais surpresa ainda com a fala dele tentou evitar o sorriso que tinha nos lábios, mas não conseguiu. E quando ele notou sua satisfação cruzou os braços e de forma presunçosa proferiu: — Ficou feliz em saber que sou solteiro, *Chuchu*?

— O que? – perguntou rapidamente. — Não! – gaguejou nervosa. — Eu não estou feliz por causa disso, você é muito convencido. O mundo não gira em torno de você, Benjamin, então por favor pare com isso. Acha mesmo que eu estaria feliz por você ser solteiro? Não me faça rir. E eu já lhe disse para não me chamar assim!

Benjamin apenas a olhava em silêncio

PERIGOSAS ACHERON

enquanto debochava com um sorriso de lado.

— Você ficou que eu sei. — Sorriu escorandose no batente da porta. — Não aguentou o charme desse negro gostosão aqui e, olha que você nem testou a potência que eu sou.

Desviando o olhar para que ele não pudesse perceber que ela queria e muito testar, sorriu sem humor.

— Você realmente é muito convencido — disse olhando-o. — Eu acho que você é a pessoa mais convencida que eu já conheci na vida.

— Eu não sou convencido — negou observando o arquear da sobrancelha dela. — Talvez um pouco, mas eu conheço quando uma mulher está louquinha para ter um sexo selvagem e bem gostoso.

Arfando Sayuri mudou o peso do corpo para o outro pé, ficando incomodada com a fala do vizinho. Benjamin a encarava com os olhos de desejo. Percebeu os sinais de que ela estava ficando excitada com aquela conversa e, imagina-la toda pronta para ele o deixava duro.

Mordendo os lábios Sayuri fitou o peitoral descoberto dele, sentindo vontade de passar a mão

PERIGOSAS ACHERON

ali e antes que fizesse isso mesmo pigarreou.

— Bem, então — murmurou segurando a porta. — Até.

— Até, *Chuchu* — exclamou sorrindo fazendo-a bufar fechando a porta na cara dele.

Colocando a mão no peito Sayuri sentiu o coração bombear rapidamente. Prestes a se afastar da porta a campainha foi tocada novamente. Franzindo o cenho a abriu, e Benjamin rapidamente a puxou para si a beijando.

Surpresa tentou afastá-la, mas logo se rendeu ao beijo. Empurrando a porta, sentiu quando ele a pegou no colo e foi se sentar no sofá a colocando por cima. Naquela posição Sayuri sentia algo grande e grosso fazer pressão em sua intimidade. Uma parte de si mandava se afastar dele e, a outra mandava aproveitar.

Uma mão adentrou sua blusa tocando suas costas com as pontas dos dedos e, sem esperar a blusa que usava foi levantada até os seios estarem descobertos. Soltando-lhe os lábios e sem um aviso do que faria, Benjamin colocou um seio na boca fazendo-a arfar enquanto segurava-lhe a cabeça.

Sentia a boca dele em seu bico intumescido,
PERIGOSAS ACHERON

o mordendo e chupando. A outra mão masculina estava no outro seio o apertando, a tensão sexual estava palpável no ar.

Puxando o rosto dele para si o beijou e, levantando os braços ajudou a retirar a blusa que usava. Os lábios dele a tomavam com posse e, aquilo parecia tão certo como se um pertencessem ao outro. Abraçando-o pelo pescoço começou a se remexer no colo dele, sentindo uma mão de Benjamin em sua cintura a forçar para baixo. Aumentando mais o contato dos sexos cobertos, sentiu também os seios em contato com o maciço peitoral do moreno que estava febril.

Um gemido abafado escapou dos seus lábios que eram tomados por Benjamin. A fricção que sentia em seu clitóris estava a deixando louca, podia sentir que logo gozaria. Segurando-lhe o rosto, chupou a língua dele logo sendo imitada pelo homem. Ainda esfregando-se nele sentiu que estava muito próxima de gozar.

— Say, você não... Meu Deus! — Noemie exclamou adentrando o apartamento e deixando algumas sacolas caírem.

Assustada, imediatamente saiu de cima de
PERIGOSAS ACHERON

Benjamin enquanto pegava a blusa jogada no sofá para cobrir os seios. Não acreditava que tinha se comportado daquela forma, deixando-o tocá-la tão intimamente. Com a respiração rápida lambeu os lábios fitando a amiga.

— N-Não é n-nada disso que você está pensando – falou lançando um olhar para Benjamin que cobria a parte da frente do calção com as mãos.

Ainda pasma, Noemie encarava os dois.

— Uau – balbuciou encarando o estado da amiga. — Uau – repetiu ainda sem acreditar.

Benjamin queria rir daquela cena, mas algo dentro de si lhe dizia que se fizesse isso deixaria Sayuri mais nervosa. Limpando a garganta e se levantando do sofá – ainda cobrindo as partes com a mão – Benjamin sorriu para Noemie. Voltando sua atenção para Sayuri a viu morder os lábios, enquanto segurava a blusa em frente aos seios.

— Então, eu – proferiu apontando para o apartamento do lado, recebendo um acenar positivo da recém-chegada. — Você...

— É acho melhor você ir – comentou concordando. — Eu acho.

Voltou a olhar para a amiga que
PERIGOSAS ACHERON

envergonhada tentava manter a calma.

— Tchau. — Benjamin se despediu saindo rapidamente do lugar.

— Foi mal atrapalhar — Noemie gritou recebendo um aceno dele. Após fechar a porta encarou Sayuri. — Say, eu não acredito nisso!

— Eu sei eu não deveria ter deixado as coisas...

— O que? — a interrompeu confusa. — Não! Você fez certo! Sua safada! — Cutucou-a olhando-a encostar a cabeça no sofá. — Say, por que não me disse? Se tivesse dito eu não teria chegado e atrapalhado tudo.

— Não! Você fez bem em atrapalhar — afirmou fechando os olhos. — Meu Deus! Onde que eu estava com a cabeça ao deixar isso ir tão longe? — murmurou com a mão na testa. — Deveria ter dado um basta ontem mesmo quando ele...

— Espera! Vocês se beijaram ontem também? — perguntou com os olhos arregalados. — *Porra*, me conta as coisas direito, fico só pegando aqui e dali. Por acaso uma história você lê do meio para o fim? — quis saber fazendo Sayuri ficar confusa. — Não, né? Do início ao fim, mas o início

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu já sei então me fala o de ontem. Vocês se beijaram?

Bufando, Sayuri começou a contar fazendo Noemie prestar bastante atenção no que ela falava e no final a amiga lhe sorria.

— Ai que lindo – comentou indo até a porta pegando as sacolas. — E para de falar que não deveria ter feito isso, os dois são solteiros – parou rapidamente. — Ele é solteiro né? – quis saber recebendo uma confirmação. — Então Say! Se joga! Transa com ele, faz tudo com ele. Sem arrependimentos.

Com as sacolas na mão rumou para a cozinha. Ainda sentada vestiu a blusa, sentindo um incomodo entre as pernas. Estava molhada e dolorida. Também saindo da sala foi para o quarto tomar um banho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

O som do despertador a fez acordar na mesma hora e, diferente dos outros dias ela não estava com preguiça para levantar. Passara boa parte da noite lembrando os acontecimentos, principalmente da forma impulsiva que se entregara ao vizinho.

Ele já tinha deixado claro o que achava dela na primeira vez que se encontraram, mas ela ainda insistia em dar brechas ao homem. Ele deveria estar rindo dela agora mesmo, por ser tão idiota e fácil.

Fechando os olhos e respirando fundo decidiu que da próxima vez que o encontrasse o colocaria no lugar, ela nunca tinha sido dessa forma e não seria agora que seria.

Levantando-se da cama foi até a janela olhar a movimentação da rua. Se já não bastava Benjamin sempre a agarrando e a fazendo pensar nele, tinha o misterioso homem que a perseguia. E definitivamente ela não estava ficando louca, tinha alguém a perseguindo. E tudo isso começou depois que pegara o faxineiro dentro do seu dormitório.

PERIGOSAS ACHERON

Franzindo o cenho mordeu os lábios, talvez ela fosse a culpada. As vezes lhe lançava sorrisos, mas só estava sendo educada.

Suspirando foi para o banheiro.

Esfregando o rosto Benjamin pegou o celular na cabeceira da cama fitando o horário. Espreguiçando-se coçou a barriga enquanto saía da cama. Adentrou o banheiro e lavou o rosto, logo começando a higiene bucal. Após isso rumou para o chuveiro e, imediatamente lembrou-se da forma que ela se entregara para ele no sofá. Dos lábios juntos ao seus, da maciez que os seios dela tinham. No fim ele estava certo, ela era macia.

Fechando os olhos recordou-se de como ela gemia e se esfregava em seu colo. Colocando o rosto no jato de água decidiu parar de pensar naquilo, pois, já sentia o membro dar sinal de vida.

Talvez ele saísse com Pheobe, estava precisando se divertir.

Finalizando o banho pegou uma toalha começando a se secar e, saindo do banheiro foi até

PERIGOSAS ACHERON

o closet pegar uma cueca, blusa sem mangas e uma calça de corrida. Correria antes de ir para a academia.

O celular tocando lhe chamou a atenção.

Pegando-o rapidamente viu que era a mãe lhe ligando.

— Bom dia, mãe.

— *Filho, bom dia* – saudou com a voz alegre.

— *Filho, eu estava conversando com aquela vizinha que fala que vê o futuro.*

Sorrindo saiu do quarto indo até a cozinha pegando um copo de água.

— E o que ela viu dessa vez? – perguntou revirando os olhos.

Essa vizinha era uma metida a vidente, mas nunca acertava nada e, sua mãe dava ouvidos para a mulher. E se deixasse ficava por horas o alugando com esse assunto.

— *Você não vai acreditar!* – exclamou eufórica. — *Ela me disse que você vai conhecer o amor da sua vida.*

Wow.

Por essa ele não esperava, franzindo o cenho colocou o copo na pia enquanto ia até uma fruteira

PERIGOSAS ACHERON

pegando uma maçã.

— O amor da minha vida é a senhora – disse sorrindo.

— *Você também é o meu, filho – falou emocionada —, mas você sabe que precisa me dar netos. Arrumar uma mulher e sair daquele lugar.*

— Mãe, eu sou de todas – murmurou enquanto mordida a maçã. — Esqueceu?

Escutando um suspiro do outro lado esperou que ela lhe falasse.

— *Filho, eu sei que eu posso ser chata com isso – proferiu de forma suave —, mas eu quero muito que você seja feliz. Eu tenho medo de morrer e não conhecer a mulher que terá seu amor.*

— Para de falar isso – pediu sério parando no meio da sala. — A senhora não vai morrer.

— *A morte vem para todos um dia – respondeu deixando-o com uma sensação ruim no peito —, mas antes de ir me apresente uma namorada. Você tem trinta e três anos, Benjamin, não é mais criança – ralhou com a voz séria, parando com o drama.*

Sorrindo Benjamin pegou as chaves e abriu a porta.

— Que tal amanhã sairmos para jantar? — quis saber saindo de casa e dando de cara com Sayuri que o encarou com os olhos arregalados. — Posso te buscar às 20h? Jantamos no mesmo restaurante de sempre.

Sayuri o encarou perguntando-se quem seria a pessoa que ele falava. Passando por ele sem falar nada, foi até o elevador, respirando fundo quando o homem se postou ao seu lado.

— *Sim, filho! Estou com saudades de você! Eu te amo!*

— Eu também — indagou olhando pelo canto do olho a mulher ao seu lado. — E também estou com saudades.

Crispando os lábios Sayuri se sentiu incomodada com a fala dele. Perguntava-se de quem ele estaria com saudades, provavelmente de alguma mulher ao qual transava. Respirando fundo adentrou o elevador quando a porta abriu e cruzando os braços esperou até chegar no térreo.

— Bom dia, *Chuchu!* Como passou a noite?

Revirando os olhos Sayuri se xingou mentalmente quando notou o amargo na boca. Era tão idiota, mas percebeu que o que sentia era PERIGOSAS ACHERON

ciúmes. Que ridículo.

— Não vai me responder?

— Olha aqui eu só vou falar apenas uma última vez! – verbalizou séria fazendo-o arquear as sobrancelhas. — Não me chame de *Chuchu* e, por favor, não faça o que você fez ontem. Eu não quero que você me toque!

— Tudo foi consensual ou estou enganado? – inquiriu ele cruzando os braços também sério. — Eu não forcei você a nada, você estava por cima o tempo todo.

— Eu não sou esse tipo de mulher que fica se esfregando em um desconhecido como fiz ontem à noite.

— Se não queria, por que fez? – retrucou ele franzindo o cenho. — Não venha querer colocar a culpa em mim – expôs ele a olhando.

A porta do elevador se abrindo fez com que Sayuri saísse andando rapidamente para a rua. Evans a cumprimentou, mas não obteve resposta. Correndo Benjamin a alcançou na calçada, a puxando pelo braço.

— Você sempre faz isso, né? – debochou soltando o braço feminino. — Sempre quando está
PERIGOSAS ACHERON

nervosa ou sem uma boa resposta você foge.

— E o que você quer que eu fale?

— Por que você veio com isso tudo? Me fazendo sentir como um crápula por se aproveitar de uma *virgenzinha*.

Balançando a cabeça olhou para o céu, lambendo os lábios voltou a encará-lo.

— Você é muito idiota! – acusou fazendo-o crisar os lábios. — Eu só peço que você não faça mais isso – falou novamente tendo a atenção dele para si. — Afinal de contas eu sou bonitinha, mas não sou tudo isso – disse com chateação a mesma coisa que lhe dissera na primeira vez que se viram, fazendo ele colocar as mãos no bolso da calça. — Então sugiro que vá atrás de alguma que lhe dê o que você quer, pois comigo você não terá nada.

— Você quer tanto afirmar isso que acaba sendo verdade.

— Porque é – retrucou. — Não me envolveria com alguém como você, isso é fato.

— Alguém como eu? – quis saber travando a mandíbula.

Sayuri no mesmo instante fitou os pés.

— Olha, eu...

— Não se preocupe, Sayuri – a interrompeu.
— Não irei mais cruzar o seu caminho, tenha um bom dia.

— Benjamin...

Tentou falar, mas ele já havia lhe dado as costas. Virando-se suspirou, talvez tinha sido melhor assim. Ele havia ficado chateado com o que ela dissera, não queria magoa-lo só afastá-lo. Era realmente uma idiota.

Colocando uma mecha atrás da orelha começou a fazer o caminho que fazia todo dia.

Benjamin voltava para dentro do prédio, não iria mais correr, iria para a academia. Ignorando o porteiro correu subindo as escadas. Já dentro do apartamento, trocou de roupa logo pegando a mochila que levava sempre, o humor estava péssimo.

Alguém como ele.

Balançando a cabeça com as chaves do carro não mão, saiu de casa.

Não sabia o motivo, mas ouvir dos lábios dela que jamais se envolveria com alguém como ele o fazia pensar se era tão terrível assim. Se ela não o queria por perto então faria isso.

Com o cenho franzido desceu as escadas, acenando rapidamente para Evans recebeu o cumprimento da mesma forma. No carro ligou o som colocando a música *Empire State Of Mind* e, sem querer pensar em Sayuri se concentrou ao seu redor e nas batidas da música.

Sayuri colocava suas coisas em cima da mesa enquanto observava com atenção seus alunos. Bradley mais uma vez havia faltado. Suspirando cruzou os braços, teria que fazer alguma coisa. Relanceando para Hailee a viu fitar o lugar do colega de classe, com o cenho franzido. Parecia que a loirinha gostava do Bradley, pensar isso deixou um sorriso escapar, afinal, já teve aquela idade. E também já teve seu primeiro amor no colegial, um amor bobo e inocente. Nada comparado ao agora.

— Bom dia, turma! — saudou sorrindo ao escutar “Bom dia, Srta. Hodgens”. — Hoje quero que se dividam em duplas, caso alguém fique sem par pode se juntar com outra dupla. Faremos um trabalho que valerá uma nota consideravelmente

PERIGOSAS ACHERON

importante para vocês.

Após falar se calou observando todos se juntarem. Seus olhos fitaram a cadeira de Bradley. Hoje iria resolver esse assunto.

Benjamin adentrava a academia com uma expressão nada boa. O estresse maior era perceber que se sentia afetado por saber que Sayuri não o queria por perto. Como se ela fosse alguém realmente importante em sua vida.

Bufando, dirigiu-se até o amigo.

Ao chegar na sala notou a voz suave de Taylor, namorada de Dustin. Logo que bateu na porta, escutou um “entre”. Sorrindo acenou para a loira que lhe sorriu, mas logo franziu as sobrancelhas.

— Olha só! O desaparecido apareceu — debochou o loiro. — E aí?

— Algum problema, Benjamin? — Taylor perguntou com cautela.

Encarando Dustin, o moreno sentou-se ao lado da mulher.

— Não – negou recebendo um levantar de sobrancelha. — Só alguns estresses, besteiras. Nada que seja importante.

Dustin o fitou curioso.

— Se não fosse importante você não estaria assim – concluiu colocando os braços sobre a mesa. — O que anda pegando?

— É a japonesa? – Taylor questionou recebendo um olhar assustado de Benjamin que encarou o loiro.

Rindo sem humor, Dustin coçou o queixo.

— Saiu sem querer – defendeu-se sorrindo —, mas fala aí o que aconteceu?

Cruzando os braços e inclinando a cabeça para o lado ele proferiu:

— A japonesa se chama Sayuri e ela é minha vizinha.

— O que? – Dustin questionou surpreso. — E como...?

— Não quero mais falar sobre isso – o interrompeu de forma séria não dando brechas ao homem. — Eu vim aqui para saber o que você achou sobre abrir inscrições gratuitas para o *Kickboxing*? Não sumi, mandei mensagem para PERIGOSAS ACHERON

você – retrucou recebendo um sorriso do outro.

— Achei legal – comentou —, mas acho mais propício na próxima temporada.

Concordando com a cabeça sorriu.

— Sim. Agora vou para a minha aula – anunciou observando o casal. — Por favor, não façam nada de indecente aqui.

Taylor ficou envergonhada desviando o olhar. Antes de sair, Benjamin fitou o amigo lhe endereçar o dedo do meio. Rindo começou a fazer o caminho até a parte em que dava aula e a primeira coisa que notou foi a ausência de Liam.

— Liam não veio? – quis saber olhando cada aluno, recebendo apenas dar de ombros. — Certo, eu quero duplas. Vamos fazer uma dinâmica diferente nessa aula.

Sorriu fitando a euforia de alguns.

Sayuri observava pela janela os alunos andando pelo pátio. Estava em seu horário de almoço, mas não sentia fome. Na verdade, estava se sentindo mal por ter chateado Benjamin, ele a

PERIGOSAS ACHERON

deixava nervosa. Muito nervosa. Não o odiava, mas ficava confusa com as reações do homem. Na primeira vez falou que ela não era *aquilo tudo* e isso feriu seu ego, mas quando ele a beijava mostrava que estava muito afim de tê-la. Crispando os lábios reconheceu que se eles tivessem transado no sofá ela não se oporia. E suspeitava de que até pediria por mais. Realmente estava estranha, nem com Caine sentiu esses sentimentos confusos.

Precisava falar com a mãe. Sim, precisava muito falar com a mãe. Noemie era uma ótima amiga, mas as vezes era péssima em conselhos. E se ela estivesse pensando melhor saberia o que fazer, mas até nisso Benjamin conseguia tomar conta dos seus pensamentos.

Dois professores adentrando a sala de descanso lhe chamou atenção.

— Srta. Hodgens, *né?* — um deles perguntou.

— Sim. E o senhor é o Prof. Berock — comentou recebendo um imenso sorriso do loiro.

— O que é isso... — Sorriu cruzando os braços a olhando dos pés à cabeça. — Não sou velho, então não precisa me chamar de senhor — deixou claro ainda a olhando. — Somos amigos de PERIGOSAS ACHERON

trabalho – falou aproximando-se —, mas me parece que você é bem nova. Quantos anos tem, senhorita?

Um pouco incomodada cruzou os braços.

— Tenho vinte e três.

— Vinte e três – repetiu olhando o outro homem. — Idade maravilhosa não? E como anda sua turma?

— Bem – respondeu dando um passo para trás. — São ótimos alunos.

Sorrindo pegou a bolsa que descansava na mesa.

— Já vai? – o outro professor que estava sentado a questionou.

— Sim – afirmou. — Lembrei que preciso dar uma passada na biblioteca, então... – Parou de falar acenando com a cabeça, recebendo sorrisos dos dois. — Até.

Ao sair da sala escutou os risos dos dois homens.

Revirando os olhos pensou em comprar uma fatia de torta que viu em uma cafeteria perto da escola. Pegou o celular e viu que faltavam apenas quinze minutos para tocar, guardando o aparelho decidiu ir rapidamente no lugar.

Andando em direção a saída pensou que nesse fim de semana iria visitar os pais e, aproveitaria para conversar com a mãe sobre Benjamin. Na rua sorriu para alguns alunos que lhe cumprimentaram, atravessando a rua caminhou até a entrada da cafeteria. Dentro do lugar pôde ver algumas mesinhas e poucas pessoas ali, aproximando-se de uma atendente pediu um pedaço de torta de chocolate.

Após pagar e pegar o pedaço de torta sentou-se em uma cadeira próxima à janela.

Comia enquanto observava o movimento da rua.

Fitando a torta em mãos rapidamente relanceou a vista para a entrada do colégio ficando um pouco pálida quando viu o faxineiro saindo da instituição.

Sentindo a respiração ficar descompassada limpou os lábios com um guardanapo, logo saindo da cafeteria. E do lado de fora olhou ao redor, não tendo mais sinal do homem. Respirando fundo segurou a mochila fortemente, aquilo não poderia ser verdade.

O sinal tocando a fez andar rapidamente para
PERIGOSAS ACHERON

dentro da instituição.

Benjamin encarava Pheobe atender algumas mesase e quando fitou a hora no celular, viu que eram 5:20pm. Voltando sua atenção para a morena a viu lhe lançar um olhar travesso. Piscando para ela, sorriu quando a mulher se encaminhou até onde ele estava sentado.

— Benjamin – falou sorrindo. — Onde está seu amigo Liam?

— Ele não pode vir hoje – respondeu observando-a. — Muito trabalho?

Sorrindo ela fitou rapidamente o balcão onde tinha um homem atendendo.

— Como sempre – comentou dando de ombros —, mas e aí? O que vai querer?

— Você.

Levantando uma sobrancelha Pheobe sorriu.

— É mesmo?

— Sim – concordou sorrindo. — Hoje na minha casa depois do seu expediente. Muito sexo do jeito que você gosta.

PERIGOSAS ACHERON

Lambendo os lábios a morena engoliu em seco. Sim. Sexo que só ele sabia fazer gostoso.

— Eu saio daqui há quinze minutos – piscou enquanto lhe dava as costas.

O celular tocando o fez tirar os olhos do traseiro redondo que Pheobe tinha. Encarando o nome na tela suspirou.

— Alô?

— *Benny preciso que venha essa noite – exclamou Madame Margot de forma séria. — A casa foi alugada para uma festa surpresa e quero que você seja o dançarino principal.*

Era um dos seus dançarinos que mais lhe davam lucro e, além de ser seu preferido.

Suspirando tentou ser educado.

— Eu já fui ontem – murmurou olhando pela janela. — Hoje não posso ir.

— *Como assim você não pode? – quis saber autoritária. — Não admito isso! Você trabalha para mim e não comigo! Quero você aqui às 20h.*

Parando um momento Benjamin pensou o motivo de ainda não ter dado um basta em tudo isso. Ah sim. Ele gostava de dançar para desconhecidas, mas não gostava como a dona do

PERIGOSAS ACHERON

lugar se sentia sua dona. Sem falar nas vezes que ela o assediava.

Foi trabalhar ontem, mas não na animação de sempre. Ontem ele estava tenso, queria transar. Lembrar que teve Sayuri em seu colo toda entregue... o fazia ficar duro a forma como ela gemia. Fechando os olhos e balançando a cabeça parou de pensar na vizinha, ele não ligaria mais para nada que pudesse vir dela.

— Como disse, hoje eu não posso! Tenho um outro compromisso.

— *Se você não vir hoje* – ameaçou alterando a voz. — *Não precisa mais vir!*

— Ótimo.

Encerrando a ligação suspirou bebendo um pouco do refresco que horas antes Pheobe o tinha dado.

O barulho do celular tocando chamou sua atenção. Revirando os olhos viu que era novamente Margot. Ignorando a chamada, desligou o aparelho logo o colocando dentro do bolso.

Sayuri acabava de sair do trabalho, estava cansada. Depois que viu Nicholson no local ficara apreensiva. Tinha planos de ir até a casa de Bradley, mas agora só queria sua cama. Crispando os lábios lembrou-se que a data para a entrega do tcc era no início de novembro ainda tinha um mês para finaliza-lo.

Terminaria o estágio no final de outubro e, depois teria as provas para finalizar essa parte, a entrega do tcc e por último a apresentação que a tornaria uma professora formada. Só de pensar para quem apresentaria ficava nervosa, mas como futura professora teria que saber dosar o nervosismo para que ele não atrapalhasse em seu dia-a-dia.

Pegando o transporte, não iria a pé novamente, suspirou rezando para que chegasse logo em casa. O celular vibrando lhe chamou a atenção e, sorrindo leu a mensagem que o irmão mandara.

“Estou com saudades *One-chan*”

Ainda sorrindo respondeu que também estava, aproveitando para perguntar se iria essa

PERIGOSAS ACHERON

semana. Quando recebeu uma resposta positiva, guardou o celular observando o céu escuro com algumas estrelas.

Na portaria Evans estava com uma revista e assim que a viu sorriu a cumprimentando. Acenando com um pequeno sorriso se encaminhou para o elevador, estava nervosa. Tinha pensado no que faria quando encontrasse novamente Benjamin, ela não queria o chatear. Só queria parar esse sentimento que estava dentro de si toda vez que o via ou estava perto do mesmo.

Ao passar pela porta do vizinho, pôde ouvir o riso de Benjamin. Então ele estava em casa. Abriu a própria porta do apartamento, acendeu a luz e foi diretamente para o banheiro tomar um banho relaxante.

Debaixo do chuveiro pensava no homem que morava ao seu lado.

Crispando os lábios lembrou-se das coisas que falara e nas repostas de Benjamin. Inclinando a cabeça para trás, deixou que a água lhe lavasse o

PERIGOSAS ACHERON

rosto como se isso lhe trouxesse alguma solução. Quando finalizou o banho ainda ficou alguns minutos encarando o ralo do banheiro, deveria se desculpar com Benjamin.

Sim, pois ele não fez nada do que ela não quisesse e permitisse. Ele só tinha deixado claro que ela não valia a pena, não que isso lhe importasse, mas a fazia pensar se tinha sido esse o motivo para Caine lhe trair. Sentindo os olhos arderem suspirou pegando uma toalha para enxugar o corpo.

Indo até o quarto pegou uma calcinha, um short confortável e uma blusa de tecido fino. Enxugando os cabelos foi até uma penteadeira. Pegou uma escova de cabelo logo passando-a no cabelo grande e castanho. Olhando-se no espelho suspirou.

— Você sabe muito bem o que deve fazer agora.

Suspirando e fechando os olhos contou até dez para criar coragem, abrindo os olhos fitou a

PERIGOSAS ACHERON

porta do vizinho logo observando o dedo próximo à campainha. Tinha decidido se desculpar, não podia seguir brigada com uma pessoa que morava ao seu lado.

Não iria dar certo dessa forma uma boa convivência.

Respirando fundo tocou a campainha e, minutos depois Benjamin abria a porta com uma expressão séria. Usava um calção de tecido fino, sem blusa. Envergonhada segurou os dedos em frente ao corpo, demonstrando nervosismo.

— Boa noite, vizinho – saudou ficando um pouco alegre por não ter gaguejando. — Então, eu queria me desculpar por hoje de manhã. Não queria lhe magoar com o que disse, não foi minha intenção.

— Tudo bem, Sayuri – respondeu de forma séria não perdendo o olhar tenso da mesma. — Não se preocupe com isso.

Concordando com a cabeça Sayuri o encarou, não sabia o motivo, mas a falta do *Chuchu* na frase a deixou triste. O que era contraditório, já que ela não gostava daquele apelido.

— Certo. – Sorriu nervosa observando-o. —
PERIGOSAS ACHERON

Eu pensei que poderia...

— Olha, eu não posso falar com você agora.
— Interrompeu-a cruzando os braços. — Estou com uma pessoa.

E como se querendo confirmar o que ele havia dito, uma linda mulher com os cabelos castanhos apareceu ao lado dele. A recém-chegada a olhou de cima a baixo e, com uma expressão superior segurou o braço do moreno.

Sentindo a garganta se fechar e a respiração ficar um pouco acelerada, Sayuri confirmou com a cabeça lançando um olhar indecifrável aos olhos de Benjamin.

— C-Claro... — Colocou uma mecha e cabelo atrás da orelha. — Desc-culpa, não queria incomodar.

Sem esperar uma resposta andou rapidamente para dentro do apartamento, sentindo os olhos do moreno em si. Após fechar a porta se encostou na madeira, sentindo um vazio dentro de si. Um incômodo. Então ele foi mesmo procurar outra. Isso a deixou triste, mas não deveria. Era isso que ela queria afinal de contas.

Mordendo os lábios foi até o notebook que
PERIGOSAS ACHERON

estava ligado e abriu o arquivo do tcc. Uma mensagem em sua caixa de mensagens lhe chamou a atenção, era do Prof. Herban. Avisando que próxima semana teria algumas palestras e que seria legal ela comparecer em algumas delas. Olhando os horários viu que poderia assistir a algumas pela parte do final da tarde.

Noemie havia avisado que jantaria com Juan. Pensando no casal imaginou que estava sendo difícil para a amiga ficar tão longe do namorado, nem tinha pensado nisso quando propôs que se mudassem. Mas se sua amiga não quisesse viver com ela lhe diria, então não esquentaria com isso.

Caine saía do carro arrumando a jaqueta. Olhando o prédio a sua frente franziu o cenho para o lugar, mas era ali mesmo o endereço que Sayuri estava. Segurando o champanhe se dirigiu até a portaria onde um homem uniformizado estava escorado na bancada de granito.

Tinha contratado um detetive para encontrar Sayuri. Não aceitava aquele fim do relacionamento,
PERIGOSAS ACHERON

ele não era chutado por ninguém. Ele que chutava quando não estava mais afim, e uma coisa que ele não estava afim era de abrir mão de Sayuri.

Aproximando-se do homem sorriu sendo recebido com um sorriso.

— Boa noite, parceiro — Caine saudou colocando o champanhe no balcão.

— Boa noite, senhor. Em que posso ajudá-lo?

Sorrindo mais abertamente Caine escorou os braços no balcão.

— Eu cheguei hoje de uma viagem de negócios e quero fazer uma surpresa para minha namorada — comentou recebendo um aceno do homem. — Ela é a nova moradora, Sayuri.

Franzindo o cenho Evans lançou um olhar para o andar de cima.

— Entendo, senhor — indagou com o tom profissional. — Irei avisar sua chegada, qual o seu nome?

— Não — negou apressadamente. — É surpresa, cara. — Sorriu mais recebendo um olhar incerto do outro. — Poderia quebrar esse galho e me deixar subir?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não posso, senhor – negou com os lábios crispados. — É uma das normas do edifício, só pode entrar com autorização.

— Eu entendo – falou retirando a carteira do bolso onde tirou uma nota de 100 dólares. —, mas você poderia me ajudar nessa. Minha garota não sabe que eu cheguei hoje de viagem, e a Noemie nossa amiga me falou para vir. — Sorriu empurrando a nota para o homem que olhou para o dinheiro

Observava o funcionário olhar indeciso para o dinheiro. Ele não sairia dali sem antes ter falado com Sayuri, isso era fato.

— Cara, estamos com muitas saudades um do outro – tentou novamente. — Me ajuda aí, cara.

Riu recebendo um aceno do homem.

— Tudo bem.

Sorriu permitindo a entrada, fazendo o loiro sorrir estendendo a mão em um cumprimento.

— Obrigado – agradeceu indo para o elevador, mas antes voltou sua atenção para o homem. — Qual o andar? Noemie esqueceu de falar.

— Terceiro andar, apartamento 203A.

PERIGOSAS ACHERON

Acenando para o porteiro entrou no elevador.

Sayuri terminava de digitar umas coisas quando a campainha foi tocada. Como o porteiro não havia avisado e, Noemie tinha a chave, deduziu que só poderia ser Benjamin. Confusa, mas com um sorriso arrumou o short e a blusa que usava. Passando a mão no cabelo preso o soltou, deixando as madeixas castanhas caírem livremente.

Mordendo os lábios e suspirando abriu a porta com um pequeno sorriso, mas logo o desfez quando fitou o loiro lhe sorrir segurando um champanhe.

Cruzando os braços o encarou.

— O que faz aqui, Caine? Como você subiu?
— quis saber cansada. — Eu já falei que não quero mais saber de você.

— Amor — começou sorrindo. — Eu sei que eu fui idiota ao falar aquelas coisas, eu não deveria, mas eu estava nervoso. Eu não quero perder você.

— Pensasse isso antes de jogar fora o que tínhamos! — exclamou o olhando. — Eu não quero
PERIGOSAS ACHERON

mais você na minha vida. Tenho amor próprio.

— Sayuri, você não está entendendo – falou sério a encarando. — Eu não quero perder você. Eu deixei você pensar esses dias, mas não aguento mais ficar longe do seu corpo.

Sentindo-se nervosa fitou o corredor vazio.

— Caine, não me faça chamar a polícia – ameaçou recebendo um olhar severo do loiro. — Então por favor, vá embora.

Fechando a porta arfou quando a mão pesada do ex companheiro a impediu e, empurrando-a adentrou o apartamento colocando o champanhe com força em um móvel próximo, deixando a mulher assustada.

— Eu trouxe esse champanhe para comemarmos – avisou aproximando-se dela, a puxando para o peito sentindo as mãos da mulher o afastar. — Estou com saudades.

— Caine, me solta! – proferiu mais alto sentindo beijos em seu pescoço. — Me solta!

Empurrou-o, em seguida lhe desferindo um tapa no rosto do loiro.

Caine assim que sentiu a face arder a puxou pelos braços, com uma expressão raivosa no rosto.

Benjamin recebia beijos no pescoço enquanto uma mão atrevida de Pheobe adentrava seu calção. Não conseguia parar de pensar em Sayuri, no olhar que ela lhe lançou quando o viu com Pheobe. Crispando os lábios sentia-se como se estivesse fazendo algo de errado, arfando sentiu quando o membro semiereto foi acolhido pela boca úmida da mulher.

Um barulho de algo se chocando na parede e um vidro se quebrando no chão lhe chamou a atenção. Era na casa de Sayuri. Franzindo o cenho ouviu um resmungo abafado.

Soltando um suspiro agarrou os cabelos de Pheobe.

Mais uma pancada na parede o fez encarar a parede vizinha. Parando Pheobe subiu o calção.

— Para onde vai? — quis saber frustrada enquanto cruzava os braços.

— Você ouviu esse barulho? — perguntou apontando para a parede.

Revirando os olhos bufou cruzando os

PERIGOSAS ACHERON

braços.

— Não é nada demais, pelo amor de Deus! Vamos continuar, estou molhadinha por você — indagou o abraçando pelo pescoço.

Com um pressentimento ruim se separou da mulher.

— Volto logo.

Sayuri chorava sentindo as lágrimas molharem o rosto e o corpo sendo imprensado na parede. Uma mão do loiro lhe tampava a boca.

— Eu não vou admitir ser chutado por você! — indagou olhando-a nos olhos. — Nunca! Me ouviu bem? — quis saber a repreendendo. — Nunca fui chutado por uma mulher e não será agora que isso vai acontecer!

Fitando os olhos claros do loiro, ela viu a tempestade que acontecia por dentro dele. Caine parecia nervoso, não lembrava a nada o homem carinhoso que era e por um momento lembrou-se das conversas que havia tido com a mãe sobre o relacionamento abusivo que sofrera nas mãos do PERIGOSAS ACHERON

ex-marido.

Nunca imaginara que estaria em uma situação assim, mas agora estava com medo do que poderia lhe acontecer.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

A campainha tocando fez os dois olharem para a porta. Sayuri fitava a entrada de maneira esperançosa, tentando se soltar das mãos do loiro deixou mais lágrimas escaparem. Caine a encarou raivoso movendo os lábios dizendo “cale a boca”, fazendo-a soluçar abafado.

— *Sayuri!* – Benjamin a chamou enquanto batia à porta.

Sayuri começou a se remexer tentando gritar pelo homem.

— *Sayuri!* – ela o ouviu chamar mais alto.

Caine com um impulso bateu a cabeça de Sayuri na parede, fazendo-a resmungar. Benjamin estava quase se afastando da porta – talvez a vizinha não quisesse falar com ele – quando ouviu mais uma vez um barulho de algo se chocando contra a parede e um resmungo.

— Sayuri? – chamou de novo tentando ouvir algo.

Sayuri desesperada com o que poderia lhe acontecer – caso Benjamin fosse embora – mordeu

PERIGOSAS ACHERON

a mão do loiro com toda força conseguindo se soltar, gritando em plenos pulmões.

— Socorro!

Rapidamente a porta fora aberta com um chute. Aliviada, Sayuri com os olhos em lágrimas fitou Benjamin adentrar afobado. Caine de forma rápida a afastou, deixando-a escorregar pela parede enquanto chorava e via os dois homens trocando socos em sua sala. Queria fazer alguma coisa, mas via tudo em câmera lenta e sentia suas pernas moles.

Benjamin conseguia desviar dos socos do loiro. Sentia uma grande raiva subindo por suas veias, queria não imaginar o que aconteceria com Sayuri caso ele não tivesse ido averiguar, mas não conseguia.

— Seu desgraçado! — Benjamin rugiu acertando dois socos no outro.

Um soluço o fez desviar a atenção do homem para Sayuri e Caine aproveitando essa distração o acertou com um soco fazendo-o cair.

No chão Benjamin ouviu o loiro correr para fora. Levantando-se rapidamente enquanto limpava o sangue no canto do lábio tinha a intenção de ir

PERIGOSAS ACHERON

atrás do homem, mas parou ao ouvir a voz trêmula de Sayuri.

— B-Ben...

Aproximando-se dela a fitou logo abaixando-se e acariciando a bochecha rosada. Sentia o coração bombear rapidamente, sentia também as mãos trêmulas, mas diferente de Sayuri, ele queria bater mais naquele desgraçado.

— Sayuri – murmurou e sem esperar sentiu o corpo trêmulo se chocar ao seu, enquanto o apertava em um apertado abraço. — *Shhh*, está tudo bem. Eu estou aqui.

— E-Ele q-queria... – Chorou sentindo o calor protetor dos braços do homem. — Ele...

— Não precisa falar. – Silenciou-a fazendo um carinho nos cabelos castanhos. — Estou aqui e não vou deixar ninguém te machucar.

Assim que as palavras foram ditas sentiu algo se acender dentro de si. E ali ele notou que sim, ele estaria ali com ela para o que precisasse. Perceber isso o deixou tonto. Ainda a abraçando fitou a entrada onde Pheobe o encarava com o cenho franzido.

— Benjamin, o que aconteceu? Você não
PERIGOSAS ACHERON

vem? – o chamou cruzando os braços.

Sayuri com os olhos chorosos encarou a mulher, notando que havia atrapalhado mais uma vez o encontro de Benjamin. Não queria que ele fosse, mas não poderia obriga-lo a ficar.

— D-Desculpe – falou passando a mão no nariz. — O-Obrigada, não quero lhe atrapalhar mais.

— Fala sério? – indagou ainda a abraçando. — Você não atrapalha e eu não vou te deixar sozinha.

— Benjamin! – exclamou Pheobe o encarando como se ele tivesse lhe apontado uma arma. — Você vai me deixar sozinha no seu apartamento para ficar com ela?

— Não – proferiu fazendo-a sorrir. — Você vai embora, depois conversamos.

— Você está sendo babaca, Benjamin. Se eu for embora nem precisa me procurar mais – ameaçou sentindo o sangue esquentar ao ver a forma que ele abraçava a japonesa.

— Pheobe...

— Eu vou embora e não quero você atrás de mim.

Sentenciou dando as costas aos dois. Suspirando apertou a mulher em seus braços sentindo os braços finos de Sayuri lhe enlaçar a cintura. Sayuri em meio ao choro sentia o coração se aquecer, ele queria estar com ela ao invés da tal de Pheobe.

— Precisamos ir à uma delegacia – afirmou fazendo-a se afastar o observando assustada. — Você precisa denunciar esse cara.

— D-Delegacia?

— Sim – respondeu a olhando carinhoso. — Eu vou com você, esse cara não pode ficar solto depois disso.

— Eu não quero... – negou com a cabeça fitando o peito desnudo do homem. — Eu não...

— Sayuri – proferiu segurando lhe delicadamente o rosto. — Isso não pode sair impune – continuou enxugando lhe com delicadeza os olhos chorosos. — Ele precisa ser preso.

Mordendo os lábios encarou os olhos castanhos dele.

— V-Você vai comigo?

Sorrindo ele balançou a cabeça.

— É claro – confirmou lhe acarinhando a

PERIGOSAS ACHERON

bochecha. — Vamos, vá colocar uma roupa para irmos – disse recebendo um acenar da outra.

Ainda abraçada a ele, Sayuri fitou a porta com o trinco quebrado.

— Você quebrou a porta – comentou observando-o encarar o que tinha feito. — Ela estava aberta.

Sorrindo envergonhado começou a caminhar em direção ao quarto de Sayuri.

— Me desculpe – pediu olhando-a. — Eu agi por impulso, estava em casa quando ouvi umas pancadas na parede. Vim saber o que estava acontecendo.

Sem falar nada ela lhe deu um pequeno sorriso adentrando o quarto. Aproveitando a deixa, Benjamin foi até o apartamento colocar uma calça, uma blusa e uma jaqueta. Antes de sair também pegou as chaves do carro, o celular, a carteira e calçou os pés com os coturnos.

Trancando a casa viu Sayuri sair usando um vestido e nos pés sapatilhas. Puxando-a para si deu um pequeno sorriso quando ela veio e o abraçou.

— Vamos – a chamou indo até o elevador.

No térreo, assim que as portas do elevador se

PERIGOSAS ACHERON

abriram, Benjamin fitou Evans que estava escorado no balcão e, quando o homem o viu ao lado de Sayuri franziu o cenho. Antes que o porteiro pudesse falar alguma coisa, Benjamin tomou a frente.

— Depois quero falar com você, Evans — avisou fazendo o homem concordar com a cabeça.

Ele não brigaria com o porteiro na frente dela. Sayuri estava frágil e isso ele poderia notar. Quando estivessem somente eles conversariam.

Ajudando a entrar no carro rapidamente tomou o lugar no acento do motorista. Era bem provável que o loiro já tivesse se mandado, mas mesmo assim precisavam prestar queixa contra ele. Colocando o carro em movimento relanceou o olhar para a jovem ao seu lado que abraçada a si e fitava a frente.

— Era a minha cabeça — falou fazendo-o ficar confuso.

— O que?

Suspirando levou a mão até a parte de trás da cabeça.

— Ele ficou me empurrando à parede — continuou agora olhando-o. — O som que você
PERIGOSAS ACHERON

ouviu era minha cabeça se chocando à parede.

Soltando uma respiração lenta, Benjamin crispou os lábios balançando a cabeça. Isso só fez sua raiva triplicar e, ali naquele carro notou que deveria ter batido mais no homem.

— Ele era meu ex-namorado — anunciou recebendo uma olhada do vizinho. — Eu descobri que ele me traía.

— Ele é idiota e covarde — respondeu observando a estrada.

Concordando com a cabeça fitou-o de perfil, a forma como ele segurava o volante e a expressão dura no rosto. Suspirando percebeu que não trouxera o celular. Na verdade, só vestira uma roupa e saiu a procura de Benjamin, estava nervosa e assustada.

— Poderia me emprestar seu celular? — questionou recebendo um aceno. — Eu esqueci o meu.

Enfiou a mão no bolso e retirando o celular estendeu para Sayuri.

— Obrigada — agradeceu ligando o celular e logo discando os números da amiga. Não queria que ela chegasse em casa e se assustasse com tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mei? – indagou assim que lhe atenderam.

— *Say? Que número é esse?*

Mordendo os lábios fitou a janela, observando o departamento de polícia logo à frente.

— Oi, Mei, esse número é do Benjamin.

— *O nosso vizinho? O que aconteceu?* – perguntou confusa enquanto encarava Juan à sua frente.

— Estou chegando à delegacia – avisou sem rodeios. — O Caine apareceu lá no aparta...

— *O que aquele merda fez? Eu estou indo agora mesmo para casa!*

— Não – negou rápido. — Eu liguei para te avisar, para que não se assustasse quando chegasse em casa...

— *Eu estou indo, Sayuri! Você avisou aos seus pais? O Benjamin está com você?* – quis saber nervosa enquanto saía com Juan em seu encalço.

— Sim – afirmou com um pequeno sorriso. — Benjamin está comigo e não. Não avisei meus pais, acho que não preci...

— *Eu vou ligar para os seus pais. Isso já é demais, Sayuri!* – bronqueou fazendo-a morder os lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Fechando os olhos e escorando a cabeça no encosto do banco, já imaginou o que o pai faria. Com certeza iria querer leva-la para casa ou a encher de cuidados, não achava ruim. Gostava de se sentir amada e protegida, mas Urion Dupke era protetor demais.

Parando o carro em uma vaga em frente à delegacia, Benjamin encarou a mulher ao seu lado, parecia contrariada com alguma coisa. Ainda a olhando viu quando ela se despediu da amiga e lhe devolveu o celular.

— Tudo bem? — quis saber cauteloso recebendo um aceno. — Okay, vamos?

Concordando, Sayuri abriu a porta do carro e ao sair, recebeu o vento frio no rosto. Abraçando-se notou que esquecera também do casaco. Benjamin dando a volta no carro ficou ao lado da jovem. Percebendo que ela se abraçava retirou a jaqueta colocando-a nos ombros femininos.

Enlaçando-a pela cintura começaram a caminhar para dentro do lugar. Ao redor puderam notar algumas viaturas e vários policiais conversando, na recepção andaram até o balcão não encontrando ninguém ali. Suspirando, fitou ao

PERIGOSAS ACHERON

redor.

Sayuri se abraçou mais na jaqueta sentindo o maravilhoso cheiro que desprendia dela, o de Benjamin.

Um homem loiro com uma expressão séria no rosto aproximou dos dois. Usava camisa social azul e, no cinto havia um distintivo e o coldre com a arma.

— Precisam de ajuda?

— Boa noite – Benjamin o saudou recebendo um pequeno sorriso do outro. — Queremos fazer um boletim de ocorrência.

Após dizer fitou o homem que encarou Sayuri dos pés à cabeça.

— A senhorita é a vítima?

— Sim.

— Por favor me acompanhe, senhorita.

Sayuri segurou a mão de Benjamin, recebendo o olhar do homem para si.

— Ele pode ir comigo?

O loiro a encarou, logo desviando o olhar para o homem.

— Se a senhorita se sentir à vontade com ele.

Recebendo um leve carinho no pulso,
PERIGOSAS ACHERON

começaram a caminhar atrás do homem. Sayuri começava a se arrepender de ter ido, mas sabia que tinha que fazer.

Adentrando a sala ao qual o loiro entrou, sentaram-se nas cadeiras. Na mesma sala havia uma outra mesa onde um homem estava digitando algo em um notebook. Sentando-se na cadeira à frente do casal, o loiro encarou a jovem – essa parecia estar se decidindo sobre o que faria.

Olhando-a teve uma leve impressão de que a conhecia.

— Eu sou o delegado Kilmer e aquele é o Brick, ele vai anotar tudo o que você disser – anunciou observando-os. — Pode me dizer o que aconteceu, senhorita?

Mordendo os lábios começou a relatar o acontecido. Após o relato, Kilmer digitou o nome e sobrenome do agressor, procurando sobre ele nos arquivos policiais e logo suspirou. Havia algumas coisas na ficha do homem como: preso por agressão, ameaça e tentativa de suborno.

— Você sabia que ele já foi preso por agressão, ameaça e tentativa de suborno? – perguntou deixando-a assustada.

— N-Não – negou sentindo Benjamin lhe agarrar a mão. — Ele nunca me disse.

— Pelo que consta aqui as denúncias foram retiradas – anunciou ainda olhando a ficha do loiro. — Não se preocupe, Srta. Hodgens. Vamos atrás do Sr. Nielsen e entraremos em contato com a senhorita.

Sorrindo Sayuri concordou com a cabeça, lançando um olhar para Benjamin que lhe sorriu acariciando lhe na bochecha.

Urion dirigia rapidamente.

Relanceando para o lado fitou Yumi que mantinha a mão no peito. Estavam prontos para dormirem, quando Noemie – amiga da filha – ligou avisando que Sayuri estava em uma delegacia. A única delegacia que ele pôde pensar foi uma que era próxima da residência da filha.

— Não chore, querida – pediu quando notou as lágrimas descendo sem freio. — Ela está bem, se tivesse acontecido algo mais grave Noemie diria.

— Urion, nossa menina está em uma
PERIGOSAS ACHERON

delegacia! – murmurou olhando para o homem. — Eu quero nossa filha com a gente, ela pode morar conosco. Podemos dar um jeito para ajudá-la a ir ao trabalho ou...

— Yumi – a interrompeu. — Calma, por favor.

Concordando com a cabeça respirou fundo.

Minutos depois estacionavam em frente à delegacia.

Saindo do carro apressadamente, Yumi esperou o marido ficar ao seu lado e juntos andaram para dentro do lugar. Dentro do departamento Yumi fitou os policiais fardados andando por todos os lados. Urion ao seu lado foi em direção à recepção, onde estava um jovem. Um estagiário.

— Sabe me informar se alguma jovem japonesa apareceu por aqui?

— Não, senhor – negou observando-os. — Ela está desaparecida?

— Não! Ela...

— *Pai?* – a voz de Sayuri lhe chamou a atenção.

Virando-se viu Yumi a abraçar enquanto

PERIGOSAS ACHERON

chorava.

Ao lado das duas ele notou Kilmer, com a aparência mais velha. Usava barba e tinha uma expressão séria no rosto e, ao seu lado havia um homem que observava Sayuri com atenção. Aproximando-se das duas mulheres da sua vida, as abraçou.

Alguns minutos depois fitou a filha que tinha os olhos chorosos.

— O que aconteceu, filha?

Enxugando os olhos e voltando a abraçar a mãe, Sayuri respirou fundo.

— Pai, mãe... — Parou soltando-se do agarre da mais velha. — Esse é Benjamin — apresentou dando um pequeno sorriso para o homem. — Benjamin, esses são os meus pais Urion Dupke e Yumi Dupke.

Estendendo a mão para Urion, Benjamin esperou pacientemente que o homem o encarasse com seriedade antes de aperta-lhe a mão.

— Caine foi me procurar — respondeu sentindo a mãe a puxar para um abraço, como se temendo o que poderia ouvir. — Ele não conseguiu fazer nada, Benjamin me salvou.

PERIGOSAS ACHERON

Yumi abraçou o homem, o pegando de surpresa.

— Obrigada por salvar minha filha — agradeceu sentindo o homem tenso ao seu agarre.

— Não precisa agradecer — falou sorrindo quando ela o soltou.

— E onde você estava? — Urion questionou franzindo o cenho.

Kilmer observava o casal a sua frente com admiração. Depois de tudo o que os dois sofreram, ainda estavam juntos. Isso lhe mostrava que o amor apesar dos momentos difíceis superava tudo.

— No apartamento — comentou obtendo os olhos do pai para si. — Eu estava produzindo meu tcc e, o Caine apareceu.

— E esse homem? — apontou para Benjamin que franziu o cenho suspirando.

Aproximando-se de Benjamin, Sayuri fitou o pai.

— Pai, ele é meu vizinho — respondeu fazendo o pai franzir o cenho. — Ele me salvou.

Concordando com a cabeça voltou seus olhos para Kilmer que observava a tudo em silêncio.

— Não se preocupe, Urion. Já mobilizei uma
PERIGOSAS ACHERON

viatura para a residência do Sr. Nielsen.

— Certo, o mais breve o possível. Minha vontade é de esganar aquele desgraçado, filho de uma...

— Amor – Yumi o interrompeu. — Calma, a polícia vai atrás dele.

— Sim, Sra. Dupke – afirmou colocando as mãos no quadril. — Agora se me derem licença tenho outras coisas para fazer. — Despediu-se cumprimentando com a mão Benjamin e Urion.

— Certo. Agora vamos indo, Sayuri – Urion proferiu observando a jaqueta que a filha usava. Claramente a peça de roupa era do homem ao lado da jovem e, isso o deixou incomodado. — Você vai para casa e amanhã buscaremos suas coisas.

Surpresa, Sayuri encarou Benjamin que a fitava da mesma forma. Lançando um olhar para a mais velha, Sayuri viu a mãe crisar os lábios – mas não negando o que o pai acabara de falar.

— Pai, eu não posso – retrucou olhando o mais velho cruzar os braços. — E-Eu tenho que trabalhar amanhã, eu não posso ir com vocês. Tenho meus compromissos.

— Não estou negando o direito de você

PERIGOSAS ACHERON

trabalhar – articulou Urion. — Estou dizendo que você vai morar com a gente, não quero mais você longe correndo riscos.

— Mãe! – pediu socorro a mulher que a olhava de maneira cautelosa.

— Foi por isso que no sábado à noite você apareceu naquele estado? Chorando e tão frágil?

Urion, curioso com a resposta, encarou a filha que fitou rapidamente o homem ao seu lado.

— N-Não foi uma outra coisa – negou lembrando-se do desespero que sentiu no sábado —, mas isso não vem o caso agora. Eu sei que vocês estão preocupados comigo, mas eu não posso ir. O apartamento é próximo do meu trabalho e eu...

— Sayuri! – Urion falou com o tom de voz séria, atraindo os olhares para si. — Vamos lá para fora.

Ao dizer isso deu as costas saindo da delegacia e, próximo ao carro, parou cruzando os braços. Encarando a filha vir ao lado do tal Benjamin, eles conversavam.

Parando em frente ao pai Sayuri se abraçou, ele nunca havia levantado a voz para lhe falar. Olhando a mãe a viu com o olhar preocupado

PERIGOSAS ACHERON

enquanto tentava não chorar.

— Papai — começou observando o homem suspirar. — Eu entendo mesmo que estejam preocupados, mas eu não posso deixar que isso que aconteceu atrapalhe minhas responsabilidades.

— Filha — Yumi tentou aproximando-se. — Eu sei que você tem suas responsabilidades somos orgulhosos de você — indagou alisando o rosto da jovem —, mas pense que você pode ficar uns dias com a gente.

Sayuri queria aceitar, mas não queria ficar longe de Benjamin. Era estranho, mas ela precisava ficar próximo a ele. E duvidava muito que Caine fosse aparecer novamente, ele já deveria estar longe. Mordendo os lábios lembrou-se que o loiro havia sido preso, nunca imaginaria uma coisa dessas.

— Eu prometo que vou esse fim de semana — afirmou fitando a mãe concordar com a cabeça.

Urion balançava a cabeça em negação enquanto observava as duas mulheres.

— Sr. Dupke — Benjamin o chamou obtendo a atenção para si. — O senhor pode ficar tranquilo que eu não vou deixar que nada aconteça com ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não me deixa tranquilo – retrucou sério. — Não quero você perto da minha filha, entendeu?

— Pai, ele é um cara legal e...

— Ele é seu namorado? – quis saber descruzando os braços.

— Não! – Sayuri negou nervosa e envergonhada.

Nervosa pelo pai estar fazendo tudo aquilo e envergonhada por Benjamin presenciar toda a cena.

— Tudo bem – Yumi falou notando que a filha estava muito nervosa. — Vamos para casa. Benjamin, você a leva?

— Claro, senhora.

— Yumi, o que...?

— Sua filha está certa – o interrompeu enquanto lhe acarinhava a bochecha. — Ela não pode ir, ela tem as responsabilidades dela. E como pais apoiamos suas decisões, mas você sabe, querida, que se você precisar pode vir para casa, né? – quis saber a abraçando e sentindo os braços da jovem lhe arrodar.

— Sim.

— Eu te amo tanto – anunciou sentindo os
PERIGOSAS ACHERON

olhos se encherem de lágrimas. — Você foi o meu primeiro maior presente – disse sentindo a filha fungar. — E sabe que pode me falar sobre tudo, eu estou aqui para fazer o que for preciso para que você seja feliz.

— Eu também te amo, mãe.

Benjamin observava o amor das duas. Lançando o olhar para o mais velho viu que o mesmo o encarava, não desviando do olhar que recebia notou quando Sayuri se separou da mãe e foi abraçar o pai. Nessa hora Urion desviou sua atenção do outro, para dedicar somente a filha.

— Eu te amo, pai – declarou-se sentindo-se minúscula nos braços do mais velho. — Eu te amo tanto.

— Eu também, minha princesa – respondeu cheirando os cabelos soltos da jovem. — Eu não sei se vou aguentar ficar longe de você depois disso.

Sorrindo, sentiu o carinho que recebia do homem.

— Não se preocupe – pediu. — Caine deve estar bem longe e sendo procurado, acho que ele não volta.

— Eu quero que ele volte – anunciou

PERIGOSAS ACHERON

deixando-a surpresa. — Eu quero dar os socos que eu prometi a mim mesmo que daria nele, quando o visse.

— Benjamin fez isso. — Sorriu notando um rápido repuxar nos lábios do pai. — Eu vou ficar bem.

— Tudo bem — murmurou dando-se por vencido —, mas você vai me ligar todos os dias. Caso não faça isso vou aparecer na sua porta.

Sorrindo Sayuri confirmou recebendo um beijo na testa. Separando-se da filha, Urion lançou um olhar para o homem.

— E você cuidado.

Afastando-se da filha Urion foi para o lugar do motorista. Yumi dando mais um abraço na filha e outro em Benjamin, despediu-se. Sorrindo Sayuri fitou a mais velha subir no carro e segundos depois o pai sair rapidamente do local.

Abraçando-se e fitando Benjamin viu que ele observava o carro se afastar.

— No sábado quando nos encontramos eu falei aquilo da boca para fora — disse deixando-a surpresa. — Quer dizer, você disse para eu não me achar muito. — Sorriu enfiando as mãos no bolso da

PERIGOSAS ACHERON

calça, aproximando-se da jovem. — E, eu sei que não justifica eu ter te magoado. Fui um babaca com você, mas só queria te alfinetar.

Encantada com o pedido de desculpas sorriu colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu ia te pedir de desculpas e quem sabe recomeçar – falou olhando ao redor —, mas aí você me deu um tapa.

Envergonhada Sayuri mordeu os lábios.

— Me desculpe – pediu sentindo o homem se aproximar mais de si. — Eu não tinha o direito de ter te batido, eu perdi a razão. Sinto muito.

— Tudo bem – indagou enlaçando-a com os braços. — Eu me lembro que depois do tapa teve aquele beijo que você disse já ter tido beijos melhores. Me magoou – proferiu observando-a querer sorrir.

— E-Eu acho melhor irmos – exclamou aproximando-se do carro de Benjamin, mas logo sentindo ser puxada para junto do corpo do homem. — B-Benjamin.

— Eu não queria que você pensasse que eu me aproveitei de você.

— Você não se aproveitou – negou logo
PERIGOSAS ACHERON

mordendo os lábios. — Eu queria, foi c-consensual.

— Que bom. — Sorriu de lado sem mostrar os dentes. — Bom, acho melhor irmos.

Soltando-a abriu a porta do passageiro. Sayuri franziu o cenho, afinal, esperava ele lhe beijar. Suspirando sentou-se no lugar enquanto esperava ele tomar o acento do motorista.

Horas mais tardes estacionava o carro em frente ao prédio. E já na entrada pôde ver Noemie ao lado do namorado, enquanto gesticulava e falava alguma coisa com o porteiro. Franzindo o cenho Sayuri encarou Benjamin. Abrindo a porta do carro viu quando a amiga lhe olhou e parou de falar com o homem.

Andando rapidamente para dentro sorriu quando ela correu para lhe abraçar.

— Say, como você está? Meu Deus, eu fiquei tão assustada quando cheguei em casa e vi a porta arrombada! — exclamou ainda a abraçando. — Estava aqui justamente dando uma bronca nesse cara! Você sabe que colocou em risco a vida de PERIGOSAS ACHERON

uma jovem que tem a vida toda pela frente? – voltou a questionar ao porteiro que estava pálido.

— Senhorita, peço desculpas – o homem pediu. — Eu não iria deixa-lo entrar, mas ele falou que era seu namorado e que a Noemie tinha permitido a entrada dele. Disse que eram amigos.

— E ainda por cima falou isso? Não sou amiga de gente como ele.

— Tudo bem, Mei – Sayuri tentou acalmá-la. — Ele não fez nada comigo, Benjamin me salvou – falou, mas logo voltou sua atenção ao porteiro. — Mas eu peço ao senhor que não faça mais isso, informe quem deseja subir.

— Claro, senhorita. Desculpe-me isso não se repetirá.

— Vem, vamos subir, Sayuri e...

— Mei, eu já vou indo – Juan a interrompeu recebendo um selinho da morena. — E você, Sayuri, fica bem.

Surpresa ela lhe sorriu concordando com a cabeça e, assim que o homem foi embora Sayuri fitou Noemie que lhe sorriu abertamente.

— Ele é ou não é um fofo?

Balançando a cabeça enquanto sorria, fitou
PERIGOSAS ACHERON

Benjamin que sussurrava alguma coisa para Evans, mas assim que notou que estava sendo observado parou lhe sorrindo.

Acenando para o porteiro os três subiram. Noemie agarrada a Sayuri e Benjamin do lado.

Já no andar onde moravam fitaram Sra. Mikkelsen em pé na porta com uma bolsa de lado. Sorrindo Benjamin aproximou-se da mulher.

— Sra. Mikkelsen, estava sumida.

Olhando-o de forma rápida deu de ombros.

— Estava com minha família, não que isso seja da sua conta.

Segurando o riso Sayuri fitou Benjamin que olhava a idosa com um sorriso de lado.

— Eu estava com saudades da sua graça, Sra. Mikkelsen – anunciou fazendo-a encará-lo. — Chegou em hora boa, vou fazer uma festa daquelas no meu apartamento.

— Nem ouse proliferar suas saliências hoje – exigiu com a porta aberta. — Pois estou com dor de cabeça e não quero baderna. Vou chamar a polícia.

— Olá, Sra. Mikkelsen – Noemie lhe sorriu. — Lembra-se da gente?

— Sim – lamentou observando-as. — As
PERIGOSAS ACHERON

duas meninas juntas.

Curioso e com um sorriso de lado Benjamin encarou Sayuri.

— As duas meninas juntas? — Benjamin repetiu.

Sayuri sorriu sem mostrar os dentes enquanto negava com a cabeça.

— Tenha uma boa noite, Sra. Mikkelsen. — Sayuri desejou mantendo a voz suave, fazendo com que a idosa a encarasse e acenasse com a cabeça. Após ela entrar no apartamento, Noemie fitou os dois que se encaravam. Limpando a garganta e se dirigindo ao apartamento, murmurou: — Não demore, Say. — Parando e virando-se com um pequeno sorriso, fitou Benjamin. — Obrigada por ajudar minha amiga.

Sorrindo a cuidou com o olhar até ela adentrar e fechar a porta. Voltando-se para Sayuri a viu retirar a jaqueta.

— Obrigada — agradeceu entregando-lhe a jaqueta. — Estou muito agradecida pelo o que você fez. Mesmo.

— Não precisa agradecer — falou segurando a jaqueta. — Por um momento achei que você não
PERIGOSAS ACHERON

queria falar comigo, ia desistir.

Balançando a cabeça se abraçou, lambendo os lábios.

— Me desculpe por atrapalhar sua noite de diversão – indagou lembrando-se da mulher que estava com ela. — Aquela mulher é muito linda, ela ficou bem chateada porque você a dispensou. Mas quem sabe você possa ir atrás dela depois, eu acho.

Parou de falar quando notou a feição séria dele.

Por um momento ele pensou em puxá-la e a beijar, mas estava claro que ela não queria seu beijo. Estava fazendo planos para ele ir atrás de Pheobe.

— Não se preocupe – respondeu sério. — Depois eu me acerto com Pheobe, sobre sua porta eu vou pagar pelo prejuízo.

— Não precisa – retrucou sentindo-se idiota. — Obrigada.

Em silêncio Benjamin encarou Sayuri adentrar o apartamento. Suspirando pegou as chaves no bolso e abriu a porta. Fechando os olhos Sayuri encostou a cabeça na madeira, na sala Noemie estava sentada no sofá.

— Ele não te beijou?

— E quem disse que eu queria um beijo dele?

— Sorriu indo se sentar ao lado da amiga. — Eu sou tão idiota, eu queria sim um beijo dele.

Sorrindo Noemie a abraçou.

— Eu te conheço, Say — indagou sentindo a amiga deitar no sofá, colocando a cabeça no colo da morena —, mas não se preocupa. Outras oportunidades virão.

— Eu comecei a falar da mulher que estava com ele antes de tudo acontecer, acho que ele não gostou.

— Credo. — Revirou os olhos recebendo um olhar triste da amiga. — Não fica assim.

— Meu pai queria que eu voltasse para casa — anunciou deixando Noemie surpresa —, mas eu não aceitei.

Concordando Noemie olhou a janela que mostrava o céu escuro. Próxima semana começaria o estágio e, não tinha comentado ainda com Sayuri — mas o professor que a estava orientando com o tcc havia lhe dito que deu boas referências sobre ela à um amigo dono de um jornal. O problema era que, o jornal ficava em Boston. Um emprego no

PERIGOSAS ACHERON

jornal em Boston, era mais do que ela sonhara para si. Estava satisfeita em trabalhar em um jornal local em New York, mas se conseguisse mesmo um emprego em Boston ela iria. Não perderia essa chance por nada, sabia que a amiga torceria para que tudo ocorresse bem, mas não sabia qual seria a reação de Juan.

— Mei?

— Sim? – respondeu a olhando.

— Está tudo bem? – quis saber cautelosa. — Eu estava aqui como um papagaio falando e você nem ouviu.

— Desculpe – pediu enquanto deu uma tapinha no braço da outra, fazendo-a se levantar. — O dia hoje foi daqueles, você quer comer?

— Não – negou suave. — Quero tomar banho e deitar.

— Okay – balbuciou indo para o quarto, mas antes parou olhando-a. — Sua chave está no móvel. — Apontou para o móvel próximo a porta. — E da próxima vez desliga a webcam do notebook, aquela imagem da nossa sala na tela em preto e branco estava bizarro.

— O que?

— Eu cheguei e a tela do seu notebook mostrava nossa sala, isso tudo dada as circunstâncias que entrei em casa parecia uma cena de terror maldito.

Franzindo o cenho andou até o notebook, parecia normal.

— Acho que está com vírus.

— Pode ser. — Deu de ombros. — Você sai abrindo vários links nele.

— Não faço isso. — Sorriu desligando e pegando o notebook para ir ao quarto. — Eu só acesso os links confiáveis que o Prof. Herban me manda.

— Falando nele — exclamou indo atrás da amiga. — Fui na biblioteca pegar um livro para ajudar no tcc e o dito cujo estava lá.

Parando, Sayuri lembrou-se do faxineiro, mas não diria nada. Iria esquecer, chega de preocupações por hoje.

— Ele me perguntou por você de novo. — Revirou os olhos. — Acho que ele está afim de você.

— Que isso, Mei — negou sorrindo colocando o notebook em cima da cama. — Ele é meu

PERIGOSAS ACHERON

professor, só isso.

— Mas que ele é um gato ele é — afirmou sorrindo observando-a prender o cabelo. — Vou dormir, tem certeza de que não quer comer nada?

— Tenho, obrigada — agradeceu recebendo uma piscada da amiga.

Após Noemie sair do quarto, Sayuri se espreguiçou retirando a roupa. Ficando apenas de calcinha no meio do quarto, olhou o notebook e aproximou-se deu uma última lida, salvando o que havia escrito. Logo desligando-o e o colocando na mesinha de estudo.

Depois de um banho relaxante colocou uma calcinha e apenas usando isso deitou-se na cama. Suspirando quando sentiu o tecido macio do forro da cama em contato com os seios desnudos.

Fechando os olhos obrigou-se a dormir, pois, amanhã seria um novo dia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Olhava-se no espelho enquanto alisava a blusa que usava.

Ficando de lado sorriu, adorava aquela calça. Pegou o celular e o colocou dentro da bolsa, junto com os outros materiais. Segurando o caderno com os planejamentos e os dois livros que usaria hoje, rumou para fora do quarto. Fitando rapidamente o horário no relógio de parede, viu que estava quase na hora de Benjamin sair para correr.

Mordendo os lábios suspirou.

Estava mesmo querendo o encontrar pelos corredores. Ontem à noite sentiu que fez besteira ao mencionar a mulher. Isso era o que dava por ficar muito perto do homem, ela acabava falando o que não deveria.

Na cozinha encontrou Noemie sentada enquanto bebericava uma xícara de café. Sorrindo a cumprimentou recebendo um pequeno sorriso. Colocou um pouco de café em uma caneca e sentou-se em frente à amiga.

— Tudo bem? – quis saber preocupada.

— Sim. — Sorriu bebendo mais um gole de café. — E você dormiu bem?

— Sim, como uma pedra — brincou observando a amiga sorrir, mas logo fitou o aparelho celular quando o mesmo tocou. — Esse fim de semana vou ficar com os meus pais, quer ir?

— Não, vou visitar meus pais — comentou enquanto olhava a tela do celular. — Nossa, olha isso aqui, duas meninas da universidade desapareceram.

Assustada Sayuri pegou o celular que lhe era oferecido. E no *post* do Journal de NY mostrava a foto de duas alunas do curso de pedagogia.

— Eu as conheço — falou surpresa. — Elas estão na aula do Prof. Herban. — Assustada começou a ler o anunciado. — Na noite de quarta-feira às 23h, duas alunas da Universidade de New York, desapareceram após estarem em uma festa que ocorreu no bloco onde elas residiam.

— Nossa — Noemie arfou. — E ninguém as viu, tipo, desapareceram como fumaça. Como isso é possível?

— Eu não sei — murmurou entregando o aparelho celular para a amiga. — Por favor tome
PERIGOSAS ACHERON

cuidado quando estiver lá no campus, as coisas estão ficando esquisitas por lá. E a Diretora Thoren não quer enxergar.

— Não se preocupe comigo – proferiu sorrindo e colocando o celular no bolso da calça. — Você também se cuida quando estiver na rua, o perigo está em toda parte.

— Tudo bem. – Sorriu mandando um beijo. — Tenho que ir, tenha um bom dia.

— Para você também! – gritou observando-a sair.

Ao sair do apartamento Sayuri deu de cara com Benjamin. Esse usava uma bermuda preta e uma blusa cinza, no ombro carregava a mochila de sempre e nas mãos segurava o celular e as chaves.

— Bom dia, Benjamin – saudou com um pequeno sorriso.

— Bom dia, vizinha – respondeu não perdendo o sorriso se apagar aos poucos. — Dormiu bem?

— Sim – confirmou se encaminhando para o elevador. — Você vem?

— Eu vou de escada – proferiu recebendo um
PERIGOSAS ACHERON

aceno. Suspirando encarou as costas femininas e antes que pudesse falar alguma coisa, Sayuri adentrou o elevador. — *Droga.*

Ontem ela deixou claro que deseja que fossem apenas vizinhos, então ele faria isso. Mesmo a desejando ardentemente, ele aceitaria de bom grado o pedido para que não a tocasse mais. Porém não sabia o motivo, mas estava se sentindo mal por ter a tratado com uma falsa indiferença.

Trancando rapidamente a porta correu pelas escadas, ignorando o aviso para descer com calma. No térreo ele a viu sair para a rua e, puxando uma respiração correu atrás dela.

Na calçada Sayuri fitava os pés enquanto caminhava. Benjamin havia sido frio com ela, a chamando de vizinha. Não imaginava que um apelido fazia tanta falta, ele nem parecia com o homem dias atrás que a beijava como se não houvesse amanhã.

— *Sayuri!*

Virando-se o viu correr até ela. Mordendo os lábios esperou o que ele tinha para dizer.

— Você quer uma carona? — perguntou observando-a.

Deixando um pequeno sorriso de lado escapar, ela e fitou.

— Não quero atrapalhar.

— Não vai – respondeu lambendo os lábios.

— Eu geralmente nesse horário corro.

— Eu sei – falou mas logo envergonhando-se quando o homem arqueou uma sobrancelha. — Bem, se não for mesmo atrapalhar você, eu aceito.

— Ótimo – indicou o caminho para o carro estacionado. — Eu pensei que seu pai fosse japonês.

Sorrindo Sayuri agradeceu quando a porta do carona foi aberta.

— Meu pai é americano – avisou quando ele se sentou ao seu lado. — Minha mãe é japonesa.

— Você parece sua mãe – comentou saindo com o carro. — Na verdade eu pensei que ela era sua irmã.

Sorriu olhando-a rapidamente.

— Minha mãe é linda – indagou colocando as mãos por cima dos livros que estavam no colo. — Eu não tenho irmã, tenho um irmão. Ian.

— Japonês também?

— Sim. — Sorriu sentindo-se a vontade ao

PERIGOSAS ACHERON

falar sobre a família com o homem. — Ele é um ano mais novo.

— E quantos anos você tem?

Parando, ela o fitou sorrindo.

— Eu sei que não é educado – riu balançando a cabeça —, mas eu sou curioso.

— Tenho vinte e três e você?

— Trinta e três – proferiu deixando-a um pouco surpresa. — Achou que eu tinha menos?

— Na verdade você tem a idade que eu imaginava.

Sorrindo de forma cafajeste ele a encarou.

— Quer dizer que você fica pensando em mim?

Envergonhada desviou o olhar enquanto mordida os lábios.

— Eu estou estagiando no Stewart McNaight College – mudou de assunto. — Esse é meu último ano e, em dezembro eu me formo.

Encarando-a Benjamin aceitou que ela mudasse de assunto, não a queria deixar desconfortável. Quando tinha visto já havia dito aquela frase.

— Parabéns.

— Obrigada.

Após isso, o silêncio se instalou no automóvel, olhava Benjamin pela visão periférica e ele parecia concentrado no caminho que fazia.

— O seu pai não gostou muito de mim – avisou tendo os olhos castanhos para si. — Me pergunto se ele é muito ciumento ou...

— Ou?

— Se ele tem problema por eu ser negro.

Insultada, como se ele a tivesse lhe xingado, Sayuri o encarou.

— Meu pai não é preconceituoso!

— Que bom.

— Ele não é – falou novamente fazendo Benjamin a encarar. — Ele só não aceita o fato de eu ter crescido e que posso ter um namorado.

— Então ele é ciumento – indagou recebendo um aceno positivo. — Como ele era com Caine?

Suspirando Sayuri fitou as mãos.

— Caine não queria conhecer minha família – respondeu deixando-o surpreso. — Namorávamos escondidos, só que eu descobri que ele me traía com uma aluna da administração – bufou lembrando-se do dia. — E ele ainda teve a PERIGOSAS ACHERON

coragem de vir falar comigo, como se não tivesse acontecido nada. Viu o meu pai comigo e achou que eu o estava traindo, como se eu fosse me rebaixar ao nível dele. Aquele idiota.

Parando de falar respirou fundo. Benjamin a observava e se perguntava se ela ainda amava o ex namorado, mesmo depois de tudo o que ele fez. E pensar que ela ainda o amava, o deixava nervoso. Não nervoso, mas ciumento.

Olhando-o Sayuri percebeu que havia falado tudo sem freio. Não queria relembrar aquele dia triste, pois, a fazia se sentir insuficiente.

Fitando a janela percebeu o colégio à frente e alguns alunos ao redor. Com o carro estacionado voltou a atenção para Benjamin e o viu com as mãos ainda no volante, como se só esperando que ela saísse do carro para ele ir embora. Não queria mesmo admitir, mas sentia falta dos beijos e do apelido.

— Obrigada pela carona.

— Tudo bem.

Concordando com a cabeça segurou os livros contra os seios e sem falar mais nada saiu do carro. Antes que pudesse começar a andar para a entrada,
PERIGOSAS ACHERON

Benjamin saiu do estacionamento. E ela ficou ali observando-o ir, era tão estranho. Era isso o que ela queria, mas agora estava incerta sobre o que queria.

— Era seu namorado, Srta. Hodgens? — Hailee questionou assustando Sayuri. — Desculpe. — Sorriu recebendo um pequeno sorriso. — Era seu namorado?

— Não — negou começando a caminhar ao lado da aluna. — Meu vizinho.

— Entendi — comentou observando o caminho. — Cheguei há um tempinho e não vi o Bradley.

— Não se preocupe com isso — pediu enquanto caminhavam. — Não vou dar as costas para ele — exclamou recebendo um sorriso da loirinha. — Agora vamos para a aula.

No corredor onde ficava a sala que lecionava, Sayuri viu seus alunos adentrarem a sala e se arrumarem nas cadeiras e antes que pudesse fechar a porta ouviu um grito pedindo para que não trancasse a porta. Virando-se viu Bradley com o cabelo cortado bem baixo correndo enquanto segurava a bolsa. Sorrindo deixou a porta aberta, fechando-a quando o adolescente passou por si.

— Bom dia, Bradley – saudou o encarando, notando uma mancha esverdeada perto do olho esquerdo. — Tudo bem?

— Sim – respondeu logo se encaminhando para o final da sala.

Suspirando Sayuri o fitou com cuidado. O coração parecia que estava sendo esmagado quando o viu abrir a mochila e retirar o livro e caderno e de forma cautelosa escorar o braço na banca, fazendo uma expressão de dor.

Na academia, Benjamin observava os alunos treinarem entre si. A porta do lugar abrindo lhe chamou a atenção, em sua direção Liam corria segurando uma sacola.

— Achei que não vinha mais – exclamou logo encarando o machucado que tinha no supercílio. — Brigando na rua?

— Não vai se repetir.

— Eu ensino o *Kickboxing* para que vocês possam se defender – falou ainda o olhando. — E não para arranjar briga na rua.

Suspirando, o loiro encarou as mãos, queria dizer que não estava brigando na rua. Mas sim protegendo o irmão, porém não era assunto do homem.

— Me desculpe, senhor.

— Se isso acontecer novamente você está fora – indagou deixando-o assustado, virando-se para os alunos continuou: — Vocês ouviram? Não quero saber de brigas de rua, não quero que pensem que ensino vocês para isso.

Voltando a atenção para o loiro o viu encarar a sacola.

— Vamos, seu par será com o Axel.

Confirmando com a cabeça, viu Liam se postar a frente do outro aluno.

Hoje sairia mais cedo do trabalho, iria para casa e se arrumaria para se encontrar com a mãe. E ela já havia lhe mandado mensagens o lembrando que hoje se encontrariam. Jilly era muito ansiosa, desde sempre. E também muito trabalhadora, sem a ajuda de ninguém conseguiu criar um filho. Não tinham parentes próximos, a mãe era filha única e nunca soubera sobre a família do pai – nunca havia se interessado.

Cruzando os braços lembrou-se de Sayuri. Estava sendo difícil ficar muito perto dela sem poder a beijá-la, ou tocá-la. Deixando um sorriso de lado escapar pensou na forma como ela falava, no formato dos lábios, o sorriso que ela dava quando estava descontraída. Era realmente muito linda, ousava dizer que ela tinha uma inocência no olhar.

Era toda suave.

O pai dela não havia gostado dele e, se era ciúmes que o homem sentia da filha, ele entendia. Sayuri era o tipo de mulher que quem a tivesse era um sortudo, pois, além de grande mulher Sayuri era única.

Lambendo os lábios recordou-se dos beijos, da forma que ela se entregava a ele, dos gemidos, da maciez que eram os seios dela. Era apaixonado por seios e os dela cabiam-lhe perfeitamente nas mãos e em sua boca. Parando de pensar nisso começou a circular entre os alunos. Não ficaria nada legal ter uma ereção em meio a adolescentes.

Sayuri observava com atenção os alunos

PERIGOSAS ACHERON

guardarem os materiais. O dia passou voando e sempre que podia observava o modo introspectivo que Bradley estava, aquilo a preocupava. Quando o sinal tocou os alunos começaram a sair. Fazendo sinal para Bradley o fez ficar.

Após o último aluno sair – só ficando ela e Bradley – Sayuri cruzou os braços olhando-o se aproximar.

— Tudo bem?

— Sim.

— O que aconteceu para você faltar esses dias? – quis saber olhando-o atentamente.

Podia notar a guerra interna que estava nos olhos claros do adolescente. Parecia muito indeciso no que diria e, isso a deixou alerta.

— Eu estava doente – indagou dando de ombros.

Concordando com a cabeça Sayuri encarou o machucado próximo ao olho esquerdo.

— O que foi isso?

Bufando e balançando a cabeça Bradley a encarou de forma séria.

— Eu posso ir embora? Eu já estou aqui, então não precisa fingir que se importa.

— Eu me importo com você, Bradley – retrucou apoiando as mãos na mesa. — Se estiver acontecendo alguma coisa você pode me contar, eu disse que sou uma amiga e não inimiga.

— Tanto faz. – Deu de ombros ficando nervoso. — Já disse que não me importo.

Suspirando, Sayuri o viu sair rapidamente da sala.

Eram por volta das 19h30 quando Sayuri finalmente chegou no prédio onde morava. A diretora do colégio lhe chamou para falar sobre o bom desempenho que a turma estava tendo e, começou a falar sobre assuntos que Sayuri nem se lembrava quais eram. Em sua mente só havia seu chuveiro e sua cama prontinha para que ela deitasse e dormisse para sonhar com Benjamin.

Saindo do elevador foi com surpresa que viu o dito cujo fechando a porta do apartamento. Vestia uma camisa social preta, calça jeans e coturnos. Estava cheiroso também, assim que as portas se abriram ela pôde sentir o perfume dele – nada

PERIGOSAS ACHERON

exagerado.

Segurando os livros com mais força tentou não pensar que ele estaria indo se encontrar com alguma mulher. Apesar de que ele tinha direito de fazê-lo, mas pensar nisso a machucava.

Que sentimento confuso.

— Boa noite, vizinha.

— B-Boa noite, vizinho. — Olhava para a porta que tentava abrir, não vendo o olhar surpreso do homem.

Dando as costas, a jovem se encaminhou para o elevador, mas antes pôde ouvir o resmungo que Sayuri deu. Curioso voltou sua atenção para a mulher.

— Droga.

Havia esquecido de pegar a chave nova que Noemie deu. Batendo à porta começou a chamar pela amiga.

— Ela saiu faz uns minutos — Benjamin avisou olhando-a com as mãos no bolso. — Está presa do lado de fora?

— Sim — confirmou pegando o celular discando o número de Noemie. — Eu esqueci de pegar a chave. Nem me lembrei que havia mudado

PERIGOSAS ACHERON

a fechadura.

Tirando o celular do ouvido suspirou. Noemie deveria tê-lo colocado no silencioso, mordendo os lábios pensou nas possibilidades. Deveria chamar um chaveiro, mas aí gastaria mais com essa despesa.

Olhando o horário no relógio viu que iria se atrasar caso não fosse agora, mas como ele a deixaria do lado de fora.

— Você quer esperar ela voltar no meu apartamento?

— Não – negou um pouco surpresa. — Eu não quero atrapalhar.

Sabia que ele só estava sendo gentil e com certeza traria a mulher para lá. Ele precisava de privacidade.

— Não vai atrapalhar – falou enquanto abria a porta e indicava para ela entrar. — Vamos.

— Eu realmente não quero – retrucou abraçando-se. — Acho que sua parceira não vai gostar de me ver na sua sala.

— Minha parceira? – quis saber confuso.

— A mulher que você vai sair. – Deu de ombros como se não ligasse, mas algo em seu rosto
PERIGOSAS ACHERON

a denunciou pois Benjamin sorriu levantando uma sobrancelha. — O que?

Sorrindo, ele se aproximou dela.

— Não se preocupe — respondeu se colocando em frente a ela. — Minha mãe não vai querer vir para cá, ela tem a casa dela.

Surpresa, Sayuri engoliu em seco sentindo-se tola. Envergonhada como se Benjamin soubesse o que se passava em sua mente, fitou os livros em mãos.

— Eu não consigo te entender — ele falou a pegando de surpresa. — Você fala que não quer que eu a toque, mas me dá sinais de que quer muito ser tocada. Fala que não se envolveria com alguém como eu, mas fica sentindo ciúmes com quem eu saio.

— E-Eu não estou com ciúmes.

— Está. — Sorriu aproximando-se mais dela.
— Sinto que você está.

— Você está enganado — mentiu desviando o olhar, mas logo sentindo os dedos dele em sua face. Fazendo-a encará-lo.

— Eu não estou — disse a puxando para si. — Você está morrendo de ciúmes, mas ontem mesmo
PERIGOSAS ACHERON

estava me jogando para os braços da Pheobe.

— Eu não fiz nada — negou recebendo um sorriso debochado. — Não fiz.

Alisando o rosto delicado, Benjamin viu o momento que ela fechou os olhos apreciando o carinho. Descendo os dedos para os lábios dela contornou o formato da boca feminina.

— Você está me deixando louco com esses joguinhos.

— Eu não...

— *Shhh!* — Silenciou-a com um dedo. — Dessa vez eu vou pedir e, se você deixar eu vou te beijar. Se não, eu não tento mais nada — prometeu vendo-a lambe os lábios. — Posso te beijar?

Sayuri estava embriagada com os carinhos que recebia do homem. Sua mente dizia para não deixar que o certo seria ele longe, mas seu coração lhe dizia outra coisa e, suspirando, falou a última coisa que poderia dizer.

— Sim, por favor.

Sorrindo Benjamin a puxou mais para si, fazendo com que ela deixasse os livros caírem no chão. Chupando o lábio inferior, ele inclinou um pouco a cabeça para o lado e abrindo mais a boca

PERIGOSAS ACHERON

sentiu quando a língua da Sayuri encostou na sua de forma tímida. Abraçando-a mais, encostou-a na parede, sentindo os braços delicados lhe rodear o pescoço. E soltando um gemido rouco adentrou a mão por debaixo da blusa que ela usava, sentindo a pele macia se arrepiar sob o seu toque.

O beijo que até então era calmo e suave, começou a ficar selvagem.

Segurando nos dois lados do rosto feminino, Benjamin tomou conta da situação a beijando da forma que queria sendo prontamente correspondido. Dando uma mordida no lábio inferior da jovem, desceu os beijos para o pescoço alvo escutando os gemidos que ela soltava.

Sentindo-se quente Sayuri começou a esfregar as coxas, tentando aplacar o desejo que sentia no meio das pernas. Os beijos e mordidas que recebia no pescoço a faziam gemer, estava louca de desejo. Puxando-o reivindicou os lábios para si. Gemendo sentiu quando Benjamin lhe chupou a língua. Podia sentir também os bicos dos seios entumecidos pelo prazer, sentia necessidade de ter a boca do homem ali lhe dando prazer. Com as unhas lhe arranhou o lado do pescoço masculino

PERIGOSAS ACHERON

logo descendo as mãos pelo peitoral duro de Benjamin.

E como tudo que é bom dura pouco, o celular de Benjamin começou a tocar – mas parecia que ele não estava afim de atender, pois ignorou a chamada. Com rapidez ele baixou o decote da blusa, junto com o sutiã, deixando o seio livre para que assim pudesse o colocar na boca.

Gemendo fechou os olhos quando a língua começou a estimular o bico do seio, o coração bombeava rapidamente fazendo-a arfar. Sentia o clitóris latejar de prazer. Apertando o outro seio com a mão estava quase sentindo a libertação somente com o contato dos lábios e língua em seu seio, quando o celular recomeçou a tocar. Mordendo os lábios, a contragosto separou o homem de si.

— A-Acho melhor você atender – sussurrou encostando a testa na dele, sentindo a respiração contra a sua.

Respirando fundo e suspirando, ainda agarrado com ela enfiou a mão no bolso pegando o celular. Crispando os lábios viu que as duas chamadas pertenciam a mãe, depositando um

PERIGOSAS ACHERON

último beijo nos lábios inchados de Sayuri separou-se minimamente dela.

Atendendo a ligação.

— *Benjamin, assim vamos nos atrasarmos mais!* – Jilly brigou assim que ele atendeu. — *Você já está vindo?*

Tomando uma respiração observou Sayuri ajeitar a blusa.

— S-Sim – pigarreou esfregando o rosto. — Eu estou indo.

Encerrando a ligação fitou Sayuri que mordida os lábios o encarando envergonhada. Ficaram alguns segundos apenas se encarando, ela por vergonha e por não saber como seria agora. E ele sem conseguir decifrar o que se passava na mente dela.

— Eu tenho que ir – comentou observando-a assentir com a cabeça. — Se pudesse eu cancelaria, mas é minha mãe.

— E-Eu entendo. – Sorriu colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — T-Tudo bem.

— Quero que fique no meu apartamento até sua amiga chegar – murmurou olhando-a. — Eu volto logo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza que me quer no seu apartamento?

— Sim. — Sorriu acarinhando a bochecha feminina. — Caso sua amiga chegue cedo, pode deixar a porta destrancada.

Concordando, Sayuri o encarou. Perguntava-se se iriam se beijar de novo, ou se tudo entre eles estavam indo rápido demais. Se ela estava pensando demais, se para ele foi apenas um simples beijo.

Baixando a cabeça, inclinou-se para pegar as coisas do chão e rapidamente Benjamin a ajudou. Indicando o caminho para dentro colocou os materiais da jovem no móvel próximo à porta.

Na última vez que entrara ali, Sayuri não prestou muita atenção no recinto. As cores da sala eram de um azul escuro, o sofá em formato L era da cor cinza.

— Se você quiser pode tomar um banho no meu banheiro — falou alisando os lábios. — Tem comida na geladeira.

— Obrigada — agradeceu acanhada.

Segurando-lhe a mão, Benjamin a fez encará-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você se arrependeu? — questionou de forma séria.

— Não — negou dando um pequeno sorriso.
— Só estou um pouco envergonhada, eu...

— Não precisa se envergonhar. — Sorriu aproximando os lábios em um selinho. — Volto depois.

Após a saída do homem, sentou-se no sofá com um pequeno sorriso. Com os dedos nos lábios lembrou-se da sensação que era ter os lábios carnudos dele sobre os seus. Fechando os olhos pensou no que estava fazendo, mas tudo parecia ser tão certo como dois mais dois são quatro. Benjamin a deixava completamente a mercê dos seus beijos e pensamentos. Suspirando decidiu olhar o apartamento, já que estava ali iria observar o lugar onde Benjamin vivia. No quarto pôde ver a cama bem arrumada, dentro do recinto havia uma porta que ela deduziu ser o banheiro. Abrindo a porta viu que ali tinha o box e os produtos de higiene pessoal. Saindo dali foi olhar o resto da casa e, ela notou que o esquema dos cômodos era como em seu apartamento.

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin estacionava o carro em frente ao restaurante, ao seu lado sua mãe estava em silêncio. Quando a mesma adentrou o veículo, lhe lançou um olhar sério. E o caminho até ali fora feito em um completo silêncio.

Saindo do automóvel estendeu o braço para a mulher agarrar e, em silêncio adentraram o restaurante. Sentados um de frente para o outro, Benjamin pegou o *menu* para olhar os pratos. Jilly o olhava com extrema curiosidade e, incomodado com o olhar que recebia suspirou a olhando.

— O que foi?

— Por que demorou? — quis saber colocando o *menu* em cima da mesa.

Ainda a encarando Benjamin encostou-se na cadeira.

— Estava saindo de casa.

— Estava com alguma mulher? — questionou objetiva. — E não minta para mim, a prova de que você estava com uma qualquer está no seu pescoço.

Rapidamente colocou a mão no pescoço sentindo as marcas da unha de Sayuri.

— Ela não é uma qualquer – retrucou sério.
— O que vai pedir? – mudou de assunto olhando para as opções de pratos.

— Eu conheço o tipo de mulheres que você sai, Benjamin – respondeu o vendo suspirar. — Elas não têm futuro filho, você...

— A Sayuri não é esse tipo de mulher... – Interrompeu-a sério. — Ela é especial, muito feio da sua parte julgá-la sem ao menos a conhecer.

Surpresa, Jillian o encarou, logo deixando um sorriso brotar nos lábios. O filho nunca havia lido algo assim sobre uma mulher, então a vizinha estava certa. Essa só poderia ser o amor da vida do filho.

Revirando os olhos Benjamin fitou as reações da mãe.

— E como ela é? Sayuri? – repetiu o nome um pouco confusa. — Ela não é americana? Quantos anos ela tem? O que ela faz da vida?

— Mãe...

— Ela trabalha? Estuda? Como se conheceram? – o interrompeu eufórica. — Ah meu Deus! Estou feliz, filho, ande me fale sobre ela.

— Jillian, por favor – pediu enquanto
PERIGOSAS ACHERON

bebericava um pouco de vinho branco. — Vamos jantar sem muitas perguntas.

Terminou de falar vendo a mãe ainda sorrir enquanto fazia um gesto de fechar o boca com um zíper.

Sorrindo balançou a cabeça, mas uma parte de si gostou de saber que sua mãe ficara curiosa a respeito e imaginando mais, pensou em Sayuri jantando com eles. Parando viu que estava com pensamentos demais, muito rápido.

Sayuri já havia tomado um banho, mas vestido a mesma roupa. Foi até a cozinha e pegou uma maçã. O celular tocando na sala a fez correr até ele. Pegando-o viu que era o pai.

— Oi pai.

— *Você está bem? Você não ligou. Quer me matar do coração?*

Sorrindo sentou-se no sofá.

— Pai, estou bem — falou dando uma pequena mordida na maçã. — Eu iria ligar, o senhor se adiantou.

Ouviu um suspiro do outro lado da linha e a mãe falar alguma coisa que ela não entendeu.

— *Tudo bem, sua mãe quer falar...* — A fala do homem foi interrompida e segundos depois a voz suave da mãe lhe preencheu o ouvido. — *Filha, você já comeu? Vai dormir agora?*

— Estou comendo uma maçã — respondeu esticando as pernas. — Não vou dormir agora, tenho umas coisas para finalizar e tenho que começar meu relatório sobre o estágio.

— *Certo* — concordou suspirando. — *E Noemie onde está?*

— Ela deu uma saidinha — indagou mordendo mais um pedaço da maçã —, mas daqui a pouco ela chega.

— *Filha, eu vi na tevê que duas alunas da Universidade sumiram* — proferiu com a mão no coração. — *Você soube disso?*

— Sim, mãe — afirmou cruzando as pernas. — Eu vi, elas estudavam na mesma aula que eu.

— *Filha, eu me sinto mais calma ao saber que você saiu da Universidade e está morando aí. Não gosto nem de pensar em algo assim acontecer com você, eu não sei o que faço. Tome cuidado,*
PERIGOSAS ACHERON

meu amor.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas recordou-se dos momentos aterrorizantes que passou no lugar. Talvez se ela ainda estivesse lá, seria ela quem desapareceria.

Balançando a cabeça fitou a maçã.

— Eu... Eu vou tomar, mãe, não se preocupe.

— *Está certo, nós te amamos. E estamos te esperando esse fim de semana.*

— Eu também amo vocês, até.

Encerrando a ligação colocou o celular de lado, logo pegando as atividades feitas pelos alunos. Procurando uma em especial fitou o nome do aluno Bradley Spielberg. Ao ler as respostas viu que ele acertou todas. Sorrindo prestou atenção nas palavras colocadas para justificar as respostas, era inteligente, mas na sala de aula não mostrava isso. Era na dele, quem o visse de longe pensaria que ele estaria tendo dificuldades para responder.

Mas não.

Era uma caixinha de surpresa, não sabia o motivo, mas se sentia apegada a ele.

Sorrindo pegou duas canetas, uma azul e a outra vermelha. E lendo calmamente começou a

PERIGOSAS ACHERON

corrigir as atividades. Ficou um bom tempo nisso quando ouviu uma batida na porta ao lado, andando rapidamente abriu a porta, encontrando Noemie com a testa encostada na madeira. A morena assim que a viu franziu o cenho, logo ficando ereta.

— Eu bebi muito a ponto de errar o próprio apartamento? — indagou indo até onde Sayuri estava.

— Não — negou cruzando os braços. — Eu esqueci minha chave e, eu te liguei e você não atendeu. Está tudo bem?

— Sim. — Suspirou abrindo a bolsa pegando a chave. — Benjamin está aí?

— Não, ele saiu — comentou ainda a olhando. — Está tudo bem?

Quando Noemie abriu a boca para falar o elevador abriu as portas, revelando Benjamin. Esse sorria enquanto se aproximava de Sayuri.

— Boa noite — saudou olhando Noemie que acenou com a cabeça, logo adentrando o apartamento. — O que aconteceu?

— Nada. — Sorriu olhando-o. — Eu tomei banho no seu banheiro e, comi uma maçã.

— Tudo bem — falou colocando as mãos no

PERIGOSAS ACHERON

bolso, mas logo levou uma mão até o rosto macio onde fez um carinho. — Você quer entrar? — apontou para o apartamento.

E quase aceitou, mas lembrou-se da amiga que parecia triste com alguma coisa.

— Eu vou ficar com a Noemie — expôs recebendo um aceno positivo. — Eu acho que ela precisa desabafar.

Mordendo os lábios passou por ele indo buscar as coisas e, já dentro do apartamento Benjamin a encarou parar em frente os materiais. Tentando não pensar demais, voltou-se para ele e o pegou de surpresa quando o beijou.

Sem perder tempo Benjamin a puxou para o colo, pousando uma mão na cintura feminina e a outra agarrando o traseiro. Imprensando-a na porta começou a fazer movimentos como se tivesse a penetrando — esfregando-se em Sayuri, arrancando lhe um gemido abafado. A língua esfregava na dela, onde recebia chupadas e carícias que o deixavam louco de tesão.

Soltando os lábios dos dele puxou uma respiração, sentindo-se molhada e ele lhe morder e beijar o pescoço. Estava pronta para recebê-lo,
PERIGOSAS ACHERON

conseguia sentir a umidade na calcinha, mas não poderia agora. Não. Ela precisava pensar antes de se entregar dessa forma, mesmo que achasse que não estivesse fazendo nada demais, pois, era adulta. Mas ela precisava conversar com mais alguém sobre o que estava sentindo em relação ao homem.

Empurrando-o delicadamente fitou os olhos dele escuros de desejo. Alisando-lhe o rosto recebeu um sorriso de lado. Depositando um último beijo nos lábios femininos, ele a colocou no chão a segurando. Encostando-se ao peito do homem, pôde ouvir as batidas aceleradas do coração dele e julgava que estava da mesma forma. Mordendo os lábios sentiu o perfume que exalava dele.

Sentia os braços lhe segurando a cintura e não queria sair dali, mas precisava.

Pigarreando apoiou as mãos na barriga masculina, logo afastando-se. Foi até o sofá, pegou a bolsa e os livros. Abraçou os materiais e encarou o homem.

— Eu pensei que amanhã poderíamos sair — indagou observando-a morder os lábios. — Depois do seu expediente.

— Amanhã vou para casa dos meus pais.

— Ah! Eu entendo – falou passando a mão no cabelo.

— Se você não se importar em me deixar lá depois – continuou, incerta olhando o sorriso dele. — Eu aceito.

— Claro. – Sorriu encarando-a. — Então eu te busco no trabalho.

Benjamin sentia-se como se estivesse marcando seu primeiro encontro.

— Melhor nos encontrarmos aqui – murmurou recebendo um aceno. — Eu largo às 17h30 – avisou se encaminhando para a porta.

Passando uma mão pela cintura feminina, Benjamin fitou os lábios vermelhos dela, onde depositou mais um beijo, sendo correspondido de forma acanhada.

Soltando os lábios com um último selinho, ele proferiu: — Eu estarei esperando, saímos às 19h.

Concordando com a cabeça Sayuri saiu do apartamento do homem rapidamente. Do lado de fora suspirou não conseguindo tirar o sorriso do rosto e, adentrando o apartamento trancou a porta, logo se dirigindo para o quarto. Antes que pudesse

PERIGOSAS ACHERON

adentrar o quarto ouviu um choro baixo vindo do quarto da amiga, então colocou as coisas em uma cadeira dentro do quarto e se dirigiu para onde Noemie estava.

Abrindo a porta devagar viu Noemie deitada na cama com as pernas e braços abertos. Preocupada, aproximou-se e sentou-se na cama.

— O que aconteceu?

— Eu só estou confusa com umas coisas – respondeu colocando o braço no rosto. — Parece que vou fazer uma escolha errada na minha vida, mas eu acho que é necessário. Só que tudo está tão bem e se eu fizer isso posso estragar tudo. É complicado, Say. Eu não sei o que eu faço, o que você acha que eu tenho que fazer?

— Mas o que está acontecendo?

Suspirando de olhos fechados se sentou na cama e, quando foi explicar o que acontecia assustou-se quando fitou o rosto da amiga.

— O que diabos aconteceu com você? – questionou deixando Sayuri assustada.

— C-Como assim? – quis saber levantando-se da cama e indo até o espelho. — Meu Deus! – Tocando o pescoço com as pontas dos dedos,
PERIGOSAS ACHERON

mordeu os lábios vendo que a pele estava vermelha e os lábios estavam do mesmo jeito.

Fechando os olhos soube no mesmo instante que o motivo da pele estar daquele jeito era a barba da Benjamin. Durante o beijo a barba do homem raspou várias vezes em seu rosto.

Envergonhada voltou-se para a amiga que a encarava esperando uma resposta.

— Benjamin e eu nos beijamos... e amanhã vamos sair.

Surpresa, Noemie sorriu.

— Uau! Mas o que aconteceu com você? Estava até outro dia falando que isso era errado e agora está assim. — Apontou sorrindo. — Você está certíssima! Antes que fique pensando que estou avacalhando com suas coisas — explicou de forma séria.

— Eu não sei — falou sentando-se ao lado da amiga. — Eu não sei explicar, mas quando estou sendo beijada por ele. — Parou dando um pequeno sorriso. — Parece certo.

Noemie encarava profundamente a amiga, ela entendia exatamente o que a outra estava sentindo, pois, sentia isso com Juan. E era estranho porque o

PERIGOSAS ACHERON

conheceu recentemente, mas parecia anos. E era por isso que estava sofrendo antecipadamente, pois, não queria ficar longe dele – porém não queria perder a oportunidade de emprego que o professor lhe garantiu hoje que ela seria empregada pelo Jornal de Boston.

— Agora me diga. – Voltou ao assunto inicial. — O que está acontecendo? O que é necessário que você acha que é errado?

Suspirando fitou os pés.

— É umas baboseiras do curso – mentiu enquanto sorria. — Vou tomar um banho, estou morrendo de dor de cabeça.

— Vou preparar um chá para você.

Levantou-se da cama.

— Não precisa – interpôs sorrindo. — O sono vai ajudar com isso.

— Tudo bem, então. – Deu de ombros. — Boa noite, Mei.

Sorriu saindo do quarto.

No banheiro Sayuri retirou a roupa tomando um relaxante banho, enquanto pensava qual roupa usaria amanhã. Talvez um vestido por ser mais prático, logo parou perguntando-se para o que

PERIGOSAS ACHERON

exatamente ele seria mais prático.

Soltando um riso nervoso focou no banho.

O porão estava mal iluminado, o fedor ali era suportável. Parecia que o local nunca era limpo, sem janelas não poderiam saber o que se passava do lado de fora.

Sentadas em um canto do porão as duas estudantes choravam. Amarradas e com uma fita isolante nos lábios, as impediam de gritarem por socorro. Não se lembravam como foram parar ali, pois, um momento dançavam e bebiam e no outro estavam dentro de uma van.

A porta sendo aberta anunciou a chegada do homem. Descendo devagar as escadas de madeira, ele encarou as duas sujas com as roupas da festa.

— Gostaram do lugar? Ficarão um bom tempo aqui. — Sorriu passando a mão no macacão azul que usava. — Veem minha roupa? Ela é especial — disse eufórico. — É para que o sangue de vocês não suje as que estão por baixo.

A primeira estudante começou a se debater

PERIGOSAS ACHERON

fazendo com que o homem a puxasse pelo cabelo.

— Calminha – pediu sério. — Não quero que você se machuque. Esse é o meu dever! Não se preocupem, eu vou ser um bom anfitrião.

Sorriu segurando uma mecha do cabelo vermelho sujo.

A loira encarava o homem de maneira surpresa e assustada, nunca imaginaria que ele pudesse fazer algo assim.

— Sabem o motivo de estarem aqui? – perguntou observando as duas chorarem. — Eu não sei, mas vou descobrir. *Eles* me mandaram fazer isso – falou gesticulando a mão.

Parando em frente a loira, ele a encarou com atenção. O vestido estava um pouco rasgado e mostrava uma boa parte do sutiã que ela usava. Pegando a pequena faca que sempre levava consigo, ele rasgou o resto do vestido e por ela ficar se mexendo a faca fez um corte leve no colo da loira.

E o sangue fino escorrendo entre os seios dela o hipnotizou. Sorrindo, sentou-se em posição de índio e ficou ali a encarando com um pequeno sorriso.

— Você é linda, sabia? — exclamou deixando-a com o cenho franzido. — Você é mais bonita que ela — apontou para a ruiva que o encarou amedrontada —, mas são lindas. Gostam de imoralidade, eu vejo como se comportam no campus. — Sorriu olhando a faca com o sangue. — Não é nada bonito.

Ficando sério, levantou-se ficando de frente para as duas. A respiração ficou rápida e irregular, parecia estar descontrolado. Encarava sem piscar a loira que o fitava com os olhos cheios de lágrimas. Ela estava com medo e ele parecia um louco. Certo que pelo campus ele era sério e poucos conseguiam ver um sorriso no homem, mas aquele lado dele a deixou assustada. Aterrorizada. E ele a encarava sem se mexer e, minutos depois ele sorriu.

— *Certo, vou fazer isso* — sussurrou balançando a mão.

A ruiva encarou a loira assustada. Arregalando os olhos, perguntava-se com quem ele falava. O homem colocando a faca no bolso foi até a loira, a pegando e a colocando de pé. Debatendo-se ela tentou se soltar do agarre dele, não conseguindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxando a corda que estava nos pulsos da jovem, ele a pendurou no teto deixando-a a mercê dele. E sorrindo passou a mão pelo corpo dela sentindo-a se debater.

— Sua pele é macia – elogiou segurando-lhe os seios. — *Eu sei* – rugiu para o lado e, pegou a faca, então começou a riscar pela barriga branca escutando os gritos abafados que ela soltava. Virando-se para a ruiva a viu negar com a cabeça enquanto tentava puxar as mãos amarradas. — Calma, você é a próxima.

O fedor de sangue o atingiu as narinas e fechando os olhos passou a faca melada na barba por fazer. Rodeando o corpo feminino deixou que a faca seguisse o mesmo percurso que ele fazia.

Parando o que fazia analisou bem as duas, ele teria que se controlar. Elas não poderiam morrer antes da hora, não era certo.

— Vamos nos divertir muito hoje.

Fechando os olhos a ruiva rezou para que a encontrassem logo, ela não queria morrer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

O celular tocando fez Sayuri pular rapidamente da cama.

Hoje seria o encontro com Benjamin e ela estava muito ansiosa para isso. Foi até o banheiro, escovou os dentes e ficou pensando nos beijos que trocara com o homem, ele sabia beijar como ninguém. Após fazer a higiene se dirigiu para o box e tomou rapidamente um banho. Finalizado essa parte foi até o guarda-roupa. Pegou a calcinha e o sutiã, logo pegando uma calça jeans e uma blusa branca.

Para o encontro de hoje iria de vestido, já tinha se decidido ontem, mas não iria procurar agora, pois, perderia muito tempo.

Soltando os cabelos que estavam presos, se dirigiu até a cozinha.

No recinto Noemie estava com uma expressão nada boa, estava séria e pensativa.

— Bom dia, Mei – saudou encarando-a. —
Você está com uma cara péssima.

— Já você está toda sorridente – respondeu
PERIGOSAS ACHERON

escorando o queixo na mão. — Isso tudo é felicidade por sair com Benjamin?

Envergonhada colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, nem sabia que estava sorridente. Dando de ombros pegou uma xícara colocando um pouco de café pronto.

— Estou normal como qualquer outro dia.

— Sei — debochou levantando uma sobrancelha. — Até parece que não te conheço.

Sorrindo Sayuri balançou a cabeça enquanto abria a bolsa observando se tudo estava ali.

— Você não está pronta por quê? — perguntou olhando-a.

— Não vou hoje para o campus — indagou indo até a pia. — Vou ter duas aulas, então não vou. Vou focar nos meus trabalhos.

Parando Sayuri deu um gole da bebida quente.

— Está tudo bem entre você e Juan?

— Sim. — Sorriu olhando-a rapidamente. — E o seu tcc? Tem apenas um mês para finalizá-lo.

— Não se preocupe — pediu sorrindo. — Tudo está se encaminhando bem, só falta algumas coisinhas. Sempre quando leio parece que não está

PERIGOSAS ACHERON

suficiente.

— Que modesta. — Riu fazendo a outra rir. — Já sabe que roupa vai usar para encontrar com o seu *gostosão*?

Levantando uma sobrancelha a encarou sentindo-se um pouco incomodada com a fala da amiga.

— Aposto que se o Juan ouvir isso não vai gostar.

— Que ciumenta! — Cruzou os braços a encarando. — Só se beijaram e você já está assim, imagine quando transarem loucamente.

Crispando os lábios Sayuri notou que sim, estava com ciúmes dele. Encarando a xícara ficou pensando nisso. Isso não era bom, não poderia se apagar a algo que não existia.

— Eu vou indo — avisou colocando a bolsa no ombro e recebendo um aceno. — Beijos.

Andando até a sala segurou os livros e pegou a chave nova. Abriu a porta e deu de cara com Benjamin escorado na parede oposta. Sem perceber sorriu sendo correspondida com outro sorriso.

— Bom dia — saudou Benjamin aproximando-se da jovem.

— B-Bom dia – respondeu olhando-o. — Esperando alguém?

— Você. – Sorriu lhe acariciando a bochecha. — Tudo certo para hoje?

Sentindo a respiração ficar irregular, ela só confirmou com a cabeça. Olhava os lábios dele próximos ao seus, passando a língua no lábio inferior viu o momento exato que ele sorriu e inclinou-se selando os lábios em um casto beijo.

Dentro de si Sayuri se sentia confusa e diferente. Era bom, mas a deixava com medo. Separando-se dele baixou o olhar, mas logo o fitando.

— E-Eu tenho que ir. – Mordeu o lábio recebendo um aceno do homem. — Você está indo trabalhar?

— Sim – concordou sorrindo enquanto se separava e buscava a mochila que estava no chão. — Vamos, eu te dou uma carona.

— Não vou te atrapalhar? – quis saber já se encaminhando para o elevador.

— Não.

Ao entrarem no elevador Sayuri mordeu os lábios. Relanceando para o homem o viu mexer no

PERIGOSAS ACHERON

celular dando um pequeno sorriso. Desviando o olhar fitou as portas ainda fechadas. Quando finalmente chegaram no térreo sorriu para o porteiro que lhe acenou, andando até o carro estacionado não notou que alguém lhe olhava escondido.

Seu perseguidor.

Ele sempre estava ali a cuidando de longe, observando o momento que ela adentrava o trabalho e quando ela saía. Ficava de longe olhando-a sentada no ponto enquanto esperava o transporte e, ela era realmente muito linda.

No campus ela falava com todo mundo e sempre era educada, só que o que a tornava mais única eram os olhos cheios de vida e amor. Franzindo o cenho não gostou da cena que presenciava. Perguntava-se quem era aquele homem que estava segurando em sua mão enquanto ajudava-lhe a subir no carro.

Ela não poderia estar se envolvendo com ele.

Isso ele não perdoaria.

Bufando, ajeitou a camisa e tomou outro caminho. Ontem a noite se divertiu bastante com as duas universitárias. Não queria voltar para o PERIGOSAS ACHERON

campus, mas trabalhava e não poderia faltar. Não poderia levantar suspeitas.

Sorrindo Sayuri prestou atenção na letra da música que tocava no rádio. Virando-se para Benjamin, o viu balançar a cabeça no ritmo da batida – parecia gostar. Não era muito fã de músicas de rap, mas aquela até era boa de ouvir.

A voz da cantora reconheceu como *Alicia Keys*.

— Você gosta de rap, então.

Sorrindo Benjamin diminuiu um pouco o volume.

— Gosto – confirmou. — Você quer que eu desligue?

— Não – negou suave colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Eu gostei da música, mas não faz meu estilo.

— Você prefere qual então? – questionou observando-a rapidamente. — Deixa-me adivinhar – pediu recebendo um levantar de sobrancelha. —
PERIGOSAS ACHERON

Você prefere músicas românticas.

Rindo virou o rosto para encará-lo.

— Sim — concordou sorrindo. —

Principalmente as antigas, um rock clássico, algo assim.

— Rock clássico?

— Sim.

— Tipo *The Eagles, Rolling Stones, Guns N' Roses?* — falou recebendo um aceno positivo. — *Led Zeppelin, Deep Purple?* — continuou listando fazendo-a sorrir. — *Van Halen?*

Rindo balançou a cabeça, logo confirmando.

— Sim, surpreso?

— Um pouco — respondeu manobrando o carro em uma vaga. — Pensei que sua resposta seria *Britney Spears*.

— Eu gosto também — confidenciou sorrindo, mas logo parando enquanto lhe encarava os lábios e olhos. — Obrigada pela carona.

Desligando o carro Benjamin lhe acarinhou a bochecha, sentindo a pele macia sob o toque.

— Não precisa agradecer — indagou ainda lhe acarinhando. — Estou ansioso para hoje, quero tirar a impressão ruim que você teve de mim.

Desviando o olhar Sayuri sorriu.

— Eu também – expôs voltando a encará-lo.
— Então até daqui a pouco.

— Estarei esperando – murmurou aproximando os lábios do dela, beijando-a com suavidade.

Com o coração bombeando fortemente Sayuri sorriu, logo saindo do automóvel. O sorriso nos lábios estava fazendo as bochechas doerem, podia sentir que estava vermelha de vergonha.

O celular tocando lhe chamou a atenção, o número era desconhecido.

— Alô?

— *Srta. Hodgens, aqui quem fala é o delegado Kilmer – proferiu de forma séria. — Liguei para informar que o Sr. Nielsen não foi encontrado na residência e seus funcionários não sabem seu paradeiro.*

Arfando Sayuri parou de andar, já suspeitava que Caine fugiria.

— *Caso a senhorita necessite de proteção posso me encarregar disso.*

— Não – negou se encaminhando para a sala.
— Não será necessário.

— *Srta. Hodgens, preci...*

— Ele não vai aparecer – o interrompeu escutando um suspiro. — Acho pouco provável ele voltar depois disso, onde quer que ele esteja.

— *Pense bem, senhorita – pediu. — Esse número é o meu. Me ligue caso ele volte ou precise.*

— Claro – respondeu cautelosa. — Obrigada.

Encerrando a ligação salvou o contato do homem, achando estranho o fato dele ter esse cuidado de lhe ligar e se disponibilizar ajudar. Claro que era trabalho dele, mas achava que deixaria a cargo de outro policial. Suspirando adentrou a sala de aula.

Benjamin andava rapidamente até a sala onde o amigo estava. Precisava falar com alguém sobre tudo o que aconteceu e, como tinha Dustin como um irmão – ele era a melhor pessoa para lhe aconselhar.

Rindo, bateu na porta e logo entrou, era inacreditável que estava ali para ser aconselhado por causa de uma mulher. Não qualquer mulher.

PERIGOSAS ACHERON

Estava ficando louco, só poderia ser isso. Ainda sorrindo observou o loiro sentado na cadeira mexendo no celular, esse quando o viu sorriu.

— Bom dia – saudou colocando o celular em cima da mesa. — Cara, eu não entendi na...

— Vou sair com a Sayuri hoje.

Surpreso Dustin o encarou enquanto cruzava os braços.

— A sua vizinha? – questionou com o cenho franzido.

— Sim.

— Mas pelo o que entendi vocês estavam brigados?

Lambendo os lábios Benjamin respirou fundo começando a contar o que havia acontecido esses dias que passaram. E a cada relato Dustin ficava mais surpreso, ouvia o amigo falar, mas só conseguia focar na forma como ele citava a mulher. Olhando as mãos rapidamente lembrou-se que ficara assim quando conheceu Taylor.

Benjamin nunca havia perdido muito tempo com ele para falar sobre mulheres. Conhecia os rolos que o amigo tinha e, vê-lo daquela forma o deixava sem palavras. Surpreso, mas feliz. Um

PERIGOSAS ACHERON

pouco preocupado também, sabia que uma ilusão poderia causar um grande estrago na vida de duas pessoas.

Voltando a focar no amigo fez as contas de quando o homem conheceu a tal Sayuri.

Uma semana? Duas semanas atrás?

— Então?

— O que? – questionou um pouco aéreo. — Desculpa, eu não ouvi o que disse.

Dando um sorriso de lado Benjamin o encarou.

— No que estava pensando?

— Que isso de vocês – gesticulou ficando sério. — Aconteceu muito rápido.

— Não é como se eu fosse casar com ela. — Deu de ombros. — Eu gosto de estar perto dela, ela é...

Parou procurando um adjetivo.

— Isso que você sente é desejo – interpôs chamando a atenção do amigo. — Não pense que é outra coisa.

Parando de falar Benjamin suspirou, talvez fosse isso mesmo.

— Você fala como se estivesse apaixonado –
PERIGOSAS ACHERON

murmurou com o cenho franzido. — Não vou negar que é uma surpresa ouvir você falar de uma mulher assim, você nunca fez isso, mas você tem que se lembrar de ter os pés no chão.

Batucando o dedo na cadeira fitou o loiro que o encarava com atenção. Desviando o olhar se endireitou na cadeira, logo ficando em pé.

— Eu vou para a minha turma — avisou dando as costas ao loiro.

— Benjamin...

— Você está certo. — Sorriu antes de abrir a porta. — Não se preocupe, eu sei o que estou fazendo.

Acenando, saiu da sala, mas sentia-se estranho. Confuso em relação ao que fazia, porém sabia que não estava fazendo algo errado. Ele só estava agindo conforme seu coração mandava.

Aproximando-se dos alunos viu Liam mais afastado sentado no chão com os cotovelos apoiados nos joelhos. Ao seu lado um menino conversava com ele, pigarreando chamou a atenção de todos.

— Por que estão parados? Treinando todos.

Thoren andava a passos rápidos para a salinha de descanso, abrindo a porta viu quem procurava sentado enquanto bebia uma xícara de café.

— Você tem alguma coisa a ver com o desaparecimento de duas de nossas alunas?

Surpreso, ele a encarou de forma séria.

— Por que acha que fiz isso?

— Porque eu te conheço e não é de hoje — respondeu de forma dura. — Acha que conseguiria emprego em outros lugares com o seu histórico? Se você tiver um dedo nisso vai pagar caro!

— Thoren, Thoren, se eu fosse você não me ameaçaria.

Um pouco assustada encarou os olhos claros do homem à sua frente.

— Isso aconteceu porque você não soube administrar a universidade. — Sorriu colocando o copo em cima da pia. — Tenho coisas a fazer.

Passando pela mulher rumou para fora.

Com o livro na mão Sayuri tentava prestar atenção na leitura, mas não conseguia. Estava ansiosa para o encontro, mal podia esperar para ficar a sós com Benjamin e receber os beijos que só ele sabia dar. Sorrindo minimamente lembrou-se que havia dito já ter beijos melhores, mas era mentira e jamais daria o braço a torcer e falar tal coisa ao homem.

Focando nos alunos viu todos prestarem atenção no livro em mãos, menos Bradley. Esse estava disperso. O sinal tocando fez com que todos de forma rápida guardassem os materiais e, em silêncio fitou o loiro andar rápido em direção a porta. Queria o ajudar de alguma forma, mas ele não dava brechas para isso. Era triste de ver, mas como dissera a Hailee – ela não abriria mão do adolescente. E ela faria com que ele lhe confiasse.

Alguém batendo a porta a fez virar rapidamente dando de cara com Herban.

Sorrindo começou a guardar os materiais.

— Srta. Hodgens.

— Prof. Herban, o que faz aqui? – quis saber simpática.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava dando uma olhada em alguns imóveis por essas redondezas — gesticulou aproximando-se dela. — Estou pensando em me mudar, então pensei em passar aqui.

— Oh! E o senhor já achou? — questionou o olhando.

Ficando próxima a ela, Herban sentiu o perfume que ela exalava.

— Não precisa me chamar de senhor — indagou deixando as mãos ao lado do corpo. — Nos conhecemos há um bom tempo.

Olhando-o sentiu-se um pouco encurralada com ele tão próximo.

— O senhor é meu professor — informou como se ele não soubesse. — Acho que não seria certo lhe chamar pelo nome.

— Claro. — Sorriu concordando recebendo um sorriso incerto. — Eu li o que você me enviou no e-mail e adorei. Acho que você conseguiu articular bem o seu projeto.

Sorrindo Sayuri se sentiu mais calma, aquela parte do tcc estava a deixando a ponto de ter um infarto.

— Que bom — murmurou colocando uma

PERIGOSAS ACHERON

mecha atrás da orelha. — Eu tenho que ser sincera, estava nervosa com essa parte.

— Não se preocupe – pediu aproximando-se mais. — O que acha de sairmos para jantar? Assim poderíamos falar mais sobre seu tcc e sua apresentação final.

Mordendo os lábios encarou a porta atrás do homem.

— Eu iria adorar, Prof. Herban – proferiu cautelosa —, mas eu já tenho um compromisso.

— Ah! Vai sair com um namorado? – quis saber curioso.

— Não – negou apertando o dedo da mão. — Um amigo – esclareceu sentindo-se envergonhada, pois com nenhum amigo ela faria o que estava pensando em fazer com Benjamin.

— Entendi.

Sorriu encarando-a com cuidado.

Sayuri o olhou com cuidado, era um homem lindo e chutava que tinha idade para ser seu pai. Os olhos claros tinham um ar de mistério, pelos corredores da universidade tinha algumas alunas que falavam sobre ele. O fato dele ser calado, e de não ter muita amizade com os outros professores.

Algumas alunas até criavam teorias para o homem.

Ainda o avaliando fitou a barba por fazer que o deixava charmoso. Sim, era um homem bonito, mas não fazia o seu tipo. Voltando-se para a bolsa que estava em cima da mesa, sentiu o agarre na mão. Virando-se rapidamente sentiu os lábios do homem sobre os seus, pega de surpresa ficou sem saber o que fazer, mas quando Herban tentou aprofundar o beijo, ela agiu o empurrando.

Nervosa colocou a mão nos lábios, ele a olhava sério.

— Por que fez isso? — perguntou ainda o encarando.

Encarava-a mudo, mas logo balançou a cabeça esfregando os lábios.

— E-Eu não sei, me desculpe. Eu só queria sentir seus lábios.

Segurando a bolsa no ombro e os livros contra o peito, o encarou.

— O senhor não pode fazer isso — exclamou nervosa. — É errado, por favor não faça mais isso.

— Desculpe-me.

— Eu t-tenho que ir — informou passando por

PERIGOSAS ACHERON

ele.

E sem esperar uma resposta praticamente correu para fora. Na calçada respirou fundo encarando o céu, voltando a caminhar rumou para o ponto de ônibus.

Minutos depois chegava em casa. Acenando para o porteiro se dirigiu para o elevador. Já no andar que morava rumou para a porta do apartamento. Ao passar pela porta de Benjamin ouviu o som ligado. Buscou a chave na bolsa e abriu a porta, logo adentrando o local. Noemie estava deitada no sofá usando um blusão.

— Mei, você não vai acreditar — disse jogando a bolsa de qualquer jeito próximo ao sofá.
— O Prof. Herban me beijou.

Imediatamente Noemie se sentou a encarando assustada.

— O que? Beijou? Tipo beijo de língua?

— Não — negou franzindo o cenho. — Ele tentou me beijar, mas eu o afastei.

— Mas rolou ou não o beijo? — quis saber
PERIGOSAS ACHERON

confusa.

— Rolou, mas não desse jeito que você pensa — esclareceu sentando-se ao lado da amiga.

— Mas e aí? O que aconteceu depois?

Suspirando mordeu os lábios.

— Eu o afastei e pedi para que ele não fizesse isso.

Confusa a morena a encarou.

— E por que você fez isso? — questionou não entendendo.

Cruzando os braços Sayuri a fitou.

— Porque tenho o Benjamin — proferiu logo recebendo um olhar cauteloso. — O que foi?

— Say — começou de forma suave. — Você não está com o Benjamin, vocês só se pegaram. Vocês não namoram. Então você pode sim beijar outros caras.

Desviando o olhar, Sayuri encarou a tevê ligada. Rapidamente a realidade caiu sobre si e, ali ela percebeu que já estava imaginando coisas onde não tinham. Foi como um balde de água fria em sua cabeça.

— Ah! Droga! Eu te deixei triste?

— Não — negou dando um pequeno sorriso.

— Não me deixou.

Queria soar convicta, mas falhara. Agora ela só queria chorar, mesmo sem saber o motivo.

— Vamos ver uma roupa para você sair. — Levantou-se puxando-a pela mão. — Tem que ser uma roupa que deixe Benjamin louquinho.

— Eu acho que não vou mais — comentou abraçando-se. — Talvez seja melhor eu ficar em casa.

— Não! Você vai sim.

Adentrando o quarto foi diretamente no guarda-roupa da amiga, onde procurou um vestido mais ousado.

— Sabe o que você deveria fazer? Comprar mais vestidos curtos e colados — aconselhou enquanto pegava alguns vestidos.

Virando-se para a amiga, a viu sentando-se na cama.

— Vai tomar banho, Say! — mandou alarmada, fazendo a outra ir em disparada para o banheiro. — Não lave o cabelo, sua depilação está em dia? — perguntou logo após ouviu coisas caírem do banheiro.

Rindo voltou a encarar os vestidos.

Fazendo uma expressão pensativa correu para o próprio quarto. Abrindo o guarda-roupa pegou um vestido rodado, curto da cor rosa claro. O decote do vestido era profundo, tinha usado aquele vestido duas vezes. Sorrindo voltou para o quarto da amiga e colocou a peça de roupa em cima da cama para não a amassar. Próximo ao guarda-roupa pegou uma sandália preta de saltinho, então a colocou ao lado da cama.

Minutos depois Sayuri saia do banheiro enrolada na toalha e, olhando para a cama deu um pequeno sorriso.

— Esse vestido?

— Sim – afirmou sorrindo. — Agora pegue uma calcinha bem sexy, nada daquelas que cobre o traseiro inteiro. Pelo amor de Deus – pediu com os olhos arregalados.

Revirando os olhos procurou uma lingerie nova. Comprou algumas para usar com Caine, mas tudo aquilo aconteceu e ela não pensou mais nisso. Até conhecer Benjamin. Agora pensar que Benjamin pudesse ver sua lingerie a deixava com borboletas no estômago.

A campainha sendo tocada fez as duas

PERIGOSAS ACHERON

olharem para o relógio, ainda faltavam alguns minutos para as 19h.

— Vai, se vista que eu vou ver quem é — disse recebendo um aceno. — O vestido não precisa usar sutiã.

Sorriu saindo rapidamente do quarto.

Chegando a sala, abriu a porta dando de cara com Benjamin totalmente arrumado e cheiroso. Sorrindo deu espaço para ele entrar.

— Senta aí — falou apontando para o sofá. — Ela está terminando de se arrumar.

— Tudo bem, eu espero — respondeu sentando-se no sofá.

Cruzando os braços Noemie o encarou com um sorriso de lado.

— Algum problema? — quis saber olhando-a.

— Não. — Deu de ombros. — Vou ajudá-la a terminar de se arrumar.

Acenando, saiu da sala rapidamente e, ao entrar no quarto, viu a amiga já vestida enquanto ela olhava no espelho o comprimento da peça de roupa. Virando-se para a amiga mordeu os lábios quando Noemie sorriu balançando a cabeça positivamente.

— Você está uma gata!

— Tem certeza? – perguntou ficando de lado, olhando o traseiro coberto. — Eu o achei curto.

— Porque ele é. – Riu aproximando-se. — Vamos logo, ele está lá na sala. Vou te maquiar.

— Nada muito exagerado, por favor – pediu recebendo um sorriso.

Olhando no relógio de pulso Benjamin viu que eram 19h25. Balançando o pé impaciente fitou o corredor que a outra vizinha entrara, estava pronto para chamar Sayuri quando a mesma apareceu na sala. Usava um vestido curto da cor rosa claro, nos pés uma sandália preta delicada e no rosto pouca maquiagem, mas que a deixara mais linda. Os cabelos ondulados estavam partidos para o lado.

Sorrindo ficou de pé.

O decote que ela usava estava o deixando hipnotizado e, pensar que outros homens também ficariam daquela forma o deixou com um gosto ruim na boca. Tentando não pensar nisso lhe

PERIGOSAS ACHERON

endereçou um sorriso.

— Você está linda.

— Obrigada. — Sorriu voltando-se para a amiga pegou a mochila com as coisas. — Eu volto no domingo, Mei. Sabe que se quiser pode ir para lá.

— Tudo bem! — Gesticulou abrindo a porta.
— Divirtam-se.

Concordando com a cabeça Benjamin pegou a mochila das mãos de Sayuri e, em silêncio saíram do apartamento. Colocando uma mão na base da coluna feminina, sentiu que não tinha pano ali.

— Para onde vamos?

— Vamos jantar. — Sorriu vendo a forma surpresa que ela o encarou. — Péssima ideia?

— Não — negou sorrindo. — Eu adorei, estou com fome.

— E depois pensei em irmos ao cinema — continuou recebendo uma confirmação. — Tudo bem?

— Sim.

Sentindo a mão quente dele em suas costas, caminharam para fora do prédio. No carro Benjamin a ajudou, logo tomando o lugar do

PERIGOSAS ACHERON

motorista – não esquecendo de colocar a mochila dela no banco detrás.

Estacionando o carro em frente ao restaurante, Benjamin virou-se para olhar Sayuri que encarava a frente com expectativa. Sentindo ser olhada fitou o homem que lhe sorriu e o correspondendo voltou a encarar a fachada.

Ao saírem do carro, Sayuri foi a primeira a sentir o vento frio. Abraçando-se notou que esqueceu novamente o casaco. Sentindo a mão ser segurada, sorriu para Benjamin, logo se encaminhando para dentro.

— Aqui é um lugar bem chique! – exclamou chamando a atenção de Benjamin.

— A comida é deliciosa.

Ao chegarem na entrada Benjamin deu o nome e em poucos minutos um *maitre* encaminhou os dois a uma mesa. Como um cavalheiro Benjamin puxou a cadeira para Sayuri sentar, fazendo-a sorrir em agradecimento. Sentando-se também observou com atenção os olhares que ela lançava ao redor,

PERIGOSAS ACHERON

logo focando os olhos amendoados nele.

— Por que está me olhando assim?

— É que você é linda – respondeu deixando-a envergonhada. — Espero que goste da nossa noite.

Concordando pegou a taça de água e deu um gole.

— Você também é lindo.

— Eu sei disso. – Sorriu fazendo-a levantar uma sobrancelha. — Estou curioso.

— Com o que?

— Por que me tratou daquela forma na boate? – questionou olhando a forma assustada como ela o encarou. — Você costuma tratar daquela forma as pessoas que você acaba de conhecer?

— Não – negou segurando a taça. — Eu fiquei nervosa, era a primeira vez que eu estava em um lugar como aquele – anunciou recebendo total atenção para si. — E antes eu tinha brigado com Caine, você chegou e me deixou nervosa.

— O que achou que eu faria?

— Não sei – disse e deu de ombros —, mas entendi que não faria nada. Você deixou bem claro
PERIGOSAS ACHERON

isso.

Encarando o cardápio sentiu quando a mão masculina lhe segurou a mão. Fitando os olhos amendoados de Benjamin sorriu quando ele lhe endereçou um pequeno sorriso.

— Como eu disse, só falei aquilo para te alfinetar.

Acenando timidamente Sayuri prestou atenção no homem engravatado que se aproximava.

— Boa noite – saudou educado. — Posso anotar o pedido?

Suspirando observou as opções logo fazendo o pedido, em seguida Benjamin também pediu. Com a saída do garçom Sayuri se viu sem saber o que falar. Mordendo o lábio sorriu quando viu que estava sendo observada por Benjamin.

— Você sempre faz isso? Fica encarando as pessoas.

Alisando a barba negou com um sorriso.

— Não faço por mal.

— Mas me fala – indagou cruzando as pernas mudando de assunto. — Faz muito tempo que você trabalha no Clube?

— Sim – confirmou segurando a taça de
PERIGOSAS ACHERON

água. — Foi com o trabalho no CM que eu consegui comprar uma casa para minha mãe e abrir um negócio.

— Mesmo? – perguntou interessada. — E o qual é o seu negócio?

— Eu tenho uma academia de artes marciais – respondeu observando a surpresa nos olhos castanhos. — Por que a surpresa?

— N-Nada – gaguejou balançando a cabeça. — É que eu não imaginava, mas agora estou curiosa. Por que trabalha no Clube se você tem um outro trabalho?

Lambendo os lábios Benjamin desviou o olhar para a taça.

— Porque eu gosto – disse por fim. — Gosto do lugar, das pessoas. E não tenho motivos para sair de lá.

Concordando Sayuri pegou a taça e deu um gole no líquido. Era um direito dele afinal de contas, ele sabia o que era bom e o que não era.

Mas saber que ele não tinha motivos e que gostava de conhecer as mulheres que passavam por lá – a fez pensar e bem lá no fundo o ciúme a corroer, o que era uma droga. E no final Noemie

PERIGOSAS ACHERON

tinha razão, ela não estava com Benjamin, só tinham trocado beijos. Sem compromissos.

— Mas e você? — questionou querendo ouvir mais a voz dela. — Gosta do que faz?

— Sim. — Sorriu confirmando. — Gosto bastante, desde a minha adolescência eu sabia o que queria ser. Meus pais me apoiaram em minhas decisões e, no final estou conseguindo tudo o que desejo.

— Isso é bom.

Com a chegada do garçom os dois se calaram e em um clima gostoso começaram a comer. Após o jantar Benjamin pediu a conta e sob o olhar atento da jovem fez o pagamento do serviço. Endereçando um sorriso indicou para que saíssem do lugar.

Segurando a mão feminina Benjamin a levou até o carro estacionado.

— Pronta para o cinema? — questionou abrindo a porta para ela adentrar o veículo.

— Sim.

Sorriu sentando-se logo colocando o cinto de segurança.

Dando a volta no carro Benjamin tomou o

PERIGOSAS ACHERON

lugar no motorista, logo saindo da vaga em que estava. O celular de Sayuri tocando a fez virar rapidamente para a bolsa no banco detrás, esticando-se pegou o aparelho notando a ligação de Noemie.

Mordendo os lábios atendeu a ligação.

— Oi, Mei – murmurou tendo a atenção de Benjamin para si.

— *Say, o seu pai te ligou algumas vezes – avisou fazendo-a franzir o cenho —, mas então me ligou quando perdeu a paciência e disse que estávamos no cinema. Então você estava comigo.*

Suspirando fechou os olhos. Sabia que o pai era preocupado com sua segurança, mas já era adulta. Conversaria com o mesmo assim que chegasse em casa.

— Obrigada, Mei – agradeceu sorrindo. — Você é a melhor.

Benjamin fitava a frente, mas prestava atenção no que a mulher ao seu lado falava.

— *E então já beijou o gostoso?*

— Tchau, Mei.

— *Na sua mochila tem camisinha!* – exclamou antes de encerrar a ligação.

Envergonhada Sayuri encarou Benjamin que tinha um pequeno sorriso de lado.

Pigarreando colocou o celular na mochila, voltando-se para frente enquanto alisava o cabelo com a mão.

— Que tipo de filme vamos assistir? — perguntou o olhando.

— Você quer assistir um filme meloso?

— Pode ser um filme de ação — deu de ombros olhando a janela —, mas não terror. Eu não gosto.

Concordando ele lhe sorriu.

Horas mais tarde estacionava o carro em uma vaga em frente ao cinema e, minutos depois estavam em uma fila para a compra dos ingressos, o vento gelado a atingiu com força fazendo-a se abraçar. Benjamin notando isso retirou a jaqueta que usava e colocou nos ombros delicados da mulher.

— Eu esqueci mais uma vez meu casaco — justificou abraçando-se.

— Tudo bem.

Sorriu, mas logo ficou sério quando fitou o homem dentro da cabine, que o encarava com uma expressão de tédio. Rapidamente pagou os ingressos e, colocando uma mão na base das costas de Sayuri, a encaminhou para dentro.

As cadeiras que havia pego ficavam na última fileira de cadeiras, olhando ao redor notou poucas pessoas. Talvez porque era um filme que metade das pessoas já haviam assistidos.

— Que filme é esse? – questionou Sayuri sentando-se enquanto olhava para o grande telão.

— É de um anti-herói.

— Gosto de anti-heróis – afirmou sorrindo fazendo-o virar para si. — Eles são quase heróis.

— A não ser pela falta de moral – retrucou encostando o braço no encosto dela. — Você prefere os maus então? – perguntou aproximando-se do rosto dela.

Mordendo os lábios Sayuri encarou os lábios dele próximo aos seus.

— Prefiro alguém que me respeite – respondeu observando a barba por fazer que adornava os lábios do homem. — Acho que se ele

PERIGOSAS ACHERON

me respeitar, as outras coisas eu possa relevar.

Sentindo o coração bombear rapidamente viu quando ele acenou, voltando a prestar a atenção no telão. Um pouco contrariada fitou a frente, acabava de passar os trailers e começava o filme. Sorrindo, fitou o ator que fazia o anti-herói. Franzindo o cenho lembrou-se que ele era o mesmo de um filme onde se apaixonava pela mesma mulher que o melhor amigo.

Cruzando os braços começou a prestar a atenção no filme.

Benjamin olhava de canto de olho para Sayuri, não estava conseguindo manter as mãos longe do corpo dela. Precisava senti-la mais próxima de si, então fingindo se espreguiçar colocou o braço no encosto detrás da cadeira dela. Lançando um rápido olhar para o lado a viu encarar a mão dele e, quando ela o olhou ele desviou o olhar.

Sorrindo, Sayuri se aconchegou mais nele, não muito pois o braço da cadeira estava entre os dois, mas ainda sim sentia o calor que exalava dele. Lambendo os lábios arriscou encará-lo. E sem esperar ele a olhou lhe endereçando um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Devolvendo o sorriso sentiu um frio na barriga quando ele começou a se aproximar selando os lábios. Separando a boca lentamente sentiu a língua masculina lhe acariciar a língua. Suspirando entre o beijo levou a mão até a nuca de Benjamin onde acariciou e arranhou com as unhas.

Gemendo inclinou a cabeça para o lado, sentindo a mão em suas costas descer em uma leve carícia. Mordendo o lábio inferior do homem arfou quando foi puxada para junto do corpo maciço de Benjamin.

Benjamin estava adorando a forma como ela o beijava. Em todos os anos de vida nunca tinha feito algo como isso. Normalmente saía para jantar e se tudo desse certo ia para um motel ou o apartamento dele.

Subindo a mão colocou-a por dentro da jaqueta que ela usava e, ali começou uma leve carícia no bico do seio que já estava intumescido. Esfregava o dedão e apertava o bico ao mesmo tempo em que os lábios reivindicavam os dela.

A essa altura Sayuri já esfregava as coxas sentindo-se quente por Benjamin. Separando os lábios fitou as pessoas ao redor e diferente do que

PERIGOSAS ACHERON

ela estava pensando, ninguém os observava. Nas cadeiras onde estavam não tinha pessoas, somente nas cadeiras de baixo.

Pronta para falar sentiu os beijos em seu pescoço, embriagada de desejo voltou a beijá-lo. Nunca pensou que faria algo assim, mas a possibilidade de alguém presenciar isso mesmo que rapidamente a fazia ficar excitada. Afinal ali não era lugar para aquilo.

Suspirando esfregou novamente as coxas, atraindo o olhar de Benjamin.

— Você quer que eu te ajude nisso? — questionou rente ao ouvido feminino. — É só você me mostrar onde me quer, *Chuchu*.

Sorrindo o puxou pela gola da camisa e, separando as pernas ainda o encarando pegou a outra mão dele o colocando por cima da calcinha de renda que usava. Mordeu os lábios, pois, sabia que não deveria fazer aquilo.

Não deveria, mas queria muito.

Olhando-a nos olhos, Benjamin começou com a carícia por cima do pano sentindo-a molhada. Atento as reações dela, deu um olhar em volta e viu que não tinha plateia. Antes de voltar a

PERIGOSAS ACHERON

beijá-la, levou os dedos a língua pegando a umidade que havia ali e sem perder o contato dos olhos amendoados femininos voltou a pôr a mão onde estava, mas agora por dentro da calcinha.

Esfregando-se nos dedos do homem, Sayuri recebeu de bom grado os beijos lascivos de Benjamin. Quanto mais o beijava, mais intensa era a carícia que recebia no clitóris.

Benjamin se deleitava com os suspiros que a jovem lhe dava. Descendo os beijos para o pescoço alvo, começou a morder a pele ao mesmo tempo que descia os dedos até encontrar a pequena abertura. E ali iniciou uma leve carícia, onde ele não penetrava só acarinhava ao redor.

Impaciente com o que o homem fazia, Sayuri – com a própria mão – empurrou um dedo de Benjamin em seu canal vaginal. Mordendo os lábios fechou os olhos, os beijos que estavam em seu pescoço rumaram para o lóbulo da orelha. Resfolegando segurou na gola da camisa masculina, sentindo mais um dedo ser penetrado em sua intimidade.

Procurando os lábios de Benjamin para si, sentiu quando ele começou a lhe penetrar com

PERIGOSAS ACHERON

agilidade. Conseguia sentir que o orgasmo estava perto, então mordendo o lábio do parceiro fechou novamente os olhos e, quando gozou tentou fechar as pernas, mas os dedos de Benjamin ainda trabalhavam dentro de si.

Segurando-lhe a mão Sayuri sentiu os espasmos se espalharem por seu corpo. Benjamin tinha o rosto escondido na curva do pescoço feminino, respirava com dificuldade sentindo o membro duro. Puxando a mão viu os dedos melados e, lançando um olhar para Sayuri a viu com a cabeça encostada e os olhos fechados.

— Isso foi... — sussurrou Sayuri tentando acalmar a respiração.

— Tudo bem? — perguntou a encarando. — Você gostou?

Incomodada com a umidade que sentia no meio das pernas, Sayuri confirmou. Olhando-o pôde notar o olhar de desejo e, os lábios vermelhos por conta dos beijos. Se Benjamin já estava daquele jeito nem queria saber como estava.

— Eu preciso ir no banheiro — Benjamin expôs apertando o membro ereto. — Você vem?

Olhando para frente da calça jeans dele, viu o

PERIGOSAS ACHERON

volume que tinha ali. Voltando os olhos para a face de Benjamin, confirmou. Com a mão limpa ele a segurou enquanto saíam da sala de cinema.

Andando rapidamente encontrou os banheiros.

— Volto logo — avisou deixando-a parada em frente a porta, adentrando rapidamente o banheiro procurou uma cabine vazia.

Abrindo a calça expôs o membro grosso. Não acreditava que faria aquilo, mas não estava aguentando a pressão que sentia. Precisava ter o próprio alívio.

Sayuri encarava a porta fechada, mordendo os lábios deu meia volta adentrando o banheiro feminino. No local havia algumas mulheres conversando, sorrindo foi até uma cabine. Sentando-se no vaso — com a tampa abaixada — Sayuri pensou nos momentos que havia tido minutos atrás.

Havia se entregado de forma tão lasciva para o homem e, não conseguia se arrepender. Sorrindo colocou a mão na boca, pegando um pouco de papel higiênico começou a se limpar. Mordendo os lábios imaginou o que Benjamin estaria fazendo

PERIGOSAS ACHERON

nesse exato momento, talvez devesse ir lá ajudar.

— Ou não — falou sozinha.

Após se limpar jogou o papel usado no lixo e, saindo da cabine foi lavar as mãos. Olhando-se no espelho fitou o vermelho ao redor dos lábios e algumas marcas no pescoço, enchendo a mão de água lavou ao redor da boca jogando um pouco de água no pescoço.

Com o papel toalha se secou.

Rezaria para o pai não ver aquilo.

Saindo do banheiro cruzou os braços encarando os homens saindo do banheiro. Alguns lhe lançavam olhares cobiçosos, outros nem lhe dirigiam o olhar.

Mordendo os lábios viu que Benjamin estava demorando. Batendo à porta o chamou, ouvindo um suspiro. Olhando para os lados adentrou o banheiro.

— Benjamin? — o chamou notando a mão dele segurando a porta por cima da cabine. — Está tudo bem?

— Sim — respondeu com a respiração descompassada. — Eu saio em dez minutos.

Concordando com a cabeça ela quase deu meia volta, mas um suspiro seguido de um gemido

PERIGOSAS ACHERON

masculino lhe chamou a atenção.

— Benjamin, você está bem mesmo? — quis saber cautelosa.

Não obtendo resposta ela foi até a cabine em que ele estava e, de forma cautelosa empurrou a porta que se encontrava trancada.

— Benjamin? — tentou de novo, mas dessa vez conseguindo abrir.

Ao entrar na cabine viu que a mão grande cobria o membro em uma carícia rápida. Um pouco assustada viu que o membro era realmente como ela tinha pensando ser na primeira vez: grande e grosso. Podia ver a ponta vermelha com um líquido saindo. Sentindo a respiração ficar desregular com a imagem encarou os olhos dele.

Arrepiada aproximou-se dele, logo fazendo-o escorar na parede da cabine. Por ser mais baixa que ele, ficou com a cabeça encostada no esterno masculino. Levantando a vista aproximou os lábios dos dele e, o beijando se atreveu a levar a mão para onde a dele estava. O substituindo no objetivo que era dar prazer.

Gemendo sentiu quando a alça do vestido fora afastada, fazendo com que o seio ficasse

PERIGOSAS ACHERON

descoberto. E sem esperar a mão dele apertou o seio a estimulando. Acelerando o movimento da mão, Sayuri lhe chupou a língua tomando os gemidos que ele soltava.

— Mais rápido — pediu levando uma mão para dentro da calcinha feminina, começando a carícia e notando-a lubrificada.

Atendendo ao pedido do homem, Sayuri o masturbou mais rápido. Em um movimento rápido Benjamin a encostou na parede oposta e, ainda a beijando levantou a perna dela para cima. Dando mais liberdades aos movimentos dos dedos dele.

Soltando um gemido puramente masculino, Benjamin interrompeu o beijo e de olhos fechados acelerou os movimentos dos dedos dentro de Sayuri. E quando sentiu os dedos serem contraídos, gemeu gozando.

Encarando-se sorriram.

Depositando um selinho nos lábios vermelhos de Sayuri, baixou a perna dela — mantendo os braços ao redor da jovem.

Olhando para baixo viu o sémen dele escorrendo pela mão, na camisa que ele usava também tinha alguns vestígios do líquido. Olhando

PERIGOSAS ACHERON

o próprio vestido notou alguns pingos. Soltando-o, pegou papel higiênico limpando-se e logo limpando o vestido.

Tirando um pouco do papel limpou a camisa dele.

— Vai me limpar também? — questionou com um sorriso de lado.

Sayuri o encarou envergonhada.

— Não — negou mesmo querendo dizer sim.
— A-Acho melhor irmos, está ficando tarde.

Concordando Benjamin pegou o papel, logo se limpando. Saindo os dois da cabine foram lavar as mãos e, após isso se encaminharam para a saída.

O caminho de volta para casa foi feito em silêncio, mas não um silêncio constrangedor. Olhando-o de perfil sorriu quando notou o pequeno sorriso que ele mantinha nos lábios, voltando a olhar para frente viu a casa dos pais. Respirando fundo se perguntava o que estava fazendo, se estavam tendo alguma coisa ou não, não queria admitir, mas tinha medo da resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao estacionar em frente à casa Benjamin voltou sua atenção para Sayuri.

— Obrigada pela noite – agradeceu tímida.
— Eu adorei.

— Eu também. – Sorriu levando a mão para a bochecha dela. — Quando você volta? – perguntou sem pensar.

Surpresa ela sorriu ainda sentindo o carinho na bochecha.

— No domingo – respondeu olhando-o. — Eu sempre passo os finais de semana com os meus pais e irmão. Por que você sabe eu moro com a Mei, por conta da Universidade e do trabalho. É perto de certa forma, então eu sempre...

— Eu entendi – a interrompeu divertido. — Pensei em irmos ao Parque no domingo, acho que pode ser legal.

Ele não entendia, mas não queria ficar longe. Ele a queria por perto, ouvir ela falando e sorrindo. Parecia que ela havia jogado algum tipo de feitiço, se sentia muito bem com ela por perto.

Não queria demonstrar, mas Sayuri estava pulando por dentro. Com muita urgência precisava falar com a mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro – concordou sorrindo. — Eu vou amar.

— Certo – murmurou fazendo carinho no queixo feminino. — Eu te busco aqui depois do almoço.

— Okay – confirmou olhando-o se aproximar, a beijando. — Eu vou te esperar.

— Vou contar os dias.

Depositando mais um beijo nos lábios dela, ele a esperou sair do carro e ali parado sorriu acenando quando ela virou e lhe deu tchau. Quando ela finalmente entrou em casa ele saiu com o carro.

Encostada a madeira, Sayuri segurava a mochila junto ao peito. Pronta para subir as escadas viu o pai descer os degraus sonolento, mas assim que a viu despertou-se.

— Chegou agora?

— Sim, pai. — Sorriu ainda agarrada a bolsa.
— Desculpe a demora.

— Tudo bem – respondeu lançando um olhar franzido para ela. — Estava com Noemie?

— Sim – mentiu encarando o chão, começando a tirar as sandálias. — Foi divertido.

— Só as duas? Coisas de meninas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

Sorriu incerta, sentia-se mal por mentir.

Passando pelo pai parou na metade das escadas quando ouviu a voz séria do homem.

— Desde quando Noemie passou a usar roupas masculinas?

Sayuri fitou a jaqueta de Benjamin que ainda usava. Xingando-se mentalmente voltou-se para o homem que a encarava com os braços cruzados.

— Com quem você estava?

— Pai, eu estava com um amigo – disse parada na escada. — Estou cansada, podemos deixar isso para lá?

Crispando os lábios ele concordou.

— Obrigada. – Sorriu. — Eu te amo, pai.

— Eu também, princesa.

Suspirando, Urion se encaminhou para cozinha onde pegou uma garrafa d'água, logo a bebendo. Encostando-se a pia cruzou os braços.

— É, Urion, sua princesa é uma adulta – murmurou para si.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Espreguiçando-se rodou na cama até pegar o celular que estava em cima do criado mudo. Olhando a hora viu que eram 8h20 e remexendo-se entre os lençóis sorriu. Lembranças da noite passada ainda estavam vivas em sua memória, após deitar tomar um banho – na noite passada – e deitar-se na cama sonhou com Benjamin.

Mordendo os lábios ficou pensando o que o homem faria hoje. Ela, sem dúvida alguma, conversaria com a mãe sobre tudo isso, precisava desabafar com alguém e ouvir uma segunda opinião. Levantando-se rápido da cama foi para o banheiro e, após sua higiene matinal foi até a mochila pegar um short cintura alta e uma blusa da alça fina da cor azul. Dentro da mochila também retirou as roupas de baixo, não esquecendo do *AllStar*.

Pronta para sair – já arrumada – andou rapidamente até a cozinha, aquele horário o pai já teria saído.

— Mãe, eu... – Parou, observando o mais

PERIGOSAS ACHERON

velho sentado à mesa bebericando um café. — Bom dia, pai — saudou indo até o pai dando um beijo em seu rosto.

— Bom dia — Urion respondeu a olhando. — Dormiu bem?

— Sim. — Sorriu sentando-se à cadeira, logo lançando um olhar para a mãe que a observava com um pequeno sorriso. — O senhor não vai sair?

— Você quer que eu vá? — retrucou colocando a xícara de café em cima da mesa.

— Não — murmurou levantando as sobrancelhas enquanto fitava a mais velha. — É que geralmente o senhor sai nesse horário.

Yumi a encarou logo entendendo que a filha queria falar.

— Amor, acho melhor você ir — disse recebendo um olhar surpreso do homem. — Você ainda vai buscar Ian.

Crispando os lábios o homem encarou a filha que baixou o olhar bebericando suco. Voltando sua atenção para a esposa a viu cruzar os braços com a sobrancelha arqueada, então revirando os olhos se levantou da mesa. Sorrindo Yumi foi até o marido e o beijou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo.

— Eu também amo você. — Sorriu alisando sua bochecha. — Também amo você, princesa — proferiu para Sayuri que lhe sorriu.

— Eu também, pai. — Acenou para o homem esperou até que ele saísse da casa e quando ouviu a caminhonete ser ligada, voltou-se para a mãe. — Mãe, eu preciso conversar com a senhora.

— Claro! — Acenou sentando-se ao lado da filha. — Aconteceu alguma coisa?

Incerta acenou com a cabeça, não sabia como começar e se deveria contar todos os detalhes a mulher.

— Pode falar sobre o que quiser comigo. — Sorriu apoiando o queixo na mão. — É o Caine?

Franziu o cenho.

— Não — negou colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — É uma pessoa que eu conheci e saí ontem.

Concordando Yumi esperou que ela continuasse.

— Na verdade é complicado. — Rodeou a boca do copo com o dedo. — Não sei bem como começar.

PERIGOSAS ACHERON

— Que tal pelo começo? — propôs suave. — Seu pai vai demorar a chegar então temos tempo.

Suspirando fitou a mãe enquanto começava a falar, desde o dia que conheceu Benjamin até agora. Quando começou a falar sobre os beijos trocados ficou com vergonha, mas era sua mãe ali. Então não tinha motivos para se envergonhar. Yumi ouvia calada a tudo o que sua filha dizia, sorrindo lembrou-se de quando conheceu Urion. A forma que se conheceram e logo após tudo o que passou, percebia também o jeito tímido que ela falava sobre a pessoa, mas ainda não tinha dito quem era, apesar de que ela já suspeitava quem seria.

— E ontem nos beijamos de novo. — Sorriu balançando a cabeça. — Ele me levou para jantar e depois no cinema. Eu nunca havia dado uns amassos no cinema. — Envergonhou-se recebendo um sorriso da mulher. — Com Caine as coisas eram diferentes, eu nem conheci a família dele. Quando nos encontrávamos era sempre um sorriso aqui e ele me levava para a cama. Acontecia de fazermos alguma atividade de “namorados” — fez aspas com os dedos —, mas não... — Parou de falar

PERIGOSAS ACHERON

respirando fundo.

— Ele que você fala é o Benjamin? O seu vizinho?

Um pouco surpresa concordou com a cabeça.

— É ele — afirmou mordendo os lábios. — Quando estou com ele parece que eu o conheço há anos, o que não é verdade. — Franziu o cenho encarando o copo. — E eu sinto que estou me aprofundando demais nisso e, como Mei disse não tenho nada com ele. Só trocamos beijos e, quando penso que só é isso me bate um vazio.

— Você sabe como conheci seu pai. — Sorriu fazendo-a franzir os lábios. — Eu precisava de ajuda e, ele me estendeu a mão. Não era gratidão que eu sentia, apesar de estar grata. Mas quando nos beijamos pela primeira vez e, ele se permitiu nos deixar entrar na vida dele. Parecia que estávamos ali por anos.

— Mas, mãe — interpôs sentando-se reta na cadeira. — Isso é tão louco, nem me atrevo a dizer o que passa na minha mente porque é quase um absurdo. É até eufemismo.

— É assim que começa.

Sorriu alisando a mão da filha.

— Acha que estou me precipitando? Que estou fazendo errado em deixar com que ele fique nos meus pensamentos?

Suspirando Yumi encarou a filha, quem diria que estaria ali conversando com a filha sobre tal assunto.

— Acho que é precipitado sim – respondeu observando a expressão de tristeza da mais nova —, mas não é errado se permitir conhecer uma outra pessoa. Você pode se surpreender.

— Eu falo por mim porque não sei o que ele acha – comentou dando um pequeno gole no suco. — Acho que tenho medo dele falar que estou querendo levar as coisas longe demais, mas elas já estão.

— Aposto que ele não está sendo indiferente nisso.

— Eu penso também que isso tudo pode ser por causa de sexo – admitiu envergonhada. — Que ele só esteja atraído por mim e, que quando conseguir o que quer vai me chutar. Mãe, eu não sei o que faço – choramingou recebendo um abraço apertado da mais velha.

— Oh, meu amor. — Beijou-a carinhosa. —
PERIGOSAS ACHERON

Existe uma grande diferença entre o desejo carnal e um sentimento novo nascendo.

— Um sentimento novo nascendo — repetiu sentindo o cabelo ser acarinhado. — Minha barriga fica cheia de borboletas só de ouvir isso.

Sorrindo continuou dando carinho a filha.

— Eu sei que você está confusa agora — proferiu em um tom maternal —, mas sei também que você vai saber resolver isso. Você é uma jovem linda, inteligente e educada, Benjamin seria muito burro se só quisesse sexo com você. Você é uma moça para casar e me dar netos.

— Mãe! — exclamou sentando-se. — Agora sim estamos indo longe demais.

— Eu sei. — Sorriu tocando uma mecha do cabelo castanho da jovem. — Faça tudo no seu tempo e, não pense que está fazendo errado. Só deixe as coisas fluírem.

— Obrigada. — Abraçou-a, mas logo separou-se. — Domingo vou sair com ele.

— Mesmo? Vão para onde?

— Para o Parque. — Sorriu cortando uma fatia de bolo. — Ele vem me buscar depois do almoço.

— Seu pai vai infartar — brincou observando-
PERIGOSAS ACHERON

a comer. — Na outra noite em que voltamos sem você, ele xingou todas as gerações de Caine.

Concordou com a cabeça.

— O delegado Kilmer me ligou — murmurou lembrando-se. — O Caine fugiu, mas não se preocupe. Ele não vai aparecer tão cedo.

— Seu pai quer muito colocar as mãos nele — avisou como se ela não soubesse —, mas ainda fico preocupada. Você lá sozinha com a Noemie.

— O apartamento é seguro, mãe — afirmou vendo-a suspirar. — Ele só conseguiu subir porque falou que era meu namorado e, que era amigo da Noemie. Como o porteiro iria saber que era mentira? Afinal ele deu nossos nomes.

— Mas ele tem que prestar mais atenção — contrapôs séria. — A sorte dele foi que seu pai não soube disso, caso soubesse pobre do porteiro.

Levantando-se da cadeira começou a lavar alguns pratos que estavam na pia.

— Mãe, o que a senhora achou do Benjamin? — quis saber dando de ombros, mas atenta ao que a mulher diria.

— Ele parece ser um homem bom — disse sendo sincera. — Apesar desse emprego que você

PERIGOSAS ACHERON

falou que ele trabalha.

— Ele tem uma academia de artes marciais – falou rápido, nervosa.

— Eu sei. – Sorriu olhando-a. — Você disse.

Concordando com a cabeça começou a retirar os pratos da mesa e, parando ao lado da mulher, encostou-se à pia.

— E o papai?

— O que tem ele? – quis saber confusa.

— Ele pareceu não gostar do Benjamin.

Sorrindo Yumi negou com a cabeça.

— Você sabe que seu pai sempre foi protetor com você – começou lhe lançando um rápido olhar. — E depois daquele episódio com Caine ele está mais, não é nada contra o Benjamin, mas ele não gosta de homens perto de você.

— Benjamin achou que papai tinha preconceito por ele ser negro.

Deu de ombros logo recebendo um olhar rápido da mãe.

— Isso é ruim – indagou crispando os lábios.

— Ele não pode ter uma impressão ruim do sogro.

— Mãe! – exclamou sorrindo. — Eu expliquei que o papai não era preconceituoso, era PERIGOSAS ACHERON

só ciumento.

— Fez bem – concordou com a cabeça —, mas não se preocupe. Haverão oportunidades dos dois conversarem entre si.

Parando de falar imaginou um cenário onde Benjamin ia falar com o pai para pedir a mão dela para namorar. Sorrindo notou que só em pensamentos isso aconteceria.

Suspirando começou a ajudar a mãe na cozinha.

Caine observava da sacada do hotel o mar à sua frente. Com os braços cruzados pensava na merda que fez, afinal era somente uma boceta a mais. Não deveria ter ido atrás de Sayuri, agora estava ali escondido. Deveria ter procurado outras para se satisfazer, bufando foi até o celular discando o número da mãe.

— Mãe?

— *O que é, Caine?*

— Como é bom ouvir sua voz – debochou sentando-se à cama.

— *Querido, eu realmente estou ocupada* – disse com a voz irritada. — *Um dos meus dançarinos não me atende e, isso está me deixando realmente irritada.*

Revirando os olhos Caine deitou-se na cama. Desde que a mãe começara com esse negócio de clube das mulheres vivia irritada, o que não era o normal de Margot.

— Quanto tempo vou ficar aqui? – quis saber impaciente.

— *O nosso advogado nos instruiu a pagar uma quantia para essa morta de fome e fazer com que ela retire a queixa. O de sempre.*

Crispando os lábios o loiro negou com a cabeça. Isso não colaria com Sayuri, ela não era como as outras interesseiras. Ela tinha essa qualidade de ser muito honesta.

— Ela não vai aceitar.

— *Você nem tentou, amorzinho* – retrucou pegando a bolsa saindo do quarto. — *Agora mamãe precisa sair, mas me mande o endereço dessa menina que eu mesma vou resolver isso para você, meu bebê. Seu irmão está tomando conta das suas coisas, não se preocupe.*

Encerrando a ligação se jogou no colchão, duvidava muito que a mãe conseguisse – mas daria um tempo para a poeira baixar e depois voltaria a procurar Sayuri. Pensar nela o fez lembrar daquele homem que invadiu o apartamento e o agrediu. Crispando os lábios não gostou de saber que Sayuri estava muito próxima de um homem como ele.

Decidindo não se estressar com isso rumou para o banheiro.

Benjamin terminava de limpar o apartamento. Lavou os pratos, colocou as roupas na máquina e varreu o lugar. Foi até a cozinha e abriu a geladeira para pegar uma cerveja, tomando um gole tinha a intenção de ir para o quarto tomar um banho. Mas um resmungo vindo do lado de fora do apartamento lhe chamou a atenção.

Abrindo a porta deu de cara com Sra. Mikkelsen com as mãos nas costas e no chão algumas latas de tinta dentro de sacolas. Encostando-se no batente da porta Benjamin sorriu para a mais velha.

— Olá, Sra. Mikkelsen.

Lançando um olhar para o homem a idosa acenou e, quando foi abaixar-se gemeu colocando as mãos nas costas. Benjamin mais que depressa foi ao socorro da mulher pegando as sacolas e lançando lhe um olhar preocupado.

— A senhora está se sentindo bem?

— Não é nada – falou com uma expressão de dor. — Só a idade dando as caras.

Olhando-a Benjamin percebeu que a outra vivia muito sozinha ali, nunca viu ninguém a visitá-la e isso era triste. Ninguém deveria ficar sozinho, ainda mais uma senhora na idade que ela estava.

— Pretende pintar a casa?

— Não – negou abrindo a porta. — Só o quarto de hóspedes.

— A senhora quer que eu pinte? – perguntou deixando-a surpresa. — Eu iria dormir um pouco e, depois preparar alguma coisa para comer.

Mikkelsen observava o vizinho com as sacolas em mãos e, começava a se sentir mal por muitas vezes falar coisas com o mesmo. Sabia que era injusta e uma péssima vizinha.

— Não precisa se incomodar – disse
PERIGOSAS ACHERON

deixando-o entrar na casa. — Pode colocar ali as sacolas.

— Não é incomodo — proferiu colocando as sacolas no chão. — Vou em casa colocar uma blusa velha, volto logo.

Saindo foi até o próprio apartamento e, depois de vestir uma blusa qualquer voltou para o apartamento da idosa.

— Onde fica o quarto de hospedes? — questionou agachando-se e pegando as sacolas. — A senhora tem jornais?

— Sim — confirmou mostrando o quarto que seria pintado. — Vou pegar.

Olhando ao redor viu alguns móveis cobertos, aproximando-se de um levantou o pano vendo que era um berço da cor marrom. Podia-se notar que a madeira era antiga, pelo modelo. Cobrindo o berço de volta foi até o outro que estava coberto, notando que era uma cadeira de balanço.

Franzindo o cenho encarou as latas das cores azuis, voltando sua atenção para a porta a viu se aproximar devagar com as mãos nas costas.

— Aqui estão. — Entregou os jornais ao homem que a encarava curioso. — O que foi?

— Nada. — Sorriu começando a espalhar os jornais pelo chão. — A senhora pode se deitar se quiser, quando acabar aqui eu aviso.

— Obrigada, Benjamin — agradeceu com um pequeno sorriso, logo dando as costas ao homem.

Com um pequeno sorriso, Benjamin começou a preparar os materiais para a pintura.

Talvez não era tão ruim como ele imaginava.

Sentada na varanda observava o movimento da rua. Pensava no encontro que teria no domingo com Benjamin. Abraçando as pernas encostou a cabeça no encosto do pequeno sofá. Fechando os olhos lembrou-se dos beijos e da pegada que o homem tinha, voltando a abrir os olhos acenou para Romee que adentrava a casa dos vizinhos com algumas sacolas.

A porta da casa abrindo lhe chamou a atenção e olhando o recém-chegado sorriu.

— Quer dizer que a senhorita foi parar na delegacia e não me disse? — Ian questionou com um pequeno sorriso, sentando-se ao lado da irmã. —

PERIGOSAS ACHERON

Como você está?

Dando um pequeno sorriso aconchegou-se no irmão.

— Bem — respondeu olhando para frente. — Não queria te incomodar, você estava com bastante coisas na Universidade e só foi um susto. — Mordeu os lábios. — Não aconteceu nada de grave.

— Esse seu jeito de esconder as coisas me preocupa — comentou abraçando-a. — Não contar o que acontece não ajuda, só faz com que tudo vire uma bola de neve.

Crispando os lábios Sayuri pensou no que acabara de ouvir, era certo o que o irmão falara não deveria esconder as coisas. Sempre fora criada para contar a verdade, mas não podia. Tinha certas coisas que deveriam ficar mantidas em segredos.

— Não precisa se preocupar — indagou depois de um tempo. — Eu sei me cuidar, mesmo você e o papai achando que não.

— O pai me falou umas coisas — começou como quem não queria nada. — Fiquei curioso.

Revirando os olhos se afastou do irmão enquanto cruzava os braços.

— Quer dizer que você e o papai ficam de
PERIGOSAS ACHERON

fofoquinha por aí?

Dando um sorriso aberto – a característica do irmão – coçou atrás da orelha.

— Não chamaria de fofoca – expôs como se explicasse a uma criança de cinco anos. — Eu diria que apenas conversa entre pai e filho preocupados sobre a irmã e filha que está saindo com algum cara que não conhecemos, mas que só vou dizer se vou com a cara dele ou não quando ele vir pedir sua mão em namoro.

Rindo balançou a cabeça.

— O que? – questionou nervosa.

— Quem é o cara que você saiu ontem?

— Isso não é da conta de vocês – exclamou levantando uma sobrancelha fitando o irmão colocar a mão no peito. — E não faça essa expressão.

— Eu só não quero que você se machuque – murmurou ficando sério. — É difícil saber que tentaram te fazer mal e que... – Parou de falar olhando as mãos, mas logo lançou um olhar para a irmã. — É difícil para o pai também.

— Eu sei – concordou alisando a mão masculina —, mas nada aconteceu. O Benjamin me

PERIGOSAS ACHERON

salvou e cuidou de tudo.

— Quem é Benjamin? — perguntou desconfiado.

— Ninguém — respondeu enquanto levava as mãos atrás das costas. Não deixaria o irmão notar que mentia. — Quer dizer, é só o meu vizinho.

Em silêncio observou o irmão a encarar e logo desviar o olhar para frente com uma expressão pensativa. Nervosa decidiu mudar de assunto, antes que Ian voltasse com o assunto.

— Então como anda as coisas com Courtney?

— Normal — respondeu com um sorriso de lado. — Pensei em trazê-la qualquer dia desses, quando estivermos todos juntos.

— Acho que pode ser bom ela se enturmar — proferiu olhando-o. — Só acho que você deveria primeiro falar com a mamãe, você sabe...

— É sei — concordou olhando rapidamente Romee saindo apressada da casa da frente, segurava uma pequena bolsa de lado e parecia aflita. — A Romee parece preocupada.

Desviando o olhar do irmão observou a jovem que corria para o final da rua, Sayuri crispou os lábios. Romee era muito trabalhadora, nunca

PERIGOSAS ACHERON

presenciou um momento em que a jovem saísse para se divertir ou até mesmo jogar conversa fora. Relanceando o olhar para o irmão, o viu encarando Romee.

Sorrindo imaginou os dois como um casal, formariam um belo par.

— O almoço está quase pronto — falou sorrindo de lado. — Vou tomar um banho.

— Tudo bem.

Sorriu recebendo um beijo na testa.

Suspirando perguntou-se o que Benjamin estaria fazendo agora. Deveria ter pego o número dele, mas agora não tinha como falar com o mesmo. Gostaria de ouvir sua voz, de sentir os beijos que ele dava, da pegada que ele tinha. Fechando os olhos encostou os dedos nos lábios e nem precisou força muito a mente. A sensação dos lábios carnudos de Benjamin estava vivo em sua memória.

— Pensativa? — a voz do mais velho a fez pular e o encarar envergonhada.

— S-Só algumas coisas — desconversou sorrindo para o pai. — Tudo certo nas lojas?

— Sim — concordou sentando-se ao lado dela.

— Tudo se encaminhando bem. — Sorriu abraçando-a. — Bratt avisou que a pequena Leslie está um pouco adoentada, por isso não vem amanhã.

— O que ela tem? — preocupou-se o encarando.

— Exagerou no sorvete — avisou fazendo-a dar um pequeno sorriso —, mas e você o que faz aqui sozinha?

— Nada.

Acenando Urion a observou havia algo diferente com sua menina, mas ele não conseguia dizer bem o que. Crispando os lábios pensou em ontem, na expressão de felicidade que ela chegou em casa. Não acreditava que aquela alegria toda foi por causa de um simples amigo, Yumi havia conversado sobre o fato dele ficar supervisionando a filha e o lembrou que ela já era grandinha.

Olhando para frente suspirou, não queria de forma alguma a afastar de si. Ele só queria a proteger de homens como Caine, lembrar do loiro o fazia ficar possesso.

— O senhor quer falar alguma coisa?

— Você sabe que eu posso ser desse jeito —

começou observando a expressão confusa da filha.

— Você pode me achar chato ou não sei...

— O senhor não é chato – interpôs sorrindo.

— Só as vezes quando não percebe que eu cresci.

— Eu percebi – retrucou lhe acariciando o rosto. — É só difícil aceitar, difícil aceitar que minha princesa que ficava puxando os meus cabelos e me pedindo colo está crescida. – Riu fazendo-a rir. — Que desgraçados como Caine estejam por aí para te ferir – falou sério. — Eu não criei minha filha para um qualquer vir e achar que pode levantar a mão para você ou te machucar de outra forma.

Mordendo os lábios deixou uma lágrima cair, rapidamente Urion a enxugou.

— Por isso não ache que quero sua infelicidade – indagou suave. — Eu quero muito que você seja feliz. – Puxou-a para mais perto, sentindo os braços finos lhe arrotearem. — E eu sei que você precisa da sua privacidade que não tenho nada a ver, mas eu não posso deixar que esse outro com quem você está saindo te faça mal.

Indecisa Sayuri o encarou.

— Ele não vai me machucar – afirmou com
PERIGOSAS ACHERON

um pequeno sorriso. — Nem todos são como o Caine.

— Nós não podemos saber.

— Eu sei que ele jamais me machucaria dessa forma – o defendeu. — Ele seria a última pessoa que pensaria isso.

Sorrindo pensou em Benjamin.

Urion observava a forma com a qual ela falava no homem.

— É aquele homem? O seu vizinho?

— Pai...

— Vocês estão namorando? – a interrompeu em desagrado.

Negando com a cabeça fitou as mãos.

— Só estamos nos conhecendo – disse querendo mudar de assunto. — Não é nada demais.

Suspirou enquanto concordava um pouco contrariado. A porta sendo aberta lhes chamaram a atenção e, Yumi sorriu encarando os dois.

— O almoço está servido.

Benjamin terminava de pintar as paredes.
PERIGOSAS ACHERON

Teve o cuidado para não sujar muito os panos que cobriam os móveis. Enquanto trabalhava ouvia barulho de panelas – que vinha da cozinha – pensava que Sra. A Mikkelsen estivesse deitada. Suspirando fitou as paredes devidamente pintadas, lançando um olhar para a camisa viu que tinham vários pingos de azul.

Colocando os materiais usados dentro de uma caixa saiu do quarto a procura da idosa. Chegando no corredor que dava para a cozinha avistou a mais velha colocando os pratos à mesa, relanceando para a parede viu o horário e suspirou. Teria algumas horas ainda para dormir e depois ir para o CM.

— Sra. Mikkelsen – a chamou tendo a atenção para si. — Finalizei.

— Obrigada – agradeceu sorrindo. — Pode colocar essas coisas na lavanderia, depois eu os lavo.

Concordando fez o que lhe foi pedido, limpando as mãos na blusa se encaminhou para a porta.

— Você não quer almoçar? – perguntou um pouco acanhada. — Eu fiz essa lasanha, fazia tempo que não preparava.

Surpreso ele encarou a mesa, com um sorriso de lado aproximou-se da mulher.

— Quer me conquistar pelo estômago? — brincou fazendo-a sorrir.

— Não seja bobo. — Riu colocando a jarra de suco na mesa. — Você tem idade para ser meu filho. — Sorriu, mas logo ficou séria. — Se não puder ficar pelo menos leve um pedaço como agradecimento.

Em silêncio ele a fitou.

— Tudo bem. Se não for um problema almoço aqui.

Andando até a pia lavou as mãos, logo sentando-se à mesa. Sorriu quando a mulher começou a servi-lo.

— O cheiro está maravilhoso — elogiou fazendo-a sorrir. — Obrigado — agradeceu quando ela lhe ofereceu a comida.

Olhando-a esperou que ela colocasse a própria comida. Observava os movimentos lentos que ela fazia. Fitando ao redor procurou alguma fotografia, mas não encontrou.

— Está uma delícia.

— Obrigada — agradeceu olhando-o. — Você
PERIGOSAS ACHERON

é um rapaz educado apesar de tudo.

Sorrindo tomou um gole do suco.

— Eu sou um amor – comentou comendo. —
A senhora que pega no meu pé.

Parando, a mais velha encarou a comida. Por causa de seu jeito todos se afastaram de si, até seus filhos. Tinha um casal de filhos e, os dois a evitava. Quando jovem dizia que seria a melhor mãe do mundo, mas então falhara e seus únicos filhos a abandonaram. Nas palavras deles não queriam uma velha ranzinza perto dos filhos deles. Era avó, mas não conhecia pessoalmente os pequenos.

Só por fotos.

As vezes ia para uma casa de repouso passar uns tempos quando a solidão apertava. Já havia pensado em dar um fim em tudo, mas não tinha coragem. Talvez por penitência ela merecia tudo aquilo.

— Me desculpe – pediu deixando algumas lágrimas escaparem dos olhos, deixando Benjamin assustado.

— N-Não precisa chorar – falou espantado.
— Na verdade me divirto muito com a senhora.

Sorriu querendo que ela parasse de chorar.

— Eu sei o que vocês acham de mim — exclamou com os olhos tristes. — As vezes eu escuto os buchichos de alguns.

Sentindo-se mal Benjamin a encarou.

— Eu entendo — proferiu observando o prato —, mas quero que você me desculpe por tudo. Eu vou tentar não pegar muito no seu pé, não tenho esse direito.

— Tudo bem — disse com um pequeno sorriso. — Realmente não precisa se preocupar com isso — pediu um pouco mais calmo. — E sua lasanha é realmente uma delícia. — Mudou de assunto colocando uma garfada na boca.

Sorrindo voltou a comer, mas por dentro estava triste. Lembrar dos filhos sempre a deixava nesse estado e, que por culpa dela não tinha, mas contato com nenhum. Estava fadada a ficar sozinha para sempre.

Após o almoço — que Benjamin levou um pouco de lasanha para comer depois — saiu da casa da vizinha indo para o próprio apartamento. Pela manhã havia visto a amiga de Sayuri sair com uma mochila, trocaram poucas palavras. Olhando o celular decidiu ligar para o número que Sayuri

PERIGOSAS ACHERON

ligou no outro dia, tentaria pegar o número da jovem.

Não entendia o motivo de não ter feito antes.

Clicando no número esperou até que uma voz alegre atendeu.

— Alô?

— *Oi, Benjamin* – saudou deixando-o surpreso. — *Tudo bem?*

— Como sabia que era eu?

— *Porque seu nome está salvo no meu celular* – respondeu —, *mas o que está pegando?*

Indo até o banheiro começou a retirar a roupa.

— Eu preciso do número da Sayuri – exclamou ouvindo um resmungo do outro lado. — Tudo bem?

— *Sim, vou te mandar por mensagem. Tchau.*

Antes que pudesse encerrar a ligação Benjamin ouviu claramente um gemido da mulher. Franzindo o cenho fitou o celular, ela não estaria fazendo *aquilo* que ele estava pensando enquanto conversava com ele.

Obviamente não.

Após o banho e se secar, foi até a cama se

PERIGOSAS ACHERON

jogando entre os lençóis. Hoje entraria às 20h, antes que Margot tivesse um treco e ele fosse o culpado. Tinha ignorado as ligações da mulher, sabia que não era muito esperto fazer isso, mas sabia que ela precisava dele e que não o demitiria.

— *Nii-san*, isso não vale — exclamou observando as cartas em sequência garantindo a vitória do irmão. — Era a vez do papai.

— Mas aí é que está a graça. — Sorriu levantando as sobrancelhas. — Não precisa chorar qualquer dia desses eu te ensino como se faz — debochou juntando o baralho novamente.

Urion observava com um pequeno sorriso os dois filhos. Adorava momentos assim que passavam jogando qualquer jogo. Sayuri sempre perdia e Ian sempre ganhava. As vezes não ganhava, mas parecia que Sayuri não percebia e, mesmo assim, ele saía como vencedor.

A campainha tocando chamou a atenção de todos, Yumi levantando-se foi até a porta a abrindo. Dando de cara com o sogro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Archie! – Sorriu indicando que entrasse.
— Onde está Beth?

— Em casa. – Sorriu beijando-a no rosto. —
Chegamos hoje da nossa pequena viagem, vamos
ficar uns dias por aqui. Então vim aqui trazer esses
presentes para os meus netos.

Urion ficou em pé para abraçar o pai, em
seguida Ian abraçou o mais velho.

— Olhem só para esses dois – exclamou
encarando os netos. — Todos crescidos.

— Vovô! – Sayuri o abraçou. — Estava com
saudades.

— E como anda nossa professora? – quis
saber beijando-a no rosto.

— Bem.

Sentando-se no sofá Archie entregou as
sacolas para os netos.

— Elizabeth também ajudou na escolha –
disse observando as reações dos netos. — Espero
que gostem.

Sorrindo, Sayuri tirou de dentro da sacola
uma caixinha preta e ao abri-la viu que era um
colar com uma pedrinha solitária. Encantada a
retirou da caixinha.

PERIGOSAS ACHERON

— É lindo, vovô, obrigada – agradeceu o abraçando.

Urion encarava os dois com sorrisos, Yumi estava sentada no braço da poltrona. Sentindo o marido lhe rodear a cintura com um braço.

Ian retirava de uma caixinha uma pulseira masculina de prata. Colocando-a no pulso sorriu.

— Valeu, vovô.

— Fico feliz por gostarem – murmurou sorrindo.

— Diga a Beth que agradecemos.

Entregando a joia ao mais velho, levantou o cabelo em um pedido para que colocasse o colar. Após isso sorriu tocando na joia.

— Fica para o jantar, Archie? – Yumi perguntou.

— Infelizmente fica para uma próxima – lamentou dando um pequeno sorriso. — Prometi que voltava para jantar em casa.

O celular de Sayuri tocando chamou a atenção de todos. Observando a tela notou que era um número desconhecido. Desligando voltou a encarar a família, porém o celular voltou a tocar.

— Com licença – pediu antes de atender. —

Alô?

— *Boa noite, Sayuri* – ela reconheceu a voz de Benjamin e, deixando um grande sorriso escapar, encarou o pai que a fitava com o cenho franzido. — *Sentiu saudades?*

— O-Oi, Mei – indagou nervosa vendo o pai desviar a atenção, voltando a conversar com o pai. — Só um momento – pediu indo até o avô o abraçando. — Obrigada pelo presente, espero que venham depois para passar o dia com a gente.

— Claro, querida. – Sorriu. — Eu ligo.

— Certo – concordou. — Eu vou lá em cima falar com a Mei.

— Quando estiver na hora de comer eu chamo – a mãe lhe disse. — Pode ir.

— Obrigada! – Correndo, subiu as escadas sob o olhar atento do pai, chegando no quarto trancou a porta e se jogou na cama. — Benjamin está aí?

— *Sim, o que está aprontando?* – perguntou risonho.

— Meu avô está aqui. Fui me despedir dele – respondeu pegando um travesseiro o abraçando. — E você o que está fazendo?

— *Por enquanto nada e você?*

— Estou no meu quarto deitada.

— *Hmmm* – gemeu fazendo-a arrepiar. —

Que tentador.

Nervosa mordeu os lábios.

— Estou ansiosa para amanhã – deixou claro, mas logo se arrependeu. Não deveria demonstrar que estava ansiosa para amanhã.

— *Eu também estou* – comentou deixando-a surpresa. — *Diria que nervoso.*

Riu fazendo-a fechar os olhos, aquele som era maravilhoso aos ouvidos dela.

— Até parece que você não vai ao Parque – proferiu observando o teto do quarto.

— *Na verdade não* – retrucou indo pegar uma cueca e uma calça. — *Faz muito tempo desde que fui ao Parque.*

Por um momento Sayuri se perguntou porque então ele iria com ela. Se com as mulheres que transava ele não levava ao Parque, por que ela?

— *Sayuri?*

Parou o que fazia esperando uma resposta dela.

— Sim? – questionou balançando a cabeça,
PERIGOSAS ACHERON

não tinha motivos para ficar pensando nisso agora.

— *Está tudo bem?*

Sentando-se e encostando as costas na cabeceira da cama confirmou com a cabeça.

— Sim. — Deu um pequeno sorriso. — É que eu lembrei que fiquei com sua jaqueta.

Rindo rouco sentou-se na cama enquanto apoiava com a outra mão o celular.

— *Percebi assim que saí da sua rua* — avisou —, *mas eu sei que está bem guardado.*

— Eu...

— *Eu estou louco para sentir seus lábios* — a interrompeu de forma sincera. — *A primeira coisa que vou fazer assim que te ver é te beijar.*

Sayuri assim que ouviu, sorriu abertamente jogando-se na cama. Tomando uma respiração tentou soar calma.

— Eu também.

— *Passei o dia ocupado, mas meu pensamento estava em você. Eu precisava ouvir sua voz antes de sair para o CM.*

Parando de sorrir Sayuri sentou-se sentindo-se estranha.

— Você vai para o clube?

— *Vou* – respondeu sem perceber a mudança na voz dela. — *Eu andei meio que ignorando a minha chefe, ela não gostou muito.*

A felicidade de antes agora não mais existia. Só conseguia pensar nele dançando para várias mulheres, sendo cobiçado e agarrado.

— *Sayuri?*

— E-Eu preciso ir – falou sentindo os olhos arderem. — Minha mãe está me chamando – mentiu.

— *Certo, eu também tenho que ir. Então, até amanhã?*

Queria dizer que não, que ele poderia sair com qualquer outra do clube – mas ela não faria. Não faria, pois, estava louca para encontra-lo. E também não tinha motivos para ter ciúmes dele, não tinham nada. Só se pegavam e, ela não tinha o direito de pedir para que ele saísse de lá.

— Sim, boa noite, Benjamin.

— *Boa noite, Sayuri.*

Encerrando a ligação ficou encarando o celular. Não queria chorar, mas não conseguia. Saber que alguns minutos ele estaria ao redor de várias mulheres a incomodava demais e, saber que

PERIGOSAS ACHERON

ele gostava a machucava.

Indo até o banheiro lavou o rosto, olhando-se no espelho fitou a ponta do nariz começando a ficar vermelha. Respirando fundo lavou mais uma vez o rosto e, colocando um sorriso nos lábios saiu do quarto.

Ao chegar no andar de baixo viu que todos estavam na cozinha. Sua mãe assim que a notou proferiu: — Eu já ia te chamar. — Sorriu, mas logo franzindo o cenho quando a observou com atenção. — Tudo bem?

— Sim.

Deu um pequeno sorriso indo se sentar em frente ao irmão.

Urion apenas a encarou. Ele não se intrometeria ainda, mas se ele visse que precisava fazê-lo não hesitaria em fazer.

Benjamin encarava-se no espelho enquanto terminava de se vestir. Pegando a mochila se sentiu estranho, como se não devesse fazer isso. Balançando a cabeça pegou as chaves, logo saindo

PERIGOSAS ACHERON

do apartamento.

No térreo acenou para Evans que lhe sorriu, rapidamente se encaminhou para o carro e o adentrou.

O caminho até o CM fora feito em silêncio.

Assim que chegou no lugar estacionou o carro em sua vaga de sempre e se encaminhou para dentro.

Dentro do local pôde ver alguns colegas de trabalho. Fitando o bar viu que Clark ainda não tinha chegado. Encaminhando-se para o camarim cumprimentou algumas pessoas, quando abriu a porta encarou Margot o observando séria.

— Vejo que veio trabalhar hoje – disse com os braços cruzados. — Por que não me atendeu?

Suspirando colocou a mochila na cadeira.

— Eu estava ocupado com algumas coisas.

— Isso não é desculpa! – exclamou séria. — Não ache que porque você é meu melhor dançarino que as coisas para você serão fáceis!

— Isso nunca passou pela minha cabeça.

— Você não leva seu emprego a sério – afirmou aproximando-se. — Por sua causa perdi de ganhar muito dinheiro aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha...

— Quer saber? Estou farta! – o interrompeu.

— Está na rua!

— O que? – perguntou não acreditando, fazendo Margot sorrir.

— É isso que ouviu – proferiu aproximando-se mais. — Na rua.

Olhava-o com um grande sorriso. Agora tinha um trunfo, só daria o emprego de volta se o mesmo cedesse a ela.

— Mas eu posso reconsiderar se...

Parou propositalmente encarando os lábios do homem.

— Se? – quis saber de forma séria a fitando.

— Se você me dar o que quero. – Sorriu alisando o rosto do homem. — Não vê que posso lhe dar o que você quiser? Você só precisa me dar o que quero.

Segurando-a pelos braços ele a viu sorrir e, de forma séria a separou de si.

— Acho que tenho que te agradecer. – Sorriu fazendo-a sorrir. — Eu não queria sair daqui, mas você me ajudou em parte nessa decisão.

— O que? – perguntou um pouco assustada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei – murmurou incerto —, mas eu não estou me sentindo à vontade aqui. Acho que já deu.

— Como assim já deu?

— Eu trabalho aqui há muito tempo – começou observando o semblante sério da mulher. — E realmente amei trabalhar aqui, mas parece errado agora. Não estou excitado para dançar, parece até que vou para a força.

Sorriu esfregando a cabeça.

— Você está nervoso – Margot tentou, percebendo que não conseguiria nada com ele hoje. — Quando você começar a dançar...

— Eu não vou – falou pegando a mochila dando as costas. — Eu aceito a demissão.

— Mas eu não! Volte aqui! – exclamou quando o viu sair do camarim.

Bufando foi atrás do homem.

Benjamin andava em direção à saída e antes que pudesse sair topou com Clark.

— E aí, cara? Chegando agora?

— Saindo agora – respondeu deixando o outro confuso. — Não trabalho mais aqui.

— O que?

PERIGOSAS ACHERON

— Benny! – Margot o chamou fazendo com que todos prestassem a atenção nela. — Você não pode fazer isso comigo! Você não pode!

— Foi você que me demitiu – apontou deixando-a nervosa. — E se você não tivesse feito, eu faria. Você só antecipou.

Clark observava atônito os dois, nunca imaginara que o cara à sua frente se demitiria. Mas o outro parecia bem certo do que fazia.

— Você não pode fazer isso comigo – deixou claro com um olhar sério. — Não depois de tudo que investi em você.

Parando e respirando fundo Benjamin a encarou.

— O que você investiu em mim eu devolvi com juros – deixou claro. — Fui seu melhor dançarino esqueceu?

Deixando-a sem fala cumprimentou Clark que o olhava pasmo. Saindo do lugar respirou mais aliviado e ao entrar no carro teve vontade de ligar para Sayuri, mas isso não era da conta dela.

Sorrindo dirigiu até a casa da mãe, não sabia o motivo, mas precisava conversar com a mulher. Não queria voltar para o apartamento e ficar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

O celular tocando o fez acordar. Abrindo os olhos tateou a mão até encontrar o aparelho celular. Era uma mensagem de Dustin chamando-o para passar um domingo com ele e Taylor. Esfregando os olhos respondeu que estava na casa da mãe e, logo fez o convite para os dois irem até lá.

Encostando a cabeça no travesseiro pensou em Sayuri. Hoje iria encontrá-la, sorrindo saiu da cama e foi até o banheiro. Feito a higiene pessoal rumou até o chuveiro onde tomou um banho rápido.

Após vestir a roupa desceu as escadas, chegando na cozinha viu a mesa repleta de coisas.

— Madrugou?

Jilly o encarou sorridente.

— Eu nem dormi, filho - avisou colocando o pote com calda de chocolate em cima da mesa. — Não consegui, estou muito feliz.

Sorrindo aproximou-se da mais velha, beijando-a na testa.

— Posso saber por que está tão feliz?

Sentando-se à mesa esperou a resposta

PERIGOSAS ACHERON

enquanto colocava uma fatia do bolo no prato.

— Você finalmente se livrou daquele lugar - falou recebendo um levantar de sobrancelha. — E até semana passada você não pensava nisso, então conheceu a... - Parou tentando lembrar o nome.

— Sayuri?

— Isso! - exclamou recebido um revirar de olhos. — Não faça essa expressão! Você sabe que é verdade. Estou radiante, filho, muito feliz por você. Quero conhecê-la.

— Mãe, não existe nada entre a gente – proferiu encarando-a. — O fato de sair do CM não tem nada a ver com a Sayuri.

— Será? – ponderou sentando-se à frente do filho. — Será que não tem? – questionou sorrindo, não conseguia conter a felicidade.

Levando um pedaço de bolo a boca Benjamin a olhou, dando de ombros recebeu outro sorriso radiante. Percebia a felicidade da mãe e não sabia que ela estava almejando muito aquilo, pensava que era só implicância para com o emprego. Mas não. Sua mãe não se sentia mesmo à vontade.

Tomando um gole de suco voltou a prestar atenção na mãe e franzindo o cenho observou

PERIGOSAS ACHERON

enrolar uma forma de torta de frango.

— Para onde vai?

— Vou agradecer a vizinha – respondeu sorrindo. — Afinal ela me falou que você conheceria alguém e, ela estava certa.

Balançando a cabeça fitou a mulher sair apressada de casa.

Ali sozinho lembrou-se da noite passada e tentava se convencer de que tinha saído do CM porque quis, porque já tinha um tempo que queria sair então saiu e não porque achava que estava fazendo algo errado que pudesse magoar outra pessoa.

Afinal era solteiro e poderia sair com quem quisesse e fazer o que desejasse, mas sua mente traiçoeira o fazia pensar na jovem. O celular apitando o fez puxar o aparelho, olhando-o viu que era Pheobe o chamando para ir na casa dela. Para conversarem.

Incerto respondeu que não poderia hoje, pois, já tinha compromisso, mas deixando claro que depois a procuraria para conversarem.

Eram amigos. Amigos que transavam de vez em quando, mas ainda sim amigos.

O telefone da casa tocando o fez levantar de onde estava. Limpando a boca com um guardanapo foi até o telefone o atendendo.

— Alô?

— *Alô* – uma voz masculina proferiu de forma incerta. — *Jillian está?*

— Ela não se encontra – respondeu olhando rapidamente para a porta. — Quem é? Quer deixar recado?

— *Não, depois eu ligo obrigado* – agradeceu nervoso. — *Com quem eu falo?*

— Benjamin, eu sou o filho dela. Quem fala? Soube no exato momento que o homem ficou surpreso, pois, o ouviu arfar. Franzindo o cenho esperou que o homem dissesse alguma coisa.

— *Benjamin?*

— Sim – concordou com impaciência. — Quem é que está falando?

Após questionar isso a ligação fora encerrada, colocando o telefone no lugar voltou sua atenção para a mãe que adentrava a casa sorrindo.

— Alguém ligou? – quis saber observando a mão do filho ainda no telefone.

— Sim – afirmou voltando para a cozinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a mãe ao lado. — Era um homem, não disse quem era.

— Com certeza era engano — murmurou dando de ombros.

— Ele sabia seu nome — retrucou fazendo-a encará-lo. — Seria ele um namorado?

Sorriu recebendo um sorriso em troca.

— Não seja bobo — exclamou divertida. — Não tenho idade para isso.

— Toda bonitona duvido não ter um pretendente — proferiu sério —, mas primeiro eu teria que conhece-lo.

— Pare com isso e coma logo — mandou apoiando a mão no queixo.

Sorrindo voltou a comer com a mãe lhe observando. Minutos depois a campainha fora tocada, levantando-se, Jilly foi até a porta e segundos depois voltava ao lado de Taylor e Dustin.

— Você está tão linda, querida — Jilly elogiou a loira. — Para quando é o casamento?

— Quando o Dustin parar de me enrolar — acusou lançando um olhar ameaçador ao homem que sorriu —, mas ele sabe que não me escapa.

PERIGOSAS ACHERON

— Culpado! – Sorriu a puxando para um beijo. — Então viemos para um domingo em família.

— Oh que coisa boa! – Jilly exclamou sorrindo. — Faz tempo que não fazemos isso.

— Poderíamos fazer um churrasco – propôs Taylor. — Os meninos cuidam das carnes e nós duas no almoço, o que acha Jilly?

Sorriu abraçando-a pelo braço.

— Acho uma ótima ideia! – Deu dois tapinhas na mão da loira. — Precisamos conversar, tenho coisas para contar. – Terminou de falar lançando um olhar para o filho que revirou os olhos.

— Que sutileza – debochou recebendo um sorriso. — Vamos, Dustin, comprar as carnes.

Acenando afirmativamente o loiro beijou a noiva, logo se despedindo das duas. Benjamin observava a mãe cochichar com a mulher e sorrir, duas fofoqueiras.

Saindo de casa rumou para o carro e, os dois em silêncio se dirigiram para o supermercado mais próximo. Ao chegar no lugar Benjamin pegou um carrinho e ao lado do loiro começou a colocar os

PERIGOSAS ACHERON

mantimentos que seria usado naquela tarde.

O celular do loiro apitou e segundos depois de ver a mensagem voltou-se para o amigo com uma expressão de pura surpresa.

— Você saiu do CM e está namorando a Sayuri? — questionou recebendo um olhar surpreso.
— Quando ia me contar?

Lançando um olhar para o aparelho que o loiro segurava, revirou os olhos. Eram um trio de fofoqueiras.

— Fui demitido — respondeu pegando dois engradados de cervejas. Não beberia muito, pois queria estar sóbrio para passar o final do dia com Sayuri —, mas eu já pensava em sair de lá.

— Espera você foi demitido? — repetiu confuso. — Por quem? — quis saber curioso.

— Como assim por quem? — questionou ficando confuso. — Pela Margot.

— Ué — balbuciou parando de andar —, mas por que ela fez isso?

— Ela me demitiu para depois me chantagear. — Sorriu olhando-o. — Para ter o emprego de volta.

— Nossa! — Riu voltando a empurrar o
PERIGOSAS ACHERON

carrinho — E o lance da Sayuri? Cara, o que conversamos? — perguntou atento ao amigo.

— Não estamos namorando — falou suspirando. — Só estamos saindo.

— Cara, lances que começam assim não dão certo — avisou ficando preocupado com o amigo. — Mantenha os pés no chão.

— O seu relacionamento com a Taylor começou assim — retrucou não gostando da negatividade do amigo. — Por que acha que comigo não pode dar certo?

— Quando conheci a Taylor eu já sabia que a queria ter em minha vida — defendeu-se observando o amigo bufar. — O que você quer com a Sayuri? Só sexo? Algo a mais? Responda essas perguntas a si mesmo e, saberá o que se passa com você.

Sem o responder voltou sua atenção para as prateleiras. Não sabia bem o que queria com a jovem, mas sabia que a queria por perto. Mal podia esperar para tê-la nos braços e beijá-la como merecia, crispando os lábios partiu para outra sessão. Logo dando um pequeno sorriso quando avistou o outro loiro.

— Benjamin, quanto tempo! — o homem lhe PERIGOSAS ACHERON

sorriu o cumprimentando.

— Bratt – murmurou olhando o loiro a sua frente. — Pois é, como andam as coisas? Onde está sua copilota? – perguntou referindo-se a filha do loiro. Das vezes que o encontrava no supermercado a loirinha sempre ia sentada dentro do carrinho.

— Dustin – cumprimentou o outro loiro. — Bem, no trabalho tudo certo. – Sorriu de forma simples. — Minha copilota está doente.

— Que droga – indagou cruzando os braços. — Melhoras para ela.

— Obrigado – agradeceu. — Um churrasco? Apontou para o carrinho.

— É. – Sorriu pegando um saco de carvão. — Está convidado se quiser.

Sorrindo o loiro balançou a cabeça.

— Vou deixar para uma próxima – negou educado. — Tenho que ir agora, esposa esperando.

— Vai lá! – Despediu-se do loiro voltando a prestar atenção no caminho que seguia. — Hoje eu vou sair com a Sayuri – avisou para o amigo.

Encarando-o acenou com a cabeça.

— Não é que eu ache que não pode dar certo – retrucou recebendo uma rápida olhadela. — Só
PERIGOSAS ACHERON

estou falando o que acho que você precisa ouvir, mas torço para o que esse lance entre vocês dê certo.

— Obrigado.

Sorriu se dirigindo até as carnes.

Com tudo no carrinho foram até o caixa para pagar as coisas e, depois de pagar se encaminharam para o carro.

Sayuri ajudava a mãe a cortar as frutas vermelhas, sempre se revezando em olhar o horário. Em hipótese alguma iria atrasar-se para o encontro com Benjamin, só de imaginar que em quatro horas ele estaria em sua porta fazia com que o frio na barriga ficasse mais forte.

Em silêncio observou a mãe preparar a massa para a torta de *cream cheese* com frutas vermelhas, a mulher era tão linda. O pai adentrando a cozinha lhe chamou a atenção, observou a forma carinhosa que ele se aproximou da mais velha e a beijou. Depois que pegou duas cervejas saiu do recinto, suspirando se perguntava se algum dia ela teria

PERIGOSAS ACHERON

alguém para dividir suas conquistas. Alguém a quem ela pudesse contar como o dia havia sido cansativo, mas produtivo. Alguém que a abraçasse e a fizesse se sentir segura.

— Está tudo bem? — a voz maternal se fez presente, olhando-a rapidamente sorriu.

— Sim — confirmou roubando um pedaço de morango. — Só pensando na vida.

— Na vida — repetiu dando de ombros. — Ou em Benjamin?

Sorrindo envergonhada Sayuri voltou cortar mais alguns morangos.

— Em tudo — respondeu ainda sorrindo. — Ontem ele falou que a primeira coisa que faria era me beijar — confidenciou acanhada.

— Que galanteador — Yumi disse colocando o recheio dentro da massa —, mas se não quiser ver o seu pai com ciúmes vai ter que beijar bem longe.

— Eu sei. — Foi até a pia e lavou as mãos. — Ontem ele conversou comigo sobre isso. Perguntou se eu estava namorando com o Benjamin.

— Eu conversei com ele — comentou indo até o forno. — Pedi para que ele não fosse tão duro com você em relação a namorado — informou PERIGOSAS ACHERON

voltando-se para a filha. — É sua vida, afinal.

— Obrigada — agradeceu recebendo um sorriso da mulher. — Vou para o meu quarto deitar um pouco. Ontem à noite não consegui dormir direito — murmurou já em pé. — Vai precisar de mais ajuda?

— Não — negou enxugando a mão em um pano de prato. — Pode ir que quando tudo estiver pronto eu te chamo.

— Obrigada.

Antes de subir as escadas fitou o irmão bebendo enquanto conversava com o mais velho. Sorria despreocupado, pelo menos para ele tudo estava encaminhado e certo. Já no quarto se jogou de cara no colchão. Não tinha conseguido dormir ontem, pois sua mente amiga ficava trabalhando em imagens de Benjamin com outras mulheres.

Bufando deitou-se encolhida agarrada ao travesseiro.

Era mesmo patética. Não conseguia ser como outras meninas que ficavam e não se apegavam, ela tinha que ser a diferente e já se apegar. Não tinha culpa por ser assim e, Benjamin a tratava tão bem. Definitivamente tirou a primeira impressão que

PERIGOSAS ACHERON

tivera dele, apesar de que tinha sido ela a atacá-lo.

Sorrindo pegou o celular e acessando ao perfil do *facebook* a primeira foto que viu foi de Noemie e Juan. Era uma foto de ontem, olhando as outras fotos se sentiu feliz por sua amiga ter encontrado alguém.

Suspirando pensou em Bradley. Sentia que algo não estava certo com ele e, o fato dele não confiar nela a deixava nervosa. Mas sabia que a confiança vinha com o tempo, porém esperava que não muito. Era um garoto realmente incrível e inteligente.

O celular tocando a tirou os pensamentos, sorrindo fitou o nome de Benjamin na tela.

— *Oi* — a voz rouca se fez presente. — *Estou te atrapalhando?*

— Não — negou deitando-se confortavelmente na cama. — Só estou esperando o almoço ficar pronto. Estava ajudando minha mãe.

Ao fundo podia ouvir risadas e alguém o chamando.

— *Já vou* — Benjamin gritou para a pessoa. — *Desculpa é meu amigo, estamos em um almoço em família.*

— Ah, desculpa te atrapalhar – pediu, mas logo o escutou rindo. — O que é engraçado?

— *Eu que te liguei. Esqueceu, Chuchu?* – perguntou sorrindo, mas logo parando quando se tocou que havia dito o apelido. — *Desculpa, saiu sem querer.*

Mordendo os lábios sentou-se rapidamente na cama e, de forma cautelosa proferiu:

— Tudo bem – murmurou puxando uma mecha de cabelo. — Eu não ligo.

Franzindo o cenho Benjamin foi até a sala ainda com o celular no ouvido. Achava que tinha ouvido errado, mas tinha a impressão de ter ouvido que ela não ligava. Colocando um sorriso de lado encostou-se à parede, enquanto esfregava o dedo no lábio inferior.

— Você gosta quando te chamo assim? Parecia que não.

Sorrindo ouviu o suspiro que ela deu e, logo após sua voz suave se fez presente.

— *Antes eu te achava um metido.*

— Eu? — Fez-se de ofendido ainda sorrindo.
— Eu não sou metido, eu sou gostoso. Vê a diferença?

A risada no outro lado da linha o deixou com um sorriso bobo.

— *Retiro o que eu disse.* — Voltou atrás brincalhona. — *Você é mesmo um metido.*

— Não sou metido só tenho espelho em casa — retrucou ainda ouvindo o riso suave de Sayuri. — Bem... — parou esfregando a mão no peito. — Estou ansioso para mais tarde.

— *Eu também* — confirmou fazendo-o sorrir.
— *Quero muito comer uma maçã do amor.*

— Eu pago. Pago quantas você quiser.

Jilly adentrava a casa a procura de panos limpos e, visualizou o filho com um sorriso bobo nos lábios enquanto falava com a jovem. Ela sabia que era a Sayuri e, ficava feliz por ver o filho assim. Emocionada sentiu os olhos se encherem de lágrimas, respirando fundo foi até onde guardava os panos limpos e rumou para fora.

Ao se aproximar de Taylor, sorriu.

— Está tudo bem, Jilly? — quis saber preocupada. — Está chorando.

— É só emoção — respondeu sorrindo sentando-se ao lado do loiro. — Hoje é um dia especial.

— Acredito que sim. — Sorriu abraçando o braço da mais velha. — Só eu estou ansiosa para o Benjamin trazer a Sayuri para conhecermos?

Dustin a encarou com um pequeno sorriso.

— Eu também estou, filha — Jilly exclamou sorrindo cúmplice com a loira —, mas não vou pressionar o Ben com isso. Você precisava ver ele falando com ela no celular, todo carinhoso.

Dustin observava as duas rirem, relanceando para a porta viu o amigo se aproximar segurando uma lata de refrigerante. Franzindo cenho encostou-se na cadeira.

— Parando de beber? Não bebeu uma cerveja ainda.

— Hoje só vou ficar no refrigerante — anunciou fazendo os três lhe encararem. — Vou dirigir, não posso beber.

— Mas você sempre bebeu nem que fosse uma cerveja. — o loiro estranhou.

Suspirando fitou o amigo.

— Eu vou sair com a Sayuri, esqueceu?

Surpresa Jilly o encarou sorrindo.

— Ah, filho! Fico feliz, ela parece ser uma boa moça.

Olhando-a divertido, Benjamin bebeu um gole do refrigerante.

— Você nem a conheceu.

— Então você precisa trazê-la aqui – propôs dando de ombros, recebendo um levantar de sobrancelha. — Todos concordam?

— Sim – Taylor respondeu sorridente. — Estou curiosa para conhecê-la.

Negando com a cabeça Benjamin escorou o braço na cadeira ao lado.

— E o casamento? Poderiam fazer a cerimônia no próximo mês.

De forma interessada Taylor encarou o loiro que fitou demoradamente o amigo antes de voltar sua atenção para a noiva.

— Vamos conversar com mais calma em casa – disse sorrindo.

— Você só fica me enrolando.

— Não fico nada. – Sorriu, logo olhando o amigo. — Então para onde vocês vão? – Mudou de assunto com um sorriso vitorioso para o amigo, que

o fulminou com o olhar.

Dustin era um traíra e parecia não ligar por ele ser o centro das atenções novamente. Suspirando fitou o relógio, ainda faltavam duas horas para o encontro.

Saía do banheiro enrolada em uma toalha. Em cima da cama tinha uma saia e um short estirados para não amassarem. Parando em frente as peças de roupas ficou observando qual usaria. Retirou a toalha do corpo e pegou a peça íntima para vesti-la.

E usando somente calcinha provou o short, logo colocando o *cropped*.

Em frente ao espelho ficou de lado, não havia ficado ruim, mas não gostou do resultado. O *cropped* era preto com algumas flores e, o short branco. Sorrindo percebeu que sempre vestia aquelas roupas e não se incomodava delas, mas nesse encontro queria estar linda.

Retirando rapidamente o short, pegou a saia rosa e colocou-a. Sorrindo deu uma voltinha

PERIGOSAS ACHERON

notando que o comprimento da peça chegava até o meio das coxas. Puxando a saia um pouco mais para baixo suspirou, gostando do tamanho. De costas notou que seu traseiro ficou arrebitado.

Talvez devesse ficar com o short. Pronta para retirar a saia, alguém bateu a porta e a voz da mãe se fez presente.

— *Filha?*

Foi até a porta e a abriu dando espaço para a mais velha entrar. Lançando um olhar para a filha sorriu, sua menina estava linda.

— Que linda – elogiou sentando-se na cama.
— Nervosa?

— Ansiosa – responde parando em frente a mãe. — Não sei se vou com o short ou com essa saia. — Apontou para a vestimenta.

— A saia está linda – afirmou recebendo um sorriso. — Você está toda linda.

— Obrigada – agradeceu indo até o espelho alisando a saia. — Acho que não vou me maquiar muito. O que a senhora acha?

— Você fica linda de qualquer forma. — Sorriu vendo a filha buscar na bolsa um batom vermelho. — Filha eu queria falar algo com você,
PERIGOSAS ACHERON

antes que vá.

— Sim – falou virando-se para a mulher. — Foi alguma coisa que eu fiz?

— Não – negou sorrindo a chamando para sentar ao lado. — Eu queria falar com você sobre um assunto que já falamos, mas eu sinto que preciso falar novamente.

— O que?

— Sexo – murmurou deixando a jovem envergonhada. — Não faça nada que não queira – exclamou séria. — Se você ver que ele está te pressionando com isso, por favor, filha – pediu segurando sua mão. — Tenha cuidado.

— Tudo bem, mãe – disse com um pequeno sorriso ainda envergonhada. — Ele não me pressiona com isso, não se preocupe. A gente se beija e se beija. – Sorriu encarando o batom na mão. — Eu sinto que ele jamais me forçaria a isso.

— Tudo bem – disse fazendo um carinho no rosto da filha. — Termine de se arrumar, seu irmão também está se arrumando para ir. É tão difícil ver meus bebês irem embora.

Sorrindo Sayuri abraçou a mais velha.

— Eu te amo, mãe.

— Eu também te amo, querida. — Sorriu. — Agora termine de se arrumar.

Dando um último olhar na filha, Yumi saiu do quarto. Encarando a porta fechada, Sayuri pensou no que a mãe falou. Tinha certeza que o homem não tentaria algo que ela não estivesse afim. Voltando para frente do espelho espalhou um pouco de batom nos lábios.

Pegou o perfume e borrifou atrás da orelha e no pulso.

Sentando-se à cama calçou os pés com os tênis *Allstar*.

Suspirando olhou-se mais uma vez em frente ao espelho e criando coragem saiu do quarto com a mochila no ombro e a jaqueta de Benjamin e o celular em mãos.

No andar de baixo viu os pais sentados no sofá cochichando entre si. Aproximando-se dos dois, viu o exato momento que o mais velho lhe com o cenho franzido.

— Onde está o resto da sua saia?

— Pai! — brigou indo até o sofá e vendo a mãe desferir um tapa na barriga do homem que gemeu dando um sorriso.

— Só estou esperando seu irmão para irmos — disse voltando a olhar a tevê.

Surpresa Sayuri fitou a mãe que tinha um sorriso de lado a olhando. E de repente o nervosismo dobrou dentro de si.

— Eu não vou para o apartamento agora — comunicou observando o corte da saia. — Eu vou para um outro lugar.

Urion a encarou e lançando um olhar para a jaqueta masculina — que estava ao lado da filha — crispou os lábios.

— Vai sair com quem?

— Urion — Yumi o repreendeu encarando-o.

— Eu só perguntei — se justificou devolvendo o olhar para a esposa. — Não posso perguntar?

— Eu vou ao Parque — respondeu arrumando o cabelo.

— Sozinha?

— Não — negou olhando rapidamente o celular. — Vou com o Benjamin.

Respirando fundo e concordando com a cabeça, Urion encarou a tevê. Antes que Sayuri pudesse falar mais alguma coisa, ouviram uma buzina de carro. Segurando a mochila e a jaqueta se

PERIGOSAS ACHERON

despediu dos pais e, antes de sair viu a mãe segurando o homem.

Abrindo a porta rapidamente correu até o carro e, notando que Benjamin sairia do automóvel balançou a mão em negativa deixando-o confuso.

— Oi! — Sorriu se acomodando no banco do carona, colocando a mochila e a jaqueta no banco de trás. — Podemos ir?

— Claro. — Sorrindo saiu com o carro e, saindo da rua da jovem a encarou. — Tudo bem?

— Sim — confirmou envergonhada. — Era só o meu pai.

— Ciumento — murmurou a olhando rapidamente.

— Sim. — Lambendo os lábios colocou o cinto de segurança. — Então, como foi o almoço em família? — quis saber querendo ouvir a voz do homem.

— Divertido — comentou lembrando-se das tentativas falhas de Dustin mudar de assunto. — E com a sua família?

— Foi normal — respondeu colocando as mãos nas coxas. — Meus tios não puderam vir porque a filhinha deles está doente, eles sempre

PERIGOSAS ACHERON

almoçam com a gente – avisou obtendo o olhar de Benjamin para si. — Gosto quando todos estão reunidos, mas Tio Johan e Tio Jonathan, junto com suas esposas e filhos são modelos. Então eles viajam o mundo em campanhas.

— Modelos?

— É. — Sorriu. — Meu Tio preferido é o Tio Johan, ele é engraçado. Mas se eu disser isso para os outros eles ficam chateados, então digo que todos são.

Sorria de lado enquanto a ouvia falar, gostava quando ela falava. Tinha a voz suave e bonita e, sem falar que quando ela gostava de um assunto se empolgava. Como agora. Sorria enquanto falava e gesticulava, ele apenas ouvia, queria poder virar para ela e a observar, mas ainda dirigia.

Parando notou que ele tinha um pequeno sorriso de lado. Então percebeu que falava sem freio, colocando uma mecha atrás da orelha fitou a janela.

— Por que parou de falar? — questionou com o cenho franzido.

— Eu estava falando como um papagaio – exclamou o olhando. — E você estava calado.

— Eu estava te ouvindo – anunciou pegando rapidamente na mão dela. — Pode falar, eu gosto de te ouvir.

Deixando um grande sorriso escapar, Sayuri tentou se conter. Pigarreando pensou no que poderia falar, logo sorrindo.

— Eu termino meu estágio no final de outubro – proferiu feliz —, mas ainda continuo lecionando por lá. Fui contratada pelo colégio.

— Parabéns – exclamou orgulhoso. — Isso mostra que você é uma boa profissional.

Orgulhosa de si mesmo sorriu olhando a janela, observando mais a roda gigante.

— Obrigada – agradeceu. — E em novembro tenho minha apresentação para a conclusão do curso.

— Muito nervosa?

— Eu diria ansiosa – esclareceu o olhando de perfil. — E você? Estudou em uma faculdade?

— Não – negou manobrando o carro para uma vaga. — Não tinha como, eu trabalhava os três horários e quando consegui juntar um bom dinheiro investi na minha academia e tirei minha mãe de onde ela estava – informou sob o olhar atento da

PERIGOSAS ACHERON

jovem. — Comprei uma boa casa e dou uma vida confortavelmente boa a ela.

— Isso é bom — comentou sentindo um sentimento de orgulho por ele.

Saindo do carro Benjamin agarrou a jaqueta a vestindo. Indo até o lado de Sayuri a encostou no carro fitando os lindos olhos castanhos que ela tinha.

— Sabe — começou lhe acarinhando a bochecha. — Eu prometi que assim que a visse te beijaria, mas você correu e não me deu chances para isso.

— Me beijar na frente da casa do meu pai? — questionou com um sorriso de lado, colocando os braços ao redor do pescoço do homem.

— Uma péssima ideia?

— Sim — respondeu ficando embriagada com o perfume que exalava dele. — Ele não iria gostar.

Tocando o cabelo castanho sentiu a maciez que era ele. Ao redor algumas pessoas passavam olhando os dois e, outras nem lhes dirigiam o olhar.

— Você está linda. — Afastou-se fazendo-a dar uma volta. — *Uau!* Muito linda.

— Obrigada — agradeceu sentindo os braços

PERIGOSAS ACHERON

dele lhe rodearem mais uma vez. — Você está lindo também.

Ele usava uma calça jeans de lavagem escura, e uma camisa cinza. Nos pés usava coturnos.

— Não vou dizer que *eu sei* porque não quero levar nome de metido.

Envergonhada virou para o lado sentindo-o beijá-la no pescoço, deixando-a arrepiada.

— Você é um pouco — falou passando a mão na barba por fazer do homem. — Quando você vai me beijar?

Sorrindo a puxou para mais perto e, aproximando os lábios de forma lenta até os dela viu o exato momento em que Sayuri fechou os olhos encostando os lábios de forma delicada.

Abraçando-a pela cintura e com a outra mão deixando-a na bochecha feminina, Benjamin aprofundou o contato dos lábios. E quando as línguas se encontraram, ele pôde ouvir o gemido que Sayuri soltou. Beijava-a de forma lenta sentindo com prazer a jovem lhe retribuir. O coração nesse momento bombeava desenfreado.

Inclinando a cabeça levemente para o lado, sentiu quando o lábio foi mordido deixando-o

PERIGOSAS ACHERON

embriagado. A puxando mais para si – como se fosse possível – sentiu as unhas lhe arranharem a nuca o deixando arrepiado.

Antes que perdesse toda a calma interrompeu o beijo, observando os lábios vermelhos dela ficarem em um bico. Como se achando ruim por ele ter parado, lhe acarinhando a bochecha sorriu.

— Vamos entrar – chamou sentindo a pele macia sob o toque. — Apesar de que ficar beijando você é mil vezes melhor – afirmou fazendo-a sorrir. — Temos o final da tarde de diversão.

Segurando-lhe pela mão a levou até a entrada do lugar. Após pagar e pegar os ingressos rumou para dentro, observando as barraquinhas com comidas e as barracas de brinquedos.

Sayuri olhava a tudo encantada, eram por volta das 17h20 e as luzes do parque estavam acesas deixando o lugar romântico e bonito. Passavam por uma barraca cheia de bichinhos de pelúcias quando o dono os chamou com um jeito alegre.

— Hey, rapaz, que tal ganhar um ursinho para a namorada? – propôs chamando a atenção de Benjamin, deixando Sayuri envergonhada. — Vejo

PERIGOSAS ACHERON

pelo olhar dela que ela quer um Ursinho panda. Você pode conseguir se acertar a bola na argola, três tentativas são cinco dólares – exclamou sorrindo tentando arranjar algum cliente.

Pronta para corrigir o homem, Benjamin tomou a frente lhe puxando até a barraca.

— Vou conseguir um para você – disse a olhando, deixando-a surpresa. Enfiando a mão no bolso detrás retirou a carteira onde pegou os cinco dólares. — Seus cinco. — Entregou ao homem que sorriu, logo ligando uma enghoca fazendo com que as fileiras das argolas se movessem. — Elas se mexem?

— Sim! — Sorriu debochado entregando três bolas a Benjamin. — Manda ver, dois acertos e o ursinho é da sua garota.

Envergonhada Sayuri encrava a frente e, sorrindo notou quando Benjamin respirou fundo e atirou a primeira bola errando.

— Ainda tem mais duas. — O vendedor sorriu encostado ao balcão. — Se não conseguir sua garota pode tentar – propôs fazendo-a sorrir.

No fundo estava feliz por Benjamin não desfazer o mal-entendido. Voltando a prestar

PERIGOSAS ACHERON

atenção em Benjamin o viu atirar a bolinha, errando novamente.

— Mais três – Benjamin disse ficando sério, enfiando a mão no bolso onde pegou a carteira. — Eu vou ganhar esse ursinho para você.

— Não precisa – falou sorrindo, lhe tocando o braço. — Sério.

— Precisa sim – retrucou beijando-a rapidamente. — Para dar sorte. Você não me beijou e eu perdi.

— Talvez tenha sido isso mesmo – o vendedor falou enquanto colocava as bolas do jogo na frente de Benjamin. — Agora você acerta.

Respirando fundo e mirando nas argolas Benjamin viu o exato momento em que uma das argolas ficou em sua direção e, agindo rápido jogou-a acertando. Ainda sério fez o mesmo processo com a segunda e a terceira. Acertando ambas.

Com um grande sorriso puxou Sayuri para perto a beijando.

— Seu ursinho, *madame*. – O homem a entregou a pelúcia. — Obrigado.

Virando-se para Benjamin, Sayuri o beijou de

PERIGOSAS ACHERON

novo. Abraçados, afastaram-se da barraca, indo para a montanha Russa e depois nos demais brinquedos. Horas mais tardes saíam de uma casa fantasma, Sayuri rindo de puro nervosismo e Benjamin um pouco tenso. Faminta procurou a barraca de maçã do amor, mas não encontrou.

— Que tal um cachorro quente? Antes de irmos procuramos a barraca da maçã do amor.

— Pode ser. — Sorriu sendo puxada para detrás de uma barraca. — O que vai fazer?

— Eu preciso te beijar de novo — confidenciou pegando-a de surpresa. — Eu acho que estou viciado nos seus lábios.

Segurando o ursinho, Sayuri rodeou o pescoço de Benjamin com o braço o puxando para mais perto. Sentia as mãos dele lhe apertar a cintura. Esfregando os narizes, ela o encarou observando como os olhos negros dele contrastavam com o céu escuro.

Tomando a iniciativa o beijou. Sentindo a mão masculina em seus cabelos, gemeu contra os lábios de Benjamin quando ele puxou os cabelos da sua nuca. Descendo uma mão pelo peitoral definido sentiu a firmeza que era os músculos dele, com a

PERIGOSAS ACHERON

mão por dentro da camisa masculina, arranhou próximo do umbigo sentindo poucos cabelos por ali.

Inclinando a cabeça para o lado sentiu quando as duas mãos de Benjamin desceram até o traseiro empinado o apertando com força fazendo-a gemer e separar os lábios.

— A-Acho melhor pararmos — propôs incerta. — Alguém pode ver.

Só a menção de alguém a ver daquele jeito, o deixou sério.

E ele notou que era ciúme.

Ciúme de só imaginar algum homem olhando Sayuri naquele estado vulnerável que ela se encontrava. Acenou com a cabeça e a beijou rapidamente, puxando-a de volta para o parque, onde as pessoas circulavam.

— Você ficou chateado?

— Por que eu ficaria? — estranhou um pouco surpreso.

— Porque eu o parei.

Parando ele ficou na frente dela e, delicadamente a acarinhou na bochecha.

— Não fiquei. — Sorriu observando-a abraçar

PERIGOSAS ACHERON

o ursinho. — Mas fiquei com ciúmes por alguém te ver daquela forma.

Surpresa deixou um pequeno sorriso escapar, mas logo fitou o chão. Então ele tinha ciúmes dela.

— Vamos comer — pediu enquanto lhe segurava pelo braço. — Estou faminta.

— Eu soube que aqui vende um cachorro quente grande — avisou olhando ao redor, parando colocou as mãos no quadril observando ao redor. — Só um momento — pediu ainda fitando ao redor.

Ali parada o encarou dos pés à cabeça. Mordendo os lábios fitou a expressão pensativa que ele fazia — o deixando mais sensual e perigoso, mas ela sabia que de perigoso só tinha a expressão. Dando um pequeno sorriso desceu os olhos pelo pescoço grosso adornado por algumas tatuagens. Mordendo os lábios encarou o peitoral — que ela sabia que era duro — vendo que a camisa estava bem marcada ao corpo. Descendo mais os olhos fitou o volume que tinha ali e, ela sabia que ele não estava excitado, mas mesmo assim o volume se fazia presente.

Isso a fez lembrar que já havia visto e sentido o membro do homem.

Grande.

— O que? — Benjamin a encarou.

— O que? — repetiu assustada ainda abraçada ao ursinho.

— O que é grande? — questionou cruzando os braços a olhando desconfiado.

E ali ela percebeu que havia dito em voz alta. Com os olhos arregalados continuou o encarando, ele esperava uma resposta.

— O c-cachorro quente — disse ainda envergonhada, poderia sentir as bochechas pegando fogo. — Você disse que o cachorro quente era grande, a-acho que não dou conta.

— Eu garanto que você dá conta sim. — inquiriu com um sorriso de lado e, isso a deixou confusa.

— Sobre o que está falando?

Fazendo uma expressão confusa ele a fitou.

— Do cachorro quente. Você está falando sobre o que afinal?

— Nada — desconversou desviando do olhar dele. — Eu acho que o carrinho de cachorro quente fica para lá.

Apontou para a entrada.

— Vamos lá.

A puxando para a entrada logo encontraram o homem do cachorro quente. Deixando-a na fila foi até o carro estacionado abrindo a porta colocou o ursinho dentro e, voltando para Sayuri a viu conversando com um homem. Franzindo o cenho aproximou-se ficando ao lado da jovem e, de forma séria encarou o homem a sua frente.

— Benjamin, esse é meu professor — apresentou assistindo Herban estender a mão para Benjamin. — Ele está me orientando no meu tcc e no meu estágio. Prof. Herban, esse é Benjamin meu... amigo. — terminou de forma incerta, fazendo Benjamin a encarar.

— Prazer em te conhecer — falou recebendo um aceno. — Você está linda, Sayuri.

— Ah! Obrigada. — agradeceu envergonhada. — Não sabia que o senhor vinha ao parque.

— Tem muitas coisas a meu respeito que você não sabe — respondeu sério, mas logo sorriu. — Bem, eu vou indo, deixei minhas duas gatinhas sozinhas. — Sorriu abertamente fazendo-a dar um sorriso de lado. — Não se esqueça de acessar o seu e-mail. Mandeí um link que vai te ajudar no seu

PERIGOSAS ACHERON

tcc.

— Certo, obrigada – agradeceu um pouco tensa, não sabia o motivo, mas a forma como ele falou a deixou incomodada.

Assim que o homem saiu Benjamin ficou em silêncio. Não havia gostado da forma como o outro encarou Sayuri de cima a baixo, parecia quere-la naquele momento.

Abraçando-se por conta do frio, Sayuri fitou o carrinho de cachorro quente. Vendo que ela estava arrepiada, Benjamin retirou a jaqueta e a entregou.

Sorrindo Sayuri agradeceu, mas estranhou quando ele não retribuiu o sorriso.

— Tudo bem?

— Você sabe que ele está afim de você? – perguntou objetivo fazendo algumas pessoas prestar a atenção.

— O que?

— Esse seu professor – falou colocando as mãos nos bolsos. — Ele está muito afim de você.

Negando com a cabeça lembrou-se do beijo que Herban a roubou.

— Você está enganado – comentou com um PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pequeno sorriso nervoso. — Ele é apenas meu professor e sempre será só isso.

— Sabe — começou fazendo-a encará-lo. — Nos conhecemos a pouco tempo, mas eu já sei distinguir quando você mente.

Ofendida, ela o encarou de forma séria.

— Olha, se ele está ou não, é problema dele — disse nervosa. — E se ele estiver mesmo o que você quer que eu faça?

— Deixe claro que você não quer nada com ele.

— Por que está se importando com isso afinal? — questionou com o cenho franzido. — Você não é meu namorado.

Nervoso, ele deu as costas a ela. Surpresa foi atrás dele. Aproximando-se o viu ficar de frente a porta do motorista.

— Tem razão eu não sou seu namorado — proferiu sério. — Vamos, entra no carro. Vamos embora daqui.

Parada no lugar ela o viu adentrar o automóvel. Queria chorar pelo trágico final encontro, pela forma como ele falou, mas não queria chorar na frente dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos logo, Sayuri – chamou impaciente. Não sabia o motivo, mas ouvir dos lábios da jovem que não era namorado dela o fez sentir uma sensação ruim. — Sayuri – a chamou novamente.

A porta traseira sendo aberta o deixou surpreso. Pelo espelho retrovisor a viu jogar a jaqueta dele no banco de trás e rapidamente pegar a mochila.

— Sayuri! – gritou saindo do carro.

— Pode ir – exclamou sem se virar. — Eu volto sozinha para casa.

Estupefato a viu se afastar a passos rápidos. A essa hora não teria uma alma boa na rua. Suspirando a encarou até sumir de suas vistas. Voltando para o carro pensou se iria ou não atrás dela, afinal, ele não disse que a deixaria ali. Estava disposto a levá-la, ela que foi embora.

Enxugando os olhos encarou a estrada vazia. Acelerando os passos tinha o plano de chegar na rua principal e pegar um ônibus. Não acreditava que por besteira eles tinham discutido. Franzindo o

PERIGOSAS ACHERON

cenho tentou pensar o que desencadeou aquilo tudo e sorrindo com tristeza lembrou-se: ela tinha dito que ele não era namorado dela.

Mas ela não mentiu.

Não iria negar que queria muito tê-lo como namorado, mas não era possível. Não aguentaria esperar todas as noites ele voltar do clube, cheirando a outras mulheres. Ela não conseguiria suportar isso. E também talvez os dois nunca dessem certo.

Enxugando as novas lágrimas que caíam dos olhos se abraçou. Não deveria ter negado a carona.

Ao longe pôde ouvir um barulho de um transporte se aproximando, virando-se e parando, notou que era uma moto. Não era Benjamin.

— Está perdida, *gostosa*? — o homem questionou.

Franzindo o cenho encarou o homem. Ele usava uma jaqueta preta e tinha uma touca na cabeça, continha um sorriso adornado por um bigode amarelo.

— Não — responde séria dando as costas ao homem rezando para que ele fosse embora.

O que não aconteceu.

— Qual é? – zombou descendo da moto enquanto se aproximava. — Uma carona e eu prometo te levar a lua.

Sorriu parando em frente a ela.

— Não precisa, obrigada. – Tentou se afastar, mas foi agarrada pelos braços. — Me solte!

— Ah! Fazendo *charminho*? Conheço muito bem as do seu tipo, japonesinha vestida de estudante?

Riu a puxando para mais perto.

— Me solta! – gritou sendo puxada para fora da estrada.

Dando uma cotovelada na boca do indivíduo, viu sua chance quando ele a soltou, mas logo a agarrou pela mochila.

— *Vadia!*

Livrando-se da mochila começou a correr, mas não foi tão rápida, pois, o homem barbudo a agarrou novamente. Ao fundo puderam ouvir um carro se aproximando e, com medo de ir preso o homem a jogou no chão. Fazendo-a ralar o cotovelo no asfalto.

Chorando olhou braço sangrando e aliviada viu o motoqueiro ir embora e o carro de Benjamin

PERIGOSAS ACHERON

estacionar com uma freada brusca. Descendo do carro rapidamente foi até ao seu encontro, olhando o cotovelo sangrando.

— Sayuri – sussurrou agachando-se olhando o braço sangrando. — Droga! Filho da puta! – xingou encarando o caminho que o outro pegara. — Tudo bem, eu estou aqui.

— Está ardendo – choramingou olhando para o braço. — Ele me empurrou.

— Eu vi. – Crispou os lábios se sentindo culpado, se ele não tivesse feito aquela cena ela teria voltado com ele. — Me desculpe, é culpa minha. Não deveria ter me intrometido na sua vida.

— T-Tudo bem – falou abraçando o pescoço de Benjamin quando ele a pegou no colo. — Não foi culpa sua.

Com cuidado ele a colocou sentada no banco, voltando buscou a mochila caída no chão.

— Eu vou cuidar de você.

Ao chegar no prédio pegou a mochila a colocando nas costas. Sorrindo estendeu os braços

PERIGOSAS ACHERON

para Sayuri que foi de bom grado. Estava adorando ser mimada por Benjamin, ela não iria negar.

Adentrando o recinto Benjamin cumprimentou o porteiro que olhou com o cenho franzido os dois. Já em frente a porta onde Sayuri morava, Benjamin a colocou no chão para pegar as chaves. Abrindo a porta deu espaço para ele entrar logo a fechando e, em silêncio foi atrás dela.

Pegando uma caixinha de primeiro-socorros Benjamin pediu para ela se sentar e com cuidado e carinho, começou a limpar a ferida com um algodão e soro.

— Está doendo?

— Não muito – respondeu sem o olhar. — Obrigada.

Riu forçadamente enquanto negava com a cabeça.

— Eu não fiz nada – proferiu sentindo um grande sentimento de culpa. — Na verdade eu fiz, por minha culpa você quase foi violentada.

Arrepiando-se só de imaginar um horror desses ela balançou a cabeça.

— Não – negou o encarando. — Você não tem culpa por existir homens com mau caráter.

PERIGOSAS ACHERON

Então não se culpe, por favor.

— Se não fosse por mim teríamos terminado a noite com você me beijando na sua porta — afirmou sorrindo, fazendo-a sorrir. Sim, provavelmente sim. — Você precisa de alguma coisa?

Sim, ela precisava de um beijo dele.

— Não — falou olhando as mãos. — Obrigada.

Acenando com a cabeça se levantou e, ao chegar na porta Sayuri a abriu esperando que ele fosse. O olhando percebeu quando ele a encarou engolindo em seco, parecia querer dizer alguma coisa, mas ao invés de falar apenas acenou e saiu.

Fechando a porta encostou a cabeça na madeira, esperava que a campainha fosse tocada ou que ele batesse. Então se beijariam, mas não teve isso.

Cabisbaixa se encaminhou para o quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Descia as escadas para o portão de maneira calma, em suas mãos trazia uma bandeja com poucos alimentos. Era manhã, mas mesmo assim acendeu a luz do lugar escuro. Sorrindo encarou as duas estudantes sujas e ensanguentadas. Aproximando-se delas colocou a bandeja no chão enquanto as encarava. Sorrindo, acariciou o rosto da loira observando-a se afastar com medo.

— Bom dia — saudou parando os dedos na fita cinza que cobria os lábios dela. — Como você foi boazinha comigo ontem — comentou recebendo a atenção para si. — Vou deixar que coma alguma coisa agora. — Sorriu partindo um pedaço de queijo. — Mas já sabe se gritar eu arranco seu outro dedo.

Encolhendo os quatros dedos a jovem chorou concordando com a cabeça. Ele havia lhe cortado um dedo fora quando se recusou a dançar uma música com ele. Olhando para o lado, viu a amiga deitada com algumas marcas de corte pelo corpo. Voltando a encarar o homem viu quando ele retirou a fita da boca dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que está fazendo isso? — perguntou enquanto mastigava rapidamente o alimento e abria a boca para mais um pedaço.

Acocorado ele a encarou.

E em silêncio cortou mais dois pedaços do queijo colocando-os na boca da jovem. Observando-a comer o alimento, foi surpreendido quando alguém tocou a campainha da casa e nessa hora a loira agiu por impulso gritando.

— Socorr...! — Foi silenciada pela mão forte do homem.

Bufando ele agarrou pelo pescoço e lhe tapou a boca.

Passando rapidamente pela porta do porão a trancou e, esfregando a mão na barba por fazer e na roupa — foi atender a porta. Sorrindo abriu a porta da frente, dando de cara com a vizinha. Uma morena, baixinha, tinha um lindo sorriso.

— Bom dia — saudou envergonhada sendo encarada atentamente pelos olhos claros do homem.

— É que eu fiz essa torta ontem — proferiu olhando a travessa coberta —, mas então eu vim aqui e escutei uns barulhos e pensei que você estava muito ocupado.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estava no porão fazendo faxina – exclamou dando um pequeno sorriso. — Você sabe como é, temos que ter cuidado com os bichos e insetos que aparecem.

— Claro. – Sorriu colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Então, eu fiz essa torta para você. Imaginei que iria gostar porque no verão passado você gostou quando eu trouxe. – Articulou recebendo um aceno. — É para você.

— Obrigado, Ellie. – Deu um sorriso de lado. — Realmente é muito bondoso da sua parte.

Sorrindo a mulher confirmou com a cabeça.

— Poderíamos qualquer dia desses ir para algum lugar, um jantar. O que acha?

Olhando-a percebeu que ela estava envergonhada. Dando um pequeno sorriso a fitou dos pés à cabeça, sim, poderiam sair qualquer dia desses. Ela até poderia fazer companhia as outras, mas aquele lugar já tinha dona. E não era ela. Mas ele adoraria sair para algum lugar com a mesma.

— Acho esplêndido – informou segurando a travessa. — E o cheiro dessa torta está uma delícia, obrigado.

— Por nada. – Sorriu contente. — Vai
PERIGOSAS ACHERON

trabalhar?

— Na verdade eu estava saindo agora mesmo para o trabalho.

— Oh! Me desculpe não queria atrapalhar – murmurou tímida. — Eu vou indo, preciso ir para a faculdade.

— Se eu não precisasse sair agora mesmo – falou a encarando. — A convidaria para entrar.

Balançando a cabeça ela lhe sorriu.

— Eu aceitaria – afirmou fazendo-o sorrir, pobre garota. Mal sabia quem ele era de verdade. — Então até.

Acenando a viu caminhar até a casa ao lado. Fechando a porta colocou a torta em cima da mesa e correu para o porão. Chegando no lugar viu a loira o olhar temerosa, aproximando-se a segurou pelos cabelos.

— Você faz as coisas para me irritar – comentou a encarando. — Estou decepcionado com você.

E dizendo isso lhe acertou um tapa no rosto.

Lançando um olhar para a ruiva a fitou curioso, verificando o pulso da jovem com dois dedos notou os batimentos fraco.

A outra jovem a encarou sentindo a respiração ficar descompassada. As vezes à noite ele aparecia ali, apenas para observá-las dormindo e aquilo a assustava muito. Quando não era para observar trazia algo para as machucar, fechando os olhos chorando pensou na mãe, na avó, nos irmãos. Como queria voltar ao passado e não ter saído do quarto.

Relaxando viu o homem – que mesmo esquisito não imaginava que faria algo assim – sair trancando a casa.

Trancava a porta quando Benjamin saía do apartamento pronto para trabalhar. Usava as roupas de sempre. Endereçando-o um sorriso viu quando ele deu um pequeno sorriso logo encarando o braço descoberto dela.

— Bom dia – saudou aproximando-se dele.
— Você ficou com o meu ursinho – afirmou puxando a manga do casaquinho que usava.

Colocando a mochila no ombro ele a encarou coçando a nuca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer pegar agora? — perguntou dando de ombros.

Franzindo um pouco o cenho o fitou. Ele parecia estranho, não havia se aproximado dela e nem a beijado. Mesmo que não namorassem, mas outro dia ele tinha feito isso.

— Depois eu pego. — Sorriu caminhando para o elevador. — Você dormiu bem?

— Um pouco — respondeu ao lado dela. — Como está o seu braço? — quis saber preocupado.

— Bem, não se preocupe. — Sorriu o olhando, mas não recebendo um sorriso de volta. — Você está bem? Você está distante, ainda está chateado por ontem?

Suspirando ele concordou com a cabeça.

— Eu só estou chateado comigo mesmo por não ter te protegido — disse saindo do elevador ao lado dela. — Isso está me matando.

— Já disse para não se culpar — falou segurando os livros. — Apesar do final eu me diverti muito com você, foi especial.

Parando em frente ao carro ele lhe acarinhou a bochecha e selou os lábios nos dela em um simples selinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi especial para mim também. — Sorriu, logo abrindo a porta do carro. — Vamos, eu te deixo no trabalho.

Sorrindo, ela o beijou mais uma vez e, com a ajuda dele subiu no carro. Ajeitando a saia do vestido esperou até que ele se sentasse ao seu lado, olhando o banco traseiro viu o ursinho sentado de forma caída.

— O que vai fazer hoje? — perguntou puxando assunto.

— Hoje tenho algumas redações para ler e vou começar meu relatório, não posso deixar para última hora.

Queria perguntar o que ele faria, mas sabia exatamente para onde Benjamin iria. E não queria ouvir dos lábios dele que o mesmo terminaria a noite no clube, preferia imaginar que ele passaria a noite assistindo algum filme ou dormindo.

— Parece um bom programa.

— Vida de professora — respondeu recebendo um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Sentado em um lugar afastado, Bradley observava a movimentação aquela manhã. Suspirando pensou no fim de semana que passara em casa. Odiava ter que passar três dias seguidos em casa, odiava ter que conviver com o pai, mas não tinha para onde ir. Nem ele e nem o irmão, Liam era o seu melhor amigo e o melhor irmão do mundo. Sempre quando o pai tentava lhe agredir – por diversão – Liam entrava na frente e o defendia.

O irmão trabalhava fazendo de tudo um pouco e, o que ganhava não dava para nada. Se não fosse por uma bondosa vizinha – a Sra. Brigitte – eles passariam fome.

Odiava a vida que tinha. Odiava o fato de estar ali por pena, pois, a idosa se compadeceu e o ajudou financeiramente com o que ele precisava.

Sabia que o irmão praticava luta porque a idosa o havia matriculado para que ele pudesse se defender, já que não procuravam ajuda. Não tinham parentes então não tinha muito a ser feito. Sra. Brigitte era uma boa mulher, mas não queria bater de frente com o vizinho.

Olhando para frente viu quando um carro grande estacionou e dele sua professora sair.

PERIGOSAS ACHERON

Surpreso a fitou andar até a entrada, já deveria saber que ela só andava em carros como aquele. Era rica. Não entendia o motivo de estar ali naquele lugar e menos ainda o fato dela se interessar tanto em querer o ajudar. Ela não entenderia e, a vida dele era somente problema dele e do irmão. De mais ninguém.

Suspirando começou a andar para dentro do lugar e, no corredor fitou Hailee conversando com um menino da outra sala. E quando ela lhe viu, sorriu. Ignorando-a foi até a sala. Adentrando o pequeno lugar a primeira coisa que viu foi o braço machucado da professora e, aquilo o deixou tenso. Ele também tinha alguns machucados pelo corpo, mas diferente dela, ele não exibia por aí.

— Bom dia, Bradley.

Ela lhe sorriu sempre educada.

Diferente dos outros dias, hoje ele sentiu a necessidade de lhe responder. Lançando um olhar para o braço feminino ele respondeu: — Bom dia, Srta. Hodgens.

Surpresa, Sayuri o encarou e, colocando um grande sorriso no rosto cruzou os braços. Tomando cuidado com o machucado.

— Como está, Bradley? — quis saber sentindo-se aquecida por dentro.

— Bem — falou crispando os lábios. — O que houve com o braço da senhorita?

Olhando o machucado deu um pequeno sorriso.

— Eu tropecei e caí.

Concordando com a cabeça ele sentiu uma dor no peito, ele também dava aquela desculpa.

— Agora todos sentando e colocando em cima da banca a redação que pedi na semana passada — pediu sorrindo.

Cabisbaixo o loiro sentou-se na última carteira.

Observava os alunos treinarem e com um pequeno sorriso de lado prestou atenção em Melvin. Um dos seus alunos. Fitava a forma ágil que ele executava os movimentos de luta e, percebia que ali estava um adolescente que poderia ganhar a vida nisso se quisesse. A porta sendo aberta e passos correndo lhe chamou a atenção,
PERIGOSAS ACHERON

virando-se viu que era Liam.

Travando a mandíbula encarou o canto do lábio do jovem. Estava inchado e arroxado, crispando os lábios fitou quando o loiro passou por si.

— Não se dê ao trabalho – indagou chamando a atenção de alguns para si. — Está fora.

— O que?

— Eu disse a você – exclamou fazendo com que Melvin parasse o que fazia e prestasse atenção nos dois. — Sem brigas de rua.

— Não foi briga de rua – defendeu-se com o olhar sério.

— Então o que foi? – questionou pronto para ajudar no que fosse.

Olhando para o chão de repente se sentiu idiota por estar ali. Nunca teria dinheiro para pagar as aulas se não fosse a vizinha a pagar, deveria estar focado cem por cento em um trabalho, para poder juntar alguma grana para quando pudesse fugir com o irmão.

Sem falar nada e sem olhar para trás saiu do lugar. Benjamin encarava o loiro ir embora e suspirando sentiu-se mal, talvez não deveria ser tão

PERIGOSAS ACHERON

duro. Por que afinal ele já brigara na rua, sabia que no mundo ou se defendia ou apanhava.

Voltando sua atenção para Melvin o viu encarar o loiro com preocupação e, logo o fitar de forma séria.

Suspirando começou a circular entre os alunos.

Na hora do almoço Benjamin decidiu procurar Pheobe para saber o que a morena queria conversar com ele. Adentrando a lanchonete avistou a mulher atendendo um casal, acenando com a cabeça se encaminhou para onde sempre se sentava.

Alguns minutos depois ela se aproximava dele com um semblante sério. Olhando-o viu o pequeno sorriso que ele deu, fazendo-a sorrir.

— Você é desgraçado, sabia disso?

— Sabia. — Sorriu a fitando. — O que queria falar comigo?

— Eu fiquei muito chateada com você — exclamou crispando os lábios. — Qual é? Me PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamou, me deixou na vontade e depois me trocou por aquela japonesa?

Suspirando ele olhou ao redor.

— Aqui não é lugar para isso — avisou cansado. — Eu sinto muito por ter te deixado na mão, mas a Sayuri precisava de mim.

Revirando os olhos pegou o bloquinho de papel.

— Tanto faz — murmurou séria, mas logo sorrindo. — O que vai fazer hoje?

— Vou ficar em casa.

— Que tal um filme e chocolate? — propôs com uma sobrancelha arqueada.

Incerto ele a encarou e seu pensamento foi em Sayuri. Tinha planos na verdade de ficar um pouco com ela, mas lembrou-se de que a mesma estaria muito ocupada.

— Nossa você está procurando uma desculpa para me dar? — perguntou surpresa.

— Não. — Sorriu coçando a barba. — Eu só não estou muito afim de...

— Fala sério — o interrompeu risonha. — Somos amigos, vamos assistir um filme como amigos.

PERIGOSAS ACHERON

— Como amigos. — Sorriu gostando da ideia.
— Tudo bem.

— Ótimo — exclamou piscando um olho. —
Trago o de sempre?

— Sim.

Após a saída da mulher Benjamin ficou encarando a janela e por um momento imaginou o que Sayuri diria se o visse marcando um filme com outra. Fitando o celular pensou em mandar uma mensagem para a mulher, mas achou que ela poderia estar muito ocupada em alguma reunião com professores ou coisa do tipo.

Se conteria até estar no apartamento.

Final de aula e Sayuri estava pronta para mais uma. Parecia que por Bradley ter lhe cumprimentado de volta, foi como um incentivo para que ela continuasse tentando se aproximar do adolescente.

Juntando os materiais lembrou-se de vários momentos em que pegou Bradley a encarando. Poderia estar louca, mas teve a impressão de ter

PERIGOSAS ACHERON

visto preocupações nos olhos do loiro.

Após os alunos saírem Sayuri fitou Bradley se aproximando. Sorrindo o encarou.

— Srta. Hodgens – murmurou com a mochila nas costas. — Posso acompanhá-la até a saída?

Pasma, ela o fitou.

Não entendia o que havia dado nele, mas não negaria: estava adorando.

— Claro. – Sorriu pegando a bolsa e os livros, logo saindo da sala com o loiro ao seu lado. — Eu corriji suas atividades da semana passada e fiquei orgulhosa de ver que mesmo faltando você conseguiu tirar boas notas.

Envergonhado, ele encarou os sapatos velhos que eram de Liam.

— Eu gosto de estudar.

— Eu vi. – Sorriu o olhando. — As provas são suas notas A+. Sabia que se você continuar assim poderá ganhar uma bolsa de estudos na Universidade ao qual você se inscrever?

Crispando os lábios ele deu de ombros, não saberia dizer se teria como ir. Sua vida era incerta demais, mas deixando o assunto de lado fitou o braço machucado da mulher. O ferimento parecia

PERIGOSAS ACHERON

recente e, ele sabia disso porque tinha quase um doutorado sobre feridas e machucados.

Sayuri notando o olhar do menino para a sua ferida, pigarreou.

— Eu sou tão estabanada — comentou chamando a atenção para o seu rosto. — Fui correr e caí.

Concordando ele fitou o chão enquanto pensava no que poderia lhe dizer, mas então balançou a cabeça. Não era assunto dele afinal, se ele não gostava que se intrometessem em sua vida não tinha o porquê de se meter nas dos outros.

— Até, Srta. Hodgens — se despediu acenando para a outra.

— Até, Bradley — respondeu observando-o caminhar na direção oposta.

Mordendo os lábios suspirou enquanto andava até o ponto de ônibus.

Horas mais tarde, Sayuri adentrava o hall do prédio. Acenando para o porteiro foi em direção ao elevador, mas parou quando ouviu o homem a

PERIGOSAS ACHERON

chamar. Voltando-se para ele o viu correr com uma correspondência na mão.

— Srta. Sayuri, essa correspondência chegou para o apartamento de vocês.

Entregou o envelope com o nome endereçado a Noemie.

— Obrigada, Evans – agradeceu recebendo um aceno.

No andar onde morava fitou a porta de Benjamin, a essa hora ele já deveria estar no clube. Mas ao passar pela porta do mesmo ouviu a tevê ligada em um volume consideravelmente alto, talvez ele estivesse de folga. Pronta para apertar a campainha decidiu primeiro tomar um banho e ficar cheirosa para depois ir procurar o homem. Com rapidez abriu a porta do apartamento e, no sofá colocou o envelope endereçado à Noemie.

Correndo para o quarto jogou a bolsa e os livros em cima da cama. Adentrando o banheiro retirou a roupa e prendeu o cabelo, logo molhando o corpo. Depois do banho tomado, buscou no guarda-roupa um vestido folgado – que as vezes dormia com ele – e uma calcinha de algodão. Se Noemie estivesse ali a condenaria com certeza por

PERIGOSAS ACHERON

ir encontrar Benjamin com aquela calcinha.

Colocando um pouco de perfume e olhando-se no espelho sorriu. Respirando fundo esperou não estar parecendo muito entusiasmada.

Saindo de casa foi até o apartamento de Benjamin e soltando o cabelo respirou antes de apertar a campainha. Quando a porta se abriu foi com um grande sorriso que Sayuri estava, mas assim que viu quem a atendeu deixou o sorriso morrer.

Reconhecia aquela mulher, era a mesma que estava na casa do Benjamin quando Caine lhe procurou. Pheobe. Segundos depois ao lado dela Benjamin apareceu somente de bermuda e, quando a fitou arregalou os olhos.

Sentindo o coração sangrar deixou algumas lágrimas caírem, não se importando se estava parecendo uma patética na frente do casal. Dando as costas aos dois adentrou de volta o apartamento. Chorava, pois, por um momento imaginou que os dois poderiam dar certo. Que por ele estar sendo tão carinhoso com ela, era sinal de que ele sentia algo que não fosse somente tesão.

Mas estava enganada afinal.

Benjamin encarava a reação da outra com o coração aos pulos. Atônito fitou Pheobe que o olhava com cuidado, passando a mão no rosto e cabeça segurou na maçaneta da porta, mas parou observando Pheobe.

— Tudo bem – exclamou indo até a bolsa. — Notei que estou sobrando, o que é uma pena. Poderíamos nos divertir os três. – Sorriu enquanto saía rapidamente do apartamento do homem.

Respirando fundo, Benjamin decidiu ir atrás de Sayuri.

Encostada na porta deixou seu corpo cair, até ficar sentada. Deveria esperar por isso, fora tão idiota ao se entregar ao que estavam tendo. A campainha tocando lhe chamou a atenção e, ela sabia que era Benjamin.

— *Sayuri, abre* – pediu nervoso.

— Vai embora! – mandou tentando parar de
PERIGOSAS ACHERON

chorar.

Não queria imaginar o que ele estava fazendo com aquela mulher.

— *Sayuri, por favor! Não é nada disso que você está pensando!* – Parou suspirando, aquela frase era totalmente inadequada. — *Por favor, vamos conversar. Me deixa explicar! Não estávamos fazendo nada de errado, era só um filme.*

Levantando-se de onde estava abriu a porta cruzando os braços.

— Por que está se explicando? – inquiriu observando-o colocar as mãos nos quadris.

— Porque não quero que pense que estou me envolvendo com outra quando esses dias eu só passei pensando em você! – exclamou deixando-a surpresa.

Enxugando mais uma lágrima Sayuri fitou os pés descalços.

— Eu sei que não tenho direito – indagou sentindo os olhos se encherem de lágrimas —, mas não consigo evitar o ciúme.

Segurando os dedos dela de forma delicada ele a encarou.

— Então estamos quites — retrucou aproximando-se. — Por que eu também sinto ciúme e sei que não tenho direito.

Negando com a cabeça encarou as tatuagens espalhadas pelo corpo negro.

— Isso é tudo tão confuso — confidenciou de forma suave. — Eu não quero ficar longe de você, mas eu tenho medo — afirmou olhando-o se aproximar mais. — Eu nunca senti essa confusão de sentimentos por alguém.

Puxando-a para si a fitou com intensidade.

— Eu nunca me senti dessa forma por alguém antes, Sayuri — informou de forma séria enquanto acarinhava a bochecha feminina. — Assim com o coração batendo forte quando você está muito perto, o nervosismo ao qual você me deixa, o jeito como presto atenção em cada detalhe do seu rosto, do seu jeito. Em cada fala que você solta, do seu sorriso. — Sorriu a fazendo sorrir. — Estou suando — afirmou esfregando os dedos nas mãos, logo sentindo Sayuri tocá-las. — Eu não sei o que você faz comigo, mas eu sei que não quero fazer isso passar e nem fingir que não estou ligando.

Enxugando as lágrimas dela, ele a encarou.

— Eu sei que isso é loucura — avisou fazendo-a concordar —, mas parece que eu te conheço há uma vida toda.

Arfando ela concordou.

— Sim, sim parece — sorriu observando o sorriso dele. — Eu me sinto da mesma forma, mas eu não queria lhe falar por medo de você achar que eu o estava forçando a barra.

Respirando aliviado, ele sorriu.

— Que bom que você não me acha um louco.

— Somos dois então.

Sorriu fechando os olhos apreciando o carinho que recebia.

— Então... O que acha de tentarmos? — propôs fazendo-a abrir os olhos rapidamente. — Eu não quero você longe de mim e não quero só ficar, não tenho nada contra, mas não sou homem de relacionamento aberto.

— E o que você sugere? — perguntou entre nervosa e ansiosa.

— Que fiquemos juntos — proferiu sério sem transparecer nenhuma dúvida sobre o que ele dizia.

— Que se perguntarem *o que esse negro gostoso é*
PERIGOSAS ACHERON

seu? – imitou uma vez fina fazendo-a sorrir. —
Você responda *ele é meu e estamos juntos* – tentou
imitar a voz dela, recebendo um tapa leve no braço.
— Aí.

Riu a olhando.

— Eu não falo assim – respondeu risonha,
mas logo ficando séria. — Eu aceito – informou
olhando o sorriso dele —, mas e se no caminho
você conhecer outra mulher? Ou se você estiver
esperando demais de mim e se arrepender? – quis
saber insegura, pois, ela achava que era suficiente
para Caine e descobriu da pior forma que não era.

E como se soubesse sobre o que ela estava
pensando ele a encarou.

— Acho impossível isso acontecer – expôs
observando dos lábios aos olhos castanhos. —
Você é uma mulher incrível, por dentro e por fora.
Seu ex namorado foi um idiota por perde-la, mas
não reclamo. E eu não serei um também, vou
valorizar a grande mulher que tenho ao lado e eu te
prometo que você não vai se arrepender.

Sorrindo emocionada ela o abraçou pelo
pescoço, logo sentindo os lábios dele em contato
com os seus. Puxando-a mais para si, sentiu os
PERIGOSAS ACHERON

seios junto ao peitoral musculoso e, com impulso a colocou no colo uma mão a segurou pela coxa e o outro braço arrodeou a cintura fina.

O que era para ser um beijo calmo – algo mais romântico – passou a ser um beijo totalmente quente. Apertando a coxa feminina a encostou na parede – ao lado da porta – e sentindo-a esfregar os seios cobertos em seu peitoral rosnou lhe mordendo o lábio inferior.

Aproveitando que ele afastou um pouco dela, puxou o vestido para cima expondo somente os seios para ele. Sorrindo travessa arfou quando a língua masculina lambeu um seio, aproveitando e colocando-o na boca. Olhando a cena da boca de Benjamin ali a fez gemer e, mais ainda quando ele mordeu o bico puxando-o para si. Soltando-o fez novamente o mesmo movimento, mas dessa vez o assoprou fazendo-a arrepiar. Indo para o outro seio fez o mesmo processo e suspirando o puxou para um beijo.

— Sabe o que eu queria? – ele perguntou lhe chupando a língua.

— O que?

— Chupar você todinha. – Sorriu de lado

PERIGOSAS ACHERON

observando-a envergonhada, mas ainda sim com desejo. — Deixa-me te chupar?

— O-Onde? – gaguejou.

Colocando-a no chão, mas ainda a segurando levou a mão até a intimidade coberta onde começou uma leve carícia sentindo o pano melado.

— *S-Sim* – sussurrou colocando a mão por cima da dele, o ajudando nos movimentos. — *Por favor.*

Ficando de joelhos – sem perder o contato dos olhos – Benjamin a fez segurar o vestido e afastando-lhe as pernas esfregou dois dedos no clitóris fazendo-a gemer. Arredando a calcinha para o lado encarou a intimidade rosada e depilada. Sorrindo voltou a esfregar os dedos ali. Lançando um rápido olhar para Sayuri, a viu morder os lábios com os olhos fechados.

Lambendo os lábios em antecipação esfregou mais uma vez o clitóris e, logo o abocanhou. Subindo uma mão até o seio descoberto o agarrou e com a língua no clitóris começou a fazer movimentos circulatorios. Colocando a perna feminina trêmula no ombro, teve mais liberdade para abocanhar a intimidade que estava a sua

PERIGOSAS ACHERON

frente. Com dois dedos começou a fazer movimentos de vai-e-vem, gemia de prazer ao sentir o quão molhada Sayuri estava.

E saber que ele era o autor daquilo o deixava totalmente duro.

Olhando para baixo o viu com os olhos fechados e parecia que estava adorando o que fazia. A cena a deixou ainda mais molhada e gemendo alto sentiu quando a língua começou a se mover com rapidez e, os dedos lhe penetrarem com agilidade. Fechando os olhos sentiu quando os dedos foram apertados dentro de si.

Segurando na cabeça do homem se esfregou até parar de tremer, sentindo a língua masculina lhe dar uma última lambida enquanto subia de forma lenta, beijando-lhe as partes do corpo. Com uma última chupada nos seios, Benjamin lhe beijou o pescoço.

Puxando-o para si o beijou sentindo o gosto na língua dele e, ela não achou que aquilo seria tão excitante como estava sendo. Fitando rapidamente a bermuda que ele usava, notou o volume que parecia prestes a rasgar o tecido.

Encostando a testa no esterno masculino e, de
PERIGOSAS ACHERON

forma lenta desceu as mãos pela barriga musculosa de Benjamin.

— Não precisa fazer se não quiser – deixou claro alisando a bochecha macia. — Fiz porque queria te provar.

— E-Eu também quero – retrucou retirando o membro ereto de dentro da roupa, observando as veias saltadas. — Está d-doendo?

A beijando com desejo e, logo sorrindo negou.

— Das vezes que ficamos assim – começou a falar ficando de joelhos. — Eu nunca o retribuí.

— Não fiz pensan...

— Eu sei – o interrompeu começando a massagear o grande membro, usando as duas mãos para fazê-lo. — Eu só estou falando.

Sem esperar ele sentiu quando ela lambeu a cabeça arredondada e a colocou na boca. Olhando-a rapidamente sentiu que morreria de tesão a qualquer momento, fechando uma mão em punho a encostou na parede e a outra agarrou os cabelos macios da jovem.

Ainda o olhando tentou o colocar mais na boca não conseguindo. O segurando lambeu da

PERIGOSAS ACHERON

base até ponta, demorando-se ali, o chupando sentindo o agarre nos cabelos se intensificar. Colocando-o na boca, começou a movimentar os lábios de acordo com os movimentos das mãos.

Benjamin sentia-se no céu e sentia também que iria gozar a qualquer momento, tentava se controlar para curtir mais, porém não estava conseguindo. Mais uma chupada que recebeu o fez fechar os olhos gemendo e, pensou ser o fim quando Sayuri começou a dar chupadas ritmadas com os movimentos das mãos.

Não aguentando mais a pressão que estava sentindo nos testículos gemeu liberando-se, melando a mão e a clavícula de Sayuri. Apoiando as duas mãos na parede deixou um sorriso de lado escapar quando a fitou limpar a sujeira que ele havia deixado.

— Você gostou? — quis saber agora sentada nas pernas, o olhando em expectativa.

Puxando-a a beijou deixando-a envergonhada.

— Você me sugou as energias — avisou olhando o sorriso dela. — Você foi perfeita.

— Obrigada — agradeceu acanhada, mas logo

PERIGOSAS ACHERON

o encarando. — Quer dizer que está sem energia? — questionou com uma sobrancelha arqueada. — Esperava que você me pegasse e jogasse na sua cama.

— Quer estar na minha cama?

— Ou no seu sofá — brincou fazendo-o a olhar de forma surpresa. — Não me olha assim.

— Você tem certeza? Eu posso esperar — murmurou lhe fazendo um carinho.

— Tudo bem se você não conseguir mais hoje — disse compreensiva, sabia que alguns homens demoravam para ter uma ereção. — Podemos fazer amanhã.

Com um ar de ofendido Benjamin a jogou nos ombros, escutando o grito surpreso dela. Desferindo um tapa no traseiro coberto se encaminhou para o quarto da jovem.

— Vou mostrar que posso te satisfazer a noite toda.

Sorriu adentrando o quarto feminino.

Jogando-a na cama ouviu o riso divertido e deitando-se por cima dela, ele a beijou. Descendo as mãos pelo corpo macio sentiu o membro dar sinal de vida, separando os lábios fitou-a desejoso.

— Me diga que tem camisinhas.

— Eu tenho. — Sorriu saindo de baixo dele, indo até a mochila abriu um bolso pegando algumas camisinhas, fazendo-o levantar uma sobrancelha. — Foi a Mei que colocou elas no dia do nosso encontro.

Surpreso, ele sorriu.

— Quer dizer que já pensava em sem aproveitar do meu corpo desde o encontro?

— Não seja metido – pediu entregando uma a ele e, deixando as outras no criado mudo.

Retirando a calcinha sob o olhar atento do homem sentou-se na cama esperando-o colocar a camisinha.

— *Droga!*

— O que foi? – questionou enquanto olhava a dificuldade que ele tinha para vestir o preservativo.

— Vamos para o meu apartamento – chamou subindo a bermuda. — Essa camisinha é pequena demais.

Surpresa ela encarou a camisinha, não acreditava que aquela não cabia nele. Se não cabia em uma simples camisinha, quem dirá em seu canal vaginal. Nervosa ela o fitou.

— Fala sério?

— Meu pau está ficando roxo, acha que estou brincando? – quis saber apontando para a bermuda.

Dando um pequeno sorriso nervoso, se levantou e pronta para vestir a calcinha sentiu o corpo ser levantado e colocado nos ombros masculinos. Com uma mão ele lhe tampava o traseiro e a outra segurava-lhe as pernas.

— Acha mesmo que vai precisar dessa calcinha?

Escutando o riso divertido saiu do quarto e andando rapidamente abriu a porta da frente, dando de cara com a vizinha que o encarou assustada por presenciar ele com a vizinha novata nos ombros.

— Boa noite, Sra. Mikkelsen – saudou recebendo o silêncio da mais velha.

Assim que ele virou para abrir a porta Sayuri fitou a idosa ainda parada a porta, envergonhada acenou para a mulher antes que Benjamin trancasse a porta.

Na sala Sayuri pôde ver a tevê ligada passando um filme qualquer e no chão uma bacia de pipoca. Tentando não pensar na mulher que antes estava ali sentiu quando foi colocada no chão

PERIGOSAS ACHERON

e, os lábios serem tomados com urgência.

Retirando a bermuda e a chutando para longe, puxou o corpo feminino para si e sentando-se na beirada da cama separou os lábios. Com rapidez abriu a gaveta do criado mudo pegando algumas camisinhas – isso tudo sob o olhar de Sayuri – e com destreza abriu o pacote logo encapando o membro.

— Vou deixar você no controle hoje – permitiu deixando um sorriso escapar —, mas não se acostume.

Nervosa retirou o vestido e subindo com calma ficou por cima de Benjamin. Apoiava uma mão no ombro dele e, a outra encaminhava o membro grosso para dentro de si. Lentamente desceu, suspirando, enquanto sentia ser alargada por dentro.

Ambos gemeram quando os sexos se conectaram.

Respirando fundo sentiu os beijos em seu pescoço e as mãos masculinas descerem até o traseiro onde recebeu uma gostosa apertada. Com as duas mãos apoiadas nos ombros de Benjamin, começou a rebolar. Sentindo os cabelos que ele

PERIGOSAS ACHERON

continha ali estimularem o seu clitóris.

Deitando-se Benjamin a deixou ir no ritmo mais gostoso para ela, conseqüentemente, sendo o mais gostoso para ele. Deixando as mãos no peitoral musculoso começou a subir e a descer, logo aumentando os movimentos. Sentindo o orgasmo se construir em seu ventre, gemeu e, fechando os olhos sentiu quando Benjamin subiu o corpo mais para cima e plantou os pés no colchão. Abraçando-a e puxando-a para si, ele começou a se mover com mais força e rapidez conseqüentemente fazendo-a gemer mais alto.

Beijando-a tentou a calar, mas não conseguiu. Apoiando as mãos no peitoral do outro, Sayuri sentiu o orgasmo a tomar com força. Parando para deixá-la acalmar a respiração, a fitou sorrir enquanto o suor descia pelo corpo branco.

— Espero que não esteja muito cansada — indagou recebendo um beijo nos lábios. — Porque eu ainda não estou.

Sorrindo voltou a beijá-lo agora ficando em uma outra posição.

Sentado em frente ao notebook ele encarava as fotos que havia tirado dela. As imagens não eram de boa qualidade, mas não poderia esperar mais de uma câmera de webcam.

Os seios eram perfeitos, brancos com os bicos rosados. Passando para uma outra foto sorriu, ela nessa imagem estava de lado escolhendo uma roupa para usar. A seguinte estava de costa, deixando os cabelos castanhos escorridos soltos. A preferida dele era uma em que ela estava olhando para a tela do notebook — sem sutiã — despreocupada. Era linda.

Fechando os arquivos conectou a webcam, na webcam dela. O cenário agora era o quarto, tudo parecia normal exceto a mochila que ela usava. Essa estava aberta e meio caída.

Iria esperar até que ela reaparecesse e ele pudesse vê-la do jeito que ele queria.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Sentia estar deitada em algo quente e macio. Esfregando o rosto na pele macia do homem, sentiu quando o braço musculoso de Benjamin a puxou para mais perto. Antes de abrir os olhos já sorria, pois, flashes da noite anterior estava viva em sua memória. Haviam transado quase a noite toda e, Benjamin tinha sido carinhoso em todo o momento.

O corpo estava cansado, mas satisfeito. A perna que estava apoiada na coxa masculina subiu e, de forma manhosa esfregou-se nele. Abrindo os olhos observou a forma suave que ele dormia, sorrindo o acariciou o rosto tomando cuidado para não o acordar. Ainda sorrindo desenhou com a ponta do dedo os lábios do homem, tocando-os sentiu o quão macio era ali. Fechando os olhos pensou nas maravilhas que aqueles lábios lhe proporcionava, espreguiçando-se gemeu de leve quando um pequeno incômodo surgiu entre as pernas. Não era uma dor enorme, era só um leve incômodo.

Mas sorriu quando percebeu que não se
PERIGOSAS ACHERON

importaria de fazer tudo de novo. Talvez depois do trabalho pudessem repetir e, de supetão se sentou na cama.

— Meu Deus! – exclamou levantando-se da cama e acordando Benjamin que a encarou confuso. — Meu trabalho! Estou atrasada!

Sentando-se de forma preguiçosa Benjamin coçou os olhos e, parando observou Sayuri nervosa vestir a roupa.

— Bom dia – saudou sorridente, fitando-a procurar alguma coisa. — O que está procurando?

— A minha calcinha – exclamou olhando o quarto.

Sorrindo se levantou a puxando para si.

— Você veio sem, esqueceu?

Arrumando o cabelo Sayuri fitou as tatuagens a sua frente e ali percebeu o nome de uma mulher, que até então ela não tinha visto.

— Quem é Jillian? – perguntou com o ciúme dando as caras.

Olhando para o peito deu um pequeno sorriso.

— Minha mãe – respondeu olhando-a desviar o olhar levemente envergonhada. — Eu tatuei esse
PERIGOSAS ACHERON

quando tinha uns dezessete anos.

— Eu não tenho tatuagem.

Sorrindo safado ele concordou.

— Eu sei disso.

Sorrindo envergonhada lembrou-se que estava atrasada e soltando-se do agarre dele foi em direção a porta.

— Eu tenho que me arrumar — avisou mandando um beijo para o homem que a chamou abrindo os braços. — Você também precisa trabalhar.

Riu logo correndo para fora do apartamento.

Ao chegar no apartamento adentrou o local, notando que a correspondência da amiga ainda estava no mesmo lugar que ela deixou. Noemie não dormira em casa.

Correndo para o banheiro tomou banho e, logo após procurou uma roupa para vestir. Não acreditava que estava atrasada, primeira vez que isso acontecia e esperava que fosse a última. Terminando de se arrumar, pegou a bolsa e buscou o celular — notando uma mensagem de Noemie avisando que tinha passado a noite com Juan e de lá iria para o estágio.

Daqui a duas semanas seria outubro e, ainda não tinha começado o relatório para entregar ao professor. Respondendo a mensagem da amiga, desejou um ótimo dia e saindo do quarto foi em direção a porta. Não teria como comer nada. Fitando o horário viu que eram 9h40.

Esperava não ficar com problemas.

Ao sair do apartamento presenciou Benjamin fechando a porta com um sorriso de lado.

— Atrasados – falou segurando os livros dela e a mão feminina. — Vamos, eu te levo.

— E o seu trabalho? – questionou enquanto iam até o elevador.

— Eu liguei e pedi para um dos professores me cobrir enquanto não chego – exclamou adentrando o elevador e aproveitando a puxou para perto. — Você não me deu um beijo de bom dia.

Abraçando-o pelo pescoço o beijou com suavidade, sentindo o agarre na cintura se intensificar. Alheios ao que acontecia ao redor, não notaram que as portas do elevador se abriram e o porteiro junto com a Sra. Mikkelsen fitaram os dois se agarrando.

Evans encarou a idosa que observava a cena
PERIGOSAS ACHERON

e, estranhou quando ela não soltou nenhum comentário.

Separando-se de Benjamin com um selinho, Sayuri encarou as portas abertas e os telespectadores olhando. Envergonhada afastou-se do homem que com um pequeno sorriso lhe segurou a mão andando para fora.

— Bom dia, Sra. Mikkelsen — saudou educado. — Evans.

— Bom dia — Sayuri proferiu acanhada.

— Bom dia — a idosa respondeu fazendo Evans a encarar assustado. — Evans, por favor, me ajude a levar essas compras lá para cima — pediu sendo prontamente atendida.

Benjamin sorriu enquanto puxava a jovem para o carro. Acomodando-se no veículo, logo saiu da vaga pegando a estrada.

Kilmer observava os relatórios das investigações em mãos e nada se encaixava ali. Se perguntava como duas estudantes desapareceram e ninguém viu, nenhuma câmera pegou esse

PERIGOSAS ACHERON

momento. O advogado da Universidade havia entrado em contato com ele, afirmando que a Instituição estaria à disposição para ajudar no caso.

Mas tinha algo estranho.

Uma universidade como aquela tinha seguranças e câmeras espalhadas por todo o lugar e, simplesmente não tinham encontrado nada. As câmeras que tinham sido apreendidas estavam desligadas e sem os filmes de dentro, a diretora deu a desculpa de que estavam sendo trocadas. Porém mesmo assim ainda achava suspeito.

— Senhor? — Brick seu ajudante adentrou a sala com algumas papeladas. — Aqui estão as fichas com os dados dos funcionários da Universidade.

— Obrigado — agradeceu. — Agora vamos dar uma olhada nesses.

Tinha pedido a ficha de todos que trabalhava no lugar. Pois, suspeitava que tinha sido alguém de dentro do local, alguém que tivesse passe livre a Universidade. Pegando a primeira ficha começou a ler com atenção.

— Morgan Herban. — Leu em voz alta. — Currículo grande — comentou quando viu todas as

PERIGOSAS ACHERON

faculdades que ele trabalhou, franzido o cenho achou estranho quando depois de ler a ficha viu que o homem não parava fixo em uma faculdade e nem em uma cidade. Mudava constantemente, como um nômade.

— Chefe, olha esse. — Aproximou-se e entregou a ficha para o homem. — Nicholson Beery, quarenta e um anos. Já foi preso por violência doméstica e por brigas em bares — indagou mesmo que o mais velho estivesse lendo em silêncio. — Ano passado foi preso por dirigir bêbado e agredir um policial e hoje trabalha na universidade.

— Interessante — o loiro balbuciou observando com atenção a ficha do homem.

— Ele se enquadra como suspeito? — questionou pegando uma outra ficha para ler.

— Todos são até que se provem do contrário — respondeu voltando a olhar a ficha do professor.

— Vamos conversar com todos naquela universidade.

— E sobre o caso daquele homem que tentou agredir a japonesa?

Olhando-o Kilmer encostou-se na cadeira.

— Ainda não conseguimos encontra-lo — murmurou pensativo —, mas vamos. Agora chega de papo e vamos terminar de olhar isso aqui.

Concordando, o jovem voltou a ler as fichas.

Kilmer pegaria o criminoso e salvaria as duas meninas, afinal, fora para isso que se tornou o delegado dali.

Estacionando em frente ao colégio, Sayuri viu as portas fechadas. Suspirando despediu-se de Benjamin com um beijo rápido e sob a supervisão do homem correu até a porta da frente. Abrindo-a viu o supervisor a olhar relanceando para o relógio, dando um pequeno sorriso passou pelo homem.

Ao chegar no corredor onde ficava a sala que lecionava, rezou internamente para seus alunos estarem em silêncio dentro da sala. Sorrindo abriu a porta viu os alunos sentados e quietos.

— Me perdoem pela demora — pediu colocando os livros em cima da mesa. — Isso não se repetirá.

Bradley a fitava para ter certeza de que ela

PERIGOSAS ACHERON

estava bem, mas com a blusa que ela usava não dava para ter certeza. Usava uma calça jeans e uma blusa com as mangas compridas, crispando os lábios a observou pedir que abrissem no livro assunto da semana.

Kilmer estacionava o carro em frente a Universidade, ao seu lado estava Brick. Cumprimentando algumas pessoas adentrou o local, procurando a sala da diretora. Ao chegar onde queria bateu à porta escutando um *entre*, assim o fazendo notou a surpresa da mulher ao encarar os dois ali.

— Delegado Kilmer. — Levantou-se estendendo a mão em um cumprimento. — Conseguiu novas informações sobre o desaparecimento das meninas?

— Não, estou aqui porque quero poder conversar pessoalmente com os seus funcionários e com a senhora, se não for problema. Eu sei que uma pessoa já veio recolher os depoimentos, mas quero fazer outras perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

Um pouco assustada a mulher o encarou, indicando para que os dois se sentassem.

— Tudo bem. — Sorriu observando-os. — Tudo para que nossas alunas voltem para casa.

— Com certeza — murmurou o loiro que estendeu a mão para o ajudante que o encarou confuso. — A caderneta.

Rapidamente o jovem entregou o que lhe foi pedido.

— Então, Diretora Thoren — começou foleando a caderneta. — Eu pesquisei sobre seus funcionários e vi que um deles foi preso por violência doméstica e brigas. O Nicholson Beery, fiquei surpreso por ser empregado pela Instituição.

Nervosa a mulher juntou as mãos no colo.

— Delegado Kilmer — começou recebendo um aceno. — Sabemos qual é a realidade de um ex presidiário no mercado de trabalho — proferiu recebendo mais um aceno. — E nós da Universidade de New York acreditamos que a reinserção do indivíduo à sociedade é essencial para que ele não se sinta rejeitado.

— Entendo, acho louvável a atitude — respondeu a analisando — Outra coisa que achei PERIGOSAS ACHERON

estranho foram as câmeras que são de extrema importância desligadas. Quem cuida dessa parte?

— O Nicholson – falou não perdendo o olhar que o loiro lançou ao jovem. — Ele é um suspeito? Ele me disse que não tinha nenhum envolvimento com o sumiço.

Olhando-a desconfiado inclinou-se para frente.

— Então a senhora foi atrás dele o questionar sobre isso – afirmou anotando no bloco de papel. — A senhora desconfia dele?

— Não.

— Desculpe-me a pergunta – pediu —, mas a senhora tem alguma relação com ele?

Thoren o encarou com uma expressão desconfortável.

— Antigamente ele era meu amigo – avisou fitando a expressão de entendimento do loiro. — Então eu dei o emprego a ele.

— Podemos conversar com ele? Sabe me dizer onde ele se encontra?

Andava pelos corredores de maneira angustiada. Em sua cabeça a voz lhe cochichava, mas ele não conseguia entender. Parecia fazer de propósito, passando a mão pela cabeça respirou fundo escorando-se à parede. Ainda estava decepcionado com a jovem loira, esperava que ela fosse mais obediente. Olhando a parede viu a foto das duas desaparecidas e, tocando delicadamente a imagem sorriu. Hoje ele tentaria brincar com a ruiva, apesar de não gostar de ruivas.

Tentando controlar a respiração fechou os olhos e contou até dez como o seu psicólogo lhe instruía. Passos ao seu lado o fez abrir os olhos e colocando um sorriso no rosto avistou a diretora com dois homens ao lado.

— Diretora Thoren, como vai? — perguntou educado, também não gostava da mulher.

— Bem — respondeu com um pequeno sorriso. — Sente-se bem?

— Sim — afirmou notando o olhar do loiro em si. — Só uma dor de cabeça. Quem são os seus amigos?

— Oh, que cabeça minha! — Riu voltando-se para o loiro. — Esses são o Delegado Kilmer e seu

PERIGOSAS ACHERON

ajudante Brick.

— Delegado? – repetiu um pouco tenso, ouvindo a voz cochichar mais alto em sua cabeça.

— Tem certeza que sente-se bem? – Kilmer o questionou. — Parece um pouco perturbado com alguma coisa.

Respirando fundo e colocando um sorriso de lado encarou as três pessoas a sua frente.

— Não precisa se preocupar – proferiu estendendo a mão ao loiro. — Sou Morgan Herban, professor da universidade.

Concordando com a cabeça Kilmer segurou a mão do homem em um cumprimento. Observava atentamente as reações do ruivo à sua frente.

— Depois se não se importar gostaria de fazer algumas perguntas ao senhor – indagou recebendo um olhar desconfiado do homem. — Referente às suas alunas desaparecidas.

— Claro – concordou o encarando. — Agora eu tenho que ir, hora do almoço.

— Certo, então se o senhor não se incomodar poderia ir amanhã à delegacia?

— Certamente.

— Aqui está meu cartão. – Entregou o
PERIGOSAS ACHERON

pequeno papel ao outro. — Tenha um bom dia, Prof. Herban.

— Igualmente, Delegado Kilmer.

Dando as costas resolveu não perder a compostura. Ninguém jamais desconfiaria dele afinal, então não tinha necessidades de se desesperar. Saindo da universidade lembrou-se do dia em que entrara no antigo quarto de Sayuri. Entrou para poder ver o que ela tinha e se sentir mais íntimo dela. A coisa errada que fizera foi esquecer a porta aberta, ele nunca se descuidava assim, mas aconteceu. Na segunda vez tentara entrar no dormitório dela, mas não conseguiu. Na terceira e última ele estava pronto para pega-la e a leva-la consigo.

A voz tinha dito para fazer.

Então ele conseguiu entrar por uma janela no quarto de Sayuri e a esperou e, quando ela finalmente chegou ele apareceu com a faca. Não a machucaria para valer, mas gostava do medo que tinha nos olhos dela.

E depois de tudo ela ainda o abraçou, fazendo-o senti-la junto ao corpo.

Lembrava-se com perfeição do corpo trêmulo
PERIGOSAS ACHERON

e das mãos geladas de medo, ele adorava aquilo tudo. Ele só esperaria uma chance, uma chance para ele concluir o que era necessário, pois, sabia onde era a casa dos pais dela e sabia onde ela morava.

Passando os dedos nos lábios lembrou-se da sensação do beijo, ainda sorrindo recordou-se de domingo. Esperava que aquele *amigo* não o atrapalhasse, matar não era problema.

Kilmer observava os alunos circularem no local. Em frente, ele pôde ver Nicholson varrendo algumas folhas do pátio. Suspirando tomou uma postura séria. Aproximando-se o viu parar o que fazia e encara-lo.

— Olson — Thoren indagou cruzando os braços recebendo um olhar sério do homem. — Esses são Delegado Kilmer e Brick, eles querem conversar com o senhor.

Fitando-a de forma séria relanceou para os homens.

— Gostaria de fazer algumas perguntas ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor – Kilmer proferiu. — Se não for incomodar.

— Eu não fiz nada! – defendeu-se sério.

— Calma, Sr. Beery – pediu calmo. — Não estou o acusando de nada, só quero fazer algumas perguntas que fiquei com dúvidas.

— Certo.

— A diretora me deixou a par de que o senhor que toma conta das câmeras de vigilância do lugar – disse recebendo um aceno do homem —, mas que no dia do desaparecimento das duas jovens elas estavam desligadas.

Suspirando vagou os olhos claros para cada um ali presente, cruzando os braços voltou a encarar o loiro.

— As câmeras estão com problemas técnicos – avisou. — Às vezes elas funcionam, as vezes não, e u avisei para a Diretora Thoren. Sou um faz tudo, mas não sou Deus.

Kilmer o observou e, o homem parecia não estar mentindo.

— Onde o senhor estava no dia dos sequestros das duas jovens?

— Estava em casa.

— O senhor tem como provar isso?

PERIGOSAS ACHERON

Cruzando os braços encarou o delegado.

— Achei que não era suspeito.

— Eu só perguntei como perguntaria para qualquer pessoa. — Deixou claro também cruzando os braços.

— Eu não tenho como provar — respondeu colocando as mãos nos bolsos do macacão. — Eu estava sozinho.

Concordando com a cabeça Kilmer enfiou a mão no bolso, retirando de lá o cartãozinho de visita.

— Esse é meu número — exclamou dando um pequeno sorriso. — Me ligue se precisar, ou se lembrar de alguma coisa suspeita que aconteceu por aqui.

— Na verdade aconteceu — avisou deixando Thoren desconfiada e Kilmer o olhar com atenção. — Tem uma aluna que procurou a Diretora Thoren para dizer que alguém abriu a porta dela e que tinha alguém querendo entrar no dormitório dela. Estou dizendo isso porque encontrei a porta aberta e entrei no lugar para saber se tudo estava bem e fui acusado disso. Fui preso algumas vezes e não quero voltar para aquele lugar por uma coisa que não fiz.

Acenando com a cabeça fitou os olhos claros do homem.

— Certo, eu entendi – murmurou. — Poderia me dizer quem foi essa aluna?

— Sayuri Hodgens – Thoren respondeu deixando o homem surpreso. — Ela também me disse que tinha um homem com arma branca dentro do dormitório dela – avisou recebendo um olhar sério do homem —, mas nada foi encontrado nas câmeras, na verdade só tem uma pequena filmagem dela correndo e só. E ela tinha bebido nessa mesma noite.

— Achei que as câmeras não funcionavam.

— Como eu disse – Olson indagou mais rude. — Às vezes elas pegam, as vezes não.

— Certo, obrigado por suas respostas.

Voltando-se para a mais velha acenou e ao lado do ajudante começaram a caminhar para a saída.

— O que vamos fazer agora, chefe? – Brick o questionou andando até o lado do passageiro.

— Vamos atrás da Srta. Hodgens – murmurou. — Acho que isso tudo pode ter ligação. O criminoso espreitou sua primeira vítima, mas
PERIGOSAS ACHERON

parece que não obteve êxito. Acho que Sayuri Hodgens pode nos ajudar nessa investigação.

Orgulhoso o mais jovem encarou o loiro.

— O senhor é muito inteligente — elogiou observando-o sentar-se no lugar do motorista. — Quero ser como o senhor quando crescer.

Lançando um olhar divertido para o outro, balançou a cabeça.

— Quer comer alguma coisa?

— Eu adoraria.

Ligando o carro saiu da vaga em que estava. Esperava pegar esse criminoso logo, antes que ele fizesse mais uma vítima.

Sentada em uma mesa do lado de fora do café, Sayuri lia algumas atividades dos alunos. Ainda faltavam quinze minutos para voltar a sala de aula, concentrada não notou a chegada do adolescente à sua frente.

— Srta. Hodgens — Bradley chamou assustando-a. — Me desculpe.

— Tudo bem. — Sorriu colocando as folhas
PERIGOSAS ACHERON

na mesa. — Sente-se, você aceita alguma coisa? — perguntou sorrindo.

Sentando-se ele negou com a cabeça. Sayuri o encarou esperando que ele lhe falasse alguma coisa.

— Estava lendo sua atividade — comentou fazendo-o encará-la. — Seu pai deve ter orgulho do filho inteligente que você é.

— Ele não tem — respondeu de forma ríspida.

— Eu aposto que sim. — Sorriu, mas logo parou vendo-o se levantar da cadeira. — Por favor, não vá.

— Você não sabe de nada da minha vida! — exclamou nervoso. — Como pode apostar que sim?

— Por favor, Bradley. — Tentou lhe segurando a mão. — Sente-se, eu não consigo o entender. Eu quero te ajudar, não vê que eu quero ser sua amiga?

— Por que quer ser minha amiga? — quis saber sentindo-se um pouco cansado, ele queria chorar. Ninguém além do irmão queria ser amigo dele.

— Porque eu gosto de você. — Sorriu vendo-o se sentar. — E sei que esse seu jeitão rebelde é para PERIGOSAS ACHERON

camuflar o menino inteligente e educado que você é.

— Eu não me importo com isso — retrucou cruzando os braços.

Sorrindo, Sayuri o fitou.

— Você se importa — afirmou levantando uma sobrancelha. — A prova é que você está aqui comigo.

— Como assim?

— Eu sei que está preocupado com esse meu machucado. Você não consegue disfarçar.

Engolindo em seco ele lançou um olhar para o braço feminino.

— Foi o seu namorado?

— Não. — Sorriu mostrando o machucado. — Eu cáí mesmo, me desequilibrei — mentiu, não diria que tinha sido um qualquer e que quase tinha sofrido algo mais grave.

— Que bom, então — falou olhando para as mãos. — A senhorita tem irmão? — questionou querendo conversar com a professora. — Eu tenho um, Liam. Ele é dois anos mais velho.

Sentindo-se contente por dentro, Sayuri apoiou as mãos na mesa.

— Eu tenho um irmão — respondeu o observando. — Ele é um ano mais novo e, não admite quando falo isso. — Riu fazendo-o sorrir. — Ele se acha porque é mais alto.

— Eu sou quase do tamanho do meu irmão.

— Eu sou a mais baixinha de todos. — Riu bebendo um gole do suco. — Você aceita alguma coisa? Ainda temos dez minutos.

— Acho que um pedaço de torta de morango. — Olhou para dentro da loja. — Se não for incomodar.

— Claro que não — chamando a garçonete fez o pedido. — Minha mãe adora fazer torta de morango, não sobra nada quando ela faz — informou com um pequeno sorriso.

Bradley encarou a mesa.

— A minha mãe morreu — confidenciou triste. — Eu não lembro muito dela.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem.

Segundos depois a garçonete trazia o pedaço de torta do loiro e, de forma suave observou-o comer o doce. Ele parecia tão sozinho e triste, mesmo ali e aquilo a fez se sentir mal. Gostaria de

PERIGOSAS ACHERON

fazer algo para o menino. Pegando uma folha de caderno anotou o número do celular e o entregou.

— Quando você precisar de qualquer coisa não hesite em me ligar. Pode ser a qualquer hora. Eu estou aqui para te ajudar com o que você precisar.

Dando um rápido sorriso, Bradley guardou o papel no bolso e voltou a comer o pedaço de torta.

Era noite quando finalmente chegou ao apartamento. Abrindo a porta e ficando descalça, colocou as chaves no móvel ao lado da porta. O celular tocando a fez pega-lo e sorrir quando viu quem era.

Jogando-se no sofá atendeu a ligação.

— Oi, Mei!

— *Say? Eu não vou para casa hoje, estou aqui na minha mãe.*

Na mesma hora sentou-se no sofá.

— O que? — questionou preocupada. — O que aconteceu?

Ouvindo o suspiro da amiga, Sayuri colocou
PERIGOSAS ACHERON

uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— *Não se preocupe* – pediu de forma suave.
— *Amanhã quando sair do estágio vou direto para casa.*

Mordendo os lábios confirmou com a cabeça, mesmo que a amiga não pudesse ver.

— Tudo bem, dorme e descansa bem. Diz a tia que mandei um beijo.

Sorriu de forma triste.

— *Está bem, beijos. Aproveita e transa com o Benjamin hoje, você está precisando.*

Antes que pudesse responder, a amiga encerrou a ligação. Mal sabe ela que eles já haviam transado e, toda vez que se sentava sentia uma pequena dor no meio das pernas.

Saindo da sala foi até o quarto. Ligando o notebook começou a se despir para o banho, de calcinha e sutiã foi até o aparelho abrindo a caixa de mensagens. O Prof. Herban havia respondido sobre seu tcc. Sorrindo viu que estava tudo certo. Então agora só faltava a apresentação e o relatório do estágio.

Jogando-se na cama sentiu saudades de quando era criança e não tinha essas preocupações.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrindo se levantou da cama e foi para o banheiro. Após isso voltou para o quarto apenas de toalha. Na gaveta do guarda-roupa pegou uma calcinha mais sensual – pensando em Benjamin – e a vestiu. Pegando um vestido de quando ela tinha dezenove anos o vestiu, gostava daquele vestido e ele ainda lhe cabia. Apesar de ficar um pouco curto e justo, mas lhe cabia.

Com o celular na mão e o notebook, se encaminhou para sala. Começaria o relatório agora, sentando-se no sofá – soltando um pequeno gemido – abriu o *Word* do notebook e começou a digitar o relatório.

Uma hora depois e ela já tinha vinte páginas do relatório, então se decidiu por encerrar ali. Porém não enviaria, deixaria ali caso precisasse adicionar mais coisas.

Estava com fome.

Desligando e fechando o notebook se encaminhou para a cozinha, mas antes de chegar em seu objetivo ouviu a campainha tocar. Sorrindo, pois, já sabia quem era foi até a porta a abrindo e, assim que abriu avistou dois pacotes com a *logo* de uma *fast food*.

— Janta comigo? – questionou estendendo um pacote a ela.

— *Fast food* uma hora dessas? – retrucou pegando o que lhe era oferecido. — O cheiro está uma delícia, entra.

Adentrando o lugar Benjamin a abraçou enquanto beijava os lábios femininos. Separando-se depositou um selinho, logo foi até a cozinha com Sayuri ao seu lado.

— Você sempre janta esse tipo de comida?

— Às vezes quando não quero cozinhar.

Pegando o hambúrguer Sayuri deu uma grande mordida. Levantando o olhar notou que Benjamin a encarava divertido.

— *Para de me olhar* – mandou colocando a mão na boca.

Sorrindo começou a comer sempre a olhando, mas quando ela lhe olhava ele tirava a vista. Após comerem e lavarem as mãos foram para sala assistir alguma coisa, sentando-se ao lado dele o abraçou sentindo-se confortavelmente bem naquela posição.

O interfone tocando a fez sair de onde estava, Benjamin seguia com o olhar o balanço do quadril feminino. Prestando a atenção no rosto dela, viu

PERIGOSAS ACHERON

quando a mesma franziu o cenho, mas logo autorizando quem quer que fosse subir.

— O Delegado Kilmer está subindo.

Minutos depois a campainha fora tocada indo até a porta a abriu, dando espaço para o homem passar. Assim que adentrou o local, Kilmer observou o mesmo homem que tinha ido com Sayuri na delegacia esse estava sem camisa.

— Desculpe incomodá-la essa hora — começou encarando os olhos castanhos confusos —, mas eu preciso fazer algumas perguntas.

— Sobre o Caine? — questionou mostrando uma poltrona para o homem sentar, logo sentando-se ao lado de Benjamin.

— Não — negou a encarando. — Sobre o homem que estava em seu dormitório com uma arma branca — avisou deixando Benjamin surpreso e Sayuri assustada. — Temo que ele possa ser o sequestrador das duas desaparecida.

Benjamin encarava Sayuri com uma nítida preocupação.

— Tinha um cara com uma arma no seu dormitório?

Assustada ela o fitou, mas logo encarou o

PERIGOSAS ACHERON

delegado.

— Delegado, eu...

— A Diretora Thoren me deixou a par do que lhe foi relatado – a interrompeu sério —, mas eu preciso que você me fale o que aconteceu exatamente. Do começo sem ocultar nada, pois, como disse esse homem pode ser quem estamos procurando.

Mordendo os lábios acenou positivamente com a cabeça.

— Bem... – Parou pensando em como começaria. — Eu sempre passo os fins de semana com minha família – começou recebendo um aceno do homem. — E na segunda eu voltava para o Campus, nesse dia quando cheguei na Universidade vi o faxineiro sair do meu dormitório. Ele disse que a porta já estava aberta, mas ele é um pouco estranho – comentou chamando a atenção do loiro para si.

— Estranho como?

— Ele fica calado na dele – respondeu sentindo a mão de Benjamin lhe segurar a mão —, mas sempre olha as meninas. Ele me encarava também e não respondia quando eu falava.

— Entendo, agora continue a relatar o ocorrido.

— Sim – concordou colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Um outro dia no campus, eu estava acordada trabalhando no meu tcc – esclareceu recebendo um balançar de cabeça. — Eu estava na sala e vi quando alguém parou detrás da porta e tentou abri-la. – Parou lembrando-se do dia, sentindo o mesmo medo voltar. — Eu segurei na maçaneta e escutei uma respiração do outro lado e, a última vez eu tinha chegado de uma festa. Noemie saiu comigo, mas depois foi ficar com o namorado – relatou olhando para Benjamin. — Foi no sábado retrasado, eu voltei de uma festa e fui para o meu dormitório. Então eu o vi saindo de dentro do meu quarto – parou sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Ele estava com uma faca, ele iria me matar. Então eu corri e, corri.

— Como você se livrou dele? – Kilmer a questionou.

— Eu me escondi em uma sala e fiquei esperando o tempo passar – confidenciou. — Então eu estava pronta para sair do campus e ir à uma delegacia, mas então eu tombei com o Prof. Herban

PERIGOSAS ACHERON

e ele achou que eu estava bêbada. Só que eu não tinha bebido a ponto de ficar bêbada, eu sei o que vi.

— O Prof. Herban?

— Sim – concordou franzindo o cenho. — Ele não acreditou em mim eu acho, então ele me acompanhou até o meu quarto.

— Ele a acompanhou mesmo correndo o perigo do homem armado ter voltado para lá? – perguntou estranhando.

Um pouco confusa ela pensou a respeito.

— Sim, ele me acompanhou. Disse que se fosse mesmo verdade o homem não estaria mais lá.

Concordando Kilmer deixou ela continuar. Tudo estava muito estranho.

— E o homem não estava – falou encostando-se mais em Benjamin. — Então o pedi para me levar na casa dos meus pais, eu não queria ficar sozinha depois do acontecido.

Em silêncio o loiro anotou no bloco de papel tudo o que ela tinha dito e franzindo o cenho a encarou de volta.

— Lembra-se do horário que isso aconteceu?

— Acho umas 22h ou 23h, não lembro muito

bem.

— E o que o seu professor estava fazendo lá? — inquiriu. — Você disse que foi no sábado — repetiu recebendo uma confirmação da jovem. — As aulas são até as sextas, o que ele fazia na Universidade no sábado à noite?

— Ele me disse que tinha ido buscar umas cadernetas.

Alisando a barba ele confirmou sorrindo.

— Obrigado por me responder e me perdoe o horário.

— Tudo bem — respondeu um pouco tensa. — Eu tenho que me preocupar com o Prof. Herban?

— Não. — Riu não querendo deixá-la nervosa. — São só perguntas rotineiras, tenham uma boa noite.

Indo até a porta foi seguido por Sayuri. Após o homem ir embora a jovem se abraçou, Benjamin a encarando se aproximou do pequeno corpo o abraçando.

— Foi por isso que você veio morar aqui?

— Sim — respondeu o abraçando forte. — Eu fiquei com muito medo, não poderia ficar lá depois

PERIGOSAS ACHERON

disso.

Sentindo o cheiro que exalava dela Benjamin pensou no que faria caso algo acontecesse com ela. Imaginar um mundo onde ela não existia, o fez aperta-la com mais força. Ele não a largaria mais.

— Aí isso dói – reclamou logo sentindo o aperto diminuir.

— Me desculpe – pediu lhe alisando o rosto.
— Eu fiquei preocupado com tudo isso, eu não imaginava.

— Não precisa se preocupar. – Sorriu beijando-o rapidamente. — Tudo vai ficar bem.

— Eu posso dormir com você? – perguntou ainda a acarinhando. — Eu preciso sentir você nos meus braços, prometo colocar o celular para despertar.

Sorriu recebendo um grande sorriso.

— Claro – concordou o abraçando pelo pescoço. — Mei não vem dormir em casa hoje, ela está com a mãe.

— Então estamos sozinhos a noite toda?

Sorrindo, ela confirmou sendo impulsionada para cima, logo rodeando as pernas nele. Enfiando a mão no bolso do short, mostrou-lhe as camisinhas

PERIGOSAS ACHERON

que havia trazido.

Sentando-se no sofá, colocou os preservativos ao lado e alisando as coxas sedosas de Sayuri subiu-lhe o vestido o retirando. Encostando-se no peito nu dele começou a esfregar os seios ali, sentindo a fricção dos bicos intumescidos no peitoral tatuado.

Beijando-lhe rapidamente expôs os seios para ele, sorrindo viu quando ele também sorriu e abocanhou o bico do seio. O mordendo e chupando. Sayuri adorava quando ele dava atenção aos seus seios, ela sentia muito prazer com eles.

Arfando sentiu quando uma mão dele parou em seu traseiro e a outra em cima do seu clitóris onde começou a esfregar. Afastando a calcinha para o lado sentiu-a lubrificada.

— Está molhadinha.

Sorriu sacana a encarando, beijando-a lhe chupou a língua.

Penetrando-lhe dois dedos observou a forma que ela abria a boca, mordendo o lábio inferior feminino afastou a bermuda que usava. Alcançando uma camisinha a vestiu em tempo recorde e, a segurando delicadamente a fez sentar. Gemendo

PERIGOSAS ACHERON

Sayuri se apoiou nos ombros masculinos e, mordendo o lábio relaxou.

Sentia-se alargada por dentro e sensível. Arfou mais alto quando ele a puxou para mais perto e começou a chupar e morder o bico do seio, logo fazendo a mesma coisa com o outro. Deitando-se mais no sofá Benjamin começou a penetrá-la, arrancando suspiros da jovem.

Com as duas mãos desferiu dois tapas fortes no traseiro branco, o agarrando em seguida. Apoiando a mão no peito masculino, começou a remexer o quadril sentindo a forma como ele a invadia.

Em um movimento rápido Benjamin lhe segurou o cabelo, a puxando para trás. Gemendo alto sentiu quando o orgasmo se aproximava e, quando ele se levantou a segurando por de baixo do joelho não teve como se segurar.

E o abraçando gemeu alto gozando, sentindo-se trêmula nos braços de Benjamin. Ele com mais algumas estocadas também gemeu, a apertando nos braços.

Com as respirações desregulares eles se encararam e sorriram. Depositando um beijo

PERIGOSAS ACHERON

carinhoso nos lábios femininos e, ainda a segurando. Benjamin a levou para o quarto onde juntos foram lavar os corpos.

Capítulo 18

Setembro passou rapidamente e com o início de outubro Sayuri estava nervosa com a apresentação que teria em novembro. Trabalhava o dia todo e à noite se encontrava com Benjamin, era a melhor parte do dia. Noemie estava estranha, estagiava o dia todo e falava pouco. Parecia perdida em pensamentos a maior parte da noite, conversava pouco e sempre se recolhia cedo.

Preocupada com o comportamento da amiga a procurou para conversar e descobriu que o relacionamento dela e de Juan havia chegado ao fim, o que a deixou triste. Torcia para que a amiga fosse feliz.

Suspirando voltou a prestar atenção na comida que preparava, havia chegado horas atrás e combinado de jantar com Benjamin. Tinha convidado Noemie, mas a mesma recusou afirmando que tinha que dormir cedo para acordar disposta.

Sentia que a amiga ainda lhe escondia alguma coisa, mas não sabia dizer o que era.

PERIGOSAS ACHERON

Pensava ser uma gravidez, mas sabia que Noemie era responsável quando o assunto era gravidez. Talvez poderia ser algo relacionado com o estágio, mas se estivesse acontecendo alguma coisa ela diria.

O celular tocando a fez secar as mãos molhadas em um pano e sorrindo atendeu a chamada.

— *Oi, filha, sou eu a mamãe* – indagou divertida. — *Está ocupada?*

— Oi, mãe. – Sorriu encostando-se à pia. — Estou preparando o jantar, mas pode falar.

Sentia saudades dos pais e do irmão, desde que havia começando o que tinha com Benjamin ela não fora visitar os pais. Somente ligado e, sabia que o pai não estava gostando disso. Em uma noite passou horas conversando com a mãe sobre estar junto com Benjamin e, quando a mulher questionou se era um namoro ela não soube responder. Eles estavam juntos afinal, mas Benjamin ainda não tinha dito nada sobre leva-la para conhecer a mãe.

— *Serei breve* – avisou suspirando. — *Seu pai exige que você venha essa semana e que traga o Benjamin para ele o conhecer.*

Mordendo os lábios Sayuri fechou os olhos, sabia que uma hora ou outra o pai descobria o relacionamento dela com o homem.

— *Sabemos que é sua vida* – continuou suave —, *mas você sabe como o seu pai é. E quando ele se junta com Ian, você já viu né? Seu irmão também não dá um sossego.*

— Essa semana? – repetiu incerta, talvez Benjamin acharia muito precipitado isso. Conhecer os pais da mulher que ele estava junto.

— *Sim* – concordou dando um rápido riso. — *Seu Tio Johan ligou avisando que passaria o domingo conosco. Talvez Jonathan também venha, ainda não sabemos.*

Sorrindo lembrou-se dos tios, talvez seria uma boa ir. Mesmo que Benjamin não quisesse.

— Tudo bem, mãe, vou conversar com o Benjamin – disse por fim.

— *E como estão as coisas entre vocês?*

— Bem. – Sorriu mexendo o molho com uma colher. — Não se preocupe.

— *Certo* – murmurou, mas logo pigarreou e um pouco incerta proferiu: — *Vocês estão se protegendo?*

— Sim, mãe – falou envergonhada. — Eu não tomo pílula, mas nos protegemos sempre.

— *Okay, então tchau. Até o fim de semana.*

— Até.

Encerrando a ligação colocou o aparelho celular no balcão. Voltando para o fogão provou o molho – que iria por cima do macarrão – vendo que ele já estava bom. Desligando o fogo saiu em direção ao quarto para tomar um banho, retirando a roupa foi em direção ao guarda-roupa pegando uma calcinha, um short e uma blusa de tecido fino. Colocou-os em cima da cama e foi para o banheiro.

Esfregando o rosto saiu do elevador e com as chaves na mão abriu a porta do apartamento. Hoje tinha sido um dia corrido, não havia conseguido descansar um minuto. Jogando a mochila no sofá foi para a cozinha onde pegou um copo d'água, encostando-se a pia seu pensamento foi em Liam. Semana passada o havia visto trabalhando varrendo a frente de uma lanchonete e, diferente dos outros dias, Liam estava mais magro ainda e com um roxo

PERIGOSAS ACHERON

perto do olho.

E hoje quando adentrava o vestiário ouviu Melvin falando no celular com Liam. Sabia que era o loiro, pois o outro adolescente havia dito seu nome e algo como *você não pode simplesmente fugir com o seu irmão*.

Estava preocupado com o jovem e se sentindo culpado por ter o tirado da aula. Talvez aquilo tinha sido uma péssima ideia. Colocando o copo na pia foi em direção do quarto. Retirando a roupa entrou de baixo do chuveiro ficando um momento parado só sentindo a água lhe molhar o rosto, encostando a cabeça na parede suspirou.

Não sabia como, mas a mãe já sabia que ele estava com Sayuri. Na verdade, ele sabia sim. Dustin e Taylor eram dois fofoqueiros e, avisaram a Jilly sobre isso e desde então a mulher o cobrava para levar Sayuri até ela. Perguntava-se se Sayuri aceitaria ir conhecer a mulher, talvez achasse que seria cedo demais para o que estavam tendo. Porém não custava nada perguntar.

Terminando de tomar banho foi em direção ao guarda-roupa pegando uma blusa e uma bermuda. Após isso foi até a cozinha pegando um

PERIGOSAS ACHERON

vinho branco, antes de sair colocou o celular no bolso da bermuda.

Saindo de casa trancou a porta e com um pequeno sorriso tocou a campainha de Sayuri. Segundos depois a porta foi aberta e, com satisfação a viu usando um short curto e uma blusa sem mangas. Os cabelos lhe caíam soltos pelos ombros, ela lhe sorria e não sabia o porquê – mas hoje ele a achava mais linda que nunca.

— Que bom que chegou – ele a ouviu dizer com a voz suave. — Estava com saudades, entra.

Sorrindo adentrou o recinto e sem esperar a puxou para mais perto, a tirando do chão sentindo os braços lhe abraçarem o pescoço e os lábios que ele tanto adorava, lhe beijar com amor e saudade.

Colocando-a novamente no chão finalizou o beijo com um selinho.

— Eu trouxe para a gente – disse e mostrou o vinho branco. — O cheiro da sua comida está uma delícia – elogiou acariciando a bochecha feminina. — Onde está Noemie?

— Ela se recolheu cedo – disse o puxando para a cozinha. — Ela não está legal.

— Sinto muito – respondeu colocando o

PERIGOSAS ACHERON

vinho no balcão.

— Eu também — concordou pegando os pratos no armário. — Ela é como uma irmã para mim, não gosto de a ver sofrendo.

— Tenho certeza que tudo vai se acertar — afirmou recebendo um pequeno sorriso.

Olhava a forma que ela o servia.

— Quer ajuda? — perguntou observando-a se inclinar para pegar duas taças.

— Você poderia abrir o vinho — propôs colocando as duas taças à frente dele.

Sorrindo fez o que lhe foi pedido. Encarando-a percebeu que se sentia completo com ela e, isso o fez franzir o cenho. Então as palavras da sua mãe afirmando que ele ia conhecer a mulher que seria a da vida dele, o fez sorrir. Não que acreditasse nisso, mas Sayuri lhe era especial. Muito. Ele passava a maior parte do tempo olhando o relógio, pois, não queria se atrasar para chegar em casa.

— Nossa! — exclamou olhando o balcão.

— O que? — perguntou confusa colocando o prato na frente dele.

Ele somente a encarou e sorriu, recebendo um sorriso em seguida. Se a vizinha que vê o futuro

PERIGOSAS ACHERON

estiver certa, Sayuri era a mulher da sua vida.

— Eu estou com muita fome – respondeu ocultando os pensamentos. — E pelo cheiro, isso aqui está realmente uma delícia.

— Eu cozinho bem – avisou sentando-se a frente dele. — Minha mãe me ensinou.

— Moça prendada.

— Eu sou. – Sorriu o encarando. — O próximo jantar será na sua casa, quero saber se você saber cozinhar – falou dando um gole no vinho.

— Então vou cozinhar minha especialidade.
Deu de ombros lhe lançando um sorriso.

— E qual seria?

— Surpresa – brincou fazendo-a sorrir, comendo um pouco do macarrão gemeu. — *Isso está uma delícia* – murmurou de boca cheia.

— Não fala de boca cheia! – brigou recebendo um sorriso. — Como foi hoje no seu trabalho?

Suspirando lembrou-se de Liam.

— Foi cansativo – respondeu tomando um pouco do vinho. — Eu tenho um aluno que mandei embora e, acho que fiz algo ruim.

— Por que o mandou embora? — questionou colocando um pouco de macarrão na boca.

— Ele começou a aparecer com hematomas e, eu logo achei que era por brigas em ruas — contou olhando o prato —, mas não acho que seja isso. Ouvi um aluno amigo dele falar sobre fuga. Acho que Liam e o irmão vão fugir.

Olhando-o Sayuri lembrou-se de Bradley. O irmão de Bradley se chamava Liam. Mas então não ligou muito para isso, afinal, existiam vários Liam por aí.

— Isso é mal se for verdade — exclamou o observando. — Acha que será preciso avisar aos pais?

— Eu pensei em ir procura-lo primeiro e conversar com ele.

— Isso. — Sorriu concordando. — É sempre bom conversar. Eu tenho um aluno ao qual não sei o motivo, mas tenho carinho enorme por ele. Ele tem quinze anos, é tão inteligente e educado, mas ao mesmo tempo se fecha para todos e finge não se importar.

— Ele conversou com você?

Concordando com a cabeça deu um gole na
PERIGOSAS ACHERON

bebida.

— Ele estava preocupado comigo – deixou claro notando a confusão do homem. — Ele viu meu machucado e achou que tinha sido um namorado.

Franzindo o cenho Benjamin a encarou.

— Acha que pensam isso? Que eu agredi você?

Surpresa ela segurou o pequeno sorriso que queria sair, então ele era seu namorado.

— Não se preocupe com isso. O arranhão está sumindo, nem dá para perceber muito.

— Eu só queria encontrar aquele desgraçado e soca-lo até ele cuspir os dentes.

— Brigas não resolvem nada – deixou claro sorrindo. — Agora come, a comida vai esfriar.

Sorrindo ele levantou as mãos em rendição e lançando uma piscadela voltou a comer. E em um clima gostoso e harmônico comeram, ele sempre prestando atenção em cada detalhe dela. Sentindo algo se aquecer dentro de si, percebeu então que ali era onde ele deveria estar.

Descendo do carro, Herban pegou a maleta que sempre levava para a Universidade e as chaves de casa. Adentrando a residência foi até a sala e colocou a maleta no sofá. Foi até uma vitrola que tinha há tempos, colocou-a para tocar e sorriu fechando os olhos quando a sala foi preenchida pela música. Dando meia volta foi em direção ao porão e ao abrir a porta desceu dançando as escadas e, chegando onde as alunas estavam sorriu.

— Boa noite — saudou com um pequeno sorriso, enquanto observava as duas jovens se abraçando. De lá de baixo dava para ouvir a música. — Hoje não poderei ficar com vocês, tenho algo para fazer.

Terminando de falar arregaçou as mangas da blusa. Dando um último sorriso voltou-se para uma prateleira que tinha ali e pegando um machado pesado o segurou testando. Balançando a cabeça ouviu quando a voz voltou a cochichar no seu ouvido. Parando, ele confirmou e aproximando-se do chão desferiu um golpe com todas as forças. O barulho do machado indo de encontro ao chão foi alto — assustando as duas — puxando o machado

PERIGOSAS ACHERON

novamente para si viu que sua ação tinha arrancado um pedaço da madeira.

E mais uma vez desferiu um golpe no chão, desferiu mais golpes até ter pedaços de madeiras no chão. Afastando-se mais um pouco recomeçou a arrancar o piso madeira.

As estudantes olhavam a tudo aquilo com o cenho franzido. Olhando rapidamente para amiga fez uma pergunta muda com os olhos, observava o homem trabalhar furiosamente no chão e aquilo a deixava assustada.

Parando ele puxou uma respiração.

A madeira tinha sido retirada no formato que queria, o que faltava agora era cavar o grande buraco. Ele precisava de um buraco grande, mas que pudesse ser camuflado. Por isso o fez no canto da parede.

— Isso aqui vai ser trabalhoso — falou para ninguém em especial —, mas não estou reclamando.

Sorriu lançando um olhar demorado para a loira.

Desviando o olhar pegou uma pá e cantarolando a música que tocava começou a cavar.

Margot descia do carro e observava o prédio à sua frente. Voltando-se para o motorista o olhou dos pés à cabeça, virando-se para a entrada fitou ao redor. Crispando os lábios quase revirou os olhos por estar ali, mas amava o filho e faria isso por ele. Se ele não poderia vir falar com a tal Sayuri, ela falaria e, conseguiria que a mesma retirasse a queixa contra o filho.

Passando pelo porteiro sem lhe dirigir a palavra foi em direção ao elevador e, antes que pudesse o pegar ouviu o homem gritar para que ela esperasse. Voltando-se com uma expressão séria o encarou.

— Desculpe, senhora, mas não pode subir sem se identificar.

— Perdão? Precisa se identificar para subir nesse muquifo? – debochou notando a expressão séria do homem.

— São ordens – exclamou a encarando. — A quem devo informar sua *maravilhosa* chegada, senhora? – quis saber com um sorriso de lado.

PERIGOSAS ACHERON

Levantando a sobrancelha ela o encarou, podia jurar que sentiu o sarcasmo na voz do homem.

— Avise à Sayuri Hodgens que a mãe do namorado dela está aqui – mandou não perdendo o olhar confuso do homem.

E ali parada como uma estátua ela esperou que o serviçal fizesse o trabalho dele. Podia notar a confusão nos olhos do homem e se perguntava o motivo.

— Pode subir, senhora – autorizou aproximando-se da mesma. — O apartamento é o...

— Eu sei qual o apartamento – o interrompeu adentrando o elevador.

— Que bruxa – xingou voltando para detrás do balcão.

Sayuri levava os pratos usados no jantar quando o interfone tocou e ela atendeu. Ficou confusa quando Evans avisou que a mãe do namorado dela estava ali, afinal, ela estava com Benjamin. Não seria a mãe dele.

Porém algo passou por sua mente e, descobriu que seria a mãe de Caine. E já imaginava o motivo da vinda, por isso, autorizou a entrada da mulher. Secando as mãos fitou Benjamin que enxugava os pratos.

— A mãe de Caine está subindo.

— Você quer que eu vá para minha casa? — perguntou colocando o pano de prato no balcão.

— Não — negou o abraçando pela cintura, sentindo os braços dele lhe rodearem o pescoço. — Quero você aqui comigo.

Deixou claro o beijando, sentindo a língua dele tocar na sua e os lábios masculinos lhe chuparem a língua e lábio inferior.

A campainha tocando fez Sayuri se separar dele e respirando fundo foi até a porta a abrindo. Logo sendo empurrada pela mulher que adentrou no recinto já falando o que queria.

— Olhe aqui, eu exijo que você retire... — parou de falar quando viu Benjamin se aproximando e a olhando assustado. — Benjamin?

Confusa, Sayuri fitou o homem que fitava de forma assustado a mulher e, algo passou em sua mente. Ele já havia dançado para ela.

— O que faz aqui? – Benjamin questionou cruzando os braços.

Margot observava com surpresa o homem, voltando sua atenção para a japonesa a viu encara-la de forma séria.

— Eu vim falar com essa menina – exclamou a olhando superior. — O que você faz aqui? Por que não me atende quando ligo?

Sentindo-se nervosa Sayuri ficou na frente de Benjamin, tirando a atenção da mulher nele.

— O que a senhora quer ligando para o meu homem? – perguntou séria, não vendo o sorriso de Benjamin.

— Seu homem? – debochou a olhando dos pés à cabeça, era bonitinha de corpo não iria negar. — Pensei que você estava apaixonada por meu filho que a propósito você conseguiu destruir a vida. Eu vim aqui exigir que você retire aquela maldita queixa contra ele.

— O que?

— Isso mesmo que você ouviu! – disse abrindo a bolsa retirando a cartela de cheque. — Qual o seu valor?

— O que? – repetiu sem acreditar.

Benjamin encarava a mulher com nojo, não acreditava no que estava ouvindo.

— Sayuri não vai retirar a queixa! O que o seu filho fez foi grave.

— Faça-me o favor. — Fez pouco caso o olhando. — O meu filho não fez nada, olhe ela! — Apontou para a mais jovem que se abraçou. — Está inteira, sem nenhuma marca.

Crispando os lábios e travando a mandíbula Benjamin se aproximou da mulher.

— O seu filho é um covarde, um bosta — deixou claro encarando os olhos dela. — E tem sorte de não estar aqui, porque se estivesse ele iria se arrepender de ter pensado em fazer mal a Sayuri.

Levantando a cabeça Margot o fitou dando um sorriso de lado.

— Está se envolvendo com essa *Ninfeta*? — questionou em deboche.

Soltando uma respiração lenta Benjamin a encarou.

— Se eu estou ou não, isso não é da sua conta, Margot.

— É realmente uma pena — lamentou descendo os olhos pelo corpo do homem —, mas
PERIGOSAS ACHERON

então quanto você quer para retirar a queixa contra o meu filho? – A loira voltou sua atenção para Sayuri.

— Eu não quero nada – respondeu aproximando-se da mulher. — Eu só quero que você saia da minha casa e não volte mais, eu não vou retirar a queixa.

Guardando o cheque na bolsa ela a encarou com ódio.

— Não admito que uma *putinha* como você estrague a vida do meu filho.

Antes que Benjamin avançasse na mulher para a tirar dali, Sayuri o surpreendeu desferindo um tapa na face da loira. Surpresa, a mulher a encarou, a fulminando com o olhar.

— Saia agora da minha casa!

— Você vai se arrepender – ameaçou apontando para a jovem. — E você não precisa mais voltar para o clube e, vou me certificar de que não arranje emprego em lugar algum.

— Não pode me despedir de um lugar que eu nem mais trabalho – Benjamin afirmou dando um pequeno sorriso —, mas obrigado mesmo assim.

Furiosa, a mulher saiu da casa. Suspirando

PERIGOSAS ACHERON

nervosa Sayuri fechou os olhos, logo sentindo os braços do homem ao seu redor.

— Você está legal?

— Você saiu do CM? – respondeu com outra pergunta, virando-se para ele.

— Saí.

— E por que não me disse? – questionou o encarando.

Confuso ele a puxou para o sofá.

— Pensei que já sabia – proferiu a olhando.

— Não achou estranho eu estar em casa à noite esse tempo todo?

— Eu pensei que você estava de férias, não sei – indagou olhando o peito dele tatuado —, mas fico feliz por você sair de lá. Não queria perguntar sobre o CM por medo da resposta.

— O CM é um emprego como qualquer outro.

— Não – negou sorrindo. — Em um outro emprego você não tem que tirar a roupa e deixar outras mulheres lhe tocarem.

— E se eu ainda estivesse trabalhando lá? Seria um problema para você? – quis saber cruzando os braços.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parando um momento ela o encarou e também cruzou os braços.

— Seria um problema para você se eu dançasse seminua para vários homens? — questionou observando a carranca que ele fez. — Deixando-os me tocarem por onde quisessem e...

— Já entendi — a interrompeu tentando mudar a visão que estava tendo dela ao redor de vários homens. — Não, não ia gostar.

— Então você já tem a sua resposta.

Olhando-o viu que ele ainda mantinha a carranca, sorrindo sentou-se no colo dele abraçando-o o pescoço.

— Você está imaginando a cena?

— Estou tentando não imaginar — respondeu esfregando o rosto.

— Eu posso te ajudar com isso — indagou começando a se remexer, sentindo a mão dele descansar em sua cintura e a outra a puxar para mais perto. — Vamos para o meu quarto, ainda tenho camisinhas lá.

Adorando o convite a pegou no colo e rapidamente se dirigiu para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Jillian preparava uma xícara de chá para beber. Não conseguia dormir, isso acontecia quando ficava ansiosa com alguma coisa ou muito preocupada. A cozinha era grande e equipada, obra do seu filho. Havia a tirando de onde estava e a levado para essa casa, grande e confortável. Benjamin era um filho maravilhoso, o melhor que uma mãe poderia ter.

O telefone da casa a fez franzir o cenho e rapidamente ir atender a ligação. Esperava que não fosse nada com Benjamin ou com Dustin.

— Alô? — atendeu nervosa.

— *Jillian?* — questionou a voz.

Jilly ficou muda. Ela reconhecia aquela voz, pudesse passar mil anos, mas mesmo assim ela reconheceria.

— O que você quer?

— *Jillian, eu...*

— Por que está me ligando depois de tanto tempo? — perguntou o interrompendo. — Qual é o seu problema?

— *Eu... Eu quero conhecer o nosso filho* —
PERIGOSAS ACHERON

respondeu deixando-a surpresa. — *Eu sei o que fiz e, sei também que você deve me odiar, mas quero ver o meu filho.*

— Não acha que é tarde para isso? — o questionou. — Faça um favor a si mesmo e não nos procure e nem ligue mais.

Encerrando a ligação Jilly voltou para a cozinha e sentando-se na cadeira chorou.

Chorou por tudo o que passou sozinha para criar o filho. Pelas humilhações que já sofrera, pelos assédios. Fechando os olhos respirou fundo, não precisa relembrar daquelas coisas. Hoje ela não mais passaria por nada disso, nem ela e nem o filho. Após beber a xícara de chá rumou para o quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Kilmer observava as fichas a sua frente com extrema cautela. As duas desaparecidas estudavam o mesmo curso, nos mesmos horários e com os mesmos professores. Na festa ninguém viu as mesmas desaparecerem, deduzia que estavam muitos *chapados* para isso.

Suspirando fitou a ficha do professor da universidade. Ele não o tinha procurando, talvez devesse ir atrás do homem. Uma coisa não saía de sua cabeça, perguntava-se por qual motivo o professor não chamou a polícia para averiguar a situação. Se o criminoso estava armado, não tinha motivos para ir atrás do mesmo.

O normal seria chamar a polícia, mas o homem não o fez e isso o deixou curioso.

— Chefe? — Brick apareceu na porta. — O professor da universidade está aqui.

Sentando-se ereto na cadeira fez um movimento com a mão, pedindo para que ele mandasse o homem entrar. Segundos depois o ruivo aparecia com um pequeno sorriso, o

PERIGOSAS ACHERON

cumprimentando sinalizou para que ele se sentasse.

— Primeiro peço desculpas pela demora — começou recebendo um aceno. — Vida de professor é corrida demais, cada minuto é precioso.

— Imagino, Prof. Herban — concordou apoiando as duas mãos na mesa. — E fico contente de que esteja aqui para ajudar.

— Tudo para que as duas estudantes sejam encontradas sãs e salvas.

Sorriu de lado lembrando-se das duas.

— Certo — murmurou o olhando —, mas primeiro gostaria de fazer algumas perguntas sobre acontecimentos antes disso, se não se importar.

— Tudo bem — respondeu desconfiado.

— O senhor trabalha de segunda a sábado na universidade?

— Sexta — o corrigiu com um pequeno sorriso. — Não trabalho nos sábados.

— Ah sim. — Sorriu ainda o encarando. — Deve ser cansativo trabalhar todos os dias em uma Universidade. Os sábados são sagrados, não é verdade?

— Sim — confirmou encostando-se na cadeira. — É bom relaxar no fim de semana.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Verdade, mas sempre acontece de levar trabalho para casa.

— Às vezes – falou não entendendo onde o homem queria chegar. — Não costumo levar trabalhos para casa, na verdade eu prezo a ficar mais na tranquilidade.

— Entendo – murmurou pegando uma ficha com o nome da Sayuri. — O senhor conhece a aluna Sayuri Hodgens?

— Sim – afirmou cauteloso. — O que tem ela?

— Eu soube que acontece um episódio e fiquei realmente curioso a respeito. – Sorriu observando a face séria do outro. — A Srta. Hodgens me informou de que tinha alguém no dormitório dela e que minutos depois ela o encontrou por lá. E segundo ao que ela me passou, o senhor não deixou que chamasse a polícia. Gostaria de saber o que estava fazendo na Universidade àquela hora e por que não chamou a polícia?

Em silêncio, Herban o encarou.

— Eu estou sendo acusado de alguma coisa ou sou suspeito?

PERIGOSAS ACHERON

— Não — negou sorrindo. — Eu só estou perguntando porque fiquei curioso. Por qual motivo não chamou a polícia?

— A Srta. Hodgens estava bêbada — afirmou calmo. — Ela não sabia o que estava falando ou o que estava acontecendo ao redor, então não achei necessário incomodar as autoridades.

Concordando Kilmer passou o dedo na boca olhando a ficha do homem à sua frente, mas logo voltou a encará-lo.

— Entendo — murmurou —, mas o que o senhor fazia àquela hora na Universidade? Sendo que pelo horário já se mostrava ser tarde da noite.

Sorrindo de forma calma o homem cruzou os braços.

— Eu tinha me esquecido de uns materiais então fui buscar — relatou. — Não é porque que estava à noite que eu não tenho acesso a Universidade. Eu trabalho lá há dois anos.

— Sim, eu vi na sua ficha — informou pegando-a. — O senhor trabalhou e morou em vários lugares, o que aconteceu para que se mudasse tanto?

— Não me senti em casa — confidenciou —,
PERIGOSAS ACHERON

mas então quais as perguntas que o senhor gostaria de fazer a respeito das desaparecidas.

Juntou as mãos o olhando.

— O senhor era o professor das duas, então gostaria de saber como era o comportamento da Srta. Monroe. — Mostrou a foto da loira. — E da Srta. Knightley. — Colocou a foto da ruiva a frente do homem.

Em um rápido silêncio Herban encarou as fotos das duas. A loira era realmente linda. Dando um pequeno sorriso lembrou-se quando arrancou um dos dedos dela. O sangue vermelho se misturando com a sujeira do local e os olhos cheios de lágrimas da mulher o fascinou.

Kilmer observava a expressão que o ruivo fazia. Não havia notado nenhum resquício de preocupação nos olhos claros do homem e, aquilo o deixava intrigado.

— Duas ótimas alunas — começou a falar recebendo um aceno do homem. — Gostavam de sair e viver em festas, mas eram boas alunas.

— Elas apresentaram algum comportamento anormal?

— Não, senhor. — Relanceando para o relógio

PERIGOSAS ACHERON

viu que estava na hora de sair dali. — Eu gostaria de ficar mais tempo, mas tenho que ir. Tenho provas para serem aplicadas hoje.

— Tudo bem — concordou levantando-se e estendendo a mão em um cumprimento. — Obrigado por vir nos ajudar com suas perguntas.

Sorrindo, o ruivo saiu da sala sendo observando pelo loiro.

Ao fundo podia ouvir uma música ambiente e vozes de alunos e treinadores. Sentado em uma cadeira Benjamin olhava alguns papéis sobre a academia, estava pensando em alugar ou comprar um outro imóvel para poder expandir o negócio. Dustin achou a ideia boa e decidiu entrar como sócio nisso.

Levantando a vista viu um aluno se aproximar, dando um pequeno sorriso viu que era Melvin. Colocando os papeis de lado fitou o adolescente, esse parecia um pouco incerto.

— Algum problema, Melvin?

Coçando atrás da orelha o adolescente encarou o homem

à sua frente.

— O senhor não deveria ter mandado o Liam embora – avisou ainda o encarando. — Foi injusto.

— Talvez tenha sido – concordou deixando-o surpreso —, mas talvez fosse necessário.

— Ele gostava daqui – falou nervoso. — Ele gostava de praticar o *Kickboxing*.

Suspirando, Benjamin ficou de pé segurando os papéis. Ele já sabia que tinha sido injusto mandar o loiro embora, não necessitava ouvir de mais ninguém.

— Eu não aceito brigas de rua – exclamou recebendo um negar de cabeça. — Então...

— Mas não foi briga de rua – o interrompeu. — O senhor realmente não entende, nem procurou entender e já foi julgando e o expulsando como se todo o esforço que ele fez para chegar aqui não valesse nada.

— Então me diga o que aconteceu – falou o fitando —, talvez eu possa ajudar.

— Eu não posso falar – respondeu com o cenho franzido. — Isso só diz respeito ao Liam.

O celular tocando o fez colocar a mão no bolso e antes de atender viu que era a mãe. Olhando

PERIGOSAS ACHERON

o menino o viu suspirar dando as costas, contrariado atendeu a ligação.

— *Filho?*

— Oi, mãe – murmurou encaminhando-se para fora, iria comer alguma coisa. — Tudo bem?

— *Sim* – afirmou incerta. — *Eu preciso que você venha esse fim de semana para conversarmos.*

Parando trocou o celular do ouvido, estranhando o tom de voz da mulher.

— Está tudo bem?

— *Sim, não se preocupe. Só quero conversar.*

Andando pela calçada se dirigiu para a lanchonete onde Pheobe trabalhava.

— Tudo bem, então. – Sorrindo para o que iria dizer a seguir. — Talvez nesse fim de semana eu leve a Sayuri, mas a senhora tem que me prometer de que vai se comportar – exigiu franzindo o cenho. — Nada de fazer muitas perguntas a ela e, nem de deixa-la envergonhada com perguntas indiscretas.

— *Mas eu não faço isso!* – defendeu-se com uma voz risonha. — *Eu vou adorar conhece-la! Avise-me se no sábado ou domingo, vou fazer uma comida gostosa para recebe-la. Acho que vou fazer*
PERIGOSAS ACHERON

uma torta sabor chocolate. Todo mundo gosta de chocolate, ou você acha que de morango? Talvez eu faça duas tortas, o que acha?

Benjamin sorria ouvindo a mãe falar feito uma tagarela.

— Chocolate me parece bom.

— *Fico tão feliz, filho* – indagou com uma voz amorosa. — *Você já comeu?*

— Estou indo comer – disse adentrando a lanchonete. — Eu te ligo depois para confirmar tudo.

— *Tudo bem, meu amor, eu te amo.*

— Eu também te amo.

Encerrando a ligação sorriu para Pheobe que se aproximou com um bloco de notas na mão.

— O mesmo de sempre – avisou como se ela não soubesse.

Revirando os olhos Pheobe sorriu.

— Não sei como você não engorda.

— Exercícios – respondeu levantando uma sobrancelha. — Me exercito muito.

Levantando uma sobrancelha ela o encarou. Sabia quais exercícios ele praticava e, era uma pena ele não a procurar mais. Adorava o ajudar a manter

PERIGOSAS ACHERON

a forma.

— Você ainda está com aquela japonesinha?

— Sayuri – a corrigiu recebendo um dar de ombros. — Sim, estamos.

— Então é namoro sério?

— Namoro – testou a palavra, eles estavam juntos. Não precisava nomear assim, mas colocando nesses termos. Sim, ele estava. — É, é um namoro.

— Que sortuda – sorriu lançando um olhar cobiçoso a ele. — Vou lá pegar seu almoço.

Olhando-a sumir em busca do pedido suspirou. Pegando o celular, pensou em ligar para Sayuri e com um pequeno sorriso nos lábios discou para a jovem.

Sayuri corrigia algumas atividades do dia e, seu pensamento sempre terminava em Bradley. Ele faltou de novo e, poderia ser besteira, mas estava com uma sensação ruim. Precisava saber que o adolescente estava bem então hoje iria até a casa do mesmo, tinha dado o número do celular para o loiro

PERIGOSAS ACHERON

— mas ele não ligou. Talvez não tivesse acontecido nada, porém ela precisava ter a certeza.

Tirada de seus pensamentos viu o celular tocando e olhando o nome na tela sorriu.

— Oi.

— *Oi, Chuchu* — falou escutando o riso feminino. — *Já comeu?*

— Já comi — respondeu observando a janela da sala de aula. — Estava aqui corrigindo umas atividades e, você? Já comeu?

— *Vou comer* — murmurou encostando-se à cadeira. — *O que acha de hoje quando passar para te buscar irmos comer algo fora?*

— Acho melhor você me passar o endereço e eu ir te encontrar — propôs batucando a caneta na mesa. — Vou precisar passar em um outro lugar depois daqui.

— *Para onde?* — questionou de forma curiosa.

— Vou na casa do Bradley, meu aluno. Ele faltou hoje e eu estou preocupada com ele, não é a primeira vez que ele falta.

— *E onde ele mora? Te dou uma carona* — após ouvir o nome do bairro e da rua franziu o

PERIGOSAS ACHERON

cenho. — *De jeito nenhum você vai sozinha, me espera e vamos juntos.*

— Tem certeza?

Mordendo os lábios o ouviu bufar do outro lado.

— *Não vou deixar minha garota ir sozinha nesse lugar perigoso.*

Sorrindo de forma boba ela fechou os olhos. Adorava quando ele falava algo assim e, ainda sorrindo lembrou-se que o pai queria conhece-lo. Havia esquecido de comentar isso com Benjamin na noite passada, tudo por culpa daquela mulher que apareceu exigindo que ela retirasse a queixa. Jamais descobriria que Margot era mãe de Caine e ex chefe de Benjamin. E jamais desconfiaria que Caine fosse tão covarde a ponto de mandar a mãe a subornar.

— Então tudo bem vou estar te esperando.

Ao fundo ouviu o riso do homem e uma outra voz masculina ser ouvida.

— *Tudo bem, agora tenho que ir* – proferiu voltando a falar com ela. — *Dustin acabou de chegar.*

Dustin. Pelo que sabia por Benjamin, Dustin
PERIGOSAS ACHERON

era um amigo de longa data. Ainda não o havia conhecido e, se perguntava quando o conheceria.

— Tudo bem, até logo. Beijos.

— *Vários beijos.*

Sorrindo encerrou a ligação. Voltando a prestar atenção nas atividades, tentaria finalizá-las agora antes que o sinal tocasse.

Gerard observava a academia à sua frente. Também viu a casa ao qual Jillian morava, era grande e parecia confortável. Ele não imaginava que sua ex-esposa vivia uma vida confortável, enquanto ele não tinha. Há muito tempo ele decidiu ir embora e, tentar uma vida confortável para ele. Não conseguiu, os sonhos que ele tinha de arranjar muito dinheiro não tinha dado certo. A mulher ao qual ele vivia conseguiu enganar um velho rico e ir morar com o mesmo e, então ele ficou sozinho e na pobreza.

Curioso para saber como Jilly estava, ficou surpreso quando viu a casa ao qual ela residia e mais surpreso quando viu o carro do filho. Um

PERIGOSAS ACHERON

carro magnífico. Procurando mais a fundo descobriu que Benjamin era dono de uma academia, era rico.

Então se Jillian tinha uma vida boa, ele também deveria ter.

Por isso iria se aproximar do filho, tentaria ganhar sua confiança. Para que assim ele também saísse ganhando, ele não esperava menos que isso.

Era mais ou menos umas 5:20pm e ele estava ali parado observando o filho guardar algumas coisas na mala do carro. Era um homem bonito, grande e forte, não se parecia com ele. Tinha curiosidade em saber se Benjamin sabia quem era ele, pois, quando foi embora Jillian ainda estava grávida.

Mas ele esperaria o melhor momento para procurar o filho e, ele não aceitaria voltar sem nada. Precisava de dinheiro e de uma casa.

E isso Benjamin lhe daria.

Aproximando-se do colégio viu Sayuri parada segurando os livros e a bolsa enquanto

PERIGOSAS ACHERON

conversava com alguns alunos. Sorrindo a olhou dos pés à cabeça, usava um vestido que chegava aos joelhos e nos pés botinhas pretas. Usava também um casaquinho preto, os cabelos dançavam com o vento.

Buzinando viu quando ela o fitou com um pequeno sorriso e, acenando para os alunos se dirigiu até onde ele tinha estacionado.

Sorrindo abriu a porta, logo sentindo o perfume que exalava dela.

— Oi — saudou aproximando-se dele o beijando. — Obrigada por fazer isso comigo.

— Tudo bem — falou lhe acariciando o queixo. — Eu seria um péssimo namorado se não a acompanhasse.

— Então você é meu namorado? — questionou deixando-o confuso.

— Mas é claro que sou — retrucou lançando um olhar rápido a ela, logo saindo do estacionamento. — O que achou que era se não um namoro?

— Que estávamos juntos.

— Okay não estou gostando disso — afirmou recebendo um pequeno sorriso da jovem. — Você é PERIGOSAS ACHERON

minha namorada, okay?

— Okay.

Riu colocando a bolsa e os livros no banco detrás.

— Tem planos para esse fim de semana? — quis saber, faria o convite para conhecer a mãe essa semana.

— Sim — respondeu tendo a atenção dele para si. — Na verdade, eu iria te perguntar — parou mordendo os lábios. — O meu pai descobriu que estou com você e, ele quer que você vá comigo nesse domingo. Mas tudo bem se você não quiser conhece-lo agora, eu vou entender se você achar que é muito cedo ou muita pressão. Não quero que você ache que...

— *Hey* — a interrompeu colocando a mão na coxa desnuda. — Tudo bem, eu vou adorar conhece-lo agora. Me apresentar oficialmente como seu namorado.

Sorrindo, ela o encarou. Inclinou-se e depositou um beijo na bochecha masculina.

— Apesar do meu pai ser novo, ele é das antigas entende?

— Um pai moderno conservador?

— É. — Riu colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Ele é daqueles que espera o pretendente pedir a mão da filha em namoro.

— Eu pulei essa parte e já te levei para cama — comentou franzindo o cenho. — Acha que ele vai me matar?

— Acho que essa parte de me levar para a cama você pode ocultar — propôs levantando uma sobrancelha. — Meu pai sabe que isso aconteceu, mas prefere não pensar nisso.

— No domingo que horas?

— Um almoço — anunciou sorridente. — Meu Tio Johan estará na cidade e também vai para o almoço.

— A família toda? — Assustou-se olhando-a rapidamente notando o embaraço dela. — Vou adorar conhecer todos.

— Obrigada! É importante para mim.

Concordando ele fitou o caminho.

— Pensei em te levar no sábado para conhecer minha mãe — indagou deixando-a surpresa. — Ela quer muito te conhecer.

— Eu também quero. — Sorriu. — Na verdade eu estava me perguntando quando você iria
PERIGOSAS ACHERON

me apresenta-la.

— Então o almoço de sábado é na casa da minha mãe.

Alegre ela confirmou com a cabeça, mas logo a insegurança bateu.

— Você acha que ela vai gostar de mim?

— Eu tenho certeza – afirmou fazendo-a sorrir. — Não tem como não gostar de você.

Sorrindo Sayuri fitou a janela. Esperava mesmo que a mãe de Benjamin, gostasse dela. Em silêncio observou passar por algumas avenidas e logo adentrarem a rua onde Bradley morava. Suspirando pegou o papel de dentro do caderno e viu o número da casa. Apontando para a residência viu que na frente faltava grama e que em algumas partes tinham lixos espalhados.

Descendo do carro observou com atenção a vizinhança, algumas casas depois tinham uns homens conversando entre si. E quando notaram a chegada dos dois ficaram encarando, abraçando-se sentiu quando Benjamin a puxou para junto do corpo lançando um olhar sério para os homens.

Respirando fundo andou até a entrada da casa, tocando a campainha esperou que alguém

PERIGOSAS ACHERON

viesse atender. Olhando rapidamente para Benjamin o viu olhar ao redor com atenção.

Suspirando tocou novamente a campainha e minutos depois um homem com uma expressão mal-encarada atendeu a porta. Segurava uma garrafa de bebida, os olhos azuis a olhavam de forma maliciosa.

— O que deseja, *princesa*?

Respirando fundo sentiu quando Benjamin se aproximou mais dela.

— Olá, Sr. Spielberg – saudou notando o olhar confuso do homem. — Já conversei com o senhor uma vez, eu sou a professora do Bradley. Vim para saber o motivo de sua ausência em sala de aula.

— Olha aqui, *oh gostosinha* – balbuciou de forma lenta, logo sentindo ser puxado por Benjamin pela gola da camisa. — *Oh, amigo*. – Riu o encarando. — Calma.

— Benjamin. – Sayuri tocou o braço do companheiro que fitava com nojo o mais velho. — Solte-o.

Soltando-o Benjamin o lançou um olhar sério.

— Acho bom manejar o modo de falar com ela – aconselhou sério.

Lançando um olhar sarcástico para Benjamin e sorrindo, o mais velho voltou sua atenção para Sayuri.

— O menino está doente – disse encostando-se no batente da porta. — Ele vai quando melhorar.

— Eu posso falar com ele? – questionou tentando olhar para dentro da casa, sendo impedida pelo corpo do homem.

— Não pode – negou sorrindo dando mais um gole na bebida. — Ordens médicas.

Sorriu mais.

— O que ele tem?

— Está doente, já disse – se zangou ficando sério. — Agora se puderem ir embora.

Ela não queria ir embora. Ela queria poder confirmar de que Bradley estava bem, lançando mais um olhar para dentro da casa observou algumas garrafas de cervejas no chão.

— Vão embora! – exigiu.

Sayuri o olhou séria.

— Irei esperar o seu filho na minha sala de aula – avisou sem deixar de encará-lo. — Se ele
PERIGOSAS ACHERON

aparecer com um arranhão sequer irei voltar aqui com a polícia – ameaçou fazendo-o engolir em seco.

Dando as costas ao homem sentiu o agarre de Benjamin em sua cintura. Sentando-se no banco do carona Sayuri encarou a casa e o homem jogando a garrafa de cerveja no gramado.

No andar de cima Bradley observava a professora sair dali ao lado de um homem negro. Sentia os olhos se encherem de lágrimas, ela tinha ido à sua procura. Ela se importava consigo. Quando a viu ali pensou que ela o levaria com ele, mas o mais velho havia dito que estava doente e, ela acreditou.

— Aquela sua *professorinha* até que é gostosa – o homem falou assim que adentrou o quarto.

— Não fale assim dela! – rugiu encarando com ódio o homem rindo à sua frente.

— Olhe só – debochou o observando. — Parece que você não é uma *bichinha* como o seu irmão.

Lançou um olhar para o filho mais velho que estava sentado na cama com o lábio sangrando e o

PERIGOSAS ACHERON

olho roxo. Havia apanhado, assim como o irmão mais novo. Mas Liam havia apanhado mais que o outro.

— Você trate de virar homem — apontou para Liam que olhava os pés. — Eu não admito ter um filho *bichinha*! Ou você vira homem por bem — falou lentamente. — Ou vai por mal.

Saindo do quarto fechou a porta com força.

Enxugando as lágrimas Liam evitou olhar o irmão. Não sabia o que o mais novo diria e, não queria ver os olhares julgadores do mesmo.

— Irmão? — a voz do mais novo se fez presente. — Isso que ele disse... — Parou aproximando-se do outro. — É verdade?

Limpando o rosto e lhe lançando um olhar sério ele sorriu sem humor.

— Você também não aceita ter um irmão *bichinha*?

Sem falar nada, ele o encarou.

E lembrou-se das vezes que ele lhe salvara do mais velho, das vezes que ele brigava com pai só para que o homem não o procurasse para o agredir. Foram muitas vezes.

Ali ele percebeu que independente do que o

PERIGOSAS ACHERON

irmão fosse ele não ligaria, porque ele ainda seria o seu irmão. A única pessoa que ele amava e se importava e, ele não deixaria de ama-lo por isso.

— Eu te amo, irmão. Eu não me importo — avisou fazendo Liam chorar e o abraçando, Bradley também chorou.

— Eu prometo que vamos embora — Liam proferiu. — Vamos viver longe desse desgraçado.

Sayuri sentia o coração apertado. Desde que saíram da casa de Bradley, ela sentia-se sufocada. Sem se segurar derramou algumas lágrimas, Benjamin ao seu lado lhe segurou a mão.

— Calma — pediu levando a mão feminina aos lábios. — Ele vai ficar bem.

— Deveríamos ter entrado a força lá — murmurou enxugando os olhos. — Ele não disse qual doença o Bradley tinha. Você viu que sujeito é o pai dele?

— Vi — concordou franzindo o cenho. — E só de pensar que você viria sozinha me deixa nervoso.

— Eu não queria te incomodar.

— Você não incomoda.

Agradecida Sayuri lhe segurou a mão. Suspirando fitou a janela e pensava no que faria amanhã, se Bradley não aparecesse ela com certeza voltaria lá com a polícia. Já imaginava o que acontecia com o loiro. Viu os hematomas, sabia o comportamento dele. Então já deveria ter feito algo, o sentimento de culpa a atingiu com força.

Horas mais tardes estacionava em frente ao prédio. Lançando um olhar para Sayuri, a viu enxugar os olhos. Parecia tão sofrida e, aquilo o machucou.

— Não se preocupe – pediu levando os dedos aos olhos dela. — Eu vou te ajudar no que for preciso.

— Obrigada – agradeceu recebendo um delicado beijo.

Saindo do carro os dois subiram abraçados, ao chegar em frente a porta da namorada. Benjamin a encarou, fazendo um leve carinho na bochecha macia. Aproximando-se lentamente a beijou.

— Eu vou tomar um banho e chego já para ficar com você.

Concordando ela o acariciou o queixo.

— Você poderia deixar algumas bermudas no meu guarda-roupa – propôs sentindo o carinho que recebia dele e, olhando-o nos olhos viu uma leve surpresa pelo comentário. — Ou não, tudo bem, eu sei que pode parecer que eu esteja forçando demais as...

— Eu não me importo – a interrompeu depositando mais um beijo nos lábios rosados. — Volto logo.

Dizendo isso foi para o apartamento.

Suspirando Sayuri abriu a porta e logo sorriu quando viu a amiga sentada no sofá. Noemie digitava alguma coisa no notebook e, assim que a viu sorriu.

— Chegou – indagou a olhou. — Está com uma carinha que não sei dizer se triste ou feliz.

Dando de ombros foi até a morena, sentando-se ao lado.

— Fui com Benjamin visitar um aluno – comentou colocando os livros na mesinha de centro. — O pai desse aluno me pareceu suspeito demais, estou preocupada. Acho que fiz algo ruim em não ter invadido a casa dele.

— E seria presa – murmurou lançando um rápido olhar para a outra. — Se você acha que ele está sendo maltratado tem que informar a polícia.

— Eu sei – concordou suspirando. — O pai falou que ele estava doente, mas não acreditei muito. Vou ficar de olho.

— Faça isso – afirmou. — E você e Benjamin, hein? – indagou com malícia fazendo Sayuri se levantar envergonhada. — Por favor não faz tanto barulho, eu estou na bosta e você esfregando que está com um boy fodedor não ajuda.

— Desculpa – pediu crispando os lábios. — Eu não queria que...

— Calma, estou brincando – informou com um pequeno sorriso. — Eu estou bem, eu estou focada no meu estágio, no meu tcc e na minha vida. Tudo certo – afirmou querendo de convencer disso.

— Você quer falar sobre o que fez você terminar com o Juan? – quis saber incerta.

Parando de digitar Noemie a encarou.

— Say... – Colocou o notebook na mesinha de centro. — Eu consegui uma oportunidade única. — Sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

consegui uma proposta de emprego.

— Nossa! — Surpreendeu-se, logo a abraçando. — Mei, isso é fantástico! Eu sabia que você conseguiria, sempre foi tão esperta e inteligente. O que a sua mãe disse? O que o Juan disse?

A bombardeou de perguntas, mas então notou que não era só isso. Pois, a amiga deixou algumas lágrimas caírem.

— O emprego é em Boston – confidenciou deixando a outra surpresa. — Foi meu professor que me indicou a eles e, é tão certo o emprego que o pessoal do Journal de Boston me ligou perguntando a minha resposta.

— Você aceitou?

— Eu falei primeiro com o Juan – chorou sentando o abraço apertado da amiga. — Ele não entendeu, disse que não dava certo namorar a distância.

— Eu sinto muito – balbuciou a abraçando.

— Eu não poderia perder essa oportunidade. — Separou-se a encarando. — Journal de Boston, sabe que essa é uma ótima oportunidade para mim.

— Eu sei – concordou um pouco triste

PERIGOSAS ACHERON

deixando algumas lágrimas caírem. — E estou feliz por você, não pense o contrário, mas não queria que você fosse. Quando você vai?

— Eu também não queria ficar longe de você — disse sorrindo enquanto secava as lágrimas da amiga —, mas eu não posso perder essa oportunidade. E eu prefiro não falar quando será o dia da minha partida, mas te garanto que não é agora.

Sorriu fazendo-a sorrir.

— Tudo bem — concordou pegando a bolsa e os livros. — Eu vou tomar banho, que tal um filme?

— Pode ser terror? — propôs notando a incerteza nos olhos castanhos. — Tudo menos romance que faz chorar, não preciso disso agora.

— Tudo bem — confirmou indo em direção ao quarto, mas parou quando ouviu a campainha tocar. Mordendo os lábios correu até a porta a abrindo. — Oi!

— Oi! — Benjamin sorriu fitando-a com os livros na mão e a bolsa no ombro. — Achei que iria tomar banho.

Envergonhada encarou o peito desnudo dele,
PERIGOSAS ACHERON

percebendo que ele tinha algumas bermudas na mão.

— Desculpa — desculpou-se fazendo-o encará-la. — A Mei me falou o que aconteceu para o fim do romance e eu acho que...

— Você precisa passar a noite com ela — concluiu sorrindo enquanto acariciava a bochecha macia. — Tudo bem.

— Não vai ficar chateado? — questionou respirando fundo.

— Claro que não — negou franzindo o cenho. — Ela é sua amiga e precisa da sua companhia — disse com um pequeno sorriso. — Eu posso passar essa noite sozinho, enquanto embolo pelado na cama. — Sorriu a puxando para si. — Certamente sonhando com você.

Sorrindo ela o puxou para um beijo. Beijo esse que foi retribuído com fervor, mordida e chupava o lábio inferior feminino ouvindo de leve os gemidos que ela soltava. Um pigarro o fez se afastar e olhar para o lado, sorrindo viu Sra. Mikkelsen olhar para os dois com o cenho franzido.

— Que pouca vergonha vocês dois — bronqueou cruzando os braços. — Sabia que temos PERIGOSAS ACHERON

outros moradores nesse corredor? Tem crianças também.

Mordendo o lábio envergonhada Sayuri deu um pequeno sorriso.

— Boa noite, Sra. Mikkelsen – saudou sentindo a mão de Benjamin passear em sua cintura. — Está uma bela noite, né?

Levantando uma sobrancelha a mais velha deu de ombros.

— Está normal – respondeu abrindo a porta.
— Vou entrar... e vocês juízo – disse apontando para os dois.

Com o cenho levemente franzido Sayuri a encarou entrar.

— É impressão minha ou ela está diferente?

— Ela é uma boa pessoa – afirmou, mas logo a puxou para mais um beijo. Enfiando a mão nos cabelos soltos, sentiu quando a língua foi chupada. Fazendo-o soltar um suspiro e o membro semiereto pulsar. — Acho melhor você entrar.

— Você vai ficar bem sozinho? – quis saber.
— Eu te convidaria, mas sabe a Mei está preci...

— Eu sei – a interrompeu beijando-a. —
Uma noite de meninas, sem homens.

— Obrigada por ser compreensível — agradeceu recebendo um negar do homem. — Prometo que amanhã recompenso.

Dando um sorriso de lado ele a encarou safado.

— E o que seria essa recompensa?

— Posso cozinhar para você. — Sorriu fazendo-o parar de sorrir. — O que você quiser.

— Então amanhã eu falo o que quero. — Piscou sorrindo. — Até amanhã. Minhas bermudas, cuide bem delas.

— Tudo bem, vou cuidar — confirmou sorrindo. — Até.

Sorriu recebendo um selinho.

Sorrindo acenou para ele. Adentrando o apartamento viu a amiga olhando a tevê e o notebook fechado em cima da mesinha, sorrindo se encaminhou para o quarto. E a primeira coisa que fez foi ligar o notebook para fitar a caixa de e-mail.

Sentado, ele observava a tela do notebook e deu um grande sorriso quando a imagem dela

PERIGOSAS ACHERON

apareceu. Estava linda, abrindo mais a imagem da tela observou hipnotizado ela retirar o vestido e se aproximar mais da câmera. Olhava concentrada para a tela, os lábios vermelhos, os cabelos lhe caindo no rosto... Tudo aquilo o fascinava.

Sem piscar ele viu quando ela ficou ereta e retirou o sutiã, dando liberdade a visão dele aos seios descobertos. Eram firmes e lindos. Descendo a mão até a frente da calça ele o apertou o membro semiereto e, soltando um suspiro a viu prendeu o cabelo e retirar a calcinha.

Linda.

Quando ela saiu de seu campo de visão, ele abriu a calça e puxou o membro para fora. Procurando algumas fotos que ele havia tirado pela webcam, escolheu uma que ela estava de calcinha de costa para si. Olhando o traseiro – que ele imaginava ser gostoso – começou a se masturbar, mas não era a mesma coisa.

Guardando o membro correu para o porão. Descendo as escadas andou em direção ao canto da parede e retirando o tapete de cima de uma tampa de madeira, a abriu e sorrindo fitou as duas estudantes sentadas dentro do buraco. O buraco foi

PERIGOSAS ACHERON

trabalhoso de fazer, mas ele conseguiu. Nele cabiam três pessoas, coçando o lábio ele encarou a loira.

— Você vem comigo. — Apontou para a estudante que negou com a cabeça. — Você vai gostar.

Sorriu adentrando o buraco.

Impulsionando-a para cima relanceou para a ruiva que o encarava. As duas estavam amarradas e amordaçadas.

— Sua hora vai chegar.

Saindo do buraco segurou a loira pelos cabelos e, com rapidez a jogou na mesa. Mantendo os braços dela para trás, baixou a calcinha que ela usava e sem pestanejar ele a penetrou. Por estar amordaçada o grito saiu de forma abafada e, sentindo as lágrimas caírem dos olhos pediu para que tudo aquilo acabasse. Queria tentar escapar, mas não tinha mais forças. Estava faminta. Elas mal comiam e nem dormiam direito, pois, algumas vezes o professor aparecia e fazia exatamente isso. Ou as vezes só ficava as encarando sem falar nada, as vezes conversava como se tudo estivesse normal e ela já não estava mais aguentando ficar ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não queria mais ficar ali. E não sabia o motivo de ainda estar viva. Após ele acabar a beijou na cabeça e delicadamente lhe subiu a calcinha. A segurando nos braços a levou de volta para o buraco e, quando ele fechou a entrada deixando o local escuro ela deixou que a inconsciência a tomasse.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Sayuri observava atentamente os alunos adentrarem a sala e seus olhos procuravam um aluno específico: Bradley. Desde que Benjamin a deixou na porta do colégio se perguntava se o loiro iria hoje, ou estava mesmo doente como o homem havia dito.

Com os braços cruzados encarou a porta e antes que o sinal tocasse, Bradley adentrou a sala. Cabisbaixo, nem se quer falara com ela. Olhando-o o viu sentar-se na mesma cadeira de sempre e puxar o livro que usaria.

— Bom dia, turma — saudou com um pequeno sorriso sendo logo correspondida. — Todos sabemos que o mês de outubro é dedicado ao navegador e explorador Cristóvão Colombo, mais conhecido aqui como *Columbus Day* — comentou observando movimentos de concordância dos alunos. — Em 12 de outubro de 1492, Cristóvão Colombo avistou a América pela primeira vez. E quando ele chegou em solo americano, pensou que estava na Índia e chamou os povos indígenas de

PERIGOSAS ACHERON

índios – murmurou sorrindo, ela adorava fatos históricos. — Enfim, hoje iremos focar um pouco nele e fazemos uma pequena dinâmica. — Sorriu pegando livro. — Todo mundo abrindo na página quatrocentos e quarenta e oito.

Sorrio observando todo abrir o livro, lançando um olhar para Bradley o viu olhar fixamente para o livro. Suspirando voltou sua atenção para Hailee.

— Hailee – a chamou recebendo um pequeno sorriso. — Poderia começar a leitura? – perguntou recebendo uma confirmação da jovem.

Benjamin tinha deixado um outro professor no lugar dele. Decidiu dar mais uma chance à Liam, por isso, estava indo até o restaurante ao qual ele tinha visto o adolescente. Estacionando o carro em uma vaga, logo saiu do automóvel e andando rapidamente adentrou o lugar. Olhou ao redor e não encontrou o loiro, então aproximou-se do balcão onde um homem estava atrás do caixa.

— Bom dia – saudou chamando a atenção do
PERIGOSAS ACHERON

homem para si. — Estou procurando o Liam.

— Ele aprontou alguma coisa? Nós, do restaurante, não temos nada a ver com isso – avisou na defensiva.

— Não – negou respirando fundo. — Sou um amigo da família.

— Ah! – balbuciou mais calmo. — Ele está lá nos fundos, pode ir.

Sem esperar mais, Benjamin se encaminhou para os fundos e chegando na entrada parou quando viu a camisa do loiro levantada e ele com um pequeno espelho observando as costas com alguns hematomas roxos.

Surpreso fitou a forma cautelosa que o loiro tocava os machucados.

— Liam.

O chamou assustando-o.

— O que faz aqui? – perguntou colocando o espelho no avental, logo baixando a camisa.

— Quem te fez isso? – quis saber recebendo um dar de ombros.

— Isso não interessa a você – resmungou esvaziando os baldes de lixo. Benjamin observava o esforço que o loiro fazia e o ver com uma
PERIGOSAS ACHERON

expressão dolorida no rosto, o fez se sentir mal. — Já não faço parte da sua turma.

Colocando uma lata de lixo no chão, pegou uma outra.

— Eu vim aqui para conversarmos.

— Não temos mais nada para conversar — exclamou tentando passar pelo homem, mas não conseguindo. — Eu preciso trabalhar.

— Você da última vez que conversamos falou que estudava — comentou cruzando os braços —, mas por que será que eu acho que é mentira?

Desviando o olhar Liam colocou a lata no chão.

— O que você quer conversar? — perguntou por fim, talvez se o homem dissesse o que queria fosse logo em bora.

— Qual o nome do lugar que você estuda?

— Veio para saber isso? — quis saber para ganhar tempo. — Você perdeu a sua viagem.

— Você está pensando em fugir?

Liam encarou-o de forma furiosa e xingou mentalmente Melvin.

— Melvin não tinha que ter aberto o bico para você!

— Ele não fez isso – defendeu o outro adolescente. — Eu ouvi sem querer vocês falando isso.

— Tanto faz isso não é da sua conta e nem do Melvin – deixou claro tentando passar por Benjamin mais uma vez.

— Deixa-me te ajudar – propôs deixando o outro levemente surpreso. — Você só tem dezessete anos, você me disse que seu irmão é mais novo? Se você pensar em fugir vai se dar mal, me conte o que está acontecendo e eu vou te ajudar.

— Você não pode me ajudar – retrucou sério. — Ninguém pode! Isso é assunto meu, não se meta nisso.

Dizendo isso passou empurrando o homem. Suspirando, Benjamin o fitou sumir por uma porta, passando a mão na cabeça decidiu ir embora e tentar depois uma outra hora.

Parando em frente ao colégio viu as letras em garrafais com o nome do lugar.

Olhando ao redor viu alguns adolescentes e
PERIGOSAS ACHERON

alguns professores, sorrindo ele adentrou o lugar. Nas mãos continha uma carta que ele mesmo havia feito, seu primeiro pensamento foi entregar a alguma criança para que ela fizesse o trabalhinho sujo dele, mas queria ver a reação dela quando abrisse o envelope.

Batendo na porta da sala ao qual a jovem lecionava ele a viu conversar com um menino loiro. Franzindo o cenho observou o adolescente ao lado dela, não havia gostado. Sorrindo aproximou-se.

— Olá, Srta. Hodgens – saudou olhando-a encará-lo com o cenho levemente franzido. — Olá, meu jovem.

— Oi – o menino o respondeu o olhando dos pés à cabeça.

— Prof. Herban. – Deu um pequeno sorriso. — O que faz aqui?

— Posso falar com ela à sós? – questionou lançando um olhar para o menino loiro.

— Srta. Hodgens. – Dirigiu-se a mulher. — A senhorita ficará bem sozinha com ele?

Surpresa ela lhe sorriu.

— Sim, Bradley – confirmou doce. — Ele é meu professor, você pode ir, mas lembre-se – pediu

PERIGOSAS ACHERON

olhando-o. — Se precisar me ligue, a qualquer hora.

— Tudo bem.

Em silêncio olharam o menino sair, sorrindo. Herban voltou a encará-la.

Estava linda com aquele vestido florido.

— Então o que o senhor faz aqui?

Aproximando-se dela, entregou o envelope.

— Eu estava vindo aqui para me desculpar por meu comportamento – avisou fazendo uma expressão de lamentação. — Não foi certo mesmo eu beijá-la, eu tenho idade para ser seu pai.

— Tudo bem, passamos uma borracha em cima disso – respondeu observando a carta que tinha em mãos.

— Então eu vi um garoto com uma expressão de dúvida na porta – continuou fazendo-a encará-lo. — Aproximei-me e ele falou que um homem pediu para entregar esse envelope a você.

— A mim? – estranhou procurando algum nome no envelope, mas não tinha nada. — Que estranho.

— Eu também achei – falou dissimulado. — Quando fui perguntar ele correu.

Mordendo os lábios ela encarou a carta, quando pensou em abrir fitou o homem a sua frente. Tinha um olhar curioso. Guardando a carta voltou-se para ele sorrindo.

— Vou abrir em casa – indagou pegando a bolsa e os livros. — Com certeza não deve ser nada de importante.

Deu de ombros recebendo um aceno do ruivo.

— Vai almoçar?

Incerta, confirmou.

— Tenho que dar uma lida em umas atividades – anunciou colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Vou comer alguma coisa, só para não ficar com o estômago vazio.

— Eu posso acompanhá-la?

Encarando-o, ela engoliu em seco.

— Claro – autorizou passando pelo homem, começando a andar ao lado dele. — E como estão as coisas no Campus?

— Estão normais – comentou abrindo a porta para ela passar. — Tirando o fato das duas desaparecidas, uma pena.

— Sim – concordou encarando os olhos

PERIGOSAS ACHERON

claros do homem. — É tão difícil de acreditar que duas pessoas tão próximas desapareceram assim. E pensar que o delegado Kilmer pode estar certo me deixa mais amedrontada.

Interessado, ele a encarou e a viu olhar para os lados antes de atravessar. Sentando-se em uma mesa do lado de fora do estabelecimento, Herban encarou a forma que os seios dela ficavam no vestido. Eram realmente lindos, mas o que ela havia acabado de falar lhe chamou mais a atenção.

— Em que ele pode estar certo?

— Ah! Ele acha que o sequestrador das meninas pode ser o mesmo cara que apareceu no meu quarto.

Dando um pequeno sorriso de lado, ele a fitou.

— Srta. Hodgens, não tinha ninguém no seu quarto naquele dia – murmurou vendo-a negar com a cabeça. — Você imagi...

— Prof. Herban, eu sei o que eu vi – o interrompeu lambendo os lábios tendo a atenção do homem ali. — Aconteceu algumas coisas antes disso, o senhor não entenderia.

— Que tal você me falar? Tenho tempo.

Incerta ela suspirou e, depois que a garçonete veio anotar os pedidos, Sayuri começou a relatar os acontecimentos antes do homem armado estar dentro do seu quarto. E quanto mais ela falava e demonstrava medo mais ele ficava excitado.

Então depois de tudo descobriu essa pequena desconfiança que ela tinha do faxineiro. Isso era bom, usaria isso ao seu favor.

— Agora que falou isso eu também estou pensando — proferiu fazendo-a encará-lo ansiosa. — Eu já vi a forma como aquele homem age dentro do campus, a senhorita comentou sobre com o delegado?

— Sim — concordou partindo um pedaço de torta. — Eu falei, afinal de contas eu o encontrei saindo do meu dormitório e, ele ficou assustado dizendo que já tinha encontrado a porta aberta. Mas como estaria?

— Eu fico menos preocupado com você morando no apartamento — confidenciou observando-a lamber o garfo. — Você é uma jovem linda e indefesa, muitos tentarão te machucar.

Envergonhada bebeu um pouco do suco.

— Não me acho indefesa — negou lhe
PERIGOSAS ACHERON

lançando um rápido olhar. — Eu sei me cuidar.

— Claro — concordou observando o formato dos lábios rosados. — Foi só um modo de dizer. — Lambeu os lábios, logo passando a mão na barba ruiva. — Naquele dia do parque, eu achei que o seu amigo ficou desconfortável comigo. Ficou tudo bem entre vocês?

Tomando mais um gole do suco, Sayuri o fitou.

— Sim. — Sorriu. — Estamos bem.

Desgostoso com a resposta decidiu mudar o assunto, antes que perdesse a calma.

— Não foi assistir as palestras. — Sorriu cruzando os braços. — Eu te esperei.

Balançando a cabeça de forma envergonhada ela coçou atrás da orelha.

— Me desculpe — pediu o fitando. — Não deu, eu tentei.

— Tudo bem — disse sorridente. — Haverão outras oportunidades.

Confirmando com a cabeça, começaram a falar sobre o tcc e os outros assuntos acadêmicos. Sayuri observava a forma como ele lhe olhava e, aquilo a estava deixando desconfortável. Olhando

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente para o relógio viu que faltavam ainda dez minutos para tocar.

— Tenho que voltar – anunciou pegando a carteira retirando algumas notas de dólares. — Ainda tenho outras coisas para fazer.

— Por favor, pode deixar – avisou tocando-a na mão. — Eu pago, pode ir.

— Obrigada – agradeceu pegando a bolsa e os livros.

No final não havia conseguido fazer o que queria. Quando o delegado a procurou ficou amedrontada por pensar que o professor era suspeito, mas depois de analisar bem a situação sorriu. O professor não seria capaz de algo desse tipo, sequestrar ou a perseguir.

Atravessando a rua voltou a pensar na conversa que tivera com Bradley. O garoto disse que tinha passado mal, por isso não foi para o colégio, mas Sayuri estava desconfiada demais. Procurou pelo corpo do adolescente algum machucado, porém não encontrou.

Sorrindo para alguns alunos avistou ao longe Bradley e Hailee, os dois conversavam bem próximos. Os dois eram fofos. Adentrando o

PERIGOSAS ACHERON

colégio se dirigiu para a sala que ainda estava vazia. Colocou os livros em cima da mesa e fitou a ponta da carta para fora do livro.

Mordendo os lábios pegou o papel e o rasgando procurou o conteúdo, sentindo a respiração travar e os olhos se abrirem em medo fazendo-a engolir em seco.

Dentro da carta havia uma única frase.

“Você será a próxima.”

Olhando mais uma vez a carta toda não viu nenhum endereço ou nada que lhe dissesse o autor. Sentindo os olhos se encherem de lágrimas amassou o papel e o jogou no lixo. Aquilo só poderia ser uma brincadeira de mal gosto, enxugando os olhos rapidamente escutou o sinal tocar. E aos poucos os alunos adentrarem a sala.

Tentando não transparecer o medo que estava sentindo, ela sorriu.

Benjamin juntava os materiais que usou
PERIGOSAS ACHERON

naquele dia. Pensava nos machucados de Liam e sabia que tinha que fazer alguma coisa e ele faria. Mesmo que o loiro se recusasse a lhe falar, mas ele faria.

A porta do local sendo aberta o fez virar. Franzindo o cenho viu um senhor negro com barba, usava uma roupa simples. O homem tinha um pequeno sorriso nos lábios.

— Estamos fechando — avisou aproximando-se do outro —, mas o senhor pode vir amanhã para se matricular.

Sorrindo, o encarou com os olhos cheios de lágrimas.

— Não vim para isso — respondeu observando o olhar confuso do mais jovem. — Não está me reconhecendo? — perguntou com um pequeno sorriso. — Filho.

Instantaneamente a confusão se foi e a raiva se fez presente. Crispando os lábios, Benjamin encarou o homem a sua frente sem acreditar. Aquele homem não poderia ser quem dizia, ele não poderia depois de tantos anos voltar como se nada tivesse acontecido. Não depois de ter feito sua mãe sofrer e a largar sozinha grávida.

— O que? — murmurou travando a mandíbula. — Filho?

— Eu sou o seu pai. — Sorriu abrindo os braços para o homem. — Eu estava com tantas saudades sua, filho.

Antes que o homem avançasse para o abraçar ele o parou com a mão. Sentindo uma angustia dentro de si desviou o olhar, fitando a toalha que segurava.

— Não — negou voltando a encará-lo. — Você não pode estar falando sério.

— Filho, eu...

— Vai embora daqui — mandou tentando controlar a respiração. — Vai embora daqui! — gritou assustando o homem e chamando a atenção de Dustin que saía da sala.

— Benjamin? — Dustin questionou fitando o homem à frente do amigo. — O que está acontecendo?

— Fecha tudo para mim — pediu sem tirar os olhos do mais velho. — Eu quero você longe daqui.

Apontou, logo pegando a mochila e dando as costas aos dois. Ignorando o chamado do amigo.

Confuso, Dustin encarou o homem a sua

PERIGOSAS ACHERON

frente em uma pergunta.

Adentrando o veículo ele só pensou em ir falar com a mãe. Perguntar se ela já sabia que o homem estava na cidade, ele tinha tantas perguntas que precisava de uma resposta. Sentia-se confuso, mas ao mesmo tempo estava angustiado. Ligou o carro e saiu da vaga de sempre rumo a casa da mãe.

Quando o final da aula chegou, Sayuri se despediu de todos com um pequeno sorriso nos lábios, mas por dentro estava com medo. Talvez ela devesse falar para Benjamin, sim, ela deveria falar para ele.

Pegou o celular discou o número dele enquanto arrumava os materiais. A chamada tocou alguns minutos até cair na caixa postal, franzindo o cenho tentou novamente e dessa vez a ligação foi atendida.

— Oi, eu...

— *Eu não posso falar agora estou indo conversar com a minha mãe.* — a interrompeu deixando-a surpresa pelo tom de voz que tinha lhe

PERIGOSAS ACHERON

falado.

— Ah, tudo bem – falou engolindo em seco.

— Está tudo bem? Aconteceu alguma?

— *Depois conversamos.*

Ao dizer isso encerrou a ligação. Surpresa ela fitou o celular. Não queria chorar – mas a forma como ele a tratou a deixou magoada. Talvez porque ele sempre lhe falava carinhoso e, agora parecia estressado com alguma coisa ou alguém.

Aconteceu algo.

Respirando fundo guardou o celular e colocando a bolsa no ombro segurou os materiais, logo saindo do lugar.

Adentrou uma rua, apressada para chegar no ponto de ônibus quando sentiu o braço ser puxado com selvageria. Olhando o rosto do homem ela tremeu de medo, o faxineiro a encarava com seriedade, ela podia até ver o ódio cintilando nas safiras azuis.

— O que você disse para o Delegado? – questionou a puxando para um beco e a encostando ao lado da lata de lixo.

— O q-que?

Assustou-se tentando soltar-se do agarre dele.
PERIGOSAS ACHERON

— O que você falou de mim para o Delegado? – Nicholson perguntou novamente ainda a segurando pelo braço.

Tentando puxar o braço do agarre do homem, Sayuri sentiu os olhos se encherem de lágrimas por medo.

— Eu só disse o que eu sabia! Quer fazer o favor de me soltar? – questionou tentando tirar a mão grande do braço dela.

— Você é como todas – exclamou com nojo deixando-a assustada. — Ficava pelos cantos da Universidade com sorrisinhos e falando toda doce, não engana quem você realmente é.

— O que...?

— Quando a Thoren me chamou naquela vez eu pensei *aquela vadiazinha contou que eu me encontrava com as estudantes* – proferiu fazendo-a arregalar os olhos —, mas então me perguntei se você tinha dito também que ficava dando em cima de mim. Como todas as outras, eu não persigo ninguém. São vocês que vem atrás!

Confusa, ela o encarou ainda sentindo o agarre no braço.

— Eu dando em cima de você? – repetiu
PERIGOSAS ACHERON

ainda o olhando. — Eu nunca fiz isso! Faça-me o favor! — exclamou nervosa. — E o único que tem que se justificar aqui é você — proferiu atingindo o peito do homem com um soco, fazendo-o bufar. — Você estava no meu dormitório! Aposto que era você com aquela faca seu louco!

— E você disse isso para o delegado, não foi? — quis saber observando os olhos assustados da jovem. — Eu já disse que encontrei a *merda* da sua porta aberta. Eu não invadi seu dormitório, acha que eu perderia meu tempo com você? — Riu a soltando. — Se queria chamar minha atenção era só chegar e dizer que queria uma *trepada* rápida e gostosa, não fazer esse teatrinho todo.

Acertando um tapa no rosto do homem ela notou quando ele deu um passo para trás e, rapidamente o empurrou para correr para longe.

Segurava os livros fortemente enquanto corria, os cabelos se misturavam ao vento. O coração bombeava em um ritmo que se ela não se acalmasse, ele com certeza sairia pela boca. Ao chegar ao ponto de ônibus — chorando — viu algumas pessoas a olharem assustadas, mas ninguém se aproximou para saber o que acontecia.

PERIGOSAS ACHERON

E quando o ônibus finalmente chegou ela adentrou rapidamente, sentando-se próximo a janela.

Ela só queria ser abraçada naquele momento, seu pensamento foi em Benjamin.

Estacionava o carro em frente a casa da mãe. Fitando o relógio de pulso viu que eram 19h40. Saindo do carro fitou o aparelho celular no banco do carona, Sayuri havia ligado e ele nervoso a respondeu de qualquer forma. Quando chegasse em casa se desculparia, mas agora ele só precisava falar com a mãe.

Apertando a campainha esperou que a mulher atendesse e, minutos depois a porta fora aberta e uma Jillian o olhava confusa, mas com um sorriso no rosto.

— Filho? O que faz aqui?

Adentrando a casa, ele respirou fundo enquanto passava a mão no rosto.

— Ele está na cidade – avisou olhando-a. — O homem que se diz meu pai está na cidade.

Com os olhos arregalados ela o encarou,
PERIGOSAS ACHERON

então ele tinha ido procurar o filho. Suspirando a mulher o puxou pela mão e se encaminharam para o sofá.

— Você já sabia?

— Ele me ligou antes de ontem – respondeu ainda segurando a mão dele. — Eu não acreditei também.

— Foi isso que a senhora queria falar comigo? – questionou se referindo ao dia que conversaram pelo celular e ela disse que precisavam falar.

— Sim – concordou calma. — Ele disse que quer te conhecer, mas você é bem grandinho para saber o que quer.

— Eu não quero relação com ele – proferiu sério. — Não depois de tudo que passamos, ele não pode querer que eu o receba de braços abertos.

Dando um pequeno sorriso, Jilly o acariciou o rosto. Sentia-se em paz com a resposta dele, mas não negaria que se sentia a pior pessoa também, porque apesar de tudo Gerard era pai de Benjamin.

— Ele te ligou?

— Ele apareceu na academia – informou fazendo-a franzir o cenho, então ele sabia onde
PERIGOSAS ACHERON

moravam. — A senhora tem que me prometer que não vai receber esse homem aqui, boa coisa ele não deve querer depois de tanto tempo longe.

— Certo, não se preocupe. Se ele aparecer aqui eu o coloco para correr. — Sorriu alisando a barba por fazer do filho. — Você está tão lindo, mas está fedendo também.

— Eu vim direto da academia para cá — anunciou a olhando. — Eu tenho que ir, a Sayuri me ligou eu não fui muito educado.

— Não a trate mal, filho — pediu ficando em pé o acompanhando até a porta. — Ela...

— Eu acho que ela é a mulher da minha vida — a interrompeu deixando-a surpresa, mas logo exibiu um grande sorriso. — Vai a conhecer no sábado, no domingo eu tenho um almoço com o sogro.

Sorrindo, ela o beijou no rosto.

— Nervoso?

— Um pouco. — Sorriu a abraçando. — Eu te amo.

— Eu também, meu amor. — Acenou o observando se encaminhar para o carro. — Dirija com cuidado! — pediu recebendo um aceno.

Sentada em frente ao notebook, Sayuri digitava algumas atualizações no relatório. Não conseguia tirar da mente as palavras da carta. Arfando sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Uma batida na porta a fez olhar assustada para a entrada, onde encontrou Benjamin com uma expressão de tristeza nos olhos.

Enxugando as lágrimas ela lhe sorriu.

— Noemie me deixou entrar — avisou aproximando-se dela e ajoelhando-se à sua frente. — Me desculpa, eu não queria te fazer chorar.

Alisando o rosto feminino ele enxugou as lágrimas que caíam.

— Não — negou virando-se e o abraçando. — Aconteceu alguma coisa? Você parecia nervoso.

— O homem que engravidou a minha mãe e desapareceu no mundo voltou — explicou vendo a surpresa nos olhos amendoados. — Ele me procurou na academia, eu precisava falar com a minha mãe, mas não queria ter sido grosso com você.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, agora eu entendo. Como você está? A sua mãe?

Suspirando ele fitou a tela do notebook.

— Ela está bem, e eu estou pouco cansado – falou colocando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. — Na verdade, não sei bem o que pensar nem o que fazer. Minha cabeça parece que vai explodir.

Concordando Sayuri percebeu que não deveria o encher com a história da carta. Ele agora já tinha problemas demais para lidar, a aparição paterna não era algo fácil. Não depois de tudo o que havia acontecido.

— Você comeu? – ela perguntou preocupada.

Lançando um pequeno sorriso para a mulher, ele negou.

— Não estou com fome – respondeu suave.
— O que está escrevendo?

— Meu relatório. – Sorriu fitando a tela. — Se quiser pode ir assistir, eu vou logo.

— Prefiro te esperar se não se importar.

— Tudo bem. – Deu de ombros o vendo se deitar na pequena cama onde estava o ursinho panda que ela ganhou no dia do parque. — Você
PERIGOSAS ACHERON

parece estar deitado em uma cama para boneca.

— Mas eu estou. — Sorriu cafajeste. — Porque você além de *Chuchuzinho* é uma boneca.

Revirando os olhos ela sorriu voltando a escrever.

— Isso é tão brochante.

Sorrindo se aconchegou mais na cama a observando. Em silêncio observou as costas dela, a forma correta que ela estava sentada enquanto digitava. Os cabelos estavam preso no alto da cabeça, mas tinha as mechas soltas ao redor.

Vagando os olhos ao redor encarou uma pequena estante com alguns livros. Curioso saiu da cama indo até o móvel, pegando um livro viu que ele tinha um marcador dentro. Voltando para a cama se aconchegou começando a folhear as páginas e uma cena lhe chamou a atenção.

Era uma cena de sexo à três. Franzindo o cenho fitou Sayuri que ainda digitava.

— *Então com dois tapas em meu traseiro, ele me penetrou com força. Fazendo a cama bater à parede* – leu um trecho fazendo Sayuri o encarar rapidamente. — *Não tive como conter o grito de prazer que saiu dos meus lábios que prontamente o*
PERIGOSAS ACHERON

outro homem tomou para si.

Levantando-se da cadeira Sayuri correu até ele, porém Benjamin foi mais rápido ficando de pé e colocando o livro longe do alcance das mãos dela.

— *Isso, me fode gostoso, seu cachorro* – imitou uma voz feminina, escutando o riso da outra e as mãos tentarem pegar o livro. — *Me fode, seu cachorro desgraçado!* Nossa que selvagem. – Riu observando-a envergonhada. — Espera, tem mais.

— Não! Me devolve! – pediu estendendo a mão para ele.

— Só se você me der um beijo – propôs levantando uma sobrancelha. Aproximando-se o beijou. Logo pegando o livro, o colocando no mesmo lugar que antes. — Então você gosta de livros que tem sexo?

— Não é pelo sexo – se justificou. — É pelo romance envolvido, a trama da história. – Colocou o livro no lugar. — E eu leio de tudo – falou sentindo ser puxada para cima, onde arroteou as pernas no quadril dele. — Que forte – elogiou alisando os braços musculosos.

— Eu sou muito forte – exclamou segurando-a pela cintura com apenas um braço e, com o outro

PERIGOSAS ACHERON

o flexionou. — Anos treinando para ter esse corpo sarado e gostoso que você adora montar.

Sorrindo ela bateu em seu peito.

— Como você é metido — afirmou sentindo os beijos no pescoço e logo em seus lábios. — Ben... — arfou sendo depositada na cama.

— Eu gosto quando me chama assim — indagou enfiando as mãos por dentro da blusa dela, beijando-a nos lábios. — Não sei o que você faz comigo, mas eu só quero ter você... Estar com você.

— Você também me deixa desse jeito — proferiu o puxando para deitar por cima de si, sentia a língua dele se esfregar na sua e por último o lábio inferior ser chupado. — Eu preciso de você. — Apoiando-se nos cotovelos inclinou o corpo, abrindo a gaveta e puxando uma camisinha.

Sorrindo ele saiu da cama e com prazer a viu retirar a blusa e, quando foi tirar o short a parou.

— Eu faço isso. — Sorriu ajoelhando-se no chão e puxando o corpo dela para a beira, retirou o short e a calcinha esfregando dois dedos na intimidade dela. Fazendo-a abrir mais as pernas para ele. — Delícia.

Separando os lábios vaginais e relanceando rápido para o rosto de Sayuri a viu fechar os olhos em antecipação. Sorrindo lambeu toda a intimidade rosada, para logo em seguida a chupar. Nessa hora Sayuri tapou a boca com as mãos para evitar que o gemido saísse alto, a barba dele esfregava em si a fazendo morder os lábios. Olhando o notebook viu que não tinha salvo o relatório, mas contanto que o notebook estivesse ligado seu relatório estava salvo.

Ficando apoiada nos cotovelos viu como ele a lambia e chupava. Sorrindo com a respiração desregular encarou os olhos negros de Benjamin. Sentia arrepios pelo corpo e os olhos se encherem de lágrimas, tremendo a perna sentiu quando o orgasmo a abateu.

— Já? — perguntou subindo pelo corpo dela.
— Eu mal comecei — dizendo isso abocanhou o seio descoberto.

Sentia o membro totalmente duro pronto para ser liberto. Uma mão atrevida adentrou o calção que ele usava e gemendo, sentiu quando Sayuri começou a masturbá-lo. Soltando o seio a beijou, descendo uma mão para a intimidade dela, onde a

PERIGOSAS ACHERON

penetrou dois dedos.

— *Por favor* – sussurrou puxando o calção dele para baixo. — *Faça logo.*

Sorrindo nervoso ele pegou a camisinha, logo a colocando e encaminhando-o para dentro dela.

Observava a tela sem piscar, sentia a respiração descompassada e o membro ereto dentro da calça. Mas ele não conseguia se mover, ele só conseguia observar o casal copulando como dois sedentos. Como se precisassem disso mais que ar, não conseguia ver com perfeição o rosto dela, mas sabia que ela estava gostando pois arranhava as costas do homem o tempo todo.

Olhava a tela, mas quem ele conseguia ver era ele em cima dela a penetrando. Era as costas dele que ela arranhava, era ao redor dele que ela arroteava com as pernas.

Sorrindo ele tocou a tela, em breve ela estaria com ele.

Em breve.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

A semana passou de forma lenta, mas para Sayuri foram os melhores dias, pois, Bradley estava deixando-a se aproximar. E isso a deixava feliz, mostrava que o loirinho começava a confiar nela. Todos os dias almoçavam juntos e conversavam sobre vários assuntos, tinha até descoberto que o garoto gostaria de estudar para ser um professor – assim como ela – o que a deixou um pouco surpresa.

Sabia que qualquer curso que ele seguisse, faria uma boa escolha. Hailee também passou a frequentar os almoços que tinham. Bradley não queria demonstrar, mas gostava e muito quando a loirinha estava por perto. Sayuri havia pego algumas vezes, momentos em que o garoto observava com fascinação a outra adolescente.

Sorrindo fitou o vestido que usava, era branco com algumas flores desenhadas e chegava até as coxas. Colocando as mãos na barriga sentou-se na cama e, respirando fundo ficou olhando os pés na sandália de saltinho. Estava nervosa, pois,

PERIGOSAS ACHERON

hoje conheceria a sogra. Não sabia o que aconteceria nesse almoço, esperava que a mulher fosse simpática e que gostasse dela. Uma batida na porta a fez encarar e dando um pequeno sorriso, fitou Noemie que a olhava sorrindo.

— Oi – murmurou aproximando-se. — Seu namorado está lá fora – anunciou cruzando os braços. — Você está linda.

Sorriu recebendo um sorriso nervoso.

— Obrigada – agradeceu respirando fundo.
— Estou com dor de barriga.

Sentando-se ao lado da amiga Noemie a abraçou.

— É normal. – Deu de ombros. — Afinal é a primeira sogra que você vai conhecer na vida.

Olhando as mãos sentiu-as suadas.

— Estou com medo dela não gostar de mim.

— Isso é impossível de acontecer – garantiu arrumando o cabelo castanho. — Você é totalmente amável.

— Obrigada. – Levantando-se olhou-se mais uma vez no espelho e, respirando fundo lhe sorriu acenando. — Eu vou para a casa dos meus pais depois de lá, vou ajudar dona Yumi com o almoço

PERIGOSAS ACHERON

de amanhã.

— Queria ser uma mosquinha e ver a reação do Tio Urion. — Deu um sorriso de lado levantando as sobrancelhas. — Coitado do Benjamin.

— Você pode ir se quiser — respondeu pegando a mochila com a roupa de amanhã. — Sabe que sempre será bem-vinda.

— Eu sei — concordou a acompanhando para fora —, mas você sabe que minha mãe depois de descobrir que vou embora me quer por perto para não perder nada.

Parando, Sayuri a encarou e a abraçou.

— Você é minha melhor amiga — afirmou sentindo ser correspondida. — Eu te amo.

— Eu também — disse suspirando, mas logo se separou do abraço. — Agora vai, eu saio daqui a pouco. Meu pai vem me buscar.

Concordando depositou um beijo na bochecha da amiga. Na sala Benjamin a esperava usando uma calça jeans, blusa cinza social, nos pés os coturnos e nas mãos segurava a jaqueta. Quando ele a viu sorriu abertamente, pegando a mochila dela a olhou de cima a baixo.

— Você está magnífica.

— Obrigada. — Sorriu beijando-o. — Você também está.

Sorrindo ele acenou para Noemie e, segurando Sayuri pela mão saiu do apartamento. No carro os dois se sentaram e, lançando um olhar para a jovem a viu morder os lábios encarando a frente.

— Não precisa se preocupar — pediu ansioso. — Minha mãe é legal e você vai gostar dela e ela de você.

Inclinando-se o beijou nos lábios, sentindo o polegar dele lhe acariciar na bochecha. Separando-se ele ligou o carro e com um pequeno sorriso saiu do estacionamento.

Observava atentamente o caminho que seguia e lembrava-se das tentativas de Gerard para se aproximar. Não sabia o motivo do homem reaparecer depois de trinta e três anos e, não queria saber. Ele só queria que o mais velho fosse embora.

Relanceando para Sayuri, a viu com os braços cruzados e um olhar vago. Não era a

PERIGOSAS ACHERON

primeira vez que ele a via daquela forma, mas quando perguntou se estava tudo bem ela lhe disse que sim. Talvez fosse a apresentação que ela teria, dois dias atrás havia a levado ao Campus onde ela teve duas provas.

Tentava não demonstrar o que sentiu quando soube que o criminoso que sequestrou as estudantes, poderia ser o mesmo que estava dentro do dormitório da jovem. Não queria pensar se algo de ruim acontecesse a ela o que ele faria. Era fato comprovado de que ele não conseguia mais ficar longe de Sayuri, se sentia bem quando a tinha por perto e sabia que ela se sentia da mesma forma.

Dobrando uma esquina viu que se aproximava da casa da mais velha e, revirando os olhos bufou quando viu o carro de Dustin estacionado na frente.

— *Droga!*

— O que foi? – Sayuri o questionou olhando para onde ele fitava.

— Acho que terá mais pessoas nesse almoço – comentou lançando um sorriso para ela que o fitou nervosa. — Não se preocupe, tudo vai dar certo.

Concordando, respirou fundo quando ele estacionou em frente à casa. Saindo do automóvel, caminhou até Benjamin e entrelaçando os dedos com os dele começaram a andar até a entrada da residência.

Antes que ele batesse na porta, ela foi aberta, deixando Sayuri surpresa.

— Filho — Jillian indagou, mas seus olhos observavam atentamente Sayuri. — Nem vi que tinham chegado. — Sorriu alisando o vestido que usava. — Oi, querida! Tudo bem? Estava ansiosa para lhe conhecer. Por favor, vamos entrar.

Puxando-a pela mão fez com que se sentasse no sofá.

Benjamin revirava os olhos para a mais velha, sua mãe não sabia o que era ser sutil. Lançando um olhar para a cozinha, viu Dustin e Taylor se aproximarem sorrindo. Balançando a cabeça em negação voltou a prestar atenção na mãe com Sayuri.

— Você é tão linda — afirmou sorrindo. — Como conheceu meu filho? Você trabalha? Estuda?

— Mãe — a repreendeu quando notou Sayuri sorrir nervosa. Sentando-se ao lado da jovem lhe

PERIGOSAS ACHERON

segurou a mão trêmula. — O que combinamos?

— Me desculpe, filho – pediu dando um sorriso em desculpa. — Me desculpe, Sayuri.

— T-Tudo bem – falou colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Também estava ansiosa para conhecê-la. – Sorriu fazendo a mais velha sorrir. — Um pouco nervosa também.

— Não precisa ficar nervosa – disse lançando um sorriso sincero. — Você aceita beber um suco? Uma água? Um refrigerante? Alguma coisa?

— Um copo d’água se não for incômodo.

— Imagina. – Gesticulou com a mão. — Benjamin, vá buscar um copo com água para a Sayuri.

Sorrindo a encarou, recebendo um sorriso de lado da mãe. Antes de sair, beijou Sayuri nos lábios, deixando-a envergonhada. Taylor sorrindo aproximou-se do sofá.

— Oi, Sayuri. – Sorriu abrindo os braços e a abraçou, pegando-a de surpresa. — Me chamo Taylor e esse é meu noivo Dustin. – Apontou para o loiro que sorriu acenando. — Somos amigos do Benjamin e, também estávamos ansiosos para te conhecer.

— É um prazer conhece-los.

— Vocês só me envergonham – Benjamin comentou adentrando a sala. — Será que podem sair de cima da minha namorada? – perguntou entregando o copo com água para Sayuri.

— Nós não estamos fazendo nada – Taylor avisou sentando-se no outro sofá ao lado do noivo. — Só nos apresentamos.

Bebendo um gole de água, colocou o copo em cima da mesinha de centro. E olhando Benjamin sorriu sendo correspondida.

Jillian observava os dois e sentia o coração aquecido. Era nítido que os dois se gostavam e, em uma primeira avaliação Jillian achou Sayuri uma boa moça.

— Eu trabalho em um colégio – respondeu à pergunta da sogra. — Sou professora, estudante ainda. – Riu menos nervosa. — Ainda falta a minha apresentação, mas já tenho um emprego que é no mesmo lugar onde estou estagiando.

— Isso é maravilhoso – Jillian exclamou encantada. — Uma professora – falou olhando Taylor que confirmou sorrindo. — E como você conheceu meu filho?

Um pouco assustada ela encarou Benjamin, não sabia o que respondia. Não sabia o que a mais velha pensaria dela ao saber que conheceu Benjamin em um clube para mulheres.

— Bem... A gente...

— Foi no shopping – a interrompeu fazendo-a encará-lo. — Na sessão de livros, ela estava fazendo compras. Estava com algumas sacolas.

Surpresa ela franziu o cenho, mas logo sorriu. Sim, tinha sido lá mesmo. Como pudera se esquecer desse detalhe. Estava comprando o livro da série que acompanhava, então ela escutou um riso rouco à sua frente e quando levantou os olhos o viu. Era Benjamin.

— Sim. – Sorriu o olhando. — Você estava com um loiro.

— O Dustin – confirmou apontando para o loiro que sorriu um pouco confuso. — Estávamos procurando um livro para a Taylor, então eu te vi toda *patricinha*.

— Eu não sou *patricinha*! – exclamou surpresa. — Que feio você julgar alguém assim – comentou não notando Jillian a encarar interessada, o sorriso nos lábios nunca a abandonando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me agrediu! – Deu de ombros fazendo-a encarar o chão envergonhada. — Três vezes e, depois de novo.

— Eu já pedi desculpas – disse lançando um olhar para a mais velha que a observava. — O nosso segundo encontro nos deu uma impressão errada de nós dois, mas então eu fui morar ao lado dele. Sem saber que era ele.

— Então aconteceu – Benjamin continuou. — Ela não aguentou o charme desse negro gostoso e, me atacava sempre que me via.

— Benjamin! – o repreendeu notando o sorriso dele. — Eu não fazia isso, você que me beijava.

Levantando uma sobrancelha ele a rodeou a cintura com o braço.

— Isso é uma reclamação?

Envergonhada, voltou sua atenção para a mais velha que observava os dois com um pequeno sorriso.

— Eu fico feliz do meu filho ter encontrado uma menina como você. – Sorriu afirmando deixando Sayuri surpresa. — Vamos para os fundos, eu coloquei a mesa lá.

PERIGOSAS ACHERON

Levantando-se puxou a nora pela mão. Benjamin observava com um grande sorriso as duas se afastarem conversando entre si.

— Tenho certeza que sua mãe a adorou — Dustin comentou observando as mulheres irem para o fundo. — Ela estava perguntando se você demoraria muito.

Sem responder, ele observou Sayuri sorrir para a mais velha. A forma verdadeira ao qual ela sorria, parecia estar gostando de onde estava.

Sentia-se em casa ao lado das duas. Sorria ouvindo algumas histórias de Benjamin quando era uma criança. Relanceando para a porta o viu parado com os braços cruzados — a observava com um pequeno sorriso de lado.

Quando os olhos se encontraram Sayuri, sorriu recebendo um piscar de olhos.

— Mas me conte, filha — Jilly lhe chamou a atenção. — Como Ben é com você?

Com um sorriso bobo nos lábios, voltou a atenção para a mais velha. Taylor estava ao lado

PERIGOSAS ACHERON

lhe fitando.

— Ele é carinhoso – respondeu um pouco envergonhada. — Ele me trata sempre com carinho e am... – Parou olhando as mãos rapidamente.

Tinha medo de falar a palavra e Jillian achar que estava muito cedo para o amor, mas Sayuri se sentia exatamente assim nos braços de Benjamin. Sentia-se amada.

— Amor? – completou suave, recebendo um aceno positivo da jovem. — Não é errado se sentir assim, é totalmente compreensível.

— Eu sei... – Parou sorrindo. — Benjamin é especial para mim, muito. Só que tudo aconteceu tão rápido.

— Eu sei – concordou lhe segurando a mão —, mas não se deixe influenciar por isso. Por achar que aconteceu rápido não tenha amor, o amor é inexplicável.

— É verdade – Taylor se intrometeu sorrindo. — Quando eu conheci Dustin, foi rápido também. Eu o conheci em uma *festa* e ficamos, depois disso trocamos os números e hoje estamos aqui. – Sorriu mostrando o anel. — Vamos nos casar, não sei quando, mas vamos.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês formam um lindo casal – elogiou com um pequeno sorriso.

— Você e Benjamin também – falou sorrindo, mas logo ficando séria olhando a mais velha. — Jilly, que tal mostrarmos fotos do Ben quando era pequeno?

— Nada disso. – Benjamin aproximou-se com algumas bebidas, logo atrás dele Dustin vinha sorrindo. — Não vão me fazer essa vergonha.

— Eu queria ver quando você era criança – anunciou Sayuri olhando-o sentar ao seu lado. — Ele era uma criança muito levada, Sra. Jillian?

— Me chame de Jilly. – Sorriu ficando em pé separando os pratos com a ajuda de Taylor. — Ben era um menino elétrico – comentou lembrando-se. — Sempre foi carinhoso e um bom filho.

Encarando a mãe, Benjamin lhe lançou um sorriso.

— A senhora sempre foi uma mãe perfeita – indagou fazendo-a sorrir emocionada. — A melhor.

Acarinhando o rosto do filho, Jillian fitou Sayuri que observava-os com um sorriso. Havia gostado da jovem, tinha um jeito suave de falar e de agir. A forma como o filho a cuidava com os olhos, PERIGOSAS ACHERON

aquilo a estava deixando encantada. Nunca tinha o visto daquele jeito com uma mulher antes.

Fazendo um sinal para Taylor, adentrou a cozinha e segundos depois a loira apareceu com um grande sorriso.

— Ela é linda — Jillian proferiu olhando rapidamente para o quintal, onde Benjamin cochichava alguma coisa no ouvido da Sayuri. — Ela é tão educada também.

— Estou encantada com ela, Jilly. Sinto que ela é a mulher certa para Benjamin.

Sorrindo, fitou a loira que arrumava a travessa com macarrão com queijo.

— Eu também sinto — concordou aproximando-se da loira —, mas e você como está? — a chamou tendo a atenção para si. — Dustin comentou comigo que você passou mal esses dias.

Deu de ombros, mas logo encarou a loira.

— O que?

Sorriu não entendendo.

— Você está grávida? — questionou deixando-a levemente surpresa.

— Não — negou segurando a travessa. — Foi só um mal-estar.

— Mas você procurou um médico ou fez algum teste de farmácia?

Parando na entrada Taylor lhe sorriu.

— Não se preocupe – pediu atenciosa. — Se eu estiver grávida vou saber. Tudo a seu tempo.

Olhando-a ir para junto de todos, Jilly sorriu, imaginando um bebezinho loiro dos olhos claros, uma mistura do Dustin e Taylor. Relanceando para Sayuri a imaginou grávida de Ben. Nunca se imaginara avó, até porque Benjamin nunca a apresentou nenhuma namorada. Mas agora poderia sonhar com o dia que seu filho lhe dirá que seria pai.

Suspirando juntou-se a todos.

O final da tarde para Sayuri foi o mais divertido de todos. Sentada ao lado de Jilly no sofá, olhavam as fotos de Benjamin quando era pequeno. Algumas ele estava com alguns amiguinhos e, outras com um cachorro.

— Esse era o cachorro dos nossos vizinhos. — Apontou para o vira-lata. — Benjamin adorava

PERIGOSAS ACHERON

brincar com ele, eram inseparáveis.

Sorrindo, Sayuri tocou na foto e automaticamente lembrou-se do Pimpolho, seu antigo companheiro e amigo. Sem conseguir evitar deixou que as lágrimas caíssem, Jilly a encarou assustada.

— O que foi, querida? Eu disse alguma coisa?

— É que eu tinha um amiguinho assim – falou enxugando as lágrimas. — Ele faleceu há sete anos, foi difícil. Esteve na família desde que eu era uma bebê e, ele dormia no meu quarto. E lembrá-lo me traz boas lembranças.

Sorriu dando de ombros.

— Eu sinto muito, querida. Eu sei como se sente, porque quando mudamos e o Mr. Booblo ficou – parou olhando o filho que abraçava Sayuri pela cintura. — Benjamin adoeceu e, eu também adoeci de certa forma. Meu bebê.

— Mãe! – a repreendeu um pouco envergonhado.

Sorrindo enquanto enxugava os vestígios das lágrimas, Sayuri o encarou.

— Mas você sempre pode adotar um – Jilly
PERIGOSAS ACHERON

continuou a olhando.

— Eu acho que quando eu tiver uma casa ou... não sei. — Mordeu os lábios folheando o álbum, olhando agora Benjamin só de cueca segurando um patinho. — Olha que fofo.

Benjamin apenas fechou os olhos em desgosto, sua mãe parecia adorar o que estava fazendo. Nunca vira a mulher sorrir tanto, fitando os amigos encontrou os dois o encarando com sorrisinhos.

Voltando sua atenção para Sayuri a viu cochichar algo com a mais velha e logo rirem uma para a outra. Olhando o relógio de pulso viu que eram 18h, tinha planos de leva-la a um outro lugar antes de leva-la para a casa dos pais.

— Acho que já está na hora de irmos — anunciou fazendo as duas mulheres o encararem com o cenho franzido.

— Mas ainda nem vi o restante das fotos — disse observando mais três álbuns em cima da mesinha de centro. — Quero ver o da sua adolescência.

— Eu achei que ele me daria trabalho na adolescência — confidenciou tendo os olhos

PERIGOSAS ACHERON

amendoados para si —, mas até que não me deu muita. Só depois.

— Só depois? – repetiu curiosa.

Nesse momento Jillian encarou Benjamin e, perguntava-se se o filho não havia dito para a namorada que antigamente trabalhava de prostituta.

— Não é nada – Benjamin respondeu levantando-se, fazendo com que todos se levantassem. — Vamos?

Concordando, Sayuri colocou o álbum em cima da mesinha e voltando-se para Jilly, lhe sorriu.

— Obrigada, Jilly – proferiu. — Obrigada por me receber de braços abertos na sua casa, pela hospitalidade. Adorei conhecer todos.

— As portas dessa casa estarão sempre abertas para você, sempre que quiser vir – deixou claro a abraçando. — Também adorei conhece-la.

Separando-se do abraço, rumou para Taylor e a abraçou.

— Foi te conhecer também – a loira disse. — Vamos qualquer dia desses marcar alguma coisa.

— Claro.

Sorriu logo sendo abraçada pelo loiro.

Afastando-se observou Benjamin abraçar a mãe e logo se despedir dos amigos. Sorrindo, sentiu quando o braço masculino arrodeou sua cintura e, acenando mais uma vez se encaminharam para fora.

Abriu a porta do passageiro, então Benjamin a viu sentar-se e alisar o vestido. Acenando para a mãe e os amigos – que estavam na porta – tomou o acento do motorista, logo saindo dali.

— Para onde vamos?

— Pensei em jantarmos e passearmos um pouco – comentou olhando-a rapidamente. — O que achou da minha mãe?

— Eu a amei! – exclamou ficando um pouco de lado. — Eu não sei bem o motivo de ter ficado com medo, ela foi tão legal comigo. Me senti como se estivesse ali há anos, Taylor também é muito legal. Acho que vou a convidar qualquer dia desses para passearmos, ela e a sua mãe.

Acenando a cabeça ele lhe sorriu.

— Acho ótima ideia – concordou depositando a mão na coxa branca. — Era importante para mim que você e minha mãe se gostassem.

— Ela gostou de mim, então? — perguntou sorrindo.

— Dá para ver no olhar dela.

A resposta a fez sorrir mais.

Lançando um olhar para o homem o viu sorrindo enquanto dirigia. Viu também os braços musculosos segurando o volante, aqueles mesmos braços que a seguravam enquanto ele a possuía. Mordendo os lábios lembrou-se do sexo de hoje de manhã, não estava se reconhecendo. Quando ficava com Caine não transavam como dois coelhos, mas com Benjamin ela não conseguia conter a vontade que tinha dele.

Só de lembrar a forma como ele a pegava, a deixava excitada. Tinha pensado em ir à uma ginecologista, para que ela pudesse lhe indicar algum contraceptivo. Sabia que a camisinha ajudava contra doenças sexualmente transmissíveis e para evitar uma gravidez, mas as vezes no calor do momento ela só queria que ele a penetrasse logo. E parar o que faziam para pegar uma camisinha e colocá-la, as vezes a deixava... frustrada. Talvez antes de tudo deveria conversar com Benjamin sobre isso. Sim, conversaria com

PERIGOSAS ACHERON

ele.

— Já chegamos?

— Sim – confirmou a encarando. — Soube que abriu esse restaurante – comentou manobrando o carro. — Dustin me deu garantias de que é bom.

Concordando, Sayuri encarou a sua frente. A fachada do lugar tinha um letreiro redondo com os nomes em vermelhos.

Sorrindo viu algumas pessoas adentrarem o lugar.

Estacionou o carro em uma vaga e logo saíram do veículo. De mãos dadas se encaminharam para dentro e, sorrindo observou as mesas e cadeiras estilo *vintage*. Ainda encantada rumou para uma mesa que ficava ao lado da janela, sentando-se fitou Benjamin que lhe sorriu.

— *Benjamin!*

Olhando para o lado Sayuri viu a amiga de Benjamin, a mesma mulher que estava no apartamento dele. Usava um uniforme curto e um chapeuzinho na cabeça. Sorria enquanto olhava para Benjamin. Lançando um olhar para ele o viu se levantar para abraçá-la.

— Pheobe. – Riu olhando-a. — O que faz
PERIGOSAS ACHERON

aqui?

— Trabalhando, sabe como é. Enquanto houver trabalho estou na ativa – respondeu o encarando, mas logo olhando-a. — Trouxe sua namorada... tudo bem?

— Sim – concordou olhando rapidamente Benjamin que agora se sentava sorrindo.

Dando de ombros, Pheobe voltou a olhar para o homem que estava todo bem vestido. Sentia saudades, não iria negar. Transar não tinha o mesmo sentido, sem ser com Benjamin.

— E aí vai querer o de sempre? – perguntou sorrindo, Sayuri apenas observava em silêncio a interação dos dois.

— Aqui tem o de sempre?

Riu divertido.

— Posso dar um jeito nisso – avisou sorrindo de lado, logo fitando Sayuri. — E você, querida?

Pegando o cardápio que tinha em cima da mesa, o olhou rapidamente.

— Acho que um hambúrguer e um refrigerante.

Benjamin a encarou com o cenho franzido. O sorriso que ela tinha nos lábios havia sumido e, ele
PERIGOSAS ACHERON

não estava entendendo o que havia feito – se é que havia feito algo – para que ela pudesse se chatear.

— Volto em alguns minutos.

Após a saída da mulher, Sayuri cruzou os braços observando o movimento da rua. Não queria admitir, mas estava se corroendo de ciúme. Pheobe sabia o prato que Benjamin sempre pedia, já ela – que era a namorada – não sabia. A forma como ela falou que *daria um jeito nisso* a fez querer voar no pescoço da mulher, algo que Sayuri nunca sentiu vontade de fazer – parecia que Pheobe fazia de propósito.

— Está tudo bem? – Benjamin questionou a olhando.

— Sim – concordou o encarando. — E com você?

— Acho que bem – respondeu incerto. — Tem certeza de que está tudo bem?

Bufando, Sayuri lançou um olhar para Pheobe que levava um pedido a outra mesa.

— Fala sério? – retrucou pegando-o de surpresa. — *Posso dar um jeito nisso* – imitou a voz da morena. — Que abusada.

Sorrindo ele negou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não achei – interpôs não perdendo o olhar surpreso que ela lhe lançou. — Somos amigos.

— Vocês já transaram – afirmou notando-o suspirar. — Eu não me importo se você já esteve com outras mulheres, mas ver ela dando em cima de você assim e querer que eu fique calada – comentou encostando-se no banco. — Não acha que é demais?

— Ela não deu em cima de mim, ela é desse jeito sempre – proferiu apoiando os braços na mesa. — Você está sendo boba.

Sorriu não perdendo o olhar magoado dela.

— Certo.

Quando pretendia falar, Pheobe apareceu com os pedidos servindo primeiro Benjamin.

— Eu roubei esse molho *Barbecue* para você. — Sorriu colocando o molho ao lado do prato. — Era de um outro cliente, mas ele pode esperar. Você não.

Piscou divertida.

Sorrindo, Benjamin lançou um olhar para Sayuri que estava encarando Pheobe, mas logo desviou o olhar para ele e por fim para o hambúrguer.

PERIGOSAS ACHERON

Tinha pedido o hambúrguer, pois, estava com muita fome, mas agora o apetite sumiu. Perguntava-se como Benjamin não via que a mulher estava dando em cima dele, ou ele percebia e não ligava. Mas ela sim, ela não havia gostado da forma que a outra o tratou. De forma íntima.

Dando uma mordida no hambúrguer voltou a encarar a janela. Uma sombra se escondendo por detrás do poste no outro lado da rua lhe chamou a atenção.

Franzindo o cenho forçou a vista para olhar.

— Sayuri — Benjamin a chamou fazendo-a encará-lo. — Não precisa fazer essa expressão, a Pheobe é uma amiga. Transamos sim, mas isso acabou. Estou com você agora.

Voltando a olhar o hambúrguer no prato, Sayuri desejou que a mulher estivesse ali para ouvir exatamente o que ele tinha lhe dito. E notando isso, viu que estava sendo cruel.

Lançando um olhar para o lado viu quando Pheobe a encarou séria. Desviando o olhar fitou Benjamin comendo e, puxando uma respiração, ela procurou se acalmar. Não entraria em conflito por causa de uma mulher que não valia a pena, o que

PERIGOSAS ACHERON

importava era que Benjamin estava com ela.

Comeram em silêncio, porém vez ou outra ele lhe falava algo. Ela sabia que o pai dele o havia procurado de novo e, que ele não o havia recebido. Estava curiosa para saber o motivo do homem ter voltado depois de tanto tempo – não iria negar –, mas era um direito do Benjamin não querer saber.

Depois do hambúrguer pediram uma taça de *sundae* de morango com chocolate. E trocando sorrisos desfrutaram do gelado. Olhando no relógio de parede do lugar Sayuri notou que eram 10:10pm.

— Acho que está na hora de levar minha princesa para sua torre – Benjamin brincou quando notou o olhar dela para o horário. — Nem vou perguntar se seu pai vai gostar de mim.

— Ele vai sim – afirmou sentindo-o acarinhar a bochecha. — E vocês serão amigos.

— Acho um pouco difícil isso. – Sorriu inclinando os rostos, encostando o nariz no dela. — Na primeira vez ele me tratou daquela forma.

— Ele estava nervoso – retrucou lhe alisando a barba. — Mamãe me disse que ele foi até a delegacia xingando todas gerações do Caine.

— Ele sumiu – indagou franzindo o cenho.

PERIGOSAS ACHERON

— Aquele covarde.

— Ele vai aparecer – comentou e olhando ao redor. — Vou no banheiro, quando voltar podemos ir.

— Estou te esperando aqui.

Antes de sair lhe beijou os lábios. Informando-se com um funcionário se encaminhou até o banheiro. Após usar o recinto foi lavar as mãos, a porta abrindo lhe chamou atenção e por ela Pheobe adentrou. Olhava-a de cima a baixo como se procurasse alguma coisa.

— Você é bonitinha – falou encarando-a. — Na verdade, muito linda – sorriu aproximando-se —, mas é em vão. O que adianta ter beleza e não saber deixar o Benjamin louco na cama?

Travando a mandíbula Sayuri se aproximou de forma séria.

— Não fale o que não sabe.

— Sim, eu sei – afirmou cruzando os braços. — E sabe mais do que sei? Todas as formas para deixá-lo cheio de tesão.

— Isso que é em vão. – Sorriu tentando demonstrar que não se sentiu abalada pelo que ouvira. — O que adianta saber se você não o tem

PERIGOSAS ACHERON

mais?

— Você só se faz de sonsa — sorriu sarcástica. — As piores são como você.

— Não — negou aproximando-se mais. — As piores são como você, que ficam dando em cima do namorado alheio. Tudo isso para quê? Receber um sorriso? Ele não quer mais você, ele está comigo.

— Vamos ver até quando — debochou olhando-se no espelho. — Até quando ele vai aguentar ficar com você, se privando de ter diversão melhor que sua companhia. Sabia que ele adora um *ménage à trois*? — perguntou notando a surpresa no olhar da outra. — Pois é, ele vai se cansar disso que está tendo com você e eu seria uma boa amiga o consolando.

Sentindo os olhos arderem, Sayuri a empurrou e saiu do banheiro. Atrás de si ouvia o riso de Pheobe. Não queria ficar mais um minuto ali, por isso passou direto indo em direção ao carro.

Sem entender, Benjamin viu Sayuri sair apressadamente do local. Retirando o dinheiro e a gorjeta para Pheobe, a viu vindo do corredor e achou estranho a mesma estar com a mão no rosto.

— Sua namorada me bateu. — Tirou a mão do

PERIGOSAS ACHERON

rosto mostrando uma marca vermelha. — Fui conversar com ela normal e, ela me agrediu.

— A Sayuri? — estranhou mais ainda a encarando.

— Sim — fungou. — Eu tenho que ir lavar o rosto, ainda tenho mais um turno.

Acenando guardou a carteira e sério foi atrás de Sayuri. Não acreditava que ela tinha agredido uma amiga dele, aproximando-se do carro a viu chorando enquanto se abraçava.

Sayuri chorava por medo da mulher ter razão. Benjamin era um homem vivido e, deveria mesmo ter aberto mão de algumas coisas. Ela jamais aceitaria um *ménage à trois*, não tinha estômago para isso. E pensar que ele poderia sentir falta disso a deixava triste, talvez tivesse sido por isso que Caine a traiu. Ela era sem graça. Mas Benjamin gostava dela, ela sentia isso.

— Por que agrediu a Pheobe? — Benjamin lhe questionou sério. — Eu disse que ela é minha amiga, não tem motivos para você ficar com ciúmes e nem de agredi-la.

— O que? — perguntou confusa enquanto enxugava os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela está com o rosto vermelho – apontou para o restaurante atrás de si. — Você não tinha que ter batido nela.

— Eu não bati em ninguém!

Cruzando os braços ele a encarou ainda sério.

— Sério?

Ofendida, ela colocou as mãos na cintura.

— Eu não a agredi – repetiu o olhando. — Você não acredita em mim?

Benjamin ainda a encarou, mas logo suspirou esfregando o rosto. Sem acreditar Sayuri levou a mão a boca, ele não acreditava. Sentindo novas lágrimas virem, voltou-se para o carro abrindo a porta traseira. Em um movimento rápido Benjamin a fechou.

— Você não vai ir embora sozinha – exclamou ainda sério. — Quer parar com isso?

— Eu não acredito que você realmente acha que eu agredi a sua *amiga* – proferiu olhando-o nos olhos. — Ela que veio me procurar e falar um monte de coisa. – Gesticulou lançando um olhar para a lanchonete. — Quer saber? Eu deveria mesmo ter dado uns tapas naquela cara dela.

Travando a mandíbula ele a encarou.

PERIGOSAS ACHERON

— É melhor eu te levar — concluiu esfregando os olhos. — Você está fora de si.

Deixando as lágrimas caírem ela se viu sem forças para falar, então apenas acenou com a cabeça. Não acreditava que o dia maravilhoso que tivera, foi estragado por Pheobe. Ainda calada adentrou o veículo, logo sendo seguida por Benjamin.

Antes dele estacionar em frente à casa, Sayuri já estava com a mochila nas mãos. Quando o carro parou, ela desceu sem falar nada e, em silêncio ele a viu andar rapidamente para a casa. Suspirando Benjamin encostou a cabeça no encosto do banco, conhecia Pheobe há tempos e, não tinha motivos para a mesma mentir. Eram amigos.

Sayuri desde que a viu demonstrou ciúmes e, ela já o havia batido antes. Então poderia ter batido em Pheobe, mas se tivesse feito isso ela diria. Olhando-a mais uma vez, a viu adentrar a residência.

Balançando a cabeça decidiu ir para casa.
PERIGOSAS ACHERON

Na sala estava estavam os pais e o irmão. Tudo o que ela não queria agora era ter que explicar a cara de choro para o pai, que nesse exato momento se levantava e se aproximava com uma expressão preocupado.

— O que aconteceu? — questionou a abraçando.

— Nada. — Sorriu acenando para a mãe e o irmão. — Eu vou me deitar, estou cansada.

— Você não vai comer? — a mãe perguntou preocupada.

— Eu já comi com o Benjamin. — Sorriu abraçando a mochila. — Boa noite para vocês.

Ian se levantou de onde estava e foi até a irmã para abraça-la.

— Vamos, eu te levo até seu quarto — anunciou pegando a mochila das mãos femininas. — Estava com saudades.

— Eu também — afirmou o abraçando pela cintura e subindo as escadas.

Urion olhava os filhos subirem as escadas e
PERIGOSAS ACHERON

crispando os lábios encarou a esposa.

— Viu o que aquele cara fez? Nossa filha está sofrendo.

Levantando-se de onde estava Yumi foi até o marido e o abraçou.

— Você nem sabe o motivo dela estar tristonha – deixou claro com um pequeno sorriso de lado. — Pode não ter sido ele.

— Se for, ele vai se ver comigo! – verbalizou fazendo-a sorrir. — Não faz essa expressão, estou falando sério.

— É incrível que – parou de falar sentindo os braços dele ao seu redor — com o passar do tempo eu te ame mais e, te deseje mais.

Sorrindo cafajeste ele a puxou mais para si.

— Isso, minha cara, é porque sou realmente gostoso. – Sorriu. — Eu não envelheço, só fico mais gostoso. E você também Sra. Dupke. – Beijou-a de leve. — Ainda é tão linda, carinhosa, amorosa e sexy – sussurrou no ouvido feminino. — Que tal subirmos e *brincarmos* um pouco?

— Com as crianças na casa?

— É só não fazer barulho – disse piscando.
— Vou trancar as portas.

Sayuri já havia tomado banho e deitada na cama observava atentamente a tela do celular. Mordia os lábios indecisa se mandava ou não uma mensagem à Benjamin, queria muito mandar, mas faltava coragem. Pronta para bloquear a tela do celular, a ligação de Benjamin apareceu na tela.

Sentando-se atendeu a ligação.

— *Oi... Você estava dormindo?* – quis saber cauteloso.

— Não – sussurrou com medo dos pais acordarem. — E você?

Um suspiro foi ouvido.

— *Não, não quero terminar a noite brigado com você.*

— Eu não bati na sua amiga – avisou ainda sussurrando. — Só falamos.

— *Eu sei, não teria porque você mentir. Então se você diz que não fez, eu acredito.*

Sorrindo ela soltou uma respiração.

— Obrigada.

— *Não precisa agradecer* – disse e ao longe
PERIGOSAS ACHERON

Sayuri ouviu a porta do carro ser fechada. — *Você está com sono?*

— Onde você está? – perguntou curiosa. — Não, eu queria poder te beijar. Sentir você... Você me deixa assim.

Riu esfregando as pernas.

— *Posso te ajudar nessa* – afirmou. — *Qual é a sua janela?*

— O que? – murmurou logo levantando-se e se postando em frente a janela. Sorrindo viu Benjamin parado olhando para cima. — Você é louco! Se meu pai te pega aí ele não vai gostar.

Riu sem acreditar.

— *Me deixa subir?* – questionou aproximando-se mais. — *Abre a janela e me deixa entrar?*

Mordendo os lábios Sayuri foi até a porta e a trancou. Voltando a janela a abriu. Sorrindo Benjamin guardou o celular e, com habilidade subiu na grade que tinha grudada a parede. Já dentro do quarto de Sayuri olhou o recinto todo e puxando-a para junto de si a beijou.

Colocando-a no colo, sentou-se na cama – com Sayuri por cima de si – e com as mãos

PERIGOSAS ACHERON

percorreu o corpo macio da jovem. Sayuri usava apenas uma calcinha e uma blusa de dormir que na opinião de Benjamin era muito indecente.

— Não briga comigo — Benjamin pediu descendo os beijos para o pescoço alvo. — Eu não consigo dormir estando brigado com você.

— Eu também não consigo — afirmou sussurrando, sentindo as mãos dele descerem em seu traseiro. — Eu estava tomando coragem para te mandar uma mensagem.

— Eu estava indo para casa — anunciou lhe acarinhando na bochecha —, mas voltei no meio do caminho. Eu tinha que falar com você.

— Eu não bati na sua amiga — disse e quando viu que ele falaria algo, ela o silenciou com um dedo. — Ela me disse que você gosta de *ménage à trois*, que você se cansará de ficar comigo. Eu não consigo te dividir com mais ninguém, caso você pense nisso.

Surpreso, ele a fitou. Praticava sim o sexo a três, mas não era algo que ele gostava. Pheobe não tinha que ter dito aquilo, suspirando ele negou.

— Eu não gosto muito — falou fazendo-a encará-lo. — Eu sou egoísta, não gosto de

PERIGOSAS ACHERON

compartilhar. Eu não me vejo cansando de você – afirmou segurando uma mecha de cabelo. — Eu não me vejo longe de você por um segundo sequer. Sinto algo por você, Sayuri – proferiu deixando-a surpresa. — Não sei dizer exatamente o que é, mas eu sei que o sentimento é puro e verdadeiro.

— Eu me sinto da mesma forma. – Deixou algumas lágrimas caírem. — Me sinto completa com você.

Sorrindo a puxou para um beijo.

Enfiando as mãos por dentro da jaqueta masculina, Sayuri o fez tirar a peça. Arfando sentiu quando uma mão dele se postou por cima da calcinha, fazendo leves movimentos giratórios.

— Faz amor comigo? – perguntou olhando dos lábios aos olhos dele.

Sorriu confirmando com a cabeça.

— Vou te amar devagar – sussurrou colocando-a deitada na cama, começando a retirar a roupa.

Ajoelhando-se na cama, Sayuri observou-o tirar os coturnos. Mordendo os lábios observou o grande corpo dele ainda coberto, sorriu assim que ele piscou um olho de forma safada. Em

PERIGOSAS ACHERON

expectativa fitou-o retirar a blusa – a jogando no chão – e em seguida o cinto e a calça. Ficando apenas de cueca.

Puxando-o o fez deitar na cama, logo ficando por cima. Retirando a blusinha que usava, viu quando os olhos masculinos fitaram aquela anatomia com desejo. Suspirando baixo, sentiu as mãos começarem uma leve carícia ali.

Inclinando-se iniciou um beijo lascivo. A língua de Benjamin acariciava a dela de forma devassa, as mãos apertavam-lhe por todo o corpo. Já não conseguia mais suportar a pressão que tinha no meio das pernas, precisava sentir-se unida a ele.

— Eu acho que tenho uma camisinha na carteira – proferiu como se notando os pensamentos dela.

Beijando-o mais uma vez saiu de cima dele, indo buscar a carteira. Abrindo-a viu que só tinha uma única camisinha, voltando para a cama se ajoelhou ao lado de Benjamin.

— Só tem essa – sussurrou abrindo-a, logo vestindo o membro ereto. — Pensei em procurar uma ginecologista, saber uma indicação para um anticoncepcional.

Deu de ombros recebendo um sorriso.

— Isso é uma ótima ideia — concordou segurando o membro, ajudando-a a sentar. — Quero você a todo o momento.

Mordendo os lábios tentou relaxar para que ele entrasse todo. Com os olhos fechados apoiou as mãos no tórax masculino. Sentia as mãos de Benjamin em seu traseiro o apertando e acariciando.

Remexendo-se um pouco sentiu o prazer se espalhar pelo corpo, abrindo os olhos encarou o olhar de desejo que recebia. Sorrindo começou a subir e descer sem desviar os olhos de Benjamin. Apoiando-se no colchão levou uma mão as costas retirando o membro de dentro de si e o colocando novamente.

Sentando-se na cama a arroteou com os braços, ao mesmo tempo que a beijou começou a se movimentar. Soltava suspiros e mordia os lábios sentindo ser invadida lentamente por ele. Abraçando-o sentiu o suor escorrer pela testa e se misturar com o suor de Benjamin.

As mãos que até então estavam ao seu redor, desceram e se firmaram em seu traseiro, puxando-a

PERIGOSAS ACHERON

para si.

Queria pedir para que ele fosse mais rápido, porém o quarto dos pais ficava ao lado. E apostaria que seu pai não iria gostar de saber que tinha um homem em seu quarto, fazendo coisas safadas. O agarre que recebia no traseiro estava a deixando louca, juntando as bocas chupou a língua de Benjamin sentindo a barba dele passar raspando em seu rosto.

Interrompendo o beijo sentiu quando o primeiro orgasmo atingiu, pois, precisou tapar os lábios para não gemer alto. Sorrindo a beijou, logo mudando de posição. Colocando-a de bruços deitou-se por cima do corpo feminino, apoiando-se nos braços começou a se mover. Penetrava-a lentamente demorando-se nas estocadas e, quando Sayuri empinou o traseiro rebolando ele soltou um suspiro em deleite.

Fechando novamente os olhos, Sayuri notou que a noite estava apenas começando para eles e, tentariam tomar o máximo de cuidado para não fazer muito barulho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Antes de acordar sentiu um cheiro bom próximo, espreguiçando-se virou na cama. O que foi um erro, pois, a queda foi inevitável e no susto agarrou o primeiro objeto que sua mão tocou que no caso foi o abajur. O barulho do corpo se chocando no chão e do abajur quebrando, fez Benjamin acordar assustado.

— Sayuri! – falou alarmado saindo da cama pelado, ajudando-a a se levantar. — Você se machucou? – perguntou a colocando sentada na cama observando o riso suave que ela tinha.

— Não – negou ainda rindo. — Que sexy eu fui agora.

Rindo, ele depositou um selinho nos lábios dela.

— Você...

— *Sayuri?* – foi interrompido pela voz do sogro por detrás da porta. — *Você está bem?*

— Eu – parou de falar pegando as roupas de Benjamin o entregando. — S-Sim! Eu só caí da cama, mas estou legal.

PERIGOSAS ACHERON

— *Você é a mulher mais sexy que existe!* — Benjamin sussurrou fazendo-a sorrir.

Envergonhada, ela o empurrou para a janela.

— *O almoço será às 2:00pm* — disse olhando-o vestir a calça.

Concordando com a cabeça Benjamin se afastou andando de costas até a janela, ao virar bateu com o dedinho no criado mudo. Segurando o palavrão Sayuri o olhou assustada.

— *Sayuri? Tem alguém aí com você?* — Urion questionou ao ouvir alguns sussurros vindo do quarto.

— O que? — repetiu nervosa. — *Vai!* — mandou observando Benjamin segurar o pé com uma expressão de dor, mas logo sair pela janela. — Não, eu estou sozinha.

— *Abra a porta!*

— Pai — alarmou-se observando Benjamin correr mancando pela rua. Rindo acenou para ele, mas ainda estava nervosa. — Eu estou pelada — disse a primeira coisa que veio na mente, mas logo bateu na testa.

— *E porque você está pelada? Tem algum homem com você?* — quis saber nervoso com a voz PERIGOSAS ACHERON

séria.

— Pai, não tem ninguém comigo. Eu vou tomar banho e já desço para ajudar a mamãe.

Apreensiva, escutou o pai respirar fundo.

— *Certo.*

Mordendo os lábios se jogou na cama, sentindo a gostosa dor no meio das pernas. Ontem à noite haviam aproveitado e feito em várias posições, pois, só tinham uma camisinha. Levantando-se rumou para o banheiro e tomou um rápido banho.

No andar de baixo Yumi preparava algumas panquecas. Colocou algumas em um prato e voltou-se à mesa, onde o filho estava com os braços cruzados a encarando. Sorrindo recebeu um pequeno sorriso do mais novo.

— Tudo bem? – perguntou arrumando a mesa.

— Sim – respondeu passando a mão no cabelo. — Mãe, a senhora sabe que estou namorado a Courtney – começou recebendo um aceno da

PERIGOSAS ACHERON

mais velha. — Eu pensei em trazê-la hoje para o nosso almoço – anunciou fazendo a mulher parar o encarando. — Acho que seria bom ela se enturmar com todos, ela se sentir mais à vontade com vocês.

— Tudo bem – falou dando um pequeno sorriso. — Eu só quero que você seja feliz.

— Obrigado. – Sorriu partindo um pedaço da panqueca. — Ela não está como antes.

— Isso é bom – comentou voltando-se para o fogão desligando o fogo. — Amor! – gritou chamando o marido.

Minutos depois ele apareceu na entrada da cozinha com uma expressão séria no rosto.

— Está tudo bem com ela? – quis saber.

Estavam na cozinha quando ouviram o barulho vindo do quarto da filha e, rapidamente Urion foi averiguar.

— Sim – concordou. — Está no banho.

Sentando-se colocou café na xícara. Lançando um olhar ao filho o viu comer despreocupado, próximo ano ele terminaria o curso. Estava orgulhoso, tinha dois filhos que qualquer pai sentiria orgulho. Sayuri adentrando a cozinha com um grande sorriso lhe chamou a atenção.

— Bom dia – saudou sorrindo beijando o rosto do pai, depois da mãe e logo em seguida do irmão. — Estou faminta – disse colocando uma panqueca no prato.

Urion a olhou desconfiado, tinha quase certeza de ter ouvido sussurros vindos de dentro do quarto da filha. E quando Sayuri lhe respondeu, parecia estar nervosa.

— Ontem você estava bem triste – Ian comentou tomando um gole de suco. — E agora está aí toda feliz. – Cruzou os braços. — Muito estranho.

Parando o que fazia ela o encarou, logo olhando os pais. A mãe lhe fitou sorrindo, já o pai lhe fitou de forma desconfiada.

— Ontem eu só fiquei com ciúmes do Benjamin – anunciou colocando um pouco de calda na panqueca —, mas já passou. Fui conhecer minha sogra ontem. – Sorriu lembrando-se. — Ela gostou de mim.

— Que bom – Yumi indagou olhando-a —, mas eu já sabia que ela iria gostar de você. É tão educada, amorosa, uma boa pessoa.

— Então vocês estão namorando sério? –
PERIGOSAS ACHERON

Urion questionou comendo um pedaço de panqueca.

— Sim — afirmou o fitando. — Estamos namorando sério.

Concordando, voltou a comer.

Ian o fitou, mas logo voltou sua atenção para a irmã.

— Sabe — murmurou encostando-se na cadeira. — Uma certa hora da noite, eu tive a impressão de ter ouvido gemidos.

Nessa hora a mais velha se engasgou com o suco. Sayuri parou com o garfo na altura dos lábios e Urion fitou a esposa que estava vermelha.

— G-Gemidos? Não ouvi nada — a matriarca falou um pouco envergonhada, lançando um olhar para o marido que sorria. — Você ouviu, Urion?

— Não — negou sorrindo.

Olhando o pai viu quando ele lhe sorriu e arqueou as sobrancelhas. Balançando a cabeça em negação voltou a comer, Sayuri mais calma fitou a comida. Pensava que o pai diria alguma coisa sobre, mas apenas deixou o assunto de lado.

— Hoje vou trazer a Courtney — anunciou fazendo a irmã e o pai olharem para a mais velha.

— Ela está ansiosa para ver todos vocês. — avisou observando a irmã sorrir.

— Terá comida para todos — Yumi disse sorrindo. — A vovó ligou ontem — proferiu fitando a filha. — Disse que sente saudades e que virá na sua formatura.

— Também sinto saudades da vovó. — Sorriu bebendo suco. — Ela deveria morar por aqui.

— Eu disse isso a ela — comentou com um pequeno sorriso —, mas você sabe como ela é.

Concordou sorrindo e segundos depois a campainha fora tocada.

— Eu atendo — Ian falou saindo da cozinha.

Vozes se fizeram presentes e junto a elas, uma voz infantil. Sayuri sorriu já sabendo quem era e, afastando a cadeira avistou o irmão segurando Leslie enquanto a pequena falava como um papagaio. Ao lado do irmão estava Grace e Bratt.

— Tia *Yuli* — exclamou sorridente, tentando descer do colo do outro. — Eu quero descer — choramingou rapidamente sendo colocada no chão.

Correu até ela e a abraçou.

Grace observava com amor sua pequena abraçar Sayuri, olhando-a viu como ela estava

PERIGOSAS ACHERON

crescida.

— Tia *Yuli* eu *tava* com saudades – falou olhando o prato com panqueca. — Eu fiquei *dodói*, mas depois eu fiquei curada e o papai disse que depois me dava um sorvete.

Grace deu um tapa no homem que apenas sorriu.

— Bom dia, gente – Grace saudou sentando-se à mesa junto com o marido. — Chegamos em boa hora.

— Bom dia, podem se servir. Estão em casa – afirmou tomando um gole do suco. — E essa princesa linda? Não vai dar um beijo na tia? – Fez bico chamando a menina que desceu do colo para abraçar a mais velha. — Que cheirosa.

— Minha mamãe que me deu banho – disse voltando a se sentar no colo de Sayuri —, mas eu lavei meu cabelo sozinha.

— Mas você ainda é bebê – Ian comentou fazendo-a encará-lo. — Como conseguiu lavar o cabelo sozinha?

A encarou com confusão, logo soltando um sorriso.

Surpresa, a menininha fitou a mãe que sorria.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas eu fiz sozinha — afirmou. — Né, mamãe?

— Sim, fez sozinha.

Sorrindo, Sayuri partiu um pedaço de panqueca e entregou a pequena.

Após o café da manhã os homens foram para o quintal e as mulheres ficaram na cozinha. Sayuri segurava a pequena enquanto assistia a um vídeo infantil no *youtube*, ali naquela situação a fazia seu lado materno aflorar, mas não estava em seus planos engravidar. Sorrindo se imaginou com um barrigão e Benjamin ao seu lado. Ficando séria balançou a cabeça, já estava ela de novo apressando as coisas.

— Mas então, Say. — A tia lhe chamou a atenção. — Seu namorado vem hoje?

— Vem. — Sorriu envergonhada. — Espero que o papai não seja muito duro com ele.

— Não se preocupe, filha — a mais velha pediu. — Seu pai vai se comportar.

— E o que ele faz, Say?

— Ah! O Ben tem uma academia — respondeu dando um pequeno sorriso. — Ele ensina *Kickboxing*.

— Hmmm... — Sorriu levantando as sobrancelhas para a mais jovem que sorriu desviando o olhar. — Então ele está apto para vir enfrentar o seu pai.

Riu deixando-a mais tensa.

— Ela está brincando — Yumi avisou lançando de aviso para a morena. — Não se preocupa que vai dar tudo certo.

Concordando voltou a prestar atenção na pequena.

Deitado na cama ele relembrava da noite maravilhosa que teve com Sayuri. Fizeram amor lentamente, mesmo que sua vontade fosse ir bem rápido e fundo.

Olhando rapidamente o horário viu que faltam três horas até dar a hora marcada, não negaria, estava nervoso. Sua mãe ligou e conversou sobre Sayuri com ele, Jilly tinha realmente gostado

PERIGOSAS ACHERON

de Sayuri.

Levantando-se da cama decidiu por fazer alguma coisa para passar o tempo. O celular tocando em cima da cama o fez voltar para pegar o aparelho. Franzindo o cenho viu que era Pheobe.

— Pheobe.

— *Oi, Benjamin, liguei para saber como você está.*

Saindo do quarto rumou para a cozinha.

— Estou bem e você? – perguntou enquanto abria a geladeira.

— *Bem também* – respondeu suspirando. — *Tirando meu rosto que ainda dói.*

Encostando-se na pia e trocando o celular de ouvido Benjamin franziu o cenho.

— Pheobe, você tem certeza que a Sayuri lhe bateu? – questionou com o tom de voz séria.

— *É claro que tenho! Você não acredita em mim?*

Passando a mão no rosto, Benjamin suspirou.

— A Sayuri me falou que não te agrediu.

— *E você acredita nela?* – retrucou com o tom de voz magoado.

— Acredito – falou sem pestanejar. — Você
PERIGOSAS ACHERON

mentiu sobre o tapa?

Pheobe ficou um minuto em silêncio, mas logo voltou a falar.

— *Benjamin, essa menina não é para você* — afirmou convicta. — *Ela...*

— Quer parar? — a interrompeu. — Não acredito que você se prestou a esse papel, o que tivemos já passou. Agora estou com a Sayuri e não admito que você ou quem quer que seja fale algo sobre meu relacionamento com ela.

— *Você prefere me trocar por ela?* — quis saber magoada. — *Não falo sexualmente, mas você me conheceu primeiro. E agora está querendo me tirar da sua vida?*

— Não quero isso — disse caminhando para a sala —, mas isso o que você fez foi errado. Ela é minha namorada.

— *Eu vou desligar e não se preocupe que não vou mais te procurar.*

— Pheobe...

— *Não, Benjamin* — o interrompeu encerrando a ligação.

Suspirando deitou-se no sofá. Talvez fosse melhor assim, apesar de que tinha passado bons

PERIGOSAS ACHERON

momentos de solteiro com ela. Agora era um homem comprometido e muito apaixonado por Sayuri.

Sentando-se ele notou que estava completamente apaixonado por Sayuri. Sorrindo foi tomar um banho, antes de ir se encontrar com Sayuri iria no shopping. Se iria pedir ao pai da Sayuri para namorá-la, então que tivesse um anel de compromisso.

Nunca se imaginou usando um, mas até seria bom usar. Adentrou o box e começou a tomar banho.

Ajudava a mãe a colocar os pratos na mesa do quintal. O pai conversava sobre as lojas com o loiro, Ian foi buscar Courtney. A pequena estava no colo da mãe conversando sobre alguma coisa que Sayuri não conseguia entender o que. Voltando para a cozinha viu a mais velha enxugando as mãos em um pano de prato.

— Eu vou tomar um banho rápido — anunciou olhando a filha acenar positivamente com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Fica de olho no forno para mim?

— Claro.

Foi até a geladeira pegou uma garrafa de água a bebendo. Se perguntava o que Benjamin estaria fazendo agora. Sorrindo fechou os olhos lembrando-se de como era bom estar nos braços dele.

— Muito ocupada? – a voz do mais velho a assustou.

— Pai – murmurou sorrindo. — O senhor me assustou.

— Me desculpe – pediu a encarando. — Então hoje teremos torta? – indagou observando o forno ligado.

— Sim. – Sorriu cruzando os braços. — A famosa torta da Dona Yumi.

Escorando-se na pia ele a encarou.

— Estou ansioso para conhecer seu... namorado – proferiu franzindo o cenho.

Aproximando-se o abraçou.

— O senhor irá adorá-lo – afirmou olhando-o nos olhos. — Ele é um bom homem. Por favor, seja bonzinho?

— Eu sou um amor – respondeu fazendo-a rir

PERIGOSAS ACHERON

—, mas não se preocupe. Vou tentar não ser chato.

— O senhor não é chato – negou rindo. — É um amor.

Abraçando-o novamente viu quando o tio adentrou a cozinha.

— Que cena linda – disse rindo. — Mal posso esperar para conhecer seu namorado – afirmou fazendo-a sorrir. — O seu pai passou mal umas trezentas vezes só de pensar nisso, ele não quer admitir que está ficando velho.

— Rá rá – exclamou sério. — Quero só ver quando for a vez da Leslie – continuou fazendo o loiro parar de rir.

— Que sem graça.

Afastando-se dos dois foi até o forno verificando a torta. Notando-a pronta desligou o forno.

— Eu vou me arrumar – avisou recebendo acenos dos dois.

Saindo da cozinha se encaminhou para o quarto. Daqui duas horas Benjamin estaria ali, o vestido que usaria estava estirado em cima da cama. Prendendo o cabelo se encaminhou para o banheiro, quinze minutos depois saía enrolada em

PERIGOSAS ACHERON

uma toalha.

Foi até a bolsa e pegou uma lingerie preta, só a parte de baixo. Pois, o vestido tinha o corpete e bojo – o que dispensava sutiã. Secando o corpo, começou a vestir a roupa. Já vestida pegou a maquiagem, passaria uma maquiagem básica.

Com o indicador passou no batom vermelho e delicadamente contornou os lábios com ele. Sorrindo, limpou o dedo e logo soltou o cabelo. Segurando o perfume borrifou nos pulsos e pescoço.

Após calçar os pés com a sapatilha pegou o celular. Saindo do quarto se encaminhou para o quintal e antes que chegasse onde todos estavam a porta da frente foi aberta, dela Ian adentrou ao lado de uma loira que observava a casa com extrema curiosidade.

Sorrindo aproximou-se do casal.

— Oi, Courtney. – Sorriu estendendo a mão para a loira. — Tudo bem?

— Oi – respondeu a encarando de cima a baixo, parando os olhos na sapatilha que ela usava. — Muito bem e, você?

Voltou os olhos para o rosto jovem.

— Bem — murmurou relanceando para o irmão. — Fiquei feliz quando o Ian avisou que traria você, todos estão lá atrás.

— Você está linda, *One-chan* — Ian elogiou sorrindo enquanto puxava a namorada. — Vamos socializar lá atrás. Quando o seu namorado vem?

— Logo.

Sorriu olhando o sorriso que ele lhe lançou e, fitando a loira, a viu dar um sorrisinho de lado.

Podia ser impressão dela, mas Courtney parecia não estar se sentindo muito à vontade na casa. E não parecia alguém tímida por conhecer a família do namorado, mas alguém que não havia gostado de estar ali. Esperava estar errada nos julgamentos.

Pronta para se afastar ouviu quando um carro estacionou.

Arrumando o cabelo e respirando fundo esperou que a campainha tocasse. E quando a mesma foi tocada, ela abriu a porta com um grande sorriso. Logo se deparando com o tio ruivo, ao seu lado estava a esposa e o filho.

Os três sorriam.

— Oi, tio! — Sorriu. — Vamos entrando.

— Nossa! É impressão minha ou você ficou triste? – Johan questionou a abraçando. — Estava morrendo de saudades da minha sobrinha favorita e, sou recebido dessa forma.

— Não fiquei, tio – respondeu separando-se do abraço. — Só pensei que era outra pessoa – disse abraçando a tia e, logo em seguida o primo. — Clint! Como você está grande!

— Você é só três anos mais velha – proferiu sentindo o perfume que exalava dela. — Está cheirosa! Se arrumou toda assim para me reencontrar? Somos primos, não se esqueça.

Sorrindo se afastou. Clint era da altura de Ian, usava uma calça jeans, blusa branca, uma jaqueta jeans por cima e tênis *AllStar* branco.

— Me arrumei para ficar bonita – contrapôs fechando a porta. — E também meu namorado está vindo.

Johan a encarou pasmo, segurando a mão da esposa a fitou em dúvida.

— Eu ouvi direito ou a Sayuri disse que o namorado está vindo?

Rindo, Meghie confirmou o fitando.

— Onde Urion está? – o ruivo perguntou

PERIGOSAS ACHERON

deixando um sorriso brotar. — Eu não acredito que vou presenciar seu namorado no mesmo recinto que o chorão do seu pai.

— O que está falando de mim? — o mais velho adentrou o lugar abrindo os braços. — Que bom que chegou.

Sorriu abraçando-o.

— Cara, Sayuri está namorando — comentou como se o homem não soubesse. Crispando os lábios Urion confirmou lançando um olhar para a filha. — Dá para acreditar que sua princesinha está namorando? Aquela mesma que pedia colo e, que quando ficava com medo procurava o papai para se sentir protegida — tripudiou, Meghanie encarou os dois balançando a cabeça. — Parece que foi ontem que ela aprendia a andar, que você a colocava para dormir e...

— Eu já entendi — o interrompeu bufando fazendo o ruivo rir. — Vamos lá para trás, preciso de uma bebida. E uma fita isolante para tapar essa sua boca grande.

Lançando um olhar debochado para Sayuri, Johan abraçou o amigo pelos ombros e rindo começaram a caminhar. Parada no lugar, Sayuri

PERIGOSAS ACHERON

encarou-os indo para o quintal, um carro estacionando lhe chamou a atenção. Abrindo a porta da frente fitou Benjamin sair do automóvel segurando um ramallete de flores.

Sorrindo observou o caminhar decidido que o homem tinha, mordendo os lábios fitou-o de cima a baixo. Começando dos pés que calçavam os coturnos, subindo fitou a forma como a calça se agarrava as coxas grossas – coxas aquelas que ela adorava sentar –, suspirando observou a camisa azul que ele usava. As mangas da camisa arregaçadas até os cotovelos, dois botões da frente abertos deixando uma parte das tatuagens a mostra.

— Oi. — A voz rouca a tirou dos pensamentos. — Você está linda.

Puxando-o para dentro o beijou, pegando-o de surpresa. Mas logo a surpresa se foi e o desejo de ter os lábios para si o pegou com força. Tirando-a do chão a beijou com posse.

O beijo tinha uma sincronia gostosa que o deixava a cada minuto louco de desejo. Separando os lábios em um selinho, Sayuri encarou os olhos escuros de Benjamin. Sorrindo foi correspondida da mesma forma.

— Oi – o respondeu sentindo os pés tocarem o chão. — Essas flores são para mim?

— São para minha sogra – falou pegando-a de surpresa —, mas para você não dizer que sou um namorado ruim – puxou do ramalhete uma rosa. — Uma rosa para uma flor.

Rindo balançou a cabeça pegando a rosa.

— Obrigada.

— Só ganho um obrigada? – questionou fitando os lábios femininos. — Não ganho um beijo?

— Mas eu já te beijei – contrapôs sendo puxada para junto do peito musculoso. — Como está seu dedinho?

— Não mude de assunto – murmurou aproximando os lábios do dela. — Meu beijo.

Sem falar mais nada soltou um gemido quando sentiu o lábio ser mordido, mas logo sendo chupado. A barba de Benjamin – agora mais crescida – esfregava em seu rosto fazendo cócegas. Dando um breve sorriso, sentiu o lábio ser puxado novamente em uma mordida.

Abraçando-o pelo pescoço foi erguida, o braço em sua cintura a puxava mais para junto.

Alheios ao que aconteciam ao redor, ouviram um pigarro fazendo com que os dois se separassem. Passando a mão nos lábios Sayuri encarou o pai que observava de forma séria.

— P-Pai – gaguejou nervosa. — Esse é o Benjamin – disse sentindo Benjamin a acariciar na cintura, antes de ir cumprimentar o mais velho. — Meu namorado.

— É um prazer conhece-lo, senhor.

Sorriu sendo cumprimentado por Urion.

Um riso chamou a atenção dos três e, Yumi rindo se aproximou.

— Olá, Benjamin – saudou o abraçando. — Fico feliz que tenha vindo.

— Obrigado – agradeceu. — Trouxe essas rosas para a senhora.

— Obrigada – falou encantada, Urion franziu o cenho para a cena. — Obrigada, não precisa me chamar de senhora. Não sou tão velha assim, me chame de Yumi.

Sorrindo, Sayuri aproximou-se de Benjamin lhe segurando a mão.

— Então, Benjamin – Urion o fitou cruzando os braços. — Quantos anos tem?

Sayuri encarou o pai em um pedido mudo para que ele não fizesse nada que a envergonhasse.

— Trinta e três.

— Sabia que a minha filha só tem vinte e três?

— Pai! – Sayuri exclamou com o cenho franzindo.

Confuso Benjamin encarou a namorada antes de fitar o homem a sua frente.

— Perdão?

— Só um momento, Benjamin – Yumi pediu sorrindo. — Filha, leve seu namorado para conhecer os outros.

Lançando um último olhar para o mais velho, Sayuri saiu puxando Benjamin pela mão.

Após a saída da filha Yumi voltou-se para o marido, estava séria. Tinha uma expressão no rosto que geralmente ela não usava.

— Pode me explicar qual é o seu problema?

Cruzando os braços ele a fitou da mesma forma que ela.

— Você ouviu a idade dele?

— Urion, por favor me poupe – exclamou indo para a cozinha sendo seguida pelo homem. —

Quando eu te conheci eu tinha vinte e quatro anos e ainda tinha a Sayuri, você era um ano mais novo que o Benjamin.

— Mas era diferente — murmurou franzindo o cenho.

— Diferente como? — quis saber o encarando. Em silêncio, ele procurou uma desculpa para dizer. Suspirando esfregou o rosto.

— Você sabia que o seu genro acha que você não gosta dele por ele ser negro? — perguntou deixando-o surpreso. — Acha bonito isso?

— Não tenho preconceito com ele ser negro — afirmou ofendido. — Que ideia.

— Então trate de se desculpar com ele — mandou séria. — E aceite que sua filha cresceu.

— Eu não quero ver minha filha sofrer — disse fazendo-a soltar um pequeno suspiro. — Isso deles aconteceu muito rápido, você não vê?

— O nosso romance também — o lembrou colocando as rosas na mesa, aproximando-se dele. — Eu com vinte e quatro anos, a Sayuri uma bebê de cinco meses e pessoas maldosas na nossa cola. — Mordeu os lábios lembrando-se. — E você me ajudou. — Sorriu sentindo os olhos cheios de PERIGOSAS ACHERON

lágrimas. — Passamos uns dias juntos então eu vi que não podia mais viver sem você, outras pessoas também diriam *nossa que rápido*, mas era como se nos conhecêssemos há tempos. Uma linda história de amor começa assim.

Dando um sorriso de lado, Urion acarinhou o rosto da mulher.

— Você tem razão — aproximando-se depositou um selinho nos lábios feminino. — Eu vou falar com ele.

— Isso.

— Eu fiquei excitado com você toda mandona e séria — avisou fazendo-a sorrir. — Quero essa Yumi mandona na cama hoje.

Envergonhada balançou a cabeça, ele não mudava nunca.

Sayuri sorria puxando Benjamin para o quintal, assim que passou pela porta todos se calaram os observando. Ainda sorrindo aproximou-se dos tios, Bratt observava confuso, mas sorrindo os dois.

— Benjamin? – questionou deixando Sayuri surpresa, relanceando para o namorado o viu sorrir também surpreso.

— Bratt?

— Você é o namorado da Sayuri? – quis saber o cumprimentando, sendo correspondido.

— Sim, sou. – Sorriu observando a filha pequena do loiro. — E você o que faz aqui?

— Eu sou o tio dela. – Apontou para Sayuri que sorria agarrada a cintura de Benjamin. — Estou surpreso.

— Eu também estou, não sabia que se conheciam – disse Sayuri. — Então esse é meu tio Bratt, a esposa dele. – Apontou para Grace. — Tia Grace e a Leslie.

— A copilota. – Acenou recebendo um aceno tímido da pequena. — Prazer em te conhecer – falou para Grace que sorriu acenando. — E em te rever Leslie – anunciou vendo a loirinha sorrir escondendo o rosto na curva do pescoço da mãe.

— Esse é meu tio Johan – murmurou observando o homem ficar de pé estendendo a mão em um cumprimento. — A esposa dele Tia Meghanie e o filho deles Clint. Tenho um outro tio,
PERIGOSAS ACHERON

mas ele não pôde vir.

Acenando Benjamin sorriu para todos.

— Ele está em uma campanha — Johan afirmou sentindo a mão ser agarrada. — Prazer em te conhecer, Benjamin. Já conheceu o sogro? Não ligue muito para ele, Urion é ciumento demais. Sempre teve ciúmes por Sayuri gostar mais de mim do que dele.

— Tio.

Sayuri sorriu encarando Benjamin.

— Eu estou mentindo? — perguntou brincalhão.

Ian levantando-se e aproximando-se chamou a atenção.

— Ben, esse é meu irmão Ian — apresentou sorridente. — Ian, esse é meu namorado.

Concordando, Ian o encarou sério.

— E aí? — perguntou levantando a mão em um soquinho. — Se você fizer minha irmã sofrer, saiba que eu sei lutar *karatê*.

Revirando os olhos Sayuri fitou o irmão.

— O Benjamin tem uma academia — proferiu fazendo Ian a encará-la. — Ele é professor de *Kickboxing*.

Na mesma hora Ian soltou uma risada e levando a mão ao cabelo desconversou.

— Bem-vindo a família, cunhado.

— Que papelão – alguém falou e algumas risadas foram ouvidas.

— Vamos, Benjamin. Senta com a gente – Bratt chamou e nessa hora Urion apareceu ao lado de Yumi.

— Posso falar com você, Benjamin? – o mais velho perguntou.

Concordando com a cabeça foi em direção ao sogro. Antes de sair fitou Sayuri que o encarava e para mostrar que estava tudo bem ele sorriu. Passando pela mais velha recebeu um sorriso, andava atrás do homem até ficarem no meio da sala.

— Gostaria de me desculpar com você – Urion proferiu o encarando. — Eu não fui muito educado nas vezes que eu o encontrei.

— Tudo bem, senhor.

— Não – negou passando a mão na barba. — Não quero que você acha que eu tenho algo contra você – falou fazendo-o concordar com a cabeça —, mas você viu o que aquele desgraçado tentou fazer

PERIGOSAS ACHERON

com a minha filha. Eu só sou um pai protetor, acabo sendo chato, mas eu só quero o bem da minha filha.

— Eu entendo, senhor — responde sério —, mas quero que saiba que eu gosto da Sayuri e jamais faria algo para magoá-la, ela é especial para mim. E pode ter certeza que vou protege-la com a minha vida se for necessário, para que nada de ruim aconteça com ela.

Urion surpreso encarou o homem a sua frente e uma cena dele falando com o pai da Yumi lhe atingiu com tudo. Ele também já havia dito aquilo para o sogro e, pela expressão de Benjamin podia notar que ele falava sério.

Concordando passou a mão na barba enquanto encarava os sapatos.

— Eu gostaria de aproveitar e pedir a sua permissão — disse chamando a atenção do mais velho, do bolso da calça Benjamin tirava uma caixinha preta. Deixando Urion assustado. — Para...

— Minha filha está muito nova para casar! — exclamou nervoso sentindo a respiração descompassada.

— Não, não é casar – murmurou dando um sorriso de lado. — Quero pedir a mão da sua filha em namoro, formalmente – continuou fazendo Urion respirar aliviado. — Ela me disse que o senhor apreciaria isso, quero pedir hoje no lugar especial que pensei em levá-la.

— Certo – concordou mais calmo. — Pode pedir, vou tentar não ser muito chato em relação a vocês, mas eu exijo que você a respeite e, se eu souber que fez algo contra ela você vai se arrepender.

— Não se preocupe senhor, minha meta é fazê-la feliz.

Concordando o homem fitou a porta do quintal.

— Vamos voltar para lá. – Indicou o caminho andando ao lado do genro, ao passar pela porta notou Sayuri encarando-os. Parecia apreensiva, dando um pequeno sorriso aproximou-se dela abrindo os braços. — Me desculpe pela cena – pediu quando ela o abraçou.

— O que vocês falaram?

— Coisas de homens – o mais velho lhe respondeu deixando-a séria. — Estou brincando, só
PERIGOSAS ACHERON

conversamos.

Afastando-se do mais velho, Sayuri foi para Benjamin e o abraçou. Suspirando com um pequeno sorriso Urion sentou-se ao lado da esposa.

— É, Urion – Johan murmurou chamando as atenções para si. — Sua princesa está mesmo namorando.

— Não começa – Urion respondeu revirando os olhos.

Sorrindo Sayuri voltou sua atenção para Benjamin, o beijando.

— Vamos comer!

As horas foram passando e Benjamin gostava de estar ali em meio aquelas pessoas. O mais velho também conversou com ele e até sorriu, o que o deixou mais calmo. Parece que a primeira impressão que o sogro teve de si se foi e, ele agradecia por isso. Não queria desentendimentos com o sogro.

Em poucas horas conversando com Johan, começou a entender o motivo do ruivo ser o tio

PERIGOSAS ACHERON

preferido da Sayuri. O homem era realmente engraçado e, boa parte do almoço foi ele brincando com Urion. Por um momento ele pensou que o sogro se zangaria com algumas coisas, mas diferente do que ele pensou Urion apenas revirou os olhos ignorando-o.

Sayuri sempre ao seu lado sorria com as palhaçadas do tio.

Boa parte do almoço Leslie ficou no colo de Sayuri e, não negaria que ficou encantado com a forma carinhosa que ela tratava a pequena. Mostrava que seria uma boa mãe.

— Na sua formatura estarei aqui — Johan exclamou fazendo Sayuri sorrir. — Essa ocasião não perderei, ninguém aqui vai perder.

— Obrigada, tio — agradeceu sorrindo. — É importante que todos estejam lá.

— Será a formanda mais linda que já teve em todos tempos.

— Qual é o seu curso mesmo, Sayuri? — Courtney que passou o almoço todo se limitando a falar lhe dirigiu a palavra.

— Pedagogia.

— Ah! — exclamou dando um gole do suco.

— Bem legal e, onde você está estagiando?

— No Stewart McNaight College — respondeu não perdendo o olhar desgostoso que a loira lhe lançou. — Algum problema?

Todos observavam em silêncio a conversa das duas.

— Não, imagina — riu relanceando para Ian que a fitou em silêncio —, mas imaginei que estaria em grandes colégios e não perdendo tempo com aquele colégio onde, vamos combinar, né? — Riu olhando-a. — Boa parte ali já sabemos onde vão parar.

Incomodada com a fala da loira a encarou.

— Acho que você está enganada — retrucou fazendo-a para de sorrir. — Eu não perco meu tempo e, diferente do que você acha eu sei que cada um é capaz de se dar bem na vida, pois, estou com eles todos os dias da semana. E eu sei o quanto cada um é estudioso e tem um futuro brilhante pela frente.

— Nossa, eu magoei você? — quis saber colocando a mão no seio. — Juro que não foi minha intenção, só queria dizer que já que você vai ser professora então porque não trabalhar em um

PERIGOSAS ACHERON

colégio aceitável?

Ian a encarou um pouco envergonhado, voltando sua atenção para a irmã a viu respirar fundo.

— Acho melhor irmos, Courtney – Ian disse levantando-se. — Você ainda tem alguma coisa para estudar, então, vamos logo embora.

Jogando o cabelo para o lado a loira voltou sua atenção para a matriarca que a observava atentamente enquanto bebia um copo de suco.

— A sua comida estava boa. – Sorriu. — Me senti comendo naqueles restaurantes bonitinhos de beira de estrada.

Surpreendida a mulher a fitou.

— A única diferença é que não cuspi na sua comida. – Sorriu simpática fazendo Johan prender o riso. — Tchau, querida.

Acenou fitando o filho que a olhava um pouco tenso em um pedido de desculpas.

Após a saída dos dois, Johan assoviou chamando a atenção de todos.

— Que bonitinha essa namorada do Ian, um amor – disse sorrindo e tentando desfazer o climão —, mas me fala como vocês se conheceram? Vocês

PERIGOSAS ACHERON

não disseram.

Interessado, Urion observou os dois.

Sayuri um pouco nervosa sorriu fitando Benjamin, a mais velha sabia da verdade porque Sayuri havia contado dias atrás. Mas os outros não sabiam, lançando um olhar para a mãe a viu sorrir de lado.

— Nos conhecemos na livraria do shopping – anunciou fitando Benjamin rapidamente. — E depois fui morar em um apartamento ao lado dele.

— Então ela veio reclamar do barulho do meu som – disse e sorriu a encarando. — Sempre nos topávamos pelos corredores.

— Sim e você educadamente desligou o som. — Sorriu fazendo-o levantar uma sobrancelha. — Aconteceu outras coisas que nos aproximou – disse não querendo entrar em detalhes.

— Eu espero que vocês sejam felizes – Meghanie disse recebendo sorrisos. — Nem dá para acreditar que você já está namorando, me sinto uma velha.

— Eu não me sinto velho – Johan retrucou recebendo um tapa no braço. — Até porque quando me veem ao lado do Clint acham que somos PERIGOSAS ACHERON

irmãos.

— Não é para tanto, pai – interpôs revirando os olhos.

— O único velho que tem aqui é o Urion – o ruivo afirmou sorrindo —, mas não se preocupe. O seu preferido também está velho. Sabia, Benjamin, que o preferido do Urion é o Bratt? Isso desde muito tempo.

Revirando os olhos Urion abraçou a esposa.

— Que feio falar do Bratt assim, sabendo que ele não está aqui para se defender.

Bratt e a esposa com a filha foram cedo, pois, Leslie estava dormindo e o casal tinha planos para a noite.

— Não disse? – Apontou enquanto olhava Benjamin. — O preferido.

— Por que não fala que sente ciúmes do Urion com o Bratt? – Meghanie questionou sorrindo.

— E quem disse que eu tenho? – perguntou olhando-a. — Qual lado você está mesmo?

— O seu, amor. – Sorriu o beijando rápido. — Acho melhor irmos, temos ainda o jantar com aquele sócio da marca.

Bufando, ele concordou. Não gostava do sujeito, pois, o mesmo ficava olhando demais sua Meghanie.

— Eu nem queria ir. Aquele cara é um pé no saco – comentou levantando-se. — Ele acha que eu não vi a forma como ele te olha.

Envergonhada, Meghie fitou os outros.

— Yumi. – Abraçou-a. — Temos que marcar algo nosso. Próximo mês teremos férias.

— Adoro férias – Clint comemorou abraçando Sayuri e logo depois apertando a mão de Benjamin. — Cuida bem da minha prima.

— Pode deixar.

Depois de abraçar os tios, Sayuri fitou-os irem embora conversando com os mais velhos. Após ficar a sós com Benjamin, ela sentou no colo dele e o puxou para um beijo.

— O que achou deles? Meu pai foi muito duro com você? – quis saber após parar o beijo.

— Adorei todos, seu Tio Johan é mesmo o mais legal – afirmou fazendo-a sorrir confirmando.

— Sobre o seu pai não se preocupe – pediu lhe acarinhando o rosto. — Conversamos e eu tenho uma surpresa para você.

Surpresa, ela o encarou.

— Que surpresa?

— Uma surpresa. – Deu de ombros fitando os lábios rosados. — Que tal me beijar de novo, quem sabe eu te digo a surpresa.

Sorrindo, ela o abraçou pelo pescoço sentindo um braço dele lhe arrodar a cintura e uma mão descansar em sua coxa desnuda. Beijando-o sentiu quando a língua masculina pediu passagem para adentrar em sua boca.

Soltando um gemido inclinou a cabeça sentindo os lábios de Benjamin lhe reivindicar. Adorava o beijo dele, era gostoso. Deixava-a completamente embriagada.

Remexendo-se no colo dele sentiu quando a pressão em sua cintura aumentou. O pai pigarreando a fez parar o beijo e rapidamente sair de onde estava sentada.

— Vocês ficam para o jantar? – Yumi perguntou suave abraçada a cintura de Urion.

Sayuri encarou Benjamin em uma pergunta.

— Não, senhora – Benjamin negou levantando-se. — Temos um outro lugar para irmos, mas obrigado. Tenho que ressaltar que sua

PERIGOSAS ACHERON

comida é uma delícia, a torta nem se fala. Muito gostosa.

— Você sim sabe elogiar.

Sorriu observando-o.

— Só disse a verdade – respondeu sorrindo, logo lançando um olhar para Sayuri. — Vamos?

— Sim. – Alisando o cabelo aproximou-se do pai o abraçando. — Eu te amo, pai.

— Eu também te amo, princesa – falou a abraçando apertado. — Sempre – disse alisando o rosto macio.

— Eu também te amo, mãe.

Abraçou-a.

— Minha filhinha.

Separando-se do abraço fitou Benjamin.

— Vou buscar minhas coisas – murmurou o beijando.

Observava-a sair, mas logo voltou sua atenção para o sogro.

— Foi um prazer conhecer o senhor formalmente. – Estendeu a mão sendo logo apertada. — E a senhora também.

— Já disse para não me chamar de senhora.

Minutos depois Sayuri descia segurando a

PERIGOSAS ACHERON

mochila que foi logo pega por Benjamin. Acenando para os mais velhos saíram em direção ao carro e, antes de adentrar o automóvel viu os pais parados na porta.

Mandando beijos e acenando, entrou no carro.

— Qual é a surpresa?

— Meu Deus – Benjamin exclamou sorrindo lhe lançando um olhar. — Quando estiver na hora você vai saber.

— Que mal.

Sem falar mais nada esperou que ele chegasse no destino. Após algumas horas Sayuri percebeu que se aproximavam do *Hudson River Park*, adorava aquele lugar – apesar de ter ido poucas vezes – o *Hudson River Park* ficava as margens do rio Hudson.

Descendo do carro começaram a caminhar até uns bancos, abraçando-a sentiu o cheiro que ela exalava.

Em frente a esses bancos estava o rio,
PERIGOSAS ACHERON

aproximando das grades Sayuri fitou como o rio se movimentava na noite. A água escura brilhosa fazia uma paisagem linda.

— Aqui é tão lindo – murmurou olhando ao redor, perto de onde eles estavam haviam alguns adolescentes. — Fazia tempo que não vinha aqui.

— Eu queria que essa noite fosse perfeita – afirmou deixando-a virada para si. — Pedi ao seu pai para namorarmos.

— Mas a gente já namora – disse entre confusão e surpresa.

— Você me disse ontem que ele era das antigas, então... – Enfiou a mão no bolso e retirou a caixinha, deixando Sayuri sem palavras. — Eu fui no shopping e comprei essas alianças de compromisso.

Abriu a caixinha mostrando as duas alianças.

— Eu ia comprar só uma para você – continuou quando a viu muda —, mas a vendedora falou que se eu não usasse uma não valeria de nada, então...

Sorriu retirando as duas alianças.

— Benjamin – balbuciou emocionada. — É lindo da sua parte, mas você tem certeza?

PERIGOSAS NACIONAIS

— É claro – falou como se fosse óbvio. —
Você não quer? – perguntou franzindo o cenho.

— Quero! – Sorriu estendendo a mão direita.
— Eu não estou acreditando.

— Para todo mundo que olhar sua mão ver
que você tem um namorado.

Sorrindo, ela pegou a outra aliança colocando
no dedo dele e, sem esperar o puxou para um beijo.
O cabelo balançava com o vento e sentia-se ser
imprensada contra as grades de ferro. Abraçando
Benjamin pelo pescoço sentiu quando a mão grande
e quente dele lhe acariciou o rosto e o outro braço a
arrodeava.

A língua acariciava a sua, as vezes a
chupando. Fazendo-a gemer por mais, Benjamin
era muito habilidoso com tudo que fazia. Isso era
fato e, só pararam quando os mesmos adolescentes
de antes começaram a assoviar soltando piadinhas
com os dois. Separando os lábios dos dela,
Benjamin encarou os rapazes.

Abraçando-se Sayuri lançou um olhar para os
meninos, deveriam ter no máximo dezesseis anos.
Retirando a jaqueta que usava a entregou vendo-a
vesti-la.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos comer alguma coisa. — Segurou-a pela cintura. — Ali naquele carrinho de cachorro quente.

Apontou.

Concordando, fitou mais uma vez a aliança de compromisso. Sorrindo abraçou-se mais em Benjamin. Após comprarem os cachorros quentes sentaram-se no banco e, quando finalizaram ainda ficaram ali abraçados observando o movimento do rio. Lançando um olhar para Sayuri a viu cochilando. Sorrindo lhe acariciou o rosto.

— Hey, vamos para casa.

— Eu nunca comi tanto, como comi hoje — falou com um pequeno sorriso.

— Se você não estivesse com sono eu iria sugerir um exercício antes de dormir — murmurou safado, fazendo-a sorrir.

— Seu safado! — Espreguiçando-se ficou de pé, mas ainda sim tinha uma carinha de sono. — Agora só quero tomar banho e me deitar, dorme comigo hoje?

Assentindo, a abraçou começando a caminhar para o carro.

Quando chegaram ao apartamento os dois

PERIGOSAS ACHERON

tomaram banho e se deitaram abraçados, estavam gratos pelo dia de hoje. Isso eles não negariam.

Fechando os olhos Sayuri deixou que a inconsciência a tomasse, mas antes teve a impressão de ter ouvido Benjamin falar alguma coisa. E se ela não estivesse tão cansada diria que tinha ouvido *eu te amo*.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Suspirava enquanto parava em frente ao trabalho do filho. Ao redor via algumas pessoas andando entretidas em conversas em grupos, dentro da academia tinham várias pessoas. Adentrando o local procurou o filho e o viu lutando com um outro homem e, alguns adolescentes observando. Observava em silêncio a agilidade que Benjamin tinha, sem poder negar sentiu orgulho.

Colocando um sorriso no rosto se aproximou do filho e assim que foi visto por ele, acenou.

— Filho!

Respirando fundo Benjamin encarou o homem de forma séria. Pensava que da última vez que o havia visto, tinha deixado claro que não o queria por perto. Olhando para Cosby indicou que ficasse com os alunos, após receber um aceno do homem se encaminhou para perto do mais velho.

— O que faz aqui? – perguntou sério. — Já deixei claro que não quero você por perto.

— Filho, por favor! Me deixe explicar o motivo...

— Eu quero que você vá embora! — o interrompeu falando baixo para não chamar a atenção. — Não entende que não quero saber?

— Por favor, Benjamin — pediu olhando-o nos olhos. — Me ouça e se quiser eu vou embora depois, eu só quero poder dizer os meus motivos. Estou velho, preciso que você me ouça. Por favor, me dê alguns minutos.

Respirando fundo observou o homem a sua frente, desviando a atenção para o lado de fora ele concordou com a cabeça. Voltando a olhar o mais velho, ele decidiu dar uma oportunidade para ele falar o que precisava.

— Tudo bem — murmurou notando o homem sorrir —, mas depois disso eu quero que você vá embora.

— Certo, filho.

— E por favor, não me chame de filho — exclamou ainda sério recebendo um aceno. — Me espere lá fora, vou buscar as chaves do carro.

Dizendo isso deu as costas ao mais velho, apressadamente foi até a sala do amigo. Ao abrir a porta pôde ver o loiro falando no celular, mas ao ver sua expressão se despediu com quem falava e o

PERIGOSAS ACHERON

fitou em pergunta.

— Ele está aqui novamente — avisou sério. — Me pediu para conversar, vou terminar logo com isso para que ele possa ir embora de uma vez.

— Você tem certeza?

— Sim — concordou passando a mão na barba. — Quer coisa me liga, eu deixei o Cosby no meu lugar — disse indo para fora.

— Tudo bem, boa sorte.

Acenando, saiu fechando a porta e indo em direção aonde ele guardava a mochila. Pegando tudo se encaminhou para fora, no estacionamento avistou o homem parado ao lado do carro. Desligando o alarme indicou para que ele entrasse, logo tomando o lugar do motorista.

Em silêncio saiu da vaga, iria em uma cafeteria que tinha ali próximo. Poderia ir onde Pheobe trabalhava, mas evitaria por enquanto entrar em conflito com a mulher. Ela, apesar de tudo era sua amiga, mas o fato dela ir contra ao relacionamento dele o deixava um pouco triste. Pensou que depois de tudo que passaram poderiam ser bons amigos, pois, eram adultos. Mas parece que não iria acontecer.

Gerard observa com os olhos brilhando o interior do carro do filho. Um carro chique que com certeza não havia custado muito para o filho, afinal, ele tinha uma academia. Minutos se passaram e Benjamin estacionou em uma vaga em frente a uma cafeteria, crispando os lábios desceu do carro. Rapidamente o filho andou em direção a uma mesa, sentando-se na frente dele, sorriu.

— Fico feliz por você me dar uma chance.

— Não fique – retrucou batucando o dedo na mesa. — Só quero saber o porquê de aparecer depois de trinta e três anos.

Um pouco surpreendido pelo fala do mais novo, resolveu adotar uma expressão de tristeza. Talvez o filho tivesse um pouco de compaixão.

— Fi... – parou lembrando-se da exigência do outro. — Benjamin, quando sua mãe me disse que estava grávida eu fiquei com medo. Éramos jovens – disse fitando o olhar imparcial que o filho lhe dirigia. — Não teríamos futuro, eu não teria como bancar uma mulher e um filho. Me perdoe, filho.

PERIGOSAS ACHERON

Eu só preciso que você me dê uma chance, eu quero o conhecer mais.

Benjamin ouvia calado, só conseguia imaginar tudo o que ele e a mãe sofreram. Nas humilhações que Jillian passou para que pudesse ter algum dinheiro para comprar comida.

— Sabe — começou o fitando. — Eu era pequeno, mas me lembro que minha mãe deixava de comer para que eu pudesse dormir alimentado. Lembro também de inúmeras vezes vê-la chorar pensando que eu estava dormindo, apesar de tudo, ela não me deixou passar fome. Com todas as dificuldades, minha mãe sempre foi uma guerreira e, diferente de você, ela foi a luta. Ela sozinha me educou, me deu comida, abrigo e roupas — exclamou notando o momento que Gerard desviou os olhos. — Ela também era jovem, era sozinha, mas mesmo assim ela me criou. Você poderia ter feito o mesmo, mas você foi covarde e só pensou em você.

— Eu era imaturo — tentou gesticulando. — Por favor, filho...

— Por que você voltou? — o interrompeu sério. — E não me diga que para me conhecer, eu

PERIGOSAS ACHERON

não caio nessa.

Dando um falso suspiro de lamentação o mais velho deu um sorriso triste.

— Eu estou velho, Benjamin — proferiu relanceando para a mão do filho se assustou-se. — Você está noivo?

Cruzando os braços Benjamin suspirou.

— Não sabia que você estava noivo? Quem é a sortuda?

— Como você nos achou? — perguntou o que estava curioso para saber. — Do que trabalha?

— Eu trabalhava em uma antiga fábrica — disse observando o movimento —, mas então ela fechou e indenizou alguns funcionários. Eu fiquei arrependido então resolvi procurar vocês, para quem sabe me desculpar. Quero ter um vínculo com você.

Antes que pudesse falar, uma atendente apareceu para pegar os pedidos, após sua saída Benjamin encarou o mais velho.

— Um vínculo infelizmente teremos — murmurou tocando com o dedo a aliança. — Afinal, seu sangue corre por minhas veias.

— Filho...

— Eu acho que é muito tarde para você querer alguma coisa comigo – o interrompeu. — Eu cresci, consegui crescer na vida. Eu tenho um bom apartamento, consegui tirar minha mãe do lugar em que vivíamos. – Deu de ombros ainda o encarando. — Tenho uma academia, um bom carro, uma namorada que eu... – Parou antes que dissesse demais ao homem. — Eu tenho tudo o que é importante por perto, o resto não me importa.

A atendente voltando com os pedidos fez com que Gerard tivesse um tempo para pensar em alguma coisa. Ele não voltaria com as mãos abanando, ele tinha que pelo menos arrancar algum dinheiro de Benjamin.

— Eu sei que você está magoado comigo. – Acenou com a cabeça. — Eu entendo de verdade, mas passei muito tempo sozinho. Não casei, eu só tenho você. A minha família não fala comigo, Benjamin – exclamou forçando as lágrimas, fazendo o filho se remexer desconfortável no assento. — Eu estou velho, tenho problemas de saúde – chorou, mas por dentro queria sorrir por ser tão bom ator. — Eu tinha que fazer alguns exames, mas eu decidi pegar o dinheiro e vir atrás de você.

PERIGOSAS ACHERON

Se eu for morrer que seja perto de você... Filho.

Desviando o olhar Benjamin fitou a rua, desconfortável. Não queria sentir pena dele, mas algo dentro de si o fez ficar preocupado.

— Você está doente? O que você tem?

Gerard o encarou por um momento, mas logo voltou com a atuação.

— Eu tenho problemas sérios de saúde — falou passando uma mão no peito —, mas não quero falar disso. Me faz lembrar que não tenho como pagar nada.

Suspirando voltou a fitar o mais velho.

— Você precisa de dinheiro? Onde está dormindo?

Dando um sorriso de lado Gerard segurou a caneca de café o bebendo, sob o olhar atento do filho.

— Está preocupado comigo, filho?

Bufando, Benjamin voltou a sua expressão séria.

— Você veio atrás de dinheiro para cuidar da sua saúde? — questionou entendendo o aparecimento do homem. — Não queria me conhecer, você precisa de ajuda e como não tem

PERIGOSAS ACHERON

ninguém – murmurou encostando-se na cadeira. — Lembrou que tem filho.

— Benjamin...

— Se é dinheiro, eu vou lhe dar uma quantia para que você cuide da sua saúde – disse sério —, mas só vou fazer isso porque diferente de você não quero ficar com a consciência pesada por não ter ajudado. – Terminou de falar retirando algumas notas de dentro da carteira, logo ficando em pé.

— Já vai? Mas ainda não...

— Você já falou e eu já ouvi – o interrompeu. — Pode passar qualquer dia desses na academia, vou lhe dar o dinheiro. Apenas isso.

Sem esperar qualquer resposta do mais velho, Benjamin se dirigiu para o carro. Adentrando o veículo, sentiu vontade de ouvir a voz de Sayuri, mas queria ouvir pessoalmente. Com sorte ainda a pegaria no horário de almoço.

Sorrindo saiu do estacionamento da cafeteria, não vendo o sorriso que Gerard tinha no rosto.

Sentada na mesa de sempre sorria escutando
PERIGOSAS ACHERON

os dois adolescentes conversarem. Falavam sobre algum filme que entraria em cartaz essa semana, sorrindo fitou o anel no dedo. Havia tirado foto e mandado para a mãe, as tias e a avó. Noemie quando viu a joia quase pirou, a pergunta que todos fizeram foi a mesma: se estava noiva.

Lançando um olhar para Bradley percebeu que ele estava mais magro. Os cabelos estavam enormes e, as roupas que usava eram enormes para seu pequeno corpo.

— Nossas provas finais estão chegando — Hailee anunciou tomando o milk-shake. — Nem acredito que já vou para o ensino médio. Srta. Hodgens, será nossa professora novamente? — perguntou tendo os olhos de Bradley em si.

— Não sei dizer, Hailee — respondeu partindo um pedaço da torta que comia —, mas acho que não serei.

Bradley a fitou, mas logo desviou a atenção para o milk-shake que tinha ganhado.

— Mas estarei sempre as ordens. — Sorriu recebendo um sorriso da loirinha. — Tudo bem, Bradley?

— Sim — concordou bebendo o milk-shake.

PERIGOSAS ACHERON

Desviando a atenção dele notou um carro preto grande estacionar próximo ao colégio, sorrindo Sayuri colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha. Ela sabia muito bem a quem pertencia aquele carro. Mordendo os lábios avistou Benjamin descer do automóvel ficando encostado na porta.

Minutos depois o celular tocou atraindo a atenção de todos, atendendo a ligação sorriu.

— *Adivinha onde estou?* – a voz dele soou divertida.

Sorrindo mudou o celular de ouvido.

— Em frente ao meu emprego – falou notando-o olhar ao redor.

— *Onde você está? Estragou a surpresa.*

Rindo, Sayuri chamou a atenção dos dois adolescentes da mesa.

— Estou sentada em uma mesa de uma cafeteria – anunciou fazendo-o virar procurando e quando a encontrou colocou o celular dentro do bolso se aproximando.

— Quem é ele, Srta. Hodgens? – Hailee perguntou entre surpresa e curiosa. — Ele é enorme.

— É o meu namorado. – Sorriu levantando-se

PERIGOSAS ACHERON

e fitando o sorriso que ele tinha. — Oi.

Abraçando-a Benjamin a beijou, sentindo os lábios macios de encontro ao seu. Separando-se fitou-a sorrir, relanceando para o lado viu os dois loiros o olharem sem piscar.

— Olá.

Sorriu ainda abraçando Sayuri.

— Oi, meu nome é Hailee – a loirinha respondeu sorridente. — Esse é o Bradley, somos alunos da Srta. Hodgens.

Sorrindo, Benjamin voltou a encarar Sayuri que lhe endereçava um lindo sorriso.

— É um prazer conhecê-los – disse demorando-se em Bradley, ele lhe era familiar. — Desculpe vir assim na sua hora de almoço, mas eu precisava te ver.

Alisando a barba do homem Sayuri balançou a cabeça.

— A gente já está indo, Srta. Hodgens – Hailee proferiu fazendo Bradley a encarar confuso. — Vamos, Bradley.

— Você não manda em mim – murmurou pegando a mochila. — Eu vou porque eu quero.

Acenando para a professora os dois
PERIGOSAS ACHERON

adolescentes se encaminharam para o colégio. Ainda sorrindo Sayuri puxou Benjamin para sentar ao seu lado.

— Que surpresa maravilhosa — afirmou beijando-o rapidamente.

— Eu precisava ter você por perto — falou lhe acarinhando o rosto. — Você está linda.

— Você me disse hoje de manhã — retrucou sendo beijada. — É impressão minha ou aconteceu alguma coisa. Você sorri, mas seu sorriso não chega nos seus olhos. Sua mãe está bem?

— Sim, ela está. — Sorriu fazendo um leve carinho no queixo feminino. — Gerard apareceu na academia e conversamos — contou obtendo um olhar compreensível para si. — Ele disse que estava com problemas de saúde, mas que precisava me conhecer antes de morrer.

— Meu Deus! — exclamou preocupada. — O que ele tem? É tão grave assim?

— Ele não me disse — respondeu a encarando —, mas falei que daria um dinheiro para ele.

— Ele aceitou?

— Não falou nada — expôs comendo o pedaço da torta. — Falei para ele passar qualquer
PERIGOSAS ACHERON

dia desses na academia, para pegar o dinheiro.

Concordando Sayuri fitou a blusa branca que ele usava. Não sabia o motivo, mas algo dentro de si dizia que era mentira do pai de Benjamin. Mas não o conhecia, então não sairia julgando assim.

— O que foi? — perguntou bebendo o suco.

— Não é nada. — Deu um pequeno sorriso olhando-o nos olhos. — Não me olha assim.

— Você acha que ele está mentindo?

Sem graça, ela fitou o prato com o pedaço da torta, mas a mão de Benjamin em seu queixo a fez encará-lo.

— Tudo bem me dizer — afirmou fazendo um carinho no rosto feminino. — Na verdade essa hipótese passou por minha cabeça, mas, não sei. Acho que dando dinheiro ele vai embora, doente ou não.

O brilho do anel prateado no dedo masculino lhe chamou a atenção.

— Você fica tão lindo com essa aliança — riu tocando-a —, mas eu também fiquei.

Mostrou a mão para ele.

— Você fica linda de qualquer jeito. — O sinal tocando o fez virar observando os alunos

PERIGOSAS ACHERON

entrarem rapidamente. — Droga, você nem comeu. Eu só te atrapahei.

— Não — negou o beijando. — Eu já comi, estava conversando com Hailee e Bradley.

— Bradley me pareceu familiar — comentou retirando a carteira e colocando uma nota em cima da mesa.

— Não, Ben — disse abrindo a bolsa pegando a carteira. — Eu pago.

— Nada disso — a impediu dando um sorriso. — Que namorado seria eu se deixasse você pagar?

— Não seja, bobo. — Revirou os olhos ainda segurando a nota na mão. — Eu que pedi.

— Mas eu comi o resto então — encerrou o assunto segurando os livros dela, ficando logo de pé. — Vamos, Srta. Hodgens.

Sorrindo Sayuri colocou a bolsa no ombro e ao lado de Benjamin se pôs a caminhar para dentro. Ao chegar perto do carro ele lhe entregou os livros a puxando rapidamente para um beijo.

— Estarei aqui quando largar — avisou piscando. — Você nem entrou e eu já estou com saudades.

Beijando-o uma última vez ela o fitou, sentia
PERIGOSAS ACHERON

uma emoção enorme no peito.

— Tchau. — Acenou colocando os livros contra o peito. — Eu te... — parou nervosa notando-o sem ação, dando um pequeno sorriso desconversou. — Até.

Dando-lhe as costas andou rapidamente para dentro, chegando próximo a sala parou. Ela diria o que estava pensando em dizer, colocando a mão no peito fechou os olhos. Tudo estava tão bem entre eles, não sabia qual seria a reação dele ao escutar *eu te amo* vindo dela.

Talvez estivesse sendo boba, mas ela não queria colocar a relação deles abaixo. Ele poderia apenas gostar dela, o que era diferente de amar. Mordendo os lábios pensou qual seria a reação de Benjamin.

— Srta. Hodgens? — A voz da diretora lhe chamou a atenção, fazendo-a pular de susto. — Seus alunos já estão dentro da sala esperando ter aula.

— C-Claro, Sra. Cooler — disse envergonhada.

Acenando para a mulher adentrou a sala observando os alunos lhe fitarem em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

Colocando os livros na mesa seu pensamento ainda estava em Benjamin, na frase ao qual diria.

Dentro do carro observava sem piscar o prédio a frente. Noite passada não tinha conseguido dormir, mesmo com os remédios as vozes se faziam presentes em sua cabeça. Os cochichos eram perturbadores, sentia-se sufocado e não adiantava quando ele tapava os ouvidos ou até mesmo colocava alguma música na vitrola antiga. As vozes continuavam com ele. Ele sabia que se começasse com esses joguinhos Sayuri ficaria com medo e, tudo o que ele mais queria era poder apreciar o horror em seus olhos.

Em breve.

— Sim — concordou balançando a cabeça. —
Em breve.

Sorrindo viu o porteiro pegar o envelope — endereçado a Sayuri — no chão do hall. Após isso saiu dali, voltaria para o Campus. Ainda teria que aplicar a prova para aquela maldita turma, certa noite havia sonhado e em seu sonho trancava-se na
PERIGOSAS ACHERON

sala ao qual lecionava e observando as faces dos alunos, enquanto ateava fogo em tudo. Os gritos e pedidos de socorros o deixava em êxtase, sim, ele adorava só imaginar.

As duas estudantes ao qual o delegado Kilmer ainda procurava, estavam dentro da nova casinha delas. Como dois bichinhos, os bichinhos dele. Sorrindo acelerou com o carro, não poderia perder hoje à noite. Adorava passar boa parte da noite olhando Sayuri, mesmo que por uma tela ou por fotos. E ele tinha muitas fotos dela, de todos os tipos. E em todas ela parecia um anjo puro e intocável, mesmo ele sabendo que ela tinha um namorado e se deitava com ele. Constantemente.

Ligando o rádio do carro começou a balançar a cabeça no ritmo da música. Faria tudo com calma, era o melhor a se fazer.

Voltava para a academia com o cenho franzido, ele tinha plena consciência do que Sayuri diria, mas se perguntava o motivo de não ter dito. Estava confuso, parecia certo. Na verdade, era

PERIGOSAS ACHERON

certo, mas não sabia explicar. Talvez devesse fingir que não tinha entendido. Balançando a cabeça manobrou o carro para estacionar.

Fitando um lugar próximo à entrada da academia, avistou Liam e Melvin pareciam discutirem.

Descendo do carro aproximou-se dos dois, Liam estava virado para Melvin e não notou a aproximação do adulto.

— Você tem que procurar ajuda, Liam — Melvin exclamou nervoso. — Não adianta querer fugir, não vê que isso é estupidez?

— Melvin, você não entende — respondeu sentindo-se cansado e nervoso. — Se você não me ajudar, eu vou embora e procuro um outro jeito.

— Eu entendo e me preocupo com você — afirmou olhando-o profundamente. — Você mais do que ninguém deveria saber disso.

— Liam! — Benjamin se fez presente fazendo os dois adolescentes o encararem assustados. Olhando-o viu com um machucão no olho. — Belo machucado.

Bufando, o loiro deu as costas aos dois, mas parando quando sentiu o braço ser agarrado por

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin.

— Me solta! — Puxou o braço em um solavanco. — Eu já disse para me deixar em paz!

— Você não vai fugir, Liam — deixou claro de forma séria. — Se você fizer isso vou ter que falar com o seu responsável.

Sem pensar, Liam avançou no homem, mas foi contido por ele. Benjamin estava surpreso pela ação do loiro, o segurava com firmeza.

— Solta o Liam!

Melvin foi ao socorro do outro.

— Converse comigo, Liam, eu só quero ajudar — disse o soltando, fazendo com que Melvin fosse para o lado do loiro. — Não vou te fazer mal, eu só quero ajudar. Porque se fosse para proteger meu irmão eu pediria ajuda, não há vergonha nisso.

Observava a forma indecisa que o loiro estava. Lançando um olhar para Melvin o viu tocar na mão de Liam que desfez o contato rapidamente.

— Então? — questionou cruzando os braços.

— Você não pode falar com o meu pai — disse cansado. — Ele não é uma pessoa boa — continuou, mas dessa vez o encarando. — E vai sobrar para mim, eu não o deixo bater no meu

PERIGOSAS ACHERON

irmão.

Concordando olhou ao redor, estavam do lado de fora da academia.

— Vamos conversar lá dentro. — Indicou o caminho para o adolescente. — E você Melvin, pode voltar para a sua aula.

No mesmo instante Melvin encarou o loiro, notando-o desviar o olhar. Momentos do final de semana passou por sua mente, tinha passado o sábado com Liam e havia conhecido o irmão dele. O ato de apresenta-lo ao cunhado o deixou feliz, haviam aproveitado a ausência do mais velho para isso, mas Melvin sabia que Liam não queria assumir o que estavam tendo para mais ninguém.

Ali, naquela hora, esperava que o loiro pedisse para ele ficar, não queria deixar que o mesmo ficasse sozinho ao falar do que sofria, mas Liam não o queria ali. Concordando com a cabeça se encaminhou para dentro.

Após a saída do outro, Liam encarou o caminho que Melvin havia feito. Voltando sua atenção para Benjamin o viu prestar atenção em si, pigarreando começou a caminhar para dentro. Ao entrar no local sentiu saudades de quando treinava,

PERIGOSAS ACHERON

tinha gostado de praticar o esporte e quando não pôde mais ele focou em trabalhar. Trabalhar e guardar o dinheiro.

Bufando viu que não tinha servido de nada já que na última surra que levou, o pai pegou todo o dinheiro que ele tinha juntado para fugir.

Passando na frente do adolescente Benjamin indicou o corredor, adentrando-o viu várias portas. Abrindo uma delas Benjamin deu passagem para o loiro, era uma sala arrumada com um notebook e alguns livros.

— Pode se sentar — falou indo para a outra cadeira. — Essa sala é minha. — Sorriu observando-o. — Todo final de aula eu fico um pouco aqui, tenho uns projetos em mente que precisam de atenção — continuou recebendo um balançar de cabeça —, mas isso não vem ao caso. Agora me fale tudo.

— Por que você quer me ajudar? — perguntou encarando as mãos, mas logo fitando-o nos olhos. — Afinal, eu não sou nada seu.

— Eu fiz mal em te mandar embora, Liam. Eu não sabia o que estava acontecendo e simplesmente mandei você ir — proferiu fazendo-o PERIGOSAS ACHERON

fitar. — Quando eu tinha a sua idade eu também precisei de ajuda e, uma pessoa me ajudou. Então se posso fazer a mesma coisa por você, por que não ajudar?

Olhando as mãos respirou fundo.

— O meu pai gosta de beber — começou fazendo Benjamin prestar atenção. — Minha mãe morreu faz tempo e, eu só tenho de família o meu irmão e... meu pai — proferiu com nojo. — Ele não é uma pessoa boa como disse antes, ele bate na gente. Mas não deixo encostar no meu irmão — falou sentindo os olhos se encherem de lágrimas, mas ele não choraria. — Eu não aguento mais, eu só quero ir embora com o meu irmão.

— Você já denunciou ele?

— Se eu fizer isso meu irmão vai para algum abrigo de menor e eu também. Eu só vou ter maior idade próximo ano. E eu não quero meu irmão em nenhum abrigo, eu não confio naquela gente.

Concordando Benjamin o fitou.

— Você me deixa te ajudar?

— Você vai me dar dinheiro para eu fugir com meu irmão? — quis saber esperançoso.

— Você não vai fugir — deixou claro
PERIGOSAS ACHERON

escorando os cotovelos na mesa. — Eu vou pensar em algo para te ajudar — disse o vendo encostar-se na cadeira.

— Eu estava com dinheiro — avisou dando de ombros —, mas aquele *bosta* pegou tudo. Agora não tenho mais nada.

— Fugir não é a solução — murmurou chamando a atenção para si. — Iria fugir para onde? Onde dormiriam? O que iriam comer? A polícia iria atrás de vocês e seria tudo pior.

Anotando rapidamente o número de celular em um papel entregou para o adolescente.

— Esse é meu número me ligue se precisar — pediu recebendo um aceno. — Vou procurar um advogado para saber o que podemos fazer em relação a você e seu irmão — anunciou deixando-o surpreso. — E você volta para a academia amanhã mesmo.

— O que?

— Você vai voltar a ficar aqui na academia.

Segurando um sorriso, Liam encarou o número de Benjamin no papel.

— Eu não posso pagar — disse um pouco triste. — Antes quem pagava era uma vizinha, eu

PERIGOSAS ACHERON

estava sem emprego e ela achou que seria bom eu me ocupar com alguma coisa por enquanto.

— Você não estuda?

— Não – confidenciou o que Benjamin já suspeitava. — Eu precisava de emprego e não de estudar.

— Vamos ter que conversar sobre isso também – proferiu observando-o dar de ombros. — Agora vamos lá para fora.

Ao sair da sala, Liam se sentiu um pouco melhor. Saber que alguém estava disposto a ajudar o deixava mais cheio de esperança. Aproximando-se do tatame fitou Melvin conversando e sorrindo para um outro aluno, encarando os dois com o cenho franzido aproximou-se junto com Benjamin. Assim que se fez presente Melvin o olhou parando de sorrir, olhava-o nos olhos em uma pergunta muda. Fitando o outro aluno, o encarou de forma séria.

— Vejam quem voltou para as nossas aulas. — Deu um tapa nas costas do loiro de forma brincalhona. — Voltou, agora para ficar.

Dando um pequeno sorriso para Benjamin, Liam voltou a encarar Melvin que evitava o encarar

PERIGOSAS ACHERON

nos olhos.

— Como você não está a caráter, vai só olhar — falou fitando o loiro. — Tudo bem?

— Claro.

— Ótimo! — Bateu palmas lançando um olhar para o funcionário da academia sorriu. — Obrigado, Cosby, por me cobrir.

— Tudo bem, chefe.

— Agora quero duplas aqui na frente. — Sorriu encarando Melvin e o adolescente ao lado dele. — Melvin e O'Brien, os dois aqui.

No mesmo instante Liam cruzou os braços encarando o moreno. Quando ele tinha saído da turma esse tal de O'Brien não estava inscrito. Não queria admitir, mas não havia gostado nada do moreno muito próximo a Melvin.

Com uma expressão assassina encarou os dois tomarem posição de luta.

Saindo do colégio parou em pé nas escadas.

Olhava para o final da rua a procura de Benjamin, mordendo os lábios lembrou-se do que
PERIGOSAS ACHERON

quase dissera. Suspirando forçou a mente para que parasse de formular esses pensamentos, porque senão já saberia o que aconteceria. Ela ficaria com besteiras na cabeça e, isso não era nada bom.

Voltando a encarar o final da rua quase deixou o sorriso aparecer quando viu dos faróis acesos, porém quando ele se aproximou viu que não era Benjamin. Segurando os livros com mais força fitou o professor descer do carro. Franzindo o cenho se perguntou o que ele estaria fazendo ali.

— Sayuri. — Crispando os lábios, Sayuri notou que não se sentia à vontade quando o homem a chamava pelo primeiro nome. — O que faz aí parada?

— Oi, Prof. Herban — murmurou olhando-o nos olhos percebendo que os azuis estavam mais escuros. — Estou esperando meu namorado.

— Seu namorado? — repetiu aproximando-se mais, fazendo-a dar um passo para trás. — O Benjamin?

Assustada ela o encarou.

— Como sabe o nome dele?

Tocando com o indicador na cabeça ele sorriu.

— Eu tenho boa memória. — Sorriu mais olhando-a rapidamente. — Você me disse.

Confirmando, sentiu a respiração ficar um pouco acelerada, estava ficando nervosa. Isso Herban notou e, apreciou.

— É. — Sorriu colocando uma mecha atrás da orelha. — Ele vem me buscar.

— Se importa se eu fizer companhia? — questionou notando-a incerta.

— Já está tarde. — Sorriu o encarando. — O senhor deve ter muitas coisas para fazer, não precisa ficar aqui comigo.

Sem a responder ele a fitou intensamente fazendo-a desviar os olhos. Voltando a encara-lo percebeu que ele ainda a olhava.

— Por favor não faz isso.

— Fazer o que? — questionou com um sorriso de lado.

— O senhor está me deixando sem jeito — respondeu séria tentando não transparecer o nervosismo. — Isso não é legal, o senhor está querendo misturar as coisas e eu realmente não quero reportar sua conduta para a Diretora Thoren.

Ficando sério ele se aproximou mais fazendo-
PERIGOSAS ACHERON

a encostar no corrimão da escada.

— Eu não tenho culpa, Sayuri – comentou olhando os lábios rosados dela, crispados pelo nervosismo. — Você tem esse jeito angelical e ao mesmo tempo é tão *lasciva*.

Sorriu levantando a mão para lhe tocar o rosto, fazendo-a baixar o rosto e com uma mão empurrá-lo no peito.

— Por favor, vá embora.

— Você é linda, Sayuri – indagou ignorando-a. — Não vê que você é melhor que todas as outras.

Em um movimento rápido Herban a agarrou e beijou-a. Deixando os livros caírem, Sayuri tentou o afastar de si usando todas as forças para afastá-lo. Mantinha os lábios selados impedindo que a língua do homem lhe adentra-se a boca, empurrando-o desferiu um tapa no rosto masculino. Os olhos do professor estavam um azul escuro – diferente dos claros de sempre – os cabelos ruivos estavam revoltos como se ele tivesse passado a mão ali por muitas vezes.

Com os lábios crispados Herban a puxou novamente, mas agora com mais força.

— Eu sei que você quer um beijo meu, então

PERIGOSAS ACHERON

por que nega? – perguntou enquanto enfiava uma mão no cabelo feminino e a outra arrodeava o corpo magro.

— Me solta!

Uma freada chamou a atenção dos dois e, um Benjamin possesso descia do carro fechando a porta em um estrondo enquanto corria até Sayuri. Herban a soltou recebendo em seguida um soco que o fez cair.

Pronto para avançar em cima dele, Sayuri o puxou pelo braço.

— Não – pediu tendo como resposta o puxão no braço. — Benjamin...

— Seu *merda* – verbalizou com a voz grave. — Vou te ensinar a não encostar na minha garota.

Ao dizer isso o puxou pela gola da camiseta o levando até o carro estacionado. Jogando-o no capô o segurou pela camisa, acertando mais um soco no rosto do homem. Sayuri descia as escadas trêmula, olhava ao redor procurando ajuda.

— Benjamin, para! – pediu sendo ignorada.

A porta atrás de si abriu e um homem passou por ela rapidamente, indo tirar Benjamin de cima do ruivo. Com muito sacrifício o monitor da escola

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu separar os dois, lançando um olhar para o professor o viu com o rosto vermelho de sangue, mas podia jurar que ele tinha um sorriso no rosto.

Voltando sua atenção para Benjamin o viu lançar um olhar assassino para o mais velho. Pegando os materiais do chão se encaminhou cautelosa para perto de Benjamin.

— Eu quero você longe dela! — exigiu apontando o dedo para o homem. — Se você se aproximar da Sayuri, eu acabo com você!

— Benjamin. — Tocou-o no braço recebendo um rápido olhar do namorado. — Vamos embora.

Bufando, Benjamin a segurou pela mão a levando até o carro. Pela janela Sayuri viu o professor ser ajudado pelo monitor. Trêmula relanceou para o homem ao seu lado o notando sério, com a respiração descompassada. Sem dizer uma palavra ele saiu dali.

Horas mais tardes estacionava o carro em frente ao prédio e sem falar nada desceu do automóvel a esperando. Engolindo em seco Sayuri

PERIGOSAS ACHERON

também saiu sentindo a mão de Benjamin lhe segurar a sua, no hall Evans – o porteiro – estava lendo um jornal e, quando a viu sorriu lembrando-se da carta.

— Senhorita? – a chamou, fazendo-a parar.
— Essa carta estava no chão do hall, está endereçada a senhorita.

Franzindo o cenho aproximou-se pegando o envelope. Seu nome estava digitado e colocado no papel.

— Obrigada.

Colocando o envelope dentro do livro foi para junto de Benjamin. Já dentro do apartamento de Sayuri, ele passou a mão no rosto e cabeça.

— Eu te falei – afirmou pegando-a de surpresa. — Eu te disse que ele estava afim de você, mas você acreditou? Não.

Sem reação, ela cruzou os braços.

— Se eu não tivesse chegado sabe-se lá o que aquele *filho da puta* teria feito – murmurou balançando a cabeça.

— E como eu ia... – Parou de falar lembrando-se do beijo que ele havia lhe roubado.

— O que?

— Nada – respondeu colocando a bolsa e os livros no sofá. — Não era nada, ele não vai mais fazer isso.

Caminhou para a cozinha pegando um copo de água.

— Essa é a primeira vez que ele fez isso? – perguntou indo atrás dela e a falta de resposta o deixou nervoso. — Eu fiz uma pergunta, Sayuri.

— Por que está falando comigo nesse tom? – questionou colocando o copo na pia. — Acha que a culpa é minha?

— O que? – Confuso, ele a encarou. — É claro que não, eu disse isso?

— Mas está falando como se fosse – proferiu com o cenho franzido. — Eu não tenho culpa por ele ter me agarrado – exclamou nervosa. — Eu disse para ele não fazer isso que ele era apenas, meu professor. Só isso. Eu tentei pará-lo – chorou arfando. — Eu disse que não queria.

Sentindo-se mal Benjamin a puxou para um abraço. Alisava o cabelo castanho enquanto a ouvia chorar.

— Eu sei – falou sentindo os braços finos lhe abraçarem a cintura. — Você não é a culpada –
PERIGOSAS ACHERON

murmurou a beijando no alto da cabeça. — Precisamos informar a polícia sobre...

— Não, nada de polícia — o interrompeu enxugando os olhos. — Eu não quero a polícia nisso, eu não quero ter que ir de novo depor. Já não basta o Caine e você quer que eu vá me submeter a isso de novo? — chorou mais deixando-o mais confuso.

— É o certo a se fazer.

— Eu não quero passar por isso de novo — disse lhe olhando a barba. — Não quero mais falar sobre isso.

— Sayuri...

— Por favor — pediu com os olhos chorosos, fazendo-o suspirar concordando com a cabeça. — Obrigada.

— Mas se eu o ver perto de você eu acabo com ele — afirmou fazendo-a dar um pequeno sorriso, mas logo ficando séria.

O professor agindo daquela forma nem parecia o homem que ele era. Parecia uma outra pessoa, uma face que Sayuri não conhecia. Suspirando cruzou os braços, a verdade era que ninguém conhecia ninguém cem por cento.

A porta da frente fora aberta e minutos depois Noemie aparecia com um pequeno sorriso, mas parou ao ver o olhar choroso da amiga.

— Tudo bem por aqui?

— Sim – Sayuri respondeu sorrindo, fazendo Benjamin a encarar. — E você está bem?

— Morri, mas passo bem – murmurou desconfiada aproximando-se. — Cansada, com dor na coluna, nos dedos e com fome. Minhas pernas também doem.

— Coitada.

— Vou para o meu quarto – disse encaminhando-se para fora. — Bem que Benjamin poderia pagar uma pizza, né? – Deu a deixa sorrindo.

— Ela tem razão. – Sayuri sorriu sentindo os braços ao redor. — Uma pizza bem gostosa.

— Mas antes poderíamos tomar banho – sugeriu a puxando para cima. — O que me diz?

— Eu queria, mas não vai dar – respondeu deixando-o surpreso. — Não é você, sou eu.

— O que? Como assim? – perguntou cruzando os braços.

Envergonhada ela também cruzou os braços.
PERIGOSAS ACHERON

— Eu não posso transar com você – deixou claro não perdendo os olhos arregalados dele. — Eu estou naqueles dias.

Confuso ele a encarou, mas logo deu um pequeno sorriso fazendo-a desviar o olhar envergonhada.

— Eu não me importo com isso – proferiu dando de ombros.

— Eca – falou sorrindo separando-se dele, indo buscar a bolsa e os livros. — Eu me importo.

Sorrindo, a puxou para um beijo.

— Eu volto logo.

Antes de sair a beijou novamente. Sorrindo, Sayuri o viu fechar a porta. Balançando a cabeça, lembrou-se da carta que o porteiro havia lhe entregado. Pegando a carta a abriu. Franzindo o cenho fitou a foto que continha ali, levantando um pouco a fotografia percebeu que era um buraco. Olhando atrás da imagem tinha a palavra *casa* escrito.

Voltando a olhar a foto se perguntou o que diabos aquilo queria dizer. Ao redor do buraco percebeu que o chão era de madeira, curiosa olhou o envelope não encontrando nada que informasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem teria sido seu remetente.

Respirando fundo colocou a imagem dentro do livro e ainda pensando na carta se encaminhou para o chuveiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

A mansão ficava localizada no bairro mais chique de New York. Sentada atrás de uma grande mesa, Margot lia o faturamento do Clube das Mulheres. Era notável que houve um pequeno *abalo* na renda, Benjamin era um dos melhores que ela tinha – se não o melhor – a forma que ele dançava e encantava as mulheres faziam com que elas voltassem para tentar se dar bem com ele, mas diferente de outros, Benjamin nunca se deitou com as clientes.

Suspirando, colocou o papel em cima da mesa e concentrada lembrou-se da ex do filho. Sayuri. Foi com surpresa que encontrou Benjamin junto a japonesa, não poderia acreditar nisso. Ele nunca lhe deu uma chance para que ela pudesse mostrar o que poderia fazer para deixa-lo cheio de desejo.

O pior era que culpa daquela vadiazinha o filho tinha que ficar escondido e, se já não bastasse isso ainda foi agredida. Isso ela não deixaria barato, porque ela era Margot Procter e, não deixaria uma PERIGOSAS ACHERON

qualquer a humilhar daquela forma, pr isso tinha mandado pesquisar sobre a tal Sayuri. Na pequena ficha não tinha muita coisa, só dizia que estava terminando na Universidade de New York – Universidade essa que era de um grande amigo da família – e que estagiava em uma Instituição pública.

Pegando o celular discou os números que estavam em uma parte da ficha. Relanceando para a folha viu o nome *Stewart McNaight College*. Só pensava no desgosto que sentiria ao descobrir que depois de pagar uma cara faculdade para os filhos, um deles dissessem que trabalharia em um colégio público. Morreria com toda a certeza.

— Stewart Hoult? – murmurou encostando-se na cadeira acolchoada.

— *Quem é? E como conseguiu meu número?* – a voz masculina perguntou de maneira rude, ao fundo podia-se ouvir vozes.

— Aqui quem fala é a Margot Procter – respondeu sorrindo. — Esqueceu de mim?

A ligação ficou ligeiramente muda, mas logo em seguida o homem deu uma risada.

— *Ah, Margot* – disse agora com a voz mais PERIGOSAS ACHERON

suave. — *Não reconheci seu número. Como você está? E seus filhos?*

— Estou bem, querido e Adam está empenhado nos projetos dele e ajudando o irmão – comentou dando de ombros. — Sobre Caine, foi por isso que liguei.

— *Posso ajudá-lo em alguma coisa?*

— Pode – falou convicta. — Eu queria lhe pedir um favor, não pediria se não fosse realmente necessário.

— *Se estiver dentro do meu alcance.*

Sorrindo a loira fitou a imagem de Sayuri na ficha em mãos. Sim, estaria ao alcance dele.

— Eu soube que tem uma mocinha que está estagiando no seu colégio, no Stewart McNaight College – disse dando de ombros. — Preciso que faça algo por mim.

— *Pode dizer.*

Sorrindo vitoriosa começou a falar.

Olhando para frente viu os alunos compenetrados nas atividades, abrindo o livro
PERIGOSAS ACHERON

pegou novamente a foto a encarando. Estava confusa sobre o significado dela, um buraco e na parte detrás escrito *casa*. Suspirando colocou a foto em cima do livro, a imagem junto com o nome transmitiam um certo pânico. Talvez porque tivesse fobia de locais muito pequenos e o nome que tinha um significado bom se transformava em algo ruim, por estar associado a imagem.

Balançando a cabeça voltou a encarar a turma, demorando-se em Bradley que tinha um semblante suave enquanto respondia as atividades.

Uma batida na porta chamou sua atenção e dos demais alunos e, logo em seguida a porta fora aberta.

— Srta. Hodgens, tem um minuto? — Cooler, a diretora, questionou.

Concordando com a cabeça voltou sua atenção para os alunos.

— Lembrem-se que faltam apenas quinze minutos para o término da atividade — disse levantando-se da cadeira. — Volto logo.

Saindo da sala com a diretora ao lado, Sayuri se perguntou se o motivo de estar indo agora para a sala da mais velha seria pelo fato da briga de PERIGOSAS ACHERON

ontem. Em silêncio a mais velha abriu a porta da sala e a fez entrar. Sentando-se na cadeira esperou que a mulher começasse a falar.

— Eu a chamei aqui, porque tenho algo para lhe comunicar – falou juntando as mãos em cima da mesa.

Sentindo-se nervosa prendeu a respiração.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu ontem – proferiu trêmula. — Não foi minha intenção que aquilo acontecesse.

Confusa, a mulher a encarou.

— Sobre o que está falando?

Surpresa Sayuri a fitou.

— Ontem... – Parou colocando uma mecha atrás da orelha. — Nada. – Sorriu alisando as mãos no vestido. — O que a senhora quer me comunicar?

Suspirando Cooler a encarou.

— Serei breve – começou recebendo um aceno. — Seus serviços não serão mais necessários nessa instituição.

Sem acreditar e sentindo os olhos se encherem de lágrimas Sayuri a encarou.

— O que?

— Eu sinto muito – disse com pena —, mas
PERIGOSAS ACHERON

só recebo ordens.

Encostando-se na cadeira pensou em Bradley e nos outros alunos. Franzindo o cenho fitou a mulher a sua frente.

— Mas por que? — questionou sem entender.
— Se não foi por causa de ontem, o que eu fiz?

Batucando os dedos na mesa Cooler encarou o telefone sobre a mesa.

— Eu recebi uma ligação do dono do colégio — exclamou deixando Sayuri surpresa. — O Sr. Hoult deixou bem claro que a queria fora — murmurou observando os olhos confusos da jovem.
— Ele não disse os motivos ele só mandou e, eu estou obedecendo.

Concordando, Sayuri sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Contudo — voltou a falar. — É difícil encontrar uma outra professora nessa altura do campeonato e, você ainda tem mais três semanas de estágios. Poderá termina-los, mas após isso não necessitaremos mais dos seus serviços.

O coração bombeava freneticamente e, tentando parar de chorar, fitou as mãos. Estavam trêmulas. Enxugando as lágrimas concordou

PERIGOSAS ACHERON

encarando a mais velha, Cooler tinha um olhar triste.

— Me desculpe, querida – pediu crispando os lábios —, mas eu só cumprio ordens.

— Tudo bem – falou respirando fundo. — Eu só não entendo o motivo, acho que eu deveria saber.

— Acredite eu também gostaria de saber – disse a olhando. — Essa é a primeira vez que isso acontece nesse colégio. – Suspirando mexeu nos papéis em cima da mesa. — Enfim, só era isso. Pode ir para a sua sala.

— Obrigada.

Agradeceu, mesmo querendo brigar e gritar dizendo o quão era injusto. Fechando a porta atrás de si, enxugou novamente os olhos e andando lentamente se encaminhou para sala. Ao chegar no local fitou as atividades postas em cima da mesa, todas alinhadas e os alunos a encaravam atentamente. Alguns a fitavam confusos e ela sabia o motivo. Sempre que chorava as bochechas ficavam rosadas e a ponta do nariz, sem falar nos olhos que ficavam com aspecto de choro.

Olhando no relógio viu que em alguns

PERIGOSAS ACHERON

minutos tocariam para o intervalo.

— Vou corrigir essas atividades – anunciou sentando-se pegando a caneta e uma folha. — Podem conversarem, mas nada muito alto.

Gostava tanto dos alunos, sentia-se em casa quando adentrava a sala. Tinha um apego por cada aluno presente, mas isso lhe foi tirado e ela nem sabia o motivo. O sinal tocando fez com que os alunos saíssem depressa, menos Bradley e Hailee.

— Srta. Hodgens – a loira a chamou. — Está tudo bem com a senhorita?

— Sim – concordou sorrindo. — Está tudo ótimo.

— E por que você chorou? – Bradley perguntou segurando a mochila. — E nem vem falando que não, porque chorou sim – exclamou com o cenho franzido.

Sorrindo o fitou.

— Não foi nada – respondeu sentindo a vontade de chorar voltar. — Eu só sou um pouco chorona, estou sentindo cólicas. Coisa de mulheres.

— Cólica é mesmo chato – Hailee concordou. — Eu também choro.

Bradley a fitou com o cenho franzido,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo a adolescente desviar envergonhada.

— A senhorita vem com a gente?

— Hoje vou ficar aqui para terminar isso — comentou recebendo acenos positivos. — As provas de vocês estão chegando então tenho que terminar tudo em dia.

— Tudo bem — respondeu um pouco incerto. — Vamos? — quis saber fitando Hailee.

— Nós dois? — Engolindo uma resposta grosseira Bradley apenas confirmou. — Está bem.

Sorriu notando-o desviar o olhar.

Sorrindo observou os dois saírem da sala, pronta para voltar ao que fazia o celular tocou. Olhando a tela viu que o número estava oculto.

— Alô? — questionou curiosa. — Alô? — tentou de novo ouvindo uma respiração em meio ao silêncio.

Encerrando a ligação sentiu-se desconfortável. Fitando a janela viu o céu azul e escutou as vozes dos alunos do lado de fora.

Saindo do banheiro guardou o celular no
PERIGOSAS ACHERON

bolso, a voz dela era a mais linda de todas. Nunca se cansaria de escutá-la, mesmo que por um maldito celular. Pelo corredor podia-se ver alguns olhares serem direcionados para si. Alguns dos alunos não disfarçavam quando começavam a cochichar sobre o olho roxo e o lábio ferido, aquilo o estava deixando estressado. Saindo da instituição rumou para o carro, aproximando-se avistou o delegado Kilmer observando o veículo.

Bufando, colocou um sorriso nos lábios acenando para o homem.

— Delegado Kilmer – saudou sorrindo. — Em que posso ajuda-lo?

— Professor – respondeu observando-o com curiosidade. — O que aconteceu com o seu rosto?

— Nada demais. – Deu de ombros abrindo a porta do carona, colocando a pasta dentro do automóvel. — Surpresa o senhor por aqui.

Concordando Kilmer voltou a encarar o carro do ruivo.

— Vim falar com a diretora. – Apontou para a instituição. — Estava indo embora quando notei que os pneus do seu carro estão lamacentos – comentou voltando sua atenção para o homem. —

Pude notar também que no compartimento de trás tem terra.

Encarando-o, Herban respirou fundo. Dois dias atrás havia levado alguns baldes de terras que ele retirou do buraco para a floresta, onde despejou a terra por dentro da mata. Não acreditava que seria questionado sobre isso, na verdade, não imaginava que o loiro se incomodaria com ele. Sendo que ele não era um suspeito direto.

— Estou reformando minha casa – disse sorrindo — Estou querendo ampliá-la, algumas ideias que achei interessante.

— Entendo! – Riu o fitando. — Sempre é bom uma reforma, o problema é por ela ser trabalhosa.

— Isso – concordou sorrindo. — Exatamente, é muito cansativo.

Acenando, Kilmer fitou rapidamente o carro do outro.

— E os barros nos pneus?

Cruzando os braços, Herban encarou de forma séria o delegado.

— O senhor sempre faz muitas perguntas assim ou por acaso você tem algo contra minha
PERIGOSAS ACHERON

pessoa? Sou suspeito de alguma coisa?

— Não — negou dando um pequeno sorriso.
— Desculpe — pediu enfiando as mãos nos bolsos.
— Às vezes meu filho também reclama disso, questiono demais.

— O senhor tem um filho? — quis saber interessado.

— Sim. — Sorriu olhando ao redor. — Um de dezesseis anos, Derek.

— Um rapaz.

— Sim. — Sorriu prestando atenção no homem. — Não tem filhos? — perguntou deixando Herban calado. — Okay, me desculpe — pediu pegando as chaves do carro. — Tenho que ir, melhoras para isso daí.

Apontou para o rosto do ruivo.

Sorrindo Herban acenou observando o homem adentrar o carro, logo saindo. Teria que tomar mais cuidado a partir de agora, não seria tolo de dar brechas ao loiro o investigar. Voltando sua atenção para a Universidade encarou o faxineiro, nunca trocou muitas palavras com o mesmo.

Dando um sorriso de lado pensou que talvez ele devesse colocar Kilmer focado no homem, só
PERIGOSAS ACHERON

para não ter que se preocupar com isso.

Olhando rapidamente para o relógio viu que tinha perdido alguns minutos ali com o loiro. Adentrando o carro respirou fundo e, após pegar uma caixinha de comprimidos, engoliu dois em seco. Estava sentindo uma forte dor de cabeça, ligando o carro saiu da vaga rapidamente.

Ao chegar em casa, encontrou Ellie saindo com uma bolsa e alguns livros em mãos.

Estacionando o carro em frente à casa sorriu para a mulher, acenando a viu se aproximar com um grande sorriso.

— Ellie. — Sorriu a observando. — Está encantadora.

Sorrindo a morena o fitou um pouco envergonhada.

— Obrigada. — Encarou o olho machucado do homem. — Como está o olho?

— Melhorando, não se preocupe — pediu, relanceando os olhos para os livros sorriu. — Está indo para a faculdade?

— Sim — respondeu mordendo os lábios chamando a atenção com o gesto. — Tenho um seminário.

— Acredito que se sairá bem. — Sorriu fazendo-a sorrir encantada. — Sabe... Pensei em jantarmos nessa noite.

— Onde iríamos?

— Pensei em algo reservado — comentou olhando-a nos olhos. — Aqui na minha casa mesmo. — Sorriu vendo-a relancear para a casa dele. — Ou se preferir podemos jantar em um outro lugar.

— Não, tudo bem. — Sorriu concordando. — Às 19h na sua casa?

— Sim, esse horário está ótimo.

Acenando a observou dar-lhe as costas, sorrindo friamente se pôs a caminhar para dentro. Já na sala colocou a maleta no sofá, suspirando se encaminhou até um móvel onde tinha algumas bebidas. Pegando um copo colocou um pouco de uísque, após um gole sentiu o líquido queimar na garganta.

Estralando o pescoço se encaminhou até onde as meninas estavam. Descendo as escadas fitou o

PERIGOSAS ACHERON

baú que estava em cima da portinha do buraco. Colocando o copo em cima de um móvel foi até o baú o empurrando, abrindo a tampa notou um pouco de terra em cima delas. A ruiva respirava lentamente pelo nariz, o corpo todo suado e sujo demonstrava o quão maltratada estava. A loira se abanava lentamente com a mão, aquele buraco era horrível. Sentia que suas forças estavam sendo sugadas aos poucos, olhava a amiga e a via definhando – assim como ela – aos poucos e aquilo era aterrorizante. Já não aguentava mais essa situação.

— Olha vocês – Herban disse com o olhar triste. — Tão sujas. — Apontou franzindo o cenho. — Tão deploráveis.

Fitando-o ela tentou falar, mesmo com a fita adesiva na boca.

— O que? – perguntou acocorando-se. — O que você precisa?

Sem conseguir falar por sentir a garganta doer, ela chorou.

— Você quer água? – questionou observando-a acenar a cabeça lentamente. — Não sei se você merece, nem sua amiga. — Olhou a ruiva

PERIGOSAS ACHERON

que o encarava com os olhos semiabertos. — Da última vez você gritou, eu fiquei triste.

Encarando-a, ele hesitou, mas então lembrou-se que elas não podiam morrer. Não ainda, ele gostava de tê-las por perto. Estendendo a mão para a loira, agarrou a corda que estava ao redor dos pulsos femininos. Com um puxão, ele a colocou sentada ao lado dele, gemendo a mulher deixou algumas lágrimas caírem.

Levantando-se rapidamente pegou um copo de água que tinha próximo à um móvel. Voltando-se para a loira retirou a fita da boca dela e, de forma afobada ela segurou o copo tomando rapidamente o líquido engasgando-se no mesmo momento.

— Calma — pediu retirando o copo da mão trêmula. — Esse é para você e sua amiga. — Sorriu alisando o rosto sujo —, mas você pode optar em beber tudo ou deixar para ela. — Encarou a ruiva que observava os dois. — Então vai beber tudo ou deixar para a sua amiga?

Lambendo os lábios a loira encarou a amiga e deixando algumas lágrimas caírem ela chorou confirmando.

— Vai beber tudo? — questionou com um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso de lado, mas logo ficou sério quando a mesma negou. — Vai dividir com a sua amiga? — Testou recebendo um aceno positivo, pegando o copo com água jogou com ignorância no chão. — Escolha errada.

Colocando a fita no lugar ele a empurrou para o buraco, fazendo-a cair por cima da ruiva.

— Eu pensei em trazer comida — comentou levantando-se —, mas você não merece. Só me decepçiona — afirmou pegando o copo de bebida. — Eu gosto de você, gosto mesmo — sorriu bebendo —, mas tem coisas que você deve aprender.

Terminando de beber, as escondeu novamente.

Subindo foi até o banheiro tomar banho, teria que pensar em um jantar. Não queria ninguém em sua casa, mas então viu Ellie e já sabia que ela lhe dava brechas para se aproximar. Um erro dela. Então, por enquanto, tentaria se contentar com a vizinha, porque em breve ele teria uma convidada especial.

Sorrindo começou a retirar a roupa.

PERIGOSAS ACHERON

Saindo da academia, Benjamin fitou Liam andar pela calçada com as mãos nos bolsos. Hoje ligou para um advogado e marcou um horário no outro dia, amanhã resolveria a situação do loiro. Assoviano chamou a atenção do adolescente.

— Quer uma carona? – perguntou jogando a mochila no banco de trás.

— Não precisa se incomodar – respondeu olhando-o. — Minha casa é longe.

— Não é incomodo. – Sorriu indo para o lugar do motorista. — Eu só vou buscar minha namorada no trabalho dela.

— Eu não...

— Eu liguei para o advogado – contou fazendo-o encarar. — Entra aí que te digo.

Sem esperar outro convite, o loiro abriu a porta do carro, logo sentando-se no lugar do carona. Olhando para Benjamin o viu com o cenho franzido.

— O que?

— Nunca aceite carona de pessoas estranhas – bronqueou deixando-o confuso. — Nunca te PERIGOSAS ACHERON

ensinaram?

— Você quer me dar carona ou não? — quis saber ficando nervoso.

— Quero — afirmou rodando a chave, saindo com o carro da vaga —, mas não é para aceitar carona de ninguém.

Ficando uns minutos em silêncio Liam encarou o interior do carro.

— O que o advogado falou?

— Amanhã pela manhã ele vem — respondeu enquanto dirigia. — Então conversamos os três.

— Você acha que ele vai poder ajudar? — quis saber olhando-o. — Eu não quero me separar do meu irmão.

— Isso não vai acontecer.

Concordando fitou a janela, mas tinha algo que ele precisava saber.

— Por que está fazendo isso tudo? — perguntou o olhando rapidamente. — Quer dizer... — Olhou as mãos. — Eu não sou nada seu e nem meu irmão, mas você está me ajudando.

Suspirando Benjamin se lembrou de muito tempo atrás.

— Eu cresci em uma pequena comunidade —
PERIGOSAS ACHERON

disse parando no sinal vermelho. — Minha mãe sempre trabalhou, não tenho irmãos e meu progenitor nos abandonou. — Encarou-o. — Se eu não tivesse recebido ajuda quando precisei, não sei o que teria sido de mim. Não quero que você faça nada que possa se arrepender depois, você é jovem e tem a vida toda pela frente. Eu posso te ajudar, então vou ajudar.

Sorrindo o loiro voltou a olhar a janela.

Arrumava as coisas enquanto pensava no que a mais velha lhe havia dito. Parecia um pesadelo, pegando os livros e colocando a bolsa no ombro saiu da sala — dando de cara com Bradley. O loiro estava escorado na parede, tinha uma expressão tensa no rosto.

— Bradley? O que ainda faz aqui?

— Aconteceu alguma coisa — ele comentou a encarando. — Estava triste o resto da aula — afirmou ainda a fitando. — O que aconteceu?

Sorrindo aproximou-se do loiro.

— Não foi nada — mentiu começando a andar

PERIGOSAS ACHERON

ao lado do menino. — Às vezes ficamos assim, é normal. Não precisa ficar preocupado.

Concordando o menino abriu a porta fazendo-a passar na frente. Ao chegar na escada Sayuri sentou-se.

— Não vai para a casa?

— Meu namorado vem me buscar – informou e, sem esperar o menino sentou-se ao seu lado. — Não precisa me esperar, seu pai pode brigar por você chegar tarde.

— Meu pai se mandou – falou, mas logo se arrependeu. — Quer dizer, ele viajou.

— E quem está cuidando de você? – quis saber preocupada.

— Meu irmão e a vizinha. – Desviou o olhar. — Eu sei me cuidar sozinho.

— Quando o seu pai viajou?

— Faz um tempinho. – Deu de ombros, dava graças a Deus pelo pai não está em casa. — Ele sempre sai assim, mas volta.

— Você está comendo direitinho? – questionou fazendo-o encará-la. — O que foi?

Olhando-a, notou que ela estava realmente preocupada com ele. Fitando a rua sentiu o coração

PERIGOSAS ACHERON

se aquecendo, ela agia como se fosse um tipo de mãe. Mas ela não tinha idade para ser mãe dele, mais para uma irmã mais velha. Relanceando para o final da rua encarou dois faróis.

— Acho que é o seu namorado.

Levantando-se Sayuri encarou o carro se aproximar e estacionar. Sorrindo fitou Benjamin sair do automóvel, franzindo o cenho viu a porta do passageiro ser aberta e um menino loiro sair.

— Liam? – Bradley murmurou chamando a atenção de Sayuri.

— O que?

— É o meu irmão. – Apontou para o loiro que se aproximava franzindo o cenho.

— Irmão? – Liam ficou confuso. — Por que não disse que sua namorada trabalha no mesmo colégio que meu irmão estuda?

— Era por isso que você me era familiar – disse fitando Bradley que o encarou confuso. — Você não perguntou – respondeu olhando Liam rapidamente.

Aproximando-se de Sayuri, a puxou para um beijo. Alisando o rosto macio recebeu um pequeno sorriso fazendo-o franzir o cenho.

— Vamos, Bradley – Liam o chamou. —
Antes que fique muito escuro.

Segurando a cintura feminina, Benjamin encarou os dois.

— Eu disse que levo vocês dois.

— E também não é seguro para vocês dois assim sozinhos nas ruas – Sayuri disse observando os irmãos. — Vamos, de carro é mais rápido e seguro.

Olhando para o irmão, Bradley recebeu um dar de ombros. Ajeitando a mochila nas costas começou a caminhar para o carro, observando-os irem para o carro, Sayuri sorriu depositando um beijo em Benjamin.

Abrindo a porta do passageiro sorriu fitando Sayuri se acomodar no assento. Correndo para o lugar do motorista sentou-se, fitando pelo retrovisor os irmãos sentados atrás. Lançando um olhar para Sayuri a viu colocar o cinto de segurança, fazendo a mesma coisa ligou o carro rapidamente saindo do local.

Respirando fundo Sayuri observou o caminho que seguiam.

— Então vocês são irmãos – disse sorrindo
PERIGOSAS ACHERON

virando-se para encará-los. — É um prazer te conhecer, Liam.

— Obrigado — agradeceu ficando em silêncio, mas logo recebeu um cutucão do mais novo. — É um prazer te conhecer também.

Sorrindo, Sayuri encarou Bradley.

— Seu irmão é um dos meus melhores alunos — gabou-se deixando o outro um pouco sem graça. — Muito inteligente.

— Eu sei. — Deu um rápido sorriso para o outro. — Eu o conheço bem, ele sempre foi muito esperto.

Benjamin sorriu escutando-os conversarem.

— Então você é aluno do Ben? — Puxou o assunto quando o viu calado. — Você estuda?

Um pouco desconfortável com a última pergunta, Liam relanceou para o irmão.

— Sim, tenho aulas todo dia pela manhã — respondeu tendo os olhares do irmão para si. — Não estudo.

Olhando-o pelo retrovisor Sayuri notou a expressão do rosto dele, então apenas concordou. O caminho fora feito em silêncio absoluto, Benjamin adentrou a rua e parando em frente a casa viu o

PERIGOSAS ACHERON

mais velho sentado nos degraus bebendo uma cerveja. Assim que Bradley viu o pai ficou pálido, ele estava com uma expressão zangada.

Liam engoliu em seco quando o viu se levantar e jogar a garrafa de cerveja no chão, fazendo-a se espatifar. Saindo do carro Bradley tremeu de leve quando o pai começou a caminhar até si cambaleando.

Sayuri também saiu do carro se colocando ao lado de Bradley.

— Isso são horas? — questionou com a voz grogue. — Entrem — mandou com um sorriso de lado, fazendo os dois irmãos se olharem. Eles já sabiam o que iria acontecer. — Estão surdos, porra? — gritou avançando no filho mais novo, mas antes de ter o objetivo concluído foi empurrado por Benjamin.

— Segura a onda — mandou apontando para o homem.

— Benjamin, não podemos deixá-los — disse segurando a mão de Bradley, notando-a suada. — Você está se sentindo bem? — questionou o encarando.

Bradley apenas observava o pai, ele já tinha

PERIGOSAS ACHERON

visto várias vezes como aquilo acabava.

— Vocês de novo? – rugiu fitando-os, relanceando para Liam que estava ao lado de Benjamin. — Está dando para ele também? – debochou deixando o loiro envergonhado. — *Bichinha nojenta.*

— Acho bom moderar o palavreado com ele – Benjamin proferiu muito sério.

— Ou o que? – Abriu os braços quase caindo. — Vai me bater? – debochou rindo, lançando um olhar para Sayuri sorriu mais. — Gostosa.

Em um movimento rápido Benjamin avançou no homem o segurando pela camisa.

— Olha como você fala da minha mulher.

— Benjamin!

Sayuri o segurou pela camisa.

Liam notando que aquilo poderia piorar aproximou-se.

— Acho melhor vocês irem – murmurou um pouco nervoso. — Obrigado pela carona, vamos Bradley.

A rua estava deserta, geralmente naquele horário poucas gentes se atreviam a ficar na rua. Fitando a professora, Bradley deu um pequeno

PERIGOSAS ACHERON

sorriso e de cabeça baixa começou a caminhar para dentro.

— Bradley – o chamou sentindo o coração apertado. — Você não precisa ir se não quiser, eu estou aqui para você. Para os dois – completou fitando Liam.

Sem a responder o mais novo adentrou a casa, lançando um olhar para o mais velho, Sayuri o viu sorrindo. Acenando para o casal, Liam seguiu o irmão. Soltando o homem com ignorância, Benjamin o observou ir para dentro. Deixando algumas lágrimas caírem, Sayuri sentiu ser abraçada.

— Estou com medo – avisou trêmula. — Não deveríamos deixá-los aqui.

Benjamin a encarou e quando estava pronto para falar ouviu um barulho de algo se quebrando vindo de dentro da casa. Rapidamente correu para a porta, sendo seguido por Sayuri. Ao se aproximar ouviu um gemido e logo em seguida o grito de Bradley pedindo para ele parar. Agindo rápido Benjamin chutou a porta a quebrando. Adentrando o local viu Liam desacordado caído por cima de uma mesinha de vidro quebrada e o homem por

PERIGOSAS ACHERON

cima do jovem o enforcando. Bradley tentava puxar os braços do mais velho.

Rapidamente Benjamin avançou no homem e o socou. Sayuri nervosa correu até Liam aferindo o pulso do jovem. Relanceando para Bradley o viu com o lado do rosto vermelho, provavelmente de um tapa.

— Chame uma ambulância, rápido – mandou fazendo o menino concordar e correr pelas escadas.
— Benjamin! Pare! Deixe que a polícia se encarregue dele.

Socando-o mais uma vez o deixou descordado, largado no chão. Correndo até a mulher observou o adolescente e sentiu-se culpado por ter deixado aquilo o acontecer. Ouvindo os passos do mais novo virou-se notando-o machucado também.

— Eu liguei – respondeu com os olhos cheios de lágrimas, mas antes que uma caísse ele passou a mão as secando. — Ele está bem?

— Tudo vai ficar bem – afirmou o abraçando, sentindo-o tenso. — Eu não vou deixar que nada te aconteça. Nunca mais, nem você e nem a seu irmão.

Bradley naquele momento a abraçou, ele iria acreditar nas palavras dela. Mas esperava que não fossem palavras vazias, ele não aguentaria. Minutos depois puderam ouvir o som da sirene do carro de polícia e da ambulância, segundos depois três policiais armados adentraram a casa.

— O que aconteceu? – perguntou o policial fazendo sinal para a equipe médica adentrar a casa.

— O meu pai tentou matar o meu irmão – Bradley murmurou o encarando.

Afastando-se do irmão ficou observando a equipe médica colocar o colar cervical nele e o posicionar na maca. Fitando o pai o viu ser algemado e levado para fora, arrodando os braços na cintura da professora sentiu um carinho nos cabelos. Olhando para o lado viu Benjamin conversar com um policial e, rapidamente concordar com a cabeça se despedindo do homem.

— Vamos.

Indicou o lado de fora.

— Para onde? – quis saber nervoso andando ao lado da professora. — Eu não quero ficar longe do meu irmão.

— Você também foi machucado – Sayuri
PERIGOSAS ACHERON

expôs com uma voz suave enquanto alisava o cabelo loiro do menino. — Eu vou estar com você, não vai ficar sozinho – afirmou aproximando-se da ambulância.

— Amanhã vamos à delegacia – deixou claro observando alguns policiais conversando e apontando para a casa dos meninos. — Você vai precisar falar tudo o que já aconteceu com vocês dois.

— Mas se eu fizer isso vou ficar longe do meu irmão – deduziu franzindo o cenho. — Não quero isso.

— Bradley. – Parou segurando o rosto do menino. — Confie em mim, você não vai. – Voltando-se para Benjamin o beijou nos lábios.

— Eu vou atrás de vocês – deixou claro observando-os subirem na ambulância.

Dentro do veículo a equipe médica fazia os primeiros socorros.

— Meu irmão vai morrer? – perguntou para ninguém em especial.

— Não – uma paramédica afirmou dando um pequeno sorriso.

Após isso a ambulância começou a se mover.

PERIGOSAS ACHERON

Fitando o lado viu Sayuri segurar sua mão enquanto observava Liam ser atendido, cansado demais encostou a cabeça no ombro feminino.

Benjamin acompanhava a ambulância enquanto na mente passava os acontecimentos rapidamente. Ele teria que agir, não deixaria que Bradley ou Liam fossem para um abrigo de menores. Pensando assim pegou o celular discando o número do advogado, mas sempre atento ao redor. Colocando no viva voz esperou que o homem atendesse e, quando ele o fez explicou a situação.

— *Peço que o senhor me informe qual a delegacia vai e o horário* – Cliv o respondeu. — *Estarei defendendo os menores e vou fazer o possível e impossível para ajudá-los.*

— Obrigado – agradeceu mais calmo. — Amanhã eu mando por mensagem tudo o que precisa.

— *Estarei no aguardo.*

Encerrando a ligação Benjamin respirou
PERIGOSAS ACHERON

fundo.

O celular tocando chamou a atenção, o número da mãe piscava na tela.

— Oi, mãe.

— *Ben, meu amor* – falou com a voz preocupada. — *Estou aqui no seu prédio, mas o porteiro avisou que você ainda não chegou. Aconteceu alguma coisa?*

— Mãe, pode ir para casa – respondeu olhando para frente. — Eu não sei que horas eu volto e...

— *Você está em um hospital?* – perguntou após ouvir sirene ao fundo.

— Mãe...

— *Qual hospital, Benjamin?* – o interrompeu séria.

— Rupert Wahlberg – murmurou observando a ambulância estacionar e Sayuri descer ajudando Bradley. — Mãe, eu não posso falar agora, depois eu ligo.

Encerrando a ligação, desligou o carro e saiu do automóvel. Correndo aproximou-se de Sayuri, a abraçando.

— Olá, tudo bem? Me chamo Nally. Você

PERIGOSAS ACHERON

veio com a ambulância? — Uma enfermeira aproximou-se de Bradley que concordou com a cabeça. — Precisamos te examinar, nada demais só para saber se está tudo bem com você.

Lançando um olhar para Sayuri, a viu confirmar com um pequeno sorriso.

— Vocês são os responsáveis dele?

— Sim, somos.

— Certo — confirmou apontando para a recepção. — Poderiam ir até a recepção preencher o formulário dos dois? Já voltamos.

Bradley ainda encarou a professora de forma indecisa.

— Eu posso ir com ele? — Sayuri questionou ao notar o olhar do menor.

— Claro.

— Amor, eu vou com ele, está bem? — murmurou não notando o apelido que dissera, sorrindo Benjamin confirmou. Logo a beijando. — Obrigada.

Suspirando a observou sumir no mesmo corredor que a maca com Liam passou. Encaminhando-se para a recepção informou que havia ido com duas crianças e segundos depois a

PERIGOSAS ACHERON

recepcionista entregou duas fichas. Sentando-se começou a preenchê-la, concentrado no que fazia assustou-se quando a mãe lhe chamou.

Sem acreditar, viu a mulher se aproximar quase correndo, levantando-se a abraçou.

— Meu amor – murmurou o abraçando forte.
— O que aconteceu? Onde está Sayuri?

— Ela está bem, mãe – disse sentindo os braços ao redor de si. — Eu disse para ir para casa.

— Filho, como eu iria para casa? – questionou franzindo o cenho. — Fui fazer uma surpresa para você e descubro que está em um hospital – comentou olhando em volta. — Onde está Sayuri?

— Está lá dentro – falou deixando a mãe tensa. — Calma, ela só está acompanhando um aluno dela.

— Um aluno? Aconteceu algo no colégio?

Negando a puxou para sentar na cadeira e, de forma calma explicou a situação toda. Jilly ouvia calada tudo o que o filho tinha para dizer e, cada vez mais seu coração se apertava só de imaginar o que mais os meninos passaram calados, sofrendo sozinhos sem uma mãe por perto para lhes ajudar.

— Meu Deus, Ben! – disse com a mão no peito. — E o que vai ser agora?

— Amanhã vamos até a delegacia prestar queixa – avisou recebendo uma concordância. — Já liguei para o Cliv, o advogado, ele já está a par de tudo.

— Essas crianças não podem ficar por aí – afirmou olhando-o. — Lá em casa tem quartos disponíveis.

— A senhora tem certeza?

— Claro – deu um pequeno sorriso. — No seu apartamento tem quartos, mas você trabalha fora. Eu só fico em casa cuidando das minhas plantas.

— Vamos ver o que eles vão achar.

Terminando de preencher as fichas, somente algumas informações que ele sabia responder. Sentaram-se na sala de espera, uma porta se abrindo chamou a atenção dos dois e Sayuri junto com o loiro menor andavam ao lado. Assim que a jovem viu a sogra, lhe sorriu a abraçando.

— Querida fiquei tão preocupada quando soube que vocês estavam aqui – falou assim que se separou do abraço, sorrindo voltou sua atenção para

PERIGOSAS ACHERON

o loiro. — Oi querido, me chamo Jillian — se apresentou alisando o cabelo do menino. — Sou a mãe do Benjamin.

— Oi — respondeu sentindo-se cansado. — Vou beber água, a senhorita vai querer água? — quis saber fitando Sayuri.

— Não, obrigada.

Concordando o loiro afastou-se indo até o bebedouro.

— Está tudo bem com ele? — Benjamin quis saber abraçando Sayuri.

— A enfermeira fez todos os exames físicos nele — avisou observando o menor. — Ele está magro para a idade e altura, a enfermeira disse que ele precisa se alimentar melhor. Ele tem quinze anos, mas olhando-o parece que tem menos — disse sentindo o calor do namorando. — E o Liam? Alguma notícia?

— Até agora nada.

Sentados no sofá conversavam sobre besteiras. Ele a observava como um leão observava

PERIGOSAS ACHERON

sua presa e, Ellie estava adorando o olhar que ele lhe lançava. De forma sutil levantou a barra do vestido, mostrando mais a coxa para o ruivo.

— Como foi o seu seminário? — quis saber colocando o copo na mesinha de centro.

Sorrindo a mulher deu um gole da bebida, logo o colocando no móvel.

— Me saí bem — confirmou mexendo no cabelo. — Estudei muito. — Aproximou-se mais do homem. — Então, desde que se mudou para cá não sei muito sobre você. Só que trabalha em uma universidade como professor.

Rindo, apreciou a aproximação dela.

— Não tenho muito o que falar — disse observando o decote do vestido. — Uma vida chata de professor, nada acontece.

Sorriu lembrando-se das duas jovens presas no porão.

— Deve ser entediante — comentou recebendo um aceno —, mas então não tem namorada?

— Não — negou dando um pequeno sorriso. — Não tenho sorte na arte do amor.

Lambendo os lábios, Ellie se aproximou mais

PERIGOSAS ACHERON

do homem.

— Que bom — disse fazendo-o sorrir. — Então não vou me sentir tão culpada por isso.

Sem esperar resposta ela o beijou. Soltando um gemido, sentiu quando o homem a puxou para o colo. As mãos masculinas lhe apalpavam com fervor, ainda o beijando começou a lhe abrir a blusa. A língua do ruivo a estava enlouquecendo, descendo os beijos para o pescoço masculino ouviu um barulho como se fosse um resmungo.

— Você ouviu isso? — perguntou sentindo as mãos fortes lhe apertar os seios, fazendo-a gemer.

— Não — negou puxando o vestido que ela usava para cima. — Não ouvi nada, estou louco para te sentir.

Sorrindo, fez ele retirar a blusa que usava, porém, ouviu novamente o barulho. Parecia vir do porão.

— Eu acho que tem algo no seu porão. — Empurrou-o encarando os olhos claros. — Você não quer ir olhar?

— Não é nada — afirmou pegando-a no colo, sentindo os seios em contato com o peitoral maciço. — Vamos para o meu quarto, vou te dar o

PERIGOSAS ACHERON

que você tanto quer.

Voltando a beijá-lo deixou que o mesmo a levasse para o andar de cima.

Fazia algumas horas que estavam esperando e nada de terem informação do loiro. Aquilo estava deixando a todos em estado de nervos. Bradley sentado ao seu lado tinha negado o convite de ir comer alguma coisa na lanchonete do hospital.

O loiro só queria saber do irmão, tentava não demonstrar, mas estava morrendo de medo do que seria a partir de agora.

Com a chegada do médico todos se levantaram ansiosos.

— Responsáveis por Liam? — perguntou observando os que estavam na sala de espera.

— Somos nós — Sayuri afirmou aproximando-se com Bradley do lado. — Como ele está?

— Ele está bem. — Sorriu observando-os. — Ele está sedado e descansando. Ele sofreu uma concussão e escoriações pelo corpo, mas já está

PERIGOSAS ACHERON

medicado e fora de perigo.

— E quando ele vai poder ir com a gente? — Bradley perguntou obtendo a atenção para si.

— Eu aconselho que ele passe essa noite no hospital — respondeu crispando os lábios. — Ele está anêmico, precisa de cuidados. E por causa da pancada na cabeça, sugiro que ele fique sob supervisão médica.

— Mas o senhor acabou de dizer que ele está fora de perigo — o loiro retrucou fazendo-o sorrir.

— Eu sei, meu jovem — falou fitando Sayuri. — São só cuidados que temos com pacientes assim.

— Podemos vê-lo? — Jilly questionou.

— Claro, mas sejam breves — pediu colocando o prontuário por baixo do braço. — Ele poderá ficar com apenas um acompanhante.

— Eu fico — Bradley disse. — Ele é meu irmão.

— Você não pode — deixou claro não perdendo o olhar sério do loiro. — Só adultos.

— Eu fico — Jilly respondeu deixando Bradley surpreso. — Vocês vão para casa, cuidem do Bradley.

Benjamin sorriu fitando a mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está na enfermaria trezentos e dois — informou. — Fica no terceiro andar. — Observou-os acenar com a cabeça. — Posso falar com o senhor?

— Claro — concordou, relanceando para Sayuri indagou: — Eu encontro vocês lá em cima.

Após a saída dos três Benjamin encarou o médico.

— O que o senhor é do adolescente?

— Sou o professor dele — disse fazendo-o confirmar. — Algo de errado?

— A assistente social foi comunicada — avisou de modo sério. — Amanhã pela manhã ela estará aqui para falar com vocês sobre as vítimas.

— Certo, obrigado.

— Espero que tudo dê certo.

Apertou a mão de Benjamin, logo saindo dali.

Observando o homem ir embora, Benjamin passou a mão na cabeça. Começando a caminhar em direção as enfermarias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

No terceiro andar, Benjamin procurou o quarto ao qual Liam estava, nos corredores podia ver algumas enfermeiras e visitantes andando. Ao encontrar o quarto, entrou observando a mãe acariciar o cabelo do loiro, em seu olhar ele podia notar várias emoções.

Sayuri abraçava Bradley que fitava o irmão que dormia de forma serena.

— Ele vai ficar bem — Jilly afirmou dando um pequeno sorriso, mas logo deixou uma lágrima cair. — Ele é um menino forte.

— Isso. — Sayuri sorriu ainda abraçada a Bradley. — Não precisa se preocupar com o seu irmão, ele está em boas mãos.

A enfermeira adentrando o quarto assustou-se com o quarto lotado.

— O horário de visita já encerrou — avisou indo até o soro o trocando. — Vou pedir para que se retirem e somente o acompanhante que fique.

— Nós já estávamos indo — Sayuri respondeu fitando rapidamente Benjamin. — Jilly se precisar

PERIGOSAS ACHERON

de qualquer coisa nos ligue por favor.

Abraçou-a sendo correspondida.

— Tudo bem, querida. — Voltando a atenção para Bradley o abraçou também, pegando o menino de surpresa. — E você não se preocupe, cuidarei do seu irmão como se fosse meu filho.

Benjamin a abraçou depositando um beijo no alto da cabeça.

— Se cuida — pediu recebendo um aceno. — Vamos.

Lançando um último olhar para o irmão, Bradley segurou no braço de Sayuri e dessa forma saiu do quarto. Queria chorar, mas meninos não choravam. Só que a dor que sentia no coração era grande, parecia mais um buraco no meio do peito.

— Onde eu vou ficar? — quis saber chamando a atenção para si.

— Ficará no meu apartamento — Benjamin informou saindo do hospital, relanceando para o jovem. — Lá tem uma cama sobrando.

— Eu pensei que ficaria com a senhorita.

Sorrindo o fitou.

— Eu moro ao lado do Benjamin e não se preocupe, estarei com você.

A certeza na voz dela o fez sorrir. Sentindo as lágrimas escorrerem pelo rosto as limpou rapidamente.

— Desculpe.

— Pelo que?

Estranhou adentrando no carro.

— Por chorar – murmurou baixo, mas Sayuri escutou. — Sei que homem não chora.

— Tudo bem chorar – retrucou com um pequeno sorriso. — Todos choramos, não é vergonha.

— Meu pai dizia que sim.

— Aquele homem não deve ser considerado um pai – Benjamin disse de forma séria. — Ele deveria se envergonhar por falar tantas besteiras por aí.

Anuindo com a cabeça, Bradley encarou a janela. Observava em silêncio o caminho que seguiam, quando finalmente chegaram a um bonito prédio fitou Benjamin que saía do carro. Fazendo a mesma coisa parou ao lado da mulher, no hall do lugar avistou uma mulher morena usando um vestido curto preto. Falava com o porteiro.

— Graças a Deus! – Noemie indagou assim

PERIGOSAS ACHERON

que viu Sayuri. — Você quer, por favor, me falar onde diabos estava? Por que não atendia a *merda* do celular? — quis saber olhando Sayuri, mas só agora notando o adolescente ao lado. — Quem é esse menino?

— Mei, esse é Bradley — apresentou fazendo Noemie sorrir para o loiro. — Bradley, essa é minha amiga Noemie.

— Pode me chamar de Mei. — Estendeu a mão que mesmo de forma incerta foi apertada. — Então, onde estavam? Querem, por favor, me contar? Por que eu cheguei, te liguei e nada.

— Vamos subir, Mei — chamou abraçando o loiro pelos ombros. — Lá em cima eu te falo.

Já instalados, Sayuri contou tudo a Noemie que prontamente se prontificou para ajudar no que fosse necessário. Benjamin foi em casa junto com Bradley, mostrando-o onde ficava o quarto e o banheiro. Com tudo isso que aconteceu, Sayuri esqueceu que estava demitida, mas logo lembrou-se o que a deixou mais triste ainda.

Já tomada banho e vestindo uma roupa comportada, encaminhou-se para o apartamento de Benjamin. Tocando a campainha esperou até que a porta fosse aberta.

— Você não precisa bater — ele a avisou sorrindo. — *Mi casa és su casa.*

Sorrindo o beijou.

— Onde ele está?

— Tomando banho — informou indo se sentar no sofá. — Eu deixei uma roupa limpa para ele usar.

— Bem, o que vamos fazer? — questionou o encarando. — Eu não posso simplesmente dar as costas aos dois, eu me sinto ligada ao Bradley e também não estou conseguindo ser indiferente com o Liam.

— Não vamos dar as costas a ninguém. — Deixou claro enquanto alisava o rosto macio. — Antes disso tudo eu já estava disposto a ajuda-lo e, depois do acontecido mais ainda. Eu liguei para o meu advogado, ele que ajuda na minha pequena empresa. Vamos ver o que ele sugere.

— Não podemos deixar que os irmãos fiquem separados — falou alisando a barba do PERIGOSAS ACHERON

homem.

— Isso não vai acontecer, amanhã resolveremos – prometeu beijando-a. — Agora eu quero saber o que aconteceu? – quis saber deixando-a confusa. — Quando cheguei para te buscar, você estava com os olhinhos tão tristes. O que aconteceu?

— Eu fui demitida – avisou dando um sorriso triste. — O dono do colégio ligou avisando que me queria fora dele.

— O que? Por que? – perguntou assustado. — Por causa de ontem?

Sentiu-se culpado.

— Não, não foi por ontem – esclareceu dando um pequeno sorriso. — A Sra. Cooler não soube me dizer, ela só cumpriu ordens.

— Eu sinto muito – disse dando um rápido selinho. — Quem saem perdendo são eles – afirmou fazendo-a sorrir.

— É, pode ser.

Deu de ombros.

— Hey. – Segurou o rosto feminino. — Eu aposto que você vai conseguir um outro emprego, afinal, você é inteligente, fala bem, é professora. —

PERIGOSAS ACHERON

Sorriu a puxando para mais perto. — Não falo porque sou seu namorado, falo porque é a verdade. A melhor professora de New York, me atrevo a dizer que a melhor do mundo. Não existe outra que tire o seu posto de melhor professora e, eu aposto que se perguntar isso ao Bradley ele irá confirmar. Não deixe que isso a entristeça, novas portas irão se abrir.

Sorrindo, ela sentiu o coração se aquecer, deixando algumas lágrimas escaparem percebeu o que estava sentindo. Não era paixão, não.

Ela o amava.

Amava esse jeito que ele tinha, a forma como ele lhe falava ou agia consigo. Sempre carinhoso e a colocando para cima, verbalizando para quem quisesse ouvir o que ele achava sobre ela. Deixando as lágrimas escaparem dos olhos ela o abraçou e murmurou em silêncio o que sentia, amava-o.

— Você nunca mais me chamou de *Chuchu*.
— Fungou fazendo-o rir, separando-se notou o sorriso de lado que ele tinha. — Eu acho brega, mas acho fofo.

— Vou ignorar o brega e ficar com o fofo — deixou claro fazendo-a sorrir. — Meu *chuchu*.

Sorrindo Sayuri o abraçou novamente. Fitando o corredor, viu Bradley parado observando-os. Sorrindo o chamou.

— Como você está?

— Bem – murmurou sentando-se no sofá. — O que vou fazer?

Saindo de onde estava Sayuri sentou-se ao lado do loiro.

— Você vai deixar que a gente resolva essa situação. – Sorriu olhando a roupa grande demais para o corpo dele. — Vamos te ajudar.

Olhando as mãos ele confirmou.

— Vou precisar ir para o colégio amanhã?

— Suas últimas provas serão daqui a três semanas – avisou como se ele não soubesse. — Você não pode faltar. — Olhando-o confirmar alisou o cabelo loiro. — Você está com fome?

— Acho que sim – disse acanhado —, mas aguento até amanhã. Não precisa se preocupar com isso.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas Sayuri relanceou para Benjamin. E num impulso abraçou o menino deixando as lágrimas caírem, Benjamin a observava com o cenho franzido.

— Não sou chorona assim – avisou para o olhar do homem. — Eu só estou sensível. — Sorrindo voltou-se para o garoto. — Não é incômodo nenhum, o que quer comer?

Dando de ombros ele a encarou.

— O que acha de pizza? – Benjamin perguntou fazendo o menino sorrir.

— Pode ser.

Pegando o celular no móvel próximo discou o número da pizzaria. A campainha sendo tocada chamou a atenção de todos e, levantando-se Sayuri foi atender a porta. Abrindo-a viu Noemie segurando o celular.

— É a sua mãe – avisou entregando o aparelho a ela. — Eu tinha ligado para ela, não sabia onde você estava. Foi mal.

Concordando voltou-se para os dois homens.

— Eu volto logo.

Recebendo acenos fechou a porta andando até o final do corredor.

— Oi, mãe.

— *O que está acontecendo, Sayuri? Onde você estava? O seu pai queria sair de casa a sua procura, sabíamos que estava com Benjamin,*
PERIGOSAS ACHERON

porque Noemie avisou. Mas custava atender as ligações? – Ao fundo pôde ouvir o pai falando alguma coisa. — Você está aí?

— Mãe, eu o amo – respondeu fazendo-a ficar muda. — Eu descobri isso hoje. – Sorriu olhando a porta do apartamento de Benjamin. — Sinto tudo o que a senhora uma vez me disse.

— *Oh, filha!* – murmurou emocionada. — *Eu fico tão feliz por isso, você minha princesa merece ser tão feliz.*

— Esse final de semana eu vou aí – avisou sorrindo. — Vou explicar tudo o que aconteceu e, quero te apresentar duas pessoas.

— *Tudo bem, meu amor. Você está bem? Me deixou preocupada, quando acontecer algo você liga ou só para dizer que tudo está bem.*

— Desculpe preocupa-los – pediu mordendo os lábios. — Não tive a intenção, eu só estava focada demais nas coisas.

— *Tudo bem! Dorme bem, a gente te ama.*

— Eu também amo vocês.

Encerrando a ligação observou a janela do corredor. A noite estrelada, parecia um quadro em exposição. Um quadro que mostrava o céu escuro

PERIGOSAS ACHERON

sem qualquer nuvem lhe adornando, apenas as estrelas enfeitando a noite junto à lua. Abraçando-se viu em sua cabeça um filme passar sobre o dia: sua demissão, Liam e Bradley irmãos, Liam no hospital, Bradley tão frágil com tudo isso e, a descoberta do amor.

Ela estava amando.

E tudo parecia ser tão certo que nem passava mais por sua cabeça não ser correspondida. Benjamin demonstrava em suas ações e, o que é uma simples frase perto de demonstrações de carinho? Aquilo já a bastava. Ainda encarando a noite lembrou-se da foto que recebera. Desviando para o corredor voltou a pensar no significado da imagem, forçando a mente recordou-se também do bilhete afirmando que ela seria a próxima.

Balançando a cabeça suspirou começando a caminhar de volta para o apartamento. Não iria pensar nessas coisas, sua mente fantasiava demais. Desde que saíra do Campus ela não se sentia mais tão vigiada como antes, aquela sensação ruim de que alguém vigiava seus passos. Era tão aterrorizante.

Abrindo a porta avistou Benjamin
PERIGOSAS ACHERON

conversando com Bradley e, quando ela foi percebida, os dois lhe sorriram. Devolvendo o sorriso se encaminhou para o sofá sentando-se no meio dos dois.

— A pizza já está chegando.

Após jantarem a pizza, Sayuri acompanhou Bradley até o quarto. Enquanto arrumava a cama, o mais novo escovava os dentes no banheiro. Na gaveta do banheiro sempre tinha coisas de uso pessoal para as visitas, então terminando de escovar voltou para o quarto.

— Eu estou morrendo de sono – o menino comentou deitando-se na cama. Sorrindo, fitou Sayuri que se sentou na beirada da cama. — A senhorita vai dormir aqui?

— Vou – concordou sorrindo. — Esse quarto da frente. – Apontou para a porta. — Tenha uma boa noite, querido.

Antes que pudesse se levantar ele lhe segurou a mão.

— Pode ficar aqui até eu dormir? – perguntou
PERIGOSAS ACHERON

envergonhado. — Eu durmo no mesmo quarto que meu irmão, a gente conversa até eu pegar no sono.

— Claro. — Sorriu cruzando as pernas. — Sobre o que quer falar?

— Não sei — murmurou olhando-a.

Sorrindo o encarou.

— Eu estou curiosa com uma coisa — proferiu cruzando os braços —, mas não quero ser intrometida.

— Pode perguntar.

— Você gosta da Hailee?

— O que? — perguntou nervoso. — Eu gostar da Hailee?

— Sim. — Sorriu fitando-o. — Você gosta?

— Não — negou desviando o olhar. — Não gosto dela.

Suspirando fez uma expressão de tristeza.

— Uma pena, então.

— Por que? — quis saber interessado. — Acha que ela gosta de mim?

— Acho que sim. — Deu de ombros olhando o quarto, mas logo voltando a atenção para o jovem. — Vocês formam um casal tão fofinho.

Sem esperar viu o sorriso dele, mas logo o

PERIGOSAS ACHERON

sorriso sumiu e a expressão séria se fez presente.

— Eu acho que já estou com sono — avisou encarando-a. — Boa noite.

Sorrindo, Sayuri o beijou na testa.

— Boa noite, até amanhã.

Antes de fechar a porta o fitou, dando um pequeno sorriso caminhou em direção do quarto. Abrindo a porta viu Benjamin usando apenas um calção de tecido fino, olhando-o daquela forma tão entregue lamentou por ainda estar menstruada. Queria tanto poder senti-lo dentro de si, mas teria que esperar mais alguns dias. Uma ideia havia passado por sua mente: sexo anal. Já havia lido sobre o ato e, pensar em fazer com Benjamin a deixava com tesão, mas ao mesmo tempo um pouco amedrontada. Tinha ouvido alguns relatos sobre: que doía demais, era desconfortável e que a mulher não sentia prazer. Talvez qualquer dia desses pudesse testar isso em prática.

Antes de deitar retirou o sutiã, o tinha colocado por causa de Bradley. Não queria aparecer sem a peça na presença do menino.

Benjamin a encarava sem piscar fazendo-a corar de vergonha.

— Para de me olhar assim – disse logo deitando-se ao lado do homem.

— Eu não fiz nada – se defendeu a rodeando com o braço. — Gosto de ter você bem pertinho de mim assim.

— Eu também. – Esfregou o rosto no peitoral musculoso. — Me sinto protegida. – *E amada*, completou mentalmente. — Se me perguntassem agora mesmo qual o melhor lugar eu saberia o que responder.

— E qual seria sua resposta? – perguntou olhando-a nos olhos.

— Nos seus braços – disse fazendo-o sorrir. — Me sinto tão protegida nos seus braços.

Dando um pequeno sorriso, aproximou os lábios dos dela. Um beijo romântico, nada sexual, só um roçar de lábios. Mas quando se tratava de Sayuri, ele se sentia em chamas. Parecia que faltava algo, não sexualmente, mas algo que queria sair e ele não sabia o que em questão. Isso o deixava um pouco confuso.

Puxando-a para cima de si a beijou.

O beijo era lento e calmo, os lábios deslizavam entre si. Chupando, sugando e

PERIGOSAS ACHERON

mordendo. As línguas se acariciavam em uma dança sensual, as mãos de Benjamin desciam pelo corpo feminino em uma carícia intensa fazendo-a gemer em seus lábios.

Separando-se do beijo Sayuri sentiu seu baixo ventre doer. Saindo de cima do homem deitou-se encolhida ao lado de Benjamin.

— Sayuri? Está se sentindo bem? — perguntou sentando-se alarmado.

— Sim — concordou de olhos fechados, sentindo a dor ir embora rapidamente. — Foi um pequeno desconforto apenas, desculpe.

— Vamos dormir — a chamou encarando, Sayuri ainda mantinha os braços ao redor do ventre. — Você quer uma massagem?

— A ideia é fazer eu melhorar ou ficar com tesão? — quis saber com um pequeno sorriso.

Sentando-se sobre os joelhos Benjamin indicou para ela deitar reto.

— A ideia é a dor passar — comentou virando-se até o criado mudo pegando um óleo corporal. — Te deixar com tesão é minha próxima meta quando estiver cem por cento.

Sem falar mais nada passou o óleo nas mãos

PERIGOSAS ACHERON

e as esfregando sentiu-os aquecer. Levantando a blusinha que Sayuri usava e baixando um pouco o cós do short, começou a massagear aquela região. Soltando um suspiro Sayuri sentiu a pele aquecida e fechando os olhos se deixou levar pela massagem.

No outro dia Sayuri acordou com os braços de Benjamin lhe apertando contra si. Abrindo os olhos esticou o braço pegando o celular, notando que faltava poucos minutos para levantar. Sorrindo pegou o celular e colocando na câmera frontal apontou para si e na tela viu Benjamin sereno enquanto dormia.

Dando um sorriso bateu a foto, virando-se minimamente na cama posicionou a foto em um outro ângulo. Sorrindo sem mostrar os dentes bateu a foto, após isso se levantou para usar o banheiro.

Ao abrir os olhos a primeira pessoa que viu foi uma mulher que ele nunca tinha visto na vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa, assim que o notou acordado lhe sorriu, desviando o olhar Liam fitou ao redor parando-se no acesso que tinha no braço.

— Está sentindo alguma dor? — a mulher questionou.

— Não — negou a olhando. — Só estou com sono, sinto meu corpo um pouco pesado.

— Isso é normal acontecer — falou sorrindo. — Você dormiu como pedra.

Em silêncio ele a encarou.

— Me desculpe, mas quem é a senhora?

— Sou Jillian — apresentou-se sorrindo. — Sou a mãe do Benjamin, fiquei com você enquanto ele levava seu irmão para casa.

— Para casa? — assustou-se querendo se sentar. — Não! Aquele desgraçado vai machucar meu irmão.

— O Benjamin jamais faria isso — contrapôs com o cenho franzido. — Você não conhece meu filho, eu vejo.

— O que? — questionou confuso. — Eu falo do meu pai.

Compreendendo a mais velha balançou a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe – pediu sorrindo mais calma. — Ele foi preso, está detido.

— O que? – Ficou pálido. — Meu Deus.

Notando-o assustado Jilly sentou-se segurando a mão do loiro.

— Não precisa se preocupar, Liam. Estamos aqui com você, não vamos deixar que nada aconteça com vocês dois.

— Eu ainda sou menor de idade – avisou. — Vão separar meu irmão de mim.

Negando com a cabeça, Jillian estava pronta para falar que aquilo não aconteceria, porém, uma batida na porta chamou a atenção dos dois. Uma mulher usando um terninho sorria observando o adolescente.

— Bom dia – saudou olhando agora a mais velha. — Posso entrar?

— Claro – Jilly permitiu a encarando. — A senhora quem seria?

— Sou Trisha Callum – apresentou-se estendendo a mão para a outra. — Sou a assistente social.

— Vai embora! – o loiro mandou nervoso. — Você não vai tirar meu irmão de perto de mim!

PERIGOSAS ACHERON

Um pouco assustada a mulher o encarou.

— Liam, por favor, querido – pediu colocando a mão no ombro do loiro. — É necessário fazer isso agora?

— Eu só preciso fazer algumas perguntas – disse com um olhar compreensível. — Não vou me demorar – dizendo isso pegou um bloco de notas dentro da pasta que levava. — Preciso saber se você conhece algum familiar que eu possa me comunicar.

Lançando um olhar para Jilly, Liam quase chorou. Eles não tinham ninguém, sentindo a respiração ficar descompassada, ele fitou as mãos. Jilly notando isso voltou a encarar a mulher de terno.

— Caso eles não tenham o que será feito?

— Então eles serão levados para um abrigo da idade deles – respondeu fitando o loiro. — Até que ele possa atingir a maior idade.

— Não, não... – lamentou o adolescente. — Isso não pode acontecer.

— Existe uma outra forma que possamos fazer? Adoção? – questionou fazendo os dois encará-la.

Surpresa e interessada Trisha fitou a mulher a sua frente.

— A senhora quer adotar um adolescente de dezessete anos e um outro de quinze? – perguntou após olhar a ficha que lhe fora passada dos dois.

— Algum problema nisso?

— Não – negou sorrindo. — É difícil de isso acontecer, mas acontece. A senhora pode sim.

— Ótimo. – Sorriu fitando rapidamente Liam que a encarava ainda surpreso. — Vou conversar com o meu advogado, depois entraremos em contato.

Concordando, Trisha retirou um cartãozinho do bolso.

— Esse é o meu número – disse olhando mais uma vez o adolescente. — Eu tenho o número do Benjamin Buthler...

— Meu filho.

— Certo. – Sorriu encarando-a. — Foi esse o responsável que preencheu a ficha do hospital dos dois. Entro em contato.

Dando as costas saiu do recinto, após a saída da mulher Liam voltou a encarar Jilly.

— Desculpe pelo que vou dizer agora –
PERIGOSAS ACHERON

murmurou com o cenho franzido —, mas eu acho que a senhora é louca.

Sorrindo, a mulher o fitou com os olhos risonhos.

— Acho que sim – respondeu dando de ombros —, mas fazer o que? Nasci desse jeito.

— O que o Benjamin vai pensar sobre isso?

— Não se preocupe com isso – interpôs gesticulando a mão. — Você está com fome? Vou procurar a enfermeira para saber se você pode comer, não saia daí.

Encostando a cabeça no travesseiro Liam fechou os olhos. Aquela senhora só poderia ser uma louca mesmo, mas mesmo assim havia gostado dela. Sozinho permitiu-se sorrir, talvez finalmente teria encontrado pessoas que os ajudariam. E ele não negaria qualquer tipo de ajuda, ele agarraria com força as oportunidades.

Descendo em frente ao colégio, Bradley fitou alguns alunos o encararem com o cenho franzido. Desviando o olhar fitou Sayuri beijar os lábios do

PERIGOSAS ACHERON

namorado, dava para ver que os dois se amavam demais. Voltando o olhar para a entrada viu Hailee o fitar corada, ao seu lado algumas meninas cochichavam e sorriam.

Lembrando-se da noite passada, sorriu ao imaginar que a loira gostava de si.

— Eu vou falar com a Sra. Cooler e vou avisar que a tarde vou precisar me ausentar – ouviu a professora falar para Benjamin. — Então vamos até a delegacia.

— Tudo bem – concordou lhe alisando o rosto. — Vou até a academia ver como estão as coisas e deixar Cosby tomando de conta da minha turma. Vou levar vocês então me esperem.

— Okay! – Sorriu beijando-o mais uma vez. — Até.

— Até. – Sorriu, fitando Bradley ficou mais sério. — Toma conta da minha garota, hein?

— Pode deixar – afirmou fazendo-o sorrir, em silêncio observou o homem adentrar o carro e logo sair. — Vocês formam um bonito casal e ele cuida bem da senhorita.

— Sim. – Sorriu andando para dentro com o menino em seu encalço. — Vá para a sala, já irá

PERIGOSAS ACHERON

tocar. Vou na sala da Sra. Cooler e deixa-la a par de que daqui a pouco vou precisar ir.

Concordando começou a ir para a sala.

— Bradley!

Virando-se viu Hailee correr, deixando os cabelos dourados se balançarem por todo o lado.

— Bom dia! – Sorriu recebendo um aceno.
— Chegou com a professora.

— É – falou adentrando a sala indo se sentar no lugar de sempre.

— E por quê?

Parando para analisá-la ele percebeu que poderia lhe responder com uma grande grosseria, mas ao invés disso fitou o formato dos olhos dela. A íris clara que nesse momento o verde estava tão claro que parecia irreal, os cílios longos naturalmente adornavam os grandes olhos que ela tinha. Era linda. Nas bochechas ele podia notar algumas sardas, nunca as tinha notado. Mas a deixava linda do mesmo jeito.

— Você é linda – falou e quando percebeu que falou em voz alta encarou os olhos arregalados dela. — Acho m-melhor você ir para o seu lugar.

Engolindo em seco, ela apenas concordou,
PERIGOSAS ACHERON

mas assim que se sentou deixou um lindo sorriso escapar. Bradley a estava tratando tão bem ultimamente, isso só a fazia fantasiar em nele sendo seu primeiro namorado.

Parando de sorrir fitou a professora adentrar a sala.

— Faltam apenas menos de três semanas para a prova de vocês – disse recebendo concordâncias. — Por isso, farei um último trabalho. E eu irei escolher as duplas, começando por Hailee. — Apontou para a loira. — A sua dupla será o Bradley.

Bradley encarou a professora envergonhado.

— Pode se sentar ao lado da Hailee, Bradley.

Com todos o olhando o loiro saiu de onde estava sentando-se ao lado da menina. Sorrindo, Sayuri voltou sua atenção para os outros alunos, onde continuou formando duplas.

Benjamin adentrava a academia. Avistando Cosby o chamou.

— Hoje vou precisar sair mais cedo – avisou
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto andava rapidamente. — Você ficará responsável por minha turma.

— Tudo bem, chefe – concordou tomando um outro rumo.

Olhando ao redor avistou Melvin conversando com um grupo de pessoas, aproximando-se o chamou.

— Liam está no Hospital Rupert Wahlberg – confidenciou não perdendo o olhar assustado do adolescente. — Achei que você iria querer saber, vocês são bem amigos – murmurou um pouco incerto.

— Sim, obrigado – agradeceu pegando o celular do bolso. — Eu acho que vou visitá-lo agora, eu posso sair?

— Pode – deixou dando um tapinha no ombro magro. — Toma cuidado lá fora.

— Pode deixar.

Retomando a caminhada rumou até a sala do amigo, ao bater na porta ouviu a autorização para entrar. Dentro da sala Dustin estava olhando alguma coisa na tela do notebook.

— E aí? Qual é a boa? – perguntou no automático.

PERIGOSAS ACHERON

— Liam está no hospital, minha mãe está com ele e daqui a pouco vou com a Sayuri até a delegacia para Bradley poder denunciar o pai.

Parando de digitar, o loiro o encarou confuso.

— O que?

— O Gerard apareceu para pegar o dinheiro?
— questionou curioso.

— Não — negou afastando-se da mesa enquanto cruzava os braços. — Quer me explicar o que aconteceu ontem à noite?

Sentando-se começou a contar tudo o que aconteceu. Dustin apenas acenava com a cabeça e ouvia calado, ao final de tudo o loiro encostou-se na cadeira o olhando.

— E o que você vai fazer agora?

— O que o advogado disser — respondeu pegando o celular. — Alias vou mandar as informações para ele, vamos nos encontrar na delegacia.

— E a Sayuri como está com isso tudo?

— Ela é apegada ao Bradley — exclamou guardando o celular no bolso —, mas eu a entendo. Ele é um menino esperto e educado, o Liam também é do mesmo jeito. O pai dos dois que é um
PERIGOSAS ACHERON

desgraçado.

Anuindo com a cabeça o loiro encarou o amigo.

Não sabia o que pensar sobre o que estava acontecendo, só sabia que os meninos tinham que ser ajudados. Isso era fato, podia ser impressão sua, mas estava achando o amigo envolvido demais nisso. Porém, não comentaria sobre isso. Benjamin sabia muito bem das coisas.

— Espero que tudo dê certo.

— Obrigado – agradeceu levantando-se. — Vou para a minha sala, qualquer coisa é só me ligar.

— Certo.

Suspirando voltou a prestar atenção nas contas que fazia, esperava mesmo que tudo desse certo.

Jillian saiu e o deixou ali sozinho, a pedido dele, mas justamente agora que estava sozinho sentiu vontade de ir no banheiro. Retirou o lençol da cintura e tentou se sentar. Sentiu-se zozzo,
PERIGOSAS ACHERON

respirando fundo segurou no ferro que tinha ao seu lado.

— Você não deveria fazer isso — a voz familiar lhe assustou. — Ou você quer cair de cara no chão?

— Melvin! — Sorriu o olhando. — O que faz aqui?

— O que você faz aqui? — retrucou aproximando-se. — Você quer ir para onde? No banheiro?

— Sim — concordou sentindo o outro lhe segurar pela cintura, o ajudando a ficar de pé e com a outra mão segurar o ferro com o soro. — Obrigado.

— Disponha. — Sorriu o olhando, mas logo desviou o olhar. — Agora me fala o que aconteceu para você vir parar aqui?

— Meu pai tentou me matar — respondeu fazendo-o parar. — Não esquentar, ele está preso. Estou tonto por causa dos medicamentos que tomei, se não fosse isso eu ia sozinho para o banheiro.

— Sei bem. — Riu abrindo a porta do banheiro. — Seu pai está preso?

— Sim — afirmou escorando-se na parede,
PERIGOSAS ACHERON

relanceando para Melvin o viu lhe fitar o rosto.

— Vou te esperar do lado de fora.

Saindo rapidamente esperou pacientemente enquanto o loiro usava o banheiro, minutos depois a descarga foi acionada e a torneira ligada. Abrindo a porta segurou-o novamente pela cintura e o ferro do soro, com cuidado Melvin o colocou sentado na cama.

— E como vai ser agora que seu pai está preso?

— Benjamin vai me ajudar – falou o olhando acenar. — Ele é um cara legal.

— Sim. – Sorriu cruzando os braços. — Ele me falou que você estava aqui.

Liam o encarou.

Melvin usava a camisa da academia e um short preto, o cabelo castanho chegava até o ombro, mas ele o mantinha preso. Respirando fundo o loiro levou a mão até o rosto do outro em um leve carinho, sentia saudades dos beijos, mas como falar aquilo em voz alta depois de tantas vezes negar para si o que sentia no peito? Queria que aquilo não fosse tão errado. Desde sempre Liam sabia o que era e nunca conseguiu fingir indiferença, ele nunca

PERIGOSAS ACHERON

sentiu por qualquer garota o que ele sentia por Melvin. E o pai sabia disso, sabia tanto que o batia para que ele virasse homem. Mas isso não adiantou, não. Só o fazia ter mais certeza do que era.

— Você pensa muito, Liam. Pensa tanto que acaba não fazendo nada — acusou sentindo o carinho no rosto.

— Eu sei — murmurou triste. — Eu só queria ser suficiente para você.

— Você só será suficiente quando não tiver vergonha do que sente — disse pegando-o de jeito. — Quando você for capaz de me apresentar corretamente para os outros, você será mais que suficiente para mim.

— Eu te apresentei ao meu irmão.

— Eu sei — concordou fitando o lençol branco —, mas eu quero mais que isso. Não quero pensar que o que sentimos é errado, você faz parecer isso.

— Me desculpe.

— Não se desculpe. — Deu um pequeno sorriso lhe alisando o rosto. — Se permita sentir.

— Liam, você não... — Jilly parou de falar olhando a forma como o outro adolescente alisava

PERIGOSAS ACHERON

o loiro, mas assim que a viu recolheu a mão. — Desculpe, não sabia que estava acompanhado. — Sorriu envergonhada aproximando-se do adolescente em pé. — Me chamo Jillian e o seu é?

— Melvin — se apresentou agarrando a mão estendida. — Eu soube que o Liam estava aqui, então vim saber como ele estava.

— Vocês são amigos? — testou pegando a olhada que os dois trocaram e depois de alguns segundos, Melvin deu um pequeno sorriso triste.

— É, acho que sim. — Passou a mão no rosto. — Eu tenho que ir, tenho outras coisas para fazer. Foi um prazer conhecer a senhora.

Sem esperar qualquer resposta, o moreno saiu deixando Liam triste e envergonhado olhando as mãos.

— Que rapaz educado — elogiou observando Liam. — Gostei dele, um genro dos sonhos.

Levantando a cabeça rapidamente Liam a encarou.

— A senhora não tem filha — disse recebendo um aceno. — Então como fala que ele seria um genro dos sonhos? Não teria problema o Benjamin gostar de homens?

— E por que teria? — questionou confusa. — Quando a gente ama, não tem isso de preconceito. Eu amaria meu filho do mesmo jeito, como não o amaria? — Sorriu pensando no filho. — O nosso medo é apenas que nossos filhos sofram, o mundo é tão cruel, mas não deixe se tornar refém do medo. Viva sem medo! — Sorriu o olhando. — Ame sem medo! O amor é o sentimento mais puro e lindo que alguém pode sentir pela outra.

Concordando, pensou em Melvin e lembrou-se também do O'Brien.

Não gostava dele, ficava rondando Melvin e o mesmo não o colocava no lugar dele. Ficava de conversinha, então ele notou que se não agisse logo era arriscado do O'Brien conseguir a atenção do Melvin.

— A senhora tem razão — sorriu confirmando —, mas me fale o que queria dizer quando entrou.

— Você não vai acreditar — comentou sorrindo. — Estava eu na lanchonete comendo aquele pedaço de bolo que vem recheado de um creme doce, quando um senhor muito bem vestido pediu para se sentar comigo.

— Um senhor? — Riu a observando

PERIGOSAS ACHERON

recebendo um aceno. — Não se deve conversar com estranhos.

— Foi exatamente o que eu disse a ele!

Sorrindo mais, Liam prestou atenção no que a mulher lhe dizia e, ali a fitando sentia-se como se a conhecesse desde sempre. Era bom se sentir assim, parando de divagar voltou a prestar atenção no que ela falava.

Colocando as atividades dentro da bolsa Sayuri fitou os alunos.

— Bom, pessoal – chamou a atenção de todos. — Agora vou precisar sair, assuntos pessoais. Por isso estão dispensados.

Surpresos os alunos começaram a guardar as coisas nas mochilas, Hailee encarou Bradley que observava o lápis com atenção.

— Não vai guardar os seus materiais?

— Sim.

Sorrindo, a loira colocou a mochila nas costas.

— Eu já vou indo – anunciou chamando a
PERIGOSAS ACHERON

atenção para si. — Prometi minha mãe a ajudá-la no jardim de casa. — Levantando-se acenou para Bradley e logo em seguida para a professora. — Até logo, Srta. Hodgens.

— Até, Hailee. — Sorrindo fitou a adolescente sair da sala. — Vamos?

— Sim — afirmando levantou-se pegando os livros colocando-os na mochila. — Eu ainda vou voltar com a senhorita para a casa do seu namorado?

— Vai. — Sorriu o esperando terminar de arrumar as coisas. — Até tudo se resolver você estará com a gente. Os dois, seu irmão também. Assim que sairmos da delegacia vamos ver seu irmão.

O celular apitando mostrou uma mensagem de Benjamin, dizendo que os esperavam em frente ao colégio.

— É o Benjamin.

Virando-se não viu quando a foto caiu do livro, mas Bradley sim. Correndo pegou a imagem e franziu o cenho quando viu o conteúdo, era um buraco.

— Srta. Hodgens, isso caiu do seu livro.

Virando-se viu a imagem nas mãos do loiro.

— Ah! Isso era para eu jogar fora.

— É um pouco bizarro – comentou enfiando as mãos no casaco. — Tem um nome casa atrás, onde fica esse buraco?

— Não sei – respondeu colocando a imagem dentro do livro novamente. — Eu recebi há alguns dias, mas vamos esquecer esse assunto. Está bem?

— Claro.

Do lado de fora, Benjamin estava vestido com uma calça jeans e uma blusa de gola v da cor preta. Aproximou-se o beijou nos lábios, abrindo a porta traseira esperou que o mais novo adentrasse. Colocando o cinto Sayuri fitou a janela, relanceando para trás encarou Bradley olhando para fora com um olhar triste.

Estacionando o carro em frente ao departamento de polícia de New York, Benjamin segurou a mão feminina. Saindo do carro Sayuri colocou a mão no ombro do loiro e andando lado a lado, os três adentraram o lugar. E foi com surpresa

PERIGOSAS ACHERON

que a primeira pessoa que Sayuri avistou foi Caine.

Benjamin na hora ficou sério.

Caine estava algemado e sendo levado para fora.

— Feliz? — o loiro a questionou. — Aposto que sim, mesmo depois de tudo que passamos juntos você ainda teve a coragem de me denunciar e destruir minha vida.

Assustada não conseguiu falar nada e desviando o olhar viu o policial levar o loiro para fora, junto com um homem engravatado.

— Não pense nisso — Benjamin pediu ficando na frente dela. — A culpa foi somente dele.

— Eu sei — falou relanceando para Bradley. — Bem, vamos logo com isso.

Encaminhando-se para a sala do delegado, Benjamin avistou Cliv, o advogado, conversando com o Kilmer. Aproximando-se acenou para os dois homens.

— Delegado. — Estendeu a mão em um cumprimento. — Cliv.

— Sr. Buthler — o advogado exclamou de forma profissional. — Começamos a hora que o senhor quiser.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Srta. Hodgens, como vai? Alguma novidade?

Na hora Sayuri lembrou-se dos bilhetes, mas não havia dito para Benjamin. Perguntava-se se o homem ficaria chateado por não saber primeiro, talvez mostrasse a ele antes de falar com o delegado.

— Bem – Sorriu alisando o cabelo do loiro.
— Na medida do possível.

— Que bom. – Voltou-se para o adolescente.
— E você, rapazinho? Como vai?

— Bem – respondeu com o cenho franzido.
— Tenho quinze anos.

— Oh! Claro. – Sorriu sem graça. — Vamos entrar.

Abriu a porta deixando todos passarem, Brick estava em sua mesa pronto para começar a digitar.

— Delegado Kilmer – Sayuri o chamou recebendo um aceno. — Eu vi o Caine agora saindo algemado.

— Sim! O Sr. Nielsen se entregou, veio com o advogado.

— Ele vai ser preso?

— Sayuri! – Benjamin murmurou sério.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu só quero saber — se defendeu, logo voltando a encarar o loiro. — Ele vai ser preso?

— Sim — confirmou sério. — Ele será preso e poderá responder em liberdade com metade da sentença cumprida.

— O que? — Benjamin questionou. — Depois de tudo ele vai ficar solto?

— Sr. Buthler, o Sr. Nielsen foi acusado de ameaça e violência contra mulher — relatou calmamente. — Não tem fiança nesses casos. Ele cumprirá de três a oito anos, e cumprido a metade da sentença poderá recorrer a liberdade.

— É justo — Sayuri confirmou fazendo Benjamin negar com a cabeça. — Não vamos nos atentar a isso, estamos aqui por um outro motivo.

Bradley apenas ouvia a tudo calado.

Violência contra a mulher, então aquele machucado no braço dela tinha sido aquele loiro. Não entendia como alguém poderia machucar uma outra pessoa assim gratuitamente e, quando essa pessoa era sua professora que era tão maravilhosa com todos o deixava confuso.

Só uma pessoa muito má para fazer isso com outra.

— Pronto – Kilmer disse fitando o jovem. —
Pode começar a falar do começo.

— Quando acabar eu vou voltar com a Srta. Hodgens? – quis saber antes.

Olhando a mulher, Kilmer confirmou.

— Sim, poderá.

— Tudo bem. – Respirando fundo começou.
— Eu moro com o meu pai e meu irmão, minha mãe morreu quando eu era pequeno. E sempre meu pai foi bravo e quando ele bebia batia na gente, as vezes ele ia embora e eu ficava com meu irmão. Mas depois ele voltava.

— Por que vocês nunca pediram ajuda?

— Porque eu não quero ir para um abrigo de menores – retrucou sério.

Kilmer apenas acenou, talvez aquilo acontecesse. Iria depender da disponibilidade que o casal à sua frente tivesse.

— O que aconteceu na noite passada para que seu pai tentasse matar o seu irmão?

Desconfortável, Bradley encarou o casal presente. Desviando o olhar encarou um ponto fixo na mesa do delegado.

— Ele pensou que meu irmão estava se
PERIGOSAS ACHERON

envolvendo com um homem.

Espantada Sayuri encarou o jovem. Não acreditava que o motivo tinha sido esse, qual homem tentaria matar o próprio filho por causa de orientação sexual?

— O seu pai está sob custódia e será em breve levado a julgamento.

— Eu vou precisar ir? — questionou com o cenho franzido. — Não quero ficar perto dele.

— É um direito que te assiste — confirmou observando os três à sua frente. — Você tem algo mais que queira falar? O momento é esse.

— Ele já tentou me matar também — avisou deixando Sayuri mais assustada. — Ele bebeu e tentou me sufocar.

— Meu Deus! — Sayuri murmurou deixando algumas lágrimas caírem. — Esse homem é um monstro!

— Tem mais alguma coisa? — quis saber recebendo uma negativa. — Você poderia esperar lá fora?

Acenando, o jovem loiro saiu da sala, após sua saída Kilmer se encostou na cadeira.

— Vou ser franco com vocês — exclamou
PERIGOSAS ACHERON

olhando o casal a sua frente. — O acusado tem uma ficha recheada de crimes e prisões, nesses casos quando envolve menores uma assistente social é acionada e o caso passa a ser deles.

— Não vamos deixá-los desamparados — Sayuri afirmou segurando a mão do namorado. — Faremos o possível para ajudá-los.

— Fico feliz em ouvir isso — o delegado avisou dando um pequeno sorriso. — Podem ir — falou olhando Sayuri. — Qualquer problema podem me recorrer.

— Obrigada — agradeceu observando os homens se cumprimentarem.

Saindo da sala avistou Bradley sentado observando a agitação do local.

— O que posso fazer para que os dois fiquem juntos e seguros? — Benjamin questionou ao advogado.

— Bom — murmurou olhando-o. — O senhor me informou que os um tem dezessete anos e o outro quinze — falou recebendo um aceno. — E pelo que me disse também eles não têm ninguém, o bom seria se eles tivessem um tutor. Até que o de dezessete anos complete a maior idade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tutor? – Benjamin franziu o cenho.

— Sim – afirmou em tom profissional. — Nesse caso eles ficariam sob sua guarda. Uma assistente social estudaria você, sua casa, seu trabalho... Observaria tudo que assegurasse a segurança dos menores.

— Ótimo – disse sério. — Quando podemos começar com a papelada?

— Hoje mesmo, senhor – respondeu rapidamente. — Vou dar entrada nesse processo e mantenho o senhor informado – avisou apertando a mão estendida.

Suspirando sentiu a mão de Benjamin lhe rodear a cintura.

— Vamos ver o Liam – murmurou beijando-a. — Vamos, Bradley?

— Sim – afirmou levantando-se. — Minhas roupas? Poderíamos pegá-las antes de irmos?

— Ótima ideia. – Sayuri sorriu. — Aproveitamos e pegamos tudo o que for seu e do seu irmão.

Concordando Benjamin sorriu sentindo Sayuri o acarinhar na cintura.

PERIGOSAS ACHERON

Sentado na cama observava Jillian enquanto ela lia um pequeno livro. Uma enfermeira estava ao seu lado retirando o acesso do braço. Recebeu alta e estavam esperando Benjamin chegar.

— Eu sei que o médico já falou — a enfermeira se pronunciou chamando a atenção dos dois para si —, mas vou reforçar. Precisa se alimentar bem, dormir bem e não fazer muito esforço. Você está anêmico, precisa cuidar da sua saúde.

— Não se preocupe. — Jillian se fez presente.
— Vou cuidar bem dele, irá se alimentar nos horários e com comidas saudáveis.

— Isso é bom. — Sorriu terminando de colocar tudo o que foi usado na bandeja. — Se cuidem, tchau.

— Obrigado.

Voltando sua atenção para a mais velha a viu sorrir pegando o celular.

— O Benjamin mora com a senhora?

— Não. — Sorriu guardando o aparelho. — Ele tem o apartamento dele, eu moro sozinha.

— Onde eu e meu irmão vamos ficar? – quis saber curioso.

— Na minha casa tenho quatro quartos – avisou o fitando. — Um meu, um do Benjamin e dois para visitas.

— Não vamos incomodar?

— Será uma honra recebe-los por lá, me faria bem, sempre fiquei sozinha naquela casa grande.

Sorrindo, Liam fitou as mãos, uma batida na porta chamou a atenção do jovem e respirando aliviado viu o irmão adentrar o local, logo o abraçando. Apertando o mais novo no abraço, fechou os olhos ao saber que estava bem.

Sayuri observava emocionada os dois se abraçarem.

Relanceando para a mais velha viu quando a mulher enxugou algumas lágrimas.

— Eu trouxe nossas coisas – disse entregando uma sacola. — Trouxe uma roupa para você vestir também.

— Obrigado – agradeceu o olhando. — Como você está? Comeu?

— Sim – confirmou dando um rápido sorriso. — A Srta. Hodgens fez ovos mexidos nessa manhã.

PERIGOSAS ACHERON

Liam a encarou sorrindo.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer. — Sorriu aproximando-se. — Vamos, vá se trocar. Vocês dois vão ficar comigo.

Nesse momento, Liam encarou a mais velha que franziu o cenho, mas logo deu um pequeno sorriso triste. Tinha gostado da ideia de receber os dois em casa, mas se eles quisessem ficar com a Sayuri ela entenderia.

— Na verdade, já recebi um convite da Sra. Jillian — anunciou fazendo a mais velha sorrir, Sayuri a encarou surpresa. — Ela disse que poderíamos ficar com ela.

Bradley fitou o irmão, depois a mais e por último a professora.

— Mas, irmão — ponderou olhando-o. — Eu quero ficar com a Srta. Hodgens — sussurrou, mas Sayuri tinha ouvido.

Sorrindo, o abraçou pelos ombros.

— Podemos fazer assim — negociou olhando-os. — Você ainda está estudando, ainda tem mais dois dias de aulas. Você fica esses dois dias comigo e no fim de semana fica com o seu irmão.

— Não é muito trabalhoso?

— Não – Benjamin respondeu aproximando-se e abraçando a mãe a beijou no alto da cabeça. — Não será trabalhoso, não pense assim. Estamos aqui para ajudar vocês.

Sorrindo, Sayuri fitou Bradley ajudando o irmão a se levantar e o acompanhando até o banheiro. Voltando-se para Benjamin o viu sorrir abraçado a mais velha, achava tão lindo a forma como o homem era com a mãe.

Benjamin era um homem maravilhoso, em todos os sentidos. Esperaria o momento exato para que pudesse se declarar para ele.

O que poderia acontecer para que ela não pudesse fazê-lo?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

O final de semana chegou e nesses dois dias que passaram Liam ficara sob os cuidados de Jilly. A mais velha estava radiante com a presença do adolescente, desde que Benjamin tinha ido embora ela vivia sozinha e agora com a presença do loiro se via fazendo bolos e tortas, sentia a casa mais viva. Não ligava para o fato de estar o mimando demais, pois, sabia que ele gostava e se sentia cuidado. Conseguia notar pelo olhar que ele lhe endereçava.

Era um menino de ouro. Bem-educado e, até poderia dizer que engraçado. Só precisava se soltar mais, mas pelo que pôde perceber era um menino que precisava de muito carinho e atenção.

E isso Jillian tinha de sobra.

As vezes o pegava olhando para o nada e nesses dias que ele passara ali, não o viu com algum celular. Dias atrás receberam a ligação do advogado para informar sobre a condição dos irmãos. Benjamin tinha entrado com um processo para pedir a tutela provisória dos meninos, já que o requerimento da tutela definitiva era mais

PERIGOSAS ACHERON

demorado tendo em conta que os dois não eram nada de Benjamin.

A mesma assistente social que visitara Liam no hospital, tinha entrado em contato com Benjamin e marcado uma visita na quarta-feira.

— Está pensativo — Jillian murmurou chamando a atenção do loiro. — Preocupado?

Negando com a cabeça, ele lhe sorriu sentando-se mais confortavelmente no sofá.

— Só pensando como será daqui para frente — disse fitando as mãos rapidamente, relanceando para a mais velha a viu sorrir. — Eu gostei de passar esses dias aqui.

— Eu gostei de ter sua companhia. — Sorriu recebendo um pequeno sorriso do outro. — Fazia tanto tempo que eu não recebia ninguém aqui — confidenciou o olhando. — A vizinha ficou curiosa querendo saber quem era você, disse que era um sobrinho.

Sorrindo, Liam observou os tênis que calçava. Esperava Benjamin chegar junto com Sayuri e Bradley, o irmão havia ficado com o casal. O que o deixou um pouco com ciúmes, não negaria. Bradley ligava toda noite para lhe contar o que

PERIGOSAS ACHERON

havia feito ou para saber como estava. Pensando nisso lembrou-se de Melvin, sentia-se mal por não ter ligado para ele.

— Meu irmão parece gostar muito da namorada do Benjamin.

— Sayuri – falou com um pequeno sorriso, recebendo um aceno. — Aquela menina é tão educada e amável, entendo o encanto que ele sente.

Concordando, Liam observou a tevê ligada em um canal qualquer. Relanceando para o telefone pensou em Melvin, queria muito falar com ele.

— Eu posso usar o seu telefone?

— Claro, querido. – Sorriu confirmando. — A casa é sua – falou fazendo-o sorrir. — Você não tem um aparelho celular?

— Não – negou levantando-se indo até o telefone. — Eu tinha outras prioridades.

Jillian o fitou caminhar até o telefone. Levando a mão ao peito sentiu uma pequena pontada, Liam era tão jovem, mas teve que amadurecer antes do tempo. Qualquer adolescente da idade dele não viveria sem o aparelho celular, mas ele não tinha. Sorrindo pensou em algo que o faria feliz.

— Vou lá em cima tomar um banho — anunciou indo para a escada. — Qualquer coisa pode me chamar.

— Tudo bem — respondeu olhando-a subir e sumir no corredor.

Voltando para o telefone, discou o número de Melvin e colocou no ouvido esperando que o atendesse.

— *Quem é?* — a voz rouca do adolescente foi ouvida.

— Sou eu — respondeu encostando-se na parede. — Liam.

A ligação ficou rapidamente muda, mas após alguns segundos o loiro ouviu o outro soltar um suspiro.

— *O que você quer?*

Surpreso com a fala do moreno, Liam mordeu os lábios fechando os olhos.

— Eu queria ouvir sua voz — deixou claro. — Desculpa não ter ligado antes, eu...

— *Tudo bem* — o interrompeu. — *Eu entendi, entendi tudo.*

— O que? — alarmou-se virando-se para a parede, não tinha gostado do tom que o outro usara.

— O que quer dizer com isso?

— *Quer dizer, Liam, que nós não temos nada e você está seguindo sua vida.*

Sentindo a respiração ficar descompassada, Liam negou com a cabeça.

— Não, não é verdade – disse rapidamente.
— Eu gosto de você, eu quero que... – parou olhando para a escada.

— *Quer o que?* – quis saber deixando-o momentaneamente sem fala. — *Você nem consegue falar, eu sinceramente não quero que isso continue. Não quando você tem vergonha de falar em voz alta o que sente. Isso me machuca.*

— Melvin, por favor...

— *Não, Liam, eu não quero continuar com isso.*

— Eu gosto de você – sussurrou sentindo os olhos arderem. — Por favor...

— *Eu tenho que ir* – respondeu encerrando a ligação.

Fitando o telefone, o loiro sentiu as forças se esvaindo de si. Ele não poderia acreditar que estava perdendo a segunda pessoa que ele mais gostava.

Discando novamente o número do Melvin viu
PERIGOSAS ACHERON

que estava fora de área ou desligado.

Colocando o telefone no lugar foi até o sofá e sentou-se. Hoje iria para algum lugar com o casal e Bradley. Embora não quisesse mais sair, mas não diria não ao irmão.

Sayuri sorria alisando o vestido que usava. Pegando a pequena bolsa se encaminhou para o apartamento de Benjamin, mas antes de sair avistou Noemie arrumada. A amiga desde que se separara do Juan não saía muito, era do estágio para casa. Porém agora, parecia que ela mudara de opinião.

— Arrumada — falou observando-a passar o delineador no olho. — Vai sair?

— Uma festinha com o pessoal do jornal — respondeu dando um pequeno sorriso. — Uma colega vem me buscar, mas eu volto cedo. Tenho coisas para ler.

— Amanhã é domingo — a lembrou encostando a cabeça na madeira. — Tudo bem você chegar tarde e se divertir, tem só trabalhado, nem parece a Mei que eu conheço.

Parando o que fazia Noemie encarou o delineador.

— Eu não sou — avisou e notando que a amiga diria alguma coisa desconversou sorrindo. — Vai logo apresentar os filhos para a Tia Yumi, aposto que ela amará os dois.

— Filhos?

Riu cruzando os braços, mas dentro de si algo a aqueceu em pensar assim.

— Ah vai me dizer que não? — debochou aproximando-se. — Bradie tem quinze anos, mas você o trata como se ele tivesse seis.

— Eu não faço isso — falou mordendo os lábios e parando para pensar notou que fazia sim.

— Acha que ele não gosta?

— Se ele não gostasse ele diria — contrapôs sorrindo. — Você me disse como ele era antes e, esse menino não se parece nada com o que você me disse.

— Ele é um rapazinho de ouro — disse sorrindo, fazendo a amiga sorrir. — O que?

— Você parece uma mãe coruja falando — afirmou a abraçando. — Fica bem, até depois.

Acenando colocou o cabelo para o lado e se

PERIGOSAS ACHERON

encaminhou para fora. Ao chegar do lado de fora viu Bradley conversando com a vizinha, a Sra. Mikkelsen. Assim que foi percebida o loiro sorriu a olhando, fechando a porta aproximou-se dos dois.

— Boa tarde, Sra. Mikkelsen — saudou sorrindo. — Está pronto, Bradie?

Tinha começado a chama-lo assim dois dias atrás e como não teve uma reclamação do mesmo continuou a chama-lo assim.

— Sim, eu só vim ajuda-la com as sacolas.

— Um menino educado — Mikkelsen afirmou. — O que ele é seu? — quis saber olhando para Sayuri.

Na mesma hora Sayuri o fitou.

— Ele é da família. — Sorriu recebendo um pequeno sorriso. — Agora vamos indo.

— Benjamin está lá em baixo conversando com o Sr. Evans.

Abraçando-o pelos ombros acenou para a mais velha. Juntos desceram no elevador e ao chegar no térreo viu Benjamin escorado no balcão enquanto ria de alguma coisa, hoje tinha uma surpresa para ele. O período menstrual finalmente havia acabado e, Sayuri estava louca para ter uma

PERIGOSAS ACHERON

noite ardente com Benjamin. Esses dias com ele por perto sem poder tê-lo tinham sido difíceis, precisava senti-lo dentro de si a amando como só ele sabia fazer.

Sorrindo viu quando ele deu um tapinha no balcão e apertou a mão do porteiro se despedindo.

— Boa tarde — saudou fitando o outro homem. — Oi. — Sorriu sentindo o braço de Benjamin lhe rodear a cintura. — Boa tarde.

Depositando um beijo nos lábios dela, Benjamin sorriu quando a fitou nos olhos.

— Estava com saudades — confidenciou com um pequeno sorriso, lançando um olhar para Bradley o viu envergonhado olhando para fora. — Pronto para conhecer os pais da Sayuri?

— Eu? — questionou confuso, recebendo um aceno da mulher. — Por que?

— Porque você faz parte da família agora — Sayuri deixou claro começando a caminhar para o carro. — E não se preocupe, você vai amá-los.

— O pai dela quase me bateu — anunciou fazendo o garoto o olhar assustado. — Ele é bem bravo.

— Benjamin! — exclamou fazendo-o sorrir.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu pai não é bravo, ele só é um pouco ciumento.

— Um pouco? – Benjamin debochou abrindo a porta do passageiro e a traseira. — Sêrio?

Ignorando-o, Sayuri se acomodou no banco e lançando um olhar para trás viu Bradley colocando o cinto com um pequeno sorriso. Queria deixa-lo à vontade com todos, sabia que o julgamento se aproximava e estava ansiosa para esse dia. Mais ansiosa estava por saber que na quarta teria a visita com a assistente social, estava confiante de que Benjamin ganharia a tutela provisória dos dois.

É verdade que tudo seria mais fácil caso o Liam fosse de maior. Porém, apesar de tudo os dois teriam que serem assistidos por algum adulto.

— Seu irmão estará lá também, Srta. Hodgens?

Sorrindo, Sayuri foi tirada de seus pensamentos pela voz do loiro. Achava bonitinho a forma como ele a chamava, mas fora do colégio ele poderia a chamar pelo nome.

— Sim – confirmou observando Benjamin sentar no lugar do motorista, logo colocando o cinto e saindo da vaga estacionada. — Ele e meus
PERIGOSAS ACHERON

pais, não se preocupe você vai gostar deles. Meu pai é uma pessoa boa – exclamou lançando um olhar sério para Benjamin que apenas sorriu. — E não precisa dessa formalidade, Bradie, pode me chamar por Sayuri ou Say.

Envergonhado o loiro fitou a janela.

— Desculpe, vou tentar.

— Tudo bem. – Virou-se o encarando. — Não precisa se desculpar.

Sorrindo, voltou a fitar o caminho que faziam.

Abrindo a bolsa pegou o celular vendo que já eram 1:30pm, tinha se atrasado um pouco. Horas antes tinha ligado para a mãe e dito que almoçaria por lá, o que deixou dona Yumi curiosa. Estava ansiosa para saber o que os pais achariam dos irmãos, sabia que eles gostariam porque os dois loiros eram totalmente amáveis.

Estacionando o carro em frente à casa da mãe, Benjamin buzinou e minutos depois Liam saía da casa ao lado de Jillian. E a primeira coisa que

PERIGOSAS ACHERON

Sayuri notou foi o rosto corado do adolescente. Notava que Liam estava mais forte e ficara surpreendida. Bradley estava do mesmo jeito, era incrível o que dias de cuidados e carinho fazia com uma pessoa.

— Oi – Jilly cumprimentou assim que se aproximou ao lado do carro. — Sayuri, querida, você está linda.

— Obrigada, Jilly. – Sorriu observando-a. — Também vai com a gente? Garanto que a senhora vai amar minha mãe.

— Não – negou deixando Liam surpreso. — Tenho um outro lugar para ir, mas em breve espero conhecê-los. Gostaria de uma carona se não for incômodo.

— A senhora não incomoda, mãe – Benjamin disse sorrindo fitando a mãe abrir a porta do carro e esperar o loiro entrar, para depois fazê-lo. — Posso saber aonde vai?

— Não – respondeu fazendo Sayuri sorrir e Benjamin crescer um bico. — Você nunca muda.

— E onde quer que eu a deixe? – quis saber saindo com o carro.

— Na rua principal – falou lançando um
PERIGOSAS ACHERON

olhar para Bradley. — De lá eu arrumo um táxi. — Sorriu fitando o loiro mais novo. — Olhe só você como está mais gordinho, está tão lindinho.

Envergonhado, Bradley deu um pequeno sorriso, Liam o olhou risonho, mas tinha que concordar. O irmão estava diferente de antes e isso o deixava tão relaxado, saber que ele estava sendo bem cuidado o deixava em paz.

— Liam também está lindo, bem saudável — Sayuri proferiu olhando para o adolescente pelo espelho retrovisor.

— A comida da Jilly é deliciosa — o loiro disse um pouco acanhado. — A melhor que eu já provei.

— A comida da Srta. Hodgens também é deliciosa — Bradley disse defendendo a comida da professora. — A melhor que eu já provei.

Dando um pequeno sorriso, Sayuri encarou Benjamin que lhe sorriu abertamente. Cessando a conversa dentro do carro, os irmãos ficaram observando o casal a frente. Liam observava atentamente Sayuri, fitava o pequeno sorriso que ela tinha nos lábios. Relanceando para Benjamin o viu parar no sinal vermelho e aproveitar o momento

PERIGOSAS ACHERON

para segurar a mão da namorada e a beijar.

Olhando as mãos pensou em Melvin, ele tinha que fazer alguma coisa. Mas não sabia o que podia fazer, ele só sabia que não queria perde-lo. Queria poder conversar com alguém sobre isso, fitando o irmão o viu perdido em pensamentos. Não, ele não conversaria com o irmão. Voltando sua atenção para Jilly a viu olhar para a janela, mas como se sentisse que era observada o encarou e logo sorriu.

— Tudo bem? – quis saber chamando a atenção dos outros para si.

Talvez pudesse conversar com ela. Pois, lembrava-se de que a mais velha tinha gostado do Melvin. E pelo que ele se lembrava, ela não tinha preconceito. Não sabia o que Benjamin achava e nem Sayuri, não se sentia à vontade para falar sobre isso com eles.

— Sim – confirmou voltando a olhar as mãos. — A senhora quer companhia para onde vai?

— Não precisa, querido – disse lhe segurando a mão. — Vai ser bom para você conhecer novas pessoas – afirmou lhe alisando o cabelo. — Estarei esperando os dois em casa – exclamou fitando

PERIGOSAS ACHERON

Bradley. — Seu irmão me falou que você gosta de torta de morango, eu fiz uma especialmente para você.

Fitando o irmão, Bradley o viu acenar a cabeça positivamente.

— Claro — respondeu fazendo-a sorrir.

— Vamos, querido. — Bateu no ombro do filho. — Pare ali. Vou pegar aquele táxi.

Concordando, Benjamin manobrou o carro para próximo do táxi. Buzinando, colocou o braço para fora da janela e acenou para o taxista que prontamente se aproximou com o carro.

— Obrigada, amor — agradeceu sorrindo, voltando-se para os demais se despediu. — Até daqui a pouco.

Abrindo a porta foi até a janela do filho e o beijou no rosto. Benjamin observou a mãe adentrar o táxi e segundos depois sair dali, sorrindo voltou a fazer o caminho da casa dos sogros.

Minutos depois Benjamin estacionava em frente à residência azul. Saindo do carro observou

PERIGOSAS ACHERON

Sayuri ajeitar o vestido, a peça era da cor azul escuro e ao mesmo que a deixava sensual a deixava comportada. Nos pés calçava sandálias e no ombro esquerdo descansava a pequena bolsa.

Como se sentisse que era observada, ela o fitou.

— O que foi?

— Eu disse que você está linda hoje? — perguntou deixando-a surpresa.

Lançando um olhar para os irmãos viu os dois lhe fitarem, voltando sua atenção para Benjamin o notou sorrindo.

— Não disse — respondeu sorrindo. — Vamos entrar, estou faminta.

Enlaçando-a pela cintura começaram a caminhar para a entrada. Assim que subiram na varanda a porta fora aberta e, um Ian sorridente encarou os convidados.

— *One-chan*, finalmente! — Após falar a abraçou apertado tirando-a do chão. — Estava morrendo de saudades, você não me liga. Não deve me amar.

— Como o meu *Nii-san* é dramático. — Riu, mas logo se afastou do abraço. — Eu quero que
PERIGOSAS ACHERON

você conheça duas pessoas bem importantes para mim – disse ficando ao lado dos irmãos. — Esses são Bradley e Liam, são irmãos e estão passando um tempo conosco.

Balançando a cabeça Ian observou os dois loiros e, sorrindo, estendeu a mão em um cumprimento.

— Prazer em conhecer vocês – afirmou sorridente, voltando-se para Benjamin ficou um pouco sério, mas logo sorriu. — É bom te rever, cunhado.

— Igualmente.

Riu afirmando com a cabeça.

— Vamos entrando. – Indicou o caminho para dentro observando os irmãos andarem lado a lado. — Mãe! A *One-chan* chegou! – gritou fazendo Sayuri negar com a cabeça.

— Onde está o papai? – questionou pegando as jaquetas dos três colocando-as penduradas no suporte.

— Ele saiu com o tio Bratt – avisou indo se sentar no sofá. — Ah! Adivinha quem está aqui?

— Quem? – quis saber acomodando-se no sofá, junto com os outros.

— A Les...

— *Tia Yuli!* – a voz da menor pôde ser ouvida e rapidamente a pequena loirinha se aproximou correndo.

— Meu amor! – exclamou abrindo os braços.
— Que saudades de você, minha princesa!

Leslie assim que notou os dois loiros franziu o cenho e, quando viu que um deles estava sentado ao lado de Sayuri ficou com um grande bico. Correndo a abraçou e fitou diretamente o loiro que a olhava com o cenho franzido.

Abraçando a menor, Sayuri não notou o olhar que a pequena lançava para Bradley. Minutos depois, Yumi aparecia na sala, sorria encarando os convidados.

— Filha, que bom que chegou – disse indo abraçar a filha. — Benjamin, querido, como vai? – quis saber abraçando o genro.

— Bem e você?

— Bem também. – Sorriu olhando os irmãos que rapidamente se levantaram do sofá. — E vocês?

— Mamãe, esses são Liam e Bradley. – Sayuri avisou com a pequena agarrada em seu
PERIGOSAS ACHERON

pescoço. — Eram eles que eu queria apresentar.

— É um prazer conhecê-los, por favor sentem-se e sintam-se em casa — Yumi murmurou sorridente.

— Igualmente, Sra. Hodgens.

— Dupke — corrigiu com um pequeno sorriso. — Não tenho Hodgens no nome.

— Ah! Me desculpe — Bradley pediu envergonhado.

Benjamin encarou Sayuri de forma curiosa. Se no nome da mãe dela não tinha Hodgens, por que no dela tinha?

— Não precisa se desculpar — falou sentando-se ao lado do filho. — Vamos só esperar meu marido chegar, ele me ligou há pouco. Foi com o Bratt resolver um assunto da loja.

— E você ficou aqui com a titia? — Sayuri perguntou à pequena que confirmou com a cabeça. — Está tudo bem? — quis saber olhando-a, notando que a menor olhava Bradley com desconfiança. — Esse é o Bradley, é meu amigo.

— Minha Tia *Yuli* — deixou claro fazendo os outros adultos rirem, a pequena estava com ciúmes. — Né, Tia *Yuli*?

Esperando uma resposta, Bradley encarou a professora. Não queria ouvir o que a mesma tinha para dizer, ele já sabia qual seria a resposta dela. E pensando nisso a realidade caiu em sua cabeça: o pai estava preso e eles estavam de favores na casa dos outros.

— Você sabe que no meu coração cabe todos — respondeu olhando a pequena e deixando Bradley surpreso. — E eu sempre serei sua tia.

Incerta, a pequena voltou a encarar Bradley e segurando uma mecha do cabelo castanho, desviou o olhar para os fios escuros. Yumi observava a cena a sua frente em silêncio, relanceando para os dois irmãos viu as semelhanças que os dois tinham.

— Estou curiosa para saber — Yumi proferiu chamando a atenção da filha. — De onde se conhecem?

— Bradley é meu aluno e o Liam aluno do Ben. — Sorriu encarando o namorado. — Na verdade não sabíamos que os dois eram irmãos.

Olhando a mãe, Sayuri fez um gesto com as sobrancelhas e prontamente a mãe entendeu.

— Entendi! — Sorriu relanceando para os loiros. — Ian, leve-os lá para fora — mandou com PERIGOSAS ACHERON

um pequeno sorriso. — Sayuri irá me ajudar a levar tudo para o quintal.

— Certo — proferiu ficando em pé. — Então, Benjamin, como andam as coisas? — quis saber começando a caminhar ao lado do homem.

Bradley observou os dois conversarem, mas antes de sair voltou-se para Sayuri.

— Quer que eu ajude?

— Não precisa, querido. — Sorriu ficando em pé, alisando o cabelo e a gola da camisa que ele usava. — Pode ir com os outros.

Concordando, o adolescente caminhou até sair das vistas das duas mulheres. Assim que ele saiu, Yumi fitou a filha, esperando que começasse a falar o acontecido. Indo para a cozinha, Sayuri relatou tendo a atenção toda para si. Leslie apenas ouvia sem entender muito tudo o que acontecia, ela só sabia que não queria perder a tia que ela mais gostava.

Após terminar de falar Yumi tinha um ar de preocupação no rosto. Não conseguia acreditar que aquelas crianças passaram por tudo isso sozinhas e, pior, por alguém que deveria cuidar para que nada de ruim acontecesse com elas.

— E quando será o julgamento desse monstro?

— Em breve – respondeu ainda com a pequena no colo. — Acho que na próxima semana, mas antes a assistente social vem visitar a gente.

— Entendi – concordou aproximando-se da filha. — Se você precisar de algo, sabe que pode nos ligar, né?

— Eu sei, mãe.

A porta da frente sendo aberta e vozes masculinas se fazendo presente fez Sayuri sorrir. Segundos depois, o pai aparecia com um grande sorriso e, ao seu lado, o Tio Bratt.

— Pai – falou indo abraça-lo com a menor nos braços. — Que saudades.

Separando-se do abraço, Urion fitou a pequena loirinha que mantinha os braços firmes em volta do pescoço da outra.

— Aconteceu alguma coisa? – Bratt questionou aproximando-se da filha, estendendo os braços para a loira. — Vem com o papai.

— É só ciúme – Yumi avisou aproximando-se do marido e depositando um beijo nos lábios macios. — Leslie está com ciúmes dos meninos.

— Meninos? — Urion quis saber observando a pequena abraçar o pai.

— Pai — começou lhe segurando a mão. — Tem duas pessoas que eu quero apresentar ao senhor.

Desconfiado, Urion se encaminhou para os fundos, sendo puxado pela filha. Ao se aproximar viu o filho conversar com Benjamin — que tinha uma latinha de cerveja em mãos — e ao lado deles, dois adolescentes loiros.

Esses, assim que notaram os dois homens se aproximarem, ficaram nervosos.

— Pai, esses são Liam e Bradley — apresentou observando atentamente o mais velho fitar os dois com o cenho franzido. — Meninos, esse é meu pai, Urion Dupke. — Apontou para o pai. — E meu Tio Bratt Novak, ele é o pai da Leslie.

— Prazer em conhecê-los — Bradley falou estendendo a mão, primeiramente para Urion e depois para o Bratt.

— Temos quase o mesmo nome — Bratt comentou para descontrair fazendo o loiro confirmar com a cabeça. — Bom, agora vamos indo.

— Mas eu quero ficar com a Tia *Yuli* – a loirinha inquiriu com um bico.

— Mas a mamãe está nos esperando – afirmou notando a pequena lançar um olhar à Bradley. — Pequena ciumenta – murmurou começando a fazer cócegas na barriguinha da filha, fazendo-a se contorcer rindo. — Vamos?

Incerta a menininha chamou a tia com os braços e após um longo abraço a beijou no rosto.

— Amo você, princesa.

— Muito, muito? – quis saber olhando-a nos olhos.

— Muito, muito – repetiu sorrindo.

Após abraçar o tio e o mesmo se despedir de todos, Sayuri ajudou a mãe a pegar os pratos de comida para fora. E em um clima harmônico começaram a comer, Urion sempre perguntando coisas a Benjamin e aos irmãos.

— *One-chan*, eu vi no noticiário que as buscas das duas estudantes estão sendo suspensas por enquanto.

— Sim. – Balançou a cabeça. — Eu vi isso.

— Eles não deveriam suspender – Urion proferiu de forma séria. — Isso é inadmissível.

— Fico imaginando como as mães das meninas estão se sentindo — Yumi murmurou levando a mão ao peito. — Espero que tudo se resolva logo, é desesperador o sentimento de não saber onde sua filha está, se está sendo sofrendo... — Parou de falar tendo más recordações. — Gosto nem de pensar.

Concordando Sayuri segurou a mão da mãe.

Bradley desde a chegada do mais velho estava um pouco confuso, pensava que o pai da professora era um japonês. Mas não, era um americano. Observando com atenção as duas mulheres, viu que tinham semelhanças e que a mais velha não tinha idade para ser mãe — parecia mais uma irmã mais velha.

O irmão da professora tinha uma leve semelhança com ela. Primeira impressão que teve de Ian, o achou legal. Pois, desde que chegara ele o incluía nas conversas assim como o irmão.

Voltando a comer fitou o prato com a comida. Era uma das comidas mais gostosas que já comera. Lançando um olhar para Liam o viu observar as outras pessoas.

— Mas então, Bradley e Liam — Urion

PERIGOSAS ACHERON

exclamou bebendo um pouco de suco. — Vocês estudam?

Olhando para o irmão e depois voltando a encarar o mais velho, Bradley confirmou.

— Estou na classe da Srta. Hodgens.

Lançando um olhar para a filha, Urion a viu sorrir.

— E você, Liam? — questionou cortando um pedaço de bife.

— Não estudo, senhor — disse deixando Urion levemente surpreso. — Eu tinha que trabalhar.

Concordando lentamente Urion fitou a filha, mas logo voltou a comer.

— No próximo ano letivo você retorna as aulas — Benjamin avisou pegando-o de surpresa. — Vamos resolver isso.

— E você, Ian? Como anda a vida acadêmica?

Sorrindo para irmã ele deu de ombros.

— Normal como sempre — comentou olhando-a. — Muitos trabalhos, seminários e provas.

— Ian estuda engenharia química — Sayuri
PERIGOSAS ACHERON

falou para os irmãos. — Próximo ano ele termina.

— Não vejo a hora.

Em silêncio, Liam ficou ouvindo a conversa fluir. Não sabia qual curso faria, nem sabia se iria mesmo estudar. Mas Benjamin havia dito que sim, então ele confiaria. Não queria ser tão dependente dele, mas estava tão cansado de tudo que se tinha alguém disposto a ajudá-lo, ele aceitaria sem questionar.

Após o almoço sentaram-se nas cadeiras para conversarem. Benjamin sentia que o sogro estava mais receptivo, então era só ciúmes de pai protetor que o outro tinha. Ter a certeza disso o deixava mais relaxado.

Sayuri observava com um pequeno sorriso Bradley e o irmão conversarem com Ian. Cruzando os braços viu quando o mais novo sorriu confirmando, relanceando para a mãe próxima a pia notou a forma que ela lhe olhava.

— Você parece gostar muito dos irmãos.

— Sim — confirmou ajudando a mãe a
PERIGOSAS ACHERON

colocar algumas taças de sorvete em uma bandeja.
— Bradley dorme no apartamento de Benjamin, e o Liam com a Jilly. A mãe do Benjamin.

— Acho um gesto lindo, o Benjamin se comprometer em ajudá-los.

Sorrindo, Sayuri confirmou com a cabeça.

— O Ben é um homem incrível – falou ainda sorrindo. — Eu tenho sorte.

— Por isso que você o ama.

Afirmando se aproximou da mãe.

— Mas as vezes eu fico pensando coisas... — Deu de ombros parando de falar, mas logo mudou de assunto. — Eu fui demitida do colégio.

— O que? Por que? – quis saber segurando a mão da filha.

— Eu não sei – respondeu deixando algumas lágrimas caírem. — Não me disseram.

— Oh! Filha, eu sinto muito – disse a abraçando. — Eles que saíram perdendo, você é uma ótima professora.

— Benjamin me disse isso. – Sorriu separando-se minimamente da mãe. — Mas não vou ficar chorando. Tentarei em outros colégios.

— Exatamente! – disse lhe enxugado as
PERIGOSAS ACHERON

lágrimas. — E...

— Sayuri — Benjamin a interrompeu adentrando a cozinha, achando estranho as lágrimas. — O que aconteceu? — perguntou aproximando-se.

— Nada, eu só comentei que fui demitida.

— Você vai encontrar um outro emprego — afirmou alisando o rosto macio. — Porque você é inteligente e capaz.

Yumi observava o carinho que Benjamin tinha para com Sayuri. Sim, sua filha estava em boas mãos.

— Obrigada — agradeceu beijando-o. — Você precisa de alguma coisa?

— Estava procurando um banheiro.

— Vou levar essa bandeja — Yumi avisou sorrindo para os dois. — Leve-o até o banheiro, filha.

Sayuri esperou que a mulher saísse e quando se viu sozinha com Benjamin o puxou para um beijo. Sentia a língua masculina brincar com a sua em uma carícia lenta.

— Onde fica o banheiro?

Puxando-o pela mão o levou até o banheiro
PERIGOSAS ACHERON

que ficava em seu quarto. Abrindo a porta deixou que ele passasse.

— Ali é... — Parou de falar quando Benjamin a puxou para um beijo. As mãos masculinas a puxavam cada vez mais para perto. Puxando-a para cima a segurou pela cintura. — Achei que queria ir ao banheiro?

— Eu só queria te beijar — disse recebendo um lindo sorriso. — Estou com muitas saudades de você — sussurrou rente aos lábios dela.

— Eu também — confidenciou mordendo o lábio inferior de Benjamin. — Eu tenho uma surpresa para você.

Sorriu enrolando as pernas no quadril masculino.

— Uma surpresa? — repetiu a segurando pelo traseiro.

— Sim — confirmou esfregando os seios cobertos em Benjamin. — Você vai gostar.

— Eu amo surpresas — comentou puxando-a para um beijo. — Pode me dar um pequeno *spoiler*?

— Não — negou descendo os beijos para o pescoço masculino. — Você está tão cheiroso.

— Eu sempre estou cheiroso — exclamou fazendo-a sorrir. — Sabia que você está muito gostosa nesse vestido?

Afastando-se encarou os olhos castanhos dele.

— Verdade?

— Sim.

Depois da confirmação, Sayuri o beijou, começando a acarinhar a barba que estava um pouco grande. A fricção que tinha em seu rosto a fez sorrir afastando-se.

— A sua barba me faz cócegas.

Passando uma mão no rosto, Benjamin a fitou.

— Acho que vou dar uma aparada nela — inquiriu encarando Sayuri. — Ou você prefere sem?

— Nunca vi você sem barba — comentou segurando-se nele quando o mesmo começou a caminhar até a cama, sentando-se —, mas eu gosto dela em você.

Sorrindo Benjamin colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha feminina e em silêncio a observou. Sayuri era a mulher mais linda que ele já

PERIGOSAS ACHERON

conheceu. Linda de todas as formas, esses dias todos ao qual ele passou com ela pôde perceber. Ele sentia algo forte por ela, era tão forte que só o fato de pensar em não a ter mais em sua vida o deixava com um sentimento ruim no peito. Ele nunca tinha se sentindo assim por nenhuma mulher antes e, Sayuri não era qualquer mulher.

Sorrindo ele percebeu o que sentia, mas não diria agora.

— O que foi?

— Nada. — Sorriu beijando-a. — Melhor descermos.

Choramingando, Sayuri o beijou.

— Viu como os meninos se comportaram?

— Vi que a copilota não gostou de dividir a titia *Yuli* com outros — respondeu deixando-a sair do colo.

— Leslie é toda lindinha — murmurou acariciando os lábios dele com um dedo. — Desde que ela começou a falar que me chama assim.

— Você pretende ter filhos?

Surpresa, ela o fitou.

— Eu acho que sim — respondeu incerta. — Eu não sei, eu quero primeiro trabalhar, sabe? Ter

PERIGOSAS ACHERON

as minhas coisas, conquistar os meus objetivos.

— Entendi — proferiu ficando em pé ajeitando o pau na cueca. — Vamos descer.

— E você? Pretende ter filhos? — quis saber curiosa, olhando-o parar o que fazia.

— Não me imagino sendo pai — respondeu segundos depois.

Saindo do quarto antes de descer Benjamin a puxou para perto.

— Só mais um beijo? — perguntou dando um pequeno sorriso.

O abraçando pelo pescoço deixou ser beijada. Virando-a ele a encostou na parede e de forma sensual recomeçou o beijo. As mãos masculinas alisavam as costas femininas em uma leve carícia. Descendo mais as mãos as deixou no traseiro onde deu um apertão, fazendo-a gemer.

— Que bonito! — a voz masculina assustou os dois, com a respiração descompassada Sayuri fitou o irmão que a encarava de forma séria. — Já pensou se é o papai que te pega assim?

— Ian! Eu sou adulta.

— Não, você é a princesa do papai — debochou encaminhando-se para o quarto.

Revirando os olhos puxou Benjamin pela mão. No quintal Urion conversava com os irmãos, tinha gostado dos dois. Tinha notado que o mais velho dos irmãos, Liam, era mais calado. Fitando a entrada viu a filha e Benjamin caminharem de mãos dadas, desviando o olhar tentou não imaginar o motivo da demora.

— Seu sorvete, Srta. Hodgens — Bradley entregou a taça com o sorvete derretido. — Ele derreteu um pouco.

— Obrigada — agradeceu sorrindo sentando-se ao lado dele. — Você quer mais?

— Não, obrigado.

Urion observava a cena concentrado. Voltando sua atenção para a esposa a viu sorrir enquanto fitava a filha com os meninos. Ian aparecendo segurando um baralho chamou a atenção de todos.

— E aí? — Mostrou a jogatina. — Que tal um baralho?

— Eu sei jogar — Bradley sorriu passando as mãos na calça —, mas meu irmão não. Ele sempre perde.

— Isso porque eu deixo você ganhar —
PERIGOSAS ACHERON

contrapôs dando um sorriso de lado.

— Mentira sua – falou negando. — É sério?

— Oi? Não.

Deu um pequeno sorriso aproximando-se de Ian.

— E aí, cunhado – Ian indagou para Benjamin. — Vai jogar também ou não sabe?

— Eu sou o melhor jogador de baralho que existe.

— Depois de mim – Urion afirmou fazendo-o sorrir, sentando-se ao lado do filho.

— Me desculpe – pediu rindo —, mas tenho que discordar.

— Então venha e me mostre.

Sorrindo Benjamin beijou os lábios de Sayuri e de forma confiante sentou-se em frente ao sogro. Cruzando os braços Sayuri aproximou-se da mãe e, observou os homens jogarem entre si. Na primeira rodada, Urion ganhou fazendo um pequeno alvoroço, na segunda rodada Benjamin venceu comemorando com os meninos.

Liam havia se divertido bastante junto com os outros. Olhando para o céu viu que já era noite, pensou em Jilly sozinha em casa, gostaria de ir embora, mas não queria ser mal-educado e falar o que queria. Encarando o irmão, o viu sorrir conversando com Ian que o mostrava alguma coisa no celular, relanceando para Sayuri a viu sentada ao lado de Benjamin que por sua vez lhe sorria cochichando algo.

— Está tudo bem, Liam? — a mais velha questionou. — Parece ansioso.

— Não, senhora — negou dando um pequeno sorriso. — Está tudo bem.

— Acho que está na hora de irmos — Sayuri disse recebendo um sorriso do loiro. — Você deve estar cansado.

— E a Jilly está sozinha em casa — murmurou para a surpresa de Benjamin. — Acho que ela está se perguntando quando vamos aparecer.

— Claro — concordou relanceando para Benjamin. — Vamos indo.

Bradley ao ouvir isso fez um ar de triste, tinha gostado de conversar com Ian. Voltando-se deu um pequeno sorriso e o cumprimentando com a

PERIGOSAS ACHERON

mão se despediu.

— Anota meu número.

— Não tenho celular — respondeu levantando-se e observando o irmão se despedir dos mais velhos. — Foi legal te conhecer.

— Igualmente.

Aproximando-se Sayuri abraçou o irmão.

— E, você, vê se liga e dá notícias.

— Está bem. — Beijou-o no rosto. — Se cuida.

Yumi sorrindo aproximou dos irmãos.

— Eu amei conhecê-los — proferiu abraçando Bradley e depois Liam. — Sempre que precisarem as portas estarão abertas para vocês.

— Obrigado — os dois agradeceram ao mesmo tempo.

Caminhando para fora Sayuri observou os irmãos indo na frente. Segurando a mão de Benjamin se sentiu muito bem confortável com eles ali. Do lado de fora Sayuri abraçou mais uma vez os pais e, sorrindo acenou. Buzinando Benjamin saiu com o carro.

— Gostaram do dia?

— Sim — Bradley respondeu olhando-a. —

Ian é realmente legal, a sua mãe é bem legal também.

— Ela é sim. — Anuiu com a cabeça. — Papai também é.

— Ele é um pouco sério — comentou olhando para a janela —, mas é legal também.

Lançando um olhar para Liam o viu observar a janela com extremo interesse. Voltando-se para frente encarou o caminho que seguia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Parando com o automóvel em frente à residência da mãe, Benjamin foi o primeiro a sair do carro. Liam ao descer observou ao redor, a casa da mais velha era uma das mais lindas que ele já tinha visto.

Segurando a mão de Sayuri, Benjamin se pôs a caminhar até a entrada. Parando na varanda a porta da frente foi aberta e uma Jillian sorridente deu passagem para entrarem.

— Que bom que chegaram — falou sorrindo para Bradley e Liam. — Eu comprei uma coisa para os dois, esperem — pediu subindo as escadas.

Minutos depois a mais velha descia com duas sacolas do shopping. Sorrindo entregou as sacolas para os irmãos.

— Não precisava gastar com a gente.

Liam afirmou sem olhar o conteúdo, Bradley curioso abriu a sacola e sorriu surpreendido quando viu que era um celular. Liam tomou a caixa da mão do irmão e colocando dentro da própria sacola entregou a mulher.

— Não podemos aceitar – proferiu deixando Jillian surpresa. — Isso deve ter sido muito caro.

— É um presente para vocês – tentou novamente. — Nem foi tão caro assim.

— Acho melhor aceitar agora – Benjamin murmurou sorrindo. — Ou ela vai ficar falando no ouvido de vocês até aceitarem.

— Não quero que ache que ficamos pedindo por isso – Liam exclamou deixando Benjamin confuso. — Não somos assim.

— *Hey!* Tudo bem – disse em um tom apaziguador. — É só um presente sem intenções, só um presente.

— Isso, filho – Jilly disse devolvendo os presentes. — É só presente sem intenção.

Concordando o loiro fitou a caixa do celular. Engolindo o choro balançou a cabeça confirmando, entregando a outra caixa ao irmão viu quando o mais novo deu um pequeno sorriso.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer. – Sorriu olhando-o. — Você vai dormir aqui hoje? – questionou fitando Bradley.

— Se não for problema para a Srta. Hodgens.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que não. — Sorriu fitando-o com o aparelho celular na mão. — Se você quiser passar a noite, por mim tudo bem.

— Ótimo, agora todos lavando as mãos para o jantar.

Levantando-se todos se encaminharam para a cozinha. Após lavar as mãos e servir os pratos, Jillian questionou aos dois como a tarde tinha sido. Bradley mais confiante começou a falar sobre o irmão da Sayuri e de como tinha sido bem recebido pela família da mesma, Liam apenas falava poucas coisas. Só o necessário quando era questionado.

Sayuri estava muito contente com o dia que tivera e, sorrindo notou que poderia estar agindo como uma mãe para os meninos, mas sabia que Liam aparentava gostar mais de Jillian. E notava que o sentimento era recíproco. Terminado o jantar Sayuri e Benjamin se despediram de todos.

O trajeto de volta foi feito em silêncio.

Assim que estacionou na vaga de sempre e falou com o porteiro, Benjamin segurou a mão de

PERIGOSAS ACHERON

Sayuri e a puxou para o elevador.

— Qual era a surpresa? — perguntou fazendo-a sorrir.

— Quando estivermos lá dentro eu digo — respondeu observando as portas do elevador se abrindo.

Aproximando-se do apartamento, Benjamin abriu a porta ligando a luz da sala. Sayuri espreguiçando-se o fitou com um pequeno sorriso.

— Eu vou em casa rapidinho tomar um banho — avisou beijando-o. — E volto logo.

— Por que suas roupas não estão na minha gaveta? — quis saber a segurando pela cintura.

— Porque não houve o pedido. — Sorriu o beijando mais uma vez. — Eu volto logo.

— Traz algumas roupas suas — pediu encostando-se à porta. — Vou deixar um espaço para você.

Pisou e sorriu lhe dando as costas. Pegando a pequena bolsa procurou a chave e a pegou. Ao abrir a porta se encaminhou para o quarto. Retirando o vestido que usava, prendeu o cabelo no alto da cabeça e abrindo a porta do banheiro se encaminhou para a pia, pegando a escova e o creme

PERIGOSAS ACHERON

dental. Feito a higiene bucal, entrou debaixo do chuveiro e rapidamente se lavou.

Saindo do banheiro enrolada em uma toalha, pegou um vestido preto curto que as vezes usava para dormir. Enxugou-se bem, pegou o creme corporal e passou no corpo, após a pele estar hidratada pegou a peça de roupa a vestindo. Somente o vestido.

Sorrindo, pensou em uma coisa, indo até a gaveta pegou uma calcinha.

Fechou a porta do quarto e se encaminhou rapidamente para o apartamento. Enquanto fechava a porta do apartamento sentiu como se alguém a vigiasse, olhando rapidamente para o lado viu quando um vulto se escondeu. Fitando o final do corredor sentiu a respiração ficar desregular, retirando a chave da porta pensou um momento se iria até o final do corredor checar.

Respirando fundo começou a caminhar.

— Sayuri — Benjamin a chamou assustando-a. — Para onde vai?

Encarando-o, o viu somente de bermuda. Levando a mão ao peito, fitou novamente o final do corredor.

— N-Nada. — Sorriu esfregando os olhos. — Eu achei que tinha... Nada... deixa. — pediu indo até ele.

Encostado na parede Herban usava uma máscara preta, estava todo de preto. Nas mãos um pano embebedado de álcool e *midazolam*, estava pronto para adentrar o apartamento e pegar Sayuri. Mas parou quando ouviu a voz do tal Benjamin. Bufando, guardou o pano no bolso e rapidamente utilizou o mesmo caminho que tinha feito para chegar ali, tinha usado uma janela aberta dos fundos.

Já tinha planejado a saída do prédio, usaria a saída de emergência. Tinha notado que o local por trás não era tão vigiado como a frente.

Dentro do apartamento, Sayuri observava Benjamin ir até a cozinha e voltar segurando uma cerveja. Sentando-se ao lado da mulher notou o pequeno sorriso que ela tinha.

— Minha surpresa é isso que você está na mão? — perguntou vendo Sayuri colocar as mãos

PERIGOSAS ACHERON

para trás.

— Fecha os olhos – pediu sorrindo e quando ele o fez, sorriu ainda mais. Subindo em cima dele, sentou-se com as pernas em cada lado do quadril masculino. — Pode abrir.

Abrindo os olhos, Benjamin encarou a calcinha que ela segurava enquanto sorria.

— Esse é meu presente? – quis saber tomando um gole da cerveja, a colocando no móvel do lado.

— Isso.

— Um pouco pequena para mim – disse segurando a peça. — Principalmente na frente.

Sorriu sacana.

Rindo Sayuri negou com a cabeça.

— Não gostou?

— Na verdade eu não entendi. – Resolveu ser sincero e, sorrindo, viu quando ela pegou sua mão e colocou por debaixo do vestido que usava. Fazendo-o sentir que ela não usava calcinha. — Ah! Agora eu entendi.

Movendo o quadril em direção a mão dele, Sayuri suspirou com a carícia que recebia.

— Meu período já passou – exclamou
PERIGOSAS ACHERON

notando-o levar os dedos que usava para lhe estimular até os lábios, onde os melou com saliva. — Eu estou louquinha por você — murmurou sentindo a carícia no clitóris.

Aproximou os lábios e o beijou. Podia sentir o membro ficando duro e, sentindo-se pegar fogo começou a se esfregar nele. Soltando os lábios gemeu esticando o pescoço. Olhando-o viu quando o vestido foi puxado para cima. Com os seios livres choramingou de tesão ao sentir os lábios de Benjamin se fecharem naquela sua anatomia.

Levando as mãos até a cabeça do moreno, gemeu. Benjamin mordida e chupava o bico do seio. Todas as sensações que sentia se alastravam pelo corpo e se concentravam em sua intimidade.

— *B-Benjamin...* — sussurrou em súplica. — *Por favor...*

Ignorando o apelo, Benjamin migrou para o outro seio. Empurrando-o para o encosto do sofá, Sayuri desceu depositando beijos pelo corpo musculoso do companheiro. Ficando de joelhos baixou a bermuda que ele usava e ofegando fitou o membro completamente ereto.

Definitivamente, Benjamin era um homem
PERIGOSAS ACHERON

grande.

Comprido e grosso da base até a ponta, com veias salientes por toda a extensão. Naquela região era depilado, menos no púbis que continha alguns cabelos. Olhando-o sentiu o desejo de experimentá-lo. Vagando os olhos pelo corpo de Benjamin, o viu encarando-a em expectativa.

Após lambe os lábios deixou um sorriso escapar.

— Não seja malvada – pediu alisando o peito. — Ou será castigada.

— Castigada? – arfou sentindo a boca seca. — Vai me bater? – perguntou com o cenho franzido.

— Nunca. – Alisou o lábio feminino. — Não dessa forma que você pensou – terminou de falar com o cenho franzido.

Sorrindo, Sayuri lambeu o comprimento de Benjamin fazendo-o fechar os olhos. Ainda o olhando viu quando os dentes brancos se fecharam no lábio inferior, a expressão no rosto dele era de prazer misturado com ansiedade.

Segurando-o com as duas mãos começou a fazer movimentos de sobe e desce. Em um

PERIGOSAS ACHERON

movimento lento o colocou dentro da boca, não conseguindo o colocar completamente. Fazendo movimentos com a boca ouviu o suspiro que Benjamin soltou e imediatamente a mão masculina lhe agarrou os cabelos.

Chupando a cabeça do membro bem lentamente, Sayuri quase sorriu quando o viu gemer com os olhos semiabertos. O tirando da boca voltou a lambe-lo da base até a ponta, sempre alternando entre chupadas e lambidas.

Esfregando a mão aberta no peito, Benjamin gemeu ao sentir calafrios de prazer se alastrando pelo corpo. Nesse ritmo que ela levava, o faria gozar, mas ele não queria gozar agora. Então, pensando assim, aproveitou que ela o tirou da boca novamente para puxar a respiração e, a pegou colocando-a sentada em seu colo.

— Ben – choramingou sentindo-o morder no pescoço. — *B-Ben...*

— Eu preciso estar dentro de você agora – deixou claro. — Faz mais de três dias que seu período terminou?

— O que? – perguntou gemendo sentindo-o lhe acarinhar a intimidade.

— Faz mais de três dias que o seu período terminou? – repetiu segurando o membro pela base, esfregando-o na intimidade lubrificada de Sayuri.

— A-Acho que sim – disse o beijando no pescoço, subindo as carícias para a orelha, onde a mordeu. — Por que?

— Podemos fazer sem a camisinha – disse chamando a atenção da mulher. — Eu não tenho qualquer tipo de doença, você não está no seu período fértil.

Mordendo os lábios pensou na proposta, iria negar, mas as carícias que recebia a estava deixando louca. Por isso, esticando a mão por trás encaminhou o membro grosso e comprido para dentro de si. Apoiando-se nos ombros musculosos de Benjamin sentiu quando ele, aos poucos, adentrou o canal vaginal, suspirando sentiu uma leve dorzinha ao mantê-lo todo dentro de si.

Lambendo os lábios sentiu quando a língua lhe lambeu o mamilo e, fechando os olhos gemeu com a carícia que recebia. Uma mão lhe segurava pelo traseiro e o outro braço lhe rodeava a cintura.

Inclinando-se no sofá, Benjamin começou a se mover bem lentamente, sempre observando as

PERIGOSAS ACHERON

expressões que Sayuri fazia. A puxando para si, testou ir mais rápido consequentemente fazendo-a gemer mais alto. Apoiando as mãos no peitoral musculoso, sentou-se começando a rebolar.

— Rebola — mandou acertando um tapa estralado no traseiro branco, no mesmo instante Sayuri o fitou com um pequeno sorriso. — Gostou?

— Sim — respondeu recebendo mais um tapa, só que do outro lado. Deitando-se por cima dele, o beijou fazendo-o parar com os movimentos. — Vamos para a cama?

Sorrindo, Benjamin a pegou nos braços — ainda dentro dela — e a beijando, a levou para o quarto. Depositando-a na cama, sorriu quando notou o lindo sorriso que ela lhe endereçava.

— Podemos fazer naquela posição? — perguntou com um pequeno sorriso.

— Qual? — questionou já imaginando qual seria.

Sem o responder Sayuri virou de costas e abraçando o travesseiro e, separando as pernas empinou o traseiro avermelhado. Aproximando-se Benjamin lambeu os lábios e sem esperar lambeu do clitóris até a abertura rosada feminina. Sayuri

PERIGOSAS ACHERON

apoiou as mãos no colchão, sentindo o corpo tremer pelas carícias que recebia.

Olhando para trás viu a língua do moreno lhe lambe e os lábios lhe chuparem. Benjamin sentia que Sayuri estava próximo de gozar, por isso, recomeçou a lambe-la e a chupá-la.

Gemendo alto Sayuri sentiu o corpo convulsionar de prazer e os olhos deixarem lágrimas caírem. Esfregando o rosto no travesseiro, voltou sua atenção para Ben que esfregava os dedos em sua abertura. Olhando-o por cima do ombro, viu o exato momento em que ele deitou por cima de si e encaminhou o membro para onde ela mais precisava.

Abraçando-a Benjamin começou a se mover, indo para frente e para trás. Encostando a cabeça no ombro masculino, sentiu quando o pescoço foi mordido novamente. Virando o rosto o beijou chupando com desejo o lábio inferior masculino, apoiando-se no colchão o ajudou nos movimentos.

Era sempre tão prazeroso sentir Benjamin a invadir com força e rapidez como ele fazia nesse exato momento. Os barulhos dos corpos se chocando preenchiam o quarto, deixando o

PERIGOSAS ACHERON

ambiente totalmente sexual. Arfando, sentiu quando ele parou de se mover e rapidamente sair da cama, ficando em pé enquanto a puxava para a beirada da cama.

— Vamos assim – sussurrou rente ao ouvido feminino. — Assim eu consigo ir mais rápido e mais fundo em você.

— Gostoso... – murmurou sentindo-o penetrá-la lentamente.

— Eu sei, *chuchu* – avisou acertando um tapa estralado no traseiro feminino. — Agora fica de quatro, fica?

Obedecendo-o, Sayuri sorriu enquanto se colocava de quatro.

Olhando-o de lado, sorriu sensual remexendo o traseiro. Sem esperar, recebeu mais um tapa no traseiro que a fez soltar um grito.

— Eu vou ficar com o traseiro dolorido depois – avisou, mas logo gemendo quando sentiu a mesma mão que lhe bateu, acariciar o traseiro. — Não seja tão malvado comigo.

— Me desculpe – pediu a puxando para fora da cama, virando-a para si. — Não quero te machucar, vou tentar me segurar.

Abraçando-o levantou uma perna fazendo-o colocar o membro dentro de si. Segurando-a por de baixo da coxa, Benjamin recomeçou os movimentos. Enquanto a penetrava, os lábios lhe tomavam em um beijo necessitado.

Mordendo-lhe o lábio inferior, Sayuri sentiu outro orgasmo vir e dessa vez mais forte que o outro. Agarrando-se em Benjamin o sentiu ir mais rápido e, ainda sendo penetrada obteve o orgasmo. Segurando-a por debaixo da outra coxa, ele acelerou os movimentos puxando-a cada vez mais rápido para si. Podia sentir que estava próximo de gozar e pensando isso a beijou, bombeando mais três vezes sentiu quando finalmente gozou dentro dela.

Cansada, Sayuri apoiou a cabeça no ombro do companheiro. Sentia a respiração descompassada e o líquido dele escorrer por dentro de si. Ainda a segurando, ele sorriu e de forma carinhosa a levou até o banheiro, depositando-a com cuidado no chão notou o líquido esbranquiçado descer pelas pernas brancas de Sayuri.

— Vamos tomar um banho de banheira?

— Eu estou acabada – murmurou com um pequeno sorriso. — Sinto os músculos do meu corpo reclamarem.

— Eu peguei leve com você. – Riu a levando até o box. — Vamos então tomar um banho de chuveiro, amanhã terminamos nossa noite.

Sem falar mais nada Sayuri amou ser mimada por Benjamin. Após ajudá-la no banho, começou a tomar o próprio banho e depois de finalizá-lo pegou uma toalha para Sayuri para logo em seguida enrolar uma outra toalha no próprio no quadril. Pegando-a no colo a beijou delicadamente e dando um pequeno sorriso se encaminhou para o quarto.

A secando e sorriu, quando ela engatinhou até o travesseiro e o abraçou. Tentando conter o desejo se secou, logo indo deitar-se ao seu lado.

— Eu amei a nossa noite – Sayuri disse aconchegando-se pelada no peitoral de Benjamin. — Você sempre me faz sentir tão bem.

— Eu só retribuo o que sinto.

Sorriu lhe acarinhando o ombro.

Apoiando o queixo no peito dele, ela o fitou com os olhos emocionados.

— Você é um homem tão maravilhoso –
PERIGOSAS ACHERON

disse recebendo um carinho na bochecha. — Eu tenho sorte.

— Não — negou sorrindo. — Eu que tenho sorte por ter você na minha vida, uma mulher tão incrível como você — afirmou fazendo-a sorrir. — Você é tão especial, me fez sentir coisas que... — Parou notando o olhar que recebia. — Coisas que eu jamais senti, com você eu me sinto um homem completo.

Emocionada deixou algumas lágrimas escaparem.

— Não me faz chorar.

— Não — negou ainda a fazendo um carinho. — Chorar não, gritar de prazer.

Balançando a cabeça, Sayuri encostou o ouvido no peito esquerdo dele e acarinhando ali, ouviu o coração bombear de forma frenética.

— Eu gostei bastante do dia de hoje — proferiu um pouco sonolenta. — Você notou que o Liam gosta da Jilly? Acho que você arrumou um irmãozinho.

— Você acha? — questionou surpreso.

— Sério que você não notou? — perguntou confusa. — Ele todo preocupado com sua mãe, só

PERIGOSAS ACHERON

acho que ela quer que o Bradie goste dela também. Acha que ele pode querer morar com ela? – quis saber o olhando com o cenho franzido.

— Com ciúmes? – debochou fazendo-a revirar os olhos. — Não sei, mas isso não importa. Ele estando aqui ou com a minha mãe, sempre estará por perto e não vamos deixá-los sozinhos.

Sorrindo, sentiu aquele mesmo sentimento que sabia que sentia lhe aquecer o coração. Não sabia o motivo de não falar agora, mas parecia que não era a hora certa. Porém, não saberia se era a hora certa ou não. Tinha que falar, franzindo o cenho se sentiu um pouco confusa com os pensamentos.

— O Hodgens é sobrenome do seu pai?

— Sim – respondeu mordendo os lábios.

— Então, o nome do seu pai tem dois sobrenomes? – questionou curioso.

— Não – negou sentando-se, pegando o lençol cobriu os seios. — O meu pai não é meu pai biológico.

— Não? – repetiu confuso.

— Não. – Colocou uma mecha atrás da orelha. — Só o meu irmão que é filho biológico do PERIGOSAS ACHERON

Urion e da minha mãe – deixou claro obtendo um olhar de confusão. — Meu pai verdadeiro está preso, da última vez que eu soube ele ainda estava vivo.

— Nossa. — Sentou-se a olhando. — Se você quiser não precisa falar, mas eu estou realmente curioso.

Sorrindo ela confirmou com a cabeça.

— Minha mãe conheceu o Urion quando eu tinha cinco meses – começou a falar lembrando-se do que a mãe havia lhe dito. — Eles se conheceram por acaso. — Riu lembrando-se da mãe falando o quão grosso o homem tinha sido. — Minha mãe era casada com o meu pai, Reece Hodgens, ele era policial. Ela fugiu com ele e, até um certo ponto foi feliz – disse olhando as mãos —, mas depois ele começou a ser ignorante com ela... a maltratá-la. Você sabe o que eu quero dizer.

— Sim, eu sinto muito.

— É, eu também. — O olhou rapidamente. — Ao lado da minha mãe morava uma senhora chamada Sra. Johnson, minha tia Grace cuidava dela. A mãe da Leslie – falou quando o notou confuso. — Urion era filho da Sra. Johnson e, um

PERIGOSAS ACHERON

dia ele salvou a minha mãe. Ajudou-a, a levou para casa e cuidou da gente. Com o tempo juntos eles foram se aproximando, então desde então eu o chamo de pai. Ele que me criou, me ensinou a andar, a falar mamãe, porque eu só queria falar papai. — Riu fazendo-o rir junto. — A figura paterna que eu tenho é só ele.

— Eu entendo — murmurou acarinhando o rosto macio. — Uma linda história de amor a deles, eu nunca imaginei.

— Sim, meus pais se amam muito. E parece que com o tempo eles se amam mais.

Concordando Benjamin a encarou compreensível. Tinha realmente achado linda a história dos pais dela, mas uma coisa ele não havia entendido.

— E qual foi o crime que o Reece cometeu?

— No dia da audiência para a minha guarda, ele tentou matar a juíza e a minha mãe — anunciou fazendo-o ficar surpreso. — É, inacreditável.

— Um louco.

— Sim — confirmou logo deitando-se no peito dele —, mas não vamos mais falar dele. Não gosto de pensar em tudo o que minha mãe sofreu

PERIGOSAS ACHERON

por causa daquele homem.

— Certo, você está certa. O seu pai é o Urion, dá para ver que ele te ama demais e é bem protetor.

— Ele é. — Riu aconchegando-se mais no peitoral quente de Benjamin. — Mas ele é o melhor pai do mundo.

Alisando o cabelo castanho, Benjamin pensou em Gerard. Fazia alguns dias que ele o esperava para pegar o dinheiro e o mesmo não havia aparecido, não queria se preocupar, mas algo dentro de si o mandava procurar em algum hospital. Esperaria até segunda, caso ele não aparecesse o procuraria.

Olhando Sayuri, a viu dormir serena.

Abraçando-a deixou que o sono o invadissem.

Sentado, ele selecionava as imagens que mandaria para Sayuri. A voz que até então tinha sumido da sua mente voltou para ordenar que ele fizesse aquilo, a mesma voz lhe dissera que Sayuri iria ficar apavorada. E apavorada era como ele a

PERIGOSAS ACHERON

queria. Após escolher as imagens colocou-as para imprimir, sorrindo viu as fotos que ele mais gostava aparecerem.

Depois da tentativa fracassada de hoje ele voltou para casa e foi diretamente tomar banho. Tinha tomado cuidado, é claro, na volta. Não queria chamar a atenção para si. A única atenção que ele queria e teria era da Sayuri.

Após as imagens estarem prontas – com as mãos calçadas em luvas – pegou o envelope o abrindo com cuidado colocando as imagens dentro. Pegando o papel com o nome *Sayuri Hodgens* o colou do outro lado. Terminado de fazer isso, abriu uma sacola e o colocou dentro. Pela manhã pensaria em como entregaria aquelas fotos.

Saindo do quarto se encaminhou para o porão. Abrindo a porta foi até as estudantes, ao abrir a porta viu a loira empurrar freneticamente a ruiva.

— O que temos aqui?

Assim que foi visto, a loira começou a chorar. Ignorando-a, puxou a ruiva para cima e a colocando no chão viu como a pele dela estava levemente cinzenta. Levando os dedos até a artéria

PERIGOSAS ACHERON

do pescoço não sentiu pulsação, levando a mão a boca sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

— Ela está morta — falou fazendo a loira chorar, acreditaria que se ela não estivesse com a boca amordaçada ela gritaria. — Eu sinto muito — disse alisando o rosto da ruiva —, mas agora como vou fazer? Só tenho você, é preciso três para o que eu quero.

Inclinando um pouco a cabeça para o lado, ele ouviu os sussurros em sua mente. Fechando os olhos, pôde ouvir com mais perfeição a voz lhe mandar fazer o que era preciso.

— Ellie... — sussurrou o nome da vizinha. — Sim.

Mas antes de fazê-lo, deveria se livrar do corpo. Esperaria a madrugada.

Sim.

Então ele cavaria um buraco e a colocaria dentro dele, mas antes tinha que fazer alguma coisa com ela. Pois, ela não poderia ser reconhecida. Abrindo a boca sem vida fitou os dentes, não poderia ser tão difícil.

Voltando sua atenção para a loira, deu um pequeno sorriso.

— Eu vou fechar a portinha – avisou em um tom suave. — Não quero que você se assuste.

Ao dizer isso, a loira negou com a cabeça. Não acreditava que a amiga tinha morrido, ao fundo podia escuta-lo mexer em algumas ferramentas. Tremendo ouviu quando um golpe contra algo – nesse caso alguém – se chocou. Um som oco, em seguida ouviu um *creque*.

Fechando os olhos pediu para que o fim dela chegasse logo, ou que ela pudesse ficar livre. Ela não aguentava mais, não aguentava.

Capítulo 28

Um barulho a fez acordar. Esfregando os olhos sentou-se na cama. Olhando para o lado viu o lugar de Benjamin vazio, franzindo o cenho desceu da cama usava uma blusa masculina para dormir. Saindo pelo corredor ouviu novamente o barulho seguido por um gemido, confusa aproximou-se da sala e a cena que viu a deixou levemente tonta. Benjamin estava deitado enquanto de sua barriga e boca saiam sangue, ele tentava alcançar o telefone em cima do criado mudo. Tapando os lábios para evitar que o grito saísse, fitou o homem que amava morrer em frente aos seus olhos.

Um barulho atrás de si a fez virar rapidamente e com os olhos cheios de lágrimas viu o mesmo homem que invadira seu quarto, segurando uma faca toda ensanguentada. Correndo até porta pensou em pedir socorro, mas antes que pudesse fazê-lo, sentiu o cabelo ser puxado e gritou de dor quando a faca atravessou sua barriga.

— Sayuri! — Benjamin a chamou preocupado.
— Está tudo bem, foi um pesadelo.

Sentando-se na cama, Sayuri olhou ao redor notando a fresta do sol no chão do quarto. Virando-se para Benjamin o abraçou, apertando-o, deixando que as lágrimas caíssem livremente de seus olhos.

— E-Eu não p-posso viver sem você — exclamou trêmula. — Não me deixa.

— *Hey* — murmurou segurando o rosto delicado, as lágrimas caíam dos olhos castanhos sem freio algum. — Estou aqui! Eu nunca vou te deixar.

— V-Você promete? — perguntou o olhando.
— P-Por favor, Ben... Eu não...

— Eu prometo — disse dando um selinho nos lábios feminino. — Quer falar sobre o pesadelo?

— Não — negou o abraçando, sentindo-se protegida nos braços do homem. — Eu quero esquecer esse pesadelo.

Concordando, Benjamin a puxou mais para si.

Estava dormindo quando a sentiu inquieta, primeira vez que a via daquela forma. Pronto para
PERIGOSAS ACHERON

acordá-la viu quando gritou como se sentisse dor e, após finalmente acordá-la a fitou tão frágil. Aquilo o deixou nervoso, gostaria de poder retirar a dor que ela estava sentindo nesse exato momento e ficar para si.

Ainda a acarinhando sentiu quando ela fungou e relaxou. Olhando-a, notou que ela tinha pegado no sono novamente. Beijando-lhe a testa, a colocou deitada com delicadeza e sem a acordar saiu da cama. Prepararia um café da manhã, indo até o banheiro fez a higiene matinal e tomou um rápido banho.

Ao sair do banheiro a viu dormir de forma serena agarrada ao travesseiro que ele tinha dormido. O lençol cobria da cintura para baixo, deixando as costas nuas para a sua apreciação. Sorrindo foi até a gaveta pegando uma cueca, lançando um último olhar para Sayuri saiu do quarto. Na sala pôde ver o vestido que pertencia a jovem, o pegando levou até o nariz sentindo o cheiro que pertencia a ela.

Dobrando a peça, a levou até o quarto colocando-a em cima da cama. Voltando para a cozinha começou a preparar algumas coisas como:

PERIGOSAS ACHERON

ovos mexidos, panquecas e suco de laranja. Colocando água na cafeteira e o pó do café, ligou a máquina.

De braços cruzados encarou o corredor que levava até o quarto. O olhar assustado e choroso dela não saía de sua mente, talvez nunca saísse. Suspirando foi até a geladeira observando alguns alimentos ali dentro, coçando a barriga viu que teria que fazer compras. Tentaria ir pela manhã no supermercado e depois ir na casa da mãe. Sorrindo lembrou-se de como a mãe estava feliz com Liam por perto. Não conseguia sentir ciúmes do adolescente, achava bom o loiro criar laços com a mais velha. Assim o faria perceber que ele não estava sozinho, que agora tinham pessoas querendo o ajudar.

Abrindo os olhos se espreguiçou, sentando-se na cama recordou-se do pesadelo que teve, parecia tão real. Enxugando as lágrimas encostou-se na cabeceira da cama segurando o lençol na altura dos seios. Talvez o sonho poderia ter sido um aviso

PERIGOSAS ACHERON

para que ela se atentasse a porta do apartamento, pois, no campus ela também imaginava que estava segura e no final estava enganada.

E como se um clique em sua cabeça, a foto junto com o bilhete veio em sua mente. Na hora uma sensação ruim se alastrou em seu peito, mordendo os lábios tentou controlar a vontade desenfreada de chorar que se apossou de si. Levando a mão aos lábios não aguentou, começando a chorar.

Ela precisava disso.

A porta do quarto sendo aberta lhe chamou a atenção e, dela Benjamin adentrou segurando uma bandeja com comida. Assim que a viu chorando, franziu o cenho aproximando-se.

— Por que está chorando? — perguntou colocando a bandeja no criado mudo, enquanto acarinhava a bochecha macia.

— Eu acho que tem alguém atrás de mim.

— O que? — questionou surpreso. — Por que acha isso?

Dando de ombros encarou a bandeja.

— Você sabe o motivo de vir morar aqui — falou recebendo um aceno. — E agora esse PERIGOSAS ACHERON

pesadelo.

Sorrindo Benjamin lhe segurou o queixo.

— Então você concluiu que por causa do seu pesadelo tem alguém atrás de você?

Negando deixou algumas lágrimas caírem.

— Eu recebi um bilhete — comentou cruzando os braços sabendo que ele a encarava. — No bilhete estava escrito “você será a próxima” e semana passada eu recebi uma foto de um buraco. — Franziu o cenho olhando-o. — Atrás estava escrito “casa”.

Sem acreditar Benjamin a encarou mudo, não acreditava que só agora ela dizia aquelas coisas.

— E só agora você me fala isso? — perguntou sério fazendo-a arfar.

— Eu queria te falar — disse um pouco trêmula —, mas aí seu pai apareceu e você estava daquela forma, eu não queria ocupar sua mente com isso.

— Então a culpa é minha por você me esconder isso?

— Benjamin! — alarmou-se observando-o se levantar. — Eu não disse isso.

— Duas estudantes estão desaparecidas —
PERIGOSAS ACHERON

disse sério. — Um cara com uma faca estava atrás de você na Universidade, o próprio delegado disse que é possível que o sequestrador seja o mesmo cara que estava atrás de você. Você recebe essas coisas e não me fala? Não vê os riscos que correu?

— Ben... — chorou abraçando-se. — Não fala assim...

— Não — negou esfregando o rosto, não conseguia mesmo acreditar que tinha deixado ela a mercê de um louco. — Você foi descuidada.

Chorando Sayuri rapidamente saiu da cama sob o olhar atento de Benjamin. Em silêncio, vestiu a roupa e sem dizer mais nada saiu do quarto. Bufando, Benjamin foi atrás dela e, antes que ela pudesse sair, ele a puxou pela mão.

— Me solta! Eu não quero ficar ouvindo você brigar comigo — proferiu virando o rosto. — Não vê que estou com medo?

— Até ontem você não estava com medo — inquiriu observando o olhar magoado dela. — O que te fez mudar de ideia?

— Você — respondeu deixando-o confuso. — Meu pesadelo foi *ele* te matando — chorou sentindo a mesma dor que no pesadelo. — Eu não posso...
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não posso, Benjamin...

— O que você não pode?

Puxou-a para mais perto.

— Viver sem você – sussurrou observando os lábios dele. — Eu te amo e não posso pensar em te perder.

Negou balançando a cabeça, não se dando conta do que havia dito.

— O que?

Arregalou os olhos a fitando.

— Esse pesadelo me deixou alerta – afirmou olhando o repuxar de um sorriso nos lábios dele. — Ele pode aparecer por aqui se ele quiser, eu não quero...

— Eu também te amo! – a interrompeu fazendo-a ficar muda. — Eu também te amo muito.

Sentindo o coração bombear rapidamente Sayuri o fitou nos olhos.

— Você também me ama?

Sorriu esquecendo-se momentaneamente dos medos que sentia.

— Amo – confirmou selando os lábios em um beijo suave. — Amo você como nunca pensei amar alguém.

PERIGOSAS ACHERON

Chorando, ela o abraçou e ainda o abraçando sentiu quando Benjamin a segurou e, a levou de volta para o quarto. Sentando-se na cama ele a beijou de novo e, separando-se sorriu.

— Fala de novo que me ama? — pediu colocando uma mecha atrás da orelha dela.

— Eu te amo!

Alisando o rosto macio ele sorriu.

— Eu vou proteger você — avisou fazendo-a morder os lábios. — Amanhã vamos até a delegacia — informou e notando que ela falaria algo ele continuou. — Por favor, precisamos falar para o Delegado Kilmer. Não podemos deixar passar nada.

Suspirando concordou olhando a bandeja com o café da manhã.

— Isso é para mim?

— Sim — confirmou pegando a bandeja colocando-a no meio dos dois. — Fiz para a gente.

Sorrindo, pegou um morango e o mordeu. Fechando os olhos sentiu o sabor doce se espalhar na boca. Pegando uma faca passou no creme de avelã — que tinha na bandeja — e melou a fruta. Levou aos lábios e devorou a pequena fruta

PERIGOSAS ACHERON

vermelha.

Lambendo o dedo melado do chocolate fitou Benjamin que a encarava.

Sorrindo pegou outro morango, o mergulhando no doce logo em seguida oferecendo para o homem que prontamente abriu os lábios mordendo a fruta. Lambendo os lábios observou como Benjamin a encarava sem piscar, soltando um pequeno sorriso aproximou-se dele.

Retirando o vestido que usava o jogou no chão, ficando nua o abraçou sentando-se no colo dele.

— Ontem transamos sem camisinha.

— Você não está no seu período fértil — afirmou fazendo-a arquear uma sobrancelha. — Ainda estou com muito desejo acumulado. — Sorriu estimulando o bico do seio esquerdo. — Na verdade, acho que sempre vou sentir desejo por você.

— Porque você me ama — deixou claro sorrindo. — Eu não acredito que você me ama mesmo.

— Como não amaria?

— Não sei. — Deu de ombros. — Quando eu
PERIGOSAS ACHERON

descobri o que sentia fiquei com medo de falar – confidenciou deixando-o surpreso. — Fiquei com medo de você achar que eu estava confundindo, não sei.

— Eu também fiquei com medo. – Sorriu balançando a cabeça, encostando-se na madeira da cama. — Fiquei com medo de não ser correspondido.

— Pensamos demais – murmurou beijando-o no pescoço. — Que tal deixarmos isso de lado e focarmos em algo prazeroso? – propôs enfiando a mão por dentro da cueca que ele usava, acariciando o comprimento dele.

Baixando a cueca Benjamin sorriu.

— O que você sugere? – quis saber segurando-a pelos cabelos, sentindo a carícia que recebia aumentar. — Você ainda não comeu.

Apontou olhando para a bandeja próximo a eles.

— Eu não estou com fome disso – falou relanceando para a comida. — Estou com fome de outra coisa.

Sorriu colocando o membro para fora da cueca. Beijando-o começou a esfregar aquela

PERIGOSAS ACHERON

anatomia em sua abertura.

Forçando a entrada, Sayuri gemeu, logo voltando a esfregar o membro por toda a sua intimidade. Podia sentir-se ficar molhada com aquele joguinho, olhando Benjamin percebeu que ele mordida os lábios em um puro masculino desejo. Apoiando-se nos ombros largos, levou o membro para dentro de si – gemendo quando o sentiu abrir espaço para adentrar o canal vaginal.

Fechando os olhos sentiu as mãos de Benjamin lhe acariciar o traseiro. O apertando e puxando-a para si. Sorrindo viu quando ele se deitou na cama começando a se mover.

— Temos alguns minutos — anunciou observando-a morder os lábios. — Precisamos ir no supermercado.

Anuindo iniciou os movimentos.

Subia e descia de forma lenta, sentindo-o lhe apertar mais o traseiro. Inclinando-se para o lado encostou a cabeça no colchão, ainda sentindo a invasão em seu interior. Gemendo ficou sentada de forma ereta e sorrindo passou a ir mais rápido. Com as mãos começou uma carícia intensa nos seios. Benjamin gemia observando-a se acariciar, PERIGOSAS ACHERON

sentando-se rapidamente a abraçou e após morder o lóbulo da orelha delicada começou a lhe falar obscenidades.

Como se sentisse que ela estava próximo do orgasmo, Benjamin saiu da cama a colocando de quatro. Puxando-a para o peito acelerou os movimentos, indo forte e rápido. Cravando as unhas no braço do companheiro, Sayuri gemeu alto sentindo as paredes vaginais lhe apertar o membro.

Gemendo rouco Benjamin ejaculou enquanto ainda se movia.

Encostando a cabeça no ombro de Benjamin, Sayuri sorriu. Balançando o traseiro suspirou após sentir o membro sair de dentro si, mordendo os lábios sentiu quando os fluídos escorreu por sua perna. Era uma louca por transar sem a camisinha, mas já havia passado seu período fértil.

Não teria problema.

Saindo da cama com Benjamin lhe segurando a cintura, virou o olhando.

— Vamos tomar um banho?

— Só banho? – Benjamin questionou com um sorriso sacana.

— Só um banho – deixou claro beijando-o

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente. — Temos coisas a fazer fora de casa.

— Precisamos ir ao supermercado e buscar o Bradley.

Puxando-o pela mão se encaminharam para o banheiro.

— Acha que ele dormiu bem? — perguntou pegando o creme dental e a escova de dentes. — Acha que ele vai ficar chateado por não ter ligado?

Cruzando os braços ele a encarou com um sorriso de lado.

— Você fica tão lindinha preocupada com o seu filho de quinze anos. — Riu observando-a balançar a cabeça. — Ele está com a minha mãe, está seguro. Liam também está lá.

Adentrando o box começou a se molhar, já havia tomado banho, mas jamais desperdiçaria um banho com Sayuri. Sorrindo a viu escovar os dentes e minutos depois enxaguar a boca colocando a escova em seu lugar. Ainda sorrindo observou-a prender os cabelos, abrindo o box esperou que ela entrasse. Abraçando-a beijou-a no pescoço, a apertando contra si a beijou na bochecha. Sayuri sorria com o carinho, lhe segurando o rosto o beijou.

Enquanto a água caía sobre eles, Sayuri o beijava com mais desejo. Inclinando o rosto para o lado sentiu quando as costas encostaram na parede e a mão masculina lhe segurou a coxa, pelo visto demorariam mais um pouco ali.

Dentro do carro em uma certa distância, Kilmer observava a casa do faxineiro. Nos dias que o vigiou o viu levar algumas garotas para dentro da casa, algumas – ele reconheceu – eram da Universidade. Havia dito que as buscas estavam suspensas para que pudesse ter uma vantagem com o criminoso, não era de ajuda alguma ter os repórteres em cima para saber o andamento de tudo. Isso só atrapalhava.

Há algumas semanas tinha recebido uma ligação anônima, sobre o paradeiro das desaparecidas e o endereço foi exatamente onde estava. Ficava noites a fio observando a movimentação e, sempre pela manhã via que as acompanhantes do homem saía sorrindo. Olson tinha envolvimento com as alunas, bastava saber

PERIGOSAS ACHERON

se com as desaparecidas também.

Olhando rapidamente para o relógio de pulso viu que estava atrasado para o almoço. Ligaria para Brick, queria saber o que Herban tinha feito a noite toda. Sabia que não podia estar fazendo isso, mas havia algo de estranho com o homem.

E ele nunca errava.

Discando o número do assistente esperou que ele lhe atendesse. Depois de duas tentativas, o outro o atendeu.

— Brick?

— *Alô?* – respondeu com a voz sonolenta.

Suspirando esfregou o rosto.

— Não me diga que dormiu e não vigiou o nosso suspeito? – questionou sério.

— *C-Chefe* – falou alto como se despertasse.

— *Está tudo sob o controle!*

— Tem certeza?

Esfregando o rosto, Brick fitou a casa do ruivo. O carro que geralmente ficava em frente a garagem não estava mais lá, o que significava que o homem tinha saído. Ele só não sabia dizer se tinha saído ontem à noite, ou hoje pela manhã. Na verdade, assim que estacionara – em um local que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não chamava a atenção – fechara os olhos para um breve cochilo. Lembrava-se que chegara ali eram 20h, olhando o horário suspirou eram 12h40.

— *Droga!*

— O que?

Fechando os olhos se chutou mentalmente.

— *Desculpe, senhor* – pediu envergonhado.

— *Eu dormi.*

Suspirando Kilmer acenou com a cabeça, não deveria ter o colocado em com essa responsabilidade. Talvez estivesse esperando demais de seu pupilo.

— Tudo bem – murmurou ligando o carro. — Pode ir para casa, vamos por enquanto deixar isso de lado.

— *Me desculpe.*

— Tudo bem. – Sorriu saindo com o carro. — Não se preocupe com isso. Vá para casa, conversamos amanhã.

Despedindo-se observou mais uma vez a casa do faxineiro. Conseguiria um mandato de busca para poder investigar dentro da casa do homem e, talvez pudesse encontrar algo.

PERIGOSAS ACHERON

Olhando pela janela Sayuri notou que o céu estava cinza.

O clima de outono estava indo embora, dando lugar aos poucos ao inverno. Relanceando para Benjamin o viu dirigir concentrado, sorrindo, lembrou-se de que o sentimento que sentia por ele era recíproco. Não tinha conseguido ligar para a mãe, pois, assim que saiu do banho foi até o apartamento do lado onde trocou de roupa e antes de sair fitou o quarto da amiga. Noemie dormia toda espalhada em cima da cama.

Pensar na morena a fez recordar que em breve ela lhe deixaria. Não queria que ela fosse, mas uma oportunidade de trabalho a amiga não poderia recusar. Mordendo os lábios imaginou o que faria depois que o estágio finalizasse, ainda teria que entregar o relatório, a turma e se preparar para o tcc.

Nem saberia dizer se o Prof. Herban ainda seria seu orientador, não depois de tudo. Benjamin não iria gostar e, ela não se sentiria à vontade. Talvez se conversasse com outro professor, poderia

PERIGOSAS ACHERON

pedir para que ele lhe avaliasse. Suspirando cruzou os braços, tinha que ser muito sortuda para conseguir mudar de orientador faltando apenas algumas semanas para a defesa.

— Está tudo bem? — Benjamin questionou olhando-a.

— Sim. — Sorriu confirmando. — Só pensando na Universidade, no meu tcc. No que vou fazer depois — expôs alisando a calça que usava.

— Você será contratada por outros colégios. Sorrindo ela o fitou.

— Tem tanta certeza assim? — perguntou risonha.

— Tenho — respondeu adentrando a rua que a mãe morava. — Eu conheço a garota que tenho.

— Eu nem comentei com o Bradie que fui demitida — avisou mordendo os lábios observando a casa da sogra. — Acho que vou conversar com ele sobre isso.

Estacionando, Benjamin parou um momento, mas logo a encarou.

— Sobre aquilo que você me disse do bilhete e da foto — falou em um tom sério. — Aconteceu mais alguma coisa que você não me disse?

Nervosa ela o encarou e, lembrou-se que não havia dito que o professor uma vez a beijara. Mas isso não vinha ao caso, pois, isso aconteceu quando os dois não tinham nada. Então não valeria a pena falar.

— Não — proferiu olhando-o nos olhos. — Não aconteceu mais nada.

Balançando a cabeça ele sorriu. Saindo do carro esperou que ela se postasse ao seu lado e, quando ela o fez começaram a caminhar para a porta.

Horas atrás foram no supermercado e compraram tudo o que precisavam, não tinham demorado muito como Sayuri pensou que seria. Poucas pessoas estavam fazendo compras.

Aproximando-se da porta, Sayuri viu quando Bradley apareceu na janela e rapidamente a porta fora aberta.

— Olá, Srta. Hodgens — saudou com um grande sorriso. — Benjamin.

— Oi, Bradie. — Abraçou-o sendo correspondido. — Como passou a noite? Comeu direitinho?

Liam descia as escadas quando fitou a forma

PERIGOSAS ACHERON

carinhosa que a recém-chegada tratava o irmão. Pela noite antes de dormirem, Bradley passou a maior parte do tempo falando como a Srta. Hodgens era uma pessoa maravilhosa.

— Sim, comi — concordou andando com Sayuri até a cozinha. — Dormi a noite toda.

Sorrindo Sayuri fitou a mais velha que colocava algumas louças na lava louças.

— Jilly — a chamou logo recebendo um abraço. — Como está?

— Bem, querida — murmurou olhando o filho. — E você? Seus olhos estão com um brilho diferente — afirmou fazendo-a olhar para Benjamin.

— Eu estou feliz.

Concordando a mais velha fitou o filho que cumprimentava Liam. Voltando-se para a nora a viu sorrir enquanto alisava o cabelo loiro de Bradley, parecia que tudo estava se encaminhando bem entre todos.

— Liguei para a Taylor — disse para Benjamin. — Eles vão almoçar na mãe do Dustin.

— Ele comentou algo assim comigo — comentou indo até o pote de biscoito e pegou dois. — Falou algo como estar enlouquecendo.

— Quem? A mãe dele? — Sayuri perguntou preocupada.

— Não. — Sorriu aproximando-se dela. — O Dustin, acho que a Taylor está o deixando louco.

— Como assim? — Jilly o questionou abrindo o forno para olhar o macarrão com queijo que preparava.

Tinha descoberto que era a comida preferida de Liam. Sim, ela o estava mimando muito.

— Ele disse algo como hormônios diabólicos. — Deu de ombros colocando os dois biscoitos na boca, não notando os olhares das duas mulheres. — Bom que sobra mais comida.

— Não fala com a boca cheia! — Sayuri exclamou.

A puxando para si, Benjamin encostou os lábios em um selinho. Separando-se Sayuri fitou a sogra que lhe sorria, colocando uma mecha atrás da orelha sentiu os braços masculinos lhe arrodarem a cintura.

— A senhora precisa de ajuda?

— Não — negou sorrindo. — Eu já terminei aqui, só falta o macarrão com queijo ficar pronto.

Após dizer isso Liam lhe sorriu, sabia que a
PERIGOSAS ACHERON

mulher tinha feito porque ele gostava. Esses dias que passara ali pareciam meses, ele não queria ficar em outro lugar que não fosse com Jilly.

— Srta. Hodgens – Bradley a chamou com o celular na mão. — Acha que seu irmão se importaria se eu o chamasse para conversar?

— Não – negou afastando-se de Benjamin. — Vamos para a sala que eu vou te passar o número dele, ele gostou de você.

Sorrindo, o loiro caminhou até o sofá. Vendo que o irmão estava com companhia, Liam subiu para o quarto. Tinha tentando contato com Melvin, mas ele não o atendeu. Aquilo o estava deixando triste. Deitando-se na cama – com o celular na mão – relembrou dos tempos que os dois passaram juntos. Sempre de maneira rápida e furtiva.

Na cozinha, Benjamin observava a forma que Sayuri falava com o adolescente. Notava que ela gostava bastante do loiro, tinha um jeito doce e angelical para com o garoto. O fazia pensar como ela seria com um bebê, não um bebê qualquer, mas

PERIGOSAS ACHERON

um bebê deles. Um menino para que ele ensinasse o *Kickboxing* ou uma menina. Realmente não tinha preferência, ele ensinaria do mesmo jeito.

E ele seria o melhor pai. Não deixaria faltar nada a eles, tudo seria do bom e do melhor. O que ele não teve os filhos teriam. Sorrindo enquanto balançava a cabeça notou que ele usava o plural.

Filhos.

— Eu não reclamaria.

— O que? — Jilly o questionou enquanto arrumava a gola da camisa.

— Nada. — Sorriu a abraçando. — A senhora me parece muito feliz.

— Eu estou, filho — concordou lançando um rápido olhar para Bradley. — Esses meninos... Eu quero cuidar dos dois — avisou deixando-o Benjamin rapidamente surpreso, mas logo recebeu um sorriso.

— Acho que os dois não — negou fazendo-a encará-lo confusa. — Sayuri se sente mãe do Bradley, não acho que ela vá deixar a senhora ficar com o filho dela.

Rindo ela o puxou pela mão, encaminhando-se para o quintal sentou-se em uma cadeira o fez se

PERIGOSAS ACHERON

sentar em sua frente.

— Eu notei a Sayuri diferente – comentou notando o sorriso do filho. — Na verdade, os dois estão. O que aconteceu?

— Ela é a mulher da minha vida – afirmou olhando as mãos juntas. — Hoje ela disse que me ama – proferiu observando a reação da mãe. — Foi a primeira vez que nos declaramos.

— Oh, filho! – murmurou emocionada.

— Eu realmente a amo demais – disse fitando a porta atrás da mais velha. — É engraçado porque eu sabia isso desde sempre, mas eu não sabia – falou de forma confusa. — Consegue me entender?

— Sim. – Riu acarinhando o rosto do filho. — Você sentia algo por ela, mas não sabia que era amor. Você pensava que era outro sentimento.

— Isso – concordou olhando o anel de compromisso —, mas estava na minha frente. Por que não percebi logo de cara?

— Porque as coisas acontecem na hora certa. — Deu de ombros sorrindo. — E ela é uma moça tão boa.

— Ela é maravilhosa. – Sorriu confirmando. — Ela me faz sentir o homem mais sortudo e

PERIGOSAS ACHERON

completo do mundo.

— Eu fico tão feliz, filho. — Sorriu entre as lágrimas. — Você está encaminhado, agora só falta o Liam. Eu o sinto tão tristonho as vezes, mesmo sabendo que ele está feliz por estar aqui.

— Talvez eu devesse falar com ele – propôs observando Sayuri aproximar-se da porta. — Tudo bem? – questionou fitando-a.

— Sim – respondeu cruzando os braços. — Eu desliguei o forno, ele estava com cheiro de queimado.

— Obrigada, querida. Benjamin fica fofocando e me distrai – exclamou fazendo-o franzir o cenho de forma séria. — Já vamos entrar.

Lançando um beijo para Sayuri, Benjamin sorriu quando a viu envergonhada.

— Eu acho melhor eu conversar com ele. — Jillian voltou com o assunto. — Reafirmar que ele está em casa, talvez seja isso.

— Acho que sim – disse ficando em pé. — Vamos, não acredito que me chamou de fofoqueira.

— Fofoqueira não – falou parando antes de entrar na cozinha. — Filho estou preocupada, você falou para a Sayuri que você antes era uma PERIGOSAS ACHERON

prostituta? Já pensou se ela descobre isso? Meu Deus! Melhor não falar – aconselhou nervosa. — Por que eu fui lembrar disso? – questionou a si mesma. — Esqueça, filho, não fale.

Rindo, Benjamin a puxou para dentro. Mal sabia a mãe que Sayuri já sabia e já o viu dançando antes, talvez era melhor esquecer isso.

— Não se preocupe com isso – pediu a beijando no rosto. — Ela me ama demais para me deixar por isso.

Negando com a cabeça, Jillian o observou indo se sentar ao lado da namorada. Sorrindo fitou o andar de cima, lançando um último olhar para os três começou a subir as escadas. Encaminhando-se para o quarto dos jovens, viu que a porta estava encostada. Antes de bater o viu deitado com o celular no ouvido.

— Posso entrar? – perguntou o olhando se sentar rapidamente.

— Claro – respondeu colocando o celular dentro do bolso da calça. — A casa é da senhora.

— A casa é sua também – afirmou fazendo-o crisar os lábios. — Está acontecendo alguma coisa? Você sabe que pode me falar sobre qualquer

PERIGOSAS ACHERON

assunto, eu estou aqui para te ajudar.

Olhando a janela Liam imaginou-se conversando sobre Melvin com a mulher, mas algo dentro de si não deixava. Não queria decepcioná-la, já tinha decepcionado uma pessoa importante em sua vida e não sabia como seria se a mulher também ficasse decepcionada.

— É alguma namorada? — sondou observando as reações do loiro. — Namorado? — tentou de novo, agora tendo a atenção do adolescente para si. — É aquele rapaz? Melban? Meiban?

— Melvin — corrigiu. — O nome dele é Melvin.

— Isso. — Sorriu sentando-se ao lado dele. — Melvin, o rapaz educado que qualquer mãe ficaria feliz em o ter como genro.

— Fala sério... mesmo? — questionou sentindo os olhos arderem. — Não acha que um filho *bichinha* é decepcionante?

— Decepcionante é quando não aceitamos o que somos — falou o olhando. — Não é errado, filho. Não pense dessa forma.

— Meu pai não admitia isso — disse olhando

PERIGOSAS ACHERON

as mãos. — Ele disse que preferia ter um filho morto do que ter uma *bichi*...

— Por favor não se dirija dessa forma — pediu lhe segurando a mão. — O seu progenitor é uma pessoa sem amor no coração, você percebe isso pelas falas dele. Você não é um monstro de sete cabeças, você não é diferente de ninguém — falou com um pequeno sorriso. — Você é um ser humano que ama e que sente, assim como eu amo e sinto.

— Eu amo... alguém como eu.

— Bonito e inteligente? — quis saber fazendo-o sorrir. — Eu acho que eu já te disse, mas repito. O amor aparece de todas as formas, para o sentimento não existe isso de sexo ou idade.

— Eu não faria a senhora passar vergonha?

— E por que faria? — surpreendeu-se o encarando.

— Eu não sei — deu de ombros esfregando o rosto. — Benjamin quer cuidar da gente, eu estou ficando aqui. Algumas pessoas são maldosas, soltam comentários maldosos.

— Você quer se mudar? — quis saber um pouco triste.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não – negou rápido. — Eu quero ficar aqui – exclamou fazendo-a sorrir —, mas esse sou eu.

— E é esse Liam que eu gosto. – Sorriu. — Não precisa fingir ser algo que não é, você está entre a família. Aqui é sua casa.

— Mas e as pessoas que...?

— Eu não ligo para a opinião de gente assim – afirmou sorrindo. — Não me acrescenta em nada, são só pessoas mal-amadas. Eu quero que você seja feliz, Liam, não importa com homem ou mulher. Seja feliz, se permita. Não fique pensando na opinião dos outros, não fique preso a isso.

— Acho que não vai adiantar agora – murmurou olhando o celular. — Melvin não me atende, ele não quer falar comigo.

— E por que você não vai até a casa dele?

— Agora? – assustou-se a encarando.

— Sim. – Sorriu levantando-se. — Vamos.

— O que? Para onde? – alarmou-se ficando nervoso.

— Você vai até o Melvin – avisou o puxando para as escadas. — Vai conversar com ele, dizer o que sente.

PERIGOSAS ACHERON

— O que?

— Ou você vai deixa-lo solteiro? Aquele rapaz é tão interessante, não vai ficar sozinho por muito tempo.

Parando, Liam lembrou-se de O'Brien.

— Eu não tenho como ir.

Envergonhou-se observando Benjamin sentado ao lado de Sayuri.

Sem falar mais nada Jillian foi até a bolsa, abrindo-a pegou algumas notas entregando para o loiro.

— Não volte muito tarde – pediu o levando até a porta. — Eu fico preocupada, me liga.

Os outros apenas olhavam sem entender. Concordando, Liam saiu correndo da casa e, voltando-se para os outros Jillian sorriu abertamente.

— Eu sou uma ótima cupido – afirmou tendo os olhares para si. — Quem está com fome?

Olhando pela janela do táxi, Liam encarou a residência que pertencia ao Melvin. Pagando o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

motorista saiu do carro, arrumando o casaco e o cabelo se pôs a caminhar até a porta. Respirando fundo tocou a campainha e, minutos depois a porta fora aberta por uma senhora com um sorriso simpático.

— Posso ajudá-lo?

Nervoso fitou atrás da mulher, procurando por Melvin.

— Boa tarde – saudou recebendo um aceno.

— Eu... Prazer eu sou Liam – disse estendendo a mão para a mulher.

— Liam? – questionou o olhando de cima a baixo, após ficar um minuto séria a mulher abriu um sorriso. — Melvin! O Liam está aqui! – gritou assustando o loiro, rapidamente viu o moreno descer as escadas de maneira apressada.

Liam percebeu que Melvin estava surpreso por vê-lo ali. Aproximando-se Melvin o encarou em uma pergunta muda.

— Eu queria conversar com você.

Sem falar nada Melvin cruzou os braços ainda o olhando.

— A gente não tem mais nada para conversar.

PERIGOSAS ACHERON

Engolindo em seco Liam encarou a mulher que o observava séria.

— Melvin — tentou novamente. — Por favor, me dá uma chance. Eu preciso falar com você.

Anuindo o outro deu um passo à frente, fazendo a mãe entrar fechando a porta.

— Pode falar.

Observando ao redor Liam concordou com a cabeça.

— Eu vim aqui te pedir perdão por ter sido covarde — falou olhando os olhos castanhos do outro. — Você sabe que era difícil para mim... O meu pai... — Parou respirando fundo. — Eu gosto de você e não quero te perder, eu não consigo ficar bem sabendo que por minha culpa a gente não está mais junto. Eu espero que você me perdoe e me dê uma segunda chance, eu prometo que vou fazer dar certo.

Melvin o encarava sem expressão alguma e, aquilo estava acabando com Liam. Soltando uma respiração Liam o fitou a espera, sentia o coração bombear rapidamente. As mãos formigavam e ele também podia senti-las transpirando.

— O que você dirá quando perguntarem o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu sou seu? – quis saber o encarando.

— Que você é meu namorado.

— Você não fez o pedido – exclamou desviando o olhar para rua, mas logo voltando a encará-lo. — Como pode dizer que é meu namorado?

Deixando um sorriso escapar, Liam concordou com a cabeça. Limpando as mãos rapidamente na calça, se ajoelhou na frente do outro.

— Melvin, você ace...

— Levanta daí – mandou o puxando pelo casaco. — Está louco? – perguntou com um sorriso de lado.

Sorrindo, Liam concordou.

— Seja meu namorado e me dê uma chance, por favor.

— O que te fez mudar? – perguntou desconfiado.

— Uma conversa esclarecedora. – Sorriu aproximando-se. — Então? Você me perdoa? Vai me dar uma chance?

Melvin aos poucos deixou um sorriso nascer.

— Sim, eu aceito tudo o que disse.

PERIGOSAS ACHERON

Sem acreditar Liam o puxou para perto lhe roubando um beijo. Segurando-o pelo casaco, Melvin sentiu o coração se aquecer e bombear rapidamente. Estava com muitas saudades daqueles lábios, os dias que passara longe o deixou mal. Suspirando sentiu quando a mão de Liam lhe acariciou o rosto.

Separando-se deixou as testas encostadas. Liam sorria totalmente feliz e Melvin estava da mesma forma, sorrindo fitou os olhos claros do loiro. Segundos depois a porta da casa fora aberta e, dela o patriarca da família encarou os dois.

— Vai ficar para o almoço, Liam – disse em um tom sério, o homem sabia muito bem que tinha sido aquele rapaz que havia machucado o filho.

— Bem, eu... – Parou olhando o outro. — Eu acho que sim.

— Não foi um convite – deixou claro logo adentrando a casa, deixando a porta aberta.

Um pouco assustado, encarou Melvin que tinha um pequeno sorriso nos lábios.

— É o meu pai. – Sorriu coçando a cabeça.
— Ele sabe sobre a gente, assim como minha mãe.

— Eles aceitam de boa?

— Claro – concordou. — Quer dizer, meu pai no início não aceitou muito bem. Mas depois conversamos, ele ficou um pouco mais cuidadoso com os “pretendentes”.

Fez aspas, deixando o loiro com o cenho franzido.

— Poderia ter ocultado essa parte – avisou lhe segurando a mão. — Não me sinto à vontade em saber de seus pretendentes.

— Vai se acostumando – mandou puxando-o para dentro de casa.

Ao entrar, Liam observou a mesa posta e os mais velhos na cozinha. Suspirando começou a caminhar ainda de mãos dadas com Melvin, pedia aos céus para que ele não passasse mal naquele almoço.

Por volta das 19h30 todos se arrumaram para irem para casa. Bradley naquele dia estava mais falante que o normal, o que deixou Benjamin surpreso. Antes Benjamin achava que o loiro não gostava dele, mas pelo que percebera ele era só

PERIGOSAS ACHERON

tímido e precisava se sentir à vontade para se soltar.

Liam ainda não havia voltado, mas tinha ligado informando que logo chegaria, deixando Jillian toda sorridente. Após beijos e abraços todos se despediram, o caminho de volta foi feito em completo silêncio. Bradley cochilando e Sayuri perdida em pensamentos assim como Benjamin. Ao chegar no apartamento cumprimentaram o porteiro que sorriu acenando.

Já no andar onde moravam, Sayuri abraçou Bradley pelos ombros.

— Está cansado? — questionou ao loiro.

— Um pouco — concordou adentrando o apartamento de Benjamin. — Comi muito, isso me deu sono. Acho que já vou dormir.

— Vá tomar um banho para dormir melhor — disse recebendo um aceno. — Eu já apareço lá.

— Tudo bem. — Sorriu. — Boa noite, Benjamin.

— Boa noite — respondeu olhando-o se afastar até o quarto onde estava dormindo. — Vai me colocar para dormir também? — quis saber safado sussurrando no ouvido feminino.

— Você já é grandinho — afirmou o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraçando pelo pescoço. — No seu caso eu posso fazer uma outra coisa – propôs fazendo-o sorrir de forma cafajeste.

— Eu gostei disso – falou beijando-a rapidamente. — O que seria?

— Vou fazer surpresa – disse recebendo um beijo lascivo deixando-a com tesão. — Eu vou no meu apartamento rapidinho buscar algumas roupas, deixa espaço no seu guarda-roupa.

— Sempre.

Ao dizer isso, acertou um tapa no traseiro arrebitado, fazendo-a pular. Sorrindo saiu do apartamento, abrindo a porta do próprio apartamento avistou a sala escura. Acendendo a luz se encaminhou para o quarto, adentrando o quarto se dirigiu até o guarda-roupa pegando algumas roupas.

— Saindo de novo?

A pergunta a fez pular de susto, voltando-se para a porta avistou Noemie com o olhar sonolento e confuso.

— Meu Deus, quase me mata do coração.

— Desculpa. – Sorriu esfregando os olhos.
— Esqueceu alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

— O que?

Parando, Noemie coçou novamente os olhos bocejando. Coçando o braço fitou a outra, podia jurar que a amiga tinha passado ali mais cedo. Prendendo o cabelo viu que tinha sonhado com aquilo, as vezes acontecia.

— Nada. — Deu de ombros, sorrindo reparou nas roupas na mão da amiga. — Olha só, vocês já estão dividindo o guarda-roupa?

— São só algumas roupas — murmurou sorrindo. — E como foi na festa?

— Muito louca. — Sorriu lembrando-se. — Peguei duas.

— Duas o que? — repetiu confusa.

— Duas gatinhas. — Sorriu safada. — Foi muito bom, você deveria tentar qualquer dia desses. Sem acreditar Sayuri balançou a cabeça.

— Você ficou com duas mulheres?

— Não ao mesmo tempo — esclareceu. — Tudo tem limites — exclamou suave. — Sou piranha, mas não tanto.

— Olha, eu vou indo está bem? — anunciou aproximando-se da amiga a abraçando. — Bradie deve estar me esperando.

— Ain você é tão fofa com esse filho de quinze anos que você arrumou – afirmou levando-a até a porta. — Tenha uma boa noite, Say.

Fechando a porta, Sayuri sorriu, balançando a cabeça e se dirigindo para o apartamento de Benjamin. Ultimamente dormia mais no apartamento dele do que no próprio, abrindo a porta se encaminhou até o quarto notando que Benjamin estava no banho. Arrumando as roupas logo se encaminhou para o banheiro, após isso rumou até o quarto onde Bradie ficava.

Batendo na porta avistou o loiro sentado enquanto mexia no celular.

— Estava falando com a Hailee – disse bloqueando a tela do celular. — Mandeí mensagem para o meu irmão também.

— Isso é bom – afirmou sentando-se na cama. — Tem o número do meu celular, da minha mãe, do meu pai, meu irmão e do Benjamin. Se você precisar é só ligar.

— Eu sei. – Sorriu a olhando. — Obrigado.

— Não precisa agradecer – falou inclinándose, o beijando na testa. — Tudo vai se resolver.

Concordando o loiro a encarou.

— A senhorita é muito legal – elogiou fazendo-a sorrir. — Vai ser uma boa mãe.

Ao dizer isso fechou os olhos deixando Sayuri emocionada. Alisando mais uma vez o cabelo sedoso loiro, sorriu levantando-se. Saindo do quarto começou a andar para o quarto de Benjamin, ao adentrar o local o viu estirado na cama – completamente pelado.

— Sou todo seu – exclamou recebendo um grande sorriso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

O noticiário na tevê informava que o dia seria parcialmente nublado.

Saindo para jogar o lixo, sentiu o vento frio lhe ricochetear o rosto e o cabelo. Esfregando a mão na calça que usava cumprimentou um casal que passeava no outro lado da calçada. Ainda sorrindo fitou o fim da rua não encontrando o carro que alguns dias ele notara estacionado.

Parecia estar vigiando alguém.

E ele sabia que sim, pois, da última vez tinha conseguido ver o condutor do veículo.

O mesmo que trabalhava para o delegado, o estava vigiando. O que confirmava que ele era um suspeito, então a ligação anônima que fizera afirmando que o faxineiro tinha a ver com o sumiço das meninas não dera certo. Voltando para dentro passou a mão na barba, ele deveria sumir com a outra estudante. Se o delegado estava suspeitando que ele era o criminoso, em breve apareceria por ali com um mandado de busca.

Franzindo o cenho pensou onde se
PERIGOSAS ACHERON

esconderia. Ele não poderia ser visto por mais ninguém, teria que sumir por enquanto. De forma silenciosa abriu a porta do porão e, descendo as escadas, encarou a loira sentada ao chão. O corpo magro estava coberto apenas por um sutiã e uma calcinha, o fedor que a estudante exalava estava começando a incomodar o ruivo.

Coçando o corpo, encarou a entrada do lugar observando o professor se aproximar cautelosamente, engolindo em seco viu o sorriso que ele lhe endereçava.

— Oi — Herban murmurou agachando-se a frente da estudante. — Eu tenho uma surpresa para você.

Ela apenas fitou os pés amarrados, as cordas estavam deixando a pele em carne viva. Se ao menos suas mãos estivessem amarradas pela parte da frente, ela conseguiria desamarrar aqueles nós, mas da forma que estava não conseguia se mover.

— Não quer saber da surpresa? — perguntou dando um pequeno sorriso, mas logo mudando o semblante. — Você está surda por acaso?

— *N-Não* — sussurrou engolindo em seco.

— Eu vou deixar que tome banho — anunciou
PERIGOSAS ACHERON

deixando-a assustada. — Você está fedendo, em breve atrairá ratos.

Não o respondendo ela o fitou, mas logo desviando o olhar.

— Hoje vou ficar em casa – disse em um tom suave. — Preciso pensar no que fazer daqui para frente, a polícia está na minha cola.

A loira o encarou, era a sua chance de liberdade. Lançando um olhar para a escada imaginou como poderia fazer para que pudesse ter finalmente a liberdade.

Segurando-a pelo braço começou a andar rapidamente. A casa estava toda fechada, as cortinas descidas ocultavam o que acontecia dentro da residência. Ainda segurando-a ele a levou para cima. Bufava em puro tédio quando a loira tropeçava nas próprias pernas.

O pequeno caminho que fizera, foi com os olhos fechados. Pois assim que saíram do porão, ela sentiu os olhos arderem pela luz do dia. Passara tanto tempo no porão que não sabia dizer qual dia da semana estava.

Ao chegar no quarto, Herban abriu a porta e a levou até o banheiro, onde a colocou dentro da

PERIGOSAS ACHERON

banheira.

— Eu não sei se solto você ou não — murmurou arregaçando as mangas da blusa. — É uma pena que sua amiga tenha morrido — falou ficando com o olhar vago —, mas ela está em um lugar melhor. E em breve todos estaremos.

Abrindo os olhos lentamente viu tudo branco, mas após alguns segundos conseguiu visualizar a sombra embaçada do professor. Fitando ao redor viu o banheiro todo arrumada, com toalhas devidamente empilhadas e os produtos de higiene em seus lugares. Voltando sua atenção para o ruivo o viu ligar a torneira, a expressão facial era de um homem devastado com um acontecimento ruim.

Aquilo a deixou assustada, ele parecia outra pessoa. Uma totalmente diferente do homem que lhe fazia mal. Ele era assustador.

— Eu quero ir para casa — anunciou recebendo um olhar sério. — Por favor! Eu nunca lhe faltei com respeito, eu sempre fui uma boa aluna. Eu... — Parou de falar procurando algo de bom para falar, como se ela precisasse mostrar a ele que era realmente uma pessoa boa. — Eu não entendo...

PERIGOSAS ACHERON

— Você não fez nada de errado — proferiu dando um pequeno sorriso —, mas era preciso. — Deu de ombros pegando uma bucha começando a molhá-la e passar no corpo feminino. — Na verdade, isso é o que você quer diz — exclamou ficando sério.

— O q-que? — questionou sentindo a delicadeza que ele lhe lavava.

Parando um momento, Herban ouviu os cochichos em sua mente. Balançando a cabeça focou na loira que o observava com os olhos amedrontados.

— Você faz muitas perguntas — anunciou molhando a bucha, logo passando-a no corpo da estudante. — Por que não se cala para que eu possa pensar onde vamos nos esconder feitos dois ratos? — Sorriu pegando o sabonete em líquido e, como se algo acionasse em sua mente ele voltou a olhá-la. — Como ratos, é isso.

Sem o responder ou esboçar nada, ela o fitou enquanto lhe dava banho. Gostaria de poder gritar, mas da última vez que fizera isso sofreu as consequências. Lançando um último olhar, ela sentiu uma vontade imensa de o matar e se ela

PERIGOSAS ACHERON

tivesse como faria.

Sem pensar duas vezes.

Arrumava os materiais sob a supervisão do adolescente. Tinha entregado alguns trabalhos e revisado o conteúdo das provas que seria próxima semana, por isso, havia liberado os alunos. Usaria o horário da tarde para ir ao campus resolver sua situação e após isso iria junto com Benjamin e Bradley até a delegacia.

Abrindo o livro pegou a imagem que recebera. Mordendo os lábios, fitou Bradley que a encarava curioso. Sorrindo recebeu um sorriso como resposta, colocando a imagem dentro da bolsa e pronta para sair uma batida na porta lhe chamou a atenção.

Cooler adentrava a sala com uma expressão nada boa.

— Srta. Hodgens – murmurou lançando um rápido olhar para o loiro que sentado lhe observava.
— Devo lembrá-la que o horário de funcionalidade da instituição é das 8:10am até às 5:10pm.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, Sra. Cooler – respondeu séria. — Eu acho que falei com a senhora sobre sair mais, tenho outros assuntos para resolver.

— Srta. Hodgens, sua conduta para com o comprometimento com a Instituição está deixando a desejar.

Suspirando Sayuri se aproximou e em um tom calmo começou a falar.

— Eu só estou terminando meu estágio – a lembrou fazendo-a suspirar. — Fui demitida, se lembra? E ainda estou aqui porque não tem outra pessoa para fazê-lo, a senhora mesmo me disse.

— Então por isso está se recusando a fazer o que pedi? – quis saber cruzando os braços.

— Não – negou ainda a encarando. — Eu não me recusei, eu estou dando aula. Hoje revisamos mais uma vez os assuntos das provas que será aplicada próxima semana, não tenho mais assunto e preciso me ausentar.

Concordando voltou a atenção para o menino loiro que observava assustado Sayuri. Cooler há alguns dias tinha recebido a ligação de uma assistente social, o motivo da ligação era para saber se o menor frequentava as aulas. Havia perguntado

PERIGOSAS ACHERON

o motivo, mas a outra não dissera. Disse apenas que era uma ligação de rotina.

Enquanto a mais velha especulava o que acontecia, Bradley encarava a professora. Ele não sabia que ela não lecionaria mais ali e, se perguntava porque não dissera.

— Certo, Srta. Hodgens – confirmou alisando a roupa que usava. — Como eu disse antes, é uma pena perdermos uma profissional como a senhorita.

— Eu me lembro. – Deu um pequeno sorriso colocando a bolsa no ombro enquanto segurava os livros contra o peito. — Se me der licença.

— Claro. – Sorriu dando as costas. — Até amanhã, Srta. Hodgens. – Olhando o loiro se despediu. — Spielberg.

Após sua saída o loiro se encaminhou até Sayuri, sua expressão demonstrava o desagrado que sentia.

— A senhorita vai embora e não iria dizer? – perguntou chateado.

— Eu ia te falar – respondeu enquanto saía ao lado dele —, mas estava esperando um bom momento para isso.

— Eu não quero que a senhorita vá embora.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sempre estarei aqui para você — falou lhe sorrindo. — Não se preocupe com isso, tudo vai se acertar.

Olhando-a Bradley viu a forma suave que ela sorria. Desviando o olhar fitou o caminho que tomavam e lembrando-se da noite passada sorriu. Ela sempre o colocava para dormir, não como as outras mães faziam. Era diferente, ela o beijava na testa e lhe sorria. Aqueles gestos o fazia perceber que estava seguro e, poderia dizer que ela gostava de si.

Fazia tanto tempo que a mãe morrera que ele até se esquecera de como era ter um carinho materno. Na verdade, o único carinho que tinha — antes — era do irmão. Mas agora era diferente, Sayuri parecia se importar muito com ele e aquilo fazia-o sentir especial. Uma certa noite ouvira Benjamin falar que ele era o filho de quinze anos da Sayuri.

Era estranho imaginá-la uma mãe de um garoto de quinze anos, mas era dessa forma que ela se comportava com ele. Liam no sábado disse que tinha ciúme, mas que estava feliz por ter pessoas com eles.

Voltando a realidade viu que a mulher lhe falava alguma coisa, envergonhado e sem saber o que ela dissera apenas confirmou deixando-a surpresa.

— Ótimo, então. — Sorriu atravessando a rua.
— Um dia antes eu ligo para a mãe dela e peço.

— A mãe dela? — repetiu confuso.

— Sim — afirmou não percebendo que ele não sabia de quem falavam. — Não se preocupe, será divertido.

— Claro.

Chegando no ponto de ônibus ele se sentou observando Sayuri abrir a bolsa, pegando o celular.

— Não iremos demorar — avisou sorrindo para o celular. — Eu espero.

Horas depois os dois se encaminhavam para o campus. Com os olhos brilhando, Bradley observava o local. Se imaginava daqui a alguns anos estudando por ali, andava observando algumas pessoas cumprimentarem a ele e à Sayuri.

Caminhando pelo corredor Sayuri encontrou
PERIGOSAS ACHERON

Juan, esse assim que a viu se aproximou. Respirando fundo esperou que ele falasse alguma coisa, sentindo-se mal viu que ele tinha olheiras e um ar cansado.

— Ela foi?

— Ainda não – respondeu observando-o desviar o olhar. — Olha, eu sei que não é da minha conta – afirmou recebendo a atenção para si —, mas mesmo assim eu vou falar porque eu amo a Mei. Essa oportunidade que ela recebeu foi algo bom e, você fez parecer que não.

— Você não sabe das coisas – retrucou sério.

— Eu sei que isso de distância é ruim – proferiu séria —, mas poderia ser algo que vocês pudessem conversar e ver uma boa maneira de resolver. Foi egoísmo seu não apoiá-la, eu aposto que se fosse o contrário ela te apoiaria. Ela procuraria um jeito de fazer dar certo, porque a Mei é uma mulher fantástica.

— Eu sei – disse deixando-a sem fala. — Eu sei de tudo isso.

— Que bom. – Sorriu fitando rapidamente Bradley que encarava o homem a sua frente. — Então você sabe o que fazer – murmurou segurando

PERIGOSAS ACHERON

os livros. — Sempre há uma solução, não tentar e deixar ir embora uma mulher como a Mei é burrice — informou um pouco nervosa.

Confirmando sem falar absolutamente nada, ele se afastou. Encarando-o, Sayuri o viu se encaminhar para fora. Não queria se intrometer, mas sabia que precisava falar aquilo. Sabia que a amiga nutria algo por ele, os olhos e a forma ao qual ela falava não negava.

Sorrindo para Bradley retomou a caminhada.

Aproximando-se da secretaria, Sayuri viu a diretora sair acompanhada com um homem. Franzindo o cenho parou recebendo as atenções para si.

— Srta. Hodgens — Thoren exclamou surpresa. — O que faz aqui?

— Eu preciso falar com a senhora — respondeu, logo lançando um olhar para o mais velho. — Olá.

— Senhorita. — Acenou sorrindo. — Rapazinho. — Sorriu, voltando-se para a mais velha falou: — Obrigado e desculpe por lhe tomar o tempo.

— Tudo bem, Sr. Less. — Sorriu lhe PERIGOSAS ACHERON

cumprimentando. — Venha sempre que necessário.

Acenando para a mulher, Less se afastou.

— Venha até a minha sala, Srta. Hodgens — chamou voltando para dentro.

Confirmando Sayuri fitou o loiro.

— Pode se sentar ali — apontou para algumas cadeiras. — Eu saio já.

— Tudo bem.

Antes de entrar observou Bradley se sentar colocando a mochila nas coxas. Após certificar-se de que o menino estaria bem, Sayuri entrou na sala.

— Em que posso ajudá-la?

Colocando uma mecha atrás da orelha Sayuri a encarou.

— Eu gostaria de lhe falar sobre meu tcc.

— Aconteceu alguma coisa? — Quis saber. — Se não me engano será daqui a duas semanas?

— Sim — confirmou mordendo os lábios. — Eu gostaria de trocar o meu orientador, se possível.

— Trocar? — repetiu confusa, abrindo uma gaveta pegou uma pasta. A abrindo procurou o nome da aluna e seu orientador, franzindo o cenho voltou a encará-la. — Aqui informa que seu orientador é o Professor Morgan Herban, aconteceu

PERIGOSAS ACHERON

alguma coisa?

— Aconteceu – anuiu. — O Prof. Herban demonstrou comportamento inadequado, não me sinto à vontade com ele.

— Comportamento inadequado? – repetiu assustada.

— Ele me agarrou e me beijou – informou fazendo Thoren arregalar os olhos. — Eu ficaria imensamente feliz se a senhora pudesse me ajudar.

Sem falar Thoren a encarou. Não conseguia acreditar que seu melhor professor pudesse ter feito algo desse porte, Herban jamais se envolveria com uma aluna. Conhecia o homem, ele era ético.

— A senhorita demonstrou algum interesse? Deu a entender que ele pudesse fazer tal coisa?

Pasma, a outra lhe fitou.

— Não – falou sentindo-se nervosa. — Meu tratamento sempre foi o mais polido possível, nunca o faltei com respeito e nem nada do tipo.

— Eu tenho que ser sincera, Srta. Hodgens. — Suspirou fitando as mãos em cima da mesa. — Nós nunca recebemos reclamações desse tipo e, de uns tempos para cá a senhorita tem me causado pequenas dores de cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não...

— Por favor, não me interrompa – pediu com o cenho franzido. — Eu vou resolver isso para a senhorita, um professor entrará em contato e espero não receber mais reclamações suas – exclamou séria, mas logo dando um pequeno sorriso. — Não tenho nada contra você, mas dirijo essa universidade e não posso me preocupar com pequenas coisas como essa. Já não basta essas duas estudantes desaparecidas, nossa universidade com uma má reputação. Alguns alunos trancaram alguns cursos e isso é realmente ruim, me entende?

— Sim.

— Então se era só isso... – Indicou a porta. — Pode se retirar.

Sentindo-se sufocada Sayuri apenas anuiu saindo da sala. Ao sair, avistou Bradley mexendo no celular, mordendo os lábios colocou um sorriso no rosto.

— Vamos?

— Nossa, foi bem rápido. Conseguiu?

— Sim – concordou o chamando com a mão.

— Ainda está cedo, o que acha de irmos até o trabalho do Ben?

PERIGOSAS ACHERON

— Pode ser.

Dobrando a esquina com Bradley ao seu lado, Sayuri encarou o caminho que seguia. Olhando rapidamente para o loiro sorriu recebendo um singelo sorriso. Voltando-se para frente viu a fachada preta e cinza e dentro dela um bonequinho lutador.

Sorrindo observou atentamente o local. Ao redor pode ver alguns lutadores praticando, adentrando mais fitou algumas mulheres em uma outra área. Os corpos sarados se moviam com agilidade, fitando a si crispou os lábios. Não era muito magra, mas também não era muito gorda. Na verdade, nunca se importou com isso. Comia tudo que tinha vontade e não praticava nenhum tipo de esporte, olhando para o lado encarou Bradley que fitava a tudo curioso.

Aproximando-se de um homem lhe sorriu educada.

— Olá! Em que posso lhe ser útil?

Encarou-a dos pés à cabeça lhe lançando um
PERIGOSAS ACHERON

sorriso de lado.

— Olá. — Sorriu mais uma vez. — Eu estou procurando o Benjamin.

Falou fazendo-o mudar a postura. Pigarreando lhe sorriu amistoso, colocando as mãos no quadril.

— Com o chefe? — quis saber para ter a certeza, mesmo que soubesse que ali só tinha apenas um Benjamin. — A senhorita é o que dele?

— A namorada — Bradley respondeu sério. — Onde ele está?

Sayuri o encarou surpresa. A feição do loiro demonstrava que ele não havia gostado da pergunta e da forma que o outro a tinha tratado.

— Ele... — Parou de falar olhando para um ponto específico atrás da mulher. — Chefe! — o chamou.

Virando-se, Sayuri sorriu encarando Benjamin lhe lançar um sorriso surpreso.

— Que surpresa boa — afirmou a puxando para um beijo. — Como encontrou aqui?

— Meu irmão me disse — Bradley o informou cumprimentando Benjamin com um soquinho de mão. — Bem legal sua academia.

— Obrigado – agradeceu o fitando, mas logo encarando Cosby que observava sutilmente Sayuri.
— Tudo bem?

Assustado o outro confirmou dando um pequeno sorriso.

Ficando sério, Benjamin segurou os livros que Sayuri levava e, segurando-a pela mão a levou até algumas cadeiras que tinha por ali.

— Eu vou terminar minha aula – avisou colocando os livros na cadeira. — Depois tomar um banho rápido, então poderemos ir.

— Tudo bem. – Sorriu. — Vai lá.

Beijando-o novamente, Sayuri o fitou caminhar até alguns adolescentes. Encarando Bradley o viu observar atentamente o que os outros faziam, sentando-se cruzou as pernas. Tinha percebido que alguns homens a encaravam como se nunca tivesse visto uma mulher, tentava não se importar com isso. Quando estudava no ensino médio também recebia olhares, talvez por ser japonesa. Sorrindo lembrou-se que até convite para entrar no grupo de líderes de torcida recebera, a mãe quando soubera ficara feliz.

Mas, Urion Dupke, não.

Balançando a cabeça voltou a fitar Benjamin, surpreendendo-se quando não o viu junto aos alunos. Procurando-o ao redor o viu conversando com os mesmos homens que a encarava, após uns segundos o viu se afastar com uma expressão nada boa.

Talvez não devesse ter ido até ali, era o local de trabalho dele.

Mordendo os lábios viu Benjamin encerrar a aula e se afastar, sumindo em um corredor. Após alguns minutos ele retornou usando uma calça jeans e uma blusa preta, nos pés os coturnos marrons e no ombro pendurava uma mochila.

— Vamos?

— Sim – concordou pegando os livros e a bolsa, ainda se sentia mal por ter criado um clima chato entre Benjamin e os outros homens.

— Está tudo bem? – perguntou fitando o loiro, recebeu um dar de ombros. — Alguém mexeu com você?

— Não – negou suspirando. — Eu vi você

PERIGOSAS ACHERON

falando com aqueles homens, não quero te deixar desconfortável com eles.

Parando em frente a fachada Benjamin lhe segurou a mão.

— Não deixou — afirmou lhe acarinhando o rosto. — Eu apenas fui pedir para que eles parassem um pouco de te encarar, não é muito legal isso. Eu sei que você é bonita e é normal olhar, mas não daquela forma.

Dando um pequeno sorriso o beijou nos lábios.

Brick observava a casa do suspeito.

Tinha decidido tentar buscar alguma prova para que pudesse ao menos se redimir com Kilmer, o loiro havia lhe dado a chance de trabalhar com ele. E o que ele fazia? Nada. Então ele mudaria aquilo, seguiria o ruivo e tentaria pegar alguma prova que o incriminasse.

O carro do homem estava estacionado em frente a garagem. Suspirando pegou o celular notando que eram 5:20pm, o céu estava escuro. As

PERIGOSAS ACHERON

nuvens demonstravam que em breve teria chuva. Sentando-se ereto no banco do motorista viu quando o suspeito saiu da casa e rapidamente adentrou o carro. Franzindo o cenho viu a porta da garagem automaticamente abrir e ele colocar o carro para dentro.

Parecia que o mesmo não sairia, tinha errado mais uma vez.

Balançando a cabeça pensou em talvez mudar a profissão, olhando novamente para a casa foi com surpresa que viu o carro sair e de maneira rápida sair dali. Ligando o carro se pôs a segui-lo, até pensou em invadir a casa. Mas a forma que o outro saíra dali foi suspeito, pois, seus anos de séries policiais lhe diziam que aquela era um dos sinais para algo ruim.

Ou ele poderia estar apenas imaginando aquilo.

Em uma distância consideravelmente boa e com os faróis apagados, Brick seguia o ruivo. Notava que o mesmo estava indo para o caminho da floresta, franzindo mais o cenho viu quando o carro dobrou em uma possível estrada de barro. Fitando ao redor não viu nada, a não ser a

PERIGOSAS ACHERON

escuridão.

Adentrando o mesmo caminho que o outro fizera, Brick olhava o carro estacionar mais à frente. Parando tentou forçar a vista, mas não conseguia enxergar nada. Pegando um teaser que dava choques, saiu do carro. Ao redor podia-se ouvir os grilos cantarem, o vento frio o fazia preferir mil vezes estar em casa ou na sala de depoimentos.

Aproximando-se silenciosamente do homem o viu cavar um buraco. Olhando mais à frente viu o grande lago que ficava próximo, a luz do luar refletia nas águas calmas. Era um contraste de cores em prata e azul, voltando a fixar o ruivo não entendeu quando ele parou e ficou olhando o buraco – parecia ser uma cova.

O celular tocando o fez pular de susto, escondendo-se entre os matos buscou o celular, era Kilmer ligando. Rapidamente desligou o celular, voltando a encarar o homem não o viu mais ali.

A última coisa que sentiu foi uma forte pancada na cabeça.

O loiro impaciente observava o celular em mãos. Perguntava-se onde diabos seu pupilo estava. Jogando o aparelho na mesa esfregou os dedos no lábio inferior. Tinha passado a tarde toda procurando algo que ele talvez tivesse deixado passar, mas não havia encontrado. E isso o estava deixando frustrado, ele não poderia errar nessa.

Não poderia.

Uma batida na porta o fez levantar a vista, era um policial.

— Pois não?

— A Srta. Hodgens quer lhe falar algo.

Sentando-se com postura na cadeira o loiro concordou com a cabeça.

— Conseguiram contatar o Brick?

— Não, senhor.

Suspirando olhou com atenção os recém-chegados, levantando-se cumprimentou os dois. Indicando para que se sentassem, observou a forma que a mulher o encarava.

— Estou surpreso com a visita, Srta. Hodgens – afirmou apoiando os braços na mesa. — O que aconteceu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então... — Parou relanceando para Benjamin que confirmou. — Há algumas semanas eu recebi duas coisas — falou abrindo a bolsa pegando a fotografia. — Eu recebi uma carta que dizia que eu era a próxima e, essa fotografia.

Surpreso o loiro pegou o que lhe era estendido. Franzindo o cenho encarou a imagem, parecia um chão de madeira — mas que fora cavado. Virando a foto viu a palavra escrita.

— Por que só agora a senhorita me avisou?

— Aconteceram umas coisas — disse nervosa. — Eu achei que era algum tipo de brincadeira, tanto é que joguei o bilhete. Mas fiquei com essa fotografia, porque ela foi a última a ser entregue.

— Entregue por quem? — o loiro questionou olhando a imagem.

— O Prof. Herban.

Os dois homens a encararam.

— Esse homem de novo? Por que não me disse que tinha sido ele?

— Ben, por favor! — tentou acalma-lo. — Eu não disse porque não tinha importância.

— Não tinha importância? — repetiu incrédulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Licença – o delegado chamou a atenção —, mas o que aconteceu?

— Nada de...

— Ele a agarrou a força! – Benjamin a interrompeu tendo total atenção do delegado para si. — Ele foi até o trabalho dela e a agarrou.

— Isso é verdade, senhorita?

Crispando os lábios sentiu-se um pouco mal.

— Sim – confirmou. — Ele tentou me beijar, mas eu disse que não queria. E pedi para que ele não fizesse isso.

— Essa foi a primeira vez que ele tentou isso?

Após a pergunta Sayuri suspirou, deveria ter contato tudo antes para Benjamin. Não sabia que o delegado a colocaria nessa posição.

— Não – disse fazendo Benjamin a encarar. — Ele me beijou antes disso, mas foi muito antes. — Olhando o namorado percebeu que ele lhe fitava de forma séria. — Não estávamos juntos, por isso eu não disse.

— Por favor, senhorita – o loiro lhe chamou a atenção. — Eu preciso saber de tudo, depois vocês conversam sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Certo.

— Na outra vez a senhorita foi... receptiva?

— Não – negou crispando os lábios. — Eu pedi para que ele não fizesse mais isso, que eu não estava à vontade.

— Mas ele fez de novo.

— Sim. — Balançou a cabeça lembrando-se. — Ele disse umas coisas estranhas. — Franziu o cenho. — Que...

Parou um pouco envergonhada, realmente não queria se expor dessa forma para ninguém.

— Eu sei que pode se sentir envergonhada – Kilmer disse como se soubesse —, mas é importante que você me fale.

— Que eu era angelical e lasciva – proferiu olhando as mãos rapidamente. — Eu realmente nunca dei a entender que queria algo com ele.

— E você diz que ele mesmo entregou essa fotografia? – voltou a questionar.

— Sim – confirmou um pouco tensa. — Estava no meu trabalho e ele apareceu, foi me pedir desculpas pelo acontecido. Disse que tinha uma criança com o envelope em frente ao colégio, na carta tinha o meu nome digitado.

Anuindo Kilmer encarou a fotografia. Sua mente trabalhava rapidamente com tudo o que fora ouvido e visto, o fato de o perseguidor da jovem a sua frente ter acesso à universidade e minutos depois do atentado o professor aparecer como se nada tivesse acontecido. Como também que o mesmo não deixara a aluna chamar a polícia o que era para ter sido feito. As duas alunas desaparecidas, o bilhete, a fotografia que fora entregue por Herban deixava tudo muito suspeito.

Em todos o homem estava.

E agora sabia que o ruivo tinha um certo interesse por Sayuri.

Poderia estar enganado, mas um caso parecido com esse já tinha passado em suas mãos. E a vítima era a mãe da jovem a sua frente.

Suspirando, deu um pequeno sorriso.

— Tem algo mais para me contar?

— Não — respondeu sentindo Benjamin chateado ao seu lado.

— Tudo bem. — Sorriu segurando a foto. — Essa foto fica comigo.

— Okay.

Levantando-se da cadeira, Sayuri encarou

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin que a fitou, mas logo desviou o olhar.

— Srta. Hodgens – a chamou fazendo-a virar.
— Não se aproxime do Herban, ele não é de confiança.

Acenando, Sayuri saiu da sala ao lado de Benjamin. Após a saída do casal, Kilmer se levantou pegando o casaco e o distintivo. Do lado de fora da sala fitou alguns policiais.

— Eu quero duas viaturas comigo agora.

Ao dizer isso saiu do departamento, ele iria em buscas de respostas. E ele não voltaria até tê-las respondidas.

No apartamento Sayuri suspirava encarando a porta do banheiro onde Benjamin havia entrado. Horas antes tinham jantado pizza – para a alegria de Bradley – e depois dele conversar com Sayuri, decidiu dormir para acordar cedo no outro dia.

Tinha tomado banho em casa e, após dar o beijo de boa noite do loiro se encaminhou para o quarto de Benjamin. Não acreditava que ele ficara tão chateado a ponto de lhe ignorar o resto da noite,
PERIGOSAS ACHERON

não aceitaria isso. Era fato.

A porta do banheiro se abrindo a fez fita-lo. Benjamin vestia um short, a expressão do rosto era a mais séria que ele tinha. Suspirando Sayuri saiu da cama se encaminhando até ele.

— Benjamin, por favor — murmurou sendo ignorada. — É sério que você vai me ignorar por algo que aconteceu quando não estávamos juntos?

— Eu perguntei a você — falou a olhando. — E você me disse que não.

— Porque eu não achei que fosse importante — tentou de novo levando a mão para o rosto dele que prontamente foi segurada. — Ben...

— Eu não suporto mentiras, Sayuri — avisou fazendo-a chorar. — Eu odeio mentiras.

— Eu não menti — retrucou sentindo as lágrimas caírem livremente. — Eu só ocultei — balbuciou baixo. — Eu não imaginava que causaria esse problema todo.

Sem falar, ele cruzou os braços. Ele realmente não tinha gostado de ter descoberto aquilo na frente do delegado, pois, se não fosse isso ela jamais diria.

— Eu acho que vou para o meu apartamento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— proferiu fitando a grande cama que pertencia a ele. — Amanhã eu passo aqui para buscar o Bradie.

Passando a mão no rosto ele a viu sair. Bufando se encaminhou até a porta fechada e, pronto para ir atrás da Sayuri a porta fora aberta fazendo-a bater em seu nariz. Indo para trás colocou a mão no nariz, assustada Sayuri o encarou.

— Me desculpa! — pediu correndo até ele. — Eu não queria fazer isso, só vim falar que eu te amo.

— Eu mereci essa — falou movendo a ponta do nariz, felizmente não tinha sangrado. Só estava doendo. — Me desculpa eu não gosto quando você chora.

— Eu não ocultei por maldade — disse fazendo-o confirmar com a cabeça. — Eu sinto muito.

— Não sinta — falou a beijando. — Eu que sou idiota por te fazer chorar — afirmou fazendo-a negar. — Eu te amo!

— Eu também te amo! — Abraçou-o com força sentindo Benjamin corresponder ao abraço. — Eu te amo muito!

PERIGOSAS ACHERON

Ainda abraçado a ela, Benjamin a levou para a cama. Deitando-se a deixou bem coladinha a ele. Dando um último beijo Sayuri descansou a cabeça no peitoral musculoso do namorado e, aos poucos foi se deixando levar pelo carinho que recebia nos cabelos.

Kilmer estacionava em frente à residência do Herban. Olhando os outros policiais, viu todos se colocarem a postos. Indo até a porta tocou a campainha, não recebendo respostas. Alguns policiais rodeavam a casa de forma sorrateira, a procura de movimentação no local. Suspirando testou a maçaneta, notando-a aberta.

Voltando-se para os policiais fez um gesto com a mão, com a arma em punho entrou na casa. O chão de madeira rangia com os pesos dos homens. Ainda com a arma em punho Kilmer vasculhou o andar de baixo, sabendo que os outros se espalharam.

— A casa está limpa, chefe — um deles avisou descendo as escadas.

— Chefe! — um outro chamou. — Parece que é um porão.

Aproximando-se, Kilmer fitou a pequena porta embaixo da escada. Abrindo-a fitou as escadas de madeira, pegando o celular e ligou a lanterna começando a descer no local. Três policiais iam atrás de si, enquanto os outros ficavam no andar de cima.

Franzindo o nariz, o loiro sentiu o cheiro podre no ar. Encontrando um interruptor acendeu a luz do local, logo o deixando sem palavras. No lugar viu alguns baldes com um pouco de terra dentro, o chão tinha uma mancha escura. Próximo a parede ele viu uma tábua mal colocada, indo até lá a puxou.

Sem acreditar enfiou a mão no bolso do casaco, olhando a fotografia encarou o buraco a sua frente.

— Filho da puta!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

A cabeça pesava, ao longe podia ouvir o barulho de água. Tentando se mover sentiu que as mãos estavam amarradas atrás de si, abrindo os olhos observou o local que tinha uma baixa iluminação. As paredes eram de tijolos e uma porta de ferro trancava a pequena sala onde estava.

Olhando para o lado visualizou um corpo coberto apenas com um sutiã e calcinha, alarmado sentou-se e com dificuldades aproximou-se do corpo.

Os cabelos da mulher era um loiro de aparência oleosa, descendo os olhos pelo corpo viu que continham algumas manchas. Tentando mexer os pés, viu que estava completamente amarrada, próximo à parede pôde ver alguns ratos.

— *Hey!* – chamou a mulher, logo olhando ao redor. — Está viva?

Sem resposta, Brick resolveu passar os braços para frente do corpo. Porém, rapidamente parou quando sentiu as juntas reclamarem.

— Quando sair daqui vou deixar de ser
PERIGOSAS ACHERON

sedentário – falou para si. — Meu celular! — Lembrou-se tateando os bolsos. — Droga!

Não tinha nada nos bolsos, assim como estava sem o casaco. Se Kilmer estivesse ali brigaria consigo por ter sido tão descuidado, rapidamente pensou no pai. O homem ficaria uma fera quando descobrisse que ele tinha sumido, olhando mais uma vez para frente tentou descobrir onde estava. Sentia um odor no lugar, algo que se assemelhava a esgoto.

Franzindo o cenho fitou o teto que também era de tijolo, era bem capaz dele estar no subsolo. Sabia que em baixo de New York era uma outra cidade, bufando balançou a cabeça.

Herban era o sequestrador.

Deveria ter descoberto antes, um homem que vivia sempre se mudando e tão calado e observador como ele tinha alguma coisa a esconder. Havia notado isso no dia do seu depoimento, em alguns momentos capitou o homem tranquilo como se não sentisse empatia sobre o que estava acontecendo. Porém, deixou isso de lado porque cada pessoa era diferente e agia de uma forma diferente.

Fechando os olhos e se concentrando, bem ao
PERIGOSAS ACHERON

fundo poderia ouvir a movimentação de carros no solo acima.

— Alguém? – gritou escutando o eco da sua voz no ambiente. — Socorro! – gritou novamente, ao seu lado o corpo começou a se mexer. — Você está viva! – exclamou a observando.

Lentamente a loira o encarou surpresa, mas com os olhos confusos.

— Q-Quem é voc-cê? – questionou cobrindo-se enquanto afastava-se do homem.

— Tudo bem eu não vou te machucar! – Expressou com a respiração descompassada, mas logo soltando um sorriso. Como machucaria ela afinal? Também estava amarrado. — Eu trabalho na delegacia de polícia juntamente com o Delegado Kilmer.

— V-Você é policial? – quis saber com os olhos cheios de lágrimas. — Vamos então sair daqui?

Encarando-a, Brick confirmou com a cabeça.

— A senhorita é uma das desaparecidas? – questionou fazendo-a anuir. — Srta. Knightley?

— Não – negou deixando algumas lágrimas caírem. — Eu sou Vivieny Monroe, a Lively
PERIGOSAS ACHERON

morreu – confessou chorando. — Ele a matou.

Engolindo em seco Brick a fitou com cuidado. Estava magra, com olheiras, não se parecia em nada com a jovem das fotografias. Desviando o olhar observou com atenção o local ao redor, ele tinha que escapar dali.

— Ele é louco – anunciou chamando a atenção do homem. — Ele torturou a gente, ele cortou o meu dedo – chorou levantando a mão para o moreno visualizar. — Ele finge ser o que não é.

— Eu sei... Eu...

— Você não sabe! – gritou nervosa. — Você não sabe! Por que fala que sim? Ele o torturou? Você não passou o que eu passei.

— Calma – pediu sentindo o braço ficar dormente. — Seremos encontrados, tem pessoas atrás de você e agora atrás de mim também.

— Como ele o pegou? – perguntou confusa.

Pela noite, Herban a tinha dopado. E só havia acordado agora.

— Eu o estava vigiando – proferiu fitando-a nos olhos. — Então eu o vi sair de casa e vim atrás.

— E por que você não chamou os seus colegas policiais? – quis saber incrédula. — Você
PERIGOSAS ACHERON

se matou.

Engolindo em seco, Brick desviou o olhar.

Ele não queria acreditar que tinha sido tão burro, afinal, como ele iria saber que o outro aprontaria uma dessas? Voltando a fitá-la soltou um pequeno sorriso.

— Eu não me matei — afirmou confiante. — Não vamos morrer! Não hoje. Vamos sair daqui vivos e juntos.

Vivieny deu as costas ao homem e, crispando os lábios pode ver um rato passar pelo canto do lugar. Fechando os olhos esperou que quando abrisse os olhos, pudesse acordar desse pesadelo.

“O celular chamado está desligado ou fora da área de cobertura.”

Era vigésima vez que Kilmer ouvia aquela mesma mensagem.

Negando com a cabeça saiu do carro, olhando para o lado viu dois policiais o seguindo e três ficarem do lado de fora. Perguntava-se onde diabos

PERIGOSAS ACHERON

aquele rapaz havia se metido, o pai não sabia informar seu paradeiro. Dissera que a última vez a falar com o filho foi no almoço. Suspirando, colocou o aparelho no bolso e com a mão em cima do coldre se encaminhou para dentro da Universidade. Na outra mão tinha o mandado de prisão contra Morgan Herban. Noite passada o homem não retornou para casa. E após fazer uma pequena busca notou que algumas roupas tinham sido levadas.

O buraco não saía da sua mente, não acreditava que o criminoso estava em sua frente e ele não notara. A perícia havia sido acionada para coletar provas, só em pensar que as duas alunas estavam sob o domínio do ruivo e ele nem se quer imaginara disso o deixava doente.

Ao redor, os alunos cochichavam entre si e observavam os policiais se encaminharem até a sala da direção. Olson, que passava pano em uma parte do piso, parou assustado. Engolindo em seco observou o delegado o olhar e acenar com a cabeça.

Sem entender fitou o homem junto com os outros policiais passarem por si, com o cenho franzido acompanhou os passos dos homens.

Thoren estava em sua sala lendo algumas burocracias.

Tinha solicitado a presença de Herban para saber o motivo de ele ter faltado ontem. Esfregando a testa lembrou-se do dia anterior. Teria que resolver o assunto da Srta. Hodgens. Não acreditava que o professor lhe tinha faltado com respeito. Conhecia bem a juventude moderna, sabia que algumas meninas eram um pouco assanhadas quando o assunto era homens, mas estava disposta a conversar com o homem e saber a versão dele.

A batida na porta a fez levantar os olhos, retirando os óculos de leitura fitou a porta.

— Pode entrar. — Após a autorização franziu o cenho quando viu o delegado Kilmer adentrar o local com mais dois policiais. — Delegado Kilmer, policiais — saudou recebendo um aceno dos outros. — O que fazem aqui?

— Temos um mandado de prisão contra Morgan Herban — avisou sério. — Poderia, por favor, nos levar até ele?

PERIGOSAS ACHERON

— O que? — questionou ficando em pé, na hora a aluna Sayuri veio em sua mente. — Não acredito que aquela menina teve a coragem de denunciar o Prof. Herban! — exclamou nervosa.

Sem entender, Kilmer fitou os outros policiais que observavam com o cenho franzindo a mulher a sua frente.

— Qual aluna?

— Delegado — murmurou aproximando-se do homem. — Primeiro de tudo o senhor deveria compreender as coisas antes de agir. Como pode querer prender um ótimo profissional como o Herban por causa de uma aluna que com certeza foi receptiva com as investidas feitas?

Encarando a mulher a sua frente soltou um suspiro, logo se recompondo.

— Morgan Herban será preso pelo sumiço das duas alunas — anunciou deixando-a surpresa. — Em sua residência foi encontrado uma forte prova que contribuiu com a nossa investigação — continuou ainda sério. — Pelo que vejo, a senhora foi informada das ações nada profissionais do Herban contra a aluna Sayuri Hodgens. E pelo que notei, acha que ela é a culpada, é muito triste ver

PERIGOSAS ACHERON

uma mulher como a senhora ser conivente com tudo isso.

— Eu não sou conivente coisa alguma! — exaltou-se puxando o terninho que usava para baixo. — Ainda não acredito que o Prof. Herban seja o criminoso. Deve ter alguma coisa errada.

— Isso não cabe a senhora julgar — deixou claro fazendo-a o fulminar com os olhos. — Poderia, por favor, ajudar com o andamento do caso? — questionou impaciente indicando a saída.

Passando pelo homem, Thoren abriu a porta sendo seguida pelos policiais.

Kilmer caminhava atento ao redor, sentindo a adrenalina percorrer por seu corpo avistou o corredor vazio. Ao aproximar-se da sala viu que dentro do local haviam alguns alunos e, na frente um homem falava.

Franzindo o cenho Thoren abriu a porta.

— Prof. Verok — disse olhando rapidamente os alunos. — Onde está o Prof. Herban?

— Ele faltou — respondeu olhando os policiais saírem da sala rapidamente, ficando apenas o loiro. — E como tenho assunto para dar, usei o horário dele para isso.

Concordando, fitou os alunos que encaravam Kilmer que tinha uma expressão assassina no rosto. Saindo da sala se encaminhou com o loiro ao lado, até a secretaria.

— O Prof. Herban ligou avisando o motivo da ausência? — perguntou a secretária que assustada fitou o loiro.

— Não, senhora — negou escondendo sutilmente a lixa de unha. — Não ligou ontem e nem hoje — proferiu olhando para o homem, mas logo voltando a atenção para a mais velha. — Aconteceu alguma coisa?

— O Prof. Morgan Herban está sendo procurado pela polícia — disse sério. — Então qualquer ajuda sobre o seu paradeiro é essencial. — Voltando-se para a mais a velha observou-a com atenção. — Se ele aparecer avise-me, não iria querer ser presa por ser cúmplice.

— O que?

— Passar bem, Sra. Thoren.

Acenou lhe dando as costas.

Saindo rapidamente do lugar fitou o policial que estava próximo ao carro de polícia.

— Eu quero todos avisados que Morgan

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Herban está foragido – deixou claro pegando o celular do bolso. — Nas rodoviárias, aeroportos, qualquer lugar que dê para ele fugir.

— Isso já foi feito senhor – o policial avisou e pigarreando chamou a atenção do homem. — Fui informado que a Detetive Amber chegará em duas horas.

— A Detetive de Detroit? – quis saber se encaminhando até o carro. — Então ela veio mesmo?

— Sim, senhor – concordou andando ao lado do homem.

— Certo – balbuciou abrindo a porta do carro.

Há alguns dias tinha recebido a ligação de seu superior, avisando que uma parceira de trabalho iria o ajudar nesse caso. Receber ajuda nunca fora problema para Kilmer, pois, duas cabeças pensavam melhor que uma.

Então a Detetive da cidade de Detroit tinha sido escalada para ajudá-lo.

Esperava que pudessem se dar bem, não tinha coisa pior que trabalhar em um clima pesado.

PERIGOSAS ACHERON

Andando com as mãos nos bolsos e de cabeça baixa, Herban se enfiava em meio à multidão. Ontem pela noite foi até a cova que tinha enterrado a outra estudante, queria saber como ela estava. Se os vermes já teriam comido a mesma e, foi com surpresa que ele soube que estava sendo seguido. Sorrindo lembrou-se como tudo aconteceu, o celular de seu perseguidor tocou e foi aí que ele soube. Primeiro pensamento que tivera foi de mata-lo, mas então pensou em outra serventia para ele. Depois que dera a pancada na cabeça do moreno o revistou e achou um celular, as chaves do carro e um teaser que dava choque – aquele último tinha lhe chamado a atenção – após pegar tudo, amarrou o homem e o levou para o carro.

O aparelho celular foi jogado no lago, juntamente com o carro. Para não correr o risco de mais alguém chegar e ver o que ele fazia, enterrou a cova novamente e rapidamente voltou para o próprio carro. Tivera a grande ideia de se esconder no túnel de esgoto que ficava no subsolo de New York, ele sabia que ali tinha várias saídas para

PERIGOSAS ACHERON

todos os lugares e jamais o encontrariam ali.

Foi fácil encontrar a grande entrada que tinha como ligação a floresta. Primeiro foi sozinho verificar o lugar, em sua busca encontrou uma pequena sala suja e dentro alguns paus. Após isso voltou para o carro e de um por um os levou para a sala.

Agora tinha se desfeito do carro, a mochila em suas costas pesava. Sabia que não poderia voltar para casa, pois, teriam pessoas o vigiando. Por isso, vendeu o carro e com o dinheiro que recebera comprou várias coisas.

Bufando balançou a cabeça.

O notebook não tinha levado consigo, até porque se o fizesse teria como o delegado chegar até ele. E isso ele não queria.

Sorrindo, pegou o celular, agora já sabiam que ele era o criminoso. Não se importava mais em se esconder para Sayuri, abrindo a galeria de imagens escolheu algumas fotos e dois vídeos que ele adorava. Suspirando viu uma última vez a expressão de desejo que ela tinha, anexando os arquivos em e-mails selecionou o e-mail da jovem. E antes de enviar escreveu um pequeno texto.

PERIGOSAS ACHERON

Gostaria de estar com a carta que ele mandaria para a mesma, com as mesmas imagens que ele acabara de enviar para ela. Sem pensar duas vezes jogou o celular no chão, logo o pisando fazendo com que algumas pessoas o encarasse completamente confusas.

Segurando a mochila e baixando um pouco a cabeça se encaminhou para sua nova casa.

Tinha que saber como as investigações estavam indo.

Estacionando em frente ao prédio, Sayuri sorriu para Bradie que segurava a mochila olhando para o chão. Amanhã seria o grande dia em que a assistente social faria uma visita a eles, Sayuri em sala de aula havia notado o loiro perdido em pensamentos. Não podia imaginar o que o garoto estaria sentindo, o medo, o nervosismo. Mas de uma coisa ela sabia, não o deixaria e o que pudesse fazer para que ele se sentisse em casa ela faria.

Sentindo a cintura ser abraçada, fitou Benjamin que lhe sorria.

Abraçando-o de volta, sorriu quando ele segurou os livros, em breve estaria desempregada. Mas não se abalaria por isso, iria procurar um outro emprego. Mordendo os lábios lembrou-se que a diretora não havia entrado em contato para lhe falar qual seria o seu professor.

Segurando a bolsa sorriu para o porteiro.

Já no elevador, Sayuri fitou as portas fechadas.

Sorrindo voltou sua atenção para Benjamin.

— Você nunca mais subiu ou desceu as escadas – murmurou fazendo-o sorrir.

— Verdade – confirmou adentrando a mão que estava na cintura, por debaixo da blusa que ela usava. — Você só me leva para o mal caminho.

— Que mentiroso!

Riu observando o sorriso dele.

— Eu sou mentiroso? – quis saber fingindo-se ofendido. — Você que é sedentária, só gosta de abusar do meu corpo.

Na mesma hora o fitou assustada e envergonhada lançou um olhar para Bradie que desviou rapidamente os olhos. Voltando sua atenção para Benjamin, o viu sorrir despreocupado.

Chegando no andar se encaminhou para o apartamento. Esse momento em que se separavam a fazia se questionar o motivo de ainda estar naquele apartamento, afinal, ela dormia sempre com Benjamin. Só vinha para o apartamento pela manhã para poder se arrumar. Abriu a porta e se encaminhou para o quarto. Um barulho vindo do quarto a frente lhe chamou a atenção, abrindo a porta devagar viu a amiga arrumando uma grande mala.

— Mei! — exclamou assustando a outra. — Você vai embora?

Pasma a morena deu um pequeno sorriso sem graça, logo suspirando.

— Eu ia te contar — avisou puxando-a para a cama. — Amanhã será minha apresentação de defesa — anunciou deixando-a pálida. — E no final de semana eu vou embora.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas fitou a amiga.

— Mas... — balbuciou colocando os livros em cima da cama. — Ainda está tão cedo.

— Eu vou agora, porque tenho que conhecer o apartamento que eu vou ficar — contou segurando

PERIGOSAS ACHERON

a mão pálida. — Tenho que resolver outras coisinhas pequenas. — Revirou os olhos, mas logo dando um pequeno sorriso. — Não faz essa expressão — pediu a puxando para um abraço. — Nem fui, mas já sinto saudades.

— Não queria que fosse — anunciou fazendo Noemie sorrir. — As coisas aconteceram tão rápido com a gente.

— Verdade — confirmou olhando-a. — Você conheceu o amor verdadeiro, se livrou do embuste, está encaminhada para o sucesso e adotou um filho de quinze anos.

Rindo Sayuri enxugou as lágrimas.

— Um filho de quinze anos — repetiu sorrindo era exatamente assim que ela via Bradley, um filho.

— E dá para ver que ele te adora demais. — Deixou claro sorrindo. — Amanhã a assistente social vem, né?

— Sim — respondeu colocando uma mecha atrás da orelha. — Ela vai ver o apartamento e depois lá na Jilly.

— Vai dar tudo certo — afirmou positiva. — Eles são grandinhos, mas difícil eu acho que seria PERIGOSAS ACHERON

com eles menores. Aí sim teria com o que se preocupar.

— É. — Suspirou mordendo os lábios. — Vai dar tudo certo.

Balançando a cabeça Noemie a encarou, logo lembrando-se do que lhe tinham falado.

— Eu soube que a polícia foi até a Universidade — falou tendo a atenção da amiga. — Agora me pergunte o motivo.

— Eu acho que por causa das meninas desaparecidas.

— Eu disse para me perguntar. — Revirou os olhos deixando um sorriso escapar. — Chata!

— Desculpa — pediu sorrindo. — O que aconteceu para a polícia aparecer por lá?

— Olha eu não gosto de fofoca — deixou claro recebendo um sorriso e um negar de cabeça da amiga —, mas me disseram que estavam ali para prender o Prof. Herban!

— O que? — assustou-se a encarando.

— Falo sério! — exclamou aproximando-se mais da outra. — Soube que tinha até polícia na porta resguardando o local, mas parece que o professor não estava lá. Ele faltou ontem também.

Em silêncio Sayuri saiu da cama cruzando os braços. Teria sido por culpa dela? Porque ontem ela tinha dito aqueles acontecimentos, mas não havia prestado queixas então não tinha como.

— É difícil de acreditar, né? — perguntou chamando a atenção para si. — Afinal, o que ele fez para a polícia ir atrás dele?

— Eu não sei — expôs olhando-a. — Ontem fui na delegacia.

Levantando-se Noemie parou na frente da amiga.

— O que? Por que?

Suspirando Sayuri puxou a amiga para a cama e começou a narrar a mesma coisa que falou para o delegado. A cada palavra dita Noemie ficava sem acreditar, tanta coisa aconteceu e ela não soubera.

— E você não me disse isso antes?

— Por favor, não briga comigo — pediu lhe segurando a mão. — O Ben ontem ficou bem chateado quando não contei que o Prof. Herban me beijou, antes de ficarmos juntos.

— Mas isso é bem diferente das ameaças, Sayuri! — expressou séria. — Quer saber eu não
PERIGOSAS ACHERON

vou mais para Boston! Não posso ficar em paz comigo mesma sabendo que acontece coisas com você e me esconde isso.

— O que? — questionou vendo a amiga pegar as roupas da mala guardando-as de volta no guarda roupa. — Não! — negou parando-a. — Você não pode! É sua chance esse emprego.

— Say, foda-se o emprego! Você é minha amiga — inquiriu como se fosse óbvio. — Acha que vou ficar bem indo sabendo que tem um cara louco por aí te mandando coisas absurdas?

— Mei — murmurou séria. — A polícia já sabe, nada vai acontecer comigo. — Sorriu suave. — Você não vai deixar essa oportunidade passar, eu não vou deixar!

Bufando, Noemie levou as mãos à cabeça.

— Às vezes tenho vontade de te bater! — avisou deixando Sayuri surpresa. — Você age como se... — parou de falar gesticulando com as mãos enquanto fazia caretas. — Deus, um cachorro fala mais as coisas que você.

— Eu não vou ficar incomodada por ser comparada à um cachorro — retrucou séria, mas logo sorrindo. — Não se preocupa, quando você

PERIGOSAS ACHERON

voltar tudo estará como sempre esteve.

— Você me faz ter cabelo branco. — Suspirou passando a mão no cabelo. — Vou sentir saudades de você — informou sorrindo puxando-a para um abraço.

— Quando você vai?

— Na sexta — respondeu sentindo a outra suspirar. — Obrigada por ter sido minha colega de quarto por tantos anos, me aturado em meus momentos rabugentos.

— Foram muitos.

— Hey! — Separou-se cruzando os braços. — Não sou rabugenta!

— Eu sei. — Sorriu. — Eu quis dizer que foram muitos anos juntas — esclareceu fazendo-a encará-la. — Eu te amo, Mei.

— Eu também. — Sentindo os olhos se encherem de lágrimas balançou a cabeça. — Certo, agora vai tomar banho. E chama os seus homens para cá, vamos ter uma noite de filmes.

— O Bradie tem que dormir cedo para amanhã — retrucou recebendo um sorriso debochado. — O que?

— Que mãe chata! — Riu colocando a roupa

PERIGOSAS ACHERON

na mala novamente. — Deixa o menino viver, já imagino quando ele tiver uma namorada. Coitada da menina.

Revirando os olhos, Sayuri pegou os livros em cima da cama e rumou para o quarto. Ao entrar no recinto colocou os livros em cima da mesinha ao lado do notebook, a bolsa deixou caída na cama. Espreguiçando-se amarrou o cabelo no alto da cabeça, indo até o banheiro começou a retirar a roupa. Após se banhar ouviu o telefone da casa tocando, saindo do banheiro foi até o guarda-roupa pegar uma calcinha e um vestido.

Uma batida na porta lhe chamou a atenção.

— Pode entrar – autorizou segurando a toalha no corpo, segundos depois a porta foi aberta e Yumi aparecia em seu campo de visão. — Mãe!

Alegrou-se indo abraça-la.

— Meu amorzinho – a mais velha proferiu a abraçando. — Como você está?

— Bem – respondeu separando-se do abraço. — O que faz aqui? – quis saber confusa. — E toda bonitona assim.

Rindo, Yumi deu uma voltinha, usava um vestido tubinho cor de vinho. Nos pés saltos, os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos castanhos escuros soltos e uma leve maquiagem. Estava linda.

— Eu e seu pai vamos jantar fora.

— Papai também está aí? — quis saber olhando para fora.

— Sim. — Sorriu, mas logo ficando séria. — Eu vim aqui te ver — anunciou lhe segurando a mão. — Eu tive um sonho ruim com você, precisava te ver para saber que estava bem mesmo.

— Eu estou — confirmou segurando o vestido e a calcinha contra o peito. — Estou muito bem, não precisa se preocupar.

— Você sabe que quando sonho assim não erro — afirmou com uma expressão preocupada. — Meu coração está tão apertado.

— Mãe, eu estou bem. — Sorriu tentando fazer a mãe ficar mais calma. — Sério.

— E como anda você e Benjamin?

— Estamos bem. — Sorriu pegando o vestido o colocando em cima da cama. — Amanhã a assistente social vem nos visitar.

Vestiu a calcinha ainda com a toalha enrolada ao corpo.

Confirmando Yumi observou ao redor.

PERIGOSAS ACHERON

— E o Liam?

— Soube por Benjamin que ele ficou um tempinho na academia e depois voltou para a casa. Jilly está amando ter uma pessoa para cuidar.

Retirando a toalha colocou rapidamente o vestido, indo até o banheiro colocou a toalha estendida no suspensório. Soltando os cabelos, passou um pouco de perfume no corpo. Voltando para o quarto viu a mãe fitar uma foto que estava em cima da mesinha, era uma foto de família.

— Está tudo bem – repetiu recebendo um aceno e um abraço apertado da mais velha. — Vamos, quero ver o papai.

Saindo do quarto abraçada a mãe aproximou-se da sala, e antes que adentrasse o recinto ouviu a risada do pai juntamente com a voz de Benjamin. Sorrindo, fitou o mais velho sentado enquanto conversava com o genro. Bradie estava no celular sorrindo. Apostava que ele falava com Hailee.

— Papai – anunciou chamando a atenção do homem que prontamente ficou de pé com os braços abertos. — Que saudades! – falou o abraçando apertado.

— Minha princesa – falou a levantando do

PERIGOSAS ACHERON

chão. — Como você está? Precisando de alguma coisa? Sabe que pode me ligar se precisar.

Benjamin o encarou com o cenho franzido.

— Sr. Dupke – o chamou tendo a atenção para si. — Não precisa se preocupar com isso, não vou deixar que nada falta para a sua filha.

Levantando uma sobrancelha o mais velho voltou sua atenção para a filha que sorria fitando Benjamin. Lançando um olhar para a esposa a viu sorrir nostálgica.

— Isso é bom.

— Eu também estou aqui para o que precisar Srta. Hodgens – Bradley afirmou fitando-a.

— Obrigada – agradeceu sorridente. — Eu não preciso de nada papai, está tudo bem.

— Bom. — Anuiu com a cabeça, olhando a esposa estendeu a mão. — Podemos ir?

— Sim – confirmou aproximando-se. — Benjamin – o chamou e, quando teve a atenção para si, sorriu. — Cuide da minha menina, ela é a pessoa mais preciosa que eu tenho.

Sayuri na hora a abraçou, sentia uma vontade louca de chorar, mas não faria isso, precisava demonstrar que estava bem para que não pudesse

PERIGOSAS ACHERON

preocupar a mãe.

— Não se preocupe, Sra. Dupke – pediu ficando de pé estendendo a mão para Sayuri que prontamente o abraçou. — Vou protegê-la com a minha vida se for preciso.

Incomodada com a fala do namorado Sayuri o abraçou mais.

— Certo, agora precisamos ir, querida.

Anuindo Yumi abraçou novamente a filha, em seguida Benjamin e por último Bradley que ficou surpreso com a ação.

— Tchau, Noemie – gritou escutando a amiga da filha lhe responder rapidamente. — Tchau.

Acompanhando os pais até a porta, Sayuri sentiu um pequeno aperto no peito. Agora ficaria com o pensamento de que algo ruim pudesse acontecer, balançando a cabeça fitou os pais adentrarem o elevador.

Voltando-se para a sala observou Benjamin se sentar todo largado no sofá. Os braços enormes estendidos no encosto do sofá, e as pernas abertas. Mordendo os lábios fitou aquelas coxas torneadas, Ben usava uma bermuda azul e uma blusa branca.

— Vamos pedir uma pizza bem gostosa e assistir um filme bem eletrizante.

— Eu tenho colégio amanhã – Bradley avisou colocando o celular no bolso da bermuda. — Minhas provas serão essa semana ainda.

Parando de discar o número da pizzaria, Noemie fitou Sayuri.

— Tudo bem, Bradie. – Sorriu sentando-se ao lado do Benjamin. — Você foi bem estudioso e tem notas boas, merece um pouco de descanso.

Sorrindo o loiro anuiu enquanto encostava-se no sofá.

Depositando uma mão na barriga de Benjamin, Sayuri suspirou encostando-se no homem.

Na tevê passava a parte final do filme, e apenas Sayuri e Benjamin que assistia. Noemie havia dormido já no começo do filme, Bradley na metade do filme. Sorrindo Sayuri fitou Benjamin que olhava vidrado a tevê, ainda encostada a ele – e notando que os outros dormia – desceu a mão pelo

PERIGOSAS ACHERON

corpo masculino pousando-a próximo ao cóis da bermuda.

Benjamin mordeu o lábio a fitando e soltando um sorriso safado encarou a mão feminina em expectativa.

— Você vai fazer?

— Aqui? — questionou envergonhada, recebendo um aceno. — Não — negou sorrindo. — Vamos para o seu apartamento — pediu rente aos lábios masculinos. — Eu estou com saudades — sussurrou esfregando a bochecha na barba crescida.

Mordendo o lábio dela e o chupando, afastou-se desligando a tevê. Puxando o vestido para baixo, Sayuri aproximou-se do loiro que dormia sereno, lançando um olhar para a amiga a viu dormir toda torta.

— Hey! — Balançou o loiro. — Bradie.

O balançou novamente.

— Não! — Acordou-se assustado encarando ao redor, respirando fundo viu Sayuri o olhar surpresa. — Desculpe, eu tive um pesadelo — esclareceu olhando os pés.

— Tudo bem. — Sorriu lhe acarinhando o cabelo. — Vamos para casa.

Vendo-o concordar voltou sua atenção para a amiga. Após acordá-la e dar o boa noite, se encaminharam para o apartamento do lado. Dando o beijo de boa noite do loiro, Sayuri se dirigiu até o quarto.

Ao abrir a porta encontrou Benjamin esparramado na cama. Fechando a porta, subiu o vestido que usava, o retirando. Sorrindo, subiu na cama engatinhando, sentando-se por cima do homem o beijou. Abraçando-a pela cintura, Benjamin a beijou explorando os lábios macios. Terminando o beijo com uma mordida no lábio inferior, desceu os lábios até os seios da jovem. A boca masculina beijava, mordia, chupava e lambia o bico do seio.

Arfando Sayuri mordeu os lábios sentindo as sensações gostosas se espalharem por seu corpo. Adorava quando ele dedicava a dar atenção para aquela parte de seu corpo, tinha os seios sensíveis e parecia que ele sabia disso. Soltando um seio foi para o outro, segurando-se nos ombros masculinos sentiu que ele repetia o mesmo processo no outro seio.

No meio das pernas sentia-se uma grande
PERIGOSAS ACHERON

inquietação. Esfregando-se nele sentiu quando uma mão pesada desceu por dentro da calcinha que usava.

— Prontinha para mim. — Sorriu a puxando para um beijo. — Me leve para dentro de você.

Concordando, afastou a calcinha para o lado e inclinando-se para ele, sentiu quando o seio foi tomado na boca novamente. Arfando enfiou a mão na cueca que ele usava e com a ajuda do mesmo encaminhou o membro para dentro de si.

Mordendo os lábios sentiu a resistência no começo, mas logo o longo comprimento adentrou o canal vaginal. Abraçando-o, começou a se mover. Sentindo os braços musculosos a apertarem o encarou.

— *Eu te amo!* — sussurrou fitando-a.

Sorrindo ela anuiu o beijando rapidamente.

— *Eu também te amo!*

Apoiando-se nos ombros largos, sentiu as mãos masculinas descerem por suas costas e pararem em cima do traseiro. Onde desferiu um aperto forte, fazendo-a arquejar.

Colocando a língua para fora, Benjamin esfregava no bico do seio que a cada subida e

PERIGOSAS ACHERON

descida esfregava em seu rosto. Descendo os olhos fitou o membro aparecer e sumir dentro dela, ele amava aquela mulher. Estava amando-a completamente.

Virando-a na cama, ele ficou por cima.

Afastando as cobertas encarou Sayuri lhe sorrir de uma forma linda, apoiando os braços ao lado da cabeça da jovem a beijou de forma suave.

— Você é sem dúvidas a mulher da minha vida — afirmou fazendo-a sorrir. — Eu sou muito sortudo.

— Não me faz chorar.

— Não — negou movendo-se devagar. — Eu vou fazer você gozar.

Puxando-a para um beijo recomeçou com as estocadas lentas, mas firmes.

Com os olhos fechados, Brick esperava pacientemente Herban aparecer. Pelo silêncio que ele ouvia e por instinto, deduzia que já era noite. O final da tarde Vivieny não falou nada, mas ele sabia que ela estava viva.

Podia ver que respirava.

Bem lentamente, mas respirava.

Voltando-se a olhar a frente se assustou quando percebeu o homem o olhando pela pequena janelinha que tinha na porta. Engolindo em seco o viu abrir a porta e adentrar o recinto. Sorrindo encarou a mulher ao seu lado. Em um ato de instinto aproximou o corpo para perto da loira, fazendo o ruivo o encarar.

— Como descobriram que eu era o sequestrador?

— Você deu muitas bolas foras – blefou com um sorriso de lado. — A essa altura você está sendo procurado.

Herban o encarou.

— Você está blefando.

Engolindo em seco Brick ficou nervoso.

— Não estou.

Ele está.

Fechando os olhos com força Herban respirou fundo, logo voltando a encarar o homem a sua frente.

— Você está – afirmou aproximando-se. — Não adianta mentir – disse sorrindo enquanto
PERIGOSAS ACHERON

acocorava-se em frente ao homem. — *Ele* me fala quando você mente.

— Ele? — repetiu confuso, sem o responder Herban começou a alisar o corpo da loira, fazendo-a acordar. — Não encosta nela! — exigiu logo recebendo um soco.

Levantando-se Herban arregaçou as mangas da camisa. Do bolso retirou o teaser que pertencia ao outro. Sorrindo mostrou o aparelho aproximando do corpo feminino.

— Não! — gritou observando o ruivo usar o aparelho na loira que rapidamente gritou se debatendo. — Não!

Parando o que fazia Herban voltou a fitar o homem. Brick podia notar as pupilas dilatadas do ruivo a sua frente, ele estava aterrorizante.

— Você vai ser sincero comigo? — perguntou apontando o teaser para Vivieny.

A loira tinha pequeno espasmos enquanto deixava algumas lágrimas caírem.

— Vou — concordou usando um tom de voz apaziguador. — Então vamos conversar sem o teaser, o que acha? Eu falo tudo o que você quiser, mas civilizadamente.

Sorrindo enquanto respirava sofregamente o ruivo confirmou.

— Claro. — Colocando o teaser ao lado, sentou-se em posição de índio. Fechando os olhos e respirando fundo, voltou a encarar o outro. — Eu gosto de você.

Lançando um olhar para a loira, Brick percebeu que ela tinha parado um pouco com os espasmos, mas ainda sim se mantinha deitada.

— Está frio, não acha? — Brick questionou notando o homem o olhar desconfiado. — É que ela está quase nua. Talvez, você pudesse entregar uma roupa para que ela vestisse.

— Não — negou lançando um olhar sereno para a loira. — Eu gosto dela assim, ela é linda desse jeito que está.

Arfando, Brick lançou um último olhar para a loira.

— Onde estamos?

— Na nossa casa. — O ruivo abriu os braços respirando fundo e exalando com um sorriso. — É aqui que vamos passar um bom tempo juntos, por enquanto — completou ficando com o olhar perdido.

Um pouco confuso, Brick o encarou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Observava-o fechar os olhos enquanto engolia em seco. Achava estranha a forma como o ruivo agia. Ainda o encarando assustou-se quando do nada ele abriu os olhos, e sem falar nada o homem o encarou.

— O que pretende fazer com a gente?

— Vocês vão morrer. – Sorriu deixando o outro sério. — Menos ela.

— Vivieny? – perguntou fitando a loira sentindo o coração bombear rapidamente.

Sorrindo Herban negou, logo levantando-se colocando o teaser no bolso.

— Não.

— Quem? – quis saber temendo a resposta.

Abrindo um longo sorriso o ruivo lembrou-se das fotos.

— Sayuri Hodgens.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

O departamento de delegacia naquela manhã – diferente dos outros dias – estava mais enérgica. E o motivo era o desaparecimento oficial de Brick, hospitais foram checados e em nenhum desses foi encontrado o homem ou sequer tinha a admissão dele por lá.

Em sua sala esperava o resultado da busca do GPS, tinha pedido para que checassem a última parada do homem. Começava a se preocupar realmente, a última vez que falara com ele foi no dia em que ligou para saber da movimentação da casa do suspeito que agora ele sabia que era o criminoso.

Como se um clique em sua mente fosse acionado fechou os olhos.

— Não! – negou passando a mão no rosto. — Ele não iria até a casa do suspeito sem me comunicar – falou para si enquanto encarava algumas papeladas a sua frente.

Parando lembrou-se de que quando foi até a casa do ruivo, ele não estava, assim como as

PERIGOSAS ACHERON

estudantes também não estavam. Crispando os lábios balançou a cabeça, teria Herban conseguido pegar também Brick?

— Não, não é possível.

A batida na porta tomou sua atenção, permitindo a entrada fitou o policial abrir a porta dando espaço para uma loira entrar. Era a detetive, tinha a esperado ontem pelo dia todo. Mas entendera que ela só apareceria no outro dia, levantando-se estendeu a mão em um cumprimento.

— Detetive Sparks – a saudou indicando a cadeira a sua frente. — A esperei ontem o dia todo – exclamou sentando-se enquanto a olhava.

— Delegado Kilmer – murmurou cruzando as pernas. — Ontem cheguei muito cansada – avisou como se ele não soubesse. — Precisava de um descanso.

— Claro – concordou encostando-se a cadeira. — Então veio ajudar a solucionar o caso?

— Fui designada para isso. – Sorriu balançando o pé. — Espero que possamos trabalhar bem em equipe.

— Desejo o mesmo. – A batida a porta chamou a atenção. — Pode entrar.

Segundos depois uma policial adentrava segurando um relatório em mãos. Aproximando-se entregou o papel para o loiro que franziu o cenho o lendo.

— Bom dia — cumprimentou dando um pequeno sorriso, recebendo um acenar da loira. — Como o senhor pediu, eu rastreei os últimos passos do Brick naquela tarde — disse colocando a mão no coldre. — Então, peguei os dados do meio dia até a noite.

— Obrigado, Risie — agradeceu observando a agente sair da sala. — Agora vejamos onde você se meteu, Brick.

— Brick é um dos suspeitos? — a loira questionou inclinando-se um pouco para frente.

Balançando a cabeça o homem a encarou.

— Não — negou voltando a ler. — Brick é um dos nossos, sumiu na segunda-feira e a última vez que deu notícias foi no horário do almoço. — Suspirando pegou uma pasta junto com todas as informações do caso das meninas. — Aqui estão o que conseguimos apurar sobre o desaparecimento das duas estudantes. Na outra sala estão os objetos pessoais que conseguimos pegar do suspeito.

Pegando a pasta a abriu logo lendo o relatório sobre a busca do GPS dos celulares das meninas. O último endereço que estava informando era a Universidade, crispando os lábios fitou as imagens das garotas. As duas lindas e vítimas de psicopatas que infelizmente ainda existiam por aí.

Em silêncio começou ler sobre todas as informações encontradas, hoje teria um longo dia pela frente.

Naquela quarta, pela manhã, Sayuri tinha sido a primeira a acordar. Sentia o nervosismo a corroendo por dentro. Nunca na vida se imaginara em tal situação esperando uma assistente social para que o futuro de uma pessoa fosse decidido. Antes mesmo que Benjamin acordasse se dirigiu para o próprio apartamento, após escovar os dentes e se olhar no espelho foi em direção ao box.

Fechando os olhos sentiu a água fria lhe cair sobre o rosto. Baixando a cabeça fitou a água escorrer pelo ralo do banheiro, sua vida desde que conhecera Benjamin tinha virado de ponta cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Focava apenas nos bons acontecimentos, deixando os momentos de terror para bem longe. Colocando um pouco de shampoo na mão recordou-se do que a amiga dissera sobre o professor ser procurado pela polícia, realmente era difícil de acreditar e mais ainda de desvendar o que o homem tinha feito.

Na esponja, depositou um pouco de sabonete líquido, e de forma calma iniciou a higiene no corpo. Ao esfregar próximo ao ventre reparou que das últimas vezes que transara com Benjamin não tinham usado camisinha. Mordendo os lábios afirmou que da próxima vez usariam proteção e que em breve iria à uma ginecologista.

Mas por uma fração de segundos se imaginou grávida de um filho de Benjamin. Sorrindo alisou o ventre. Balançando a cabeça continuou o banho, para logo em seguida enxagua-se.

Enrolada na toalha se encaminhou para o quarto, secando os cabelos com uma outra se dirigiu para o guarda-roupa. Tinha separado uma roupa especialmente para hoje e já tinha avisado a Sra. Cooler que necessitaria se ausentar no dia de hoje. Explicou o que estava acontecendo e felizmente a mulher entendeu, na sexta-feira seria a

PERIGOSAS ACHERON

despedida de Noemie e as provas finais de Bradley.

Jogando a toalha em uma cadeira pegou um creme hidratante começando a passa-lo pelo corpo. Acessaria o e-mail para checar se tinha alguma mensagem da Diretora Thoren, talvez fosse impressão sua, mas achava que a mulher não gostava de si.

Suspirando voltou a prestar a atenção no que fazia.

Benjamin saía do banheiro enrolado em uma toalha, tinha acordado minutos depois que Sayuri saiu. Havia sentido falta do corpo macio junto ao seu, definitivamente não era mais o mesmo. Jamais se veria amando uma outra pessoa que não fosse sua mãe, mas então, Sayuri chegou e transformou seu mundo. Sorrindo lembrou-se de quando a conheceu e, do primeiro beijo.

A primeira vez que seus lábios se encontraram o fez esquecer de tudo ao redor. Não negaria que ficou fascinado por ela de primeira, mas não imaginava que ela se tornaria uma pessoa

PERIGOSAS ACHERON

importante em sua vida.

Vestindo a roupa e colocando perfume se encaminhou para a cozinha, mas antes passaria no quarto do loiro para saber se o mesmo estava acordado. Estava confiante de que tudo daria certo, afinal não tinha nada a esconder.

Aproximou-se do quarto do adolescente e bateu a porta, como não recebeu nenhuma resposta a abriu observando a cama arrumada. Franzindo o cenho foi até a sala, deixando um sorriso escapar encarou Bradley sentado no sofá enquanto mexia no celular.

— Acordou cedo – chamou a atenção para si.
— Nervoso?

Dando de ombros o loiro colocou o aparelho celular no braço do sofá. Na verdade, nervoso era eufemismo para perto do que ele estava sentindo.

— Acho que sim.

Concordando sentou-se ao lado do adolescente. Bradley, na opinião de Benjamin, era um bom garoto, educado, estudioso. Tinha um jeito único que atraía a atenção das pessoas, entendia os motivos de Sayuri gostar do loiro.

— Vai dar tudo certo – afirmou dando uma
PERIGOSAS ACHERON

tapinha nas costas do outro. — Eles só precisam assegurar de que você e seu irmão estão em um bom lugar e, você gosta daqui. Né?

— Sim — falou envergonhado —, mas as vezes acho que eu possa estar atrapalhando vocês dois.

Franzindo o cenho, Benjamin o fitou.

— De onde tirou isso? — questionou ainda o encarando. — Se Sayuri ouvir isso vai brigar comigo — proferiu fazendo-o sorrir. — Falo sério! Você é bem-vindo, Bradley, assim como o seu irmão.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer — respondeu ligando a tevê —, mas então você já comeu?

— Não — negou logo em seguida o celular apitou em uma mensagem, sorrindo pegou o aparelho.

O encarando Benjamin notou o pequeno sorriso que ele tinha nos lábios. Aquela idade era a famosa fase de namorinho, percebia que o loiro ficava um bom tempo agarrado no celular.

— Namorada? — perguntou querendo conversar com o jovem.

— N-Não – gaguejou, mas assim que viu a sobancelha arqueada em sua direção sorriu. — Eu não sei...

— Primeira garota?

Crispando os lábios, Bradley voltou a encarar a mensagem de Hailee. A foto que ela usava naquele perfil social era linda, o sorriso era um dos mais lindos que ele já tinha visto na vida. Voltando a atenção para Benjamin, notou que ele esperava uma resposta. Ainda tinha vergonha de falar sobre certos assuntos com o homem, o único com quem falava sobre isso era Liam. Mas talvez fosse bom se abrir com mais outra pessoa, Benjamin já tinha se mostrado um bom homem.

— Sim – confirmou mostrando a foto ao adulto. — Ela estuda comigo, se chama Hailee.

— Bem bonita – elogiou sorrindo. — E vocês estão se pegando?

— O que? – repetiu envergonhado. — Não! Somos só... – parou pensando no que eles seriam.

— Amigos? – quis saber curioso. — Vocês já se beijaram?

Envergonhado, o loiro balançou a cabeça e quando estava prestes a responder o barulho de PERIGOSAS ACHERON

algo se quebrando e o grito de horror de Sayuri foram ouvidos.

Rapidamente Benjamin correu para fora sendo seguido por Bradley.

— Fica aí e tranque a porta! — mandou preocupado com o que poderia ser.

Bradley parou nervoso, mas acatou o que lhe foi mandado. Benjamin sem esperar resposta adentrou o apartamento da namorada e pegando o primeiro objeto que tinha a sua frente correu em direção ao quarto feminino.

Chegando lá empurrou a porta em posição de ataque, mas não viu nada de ameaçador. Fitando Sayuri notou que ela usava um vestido lilás, observava assustada a tela do notebook.

— Sayuri... O que?

— Ben — chorou apontando para a tela. — Olha...

Aproximando-se ficou sério no mesmo instante. Na tela passava algumas fotos de Sayuri pelada, trocando de roupa e outras tinham deles juntos na cama fazendo amor. Voltando sua atenção para a jovem a viu chorar, o rosto pálido podia perceber que ela tremia.

— Quem mandou isso? – perguntou, mas já indo até as informações da mensagem. Crispando os lábios em ódio viu a legenda e o nome do remetente. — Filho da puta!

Na mensagem, Herban afirmava que passara várias noites observando o quão linda e angelical Sayuri era. Uma verdadeira obra de arte que para o gosto dele era apreciada com muita devoção. Passando a mão no rosto ficou sem acreditar que aquilo estava acontecendo. Imagens em que ela aparecia totalmente nua, outras mais sensuais.

Um fungado seguido de um choro doloroso lhe tirou os pensamentos, rapidamente a puxou para um abraço.

— Ele estava o tempo todo me olhando, Ben – chorou sentindo os braços ao redor de si. — Será que ele compartilhou com alguém? – perguntou o encarando. — Meu Deus, por que isso está acontecendo comigo? Essas fotos devem estar por aí agora mesmo! Meus pais... Ben... – chorou sendo abraçada pelo namorado.

— Calma – pediu sentindo-a tremer em seus braços. — Você recebeu isso agora?

— Não – chorou assustada, não podia
PERIGOSAS ACHERON

acreditar que o professor a espionava. Arfando lembrou-se da vez que Noemie afirmara que a câmera do notebook estava ligada. — Meu Deus! Ele ficava me vigiando, me assistindo nua — balbuciou levando a mão a boca. — Uma vez a câmera estava ligada, mas eu não dei importância — revelou nervosa.

— Precisamos mostrar a polícia para que ela vá atrás dele.

— O que? — Afastou-se dele com os olhos arregalados. — Não! Benjamin são fotos comprometedoras! — exaltou-se olhando a própria imagem no notebook, estava apenas de calcinha nas mãos segurava uma blusa.

Sentia-se presa em um pesadelo.

— Sayuri, não podemos ocultar isso! — exclamou incrédulo. — Esse desgraçado tem que ser preso! Eu não vou deixar que ele fique solto por aí depois disso! — proferiu deixando-a mais nervosa.

— *Srta. Hodgens?* — a voz de Bradley veio por trás da porta. — *Eu posso entrar?*

Fechando o notebook rapidamente, Sayuri sentiu as lágrimas caírem dos olhos. Respirando

PERIGOSAS ACHERON

fundo – tentando ficar calma – autorizou a entrada do garoto, Bradley abriu a porta com a respiração descompassada, nas mãos segurava uma faca de requeijão. O olhar do loiro era assustado.

— Bradie...

— Está tudo bem por aqui? – questionou baixando a mão.

Aproximando-se do garoto Sayuri pegou a arma branca, a colocando em cima da mesinha. Chorosa o abraçou, logo sendo correspondida pelo adolescente, lançando um olhar para Benjamin o viu com o olhar ainda no notebook.

— Está – concordou sentindo os braços magros do loiro ao redor de si. — Eu só me assustei com uma barata, não precisa se preocupar.

— Não parecia medo de barata – retrucou nervoso.

Fechando os olhos voltou a encará-lo, agora com um pequeno sorriso para demonstrar que tudo estava bem.

— Eu sou medrosa – falou logo separando-se dele. — Você comeu?

— Não – negou, fitando Benjamin que ainda estava alheio ao que acontecia ao redor.

Benjamin só conseguia sentir o ódio se alastrando por seu corpo. Imaginar que Sayuri ficara tão perto de um desgraçado como aquele o fazia aflorar um lado que até então ele não sabia que tinha.

Seu desejo agora era unicamente acabar com o ruivo.

— Então vamos resolver isso. — Deu um pequeno sorriso acarinhando o rosto do loiro. — A assistente social logo chega.

Benjamin que até então estava calado foi em direção ao notebook o pegando, juntamente com o carregador.

— Benjamin...

— Sayuri — a interrompeu sério. — Precisamos.

Envergonhada, ela apenas concordou. Sabia que era necessário, mas estava envergonhada por ter que mostrar aquilo para mais alguém. Calçando os pés com as sapatilhas, abraçou o adolescente se encaminhando para a saída.

Passando pelo quarto da amiga o viu arrumado, saindo do apartamento viu na hora exata que uma mulher usando terninho saiu do elevador.

Benjamin assim que a viu tratou de desmanchar a feição raivosa que tinha, sabia que aquela mulher era a assistente social.

— Bom dia! Me chamo Trisha Callum — saudou estendendo a mão para Sayuri, depois Benjamin e por último Bradley. — Como vai, rapazinho?

Crispando os lábios, Bradley segurou a vontade de revirar os olhos. Odiava quando alguém o chamava dessa forma, parecia até que ele era uma criança. O que ele não era, pois, tinha quase 16 anos.

— Bem.

— Por favor, Srta. Callum — Benjamin murmurou abrindo a porta do apartamento. — Vamos conversar lá dentro.

Concordando, a mulher adentrou o local observando-o por inteiro. Um tanto séria voltou-se para o casal, mas logo fitou a companheira do homem. Essa tinha os olhos vermelhos, assim como a ponta do nariz.

— Está tudo bem, senhorita?

— Sim. — Sorriu colocando uma mecha atrás da orelha. — Me chamo Sayuri, sou a namorada do PERIGOSAS ACHERON

Benjamin.

Bradley sentia que algo acontecia, mas que não lhe contavam por não ser adulto. Voltando sua atenção para a mulher de terno a viu olhar atentamente para Sayuri, logo depois encarando Benjamin.

— Eu gosto muito daqui — anunciou encarando a mulher que o olhou rapidamente. — Depois, quando você for, ainda vou ficar?

— Primeiro gostaria de fazer algumas perguntas — proferiu fitando o sofá. — Posso me sentar?

— Claro — Benjamin concordou colocando o notebook em um móvel próximo. — Aceita alguma coisa?

— Não — negou abrindo a pasta. — Onde está o outro menor?

— Está com a minha mãe — Benjamin avisou puxando Sayuri e Bradley para se sentarem no sofá. — Ele prefere ficar por lá.

— Certo, depois então eu passo por lá para conversar com a adulta em questão.

Suspirando, Bradley encarou as mãos.

— Quando o meu pai será julgado?

Parando o que fazia a mulher o encarou.

— Não sei informar. — Sorriu suave. — Meu papel é apenas assegurar de que você e seu irmão sejam assistidos.

— Nós estamos — anuiu fazendo-a rir. — Aqui eu como três vezes ao dia e ainda posso comer pizzas. A cama que eu durmo é confortável e eu até tenho um chuveiro elétrico. Posso dormir com a porta do quarto aberto se eu quiser, mas não gosto. Meu irmão está feliz de estar com a Jilly, eu estou feliz de estar aqui — relatou deixando Trisha sem palavras.

Sayuri emocionada o abraçou.

Pigarreando, a assistente social sorriu acenando.

— Eu percebi que você gosta daqui — sorriu encarando os três —, mas só vou fazer algumas perguntas.

Concordando, o menino acenou.

A estrada de terra fazia o carro que dirigia sacolejar. Olhando pelo retrovisor viu mais duas
PERIGOSAS ACHERON

viaturas o seguir, o relatório tinha informado que os últimos passos de Brick tinha sido o endereço de Herban e a floresta Hanbk. Pensar em Herban e floresta, lhe trazia maus pressentimentos. Esperava que Brick estivesse seguro, pois, quando o pegasse o mataria. Mas antes lhe daria uma boa bronca.

O pai do jovem estava inconsolável, pois, Brick era seu único filho. Balançando a cabeça focou o caminho que seguia, olhando rapidamente para o lado viu uma pequena estrada com alguns matos amassados. Franzindo o cenho manobrou o carro para a tal estrada. Estacionou próximo ao lado e saiu do automóvel observando ao redor. Fitando o lado viu alguns policiais com dois cães farejadores se aproximarem.

— O senhor achou alguma coisa?

— Esse caminho estava com os matos pisados. — Apontou olhando o caminho que tinha feito. — Marcas de pneus de carros.

Começando a caminhar fitou ao redor procurando alguma coisa anormal. Afastado dele, ouviu quando o cachorro começou a latir e rapidamente seu nome foi chamado. Correndo até o outro policial, Kilmer viu o cachorro cavar um

PERIGOSAS ACHERON

amontoado de terra – que nitidamente tinha sido retirada e colocada de novo – e rosnar enfiando o focinho dentro do buraco cavado.

Surpreso, viu quando o cachorro puxou alguma coisa. Afastou o animal e retirou um pouco de terra com a mão. Suspirando encarou um pedaço de resto humano, imediatamente um fedor podre subiu. Tapando o nariz, encarou os outros policiais. Julgava que pelo fedor que o corpo apresentava – carniça – tinha alguns dias que estava ali.

Desviando a atenção do corpo para o lago, o loiro respirou fundo.

— Liguem para a central e peçam que a perícia e a equipe aquática venham até o local. — Aproximando-se do lago curvou-se lavando as mãos. — Espero que eu esteja errado e você não esteja aí, Brick – disse olhando o movimento suave que o lago fazia.

Sentindo o suor em sua testa suspirou se encaminhando para junto dos policiais.

Sorrindo Bradley observava a mulher apertar
PERIGOSAS ACHERON

as mãos dos adultos. Ela lhe tinha garantido – pela décima vez – que ele ficaria sob a responsabilidade de Benjamin. Pois, como já tinha apurado o loiro estava em boas mãos.

— Irei hoje mesmo na residência onde o outro menor está – anunciou observando o casal. — Eu o esperava encontrá-lo aqui.

— Meu irmão gosta mais da Jilly – deixou claro —, mas eu me sinto mais próximo da Srta. Hodgens.

Sorrindo, Sayuri o abraçou.

— Eu estou feliz por saber isso – Sayuri informou o olhando. — Você é especial para mim, Bradie.

Envergonhado, o loiro confirmou.

— Vocês formam uma família bem feliz e linda – Trisha afirmou sorrindo. — Obrigada por me receberem, vocês foram atenciosos. – Voltando-se para o loiro sorriu. — E você rapazinho continue estudando.

— Certo – murmurou acenando. Após a saída da mulher fitou Sayuri que voltou a se sentar no sofá com uma expressão tensa. — Está tudo bem mesmo? Eu sei que vocês acham que eu sou PERIGOSAS ACHERON

criança, mas eu tenho quase 16 anos.

— Precisamos ir à delegacia – Benjamin comunicou fazendo Sayuri o encarar. — Tem alguém que está... assustando a Sayuri – indagou suavizando o que realmente Herban estava fazendo. — Precisamos detê-lo.

Aproximando-se da mulher, Bradley lhe segurou a mão.

— Eu estou aqui e não vou deixar que nada a machuque.

— Você é tão fofo – elogiou recebendo um sorriso.

Pegando o notebook e as chaves do carro, Benjamin encarou os dois.

— Vamos resolver isso logo – chamou abrindo a porta. — Depois vamos comer alguma coisa fora.

Sentando-se ao lado da jovem, Benjamin lhe segurou a mão.

— Estou aqui com você – exclamou lhe acarinhando o rosto. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Sorriu recebendo um selinho.

Suspirando levantou-se segurando no braço

PERIGOSAS ACHERON

musculoso de Benjamin, voltando-se para Bradley o viu caminhar ao seu lado. Sorrindo o abraçou pelos ombros e, juntos saíram do local.

Sayuri não conseguia pensar em outra coisa, a não ser em Herban lhe espionando como se fosse tudo bem fazer tal coisa. Fechando os olhos recordou-se dela e Benjamin na cama, tinham feito amor naquele quarto. Tantas vezes, tantas vezes ela se despiu na frente do notebook. Só de lembrar a fazia querer chorar mais.

Saindo do elevador se encaminharam para o carro estacionado.

Mordendo os lábios viu Benjamin depositar o notebook no banco detrás, logo colocando o cinto de segurança. Bradley observava os dois em silêncio, o celular vibrando lhe chamou a atenção. O pegando viu que era uma mensagem da loira. Sorrindo clicou no ícone de mensagens. Ainda sorrindo viu a foto que ela havia mandado, Hailee segurava uma flor branca.

Suspirando em um sorriso digitou a quão bonita ela estava logo recebendo uma carinha envergonhada. Criando coragem perguntou se ela gostaria de sair com ele, pensava que talvez

PERIGOSAS ACHERON

pudessem ir ao cinema ou ao parque. Não importava onde, contanto que ela fosse junto.

Nervoso esperou a resposta, estava quase guardando o celular quando a resposta finalmente chegou.

Eu aceito.

Sorrindo abertamente confirmou com a cabeça, logo em seguida guardou o celular.

Kilmer observava atentamente a perícia tirar fotos dos pedaços do corpo que havia na cova. Tudo indicava que era apenas um corpo, cruzando os braços fitou a equipe aquática parecia que haviam encontrado algo. Aproximando-se viu quando um dos mergulhadores começou a acenar com as mãos, atrás de si ouviu o guindaste se afastar e aos poucos pôde notar o que eles tinham achado.

Abrindo a boca em choque viu o carro de Brick ser puxado. Crispando os lábios deixou os braços caírem ao lado do corpo. Afastando-se se encaminhou até o lugar do motorista, estava tenso, PERIGOSAS ACHERON

mas assim que viu o lugar vazio e os mergulhadores voltarem deixou um sorriso escapar.

— Ele está vivo!

— Isso foi encontrado próximo ao carro. — Um dos mergulhadores entregou o aparelho celular com algumas algas agarradas dentro de um saco plástico.

— Obrigado — agradeceu, ainda segurando o achado foi em direção aos outros. — E então?

— A arcada dentária foi removida — um homem moreno respondeu. — E pelo que podemos ver ela foi removida de uma forma... grotesca. — Avaliou tomando cuidado ao colocar a cabeça irreconhecível dentro do plástico preto. — Pelo estado e dado em conta das larvas que encontramos pelo corpo, a maioria na região facial. Acho que porque... — Parou de falar quando ouviu o pigarro de um colega de trabalho. — Então, como dizia acho que o corpo está aqui há uns cinco dias.

— Cinco dias? — repetiu com o cenho franzido. — Certo, quero o laudo e a identificação na minha mesa o mais rápido possível.

— Claro, porque o que fazemos é algo fácil e rápido. — revirou os olhos colocando o resto do

PERIGOSAS ACHERON

corpo dentro do saco plástico. — Assim que possível nos falamos.

E, sem mais, saiu deixando Kilmer para trás.

— Ele é novato — exclamou um outro —, mas é gente *profissa*.

Sem responder Kilmer encarou o buraco a sua frente, conseguia notar pequenas larvas se movendo na terra. Suspirando imaginou onde Herban estaria, o corpo encontrado com certeza seria de uma das desaparecidas.

Esfregando os olhos já imaginava como falaria para uma das famílias que uma das meninas não voltariam para casa.

Aquela era a parte mais chata de sua profissão.

Sentada no banco e encostada a parede Sayuri observava os policiais andarem por ali. Ao seu lado Benjamin estava sentado, lhe segurava a mão transmitindo segurança. Bradley encarava curioso os homens andarem com algumas papeladas, outros comiam rosquinhas, já alguns

PERIGOSAS ACHERON

digitavam incansavelmente nos computadores.

— Desculpe por fazê-los esperarem. — Uma mulher se aproximou sorrindo. — Me chamo Detetive Sparks, estou no lugar do Delegado Kilmer em sua ausência.

— Oi. — Sayuri a olhou mais calma. — Me chamo Sayuri Hodgens e esse é meu namorado Benjamin. — Apontou para o homem que apertou a mão da loira em educação. — E esse é o Bradley, ele é da família.

— Prazer em conhecê-los — respondeu colocando a mão no quadril. — Em que posso ajudá-los?

Receosa, Sayuri encarou Benjamin.

— Bem — falou Sayuri olhando a mulher. — Não sei se posso falar com a senhorita sobre isso, eu...

— Eu vim ajudar o Delegado Kilmer com o caso das duas estudantes — avisou em um tom profissional. — Pode me confiar qualquer coisa.

— No caso, o assunto não tem a ver com as estudantes.

Confirmando Sparks indicou a sala.

— Por favor, entrem. Vamos conversar lá

PERIGOSAS ACHERON

dentro.

Acenando, Sayuri fitou Bradley.

— Eu espero aqui.

Voltando-se para a Detetive, o casal adentrou a sala. Nervosa Sayuri sentou-se na cadeira, arrodando a mesa a loira se acomodou de frente para o casal.

— O que aconteceu?

Mordendo os lábios encarou Benjamin que colocou o notebook em cima da mesa, atraindo a atenção da mulher para o mesmo.

— Na segunda eu vim conversar com o Delegado Kilmer e trouxe uma fotografia de um buraco que recebi – começou recebendo um aceno. — Antes eu tinha recebido um bilhete avisando que eu seria a próxima. – Engoliu em seco. — Hoje pela manhã acessei minha caixa de e-mails, como sempre. Então eu vi essa mensagem – chorou ligando o notebook.

Sparks observava calada, inclinando-se puxou o notebook para si. Franzindo o cenho viu as imagens a sua frente, eram fotografias íntimas da mulher a sua frente. Já as tinha visto nas provas que haviam pego do ruivo.

— Foi o meu Prof. Herban que mandou – chorou sendo amparada por ela. — Eu não sabia que ele fazia isso e não sei o que pensar. Talvez ele tenha espalhado essas imagens por aí, vocês vão atrás dele?

Benjamin a abraçava tentando a acalmar.

— Nós já estamos fazendo isso, Srta. Hodgens – avisou, abrindo uma gaveta pegou a pasta que já tinha lido antes. Folheando parou com os dados pessoais do ruivo. — Morgan Herban está foragido, ele é acusado por sequestrar as duas estudantes que estão desaparecidas.

Assustada Sayuri segurou a mão de Benjamin.

— O que? – Benjamin questionou sem acreditar.

— Na noite de segunda-feira o Delegado juntamente com os policiais foram até a residência do acusado – disse pegando a foto do buraco. — Na casa foi encontrado esse mesmo buraco.

Nervosa sentiu a vista ficar turva, Benjamin notando isso a segurou.

Controlando-se Sayuri começou a pensar em tudo que passou no Campus, no dia de terror em
PERIGOSAS ACHERON

que o homem com a faca, correria atrás de si e minutos depois ele aparecia como se nada tivesse acontecendo. No bilhete, na forma como ele a agarrou, em todos os seus momentos ruins ele estava lá.

Como fora tão burra que não notou isso?

— Meu Deus! — Chorou não se importando de estar chorando na frente da mulher. — Como eu não notei? Ele sempre esteve ali, espreitando, fingindo de amigo.

A loira observava a jovem a sua frente relatar enquanto chorava. Deveria ser bem difícil para ela, ser ludibriada por alguém bem próximo a si. Voltando a olhar a mensagem viu a legenda, franzindo o cenho fitou a morena a sua frente.

— Senhorita — a chamou fazendo-a calar. — Saberá dizer se o Herban frequentava a igreja ou algo do tipo?

— Não — negou enxugando os olhos. — Por quê?

Observando a mensagem a loira negou, rolando a tela fitou a mensagem automática *enviado do e-mail mobile*. Mobile, poderia rastrear o último sinal do aparelho celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe, Srta. Hodgens – pediu fechando o notebook. — Estamos atrás do acusado, em todos os lugares. Não tem como ele fugir.

— Isso é um pesadelo – afirmou passando a mão no cabelo. — Eu posso levar meu notebook?

— Infelizmente não – negou colocando a mão em cima do objeto. — Ele vai entrar como prova.

Concordando sentiu a mão masculina lhe segurar a mão. Virando-se para Benjamin suspirou ao sentir o carinho que recebia dele.

— Peço só que tomem cuidado – inquiriu a loira. — Caso ele entre em contato nos avise imediatamente.

— Tudo bem – confirmou ficando em pé. — Obrigada.

— Não precisa agradecer. – Sorriu indo até a porta a abrindo. — Estamos aqui para proteger a população.

Ao abrir a porta, Bradley fitou a mulher sair. Os olhos vermelhos como se tivesse sido esfregados, a ponta do nariz estava do mesmo jeito.

— Vamos comer alguma coisa? – Benjamin questionou recebendo um aceno do loiro.

PERIGOSAS ACHERON

Na realidade, Benjamin não queria que Sayuri ficasse pensando somente no que acabou de ouvir na sala. Estava sendo difícil para ele também acreditar que o ruivo era o criminoso e ele tinha deixado Sayuri tão próxima ao homem.

Esse erro, ele não cometeria mais.

Abraçando-a pela cintura saíram da delegacia.

Horas depois os três desciam no estacionamento do shopping. Enquanto andavam algumas pessoas os observavam, ela abraçava o braço musculoso e tatuado de Benjamin. Sayuri fitava algumas mulheres que não disfarçavam o encantamento que sentiam ao ver o homem.

— Srta. Ciúme — Benjamin brincou a olhando.

Bradley observava ao redor, eram quase meio dia e tinha muitas pessoas por ali. Voltando-se para o casal notou que os dois se amavam demais, era bonito de ver. Dando um pequeno sorriso, pensou em quando fosse sua vez.

Tinha lido alguns livros que continham algo sobre o amor, não que ele gostasse de livros assim. Foi apenas por curiosidade. Nos livros, as histórias sempre descreviam que o amor é uma emoção ou sentimento que leva uma pessoa a desejar o bem da outra pessoa. E era exatamente assim que ele se sentia em relação a Hailee.

Suspirando, lembrou-se de antes, quando ele a apelidava ou a tratava com indiferença. Envergonhava-se de tal feitio e, havia prometido a si que quando a encontrasse se desculparia por isso. Colocando as mãos nos bolsos seguiu até uma mesa de uma lanchonete, sentando-se fitou o casal a sua frente.

— Depois vamos ligar para saber como foi a visita com o seu irmão — Benjamin avisou colocando a carteira e o celular, juntamente com a chave do carro em cima da mesa. — Próximo ano ele começará os estudos.

— Mesmo? — perguntou surpreso.

— Claro. — Sorriu apoiando o braço no encosto do assento da Sayuri. — Ele está próximo de terminar e ingressar em uma Universidade.

— Obrigado — agradeceu emocionado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em breve você também vai estar indo para uma Universidade – o homem disse. — Já sabe qual curso?

— Eu quero ser professor.

Nesse momento, Sayuri sorriu. Segundos depois uma atendente se aproximou simpática.

— Posso anotar os pedidos?

Confirmando fizeram o pedido, após isso voltou a pensar no amor. Talvez fosse muito novo para pensar em tal assunto, mas toda vez que via Hailee algo bom acontecia dentro de si.

Sorrindo lembrou-se que final de semana sairia com a loira, fitando Sayuri viu que ela lhe observava. Ficando sério encostou-se no assento.

— Esse final de semana eu convidei a Hailee para sair comigo – anunciou fazendo Sayuri sorrir abertamente. — Vamos ao cinema e depois comer alguma coisa.

— Mandou bem – Benjamin exclamou, pegando a carteira retirou uma nota de cem dólares. — Toma.

— O que? Não – negou envergonhado.

— O que? – repetiu confuso. — Vamos aceite, use com a sua garota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês estão namorando? — Sayuri perguntou surpresa, não estava sabendo dessa novidade.

— Não. — Envergonhou-se observando os dois. — Somos amigos.

— Sei — o outro murmurou. — Vamos pegue, não custa nada.

Mesmo envergonhado o loiro pegou o dinheiro, o guardando no bolso.

Passando o tempo a atendente voltou com os pedidos e, em um clima silencioso todos comeram. Cada um pensando em coisas diferentes, após terminarem de comer pediram a sobremesa. Uma taça de mousse de chocolate para o casal e uma de morango para o loiro.

— *Filho?* — a voz conhecida chamou a atenção de Benjamin.

Voltando sua atenção para o homem, reparou que ele estava mais gordo. Sentindo o coração bombear rapidamente, depositou a colher em cima do guardanapo.

— Filho. — O homem sorriu, mas logo fitou a mulher ao lado do outro. — É sua namorada? Ela é muito linda.

PERIGOSAS ACHERON

Crispando os lábios, Benjamin o encarou sério.

— O que faz aqui?

— Eu andei adoentado – respondeu sentando-se ao lado do loiro —, mas já estou melhor. Estava com saudades sua.

Suspirando o encarou sério, por isso que o homem tinha desaparecido. Porém, ele não tinha aparência de uma pessoa que estava adoentada.

Sayuri olhava o mais velho a sua frente, procurava qualquer semelhança entre ele e Benjamin.

— Se nos der licença, já estamos saindo – Benjamin informou fazendo Sayuri o encarar. — Qualquer coisa que queira resolver é só passar na academia.

— Filho...

— Eu já disse para não me chamar assim – exclamou um pouco rude, mas logo respirou fundo. — Vamos indo.

— Benjamin. – Sayuri segurou em seu braço. — O seu pai...

— Ele não é meu pai – a interrompeu, mas logo esfregou os olhos se acalmando. — Me PERIGOSAS ACHERON

desculpe – pediu acarinhando o rosto feminino.

Bradley afastava-se do homem sentado ao seu lado. Não entendia o motivo de Benjamin não gostar do homem, mas não o questionaria.

— Vamos embora.

Abriu a carteira e retirou algumas notas, colocando-as em cima da mesa.

Gerard observava em silêncio o filho sair abraçando a japonesa. Franzindo o cenho fitou o menino loiro, ontem pela tarde tinha passado na casa da ex-esposa e visto um adolescente loiro ajudando Jillian com a grama da frente. Tinha sumido não porque estava doente, mas sim porque estava se escondendo de um agiota. Havia se esquecido que devia ao mesmo e, não sabia explicar como o homem o tinha encontrado.

O homem havia lhe dado um prazo de três semanas para que conseguisse todo o dinheiro. Caso contrário, ele pagaria de uma outra forma. O fato era que não sabia o que esses meninos eram, mas que de uma coisa ele tinha certeza: eles não o atrapalhariam em seus objetivos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Observava os alunos a sua frente com uma feição triste por deixá-los, tinha se apegado a todos ali. Crispando os lábios, fitou Bradley que sentado ao lado de Hailee explicava alguma coisa enquanto apontava para o livro, dando um pequeno suspiro encarou a janela. Tentava não pensar muito nos acontecimentos recentes, pois, somente em lembrar que por todo esse tempo o professor havia tirado fotos e gravado ela em seus momentos íntimos a deixava nervosa querendo chorar.

Na noite passada demorou a pegar no sono, tudo porque sua mente insistia em trazer tais lembranças que ela queria esquecer com todas as forças.

Fitando o relógio de parede viu que eram 16h50, voltando sua atenção a Bradley notou o sorriso que ele dera rapidamente a loira. O primeiro amor era tão lindo, lembrava-se do seu primeiro – tinha sido o mesmo que a levava ao baile – sorrindo lembrou-se do pai. Urion ficara louco quando na noite da festa o menino aparecera em sua porta todo

PERIGOSAS ACHERON

arrumado para busca-la.

Pigarreando voltou a leitura que tinha iniciado enquanto esperava os alunos responderem a atividade. Amanhã seria seu último dia dando aula. Passando a mão na têmpora lembrou-se do relatório que havia escrito e ficara no notebook. Pensando nisso, recordou-se que nenhum professor tinha entrado em contato. Suspirando fechou o livro. Não queria voltar ao Campus, mas teria que fazê-lo. Afinal, era seu último ano e não deixaria que algo assim a atrapalhasse.

— Srta. Hodgens. — Hailee levantou a mão a olhando. — Posso ir ao banheiro?

— Claro — autorizou observando a adolescente sair da sala rapidamente.

Voltando sua atenção para o loiro o viu sorrir voltando a encarar o livro que lia.

Ofegante sentou-se no chão encarando o homem encostado a parede. Havia percebido que Benjamin estava de péssimo humor, mas não sabia o motivo. Também não tinha intimidade para

PERIGOSAS ACHERON

perguntar o que tinha acontecido, se fosse algo muito grave o irmão diria. Enxugando o rosto com a camisa, relanceou para Melvin que lutava com uma menina. Desde que se assumiram para algumas pessoas, ele se sentia em paz consigo. Melvin quase todo o dia ia com ele para casa jantar ou passar algumas horas conversando. Jillian adorava quando ele estava por lá. Voltando a atenção para o namorado pensou em quando se beijavam. Amava a sensação de ter os lábios do moreno para si enquanto as mãos lhe puxavam para mais perto.

Fazia algum tempo que namoravam e apenas trocavam beijos. Não entendia o que tinha que fazer para que as coisas entre eles pudessem mudar de estágio. As vezes se pegava pensando se não estaria querendo atropelar as coisas, ou se Melvin estava apenas esperando um convite. Nunca tinha se envolvido com ninguém dessa forma e, pensar em fazer tal ato com o moreno o deixava ansioso. Pensou em falar com Jillian, mas achou melhor não o fazê-lo: tinha vergonha. Até passou por sua cabeça conversar com o irmão, mas ele era muito novo para conversar esse tipo de assunto.

Fitando as mãos enfaixadas sentiu quando Melvin se jogou ao seu lado sentando-se, pois, o resmungo veio logo em seguida.

— Percebeu que o Benjamin está puto com alguma coisa?

— Sim — respondeu lançando um rápido olhar para o homem. — Está sem paciência também.

Concordando, Melvin encarou Benjamin que há alguns minutos estava na mesma posição: em pé, com os braços cruzados e uma expressão assassina no rosto.

— Acha que aconteceu alguma coisa entre ele e a namorada? — indagou tentando entender o que se passava com o homem.

— Acho que não — negou virando-se para o moreno. — Se tivesse acontecido, meu irmão diria.

Sorrindo o moreno lhe fitou.

— Seu irmão gostou mesmo de ficar com eles.

— Sim — concordou coçando o nariz. — Conversamos todas as noites, ele parece gostar muito de lá.

— Vejo ciúme em seus olhos. — Empurrou o

PERIGOSAS ACHERON

ombro do namorado em uma brincadeira. — Mas você também parece gostar muito de ficar com a Sra. Buthler.

Sorrindo, o loiro voltou a encarar Benjamin que agora o encarava.

— É bom ter uma presença materna – falou fitando Benjamin. — Faz muito tempo que perdi minha mãe.

— Imagino que sim – Melvin proferiu suave. — Pensei em sairmos esse fim de semana para comemorarmos nosso relacionamento. Vai fazer um mês que estamos juntos para valer.

Fitando o moreno, Liam sorriu em concordância.

Benjamin sabia que sua expressão estava assustando alguns alunos e funcionários. Dustin já disse para ele tentar relaxar e não ficar com cara feia, mas não conseguia esquecer por um minuto os arquivos que o homem enviara para Sayuri. Sempre quando se recordava sentia-se impotente por não ter evitado tal ato do outro. Mas como desconfiaria que

PERIGOSAS ACHERON

o ruivo fazia algo assim? Ou pior, que ele tinha haver com o desaparecimento das duas alunas? Isso só mostrava que ele não poderia confiar em ninguém.

Bufando, enfiou as mãos na calça que usava.

Quando estava com Sayuri tentava não demonstrar a raiva que sentia por Herban, pois, sabia que a mesma estava frágil e isso o deixava mais raivoso ainda.

Fitando Liam lembrou-se de Bradley. Sayuri quando estava perto do outro loiro tentava não demonstrar o quão abalada estava. Fitando o relógio da academia viu que estava quase na hora de ir buscá-los.

— Benjamin! — voz de um funcionário chegou em seus ouvidos virando-se fitou o homem.
— Tem um senhor lá fora querendo falar com você, ele disse que era seu pai.

Bufando, Benjamin passou a mão na cabeça sentindo os cabelos curtos crespos.

— Peça para ele me encontrar na minha sala.

Recebendo um aceno positivo fitou o homem voltar o mesmo caminho que fizera. Voltando-se para a turma fez um movimento com a mão

PERIGOSAS ACHERON

chamando a atenção de todos para si.

— Por hoje é só – informou olhando a todos.
— A academia irá funcionar até próxima semana, em breve tenho algumas surpresas.

— Sério? O que é? – um dos alunos questionou arrancando sorrisos de outros.

— É surpresa. – Tentou um sorriso, mas logo ficando sério. — Próxima semana eu digo. — Acenou observando os alunos saírem. — Liam, poderia me esperar?

— Claro.

Acenando se encaminhou para a sala, abrindo a porta viu o homem sentado olhando curioso para todo o recinto. Aproximando-se da mesa abriu uma gaveta pegando o talão de cheques, sem ao menos encarar o mais velho a sua frente.

— Dez mil dólares está bom para o senhor? – questionou o olhando rapidamente.

Crispando os lábios Gerard o fitou de volta, aquela academia valia mais que dez mil. A casa ao qual a ex esposa mora vale mais que dez mil, o carro que o filho ostentava valia mais que dez mil, ele tinha certeza disso. Jillian comia do bom e do melhor. Por que ele também não poderia usufruir

PERIGOSAS ACHERON

disso? Aqueles dez mil seria o dinheiro para pagar o agiota, mas e depois? Como ele ficaria?

— Acho que sim. — Sorriu tentando transparecer que não estava incomodado. — Mas acho que é pouco... As coisas são caras.

Parando de preencher o talão Benjamin o fitou.

— Pouco? — retrucou com o cenho franzido. — São dez mil dólares. Tenho certeza que cobre os exames que irá fazer e ainda sobra uma grana.

Respirando fundo Gerard concordou.

— Obrigado — agradeceu colocando um rápido sorriso. — Eu sei que apesar de tudo, você me ama, filho.

— Não — negou entregando o cheque ao homem. — Eu estou fazendo isso porque você está doente e, não quero ficar com a consciência pesada por não ter ajudado.

— Eu sei. — Encarou o valor que continha no cheque, não acreditava que o outro só lhe daria dez mil. — Passei pela porta da sua mãe e a vi com um menino loiro, seu novo padrasto?

Travando a mandíbula Benjamin encarou o homem a sua frente.

— Como ousa insinuar algo assim da minha mãe? – quis saber falando alto. — Eu exijo que você a respeite!

— Desculpe, filho – pediu engolindo em seco. — Não queria desrespeitá-la.

— Eu quero você longe dessa academia e da casa da minha mãe – deixou claro colocando o talão de cheque de volta na gaveta. — Pode ir.

— Filho...

— Vá embora! – exclamou observando o homem colocar o cheque no bolso, logo se encaminhando para fora.

Enquanto saía do local, Gerard reconheceu o loiro que estava na casa da ex esposa. O mesmo sorria muito próximo de um moreno, franzindo o cenho viu quando os dois deram um selinho. Horrorizado parou no caminho, dois homens se beijando? Com o cenho franzido em puro nojo aproximou-se dos dois.

Liam sorria de algo que Melvin dissera quando notou a presença do homem próximo a si. Voltando-se para ele, viu quando o outro lhe encarou de cima a baixo com a mesma expressão que o pai lhe olhava.

— Não tem vergonha disso? – Gerard questionou recebendo um olhar confuso do loiro.

— Perdão?

— Um homem com outro homem? – Franziu o cenho. — Que pouca vergonha! Palhaçada! Falta de uma surra!

Engolindo em seco Melvin observou ao redor, alguns caras tinham parado de fazer o que faziam para encarar a cena. Voltando a atenção para o mais velho notou a expressão de nojo.

— Já que é um *veadinho*, o que faz na casa da minha ex esposa? – questionou aproximando-se mais, ato que fez alguns profissionais que estavam por perto se aproximarem.

Benjamin saía com a mochila nas costas. Franzindo o cenho estranhou ao ver alguns funcionários se aproximarem de Gerard que ainda estava ali. Rapidamente se encaminhou até ele.

— Quem você pensa que é para vir aqui e ser mal-educado com os nossos alunos?

Benjamin ouviu Cosby questionar ao outro.
PERIGOSAS ACHERON

— Eu sou pai do seu patrão!

— O que está acontecendo aqui? – Benjamin perguntou olhando diretamente para Liam que tinha o cenho franzido.

— Esse senhor foi ofensivo com o Liam e o Melvin – Cosby relatou tomando cuidado com o que falava.

— Não disse nada demais – Gerard exclamou voltando a encarar os adolescentes.

— Você usou a palavra *veadinho* – disse nervoso olhando o senhor a sua frente. — Todo mundo ouviu e ninguém gostou disso e, mesmo que o senhor seja pai do nosso patrão – proferiu sério deixando Benjamin surpreso. — Isso está errado.

— Gerard – pronunciou sério. — Você não tem nenhum poder aqui nessa academia e nem fora dela. Exijo respeito. Liam além de nosso aluno, faz parte da família, assim como Melvin – deixou claro recebendo total atenção de Liam. — Não vou admitir que você os desrespeitem dessa forma! – Voltando-se para o loiro questionou: — Você quer ir até a delegacia prestar uma queixa?

Gerard encarou o filho espantado.

— Não acredito que você vai deixar que
PERIGOSAS ACHERON

denuncie seu próprio pai! – exclamou nervoso. — Esqueceu que estou doente?

Tentando se acalmar Liam voltou a fitar o mais velho. Aquele homem falava como o seu pai e era triste saber que ainda tinham pessoas que pensava dessa mesma forma. Mas o que o deixava feliz era perceber que Benjamin não tinha esse preconceito, pois, ao invés de ficar ao lado do pai – o que ele achou que o outro faria – Benjamin o defendeu.

— Não – respondeu à pergunta feita —, mas eu quero que ele peça desculpas a mim e ao Melvin.

Se o homem estava doente ele não faria com que ele piorasse.

— Você tem certeza? – Benjamin perguntou. — Você tem muitas provas contra ele, quem sabe com isso a mentalidade dele mude.

— Tenho – concordou relanceando para Melvin.

Virando-se para o mais velho, Benjamin cruzou os braços.

— Vamos – disse o encarando. — Estamos todos esperando o pedido.

Bufando, Gerard voltou sua atenção para os adolescentes.

— Me desculpem – pediu sério logo fitando o filho.

Benjamin apenas negava com a cabeça, não entendia o motivo de estar tão surpreso por descobrir que o homem era tão preconceituoso assim. Na realidade, não entedia o motivo das pessoas se sentirem tão incomodadas com a felicidade alheia. Voltando a encarar Liam o viu acenar com a cabeça e, Melvin fazer a mesma coisa. Fitando o mais velho o assistiu sair dali rapidamente, após sua saída todos os outros se afastaram deixando apenas os três sozinhos.

— Você deveria tê-lo denunciado – Benjamin disse sério. — Pessoas como ele só aprendem assim.

— Eu não deixaria que ele fosse preso estando doente – deixou claro pegando a mochila. — Obrigado por nos defender.

— Não precisa agradecer – respondeu colocando uma mão no ombro do loiro. — É da família, Liam – repetiu o que havia dito antes. — Os dois são.

Fitou Melvin que sorriu agradecido.

Emocionado, Liam enfiou as mãos dentro da bermuda.

— O que queria falar comigo?

— Cliv me ligou informando a data do julgamento do seu pai e a nossa audiência – avisou deixando-o surpreso. — Será na próxima semana, pela manhã.

— Terei que... – Parou observando Benjamin.
— Testemunhar contra ele?

Incerto Benjamin o encarou.

— Cliv me falou que seria bom – falou segurando a chave do carro. — Temos as provas das agressões recolhidas naquele dia, mas você sabe como as coisas são.

— Sim.

— Você precisa de alguma coisa? – quis saber solícito.

— Não, obrigado.

— Certo – anuiu dando um pequeno sorriso.
— Tudo vai dar certo. – Sorriu confiante. — Soube da visita da assistente social, você se saiu bem.

— Ela achou ruim por eu não estudar.

— Próximo ano você irá – avisou sério. —

Você e seu irmão. Vamos arrumar isso para vocês – exclamou. — Querem carona?

— Não – responderam juntos.

— Certo – acenou saindo.

Ao sair da academia olhou ao redor e pegando o celular mandou uma rápida mensagem para Sayuri. Abrindo a porta do carro e se acomodando viu pelo espelho retrovisor Liam e Melvin saírem um ao lado do outro, deixando um pequeno sorriso escapar percebeu que não deixaria nada e nem ninguém os ferissem.

O loiro era uma boa companhia para a mãe e Melvin um bom rapaz.

Parando de sorrir ligou o carro, logo saindo.

Os livros que usava estavam empilhados em cima da mesa. Lançando um rápido olhar para Bradley, o viu mexer no celular enquanto sorria. Agora ele só queria ficar naquele aparelho, sabia que ele conversava com o irmão ou Hailee – mas ficar sempre no celular não era bom.

Sorrindo rapidamente notou que parecia
PERIGOSAS ACHERON

Yumi Dupke, a mãe que falava dessa forma.

— Vão para o cinema? — perguntou chamando a atenção do garoto para si.

— Acho que sim — respondeu guardando o celular. — Assistir um filme de ação.

— Ação? — repetiu pegando a bolsa e os livros. — Que tal um romântico?

— Não gosto de filmes assim. — Franziu o cenho saindo ao lado da mulher. — São filmes muito melosos, são chatos.

Sorrindo Sayuri o encarou.

— Acha que a Hailee gosta de filme de ação?

Surpreso Bradley fitou a mulher, todo mundo gosta de filmes de ação. Por que Hailee não gostaria? Sem dar uma resposta a Sayuri, a viu entrar na sala dos professores. Dentro do local ele pôde ver alguns professores conversarem entre si. Suspirando esperou até que a mulher retornasse. Estava triste por ela ter sido demitida. Pensava que ela sempre estaria por lá. Lembrava-se de que no começo era um pouco rude com ela, na verdade, não só com ela.

Suspirando encarou alguns poucos alunos andarem por ali. Virando-se para a entrada da porta

PERIGOSAS ACHERON

viu Sayuri sair com os olhos marejados. Crispando os lábios sentiu-se mal por isso. Outra coisa que havia notado era que Sayuri desde ontem – depois da delegacia – estava diferente, mais aérea e um pouco apreensiva.

Gostaria de saber o que tinha acontecido, para quem sabe ajudá-la.

— Vamos – o chamou enxugando os olhos.
— Benjamin está chegando.

Concordando levantou-se enquanto segurava a alça da mochila. Antes que pudessem sair Sayuri parou respirando fundo, soltando mais um suspiro empurrou a porta saindo da instituição. Abraçando-se fitou o fim da rua, logo fitando o carro de Benjamin se aproximar rapidamente.

Descendo as escadas rapidamente foi até o homem o abraçando e beijando.

— Você chegou.

Sorriu sentindo a bochecha ser alisada.

— Não queria demorar – falou dando um selinho nos lábios rosados, voltando-se para Bradley o viu o fitar. — E aí? – acenou levantando a mão para o outro bater. — Vamos para casa?

Sorrindo Bradley encarou os dois
PERIGOSAS ACHERON

confirmando.

Sentado à mesa Kilmer observava com atenção as câmeras de segurança do local que o sinal do celular de Herban foi captado. Procurava a presença do homem nas câmeras de vídeos, mas até agora não tinha encontrado nada. O laudo da perícia havia identificado o corpo encontrado. Pertencia a estudante desaparecida Lively Knightley e a pior parte – como ele havia imaginado – foi contatar a família.

Esfregando o rosto voltou a encarar as pequenas telas em sua frente. Tinha falhado e uma estudante havia morrido, suspirando pegou a xícara de café tomando um gole.

— Por que não vai para casa? — a loira questionou adentrando a sala. — Vai perder o jantar com a sua família.

— Pode ir — disse sem tirar os olhos da tela. — Achei que já tinha ido.

Coçando a cabeça a mulher se aproximou.

— Olha, eu quero muito pegar esse cara —
PERIGOSAS ACHERON

disse séria. — Eu sei que você também, mas dessa forma você não vai conseguir — disse tendo a atenção do homem. — Sei também que o desaparecimento do Brick está mexendo com você.

— Uma estudante que tinha uma vida toda pela frente morreu — disse sério. — Eu falhei — murmurou. — Brick está sob o domínio desse psicopata e não sabemos onde ele está.

— Infelizmente faz parte do nosso ofício, Kilmer — proferiu dando um sorriso triste. — Perder algumas pessoas. — Deu de ombros voltando a ficar séria. — Mas precisamos que você esteja bem para irmos atrás dele quando descobrirmos o esconderijo.

Suspirando, o loiro voltou a encarar as câmeras de vídeos.

— Vá para casa — mandou colocando as mãos na cintura. — Amanhã cedo continuamos averiguando as câmeras, ele não pode ter sumido assim. Boa noite.

Após a saída da loira, Kilmer esfregou a têmpora, talvez ela estivesse certa. Desligando o computador fitou a mesa ao lado onde Brick ficava.

— Eu vou encontrar você, amigo — afirmou
PERIGOSAS ACHERON

fechando os olhos rapidamente.

Sentada, assistia a um filme que Noemie havia escolhido, era a despedida. Quando chegaram ao apartamento, a amiga já tinha comprado pizzas, refrigerantes e um pote de sorvete e, desde cedo assistiam a uma maratona de filmes de zumbis. Suspirando, fitou a morena que aérea observava o filme. Sorrindo lembrou-se do dia em que a conheceu pela primeira vez. Levava os pertences até o quarto do campus e, quando abrisse a porta ela estava deitada toda esparramada no sofá.

O pai não tinha gostado dizendo que a morena seria uma péssima influência para a filha, mas diferente de tudo Noemie tinha se tornado sua melhor amiga. Eram tão diferentes, mas se davam tão bem. Sentindo os olhos se encherem de lágrimas fitou a tevê, porém, logo sentiu a mão ser segurada.

Virando-se encarou a amiga que lhe sorriu.

— Chorona.

Balançando a cabeça sentiu as lágrimas
PERIGOSAS ACHERON

caírem dos olhos. Benjamin observava a cena com um pequeno sorriso, relanceando para Bradley o viu com o cenho franzido.

— Mulheres. — Benjamin deu de ombros chamando a atenção para si. — Todas emotivas, se acostume. A Hailee também não é diferente.

— Hailee? — Noemie questionou encarando o loiro que na hora arregalou os olhos. — Você está namorando, seu danadinho?!

— Não — negou envergonhado fitando a tevê.

— *Mentiroso!* Todo envergonhadinho que fofo! Say! — exclamou olhando a amiga. — Não acredito que seu filho de quinze anos está namorando e você não me disse.

— Mei! Para com isso — pediu encarando rapidamente o loiro. — Que feio, deixando-o envergonhado.

— Oun — balbuciou sentando-se ao lado do garoto o abraçando. — Vê como a mamãe te ama muito e não me deixa brincar com você?

Um pouco surpreso, Bradley fitou Sayuri. Sua surpresa foi Noemie ter dito que ele era o filho e Sayuri não ter negado. Era estranho ter uma mãe com idade para ser sua irmã.

— Como é a Hailee? – perguntou chamando a atenção do loiro para si. — Não acredito que vou embora sem conhecê-la – choramingou abraçando o garoto.

— Para com isso, Mei – pediu tentando afastar do abraço.

— Não vou parar não. – Riu ainda abraçada a ele. — E se você reclamar vou te encher de beijos.

Revirando os olhos, Bradley conseguiu se soltar do agarre que estava. Lançando um olhar para Noemie a viu sorrir abertamente, sorrindo também voltou a encarar a tevê. Relanceando para Benjamin, Sayuri o viu sorrir negando com a cabeça. Um barulho ao fundo de um copo se quebrando chamou a atenção de todos. Levantando-se Sayuri encarou a porta.

Rapidamente Benjamin saiu indo até a casa da vizinha – a origem do barulho –, nervoso bateu a porta da mulher. Virando-se viu Noemie e Bradley parados a porta enquanto Sayuri estava ao seu lado.

— Sra. Mikkelsen? – a chamou e segundos depois a mais velha abriu a porta com os olhos marejados.

— A senhora está bem? – Sayuri questionou

PERIGOSAS ACHERON

a observando atentamente. — Ouvimos algo do nosso apartamento.

— Está tu... — Parou de falar fungando. — Está tudo bem.

— A senhora tem certeza? — Benjamin quis saber preocupado. — Se estiver acontecendo algo ou precisando de alguma coisa pode falar.

Deixando mais lágrimas caírem a mais velha deu as costas aos dois deixando a porta aberta. Sayuri tomando isso com uma permissão para entrar, virou-se para Bradley que a olhava nervoso. Sorrindo acenou com a cabeça, demonstrando que tudo estava bem. Adentrando a casa com Benjamin ao seu lado, ela encarou a sala e no chão próximo ao telefone pôde ver uma xícara branca quebrada.

Dorothea encaminhava-se até o sofá, minutos atrás tinha ligado para um dos filhos. Pois, em breve seria o natal e ela gostaria de passar a data comemorativa com os filhos. Mas havia sido um erro, seu primogênito dissera com todas as letras que não a queria por perto, que o natal se passava com pessoas que amávamos e ela não estava incluída. Não conseguia entender quando foi que fez tudo errado, o motivo dos filhos a odiarem

PERIGOSAS ACHERON

tanto.

— A senhora está pálida – Sayuri exclamou aproximando-se lhe segurando a mão. — Suas mãos estão geladas.

— Vou pegar um copo d’água – Benjamin proferiu se encaminhando até a cozinha.

Com a saída do homem, a mais velha voltou-se para Sayuri que lhe sorria.

— Meus filhos me odeiam – disse pegando a outra de surpresa. — Eu só queria ter sido uma boa mãe...

— Não fale assim – pediu sentando-se ao lado da mulher. — Eu tenho certeza que a senhora foi uma ótima mãe.

Sorriu tentando acalmá-la.

Negando, a mais velha levou a mão enrugada até os olhos, começava a sentir pontadas no peito. Benjamin voltando a sala com o copo na mão, a viu ficar mais pálida.

— A senhora não está bem – disse entregando o copo a mulher. — Beba e vamos até o hospital.

— N-Não precisa, eu estou bem.

Nervosa Sayuri encarou Benjamin, eles

PERIGOSAS ACHERON

tinham que irem ao hospital.

— Por favor, Sra. Mikkelsen. — Sayuri a encarou. — A senhora está pálida.

— Por que se preocupam? Se eu morrer ninguém vai sentir minha falta — murmurou já ficando em pé com a ajuda de Benjamin.

— Não diga isso — Sayuri bronqueou olhando os cacos da xícara.

— Eu vou buscar a chave do carro e falar para Noemie tomar conta do Bradley — avisou recebendo um aceno da namorada, logo saindo do apartamento.

— Minha bolsa está ali. — Apontou para o móvel próximo. Encarando Sayuri a viu ir até a bolsa a pegando. — Obrigada.

— Não precisa agradecer. — Sorriu ajudando a mulher a sair da casa, olhando-a rapidamente notou os olhos tristes lhe fitarem.

— Você é uma boa pessoa.

Sorrindo Sayuri lhe enxugou algumas lágrimas. Minutos depois Benjamin apareceu vestido agora com uma camisa, e tênis de corrida, nas mãos levava as chaves do carro e a carteira. Olhando para si, viu que usava chinela de dedos e

PERIGOSAS ACHERON

um vestido de tecido leve. Voltando sua atenção para Benjamin o viu sair com a idosa em direção ao elevador, rapidamente fechou a porta e os seguiu.

No hospital estavam sentados no sofá a espera de notícias. Abraçando-se sentiu quando o namorado a abraçou lhe dando um pequeno sorriso, olhando em volta viu algumas pessoas sentadas em outros sofás. Mordendo os lábios inspirou fundo, passando a língua nos lábios fitou os profissionais que andavam entretidos em seus afazeres.

— É tão triste — murmurou chamando a atenção de Benjamin para si. — Ela é uma senhora tão sozinha, sem os filhos por perto. Ninguém deveria ficar na solidão assim — terminou de falar com os olhos tristes.

Abraçando-a Benjamin sentiu-a encostar a cabeça em seu peito sendo rapidamente abraçado de volta. Olhando a mão direita feminina viu o anel de compromisso. Dando um leve sorriso fitou a própria mão, forçando a memória notou que fariam um mês de namoro. Sorrindo pensou em algo para

PERIGOSAS ACHERON

os dois, parando de sorrir viu uma enfermeira se aproximar com um prontuário em mãos.

— Parentes da Dorothea Mikkelsen? — chamou observando a todos.

— Somos nós. — Benjamin ouviu Sayuri responder, logo ficando em pé também. — Como ela está?

— Está lúcida. — Sorriu segurando o prontuário. — O médico está nesse exato momento no leito dela a examinando — avisou com um pequeno sorriso. — Queiram me acompanhar.

Segurando a mão de Sayuri, Benjamin fitou a enfermeira mostrar o caminho. Aproximando-se do quarto Sayuri viu a mulher sentada a cama enquanto conversava com o médico e sorrindo para a enfermeira esperou que ela se fizesse presente. Quando a mais velha lhe encarou sorriu de forma agradecida.

— Com licença — pediu adentrando o lugar ao lado de Benjamin. — Oi. — Sorriu encarando Dorothea. — Olá — saudou o homem de branco.

— Vocês são parentes dela?

— Eles são os meus vizinhos — Dorothea exclamou com um pequeno sorriso. — Me

PERIGOSAS ACHERON

trouxeram.

Aproximando-se do médico, Benjamin apertou sua mão em um cumprimento. Voltando-se para a mulher a viu sorrir encarando Sayuri.

— Eu estava falando para a Sra. Mikkelsen que faltou isso aqui. — Fez um gesto juntando o indicador e o polegar. — Para que o mal-estar que ela sentiu se tornasse um infarto.

Crispando os lábios Sayuri voltou sua atenção para a mulher que observava o médico.

— Mas ela já está melhor?

— Sim, senhorita. — Sorriu a encarando. — Mas tenho algumas recomendações médicas.

— Você já me disse as recomendações todas — murmurou a mais velha chamando a atenção. — Quero ir embora daqui, não limpei o chão sujo e deixei meu apartamento destrancado. Perdi meu programa do padre que passa todo dia às 20h30.

Cruzando os braços com um pequeno sorriso Benjamin a encarou.

— Quais são as recomendações? — perguntou ao homem.

Franzindo o cenho, a mulher o encarou.

— Alimentos leves, nada muito gorduroso —
PERIGOSAS ACHERON

respondeu revezando entre encarar Sayuri e Benjamin. — Fui informado que a senhora faz uso de medicamentos para o coração e a pressão?

— Sim.

— Toma em seus horários certos? — quis saber a encarando.

— De vez em quando. — Deu de ombros. — Eu tenho uma boa saúde, só comecei a ter essas coisas depois que tomei esses remédios.

Sorrindo, Sayuri lhe acarinhou a mão enrugada.

— É preciso que a senhora tome-os corretamente — proferiu sério. — E evite emoções muito fortes, foi isso que desencadeou esse mal-estar.

Concordando a mais velha fitou as mãos.

— Eu vou poder ir para casa?

— Vai ficar mais algumas horinhas conosco. — Sorriu colocando as mãos dentro dos bolsos do jaleco. — Após isso peço para que uma enfermeira venha aqui aferir seus sinais vitais, só para confirmar de que tudo está bem.

— Obrigada, doutor — Sayuri agradeceu recebendo uma confirmação do homem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisando podem me chamar.

Sorriu logo saindo do quarto.

Sentando-se na cadeira, Sayuri fitou a mais velha.

— Não se preocupe – murmurou olhando-a.

— Eu limpo aquela bagunça que ficou em sua sala.

Deixando um sorriso escapar Dorothea lhe segurou a mão.

— Você é uma menina tão boa – anuiu com a cabeça. — Os dois são. – Fitou Benjamin que estava em pé ao lado da maca. — Aposto que as mães de vocês são orgulhosas.

Sentindo os olhos arderem Sayuri fitou rapidamente as mãos, lembrava-se do que a mais velha tinha dito sobre os próprios filhos e não acreditava que eles fossem tão ingratos assim. Mesmo que em algum momento a mulher tivesse feito algo, não era justificativa para tanta ingratidão para com ela.

— Eu liguei para o meu filho – falou fazendo Sayuri lhe encarar. — Em breve é natal, eu só queria passar esse dia juntos... Conhecer meus netos. – Sorriu triste lembrando-se dos pequenos. — Mas não vai acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe-me falar isso — Sayuri pediu respirando fundo —, mas seus filhos são ingratos.

— Não — negou triste. — Eu mereço tudo isso.

— Não — retrucou sentando-se mais próximo a ela. — Eles são ingratos, a senhora é a mãe deles e...

— Eu sou muito chata — a interrompeu, logo fitando Benjamin. — Benjamin sabe. — Sorriu triste. — Nunca fui uma boa vizinha, sempre brigando com ele.

— Eu merecia. — Benjamin sorriu aproximando-se mais. — E tenho que ser sincero. Eu fazia tudo de propósito só para que a senhora falasse.

Surpresa, a mulher o encarou, mas logo sorriu balançando a cabeça.

— Eu não morava no apartamento — Sayuri falou olhando-o —, mas suspeitei. — Sorriu recebendo um beijo nos lábios. — As mães não são chatas — afirmou olhando a vizinha. — Elas se preocupam com os filhos e, isso é totalmente compreensível. O mundo está tão mudado, violento.

PERIGOSAS ACHERON

Confirmando Dorothea deixou algumas lágrimas escaparem.

— Sim — anuiu a fitando. — E meu primogênito gostava de ter umas amizades que na época eu desaprovava demais.

— Eu entendo, quantos anos tem os seus filhos?

— Meu primogênito tem trinta e nove. — Sorriu pensando no filho. — E minha filha tem trinta e quatro, os dois têm filhos. Nunca os conheci.

Engolindo em seco Sayuri relanceou para Benjamin que tinha os lábios crispados. Pigarreando encarou a namorada, estava se sentindo mal por ouvir o relato da vizinha. Não poderia se ver longe da mãe e não sabia como os filhos da mulher conseguiam, ela não merecia isso.

— Eu vou na cantina pegar alguma coisa para beber — Benjamin informou depositando um beijo nos lábios da namorada. — Querem alguma coisa?

— Não estou com fome — Mikkelsen respondeu dando de ombros.

— Eu queria falar com a Mei — anunciou observando o homem retirar o celular do bolso

PERIGOSAS ACHERON

entregando-a. — Quero saber se Bradie já foi dormir. Está quase na hora dele deitar.

Em silêncio Mikkelsen viu o homem sair e Sayuri discar alguns números no celular.

— Só um momento – pediu dando um pequeno sorriso recebendo uma confirmação, após alguns minutos a ligação foi aceita. — Mei?

— *Say? E aí como a vizinha está?*

— Ela está bem. – Sorriu fitando a mais velha. — Mas o médico informou que ela ficaria algumas horinhas por aqui, então vamos ficar com ela.

— *Tudo bem.* – Ao fundo Sayuri podia ouvir a tevê ligada. — *Ela nos assustou, hein.*

— Sim – confirmou sentando-se a cadeira. — E o Bradie? Está dormindo?

— *Não* – negou. — *Está aqui acordado, disse que só vai dormir depois que vocês chegarem.*

— Mei, está na hora dele deitar-se. – Franziu o cenho. — Amanhã são as provas dele.

A mais velha observava atenta a conversa.

— *Say, o menino tem quinze anos* – lembrou como se ela não soubesse, logo soltou um suspiro. — *Tenho algo para te dizer...*

— Pode falar.

Mordeu os lábios nervosas.

— *Amanhã eu não quero que você vá comigo até o aeroporto* – disse fazendo a amiga ficar calada. — *Eu amo você, mas não quero ter que me despedir de você lá. Entende?*

Concordando com a cabeça, Sayuri se emocionou.

— Eu entendo, eu também amo você. Você é minha melhor amiga.

Fechando os olhos ouviu quando a amiga fungou.

— *Certo, agora eu tenho que ir. Bradie vai me falar da namorada dele.* – Sorrindo Sayuri ouviu quando o loiro resmungou. — *Beijos, até.*

Sem esperar uma resposta Noemie encerrou a ligação. Voltando sua atenção para a vizinha a viu sorrir.

— Bradie é aquele menino loiro que está com vocês? – perguntou curiosa.

— Sim.

— Posso perguntar o que ele é seu?

Sorrindo Sayuri confirmou logo começando a falar sobre o adolescente. Tendo a mulher atenta a

PERIGOSAS ACHERON

tudo o que ela falava.

Segurando uma garrafa de água voltava para o quarto a passos lentos, ao se aproximar do local – onde Sayuri e a mais velha estavam – pôde ver a namorada risonha enquanto estava sentada a cadeira. Parando, observou o lindo sorriso que ela tinha, quando sorria os olhos se fechavam completamente e o rosto se iluminava. Era praticamente impossível não sorrir de volta ou ficar encantado com aquele sorriso. Engolindo em seco sentiu as mãos suarem e uma sensação ruim se alastrar quando imaginou uma vida sem ela ao seu lado.

Fitando a garrafa em mãos pensou se seria muito cedo para um pedido de casamento, talvez fosse e ela não aceitasse. Franzindo o cenho a encarou de volta, agora ela ouvia atentamente o que a Sra. Mikkelsen falava.

Inspirando fundo e soltando a respiração se decidiu por voltar a pensar nisso depois, quem sabe no natal? Sim, ele esperaria até o natal. Ele a amava

PERIGOSAS ACHERON

e sabia que o sentimento era recíproco, ele sentia isso, então... Por que não a pedir em casamento? Mal podia esperar para fazer o pedido, sorrindo adentrou o quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Fechando os olhos imaginou-se sentada a mesa comendo panquecas, tortas de maçã e cerejas. A mãe estaria ao seu lado lhe olhando comer enquanto sorria. Comería tudo sem ficar com receio de engordar, na verdade, não se importaria se engordasse. Ela só queria poder comer alguma coisa, a garganta doía assim como todo o seu corpo, passando a língua nos lábios os sentiu ressecados. Abrindo os olhos e virando-se para o homem ao seu lado o analisou: os cabelos eram negros e sua pele bronzeada, não era muito forte, chutava que a idade dele era uns vinte e quatro anos. Descendo os olhos viu a calça jeans que ele usava toda suja, voltando a atenção para o rosto viu que estava dormindo. Uma ótima tática para enganar a fome, mas isso não mais funcionava com ela.

Lançando um olhar para o chão da sala viu um rato sair de um buraco. Engolindo em seco o olhou atentamente, lambendo o lábio inferior fitou o pequeno animal andar pelos cantos das paredes. Sentando-se mais ereta e lentamente tentou se

PERIGOSAS ACHERON

aproximar do roedor, os olhos não piscavam – tudo para não perde-lo de foco – podia ouvir o coração bombeando freneticamente dentro de si. O rato como se percebesse sua intenção parou farejando o ar, nesse momento Vivieny também parou.

Ela não poderia perder sua comida.

Brick lentamente abria os olhos, focando a mulher ao seu lado a viu se arrastar até próximo a parede. Franzindo o cenho despertou-se completamente quando viu o rato parado e Vivieny aproximando-se dele.

— O que está fazendo? – perguntou assustando-a, conseqüentemente fazendo o animal correr rapidamente para dentro do buraco.

— Não! – gritou jogando o corpo para tentar alcançar o rato. — Não! – proferiu raivosa voltando-se para o homem. — O que você fez?

Assustado, Brick observou as pupilas da jovem dilatadas, podia-se notar que a respiração dela também estava desregular.

— Vivieny...

— Por que fez isso? – gritou descontrolada. — Ele era meu – chorou gesticulando as mãos amarradas atrás das costas. — Meu.

Deitou-se em posição fetal.

Brick apenas a encarava com os olhos arregalados, jamais tinha presenciado tal coisa. Engolindo em seco sentou-se de frente para ela, com pesar a fitou.

— Você precisa ser forte — disse depois de uns minutos em silêncio. — A essa altura o Delegado Kilmer está próximo de pegar Herban — anuiu com a cabeça. — Ele sabe que o Herban é o criminoso — sussurrou levando a mão até o ombro feminino, mas logo se arrependeu, pois, a loira começou a gritar.

Um grito sofrido.

Pasmo afastou-se rapidamente, fitava a mulher se debater e gritar enquanto chorava. Fechando os olhos respirou fundo, abrindo-os novamente viu que Herban observava da porta a mulher gritar. O encarando percebeu o pequeno sorriso que ele tinha nos lábios, encaminhando-se até a loira sorriu abertamente quando parou em frente a ela.

— Por que está dessa forma? — quis saber a olhando com atenção.

Franzindo o cenho Brick o encarou.

— Ela está com fome – respondeu tendo a atenção para si. — Ela vai morrer se continuar assim.

— Eu perguntei a ela – informou sério fazendo o outro engolir em seco. — Está preocupadinho com ela? – perguntou virando o corpo para olhá-lo. — Você quer ficar com ela? – Sorriu esperando uma resposta e quando não teve desferiu um soco no rosto do jovem. — Eu lhe fiz duas perguntas!

Puxando-o pela gola da camisa o esmurrou mais uma vez jogando-o no chão, encarando o sangue escorrer pelo nariz e pelo canto da boca do outro. Fitando os nós dos dedos os limpou na camisa que usava e, antes de sair relanceou para a loira que deitada ao chão tinha os olhos abertos. Após a saída do ruivo, Brick com dificuldade se sentou e ao franzir o nariz sentiu dor. Respirando pela boca voltou a olhar a jovem loira, fechando os olhos decidiu que teria que fazer algo.

Afinal de contas era o pupilo do Delegado, por isso, deveria agir e não esperar que o salvassem. Pensando assim abriu novamente os olhos observando ao redor, não tinha nada que ele

PERIGOSAS ACHERON

pudesse usar. As juntas dos braços reclamavam pela posição que se encontravam, fitando a si notou o cinto que usava. Forçando a mente começou a planejar uma fuga, fitando as dobradiças das portas voltou a fitar rapidamente o cinto que usava. Confirmando com a cabeça notou que era uma ideia arriscada, mas que ele faria.

— Herban! — gritou o chamando. — Eu sei que você ainda está aí!

Remexendo-se Vivieny o olhou minimamente.

— O q-que está faz-zendo? — perguntou olhando-o, logo franzindo o cenho quando viu o rosto com vestígios de sangue do homem.

— Herban! — gritou novamente olhando o homem abrir a porta com força, o encarando sério. — E-Eu preciso ir ao banheiro.

— Outra vez? — Estranhou parado a porta o olhando desconfiado.

— Sim — murmurou de cabeça baixa. — Por favor!

Bufando, foi até o homem o segurando pelo braço, antes de sair Brick piscou fitando a loira que o encarou confusa. Ao sair fitou com atenção o

PERIGOSAS ACHERON

caminho que o esgoto percorria, sendo puxado com ignorância para o lado sentiu quando foi jogado a parede.

— Pode fazer — exclamou observando-o.

Concordando, Brick encarou a calça que usava, as mãos atrás das costas atrapalhava de se locomover.

— Poderia soltar minhas mãos?

Ainda desconfiado o ruivo aproximou-se do homem.

— Se você fizer qualquer gracinha eu mato aquela vadia — avisou soltando as mãos do outro.

— Sabe, você é bem corajoso. — Sorriu observando os movimentos do homem. — Ficou me vigiando, me perseguiu e agora está aqui preso. Mas mesmo depois de tudo isso... — Parou fitando Brick virar lentamente enquanto abotoava a calça e prendia o cinto. — Você continua com esse olhar de superioridade.

Engolindo em seco o moreno o encarou nervoso.

— Não é superioridade — negou ainda nervoso. — É admiração.

— O que? — perguntou com o olhar surpreso.

— Admiração?

Tentando transparecer calma ele confirmou, ganharia a confiança do ruivo e o mais rápido possível sairia dali. Ele e Vivieny.

— Você é muito inteligente – afirmou sem se mover. — O esgoto! – Olhou em volta fazendo o ruivo o imitar. — Quem imaginaria isso? – quis saber fitando o olhar do ruivo sorrir. — Por isso, eu fico admirado. Você foi mais inteligente que qualquer outro.

Sorrindo, Herban o encarou, mas logo ficou sério. Em um rápido movimento o empurrou com força contra a parede e, encostando os narizes proferiu enquanto fixava o olhar no dele.

— Você acha que eu sou idiota? – retrucou com um sorriso de lado. — Eu sei que você mente, o canto da sua boca repuxa em puro nojo quando profere essas palavras – exclamou sem piscar. — Como disse antes, você é corajoso.

Empurrando-o novamente contra a parede, amarrou as mãos do outro em frente ao corpo. Agarrando-o pelo braço o levou de volta a sala. Enquanto andava, Brick observava atento o caminho e abrindo mais os olhos viu algo no chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fingindo um tropeço caiu deixando Herban surpreso.

— Caindo? — Riu o puxando para cima. — Não se preocupe, em breve tudo acaba.

Sorriu abrindo a porta o levando até a parede, onde o empurrou.

Do lado de fora, Herban voltou a se sentar no chão pegando um caderno pequeno onde tinha todos os seus planos. Dentro da sala Brick suspirou em alívio. Abrindo a mão que estava fechada fitou o prego que tinha encontrado no meio do caminho.

Sorrindo fitou Vivieny que se mantinha deitada com os olhos fechados.

Encostada a mesa Sayuri esperava que todos os seus alunos se sentassem. As provas já corrigidas estavam em cima da mesa, como sabia os alunos se saíram bem e todos conseguiram passar.

Suspirando sentiu quando os olhos se encheram de lágrimas e dando um pequeno sorriso fitou cada aluno.

PERIGOSAS ACHERON

— Parabéns a todos por se empenharem e conseguirem boas notas — começou recebendo sorrisos. — Eu me senti lisonjeada por ter sido a professora de vocês. — Sorriu enxugando rapidamente algumas lágrimas que caíram teimosas. — Eu tenho uma notícia não tão boa para dizer. — Respirando fundo se desencostou da mesa. — Eu não vou mais trabalhar aqui. — Soltou deixando a todos surpresos. — Esse foi meu último dia, assim como o de vocês.

— Mas por que, Srta. Hodgens? — um menino questionou confuso. — Foi por culpa nossa?

— Não — negou aproximando-se dele. — Não foi por culpa de nenhum de vocês, só não deu certo.

— Que pena, Srta. Hodgens — Hailee falou ficando triste. — Esperava que a senhorita fosse nossa professora no próximo ano.

— Eu também — disse e sorriu triste —, mas sou grata por ter conhecido e ter a oportunidade de ser a professora de vocês. Ótimos alunos, os melhores — engolindo em seco fitou os alunos que a olhavam tristonhos. — Agora eu vou chamando de um em um para entregar as provas.

Com a expressão de tristeza Hailee observava

PERIGOSAS ACHERON

a adulta chamar cada um por ordem de prova. Crispando os lábios fitou rapidamente Bradley que tinha o olhar fixado na banca, nada na feição dele demonstrava surpresa. Parecia que ele já sabia que isso iria acontecer. Suspirando ouviu quando seu nome foi chamado, levantando-se foi até a mulher que lhe sorria. Voltando com a prova em mãos encarou Bradley que a olhava com um sorriso tímido, na hora lembrou-se que no fim de semana sairia com ele. Seu primeiro encontro, ainda não tinha dito para a mãe sobre isso. Suspeitava que ela não deixaria, sentando-se ao lado dele pensou no que faria.

Talvez pedisse ajuda a melhor amiga, Cheryl. A amiga tinha sua idade, mas era tão diferente de si. Porém apesar de tudo era uma boa amiga, ligaria para ela hoje e pediria ajuda com isso. Voltando a atenção para Bradley viu os olhos azuis lhe encararem sem piscar, deixando um sorriso escapar percebeu o sorriso envergonhado dele.

— Tudo certo para amanhã? — Bradley perguntou chamando sua atenção.

— S-Sim — gaguejou, mas logo pigarreando.
— Sim, tudo certo também?

— Sim. — Sorriu envergonhado. — Pensei em irmos assistir alguma coisa, tem uns filmes em cartazes.

— Tudo bem.

— Você quer que eu passe na sua casa? — perguntou a olhando. — Talvez, falar com o seu pai.

— Não — negou rapidamente fazendo-o franzir o cenho. — Acho melhor nos encontrarmos lá no cinema.

Sem contestar o loiro confirmou voltando a fitar a professora.

Enxugando os pratos encarou a mulher cantarolar *Endless love* enquanto preparava o jantar. Não havia dito o acontecido de ontem, mas estava curioso para saber o motivo do homem — que se diz pai de Benjamin — ter aparecido e ter insinuado coisas entre ele e Jillian.

Desde que chegara ali, Jilly não comentara nada sobre um possível casamento entre ela e uma outra pessoa, pegando dois pratos colocou-os em

PERIGOSAS ACHERON

cima da mesa. Voltando para o que fazia pigarreou chamando a atenção da mais velha.

— Você quer me perguntar alguma coisa? — perguntou lhe lançando um rápido olhar. — Você parece que quer falar algo, mas não o faz.

Coçando atrás da orelha deu um pequeno sorriso a encarando.

— Só estou curioso com algumas coisas.

Deu de ombros levando dois copos e os talheres a mesa.

— Você curioso? — Sorriu parando o que fazia. — Agora quem está curiosa sou eu. — Riu segurando um pano de prato. — Me pergunte.

Crispando os lábios e ficando alguns minutos em silêncio, o loiro voltou a observá-la.

— A senhora já foi casada?

Surpresa Jillian desviou o olhar, mas logo voltou a fita-lo.

— Não cheguei a ser casada no papel com o pai do Benjamin — falou voltando a preparar a janta —, mas por que a curiosidade com isso?

— Por nada — mentiu dando de ombros. — O que aconteceu entre vocês?

Parando pegou o purê de batatas e pãezinhos,
PERIGOSAS ACHERON

os levando para a mesa.

— Ele foi embora quando descobriu que eu estava esperando Benjamin – proferiu fazendo o loiro arregalar os olhos, mas logo ficando sério. — Eu nunca mais soube dele e, prefiro assim.

Sentindo a respiração descompassada imaginou a mulher mais nova grávida e sozinha.

Sabia como o mundo era preconceituoso e não queria imaginar o que ela sofrera para conseguir o que tinha hoje, olhando-a sentiu-se aquecer por dentro. Jillian era uma guerreira e, não precisava estar aqui antes para saber disso.

— Então sozinha criou um filho – murmurou fazendo-a parar o que fazia. — E o criou muito bem. – Franziu o cenho com um pequeno sorriso. — Benjamin é uma boa pessoa, a senhora deve sentir muito orgulho dele.

Fitando a mesa pensou na mãe já morta, perguntava-se se ela ainda fosse viva ele seria um orgulho para ela também. Mas assim que esse pensamento veio ele se foi, talvez a resposta seria não. Não tinha motivos para ser orgulho de ninguém.

Concordando a mais velha sorriu e como se

PERIGOSAS ACHERON

um filme passasse em sua mente, recordou-se de tudo o que havia passado para criar o filho. Olhando Liam o viu com a cabeça baixa enquanto fingia arrumar os pratos, dando um pequeno sorriso se aproximou do adolescente.

— Meu Benjamin é meu orgulho. — Sorriu chamando a atenção do loiro. — Mas ele me deu um pouco de trabalho também — afirmou lembrando-se do emprego que o filho tinha. — Você também é meu orgulho, filho.

— E-Eu? — repetiu surpreso sentindo-se emocionado. — Eu não faço nada, nem estudo.

— Você fez sim. — Sorriu lhe segurando a mão. — Seu irmão me contou que você se colocava na frente dele para que ele não apanhasse injustamente.

— Ele é meu irmão.

— Sim — anuiu fazendo um leve carinho no rosto do loiro. — Você tem um coração tão grande, Liam — murmurou emocionada. — Abriu mão dos estudos para que pudesse trabalhar e levar comida para o Bradley.

— Eu faço qualquer coisa por meu irmão.

— E por isso eu sinto orgulho de você. —

Sorriu recebendo um rápido sorriso. — No próximo ano você voltará a estudar e depois vamos pensar em uma boa Universidade, já sabe qual curso?

— Não — negou ajudando a levar os alimentos para a mesa —, mas até lá eu acho que consigo pensar em algo.

— Temos tempo — retrucou olhando rapidamente o relógio. — Melvin não vem?

— Não, hoje ele foi jantar fora com os pais.

— Fico tão feliz por vocês.

Balançou a cabeça.

— Eu também. — Sorriu sentando-se a mesa. — Esse final de semana vou sair com ele, estamos completando um mês de namoro.

— Mesmo? Um mês, achei que estavam juntos antes disso — expôs servindo-o.

Envergonhado coçou atrás da orelha.

— Antes não éramos namorados — afirmou tendo a atenção para si. — A gente só ficava.

— Só ficava? Que moderno.

Sorrindo o loiro confirmou, voltando a olhá-la viu o lindo sorriso que ela lhe endereçava. Agradecendo-a pela comida, esperou que ela se servisse para logo começarem a comer.

Parada na cozinha Sayuri fitava a sopa que havia preparado. Prendendo o cabelo em um coque foi até a pia lavar as mãos, dali poderia ouvir o riso de Bradley. Voltando a atenção para o fogão pegou a panela com o alimento, andando até a sala avistou Benjamin vestindo apenas um short enquanto conversava animadamente com o loiro.

— Bradie – o chamou logo tendo a atenção para si. — Poderia abrir a porta?

— Para onde vai? – Benjamin questionou ficando de pé.

— Vou levar essa sopa para a Sra. Mikkelsen. – Sorriu agradecendo para o adolescente. — Volto logo.

Saindo do apartamento se encaminhou para o lado, onde apertou a campainha como podia. Com expectativa fitou a porta sendo aberta, sorrindo encarou a mais velha que a olhou confusa, mas com um pequeno sorriso.

— Boa noite, Sra. Mikkelsen – saudou levantando a panela. — Trouxe para a senhora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para mim? – questionou, mas logo dando espaço para a jovem passar. — Não precisava.

— Tudo bem. – Sorriu se encaminhando para a cozinha colocando a panela em cima do fogão. — Eu fiz essa sopa com algumas verduras, minha avó me ensinou.

Emocionada, a mais velha se aproximou, usava um vestido verde clarinho. Os cabelos estavam presos. Destampando a panela sentiu o maravilhoso aroma do alimento.

— Obrigada – agradeceu dando um pequeno sorriso. — O cheiro está convidativo.

— Espero que a senhora goste – falou cruzando os braços. — A senhora já comeu? Tomou os remédios certinho?

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas a mais velha sentou-se na cadeira. Deixando algumas lágrimas escaparem. Como queria que os filhos fossem preocupados consigo como aquela menina.

— Não chora – pediu sentando-se próximo a idosa. — Não queria que chorasse.

— Eu só queria que meus filhos fossem como você – chorou sentindo as mãos delicadas lhe enxugar o rosto. — Você é uma menina boa.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sinto muito – proferiu segurando a mão enrugada —, mas eu sei que os seus filhos vão perceber o que estão fazendo. Eles vão colocar a mão na consciência.

— Sua amiga já foi?

Mudou de assunto, não queria mais falar sobre os filhos.

Aquilo lhe doía.

— Sim – aceitou que a mulher mudasse de assunto. — Ela me mandou algumas mensagens e umas fotos do apartamento em que ela está.

— No início eu pensei que vocês duas estavam juntas – disse fazendo-a rir. — Me desculpe por ter sido grossa antes, eu não tinha o direito.

— Tudo bem. – Deu de ombros sorrindo. — O que pretende fazer esse final de semana?

Suspirando a mulher encarou a cozinha.

— Vou passar uns dias em uma casa de repouso – avisou deixando Sayuri surpresa. — De vez em quando vou para lá.

— Uma casa de repouso?

— Sim. – Sorriu notando o cenho franzido para si. — Não se preocupe, lá é um bom lugar. Por
PERIGOSAS ACHERON

que?

— Iria convidá-la para passar o final de semana todo com a gente — apontou para o apartamento. — A senhora iria amar.

— Fica para uma próxima.

Confirmando Sayuri apoiou uma mão na bochecha observando a mais velha.

— O que foi?

— A senhora parece a Muriel — disse sorrindo fazendo a idosa franzir o cenho, mas logo sorrir. — Aquela senhorinha do desenho que passava na tevê.

— É a primeira que me fala isso.

Rindo Sayuri encarou alguns pratos dentro da pia, levantando-se foi até eles.

— Hey! Nada disso — Levantou-se com dificuldade indo até Sayuri. — Não vai fazer isso.

— Mas estamos conversando — retrucou observando a confusão nos olhos claros. — Não consigo ficar parada sem fazer nada, então enquanto conversamos eu lavo esses pratos.

— Não precisa se incomodar com isso — esclareceu ainda a olhando. — Vamos saia daí.

— A senhora sabia que fui demitida? —
PERIGOSAS ACHERON

perguntou apoiando-se na pia. — Não tenho mais emprego, nem sei como vou manter o apartamento.

— Achei que morasse com Benjamin.

Mordendo os lábios, Sayuri encarou a parede que ligava ao apartamento de Benjamin. Era verdade que dormia todo dia com Benjamin, mas não morava com ele.

— Não – negou virando-se pegando sabão e bucha. — Eu só durmo com ele – falou começando a lavar os pratos. — Quer dizer, somos namorados. – Sorriu virando-se rapidamente para a mais velha. — Mas eu pago as minhas contas. Ainda tenho um pouco de dinheiro na minha conta. Ainda tenho minha apresentação na Universidade, são tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

— Aposto que dará conta – disse, mas logo percebeu que a outra lavava as louças. — Não acredito que me desobedeceu!

— Já estou até terminando.

Sorriu focada no que fazia.

Sem responder a mais velha sorriu fitando-a.

Sentado no sofá Bradley fitava a porta ao qual Sayuri tinha saído. Benjamin se aproximando com uma cerveja e uma lata de refrigerante lhe tirou dos devaneios, sorrindo agradeceu pela bebida.

— Você sabe dirigir? — perguntou o encarando.

— Não — o loiro negou tomando um gole do gelado. — Por que?

— Você poderia levar a sua garota no meu carro. — Sorriu levantando uma sobrancelha.

Envergonhado Bradley fitou a latinha.

— Ela não é minha garota.

— Não? — Franziu o cenho, mas logo sorrindo. — Mas bem que você queria.

— Acho que ela não iria querer — respondeu deixando Benjamin confuso e surpreso. — Ela não quer que eu conheça o pai dela — expôs lembrando-se da expressão dela quando ele se referiu ao pai dela.

— Olha, eu também não iria querer conhecer um adolescente que quer sair com minha filha.

Surpreso Bradley o fitou, mas logo desviou o olhar.

— Não é nada pessoal – proferiu rapidamente colocando a cerveja em cima da mesinha de centro —, mas eu ficaria bem estressado de conhecer um possível futuro genro.

— Como foi conhecer o pai da Srta. Hodgens?

Sorrindo abertamente lembrou-se do dia em que conheceu o sogro.

— Foi um pouco tenso, mas estava confiante de que tudo daria certo no final. Ele é bem protetor e, eu sei que não é nada contra mim. É só instinto protetor de pai, quando você tiver uma filha vai entender.

Encarando os desenhos da latinha se imaginou sendo pai, sorrindo imaginou a pequena parecida com Hailee. No mesmo instante balançou a cabeça bebendo um gole da bebida.

— Então não fique pensando besteiras. — Voltou a falar. — O pai dela pode ser aqueles bem durões e, ela só esteja evitando um possível conflito. Isso me fez lembrar Romeu e Julieta.

— Então você gosta da peça? – quis saber com um sorriso de lado.

— Peça? – sorriu o encarando. — Eu pensei

PERIGOSAS ACHERON

no filme, mas você prefere a peça pelo que vejo — exclamou empurrando o ombro do outro. — Relaxa Bradley, seja você mesmo nesse encontro. Seja cavalheiro, bem príncipe. As meninas gostam.

Concordando encarou o homem de perfil, Benjamin era realmente uma boa pessoa. Abriu as portas para ele e o irmão e, está empenhando em ajudar no que precisar.

— Obrigado — agradeceu chamando a atenção para si. — Muito obrigado.

— Não precisa agradecer. — Sorriu o fitando. — É o filho de quinze anos da minha garota, Sayuri te ama.

Balançando a cabeça envergonhado encarou a tevê.

— É estranho — murmurou distraído. — Ela tem idade para ser minha irmã.

— Mas ela é sua mãe — retrucou divertido. — Não precisa me chamar de pai, sou muito novo para ter um filho quase da minha altura.

Rindo Bradley o encarou, mas logo fitou a porta sendo aberta e Sayuri adentrando com um pequeno sorriso.

— O que estão fofocando? — questionou
PERIGOSAS ACHERON

aproximando-se. — Pararam de falar assim que entrei.

— Estávamos falando de você – Benjamin avisou a puxando para perto.

— Não acredito! – exclamou lançando um olhar para Bradley que sorriu. — Bradie não se deixe influenciar por esse fofoqueiro. – Virando-se para o namorado fitou os lábios carnudos. — Ficando fofoqueiro como o meu pai e meu *Nii-san*, não leve meu bebê para esse caminho – brincou recebendo um beijo nos lábios, voltando a encarar o loiro o viu com as bochechas vermelhas.

— Agora você está envergonhando o seu bebê.

— Eu vou dormir – avisou pegando a bebida, ouvindo Benjamin rir virou-se encarando Sayuri. — Eu gostaria de falar com a senhorita.

— Acho tão fofo quando me chama assim. – Sorriu sentindo o braço de Benjamin lhe rodear a cintura. — Eu vou já.

Anuindo Bradley encarou o homem.

— Boa noite.

— Boa – respondeu observando-o ir para o quarto, quando o perdeu de vistas puxou Sayuri
PERIGOSAS ACHERON

para o colo. — Você demorou.

— Eu fiquei conversando com a Sra. Mikkelsen – falou alisando a barba do homem. — É triste, Benjamin. — Franziu o cenho inconformada. — Como os filhos dela podem ser tão desse jeito?

— Eu não sei – disse sincero passando o polegar no lábio rosado feminino —, mas tenho vontade de ir atrás deles.

— Eu também – exclamou séria. — Ficar cara a cara com eles e perguntar qual o problema deles. Porque, poxa! Isso é errado.

Confirmando a abraçou mais, juntando mais os corpos.

— Sabe, *chuchu* – disse fazendo-a sorrir. — Eu nunca a vi xingar um palavrão.

— Não gosto de palavrões.

— Não? – Franziu o cenho recebendo uma confirmação. — Mas um palavrão é só uma forma de expressão.

— Forma de expressão?

Riu sentindo-o se remexer sob si.

— Sim – anuiu com um sorriso de lado. — Quando seu mindinho bate em algum lugar o que
PERIGOSAS ACHERON

você fala?

— Droga! O que isso está fazendo aqui?

— Mentira! — Riu observando-a rir. — Ninguém fala assim, no mínimo um *o que essa porra está fazendo aqui?*

— Você que fala assim — apontou sorrindo —, mas sério nunca fui de falar palavrões.

— Mas falar palavrões é um ato natural — anuiu com um sorriso de lado. — Vou exemplificar — disse recebendo um aceno. — Na hora do sexo. — Sorriu fitando a sobancelha arqueada da namorada. — É normal soltar de vez em quando um *vou foder você inteirinha*.

Escondendo o rosto no pescoço de Benjamin, Sayuri riu.

— Desculpa — pediu respirando fundo encarando o olhar sério dele. — Não é algo que me excite.

Sorrindo de forma safada Benjamin enfiou os dedos nos cabelos presos da mulher e com um puxão a trouxe para mais perto. Olhando-a nos olhos proferiu de forma séria e rouca.

— Quando o meu pau estiver enfiando nessa bocetinha gostosa e apertada eu garanto que você
PERIGOSAS ACHERON

não vai rir.

Arfando encarou o olhar sério que ele lhe mandava.

— T-Tudo bem – gaguejou passando a língua nos lábios. — Acho que fiquei sim excitada agora.

Sorrindo, a beijou ainda segurando-a pelos cabelos. Com a outra mão adentrou a blusa que ela usava, apertando o seio por de baixo do sutiã. Gemendo contra os lábios do namorado, lembrou-se que o loiro a esperava.

— Vou falar com o Bradie – avisou o beijando mais uma vez. — Me espera na cama?

— Meu pau já está contando os minutos.

Sorriu olhando o grande sorriso que recebia.

Negando com a cabeça saiu de cima de Benjamin, logo se encaminhando para o quarto do loiro. Ao se aproximar bateu a porta recebendo em seguida a permissão para entrar, sorrindo fechou a porta.

— Desculpe demorar.

— Tudo bem. – Sorriu sentado na cama. — Eu acabei de escovar os dentes.

— Certo. – Aproximou-se sentando-se próximo a ele. — O que queria falar?

Franzindo o cenho envergonhado encarou as mãos, mas logo fitou os olhos puxados da mulher a sua frente.

— Eu... — Parou a observando. — Eu queria me desculpar.

— Por que? — estranhou o olhando.

— No início eu fui bem mal-educado com a senhorita — afirmou ainda envergonhado. — Eu não esperava que se importasse realmente comigo, que só estava tentando ser algo que não era..., mas eu estava errado.

— Tudo bem. — Sorriu acariciando o rosto do loiro. — Eu compreendo, mas que bom que percebeu que eu realmente me importo com você.

— Depois da audiência... — começou incerto. — Tudo bem eu ficar aqui? Por que a senhorita e o Benjamin são um casal e, eu vou entender caso queiram que eu vá ficar com meu irmão.

— Não — negou triste. — É claro que você pode ir ficar com o seu irmão se você quiser — disse cabisbaixa —, mas você é bem-vindo aqui. Eu gosto de ter você por aqui e o Benjamin também.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer — afirmou o
PERIGOSAS ACHERON

beijando na testa. — Agora vá dormir, amanhã você tem um encontro para ir. Ansioso?

— Sim – confirmou sorrindo. — Boa noite.

— Boa noite. – Acenou saindo do quarto, ainda sorrindo se encaminhou para o quarto. Ao abrir a porta avistou Benjamin parado a janela usando uma cueca branca, virando-se ele a encarou e com um sorriso safado expôs o membro ereto para Sayuri. — Parou para pensar que onde você está alguém pode estar te olhando?

Segurando o membro enquanto o acariciava afastou-se da janela, parando em frente a namorada.

— Só uma pessoa pode me ver desse jeito – disse ainda se acariciando. — E ela está a minha frente vestida demais.

Sorrindo o segurou delicadamente, começando a acarinhar aquela anatomia. Levantando a vista o notou morder os lábios enquanto jogava a cabeça para trás em puro deleite. Sem falar mais nada, Benjamin enfiou a mão por dentro da calcinha que ela usava e lentamente começou uma carícia. Com a outra mão a segurou pela nuca e a puxou para um beijo, ainda a beijando começou a caminhar para trás até chegar na cama

PERIGOSAS ACHERON

onde virou Sayuri a colocando deitada.

— Vamos começar da forma correta. — Sorriu puxando o short e a calcinha que ela usava. — Gostosa! — proferiu arreganhando as pernas brancas. — Mantenha-se dessa forma — exigiu enquanto esfregava dois dedos pela intimidade rosada.

Mordendo os lábios Sayuri fitou Benjamin colocar a língua para fora e ainda a encarando lhe lambe sem perder o contato visual. Sorrindo nervosa o viu repetir o gesto, com a respiração descompassada jogou a cabeça para trás para logo voltar a assistir os lábios masculinos abocanhar o clitóris. Com a perna trêmula, sentiu dois dedos lhe penetrarem e se moverem lentamente para logo em seguida aumentarem o ritmo. De olhos fechados sentia a língua lhe lambe com agilidade e maestria, sentindo uma forte pressão se concentrar em seu ventre levou uma das mãos ao seio e a outra para a cabeça de Benjamin.

Esfregando-se na língua do homem e apertando o seio, fechou os olhos com força quando sentiu o orgasmo vir.

Com o corpo anestesiado ainda sentiu
PERIGOSAS ACHERON

Benjamin lhe subir o corpo depositando leves beijos pelo caminho. Ajudando-a a tirar a blusa que usava, rapidamente abocanhou um seio o chupando e mordiscando.

— *Ben...* — gemeu mordendo os lábios, enfiando uma mão entre os corpos segurou o membro ereto com a ponta melada o levando para dentro de si. Acariciando o clitóris sensível, sentiu quando Benjamin impulsionou o quadril para mais perto dela a penetrando mais. — *Ah...!*

— *Gostosa!* — disse rente ao ouvido dela. — *Sente como o meu pau está te comendo gostoso?* — inquiriu com um sorriso safado.

— *Q-Que tal você falar menos e fazer mais?* — sussurrou devolvendo em um tom safado.

Em um movimento rápido Benjamin colocou as pernas femininas em seus ombros, deixando-a mais exposta. Aproximando mais os corpos a segurou pela cintura — para evitar que ela saísse de onde estava — e dando um pequeno sorriso começou a penetrá-la de maneira forte.

— *Vou te mostrar que eu posso falar e fazer com maestria!* — afirmou sério fazendo-a sorrir em puro nervosismo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxando-o para si o beijou sentindo os movimentos se intensificarem a cada minuto. O abraçando enfiou as unhas nos ombros tatuados, podia sentir o suor do corpo se misturar com o dele. Mordendo os lábios inspirou o cheiro que Benjamin tinha e isso a fez ficar mais excitada, separando-se um pouco dele o mordeu no queixo.

— *Gostoso!*

— *Eu sei* – respondeu sorrindo sem parar com os movimentos. — *Eu te amo!*

Acariciando a barba masculina, Sayuri sorriu.

— *Eu também te amo!*

O beijando o abraçou quando o mesmo mudou de posição, a colocando agora sentada. Com um apertão no traseiro ele a encarou.

— *Agora você vai montar em mim.* – Levantou uma sobrancelha. — *Será que você aguenta?*

Colocando as mãos atrás da cabeça ele a esperou se movimentar.

— *A pergunta certa seria* – sussurrou rebolando lentamente. — *Será que você aguenta?*

— *Atrevida!* – proferiu apertando o traseiro branco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sayuri apostaria que na manhã seguinte estaria toda roxa, mas não se importava com isso. Não quando tinha aquele grande homem sob si, deixando-a no controle e a olhando daquela forma tão devassa. Dando mais um sorriso safado começou a se mover lentamente, mas logo aumentando a velocidade das subidas e descidas. E dessa forma passaram a noite e a madrugada se amando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Espreguiçando-se na cama sentiu um leve incomodo entre as pernas, virando-se minimamente fitou Benjamin dormindo todo esparramado ao lado. Descendo os olhos pelo corpo musculoso fitou o membro ereto apoiado na coxa. Lambendo os lábios lembrou-se das maravilhas que ele lhe proporcionava. Esticando o braço até o criado mudo pegou o celular observando as horas, nas notificações tinham várias mensagens da amiga e do irmão.

Clicando na mensagem do irmão sorriu começando a ler o conteúdo.

*Saudades da One-chan mais linda do mundo!
Minha preferida!*

Balançando a cabeça enquanto sorria respondeu que também estava sentindo saudades. Indo até a mensagem da amiga fitou a foto que tinha como anexo, clicando na imagem viu a paisagem linda de Boston pela janela do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirando respondeu que ela tivesse um bom dia e que sentia saudades, colocando o celular novamente no criado mudo saiu da cama completamente nua.

Após fazer a higiene pessoal e tomar um bom banho relaxante voltou para o quarto, encaminhando-se até a gaveta pegando uma calcinha e um sutiã. Vestindo-se ficou de lado no espelho, mordendo os lábios para esconder o sorriso nervoso observou o traseiro com algumas manchas roxas. Inclinando mais o traseiro viu a marca perfeita da mão de Benjamin, passando a mão no local gemeu.

— Me desculpa. — Ouviu a voz rouca proferir, virando-se para Benjamin o viu com um olhar preguiçoso para si. — Não queria ter te machucado.

Sorrindo andou até a cama onde subiu e se sentou no quadril masculino. Na hora sentiu a ereção se mover por baixo de si, inclinando-se o beijou no pescoço para logo subir os beijos para as bochechas do homem.

— Acordou. — Sorriu se remexendo. — Você foi bem malvado comigo ontem.

PERIGOSAS ACHERON

Ajeitando os travesseiros Benjamin a encarou com um pequeno sorriso.

— Me desculpe – pediu novamente olhando o pequeno sorriso que lhe era endereçado. — Você está muito linda – elogiou acariciando o rosto macio. — Mais linda que os outros dias.

— Obrigada – o beijou logo saindo de cima dele. — Você também está bem bonito.

Voltando para o guarda roupa pegou uma camisa de basquete masculina, virando-se para Benjamin com a camisa em frente ao corpo sorriu começando a se vestir. Após isso foi até o short o colocando.

— Vou preparar o café da manhã e depois vou no meu apartamento – anunciou prendendo o cabelo. — Desde aquele dia que eu não entro no meu quarto. – Parou cruzando os braços. — Também estou um pouco receosa por ficar ali sozinha, na verdade, acho que vou procurar um outro lugar – verbalizou fazendo Benjamin se sentar na cama com o cenho franzido.

— Como assim procurar um outro lugar? – questionou ficando em pé. — Você está comigo, venha morar de vez comigo.

— Morar com você?

— Você já mora. — Sorriu a puxando para mais perto. — Eu vou tomar banho e então vamos arrumar suas coisas e trazê-las para cá.

— Ben... — murmurou o olhando. — Tem certeza? Eu estou desempregada, quer dizer, ainda tenho um pouco de dinheiro. — Sorriu anuindo com a cabeça. — Vou poder te ajudar com as despesas.

— O que? — quis saber um pouco ofendido. — Não estou chamando você para pagar nada, estou chamando minha garota para morar comigo.

— Eu sei — concordou fitando os olhos castanhos escuros e a barba preenchida do namorado —, mas eu estou dizendo que vou te ajudar com as despesas.

— Não quero isso — respondeu separando-se indo para o banheiro. — Eu pago o que você precisar.

Olhando-o adentrar o banheiro, Sayuri virou-se em direção a saída do quarto. Poderia ser bobeira, mas não queria que ele lhe pagasse nada. Afinal, ela era adulta e não queria se transformar em uma pessoa tão dependente financeiramente de outra. Assim que resolvesse a questão da

PERIGOSAS ACHERON

apresentação colocaria currículo nos colégios próximos dali, colocando uma mecha atrás da orelha e mordendo os lábios se encaminhou para a cozinha. Ao chegar no recinto viu Bradley preparando o café, assim que foi percebida no local o loiro a olhou um pouco envergonhado.

— Bom dia – saudou recebendo um aceno do adolescente. — Dormiu bem?

Fitando-a rapidamente o loiro pensou em uma resposta para a mulher. Se dissesse sim estaria mentindo, mas falando a verdade. Até um certo ponto da noite conseguiu dormir, porém depois podia-se ouvir claramente o que a mulher a sua frente fazia com o namorado. Aquilo era embaraçoso, talvez ele devesse mesmo ir ficar com o irmão até que tudo entre eles se resolvessem. Não poderia ficar ali com o casal para sempre, foi besteira pensar assim. Os dois tinha uma vida casados.

— Mais ou menos. – Deu de ombros colocando um pouco de café em uma xícara. — E a senhorita? – perguntou por educação.

— Sim. – Sorriu se dirigindo até uma xícara. — Então... – chamou a atenção do loiro. — É hoje, PERIGOSAS ACHERON

a que horas vai?

— Depois do almoço – falou sem a olhar não deveria ter vergonha do que ouviu, mas estava envergonhado.

E isso Sayuri notou, mas não sabia o motivo.

— Bradley – proferiu fazendo-a a olhar. — Está tudo bem? – questionou observando-o suspirar bebendo um pouco do café. — Sabe que pode me falar qualquer coisa.

Anuindo voltou a encará-la.

— O meu quarto é em frente ao de vocês – disse olhando os olhos confusos femininos, mas logo a compreensão se fez presente deixando Sayuri envergonhada. — Eu coloquei meus fones – avisou olhando-a colocar a mão no rosto. — Tudo bem, vocês são adultos, é normal. Acho melhor eu ficar com o meu irmão, eu já estou de férias mesmo.

— Não precisa ir por causa disso – disse com os olhos tristes. — Gostamos de ter você aqui.

— Eu sei – disse e sorriu rapidamente —, mas é que eu sinto saudades do meu irmão. Eu posso passar os fins de semanas com vocês se for tudo bem.

Sentindo os olhos arderem Sayuri confirmou.

— Só não quero que você vá por causa disso — expôs entre tímida e triste.

— Não — negou olhando a xícara, mas logo a olhando. — Meu irmão não fala, mas ele sente ciúme por eu estar sempre aqui. — Riu sentando-se na cadeira do balcão. — E desculpa, mas tem assuntos que eu só posso falar com ele.

Dando um pequeno sorriso confirmou.

— Vou preparar nosso café da manhã.

— Quer ajuda?

— Claro.

Sorriu indo até a geladeira pegar alguns ingredientes.

Entre conversas e sorrisos os dois finalizaram a preparação do café da manhã. Pronta para ir até o quarto chamar Benjamin para comer, o mesmo apareceu na cozinha usando uma bermuda cinza e blusa branca. Mas o que deixou os outros dois surpresos foi o formato que a barba de Benjamin estava, parecia a mesma barba do lutador *Hulk Hogan*. A barba que antes era toda preenchida, agora estava em formato de uma ferradura.

— O que aconteceu com a sua barba? —

Sayuri foi a primeira a questionar aproximando-se do homem.

— Resolvi mudar um pouco. — Sorriu a abraçando. — O que achou?

— Olha — murmurou passando a mão no rosto dele. — Você está com fome? — mudou o assunto fazendo-o rir.

— Está tão ruim assim? — quis saber a beijando rapidamente. — Eu me olhei no espelho e confesso que fiquei apaixonado pelo que vi — falou sério. — Um negro gostoso tatuado com vários atributos e esse bigode estilo ferradura? — Apontou para si olhando a sobrancelha arqueada da namorada. — Você tem sorte por estar comigo.

— É mesmo? — perguntou cruzando os braços.

— Não. — Riu acariciando o rosto macio. — Eu tenho sorte por ter você na minha vida.

Sorrindo Sayuri o abraçou pelo pescoço o beijando, mas logo separando-se.

— Fiz panquecas — anunciou recebendo um grande sorriso.

— Eu amo suas panquecas — falou virando-se para a mesa, logo fitando Bradley. — O que achou
PERIGOSAS ACHERON

do meu visual novo?

— Está legal.

Deu de ombros.

— Quando você tiver barba pode tentar ele — afirmou sentando-se a mesa.

— Não — negou sentado. — Obrigado.

Sorrindo Benjamin abraçou Sayuri que estava em pé ao seu lado e, ainda sorrindo esperou a mulher se sentar logo começando a comer.

Enquanto arrumava uma pequena mochila com a roupa que usaria no encontro, Hailee cantarolava *New Rules*. Não era fã da cantora, mas de tanto ouvir a amiga cantando a música ficara em sua cabeça feito chiclete. Uma batida se sobressaiu a música, assustada foi até a porta a abrindo dando de cara com a mãe.

— O motorista da Cheryl está aí em baixo — avisou a observando com atenção. — Você cuidado nessa amizade, aquela menina é uma péssima influência para você.

— Ela é legal, mãe — respondeu fechando a

PERIGOSAS ACHERON

mochila a colocando nas costas.

— Se você quiser voltar é só mandar uma mensagem. — Sorriu alisando os cabelos loiros da filha. — Não importa o horário.

— Mãe, eu tenho quatorze anos — a lembrou enquanto sorria observando a mulher loira a sua frente. — Eu sei me cuidar.

— Claro — anuiu se encaminhando para fora com a filha. — Seu pai saiu, foi para um café da manhã com algumas pessoas importantes.

— Sei — murmurou crispando os lábios.

— Prometa me ligar quando chegar lá — pediu abrindo a porta do carro esperando que a filha adentrasse o veículo.

— Eu vou, mãe. — A beijou no rosto. — Eu amo a senhora.

— Eu também princesa — acenou observando a filha ir embora.

Acomodando-se no assento, Hailee se sentiu mal por não ser totalmente sincera com a mãe, mas ela sabia qual seria a resposta. E não queria ter que desmarcar aquele encontro, era o primeiro que tinha e mais que isso era com Bradley. Sorrindo abraçou a mochila que levava no colo, olhando pela

PERIGOSAS ACHERON

janela imaginou como seria esse encontro. O que conversaria com ele? Franzindo o cenho sentiu o famoso frio na barriga, fitando a frente viu o motorista concentrado no caminho. Inspirando e soltando a respiração buscou calma dentro de si, não ficaria pensando demais. Tudo iria dar certo.

Pegando o celular acessou o perfil social que tinha, de modo desinteressado passou o dedo na tela. Várias fotos de alguns conhecidos, a maioria ela nem falava muito. Saindo do aplicativo foi até a galeria e lá clicou em uma foto que Bradley havia lhe mandado, sorrindo fitou os olhos azuis que ele tinha. O meio sorriso que podia-se ver na foto o deixava lindo, mas quando ele sorria abertamente ficava mais.

Guardando o celular fitou a fachada da casa da amiga, olhando pela janela viu quando o motorista adentrou a propriedade. Os pais da amiga – assim como o próprio pai – tinham dinheiro, porém os pais da Cheryl eram mais ricos. A conheceu quando antes estudava em um colégio particular, mas como o pai tinha a intenção de se candidatar na política a colocou em um colégio público, para demonstrar simplicidade. Como se o

PERIGOSAS ACHERON

pai fosse do povo, mas não era.

Mas não seria ela a desmascarar o mais velho, esperava que ele se candidatasse para que assim pudesse ajudar outras pessoas e não por interesse próprio. Descendo do carro avistou a amiga vestida com um short cintura alta e um cropped, sorrindo fechou a porta agradecendo ao motorista por ter ido buscá-la.

Ainda sorrindo aproximou-se da amiga.

— Até que fim chegou – proferiu dando as costas subindo as escadas.

Fechando a porta da frente correu seguindo a amiga, ao entrar no quarto que pertencia a morena franziu o nariz olhando várias roupas pelo chão.

— Aqui passou um tornado? – perguntou colocando a mochila em uma cadeira.

— Não fala. – Revirou os olhos se jogando na cama. — Minha mãe fica enchendo o meu saco com isso. — Suspirou rodando na cama, ficando com as mãos apoiadas no queixo. — Então me fala você tem um encontro? Finalmente!

Dando um pequeno sorriso se sentou em uma cadeira próxima a cama.

— Obrigada por me ajudar.

— Tudo para que você perca logo o bv — disse fitando a loira coçar atrás da orelha. — Você nem me mostrou a foto dele, deve ser bem feio e pobre.

Incomodada encarou a morena.

— Não fala assim — pediu um pouco chateada. — Você nem o conhece.

— Deixa de ser chata. — Revirou os olhos ficando sentada. — Me mostra uma foto dele.

Pegando a mochila, Hailee retirou o celular de um pequeno bolso e sorrindo buscou a foto do loiro. Entregando o celular para a amiga observou suas reações, notou que Cheryl ficou surpresa e logo deixou um sorriso de lado escapar.

— Bonito, bem bonito — reforçou ainda observando o loiro na imagem —, mas bem pobre olha essa roupa que ele está usando, credo.

— Sabia que você falando dessa forma é bem *nojentinha*? — quis saber pegando o celular de volta.

— Eu sei e não me importo — avisou se encaminhando para o closet. — Se não quer que eu fale não dê motivos. — Pegando alguns vestidos os jogou no chão. — *Ah!* — gritou. — Não tenho nada

PERIGOSAS ACHERON

para vestir! Tenho que falar com o papai e jogar essas roupas fora. Olha essas roupas feias e cafonas, acho que vou te acompanhar até o shopping. Não se preocupe não vou segurar vela.

Franzindo o cenho Hailee fitou os vestidos jogados ao chão, todos tão lindos e podia ver que alguns ainda estavam com etiquetas.

— Não as jogue – falou levantando-se indo até um vestido jogado. — Você poderia doá-los, tem uns aqui que eu aposto que você não usou.

— Ah fala sério! – Tomou a peça de roupa da outra o olhando bem. — Quem vai querer essas roupas feias?

— Tem pessoas que nem isso tem, Cheryl. Você deveria tentar fazer uma boa ação.

Revirando os olhos jogou novamente o vestido no chão.

— Tanto faz! – Deu de ombros. — Preciso de roupas mais adultas, não essas infantis.

— Como se você fosse adulta.

Hailee riu indo até a cama.

Virando-se para a amiga deu um sorriso de lado, indo rapidamente trancar a porta voltou rápido para o lado da amiga sentando-se na cama.

— Se lembra do Adam?

Adam era um menino de dezessete anos que estudava no mesmo colégio que a amiga, Cheryl tinha uma apaixonite por ele. Confirmando Hailee esperou que ela continuasse.

— A gente transou! – anunciou deixando a loira surpresa. — Aconteceu na festa dele, eu disse a minha mãe que estava com você. Aí ele me deu uma bebida *batizada* e me levou para o quarto dele! Foi tudo tão gostoso. – Riu lembrando-se. — Ele era tão grande que...

— Cheryl! – alarmou-se ainda a encarando. — Por que? Você tem quatorze anos! Isso é errado – exclamou pasma. — Ele é quatro anos mais velho que você.

— E daí? Não é errado se eu queria. – Franziu o cenho não entendendo o olhar da amiga. — A gente transou, não sou mais criança. – Sorriu vitoriosa. — Você deveria transar também.

— Não! – negou. — Eu só vou fazer isso quando for adulta e com alguém que eu ame e me ame também.

— Você é tão bobinha – disse com deboche. — Vou te levar na próxima festa que tiver, aposto
PERIGOSAS ACHERON

que você muda de ideia. É tão legal transar com os garotos mais velhos, eu aprendi algumas coisas depois te ensino.

Negando com a cabeça Hailee fitou as mãos para logo voltar a encarar a amiga.

— Você se cuidou pelo menos? Você sabe sobre gravidez e aposto que seu pai te mataria se você aparecesse grávida.

— Acha que sou idiota? – perguntou com grosseria. — É claro que usamos.

— Vocês estão namorando? – quis saber ainda achando tudo aquilo muito errado.

— Não – negou ficando um pouco triste. — Ele me disse que não está preparado para um relacionamento, mas que a gente pode transar de vez em quando.

— Quer parar de falar essa palavra? – pediu nervosa. — Sua mãe pode ouvir.

— Qual palavra? – Se fez de desentendida. — Transar? Transar! Transar! Transar! – falou alto se jogando na cama, fazendo Hailee a olhar apreensiva. — Não seja tão boba, transar é natural e gostoso.

— Olha vamos falar sobre outra coisa? –
PERIGOSAS ACHERON

propôs indo até a mochila tirando o vestido que usaria. — O que achou?

— Cafona – falou apoiando-se nos cotovelos.
— Bem brega, mas combina com você.

Fuzilando-a com os olhos Hailee lhe deu as costas parando em frente ao espelho. Mordendo os lábios preocupou-se, estaria ela cafona? Adorava aquele vestido, era da cor azul claro rodado e não chegava a ser muito curto.

— Não faz essa expressão – Cheryl exclamou fazendo-a encará-la. — Está bem menininha, linda.

Sorriu soando irônica.

Mas parando para pensar tudo na amiga era ironia. Sem a responder colocou o vestido pendurado em um cabide, sorrindo passou a mão no tecido. Estava ansiosa para esse encontro.

Após o café da manhã os homens lavaram os pratos e Sayuri voltou para o quarto. Ao chegar no recinto viu a cama arrumada, indo até onde havia deixado o celular o pegou. Saindo dali se aproximou da cozinha onde ouviu Benjamin dar

PERIGOSAS ACHERON

algumas dicas de alguma coisa para Bradley.

— Então quando você estiver sentado ao lado dela finge que está se espreguiçando — disse fazendo o menino o encarar. — Então nessa hora você coloca o braço no encosto detrás da cadeira dela, mas só faça isso caso veja que vocês podem se beijar. Não é muito legal uma forçação de barra.

— Eu sei — confirmou enxugando os copos.
— Não é cavalheiro.

— Isso.

Pigarreando Sayuri adentrou o cômodo fingindo que não tinha ouvido os conselhos. Esperava que os conselhos só fossem até ali, pois, Bradley ainda era muito novo para aprontar no cinema como ela e Benjamin fizeram. Lembrando-se dos amassos quentes sorriu e fitando o namorado o viu sorrir como se soubesse o que ela estava lembrando.

— Eu vou no meu apartamento.

— Eu também vou — falou secando as mãos no pano de prato. — Você ainda tem as caixas das mudanças?

— Vai se mudar? — Bradley perguntou surpreso.

— Ela vem morar comigo — Benjamin respondeu fitando Sayuri que arqueou uma sobrancelha. — Quer dizer, morar ela já mora. Vamos buscar os pertences dela.

— Antes vamos conversar sobre a questão do aluguel — proferiu observando-o inspirar e respirar audivelmente. — Não é justo que você pague tudo sozinho.

Pronto para retrucar ele a encarou e notando-a resoluta em sua decisão, apenas confirmou com a cabeça.

— Tudo bem — concordou —, mas só quando você tiver um emprego. Aí voltamos a falar sobre.

— Certo — anuiu com os braços cruzados.

— Ótimo! — Sorriu indo a abraçar. — Vamos logo buscar as suas coisas.

— Eu ajudo também — Bradley se prontificou com um pequeno sorriso.

Abraçando Benjamin, Sayuri se pôs a saída. Ao abrir a porta viu alguns homens segurando algumas caixas saindo do apartamento da vizinha, assustada Sayuri se separou de Benjamin logo adentrando o apartamento da mais velha. Dentro do local pôde ver a idosa sentada no sofá olhando os

PERIGOSAS ACHERON

homens levarem seus pertences.

— Sra. Mikkelsen, o que está acontecendo? — perguntou olhando ao redor.

Na porta pôde ver Benjamin encarando-a com o cenho franzido enquanto olhava os homens saírem e entrarem.

— Eu resolvi levar algumas coisas minha para a casa de repouso que eu fico — anunciou com um pequeno sorriso —, mas eu volto.

Com o cenho franzido Sayuri viu um homem com uma farda branca se aproximar de si.

— É a filha da Dorothea? — quis saber um pouco grosso, fazendo Benjamin se aproximar de Sayuri em um gesto protetor.

— Não — negou o encarando. — Eu sou a vizinha.

Deixando um sorriso escapar, o homem a encarou de cima a baixo.

— Mas, Sra. Mikkelsen — Sayuri voltou a falar. — A senhora tem certeza que quer levar todos os seus pertences?

— Tenho. — Sorriu confirmando. — Lá eu posso fazer umas artes lindas, pinturas, outros artesanatos. É bom para me sentir mais em casa, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho o meu lugarzinho lá.

Confirmando Sayuri olhou em volta tinha apenas poucas coisas por ali.

— E onde fica essa casa de repouso? Podemos visita-la? – perguntou olhando para idosa e o homem ao lado dela.

— Claro, senhorita. – Sorriu enfiando a mão no bolso. — Aqui está o endereço. – Entregou um pequeno cartão. — Não se preocupe que a Doroth está sendo bem cuidada.

— Eu gosto de lá, Jakob – responde fazendo-o sorrir. — Gosto da aula de dança, é bom para a circulação.

— Doroth é uma das melhores dançarinas.

Sentando-se ao lado da mais velha Sayuri lhe segurou a mão.

— A senhora sabe que se precisar de qualquer coisa pode falar comigo.

— E comigo também – Benjamin reforçou colocando as mãos no quadril.

Emocionada a mulher confirmou, tinham ótimos vizinhos. Ela podia notar isso agora, tentando não chorar acarinhou o rosto da jovem ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada – agradeceu levantando-se. —
Vamos indo Jakob? – questionou ao homem.

— Claro. – Sorriu a ajudando a caminhar. —
Hoje teremos aula artística.

— Com aquela professora que grita? –
retrucou o olhando para logo fitar Sayuri. —
Aquele menina pensa que somos surdos.

Rindo Sayuri acompanhou a mais velha até a
saída. Suspirando sentiu quando Benjamin a
abraçou por trás. Encostando-se mais nele ficou
observando a idosa.

— Querida, você poderia me fazer um
pequeno favor? – quis saber após trancar a porta.

— Claro – anuiu com a cabeça atenta ao que
a mulher diria.

Estendendo a chave para Sayuri, Dorothea
deu um pequeno sorriso.

— Poderia limpar meu apartamento? –
questionou um pouco envergonhada. — Não
precisa ser todo dia.

— Claro – confirmou colocando a chave no
bolso do short. — Não se preocupe, quando a
senhora retornar seu apartamento estará um brinco.

— Obrigada. – Sorriu lhe segurando a mão.
PERIGOSAS ACHERON

— Aos dois.

Separando-se rapidamente de Benjamin, Sayuri a abraçou deixando-a surpresa.

— Iremos visitá-la.

Concordando, Dorothea saiu acompanhada com Jakob. Suspirando Sayuri ficou olhando-a ir embora, após perde-la de vista voltou-se para Benjamin que tinha um pequeno sorriso nos lábios.

— Vamos, *Chuchu* – murmurou segurando-a pela mão. — Daqui a pouco vou preparar o almoço – anunciou recebendo um olhar surpreso da namorada. — Vou mostrar que também sou um bom cozinheiro.

— Essa eu quero ver.

Riu abrindo a porta do apartamento.

Adentrando o local se sentiu estranha, não era como estar no apartamento de Benjamin. Ali parecia mais frio e solitário, virando-se para Bradley o viu observar a sala atentamente.

— Poderia ficar com esse cômodo? – quis saber recebendo um aceno positivo. — Tem algumas caixas lá atrás. – Apontou para a área de serviço. — A casa já é mobiliada, mas esses quadros com essas fotografias e esses pequenos

PERIGOSAS ACHERON

enfeites são meus.

Com um pequeno sorriso viu o adolescente ir atrás da caixa. Suspirando lembrou-se da amiga, ela não tinha se despedido com abraços e choros decidiu ir até o aeroporto sozinha. Já suspeitava que seria assim, afinal, era Noemie.

Relanceando para Benjamin o viu pensativo olhar ao redor, pigarreando se pôs a caminhar até o quarto. Ao entrar no recinto se abraçou, saber que por tanto tempo fora vigiada e fotografada a deixava amedrontada.

— Você quer que eu faça isso? — Benjamin questionou a abraçando.

Segurando-se nele e o cheirando Sayuri negou.

— Não, mas acho que deveríamos checar que tudo está okay — propôs olhando ao redor. — Né?

— Sim — confirmou indo até o guarda roupa pegando uma mochila. — Vamos começar.

Depois que olharam tudo e não encontraram nada suspeito, começaram a embalar as coisas. Abrindo uma gaveta Benjamin avistou uma calcinha que o fez sorrir, pegando-a e pigarreando chamou a atenção de Sayuri que colocava os livros

PERIGOSAS ACHERON

em uma caixa.

— Que fofa essa calcinha – exclamou segurando a peça de algodão da cor cinza. — Bem sexy.

— Para com isso – pediu sorrindo indo até ele pegando a peça a colocando na mochila. — Ela é bem confortável.

— Olha essa – falou segurando uma calcinha fio dental fazendo Sayuri a tomar rapidamente da mão dele. — Mulher de fases.

— Vai arrumar os livros e deixa que minhas roupas eu guardo – murmurou o empurrando enquanto o mesmo sorria.

Parando de sorrir Benjamin a encarou guardar os pertences na mochila. Voltando a atenção para os livros recomeçou o que ela fazia, a cada minuto sua decisão de pedi-la em casamento aumentava. Estava certo disso, porém esperaria até as audiências que teria.

— Você sente saudades? – ouviu a voz suave lhe questionar.

Virando-se confuso a encarou.

— O que?

— Do clube. – Deu de ombros o olhando

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente. — Uma vez você falou que gostava de lá.

Crispando os lábios continuou o que fazia não a respondendo. Não a respondeu porque pensou no assunto, antes quando era sozinho e tinha o sexo casual com Pheobe ele gostava do clube. Pois, foi por causa dele que tinha conseguido dar um passo a frente na academia e na vida da mãe. Mas não era algo que ele sentia falta, nada na vida de solteiro o fazia sentir falta.

Não quando ele tinha uma mulher maravilhosa como Sayuri em sua vida. Voltando a fita-la se espantou quando a viu chorar em silêncio, rapidamente se aproximou dela.

— Por que está chorando? — quis saber tentando tocá-la no rosto, mas logo sendo parado.

— Por que ainda está comigo se sente falta do seu antigo trabalho? — retrucou deixando as lágrimas caírem.

— O que? — questionou entre risonho e surpreso. — De onde tirou isso?

— Eu fico pensando. — Deu de ombros enxugando as lágrimas. — E me vem à mente você dançando com outras. — Bufou parando o que fazia.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer saber? Era sua vida, não tenho o direito de falar nada.

— O que? – perguntou confuso e notando que ela lhe daria as costas a segurou pelo braço, a puxando para junto de si. — Hey!

— *Solta ela!* – Bradley mandou parado a porta observando Sayuri com os olhos de lágrimas e Benjamin a segurando pelo braço. — Eu disse para você soltá-la! – falou mais alto olhando diretamente Benjamin que o fitou com o cenho franzido.

— Bradie, está tudo bem – Sayuri afirmou com um pequeno sorriso sendo soltada por Benjamin. — Só estávamos conversando.

— Não parecia isso – disse atento ao homem.

— Olha, eu jamais machucaria a Sayuri – deixou claro enquanto olhava o loiro. — Acho bom saber que você pode protege-la, mas quero que saiba que jamais levantaria minha mão contra ela.

Ainda em silêncio o loiro encarou o homem, para logo em seguida fitar a mulher que continha um pequeno sorriso.

— Isso aqui foi só ciúme da minha parte – Sayuri respondeu fazendo o adolescente confirmar
PERIGOSAS ACHERON

ainda em silêncio. — Você já terminou?

— Já – afirmou olhando do Benjamin a ela.
— Eu queria saber se já posso levar as caixas para o apartamento do Benjamin.

— Sim – confirmou observando-o dar as costas de forma cautelosa. Após a saída do adolescente voltou-se para o namorado que a olhava com os braços cruzados. — Me desculpa.

— O que deu em você? – quis saber deixando-a envergonhada. — Eu achei que iria apanhar do Bradley.

Sorrindo aproximou-se do corpo musculoso ainda não recebendo um sorriso.

— Eu não o deixaria bater em você – disse sendo analisada por Benjamin. — Me dá um sorriso?

— Eu não sinto saudades da minha vida de solteiro – afirmou a olhando. — E se eu quiser dançar... – Parou a puxando juntando os corpos. — Eu danço para você.

— Hmm – balbuciou sentindo beijos em seu pescoço. — Acho que eu vou querer.

— É claro que vai. – Riu descendo as mãos para o traseiro feminino. — Da última vez você me
PERIGOSAS ACHERON

comeu com os olhos, e ainda me bateu.

Rindo Sayuri negou sentindo os lábios masculinos lhe beijar. O abraçando pelo pescoço gemeu quando a língua tocou a sua, inclinando o rosto para o lado suspirou e gemeu entre o beijo ao sentir o aperto no traseiro. Separando-se fez uma expressão de dor e prazer.

— Me desculpa — pediu descendo os beijos para o pescoço feminino. — Eu esqueci — após dizer isso a lambeu no pescoço sentindo as unhas curtas lhe arranharem o pescoço.

— Vamos parar com isso — proferiu o empurrando. — Ainda temos o almoço para preparar. Bradley vai sair no primeiro encontro não quero que ele se atrase.

— Seu filho de quinze anos está crescendo — brincou fazendo-a sorrir.

O beijando mais uma vez voltou ao que fazia antes.

Em frente ao espelho olhava-se pela última vez antes de sair do apartamento. Usava uma blusa

PERIGOSAS ACHERON

social azul de mangas curtas, uma calça jeans e o *allstar* de sempre. Passando mais uma vez a mão no cabelo loiro sorriu nervoso, antes de sair do quarto pegou o celular e uma jaqueta. Olhando o horário viu que eram 16h, tinha marcado para se encontrarem na praça de alimentação do shopping às 16h30. Ansioso se encaminhou para a saída, na sala sentados e abraçados estavam o casal, pela manhã tinha tirado uma conclusão precipitada do homem. Mas o que ele poderia fazer? Sayuri era tão pequena perto de Benjamin e, realmente tinha pensado que o outro a machucara de alguma forma. E estava preparado para defendê-la se fosse preciso.

Dando um pequeno aceno se encaminhou para a porta.

— Hey! — Sayuri o chamou fazendo-o olhá-la. — Está levando o dinheiro?

— Sim — respondeu olhando-a se aproximar rapidamente. — Eu prometo não chegar tarde.

— Está bem. — Sorriu arrumando a blusa que ele usava, a abotoando até em cima. — Olha esse cabelo como está bagunçado — murmurou tentando ajeitar os fios.

Benjamin, do sofá, observava a tudo com um sorriso no rosto. A expressão do loiro era de socorro e, constatar isso o fez querer rir mais.

— Sayuri — a chamou. — Você está o deixando todo engomadinho.

— Engomadinho? — Repetiu fitando-o rapidamente. — Não estou fazendo isso.

— Tudo bem — Bradley disse agarrando a maçaneta da porta. — Eu vou indo.

— Boa sorte — Sayuri desejou encostada a porta. — Vai se sair bem.

Agradecendo e sorrindo rapidamente se dirigiu para as escadas, enquanto descia e abria os botões da camisa e mexia no cabelo. Sayuri lhe fazia sentir como se tivesse seis anos, chegando no hall cumprimentou o porteiro e passando a mão no cabelo mais uma vez se encaminhou para o ponto de ônibus.

Andava sentindo o coração aos pulos, ao seu lado Cheryl andava como se fosse a dona do shopping. Desde que entraram ali a amiga fazia

PERIGOSAS ACHERON

pouco caso de algumas pessoas, rindo de suas vestimentas ou comentando bobagens que Hailee ignorava. As vezes se perguntava o motivo de ser amiga da morena, mas então se lembrava que no fundo a outra era uma pessoa legal.

— Antes que eu vá fazer compras eu quero ver pessoalmente esse seu encontro.

— Por favor, não fale essas coisas que você geralmente fala – pediu a olhando rapidamente. — As pessoas ao seu redor já estão acostumadas com esse seu jeito, mas ele não. Não quero que você o magoe.

— Nossa! – Colocou a mão no peito ofendida. — Eu te ajudo e é assim que você me retribui?

— Desculpe, Cheryl. – Deu um pequeno sorriso arrependida. — Eu não disse por mal, mas você sabe que as vezes você solta uns comentários que magoam.

— Tanto faz. – Revirou os olhos parando olhando ao redor. — E aí? Onde está o seu príncipe encantado? – ironizou fazendo a amiga suspirar.

Sem a responder Hailee procurou ao redor e sorrindo encontrou Bradley sentado. Ele olhava

PERIGOSAS ACHERON

para o celular e ao redor, respirando fundo colocou o cabelo para o lado e sorrindo se pôs a caminhar até ele. Cheryl olhava com tédio para a loira, mas ao se aproximar de uma mesa avistou o garoto da foto. Sorrindo o viu se levantar enquanto dava um pequeno sorriso.

Era verdade que ele era pobre – podia-se ver pelas roupas –, mas ele era muito lindo. Muito lindo para ficar com a Hailee que era apenas uma garota sem sal. Mexendo no cabelo se aproximou mais parando ao lado da amiga.

— Bradley, essa é minha amiga, Cheryl – apresentou os dois.

Cheryl de forma educada estendeu a mão para o loiro, Bradley apenas a encarou de cima a baixo para logo voltar sua atenção para Hailee.

— Achei que seria só a gente – disse fitando os olhos claros da loira.

Com o cenho franzido, Cheryl recolheu a mão e cruzou os braços encarando.

— Só vai ser a gente – respondeu segurando a alça da bolsinha de lado. — A Cheryl veio fazer compras.

— É – concordou sorrindo para o loiro que a

PERIGOSAS ACHERON

fitou, mas logo voltou sua atenção para Hailee. — Quando acabar você me manda uma mensagem.

— Está bem – anuiu olhando a amiga dar as costas indo em bora. — Então você está esperando há muito tempo?

— Não. – Sorriu a encarando. — Você está bem bonita.

— Obrigada – agradeceu fitando rapidamente a sandália que usava. — Você também está bem bonito.

Bradley a encarou sem saber o que fazer, ficaram alguns minutos apenas se olhando. Os dois nervosos e envergonhados.

— Eu...

— Então...

Falaram ao mesmo tempo fazendo-os sorrirem.

— Pode falar – Bradley pediu enfiando as mãos nos bolsos da calça.

Sorrindo, Hailee colocou uma mecha atrás da orelha.

— Eu acho que a gente pode lancha alguma coisa e depois assistir ao filme.

— Claro – concordou sentando-se a olhando
PERIGOSAS ACHERON

se acomodar a sua frente.

Minutos depois fizeram os pedidos e relanceando para a loira a sua frente a viu sorrir enquanto o olhava.

— É tão estranho me sentir tão nervoso assim.

Riu a encarando.

— É verdade – anuiu fitando os olhos azuis dele. — Eu também estou nervosa.

— Soube que seu pai vai entrar para a política – falou recebendo um aceno. — Deve ser legal.

— Acho que não muito – negou olhando rapidamente para as mãos. — É sempre difícil a política. – Deu de ombros não querendo falar o que realmente achava de tudo isso. — Mas então como ficou a audiência com o seu pai?

— Vamos próxima semana resolver isso e depois teremos uma audiência separada – anunciou com o cenho franzido —, mas está tudo bem.

— Isso é bom.

Sorriu abertamente.

Confirmando, Bradley fitou a franja que caía perfeitamente nos olhos claros a sua frente. Hailee
PERIGOSAS ACHERON

estava tão linda que ele só queria ficar a encarando por horas, não se cansaria tinha certeza. Foi tirado dos pensamentos quando a garçonete trouxe os pedidos e, agradecendo voltou a fitar Hailee que bebia um gole do refrigerante para logo pegar o sanduíche e o morder em uma grande mordida, tirando um sorriso surpreso do loiro.

Envergonhada colocou a mão em frente a boca enquanto mastigava. Aquele gesto o fez sorrir encantado e, parando de a encarar começou a comer.

Quando acabaram de comer se encaminharam para o cinema, andava ao lado dela em silêncio. Toda vez que abria a boca para puxar assunto não o fazia, talvez porque ela estava calada e não parecia querer conversar. Negando com a cabeça percebeu que aquele encontro não estava saindo como ele imaginara, ao parar em frente a cabine onde o funcionário que vendia os ingressos estava Bradley fitou a loira ao lado.

— O que acha de um filme de ação?

PERIGOSAS ACHERON

— Ação? – repetiu o fitando.

— É, tem uns legais. – Sorriu apontando para o letreiro com os nomes dos filmes. — Eu vi o trailer daquele – apontou para um cartaz onde tinha a foto da capa do filme. — Tem muita ação.

— Pode ser.

Deu de ombros dando um pequeno sorriso.

E como se um clique em sua cabeça, Bradley lembrou-se que Sayuri uma vez dissera que Hailee poderia não gostar de filme de ação.

— Ou podemos assistir um de romance.

— Mesmo? – Sorriu o observando. — Não vejo você assistindo esse tipo de filme, tudo bem a gente assistir um de ação.

— Não – negou puxando-a pela mão deixando-a envergonhada. — Vamos assistir um romance, você escolhe.

Nervosa por sentir a mão ser segurada fitou novamente o letreiro, sorrindo avistou o nome do filme *Para todos os garotos que já amei*. Voltando-se para o funcionário informou o filme e, quando foi pagar Bradley foi mais rápido entregando o dinheiro para o homem.

— Eu pago.

— Você já pagou o meu lanche – disse ainda com a mão dentro da pequena bolsa. — Não é justo deixar que pague tudo sozinho.

— Você paga o sorvete – propôs sorrindo.

Estava se sentindo uma boba, o coração estava bombeando desenfreadamente. Seu primeiro encontro estava sendo perfeito, Bradley era um completo cavalheiro. Dava para saber que ele não gostava de filme romântico, mas abrir mão disso por ela a deixava sem palavras. Pegando os ingressos se encaminharam para dentro do cinema, acomodando-se na última fileira no meio Hailee sorriu olhando ao redor.

— Esse filme é maravilhoso – comentou enquanto cruzava as pernas. — Acho que você vai gostar.

— Acho que sim – concordou dando um sorriso.

Quando o filme começou a passar, ambos estavam prestando atenção na história, mas na metade do filme Bradley estava inquieto. Lembrava-se das dicas que tinha recebido, mas não tinha certeza sobre o que fazer. Suspirando, encostou o braço no encosto da cadeira e nesse

PERIGOSAS ACHERON

momento sentiu quando Hailee deitou a cabeça em seu braço. Virando-se para ela a viu afastar minimamente o encarando. Engolindo em seco fitou os lábios rosados da loira e deu um pequeno sorriso quando a viu se aproximar fechando os olhos. Sentindo-se nervoso também fechou os olhos aproximando-se cautelosamente dela a beijando suavemente nos lábios.

Apenas um roçar de lábios que deixou os dois com borboletas nos estômagos, afastando-se viu o sorriso que ela tinha. Querendo sentir novamente a sensação dos lábios juntos a beijou, inclinando-se para o lado abriu um pouco os lábios voltando a beijá-la. Ficaram se beijando boa parte do filme e, para quem nunca tinha beijando Bradley estava adorando isso.

Sentada no sofá abraçada a Benjamin assistiam ao filme *Mad Max*, olhando rápido para o relógio viu que eram 19h. Tiveram a tarde toda para arrumarem os pertences de Sayuri, havia ligado também para a corretora responsável pelo PERIGOSAS ACHERON

apartamento. Noemie tinha deixado metade do dinheiro para ajudar na conta do mês então juntaria com o dela para poder quitar o mês. Ainda abraçada ao namorado lembrou-se de uma coisa.

— Bradley quer ir morar com a sua mãe — avisou pegando Benjamin de surpresa. — Ele ouviu a gente fazendo amor, acho que ficou envergonhado. Disse que quer ficar perto do irmão já que está de férias.

— Ele quer ir embora por saudades do irmão ou por que ouviu a gente fazendo amor? — quis saber a olhando. — Escandalosa.

Separando-se dele lhe desferiu um tapa leve.

— Não sou escandalosa.

— Eu que não sou — falou com o cenho franzido sorrindo, mas logo ficando sério quando notou que ela estava triste. — Você quer que eu fale com ele?

— Não — negou sentindo o queixo ser acariciado. — Ele sabe que é bem-vindo para ficar.

Concordando Benjamin a puxou para um beijo quando pensou em aprofunda-lo a porta foi aberta, fazendo os dois se separarem e um Bradley sorridente acenou para os dois logo se dirigindo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o quarto.

— Hey! — Sayuri o chamou sorridente. —
Como foi?

— Foi legal — responde ainda sorridente. —
Eu vou tomar um banho e ficar no quarto.

— Mas ainda está cedo.

Estranhou o olhando.

— Eu sei — confirmou sorrindo. — Eu só
preciso fazer umas coisas.

Anuindo Sayuri o viu andar rapidamente para
o quarto trancando a porta.

— Acho que alguém se deu muito bem —
Benjamin comentou com um pequeno sorriso. —
Fico feliz por ele.

Em silêncio, Sayuri encarou o corredor com
um pequeno sorriso, torcia para que Bradley fosse
feliz e sabia que Hailee nutria um sentimento por
ele. Se fosse para os dois ficarem juntos apoiaria
até o fim, pois, podia sentir que os dois ainda
seriam muitos felizes.

Abraçando-se mais a Benjamin voltou a fitar
o filme.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

O celular apitando o acordou de imediato.

Esfregando os olhos esticou o braço até a escrivaninha onde pegou o aparelho notando que era uma mensagem. Desbloqueando a tela clicou na mensagem, sorrindo viu que era Melvin o perguntando se tudo estava certo para o encontro. Sentando-se começou a digitar de maneira ágil, após o responder saiu da cama indo para o banheiro.

Minutos depois já tomado banho saiu do banheiro com uma toalha enrolada na cintura. Indo até a gaveta pegou uma cueca, logo se vestindo. Enquanto se arrumava pensava no encontro que teria com Melvin, tinham passado a madrugada toda conversando por mensagens. Falaram sobre o jantar, escola, a academia, sobre o que fariam no próximo ano. Percebia que Melvin já tinha tudo planejado, mas não sabia como ficaria depois da audiência. Sendo sincero ele ainda tinha medo de nada sair como o planejado e ele ir para um outro lugar – mesmo o advogado alegando que tudo daria PERIGOSAS ACHERON

certo – ou pior o irmão sofrer com tudo isso.

Porque por ele não se importaria de ir para um abrigo qualquer, mas não queria aquilo para o irmão. Seu irmão apesar de ter quinze anos, era mais inocente com as percepções do mundo. Perfumou-se, pegou uma calça jeans, uma blusa branca e uma listrada as vestiu, para logo calçar os pés com os tênis allstar. Na frente do espelho encarou o reflexo. Antes abaixo dos olhos tinham olheiras – por causa das noites mal dormidas – e hoje não tinha mais. As bochechas que eram fundas estavam mais redondas, tinha engordado um pouco, mas nada muito exagerado. Levantando a camisa observou os formatos dos famosos gominhos que tinha, não era como Benjamin, mas se continuassem se esforçando ficariam com mais evidências.

Passando a mão rapidamente pelo cabelo o deixou mais arrepiado, colocando o celular no bolso saiu do quarto indo para a cozinha. Ao chegar no recinto fitou a mais velha terminando de colocar os alimentos em cima da mesa.

— Bom dia! – saudou recebendo um lindo sorriso.

— Bom dia, filho. — Sorriu colocando um bolo de chocolate em cima da mesa. — Dormiu bem?

— Sim — respondeu sentando-se a mesa. — Mandeí mensagem para o meu irmão, mas ele não me respondeu.

— Acho que eles vem passar a tarde — falou também se sentando. — Taylor me ligou cedo vem também com o Dustin — anunciou olhando-o. — Querem me falar uma novidade, mas eu acho que já sei qual é.

Bebendo um copo de suco Liam a encarou sorrir.

— E o que é?

— Acho que ela está grávida. — Sorriu mais fazendo os olhos brilharem de emoção. — Eu já suspeitava disso antes, mas então eu a vi tão diferente naquele dia.

Forçando a memória tentou recordar-se da mulher, não tinha achado nada diferente nela. Era magra, não parecia estar grávida.

— Agora eles se casam. — Riu pegando uma fatia do bolo entregando ao adolescente. — Dustin fica querendo enrolar para marcar a data do PERIGOSAS ACHERON

casamento.

— Mas eles se gostam.

— Sim – confirmou o olhando comer. —
Então... – Arqueou as duas sobrancelhas. — Vai
sair com o Melvin hoje?

— Sim – anuiu olhando-a rapidamente. —
Acho que a gente vai sair para algum lugar.

Crispou os lábios em vergonha.

— Filho – o chamou logo sendo observada.
— Não precisa ficar com vergonha de mim, vou
achar que não confia em mim para falar sobre
você dois.

— Não – negou a encarando. — Eu confio
sim, mas... – Parou bebendo mais uma vez o suco.
— Eu ainda fico um pouco envergonhado.

— Não precisa – proferiu lhe segurando a
mão. — Vamos comer! Hoje a casa ficará cheia. —
Sorriu abertamente. — Eu amo quando todos estão
aqui e, amo mais ainda por você ficar comigo.
Antes eu me via tão sozinha nessa casa. — Sorriu de
forma triste, mas logo sorriu mais alegre. — Seu
irmão também é bem-vindo para ficar, mas acho
que se propor isso a ele Sayuri briga comigo.

Rindo, Liam balançou a cabeça.

— A vizinha me falou que o nosso pastor sentiu minha falta nos domingos — disse bebericando o café. — Eu o entendo, sou uma boa devota e não durmo quando ele começa a falar.

— Não acredito que algumas dormem — exclamou com um pequeno sorriso.

— Às vezes eu durmo — confessou observando-o rir —, mas não é sempre. Acontece.

Deu de ombros.

Confirmando voltou a comer sentia-se bem naquela casa e, adorava esses momentos que tinha para conversar com a mais velha. Relanceando para a mulher a viu comer uma fatia de bolo, Benjamin tinha sorte. Pois, Jillian era a melhor mãe do mundo e constatar que a tinha como uma mãe o fez lembrar da mãe já falecida.

Engolindo em seco suspirou parando de pensar na mulher.

Ao redor presenciava alguns drogados conversarem entre si, colocando uma expressão séria no rosto começou a se encaminhar para a

PERIGOSAS ACHERON

saída. No bolso da calça tinha o cheque que o filho dera, tinha planos de ir encontrar um outro lugar para ficar. Agora tinha dinheiro para poder pagar por algo mais caro, olhando para o lado viu dois caras de pretos o olharem rapidamente. Tendo um mal pressentimento começou a caminhar mais rápido, mas antes que pudesse correr sentiu ser jogado a parede. Encarando o homem a sua frente engoliu em seco, logo colocando a mão dentro do bolso onde o cheque estava.

— Fugindo? – o agiota quis saber o encarando.

— N-Não – negou olhando para o lado notando os homens se aproximarem com expressões sérias. — Eu só estava... — Parou observando o capanga do homem mostrar a pistola na cintura. — Eu só...

— Eu só, eu só – repetiu o empurrando mais uma vez a parede. — Você acha que *eu sou* idiota? – perguntou raivoso. — A minha grana, onde está?

Pensando no cheque que tinha no bolso ficou nervoso. Ele não poderia entregar aquele dinheiro todo ao outro, engolindo em seco tentou não demonstrar o nervosismo.

— Eu não estou com ela – mentiu o fitando.

Pasmo, o homem o observou em silêncio, mas logo sorriu dando umas leves tapinhas no ombro do mais velho.

Virando-se para os comparsas, MM, riu apontando para Gerard.

— Ouviram isso? – quis saber risonho. — Ele disse que não está com a grana. – Voltando-se para Gerard o socou no estômago, fazendo-o inclinar-se para frente com dor. — Não me faça bater para valer em você – pediu falando ao ouvido do homem. — Onde está a minha grana? Eu sei dos seus passos, sei aonde você foi e com quem falou. Então não queira me enrolar.

Crispando os lábios ainda sentia dor onde foi atingido, ficando ereto encarou o agiota. A contragosto e sob a supervisão do homem, enfiou a mão no bolso da calça pegando o cheque. Ao ver o que lhe era estendido MM rapidamente tomou da mão do mais velho, ao ver o valor se surpreendeu.

— *Wow* – exclamou levando o cheque até próximo os olhos. — Dez mil dólares! – Riu mostrando aos outros. — Dez mil dólares – repetiu anuindo com a cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso paga o que eu devia — disse olhando-o. — Não lhe devo mais nada.

— Você acha mesmo? — questionou guardando o cheque dentro do casaco. — Sabe o que acontece quando você não paga o que deve no dia e na hora exata? — perguntou logo sorrindo ao ver o olhar de medo do homem. — Os juros aumentam.

— Mas isso é um absurdo! — expôs raivoso aproximando-se, mas logo sendo empurrado novamente. — Os dez mil dólares paga até os juros que eu devia.

— Você tem como provar? — quis saber com o cenho franzido. — Porque eu me lembro muito bem que você me deve cinquenta mil dólares. — Fazendo cara de confuso virou para os capangas. — Estou equivocado?

— Não, senhor — um deles respondeu sorrindo.

Colocando as mãos na cintura MM voltou a encarar o homem negro a sua frente.

— Sorria — pediu sorrindo. — Faltam apenas quarenta e, eu aposto que onde saiu esses dez mil saem mais quarenta.

PERIGOSAS ACHERON

Piscando deu algumas tapinhas na cara do homem.

Respirando em puro ódio, Gerard o observou sair do local.

Olhando ao redor viu algumas pessoas dispersas não ligando para o que acontecia ao redor, negando com a cabeça socou a parede para logo voltar para dentro do quarto onde dormia. Em um excesso de raiva chutou um criado mudo velho que havia no local, passando a mão na cabeça pensou no dinheiro que havia perdido. Ele teria que ir atrás de mais, porém, não ficaria mais ali. Pegaria o dinheiro e fugiria, que era o que tinha que ter feito.

Sentando-se na cama de solteiro pensou na desculpa que daria ao filho, mas logo bufou de raiva. Ele não daria desculpas alguma! Ele tinha direito sobre o dinheiro do filho. Ele era o pai afinal de contas, concordando com a cabeça saiu novamente do lugar iria atrás do filho.

Descendo do carro observou a vizinhança o
PERIGOSAS ACHERON

céu estava nublado e podia sentir que a noite seria de chuva esticando o braço sorriu para Sayuri que rapidamente o abraçou depositando um beijo nos lábios masculinos. Escutando a porta traseira ser fechada encarou o loiro que continha um pequeno sorriso nos lábios, Bradley não lhe contara como foi o encontro, mas pela expressão de alegria podia deduzir que tudo deu certo. Ainda abraçado a Sayuri se encaminhou para a entrada, abrindo a porta ouviu as vozes da mãe e Liam vindo da cozinha.

— Mãe? — chamou dando passagem para Sayuri e Bradley. — Chegamos.

Segundos depois a mais velha apareceu na entrada da cozinha segurando o pano de prato, sorrindo foi até a nora a abraçar. Ainda sorrindo abraçou o loiro que lhe sorria e, por último abraçou o filho sentindo ser tirada do chão pelo abraço.

— Menino, assim me derruba — brigou risonha, mas logo ficando séria. — O que aconteceu com a sua barba? Está parecendo um bandido mafioso.

Rindo, Sayuri cruzou os braços o encarando.

— Não estou não — negou retirando a jaqueta

PERIGOSAS ACHERON

a colocando no cabide próximo a porta. — Estou bem bonito, Sayuri amou.

Recebendo a atenção da sogra para si Sayuri deu um pequeno sorriso.

— Eu não disse isso – falou fazendo a mais velha voltar a encarar o filho.

— Tem certeza? – questionou arqueando uma sobrancelha. — Você pareceu gostar.

Desviando o olhar do dele fitou Liam parado próximo a mulher.

— Liam. – Sorriu o fitando. — Como vai?

— Bem – respondeu sorrindo, mas logo olhando irmão. — Bradley preciso falar algo com você.

Concordando acenou para os adultos já se encaminhando para as escadas com o irmão. Parada com os braços cruzados Sayuri fitava Bradley desaparecer no corredor, suspirando sentiu quando Benjamin a abraçou beijando-a no pescoço.

— Vocês são tão lindos juntos – Jilly indagou com um pequeno sorriso observando os dois se beijarem. — Deveriam se casar logo, final de ano chegando seria uma linda festa.

— Casar? – repetiu sentindo um frio na

PERIGOSAS ACHERON

barriga. — Acho que é cedo para casarmos.

Com a resposta Benjamin a fitou, mas nada falou. Agora pensava se seria uma boa ideia pedi-la em casamento, não queria receber um não. Se fosse pedir gostaria de ouvir um grande sim proferido por ela, tentando não pensar mais nisso decidiu mudar o assunto.

— Dustin me mandou uma mensagem ele está vindo.

— Taylor me avisou – exclamou com um grande sorriso. — E acho que já sei o que ela tem, mas isso já estava na cara. Só um cego não via.

— E o que ela tem?

— Ela está grávida! – anunciou pegando Benjamin e Sayuri de surpresa. — Não sei como aqueles dois não perceberam, acho que nem se o bebê estivesse para nascer eles saberiam. Dois tapados.

— Um bebê – Sayuri sorriu olhando-a. — Ela deve estar tão feliz, um bebê é sempre tão bem-vindo.

— Sim – Jilly concordou a abraçando pelo braço. — Já consigo imaginar um menininho loirinho correndo por aqui e me chamando de avó.

PERIGOSAS ACHERON

— Esqueceu que seu filho sou eu? — Benjamin brincou um pouco incomodado.

— Claro que não. — Sorriu olhando-o sobre o ombro. — Mas o Dustin é como se fosse um filho. Não fique com ciúmes, coração de mãe é assim sempre cabe mais um.

— Só que esse mais um é ele — referiu-se ao loiro. — Só para deixar claro.

— Está com ciúmes? — Sayuri zombou o olhando.

— Era eu que estava com ciúmes do meu trabalho do clube?

Jillian rapidamente parou encarando o filho e a nora, Sayuri o fitava assustada.

— Benjamin! — as duas exclamaram.

Olhando para a nora, Jillian esperava alguma ação da mulher. Não acreditava que o filho tinha soltado aquilo daquela forma, os dois não poderiam se separar.

— Mãe, está tudo bem — resolveu ser sincero. — Sayuri já sabia do meu trabalho, ela me conheceu lá.

— O que? — Jillian se surpreendeu encarando a jovem ao seu lado. — Você sabia que ele era uma PERIGOSAS ACHERON

prostituta?

— Prostituta? – repetiu sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Você me disse que apenas dançava, não me falou que transava com elas.

Esfregando o rosto Benjamin fitou a mãe que o olhava assustada, aproximando-se de Sayuri viu as lágrimas presentes em seu olhar.

— Eu não era uma prostituta – esclareceu olhando diretamente a mãe que lhe fitou de modo acusador. — Não chora – pediu lhe enxugando as lágrimas. — Eu só dançava, minha mãe que me acusa disso. Eu nunca fiquei com ninguém naquele clube.

Puxando uma respiração sentiu a mão lhe acariciar o rosto e os lábios se juntarem ao seu. O abraçando sentiu o perfume masculino que ele usava, separando-se minimamente o beijou para logo voltar sua atenção para a sogra.

— Eu o conheci lá – avisou nervosa —, mas não é um lugar que eu frequente. Era a minha primeira vez visitando uma casa de danças.

— Ela foi bem mal-educada – Benjamin dedurou recebendo um tapa no braço. — Me

PERIGOSAS ACHERON

agrediu depois de ter me beijado a força, fiquei sem reação.

Afastando-se dele Sayuri o encarou sorrir de forma brincalhona.

— Isso não é verdade – disse mais calma. — Você que me beijou.

— E você gostou, *Chuchu* – afirmou a segurando pelo queixo. — Gostou tanto que quando soube que eu morava ao lado me agarrava sempre.

Negando com a cabeça voltou sua atenção para a mais velha que observava os dois surpresa, mas logo sorriu abertamente.

— Então foi por você que ele saiu de lá – anuiu com a cabeça. — Obrigada – agradeceu a abraçando deixando Sayuri surpresa. — Obrigada – repetiu. — Eu sempre soube que meu bebê sairia daquele lugar quando conhecesse a mulher perfeita para ele – expôs fazendo Sayuri sorrir. — Vamos para a cozinha, fiz um bolo de chocolate com calda. A calda está na geladeira.

— Eu quero – afirmou andando ao lado da mais velha. — Faz um tempo que não como uma.

Parado, Benjamin observava as duas

PERIGOSAS ACHERON

entrarem na cozinha, com as mãos no quadril pensou em Sayuri chorona. Franzindo o cenho procurou na mente quando a mulher começou a ficar chorona desse jeito, um carro estacionando em frente a casa o tirou dos pensamentos. Abrindo a porta avistou o amigo caminhar segurando com cuidado Taylor e, podia notar o olhar da loira de puro tédio. Sorrindo a olhou de cima a baixo, arqueando as sobrancelhas fitou a barriga procurando algum bebê.

— Olhem só! — Sorriu deixando-os entrarem, ao passar por ele Benjamin viu a barriga um pouco pontuda da mulher arqueando as sobrancelhas deu um pequeno sorriso. — Bom dia.

— Bom dia para quem? — Taylor questionou pegando-o de surpresa. — Porque eu não posso mais nem andar sozinha, nem dormir direito eu posso. Isso é o cúmulo! — exclamou agora fitando Dustin. — E agora ele quer casar. Teve todo o tempo do mundo, mas não, vamos casar agora quando eu estiver gorda dentro do vestido. Quer saber? — Parou apontando um dedo para o loiro. — Eu vou comer.

Dizendo isso saiu indo em direção a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Voltando o olhar ao amigo o viu sorrir, franzindo o cenho o saudou com um cumprimento deles.

— Está tudo bem?

— Ela está grávida. — Sorriu fazendo um gesto de loucura com a mão. — Está me deixando louco com as mudanças de humor.

— Aposto que sim. — Sorriu o abraçando. — Parabéns.

— Obrigado.

Ao se aproximarem da cozinha ouviu os risos e parabéns sendo proferidos. Da porta do recinto viu Taylor sorrir abraçando a mais velha, para logo em seguida abraçar Sayuri. Assim que foram percebidos, Dustin foi abraçado por Jillian. Benjamin, feliz pelos amigos, fitou Sayuri que continha um pequeno sorriso, encaminhando-se até ela a beijou.

Sentado em uma cadeira, Liam ouviu o relato do irmão, notava que estava envergonhado por falar sobre o encontro. Mas se sentia feliz por ser a pessoa ao qual o irmão confiava, tinha visto a foto

PERIGOSAS ACHERON

da tal Hailee e a achou uma fofa. Porém, uma coisa que tinha estranhado era o irmão ir morar ali, achava que ele gostava de ficar morando com a namorada do Benjamin.

— Acha que eu devia mandar alguma mensagem para ela agora? — Bradley o questionou após relatar sobre ontem.

— Acho que sim. — Deu de ombros o fitando.
— Você gosta dela?

— Gosto — disse e sorriu confirmando —, mas eu me senti estranho quando a beijei, isso acontece com você?

— Como assim? — quis saber o olhando.

— Eu não sei. — Franziu o cenho confuso. — Eu gostei do beijo e ela disse que também gostou, mas eu senti que faltava algo.

— Você já se masturbou?

— O que? — Levantou-se assustado podia sentir as bochechas quentes. — Por que quer saber isso?

— Sei lá — falou o encarando. — É normal garotos da sua idade se masturbarem — retrucou com um pequeno sorriso. — Geralmente é nessa idade que... Você sabe... — Arqueou as duas
PERIGOSAS ACHERON

sobrancelhas. — Hormônios a flor da pele.

Envergonhado, Bradley foi até a janela observando a rua e os vizinhos caminharem pela calçada.

— Vocês estão namorando?

— Acha que ela quer namorar comigo?

— Isso só você tem que saber – respondeu se levantando. — Suas coisas estão aí?

Confirmando Bradley pegou o celular, ligaria para Hailee.

— Certo – murmurou o encarando. — Não sei o motivo de você vir morar aqui, mas fico feliz. Você é meu irmão, a mãe... – Parou observando o irmão o encarar surpreso. — A Jilly vai ficar feliz.

Sem o responder viu o irmão sair quase correndo do quarto. Sentando-se na cama pensou no irmão chamando a mais velha de mãe. Era estranho, não conseguia sentir nenhum sentimento ruim em relação a isso. Não se lembrava da mãe, parecia que tudo sobre ela tinha sido deletado de sua mente. Só conseguia lembrar de quando se escondia com o irmão, com medo de apanhar, das vezes que o pai conseguia lhe bater. Mas da figura materna que lhe pôs no mundo ele não se

PERIGOSAS ACHERON

recordava, talvez devesse se sentir mal por isso.

Suspirando, pegou o celular, discando os números da loira esperou que ela lhe atendesse.

— *Bradley?* – a voz suave foi ouvida.

Sorrindo esfregou a mão na calça.

— Hailee.

— *Você não me mandou mensagem ontem* – falou com um pouco de tristeza. — *Estamos bem?*

— Sim – concordou nervoso. — Estamos, eu... – Parou engolindo em seco. — Eu acabei dormindo cedo.

— *Ah! Claro* – murmurou ao fundo ele podia ouvir o som de uma música. — *Cheryl poderia diminuir o volume? Obrigada.*

— Você ainda está na casa da sua amiga? – perguntou franzindo o nariz, não havia gostado dela.

— *Sim, mas eu já estou indo.*

— Hailee – a chamou e tomando coragem continuou: — Eu gostei do nosso beijo.

Nervoso esperou a resposta e pelo tom de voz que ela lhe respondeu ele até pôde ver o sorriso lindo que ela tinha.

— *Eu também.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Legal. — Sorriu abertamente. — Vamos nos beijar de novo?

— *Se você quiser eu quero* — proferiu rapidamente.

— Eu quero — disse passando a mão no cabelo. — Eu quero muito.

Trocando o celular de mão ouviu o riso suave que pertencia a ela.

— *Eu tenho que ir o motorista da Cheryl vai me levar para casa* — anunciou com a voz triste. — *Vamos nos falando por mensagem?*

— Sim.

— *Beijos.*

— Beijos.

Encerrando a ligação soltou uma longa respiração jogando-se na cama, fechando os olhos sentiu o coração bombear rapidamente.

Levando as mãos ao coração se perguntou o que era aquele sentimento, era algo forte, mas não sabia dizer com precisão o que era. Sorrindo guardou o celular no bolso, ao sair do quarto fechou a porta. No andar de baixo todos conversavam entre si, assim que foi notado recebeu todos os olhares.

PERIGOSAS ACHERON

Coçando atrás da orelha se encaminhou até o sofá sentando-se.

Parando em frente à residência fitou o carro do filho estacionado no meio fio, lançando um olhar para o outro automóvel notou que era igual ao de Benjamin. Encaminhando-se para a entrada tocou a campainha. Quando a porta fora aberta viu que quem lhe atendera era a japonesa que estava com o filho, essa o olhava surpresa.

— Oi.

Sorriu a encarando.

Ao fundo pode ouvir a voz do filho e preparando-se viu quando o homem parou atrás da mulher a abraçando e, assim que o viu a puxou para trás fazendo-a fechar a porta.

— O que faz aqui? — quis saber furioso. — Eu disse para você sumir daqui!

— Filho...

Parou quando viu a ex esposa abrir a porta com o olhar surpreso.

— Benjamin... O que? — questionou sem
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditar. — O que esse homem faz aqui?

— Mãe, está tudo bem — falou colocando as mãos nos ombros femininos. — Pode entrar que eu resolvo isso.

— Eu preciso de mais dinheiro — Gerard exclamou fazendo Jillian o fitar espantada, para logo fitar o filho. — Aquele que você me deu, eu fui assaltado.

— Eu não acredito, Benjamin, que você deu dinheiro a esse homem! — Jillian disse nervosa. — Não vê que é isso o que ele quer? Só apareceu para isso! — Virando-se para ele o enfrentou. — Você é muito cara de pau! Voltar depois de tudo só por causa de dinheiro.

Crispando os lábios viu quando um homem loiro e o mesmo *veadinho* loiro saiu da casa.

— Eu não vim por causa disso — mentiu respirando fundo. — Eu estou doente e...

— Doente? — Riu incrédula. — Foi essa mentira que você disse ao meu filho? Você nunca ficou doente! Era tão má pessoa que nem ficava doente — anunciou séria. — Eu quero que você vá embora! E não volte com suas mentiras, não vai ganhar mais nada do meu filho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele é meu filho também! — retrucou perdendo a paciência.

— Agora ele é seu filho? — quis saber aproximando-se mais do homem, sendo segurada por Benjamin. — Quando você foi embora e me deixou grávida, você não pensou no seu filho! — gritou deixando as lágrimas caírem. — Vá embora daqui!

— Eu tenho tanto direito do dinheiro quanto você! — gritou revelando a verdadeira face. — Se você vive no conforto por que eu também não posso?

— Porque você não foi pai! — gritou nervosa. — Você é um desgraçado que só pensa em você! — Apontou o dedo na cara dele. — Nunca agiu como um pai! Eu que cuidei do meu filho sozinha! Sofrendo humilhações para aquelas famílias ricas ao qual eu trabalhava! — Chorou trêmula. — Você seu covarde foi embora viver sua vida de jogos e mulheres! Eu! — Bateu no peito sentindo as lágrimas caírem compulsivamente dos olhos. — Eu fui mãe e pai!

Negando com a cabeça fitou cada um ali presente, parando com os olhos em Liam.

PERIGOSAS ACHERON

— Essa *bichinha* está... — Antes que pudesse completar a frase sentiu as unhas fincarem em seu rosto e, sua ex esposa o esmurrar com força.

Jillian assim que ouviu o homem — que pensou ser o amor de sua vida — agredir Liam com aquela palavra não pôde se conter. Benjamin pego de surpresa por tudo o que estava ouvindo não conseguiu segurar a mãe que avançou no homem o arranhando e batendo. Agindo rápido a puxou sentindo a mulher tensa em seus braços.

— Não ouse falar mal do meu filho — exigiu tentando se soltar do aperto que recebia. — Não admito que fale mal de nenhum dos meus filhos!

Levando as mãos ao rosto viu a mão com vestígios de sangue, raivoso a encarou. Jillian o fitava da mesma forma com o olhar superior.

— Você vai pagar por isso!

Benjamin que amparava a mãe a soltou, logo aproximando-se do homem.

— Se você encostar um dedo na minha mãe ou em qualquer pessoa da família — murmurou lentamente. — *Você* que vai pagar por isso! Não ameace a minha mãe, seja um homem e ameace alguém do seu tamanho.

— Benjamin – Sayuri o chamou um pouco nervosa pelo clima que estava, cautelosamente o segurou pelo braço. — Agora ou você sai daqui por bem ou vai por mal – ameaçou não desviando o olhar.

Bufando e negando com a cabeça deu as costas a todos, ao redor algumas pessoas observavam a cena. Após a saída do mais velho Benjamin voltou-se para Sayuri a beijando e abraçando, olhando para a mãe a viu chorar abraçada a Liam que também chorava emocionado.

— Você também é meu filho, Liam – ouviu a mais velha proferir emocionada. — Pode não ter saído de mim, mas eu o amo da mesma forma.

Sorrindo Benjamin abraçou Sayuri.

Horas mais tarde após todos se acalmarem e Benjamin conversar com a mãe, almoçaram em um clima diferente de antes. Finalizado o almoço Dustin e Taylor se despediram, Jillian depois da briga com o ex marido se sentia mais leve dissera tudo o que sonhava em dizer e não se arrependia de

PERIGOSAS ACHERON

nada do que tinha feito.

Sentado a cama Liam tinha o celular em mãos fitava o horário do encontro se aproximar, queria muito passar o resto do dia com Melvin. Mas depois desse acontecido não queria deixar Jillian sozinha, pronto para ligar para o moreno ouviu alguém bater à porta e segundos depois Jilly aparecer com um pequeno sorriso.

— Oi. — Sorriu alisando o vestido. — Vim ver se já estava pronto.

— Eu não vou — negou deixando-a surpresa. — A senhora precisa de mim.

— Oh, querido — balbuciou sentando-se ao lado dele. — Não precisa ficar, é um dia especial para você. Não deixe que aquele monstro estrague isso.

— Não, mas...

— Está tudo bem. — Sorriu arrumando o cabelo loiro. — Eu quero que você vá e se divirta, sem receio. Eu vou ficar bem, sabia que seu irmão vai vir morar aqui? — Riu abertamente. — Essa casa está cheia de homens.

Sorrindo recebeu um pequeno sorriso do loiro.

— Vá se divertir e não se preocupe com nada, está bem?

— Acha que é seguro ficar sozinha com o meu irmão? Viu que aquele cara a ameaçou.

Bufando, Jillian negou com a cabeça.

— Eu convivi bastante tempo com ele — responde o olhando. — Eu sei que ele não tem coragem para tanto, ele sempre foi daquele jeito. Ele gosta das coisas mais fáceis, ele sabe que ir para a cadeia não será legal.

— Tem certeza disso?

— Tenho — confirmou sorrindo. — Agora vai se vestir que o Benjamin disse que te levaria até a casa do Melvin.

Falando isso se levantou dando as costas, mas antes que saísse ouviu seu nome ser chamado. Voltando-se para Liam o viu fitar as mãos.

— Aquilo... que a senhora disse... — Parou levantando o rosto para fitá-la. — Sobre eu ser seu filho... Me vê dessa forma? Quer dizer... — Deu de ombros sentindo os olhos arderem. — Foi tudo tão rápido...

— Coração de mãe — falou sentando-se ao lado dele. — A gente não sabe explicar, só PERIGOSAS ACHERON

sentimos – afirmou segurando a mão masculina. — E no meu coração, você é meu filho.

— No meu a senhora é minha mãe – avisou fazendo-a chorar logo sendo abraçado.

— Meu filho – chorou o abraçando, mas logo se separou do abraço. — Se você me chamar de mãe eu prometo não chorar toda vez. – Riu recebendo um sorriso. — Agora vá se arrumar.

Anuindo a viu sair do quarto ainda chorando, colocando o celular na cama se dirigiu para o banheiro. Alguns minutos depois saiu do banheiro pronto para se arrumar, olhando no celular viu uma mensagem do namorando perguntando se demoraria muito.

Sorrindo o respondeu que já estava chegando.

Sentado no sofá olhava o relógio de parede, pegando o celular viu que fazia quase quarenta minutos que Liam afirmou que já estava chegando. Olhando a mesinha de centro viu a pipoca feita e as latinhas de refrigerantes, cruzando os braços olhou ao redor. Tinha limpado a casa e a arrumado, os

PERIGOSAS ACHERON

pais haviam saído. Iriam passar a noite fora, por isso, aproveitaria essa noite para que ele e Liam pudessem dar mais um passo no relacionamento. Se o loiro não tinha coragem para isso, ele tinha. Seria a primeira vez que transaria para valer, das últimas vezes não tinha levado a diante. Talvez por medo ou insegurança, mas sabia que com Liam queria que acontecesse.

Impaciente ouviu quando um carro estacionou em frente a casa e uma porta fora fechada. Levantando-se se encaminhou até a janela fitando Liam andar rapidamente até a porta. Sorrindo a abriu antes que ele batesse.

— Você está quarenta e cinco minutos atrasados – exclamou dando espaço para ele entrar.
— Sabia que é feio mentir?

— Mas eu estava chegando. – Sorriu o puxando para um rápido beijo. — Onde estão os seus pais?

— Eles saíram – respondeu o observando tirar o casaco. — Estão comemorando entre eles, acho que só voltam lá pela manhã.

— Sério? – perguntou surpreso, olhando ao redor quis saber para confirmar: — Estamos
PERIGOSAS ACHERON

sozinhos?

— Sim. — Sorriu o puxando pela mão. — Então eu pensei que poderíamos assistir alguma coisa.

— Legal — fitando a *Netflix* na tevê viu o filme escolhido. — Bem sutil.

Sorrindo Melvin sentou ao seu lado e, na tela viu o nome do filme *Boys*.

— Esse filme é sensacional.

Lambendo os lábios encarou a tevê o filme era o preferido de Melvin, lembrava-se das vezes que o namorado falara sobre ele. Olhando para o andar de cima pensou no quarto vazio do moreno. Engolindo em seco voltou a fitar a tevê, mas algo o fez encarar Melvin e nesse momento também o pegou o encarando. Sorrindo olhou diretamente para os lábios do outro, aproximando-se lentamente o viu fechar os olhos. Puxando-o pela nuca o beijou sentindo as mãos de Melvin em seus cabelos, podia ouvir os personagens da tevê falando, mas aquilo não lhe importava.

Sentindo a língua brincar com a sua suspirou quando um arrepiou passou por seu corpo, se concentrando no meio das pernas. Ainda o beijando

PERIGOSAS ACHERON

deixou que uma das mãos descesse até ficar posicionada em cima da braguilha de Melvin.

— Vamos para o quarto – o moreno pediu sentindo o lábio inferior ser mordido.

Confirmando, ficou em pé o puxando para si, de forma paciente esperou que a tevê fosse desligada e a porta trancada. Sendo puxado pela mão deixou-se ser guiado e, ao passar pela porta do quarto ouviu quando a mesma foi trancada. Sem esperar, o puxou para si o beijando de forma afoita, a cada mordida e chupada que recebia nos lábios o fazia sentir uma pressão insuportável na ponta do membro que já se encontrava ereto. O empurrando até a cama deitou-se por cima gemendo ao sentir os cabelos da nuca serem puxados, separando os lábios encarou o sorriso que Melvin tinha.

— Eu quero você – expôs sorrindo.

Riu fitando os lábios do loiro.

— Eu também quero.

— Eu não trouxe camisinha – confidenciou franzindo o cenho.

— Eu tenho na gaveta – apontou para o móvel fazendo o loiro sorrir. — Agora que tal continuarmos?

Arqueando uma sobrancelha loira, Liam retirou a blusa que usava. Saindo da cama, Melvin também retirou a blusa sob o olhar atento do loiro. Dando um pequeno sorriso o puxou voltando a beijá-lo, com as mãos começou a abrir a calça que Melvin usava após isso o segurou por dentro da cueca. Suspirando sem desgrudar os lábios começou a acaricia-lo, querendo retribuir o que sentia, Melvin fez a mesma coisa. No quarto o que se podia ouvir eram as respirações sôfregas e suspiros que os dois soltavam, parando com os movimentos Liam o fez deitar na cama. Retirando-lhe os tênis e a calça – juntamente com a cueca – o loiro o acariciou com mais vontade, olhando-o o viu fechar os olhos enquanto gemia.

Ajoelhando-se e sem um aviso prévio o colocou na boca, na hora sentiu os cabelos serem puxados. O chupando da base até a ponta levou os olhos até os de Melvin, os encontrando fechados em uma expressão de prazer. Lambendo-o segurou o próprio membro começando a massageá-lo, os gemidos que ouvia o fazia delirar e entender que estava no caminho certo. Melvin a cada chupada e lambida fechava os olhos em puro delírio que

PERIGOSAS ACHERON

sentia, passando a língua nos lábios fitou o loiro com os olhos fechados enquanto o mantinha boca.

— *Liam...*

Suspirou tendo os olhos claros sobre si.

Aumentando a velocidade se pôs a chupar ponta do membro, ouvindo o companheiro gemer mais alto. Com mais alguns movimentos e chupadas sorriu quando teve a mão melada com o líquido esbranquiçado. Fitando Melvin, o viu sorrir de forma preguiçosa. De pé começou a retirar o restante da roupa, enquanto o outro se recuperava do orgasmo, sorrindo sentiu quando o membro foi segurado. Deixando as mãos caírem rente ao corpo fechou os olhos sentindo Melvin o beijar. Engolindo em seco sentiu os beijos descerem por sua mandíbula, pescoço, peito, umbigo e púbis. Ao sentir a cabeça do membro ser lambida soltou um suspiro sofrido, logo abrindo as pernas para se manter em pé.

De olhos fechados podia sentir perfeitamente as sensações que lhe invadiam, quase caiu ao sentir um dos testículos ser colocado na boca. Abrindo os olhos fitou com atenção Melvin o colocar todo na boca, para logo lambe a ponta enquanto lhe

PERIGOSAS ACHERON

massageava os testículos. Respirando pela boca sentiu os olhos se revirarem de prazer, nunca havia sentido nada como aquilo. Com uma última chupada foi libertado, fazendo-o resmungar.

Ainda com a respiração irregular viu o namorado ir até o móvel ao lado da cama e abrir a gaveta, tirando de lá algumas camisinhas. Pegando-a rapidamente Liam a vestiu e, beijando Melvin o fez ficar de costas para si. Esfregando os dedos na língua, levou a umidade até aquela entrada do moreno. Ficando um momento acariciando ali, testou penetrar um dedo. Ao sentir o dedo ser esmagado, logo imaginou aquela sensação em uma outra anatomia sua.

— *E-Está tudo bem?* — perguntou entre preocupado e desejoso.

— *Sim* — confirmou suspirando enquanto apoiava a cabeça no colchão. — *Continue...*

Anuindo testou colocar mais um dedo e lentamente começou a fazer movimentos de entra e sai. Gemendo rouco, Melvin apoiou as mãos no colchão e virando o rosto fitou a expressão de prazer que Liam tinha ao sentir os dedos serem apertados.

— *Faça!*

Cuspindo nos dedos e esfregando mais uma vez na pequena entrada, segurou o membro, o posicionando onde segundos atrás seus dedos estavam. Forçando um pouco a penetração viu quando Melvin gemeu voltando a encostar a cabeça no colchão, parando levou uma das mãos para as costas do moreno o acariciando. Lambendo os lábios, Melvin forçou o corpo de encontro a Liam – fazendo-o gemer. Tomando isso como um incentivo, o loiro o segurou pela cintura o puxando cada vez mais para si. Quando se viu todo dentro ficou alguns segundos parado, para logo começar a se movimentar lentamente.

Os minutos foram se passando e Melvin começava a sentir o prazer se alastrar em seu corpo. O abraçando e o mantendo junto a si, Liam começou a ir mais rápido. Amava os suspiros e gemidos que o namorado soltava, eram incentivos que o loiro tomava para que continuasse o que fazia da forma que fazia.

Fechando os olhos esqueceu de tudo e de todos, menos do moreno que gemia entregue em seus braços.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Sgurando a bolsa adentrou as propriedades da Universidade, ao redor fitou algumas pessoas conhecidas que estudavam consigo. Acenando se encaminhou para a sala da diretora, aquilo já estava ficando chato, mas não cruzaria os braços a espera de alguma coisa. Ao se aproximar da sala da mais velha parou fitando o ex namorado da amiga que estava escorado no balcão, assim que foi percebida ele a encarou.

— Hey – falou aproximando-se deixando Sayuri surpresa. — Você é a amiga da Mei, né?

— Sim – respondeu estranhando.

— Certo – confirmou passando as mãos nos cachos do cabelo. — Eu... – Parou a observando. — Eu soube que ela foi.

— Sim. – Cruzou os braços ficando séria. — Olha, se você quer falar alguma coisa, fala logo, eu tenho outras coisas para fazer.

Um pouco surpreso ele anuiu com a cabeça para logo enfiar as mãos nos bolsos.

— Eu a amo e a quero de volta – exclamou PERIGOSAS ACHERON

olhando a face surpresa da japonesa. — Eu não consigo viver sem ela, está sendo difícil. — Parou esperando que ela lhe falasse alguma coisa, mas quando viu que ela não diria nada continuou: — Eu tentei ligar, mas ela não me atende e nem me responde por mensagem. — Deu de ombros desolado. — Ela ainda sente algo por mim? Ou fui tão idiota que a deixei escapar?

— Eu não sei te responder isso — proferiu ainda surpresa. — Eu realmente não sei.

— Você poderia me dar o endereço dela?

— Não — negou não perdendo a tristeza nos olhos castanhos. — Se você a ama como diz e quer tentar... — Ergueu os ombros ainda o fitando. — Você vai conseguir encontra-la, mas entregar a você o endereço de mão beijada eu não vou.

— Eu entendo — disse desviando o olhar para a secretária que separava algumas papeladas. — Eu vou indo.

— Espero que tudo se acerte — disse recebendo um aceno, ainda o olhando o viu ir até a secretária pegando as papeladas. Após ele sair se encaminhou para a porta da diretora, mas logo parou quando a funcionária lhe chamou.

Aproximou-se da mulher lhe endereçou um sorriso.

— Eu vim falar com a Diretora – disse observando-a sentar-se a cadeira.

— A Diretora não se encontra, precisou ir em uma reunião fora – falou deixando Sayuri com o cenho franzido. — O que você queria? Transferência também?

Relanceando para a porta pensou no que poderia fazer, respirando fundo voltou sua atenção para a mulher a sua frente.

— Não – negou apoiando as mãos no balcão. — Eu vim saber como ficou minha situação sobre o meu orientador.

— Olha, você pode ir na sala dos professores – propôs pegando a lixa de unha. — Talvez conversar com um deles. – Deu de ombros. — Quem sabe você consegue.

— Obrigada – agradeceu sentindo pouca esperança, se encaminhando para a saída.

Assistia a alguns vídeos das câmeras das
PERIGOSAS ACHERON

ruas, enquanto seu parceiro resolvia outros assuntos a sua frente. Suspirando sentou-se mais ereta, relanceando para a foto do suspeito ao lado do notebook voltou a encarar a tela. Não conseguia entender como um criminoso com mais duas reféns conseguia sumir dos radares da polícia dessa forma. Fitando o loiro o viu com uma expressão séria no rosto.

Franzindo o cenho começou a pensar em como deveria ser mais difícil se concentrar no que deveria fazer, ao saber que um companheiro de equipe estava sob o domínio de um criminoso tão perigoso. Pronta para falar, a porta do escritório foi aberta com ignorância e assustada voltou-se para a entrada com a mão no coldre. De imediato reconheceu a mãe da desaparecida que chorava enquanto um outro policial tentava a acalmar.

— A minha filha! — falou nervosa aproximando-se jogando a bolsa em cima da mesa.
— Onde ela está?

Surpreso, Kilmer se levantou da cadeira com uma expressão aparentemente mais calma.

— Sra. Monroe, por favor se acal...

— Não me peça para ficar calma! — gritou
PERIGOSAS ACHERON

colocando a mão no peito. — Quando vai encontrar a minha filha? — perguntou chorando. — Quando ela estiver mutilada e irreconhecível? — chorou cansada colocando as mãos no rosto.

Rapidamente Sparks puxou uma cadeira para a mais velha se sentar, passando a mão na têmpora fitou o loiro que a olhava com os lábios crispados.

— Sra. Monroe — a loira disse abaixando-se ficando na altura da mulher. — Vamos encontrar a sua filha com vida — garantiu séria. — Infelizmente não conseguimos salvar a outra estudante, mas agora sabemos quem é o criminoso.

— Como a Universidade contrata um louco como aquele homem? — perguntou pegando o copo d'água que lhe era oferecido.

Respirando fundo, Kilmer lembrou-se que a imprensa sabia disso, tinham publicado uma nota sobre o acontecido. Mas já esperava que isso acontecesse, algo assim não ficaria escondido por muito tempo.

— Eles não tinham como saber — Kilmer comentou apoiando-se na mesa olhando a mulher loira que trêmula bebia a água. — Sra. Monroe...

— Se minha filha morrer — o interrompeu
PERIGOSAS ACHERON

com o olhar vago. — Você será o culpado — afirmou fitando o homem ficar sério. — Você terá o sangue da minha menina em suas mãos.

Após a afirmação colocou o copo em cima da mesa, logo pegando a bolsa saindo do local. Olhando-a sair a passos rápido, esfregou o rosto se encaminhando para a janela, mantendo-se de costas para a detetive soltou uma longa respiração. Ele precisava se manter focado, ele não deixaria aquilo o abalar. Ele não falharia, traria os dois em segurança e o criminoso preso. Parada no meio da sala Sparks observava a reação do homem a sua frente, dando um pequeno sorriso sentiu a admiração crescer pelo loiro.

— Vamos conseguir. — Sorriu recebendo um aceno positivo do homem. — Por que não vai tomar um café, consigo ver sua tensão e cansaço daqui.

— Não — negou sentando-se pegando os papéis que antes estava lendo. — Vou terminar essa burocracia e vou te ajudar.

— Está difícil mesmo. — Franziu o cenho voltando ao que fazia. — Não consigo encontrá-lo, no meio da multidão ele parece um rato.

Esfregando os olhos, o loiro voltou a ler, mas seu pensamento era em como Brick e a estudante estavam. A porta se abrindo fez Kilmer levantar a vista, pedindo permissão a policial mostrou alguns documentos sobre a família do criminoso. Afirmado Kilmer a observou estender os documentos.

— A única parente viva que consegui encontrar foi essa tia – avisou olhando o homem folhear o que foi entregue. — O número do celular se encontra desligado.

— Obrigado, Risie – agradeceu voltando a fitar as informações.

Iria atrás dessa tia, procuraria saber com um parente como era o homem para que assim pudesse ter uma noção do que se passava na mente do ruivo. As únicas provas que encontraram no notebook do criminoso foram imagens e vídeos íntimos de Sayuri Hodgens, não tinha nada referente as desaparecidas e isso o deixou confuso. O que levava a crer que o homem sequestrou as duas estudantes sem um motivo aparente, apenas por ter duas meninas sob os domínios. Era um louco. Tinha contratado um informante próximo a Sayuri

PERIGOSAS ACHERON

e, isso o deixava mais calmo.

Sorridente e feliz era como se encontrava. Andando rapidamente pela calçada o único desejo que tinha era de abraçar Benjamin e contar o motivo de sua felicidade, colocando uma mecha atrás da orelha avistou uma figura feminina usando uma calça jeans colada ao corpo e um cropped. Os cabelos castanhos estavam soltos balançando contra o vento, franzindo o cenho a viu adentrar a academia. Travando a mandíbula se pôs a caminhar apressadamente até o local. Ao entrar procurou a mulher que tinha visto e sentindo-se raivosa fitou Pheobe abraçar Benjamin que manteve os braços parados ao lado do corpo.

Aproximando-se dos dois ouviu a voz feminina falar que estava com saudades e se arrependia de tudo o que tinha falado por telefone. Puxando o braço da morena a viu ficar surpresa.

— O que você está fazendo no local de trabalho do meu namorado? – questionou ainda a segurando pelo braço.

PERIGOSAS ACHERON

— Me solta! – Puxou o braço a encarando séria. — Está louca? Quer mandar no Benjamin agora?

Sentindo uma possível discussão entre as duas ali mesmo no meio da academia, Benjamin se aproximou da namorada.

— Sayuri...

— Eu não quero mandar em ninguém – exclamou interrompendo Benjamin —, mas eu exijo que você saia daqui. Não é aluna, tampouco professora. – Olhou-a de cima a baixo. — Não é nada de importante.

— Sayuri – Benjamin falou lhe tocando o braço.

— E você se acha alguma coisa só porque ainda está com o Benjamin – desdenhou dando um sorriso sarcástico. — Querida, você é tão patética.

— E você uma mal-amada! – disse ouvindo um “*uh*”, “*essa doeu*” dos professores e alunos ao redor.

Pheobe se aproximou colocando as mãos na cintura, sendo impedida de se aproximar mais quando Benjamin colocou o braço na frente.

— O que você disse? – quis saber com a
PERIGOSAS ACHERON

mandíbula travada.

— É surda, por acaso? — Sayuri rebateu trêmula, nunca tinha feito algo parecido.

— Sayuri! — Benjamin a chamou fazendo-a fita-lo confusa. — Quer parar?

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas o encarou não acreditando no que ouvia.

Benjamin na hora a olhou arrependido, ele não queria que ela se metesse em confusão com Pheobe. Pois, sabia que Sayuri era mais frágil que a outra. Conhecia Pheobe, sabia de onde ela vinha.

— Ridícula. — Pheobe riu olhando Sayuri que a fitou rapidamente.

— Pheobe, quer parar com isso? — quis saber olhando os olhos castanhos da mulher.

— Benjamin, você é tão bonzinho por ainda estar com essa songa-monga sem sal — a morena disse com um pequeno sorriso. — Quando quiser sentir prazer mesmo me procura — terminou passando a mão no braço do homem.

Antes que Benjamin pudesse a afastar sentiu quando foi empurrado, olhando para a cena a seguir ficou espantado. Sayuri havia derrubado Pheobe e a dava tapas no rosto. Agindo rapidamente a segurou

PERIGOSAS ACHERON

pela cintura levando-a para longe de Pheobe que quando se levantou avançou para bater em Sayuri, mas foi segurada por um dos professores.

— Sua vaca! Eu vou acabar com você! — gritou sentindo o rosto arder pelos tapas.

— Leve-a embora — mandou para o homem que recebia tapas da mulher para que a soltasse, voltando-se para Sayuri a viu enxugar as lágrimas com uma expressão de tristeza. — Isso que você fez foi errado.

Em silêncio, Sayuri pegou a bolsa que havia jogado no chão. Alisando o vestido que usava rezou para que sua calcinha não tivesse aparecido. Estava se sentindo humilhada, aquela mulher tinha dito aquilo na frente de todos e Benjamin não havia desmentido. Pronta para sair sentiu o braço ser segurado. Voltando-se para o namorado deixou as lágrimas caírem.

— O que está acontecendo com você? — quis saber com o cenho franzido.

— Nada. — Deu de ombros o olhando. — Eu estou normal — chorou gesticulando com a mão —, mas eu acho que você quer que eu sorria enquanto essa mulher vem atrás de você com segundas
PERIGOSAS ACHERON

intenções – falou séria. — Tenho que ouvir ela afirmar para todo mundo aqui – disse apontou para todos que prestavam atenção em si — que eu não sou boa para você e, ao invés de me defender fala que o que fiz foi errado?

— Sayuri... – tentou falar lhe tocando o braço.

— Eu estou errada?

— Você a agrediu. – Apontou para a saída onde Pheobe tinha sido levada. — Poderia ter se machucado – disse acarinhando a bochecha feminina. — Eu me preocupo com você – disse olhando-a nos olhos. — Eu amo você! – Sorriu a puxando para mais perto. — *Caralho!* – xingou fitando os lábios crispados trêmulos dela. — Você é a mulher da minha vida – anunciou obtendo um pequeno sorriso e alguns balbucios em tons fofos dos outros. — Na minha mente e coração só existe você.

— Então porque não me deixou bater nela? – quis saber cruzando os braços, pegando Benjamin de surpresa.

— O que?

— Ela só vai parar de dar em cima do
PERIGOSAS ACHERON

namorado alheio quando apanhar bem muito naquela cara feia. — Bufou fazendo-o rir. — Não rir.

— Não quero que você se machuque — proferiu colocando uma mecha atrás da orelha dela deixando a mão ali. — Se algo acontecer com você eu não sei o que faço.

Ficando nas pontas dos pés enlaçou o pescoço masculino, para logo o beijar sentindo as mãos grandes descerem e se posicionarem no tecido do vestido o puxando para baixo.

Inclinando a cabeça para aprofundar o beijo, ouviu ao fundo aplausos e gritos. Separando os lábios olhou ao redor, para logo encostar a testa no peitoral de Benjamin.

— Okay, o show acabou agora todo mundo pode voltar ao que fazia antes — Benjamin exclamou observando alguns homens sorrirem enquanto se afastavam. — Vamos para o meu escritório.

Concordando seguiu abraçada a ele, olhando para o lado viu Liam lhe sorrir. Acenando voltou a prestar atenção no caminho que seguia, no corredor que entraram pôde ver algumas portas. Na segunda

PERIGOSAS ACHERON

porta a direita esperou que Benjamin a abrisse, observando o lugar viu que era um escritório como qualquer outro. Colocando a bolsa em cima da mesa foi até alguns livros que tinham em uma pequena estante.

— *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes* – leu o título de um livro. — Você já leu esse livro ou está para enfeite? – Riu, mas logo arfou ao sentir os braços musculosos ao redor de si. — Ben...

— Dustin me presenteou com ele – falou rente ao ouvido feminino, para logo morder o lóbulo da orelha. — Vamos começar do começo – propôs descendo uma mão pelo corpo da namorada. — Que deliciosa surpresa – afirmou enquanto colocava uma mão por dentro da calcinha que ela usava.

Com a outra mão subiu lhe apertando o seio.

— Eu... – Parou suspirando, abrindo mais as pernas esfregou o traseiro no quadril atrás de si. — Eu vim contar uma coisa.

— O que? – perguntou parando o que fazia. — Você conseguiu resolver o assunto do seu orientador?

— Sim. — Sorriu virando-se para ele, logo o empurrando para o sofá. — Eu consegui um horário pela tarde na quinta-feira, eu nem precisei implorar — falou sentando-se com uma perna de cada lado no colo de Benjamin. — Sabia que você com essa roupa fica bem sexy?

— Sério? — Fingiu surpresa fitando o sorriso que ela tinha. — E sem ela? — quis saber retirando a blusa que usava, fazendo Sayuri suspirar com a visão do torso masculino coberto por tatuagens.

— *Fica mais ainda* — sussurrou rente ao ouvido. — Fico imaginando você todo suado — confidenciou beijando o pescoço de Benjamin, não vendo o cenho franzido que ele tinha. — Rasgando minha calcinha e me fazendo gemer do jeito que só você sabe fazer.

— Sério?

Fechou os olhos sentindo os beijos serem depositados em seus lábios.

— Sério — confirmou começando a rebolar lentamente. — Você ficou muito sexy com esse bigode.

— Achei que não tivesse gostado — comentou puxando-a para um beijo.

Abraçando-a pela cintura sentiu quando Sayuri lhe chupou a língua fazendo-o gemer.

— Eu amei. — Sorriu sentindo os beijos em seu colo e, logo o seio ser exposto para os lábios de Benjamin. — Eu amo você.

Mordendo os lábios sentiu quando o bico do seio foi mordido e chupado. Acarinhando o rosto masculino, fechou os olhos para apreciar o momento. Mostrando o outro seio mordeu com mais força os lábios quando Benjamin repetiu o mesmo processo ali, fazendo-a gemer rebolando com mais empenho. Jogando a cabeça para trás em puro prazer, sentiu quando dedos lhe tocaram por dentro da calcinha. Voltando a encará-lo viu a língua lhe lambe o seio de maneira provocante, gemendo sôfrega sentiu os dedos lhe penetrarem em movimentos lentos.

Repuxando os lábios em um pequeno sorriso, percebeu as maravilhosas sensações que vinham com o orgasmo. Tencionando os músculos deixou a cabeça cair no ombro masculino, enquanto respirava pela boca sentindo os espasmos pelo corpo.

— E... — Balbuciou sentindo-se mole. —
PERIGOSAS ACHERON

Você ainda... fala que eu te ataco.

Riu sentindo os seios em contato com a pele de Benjamin.

— Mas foi você que me atacou — acusou acariciando o traseiro feminino. — Quem está por cima?

Ignorando-o o beijou sentindo a umidade da calcinha lhe incomodar. As bocas se moviam em perfeita sincronia, as mãos lhe agarravam com mais força a puxando para mais perto fazendo-a sentir o membro ereto por baixo das roupas. Ao fundo o barulho de algo se fez presente. Separando os lábios Sayuri fitou a bolsa em cima da mesa. Mordidas e beijos em seu queixo e pescoço a fez voltar a dar atenção ao homem a sua frente, o segurando pelo rosto reiniciou o beijo arfando ao sentir um dedo lhe acariciar a entrada de trás. O celular tocando mais uma vez a fez franzir o cenho, porém pensando ser algo importante afastou Benjamin de si dando um pequeno sorriso em desculpa, logo indo atender a ligação.

Ajeitando a roupa foi até a bolsa procurando o celular, sentado no sofá — sentindo a respiração desregular — Benjamin sem conseguir se segurar

PERIGOSAS ACHERON

colocou a mão por dentro do short apertando a cabeça do membro que ereto latejava. Lambendo os lábios viu quando Sayuri confirmou e falou que iria. Quando ela finalmente o encarou, Benjamin mostrou a ponta melada do membro.

— Vamos continuar? – perguntou com um sorriso de lado.

— Era minha mãe – falou com o cenho franzido, fazendo Benjamin se sentar ereto.

— Aconteceu alguma coisa? – questionou preocupado.

— Ela quer falar sobre o Prof. Herban. – Crispou os lábios. — Acho que ficou chateada por eu não ter dito.

Ficando em pé Benjamin a abraçou.

— Eu te levo.

— Não precisa – negou separando-se minimamente. — Você está trabalhando e eu já te atrapalhei demais.

— Você nunca me atrapalha – proferiu lhe segurando o queixo. — Eu... — A batida na porta o fez calar. — Pode entrar.

— Chefe temos um problema – murmurou encarando o homem. — O caminhão de entrega

PERIGOSAS ACHERON

está lá fora com dois aparelhos errados e quebrados – anunciou fazendo Benjamin bufar. — Mostrei a nossa relação com o pedido correto, mas o cara não quer ouvir e quer descer as máquinas mesmo assim.

— Vou em dois minutos. — Fechou os olhos negando com a cabeça. — *Droga!* Não queria te deixar sozinha.

— Tudo bem. — Acarinhou o rosto masculino. — Eu vou precisar falar sozinha com eles de qualquer forma.

— Eu vou buscar você – anunciou fazendo-a confirmar. — Me espere, está bem?

— Está bem. — Sorriu beijando-o, sentindo os lábios de Benjamin lhe tomarem os seus de forma intensa. — Onde fica o banheiro?

— Vamos, eu te mostro. — Pegou a blusa que havia jogado a vestindo. — Você almoçou?

— Sim – confirmou pegando a bolsa, saindo da sala. — Eu deixei tudo arrumado e fui na Universidade, a Diretora Thoren não estava.

— Não gosto dela. — Deu de ombros se encaminhando para o banheiro. — Você sabe dirigir?

— Não.

— Quer aprender? — perguntou abrindo uma outra porta mostrando o vestiário.

— Não sei.

Riu o beijando-o, para logo se dirigir a uma cabine onde começou a se limpar.

Sorrindo Benjamin foi até a pia lavar as mãos.

— *Não tenho um carro para dirigir* — ele a ouviu dizer ainda dentro da cabine. — *Eu pretendo primeiro juntar dinheiro para comprar uma casa, meu pai tem uma.* — Parou de falar, voltando-se para a porta a viu sair indo até a pia. — Mas está alugada. E em todo caso eu quero poder comprar uma grande com um grande quintal.

— Você gosta de coisas grandes — murmurou arqueando uma sobrancelha.

— Gosto. — Sorriu entendendo o duplo sentido, enxugando as mãos voltou-se para Benjamin o abraçando. — Eu queria também adotar um cãozinho — confidenciou o acompanhando para fora —, mas é difícil quando eles morrem. Acho que não quero.

— É o ciclo da vida.

Concordando olhou ao redor os homens
PERIGOSAS ACHERON

treinando.

— Onde está o Dustin?

— Foi acompanhar a Taylor no médico — respondeu, logo saindo da academia onde viu o caminhão parado e o funcionário com as mãos no quadril conversando com o outro homem. — *Saco!* Tenho que ir, *Chuchu* — disse a puxando para um beijo. — Me liga qualquer coisa, tem dinheiro para ir?

— Sim. — Sorriu o beijando mais uma vez. — Até.

Após mais um beijo Sayuri se pôs a caminhar, estava nervosa. Nunca foi uma filha que dava trabalho aos pais e, saber que eles poderiam estar chateados com ela a deixava triste. Suspirando segurou a bolsa começando a caminhar mais rápido.

Enquanto caminhava observava com atenção os vizinhos ao redor, acenando para alguns se pôs a caminhar mais rapidamente até a casa dos pais. Já na entrada pôde ver o carro do avô e a caminhonete

PERIGOSAS ACHERON

do pai, suspirando colocou uma mecha atrás da orelha e se dirigiu para a entrada da residência. Mordendo os lábios e tomando coragem abriu a porta, assim que adentrou a sala viu os pais sentados em um sofá e o avó juntamente com Beth sentados em outra.

— Oi.

Rapidamente a mãe foi em sua direção a abraçando apertado. Abraçando-a de volta se sentiu mal por ficar preocupando a mais velha. Olhando o pai o viu se aproximar sério, ao se separar da mãe encarou o pai que suspirou a puxando.

— Sayuri – Archie a chamou abrindo os braços.

Colocando a bolsa no sofá abraçou o mais velho.

— Vô – murmurou sentindo um carinho nos cabelos. — Como o senhor está? – perguntou afastando-se acenando para a loira. — Oi.

— Oi. – Beth sorriu a fitando. — Você está linda.

— Obrigada – agradeceu passando a mão no vestido. — A senhora também está linda.

A mulher usava um vestido azul escuro

PERIGOSAS ACHERON

tubinho, nos pés saltos pretos. Os cabelos estavam soltos em uma cor loira brilhosa, usava pouca maquiagem evidenciando que o tempo tinha sido generoso com ela.

— Eu estou bem – o avô respondeu tocando o colar que Sayuri usava, o mesmo que ele tinha dado. — Gostou do presente.

— Faz parte de mim.

Sorriu segurando o pingente.

Concordando o homem encarou o filho.

— Bem já estamos indo. – Virou-se segurando a mão da esposa. — Você tem muito o que falar com eles – indicou o casal atrás dela. — Se cuida.

— O senhor também – falou observando-os se despedirem, logo saindo da casa.

Cruzando os braços sentou-se no sofá esperando os pais retornarem. Fitando a frente viu a mãe lhe encarar de forma preocupada, engolindo em seco esperou que eles comesçassem. Era horrível como se sentia, parecia que até tinha feito algo de errado.

— Por que não nos contou? – Yumi a questionou ficando em pé a frente da filha. —
PERIGOSAS ACHERON

Soubemos o que estava acontecendo pela tevê.

— Mãe, eu não entendo o motivo da senhora estar assim – respondeu fazendo a mulher arquear as sobrancelhas, na hora Sayuri fitou as mãos.

— Não entende? – repetiu colocando as mãos na cintura. — O seu professor – exclamou a encarando. — O mesmo que lhe deu carona é procurado pela polícia acusado de sequestrar as duas estudantes e um oficial deles. Uma foi encontrada morta – avisou sentindo-se sufocada.

Urion apenas observava em silêncio a mulher falar, voltando-se para a filha a viu apertar o polegar em um claro ato de nervosismo.

— O mesmo que estava perto de você esse tempo todo! – continuou. — Não vê o perigo que correu? E você não nos disse! Se ele aparece por aqui ou sei lá – gesticulou nervosa.

— Mãe, não precisa se preocupar – disse nervosa. — Ele está sumido não tem como ele vir atrás de mim novamente.

— O que? – Urion questionou franzindo o cenho. — Novamente? Ele fez isso e você não avisou?

Fechando os olhos, Sayuri passou a mão na

PERIGOSAS ACHERON

testa, o coração parecia que saíria pela boca.

— N-Não – negou sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Mãe, não precisa se preocupar – repetiu ficando em pé. — Eu não sabia que era ele, eu só soube depois que eu ele me mandou aquelas fotos e... – parou negando com a cabeça encarando as sapatilhas.

— Fotos? – Yumi perguntou colocando a mão no peito. — Filha, o que você está nos escondendo?

Sentando-se novamente no sofá Sayuri chorou, ela não queria falar. Já tinha ocultado muitas coisas dos pais, eles com certeza ficariam decepcionados pela falta de confiança para com eles. Enxugando as lágrimas sentiu quando o lugar ao seu lado foi ocupado e os braços maternos a acolheu em um abraço protetor.

— Filha – murmurou sentindo-a deitar em seu ombro. — Não oculte nada – pediu enquanto deixava lágrimas caírem. — Não nos deixe no escuro, eu não posso perder você – negou fechando os olhos.

Observava as duas de forma séria. Fitava a esposa chorar abraça a filha, esfregando a mão no

PERIGOSAS ACHERON

rosto aproximou-se as abraçando. Parecia que estava revivendo o passado e, aquilo o deixava mais preocupado. Não era porque o criminoso estava desaparecido que Sayuri estava a salvo, ninguém faria mal a sua princesa. Afastando-se um pouco a viu secar as lágrimas.

— Eu... — parou fungando. — Eu só quero dizer que... — Parou novamente relanceando para os pais rapidamente. — Eu só não falei porque não queria preocupar vocês e não por falta de confiança.

Yumi fitou o marido.

— Diga, filha — incentivou passando a mão no cabelo castanho. — Não vamos brigar com você, nem nada disso.

Mordendo os lábios Sayuri ponderou no que faria, mas já que tinha falado demais decidiu por contar de uma vez. Apesar de ser adulta, sentia-se como uma criança que tinha feito algo muito errado. Respirando fundo colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha, lambendo os lábios começou a relatar tudo desde o começo.

Após finalmente resolver o problema com os aparelhos, Benjamin voltou para o escritório. Antes da discussão entre Sayuri e Pheobe, estava na sala resolvendo algumas coisas relacionada a nova academia comunitária que abriria em sociedade com Dustin. Sentado em frente ao computador lembrou-se do que Sayuri havia dito sobre juntar dinheiro e comprar uma casa, acessando o site de buscas digitou *casas para comprar em New York*. Imediatamente alguns nomes de corretores apareceram na tela, mas antes que pudesse escolher pensou no que Sayuri diria sobre.

Pegando o celular discou rapidamente o número.

— Acha que a Sayuri casaria comigo? — perguntou assim que a ligação foi aceita.

— *Filho?* — Jilly murmurou surpresa, mas logo ficando feliz. — *É claro! Oh meu Deus!* — emocionou-se levando as mãos ao peito. — *Filho, eu estou tão feliz.*

— Eu vou comprar uma casa do jeito que ela quer — anunciou deixando a mãe muda. — E vou pedi-la em casamento.

No outro lado da linha Jillian chorava deixando Bradley assustado e confuso. Estranhando o silêncio, Benjamin ouviu a mãe fungar. Sorrindo encostou-se a cadeira ainda com o celular no ouvido.

— Chorando, dona Buthler? – quis saber risonho.

— *Eu estou tão...* – Parou chorando. — *Eu vivi para ver meu filho se casando com uma boa moça.*

— Não fala assim – pediu ficando em pé. — A senhora vai viver para sempre.

— *Eu fico tão feliz por vocês.* – Voltou a falar. — *Vocês serão tão felizes.*

— Eu já sou. – Sorriu confirmando. — Acho que não tem como eu ficar mais feliz.

— *A vida se encarrega de te mostrar que tem sim.*

Sorrindo confirmou com a cabeça.

— Eu tenho que ir – respondeu voltando-se a se sentar. — E mãe, é surpresa isso que lhe falei. Peça para o filho de quinze anos da Sayuri não comentar com ela.

Ouvindo o riso da mãe também sorriu.

— *Filho de quinze anos? Que amor.*

— Eu te amo, mãe – proferiu com um pequeno sorriso.

— *Eu te amo mais meu bebê.*

Encerrando a ligação voltou para a tela do notebook observando algumas casas à venda. Mesmo não tendo certeza se Sayuri gostaria da surpresa, ele iria arriscar.

Ao finalizar o relato Sayuri fitou os pais, notava que a mãe estava muito chorosa e com o olhar preocupado. Levantando-se foi até a cozinha onde pegou um copo de água, voltando para a sala ajoelhou-se a frente da mulher.

— Toma, mãe. – Entregou o copo d’água. — Fica calma.

— Ficar calma? – repetiu. — Meu Deus! Armado dentro do seu quarto? Eu poderia ter te perdido e nunca saberia que você estava passando por isso – exclamou fazendo Sayuri chorar. — Você ouviu, Urion? A nossa filha sofreu longe da gente e não sabíamos.

— Fica calma, está bem? — pediu acarinhando o rosto pálido da mulher.

— Eu não...

Parou de falar desmaiando e deixando os dois assustados.

O copo que estava em mãos caiu se espatifando no chão, Urion rapidamente a pegou nos braços preocupado.

— Mãe! — Sayuri alarmou-se segurando a mão gelada da mulher. — Pai!

— Ela só está desmaiada — informou com o cenho franzido a pegando nos braços. — Vou levar ela para o quarto.

Concordando acompanhou o pai, abraçando-se viu o homem adentrar o quarto depositando com cuidado a mulher na cama. Aproximando-se a beijou na bochecha enquanto as lágrimas caíam, voltando-se para o pai o viu de braços cruzados.

— Vamos lá para fora.

Mordendo os lábios anuiu indo atrás do pai, já no corredor o homem a encarou.

— Quando sua mãe acordar vamos até o seu apartamento pegar as suas coisas — anunciou pegando-a de surpresa. — Vai ficar com a gente até

PERIGOSAS ACHERON

que tudo isso se resolva.

— Pai...

— Sem contestação, Sayuri – a interrompeu sério. — Você vai vir e pronto.

— Pai, eu sou adulta! – retrucou recebendo um olhar mais sério do homem. — E eu estou morando com o Benjamin.

— Morando? Namorar ainda vai – afirmou —, mas morar? Isso já é demais.

— Mas o senhor e a mamãe moravam na mesma casa e nem eram casados – acusou fazendo-o ficar espantado por ela o responder. — Não foi demais para o senhor.

— Olha como você fala, Sayuri – a alertou fazendo-a calar. — Você pode ser adulta, mas ainda sou o seu pai.

— Você não...

Parou assustada com o que iria falar e podia perceber que o homem a sua frente também havia entendido, pois a olhou surpreso.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas correu para o próprio quarto jogando-se na cama, não acreditava que diria um absurdo daquele. Era claro que o homem era seu pai, sempre a cuidou

PERIGOSAS ACHERON

com carinho e não deixou que nada a faltasse. Não conseguia parar de chorar, o coração parecia que estava esfaqueado. Não queria ter magoado o homem que lhe era tão importante, seu pai.

A batida na porta a fez travar.

Virando-se lentamente para a entrada viu Urion triste parado a porta.

— Eu só quero o seu bem — disse fazendo-a chorar mais. — Eu... Eu tenho você como uma filha.

— Me desculpa, pai — pediu sentando-se a cama assistindo o homem se aproximar a abraçando. — Me desculpe por isso, o senhor sempre será o meu pai. O melhor pai de todos, meu herói — chorou sentindo o mais velho a abraçar mais. — Não sei por que eu quase falei aquilo, eu não penso daquela forma. Eu te amo.

— Tudo bem — a acalmou notando-a trêmula. — Estamos todos com os nervos a flor da pele — a tranquilizou acarinhando as longas madeixas. — Eu também te amo, minha princesa, eu só queria que você fosse bem pequena para que eu pudesse te manter protegida nos meus braços — proferiu recebendo uma risada fraca. — O mundo é muito PERIGOSAS ACHERON

mal e saber que aquilo tudo aconteceu com você...

— Nada vai acontecer comigo, pai — o interrompeu puxando os cabelos que ele tinha no braço. — A polícia está atrás dele, não tem como ele me procurar.

Ficando em silêncio Urion confirmou com a cabeça sentindo algumas lágrimas caírem dos olhos, rapidamente as secou. Suspirando lembrou-se de antigamente de estar com Sayuri pequena na sala e, ela fazer a mesma coisa que fazia agora: lhe puxar os cabelos dos braços.

— Você nunca deixou essa mania de querer arrancar esses cabelos.

— Eu não quero arrancar — falou um pouco mais calma. — Eu só estou puxando.

— E na sua concepção, professora — brincou alisando o cabelo castanho. — Qual a diferença entre as duas palavras?

Sorrindo olhou o braço do homem.

— Arrancar é arrancar — respondeu ouvindo a risada rouca do homem. — Puxar é puxar.

Abraçando-a mais, Urion fitou a entrada da porta onde Yumi estava em pé. Esticando o braço para ela a observou andar lentamente até eles,
PERIGOSAS ACHERON

segurando-a a abraçou também.

— Minhas meninas — expôs respirando fundo. — Tudo vai dar certo.

Segurando a mochila se encaminhou para a entrada, ao se aproximar da grande área viu o último professor sair. Acenando pegou o celular vendo que eram 17h30, após trancar a academia se encaminhou para o automóvel o adentrando logo em seguida. Antes que pudesse dar a partida viu a mensagem do advogado informando a data e hora do julgamento do pai dos meninos e da audiência que teria.

Colocando o celular no porta-luvas se dirigiu para a casa dos sogros.

Horas mais tarde estacionava o carro em frente a residência azul, então saiu do automóvel se dirigiu para a entrada. Usava a mesma roupa da academia, ao parar em frente a porta tocou a campainha. Ao fundo ouviu a voz de Sayuri, segundos depois a porta fora aberta e a namorada o encarava com um pequeno sorriso. Abrindo os

PERIGOSAS ACHERON

braços a segurou quando ela se jogou o beijando e o abraçando, colocando-a no chão novamente. Um pigarro fez com que o casal se separassem, fitando o homem da casa – Benjamin estendeu a mão em um cumprimento.

— Boa noite, Sr. Dupke.

— Boa noite – respondeu lhe apertando a mão. — Vamos entrando, ficarão para o jantar.

Anuindo com a cabeça o viu se afastar. Mordendo os lábios Sayuri o encarou.

— Hoje tivemos aquela conversa – confidenciou um pouco triste. — Quando estivermos em casa eu falo como foi.

— Tudo bem. – Acarinhou o rosto feminino, descendo os olhos pelo corpo da namorada viu a saia estilo colegial que ela usava. — Nunca vi você usando saias assim.

Puxando-o para dentro Sayuri sorriu.

— Essa saia eu usava quando ainda era adolescente – falou baixo procurando o pai. — Papai a odeia.

— Eu amei – a imitou falando baixo. — Bem sexy.

— Eu tenho mais quatro – confidenciou
PERIGOSAS ACHERON

sentando-se com ele no sofá. — São lindas.

— Me mostra? — quis saber a segurando pelo queixo, logo a beijando. — Eu tenho uma ideia melhor — Sorriu olhando dos olhos para os lábios dela. — Que tal você fazer um desfile usando-as? No nosso quarto hoje — propôs safado fazendo-a sorrir. — Eu adoraria que você sentasse em mim usando essa — apontou para a saia que ela usava.

— Benjamin! — exclamou envergonhada virando-se, logo fitando o pai que adentrava a sala. — O jantar vai ser servido assim que minha mãe descer — murmurou separando-se um pouco dele.

— Certo — concordou agora olhando o sogro. — Como andam os negócios?

— Bem, vão indo bem. — Sorriu sentando-se na poltrona. — E os seus?

— Bem também. — Relanceando para Sayuri que continha um pequeno sorriso nos lábios. — Estou pensando em abrir uma academia com aulas grátis para a comunidade.

Surpresa Sayuri o fitou.

— Isso é uma coisa boa — Urion proferiu. — Se você precisar reformar alguma coisa eu posso oferecer materiais para construção.

— Isso seria maravilhoso.

Sayuri encarou o pai, sentia orgulho dos dois homens presentes. Ainda o olhando viu quando o mesmo piscou lhe endereçando um sorriso, voltando-se para Benjamin o abraçou sentindo ser abraçada de volta.

Com a cabeça encostada a parede Brick pensava no prego que tinha escondido dentro do sapato. Só estava esperando uma chance em que o homem não estivesse ali, não sabia exatamente o que o ruivo fazia tanto do lado de fora. Mas esperava que ele saísse logo, pois, seria nesse momento que ele colocaria o plano de fuga em ação.

Abruptamente a porta foi aberta e em alerta fitou o homem que praticamente se jogou a sua frente com as mãos em frente ao rosto expressando medo.

Vivieny, ao seu lado, se afastou.

Com o ruivo próximo, Brick percebeu as pupilas do outro dilatadas.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está ouvindo?

— O que? — Brick perguntou nervoso.

— *Shhhh! Ele está vindo* — sussurrou um sinal de silêncio. — *Não fala.*

Assustado Brick afastou-se um pouco do ruído que abraçava os joelhos olhando para a porta sem piscar. Sem esperar o homem virou-se o fitando, para logo olhar Vivieny que o encarava sem expressão.

— Ela! — gritou apontando para a loira. — Ela é amiga dele! — Ficou de pé afastando-se. — Você vai queimar! — ameaçou-a. — Não chega perto dela!

Ao dizer isso saiu da sala fechando a porta com força. Sentindo o coração bombear a mil, Brick fitou Vivieny que olhava a porta de modo vago.

— Ele está louco — a loira disse deitando-se com os olhos abertos. — Louco. — Sorriu esfregando a bochecha no chão em movimentos de vai e vem. — Eu também estou louca. — Riu parando olhando para o teto. — Todo mundo vai ficar louco.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas
PERIGOSAS ACHERON

Brick se permitiu chorar ao ver o estado da loira, voltando a fitar a porta ouviu quando Vivieny começou a cantarolar.

O jantar na casa dos sogros tinha sido diferente de quando havia almoçado. Tinha notado a sogra mais dispersa, mas a entendia ela estava preocupada com Sayuri. Na hora de irem embora a mulher chorou abraçada a filha, porém entendia que a filha precisava ir não poderia deixar que o medo atrapalhasse.

O caminho de volta tinha sido em silêncio, pois, Sayuri dormiu assim que entrou no carro. Sorrindo observou-a dormir no banco do passageiro, lhe acarinhando o rosto ouviu quando ela gemeu e soltou um “Ben”.

— Sayuri? – a chamou olhando os lábios da namorada se juntarem em um bico.

— *Me deixa dormir* – pediu abraçando-se.

Sorrindo Benjamin saiu do automóvel. Colocando a mochila nas costas se encaminhou até a porta do passageiro e a abriu. Com um pouco de

PERIGOSAS ACHERON

dificuldade a pegou delicadamente no colo sentindo os braços lhe abraçarem o pescoço. Fechando a porta do carro e ligando o alarme, se pôs a entrar no prédio. Cumprimentando o porteiro foi diretamente para o elevador, ao chegar em frente ao apartamento enfiou a mão no bolso da bermuda rapidamente pegando a chave abrindo a porta.

Fechando-a com o pé se encaminhou para o quarto onde depositou Sayuri na cama. Essa quando sentiu os lençóis macios, virou-se ficando de bruços fazendo com que a saia levantasse mostrando a calcinha estilo tanguinha que ela usava. Deixando a mochila de lado foi até a porta da frente a trancando de chave, voltando para o quarto tomou um demorando banho frio. Ao sair se enxugou para logo vestir uma cueca branca, aproximando-se da cama retirou as sapatilhas de Sayuri e sorrindo deitou-se ao lado dela, logo sentindo o pequeno corpo o abraçar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

O tempo cinza era um contraste lindo naquele dia chuvoso, olhando rapidamente para o celular viu a foto da morena postada há quinze minutos. Sorrindo observou o sorriso que Noemie tinha. Guardando o celular pensou em tudo o que havia acontecido de ontem para hoje. E como se fosse um filme todas as cenas dos dois juntos passaram em sua mente, bons momentos – tinham os momentos de ciúme como todo casal –, mas os momentos bons eram os mais frequentes. Quando conhecera Noemie não imaginava que se sentiria tão atraído por ela como se sentiu e, isso de primeira o havia assustado.

Mas após o susto inicial passou a se sentir mais à vontade com a morena, como se a conhecesse há bastante tempo e ela pudesse o desvendar e entende-lo. Sorrindo lembrou-se que ela o deixava encantado de uma forma que – para ele – nunca pensou ficar por qualquer mulher. Então, deixou-se permitir tentar um relacionamento, acostumado com a monotonia

PERIGOSAS ACHERON

encontrou-se em pane quando soubera que ela recebera uma proposta de emprego em um outro lugar. Concordava que tinha um pouco de egoísmo ao não vibrar de emoção com a notícia, mas ele não queria a perder e isso o deixou tão desesperado que em um impulso terminou o relacionamento dando qualquer desculpa.

Não queria, mas ao se ouvir e ver os olhos castanhos surpresos e decepcionados lhe dirigirem a atenção, apenas se calou. Ele já tinha feito o estrago e, como um covarde deixou que fosse. Com os dias se passando o arrependimento por ter sido tão idiota o corroía, tinha deixado escapar a única pessoa que o fazia feliz. Havia magoado a pessoa que mais lhe importava e que sentia um grande sentimento.

Nas redes sociais via as publicações que ela postava. Uma em especial ela estava linda, mas o sorriso na foto não era o mesmo que ela lhe direcionava e que ele conhecia bem. Suspirando fitou a janela do carro, olhando rapidamente o relógio viu que eram 8h30. Ontem após sair da Universidade foi direto para o dormitório. Depois de pegar tudo o que precisava se encaminhou para PERIGOSAS ACHERON

Penn Station em Manhattan com destino a Estação *South Station* em Boston. A viagem de trem levou 5h e, com isso teve tempo para pensar no que diria a mulher. Hospedara-se em um pequeno hotel, não havia dormido quase nada em ansiedade.

— Chegamos – o taxista disse com o sotaque britânico.

Pegando a carteira no bolso retirou o dinheiro entregando ao homem, fora do automóvel a chuva caia sem dó. Abrindo a porta e a fechando correu para dentro do prédio, passando a mão no cabelo encarou as pessoas que transitavam por ali. Olhando para si pensou se estava de acordo para se humilhar se fosse preciso, encaminhando-se até a o balcão onde uma mulher uniformizada estava respirou fundo. Pigarreando chamou a atenção da ruiva.

— Eu estou procurando Noemie Schmidt.

Sentada a mesa observava a chuva cair da grande janela, batucando a caneta no papel a sua frente deixou-se pensar na vida. O trabalho estava

PERIGOSAS ACHERON

sendo maravilhoso, tinha uma boa convivência com os colegas e o chefe. O apartamento que morava era espaçoso e aconchegante, a mãe lhe ligava todos os dias perguntando se tinha alguma novidade para contar.

Não tinha.

Encostando-se a cadeira pensou na amiga, ficava feliz por ela encontrar uma pessoa, assim não se sentia tão culpada por ir embora. Crispando os lábios pensou em sua vida amorosa, era triste ter que fingir ou procurar em outras pessoas – mesmo que pequenos detalhes – um pouco do ex namorado. Suspirando pensou no que Juan estaria fazendo, se estava com uma pessoa ou sozinho. Balançando cabeça percebeu que era uma masoquista, não aprendia.

Saindo do devaneio escutou alguém bater a porta, sentando-se confortavelmente alisou o cabelo com os dedos.

— Pode entrar – autorizou fitando a matéria que estava escrevendo na folha. — Lindsay, você acha...

— Noemie.

Parando levantou a vista rapidamente fitando

PERIGOSAS ACHERON

Juan parado a sua frente. Sem acreditar sentiu quando o coração começou a bombear desenfreadamente, sentindo borboletas no estômago deixou um sorriso escapar, mas logo voltou a ficar séria.

— Juan? — Estranhou afastando a cadeira da mesa. — O que está fazendo aqui?

Engolindo em seco o viu se aproximar cauteloso.

— Eu... — Parou a olhando. — Você está linda.

Surpresa, fitou-se usava uma calça jeans, botas e uma blusa de gola alta e mangas longas. Estava normal e, voltando a fitá-lo o viu olhar ao redor com curiosidade.

— O que veio fazer aqui? — repetiu a pergunta. — Não veio olhar a decoração isso eu tenho certeza — brincou levantando-se parando em frente à mesa.

Dando mais um passo até ela enfiou as mãos nos bolsos da calça de forma ansiosa. Olhando-a esperando uma resposta engoliu em seco, tudo o que havia pensado em dizer lhe sumiu a mente e ainda a fitando sentiu a boca ficar seca.

— Eu não sei como começar isso – disse sincero. — Eu tive cinco horas para... — Parou tirando as mãos dos bolsos. — Tentar falar o que quero.

— Nossa! – Cruzou os braços o observando. — Presumo que seja algo sério. – Deu de ombros. — Para você vir aqui e estar dessa forma.

Acenando com a cabeça deixou que os olhos fitassem as botas femininas, para logo fitar com intensidade os olhos castanhos.

— Eu fui egoísta – proferiu fazendo-a se surpreender. — A primeira pessoa que deveria ter te apoiado no seu sonho... — Interrompeu-se notando-a emocionada. — Era eu.

— Olha, Juan...

— Por favor – pediu ficando a frente dela. — Me deixa terminar.

— Tudo bem – respondeu com a mandíbula travada.

Enquanto o encarava podia notar as tensões nos ombros masculinos. Para todos era uma mulher forte que não se deixava abalar por nada – muitos até a julgavam –, mas os mais próximos sabiam que ela tinha um grande coração e que no fundo era

PERIGOSAS ACHERON

somente uma boba sonhadora que acreditava no amor. Então, com Juan parado a sua frente, ela só podia imaginar um motivo de sua vinda, porém o seu lado mais racional lhe dizia para se manter firme e o escutar.

— O grande motivo da minha transferência era porque queria sair de onde estava – falou tendo a atenção para si. — Eu me sentia sufocado, eu... Eu só tinha uma coisa em mente. — Suspirou continuando. — Terminar a faculdade. — Sorriu balançando a cabeça. — Eu só não imaginava conhecer uma pessoa e me envolver com ela – disse e passou a mão nos cachos —, mas então eu te conheci. Foi a melhor coisa que me aconteceu.

Deixando algumas lágrimas escaparem, Noemie desviou o olhar.

— Eu sei que você deve estar chateada – murmurou levando a mão até a bochecha feminina em uma carícia. — Eu entendo – concordou sentindo os batimentos acelerarem. — Eu vim pedir perdão, o que tínhamos éramos especial e único. Você sabe que eu sou um pouco difícil, mas o que eu sinto por você está além de tudo.

Enxugando as lágrimas, fechou os olhos ao

PERIGOSAS ACHERON

sentir o leve carinho que recebia na bochecha. Abrindo os olhos o encarou notando o semblante arrependido e triste do moreno, baixando o olhar encarou os coturnos que ele usava. Não acreditava que ele só havia ido para pedir perdão, colocando uma mecha atrás da orelha o fitou.

— Tudo bem – o respondeu fazendo-o ficar levemente espantado. — Eu também deveria ter contado antes e te preparado melhor.

— Eu só não queria ficar longe de você.

— E olha para gente agora.

Noemie sorriu sentindo as lágrimas caírem.

Engolindo em seco confirmou com um sorriso triste, parado a fitando viu que tudo não estava saindo como ele queria. Pronto para falar foi interrompido quando a mesma se afastou indo até a porta.

— Então se era só isso... – Abriu a porta. — Eu estou ocupada.

— Eu abri mão de tudo – confidenciou a pegando de surpresa. — Não entendeu que não vim apenas para ter perdão?

— O que? – perguntou fechando a porta. — Abriu mão?

Parando em frente a ela a segurou pelo rosto.

— Eu me transferi — anunciou para a surpresa de Noemie. — Já estava pensando em fazer isso, então eu fiz — disse observando os olhos castanhos. — Eu conversei com o meu orientador e expliquei a situação... — Balançou a cabeça como se isso não importasse. — Eu preciso que você me dê uma chance. Você era minha luz, Noemie. Quando você se foi me deixou na escuridão, por favor, uma chance... Eu prometo te fazer feliz todos os dias — prometeu fitando o pequeno sorriso que continha nos lábios femininos. — Então?

Seria muita burrice se o aceitasse sem antes o fazer sofrer um pouco, por dentro estava soltando fogos. As emoções se chocavam dentro de si querendo extravasar demonstrando o quão feliz estava, mas ela faria a linha difícil. Nada de moleza para o homem a sua frente, ele teria que provar que a queria de volta. Mas antes ela precisava fazer uma coisa, sem que ele esperasse o agarrou o beijando. Surpreso e feliz Juan a abraçou encostando-a a parede, havia sentido muita falta daqueles lábios. Encurralando-a mais a parede, sentiu quando foi afastado sem entender a encarou.

— Você me quer de volta?

— Loucamente.

Sorriu ainda com as mãos em volta dela.

— Eu poderia voltar agora mesmo – falou notando o cenho franzido do homem —, mas eu preciso ter a certeza do que você fala.

— Sem problemas. – Puxou-a para mais perto. — O que você sugere?

Sorrindo abertamente ela o observou e sorrindo mais fitou o olhar tenso que ele lhe endereçava.

O celular soando o alarme a fez abraçar mais ainda o homem abaixo de si. Esfregando a perna no corpo de Benjamin o ouviu soltar um suspiro e, a mão que lhe abraçava a cintura a apertar mais para si. Resmungando sentiu quando Benjamin se esticou na cama e segundos depois o celular ficou silencioso, esfregando o nariz e bochecha no peito masculino – feito uma gata – aconchegou-se mais para voltar a dormir.

— Sayuri – a chamou ouvindo o resmungo
PERIGOSAS ACHERON

em resposta. — Eu tenho que ir — falou acariciando as costas nuas da namorada.

Em alguma hora da madrugada Sayuri retirou a roupa ficando apenas de calcinha. Ato que o pegou de surpresa, pois, notava que ela estava cansada e ele ao tê-la seminua apenas queria senti-la. Então se forçou a dormir, o que achou impossível ao sentir os seios esfregarem em si. Voltando para o agora a encarou dormindo serenamente sobre seu peito, sorrindo tentou sair da cama. Porém ao querer se afastar recebeu um resmungo.

— Fica — pediu logo fazendo um bico.

Sorrindo a acarinhou no rosto.

— Eu queria muito — disse com a voz rouca —, mas eu preciso ir. Quero resolver o assunto da academia com Dustin enquanto ele ainda está por lá.

— Eu não quero sair daqui — afirmou descendo a mão pela barriga trincada. — O melhor lugar do mundo.

— Virei o seu colchão? — perguntou divertido não obtendo resposta.

Ao olha-la a viu dormindo, acarinhando o

PERIGOSAS ACHERON

rosto macio a colocou na cama com delicadeza para logo se encaminhar ao banheiro. Segundos depois sonolenta abriu os olhos não notando Benjamin, virando-se para o banheiro ouviu a descarga ser acionada. Sentando-se puxou o lençol cobrindo os seios. Estava triste, mesmo pedindo-o para ficar ele estava se arrumando para ir. Gostava de quando dormia com ele a abraçando, sentia-se segura. Gostava mais ainda quando ele lhe dava atenção nos seios os chupando e mordendo ou quando ele a beijava entre as pernas. Lambendo os lábios fechou os olhos recordando-se de quando ele lhe fazia essas coisas, só de imaginar ficava molhada. Poderiam até fazer agora – a saia de ontem estava jogada ao chão ela adoraria usá-la enquanto mantinha o membro GG dentro de si rebolando, sentindo as mãos masculinas lhe apertarem o traseiro –, mas Benjamin estava ocupado demais se arrumando.

Minutos depois Benjamin saiu enrolado em uma toalha, ao fitar a cama viu Sayuri sentada enquanto mantinha uma expressão séria, a deixando mais fofa do que outra coisa. Sorrindo andou até o guarda-roupa e pegou uma cueca preta. Vestindo-se

PERIGOSAS ACHERON

voltou a atenção para a namorada que estava na mesma posição de antes.

— Está tudo bem? — quis saber a olhando.

Ainda de braços cruzados o encarou.

— E por que não estaria bem? — retrucou fazendo-o ficar surpreso.

— Por nada. — Deu de ombros a fitando, desviando a atenção abriu uma gaveta pegando a roupa da academia. — Eu vou tentar sair mais cedo, o que acha de sairmos para comer fora?

Franzindo o cenho sentiu o estômago roncar, sorrindo o observou.

— Eu quero comida indiana — falou lambendo os lábios. — Não, acho que um bolo de chocolate — disse pensando a respeito não notando o olhar confuso do homem. — Não, bolo de chocolate eu como quase todo dia. Acho que um hambúrguer mesmo, mas eu queria dois. E batatinhas fritas. — Sorriu alegre fazendo o homem sorrir ainda confuso enquanto vestia a roupa. — Uma bebida gelada, poderíamos comprar tacos? Eu comi algumas vezes não gostei muito, mas é gostoso.

— Claro — respondeu colocando um pouco de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perfume, mas logo a fitou com o cenho franzido.

Não havia entendi, se ela não gostou como dizia ser gostoso?

— Ótimo! – exclamou descendo da cama tropeçando no lençol caindo de bunda no chão.

Rapidamente Benjamin foi ao seu socorro.

— Hey! Você está bem? – perguntou ajudando-a a levantar. — Toma mais cuidado.

— Eu tomo – retrucou voltando a cobrir os seios. — Você já pode ir.

— Me expulsando do meu próprio apartamento? – brincou pegando o celular olhando a hora.

— Você me expulsou dos seus braços.

Deu de ombros fingindo que não se importava, mas a feição triste lhe denunciou.

Sorrindo Benjamin agachou-se a frente dela.

— Eu jamais faria isso. – Acarinhou o queixo delicado. — Eu volto logo e você vai poder fazer o que quiser comigo, mas agora eu preciso resolver isso.

— Tudo bem – concordou triste. — É o seu trabalho, eu vou limpar a casa da Sra. Mikkelsen e depois volto para cá.

PERIGOSAS ACHERON

— Okay. — Beijou-a rapidamente nos lábios.
— Vou fazer o café enquanto você se arruma.

Anuindo o viu se dirigir até a porta, suspirando se levantou da cama indo para o banheiro. Após escovar os dentes e tomar um banho se dirigiu para o quarto, abrindo uma gaveta pegou a calcinha, o short e a blusa. Terminando-se de se vestir foi até o espelho se olhando, soltando os cabelos do coque viu que ele estava grande. Segurando nas pontas levantou até que o cabelo parecesse curto, os soltando suspirou. Não tinha coragem para cortá-lo, saindo do quarto foi atrás de Benjamin.

Abrindo os olhos ouviu o silêncio que estava o local, apostava que Herban estaria fora. Olhando para o lado notou a loira parada, fitando-a atentamente soube que ela respirava. Lentamente, mas ainda sim respirava. Levantando-se com dificuldade sentiu as pernas falhas, após um momento se dirigiu até a porta. Com as mãos sujas tocou os trincos da porta e passando o dedo em

PERIGOSAS ACHERON

cima de um parafuso sorriu. Pegando o prego que havia encontrado usou a parte de cima dele para encaixar na abertura reta do parafuso, girando com força sentiu que o esforço foi em vão.

Estava muito duro. Encarando a mão a viu ficar vermelha.

Virando-se para a mulher percebeu que não poderia desistir, respirando fundo voltou a seguir com o plano. Esperava conseguir pelo menos afrouxar um trinco naquela hora, parando de pensar muito continuou o que fazia. Precisava ser rápido, pois como suspeitava o ruivo não estava ali.

Colocando as mãos no quadril fitou o apartamento de Benjamin limpo. Após o café da manhã e se despedir do mesmo, começou uma faxina no local. Tinha pensando em trocar as posições dos móveis para mudar um pouco, mas não era sua casa. Pegando o celular discou para a mãe, sentando-se no braço do sofá esperou pacientemente até que a ligação fora atendida.

— Mãe?

— *Oi, meu amor! Como você está?* – a voz materna se fez presente. — *Você comeu? Dormiu bem?*

— Sim – concordou se levantando pegando a chave do apartamento. — Acabei de fazer uma faxina no apartamento.

— *Bem dona de casa.* – Riu fazendo-a sorrir. — *Você precisa de alguma coisa? Sabe que se precisar o papai vai aí te socorrer.*

Crispando os lábios lembrou-se do que quase havia dito ao homem, tinha certeza que nunca esqueceria daquilo. Mordendo os lábios fechou os olhos pedindo calma, não choraria para a mãe escutar.

— Eu sei – confirmou ainda com o sentimento de culpa. — Eu amo vocês.

— *Nós também te amamos, filha* – falou carinhosa. — *Eu tenho uma surpresa para contar, mas não diga ao seu irmão que falei.*

— Tudo bem – anuiu saindo do apartamento do Benjamin logo se dirigindo para o da Sra. Mikkelsen. — O que aconteceu?

— *O seu irmão terminou o relacionamento com aquela menina!* – indagou alegre. — *Ele falou*
PERIGOSAS ACHERON

para o seu pai que me contou, na verdade, eu o obriguei – revelou sorrindo. — Estou feliz por ele ter terminado e triste por ele estar triste.

— Ele está triste? – quis saber já dentro da sala da idosa.

— *Não sei, mas você sabe como o seu irmão é. Esconde os sentimentos... até achei estranho ele ter voltado com aquela menina, mas não disse nada.*

Parando para analisar, percebeu que a mãe estava certa. Nunca havia entendido como o irmão namorava Courtney, não tinha nada contra ela, mas a loira era tão diferente de Ian.

— ... *quimioterapia.*

Franzindo o cenho Sayuri percebeu que não tinha prestado atenção na fala da mãe.

— Desculpe mãe, a senhora poderia repetir?

— *Eu disse que encontrei a Romee – repetiu com a tonalidade da voz triste. — A mãe dela está em quimioterapia.*

— Mesmo? Mas por que?

— *Romee me disse que a mãe se submeteu a uma cirurgia – respondeu ainda triste. — Ela não me explicou direito, você sabe quem apareceu e*
PERIGOSAS ACHERON

ficou falando coisa – bufou fazendo a filha sorrir —, mas se ela soubesse a vontade que eu tenho de dar naquela cara, ela começaria a tratar melhor Romee. Um doce de menina.

— Eu...

— *Filha, eu tenho que ir – anunciou a interrompendo. — Vou me encontrar com Grace, seu pai foi em uma das lojas.*

— Claro – concordou dando um pequeno sorriso. — Até.

— *Tchau, meu amor.*

Encerrando a ligação fitou as mensagens, sorrindo viu uma do irmão avisando que queria conversar. Já sabia o assunto, então, o respondeu rapidamente, bloqueou a tela e colocou o aparelho no bolso do short.

Prendendo o cabelo, se dirigiu até a área de serviço para pegar o aspirador de pó. Olhando ao redor fitou os quadros que haviam por ali, querendo finalizar a limpeza logo começou a aspirar as poeiras. A semana seria corrida para Sayuri, teria as audiências e seu tcc esse último a fez franzir o cenho. Seu notebook ainda estava sob custódia da polícia, a sorte tinha sido salvar alguns arquivos em

PERIGOSAS ACHERON

um armazenamento em nuvem. Terminando de aspirar a sala se encaminhou para os quartos, ao abrir a porta de um encarou lençóis cobrindo coisas. Adentrou, colocou o aspirador cautelosamente encostado a porta, puxando um dos lençóis se surpreendeu ao ver um berço de madeira. Passando a mão no móvel virou-se descobrindo uma cômoda, ao lado sorriu para a cadeira de balanço. Abrindo uma gaveta viu algumas fraldas brancas, olhando a segunda gaveta viu uma foto antiga. Fitando o verso viu uma data, guardando-a em seu lugar alisou a madeira.

— Srta. Hodgens – assustada voltou-se para a entrada fitando Bradley e Hailee, sorrindo aproximou-se. — Desculpe te assustar.

— Bradie. – Sorriu o abraçando para logo abraçar a loira. — Que surpresa te ver, Hailee, está linda.

— Obrigada, Srta. Hodgens – agradeceu voltando a segurar a mão do loiro.

— Como me encontraram aqui?

— A porta estava meio encostada – Bradley disse soando repreensivo.

Arqueando as sobrancelhas percebeu que não
PERIGOSAS ACHERON

tinha a fechado completamente.

— Vocês estão passeando? — perguntou encarando as mãos juntas.

— Eu queria vê-la — Hailee afirmou sorrindo.
— Bradley e eu vamos sair daqui a pouco, vamos ao parque.

— Um ótimo passeio — comentou. — Vão só vocês?

Os adolescentes se encararam rapidamente.

— Sim — o loiro respondeu —, mas voltamos logo.

Sorrindo percebeu que os dois estavam quase namorando. O que a deixava preocupada, pois, recordava-se que adolescentes com aquela idade tinham os hormônios a flor da pele. Depois conversaria com ele.

— Que tal antes de saírem almoçarem comigo?

Antes de a responder, Bradley fitou a loira em uma pergunta muda, notando o sorriso lindo que pertencia a Hailee ele sorriu confirmando.

— Ótimo, eu já termino aqui — disse pegando o aspirador.

— Quer ajuda? — quis saber a loira prendendo
PERIGOSAS ACHERON

o cabelo.

— Não precisa.

— Assim termina mais rápido.

Sorriu para a mulher que confirmou encantada.

Então voltando ao trabalho cobriu os móveis para evitar que a poeira entrasse.

Ligando o aspirador viu os dois adolescentes se separando. Ainda sorrindo focou-se no agora.

Parado em frente ao amigo, Benjamin o via ler os documentos concentrado. Fitando o relógio de parede viu que estava próximo ao almoço, voltando-se para o amigo cruzou os braços.

— E então?

— Eu gostei – o loiro murmurou dando um pequeno sorriso. — Parece um bom investimento.

— Sim – concordou encostando-se a cadeira. — Procurei bastante um que fosse mais acessível.

— Economizando? – O encarou interessado. — A academia está rendendo bem.

— Eu quero comprar uma casa – disse
PERIGOSAS ACHERON

surpreendendo Dustin. — Vou me casar.

— *Wow*, como é? Quando decidiu isso?

Sorrindo Benjamin apoiou os braços a mesa.

— Vou pedir Sayuri em casamento e vamos morar em uma casa com vários quartos e um grande quintal – falou abrindo os braços. — Eu não sei viver sem ela e quero muito que ela seja minha esposa.

Surpreso, Dustin sorriu acenando com a cabeça, era incrível como o amor mudava as pessoas. Até um tempo atrás o amigo negava qualquer possibilidade de estar como hoje: de quatro por uma mulher. Pensando assim lembrou-se da noiva grávida, já haviam marcado a data do casamento seria em breve.

— E quando fará o pedido?

— Quando ela estiver livre dos assuntos da Universidade – comunicou sentindo-se muito bem.
— Essa semana está corrida.

— Fico feliz por você. – Sorriu. — Já comprou as alianças de noivado?

Estranhando levantou a mão direita que descansava a aliança de compromisso.

— Já temos uma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa não vale – exclamou notando a surpresa no olhar do amigo. — Cara, alianças de noivado e de casamento são diferentes. Achou que era fácil se casar?

Ainda confuso pensou a respeito, mas aquilo não importava realmente. Ele compraria o que necessário para fazer tudo do jeito certo.

— Não, mas isso não é problema – afirmou recebendo um aceno. — Então enquanto a papelada você está de acordo?

— Cem por cento.

— Ótimo. – Ficou de pé o encarando. — Como a Taylor está?

— Com variações de humor. – Suspirou esfregando os olhos. — Me deixando louco! Um momento está toda feliz e no outro parece querer me matar.

Confirmando lembrou de Sayuri chorona, balançando a cabeça voltou a atenção para o amigo.

— Você merece! Ficou enrolando a coitada até que a engravidou. – Riu se dirigindo até a porta. — Sorte sua que o pai dela gosta de você.

— Mas ele não gostou de saber que a engravidei antes de casar.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também não gostaria – falou para logo sair da sala ouvindo o outro reclamar.

Retirando o celular do bolso discou o número de Sayuri, se dirigindo para onde os alunos estavam viu Gerard parado a porta. Encerrando a chamada se encaminhou com a expressão fechada até ele.

— O que porra você faz aqui? – questionou assim que parou a frente dele. — Eu já avisei para não me procurar mais.

— Filho, se você não me ajudar eu vou ser morto – respondeu pegando Benjamin de surpresa. — Aquele dinheiro o agiota pegou e ele está dizendo que eu devo mais, mas eu não devo.

Em silêncio Benjamin o observou, queria poder sentir pena. Mas não sentia, tinha ajudado uma vez e não faria novamente.

— Eu preciso de quarenta mil dólares.

— O que? – perguntou sem acreditar. — Você acha que eu vou lhe dar quarenta mil dólares?

Riu cruzando os braços.

— Você querendo ou não eu sou seu pai – exclamou fazendo o filho ficar sério. — Você tem que me ajudar.

— Eu não *tenho* que o ajudar – retrucou com PERIGOSAS ACHERON

a mandíbula travada. — Eu não tenho esse dinheiro e, mesmo se tivesse não daria. Tenho outras prioridades e ajudar alguém como você não está nelas.

Ao dizer isso lhe deu as costas, mas parou ao ouvir o outro.

— Se você não me ajudar será culpado por minha morte! — gritou chamando a atenção para si. — Vive no luxo e está negando ajudar o próprio pai.

— Não vivo uma vida luxuosa — expôs sério voltando-se para ele. — E se fosse o que você tem a ver com isso? Eu trabalho para ter o tenho hoje e, não foi graças a você! Então retire-se daqui antes que eu mesmo faça isso, resolva seus problemas sozinho!

— Seria uma pena se acontecesse algo com aquela japonesa.

Rapidamente Benjamin o segurou pelo colarinho fazendo com que outros profissionais aproximassem.

— *Fique longe dela!* — sussurrou bem próximo ao mais velho. — *Se você se atrever a tentar algo, vai pagar caro.*

Empurrando-o para fora viu o homem ajeitar o casaco saindo do estabelecimento. Passando pelos funcionários sem falar nada buscou o celular discando para Sayuri, precisava saber que ela estava bem.

Arrumando a mesa com os pratos, encarou Hailee falar alguma coisa para Bradley e o mesmo apontar para o corredor. Voltando a arrumação percebeu o loiro colocar os copos e talheres a mesa.

— Vocês estão namorando? — perguntou pegando-o de surpresa.

— N-Não.

— Mas você vai pedir? — quis saber parando o que fazia. — Sabe como pedir? O que vai dizer?

— Eu...

— Estou faminta — Hailee avisou adentrando a cozinha, mas parou ao notar os dois a olhando. — Eu interrompi alguma coisa? — questionou envergonhada.

— Não — negou sorrindo.

Ele a pediria em namoro hoje, mas não
PERIGOSAS ACHERON

negaria que não estava nervoso. Pois, estava bastante.

O celular em cima da bancada tocou chamando a atenção de todos, rapidamente Sayuri foi até o aparelho. Ao ver quem lhe ligava sorriu abertamente.

— Oi.

Sorriu encostando-se a bancada.

— *Você está bem?* – a voz de Benjamin era urgente o que a assustou.

— Estou. – Sorriu com o cenho franzido. — O que...?

— *Onde você está?* – a interrompeu.

— No apartamento – respondeu afastando-se da cozinha. — Você está me assustando, o que aconteceu?

— *Nada* – ficou mais aliviado. — *Você comeu?*

A urgência antes na voz dele a deixou intrigada, receosa mordeu os lábios.

— Vou comer agora, o Bradley e Hailee estão aqui.

— *Okay.* – Soltou um suspiro. — *Volto mais cedo para sairmos.*

— Tudo bem. — Sorriu voltando para a cozinha. — Eu te amo.

Parada em frente aos adolescentes notou que era observada.

— *Eu também te amo.*

Encerrando a ligação voltou-se para os adolescentes.

Sentia os dedos doerem pela força que exercia no objeto pequeno em mãos. Tinha conseguido afrouxar alguns parafusos, outros estavam mais enferrujados. O suor descia pela testa e os lábios mordidos estavam vermelhos, concentrado em um parafuso ouviu barulhos vindo do lado de fora. Correndo para se sentar fitou um dos trincos faltando os parafusos, respirando fundo viu quando a porta fora aberta. Sem conseguir se conter olhou novamente o trinco.

— Oi. — Herban sorriu o encarando. — Com fome?

Passando pela fresta da porta mostrou um pedaço de pão velho, sorrindo jogou para Brick que PERIGOSAS ACHERON

rapidamente o pegou comendo. Com a movimentação a loira acordou assustada, olhando o homem ao seu lado o viu mastigando. Sentindo a fome falar mais alto se jogou tentando pegar o pedaço do pão, da porta o ruivo observava com satisfação. Começando a cantarolar uma música antiga saiu da sala, assim que o homem saiu Brick virou-se para Vivieny.

— Calma! Calma! — pediu segurando-a pelo ombro. — Pode pegar.

Estendeu o pedaço a ela que parou o observando, abrindo a boca lentamente ainda o encarou enquanto mordida o que lhe era oferecido. O pão estava duro, mas aquilo não a importava agradecia por estar mastigando algo que não fosse sua bochecha interna.

— A gente vai sair daqui — sussurrou a olhando com atenção. — Agente firme.

Andavam pela praça de mãos dadas, por dentro estava soltando fogos. Sentia-se como se estivesse andando com o namorado, relanceando

PERIGOSAS ACHERON

para o lado fitou o perfil de Bradley.

Usava as roupas de sempre e o casaco que o deixava mais lindo. Sorrindo observou os pombos a sua frente. Eram por volta das 16h30 e o parque estava com muitas pessoas ao redor, havia almoçado e conversado com a antiga professora. Achava-a tão linda e legal, geralmente adultos daquela idade não levavam a sério os adolescentes. Mas Sayuri Hodgens sempre fora educada e amável.

— Vamos ficar ali na sombra daquela árvore? — perguntou enquanto apontava para uma grande árvore.

— Sim — concordou sentindo a mão lhe agarrar mais firme.

Parando na sombra sentou-se observando-a se sentar ajeitando a saia do vestido. Suspirando olhou ao redor, voltando-se para Hailee viu quando o vento bagunçou o cabelo loiro.

— Aqui é bem legal — disse e sorriu segurando o cabelo —, mas quase não venho. Você costumava vir?

— Não — negou a fitando deixando-a envergonhada. — Você está linda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada – agradeceu deixando os olhos fitarem as pequenas flores que tinha ao redor.

Engolindo em seco virou-se e sorrindo pegou uma flor branca pequena.

Respirando fundo voltou-se para a loira e a entregou, levando a mão para a bochecha feminina a acarinhou. Aproximando os rostos a beijou delicadamente, separando-se sorriu ao ver o sorriso dela.

— Eu queria me desculpar com você.

— Comigo? – Franziu o cenho ainda segurando a flor. — Pelo o que?

Engolindo em seco ele fitou as mãos.

— Eu antes era muito idiota com você – expôs sentindo-se envergonhado. — Muito idiota. – Franziu o cenho olhando os sapatos. — Você não merecia, na verdade ninguém merece. Eu fui bem infantil ao falar aquilo.

Dando um pequeno sorriso triste, Hailee entendeu o que *aquilo* significava. Nunca gostou daquele apelido e, a magoava lembrar-se.

— Tudo bem, isso já passou. – Deu de ombros triste. — Acredito que você não vai mais me chamar daquilo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, jamais. Eu me sinto envergonhado só de lembrar.

Baixando o rosto sentiu quando o loiro a segurou pelo queixo, fazendo-a fita-lo.

— Você me perdoa?

— Sim. — Sorriu notando que ele estava sendo verdadeiro. — Eu te perdoo, acho que eu não deveria me intrometer naqueles momentos.

— Não justifica os apelidos — retrucou alisando a mecha loira. — Eu só queria te magoar sem motivos, me desculpe.

Desviando o olhar fitou as pessoas correndo ao redor, nunca esperava que o loiro se daria o trabalho de se desculpar por algo que já passou. Isso a deixava feliz, mostrava que ele se importava um pouco com ela.

— Eu gosto de você. — a voz de Bradley a trouxe de volta. — Você gosta de mim?

Surpresa mordeu os lábios o olhando atentamente.

— Gosto.

— Se eu te... — Parou encarando as sobrancelhas loiras arqueadas. — Se eu te pedisse para namorar comigo, você aceitaria?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentindo a respiração travar Hailee o encarou totalmente surpresa.

— Você quer namorar comigo?

— Quero. — Sorriu a acarinhando a bochecha.

— Você quer?

— Quero — confirmou fazendo-o sorrir mais —, mas meus pais não podem saber. Meu pai não vai deixar.

— Por que eu sou pobre? — quis saber notando-a nervosa.

— Eu não ligo para isso — falou vendo o loiro virar o rosto. — O meu pai é rígido comigo, eu quero namorar com você — segurou pelo braço —, mas nunca namorei.

Encarando os olhos claros suspirou aproximando-se.

— Eu também nunca namorei.

— Então estamos namorando? — Hailee perguntou com um pequeno sorriso.

— Sim.

Colocando a mão no rosto dela a aproximou beijando-a.

PERIGOSAS ACHERON

Com a expressão preocupada Benjamin adentrou rapidamente o prédio, acenando para o porteiro praticamente correu para as escadas. Aproximando-se da porta a abriu, logo se encaminhando para o quarto. Desde que saíra da academia ligava para Sayuri, mas não teve resposta. Abrindo a porta do quarto a viu dormindo abraçada ao travesseiro dele.

Sorrindo retirou os tênis que usava, em um móvel próximo colocou o celular e as chaves. Sayuri dormia de bruços deixando o traseiro amostra, colocando a mecha atrás da orelha a observou com um pequeno sorriso.

Sayuri era a mulher mais linda que já conhecera.

— Sayuri? — Beijou-a na bochecha recebendo um resmungo. — Hey, já cheguei.

Como resposta a viu virar para o outro lado o ignorando. Parando, viu que a saída ficaria para um outro dia, deixando-a dormir se dirigiu para o banheiro. Enquanto a água caía na cabeça pensava no dia que tivera, esfregando o rosto lembrou-se do mais velho falando sobre um agiota. Não acreditava

PERIGOSAS ACHERON

que Gerard tinha sido tão idiota a ponto de se juntar com um agiota, pegando o sabonete líquido espalhou na bucha começando a esfregar no corpo. Banhando-se ouviu quando a porta do box foi aberta e uma Sayuri o encarou com um pequeno sorriso.

— Acordou - disse também sorrindo. — Aceita um banho?

Abriu os braços se mostrando.

Mordendo os lábios confirmou logo retirando a roupa.

— Vai querer sair? – quis saber a abraçando.

— Eu estou cansada – confessou o abraçando pelo pescoço. — Quero ficar com você aqui em casa, poderíamos pedir uma pizza.

— Achei que quisesse comida indiana – disse notando o nariz franzido da namorada.

— Mudei de ideia – disse e deu de ombros alisando os braços musculosos —, mas ainda quero os dois hamburguês e as batatinhas fritas.

Balançando a cabeça a encarou sorrir enquanto lhe esfregava o corpo. Franzindo o cenho lembrou-se que amanhã teria a audiência.

— Amanhã vamos sair cedo – avisou
PERIGOSAS ACHERON

recebendo um aceno. — Agora vamos terminar logo esse banho.

Sorriu safado apertando o bico do peito feminino.

Sorrindo o puxou para um beijo sentindo a água molhando os dois, ao sentir a língua em contato com a sua gemeu descendo uma das mãos para o membro masculino. Chupando o lábio inferior encarou os olhos castanhos, amava aqueles momentos só dos dois a entrega que recebia. Puxando-a para o colo a imprensou na parede fazendo movimentos de vai-e-vem, esfregando o membro teso no clitóris e abertura feminina.

— Está cansada para isso? — questionou ainda se esfregando sentindo a ponta do membro ser melada pelo líquido dela.

— Nunca. — Sorriu o puxando para um beijo.

Tocando-a com dois dedos sentiu que o canal estava lubrificado. Arfando ficou a acarinhando ali para logo a penetrar. Com o chuveiro ainda ligado começou com os movimentos sentindo as unhas em seus ombros, não se importava se estavam desperdiçando água. Eles só queriam sentir o prazer que só conseguiam sentir um com o outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

Assobiava um rock antigo – um dos primeiros que havia conhecido em sua infância – enquanto caminhava. A cada passada que dava naquele corredor, um detento o encarava com raiva, não só ele, mas a todos os funcionários do presídio. Rodando o molho de chaves no dedo se encaminhou junto com o parceiro para buscar os detentos que seriam julgados hoje. Parando no portão de ferro se identificou para o porteiro. Voltando a caminhar se dirigiu até a cela onde já se podia ver alguns homens.

— Bom dia, meninas – saudou irônico. — Alguma novidade? – questionou debochado.

— Um dos detentos morreu.

O preso sorriu fazendo o homem ficar sério se aproximando mais da cela.

— Para trás – mandou abrindo a cela sendo logo obedecido, ao chão viu as pernas do homem coberta pelo uniforme laranja. Aproximando-se rapidamente agachou-se ao lado do corpo grande, levando dois dedos a artéria carótida do homem

PERIGOSAS ACHERON

não sentiu a pulsação. — Central, na escuta? — proferiu pelo rádio preso ao ombro.

— *Na escuta, câmbio* — a voz pelo rádio lhe respondeu.

— Acabo de encontrar um detento morto, na cela onde estão os réus para o julgamento de hoje — avisou relanceando para o parceiro que apontava a arma em direção aos outros detentos. — Notaram agora?

— Sim — confirmou sorrindo.

Os presos entre si se observavam, ninguém ali se atrevia a dedurar o assassino. O próprio observava com um pequeno sorriso outros polícias adentrarem o recinto em busca do corpo já sem vida, um em especial o encarou acenando minimamente com a cabeça.

— Qual o nome dele? — um policial indagou ao outro.

— Olharemos na identificação — o que antes assobiava respondeu.

— Spielberg — o assassino intrometeu-se. — O nome dele é Spielberg.

Batendo a porta e a abrindo fitou o loiro se arrumar em frente ao espelho. Sorrindo adentrou o recinto. Usava um vestido estilo tubinho vinho, no pescoço um colar de pérolas lhe enfeitava o visual.

Suspirando aproximou-se do adolescente.

— Tudo bem? – quis saber ajeitando a camisa social que ele usava.

— Acho que sim – respondeu observando-a com atenção. — Estou nervoso.

— É compreensível. – Sorriu acarinhando o rosto do jovem —, mas não se preocupe – pediu sorrindo. — Não estará sozinho.

— Obrigado – agradeceu alisando as mãos na coxa, parando a encarou. — A senhora está linda.

Dando uma volta Jillian abriu os braços, logo sorrindo.

— Tenho que ir elegante para defender meus filhos – expôs séria.

Sorrindo, Liam passou a mão no cabelo o bagunçando.

— Agora não desarrume o cabelo – falou alisando o cabelo loiro para o lado. — O seu irmão está lá embaixo no celular. – Colocou as mãos na

PERIGOSAS ACHERON

cintura pensativa. — Agora só quer saber de ficar no celular.

Rindo o jovem deu de ombros.

— Ele só está falando com a Hailee.

— Aquela menina é tão educada. — Sorriu agarrando o braço masculino o puxando para fora. — Os dois formam um casal tão lindinho, não acha?

— Sim — confirmou a segurando com cuidado enquanto desciam as escadas. — O primeiro amor.

Sorrindo, a mais velha confirmou fitando o loiro menor sorrir para o celular. Fitando o relógio de pulso viu que eram 8h10, estavam de pé desde às 6h. Encaminhando-se para o sofá ouviram o telefone da casa tocar, afastando-se de Liam foi até o telefone e o atendeu. No sofá Liam sorriu para o irmão que rapidamente guardou o celular, relanceando para a mais velha a viu ficar assustada e encará-los imediatamente. Sentindo o coração bombear rapidamente sentou-se em alerta, o irmão ao seu lado o encarou com resquícios de medo.

Em silêncio observou a mulher colocar o telefone no lugar e se aproximar com uma

PERIGOSAS ACHERON

expressão triste.

— O que aconteceu? — Liam foi o primeiro a perguntar.

Em expectativa Bradley esperou a resposta.

— Eu não sei como tenho que dizer isso — expôs triste.

— A gente vai ter que ir embora? — Bradley questionou sentindo a garganta apertar.

— Não! — negou lhe segurando a mão, procurando a de Liam encarou os dois. — Aconteceu uma coisa... — Parou olhando os adolescentes a fitarem esperando. — O progenitor de vocês... ele morreu.

Ao dizer isso esperou uma reação dos dois que não veio.

Engolindo em seco Bradley virou-se para o irmão, o vendo parado com os pensamentos longe. Voltando-se para a mulher ficou com medo de dizer que estava aliviado pelo homem ter morrido e, notando isso tentou se sentir culpado. Liam por dentro se perguntava como não poderia estar triste com a notícia, mas sempre que pensava no mais velho só conseguia ver cenas dele o batendo, lhe chamando de bichinha ou batendo no irmão.

Buscando na memória não conseguiu lembrar-se de nenhum momento feliz com o pai.

— Tomem o tempo de vocês – continuou falando. — Saiba que estamos aqui para vocês, eu estou. Se precisarem chorar ou conversar... – Parou suspirando. — Estou aqui e amo vocês.

Passando a língua nos lábios Liam piscou voltando-se para o agora.

— Não, eu... – interrompeu-se virando-se para o irmão que o observava. — Estou bem.

— Mesmo? – quis saber atenta.

Olhando o irmão o viu dar de ombros baixando a cabeça.

— Eu sei que podem nos julgar por estarmos aliviados com isso – afirmou recebendo um olhar surpreso da mulher —, mas não vamos fingir que estamos triste.

— Não somos más pessoas por isso – Bradley reforçou.

Jillian apenas os fitou com os olhos em lágrimas, abraçando-os rapidamente sentiu-se ser correspondida. Enquanto chorava pensava no quanto os dois sofreram. Apertando-os entre os braços prometeu que não deixaria que nada nem

PERIGOSAS ACHERON

ninguém os machucassem.

— Não, não são. — Acarinhou os rostos dos jovens. — Está tudo bem não sentir nada, não serão julgados. Entendemos.

— Então como fica agora? — o mais novo questionou a observando.

— Da mesma forma como estamos — anuiu coma cabeça. — Benjamin irá resolver esse assunto — falou olhando de um para outro. — Próximo ano os dois vão estudar e depois Liam irá para a faculdade, eu vou cuidar dos dois.

Abraçando o irmão pelo ombro suspirou olhando a mulher lhe sorrir com amor.

Encarando o corredor branco, notou algumas pessoas caminharem empurrando macas. Suspirando fitou o relógio a frente que marcava 10h45. A frente dos dois havia um oficial da justiça. Virando-se para o lado, viu Benjamin concentrado no celular, olhando o vestido que usava mordeu os lábios. Minutos atrás havia ligado para Bradley o questionando como estava e, não o

PERIGOSAS ACHERON

julgou ao saber que ele estava bem com isso.

Ele e o irmão.

Mordendo os lábios deitou a cabeça no ombro masculino. Estavam se arrumando quando o advogado, Cliv, ligou avisando o acontecido. Seu primeiro pensamento foi em Bradley, seu coração se apertou ao imagina-lo sofrendo de alguma forma.

Sentindo ser abraçada fechou os olhos inspirando o perfume amadeirado dele.

— Será que demora muito?

— Não sei — respondeu olhando a porta ao qual o corpo foi encaminhado para a autópsia. — Você quer ir encontrar o Bradley?

— Eu queria fazer xixi — confidenciou ao ouvido dele fazendo-o sorrir. — Eu vou procurar um banheiro.

— Tudo bem.

Sorriu a beijando.

Cuidando-a com os olhos, viu quando ela dobrou em outro corredor. Encostando-se a cadeira pegou novamente o celular, procurando mensagens do advogado. Ficaria para assinar a liberação do corpo e as outras burocracias que tivesse.

Cruzando os braços fechou os olhos.

Após se informar com uma funcionária, finalmente encontrara um banheiro. Adentrando o recinto logo fechou a porta da divisória, com o papel higiênico cobriu o assento do sanitário e receosa se sentou. Batucando os dedos nos joelhos fitou a cabine metálica. Pegou um pouco do papel e começou a se limpar. Antes que pudesse jogar o papel o fitou e, como se só agora percebesse notou que a menstruação não havia vindo. Ainda segurando o papel travou procurando na memória a última vez que o período veio, sentindo-se tonta com as informações surgindo em sua cabeça franziu o cenho.

— Meu Deus.

Balançando o pé sobre o joelho fitou o final do corredor notando Sayuri vir abraçando-se. Sentando-se ereto a observou sentar-se ao seu lado

PERIGOSAS ACHERON

em silêncio, parecia apreensiva com algo.

— Tudo bem? – perguntou notando que a mesma estava aérea. — Sayuri.

Piscando várias vezes voltou sua atenção ao homem que a olhava fixamente.

— O que foi? – quis saber sentindo-se sufocada.

Na verdade, não sabia como se sentir em relação a essa suspeita. Não entraria em pânico, pois, sua menstruação nunca foi regular. Fechando os olhos se xingou por ter sido irresponsável, sempre quando transava era com proteção – mas então Benjamin apareceu em sua vida e a deixou completamente louca. Não era desculpa para essa irresponsabilidade.

— Você está bem? – repetiu a observando com atenção.

— Sim. – Sorriu rapidamente desviando o olhar. — Estou bem sim.

Concordando retribuiu o sorriso, as portas sendo abertas chamou atenção dos dois. Um homem uniformizado de branco e touca azul saiu da sala segurando uma prancheta.

Retirando a máscara fitou o policial e os dois

PERIGOSAS ACHERON

a sua frente.

— Bom, já sabemos a causa da morte – disse olhando o prontuário. — A causa foi por asfixia – avisou de modo mecânico voltando a encarar o prontuário. — No exame externo diagnosticamos manchas de Hipóstase, cianose da face e equimoses da pele e da face. No interno equimoses viscerais, congestão polivisceral, distensão e edema nos pulmões – terminou assinando um papel entregando ao policial.

Benjamin o encarava sem entender nada do que lhe foi dito.

— O que?

— Ele foi sufocado até a morte – resumiu o olhando sério. — Policial. – Acenou voltando para dentro da sala.

— Bom – balbuciou o homem. — Vamos logo resolver isso.

— Vocês vão investigar o assassino dele?

Parando, o policial encarou os dois a sua frente.

— Vou ser sincero com vocês – proferiu ainda segurando a liberação do corpo. — Vocês até podem recorrer, mas será em vão.

PERIGOSAS ACHERON

Anuindo Benjamin abraçou Sayuri que desde a sua volta do banheiro, estava aérea. Puxou-a e se encaminharam para a sala de liberação, suspirando se viu em frente a um homem com um computador. Só fazia isso em respeito aos meninos, não pelo mais velho já morto.

— Benjamin – o chamou puxando-o. — Eu acho que vou na frente.

— Oh! Tudo bem. – Deu de ombros pegando a carteira retirando algumas notas. — Tome, eu vou em breve.

— Tudo bem – concordou pensativa lhe dando as costas, mas logo sentiu ser puxada. — O que foi?

— O meu beijo?

Deu um sorriso de lado recebendo um rápido beijo nos lábios, a soltando viu Sayuri praticamente correr para fora. Voltando-se para os homens a sua frente o viu digitar rapidamente no computador.

Uma batida a porta o fez olhá-la com os olhos arregalados, nervoso passou as mãos na

PERIGOSAS ACHERON

cabeça. Esfregando a barba ficou fitando a porta e engolindo em seco respirou fundo decidindo abri-la. Assim que a abriu sentiu ser empurrado e MM adentrar o lugar com a expressão séria, junto com ele haviam quatro homens.

— E então? — o agiota questionou tocando os móveis do quarto. — Onde está minha grana?

— Amanhã estarei com ela — Gerard afirmou nervoso.

Crispando os lábios MM o encarou ainda sério, mas logo soltando um sorriso.

— Eu tenho certeza que você mente — disse e apontou voltando a fixar o quarto —, mas vou dar esse voto de confiança. Não se esqueça que os dias estão passando. — Sorriu rodando o dedo. — Quanto mais os dias passam, mais... — Parou indicando que ele continuasse.

— Os juroos aumentam.

— Isso! — exclamou sorridente. — Exatamente — confirmou parando em frente ao mais velho. — Olha, se fosse por mim ficava pelos dez mil — proferiu tocando no peito fazendo uma expressão triste —, mas eu sou apenas um cobrador. Há alguém mais perigoso que esse pobre PERIGOSAS ACHERON

homem que está a sua frente e, ele gosta das coisas certas. — Levando as mãos a camisa do mais velho a arrumou. — Se abrir exceção para você, outros vão querer. E não queremos isso, não é verdade?

Travando a mandíbula o observou em silêncio.

— Amanhã voltamos — afirmou dando um rápido tapinha no ombro do homem. — E acho bom estar com o dinheiro.

Saindo do quarto retirou um cigarro do bolso, logo pegando um isqueiro. Tragando e soltando a fumaça, observou ao redor as pessoas andando.

— Eu quero que o vigiem — disse abrindo a porta do carro. — Ele pretende fugir — avisou lembrando-se da mochila do homem escondida em baixo da cadeira.

— Certo, chefe.

Mordendo os lábios encarou a farmácia a sua frente. Adentrou-a e se encaminhou até a parte onde ficava os testes de gravidez. Nervosa observou vários tipos de testes a sua frente,
PERIGOSAS ACHERON

franzindo o cenho fitou as marcas a sua frente. Suspirando sentiu os olhos se encherem de lágrimas, mas controlando-se abriu novamente os olhos.

— Posso ajuda-la? – a voz do atendente a fez pular de susto.

— Não – negou, mas logo voltou atrás. — Quer dizer, sim, esses testes funcionam?

— Sim, senhorita – respondeu sério.

— Certo! – Anuiu com a cabeça pegando dois testes. — Vou levar esses.

Acompanhando o homem até o balcão pagou os produtos, mas logo a realidade lhe fez pensar. Não poderia ir para o apartamento com os testes.

— Eu posso usar o banheiro? – pediu recebendo um aceno.

— Siga reto nesse corredor e vire a direita, é a primeira porta.

— Obrigada.

Encaminhando-se até o local indicado abriu a porta direita, trancando-a rapidamente. Abrindo as embalagens leu as instruções de maneira calma, parecia que podia ouvir o coração bombear rapidamente. Pensava no que Benjamin pensaria,
PERIGOSAS ACHERON

ou faria. Sentando-se na privada ficou olhando a porta a sua frente, estava sem coragem para saber qual seria o resultado.

Finalizado a questão da liberação do corpo para o sepultamento, Benjamin se encaminhou para o carro pegando o celular discou para Sayuri. Assim que adentrou o carro, ouviu o toque do aparelho celular da namorada. Bufando viu o celular no banco do carona, encerrando a ligação se dirigiu para a casa da mãe.

Horas depois estacionava em frente à residência da mãe, desligando o carro se dirigiu para fora. Abrindo a porta fitou os Liam sentado ao lado de Melvin e Bradley sentado ao lado de Jillian, relanceando para a cozinha procurou Sayuri.

— Oi – saudou indo beijar a mãe e apertar as mãos dos meninos. — Está tudo feito. — Acenou com a cabeça. — O velório será amanhã pela manhã.

— Eu não quero ir – Bradley respondeu recebendo uma confirmação do irmão.

— Tudo bem – aceitou. — Não precisamos ir. — Sentou-se a poltrona. — Onde está Sayuri?

— Não sei – Jilly falou estranhando. — Por que ela não veio com você?

— Ela ainda não chegou? – devolveu com uma resposta ficando preocupado. — Ela disse que viria na frente.

— Faz muito tempo que a Srta. Hodgens saiu de lá?

— Não sei – disse levantando-se. — Acho que ela foi para casa.

— Espere um pouco, querido – pediu o vendo ir até a porta. — Ela pode ter parado em algum lugar e já deve estar vindo.

Suspirando passou a mão na cabeça voltando a se sentar, esperaria mais cinco minutos.

Mordendo os lábios encarou o primeiro teste notando ficar com duas listrinhas vermelhas. Abriu a boca em choque e voltou a encarar o outro que havia feito ao mesmo tempo. Positivo. Jogando-os no lixo apoiou os cotovelos nas coxas, de repente o

PERIGOSAS ACHERON

ar lhe faltou. Encarando as mãos as viu trêmulas, passando a língua nos lábios suspirou logo franzindo o cenho sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

Estava grávida.

Sentada na privada deixou-se chorar, não era desse jeito que queria descobrir uma gravidez. Mas o que esperava ao transar tantas vezes sem proteção, como se a possibilidade de engravidar jamais acontecesse consigo. Pegando o papel higiênico assoou o nariz, estava sem coragem para voltar ao apartamento. Como diria ao Benjamin que estava grávida?

Voltando a chorar cobriu os olhos com as mãos.

Impaciente era como Benjamin se encontrava e, todos ali podiam notar isso. Levantando-se pegou o celular vendo que não tinha mensagens e nem ligações, fitando Bradley o viu com a feição preocupada enquanto o encarava. Suspirando foi até a mãe e a beijou.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou para o apartamento – avisou tentando transparecer calma. — Amanhã vamos cedo para a audiência.

— Vamos nos encontrar lá – Jilly respondeu compreensível. — Vá para casa, meu bebê, diga a Sayuri que mandei um beijo.

— Certo – afirmou, virando-se para os irmãos estendeu a mão. — Contem comigo para o que precisarem.

— Tudo bem – Liam o respondeu, Bradley apenas acenou.

Apertando a mão de Melvin, Benjamin se dirigiu para fora. Ao entrar no carro saiu rapidamente da casa da mãe, seu coração estava apertado sentindo como se Sayuri precisasse de você. E isso o deixou mais nervoso. Infringindo todos os sinais vermelhos se dirigiu para casa, ao estacionar em frente ao prédio desceu com rapidez. No hall de entrada fitou o porteiro com um jornal aberto, ao percebê-lo lhe sorriu.

— Benjamin – saudou risonho, mas logo parou notando-o sério.

— A Sayuri apareceu por aqui?

— Não, senhor – negou ficando ereto. —

Quando foi a última vez que o senhor a viu?

— Há umas duas horas atrás – respondeu sentindo-se nervoso balançando a cabeça, pegando o celular.

Antes que o porteiro dissesse alguma coisa, suspirou em alívio ao fitar Sayuri adentrar o recinto. Benjamin assim que a viu foi ao seu encontro a abraçando apertado. Separando-se a examinou dos pés à cabeça.

— Onde estava? – perguntou atento a ela. — *Caralho*, Sayuri! Que susto você me deu.

Abraçando-o inspirou o perfume que ele exalava, sem se conter chorou sendo reconfortada pelos braços do homem.

— O que aconteceu? – quis saber mais calmo sentindo-a fungar enquanto chorava. — Alguém mexeu com você? Foi assaltada?

— N-Não – negou chorosa. — V-Vamos subir?

— Claro – concordou a segurando pela cintura. — Evans. – Acenou para o homem.

Adentrando o elevador ainda a abraçando, Benjamin pensou no que teria acontecido. Já no andar onde moravam se encaminharam para o PERIGOSAS ACHERON

apartamento, abrindo a porta a fez passar em sua frente. Trancando a porta observou Sayuri se sentar no sofá olhando as mãos. Suspirando colocou as chaves em cima do móvel. Retirando a jaqueta a colocou no braço do sofá, sentando-se na mesinha de centro a encarou esperando que ela comesse.

— E então?

Sem falar nada buscou no decote a nota fiscal das compras o entregando, com o cenho franzido Benjamin o leu. Arqueando as sobrancelhas voltou a encara-la, engolindo em seco colocou o papel de lado a olhando.

— O que é isso?

— Eu estou grávida – respondeu rapidamente observando as reações do homem a sua frente que a encarou travado.

— O que?

Nervosa engoliu em seco, fitando as mãos sentiu quando os dedos do homem lhe segurou o queixo.

— Sayuri – a chamou sem expressão a deixando mais nervosa. — Eu vou ser pai?

Deixando algumas lágrimas caírem ela apenas confirmou, rapidamente Benjamin se

PERIGOSAS ACHERON

levantou esfregando a barba. Sentada no sofá Sayuri observava as reações do namorado e sem esperar sentiu quando ele a abraçou apertado.

— Você me fez o homem mais feliz do mundo. — Separando-se dela a acarinhou na bochecha lhe beijando os lábios. — Um filho.

— Espera. — Empurrou-o com o cenho franzido. — Você está feliz?

— E por que não estaria? — retrucou franzindo o cenho. — Você não queria um filho comigo?

— O que?

— É por isso que está assim? — quis saber ficando em pé a olhando sério.

— Não — negou colocando uma mecha atrás da orelha. — É que... — Parou fitando as mãos. — Eu estou confusa! É muita coisa para assimilar.

— Para mim tudo está claro — proferiu com as mãos no quadril. — Vamos nos casar.

Levantando-se colocou a mão na cintura sem acreditar.

— Acha que vou querer casar só porque estou grávida?

— E por que não casaria? — inquiriu
PERIGOSAS ACHERON

aproximando-se. — Eu sou o pai do nosso filho.

Deixando algumas lágrimas caírem negou com a cabeça.

— Se você quer se casar somente por isso não precisa se preocupar — expôs abalada. — Você é o pai do meu filho, mas casar por obrigação a isso eu me nego.

Dizendo isso saiu indo para o quarto.

— Você não pode negar. — Seguiu-a vendo-a adentrar o banheiro fechando a porta. — Sayuri volta aqui!

— *Me deixa em paz!* — gritou do banheiro.

Suspirando e baixando a cabeça voltou a encarar a porta a sua frente, parando um minuto deixou o sorriso crescer em seus lábios. Seria pai. Parando de sorrir ouviu o choro da namorada e isso o deixou péssimo, sim, deveria ser confuso para ela com tudo o que estava acontecendo.

— Sayuri — a chamou encostando-se a porta. — Me desculpa, por favor. Eu te amo! Eu já pretendia te pedir em casamento. — Sorriu ouvindo-a parar de chorar. — Eu até vi os preços de umas casas do jeito que você sonha — falou fitando a porta sendo aberta.

— Fala sério? — questionou recebendo um aceno. — Não quer se casar comigo por obrigação ao nosso bebê? Eu não quero que você faça algo por achar que é o correto. — Deu de ombros chorosa.

Aproximando-se a beijou delicadamente.

— Nada por você é uma obrigação — confirmou limpando as lágrimas dela. — Eu te amo! A amo como preciso do ar para respirar.

Sorrindo mais aliviada o beijou enquanto o abraçava, lhe soltando os lábios a pegou no colo a rodopiando.

— Porra, eu vou ser pai! — exclamou fazendo-a sorrir, parando a encarou. — Você tem certeza?

— Fiz dois testes — o respondeu alisando o lábio inferior masculino. — Deram positivos.

— E quando vamos poder ver o sexo do bebê?

Rindo, ela o beijou.

— Obrigada por me apoiar — agradeceu sentindo os olhos encherem de lágrimas. — Eu estava apreensiva com o que você diria.

— Eu fiquei surpreso — afirmou ainda a
PERIGOSAS ACHERON

segurando —, mas é o nosso filho. Eu vou ser pai!
— Riu a fitando. — Eu não me via casando e nem pensando em algo assim.

— Eu não aceitei me casar com você — brincou recebendo uma carranca séria. — Quando vamos contar aos meus pais?

— O seu pai precisa saber também? — perguntou observando o lindo sorriso que ela lhe endereçou. — Falo sério.

— Ele não vai fazer nada com você — disse segurando-se nele enquanto o mesmo se sentava a cama.

— Você garante? — Testou, a vendo dar de ombros. — Vai ficar viúva antes do sim.

— Já disse que não vou me casar com você — repetiu o beijando na bochecha, logo o beijando nos lábios.

— Malvada! — Sorriu apertando o traseiro feminino, levando as mãos para dentro da calcinha delicada. — Espera!

— O que?

Parou o olhando.

— Acho melhor não fazermos — murmurou notando o olhar surpreso dela. — Vai machucar o
PERIGOSAS ACHERON

bebê.

— Não vai. — Riu tentando tirar o vestido, mas sendo impedida. — Benjamin.

— Melhor não arriscar — proferiu a colocando no colchão se dirigindo para o banheiro.

Surpresa e começando a ficar chateada o encarou entrar no banheiro, mas logo sorriu ao pensar em algo. O pagaria na mesma moeda, levantando-se se encaminhou para o outro banheiro que havia na casa. Benjamin ao sair do banheiro procurou Sayuri com os olhos. Vestindo-se com uma bermuda se jogou na cama à espera da namorada. Perguntaria o que ela gostaria de comer, mas agora que estava grávida deveria comer apenas alimentos saudáveis.

Minutos depois Sayuri adentrava enrolada em uma simples toalha, ajeitando o travesseiro nas costas, Benjamin a encarou. O cabelo estava preso no alto da cabeça, deixando poucas mechas soltas. Sorrindo a viu retirar a toalha lentamente. Arfando viu o momento em que ela se inclinou na gaveta. Apertando o membro por cima da cueca ficou a observando provoca-lo, ele sabia muito bem que era isso o que ela estava fazendo.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou apreciando isso – falou abrindo as pernas apertando mais uma vez o membro. — Vem aqui, vem?

Ignorando-o buscou uma calcinha fio dental – uma das que quase nunca usava – a vestindo ouviu o suspiro masculino. Sorrindo buscou uma blusa de tecido fino que deixava a barriga a mostra, levando a toalha para o banheiro voltou rapidamente para o quarto passando um pouco de perfume. Sem ao menos lhe falar saiu do quarto deixando-o surpreso. Foi até a sala, pegou o telefone e discou para Bradley.

— Bradie?

— *Srta. Hodgens* – a voz do loiro era puro alívio. — *Que bom que está bem, ficamos preocupados.*

Mordendo os lábios observou Benjamin parado no corredor a encarando predatório.

— E-Eu estou bem – afirmou ainda encarando o homem. — Eu só precisei passar em um outro lugar, estava sem o celular. Você comeu? Como você está? E seu irmão?

— *Estamos bem* – respondeu ficando em silêncio, mas logo voltando a falar. — *A Hailee vai*
PERIGOSAS ACHERON

vir aqui, eu disse a ela o que aconteceu.

— Está bem. — Sorriu olhando Benjamin parado a sua frente. — Se você precisar de algo, pode me falar.

— *Certo, obrigado.*

Sentindo o pé sendo segurado prendeu o riso.

— Bradie, eu preciso ir — disse sentindo Benjamin lhe morder o pé. — Nos vemos amanhã depois da audiência, eu vou para a Universidade.

— *Tudo bem, boa sorte.*

— Obrigada, beijos — agradeceu logo encerrando a ligação. — Quer soltar o meu pé? — perguntou a Benjamin que a puxou para o colo. — Quer me soltar?

— Você estava me provocando?

— Não — nego desviando o olhar. — Eu estou com fome.

— Fome de que? — quis saber com um sorriso de lado.

Remexendo-se no colo do homem o abraçou sussurrando rente ao ouvido dele.

— Um sanduíche de peito de peru.

Afastando-se viu o cenho franzindo dele.

— Por favor?

Sorrindo a beijou para logo se afastar a colocando no sofá.

— Um bem grande! – gritou sorrindo ligando a tevê.

Tentava se distrair, mas sempre voltava e pensava no filho que estava esperando. Levando as mãos ao ventre franziu o cenho, porém o sorriso tomou conta dos lábios. Fechando os olhos rezou para que tudo se encaminhasse bem, ainda estava preocupada com Herban solto por aí. Pensar que esteve perto dele esse tempo todo e jamais desconfiou, abraçando-se fitou o noticiário falando exatamente sobre Herban Morgan. Atenta se surpreendeu ao ver que alguns alunos estavam desistindo dos cursos no lugar e se transferindo para outras Universidades, não querendo mais saber sobre trocou o canal.

Olhando pela janela Gerard fitou as pessoas andando, ele tinha que ir embora. Não poderia ficar mais por ali, estava claro que Benjamin não o ajudaria. Mas ainda tinha um último trunfo e, ele

PERIGOSAS ACHERON

iria atrás dela. Não fugiria de mãos abanando, tinha certeza de que a namorada do filho tinha dinheiro. Ele deveria lhe dar, então ela o ajudaria. Por bem ou por mal.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Após bocejar espreguiçou-se na cama sentindo o frio da manhã. Rodando no colchão notou o lugar de Benjamin frio, estranhando abriu os olhos o procurando. Esticando-se até o criado mudo pegou o celular olhando o horário, 07h20. Teria duas horas para se preparar, hoje era a apresentação do tcc. Dizer que estava nervosa era eufemismo. Sentando-se levou as mãos ao ventre. Estava grávida e aquilo a assustava. Sorrindo imaginou a reação dos pais.

Mordendo os lábios fechou os olhos sentindo o frio na barriga, a porta do quarto abrindo lhe chamou a atenção. Com a bandeja em mãos Benjamin adentrou o recinto com um pequeno sorriso, aproximando-se da cama a viu arrumar os cabelos enquanto olhava a bandeja em suas mãos.

— Bom dia – saudou sorrindo. — Tudo isso é para mim? – quis saber olhando as torradas, geleia de morango, suco de laranja e morangos.

— Sim. – Sorriu a beijando rapidamente. — Você precisa comer bem – falou olhando-a morder

PERIGOSAS ACHERON

um morango. — Um café da manhã reforçado para você e o nosso bebê.

Parando de comer Sayuri o observou lhe sorrir, voltando-se para a torrada que tinha em mãos passou um pouco de geleia.

— Você já comeu? — perguntou mastigando o alimento.

— Ainda não — respondeu tento a atenção para si. — Quando você estiver alimentada eu me preocupo comigo.

— Nada disso — negou colocando geleia em outra torrada. — Eu não vou conseguir comer isso tudo que você colocou.

Aceitando a torrada a encarou.

— Quando vamos contar a todos?

— Eu queria falar com os meus pais primeiro. — Sorriu incerta. — Se não for problema para você — disse o observando negar sorrindo. — Eu nem consigo acreditar que estou grávida, mas estou feliz.

Benjamin lhe fitou o ventre, sorrindo a imaginou com a barriga grande. Levando os dedos até a bochecha macia a acarinhou recebendo um sorriso, mordendo a torrada a fitou nos olhos.

— Eu também – proferiu de boca cheia. — Minha felicidade estará completa quando você se casar comigo.

Rindo, Sayuri o fitou e logo pensou em um casamento lindo, ela com um vestido branco e um véu. Sim, ela queria entrar na igreja com um véu. Olhando-o notou que ele esperava uma resposta, sorrindo travessa tomou um gole do suco.

— Vou pensar no seu caso.

Suspirando Benjamin pegou o copo de suco o bebendo.

— Você é malvada – acusou fazendo-a rir. — Vou tomar um banho – avisou mordendo um morango. — Minha mãe e os meninos vão direto para o tribunal – disse fitando-a comer. — O advogado também estará lá.

— Tudo dará certo – murmurou colocando uma mecha atrás da orelha. — Né?

— Sim. – Sorriu a beijando. — Vou te levar até a Universidade.

Após ouvir a palavra *Universidade*, Sayuri parou o que fazia ficando nervosa.

— Estou tão tensa – confidenciou fazendo-o parar a olhando. — Fico muito feliz por ter PERIGOSAS ACHERON

conseguido um professor que me avaliasse mesmo que não tenha me acompanhado até aqui.

— Você vai se sair bem. — Sorriu depositando mais um beijo nos lábios femininos. — Fica tranquila.

— Obrigada — agradeceu o observando ir ao banheiro.

Voltando a comer pensou em como começaria a defesa, era algo que havia estudado muito por um bom tempo. E estava mais que preparada para isso, o nervosismo era algo normal que todo ser humano tinha.

Suspirando bebeu um pouco do suco, logo pegando a bandeja saindo do quarto.

Dentro de um táxi, Gerard esperava um momento em que a namorada do filho aparecesse sozinha. A mochila estava ao lado de si, desde manhã viu que estava sendo vigiado. Sabia que tinha pouco tempo até que MM o pegasse e, por isso tinha planos de já conseguir o que pretendia e ir embora para qualquer cidade longe o bastante de PERIGOSAS ACHERON

todos.

Olhando o relógio de pulso viu que estava ali há trinta minutos, o motorista batucava o volante impaciente. Na carteira havia alguns poucos dólares.

Suspirando voltou a encarar a entrada do prédio.

Ficando em alerta viu quando o filho saiu do lugar abraçado a jovem japonesa.

— Por favor — chamou a atenção do motorista. — Siga aquele carro.

Apontou para o automóvel do filho.

Horas depois Benjamin estacionava em frente a Universidade, virando-se para Sayuri a viu morder os lábios olhando os poucos alunos andarem pelo campus. Pigarreando fez com que ela o encarasse, ao ter a atenção para si inclinou-se selando os lábios.

— Boa sorte! — desejou aproximando os lábios novamente em um beijo. — Você vai se sair bem, eu acredito nisso.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada – agradeceu o beijando. —
Pensei em amanhã à noite sairmos todos em um jantar.

— Todos quem?

— Eu, você, sua mãe. – Sorriu recebendo um sorriso. — Os meninos, Dustin, Taylor, meus pais – continuou o notando arquear as sobrancelhas. — Meu irmão.

— A família completa.

— Isso – concordou segurando a bolsa. — O que me diz?

— Vou fazer o convite – anuiu sorrindo. — Quando você acabar me liga.

Anuindo o beijou uma última vez, não conseguia ficar longe daqueles lábios.

Abriu a porta do carro e segurou a bolsa se encaminhando para dentro do campus, virando-se viu Benjamin ainda a cuidando do carro. Acenando o viu lhe corresponder, suspirando passou pelas grandes portas.

Ligando o carro olhou uma última vez para onde ela tinha entrado, para logo sair do local.

Assim que viu o filho sair dali fitou ao redor procurando alguém suspeito o vigiando, não
PERIGOSAS ACHERON

encontrando ninguém retirou do bolso da calça algumas notas de dólares. Saindo do taxi olhou mais uma vez ao redor. Arrumando a mochila nas costas e o boné na cabeça se dirigiu a passos rápidos para dentro da universidade.

Ao adentrar o local procurou a japonesa com os olhos, bufando notou que era como procurar agulha em um palheiro. Mas ele não desistiria, puxando o boné para ocultar o rosto começou a procurar a jovem.

Manobrando o carro estacionou em uma vaga em frente ao tribunal, olhando o celular viu uma mensagem da mãe. Saindo rapidamente do carro caminhou-se para dentro, passando pelas portas avistou a mãe, os meninos e o advogados sentados o esperando.

— Estou atrasado?

— Não, Sr. Buthler — negou Cliv lhe cumprimentando. — Vamos indo.

Sorrindo para os irmãos imaginou como Bradley reagiria ao saber que Sayuri estava

PERIGOSAS ACHERON

grávida. Para Sayuri, o loiro era como um filho. O filho de quinze anos, rindo com o pensamento chamou a atenção de todos.

Pigarreando ajeitou a blusa social que usava. Parando em um corredor onde havia algumas cadeiras Benjamin, fitou a mãe ajeitar o cabelo de Liam. Voltando-se para o advogado o viu conversar rapidamente com um guarda da porta, com um movimento o mesmo pediu para que aguardasse.

Fitando a mais velha sorriu ao imaginar contando que seria pai e ela avó, desde sempre a mulher falava sobre isso e ele toda vez desconversava. Sentando-se ao lado da mesma a abraçou sendo correspondido, a beijando na bochecha sorriu alegremente.

— Amanhã à noite iremos todos a um restaurante — anunciou fazendo os irmãos o encararem. — Vocês também, tenho algo para falar e quero todo mundo reunido. Os pais e irmão da Sayuri também irão — terminou tendo o olhar da mãe sobre si.

— Um jantar com a família toda reunida? — murmurou recebendo um aceno. — Será o que estou pensando? — quis saber achando que o filho

PERIGOSAS ACHERON

faria o pedido hoje.

— Não sei – fez suspense sabendo que não era o que ela pensava, a notícia que seria pai o pegou totalmente desprevenido —, mas é algo bom.

As portas da sala se abriram e dela um casal passaram sorrindo, levantando-se Benjamin fitou um policial com uma ficha na mão.

— Benjamin Buthler e os menores Liam e Bradley Spielberg? – questionou logo observando a todos.

— Somos nós – Benjamin disse sentindo a mãe ficar ao seu lado.

— Por favor, entrem. – Indicou dando espaço. — O juiz Winzar irá atendê-los – falou em um tom profissional, ao ver Jilly também adentrando o local a parou. — A senhora é a representante dos adolescentes menores?

— Não – negou parando. — É o meu filho.

— Então a senhora não pode entrar – disse fazendo-a ficar triste.

— Por que ela não pode entrar? – Liam questionou o encarando. — Ela cuida de mim e é importante para mim.

— Aqui nessa sala só pode entrar o
PERIGOSAS ACHERON

responsável pelos menores e o nome que consta aqui é – parou lendo novamente o nome. — Benjamin Buthler.

— Mas vai interferir se ela entrar com a gente? – Bradley inquiriu fazendo o homem respirar fundo.

Pronto para responder ouviu a voz do juiz dentro da sala indagar:

— *Meirinho, algum problema?*

Voltando-se para o homem da lei que estava sentado o encarou.

— Não, meritíssimo – negou em um tom ameno.

Adentrando a sala, Liam encarou o homem de cabelos brancos e toga.

— Ele não está deixando que uma pessoa importante para mim entre nessa sala – exclamou recebendo um olhar surpreso do homem. — Meritíssimo – completou ainda sendo observado.

Rapidamente sentiu quando Jilly o segurou pela mão.

— Filho, por favor esqueça isso – disse tentando fazê-lo acalmar. — Eu espero do lado de fora, não vamos criar uma complicação por isso.

— Jillian? — o juiz proferiu surpreso ao reconhecer a mulher. — Não acredito.

Com o cenho franzido fitou o homem. Arregalando os olhos em compreensão deixou um pequeno sorriso sair, mas logo ficou séria, voltando-se para o filho o viu encará-la com o cenho franzido em uma silenciosa resposta.

— Vamos começar logo — o homem de toga exclamou. — Por favor, entrem todos. Você também, Sra. Buthler.

Concordando, Jillian adentrou a sala ao lado de Liam, acomodando-se a cadeira esperou que tudo fosse se iniciado. Sentando-se ao lado da mãe, Benjamin encarou o juiz que arrumava algumas folhas a sua frente. Relanceando a sala viu que continha dois guardas resguardando a segurança do juiz, voltando-se para o advogado o viu sentar-se à vontade na cadeira.

— Liam Spielberg, dezessete anos e não estuda — leu o papel a sua frente para logo fitar o adolescente maior. — Vejamos seu irmão. — Parou anuindo com a cabeça. — Quinze anos, e próximo ano entrará para o 10th grade. Os dois órfãos.

Engolindo em seco, Liam sentiu a mão ser

PERIGOSAS ACHERON

segurada e sorrindo para a mais velha voltou a prestar a atenção no juiz.

— Vocês não conhecem outros parentes vivos?

— Não, senhor — Liam negou nervoso. — Só éramos meu irmão e eu.

Anuindo o homem fitou Benjamin que observava a interação acontecendo.

— No relatório que me foi entregue consta que, você, Liam — disse e apontou para o loiro —, mora com a Sra. Buthler — disse olhando rapidamente a mulher. — E você mora com o Sr. Buthler, por que não moram na mesma casa?

Tendo o olhar do homem sob si, Bradley ficou nervoso.

— Antes estava estudando e a Srta. Hodgens era a minha professora, mas agora eu moro com a Sra. Buthler.

Notando a confusão nos olhos do juiz, Benjamin se pronunciou.

— Meritíssimo, minha namorada trabalhava no mesmo colégio em que o Bradley estudava. Por isso, enquanto estudava ficava na minha casa. Liam fazia companhia a minha mãe, pois não estuda, mas

PERIGOSAS ACHERON

próximo ano ele será matriculado em um bom colégio. Os dois.

Voltando o olhar ao papel em mãos, leu sobre o homem que tinha acabado de falar.

— Benjamin Buthler — murmurou o nome em voz alta, logo fitando a mulher sentada. — Você tem um bom perfil para o cargo de tutor — confidenciou deixando Jillian sorridente —, mas eu quero saber com vocês meninos o que acham? O momento de falar sobre isso é agora, pois, quando eu disser meu veredito não volto atrás — exclamou sério, mas logo relaxando na cadeira.

Bradley fitou Benjamin antes de pigarrear e passar a mão no cabelo, em um gesto nervoso.

— Eu gosto bastante de ficar com a Sra. Buthler — afirmou recebendo um sorriso da mais velha. — Ela é bem legal, cuida bem da gente.

— Sim — Liam reforçou. — Ela nos trata como filhos.

— Porque vocês são meus filhos. — Sorriu emocionada acarinhando os rostos dos adolescentes. — Os três.

Encarou Benjamin que lhe sorria.

Olhando Winzar o viu repuxar os lábios em

PERIGOSAS ACHERON

um pequeno sorriso, para logo ficar sério novamente. Pegando alguns documentos repassou até que chegassem em Benjamin.

— Leia atentamente seus deveres como Tutor e assine no final de cada folha.

Ansioso Benjamin começou a ler as letras miúdas que haviam no papel.

Saindo da sala Sayuri não acreditava que tinha finalmente conseguido finalizar aquela parte. Estava oficialmente livre da Universidade, mal podia esperar para pegar o diploma. Segurando a bolsa no ombro se encaminhou para o banheiro. Adentrou o local e foi para uma das cabines. Segundos depois ouviu quando alguém entrou no banheiro, logo trancando a porta. Nervosa recolheu os pés segurando a bolsa com força, olhando entre as brechas da divisória franziu o cenho.

Mordendo os lábios saiu da cabine observando o pai de Benjamin a olhar surpreso, cruzando os braços o encarou querendo uma explicação.

— Precisamos conversar – o mais velho falou levantando a aba do boné.

— Se é sobre Benjamin, eu...

— Não – a interrompeu aproximando-se, fazendo-a dar passos para trás. — Não estou aqui por Benjamin – anunciou deixando-a surpresa. — Estou aqui por você.

— O que?

— Eu preciso de dinheiro! – exclamou notando as sobrancelhas arqueadas para si. — E você vai me dar isso.

— E-Eu não tenho dinheiro – falou segurando a bolsa. — Não posso ajudá-lo.

Aproximando-se mais dela, a fez encostar-se a parede. A expressão no rosto dele era a mais séria possível, engolindo em seco Sayuri encarou a porta atrás do homem.

— Você acha que sou tolo? – questionou ficando bravo. — O meu filho tem muito dinheiro, é impossível que ele não lhe dê alguma coisa. Como você compra suas roupas e se mantém viva?

Franzindo o cenho respirou fundo.

— Benjamin não me dá dinheiro! – retrucou sentindo-se ofendida pela insinuação e o tom que PERIGOSAS ACHERON

ele usou. — Eu trabalho para ter o que tenho.

— Mentira! — Praticamente cuspiu as palavras. — Acha que não sei o seu jeito? Fisgou um bom partido, agora ande e me dê alguma grana. Tenho que sair da cidade.

— Eu já disse que não tenho — expôs querendo sair da frente dele, mas não conseguindo. — Se você não sair da minha frente eu vou gritar.

Olhando-a de cima a baixo fitou o colar com a pedrinha solitária, sabia que aquela pedrinha não era uma bijuteria qualquer. Parecia ser cara.

— E esse colar?

Colocando a mão no pescoço Sayuri se assustou.

— F-Foi um presente do meu avô.

— Presente de avôs sempre são caros — falou para si. — Vamos, me entregue o colar.

— Não! — negou, logo entrando em desespero quando o homem avançou em cima de si tentando agarrar a joia. — Não! — gritou sentindo as mãos masculinas lhe segurar os punhos. — O Benjamin não vai gostar de saber disso! — Tentou uma última vez.

— Acha que eu me importo com o que o
PERIGOSAS ACHERON

Benjamin vai achar? – quis saber puxando a joia do pescoço feminino, a machucando. — Obrigado – a agradeceu com ironia empurrando-a a parede.

Apoiando as mãos na parede ficou assustada observando o homem sair rapidamente do banheiro. Puxando respirações levou as mãos ao ventre, o arranhão do pescoço ardia. Indo até o espelho puxou o cabelo para o lado observando o latanhão vermelho da corrente, ligando a torneira lavou as mãos para logo molhar com cuidado o pescoço. A porta do banheiro abrindo-se novamente a assustou olhando-a viu duas alunas adentrarem o local sorrindo, quando foi notada recebeu olhares confusos.

— Está tudo bem? – uma delas questionou colocando a bolsa em cima da pia.

— S-Sim – gaguejou pegando o papel toalha para enxugar o pescoço. — Tchau.

Despediu-se jogando o papel, logo saindo do banheiro.

Sentia a bexiga cheia e o pescoço ardendo, os cabelos lhe cobriam o machucado. Saindo do corredor se pôs a andar até a saída, levando as mãos aos olhos notou que chorava. Fungando, secou as

PERIGOSAS ACHERON

lágrimas tentando se acalmar Benjamin não poderia saber desse acontecido. Ele surtaria com certeza, mas se ele descobrisse depois seria pior. Diria quando os dois estivessem à sós.

Sentando-se em um banco distante dos corredores pegou o celular observando a tela. Fitando ao redor observou alguns alunos sentados na grama conversando, mordendo os lábios voltou a olhar o cenário a frente. Um pouco afastado Olson encarava Sayuri e, ela percebeu. Desviando o olhar tentou não focar mais no homem, levando a mão ao pescoço sentiu a parte machucada arder.

Franzindo o cenho sentiu a vontade de chorar vir novamente, aquele presente tinha sido presente do avô. Lhe era importante, o celular tocando lhe chamou a atenção. Sorrindo atendeu a ligação.

— *Tudo certo?* – Benjamin questionou, ao fundo Sayuri podia ouvir Jilly falar com os meninos. — *Acabamos de sair* – a voz soou alegre. — *Conseguimos.*

Suspirando enquanto deixava um sorriso escapar, Sayuri levou as mãos ao peito.

— Fico tão feliz por isso – respondeu colocando uma mecha atrás da orelha. — Onde está PERIGOSAS ACHERON

Bradie?

— *Seu bebê de quinze anos está aqui.* — Riu e Sayuri poderia apostar que o loiro estaria envergonhado. — *Vou deixar os três no shopping, você terminou?*

— Sim. — Mordeu os lábios segurando a bolsa. — Você demora? — quis saber quase sussurrando.

— *Não* — negou notando-a tensa. — *O que aconteceu?*

— Nada. — Mexeu o pé. — Eu te espero aqui, não quero chegar sozinha na casa dos meus pais.

Sorriu com a mão no pescoço.

— *Não demoro* — falou com a voz rouca. — *Me espera.*

— Certo.

Adentrando a joalheria Gerard observou as funcionárias vestidas de forma impecável, aproximando-se sorriu retirando o boné. Olhando uma atendente fez sinal fazendo-a aproximar-se com o cenho franzido. Aquela joia deveria ser cara,
PERIGOSAS ACHERON

então aquela joalheria lhe pagaria uma boa quantia pela joia.

— Bom dia – saudou recebendo um aceno.
— Vocês compram joias?

— Perdão? – questionou inclinando-se um pouco para o mais velho.

— Eu tenho uma joia – disse pegando o colar para a mulher ver. — Preciso vendê-la, por quanto vale?

Arregalando levemente os olhos a loira estendeu a mão para o colar, olhando uma última vez para o homem dos pés à cabeça sorriu de modo mecânico.

— Vou averiguar, senhor – acenou com a cabeça. — O senhor aceita alguma bebida?

— Um champanhe está de bom tamanho.

Sorriu observando ao redor.

— Certamente, senhor – anuiu afastando-se.

De onde estava Gerard fitou a mesma atendente se aproximar de um homem vestido em um perfeito paletó e mostrar o colar, franzindo o cenho viu quando a loira apontou para ele e o homem – que ele julgava ser o gerente – se aproximou com a peça em mãos.

— Olá! — saudou o encarando de cima a baixo. — Poderia me falar onde comprou essa joia?

— Como assim? — alarmou-se fitando o homem à sua frente.

— Essa pedra são poucas pessoas que podem comprar — exclamou mostrando o colar ao homem. — E essa joalheria é referência entre os amantes de pedras preciosas — continuou. — Além dessa há uma outra joalheria que vende, poderia me falar o nome dela?

Engolindo em seco Gerard encarou o homem, tinha sido surpreendido. Não imaginava que haveria algum tipo de complicação por causa dessa joia. Colocando um sorriso no rosto tentou não demonstrar o nervosismo.

— Na verdade — pigarreou olhando o homem. — Essa joia era da minha nora, mas a mesma me pediu para vendê-la.

Confirmando o gerente ainda o encarou antes de fitar a joia.

— Suzanne — indagou para a mulher. — Pegue a numeração dessa joia e encontre seu comprador — mandou logo fitando Gerard dar pequenos passos para trás. — Por favor, senhor, PERIGOSAS ACHERON

sente-se enquanto averiguamos o que fala. Normas da empresa.

Sentindo o coração bombear rapidamente correu em direção a saída, ao longe pôde ouvir o homem gritar para segurá-lo. Antes que pudesse correr pela calçada sentiu os braços serem agarrados. Olhando para frente viu a porta de um carro aberta, dentro dele MM estava sentado enquanto lhe sorria. Sentindo o frio lhe tomar a espinha ainda tentou se soltar do agarre, mas rapidamente foi colocado dentro do carro.

— Vejam só — MM falou observando os capangas entrarem no automóvel e o mesmo sair do local rapidamente. — Gerard. — Sorriu sem desviar o olhar do mais velho. — Eu sempre tive razão, afinal — proferiu pegando a carteira de cigarro. — Você tem coragem — disse anuindo com a cabeça —, mas isso não foi inteligente da sua parte.

— Para onde agora, chefe? — o homem ao lado de Gerard questionou.

— Para o galpão — avisou deixando o mais velho com a respiração descompassada.

Sentada na cadeira esperava pacientemente Benjamin, o celular vibrando e tocando lhe chamou a atenção observando a tela viu que era o avô, mordendo os lábios pensou no colar que tinha sido roubado. Antes de desligar o celular viu a mensagem de Benjamin avisando que já se encontrava na porta, pegando a bolsa praticamente correu até o namorado. Ao chegar do lado de fora, avistou Benjamin escorado no carro. Correndo se jogou nos braços fortes, sentindo-se mais protegida ali.

— Não demorei muito – Benjamin exclamou recebendo beijos nos lábios. — Está tudo bem? – quis saber segurando as mãos femininas. — Suas mãos estão geladas, nosso bebê está bem?

— Está. – Sorriu levando as mãos ao ventre. — Ele está bem.

— Que bom – sorriu acariciando o rosto macio. — Como foi hoje?

Suspirando o abraçou novamente, se perguntava como diria o acontecido a Benjamin. Ele parecia tão feliz com tudo o que aconteceu, mordendo os lábios o sentiu se afastar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi tudo bem – afirmou fazendo-o sorrir.

— Então vamos indo logo na casa do seus pais – proferiu abrindo a porta do passageiro. — Estou nervoso com a reação do seu pai.

— Nervoso ou com medo? – brincou colocando a bolsa no banco de trás.

— Olhe bem para essa gostosura a sua frente – pediu sorrindo enquanto abria os braços. — E me diga sinceramente se você acha que eu tenho medo de alguém?

Sorrindo o encarou divertida.

— Meu pai vai te matar.

Suspirou sentando-se e fechando a porta.

Parado no lugar Benjamin a fitou colocar o cinto de segurança, movendo-se foi para o lugar de motorista. Posicionando o cinto a fitou antes de ligar o carro, sorrindo segurou a chave.

— Ficaré viúva antes mesmo de dizer sim – falou observando as sobrancelhas arquearem.

— Já disse que vou pensar no seu caso.

Sorriu o olhando.

— Malvada – pronunciou saindo com o carro.

Cruzando os braços olhou pela janela, os
PERIGOSAS ACHERON

cabelos estavam soltos escondendo o machucado. Não chegava a ser algo grande, mas estava ardendo. Mordendo os lábios suspirou.

— Os meninos e minha mãe foram ao shopping – anunciou fazendo-a encará-lo. — Tudo para amanhã, temos três motivos para comemorar.

— Queria poder estar com vocês quando tudo foi resolvido.

— Amanhã terá tempo para fazer isso. — Sorriu lhe segurando a mão rapidamente. — Liguei para Dustin, ele vai me ligar daqui a pouco para confirmar a presença.

— Tudo bem – anuiu cruzando as pernas lançando um último olhar para ele. — Você está bem gatão assim.

— Eu sei disso – devolveu com uma sobrancelha arqueada. — Você também está bem gatinha com esse vestido.

Olhando-se Sayuri sorriu, voltando a encarar Benjamin fitou as coxas grossas dentro da calça. Lambendo os lábios separou as pernas ainda o encarando, pigarreando recebeu uma rápida olhada. Estava com saudades de sentir as mãos masculinas em seu corpo lhe apertando e amando.

— Queria fazer amor – exclamou fazendo Benjamin perder o foco da direção por alguns segundos, logo teve os olhos sobre si. — O que foi?

— Quer provocar um acidente? – quis saber a olhando com o cenho franzido.

— Mas eu não fiz nada. – O olhou recebendo uma negativa. — Você só teria que levantar meu vestido, afastar minha calcinha e então me tomaria aí mesmo onde você está. – Sorriu tendo como resposta uma negação. — Estou molhada.

Inclinou-se alisando a coxa masculina com a mão.

Suspirando sentou-se ereto no banco, sua mente consequentemente fazia as imagens do ato. E aquilo o deixou aceso.

— Por favor – pediu com uma expressão sofrida. — Em casa falamos disso.

— Malvado.

Deu língua em um gesto totalmente infantil, voltando-se para a janela.

Horas mais tardes estacionava em frente a
PERIGOSAS ACHERON

casa dos sogros, nervoso engoliu em seco. Fitando Sayuri a viu sorrir despreocupada o abraçando pela cintura, antes que pudessem tocar a campainha Benjamin a segurou pela mão fazendo-a encará-lo.

— Não importa o que aconteça, estaremos juntos – afirmou recebendo um grande sorriso. — Se seu pai tentar alguma coisa você me salva.

— Achei que não estivesse com medo – brincou sentindo os braços lhe rodearem a cintura.

— Não estou. – Beijou-a demorando-se no lábio inferior onde o mordeu e chupou. — Só uma precaução.

— Sei. – Riu o beijando rapidamente. — Vamos – chamou apertando a campainha.

Segundos depois a porta fora aberta por Ian que sorria observando os dois.

— *One-chan* – exclamou a abraçando apertado. — Tenho uma surpresa para você – avisou voltando-se para o cunhado o cumprimentando.

— Eu também – respondeu adentrando a sala avistando o pai sentado no sofá. — Pai!

Abriu os braços recebendo o abraço apertado do homem.

— Princesa – murmurou ainda abraçado a ela.

Das escadas a mãe descia com um grande sorriso nos lábios.

— Filha!

— Mãe. – Foi até a mais velha a abraçando.
— Mãe hoje foi o meu tcc. – Sorriu sentindo a mão lhe acarinhar o rosto. — Finalmente eu acabei.

— Fico tão feliz, meu amor – concordou com o olhar carinhoso. — Ficarão para o almoço?

— Sim – respondeu fitando Benjamin que sorriu concordando. — Mãe, eu vim aqui para poder falar uma coisa.

— *Sayuri.*

Olhando rapidamente para o alto da escada avistou a avó materna lhe sorrir emocionada. Indo até a mais velha a ajudou a descer as escadas, quando finalmente desceram o último degrau Sayuri a abraçou sentindo o cheiro de avó que Kiyome tinha.

— Vó – murmurou emocionada sentindo os olhos cheios de lágrimas. — Não acredito que a senhora está aqui, por que não me avisaram?

Voltou-se para os pais.

Yumi estava sentada no braço da poltrona enquanto o marido lhe arroteava a cintura.

— Queríamos fazer uma surpresa — expôs enxugando as lágrimas. — *Okaa-san* chegou ontem.

— Eu queria ver minha princesinha o quanto antes. — A idosa sorriu acariciando o cabelo da neta. — Você está tão linda. — Sorriu mais a observando com atenção, mas logo franziu o cenho olhando o machucado no pescoço feminino. — O que foi isso? — perguntou baixinho olhando-a.

Alarmada Sayuri negou com a cabeça. Lançou um rápido olhar para Benjamin querendo saber se ele tinha ouvido. Seguindo o olhar da jovem, Kiyome viu o homem sentado no sofá ao lado de Ian. Um homem grande com a feição séria, preocupada voltou a encarar Sayuri.

— Vó. — Segurou as mãos da idosa. — Eu quero que conheça uma pessoa. — Puxou-a fazendo-a se aproximar de Benjamin que rapidamente ficou de pé estendendo a mão com um grande sorriso.

Kiyome encarava o homem a sua frente de forma séria, não acreditava que sua princesa estivesse sofrendo nas mãos daquele homem. E
PERIGOSAS ACHERON

automaticamente o sofrimento que a filha passou lhe veio à mente, sem entender Yumi fitou o marido que a olhou da mesma forma.

— Vó, esse é o Benjamin, meu namorado — falou tensa pela reação da mulher.

Pigarreando Benjamin recolheu a mão enfiando-a no bolso, dando um sorriso rápido fitou Sayuri em uma pergunta muda. Dando de ombros Sayuri relanceou para os pais que a olhavam mudos.

— É um prazer conhecê-la, senhora.

— Sei — proferiu deixando-o surpreso. — Estou de olho em você.

Concordando sem entender Benjamin relanceou para Sayuri.

— Bem — balbuciou sem saber o que falar. — Eu... Eu tenho algo para falar.

Sentado na poltrona Urion sentia um pressentimento estranho e, mais ainda quando viu Benjamin ficar de pé abraçado a Sayuri. Nervoso olhou atentamente a filha encarar o namorado com um pequeno sorriso, passando a mão na barba esperou o que tinham para falar.

— Então... A gente...

— Você está nova demais para casar, Sayuri — Urion a interrompeu, para logo receber um tapa na mão.

— Pai! — Sayuri exclamou cruzando os braços.

— Tudo bem não se casarem agora. — Sorriu nervoso não notando a esposa negar com a cabeça pela fala do homem. — Vocês podem continuar com isso que vocês têm.

— Eu não quero casar — respondeu recebendo um olhar atravessado do mais velho. — Não era isso o que íamos falar.

— Você não vai se casar *ainda*. — Benjamin sorriu recebendo um negar da namorada. — Tenho esperanças de que você me diga sim.

Revirando os olhos voltou a observar os pais.

— Falem logo. *Obaasan* está curiosa — Ian afirmou fazendo a mais velha o fixar com o cenho franzido.

— Mãe, pai, *Nii-san* e vovó... — Sorriu logo mordendo os lábios. — Eu estou grávida.

Yumi levou as mãos ao peito assustada, Ian rapidamente encarou o pai que olhava entre Benjamin e Sayuri sem piscar. Ansiosa, Sayuri

PERIGOSAS ACHERON

esperava alguma reação dos pais. Engolindo em seco fitou Benjamin que a olhava apreensivo.

— F-Filha – Yumi murmurou após um minuto de silêncio. — Grávida. – Sorriu indo até a filha a abraçando. — Eu serei vovó. – Abraçou Benjamin. — Parabéns! Eu estou surpresa, mas feliz não tenham dúvidas.

— Obrigado – Benjamin agradeceu.

Separando-se do genro fitou o marido que olhava petrificado para Sayuri. Voltando-se para a filha a viu abraçar o irmão, logo vendo a mais velha abraçar a neta enquanto lhe falava algo no ouvido recebendo um sorriso e uma negação. Observando Sayuri se emocionou, sua filha estava crescida e formando uma família. Não poderia estar mais feliz, foi tirada dos pensamentos quando o marido finalmente se moveu.

— G-Grávida? – Urion questionou levantando-se fazendo Ben dar um passo para trás. — Você engravidou a minha filha? – quis saber com as mãos em punhos.

— P-Pai – Sayuri exclamou sentindo a respiração ficar descompassada. — Calma.

— Eu vou matar você – afirmou avançando

PERIGOSAS ACHERON

em Benjamin que rapidamente se escondeu atrás da namorada. — Seu desgraçado!

Ian tentando controlar o pai o segurou pela cintura, firmando os pés no chão.

— Você vai casar com a minha filha! – gritou apontando o dedo para o homem. — Ou eu mato você! – proferiu tentando se soltar do agarre do filho. — Está me ouvindo? Eu mato voc...!

— Pai, eu não vou casar! – o interrompeu fazendo-o olha-la assustado.

— Como assim não vai casar? – repetiu parando de se mexer notando só agora que a filha já havia dito aquilo.

Respirando fundo sentiu a mão de Benjamin lhe rodear a cintura, voltando-se para ele deu um pequeno sorriso.

— Pai – murmurou aproximando-se. — Não precisamos casar agora só porque estou grávida.

Parando de falar Urion se sentou esfregando o rosto, sua princesa estava grávida.

— Você está grávida – sussurrou logo voltando a encará-la. — Grávida – repetiu ainda olhando-a. — Estou passando mal, Yumi.

Alarmada, Sayuri aproximou-se dele, fitando

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente a mãe sorrir enquanto se sentava ao lado do mais velho.

— Pai, o que o senhor está sentindo?

— Não estou preparado para vê-la grávida – anunciou fazendo-a sorrir. — Falo sério – murmurou a acariciando a bochecha. — Você é minha princesa, tão pequena e está...

— Grávida – completou sorrindo observando a careta que o homem fez. — Pai, não sou pequena. Tenho vinte e três anos, sou bem adulta.

— Lembrando que sou mais alto que você – Ian se fez presente indo abraça-la. — Eu serei titio, estou feliz por vocês dois.

Negando Urion voltou a encarar Benjamin que o observava sério.

— Vamos conversar!

— Pai! – alertou fazendo-o encará-la. — Por favor, eu sou adulta.

— Urion, amor – Yumi fez fitá-lo. — Você será vovô.

Respirando fundo fitou a filha que o olhava em dúvida.

— Eu estou feliz – afirmou olhando o sorriso da jovem. — Eu só... Vocês conhecem camisinha?

— Pai! – envergonhou-se desviando o olhar.

— Senhor, eu...

— Eu ainda quero socar você – deixou claro o interrompendo —, mas estou feliz sim. Só surpreso, meu Deus... Grávida.

Afastando-se do pai, Sayuri foi até Benjamin o abraçando.

— Amanhã quero um jantar com todos – Sayuri avisou. — Bradie, o irmão e a Jilly ainda não sabem.

— Claro, filha – Yumi afirmou a abraçando. — Vamos sim.

— Benjamin conseguiu a tutela dos meninos – exclamou orgulhosa. — Temos muito o que comemorar.

— Poderíamos depois do almoço irmos ao shopping – Yumi propôs sorridente. — O que acha, filha? *Okaa-san*?

— Por mim tudo bem. – Sorriu forçando a mente. — Só não posso exagerar muito, tenho que economizar – falou lembrando-se que tinha pouco dinheiro na conta.

— Não se preocupe com isso. – Benjamin a fitou. — Compre o que precisar eu posso pagar.

— Não...

— Ótimo – Yumi afirmou puxando-a para a cozinha. — Vamos preparar o almoço – disse indo até a mãe a ajudando a ficar de pé. — Vocês meninos se comportem.

Correndo até Benjamin o beijou, para logo ir até a mãe. Assim que Sayuri saiu do recinto acompanhando as mulheres, Benjamin se viu sozinho com o sogro e o cunhado.

— Agora vamos conversar – Urion expôs o olhando.

Na cozinha Sayuri sentia os olhares da avó em si, parando o que fazia aproximou-se da mulher. Fitando a mãe a viu entretida na pia, sorrindo para a avó recebeu de bom grado o carinho no rosto.

— *Não deixe que ele a machuque* – pediu sussurrando com os lábios crispados. — *Se estiver com medo, fale com o seu pai. Urion não irá permitir que ele a machuque.*

— *Não* – negou sorrindo enquanto também sussurrava. — *A senhora entendeu errado* – disse
PERIGOSAS ACHERON

fitando os olhos confusos da idosa. — *Benjamin não me machuca, nós nos amamos. E nosso filho.* — Levou as mãos ao ventre. — *É a prova do nosso amor.*

— *Você tem certeza?*

— *Tenho.* — Sorriu. — *Esse arranhão foi meu colar que eu ganhei do meu avô Dupke.*

— O que tanto vocês cochicham? — Yumi questionou parando o que fazia.

— Nada, mãe. — Sayuri sorriu recebendo uma piscadela da avó. — Precisa de ajuda aí?

Na sala Benjamin recebia um olhar duro do sogro, Ian apenas sorria observando a forma que o pai fitava o homem. No fundo sentia pena de Benjamin, pois, agora o mais velho pegaria mais no pé dele. As vezes se perguntava quando Urion Dupke perceberia que sua princesa já era uma mulher feita, suspirando levantou-se fazendo o cunhado o encarar um pouco alarmado.

— Por favor — implorou olhando o pai. — Se comportem.

Falando isso saiu da sala indo para o quarto, assim que o filho saiu Urion fitou Benjamin.

— Fez isso de propósito?

— Não, senhor – respondeu ofendido. — Nos descuidamos e acabou acontecendo. Eu amo sua filha e só quero fazê-la feliz, já a pedi em casamento, mas ela se nega.

Inspirando e soltando a respiração concordou.

— Não se preocupe – falou depois de um tempo. — Vou te ajudar com isso, ela não pode dizer não para sempre.

— Sua filha me tira do sério com isso.

Sorrindo Urion relanceou para a cozinha observando a filha ajudar Yumi.

— Sim – anuiu. — Eu sei bem – continuou, mas logo encarou o homem. — Agora me diga o que pretende fazer em relação a tudo que envolve minha filha. Pretende morar aquele apartamento? E os dois adolescentes? Quero saber tudo.

Concordando, começou a relatar, entendia o sogro. Claro que entendia, ele seria do mesmo jeito em relação a filha que Sayuri estava esperando. Pensar que seria pai de uma menina o deixava com um sorriso bobo no rosto, adoraria um casal.

Franzindo o cenho notou que nem se quer tinham pensando em nomes, isso teria que ser providenciado logo. Olhando a cozinha viu Sayuri parada o observando. Sorrindo viu quando ela moveu os lábios falando “eu te amo”. Lhe correspondendo com um sorriso sentiu o coração se aquecer quando prestou atenção no sorriso que lhe era endereçado.

Voltando a prestar a atenção no sogro concordou com o que ele falava, mesmo que ele não tivesse entendido o que lhe era dito. Só tinha certeza de uma coisa: ele daria a vida se fosse preciso para deixar Sayuri e filho que esperavam a salvo.

Sem pensar duas vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Ainda dormia quando sentiu as carícias no membro, arfando sentiu a boca quente e molhada lhe chupar a ponta do pau melada. Abrindo os olhos mirou Sayuri de quatro segurando aquela anatomia grossa enquanto sorria o chupando, tirando-o da boca massageou-o com as duas mãos.

— Bom dia! — saudou lambendo-o lentamente. — Gostou da surpresa? — quis saber voltando a chupa-lo.

Sem conseguir responder levantou o quadril jogando a cabeça para trás. Pegando-a pelos cabelos começou a bombear em um ritmo lento. Suspirando sentiu um frio lhe subir o corpo quando as chupadas aumentaram na cabeça do pênis, Sayuri adorava chupar aquela parte macia, mas ao mesmo tempo dura.

Quando notou que Benjamin gozaria, parou dando uma última lambida.

— Vou me arrumar — disse levantando-se da cama não perdendo o olhar zangado do namorado. — Hoje vamos ao salão arrumar os cabelos e as

PERIGOSAS ACHERON

unhas – avisou retirando a blusinha que usava. —
Ontem comprei um vestido lindo.

Também havia comprado saltos novos e um presentinho para usar com Benjamin quando voltassem para o apartamento. Lembrava-se da expressão da avó quando viu o que era. Não negaria que ficou envergonhada, mas só de pensar na surpresa que Benjamin teria... comprou.

— Você vai me deixar assim? – quis saber apontando para o membro, a respiração descompassada.

Voltando-se para o namorado o viu com as sobrancelhas arqueadas. Sorrindo de forma malvada deu de ombros adentrando o banheiro. Sem acreditar, Benjamin saiu rapidamente da cama indo até Sayuri. Abrindo a porta a viu molhar o corpo enquanto lentamente, com uma bucha, esfregava os seios.

Segurando o membro começou a acariciá-lo.

— Você vai me deixar na vontade? – Benjamin perguntou adentrando o box.

O afastando de si Sayuri sorriu cobrindo os seios.

— Você me deixou duas vezes na vontade –
PERIGOSAS ACHERON

acusou deixando-o surpreso. — Ou pensa que esqueci?

— Fala sério? — quis saber olhando-a atentamente. — Por que eu não estou acreditando.

Dando as costas a ele começou a ensaboar os braços.

— Benjamin...

— O que foi isso no seu pescoço? — Interrompeu-a com o cenho franzido levando os dedos até o machucado dela. — Aliás, onde está aquele seu colar que você sempre usa?

Tensa, parou o que fazia, mordendo os lábios voltou a encará-lo. Na hora Benjamin percebeu que algo havia acontecido, desligando o chuveiro esperou que ela lhe falasse.

— Por favor não fique nervoso — pediu logo notando-o inspirar e soltar a respiração lentamente.

— O que importa é que estou bem.

— Você foi assaltada?

— Ben — murmurou recebendo um olhar penetrante. — O seu pai...

— O que aquele merda fez com você? — Interrompeu-a crispando os lábios.

Mordendo o lábio cruzou os braços

PERIGOSAS ACHERON

desviando o olhar, não sabia como diria. A forma que pensava em dizer lhe parecia inapropriado, sentindo o queixo ser segurado e os olhos castanhos escuros sob si suspirou.

— Ele me procurou – falou observando-o sério. — Ele queria dinheiro. – Deu de ombros voltando a ligar o chuveiro, mas logo viu a mão de Benjamin desligar. — Ben...

— Você entregou? – questionou sentindo-se trêmulo, com a falta de resposta de Sayuri ele percebeu o que havia acontecido. — Desgraçado! – exclamou saindo do banheiro, mas logo sentiu o braço ser puxado. — Eu não acredito que ele fez isso.

— Está tudo bem! – disse tentando amenizar a situação. — Eu...

— Não! – a cortou nervoso. — Ele a machucou! Por que não me disse ontem? – retrucou com o cenho franzido. — Por que você sempre esconde algo assim?

— Eu iria falar sim! – proferiu vendo-o bufar enquanto esfregava o rosto. — Eu só queria esperar para que estivéssemos sozinhos.

— Voltamos sozinhos para casa – inquiriu
PERIGOSAS ACHERON

apontando para fora. — Ficamos boa parte da noite conversando – continuou a observando. — Teve vários momentos para você me contar, por que não o fez?

Nervosa sentiu as lágrimas lhe banharem o rosto, não gostava quando Benjamin falava dessa forma. Sabia que ele estava certo, mas a forma dita a deixava triste. Baixando o olhar molhou o corpo para logo pegar uma toalha se enrolando, de repente sentiu-se mais exposta que o necessário.

— Sayuri! – a chamou fazendo-a encará-lo.

— Não fala assim comigo – pediu o fitando recebendo um suspirar. — Eu sei que eu tive oportunidades para te falar – murmurou secando as lágrimas —, mas poxa... Eu não sabia como fazer isso, não queria ter que falar isso.

Benjamin suspirou colocando as mãos no quadril, podia sentir o coração bombeando rapidamente. Voltando a encará-la a viu fungar enquanto levava uma mão até o ventre e, nesse momento ele percebeu o perigo que Sayuri correu. Puxando-a para um abraço fechou os olhos não querendo imaginar o que mais de ruim poderia ter acontecido com ela e o bebê que esperavam,

PERIGOSAS ACHERON

levando a mão até o ventre feminino o acariciou sentindo as lágrimas em seu peito.

— Não chora – pediu ainda acarinhando o ventre. — Nosso bebê sente quando você está nervosa.

— Não gosto quando você fala assim comigo – disse triste.

— Não gosto de falar com você assim – respondeu sentindo os seios em contato contra si —, mas você me esconde as coisas e me tira do sério.

— Ele é seu pai e...

— Ele não é meu pai – a cortou sério. — Eu vou procura-lo e ele vai devolver seu colar.

— Não pense nisso eu...

— Sayuri – a interrompeu lhe segurando o rosto. — Ele vai devolver.

Concordando Sayuri crispou os lábios, sabia que o homem estava distante a essa hora. Recebendo um beijo o viu sair do banheiro fechando a porta, suspirando voltou a tomar o banho.

No quarto, Benjamin foi em direção a cama e sentou-se. Negando com a cabeça suspirou. Não
PERIGOSAS ACHERON

acreditava que o velho teve a coragem de procurar Sayuri e a roubar como fizera, tinha que fazer alguma coisa. Mas nem sabia onde o homem morava e suspeitava de que ele não estivesse mais em New York, pensativo fitou Sayuri sair do banheiro enrolada na toalha. Em silêncio a viu o olhar rapidamente e ir até o guarda-roupa pegando uma calcinha.

— Eu tenho uma surpresa para você — avisou querendo quebrar o clima que se instalara. — Acho que você vai gostar.

Sem a responder a observou ainda sério, sabia o que ela estava fazendo. Vendo que seu silêncio a deixou triste esfregou a mão na barba.

— Que tipo de surpresa?

Sorrindo, Sayuri vestiu a calcinha logo pegando um vestido de alcinhas.

— Ontem no shopping encontrei uma loja bem interessante — disse recebendo um aceno, então aproximou-se do namorado. — Nunca havia visto para ser sincera — inquiriu soltando os cabelos.

— Qual loja? — perguntou tentando se acalmar.

Alisando a coxa branca sentiu a maciez que era ali. O vestido que Sayuri usava não chegava a ser curto, mas mostrava boa parte das coxas da jovem.

— Surpresa eu já disse. — Riu alisando a bochecha do homem. — Por favor não fique pensando muito no seu pai — disse recebendo um suspirar. — Desculpe, naquele homem. — Depositou um beijo nos lábios masculinos.

— Me desculpe pelo que ele fez — pediu com os olhos tristes. — Eu...

— Não se desculpe — falou o interrompendo. — Ele estava desesperado.

Deu de ombros o encarando.

— Ele me disse algo sobre um agiota atrás dele. — Sayuri arregalou os olhos. — Vamos deixar isso de lado, vou dar um jeito nisso.

Anuindo Sayuri deu um pequeno sorriso o olhando dos pés à cabeça.

— Percebeu que o tempo todo você estava nu?

Riu observando o membro semiereto descansando na coxa grossa.

— Percebeu que você me chupou e não me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fez gozar? – retrucou fitando-a prender o riso. — Você é malvada! – Levantou-se fazendo-a dar passos para trás. — Vem aqui, vem?

— Não – negou voltando para o banheiro, mas logo sentiu ser segurada e o vestido ser levantado. — Benjamin... – gemeu segurando o braço musculoso.

Sem a responder começou a esfregar o quadril no dela.

— Vamos, malvada – murmurou rente ao ouvido feminino adorando a sensação da pele macia em contato com seu membro. — Não me faça sofrer.

— Benjamin. – Virou-se o olhando. — Minha mãe e avó estão me esperando.

Franzindo o cenho a acarinhou na bochecha.

— Sua avó não gostou de mim.

Separando-se dele mordeu os lábios deixando-o curioso.

— Ela falou alguma coisa?

Sem o responder colocou pasta na escova começando a higiene bucal, curioso a esperou terminar e quando ela o fez percebeu que ele ainda a encarava.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela viu meu machucado – disse por fim fazendo-o entender —, mas eu disse que você me tratava bem.

Concordando se encaminhou para o box ligando o chuveiro deixou que a água caísse em si e, levasse o sentimento confuso que estava dentro de si. Pegando a bucha colocou um pouco de sabonete líquido, virando-se para Sayuri a viu parada no lugar com o cenho franzido. Ele conseguia entender a hesitação dela ao contar o acontecido, mas ao mesmo tempo não. Tentando deixar o assunto de lado sorriu a encarando, o vestido a deixava linda.

— Quer tomar banho? – quis saber sorrindo de lado.

— Não – negou abraçando-se enquanto sorria. — Eu vou preparar o café rápido – disse suave fazendo-o parar o que fazia para observá-la.

— Vem cá – a chamou sendo prontamente atendido, beijando-a nos lábios delicadamente lhe acarinhou a bochecha melando-a de espuma. — Eu te amo.

— Eu também. – Sorriu mais calma limpando o rosto. — Vou preparar o nosso café.

Olhando-o uma última vez sorriu logo saindo do banheiro indo para a cozinha. Levando a mão até o pescoço sentiu a fina casca da ferida, suspirando lembrou-se que a amiga não sabia que estava grávida. Franzindo o cenho percebeu que fazia dias que não falava com ela. Correu até o quarto e pegou o aparelho celular. Não conseguia imaginar a reação da amiga ao descobrir que seria titia. Encostando-se no balcão discou o número de Noemie.

Tentava ouvir o que acontecia ao redor, porém só havia o silêncio. Não conseguia ver, pois, um saco lhe tapava a visão e dificultava sua respiração. Ao fundo ouviu um carro estacionar o que o deixou nervoso. O corte no lábio latejava, o supercílio estava da mesma forma. Prendendo a respiração ouviu quando a porta fora aberta e alguns homens adentraram o local rindo entre si, engolindo em seco sentiu uma dor na barriga.

De repente o saco foi retirado, deixando-o observar os homens que ali estavam.

— Então. — MM sorriu o encarando. — Como passou a noite?

Sem conseguir responder tomou uma respiração, sentindo-se cansado. Parado em frente a Gerard, MM esperou uma resposta. Balançando a cabeça voltou-se para o comparsa em uma pergunta muda, colocando as mãos nos bolsos do casaco o fitou.

— Sem resposta?

Pegando um cigarro o acendeu ainda o encarando.

Baixando o rosto, Gerard sentiu as mãos suarem e uma leve dor começar no braço esquerdo.

— Espero que meus colegas não tenham pegado muito pesado com você — disse assoprando a fumaça —, mas tenho uma boa notícia. Outro cara fez uma cagada maior que a sua. — Sorriu o fitando. — Não estou dizendo que você vai sair impune — avisou logo observando o homem ficando pálido. — Até porque precisamos dar exemplo, você sabe.

— Chefe. — Um outro aproximou-se. — Eu acho que ele está passando mal.

Segurando o cigarro entre os dedos, MM
PERIGOSAS ACHERON

prestou a atenção no homem a frente. Conseguia ver o suor escorrendo da testa negra – que agora estava levemente pálida – batucando o pé no piso deixou um sorriso escapar.

— Sente alguma coisa? – questionou notando a dificuldade que o outro tinha para respirar. — Tirem essa mordaca da boca dele, deixe-o dar um último suspiro.

Sorrindo, o mesmo capanga que havia percebido Gerard diferente, foi até ele e retirou o pano que lhe tapava a boca. Assim que o deixou livre, viu quando o mais velho abriu a boca em uma careta, fitando o chefe o viu sério enquanto fumava.

Gerard sentia uma forte dor no peito, a mesma dor que havia sentido a noite passada. Tentava falar, mas sentia o pescoço rígido. Desesperado sentiu quando a rigidez do pescoço se alastrou para o ombro e braço. Queria pedir por ajuda, mas os homens ali presentes apenas sorriam o encarando.

Não queria morrer.

— Quer que eu acabe com essa dor? – MM perguntou retirando a pistola prateada de dentro do casaco.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas, Gerard soltou um grito agonizante e um suspiro, após isso deixou a cabeça pender para frente. Bufando MM levou os dedos até a artéria do pescoço não sentindo a pulsação, praguejando destravou a pistola desferindo vários tiros no homem.

— Droga! – murmurou ainda com a arma em punho. — Odeio quando eles morrem sem ser por minhas mãos.

— Ontem ele sofreu bastante.

— Isso não me conforta – negou sorrindo, jogando a bituca do cigarro no chão se espreguiçou. — Quando o outro vem?

— Está no outro galpão – outro falou.

— O que esse fez?

— Tentou roubar a casa do *chefão* – MM respondeu sorrindo recebendo sorrisos dos outros. — Vamos cuidar disso logo. – Suspirou olhando o morto a sua frente. — Sumam com esse corpo e cuidado, não quero o filho dele se intrometendo onde não deve.

Lançando um último olhar a Gerard deu as costas indo para o carro.

Sentado na cama mexia no celular, na verdade, esperava uma resposta da loira.

Ontem pela tarde passara o dia todo acompanhando o irmão e Jilly no shopping, não era muito fã de compras, mas parecia que a mais velha amava. Tinha comprado algumas roupas novas e uma especialmente para o jantar com todos, Jillian dissera que já sabia o motivo do jantar. Dissera que o filho pediria Sayuri em casamento. Sorrindo sentiu-se feliz com isso.

Gostava muito da ex-professora, a tinha como se fosse uma mãe. Sorrindo mais lembrou-se de como era chamado: o filho de quinze anos. Suspirando voltou-se para o celular, sem respostas de Hailee. Saindo da cama pensou em ir ver o que o irmão fazia, antes que pudesse abrir a porta Hailee apareceu dela com um pequeno sorriso.

— Oi — a loira disse colocando uma mecha atrás da orelha. — Surpresa.

Com os olhos arregalados Bradley a encarou de cima a baixo, Hailee usava um vestido azul de

PERIGOSAS ACHERON

alcinhas e tênis branco. Os cabelos que ele tanto gostava estavam soltos, os olhos claros pareciam mais brilhantes do que antes.

— Meu pai acha que estou com a Cheryl — disse colocando a pequena bolsa no móvel próximo a porta. — Mamãe saiu com ele, um encontro entre alguns senadores.

— Por que não me respondeu? — perguntou recebendo um olhar surpreso.

— Não vi que tinha mandado mensagem — proferiu ainda o olhando. — O que estava fazendo?

— Nada. — Deu de ombros colocando as mãos nos bolsos. — Você está linda.

Dando um pequeno sorriso a loira baixou rapidamente os olhos.

— Obrigada — agradeceu aproximando-se dele. — Eu só coloquei um vestido qualquer.

— Você é toda linda. — Sorriu levando a mão ao rosto feminino. — Fiquei feliz por te ver.

Concordando, Hailee mordeu os lábios para logo observar ao redor. Estava ansiosa para receber o beijo do namorado, mas parecia que ele não queria a beijar. No andar de baixo havia sido recebida por Jilly que lhe sorrindo, avisou que

PERIGOSAS ACHERON

Bradley estava no quarto.

— Eu também – concordou aproximando-se mais. — Então hoje terá um jantar com a Srta. Hodgens?

— Sim – anuiu a fitando. — Benjamin quer falar alguma coisa. – Deu de ombros, também achava que Sayuri seria pedida em casamento. — O que vai fazer hoje?

— A minha tia está na cidade – indagou olhando os olhos claros do loiro. — Ela e o marido, então, acho que vamos jantar em família.

— Legal.

— É. – Deu de ombros dando um pequeno sorriso. — Acho que sim.

Não gostava muito da tal tia, pois, a mulher fazia questão de humilhar Verone. A mãe de Hailee.

Pigarreando Bradley enfiou os dedos nos cabelos femininos e, ainda a observando a viu fechar os olhos enquanto entreabria os lábios. Beijando-a sentiu os lábios macios firmarem nos seus, inclinando a cabeça pressionou mais os lábios. Afastando-se viu o sorriso de Hailee, quando percebeu também sorria. Adorava beijar a

PERIGOSAS ACHERON

loira, sua primeira namorada, a primeira que o despertava um sentimento bom.

Fitando a porta encostada voltou a encarar a loira, queria tentar algo, mas tinha vergonha de propor isso a Hailee.

— Está tudo bem? — a jovem perguntou levando a mão aos lábios.

— Sim. — Sorriu confirmando deixando-a mais aliviada. — Eu só... Queria te propor algo, mas não sei se é certo.

— O que você quer propor? — estranhou mordendo os lábios, não queria nada que fosse comprometer sua virgindade. Ainda era muito nova.

— Não é isso que você está pensando — falou como se soubesse o que ela pensava, logo vendo as bochechas feminina corarem. — Era só um beijo diferente.

— Beijo diferente? — repetiu envergonhada.

Segurando-a pela mão foi até o colchão sentando-se.

— É que eu estou curioso — disse fitando-a nos olhos. — E como você é minha namorada, acho que o ideal seria testar com você.

— Estou ouvindo — afirmou esperando-o falar.

Suspirando esfregou as mãos na calça que usava.

— Você não tem curiosidade — começou lentamente. — Em saber como é o beijo de língua?

Corando Hailee desviou o olhar, nunca tinha pensado nisso. Gostava do beijo que tinha com o loiro, mordendo os lábios dele de ombros.

— Se você quiser tentar tudo bem. — Sorriu nervosa. — Eu nunca beijei assim, você foi o primeiro menino que beijei.

— Você tem que querer também — avisou franzindo o cenho. — Não precisa aceitar se não quiser, está tudo bem. Foi só curiosidade minha.

— A gente pode tentar — expôs sorrindo —, mas se eu não gostar vai ficar chateado?

— Jamais — retrucou lhe alisando a bochecha. — É só curiosidade.

Anuindo, Hailee lambeu o lábio inferior fitando-o se aproximar. Sentia como se tivesse borboletas no estômago, suspirando selou os lábios com os de Bradley. Inclinando a cabeça para o lado sentiu quando a língua do loiro lhe tocou os lábios,
PERIGOSAS ACHERON

tensa sentiu a língua lhe adentrar a boca. Sem saber o que fazer imitou os movimentos que o namorado fazia, aos poucos começou a ficar mais calma e a sentir algumas sensações estranhas.

Aproximando-se mais do loiro sentiu quando a mão lhe segurou com mais firmeza os cabelos da nuca.

— Bra... *Eita!* — Liam adentrou o quarto assustando os dois adolescentes. — Jilly está chamando os dois.

Envergonhada a loira alisou o cabelo enquanto fitava os joelhos.

— E-Estamos indo — Bradley avisou não perdendo o sorriso que o irmão lhe endereçava.

Mordendo os lábios Hailee fitou o cunhado sair deixando a porta aberta, voltando-se para o loiro o viu passar a mão no cabelo. Olhando-o bem viu os lábios vermelhos assim como a ponta do nariz, sorrindo levou os dedos aos lábios. Havia gostado do beijo, mas gostava mais do outro.

— Vamos descer?

— Sim — concordou dando um pequeno sorriso.

Levantando-se saíram do quarto, Bradley não
PERIGOSAS ACHERON

conseguia tirar o sorriso bobo que tinha nos lábios. Segurando a mão do loiro, Hailee sorriu. Talvez em uma outra hora voltassem a se beijar desse jeito, só... talvez.

No carro, Benjamin observava o caminho que seguia de forma silenciosa. Sayuri notava que o namorado estava chateado com algo, não seria sonsa e fingir que não sabia sobre o que era. Isso a estava deixando mal.

Sabia que deveria ter dito antes, mas não era tão fácil como parecia. Sempre quando pensava em relatar o corrido, via o quão descontraído e feliz Benjamin estava. Após tomarem um breve café saíram do apartamento, Benjamin se encontraria com Dustin para conversarem sobre os planos que tinham para outra academia voltada a comunidade. Sentia-se orgulhosa por ele fazer algo assim, queria poder ajudar e talvez pudesse.

— Sabe o que pensei? — falou chamando a atenção para si. — Talvez tenha algo que possa ajudar na academia.

— Você sabe de artes marciais? — quis saber com um pequeno sorriso de lado.

— Não — negou colocando uma mecha atrás da orelha —, mas deve ter algo que eu possa fazer — inquiriu observando-o pensativo.

— Vou pensar — disse voltando a fitar a frente.

Concordando viu quando o carro adentrou a rua que os pais moravam, mordendo os lábios olhou a bolsa que estava em seu colo.

— Você ainda está chateado comigo? — perguntou olhando-o estacionar o carro em frente à residência azul.

Suspirando Benjamin a encarou, podia ver os olhos brilhosos da namorada.

Não estava chateado com Sayuri, estava chateado com o mais velho que depois de tudo o procurou apenas por dinheiro e quase machucara Sayuri. Sentia um pouco de vergonha do acontecido, se ele soubesse que o homem faria isso tinha dado o maldito dinheiro para que ele pudesse ir embora de vez.

— Eu sei que deveria ter dito antes — concordou ainda o olhando —, mas por favor!

PERIGOSAS ACHERON

Coloque-se no meu lugar – pediu retirando o cinto de segurança, virando-se para o namorado. — Você teria coragem de me contar que meu pai fez algo assim com você? Mesmo sabendo que depois ficaria desse jeito?

Passando a língua no lábio inferior, Benjamin a olhou nos olhos. Esfregando o rosto retirou o cinto de segurança e em um movimento rápido a puxou para si. Na hora em que Benjamin a puxou, Sayuri soltou um leve gemido ao bater o joelho no câmbio. Abraçando-o pelo pescoço suspirou ao sentir as mãos masculinas lhe apertarem e acariciarem a cintura, ajeitando-se no colo do namorado da melhor maneira possível iniciou um beijo.

Levando uma mão ao rosto de Benjamin, sentiu a barba por fazer. Abrindo mais a boca gemeu com gosto ao ter a língua em contato da sua e, mordiscando o lábio inferior masculino, sorriu ao ter o gemido em seus lábios. O carro de Benjamin era espaçoso e, dava margem para várias ideias.

— Eu pareço estar chateado com você? – retrucou ainda a segurando próximo. — Estou chateado com Gerard – avisou alisando o rosto

PERIGOSAS ACHERON

macio. — Sinto muito que você tenha passado por isso.

— Tudo bem — respondeu tentando-o fazer esquecer. — O importante agora é que ele foi embora e nós estamos juntos.

— Isso. — Suspirou sorrindo levando a mão até o ventre feminino. — E em breve você será Sra. Buthler e teremos nosso bebê.

— Você fica tão lindinho dizendo que serei Sra. Buthler. — Riu beijando-o na bochecha. — Ainda não aceitei — disse descendo os beijos para o pescoço coberto por tatuagens —, mas posso pensar nisso.

— Malvada! — proferiu a beijando.

Apoiando a mão na lateral da porta do carro não viu quando clicou abrindo a janela. Sentando-se mais ereto no lugar que estava a abraçou com mais intensidade, amava a entrega que Sayuri tinha em seus braços. Ainda o beijava quando sentiu o traseiro ser apertado e o cabelo da nuca ser agarrado com força, suspirando soltou os lábios masculinos sentindo o lábio ser mordido e um arrepio gostoso lhe percorrer o corpo. Abrindo os olhos fitou o pai saindo da casa andando em

PERIGOSAS ACHERON

direção a eles, mas que depressa empurrou Benjamin que a olhou confuso. Saindo do colo do namorado olhou novamente o pai que se aproximava com uma expressão fechada, ajeitando o vestido e os cabelos tentou sorrir.

— P-Pai! — gaguejou relanceando para Benjamin. — Acabamos de chegar.

Apoiando-se na janela do carro, Urion fitou a filha. Sayuri tinha os lábios vermelhos e os cabelos levemente bagunçados, voltando a encarar o genro o viu batucando os dedos nas coxas.

— Sua mãe e avó estão esperando por você lá dentro — informou sério.

— C-Claro. — Sorriu anuindo, virando-se para Benjamin o viu levantar as sobrancelhas. — Então, te esperamos às 19h e vamos juntos.

— Tudo bem.

Sorriu a beijando, em silêncio observou-a sair do carro e abrir a porta traseira retirando o vestido que usaria hoje e mais duas sacolas. Fechando a porta foi até onde o pai estava e sorrindo inclinou-se beijando Benjamin mais uma vez.

— Não se atrase!

— Não vou — avisou notando o sorriso

PERIGOSAS ACHERON

nervoso que ela lançou antes de se virar e andar rapidamente para casa. — Vai brigar comigo?

— Só vou deixar uma coisa clara – afirmou o encarando. — Não quero você agarrando a minha filha dessa forma na minha frente – verbalizou sério. — Fui claro?

— Sim, senhor – respondeu recebendo um aceno. — Senhor – o chamou fazendo-o encará-lo. — Quando vai me dar um voto de confiança e começar a me tratar como o noivo da sua filha? – quis saber olhando o mais velho dar um sorriso de lado e colocar as mãos no quadril. — Me trata como se fosse um inimigo, um moleque que só quer brincar com ela – comentou ainda o fitando. — Eu amo a Sayuri – afirmou sério. — Ela é a mulher da minha vida e eu sou capaz de dar minha vida para mantê-la a salvo, jamais vou deixar faltar nada para ela e nem para o nosso filho. Peço desculpas se desrespeitei o senhor ou o seu lar, isso não se repetirá – disse notando o homem puxar a respiração —, mas peço que por Sayuri o senhor possa me dar uma chance de mostrar que sou um homem digno a sua filha.

Anuindo Urion voltou a se aproximar da
PERIGOSAS ACHERON

janela.

— Eu não tenho nada contra você Benjamin — falou olhando para o lado, mas logo voltando a encará-lo —, mas eu não quero ter que abrir minha porta e ver você agarrando a minha filha como se ela fosse uma qualquer.

Suspirando Benjamin o encarou em silêncio.

— Mas você tem um ponto comigo — avisou deixando-o surpreso. — Achei que você nunca diria nada, fosse ficar calado e engolindo tudo o que eu dissesse.

— Eu só estava esperando o momento certo para falar.

— Então esperou que eu pegasse você quase transando com minha filha em frente a minha casa? — questionou deixando-o sem palavras.

— *Amor!*

Viraram e puderam ver a mais velha se encaminhar até onde eles estavam. Sorrindo de forma contida Benjamin a encarou. Alisando o cabelo, Yumi fitou o genro e o marido. Abraçando Urion o beijou nos lábios para logo sorrir para Benjamin, voltando a fixar o esposo o viu sorrir de leve.

— Vim te salvar, Benjamin. — Riu beliscando de lado o marido que a olhou rapidamente forçando o sorriso. — Por favor não se atrase para hoje, diga a sua mãe que estou ansiosa para conhecê-la.

— Ela também está — concordou sorrindo. — Bom, eu já vou indo.

— Vá — concordou afastando-se do carro. — E não demore. Sayuri está aguardando.

Sorrindo, Yumi acenou fitando o carro sair. Assim que não viu mais o carro do genro, voltou-se para o marido acertando um tapa no braço do homem.

— Urion! — bronqueou recebendo um olhar assustado e um rápido sorriso.

— Eu não fiz nada! — proferiu a puxando para mais perto. — *Gostosa!* — sussurrou rente ao ouvido

— Quer parar? — o abraçou pelo pescoço. — Sua filha está lá dentro quase chorando porque você estava aqui *falando* com o namorado dela.

— Ele disse noivo — retrucou a beijando rapidamente. — Devo me preocupar?

Sorrindo Yumi o beijou apaixonadamente. Era incrível que com o passar do tempo o desejo só

PERIGOSAS ACHERON

aumentasse e o amor da mesma forma, Urion era o homem da sua vida.

— *Hey!* – Voltando-se para a entrada da casa fitaram o filho com os braços abertos. — As mulheres dessa casa estão me enlouquecendo – brincou passando a mão nos cabelos castanhos. — Sayuri está lá dentro conversando *não sei o que* com a *Obaasan*, fui perguntar o que estava acontecendo e fui acusado de ser *curioso*. – Franziu o cenho sorrindo para a mãe. — Nem sou.

Afastando-se do marido, Yumi encarou o filho que se aproximava. O filho estava tão lindo, era a alegria da casa. Uma pena que em breve seu bebê também iria embora e, só de lembrar isso ficava triste.

— Eu não faço isso.

— Você é a primeira – Urion disse a abraçando. — Vai comigo até o Bratt? – quis saber fitando o filho.

— Sim.

— Olhem a Romee – Yumi falou chamando a atenção de todos. — Romee! – gritou.

Ian encarou a frente percebendo que a mesma tinha notado a mais velha lhe acenando. Engolindo

PERIGOSAS ACHERON

em seco a viu se aproximar tímida, relanceando para Dona Yumi a percebeu toda sorridente.

— Querida – disse a abraçando. — Nunca mais a vi – disse lhe segurando a mão. — Como anda a sua mãe?

— Oi, Sra. Dupke, Sr. Dupke – murmurou olhando o homem. — I-Ian. – Sorriu recebendo um aceno. — Minha mãe está bem – proferiu torcendo os dedos. — E a senhora como está?

— Bem também – disse e sorriu fitando-a nos olhos —, mas já falei que não precisa me chamar assim.

— Sim falou – riu colocando uma mecha atrás da orelha —, mas não consigo.

— Faça uma forcinha então – brincou sorrindo. — Depois vamos marcar um dia para conversarmos. – Deu a ideia. — Gosto muito de você, precisamos nos falar mais.

— Claro – concordou lançando um olhar para Ian que na mesma hora ficou sério.

Parando de sorrir um pouco desviou o olhar. Não era de agora que havia notado, mas tinha a certeza de que Ian não gostava dela. Há algumas semanas o havia visto com uma loira bem arrumada

PERIGOSAS ACHERON

— uma namorada talvez — com roupas caras e um jeito chique de ser, coisa que ela não era. E talvez por isso ele não gostasse dela, nunca foi de comprar muita coisa para si. Pois, sua mãe precisava de todo o dinheiro que recebia. Era para isso que trabalhava em três lugares.

— B-Bem — gaguejou sentindo-se envergonhada por uma vez na vida pensar que algum rapaz se interessaria por ela, principalmente quando esse rapaz era Ian. — Eu tenho que ir.

A partir de hoje ela não iria mais demonstrar qualquer sentimento em relação a Ian, pois, toda vez que sorria para ele, esperava um sorriso em troca. Nunca tinha recebido um bom dia dele que parecesse verdadeiro, era mesmo uma tola por imaginar algo que não existia.

— Claro, querida — concordou lhe sorrindo.
— Vá, mas depois vamos conversar.

— Certo. — Sorriu a abraçando, gostava da mulher. Ela sempre lhe era educada e podia ver que era algo verdadeiro. — Tenham um bom dia.

Franzindo o cenho Ian encarou Romee ir embora sem ao menos lhe sorrir como sempre fazia. Confusa, Yumi fitou o filho que ainda
PERIGOSAS ACHERON

observava a jovem ir embora. Suspirando voltou a encarar a mãe notando o olhar questionador que lhe era dirigido, assobiando colocou as mãos nos bolsos, logo saindo do local.

Sem falar mais nada a mais velha foi atrás do filho, deixando Urion completamente confuso para trás.

Suspirando fitou o lugar que antes pertencia a Brick, um assassinato ocorrido no centro de New York o fez – juntamente com a Detetive Sparks – suspender temporariamente o caso do sequestro das meninas. O chefe de polícia do estado estava na cola pedindo uma solução e, ele mais do que ninguém gostaria de resolver isso logo. Não conseguia dormir só pensando na estudante e em Brick, tinha que agir e quando teve que se afastar do caso ficou revoltado.

— Achei! – a loira proferiu chamando a atenção do outro loiro. — Aqui.

Apontou mostrando a tela do notebook para o homem. Puxando o notebook para si fitou o que lhe

PERIGOSAS ACHERON

era mostrado em preto e branco, ampliando a imagem focou bem no homem parado enquanto tinha algo em mãos e uma mochila nas costas.

— Desgraçado! — exclamou eufórico olhando o vídeo da câmera de segurança de uma das avenidas. — Agora só temos que ver o caminho que ele fez.

— Vamos conseguir, Kilmer! — a mulher proferiu sorridente. — Vamos conseguir.

Anuindo ficou observando a tela com a imagem travada do ruivo. Sim, ele o encontraria e o faria pagar amargamente.

A tarde passou rápida, às 17h Sayuri e as duas mais velhas já estavam em casa. No quarto a jovem se arrumava para a noite, estava ansiosa para contar aos que não sabia. Parando em frente ao espelho apenas de calcinha fitou a si, estufando a barriga sorriu olhando o formato que ela tinha ficado. Levando as mãos ao ventre imaginou o bebê se formando ali sendo amado e protegido. Mordendo os lábios sorriu. Teria que marcar uma

PERIGOSAS ACHERON

consulta com uma obstetra logo.

Jogando-se na cama ainda sorrindo olhou o teto.

Era a mulher mais feliz do mundo.

Sentando-se observou o vestido no cabide. A cor do tecido era um rosa clarinho, seu comprimento não chegava a ser muito curto era perfeito. Prendendo o cabelo se dirigiu para o banheiro, mas antes que pudesse adentrar o recinto ouviu a porta ser batida.

— *Sayuri?* — a voz do avô lhe chegou aos ouvidos. — *Posso entrar?*

— Não! — falou alto correndo até o guarda-roupa pegando um vestido velho o colocando. — Só um minuto, vô!

— *Tudo bem, querida.*

Alisando o cabelo correu até a porta destrancando-a, ao abri-la fitou o mais velho com um pequeno sorriso nos lábios.

— Oi, vô. — Sorriu dando espaço para ele passar. — Estava me arrumando, o senhor vai também? — perguntou observando-o se sentar na cama. — O senhor precisa ir. — Sorriu cruzando os braços. — Tenho algo para falar.

— Você quer que eu vá? — quis saber pegando-a de surpresa.

— Claro — anuiu aproximando-se. — De onde tirou que eu não queria?

Sem falar nada retirou uma caixinha fina de dentro do paletó, abrindo-a mostrou o colar que pertencia a ela. Sayuri ficou assustada, lançando um olhar para o avô o viu crisar os lábios.

— Eu estava viajando esses dias com Elizabeth — avisou ainda a olhando. — Quando cheguei ontem a cidade a joalheria ao qual comprei o colar entrou em contato comigo.

— Vô...

— Disseram que um homem suspeito estava tentando vende-la — proferiu entregando a caixa a neta. — Você foi assaltada?

Mordendo os lábios segurou firmemente a caixa entre as mãos.

— É complicado — murmurou passando os dedos no colar —, mas estou feliz por tê-lo de volta.

Concordando Archie relanceou para o vestido no cabide, sorrindo voltou a fitar a jovem.

— O seu vestido é lindo — elogiou fazendo-a PERIGOSAS ACHERON

sorrir. — Você quer que eu coloque? — apontou para o colar. — Lá eles ajeitaram o feixo do colar.

Ficando de costa sentiu quando o homem posicionou o colar e o colocou, voltando-se para ele sorriu. Não queria ter que explicar para o mesmo que o pai de Benjamin havia a roubado, sabia que o namorado ficaria com vergonha.

— Obrigada.

Acariciando a bochecha feminina lhe segurou a mão.

— Onde será o jantar? — perguntou deixando o outro assunto de lado, não iria insistir em algo que ela não queria falar.

Arqueando as sobrancelhas franziu o cenho.

— Acho que o Benjamin deve saber — falou arrancando um sorriso do mais velho. — Eu dei a ideia, mas não liguei para confirmar nada. Acho que ele fez isso.

— Tudo bem. — Inclinou-se beijando-a na testa. — Qualquer coisa me manda uma mensagem que eu arrumo isso.

— Obrigada, vô. — Sorriu o abraçando. — Às 19h ele vem me buscar.

— Certo — confirmou levantando-se. —
PERIGOSAS ACHERON

Mantenho o contato – exclamou indo até a porta.
— A propósito. – Parou a olhando. — Seu pai está intragável.

— E quando ele não está assim? – brincou fitando o sorriso do mais velho.

— Até, querida.

Após a saída do homem, Sayuri se dirigiu até o banheiro. Franzindo o cenho se perguntou onde Gerard estava, o que tinha acontecido. Apostava que o homem estivesse longe com o colar, mas não. Suspirando decidiu deixar isso de lado, hoje não se estressaria. Hoje era especial, sorrindo retirou o vestido que usava indo para o banheiro.

Já arrumado esperava a mãe descer, fitando os dois loiros notou que o mais novo estava evitando encarar o irmão. Franzindo o cenho encostou-se no sofá enquanto colocava a perna apoiada na coxa, pigarreando chamou a atenção dos dois.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim! — Liam desmentiu fazendo o irmão o encarar envergonhado.

— Okay — anuiu fitando Bradley. — Não quer falar?

Balançando a cabeça Bradley bufou.

— O Liam que é muito chato — proferiu deixando o irmão surpreso. — Não aconteceu nada demais, era só um beijo.

— E se eu não tivesse interrompido? — inquiriu não percebendo o olhar confuso de Benjamin. — Seria apenas um beijo?

— Sim — afirmou sério. — Por que eu respeito a Hailee e não forçaria nada.

— Querem, por favor, me explicar o que está acontecendo? — Benjamin pediu olhando os dois.

— Foi apenas um beijo e o Liam acha que eu tentaria algo mais.

— Explicar sexo para o meu irmãozinho nunca é demais — disse notando-o vermelho —, mas eu sei que você não vai fazer nada agora. Só que não custa nada falar.

— E se acontecer — Benjamin continuou. — Você usa camisinha, não vai querer engravidar sua namorada com essa idade.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei disso – um Bradley envergonhado falou. — Não vou fazer nada disso até ter idade.

Sorrindo Benjamin observou o loiro, para logo fitar o topo da escada onde Jillian descia lentamente usando um vestido azul escuro. Levantando-se passou a mão na camisa preta social que usava, aproximando-se da mais velha estendeu a mão para a mesma.

— A senhora está muito linda – elogiou recebendo um sorriso. — E cheirosa – terminou sentindo o perfume suave que ela usava.

— Obrigada, meu bebê – agradeceu alisando a bochecha do filho. — Você também está lindo. — Olhando os outros rapazes sorriu. — Vocês estão lindos também.

— A senhora está mais – Liam proferiu aproximando-se beijando-a na mão. — Agora para onde vamos?

— Vamos buscar Sayuri e os pais dela vão nos seguindo – avisou tendo um aceno como resposta. — Vamos.

Abrindo a porta da frente deu espaço para os três passarem, pegando o celular mandou uma mensagem para Sayuri e outra para Dustin. Pela

PERIGOSAS ACHERON

tarde tinha conversado com o mesmo, Taylor estava adoentada com gripe. Então os dois não poderiam ir, perguntaria agora como a loira estava. Havia contado que seria pai e a notícia deixou os dois amigos eufóricos, Taylor já tinha feito vários planos para ela e Sayuri saírem para comprar o enxoval. Nem ao menos sabia se seria pai de uma menina ou menino, parando próximo a porta do carro imaginou sendo pai de dois.

Dando um passo para trás levou a mão ao peito, respirando fundo balançou a cabeça. Dois filhos de uma vez, não sabia o que fazer apenas com um quem dirá com dois.

— Filho? — Jilly o chamou parada na porta do carona. — Está tudo bem?

— Sim — concordou observando os loiros e a mãe. — Vamos indo.

Abrindo a porta do carro sentou-se no assento, logo colocando o cinto e observando os outros. Após todos estarem acomodados, deu a partida com o pensamento em Sayuri e o bebê.

Estacionando em frente à residência do sogro, desceu esperando a mãe ir até o seu lado. Sorrindo deu o braço para ela segurar, os dois irmãos iam ao lado caminhando. Parando em frente a porta tocou a campainha, logo sendo atendido. Estendendo a mão para o cunhado o cumprimentou recebendo um sorriso.

— Ian – falou quando entraram na casa. — Essa é a minha mãe Jillian – apresentou notando a mãe sorrir para o outro que imediatamente a abraçou. — E esse é o Liam, Bradley você já conhece.

— Sim – concordou apertando as mãos dos outros. — Minha mãe está terminando de se arrumar, *One-chan* está ajudando minha *Obaasan*.

Confusos, os irmãos se encararam, mas sem retrucar sentaram-se no sofá. Minutos depois Urien descia usando uma camisa social da cor cinza, fitando os convidados colocou um sorriso fitando a mãe de Benjamin.

Aproximando-se a cumprimentou, para logo seguir até os loiros e por último o genro.

— Boa noite, Benjamin.

— Boa noite, senhor.

— Então — murmurou colocando as mãos no quadril. — Tudo certo com o restaurante?

— Sim. — Anuiu observando-o balançar a cabeça. — A reserva está marcada para 20h.

— Certo — disse o fitando, mas logo relanceou para as escadas. — *Sayuri!* — gritou assustando Jilly. — Benjamin já chegou.

— *Estamos indo!*

Benjamin ouviu a voz que tanto amava responder o homem, sorrindo fitou em expectativa as escadas. Olhando rapidamente a mãe a viu conversando com o mais velho, sem dar muita importância voltou a encarar as escadas e abrindo um lindo sorriso fitou a mulher que amava descer as escadas. Sayuri auxiliava a avó, levantando-se foi até a escada oferecendo ajuda. Franzindo levemente o cenho viu o colar de antes no pescoço da namorada, mas não querendo falar daquilo agora tentou sorrir.

Sorrindo Kiyome o encarou, após descobrir o que tinha acontecido viu que julgara mal o homem. Aceitando a ajuda viu a neta sorrir, ao chegarem no fim da escada agradeceu com um sorriso ao homem. Afastando-se um pouco viu a neta abraçar

PERIGOSAS ACHERON

o namorado e o beijar com amor, estava feliz por sua menina encontrar alguém que a amasse e a respeitasse.

Sayuri sabia que o pai estava no recinto, mas ela apenas queria sentir mais um pouco os lábios do homem. Um pigarro a fez se afastar e sorrindo envergonhada fitou o pai que a encarava com as sobrelancehas arqueadas, separando-se minimamente de Benjamin viu a sogra lhe sorrir. Indo até a mesma a abraçou, fazendo a mesma coisa com os rapazes.

— Você está tão lindo, Bradie.

— A senhorita também.

Sorrindo o acarinhou na bochecha.

— Onde está sua mãe, Sayuri? — Urion questionou fitando o relógio de pulso. — Se nos atrasarmos a culpa é dela.

— *Que resmungão!* — Yumi acusou do alto da escada. — Estou pronta, só busquei um brinco diferente.

Enquanto descia as escadas percebia os olhares em si, sorrindo se encaminhou diretamente até Jilly.

— É um prazer conhecê-la — anunciou
PERIGOSAS ACHERON

sorridente. — Seu filho é um homem muito bem-educado e um ótimo genro.

— Meu Benjamin sempre foi meu orgulho. — Sorriu fitando rapidamente o filho. — Sayuri é uma ótima nora, tão fofa e educada.

— Soubemos criar nossos filhos — Yumi disse totalmente orgulhosa.

— Sim — concordou. — Me chamo Jillian, mas pode me chamar de Jilly.

— O meu é Yumi.

— Ai que fome — Ian proferiu recebendo o olhar da mãe. — O que?

Negando Yumi foi até o marido o beijando rapidamente.

— Podemos ir?

— Antes preciso mandar o endereço para o vovô — Sayuri avisou tendo um aceno de Benjamin, logo notando o olhar em seu colar —, mas vamos indo no caminho mandamos.

— Certo.

Observando ao redor viu todo mundo se dividindo e falando ao mesmo tempo em quem iria no carro com quem. Segurando na mão delicada da namorada, Benjamin a puxou minimamente tendo a

PERIGOSAS ACHERON

atenção para si.

— O seu colar – disse recebendo um negar.

— Depois falamos disso – falou fitando-o suspirar. — Por favor? Hoje temos que comemorar, *papai*.

— Tudo bem – proferiu a puxando para mais um beijo. — *Papai*, é? Sabe o que lembrei? – quis saber recebendo uma negativa. — Da sua surpresa.

Rindo, Sayuri fitou a porta notando a família do lado de fora.

— Eu comprei uma fantasia – anunciou deixando-o surpreso. — Encontrei uma e achei que ficou a minha cara.

— Sério? – quis saber tento uma confirmação. — Qual fantasia? Colegial? Diabinha? Professora?

— Não – negou sorrindo beijando demoradamente os lábios do namorado.

— *Vocês vem ou não?* – Urion perguntou da porta da casa fazendo com que os dois se afastassem rapidamente.

Sem falar nada Sayuri saiu segurando a mão de Benjamin, ao chegar no carro viu Bradley, Jilly e Liam sentados no banco de trás. Sorrindo sentou-
PERIGOSAS ACHERON

se no banco do carona, pegando o celular na pequena bolsa de mão pediu o endereço para mandar ao avô. Após fazer isso apreciou o caminho até o restaurante, fechando rapidamente os olhos rezou para que tudo ocorresse bem.

Acomodados na mesa Sayuri encarou a cada pessoa, fazia quinze minutos que haviam chegado. Colocando uma mecha atrás da orelha fitou o namorado que sorria conversando com Ian, sorrindo olhou Bradie que encarava a todos de forma curiosa. A porta do restaurante abrindo lhe chamou a atenção. Sorrindo viu o avô aproximando-se com Beth. Levantando-se abraçou o mais velho e a loira, sentando-se viu os recém-chegados abraçarem e cumprimentarem a todos. Minutos depois o garçom aproximou-se para anotar os pedidos, após todos fazerem os pedidos Sayuri fitou Benjamin em uma pergunta muda.

Yumi e Jillian conversavam como se fossem amigas desde sempre, Beth falava apenas quando era questionada. Gostava mais de observar do que

PERIGOSAS ACHERON

participar da conversa em si.

— Então próximo ano você termina? — Archie questionou ao neto que acenou com a cabeça. — Ansioso?

— Um pouco — respondeu bebendo um pouco do vinho. — Vai ser um pouco estranho quando não tiver que ir mais.

— Mas você está fazendo um belo trabalho — afirmou bebendo água. — Seu pai me fala muito sobre você. — Sorriu. — Você é um orgulho.

— Eu sei — confirmou fazendo-o rir —, mas não fale em voz alta, vô. Sayuri tem ciúmes.

Negando Sayuri pegou a taça de suco a bebendo.

— Não seja bobo, *Nii-san*.

— Sua irmã também é um orgulho — Archie proferiu fazendo-a sorrir. — Sempre foi uma filha maravilhosa.

Envergonhada Sayuri sorriu para o mais velho.

— Então, queridos — Jilly indagou colocando a taça em seu lugar. — O que tinham para falar?

Balançando a cabeça Benjamin a fitou, sabia que a mãe não aguentaria até o final da noite para

PERIGOSAS ACHERON

saber. Nessa hora Bradley parou o que fazia encarando os dois, Liam fazendo a mesma coisa encostou-se a cadeira.

Sorridente, Yumi bateu no braço do marido fazendo-o encará-la com um pequeno sorriso. Aquela notícia ainda estava sendo digerida por ele, não conseguia acreditar que sua princesa estava grávida. Era um misto de sentimentos. Hora queria socar Benjamin e na outra se imaginava segurando um pacotinho rosa ou azul.

— Bem — Sayuri murmurou chamando a atenção de todos. — Todos sabem que eu e Benjamin estamos juntos há um tempo. — Sorriu encarando-o. — Parece ser há muitos anos. — Riu fazendo os outros rirem. — É estranho, mas parece tão certo.

— Vamos, querida, fale logo — Jilly pediu ansiosa. — Não estou aguentando a ansiedade.

— Sempre apressada, Jilly.

Benjamin riu.

— Ah, querido. — Sorriu em expectativa. — Sabe que não consigo me controlar.

Anuindo Benjamin segurou a mão da namorada em um gesto de confiança, suspirando

PERIGOSAS ACHERON

Sayuri fitou a cada um antes de começar a falar.

— Família. — Sorriu mordendo rapidamente os lábios. — Eu estou grávida!

Assim que falou todos travaram, Jilly assustada levou as mãos ao peito. Bradley a fitou de forma indecifrável, Liam sorriu sem acreditar. Archie foi o primeiro a reagir deixando um sorriso nascer, levantando-se foi até a neta a abraçando.

— Grávida? — repetiu totalmente surpreso, relanceando para o filho o viu com um pequeno sorriso. — Vejo que seu pai já sabe — deduziu perante a calma de Urion. — Estou mais surpreso por você ainda está vivo Benjamin.

— Sayuri me salvou — brincou recebendo um aperto de mão.

— Cuide bem da minha neta!

Benjamin encarou a mãe que tinha os olhos emocionados, encaminhando-se até ela a puxou para um abraço. Olhando Sayuri a viu sendo abraçada pela mulher do avô, voltando-se para a mãe recebeu um beijo na bochecha.

— Meu Deus! Um filho! — exclamou totalmente emocionada. — Não esperava por isso — chorou sentindo o filho lhe enxugar as lágrimas. —
PERIGOSAS ACHERON

Eu pensei que você a pediria em casamento.

— Ela não quer casar comigo, mãe. Ela só quer brincar com o meu coração.

Sorriu notando o olhar surpreso da mais velha.

— Mentira sua! — Sayuri desmentiu aproximando-se da sogra. — Nunca vi tão dramático.

Abraçando a mulher também se emocionou. Fitando rapidamente Bradley o viu desviar o olhar com o cenho levemente franzido.

— Estou tão feliz, Sayuri! Eu serei avó!

— Seremos, Jilly — Yumi a corrigiu aproximando-se para abraça-la. — Seremos avós.

Foi até a avó e agachou-se próximo a ela. Sorrindo viu a mulher chorar enquanto lhe acarinhava o rosto.

— Parabéns, meu amor — proferiu suave. — Não acredito que vivi para ver você grávida.

— Não diga isso — pediu com o cenho franzido. — A senhora ainda irá segurá-la, ou segurá-lo — corrigiu-se sorrindo. — Não sei ainda se é menino ou menina.

— Você será feliz. — Beijou-a no rosto. —
PERIGOSAS ACHERON

Parabéns! – a abraçou.

Afastando-se da avó voltou-se para Bradley que não havia dito nada, parando em frente a ele o viu engolir em seco.

— Parabéns.

Estranhando pela resposta seca sorriu acenando com a cabeça, sentando-se novamente na cadeira o fitou pela última vez o vendo com o olhar para o prato.

Relanceando para Benjamin o viu sorrir enquanto fitava Liam. Pegando a taça do suco ouviu o pai bater com o talher na própria taça.

— Vamos brindar – anunciou olhando-a. — É difícil de aceitar, mas estou feliz. Eu só quero o seu bem – falou recebendo um aceno. — E querendo ou não eu sempre serei esse sogro chato com você Benjamin.

— Espero que um dia possa mudar.

— Quem sabe. – Deu de ombros levantando a taça. — Um brinde.

— Que nossos filhos sejam felizes. – Yumi adiantou-se. — E que nosso netinho ou netinha venha com saúde.

Sorrindo, Sayuri tocou a taça com os de
PERIGOSAS ACHERON

todos. Voltando o olhar para Bradley o viu com um bico e o cenho franzido. Mordendo os lábios notou que ele não havia gostado da notícia. Pronta para falar se calou, ouvindo a sogra conversar alegremente com Dona Yumi.

Falavam sobre possíveis nomes, sorrindo sentiu a mão de Benjamin lhe acarinhar o queixo.

No final do jantar Sayuri tentou falar com o loiro mais novo, mas ele a evitou, a deixando triste. Sentia-se cheia, havia comido muito e ainda tinha deixado um espaço para a sobremesa. Agora o seu desejo era somente tomar um banho e se deitar. Despedindo-se dos pais e avô se dirigiu para o carro do namorado.

Bradley já estava sentado próximo a janela e evitava encará-la, Sayuri notou.

— Então, Bradie – o chamou recebendo um rápido olhar. — Pensei em sairmos amanhã – propôs olhando-o. — Você nunca mais passou o dia comigo.

— Não quero – falou deixando-a surpresa. —
PERIGOSAS ACHERON

Tenho outras coisas para fazer.

Anuindo Sayuri voltou-se para frente. Benjamin que dirigia o fitou rapidamente, encarando a namorada viu quando ela olhou a janela com tristeza. Pelo retrovisor viu a mãe e Liam surpresos, mas não disseram nada. O caminho todo foi feito em silêncio, ao estacionar em frente a residência o primeiro a sair do carro foi Bradley.

Suspirando em tristeza Sayuri o viu parar na varanda esperando Jilly. Sorrindo triste a jovem se despediu da sogra e do outro loiro. Sem falar mais nada, Benjamin saiu dali com o carro.

Capítulo 41

Preparava o café, mas o pensamento era em Bradley.

Quando chegara em casa na noite passada tentou ligar para o loiro, mas não obteve resposta. Em um tom de brincadeira Benjamin avisou que o adolescente estava com ciúmes do bebê que nem havia nascido. Sorrindo pensou em Bradie com ciúmes, jamais passou por sua cabeça que a gravidez seria motivos de ciúmes.

Colocando um pouco de café na xícara foi em direção a sala ligando a tevê, o noticiário falava sobre o desaparecimento do oficial Brick Donahel e Vivieny Monroe. Engolindo em seco viu em seguida a foto do professor e o apresentador informando que quem dissesse o paradeiro do mesmo ganharia uma recompensa, encolhendo as pernas sentiu um frio lhe subir a espinha. Fitando rapidamente a janela observou o céu cinza da manhã, ao fundo a voz de Benjamin cantando um rap se fez presente. Bebeu o líquido quente e lambeu os lábios, sentindo o sabor se espalhar na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boca, esticando-se depositou a caneca no móvel próximo e sorrindo encarou Benjamin vestido apenas com uma bermuda.

— Você demorou — Sayuri proferiu o fitando.
— O que estava fazendo?

— Adivinha — pediu sorrindo de lado fazendo-a arquear uma sobrancelha.

Levando um dedo aos lábios de forma pensativa o encarou.

— Tomando banho?

Sorriu relanceando para a tevê que passava agora alguma matéria sobre animais selvagens.

— Errou — falou pegando a caneca do móvel dando um grande gole. — Ontem você chegou cansada e não me mostrou a fantasia — acusou recebendo um sorriso. — A propósito onde você a colocou?

Rindo Sayuri praticamente pulou no colo do namorado o abraçando.

— Você está muito curioso para ver? — quis saber fitando o sorriso que lhe era endereçado tendo como resposta um aceno. — Você irá amar — afirmou sentindo o vestido que usava ser levantado lentamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Que tal você usar agora? — propôs beijando o pescoço feminino. — Eu quero muito ver qual fantasia você comprou.

Cheirando o pescoço masculino ao mesmo tempo que o mordida ali, Sayuri começou a se remexer no colo do namorado sentindo o tesão que sentia se espalhar pelo corpo. Beijando os lábios de Benjamin, arfou ao ter a língua chupada e o lábio mordido, descendo as pequenas mãos pelo torso definido arranhou fazendo-o rosnar entre o beijo.

— Malvada! — exclamou fitando o sorriso de Sayuri. — Eu amo quando você fica desse jeito.

— Você me deixa assim — respondeu olhando-o baixar a alça do vestido expondo o seio para poder abocanha-lo. — Você é muito safado.

Sem a responder lambeu o bico do seio para logo o chupá-lo e mordê-lo.

Mordendo os lábios Sayuri sentiu uma pressão se iniciando no baixo ventre, continuando a se remexer sentiu o arrepio lhe abraçar ao ter o bico do seio mordido delicadamente. Levantando-se com Sayuri no colo, Benjamin chupou o seio uma última vez antes de depositar um selinho nos lábios vermelhos.

— Pronto – falou a colocando no chão. —
Dustin me mandou uma mensagem.

Com a respiração desregular Sayuri o encarou.

— O que? – questionou sem entender.

— Está trazendo Taylor – informou pegando a caneca bebendo o resto do café. — Quando aquela loira coloca alguma coisa na cabeça não tem quem tire.

Sorriu saindo da sala.

Ainda confusa Sayuri ajeitou a alça do vestido indo atrás de Benjamin.

— Hey! – o beliscou na cintura fazendo-o pular. — Não vamos terminar o que você começou ali?

— Você me deixou gozar ontem? – perguntou cruzando os braços observando o olhar surpreso da namorada.

— *Wow!* – balbuciou incrédula. — Você está se vingando por ontem?

— O que você acha? – brincou a encarando.

Ainda incrédula concordou dando um pequeno sorriso.

— Certo – disse confirmando com a cabeça
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—, mas depois não se arrependa.

Ao dizer isso lhe deu as costas indo até a pia.

— Isso foi uma ameaça?

— Interprete-a como quiser. — Deu de ombros lavando a caneca que só tinha dado alguns goles. — Você é bem grandinho.

Rindo aproximou-se do corpo feminino o abraçando.

— Isso eu sou — proferiu rente ao ouvido da namorada. — Bem grande, *chuchu* — disse no duplo sentido.

— Então você pode muito bem cuidar de si mesmo hoje à noite.

— O que? — perguntou encarando os cabelos negros.

— Eu pensei em nessa noite te mostrar a tal fantasia — avisou virando-se para ele. — Primeiro eu tomaria um banho bem gostoso. — Abraçou-o pelo pescoço. — E o recompensaria por ontem. — Sorriu delicadamente. — *Só te soltaria depois que você gozasse na minha boca* — sussurrou ao ouvido masculino.

— Eu vou adorar.

Puxou-a mais para si.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim – afirmou o empurrando. — Você iria sim – disse e o olhou nos olhos —, mas isso não vai acontecer.

— Por que?

— Não estou mais afim – afirmou cruzando os braços.

— Fala sério, Sayuri?

Sorrindo beijou os lábios do namorado que sério a encarava.

— Já me viu brincar?

Antes que ele pudesse a responder o interfone tocou, com os braços encruzados Sayuri fitou Benjamin que a encarava sem piscar. Notando a falta de interesse em atender o telefone, Sayuri se encaminhou para o aparelho o pegando. Com uma mão escorada à pia Benjamin encarava a namorada, segundos depois a observou confirmar e colocar o aparelho no lugar.

— Taylor e Dustin estão subindo – avisou pegando a caneca lavada a enxugando. — Desfaça essa expressão de quem comeu e não gostou.

— E eu não comi mesmo – disse a contragosto recebendo um revirar de olhos.

— Não seja assim – proferiu indo até a sala.

PERIGOSAS ACHERON

— Ainda não acabamos essa conversa — informou-a ouvindo a campainha ser tocada. — Essa noite você não me escapa.

— Sei — debochou passando a mão no cabelo para logo abrir a porta dando de cara com a loira e Dustin. — Oi!

— Sayuri! — gritou a abraçando rapidamente. — Estamos grávidas! — exclamou com a voz um pouco anasalada separando-se da outra recebendo um sorriso. — Dá para acreditar? Agora eu tenho uma amiga com quem eu posso falar sobre esse universo misterioso que é a gravidez — murmurou fazendo um ar de suspense.

— Misterioso? — Benjamin repetiu cumprimentando Dustin com um soquinho de mão. — Não tem mistério para a gravidez.

— É claro que tem — Taylor retrucou encachando o braço no da outra a levando até o sofá. — Vamos ao shopping — disse colocando a pequena bolsa na mesa de centro. — Vamos comprar o enxoval, o meu e o seu.

— O que? — Sayuri questionou um pouco assustada. — Calma — pediu sorrindo. — Não sei o sexo do bebê, nem ao menos fui a uma consulta.

Arqueou as sobrancelhas fitando Benjamin.

— Mas vamos – Benjamin proferiu fechando a porta. — Isso na próxima semana.

— Sayuri – a loira a chamou. — Também não sabemos o sexo do nosso bebê. – Sorriu alisando a barriga um pouco pontuda. — Queremos fazer surpresa e só descobrir na hora.

— Sério? – a questionou surpresa. — Acho que eu não aguentaria ficar sem saber.

— Nem eu. – Benjamin sentou-se ao lado da namorada. — Quero logo sentir ele chutando.

— Vai demorar – zombou o loiro sentando-se no outro sofá colocando os pés na mesinha de centro. — O que estavam fazendo? – perguntou ao observar o amigo que imediatamente encarou Sayuri. — Não atrapalhamos nada, não é?

— Não, Dustin. Não atrapalhou – Sayuri negou sorrindo rapidamente para o namorado. — Apenas conversávamos.

— Então ótimo! – Taylor afirmou ficando de pé. — Vá se vestir! Vamos ao shopping, depois podemos almoçar na Jilly.

Indecisa Sayuri encarou as mãos, Bradley estava a evitando.

— Quero mesmo poder falar com o Bradie — anunciou um pouco triste.

— O que aconteceu? — a loira perguntou ficando séria. — Aconteceu algo com os meninos? Jilly não nos contou — terminou de falar fitando Dustin que deu de ombros.

— O filho de quinze anos da Sayuri ficou com ciúmes do bebê — Benjamin informou observando Sayuri que o fitou com uma expressão triste. — Uma conversa entre vocês resolvem isso.

— Que fofo! — Taylor proferiu levando as mãos ao rosto. — Por que o Bradie é só filho da Sayuri? Sendo que vocês estão juntos — continuou com os braços encruzados. — Não quer assumir a responsabilidade, Benjamin? — brincou fazendo-o sorrir.

— Não me escolheram como pai. — Deu de ombros relanceando para Dustin para logo fitar a loira. — Achei que você estivesse muito doente para sair hoje.

— Hoje eu estou ótima — inquiriu levando as mãos aos cabelos. — Ontem tive que passar o dia todo na cama, Dustin quando quer é bem mandão.

Sorrindo Benjamin encarou o amigo que
PERIGOSAS ACHERON

apenas suspirou negando com a cabeça.

— Então Sayuri, vamos? — chamou novamente. — Voltamos cedo para que você possa falar com o seu filho de quinze anos.

Olhando o horário viu que ainda eram 8h40, confirmando levantou-se chamando a atenção de Benjamin.

— Vou me trocar — avisou recebendo um sorriso. — Volto logo.

Saindo da sala ouviu quando Benjamin falou alguma coisa, virando-se o viu a acompanhar. Dentro do quarto, Sayuri prendeu o cabelo, retirando o vestido que usava foi até o guarda-roupa procurando um outro mais arrumado. Sorriu ao fitar um que era branco com algumas rosas desenhadas na parte de baixo.

Vestindo-o voltou-se para Benjamin ficando de costas enquanto segurava a parte de trás.

— Fecha para mim? — pediu sentindo a mão masculina lhe segurar a cintura e a outra subir o zíper. — Obrigada! — agradeceu indo até a penteadeira começando a se maquiar.

— Quando foi a última vez que transamos?

Rindo Sayuri o encarou com o cenho
PERIGOSAS ACHERON

franzido.

— O que?

— Estou com saudades, Sayuri – avisou levantando-se a abraçando por trás. — Não consigo ficar muito tempo sem te ter.

— Mas fizemos há alguns dias – falou forçando a memória sentindo beijos serem depositados em seu pescoço. — Ande, me deixe terminar de arrumar.

— Ontem você foi extremamente malvada – a acusou fazendo-a rir. — Você rir porque não é o seu pau que está sofrendo.

— Até porque eu não tenho um – afirmou o olhando pelo espelho.

Franzindo o cenho Benjamin a encarou percebendo o olhar sarcástico que lhe era endereçado.

— Não fica assim – pediu terminando de passar o rímel. — Teremos tempo para isso e, eu prometo que vou te recompensar. Vou te mostrar que não sou malvada. – Sorriu observando as coxas grossas do namorado. — Então me dá um sorriso?

— Quando eu te pegar – começou com um sorriso de lado. — Não vou facilitar.

— Uh – balbuciou mordendo os lábios. — E o que você vai fazer?

— Eu vou foder você. – Sorriu notando-a morder os lábios. — Bem forte e bem gostoso.

— Eu...

— *Benjamin, deixa a Sayuri se arrumar!* – a voz da loira se fez presente por trás da porta. — *Quero chegar ao shopping ainda hoje se possível.*

Arqueando uma sobrancelha Benjamin encarou a porta, para logo fitar Sayuri sorrir, abraçando-o pelo pescoço.

— *Eu quero muito que você cumpra com essas promessas* – sussurrou esfregando os lábios nos dele. — *Só de pensar me deixa bem molhadinha.*

— *Então me imagine chupan...*

— *Sayuri!* – Taylor bateu na porta fazendo Benjamin bufar.

— Já estou indo, Taylor! – Sorriu logo beijando o namorado, aproveitando para apalpá-lo por cima da bermuda. — Tenha paciência.

Afastando-se dele foi até a cômoda pegando o batom vermelho o passando nos lábios. Borrifando um pouco de perfume nos pulsos e no

PERIGOSAS ACHERON

pescoço se olhou no espelho. Sorrindo correu até o par de sandália que tinha os calçando.

— O que vai fazer hoje?

— Vou sair com o Dustin algo para homens – respondeu sentado na cama. — Pensei em chamar Ian – falou recebendo um sorriso da namorada.

— Acho super legal – disse pegando uma pequena bolsa colocando o celular e o cartão que usava. — Você e meu irmão se dão bem.

— Menos o seu pai que me odeia.

Negando, Sayuri aproximou-se e o beijando rapidamente.

— Meu pai não o odeia – retrucou sentindo um carinho na bochecha. — Ele só é cuidadoso.

Saindo do quarto sentiu a cintura ser abraçada, antes que chegassem na sala ele a parou.

— Acha que algum dia o seu pai vai ser mais legal comigo?

— Vai – confirmou o beijando mais uma vez. — Não se preocupe com isso – pediu recebendo um aceno. — Agora, vamos.

— Espera. – Puxou-a novamente. — Só mais um beijo.

— Eu estou de batom.

Riu o enlaçando com os braços.

— Não vai sair.

Sorriu enquanto a puxava mais para si.

Abraçando-o pelo pescoço sentiu o agarre na cintura e os lábios serem tomados com urgência. Arfando sentiu a língua de Benjamin tocar a sua, inclinando o rosto gemeu ao ser imprensada a parede.

— *Meu Deus, Benjamin!* – Taylor proferiu aparecendo ao lado dos dois. — Parem de se agarrar que coisa.

— Você é muito chata Taylor – Benjamin acusou fazendo-a sorrir. — Por que não vai beijar também o seu noivo e me deixa com a minha garota?

— *Blá blá blá* – balbuciou revirando os olhos, mas logo sorriu o encarando. — Está todo de batom. – Apontou para os lábios. — Até que a cor ficou boa em você.

Rindo, Sayuri levou as mãos aos lábios notando o batom borrado. Fazendo menção de voltar para o quarto, foi parada ao ouvir a voz da loira.

— Nada disso! Vamos logo! – Puxou-a pelo
PERIGOSAS ACHERON

braço. — No caminho você se limpa.

— O quê?

— Tchau, Benjamin! – Taylor enunciou acenando para o homem. — Tchau, amor – mandou um rápido beijo para o loiro recebendo um aceno.

Após a saída das duas, os dois homens se encararam.

— Vamos sair também? – Dustin perguntou enquanto se deitava no sofá.

Franzindo o cenho logo suspirou dando de ombros. Ele ligaria para o cunhado, seria algo bom sair entre eles. Talvez pudesse até pegar algumas dicas para que Urion fosse mais legal com ele, afinal, algum dia o mais velho teria que baixar a guarda.

Com a cabeça encostada a parede gélida, Brick observava o ruivo a sua frente. Notava-o sujo e mais magro, franzindo o cenho sentiu o fedor que vinha de si. Esquecera quando tinha sido a última vez que tomara um banho ou usara um banheiro para suas outras necessidades, olhando para o lado

PERIGOSAS ACHERON

viu a loira deitada com a respiração lenta. Voltando-se para o homem o viu parado olhando-os, fazia quatro dias que Herban estava na sala com eles. E nesses dias que se passaram o ruivo não falara nada, apenas observava. Contorcendo o pé sentiu o prego dentro do sapato, relanceando para a porta viu as dobradiças que faltavam ser manipuladas. Estava quase se libertando e, parecia que o homem a sua frente sabia disso. Só isso explicava o motivo dele estar ali o encarando.

Fechando os olhos sentiu que as forças estavam se esvaindo, mas isso não poderia acontecer. Não ainda, sentindo os braços dormentes fitou o ruivo.

— Você poderia retirar essas cordas? — quis saber o encarando. — Quase não sinto os meus braços.

— Você sabia que os ratos possuem uma extraordinária habilidade para se localizar? — perguntou o observando fixamente. — Aprender caminhos novos e criar atalhos em lugares conhecidos... — continuou fitando as mãos e unhas sujas. — E esse lugar é realmente fenomenal. — Sorriu levando a mão ao queixo. — Passei uns dias

PERIGOSAS ACHERON

somente andando por aí – afirmou com a cabeça.
— É tudo lindo, você quer ver?

— Ver? – repetiu confuso engolindo em seco.
— Ver o que?

— Tudo. – Abriu os braços sorrindo. — Você também irá achar extraordinário.

Receoso, observou o ruivo para logo fitar Vivieny. Seria uma boa oportunidade para decorar uma saída. Voltando a atenção para Herban o pegou sorrindo enquanto o olhava, sentando-se mais ereto confirmou com a cabeça.

— Acha que é seguro? – questionou recebendo um olhar espantado.

Em silêncio, Herban ficou de pé e abrindo um pouco a porta visualizou o lado de fora, levando a mão ao pescoço sentiu a inquietação voltar. Fechando os olhos respirou fundo, dentro da sala ele não ouvia as vozes.

— *Eles* não conseguem nos ver aqui – confirmou olhando mais uma vez pela fresta da porta. — Estamos seguros.

Anuindo, viu o homem se arrastar até onde estava e, com uma certa ignorância o puxar pela corda. Gemendo de dor caiu de joelhos, mas logo
PERIGOSAS ACHERON

se recompôs andando lentamente para fora, virando a cabeça para a loira deitada no chão a viu abrir os olhos o encarando.

Acenando minimamente com a cabeça saiu da sala, do lado de fora viu a sujeira no local e alguns ratos pelos cantos de paredes. Sendo puxado novamente começou a andar sempre atento ao local, percebeu que enquanto caminhavam Herban balançava a cabeça.

Olhando esgoto ao lado viu a rota que ele seguia até o final do túnel, no outro lado pôde ver alguns caminhos com baixas iluminações. Dobrando a esquerda olhou para cima notando algumas tampas com aparência de metal, sentindo os braços serem puxados começou a ouvir buzinas e os barulhos que vinham da rua.

Ficando eufórico pegou novamente a esquerda ouvindo com mais precisão o barulho da rua.

— Aqui. — Herban parou apontando para o outro lado. — Vá na frente.

Engolindo em seco Brick fitou a tábua que havia a sua frente para facilitar a passagem para o outro lado. Com muita calma começou a andar

PERIGOSAS ACHERON

sobre ela, ao chegar no outro lado encarou um buraco na parede. Ao se aproximar sentiu o fedor que provinha do local, levando as mãos até o nariz tentou não vomitar com as misturas de cheiros que ficou.

Sendo empurrado para o lado viu o ruivo se agachar perto do buraco e sorrir.

— Os ratos são mamíferos roedores – falou com o olhar petrificado. — Eles são onívoros e podem se reproduzir com rapidez – disse relanceando para o outro. — Eles vivem em colônias, onde os machos mais velhos são os dominantes.

Impaciente com aquela história Brick olhou ao redor.

— Mas esses são diferentes – continuou com o cenho franzido. — São ratazanas – anunciou fitando com mais curiosidade o buraco da parede. — Em situações de fartura, as ratazanas têm uma gestação de apenas 22 dias, podem ter até 13 filhotes de uma só vez e engravidar novamente 21 horas depois de parir.

— O que você queria...?

— Sabe o que acontece quando eles estão

PERIGOSAS ACHERON

com muita fome? – perguntou o encarando o mais novo. — Você sabe? – repetiu levantando-se e o puxando para perto. — Veja! – mandou apontando para dentro do buraco.

Nervoso, Brick observou o lugar apontado e na mesma hora sentiu a vontade de vomitar vir. A sua frente pôde ver alguns ratos mortos faltando pedaços e, mais ao longe viu alguns ao redor de um outro morto. Eles devoravam a carne morta.

— É isso que você está vendo – Herban disse com o rosto colado a Brick. — Eles se tornam-se canibais. – Sorriu suavemente. — Devorando a própria espécie.

Desviando o olhar, Brick desejou voltar para a sala. Poderia naquela hora fugir, mas se fizesse isso colocaria Vivieny em perigo.

— E isso é extraordinário – confirmou coçando o rosto. — Por que eles não foram feitos para isso, mas eles se adaptam ao que tem.

Suspirando, viu o ruivo virar rapidamente para a direita e de forma desesperada o puxou pela corda.

— *Eles estão vindo!* – sussurrou passando rapidamente pela tábua ainda segurando a corda.

Olhando rapidamente para trás, Brick não viu nada acontecendo. Tropeçando foi segurado pelo ruivo que o encarou com as narinas infladas. Voltando pelo mesmo lugar que tinham ido, o mais novo começou a repetir o caminho que fizeram. Ao chegar dentro da sala foi empurrado. Crispando os lábios viu a loira deitada com as pernas encolhidas e a calcinha suja de sangue e outras coisas, engolindo em seco percebeu que Vivieny não se importava por ele estar olhando. Sentando-se no mesmo lugar de sempre, Brick encarou o ruivo que sentando-se em frente a porta fechou os olhos começando a cantarolar baixinho uma canção enquanto segurava uma faca.

Amanhã ele agiria.

Tentaria dormir hoje para que amanhã ele pudesse fazer alguma coisa, amanhã ele e Vivieny fugiriam. Mesmo que Herban estivesse ali, ele tentaria.

Rindo fitou a vitrine ao lado, estava adorando o passeio com Taylor.

Tinham entrado em duas lojas desde que chegaram ao shopping, segurando a alça da bolsa encarou um vestido vermelho curto em uma manequim. Era de um corte bonito – isso ela não negaria – colocando uma mecha castanha atrás da orelha virou-se totalmente para a vitrine.

— Esse vestido é lindo – a loira murmurou observando a atenção da outra. — Você deveria comprá-lo.

— Deve ser caro – comentou lembrando-se do pouco dinheiro que tinha no banco. — Talvez depois eu compre.

— Ah não! – negou puxando-a para dentro da loja sorrindo para uma atendente. — Amanhã é domingo. – Sorriu sendo cumprimentada pela funcionária. — Compre o vestido e saia com o seu homem.

Mordendo o lábio encaminhou-se até o vestido o tocando.

— Eu quero experimentar esse – falou dando um pequeno sorriso.

— Benjamin irá amar – exclamou olhando a atendente ir até o outro lado pegando o vestido do mesmo modelo no cabide. — Vem.

Sorrindo Sayuri a acompanhou até uma cabine onde a atendente esperava segurando o vestido. Entregando as duas sacolas que tinha na mão para a loira, adentrou a cabine. Minutos depois saía vestida na peça vermelha, sorrindo foi até o espelho ficando de lado.

— Você está linda – a atendente proferiu ao lado da Sayuri. — Seu esposo ficará encantado.

Olhando-a rapidamente Sayuri sorriu com a palavra “esposo”, no dia do jantar esperou que Benjamin lhe fizesse o pedido. Mas diferente do que imaginou ele não pediu, só falou sobre a gravidez.

— E ele ficou super bem em você – Taylor reforçou ficando no outro lado. — Você precisa comprá-lo.

Crispando os lábios passou a mão no vestido, logo em seguida no ventre. Pelo espelho encarou as sacolas que Taylor levava, tinha comprado duas roupinhas brancas de bebê. Havia achado tão lindos, parecia estar segurando roupinhas de bonecas.

— Eu vou ficar – respondeu para a mulher que sorriu acenando.

Voltando para a cabine retirou o vestido, ao sair pegou as sacolas com a loira.

— Sei que acabamos de chegar – começou a acompanhando até onde a atendente estava —, mas estou com uma vontade enorme de um *milk-shake*.

Olhando-a rapidamente abriu a bolsa pegando o cartão de crédito entregando a funcionária.

— Agora que você falou também fiquei com vontade. – Riu pegando o cartão de volta. — Obrigada – agradeceu recebendo um sorriso da mulher.

Pegando a bolsa com o vestido rumou até a praça de alimentação. Ao sair da loja sentiu quando esbarrou em uma pessoa. Pronta para se desculpar arregalou os olhos quando percebeu quem era, dando um passo para trás sentiu a respiração falhar.

— Caine?

Assustada encarou a mulher que vinha logo atrás dele.

— Sayuri – o loiro proferiu a observando sério. — Você está linda.

Aproximando-se mais da amiga, Sayuri viu a mais velha – mãe do loiro – abraçar o braço do

PERIGOSAS ACHERON

filho enquanto a encarava.

— O que está fazendo perto *dessazinha*? — questionou lançando um olhar feio para a mais jovem.

— E-Eu achei que você estivesse preso — anunciou deixando Taylor em alerta. — O que faz solto?

— Achou mesmo que eu deixaria o meu bebê naquele lugar imundo? — Margot quis saber de forma superior. — É muito idiota mesmo.

— Mãe — a repreendeu suspirando. — Vamos embora.

Sayuri estava se sentindo tonta. Caine estava solto, mesmo depois do que havia feito, ele estava solto. Engolindo em seco percebeu o olhar da mulher elegante para si, levando as mãos ao ventre a encarou com seriedade.

Ela não baixaria a cabeça para ela.

— Soube que foi demitida do emprego — a mulher murmurou deixando Sayuri confusa.

— Como você...? — Parou de falar logo compreendendo. — Eu não acredito.

— Isso foi pelo tapa que me deu — continuou com um sorriso de lado. — Não foi tão difícil ter a PERIGOSAS ACHERON

sua demissão, espero que nenhum colégio a aceite. Vou me certificar disso.

Agindo rápido Sayuri avançou na mulher, mas antes que pudesse fazer alguma coisa a ela sentiu a mão masculina a afastando.

— Não encosta em mim! – exclamou logo sendo atendida. — Não acredito que você fez isso! Como pôde?

— Achou que eu deixaria tudo barato? – perguntou chamando a atenção de algumas pessoas. — Não! – negou sentindo-se maravilhosa por dentro. — O que eu puder fazer para que você sofra eu vou fazer!

— Mãe! – o loiro a segurou pelo braço. — Já chega! Vamos embora.

— Você é um ser humano podre – Sayuri afirmou fazendo os dois a sua frente pararem. — Você... – Parou sentindo-se fraca sendo amparada por Taylor.

— Sayuri, vamos sair daqui – falou a segurando. — Lembre-se que você não pode ficar nervosa – avisou a olhando. — *Pense no seu bebê* – sussurrou para somente a jovem ouvir.

Margot que a olhava atentamente fitou as

PERIGOSAS ACHERON

sacolas com as logo marca de uma loja para recém-nascidos. Rapidamente encarou o ventre da jovem, não acreditava que a mesma estava grávida de Benjamin.

— Não... — Balançou a cabeça chamando a atenção para si. — Grávida?

Tomando uma postura defensiva Sayuri a encarou.

— Você está grávida do Benjamin? — quis saber tentando se aproximar, mas sendo contida pelo filho. — Fez isso para poder prendê-lo nessa relação? Bem coisa de *putinha*!

— Olha aqui, sua velha! — Taylor se colocou na frente de Sayuri. — Veja bem como você fala da Sayuri — expôs séria. — Agora se não quiser que eu esfregue essa sua cara de plástica no chão — ameaçou recebendo um olhar espantado. — Eu aconselho que você vá embora.

Caine observava Sayuri em silêncio, como pensara a jovem era uma mentirosa. Só foi terminar com ele que já estava grávida de outro, no fim ter se separado dela foi o melhor a se fazer. Virando para o lado viu dois seguranças se aproximarem, dando um passo para trás olhou uma última vez

PERIGOSAS ACHERON

para Sayuri.

— Está tudo bem por aqui? — um segurança perguntou com as mãos no quadril.

— Está — Margot respondeu com desprezo.
— Vamos, querido! Eu sabia que essa *putinha* não era para você.

Dando as costas não viu que o segurança segurou a loira para que ela não avançasse na mulher. Soltando-se do agarre do homem, Taylor voltou-se para Sayuri notando-a levemente pálida.

— Vem vamos sair daqui. — Segurou-a delicadamente pelo braço enquanto saiam do local.
— O que estão olhando? — quis saber fitando algumas pessoas a encararem para depois desviar o olhar.

Enquanto andavam Sayuri pensava no que acabava de acontecer. Então havia perdido o emprego por culpa da mais velha, não conseguia acreditar. Agora tudo fazia sentido, crispando os lábios decidiu não pensar mais nisso. Iria viver a vida e procuraria outras instituições para lecionar, tudo iria se resolver.

— Você quer ir para casa?

Olhando a loira sorriu por lembrar que a
PERIGOSAS ACHERON

mesma a havia lhe defendido.

— Não – negou sorrindo. — Vamos comprar nossos *milk-shakes* e antes do almoço voltamos para casa – continuou recebendo um sorriso. — Obrigada por me defender.

— Não agradeça por isso – pediu encostando a cabeça no ombro da Sayuri rapidamente. — Somos amigas e estamos grávidas juntas, nossos filhos serão irmãos-primos gêmeos.

Rindo, fitou a loira.

— Você é bem legal, Taylor.

— Eu sei – anuiu adentrando a praça de alimentação. — Você também é.

Sentando-se, observou a praça com muitas pessoas. Suspirou e pegou o celular, lendo uma mensagem de Benjamin.

“Eu te amo!”

Sorrindo, respondeu que também o amava. Pensou em falar quem havia encontrado, mas decidiu por não o fazer. Não valia a pena, pelo que notara, o loiro não estava mais interessado nela e isso a deixava extremamente feliz. Guardando o

PERIGOSAS ACHERON

celular voltou a encarar a loira que falava enquanto segurava a roupinha que tinha comprado.

Sorrindo afirmou quando foi perguntada sobre alguma coisa que ela não tinha entendido.

A ida até aquela lanchonete foi traçada unicamente com a voz de Ian, que falava e perguntava as coisas. Benjamin havia passado na casa do sogro e, quando encontrou Urion sentado na poltrona fez o convite assustando-se logo em seguida quando o homem aceitara. Parecia que o mais velho estava se esforçando para ser mais legal com ele, então se Urion estava tentando, Benjamin também o faria. Pegando o celular mandou uma mensagem para Sayuri, fazia uns quinze minutos que haviam chegado e ele já estava com saudades da jovem.

Voltando a atenção para o sogro o viu encará-lo, logo desviando o olhar. Pigarreou e apoiou os braços na mesa, relanceando para Dustin que sorria minimamente. Benjamin sabia exatamente o motivo daquele sorriso idiota.

O loiro estava adorando presenciar como Urion era com ele.

— Então, Benjamin – Urion murmurou tendo a atenção para si. — Quando vai casar com a minha filha?

Ian sorrindo fitou o cunhado.

— Eu espero que logo – respondeu com um pequeno sorriso. — Sayuri me maltrata dizendo que não quer casar.

— Mas você fez o pedido formal? – Ian questionou o fitando. — Comprou as alianças de noivado e fez o pedido?

Arqueando as sobrancelhas Benjamin o encarou pensativo.

— Se eu fizer isso ela aceita?

— Não sei – disse e deu de ombros negando —, mas não custa tentar.

Parou de falar quando a porta da entrada fora aberta rapidamente e Romee passou feito um furacão. Observando-a viu quando ela parou em frente a um senhor gordo e começou a balançar a cabeça, parecia se explicar. Ainda a encarando viu quando um avental fora entregue e, junto a ele um bloco de notas e uma caneta. Engolindo em seco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viu o homem apontar para a mesa deles e Romee virar com um pequeno sorriso, mas logo ficando séria.

Pigarreando, passou a mão no cabelo.

— Bom dia – Romee saudou ao se postar em frente aos homens. — Posso anotar o pedido de vocês?

Acenando, Urion fitou o filho para logo pegar o cardápio.

— Um café e um pedaço de bolo – falou vendo-a anotar. — Poderia me trazer o pedaço pequeno?

— Claro, senhor. – Sorriu tímida. — Qual bolo?

— Esse da especialidade do dia.

Anuindo Romee anotou para logo encarar os outros.

— Eu vou querer panquecas e suco – Dustin avisou colocando o cardápio na mesa.

— O meu pode ser o mesmo – Benjamin falou recebendo um aceno.

Parando de anotar Romee encarou Ian que a observava, desviando a atenção para o bloco de notas ouviu a voz do jovem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ser um pedaço de torta de chocolate e suco de laranja.

Confirmando, saiu indo até o balcão entregando os pedidos a uma outra colega. Na mesa, Ian a cuidava com os olhos. Sentia-se estranho como se tivesse feito algo de errado para a jovem. Fitando as mãos voltou a prestar atenção nos homens da mesa percebendo que era encarado em silêncio.

— O que?

— Você a conhece? – Benjamin foi o primeiro a perguntar.

Automaticamente fitou Romee que sorria para um casal de idosos sentados em uma das mesas mais à frente. Sem o responder, se perguntou o que realmente tinha feito para Romee. Antes não gostava da atenção que recebia porque parecia que ela só o queria agradar pelo fato dele ter a defendido há alguns anos, mas essa possível indiferença que ela estava tendo com ele o fazia se sentir estranho.

— Ela trabalha para os nossos vizinhos da frente – Urion respondeu notando a falta de resposta do filho.

PERIGOSAS ACHERON

Romee é bem-educada, Yumi tem um grande carinho por ela.

— Ah entendi — expôs lançando um olhar para Romee e Ian.

— Como anda a academia? — Ian mudou o assunto não gostando de ser o centro das atenções.

Arqueando a sobrancelha Benjamin aceitou que ele mudasse o tema, dando um pequeno sorriso começou a relatar os planos que tinha para a academia. Urion ouvia atentamente tudo o que era dito, mas de vez em quando fitava o filho que sempre que podia olhava para frente à procura de Romee. Sentando-se mais à vontade na cadeira voltou a encarar o genro, notando que o homem começava a ter sua simpatia.

Olhou o celular e viu que se passavam das 13h, havia conversado bastante com Taylor e perdido o horário. Sentada no banco do carona fitou a loira que tensa dirigia o caminho de volta, Dustin havia mandado uma mensagem avisando que estariam na Jilly. Pegando o celular novamente

PERIGOSAS ACHERON

discou o número da amiga. Levando ao ouvido ouviu a chamada cair na caixa de mensagens. Franzindo o cenho mandou uma mensagem perguntando se ela estava bem. Mordendo os lábios viu apenas um risco na mensagem mostrando que ela não tinha sido entregue.

Talvez a amiga estivesse em alguma reunião, mais tarde tentaria ligar de novo.

— Você está tão tensa. — Riu fitando a loira.
— Faz pouco tempo que você tirou a carteira?

— Não. — Sorriu olhando-a rapidamente. — Eu dirijo assim mesmo, estou atenta a tudo que acontece ao nosso redor — explicou recebendo um sorriso. — E você quando vai tirar a carteira?

— Não sei — respondeu encostando a cabeça no encosto. — Acho que não tenho paciência para isso.

— Eu diria para você procurar alguma música boa no rádio — disse olhando para frente —, mas o carro é do Dustin — continuou virando o volante. — Só tem músicas sem noção.

Encarando a rua, Sayuri avistou o carro de Benjamin estacionado frente à casa de Jillian. Sorrindo, ajeitou o cabelo para logo morder os

PERIGOSAS ACHERON

lábios ao fitar a porta da residência se abrir e, Benjamin sair com as mãos no quadril. Ainda sorrindo esperou Taylor estacionar. Retirando o cinto de segurança e abriu a porta, para então, andar rapidamente até o namorado. Ao se aproximar dele pulou sentindo ser segurada pela cintura. Encostando os narizes, sorriu ao ter o lábio inferior mordido.

Abraçando-o pelo pescoço, o beijou, sentindo os lábios serem tomados com calma. Inclinando um pouco o rosto saboreou com delicadeza os lábios masculinos, sentindo a barba por fazer lhe arranhar o rosto. Suspirando entre o beijo sentiu os dentes lhe prenderem o lábio inferior. Sorrindo afastou-se minimamente acarinhando a barba negra.

— Oi.

— Oi — respondeu ainda a segurando descendo uma mão até o traseiro feminino, impedindo que a saia do vestido mostrasse o que não deveria. — Você demorou.

— Taylor e eu conversamos bastante — afirmou encostando os narizes. — E você se divertiu?

— Bastante. — Anuiu fitando os olhos

PERIGOSAS ACHERON

puxados e tão lindos da namorada. — Seu pai saiu com a gente — avisou deixando Sayuri surpresa. — Sua mãe nos chamou para almoçar por lá amanhã, sua avó foi bem legal comigo.

— Isso é bom! — exclamou depositando um selinho nos lábios do namorado. — Agora me solte — pediu recebendo um negar de cabeça. — Vamos logo, me solte.

— Não quero soltar você — deixou claro a apertando contra si. — Eu te amo!

Sorrindo, Sayuri o beijou novamente gemendo ao sentir a língua em contato com a sua.

— *Vocês são tão melosos!* — Taylor gritou chamando a atenção dos dois para si. — Benjamin é muito carente.

Colocando Sayuri no chão Benjamin a abraçou pela cintura.

— E você adora atrapalhar meus momentos com minha garota.

Dando de ombros, a loira adentrou a casa, logo sendo seguida por Benjamin e Sayuri.

Na sala Bradley assistia a um filme com os braços cruzados, assim que notou Sayuri no recinto desviou o olhar. Suspirando Sayuri fitou a sogra

PERIGOSAS ACHERON

que lhe sorria de braços abertos.

— Sayuri, meu amor. — Abraçou-a sendo correspondida. — Eu fiz um almoço reforçado para você e Taylor — avisou olhando o sorriso da loira. — Não comeram muitas besteiras por aí, né?

— Não — negou lançando para a nova amiga que lhe sorriu. — Como a senhora está?

— Bem — respondeu observando o olhar da nora para Bradley. — *Vá falar com ele* — sussurrou para apenas ela ouvir.

Anuindo virou-se para Bradley começando a se aproximar do loiro, fitando rapidamente as escadas viu Liam todo arrumado. Benjamin, da porta da cozinha, observava Sayuri sentar-se ao lado do loiro mais novo. Cruzando os braços chamou sutilmente Dustin e Taylor que estavam próximos. Deixaria que Bradley e Sayuri conversassem à vontade, eles precisavam disso.

— Podemos conversar? — perguntou o fitando.

— Estou assistindo — avisou sem tirar os olhos da tevê, pela visão periférica viu a jovem suspirar de forma triste —, mas pode falar estou ouvindo — terminou tentando não parecer tão PERIGOSAS ACHERON

grosso.

Sorrindo, Sayuri colocou as mãos juntas em frente ao corpo.

— Está tudo bem?

— E porque não estaria? — quis saber franzindo o cenho sem encará-la.

— Bem — balbuciou encostando-se no sofá começando a assistir o filme. — Me pareceu que você não gostou da novidade.

— E por que eu teria que gostar? — retrucou nervoso a fitando. — O filho é seu e do Benjamin — disse fazendo Sayuri arquear as sobrancelhas. — Eu não tenho nada a ver com isso.

— Pensei que você fosse meu filho de quinze anos — murmurou deixando-o surpreso. — E que pudesse me ajudar com o seu futuro irmãozinho, ou irmãzinha.

— O que?

— Apesar de ter muitas pessoas ao nosso redor — continuou a falar o fitando. — Eu vou precisar da sua ajuda.

Engolindo em seco, Bradley procurou no rosto feminino resquícios de brincadeiras, mas o que achou foi a seriedade e sinceridade. Desviando

PERIGOSAS ACHERON

o olhar sentiu os olhos arderem, crispando os lábios decidiu perguntar o que tanto o afligia.

— M-Me considera mesmo... — parou olhando-a. — Um filho? A senhorita é nova para ter um filho como eu.

— Que bobagem, Bradley — falou acarinhando o rosto do loiro. — No meu coração você é meu bebê — anunciou notando-o envergonhado. — Prometo não o chamar assim na frente da Hailee. — Sorriu recebendo um pequeno sorriso. — Vem cá — o chamou com os braços abertos sendo abraçada. — Você é importante para mim, Bradie. — Deixou algumas lágrimas caírem. — O amo como se fosse meu filho.

— Eu achei que a senhorita não iria mais querer saber de mim — confidenciou envergonhado. — Não agora que está grávida.

— Foi só os ciúmes falando alto. — Sorriu o beijando na testa. — Eu o amo, Bradie — proferiu olhando-o nos olhos. — Nunca se esqueça! E esse bebê será seu irmão.

— O Liam também?

— Claro. — Sorriu confirmando. — Agora estamos bem?

— Sim — afirmou mais alegre. — Eu vou poder segurá-lo?

— Vai — respondeu levantando-se. — Agora vamos comer, pois, estou faminta.

Passando as mãos nos olhos desligou a tevê, logo acompanhando a jovem. Ao chegarem na cozinha, Bradie recebeu alguns sorrisinhos de lado. Fitando Benjamin viu o sorriso zombeteiro que o homem tinha, revirando os olhos foi até a pia lavando as mãos.

— Tudo certo com o seu bebê, Sayuri? — Liam perguntou ao lado de Benjamin. — Tinha que ver a tristeza dele ontem.

— Cala a boca! — mandou encarando o irmão. — Você é muito chato, Liam.

— Vamos parar! — Sayuri pediu abraçando Bradley. — Não quero ninguém mexendo com o Bradie.

Fitando o namorado o viu arquear uma sobrancelha enquanto a observava. Endereçando-o um sorriso, afastou-se de Bradley e foi até Benjamin o abraçando. Amava estar nos braços fortes do homem. Sentia-se protegida e amada. Sendo abraçada de volta observou os irmãos loiros

PERIGOSAS ACHERON

brincarem entre si, enquanto Taylor comia algumas carnes fatiadas e Dustin sorria conversando com Jillian.

Mordendo os lábios sentiu um arrepio pelo corpo, franzindo o cenho encarou o sorriso de Benjamin. Sentindo os olhos arderem suspirou chamando a atenção para si.

— Tudo bem? – Benjamin lhe questionou de forma carinhosa.

— Sim – afirmou balançando a cabeça. — Eu só senti um arrepio, uma coisa estranha.

— Fome – avisou fazendo-a sorrir. — Senta que eu coloco seu prato – pediu beijando os lábios rosados.

Prendendo o cabelo em um coque sentou-se ao lado de Bradley recebendo um sorriso.

Esperava que essa sensação ruim fosse apenas fome mesmo, pois, não havia gostado do que sentira.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

Abraçando-se mais no casaco, fitou a frente do lugar repleto de policiais. Acenando viu alguns lhe cumprimentarem. Aquela manhã estava mais fria que os outros dias. Antes de adentrar o local encarou o céu cinza e, silenciosamente fez uma prece antes de seguir em frente. Morava em uma pequena cidade localizada próximo a New York, era solteira e não tinha filhos. Suspirando lembrou-se o motivo de estar ali, há alguns dias havia visto que o sobrinho sequestrara três pessoas e que uma delas havia sido encontrada sem vida. Levando as mãos ao peito sentiu os olhos se encherem de lágrimas, jamais imaginou que Herb fosse capaz de algo assim.

Dentro do departamento pôde ver vários policiais trabalharem, passando a mão nos cabelos grisalhos se encaminhou até a recepção. Antes que pudesse pedir ajuda a algum policial, uma loira com um sorriso simpático se postou a sua frente.

— Bom dia — saudou com um pequeno sorriso. — Posso ajudar a senhora?

PERIGOSAS ACHERON

— Pode — anuiu relanceando para os policiais trabalhando. — Eu quero falar com o delegado.

— A senhora pode me falar o assunto da conversa? — perguntou recebendo um olhar receoso. — Sou a detetive Sparks. — Sorriu estendendo a mão que logo foi apertada. — E a senhora? — quis saber, pois, aquele rosto lhe era familiar.

— Sou Ardena Arran — respondeu com um pequeno sorriso. — Eu sou a Tia do Morgan Herban.

Arregalando os olhos, Sparks a fitou dos pés à cabeça, para logo deixar que passasse a sua frente.

— Vamos, Sra. Arran — a chamou indicando o caminho. — Vamos conversar lá dentro.

Enquanto andavam, a loira observava sutilmente a mais velha, essa caminhava lentamente como se medisse os passos. Abrindo a porta da sala avistou Kilmer parado com o olhar aéreo. Pigarreando inclinou a cabeça para a grisalha. Levantando-se, o loiro encarou a mulher com espanto, rapidamente buscou a foto em cima da mesa e quando a encontrou respirou em alívio.

Era ela.

— Delegado – Sparks proferiu fazendo o homem fita-la. — Essa é a Ardena...

— Arran – completou saindo de trás da mesa.
— Sra. Arran, fico feliz e surpreso por aparecer.

— Você sabe quem eu sou?

Espantou-se o olhando.

— Sim – afirmou indicando a cadeira para a mais velha sentar. — Eu tentei entrar em contato com a senhora, mas não consegui.

— Sim. – Anuiu sentando-se observando ao redor. — Eu fiquei fora por uns tempos... – disse recebendo um aceno. — Na verdade, eu fiquei sabendo sobre tudo e não consegui acreditar – chorou lembrando-se do sobrinho quando menor. — O Herb não seria capaz de algo assim.

— Eu sei que para a senhora seja difícil de acreditar – expôs sério. — E que talvez não seja o momento para isso, mas... Eu preciso fazer algumas perguntas sobre o seu sobrinho.

— Tudo bem – disse passando as mãos no cabelo. — Foi para isso que vim. – Acenou com a cabeça. — Eu quero ajudar no que for preciso.

Respirando em alívio, Kilmer encarou a mais velha a sua frente, para logo começar com as
PERIGOSAS ACHERON

perguntas a mulher. Em pé ao lado da grisalha, Sparks ouvia atentamente tudo o que era dito naquela sala. Sentia que estava muito perto de colocar as mãos no criminoso e, sabia que o homem a sua frente também sentia isso.

Ainda de olhos fechados procurou o corpo da namorada ao seu lado, mas logo franziu o cenho por não encontrar Sayuri na cama. Coçando o peito espreguiçou-se enquanto abria os olhos, estava sozinho no quarto. Do lado de fora do recinto podia-se ouvir uma música pop tocar, levantando-se da cama se encaminhou para o banheiro onde fez suas necessidades e higiene pessoal. Saindo do quarto – apenas de short – procurou Sayuri nos cômodos da casa, seguindo a música parou na entrada da cozinha avistando a jovem em pé – em frente ao balcão – enquanto comia alguma coisa e rebolava ao som da música.

Cruzando os braços a fitou dos pés a cabeça, parando para analisar o short curto que ela usava e a blusa que mal cobria a parte de cima. O cabelo

PERIGOSAS ACHERON

castanho estava amarrado com fios do cabelo. Na primeira vez que tinha visto Sayuri amarrar os cabelos dessa forma pensou que só conseguiria soltar com a tesoura.

— *Yo, he in love with a ghetto girl.* – Ele ouviu a voz dela enquanto continuava a rebolar. — *He said he want a piece like Metta World.* – Sorrindo a viu parar a canção para dar uma mordida em alguma coisa, logo continuando a cantarolar. — *Regular!* – proferiu de boca cheia nunca parando de rebolar.

— Bom dia! – saudou assustando-a que na mesma hora começou a tossir. — Hey! – Correu até ela observando-a tossir enquanto abanava o rosto. — Desculpa – pediu pegando o copo de suco a entregando. — Toma e respira.

Respirando com dificuldade parou o encarando, Benjamin lhe sorria observando-a atentamente. Bebendo um pouco do suco secou as lágrimas, sentindo ser segurada pela cintura virou-se totalmente para ele.

— V-Você me assustou – afirmou olhando os lábios masculinos. — Bom dia.

— Por que não me acordou? – quis saber a
PERIGOSAS ACHERON

impulsionando para sentar-se no balcão. — Estou carente — deixou claro beijando o pescoço feminino.

Sorrindo, Sayuri pegou o sanduíche que comia.

— Tadinho de você — lamentou dando uma mordida generosa no sanduíche. — *Estava com fome* — falou de boca cheia sentindo o gosto do peito de peru se espalhar na boca.

Franzindo o cenho encarou a namorada comer sem ao menos lhe dar valor, ficando entre as pernas femininas a observou enquanto comia.

— Ontem seu pai e eu conversamos — avisou chamando a atenção para si. — Eu comentei que em breve procuraria uma casa para morarmos — continuou a falar. — Ele me entregou o contato de um corretor. — Arqueou uma sobrancelha notando-a colocar o pedaço que segurava no prato. — Pensei em daqui a pouco darmos uma olhada, o que acha?

Surpresa o encarou.

— O que? — questionou limpando os lábios com um guardanapo. — Vamos mesmo procurar uma casa?

— É o seu sonho. — Sorriu alisando a

PERIGOSAS ACHERON

bochecha feminina. — Então eu quero realiza-lo — afirmou recebendo um lindo sorriso. — Uma casa grande, com muitos quartos.

— Temos que ter um quarto para o Bradie também — anunciou fazendo-o sorrir. — O que?

— Às vezes você o trata como um bebê — esclareceu observando-a dar um gole no suco. — Fiquei feliz por vocês dois ficarem bem.

— Ele só estava com ciúmes — expôs pegando o sanduíche. — E eu não o trato como bebê — retrucou revirando os olhos. — Só o trato com amor e carinho.

— Sei. — Riu debochado apoiando-se mais no balcão fitando-a comer o último pedaço do sanduíche. — Está parecendo um esquilo com nozes na boca — brincou tocando-a na bochecha.

Admirado, observou-a tentar não sorrir enquanto terminava de engolir, descendo as mãos pelo corpo macio a puxou mais para si. Estava louco para tê-la, não conseguia lembrar-se a última vez que sentira o corpo feminino junto ao seu.

— Vou marcar minha primeira consulta! — exclamou recebendo um beijo no queixo. — Estou tão nervosa — confidenciou olhando o sorriso do

PERIGOSAS ACHERON

namorado. — Às vezes não consigo acreditar que estou grávida.

— Foi uma surpresa para mim também — disse alisando o ventre feminino —, mas vamos nos organizar e faremos tudo certo. Não vou deixar que nada falte para o nosso bebê — prometeu amando o sorriso que lhe foi endereçado.

Concordando, Sayuri virou-se pegando o outro pedaço.

— Sabe... — Parou olhando a fatia em mãos. — Eu comprei um vestido lindo ontem. — Anuiu observando os olhos negros sob si. — Pensei em hoje à noite sairmos.

— Aquilo era um vestido? — perguntou surpreso logo dando um sorriso de lado. — Bem indecente.

— E mais tarde eu poderia te mostrar a fantasia — propôs com um sorriso fazendo Benjamin ficar surpreso, mas logo sorrir a puxando para mais perto. — Eu sei que estou sendo bem malvada com você.

— Está mesmo — lamentou fazendo uma expressão de tristeza. — Meu pau está todo triste aqui, se sentindo rejeitado.

Dando uma risada, Sayuri o beijou sentindo a mão masculina adentrar a blusa que usava, o afastando deu uma mordida no sanduíche.

— *Não o rejeitei* – negou enquanto mastigava. — Então pare de drama.

Cheirando o pescoço branco o mordeu notando-a arrepiada, sorrindo fez a mesma coisa no outro lado.

— Esse peito de peru está uma delícia! – Sorriu olhando o alimento. — Prove, eu que preparei.

Olhando-a rapidamente deu uma grande mordida ouvindo o resmungo que a jovem dera. Saboreando o sanduíche fitou Sayuri que o olhava em expectativa, dando de ombros pegou o suco o bebendo todo.

— Está gostoso – respondeu pegando o pedaço que ficara do sanduíche. — Vamos nos arrumar? Eu ligo para o corretor antes de sairmos.

— Você comeu meu sanduíche – disse fitando o namorado colocar o último pedaço na boca.

— Foi você que me ofereceu – afirmou sorrindo a segurando pela cintura sentindo os

PERIGOSAS ACHERON

braços finos lhe abraçarem. — Vamos tomar um banho e ir visitar essas casas, depois vamos na casa do seus pais e a noite você será minha.

Sorrindo Sayuri viu que estava sendo levada para o banheiro.

— Eu acordei pronta para te atacar — confidenciou deixando-o surpreso —, mas então veio a vontade de comer sanduíche de peito de peru.

— Fui trocado por um peito de peru? — questionou pasmo fitando-a sorrir sapeca. — Não acredito.

— O peito de peru estava uma delícia.

— *Eu* sou uma delícia. — Colocou-a no chão enquanto retirava o short. — E o *campeão* aqui. — Apontou para o membro. — Faz delícias que reviram seus olhos de prazer.

Anuindo Sayuri ficou nas pontas dos pés o enlaçando pelo pescoço.

— Eu amo as sensações que o seu *campeão* me faz sentir — exclamou sorrindo descendo a mão até a barriga trincada do namorado sentindo os cabelos ali crescidos, mas logo lembrou-se de algo. — Ontem pela madrugada eu senti algo me

PERIGOSAS ACHERON

cutucando.

— O que? — Se fez de desentendido olhando o sorriso que ela tinha. — Não lembro disso — expôs fitando-a retirar a blusa e o short, revelando a nudez. — O que lembro foi de um traseiro gostoso se esfregando em mim.

Olhando-o com um sorriso franziu o cenho.

— Vai querer dizer que eu estava me aproveitando de você?

— É o que você vem fazendo comigo esses dias — a acusou adentrando o banheiro. — Me fazendo sofrer, esfregando em mim, mostrando que me tem pelas mãos.

— Quanto drama. — Riu o acompanhando no banho. — Vou te dar um banho.

Avisou para logo pegar a bucha com sabão começando a esfregar as costas musculosas, enquanto trabalhava ali encarava as costas tatuadas. Sem conseguir se conter mordeu os lábios o abraçando, sentindo os seios pressionados. Afastando-a, Benjamin a colocou na sua frente e a puxando para cima a abraçou tomando os lábios rosados. Encostando-a na parede a beijou com mais ímpeto. Mordendo o lábio inferior feminino sentiu

PERIGOSAS ACHERON

quando Sayuri lhe arranhou o ombro. Descendo uma mão a tocou na intimidade fazendo a jovem gemer em sua boca, tateando a parede procurou o registro desligando o chuveiro.

Ainda a segurando saiu do box com cuidado. Beijando-a se dirigiu para a cama onde colocou Sayuri deitada. Sem se importar com o sabão nas costas, Benjamin abriu as pernas da namorada e com um sorriso safado de lado desceu o corpo até deixar o rosto em frente a intimidade depilada.

— A-Achei que iríamos visitar nossa futura casa – brincou olhando em expectativa.

Negando com a cabeça Benjamin tornou a alisar os lábios vaginais.

— Nossa futura casa pode esperar – afirmou sem tirar os olhos dela. — Agora teremos nossa rapidinha e a noite vamos acabar o que começamos aqui.

Arreganhando mais as pernas brancas a segurou com firmeza para logo separar os lábios vaginais, expondo a abertura pequena e apertada que ele amava se enfiar. Colocando a língua para fora lambeu aquela região toda, fazendo Sayuri gemer e tencionar a perna. Sentindo as pernas

PERIGOSAS ACHERON

pesadas, Sayuri passou os braços por baixo dos joelhos ficando mais acessível para língua e dedos do namorado.

Mordendo o lábio inferior atreveu-se a encarar Benjamin.

Abrindo a boca para poder respirar melhor, viu a língua do namorado a lamber e chupar o clitóris como se fosse o melhor doce que já tivesse provado. Jogando-se na cama sentiu as sensações lhe abraçarem o corpo, fechando os olhos arfou ao ser penetrada ao mesmo tempo que era chupada.

— *Benja...* — Parou ao sentir o clitóris ser acariciado rapidamente trazendo o prazer.

Inclinando o pescoço fitou Benjamin com os olhos fechados enquanto a dava prazer. Puxando as pernas sentiu os dedos dentro de si a penetrarem com mais rapidez, queria poder segurar o orgasmo, mas não conseguia. Nunca conseguia, sempre quando Benjamin a beijava ali a fazia sentir aquelas sensações que ela tanto amava. Antes que pudesse falar alguma coisa ou se recuperar do orgasmo, sentiu ser colocada de quatro e um forte tapa lhe acertar o traseiro.

Gritando de dor voltou-se para Benjamin que
PERIGOSAS ACHERON

apertava a carne do traseiro enquanto fitava a intimidade lambuzada e avermelhada.

— Benjamin! — ralhou apoiando-se na cama o encarando sorrir. — Essa doeu!

— Desculpa — pediu alisando o lugar onde batera —, mas esse traseiro é gostoso demais.

— Vou lhe estapear no traseiro também — afirmou sentindo o dedo masculino lhe acariciar a entrada. — Vou fazer você gritar — ameaçou com um pequeno sorriso.

— Eu que vou fazer *você* gritar — retrucou estapeando mais uma vez o traseiro branco.

Ficando de joelhos, Benjamin esfregou o membro do clitóris até a entrada, as vezes forçando ali fazendo Sayuri gemer e empinar mais o traseiro. Apoiando os cotovelos no colchão, abriu mais as pernas ficando totalmente exposta para Benjamin.

— *Benjamin* — o chamou enquanto remexia o quadril. — *Por favor!*

Lambendo o lábio inferior, Benjamin puxou o quadril feminino para mais perto de si e, forçando o corpo para baixo a penetrou sentindo aquele calor apertado o abraçar. Franzindo o cenho em puro desejo sentiu quando Sayuri contraiu apertando o

PERIGOSAS ACHERON

membro de uma forma gostosa, a puxando para si começou a se mover.

Abrindo os olhos sentiu unhas afiadas fincarem em seu braço, subindo uma mão apertou o seio macio de Sayuri ouvindo-a arfar.

Saindo da cama – ainda dentro de Sayuri – Benjamin ficou em pé ao lado da cama. Puxando-a com firmeza voltou a se movimentar rapidamente. A penetrava ouvindo os gemidos dengosos que a namorada soltava. Olhando para baixo, fitou a forma como o traseiro vermelho encostava em sua pélvis de maneira rápida e forte, o som das carnes se encontrando ecoavam no quarto o deixando com mais tesão. Arfando fechou os olhos para apreciar o canal vaginal o apertar gostosamente, sentindo-a se mover a observou ficar deitada de lado enquanto segurava uma perna rente ao corpo. Os cabelos castanhos – molhados – estavam soltos espalhados na cama, ainda a analisando viu os lábios vermelhos entreabertos, os olhos cerrados e as bochechas vermelhas.

Sayuri era realmente uma mulher linda.

Segurando-a pela cintura a encarou nos olhos recebendo um olhar sedutor. Inclinando-se para

PERIGOSAS ACHERON

frente a segurou pelos cabelos a beijando.

— Você me deixa louco! — afirmou a puxando para ficar em pé. — Eu te amo tanto!

Gemendo sem o responder, Sayuri fechou os olhos segurando a perna com mais força.

Mordendo os lábios piscou fazendo que as lágrimas de puro prazer caíssem de seus olhos, amava se entregar totalmente para Benjamin. Amava-o e tinha certeza que ele sabia disso, o fitando viu a forma ágil que ele a penetrava. Levando os dedos até o clitóris começou a acariciá-lo sentindo que estava próxima de gozar mais uma vez e, Benjamin notando isso acelerou os movimentos sentindo também a própria libertação.

Encolhendo os dedos dos pés e franzindo o cenho sentiu o orgasmo a abater. Esticando o pescoço e gemendo, gozou. Arfando ainda sentiu as sensações do orgasmo e Benjamin se movendo, logo gozou.

Respirando descompassadamente sorriu de forma preguiçosa encarando Benjamin, o acarinhando no rosto viu o suor escorrendo pelo corpo másculo. Escorando os cotovelos na cama sentiu os cabelos grudarem na testa, pescoço e

PERIGOSAS ACHERON

costas.

— Estou dolorida – exclamou levando os dedos até a entrada a acariciando —, mas ainda quero mais.

Sorriu sentindo o esperma do namorado escorrer melando o colchão.

Sorrindo safado, Benjamin deitou por cima dela a beijando delicadamente. Ficando entre as pernas brancas sentiu Sayuri o abraçar a cintura com elas, a abraçando protetoramente sentou-se na cama – com Sayuri por cima – sem parar o beijo. Afastando-se minimamente Benjamin a encarou sorrindo, a acarinhando no rosto viu quando a mesma fechou os olhos apreciando o contato.

— Se eu começar novamente não vamos sair tão cedo daqui. – Riu fitando o sorriso que Sayuri deu. — O que me diz?

— Eu estou com fome – o respondeu fazendo-o franzir o cenho, mas logo sorrir. — Você comeu meu sanduíche e agora me tomou todas as energias.

— Quem foi que disse que mesmo dolorida ainda queria mais? – quis saber sem desviar os olhos do rosto risonho a frente.

— Estou com fome, Benjamin – retrucou fazendo um bico. — Eu quero bolo de chocolate, aposto que minha mãe fez um.

Anuindo ficou a observando sair do colo enquanto prendia o cabelo, com satisfação masculina viu o líquido esbranquiçado escorrer pelas pernas femininas.

— Vou tomar banho sozinha para não correr o risco da tentação me pegar. – Riu da própria fala. — Ainda vamos ver as casas?

— Vou marcar com o corretor um dia inteiro para isso – a respondeu recebendo um aceno. — Ainda temos outras coisas para fazer.

Acenando, Sayuri o mandou um beijo logo adentrando o banheiro. Olhando o relógio no celular viu que eram quase 10:00am.

Suspirando se encaminhou para o outro banheiro.

Após o relato da mais velha, Kilmer a observava sem demonstrar qualquer tipo de sentimento. Em tudo o que a mulher dissera, o loiro

PERIGOSAS ACHERON

se perguntava como ela achava normal que um menino de apenas nove anos enterrasse um passarinho – ainda vivo – só porque ele estava com a asa quebrada. Balançando a cabeça, fitou Sparks que tinha o semblante confuso, voltando a fitar a Ardena viu que ela estava triste.

— Quer dizer... – Arqueou a sobrancelha ao ouvir a voz dela. — Toda criança faz coisas assim, é normal – anuiu fitando os olhos claros do delegado. — Crianças quando estão soltas aprontam.

— Concordo em partes com a senhora – Kilmer falou —, mas discordo em achar que isso seja normal.

— Delega...

— O normal de uma criança ao achar um animalzinho ferido é leva-lo para casa – afirmou a encarando. — E não de enterra-la viva.

Ao falar isso percebeu que a idosa fechou os olhos deixando algumas lágrimas caírem. Sparks que observava tudo calada resolveu falar, antes que a mulher decidisse ir embora.

— Sra. Arran – a chamou fazendo-a fita-la. — Algumas crianças são mais especiais que outras,
PERIGOSAS ACHERON

requer um tipo de atenção para que elas não se machuquem. — Sorriu recebendo um aceno. — As vezes por recomendação médica usam um certo tipo de medicamento — continuou de modo profissional. — Herban fazia uso de algum medicamento?

— Herb usava — proferiu franzindo o cenho —, mas ele não gostava de tomar — lamentou fitando as mãos. — A mãe dele, Mikhel, fazia de tudo para ele tomar os remédios. — Balançou a cabeça. — Ela até conseguiu, mas depois morreu e Herb se mudou com o pai.

— Problemas de saúde — Kilmer falou lembrando-se que leu o laudo da morte da mulher.

— Não — negou deixando-o surpreso. — Na verdade, ela se matou. Tomou veneno, mas pedimos que isso não fosse revelado — disse olhando para os dois oficiais. — Pensamos em como Herb reagiria ao saber que a mãe se suicidou.

Encostando-se na cadeira o loiro encarou a mulher. Respirando fundo fitou os papéis a frente. Quanto mais ela falava, mais ele ficava confuso. Levando os dedos a barba lembrou-se do que a mais velha dissera no começo, Herban havia sido PERIGOSAS ACHERON

um garoto sem amigos e não conseguia se enturmar com ninguém. O que não era surpresa nenhuma.

— Mas quando isso aconteceu Herb não ficou abalado – retomou o assunto. — Disse que ela estava liberta. – Crispou os lábios. — Ele tinha apenas seis anos, mas já era esperto e bem centrado nas coisas – continuou sem perceber a troca de olhares dos loiros. — Teve um tempo que o pai dele me deixou tomar conta do Herb. – Sorriu lembrando-se. — Às vezes ele passava dias sumidos, mas eu percebi que ele precisava disso.

— Para onde ele ía? – o loiro questionou inclinado para frente.

— Eu moro em uma fazenda – respondeu recebendo um copo de água da loira. — Então tinha vários lugares para ele ir.

— E a senhora nunca foi a procura dele?

Kilmer franziu o cenho recebendo um aceno.

— Ele sabia voltar para casa – interpôs colocando o copo em cima da mesa. — Voltava sujo, mas voltava. – Olhando para o relógio de pulso viu que estava ficando tarde. — Eu já posso ir?

— Pode – afirmou vendo-a se levantar

PERIGOSAS ACHERON

segurando a bolsa. — Agradeço por ter vindo a nossa procura.

Levantou-se estendendo a mão sendo cumprimentado.

— Espero que meu Herb seja encontrado logo — falou triste. — Ele não é essa pessoa tão má, ele só vê o mundo diferente.

— Passar bem, Sra. Arran.

Acenando a viu sair da sala e antes que pudesse falar com a loira, o chefe de polícia do estado adentrou a sala. A feição do homem era a mais séria possível. Respirando fundo viu o mais velho acenar para a loira logo se encaminhando até ficar de frente a mesa.

— Delegado Kilmer. — Retirou o quepe encarando o loiro. — Espero que já tenha boas notícias sobre o caso do sequestro da estudante.

— E de um oficial — completou o loiro franzindo o cenho. — Estamos tendo progressos, senhor.

— Quais tipos? — questionou autoritariamente fitando Kilmer que o fitou da mesma forma.

— Senhor — Sparks se colocou ao lado do

PERIGOSAS ACHERON

loiro. — Estamos bem perto de encontrar o suspeito, estamos estudando alguns planos e em breve o senhor será informado – avisou recebendo um olhar sem emoções.

— Apenas uma semana – deixou claro apontando um dedo. — Se não conseguirem estarão fora desse caso e do departamento. E isso inclui você, Srta. Sparks.

Sem esperar uma resposta, o homem saiu fechando a porta com força.

Fitando Kilmer, o viu baixar a cabeça de forma derrotada. Suspirando alisou a testa para logo apertar o ombro do homem.

— Hey! Não deixe que isso o abale – pediu sorrindo. — Isso que a Sra. Arran falou será de grande ajuda.

— Eu sou uma vergonha – negou com a cabeça. — Eu...

— Não. – Apertou a mão masculina. — Não é! Nós temos vários casos com a gente. —Apontou para a mesa repleta de papéis. — Hoje é domingo, mas estamos aqui. Você está aqui! Você está se cobrando de mais, eu só vejo você fazendo isso.

— Isso porque a porra do mundo está me

PERIGOSAS ACHERON

cobrando uma solução – gritou a encarando engolir em seco. — Não é a você que olham acusadoramente! – Apontou recebendo um olhar atravessado. — Sabia que meu filho no colégio recebe piadinhas e comentários dos colegas de classe? Sem contar nas famílias que estão sofrendo. Então até que eu resolva isso, não me fale que estou me cobrando muito, esse é o meu dever!

Uma batida na porta chamou a atenção dos dois, de braços cruzados Sparks fitou o policial que abrira a porta segurar um homem algemado.

— Delegado – falou recebendo um aceno. — Detetive – cumprimentou a mulher. — Esse suspeito foi detido em flagrante esfaqueando uma ex namorada – avisou fitando o loiro suspirar e observar o homem algemado.

— Ela está com vida?

— Felizmente sim – afirmou ainda segurando o homem que observava a loira com um sorriso de lado. — Ela foi encaminhada para o hospital mais próximo, dois policiais foram com a ambulância.

Confirmando Kilmer viu o policial colocar o homem sentado a cadeira, juntando os papéis a sua frente voltou a fitar o homem. Não reclamaria, pois,

PERIGOSAS ACHERON

era seu serviço, mas isso o deixava frustrado. Naquele mês teve sete casos de feminicídio, o que era algo assustador. A cada vez mais as ondas de assassinatos e atentados contra mulheres cresciam no país e, parecia que a tendência era piorar.

Tomando uma postura mais séria começou a interrogar o homem.

Estacionando em frente à casa dos sogros, Benjamin fitou Sayuri lhe sorrir abertamente. Descendo do carro ajustou a camisa que usava, segundos depois sentiu um corpo o abraçar o braço. Inclinando-se um pouco beijou os lábios rosados, afastando-se a encarou apaixonado.

— Sabia que você está linda? — quis saber assistindo-a dar uma volta mostrando a calça jeans que usava junto com a blusa sem mangas, nos pés a sapatilha a deixava com um ar mais fofo. — Muito linda.

— Obrigada — agradeceu o abraçando pelo pescoço. — Você também está lindo — afirmou passando a mão na camisa social azul escuro que

PERIGOSAS ACHERON

ele usava. — Essa cor te deixa mais lindo.

— Bom saber. — Riu colocando as chaves do carro no bolso ainda a abraçando. — Não se esqueça que nossa reserva está marcada para as 8:00pm.

— Tudo bem.

Sorriu o beijando rapidamente, mas logo sentiu a necessidade de aprofundar o beijo.

Inclinando o rosto gemeu em puro deleite ao sentir a língua de Benjamin encostar a sua, pronta para o abraçar com mais ímpeto sentiu ser afastada. Franzindo o cenho encarou os lábios do namorado, notando-o passar a língua ali.

— Vamos nos comportar — pediu acarinhando o rosto feminino. — A noite faremos valer a pena.

Mesmo que a contragosto concordou começando a caminhar ao lado de Benjamin, ao subir na varando ouviu algumas risadas. Tocando a campainha sorriu quando a mãe lhe atendeu com um grande sorriso, observando atrás da mulher viu a outra priminha desenhar ao lado de Leslie.

— Rinko! — a chamou recebendo a atenção da pequena japonesa.

Adentrando a casa viu a pequena correr em sua direção e, agachando-se, a abraçou sentindo os pequenos bracinhos lhe apertarem. Fitando a mãe e a tia naquela sala procurou os pais da menor, franzindo o cenho voltou-se para Rinko que ainda a abraçava.

— Onde está seu *Otousan* e sua *Okaasan*?

— Japão! – respondeu com um pequeno sorriso fazendo com que os olhinhos se fechassem ainda mais. — Estou com a *Obasan*.

Apontou para Grace que sorria observando a pequena.

— E veio nos visitar? – quis saber recebendo um aceno tímido. — Fiquei feliz por te ver, *Rinkie* – a chamou pelo apelido carinhoso.

Sorrindo, a pequena relanceou para o lado notando o homem grande e negro cumprimentar as duas mulheres, um pouco assustada com a altura do mesmo abraçou mais forte Sayuri.

Notando isso a encarou para logo fitar Benjamin que sorria para a pequena.

— *Quem é ele?* – perguntou tentando não falar muito alto, mas não conseguindo.

— *Meu namorado* – proferiu igual a pequena.

PERIGOSAS ACHERON

— *Ele é bem grande!* — disse fitando rapidamente Benjamin, mas logo desviando. — *Ele é legal?*

— *É sim* — afirmou sorrindo observando Rinko olhar para o homem cautelosa. — Vou te apresentar — confidenciou ainda segurando-a no colo. — Benjamin — o chamou notando o pequeno sorriso que o homem tinha. — Quero que conheça minha outra priminha muito linda. — Beijou o rosto da menor fazendo-a sorrir. — Rinko.

— Oi, Rinko. — Sorriu estendendo a mão para a pequena que o olhou indecisa, mas logo o cumprimentou. — Tudo bem?

— Sim — confirmou em um perfeito inglês, o que a deixava fofa. — Quer ver o desenho que fiz? — perguntou o encarando.

— Quero — confirmou, olhando rapidamente para Sayuri a viu sorrir.

Colocando Rinko no chão a viu correr para junto de Leslie que encarava Sayuri com um pequeno bico.

— Oi, Leslie. — Sayuri sorriu observando a pequena. — Está desenhando também?

Antes de responder Leslie encarou a prima
PERIGOSAS ACHERON

que mostrava o desenho a Benjamin. Voltando para Sayuri apenas acenou. Grace que estava sentada perto da filha, apenas sorriu. Fazendo um sinal para Sayuri moveu os lábios dizendo “ciúme”. Entendendo tudo, Sayuri sorriu alisando o cabelo loiro da pequena.

— Sabia que eu também estava com muitas saudades de você? – confidenciou tendo a atenção da pequena para si. — Você estava com saudades de mim?

— Com muitas saudades, Tia *Yuli*! – afirmou recebendo um grande abraço apertado.

— Minha bebezinha – falou com o rosto colocado com o da pequena.

— Tia *Yuli*. – Afastou-a lembrando-se do que a mãe dissera. — É verdade que tem bebê na barriga?

Surpresa com a pequena, Sayuri fitou a mãe e a Tia. Grace a olhava com um grande sorriso e sem esperar a mulher saiu de onde estava a puxando para um abraço apertado.

— Sayuri, meu amor! Não posso acreditar que você está grávida – exclamou lhe segurando o rosto. — Eu fiquei tão feliz quando sua mãe me

PERIGOSAS ACHERON

contou! Meus parabéns! Esse bebê será tão amado.
— Separando-se do abraço se encaminhou até Benjamin que estava sentado desenhando com Rinko. — Parabéns.

— Obrigado!

— E o pré-natal? — a mais velha questionou recebendo um sorrisinho envergonhado. — Não me diga que ainda não começou?

— Eu vou começar essa semana.

— Vou marcar uma consulta com uma amiga minha lá do hospital — afirmou fazendo Sayuri sorrir. — Com a saúde do seu bebê não se pode brincar.

— Eu sei, tia. — Sorriu acenando. — Onde está a vovó, papai, Ian e Tio Bratt?

— Sua avó está lá em cima descansando — Yumi respondeu sentando-se no sofá com uma xícara em mãos. — Seu pai junto com Bratt foram comprar carne para o churrasco e seu irmão saiu, não me disse para onde.

— Ele terminou com aquela menina? — Grace perguntou cruzando as pernas.

— Terminou — Yumi afirmou rapidamente.
— E espero que ele não volte com ela. — Fitando a
PERIGOSAS ACHERON

filha a viu observá-la com um pequeno sorriso. — Não me olhe assim, sabe que só quero o bem de vocês.

— Eu sei — anuiu sentindo Leslie lhe cutucar em busca de atenção.

— Tia *Yuli*, como que tem bebê aqui? — Tocou na barriga da jovem com o cenho franzido. — Mamãe, como que pode ter bebê na barriga?

Sorrindo, Grace fitou Sayuri que mantinha as bochechas vermelhas.

— Sua tia pode responder essa — disse deixando a jovem mais envergonhada.

— Minha *Okaasan* disse que quando duas pessoas se amam tem bebês — Rinko disse chamando a atenção de todos para si. — *Otousan* falou que eu não vou poder ter bebês, só quando eu for bem grande de cabelo branco.

Negando com a cabeça Yumi sorriu fitando a pequena que enquanto falava desenhava.

— Como assim? — Leslie perguntou confusa.

— Que tal mudarmos de assunto? — Sayuri pediu ajoelhando-se no chão, pegando uma folha e um lápis. — Vamos brincar de quem desenha um lindo vestido de princesa?

— Sim! — as duas pequenas exclamaram pegando folhas e lápis coloridos.

Mais aliviada Sayuri encarou Benjamin que a fitava com um sorriso de lado.

Pegando o celular viu que eram 6:34pm.

Suspirando recomeçou a caminhar. No celular havia recebido duas ligações da mãe e uma do pai, havia saído para se encontrar com uns colegas da faculdade. Com as mãos nos bolsos ficou observando algumas pessoas conversarem enquanto caminhavam, olhando rapidamente para o céu viu algumas estrelas brilharem. Antes que pudesse dobrar na esquina, avistou Romee na outra calçada com algumas sacolas de compras. Desviando o olhar deu as costas a ela, mas algo o fez voltar a encará-la.

Parando, a viu colocar as sacolas no chão e balançar as mãos, ainda a observando viu quando ela olhou para trás e rapidamente pegou as sacolas voltando a andar. Curioso fitou para onde ela olhara e viu dois homens a seguir de longe, franzindo o

PERIGOSAS ACHERON

cenho atravessou a rua e andou rapidamente até ela.

— Romee! — a chamou fazendo-a derrubar uma sacola, correndo até ela pegou a sacola recebendo um olhar apreensivo. — Quer ajuda?

— Não — negou retirando com dificuldade a sacola da mão dele. — Estou legal.

Concordando, Ian fitou as mãos femininas com os nós dos dedos brancos. Olhando para trás viu que os dois homens pararem em uma sombra de um poste. Coçando a testa suspirou lançando um olhar para a jovem a sua frente.

— Vou te acompanhar até em casa — falou pegando as sacolas pesadas. — Elas estão pesadas.

— Eu posso muito bem levá-las — disse deixando-o surpreso. — Não precisa se preocupar, eu sei me virar.

— Eu sei que você pode — retrucou franzindo o cenho começando a caminhar sabendo que ela lhe acompanhava —, mas o que custa eu ajudar?

— Não quero o atrapalhar — respondeu recebendo um olhar rápido. — Você deve ter outras coisas para fazer.

— Você costuma fazer compras a noite? — ignorou a fala da outra.

Colocando uma mecha atrás da orelha Romee o fitou para logo observar o caminho que seguiam.

— Hoje eu trabalhei pela manhã e tarde — anunciou enfiando as mãos no casaco velho. — Então eu pedi para folgar agora.

— E a sua mãe? — quis saber a fitando. — Como ela está? Faz um tempo que não a vejo por aí.

Crispando os lábios, Romee o observou a espera da resposta.

Era estranho estar tão perto de Ian e ele falante como estava, balançando a cabeça voltou a si. Não se iludiria com isso, mas seu lado boba apaixonada a fazia pensar várias coisas.

— Ela está bem — expôs não querendo falar que a mãe se submetia a várias horas de quimioterapia para tentar contornar o câncer, caso não funcionasse a mãe teria que se submeter a cirurgia —, mas não pode mais trabalhar.

— Então você trabalha — completou recebendo um aceno. — Você estudava na Universidade, qual era o curso?

— História — expôs dando graças a Deus por já estar chegando em casa. — Não tinha como eu

PERIGOSAS ACHERON

estudar e trabalhar ao mesmo tempo – explicou sendo observada. — Quer dizer poder eu até poderia – disse e deu um pequeno sorriso —, mas o que eu recebia não era lá essas coisas e minha mãe precisava de medicamentos que eu não poderia pagar com apenas um emprego.

— Medicamentos? Sua mãe estava doente?

Mordendo os lábios a jovem desviou o olhar.

— Você deve estar acabando o curso – comentou evitando o responder. — Seus pais devem estar bem orgulhosos.

— É. – Sorriu levando a mão com as sacolas ao rosto. — Dona Yumi está bem feliz, minha *One-chan* já terminou – avisou olhando o lindo sorriso que recebera, encantado ainda a observou mais uma vez antes de desviar o olhar. — Em breve será a formatura.

— Sua irmã é bem legal – afirmou abrindo o pequeno portãozinho branco dando espaço para Ian passar. — Sua mãe também é um amor de pessoa.

— É. – Sorriu afirmando. — Ela gosta muito de você – informou-a observando o olhar surpreso que lhe foi endereçado. — É que você é bem legal e tem esse jeito educado.

Parou ao notar o que tinha dito.

Antes que Romee pudesse falar alguma coisa a porta da frente foi aberta.

Voltando-se para a porta, Ian fitou uma mulher com aparência frágil o encarar com curiosidade, segurando com mais força as sacolas viu o pano colorido que a mais velha mantinha na cabeça.

— Romee? — a voz baixa chegou aos ouvidos dos dois.

Rapidamente, Romee andou até a mulher, caminhando com as sacolas Ian parou em frente a varanda.

— Mãe, o que a senhora faz fora da cama? — bronqueou alisando o rosto da mulher. — Precisa descansar.

— O tanto que eu já descansei? — perguntou com um pequeno sorriso, voltando-se para o jovem que segurava as sacolas sorriu. — E você, quem é?

— Sou Ian. — Aproximou-se segurando as sacolas com apenas uma mão. — Prazer em conhecê-la, senhora...?

— Me chame de Winona — pediu cumprimentando a mão que lhe era estendida. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essas compras são nossas?

— São. — Romee tentou pegar as sacolas. — Obrigada, Ian.

— Elas estão pesadas. — Voltou a falar indicando o lado de dentro. — Eu posso colocar lá dentro?

— Não.

— Pode — Winona permitiu logo olhando a filha suspirar. — Coloque em cima da mesa, por favor, filho.

Acenando, Ian adentrou a casa ouvindo as duas mulheres cochicharem entre si, voltando-se para Romee a viu negar enquanto a mulher sorria.

— Pronto. — Alisou as mãos na calça jeans. — Eu vou indo.

— Não quer ficar para o jantar? — a mulher perguntou deixando a jovem assustada. — A comida é simples. — Sorriu observando o sorriso descontraído do jovem. — Mas é deliciosa — afirmou fitando a filha que estava acanhada. — Romee sabe cozinhar como ninguém.

— Mãe, o Ian tem que voltar para casa — inquiriu a segurando pelo braço. — E a senhora tem que descansar, ou esqueceu?

PERIGOSAS ACHERON

Suspirando deu um pequeno sorriso para a filha, voltando a olhar Ian o viu encarar Romee antes de fitar os pés.

— Quem sabe um outro dia — Ian respondeu acenando para Romee. — Até, Sra. Winona. — Sorriu recebendo um sorriso. — Romee.

Dando as costas, ouviu as mulheres falarem baixo. Fechando o pequeno portãozinho rumou para casa. Estava mais aliviado, pois, sabia que Romee estava em segurança. Ficara curioso, Winona parecia estar passando por algum tratamento, mas Romee não queria falar o que estava acontecendo. Então respeitaria isso, passando as mãos nos cabelos retomou a caminhada para casa. Olhando uma última vez para trás viu a casa da jovem, era pequena, mas parecia confortável.

Parando de pensar nisso voltou a caminhar para casa.

Sentado no sofá, Benjamin ria ouvindo as duas crianças conversarem entre si, sentindo uma

PERIGOSAS ACHERON

mão lhe acariciar a nuca fitou Sayuri lhe oferecer um copo de água enquanto se sentava no braço do sofá. Voltando a prestar atenção nas crianças viu a porta da frente sendo aberta e por ela Ian passar com um pequeno sorriso.

— Boa noite — saudou passando pelo pai o cumprimentando com uma tapinha nos ombros. — Benjamin e aí? — Apertou a mão do homem. — Tio. — Acenou para Bratt que o acenou. — E vocês, duas princesinhas.

Correu abraçando as duas pequenas recebendo gritos infantis.

— Tio Ian, ai! — Leslie riu sentindo o cabelo ser bagunçado. — Olha, tio, eu que fiz.

Parando de fazer cócegas em Rinko que ria, Ian pegou o desenho o encarando.

— Esse desenho lindo. — Franziu o cenho relanceando para a pequena loirinha. — Foi você que desenhou?

— Foi, tio! — afirmou com os olhinhos assustados. — Foi eu sozinha que desenhou, né papai? — pediu ajuda ao mais velho que confirmou sorrindo.

— Ele está muito lindo! — disse recebendo PERIGOSAS ACHERON

um sorriso da menor. — Olhe esse da Rinkie. — Pegou anuindo com a cabeça. — São realmente lindos.

— Eu sei, Tio — Rinko avisou recebendo risos dos adultos. — Minha *Okaa-san* disse que puxei a ela.

— E até na humildade. — Yumi riu adentrando a sala. — Chegou — murmurou olhando-o. — Você está bem? — quis saber observando o filho atentamente.

— Sim — afirmou acenando para a Tia que lhe sorriu. — Vou lá em cima tomar banho.

— E nós já vamos — Sayuri falou levantando-se pegando o copo d'água de Benjamin. — Temos uma reserva.

Sorriu para a mãe que se aproximou pegando o copo.

— Uma reserva — repetiu Yumi com um pequeno sorriso fitando o genro. — Que chique.

— Sua filha merece — respondeu abraçando Sayuri pela cintura. — O almoço estava uma delícia como sempre — elogiou recebendo um grande sorriso da mulher.

— Obrigada — agradeceu logo fitando a filha.

PERIGOSAS ACHERON

— E você, cuide-se – mandou a puxando para um abraço.

— Tudo bem, mãe. – Sorriu sentindo-se protegida entre os braços da mãe. — Eu te amo.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas Yumi sentiu um aperto no peito, como se sentisse que algo não estava certo. Afastando-se da filha viu o momento exato que a mesma a fitou confusa, acarinhando o rosto confuso deixou que algumas lágrimas caíssem.

— Mãe? – murmurou preocupada. — O que foi?

Negando com a cabeça observou o marido sair de onde estava para a abraçar.

— O que foi meu amor? – quis saber secando as lágrimas da esposa. — Sente alguma dor?

— Não – negou dando um pequeno sorriso. — É só... – Parou olhando a filha e o filho que se aproximava com o cenho franzido. — Foi um pressentimento, não precisa se preocupar.

Afirmando Sayuri relanceou para o namorado que observava a sogra.

— Eu vou me despedir da vovó – responde recebendo um aceno. — Eu volto logo – falou para

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin que concordou.

Andando até a escada olhou uma última vez para a mãe que a observava sem piscar.

Suspirando se encaminhou para o quarto onde a mais velha estava deitada.

Batendo levemente na porta ouviu a autorização para entrar. Sorrindo viu a mulher sentada enquanto lia um livro.

— Vim me despedir — avisou fitando-a baixar o livro. — Vou sair com Benjamin.

— Ele é um bom homem. — Sorriu sendo respondida com um acenar e um sorriso. — Já disse que fico feliz por vocês?

— Já. — Sentou-se ao lado da avó. — E a senhora está se sentindo bem?

— Estou — afirmou tocando o cabelo castanho da neta. — Eu vou já descer. — Deu de ombros olhando a capa do livro. — Vou só terminar esse capítulo.

— Tudo bem. — Beijou-a na bochecha. — Depois eu apareço.

Fitando os olhos castanhos da mais jovem, Kiyome sentiu um breve arrepio. Relanceando para a janela viu que a mesma estava trancada,
PERIGOSAS ACHERON

respirando fundo voltou a atenção para Sayuri que a encarava curiosa.

— Faça isso. — Pegou nas mãos da neta com firmeza. — E você tome cuidado — pediu deixando Sayuri nervosa. — Preste bem atenção no que você faz e ao seu redor.

— Por que? — questionou começando a ficar com medo.

— São só precauções — murmurou com um pequeno sorriso tentando disfarçar. — Você tem seu bebê aqui. — Alisou o ventre feminino. — Agora vá e me deixe finalizar o livro.

Acenando Sayuri recebeu um beijo na testa, voltando para a idosa de um pequeno sorriso.

— Achei que era só o capítulo. — Alisando o pescoço se encaminhou para a saída. — Tchau! Eu amo a senhora.

— Eu também, amor.

Fechando a porta ficou um minuto encostada nela, a reação da mãe e da avó não saía de sua mente. E isso a deixava angustiada, fazendo um coque no cabelo rumou para as escadas. No topo dela viu Benjamin conversar sorridente com o pai, sorrindo viu quando o mesmo a encarou com um

PERIGOSAS ACHERON

lindo sorriso.

— Já podemos ir.

Descendo as escadas mordeu os lábios quando Benjamin se aproximou.

Segurando a mão do namorado se encaminhou para a saída, mas antes se despediu das pequenas, do Tio e do pai.

— Tchau, princesa. — Abraçou-a logo lhe depositando um beijo na testa. — Mamãe está lá em cima com Grace, não se preocupe. Sabe que sua mãe sempre foi sentimental – disse recebendo um aceno. — Isso para não dizer chorona. — Riu fazendo a filha sorrir. — Se cuida! — Virando-se para Benjamin estendeu a mão. — E você cuide bem da minha filha.

— Claro, senhor.

Ao se despedirem, saíram da casa, mesmo um pouco preocupada Sayuri estava ansiosa para mostrar a fantasia que havia comprado. Era primeira vez que fazia algo assim e, se Benjamin gostasse ela faria surpresas assim sempre.

Adentrando o carro sorriu para o namorado, que arqueando uma sobrancelha ligou o carro saindo rapidamente dali.

Dentro do apartamento Benjamin esperava pacientemente Sayuri sair do quarto, olhando rapidamente o relógio viu que faltavam menos de duas horas para chegarem ao restaurante. Ficando em pé fitou a tevê que passava um filme qualquer, suspirando observou o corredor.

— Sayuri! – a chamou impaciente, mas logo sorriu ao nota-la se aproximar enquanto colocava o brinco. — *Uau!*

Sorrindo deu uma voltinha deixando-o ver como o vestido ficara marcado no corpo. O vestido era um pouco curto da cor vermelha, os saltos da cor preta a deixava mais sensual aos olhos de Benjamin, usava uma maquiagem para noite e nos lábios um batom vermelho.

— Você está uma tentação. – Puxou-a para perto tentando beijá-la, mas sendo interrompido. — O que?

— Não vai borrar meu botam até voltarmos. – Deixou claro fitando os olhos incrédulos do namorado. — Não faz essa expressão.

PERIGOSAS ACHERON

— Só um beijo? — propôs levantando o dedo indicador.

Arqueando uma sobrancelha, Sayuri o beijou rapidamente, apenas um colar de lábios.

— Vamos que eu estou com fome. — Dando as costas ao homem sentiu o traseiro arder pelo tapa que levava. — Benjamin! — gemeu levando a mão ao traseiro o alisando.

— O que? — Sorriu fazendo-se de desentendido. — Vamos indo.

Abrindo a porta deixou que ela passasse e, descendo os olhos pelas pernas bonitas, suspirou em deleite ao imaginar Sayuri o abraçando com as mesmas. Mordendo os lábios trancou a porta a acompanhando até o elevador, ao chegar no térreo cumprimentou Evans o porteiro.

Encostando-se no balcão Evans encarou o casal adentrar o carro e rapidamente sair dali. Nos últimos dias ficara observando a rotina da jovem, a pedido do delegado, sempre passava um pequeno relatório ao homem. Na rua não via nenhuma movimentação estranha e isso o deixava alerta. Levando a mão para baixo do balcão tocou na arma que tinha. Só usaria caso fosse necessário.

Levando a taça aos lábios degustou o vinho branco e, sorrindo, encarou Sayuri que o observava com um pequeno sorriso nos lábios vermelhos. Partiu o pedaço de filé e levou aos lábios. Fechando os olhos sentiu a carne macia e saborosa. Voltando a abri-los fitou Benjamin que a encarava fascinado, balançando a cabeça pegou o guardanapo limpando os lábios.

— Por que está me encarando assim?

— Você é bem bonitinha comendo – avisou deixando-a envergonhada. — Olhe só ficou vermelhinha.

Riu bebendo mais um pouco de vinho.

— Você é um bobo. – Revirou os olhos. — Estou adorando nossa noite.

— Eu também – afirmou segurando-a pela mão. — Mal posso esperar para chegarmos em casa e você me mostrar sua fantasia.

— Falta apenas a nossa sobremesa. — Apontou tomando um pouco de água. — E eu vou querer pudim de chocolate.

PERIGOSAS ACHERON

Acenando, Benjamin lhe sorriu para logo fazer sinal para o garçom, encostando-se na cadeira Sayuri observou o lugar. Ficando levemente assustada, viu Caine sentado ao fundo com uma mulher loira. Tensa desviou o olhar rezando para que o loiro não a visse, voltando a atenção para Benjamin o viu sorrir falando alguma coisa. Cenas do shopping em que foi abordada por Margot e Caine apareceram em sua mente e, o fato de não ter dito a Benjamin sobre o encontro a deixou com a consciência pesada.

Mordendo rapidamente os lábios suspirou, talvez se dissesse agora nada aconteceria.

— Benjamin — o chamou fazendo-o parar de falar. — Bem, eu preciso falar algo — anunciou recebendo a atenção para si. — Eu não disse antes porque não achei que fosse necessário.

— Diga — proferiu sério vendo-a engolir em seco. — O que aconteceu?

— Bem... — Parou segurando a taça. — No dia em que saí com a Taylor eu vi a Margot e o Caine.

— Caine? — repetiu incrédulo. — Esse cara está solto? — perguntou mais para si, porém logo

PERIGOSAS ACHERON

fitou Sayuri. — E por que você me disse agora e não antes?

— Eu... — Parou lançando um rápido olhar para saber se o loiro ainda estava no mesmo lugar. — Benjamin...

Virando-se para onde Sayuri tinha olhado, ele viu o loiro um pouco distante. Respirando fundo voltou-se para Sayuri que estava com o olhar tenso. Negando com a cabeça chamou o garçom, assustada Sayuri fitou o namorado pagar o que havia consumido e rapidamente ficar de pé.

— Vamos embora daqui.

Nervosa, Sayuri o viu sair sem falar mais nada, mais que depressa o acompanhou. Ao chegar no lado de fora o viu esperar o carro, parando ao lado dele tentou o tocar.

— Não — a repeliu sério. — Em casa conversamos.

Sentindo os olhos se encherem de lágrimas se xingou por ser tão estúpida. Abraçando-se viu o carro do homem ser estacionado em frente, sem falar nada Benjamin pegou as chaves e tomou o lugar de motorista.

— Benjamin, não aconteceu nada demais —
PERIGOSAS ACHERON

falou recebendo o silêncio. — Eu estava saindo com a Taylor e esbarrei sem querer no Caine. Eles falaram umas coisas, mas não aconteceu nada demais — repetiu nervosa tendo o silêncio como resposta. — Benjamin eu...

— O que me deixa *puto* é que você sabe que eu odeio isso — comentou com a mandíbula travada —, mas mesmo assim insiste em continuar fazendo.

— Ben...

— Não! — a cortou nervoso. — Eu não quero ouvir.

Concordando Sayuri apenas se abraçou, lamentando por ter estragado a noite que tinha tudo para ser boa. Quando finalmente chegaram no prédio, Benjamin estacionou esperando que Sayuri descesse. Ao entrarem no hall do lugar fitou o porteiro que acenou minimamente com a cabeça, dando um pequeno sorriso Sayuri acompanhou Benjamin em silêncio.

Já dentro do apartamento sentou-se no sofá retirando os saltos, puxando as pernas para cima do sofá esperou que o homem dissesse alguma coisa. Benjamin estava de costa com as mãos no quadril, suspirando retirou a jaqueta a jogando de qualquer

PERIGOSAS ACHERON

jeito na mesinha de centro.

— O fato de você ter se colocado em perigo — começou a falar. — Me deixa bravo e decepcionado — anuiu virando-se para ela. — Bravo, porque esse cara está por aí e decepcionado porque você omitiu isso e, me atrevo a dizer que se tivesse acontecido algo mais grave você não me diria — aproximando-se dela viu as lágrimas caírem dos olhos castanhos. — Você diria?

— Ben...

— Não perguntei o meu nome — expôs sério. — Eu perguntei se você me diria. — Notando-a com o cenho franzido ele riu sem humor. — É inacreditável — disse negando com a cabeça. — Eu vou dormir no outro quarto, vou deixar que durma sozinha e pense nisso.

— Benjamin — o chamou ficando em pé. — Por favor...

— Amanhã — respondeu esfregando os olhos. — Não estou com cabeça para isso.

Abraçando-se, viu o homem que amava andar pelo corredor e trancar a porta do outro quarto. Trancando a porta da frente e pegando os saltos, encaminhou-se para o próprio quarto deixando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porta encostada.

Sem forças para mais nada, apenas se jogou do jeito que estava na cama deixando que as lágrimas caíssem livremente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Assim que a porta foi aberta, Sayuri se sentou fitando Benjamin adentrar o quarto com uma toalha na cintura. Sabia que ele estava chateado, mas esperava que ele entendesse o lado dela. Atenta o viu pegar o desodorante o usando, para logo buscar na gaveta uma cueca.

— Benjamin – o chamou ficando de joelhos na cama. — Vamos conversar? Nós...

— Quando eu voltar. — Interrompeu-a pegando uma calça. — Não quero...

— Não! – negou saindo da cama. — Vamos conversar agora.

Cruzando os braços, Benjamin franziu o cenho a encarando.

— Eu sei que você está chateado – afirmou nervosa —, mas você está fazendo tudo isso uma tempestade.

— Eu estou? – inquiriu aproximando-se dela ficando frente a frente. — Por acaso foi eu que omiti algo aqui? Essa não é a primeira vez que você faz isso, Sayuri.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei! — exclamou nervosa deixando algumas lágrimas caírem. — Eu sei que eu deveria ter dito antes — murmurou gesticulando —, mas você não vê que eu não fiz isso por medo de você ficar com essa reação que está agora?

Bufando, Benjamin lhe deu as costas voltando a se arrumar.

— Nada justifica — falou de costas. — Você deveria ter dito por livre e espontânea vontade. — Pegando uma calça voltou-se para a namorada. — Ontem você só falou por puro medo dele vir e eu descobrir por ele — acusou vestindo-se rapidamente.

— Meu Deus! Eu devo ser a pior namorada mesmo — chorou sentando-se na cama. — Quando penso que estou fazendo algo bom, você vem e me mostra que não. — Levando as mãos aos olhos viu a tinta preta borrada. — E eu devo estar horrível. — Suspirou cansada. — Me desculpe, eu só não queria criar algo chato entre a gente. Estávamos bem e, eu estraguei.

Pegando uma camisa Benjamin a fitou, queria ir até ela e a abraçar, mas precisava dar um certo gelo para que ela entendesse o que ele estava sentindo. Se sentia mal com isso, mas tinha que ser

PERIGOSAS ACHERON

feito.

— Se você precisar de algo pode ligar – disse vestindo a camisa.

— Para onde você vai? – quis saber o observando pegar o perfume o passando.

— Talvez eu venha para o almoço – proferiu a ignorando. — Qualquer coisa eu aviso.

— Benjamin! – o chamou quando ele saiu sem falar mais nada.

Suspirando, caminhou até o banheiro trancando a porta, estava se sentindo péssima. A noite tinha demorado a pegar no sono, sempre na madrugada acordava e fitava o lugar de Benjamin. Parado do lado de fora Benjamin começava a se sentir mal pela forma como saiu, balançando a cabeça foi até o outro quarto. Ao entrar no recinto calçou os coturnos, após isso buscou o relógio em cima do criado mudo. Não querendo perder mais tempo pegou as chaves do carro, carteira e celular, olhando o horário viu que eram 8:30am. Tinha uma pequena reunião com Dustin e um conhecido que estava querendo entrar na sociedade. Tentaria se concentrar no que tinha que ser feito na volta conversaria com Sayuri e colocaria tudo em panos

PERIGOSAS ACHERON

limpos.

Sabia que poderia estar sendo incompreensível, mas não daria o braço a torcer agora. Ele esperaria um pouco, parando fitou a porta do quarto principal aberta. Dando um passo a frente sentiu o celular vibrar logo começando a tocar, o pegando viu que era Dustin o ligando.

Encaminhando-se para fora atendeu a ligação.

— *Já está vindo?* – a voz do loiro fora ouvida.

Abrindo a porta do apartamento deu uma última olhada para o corredor, negando saiu trancando o lugar.

— Estou a caminho – respondeu encerrando a ligação.

Já no térreo cumprimentou o porteiro que lhe sorriu simpático, pegando as chaves sentou-se no lugar do motorista saindo dali.

Com a caneca de café em mãos, Kilmer observava a movimentação do lado de fora da
PERIGOSAS ACHERON

janela. A conversa que teve com a tia do suspeito, o fez perceber que o senso de certo e errado era totalmente diferente de outras pessoas.

Bebendo um pouco do café voltou-se para a loira que sentada observava a tela do notebook.

— Não dá para entender — a loira expôs frustrada. — Ele sumiu e nenhuma câmera filmou ele saindo da cidade. — Bufou encostando-se na cadeira. — Nem nos aeroportos, rodoviárias, no metrô. — Suspirando o loiro lhe deu as costas fitando o mapa da cidade que tinha grudado a parede. — Não tem vestígios, nem mesmo em alguns lugares isolados na floresta como achamos que teria.

— Ele é esperto — disse olhando o mapa.

— Ele é um rato, isso sim — xingou fazendo um coque no cabelo. — Um rato imundo que se esconde em buracos que nem imaginamos quais.

Franzindo o cenho Kilmer fitou o papel azul no quadro a sua frente, tinha mesmo procurado em todos os lugares possíveis e não tido êxito. Esfregando os olhos voltou a encarar o mapa e, como se só percebesse agora fitou as tubulações de esgoto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acredito – murmurou chamando a atenção da loira. — Não pode ser – negou levando os dedos ao desenho onde mostrava as entradas para o esgoto no subsolo. — Eu sou um idiota.

— O que? – Sparks o questionou confusa.

— Nem tudo foi checado. – Voltou para a loira enquanto apontava para o mapa. — Os esgotos! – exclamou notando-a ficar levemente assustada, mas logo sorrir

Pegando o telefone discou rapidamente um número e segundos depois um policial apareceu na porta.

— Eu quero duas equipes agora! – Bateu na mesa com um pequeno sorriso. — Temos um rato para pegar.

Ouvia atentamente o que o homem lhe dizia e, só o que aparecia em sua mente era matar. Não tinham outra escolha, não entendia como mesmo depois de tudo Brick lhe sugeria algo que não fosse matar Herban. Não daria certo esse plano que ele tinha, o mais sensato era matar o ruivo. Olhando a

PERIGOSAS ACHERON

porta de madeira fitou os parafusos enferrujados, então era isso o que ele fazia quando ela estava deitada. Achava que o homem tinha enlouquecido, mas ele só estava folgando os parafusos. Voltando a fitá-lo viu que ele esperava uma resposta, engolindo em seco – sentindo a garganta doer – negou com a cabeça.

— Não vai dar certo – afirmou voltando a se deitar. — Temos que mata-lo! Só assim vamos conseguir sair sem perigo.

— Se tentarmos a força física contra ele pode ser que algo dê errado – falou em voz baixa. — Se sairmos na surdina – continuou trêmulo. — Temos uma chance.

— Que tipo de policial é você? – quis saber sentando-se fazendo Brick encará-la mudo. — Um covarde?

Engolindo em seco o jovem a encarou antes de encostar-se a parede.

— Não – negou sem olhá-la. — Eu só não quero que você se machuque mais – anunciou deixando-a surpresa. — Por isso sugeri isso – continuou olhando as mãos sujas. — Na verdade, tudo o que faço é pensando se você vai ficar bem.

Sentindo-se tocada com a fala do homem desviou o olhar e, antes que pudesse fazer algo a porta fora aberta e dela Herban adentrou encarando a loira diretamente. Encolhendo-se viu quando o ruivo avançou segurando uma faca média, gritando viu com horror Brick de forma ágil se colocar na frente segurando a mão do ruivo.

— Brick! — gritou.

— Eu vou matar vocês — avisou fazendo força com a mão. — E depois, ela será a próxima — ameaçou sorrindo. — E quando o sangue de vocês estiver fora dos seus corpos, eu vou estar em outro lugar. — Sorriu forçando a faca — Libertando outra corrompida — afirmou virando-se para a loira, logo voltando ao que fazia. — E você sabe de quem eu estou falando — proferiu adorando o olhar assustado que lhe foi endereçado.

Assustada, Vivieny franziu o cenho pensando em quem ele estaria falando. Relanceando para porta viu uma fresta dela, por um momento pensou em fugir, mas o medo a tomou conta quando imaginou o que o ruivo faria com o policial. Voltando-se para os dois engalfinhados viu quando as mãos de Brick começaram a sangrar, sem pensar

PERIGOSAS ACHERON

se jogou no ruivo o mordendo no braço com todas as forças.

Herban gritou empurrando Brick, com a faca a golpeou no rosto fitando-a cair no chão com uma parte do rosto sangrando. Virando-se para Brick o golpeou na barriga arrancando um grito de dor do jovem. No chão Vivieny sentia a visão embaçada por algo vermelho. Com as mãos amarradas atrás de si sentia dificuldade para ficar sentada ereta.

Sentia-se um pouco tonta, o barulho da porta sendo fechada com força a fez pular.

Olhando para Brick o viu apertar as mãos ensanguentadas na barriga, tentando se movimentar sentiu quando a escuridão lhe tomou.

Apertando as mãos no corte que levara na barriga, Brick fitou Vivieny caída com sangue aparente em seu rosto. Tentando focar no que precisava fazer com dificuldades ficou de pé, mas logo foi ao chão. Resfolegando foi de joelhos até a loira. Tocando-a no rosto viu que tinha um corte no supercílio. Levando os dedos a artéria carótida viu que ela ainda tinha pulsação, ficando em pé retirou as cordas dos pulsos com os dentes. Franzindo o cenho pressionou as mãos na barriga sentindo-se

PERIGOSAS ACHERON

suar frio, não fraquejaria.

Se morreria, iria primeiro dar uma chance para Vivieny.

Com sacrifício pegou o prego dentro do sapato e tomando uma respiração foi até as dobradiças que não tinham sido manipuladas. Retirando a camisa a colocou pressionada na ferida da barriga e, com o cinto o amarrou fixando a camisa no lugar.

Ao conseguir tirar o parafuso da porta resolver forçá-la, grunhindo viu quando duas dobradiças se romperam. Uma pontada na barriga o fez recuar, abaixando-se fitou a camisa melar mais de sangue. Com medo do ruivo retornar, segurou na porta a forçando mais uma vez e gritando colocou toda as forças nas mãos.

Quando as outras dobradiças se romperam pôde ver um pedaço do lado de fora, respirando em alívio viu a porta ficar pendurada mostrando o esgoto à frente. Segurando a camisa na barriga voltou-se para a loira, abaixando-se a chacoalhou.

— Vivi... — Parou gemendo de dor. — Vivieny...

Ainda a chacoalhando viu quando a loira

PERIGOSAS ACHERON

franziu o cenho, levando as mãos até as costas da jovem desamarrou as cordas. Jogando-se no chão gemeu com dor, engolindo em seco sentiu uma mão delicada em seu rosto.

— Brick — murmurou observando a camisa de sangue na barriga do homem. — Meu Deus! B-Brick!

— Vá — mandou a olhando. — No final... — Parou respirando com dificuldade. — Do túnel, esquerda e esquerda de novo.

— Não — negou forçando a camisa do homem. — N-Não vou te deixar.

— Vá! — gritou sério colocando o prego nas mãos da loira. — Busque ajuda... Eu não consigo.

Trêmula, Vivieny fitou o homem deitado e anuindo olhou para fora.

— Não morra! — pediu recebendo um sorriso. — Eu volto por você!

— Cuidado!

Fitou-a nos olhos tendo um aceno como resposta.

Crispando os lábios a viu sair cautelosa pela porta e sumir de suas vistas. Fechando os olhos rezou para Vivieny conseguir se salvar, pois ele

PERIGOSAS ACHERON

tinha dúvidas de que conseguiria isso.

Com a arma em punho e colete Kilmer fitava dois policiais puxarem a tampa de ferro do chão. Fitando rapidamente a loira a viu em posição defensiva, com a passagem aberta o loiro foi o primeiro a descer. Tinha dividido as equipes de dois em dois, para que pudesse cobrir boa parte da área abaixo de si. Descendo as escadas olhou ao redor notando o córrego atrás de si, tocando o chão fez sinal para que a loira descesse.

Empunhando a arma começou a andar, ouvindo os passos dos companheiros atrás de si. No departamento haviam estudado uma planta do esgoto, visto entradas e locais onde antigamente os trabalhadores guardavam suas coisas e cada um foi designado a um local. Se chutava por ter sido tão relapso em relação a isso e, rezava para que Brick e a estudante estivessem com vida.

Virando-se acenou para os policiais que concordaram e se espalharam.

— Calma, amigão, eu vou te encontrar.

Corria e, quanto mais corria menos sentia as pernas. Confusa, encarou o local onde estava. Brick mandou ela escolher a esquerda, mas não havia saída na esquerda. Parando, escorou-se na parede sentindo a respiração falhar, passando o braço no supercílio sentiu mais sangue sair do local. Respirando fundo fitou o caminho que havia feito, tinha que ser rápida, Brick estava ferido.

Voltando a correr viu uma tábua que levava ao outro lado da pequena calçada, trêmula decidiu atravessar para procurar uma saída pelo outro lado. Barulhos de passos a fez prender a respiração e rapidamente procurar um lugar para se esconder. Ficando sem reação viu a sombra de alguém sumir no outro corredor.

Franzindo o cenho ouviu ao longe barulhos de buzinas, com o coração bombeando rápido seguiu o som. Adentrando um outro caminho viu ao longe uma escada de ferro na parede, sem acreditar correu até ela. Ao subir ficou agarrada no ferro, levando as mãos ao bueiro que tinha na parede viu

PERIGOSAS ACHERON

vários pés de todos os tipos andarem apressadamente.

— Socorro! – gritou deixando algumas lágrimas caírem. — Alguém me ajude!

Tentando subir mais um pouco sentiu quando o pé escorregou, fazendo-a se desequilibrar e enganchar a perna entre os ferros. O grito foi inevitável. Tremendo e chorando tentou puxar a perna sentindo bastante dor. Fechando os olhos ouviu quando passos foram ao seu encontro, com medo fitou de lado notando um homem loiro com colete da polícia ao lado de uma mulher que também usava colete.

— Hey! Tudo bem! Você está salva! – afirmou guardando a arma. — Eu vou te tirar daí.

— Minha perna – choramingou observando a loira fazer a guarda dos dois. — Brick... Não! – gritou ao sentir as mãos do homem em seu corpo. — Não me toca!

— Calma! – pediu próximo a ela. — Eu só vou te tirar.

— Onde está o Brick? – a loira a perguntou cautelosamente.

Ao ser colocada no chão gemeu de dor

PERIGOSAS ACHERON

olhando a perna torcida, voltando a atenção para o homem o viu falar com alguém em um *walkie talkie*.

— Ele está lá. — Apontou para o caminho que tinha vindo. — Temos que voltar — afirmou abraçando-se. — Brick... Ele está ferido... Pode morrer — gaguejou olhando a policial loira.

— O suspeito ainda está aqui? — Sparks questionou agachando-se ao lado da jovem.

— Não — chorou aliviada. — Ele tentou nos matar... Ele... — Parou um pouco confusa. — Disse algo sobre outra corrompida... Eu... A minha mãe onde está?

— O reforço está vindo — disse pegando a arma novamente. — Pode me dizer o caminho até o Brick?

Sentia os olhos pesados, não conseguia se mover. Não sabia se por não ter forças ou por já estar perto de morrer. Tentando manter os olhos firmes lembrou-se do grito que escutara de Vivieny, não saber o que tinha acontecido o

PERIGOSAS ACHERON

deixava mais nervoso. Alarmando-se ouviu passos e, quando alguém parou suspirando, Brick fechou os olhos deixando as mãos ao lado do corpo.

— Se v-vai me matar... — Parou engolindo em seco. — Que faça logo.

— Quando você estiver recuperado, eu faço isso — a voz do loiro se fez presente. — Brick!

Abrindo os olhos rapidamente avistou o mais velho aproximar-se de si avaliando o corte que tinha na barriga.

— C-Chefe! — Sorriu o olhando. — E-Eu descobri quem era o criminoso — falou observando o homem falar no *walkie talkie*. — Eu i-iria ligar, mas não deu.

— Você perdeu muito sangue — proferiu pressionando o corte do jovem fazendo-o gemer. — Vivieny já está segura! Você pode caminhar?

— Eu não sinto da minha cintura para baixo. — Riu logo fitando outros policiais aparecerem, rapidamente lembrou-se do criminoso. — S-Senhor! Herban, ele...

— Não está mais aqui — completou rápido. — Peguem uma tábua daquelas lá fora, uma que aguente carrega-lo.

— Não! – negou segurando na mão do loiro.
— Ele foi atrás de alguém.

Franzindo o cenho, o homem o encarou e logo xingou ao perceber a intenção do outro.

— Droga! Sayuri.

Saindo do banheiro apenas enrolada em uma toalha, Sayuri se encaminhou a penteadeira observando-se. Suspirando começou a escovar os fios castanhos, ao terminar se dirigiu até a cozinha. Fazia exatamente duas horas desde que Benjamin saiu sem ao menos se despedir e não dava notícias. Pegou uma caneca e a encheu de café. Bebendo um gole do líquido quente sentiu o gosto se alastrar em seu paladar, relanceando para a janela viu as pessoas andarem apressadas para seus compromissos. Ao fundo ouviu o celular tocando rapidamente depositou a caneca na pia e correu até o quarto.

Jogando-se na cama pegou o celular esperando que fosse Benjamin, mas suspirando viu que era Noemie ligando, mordendo os lábios

PERIGOSAS ACHERON

atendeu a ligação.

— Oi, Me...

— *Say, por favor me perdoa pelo sumiço!* – a interrompeu eufórica. — *Você não vai acreditar no que me aconteceu* – exclamou alegre. — *Estou tão feliz!*

— Que bom, Mei – murmurou suave, estava triste pela briga com Benjamin, mas feliz por sua amiga estar bem.

— *Nossa! O que houve?* – perguntou ao perceber que algo a chateava. — *Você quer desabafar?*

— Não, eu...

— *Chamada de vídeo agora!* – avisou encerrando a ligação.

Revirando os olhos, Sayuri fitou a tela do celular aparecendo a chamada de vídeo. Aceitando a ligação deu um pequeno sorriso triste recebendo um olhar feio da amiga, olhando-a rapidamente Sayuri notou que a mesma havia cortado os cabelos.

— Você ficou linda com os cabelos assim.

— *Nem vem me enrolar* – expôs observando-a com atenção. — *O que aconteceu?*

Suspirando Sayuri viu a amiga a encarar esperando uma resposta.

— Benjamin e eu brigamos – respondeu notando o olhar surpreso e curioso da outra. — Ele saiu e não me disse para onde ia e nem me ligou.

— *E o que você fez para ele agir assim?* – questionou sentando-se no sofá.

— E por que eu fiz alguma coisa? – quis saber franzindo o cenho.

Sorrindo, Noemie a encarou.

— *Porque a senhorita está com cara de quem fez merda* – deixou claro fitando a amiga com expressão de tristeza. — *E não ao contrário. Agora me diga o que você fez?*

Suspirando negou com a cabeça.

— Encontrei o Caine e a mãe dele no shopping – revelou voltando a suspirar ao ver o olhar assustado da amiga —, mas não aconteceu nada demais.

— *Nada demais?* – repetiu incrédula. — *Say! Pelo amor de Deus! Você e essa sua mania chata de não contar as coisas para ninguém.*

— Mei, por favor, eu...

— *Por favor nada!* – a interrompeu
PERIGOSAS ACHERON

levantando um dedo como se fosse uma mãe brigando com o filho. — *Se continuar com isso você vai perder o Benjamin, como acha que ele se sente sabendo que você não confia nele para contar as coisas?*

— Eu confio sim! — retrucou sentando-se. — Eu só não queria criar algo entre a gente.

— *E como vocês estão agora?*

Baixando o olhar, Sayuri deixou algumas lágrimas escaparem. Sentindo-se mal por ter sido muito grossa, Noemie suspirou esfregando os olhos.

— *Olha, eu não disse isso para te machucar — comentou recebendo a atenção da amiga —, mas você consegue entender o lado do Benjamin? O Caine te machucou, ele foi preso e do nada ele está solto. Certo que vocês se encontraram em um lugar aberto — revirou os olhos —, mas se não tivesse? Aquele desgraçado com certeza faria algo contra você e o Benjamin não ficaria sabendo.*

Enxugando as lágrimas deitou-se abraçando-se no travesseiro do namorado. Se pudesse voltar no tempo ela faria diferente, mas havia se decidido que de hoje por diante diria tudo mesmo que

PERIGOSAS ACHERON

pudesse criar um conflito.

— E vou me desculpar com ele e prometo não omitir mais nada.

— *Acho bom!* – proferiu recebendo um pequeno sorriso.

— Mas me fala – indagou a fitando. — O que te aconteceu de tão bom? Quero saber.

— *Ah!* – exclamou coçando atrás da orelha. — *Nada, deixa para lá.*

Franzindo o cenho Sayuri sentou-se encostando na cabeceira da cama encarando a amiga olhar desconfiada para o lado.

— O que? – perguntou surpresa. — Me fala! Você estava toda eufórica pela ligação.

— *Ah! Eu...*

“Mei, onde você colocou a minha camisa preta?”

Assustada, Sayuri observou Juan aparecer ao lado da morena, sem palavras encarou a amiga em busca de uma explicação. Juan notando o silêncio entre as duas arqueou as sobrancelhas fitando a namorada.

— *E aí, Sayuri.* – Acenou recebendo um sorriso surpreso. — *Minha camisa, Mei* – voltou-se para a namorada.

— *Meu Deus, Juan! Eu disse para não aparecer!* – bronqueou olhando-o sorrir. — *Sua camisa está no mesmo lugar que você deixou.*

— *No sexto de roupa suja?*

Sayuri o viu franzir o cenho.

— *Exato! Porque aqui cada um faz uma coisa* – afirmou nervosa. — *Sou sua namorada e não empregada, agora saí!*

Empurrou-o ouvindo-o rir.

— Mei. – Sayuri sorriu ainda com o cenho franzido. — O que?

— *Say, eu ia te falar o quanto antes!* – afirmou com uma expressão culpada. — *Só que aqui estava uma correria, tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo. E isso agora que você me falou...* – Parou mordendo os lábios. — *Não queria esfregar minha felicidade na sua cara.*

Anuindo, Sayuri deitou-se trocando o celular de mão.

— Estou surpresa apenas.

— *Ele veio me procurar, Say* – falou
PERIGOSAS ACHERON

sorridente. — *Ele me disse coisas lindas e me pediu uma chance. Eu dei, mas antes eu o fiz sofrer.*

— *Fez mesmo.* — Juan apareceu atrás da morena a assustando. — *Mas o bom é que ela me deu uma chance.*

— Fico feliz por vocês — anuiu sorridente. — Espero que você faça minha amiga feliz.

— *Essa é minha meta de vida* — reforçou virando-se para Noemie a beijando.

Feliz pela amiga, Sayuri observou o casal pela tela do celular. Um barulho na sala a fez franzir o cenho e encarar a porta do quarto aberta.

— *Sayuri!* — a chamou tendo a atenção para si. — *No final do mês eu vou aí te visitar, quero te abraçar bem forte.*

Deitando-se mais confortavelmente na cama fitou o celular, sorrindo lembrou-se que a amiga não sabia da gravidez.

— Sabe, eu te liguei dias atrás.

— *Sim, eu sei* — concordou afastando-se do namorado. — *Como te disse tudo estava uma loucura aqui.* — Gesticulou sentando-se em uma cadeira. — *Fui promovida! Então quando eu for será repleta de presentes para todos, incluindo seu*
PERIGOSAS ACHERON

bebê de quinze anos que aliás, está lindo demais – disse com um sorriso de lado. — Vi algumas fotos que ele postou, um gatinho.

— Mei! — Franziu o cenho recebendo um sorriso. — Então como eu dizia, eu te liguei antes porque queria te contar algo.

— *O que você aprontou?* – quis saber com os olhos sérios.

— Quando você vir espero que traga uma roupinha para o meu bebê.

Sorriu fitando a confusão nos olhos castanhos da amiga.

— *Eu já falei que vou levar para o seu bebê de quinze anos.*

Revirou os olhos logo sorrindo.

— Não, Mei – negou recebendo um olhar confuso. — Espero que traga para o meu outro bebê – disse esticando o braço que segurava o celular mostrando a outra mão no ventre, quando notou o olhar surpreso de Noemie sorriu confirmando. — Eu estou grávida.

— *Não!* – gritou ficando em pé. — *Não brinca comigo! Você está grávida! Juan!* – gritou para o namorado que apareceu rapidamente em seu

PERIGOSAS ACHERON

campo de visão. — *A Sayuri está grávida! Meu Deus, eu vou ser titia pela segunda vez.*

Sorrindo, Sayuri ouviu a campainha ser tocada. Franzindo o cenho imaginou que poderia ser alguém conhecido isso explicaria o interfone não ter sido chamado.

— *Sayuri! Estou tão feliz agora mais do que nunca eu preciso te ver!* – afirmou pulando de felicidade.

Segurando o celular em frente ao rosto sorriu olhando a amiga enquanto saia do quarto.

— Eu também estou, papai ficou louco quando soube.

— *Imagino que sim.* – Riu alto recebendo um negar de cabeça. — *Coitado do Benjamin.*

— Sim. – Sorriu firmando a toalha no corpo. — Tem alguém na porta vou ter que desligar.

— *Não! Manda quem tiver aí embora* – pediu deitando-se no sofá esticando o braço mostrando o decote da blusa. — *Vê como estou gostosa nessa blusa?*

Rindo, Sayuri fez sinal de espera, ainda segurando o celular pensou em colocar um vestido, mas a campainha sendo tocada novamente a fez
PERIGOSAS ACHERON

desistir. Colocando o cabelo de lado abriu uma fresta da porta, mas logo se arrependeu. Do lado de fora Herban todo sujo a encarou com a faca na mão, soltando um grito de horror tentou fechar a porta logo assustando-se quando a faca foi colocada na brecha da porta.

— *Sayuri! Sayuri! O que está acontecendo?*
— Noemie perguntou ao ouvir o grito da amiga olhando atentamente para a tela viu a amiga empurrando a porta e uma faca próximo ao rosto dela. — *Sayuri!*

— Abra a porta! Eu só vim te ajudar! — Herban exclamou forçando a entrada.

Tentando fechar a porta sentiu quando o celular caiu no chão, assustada empurrou a porta e correu para o quarto. Herban chutou a porta e a fechando de chave viu a jovem correr para o quarto, sorrindo encarou a sala bem arrumada. Indo até o sofá pegou o controle da tevê a desligando, jogando o controle no sofá se encaminhou para o corredor.

— *Sayuri* — a chamou sorridente batendo a porta.

No quarto Sayuri já tinha trancado a porta,
PERIGOSAS ACHERON

voltando-se para a cama procurou algo que pudesse a ajudar. Correndo até a janela viu que era muito alto afastando-se sentiu ficar tonta, levando as mãos a toalha foi até o guarda-roupa pegando um vestido qualquer ouvindo a porta sendo forçada.

— *Por favor!* – pediu batendo a faca na porta. — *Não me faça ser mal.*

— Vá embora! Socorro! – gritou trêmula.

Assustada, viu a porta ser chutada.

Pulando de medo pegou com dificuldade o criado mudo o colocando na porta. Xingando-se percebeu que tinha deixado o celular cair no chão da sala, indo até a janela a abriu olhando para fora. Respirando fundo colocou uma perna no parapeito da janela, mas assim que pousou os pés na escada que tinha do lado de fora a ouviu ranger cedendo um pouco e assustada viu porta do quarto ser aberta.

No hall do prédio Evans lia um jornal entretido.

Franzindo o cenho ouviu um barulho vir do

PERIGOSAS ACHERON

andar de cima seguido de um grito. Curioso, saiu do hall se encaminhando até as escadas. Parado no topo da escada esperou ouvir mais uma vez alguma coisa.

Coçando atrás da orelha se dirigiu para atrás do balcão, voltando a pegar o jornal a sua frente.

Dirigia voltando para o apartamento estava decidido a por em panos limpos tudo o que estava sentindo. Esfregando os lábios ouviu o celular tocar, esticando a mão o pegou notando que Noemie o ligava.

Franzindo o cenho se perguntou qual o motivo da ligação e, suspirando percebeu o motivo.

— Olha, Noemie, eu...

— *Benjamin! Pelo amor de Deus!* — exclamou o assustando. — ... *Sayuri!*

— O que? — questionou não entendendo o que a outra tinha dito. — A ligação está péssima.

— ... *Polícia!*

Franzindo o cenho Benjamin retirou o celular do ouvido fitando a tela.

— Eu estou chegando em casa — avisou sabendo que ela não conseguia entender. — Quando chegar lá, a Sayuri te liga.

Encerrando a ligação acelerou o automóvel, não sabia explicar, mas algo o estava deixando angustiado. Furando o sinal vermelho não se importou quando buzinas lhe reclamaram por estar infringindo a lei.

Acelerando mais focou no caminho que seguia.

Adentrando o quarto, Herban encarou Sayuri que se segurava na janela. O olhar dela era de puro medo, o vento batia nos cabelos castanhos a deixando mais linda. Aproximando-se, viu quando ela olhou para o lado em busca de uma saída.

Sorrindo colocou a faca em cima da cama e em uma falsa calma sorriu levantando as mãos.

— Vem para cá — a chamou recebendo um negar da jovem. — Eu não vou te machucar! — afirmou sorrindo. — Se você cair aí vai ser algo bem feio.

Pensando nisso Sayuri encarou onde pisava e em um movimento rápido sentiu o cabelo ser puxado. Pronta para gritar sentiu uma mão em sua boca e o corpo ser puxado para dentro do quarto e jogado na cama. Mordendo a mão do ruivo, o empurrou e correu para o banheiro.

Batendo a porta com força, a trancou, ouvindo murros serem desferidos na porta. Muito assustada apenas se sentou dentro da banheira e fechou os olhos.

Não conseguia gritar, estava em pânico.

Levando as mãos ao ventre pediu que nada acontecesse com o seu bebê.

— Sayuri... Sayuri... — murmurou encostando-se na porta. — Por que fica fazendo isso comigo? — quis saber ouvindo fungados vir do banheiro. — Eu realmente não quero quebrar essa porta e te tirar daí forçadamente — falou esfregando a faca na barba. — Eu esperei tanto por esse momento. — Sentou-se apoiando as mãos nos joelhos. — Você sempre me deu indícios de que queria minha aproximação — acusou franzindo o cenho —, mas então quando eu tomei a iniciativa, você me tratou daquela forma e ainda se envolveu

PERIGOSAS ACHERON

com aquele cara.

No silêncio que se seguiu Sayuri se perguntou se o homem ainda estava ali, saindo da banheira se aproximou da porta colocando o ouvido na madeira. Tentando controlar a respiração ouviu quando o ruivo suspirou e ao fundo a porta da frente fora aberta, assustada ouviu a voz de Benjamin a chamando.

— Sayuri!

Sem acreditar, ouviu o ruivo correr para fora, rapidamente abriu a porta e antes de chegar no corredor ouviu um grito de dor. Levando as mãos aos lábios aproximou-se da sala e, segurando um grito de puro de horror viu Benjamin estirado ao chão com a barriga sangrando. Era como se fosse um *déjà vu*, como se vivenciasse o pesadelo que tivera, trêmula viu Herban em pé encarando o homem ao chão. A faca pingava com o sangue vermelho, sentindo os olhos se encherem de lágrimas viu o ruivo virar a encarando.

— Vê como é lindo?

Estendeu a arma branca para a jovem.

Antes que pudesse se aproximar, a porta da frente foi chutada e dela Kilmer apareceu com a

PERIGOSAS ACHERON

arma em punho.

— Coloque as mãos na cabeça agora! — gritou engatilhando a arma observando o suspeito. — E fique longe dela!

Ignorando o que lhe foi dito, Herban avançou contra Sayuri. Agindo rápido Kilmer atirou quatro vezes contra o ruivo fazendo-o cair ao chão e, como se só agora pudesse se mover Sayuri correu até Benjamin.

— Benjamin — chorou apoiando a cabeça do namorado nas pernas. — Meu amor... — Alisou o rosto do homem.

— *Say... Sayuri* — murmurou com dificuldade levando uma mão até o rosto feminino.

— Não! — chorou observando o sangue na camisa que o namorado usava logo apertando o local. — Vai ficar tudo bem! — disse fitando o loiro falar com a central pelo rádio que carregava no ombro. — Você vai ficar bem!

Fechando os olhos, Benjamin sentiu um beijo ser depositado em seus lábios, voltando a encarar Sayuri a viu com os olhos cheios de lágrimas.

— *Casa... Comigo?*

Chorando mais ainda a jovem confirmou
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encostando as testas.

— Caso! Caso sim! – anuiu o fitando. — C-Casamos hoje se você quiser, só não me deixa.

O fitando o viu sorrir em meio a expressão de dor.

— *E-Eu te amo!* – disse fechando os olhos.

— Benjamin! – o chacoalhou assustada. — Benjamin! – gritou sentindo o loiro a tocar no braço a puxando para perto.

E em câmera lenta viu vários polícias adentrar o apartamento, incluindo os paramédicos.

Sentindo-se sufocada deixou que a escuridão a tomasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 44

Suspirando observou as rosas se balançarem com o vento, a tristeza que ela tentara a todo custo não sentir ainda existia em seu coração. Baixando o olhar tentou não chorar, não poderia fazê-lo. Mordendo os lábios ouviu o irmão a chamar. Virando-se o viu parado com um pequeno sorriso. Lhe devolvendo o sorriso fitou-o se aproximar com as mãos dentro dos bolsos da calça, lambendo os lábios o viu se agachar lhe segurando a mão.

— Tudo bem? – quis saber a encarando com cuidado. — Ainda está com a carinha triste – avisou recebendo um dar de ombros. — Ele não iria gostar de te ver assim.

— Eu sei – afirmou respirando fundo. — Eu só... – Voltou a olhar as rosas. — Eu não consigo esquecer – disse com o cenho franzido. — Parece que...

Fungou abanando os olhos.

— Eu não posso chorar.

— Eu só vim aqui, porque todos estão te esperando para irmos. – Deu um pequeno sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu só preciso de um tempo aqui — respondeu recebendo um aceno. — Papai está impaciente?

Sorrindo, Ian lhe acarinhou o rosto.

— É o papai. — Levantando-se depositou um beijo na testa da irmã. — Não demora.

Anuindo, o viu ir embora. Abraçando-se voltou a fitar as flores. Passaram três meses desde o acontecimento no apartamento. Alisando a barriga já grande, sorriu. Depois que tudo aconteceu foi examinada e apesar do enorme susto que sofrera, o bebê estava crescendo bem. Ouvindo um pigarro, virou-se fitando o pai com um pequeno sorriso. Colocando uma mecha atrás da orelha o observou se aproximar a olhando atentamente.

— Oi. — Sorriu ainda a olhando. — Você vai passar a tarde toda aí olhando para essas flores? — questionou recebendo um arquear de sobrancelha. — Tudo bem se quiser ficar o dia aqui — falou apontando para o local —, mas o seu noivo está esperando no altar e eu sinceramente não estou gostando dessa sua demora — confidenciou arrumando a gravata.

Rindo, Sayuri se levantou da cadeira alisando

PERIGOSAS ACHERON

o vestido de noiva.

— Pai, eu vou casar – proferiu com um grande sorriso. — Você está passando tempo demais com o Benjamin.

— E como não passaria? – Franziu o cenho oferecendo o braço logo sentindo o agarre. — Ele é o genro que pedi a Deus.

Rindo alto, Sayuri voltou-se para o mais velho.

— Eu não acredito que ouvi isso.

— *Shhh!* Não diga isso a ele – pediu parando em frente a filha. — Você está linda – elogiou recebendo um sorriso, levando as mãos a barriga da filha a acarinhou. — Meu neto. – Suspirou contendo as lágrimas. — Vamos logo.

— Isso são lágrimas? – perguntou enquanto saiam do quarto.

— Não sei do que está falando – respondeu dando de ombros.

Virando-se para a escada conseguiu ver a mãe ajustando um enfeite no cabelo da avó.

Sorrindo avistou Ian bater o pé impaciente próximo a janela enquanto olhava o celular, sentido o pai lhe segurar com cuidado viu a mãe a fitar com

PERIGOSAS ACHERON

um pequeno sorriso.

— Não acredito que não deixou sua filha ter um momento a sós! – bronqueou olhando o marido.

Urion franziu o cenho fitando Sayuri.

— Foi sua filha que me chamou – se defendeu não vendo Sayuri lhe lançar um olhar incerto. — E ela tem que se casar, já viu como ela está?

Preocupada Yumi se aproximou da filha.

— Como? – quis saber relanceando para o marido.

— Grávida de três meses.

Revirando os olhos, Yumi sorriu fitando a filha.

— Você está tão linda, meu amor.

— Obrigada. – Sorriu sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — A senhora também – elogiou olhando a mais velha. — Estamos muito atrasadas?

— Não! Imagina – Ian respondeu ajudando a avó a ficar de pé. — Seu noivo só me mandou quinhentas mensagens perguntando se você ainda ia se casar com ele – informou observando o sorriso da irmã. — Que feio, *One-chan*. Coitado do PERIGOSAS ACHERON

Benjamin.

— Quem mandou ele engravidar minha filha?
— Urion proferiu recebendo as atenções. —
Deveríamos demorar mais.

— Você também engravidou a minha filha —
Kiyome falou segurando no braço do neto. — E
Yumi casou grávida, não se esqueça. — Aproximou-
se da neta e Ian apenas ria da expressão
envergonhada do pai. — Você está linda e será uma
mãe tão maravilhosa, será bastante feliz também. —
Sorriu observando os olhos castanhos. — Eu vejo.

— Obrigada, vovó.

Beijou-a no rosto recebendo um sorriso.

— Agora vamos embora — mandou
chamando o neto para acompanhá-la até o carro. —
Todos já estão na igreja.

Concordando, Sayuri suspirou sentindo-se
nervosa. Olhando a mãe a viu sorrir. Yumi usava
um vestido longo da cor cinza claro, os cabelos
castanhos com alguns fios brancos estavam
impecavelmente amarrados no alto da cabeça.

Voltando-se para o pai o viu com os cabelos
penteados para o lado e terno, Urion era um homem
realmente lindo. Sorrindo começou a caminhar para
PERIGOSAS ACHERON

o carro, após estar acomodada no assento viu o pai tomar o lugar do motorista.

Olhando as mãos franziu o cenho.

— Mãe! O meu buquê!

— Aqui! – Yumi do lugar do carona estendeu o buquê com rosas brancas. — Eu não esqueci.

— Obrigada – agradeceu, fitando o irmão lhe sorriu sendo retribuída. — Você está todo bonitão com esse terno.

— É – afirmou arrumando a gravata dando um sorriso de lado. — Eu estou.

Revirando os olhos voltou a prestar atenção no caminho que seguia. Horas depois o pai estacionava o carro em frente a igreja, sentindo-se nervosa viu a mãe sair do carro sendo seguida por Ian. Inclinando o corpo para a janela fitou alguns conhecidos dentro do lugar, encostando-se no couro do assento sorriu sabendo que em alguns minutos seria Sra. Buthler. O sino da igreja tocando a fez abrir um lindo sorriso, respirando fundo encarou o pai correr até o carro abrindo a porta a fitando.

— Pronta? – questionou estendendo a mão sendo logo segurada.

— Sim – respondeu descendo, olhando para
PERIGOSAS ACHERON

frente viu todos dentro da igreja em pé. — Pai... — o chamou fazendo-o parar. — Eu queria dizer que estou feliz e que eu amo o senhor. — Inclinou a cabeça recebendo o carinho do mais velho. — Naquele dia que eu falei... aquilo... — Travou sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — E- Eu não queria dizer aquilo... o senhor é meu pai e eu o amo muito.

— Eu sei, princesa. — Acenou a beijando na testa. — Não pense mais nisso — pediu tocando levemente no queixo feminino. — Agora vamos logo, você precisa casar-se. — Virando-se para a entrada conseguiu ver Benjamin em pé perto do padre. — Mas se você decidisse ir agora tudo bem — continuou com um sorriso nos lábios. — Ficaria comigo e com a mamãe. — Sorriu mais com o pensamento. — Compraria o berço e o colocaria ao lado da sua cama e...

— Pai! Eu vou casar — reforçou olhando-o.

Suspirando, Urion a fitou, mas logo voltou a caminhar.

Dentro da igreja, Sayuri pôde ver a amiga com um lindo vestido da cor vinho, os cabelos ondulados a deixava mais linda do que Noemie já

PERIGOSAS ACHERON

era. Ao lado da morena – a acompanhando – viu Juan de terno. Sorrindo acenou recebendo beijos da amiga. Olhando para o outro lado viu Jillian usando um lindo vestido da cor verde escuro, acompanhada dos dois loiros. Bradley, de terno, deixou Sayuri emocionada. Relanceando, viu Hailee usando um vestido rodado até os joelhos da cor rosa.

Liam ao lado de Melvin, lhe acenou sorrindo.

Voltando-se para o altar viu o homem da sua vida a esperar em expectativa, apressando um pouco os passos ouviu algumas pessoas rirem. Mas isso não importava, ela só queria estar com Benjamin. Parando em frente a ele o viu suspirar em puro deleite. Sorrindo fitou o pai a entregar para Benjamin, mas antes lhe cochichar algo.

Franzindo o cenho notou-o ficar levemente surpreso, mas logo agradeceu.

Sorrindo para Benjamin recebeu um rápido beijo nos lábios fazendo os convidados rirem. Negando com a cabeça viu o padre arquear as sobrancelhas. Virando-se para o altar tentou prestar atenção no que o mais velho dizia, mas parecia que sua mente fazia um breve resumo dos acontecimentos. Piscando lembrou-se de quando

PERIGOSAS ACHERON

Benjamin levava a facada, havia desmaiado logo em seguida e acordado em uma cama de hospital com os pais ao lado.

Nervosa, a primeira pergunta que fizera foi sobre Benjamin e o pai havia lhe respondeu que ele estava na sala de cirurgia. Fitando rapidamente as mãos recordou-se o momento em que visitara Benjamin, ele usava uma bolsa de colostomia, mas mesmo assim mantinha um sorriso no rosto.

E deitado ao leito a questionou novamente sobre o pedido de casamento. Sorrindo lembrou-se que ele achara que era coisa da cabeça a confirmação. Levando a mão ao ventre suspirou emocionada, a médica palpitou que fosse uma menina, mas somente teriam a confirmação na próxima consulta que teria.

Esses meses que passaram foram tão difíceis para ela, das vezes que não dormia na presença de Benjamin, não conseguia ter um sono tranquilo. Pois toda vez que fechava os olhos tinha a visão do homem caído no chão e sangue ao redor. Olhando rapidamente para o lado viu Taylor com a barriga recém completada quatro meses.

Era um menino e, essa notícia tinha deixado

PERIGOSAS ACHERON

Dustin feliz da vida.

Benjamin estava na torcida para que a filha fosse mesmo uma menina, era tão cuidadoso e amoroso. Tinha ficado um pequeno tempo com a bolsa de colostomia, como praticava esporte e tinha uma boa alimentação não tinha sido um problema a recuperação imediata. E no final tudo tinha se encaminhado bem. Benjamin ganhara a confiança eterna do sogro, o que não queria dizer que impedia de as vezes Urion brincar com o genro.

Segurando o riso voltou a prestar a atenção no padre que a olhava com uma sobrancelha arqueada, pigarreando relanceou para Benjamin que a fitava da mesma forma, porém, tinha um ar ansioso.

— Está tudo bem senhorita? — o padre a questionou em um tom sério. — Quer compartilhar algo conosco aqui na casa do Senhor?

Abrindo levemente os lábios em susto fitou Benjamin que sorria contido.

— S-Sim, padre — afirmou envergonhada, mas logo ficou tensa sob o olhar questionador do mais velho. — Digo, pode continuar padre, me desculpe.

PERIGOSAS ACHERON

Pigarreando o homem voltou a olhar o grande livro aberto.

— Cristo vai abençoar o vosso amor conjugal — retomou a fala agora olhando o casal. — Ele, que já vos consagrou pelo santo Batismo vai agora dotar-vos e fortalecer-vos com a graça especial de um novo Sacramento.

Relanceando para o irmão o viu prender o riso enquanto a olhava, o pai a encarava com um pequeno sorriso. Encarando o homem de batina à frente voltou a divagar. Bradley juntamente com Jillian passavam boa parte do tempo no apartamento fazendo companhia a eles, crispando os lábios lembrou-se que Jilly ficara doente quando soube o acontecido. Chegara no hospital aos prantos e, a custo conseguira fazer com que a mulher se cuidasse.

Os dias que passaram foram maravilhosos, tirando o fato de que Benjamin a tentava sempre. Contando com hoje fazia exatamente três meses que eles não faziam amor, mesmo depois do médico que cuidara de Benjamin e a obstetra de Sayuri liberarem o sexo para o casal. Envergonhada lembrou-se da fantasia que havia comprado e nunca

PERIGOSAS ACHERON

usou.

Olhando para cima viu a imagem de Cristo na cruz e logo se repreendeu por estar pensando em tais assuntos dentro da igreja.

O silêncio a fez parar de pensar besteiras e voltar a prestar atenção no homem a sua frente. O padre a fitava com uma expressão tediosa e sorrindo concordou com a cabeça.

— Filha, você está muito dispersa — comentou olhando-a atentamente. — É por livre e espontânea vontade que você está se casando?

Benjamin assustado encarou Sayuri à espera da resposta.

— Sim! — Sorriu olhando Benjamin. — Eu o amo! Eu só estou com a cabeça cheia de pensamentos.

Aceitando a resposta voltou-se para o noivo.

— E você, filho? — Sorriu o observando. — É por...

— Sim! E eu aceito me casar com ela. — Virando-se para Sayuri que surpresa o fitou sorrindo. — Eu prometo te respeitar por toda a minha vida — falou de forma séria. — Nunca irá faltar nada para você e nem para os nossos bebês —

PERIGOSAS ACHERON

disse notando-a confusa. — A nossa bebê... — Alisou o ventre feminino. — E o seu bebê de quinze anos. — Virou-se para Bradley deixando-o envergonhado na frente de todos. — Se ele é o seu bebê então passa a ser o meu também.

Sentado ao lado de Jillian, Bradley negava com a cabeça ficando vermelho.

— Não envergonha ele assim — pediu socorrendo o loiro.

Acarinhando o rosto de Sayuri, Benjamin fitou os lábios rosados.

— Antes que vocês se beijem vamos terminar logo — o padre proferiu com o cenho franzido arrancando sorrisos do casal. — Sayuri Hodgens você...

— Aceito — anuiu sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Eu aceito, e prometo te honrar hoje e sempre. Você será o homem mais feliz do mundo.

— Eu já sou — afirmou a beijando puxando-a para perto.

— Hey! — o padre exclamou com as mãos juntas em prece chamando a atenção dos dois. — As alianças, por favor — pediu suspirando, nunca

PERIGOSAS ACHERON

havia feito um casamento dessa forma.

Virando-se de lado Sayuri viu Leslie e Rinko vestidas com dois lindos vestidinhos brancos, sentado mais afastado estava o filho de Jonathan e Debra, Willian. O pequeno loiro tinha sido o par das duas meninas, sorrindo viu Leslie entregar uma aliança para Benjamin e Rinko lhe dar a outra.

— Benjamin Buthler, com essa aliança...

— Eu aceito Sayuri Buthler como minha legítima esposa – interrompeu a fala do padre completando apressado enquanto colocava a aliança no anelar esquerdo da jovem.

Sorrindo Sayuri lhe segurou a mão esquerda logo o fitando.

— E com essa aliança Benjamin eu te aceito como meu legítimo esposo. – Sorriu feliz sentindo o anel frio em contato com a pele.

— Se alguém aqui é con...

Antes que o padre pudesse concluir, Benjamin puxou Sayuri a beijando.

— Que Deus abençoe vocês – clamou suspirando com um pequeno sorriso.

Sob os aplausos e gritos de felicidades, Benjamin se deliciou com os lábios de sua agora:
PERIGOSAS ACHERON

esposa.

Mordiscando os lábios femininos sentiu as mãos em seu pescoço o arranhando, pronto para aprofundar o beijo sentiu Sayuri lhe afastar. Franzindo o cenho fitou o sorriso que ela tinha, alisando o queixo perfeito a abraçou sentindo a barriga redonda entre eles. Virando-se para todos, fitou todo mundo que lhe era importante ali.

Sentada próximo a mãe estava Sra. Mikkelsen que lhe sorria, tinha vindo acompanhada de Jakob, o homem que trabalhava na casa de repouso.

Voltando-se para Sayuri sorriu a puxando para mais um beijo.

Em pé perto da entrada do quintal Sayuri observava os convidados conversando e rindo entre si. Suspirando viu a Sra. Mikkelsen conversar com a avó Kiyome, varrendo o lugar com os olhos procurou Benjamin o encontrando com Ian. Virando-se para dentro de casa fitou o avô ao lado de Beth conversando com o Tio Hideki e, sorrindo,

PERIGOSAS ACHERON

desviou das crianças que passaram correndo por si.

Caminhando para a escada sorriu para Bradley e Hailee que desciam sorridentes, retirando o enfeite que tinha no cabelo remexeu a cabeça sentindo os cabelos soltos.

Abrindo a porta do quarto andou até a cama jogando-se nela. Abrindo os braços fechou os olhos apreciando o momento e a cama macia, levantando a mão esquerda fitou a aliança dourada no dedo anelar. O sorriso que cresceu em seus lábios foi inevitável, ainda sorrindo acariciou o ventre sabendo que sua bebê crescia forte e saudável.

O rangido da porta a fez fitar a entrada, apoiando os cotovelos na cama encarou Benjamin que lhe sorria com a gravata folgada no pescoço.

— Fugindo? — quis saber colocando as mãos dentro dos bolsos. — Ou muito cansada?

Voltando a se deitar Sayuri sorriu olhando a aliança.

— Vim namorar um pouco minha aliança — respondeu notando-o se aproximar. — Agora eu sou uma senhora muito bem casada.

Deitando-se por cima da esposa com cuidado, Benjamin acarinhou a face macia da mulher.

Contornando a mandíbula bem desenhada aproximou os lábios sentindo a maciez que era ali, mordendo-o de leve sorriu quando Sayuri o abraçou o pescoço.

— Muito bem casada — repetiu sorrindo sentindo os beijos serem depositados na face e pescoço. — Soube que seu marido é um negro muito gostoso, tatuado e incrivelmente lindo.

Revirando os olhos sorriu o encarando.

— E extremamente humilde — completou recebendo um aceno. — Estou tão feliz. — Sorriu com os olhos brilhantes. — Estamos casados.

— Você poderia ter usufruído dessa felicidade antes — avisou ficando em pé —, mas gostava de me fazer sofrer falando que não se casaria comigo.

Sentando-se enquanto sorria Sayuri retirou os saltos juntando as pernas em cima da cama.

— Não queria te ver sofrendo — retrucou massageando os pés —, mas era engraçado sua expressão.

— Malvada! — falou fitando-a lhe dar língua. — Sabe o que vou fazer agora? — questionou indo até a porta a trancando.

Fora do quarto podia-se ouvir uma canção no andar de baixo e vozes conversando.

Virando-se para Sayuri começou a remexer o quadril ao ritmo da música que tocava, rindo viu a esposa lhe sorrir em expectativa. Levando as mãos ao paletó o retirou jogando-o em Sayuri, puxando a camisa branca que usava desceu os olhos pelo corpo da mulher notando-a com a respiração descompassada.

Desabotoando a camisa lentamente recebeu um lindo sorriso como incentivo para continuar. Parando viu o olhar tristonho lhe fitar, indo até Sayuri a puxou para fora da cama a abraçando sem parar de remexer o quadril.

— Um streap para a minha esposa – disse rente ao ouvido feminino. — O que me diz?

— Amei a ideia. – Sorriu descendo as mãos pelo corpo musculoso. — Mas não podemos demorar aqui – falou relanceando para a janela. — Temos que fazer sala lá em baixo.

Afastando-a retirou a camisa jogando-a no chão, envolvendo-a nos braços a puxou para cima sentindo as pernas firmarem no quadril. Alisando a coxa feminina a beijou nos lábios enquanto movia

PERIGOSAS ACHERON

o quadril para frente e para trás, simulando o ato sexual. Separando os lábios tocou a língua na dela sem parar de se mover ou desviar os olhos. Descendo uma mão para debaixo do vestido curto sentiu a maciez da calcinha. Sorrindo infiltrou os dedos por dentro da calcinha, sentindo a pele se arrepiar ao toque. Dedilhando-a fechou os olhos tendo a sensação de ter os dedos tocando aquela parte tão macia e delicada da esposa. Voltando a fitá-la viu que a mesma mantinha os olhos fechados e os lábios levemente separados.

De forma rápida a colocou na cama e em cima dela começou a se esfregar nunca parando de lhe beijar e morder o pescoço. Enfiando as unhas nas costas nuas do marido, Sayuri arfou sentindo o desejo lhe consumir. Sentindo-o se afastar choramingou o puxando de volta.

— Faz amor comigo?

— Agora? – quis saber já levando as mãos para o cinto.

— *Por favor!* – pediu o puxando pela calça.

— *E-Eu preciso...*

Morde os lábios fechando os olhos.

— *Shhh...* – balbuciou deitando-se ficando de

lado. — Eu vou fazer isso passar, mas de outro jeito. — Sorriu a beijando. — Agora abra-se para mim — mandou sendo logo obedecido. — Boa menina.

Sorrindo, Sayuri o fitou e mordendo os lábios sentiu quando dois dedos começaram a acariciá-la no clitóris. O encarando arfou ao sentir a pressão na carícia aumentar, abrindo mais as pernas esfregou-se na mão que lhe tocava. Gemendo alto tapou os lábios, mas logo o beijo a calou. O beijava de forma necessitada, a barba — agora maior — esfregava em seu rosto fazendo o beijar com mais fome. Os dedos que até então acariciavam o clitóris, descenderam lentamente e sem aviso adentraram o canal vaginal. Interrompendo o beijo para o gemido sair, Sayuri encarou os olhos escuros do marido.

— *Vou saciar sua fome agora desse jeito — proferiu mordendo os lábios vermelhos e inchados da mulher —, mas depois... a noite, você será minha completamente.* — Sorriu adorando a forma como Sayuri lambeu os lábios. — *O que me diz? Vai querer o meu pau bem fundo aqui?* — questionou aumentando a velocidade dos dedos.

Sem conseguir responder, Sayuri afirmou com a cabeça. Puxando as duas pernas para cima segurou-as junto ao corpo deixando a caminho mais livre para as estocadas de Benjamin. Virando-se para o lado procurou os lábios masculinos, levando a mão ao rosto do marido o puxou pela barba ao sentir o orgasmo se construindo em seu ventre.

Sorrindo sentiu a gostosa sensação ao atingir o orgasmo. Trêmula fechou os olhos sentindo o corpo ficar tenso por alguns segundos, mas logo relaxar. Com uma última estocada, Benjamin parou alisando-a, inclinando o corpo viu os lábios vaginais rosados e melados com o líquido incolor. Apoiando-se no colchão fitou o rosto da esposa com um pouco de suor, arqueando uma sobrancelha a viu o fitar de modo sensual.

— Não sinto meus dedos. — Riu baixando as pernas. — Obrigada — agradeceu acarinhando-o.

— Não precisa agradecer — disse a beijando levemente. — Satisfazer você em todos os sentidos é minha meta de vida — avisou fazendo-a sorrir mais. — Eu te amo.

— Eu também. — Beijou-o logo o fitando sair da cama indo para o banheiro. — Ben — o chamou

PERIGOSAS ACHERON

sentando-se na cama. — Estou ansiosa para a nossa noite de núpcias – informou o olhando enxugar as mãos a fitando. — Tenho uma surpresa para você.

Parado no batente da porta a encarou com um pequeno sorriso, acenando a viu sorrir mais. Já tinham escolhido a casa, comprado, e cuidado de toda papelada necessária. Com a ajuda do sogro e do cunhado fizeram a mudança para a casa nova, todos os presentes do casamento já estavam na nova casa. Incluindo um presente especial que ele sabia que Sayuri iria se emocionar. Não tinha a avisado, pois, queria fazer surpresa.

— Eu também tenho uma surpresa para você – afirmou recebendo um sorriso.

— Mesmo? – Surpreendeu-se aproximando-se dele. — E o que é?

Benjamin na hora a encarou com uma sobrancelha arqueada.

— Só no final da noite – avisou recebendo um olhar triste. — E nem faça essa carinha, você é malvada aqui.

Arqueando uma sobrancelha deu as costas ao homem indo até o banheiro se limpando, após isso retornou ao quarto observando Benjamin sentado

PERIGOSAS ACHERON

na cama.

— Vamos? — perguntou olhando o torso nu do marido. — Vai vestir logo a camisa.

— Já mandando em mim? — Riu pegando a camisa branca a colocando rapidamente no corpo. — Que mulher mandona eu fui arrumar.

Já na porta, Sayuri o olhou por cima do ombro o fitando abotoar o último botão. Abrindo a porta deram de cara com Bradley e Hailee se beijando encostados a parede, pigarreando chamou a atenção dos dois que rapidamente se separaram constrangidos.

— O-Oi, Srta. Hodgens, digo, Sra. Buthler — Hailee falou envergonhada levantando a alça do vestido, relanceando para o loiro o viu com as mãos por dentro dos bolsos da calça social que usava. — A gente só estava conversando, lá em baixo está mais agitado que aqui.

Parando de falar fitou Benjamin que a olhava com um pequeno sorriso, passando a mão no cabelo loiro fitou o namorado esperando que ele falasse algo.

— A gente vai descer — Bradley avisou segurando na mão da loira a puxando dali.

Acenando para o casal Hailee fechou os olhos assim que virou para frente.

Parados na porta do quarto observavam os dois adolescentes descenderem a escada rapidamente. Mordendo os lábios Sayuri encarou Benjamin que ainda sorria pela cena presenciada.

— Acha que deveríamos conversar com eles sobre sexo?

Franzindo o cenho fechou a porta.

— Acho que não – respondeu puxando-a pela cintura. — Os dois sabem se cuidar.

— Estou preocupada – falou descendo as escadas ao lado do marido.

Parando-a ele fez com que ela o encarasse.

— Calma – pediu. — Hoje vamos apenas relaxar e curtir, depois pensamos nisso.

— Está bem.

Sorriu o beijando.

No andar de baixo todos conversavam e sorriam, se encaminhando para o quintal viu Noemie correr em sua direção a abraçando.

— Say, eu te amo tanto! – falou fazendo a outra sorrir. — Meu Deus! Nem consigo acreditar que estou na festa de casamento da minha melhor

PERIGOSAS ACHERON

amiga! – Deitando a cabeça no ombro desnudo suspirou. — Você também me ama?

— Você está bêbada, Mei? – quis saber a afastando minimamente.

— Não – negou sorrindo. — É só que... – Parou fitando rapidamente Benjamin. — É nessa hora que você nos deixa a sós.

Sorrindo divertido beijou os lábios da esposa, logo saindo de perto das duas.

— O que foi, Mei? – questionou a encarando. — Você me parece estranha.

Pegando na mão da amiga a puxou para fora de casa, do lado de fora viu algumas pessoas passearem por ali um pouco distante. Fitando a morena, sorriu a achando linda no vestido colado até os joelhos da cor salmão, os cabelos curtos a deixava com uma aparência de mais jovem. Sentando-se na cadeira da varanda a observou suspirar.

— Sabe aquela prima minha chata que quando eu tinha seis anos grudei chiclete no cabelo dela? – perguntou recebendo um aceno positivo. — Ela também vai casar e, minha mãe ficou tão feliz com isso – murmurou notando o olhar confuso da PERIGOSAS ACHERON

amiga. — É que... — Parou crispando os lábios enquanto negava com a cabeça. — Parece que todo mundo resolveu casar e quando paro para pensar... — Balançou a cabeça. — Eu não quero casar.

— Tudo bem pensar assim — reconfortou sorrindo. — Algumas mulheres não querem isso e, isso não é algo ruim.

Sorrindo relanceou para as mãos.

— Minha mãe não fala com todas as palavras — voltou a falar —, mas eu sinto que ela se questiona quando vou me casar.

— Você está mesmo preocupada com isso — falou recebendo um aceno. — O Juan fala sobre isso?

— Não — negou suspirando. — Ah! Deixa! — pediu gesticulando. — Eu só estou afetada um pouco, isso de casamento mexe com os nervos de qualquer um.

— Realmente. — Sorriu, mas logo franziu o cenho quando recebeu um olhar safado. — O que?

— Estava te procurando antes e quando te encontro é desse jeito — debochou sob o olhar confuso. — Isso aí no teu pescoço — riu notando-a levar as mãos ao pescoço. — Nem esperou chegar

PERIGOSAS ACHERON

em casa para isso, que safada!

— Para! – pediu envergonhada, relanceando para a rua viu Romee se aproximar de forma acanhada. — Romee!

Nervosa a jovem se aproximava, sorrindo acenou para Noemie que lhe sorria.

— Oi, Sayuri. – Colocou uma mecha atrás da orelha. — Eu vim te parabenizar pelo casamento.

— Obrigada – agradeceu a puxando para um abraço. — Por que não veio para o casamento? Eu tentei te procurar nas redes sociais, mas não achei. Entreguei o convite para a *você sabe quem*.

Um pouco triste, Romee fitou a casa à frente, Bennett não havia lhe dito nada sobre. Na verdade, tinha descoberto sobre o casamento porque a loira estava falando mal dos vizinhos. Reclamando sobre não terem sido convidados nem por educação, voltando-se para Sayuri deu um pequeno sorriso.

— Me desculpe por isso – pediu observando o vestido bonito que Sayuri usava. — Não teve como eu ir – falou o que não era mentira, a mãe não poderia ficar saindo por causa da quimioterapia e sem falar que elas não tinham roupas para a ocasião. — Então... Eu vim aqui.

Anuindo Sayuri lhe endereçou um pequeno sorriso.

— Tudo bem, Romee – murmurou para o alívio da jovem. — Deixa-me te apresentar, essa aqui é a Noemie, minha melhor amiga – indicou fitando Noemie puxar Romee para um abraço. — Mei, essa é a Romee.

— É um prazer te conhecer, Romee.

— Igualmente – respondeu acanhada.

— Minha mãe está lá dentro, Romee – proferiu notando o olhar surpreso da outra. — Entra lá, ela vai ficar bem feliz por te ver.

— Ah! Eu... – Parou olhando para dentro. — Eu não quero atrapalhar.

— Imagina, Romee. – Puxou-a pelo braço para dentro. — Mamãe te adora! – avisou fazendo-a lembrar que Ian também havia dito isso.

— Sayuri, eu... – Puxou o braço chamando a atenção da Sayuri. — Eu não estou bem vestida para entrar aí – inquiriu apontando para a calça jeans, blusa branca sem mangas e tênis que usava.

— Xii – Noemie balbuciou fazendo as duas a olharem. — Que desculpa esfarrapada. – Riu cruzando os braços. — Se não quer entrar deve ser PERIGOSAS ACHERON

por outro motivo.

Aproximou-se batendo levemente o ombro na jovem.

Assustada Romee a encarou e logo desviou o olhar, não queria deixar que a mulher descobrisse que estava certa sobre isso. Respirando fundo voltou a fitar Sayuri que esperava alguma reação.

— Tudo bem – falou por fim —, mas não posso demorar. Deixei minha mãe dormindo e, as 7:00pm ela precisa tomar o remédio.

Rapidamente sentiu ser puxada, na sala pôde ver algumas pessoas. Tinha reconhecido o avô de Sayuri, pois já o tinha visto antes. Ao chegar na porta do quintal avistou Urion com uma cerveja na mão, relanceando fitou os outros homens com ele. Dentre eles reconheceu Ian sorrindo com uma cerveja na mão, engolindo em seco viu o exato momento que ele a encarou parando de sorrir. Desviando o olhar sentiu-se ser puxada para o lado, sorrindo avistou Yumi conversar com algumas mulheres.

— Mamãe! – Sayuri a chamou apontando para Romee. — Olha quem encontrei lá fora – brincou observando a mãe puxar Romee para um

PERIGOSAS ACHERON

abraço.

— Romee, querida! Você está tão linda! — elogiou-a recebendo um sorriso. — Meninas, essa é a Romee.

— Romee? — Akemi questionou sorrindo com uma taça de champanhe na mão. — A Romee? — quis saber recebendo uma cotovelada de Grace.

— É um prazer te ver, Romee — Grace afirmou recebendo um sorriso incerto da jovem. — Como está a sua mãe?

Nervosa, Romee encarou a mulher à frente, Grace sabia sobre o estado de saúde da mãe. Mas não queria comentar sobre isso ali na frente daquelas pessoas, nunca gostara de se expor.

— Bem — respondeu desviando o olhar. — E onde está Celeste? — perguntou rezando para que a mulher não voltasse no assunto.

— Ela estava brincando com as outras crianças e Ian — proferiu esticando o pescoço. — Ian! — o chamou deixando Romee nervosa.

Ao ser chamado Ian pediu licença da roda em que estava e ao se aproximar fitou Romee parada com as mãos em frente ao corpo. Engolindo seco fitou os olhos claros adornados por cílios

PERIGOSAS ACHERON

longos, ainda avaliando desceu o olhar para o nariz e os lábios tensionados.

Pigarreando voltou a atenção para Tia.

— Sim?

— Onde está Leslie?

Relanceando para Romee mais uma vez a viu o observar a espera da resposta.

— Clint é o babá da vez.

— Ian! — Yumi bronqueou deixando-o assustado. — Romee está conosco.

— Eu vi — retrucou arqueando uma sobancelha para a mãe. — Como vai Romee?

— B-Bem. — Xingou-se quando a voz falhara, olhando Noemie a viu franzir o cenho a observando. — Então... Eu só vim parabenizar o casamento e falar com a senhora.

Abraçando-a mais uma vez, Yumi fechou os olhos. Adorava aquela menina, mas sentia que a mesma escondia algo grande.

— Sempre que você precisar, Romee — disse afastando-se. — Você pode contar comigo, você tem a mim como uma amiga.

— A mim também — Sayuri afirmou a abraçando pelos ombros.

Tocada com as falas, Romee sentiu o coração se aquecer.

Queria poder falar sobre tudo, mas tinha compromissos e não queria que achassem que ela estava reclamando em cuidar da mãe. Porque isso jamais ela reclamou, a única coisa que ela se sentia incapaz era em dar uma vida melhor a mais velha. Não que passassem fome, mas gostaria de oferecer mais a mãe. A mulher que antes sempre teve boa saúde, agora estava frágil. Se submetia as quimioterapias para poder combater o câncer que tinha, recomendações médicas.

Voltando para o presente viu as mulheres rirem por alguma coisa.

— Eu tenho que ir — falou recebendo as atenções. — Parabéns pelo casamento Sayuri, eu gostaria de ter ido.

— Tudo bem. — Sorriu a abraçando. — Fica bem, sabe que se precisar estamos aí.

— Obrigada — agradeceu sorrindo. — Até uma outra hora, Sra. Dupke.

— Até, querida.

Acenou fitando-a acenar para todos.

Cruzando os braços Sayuri observou-a ir

PERIGOSAS ACHERON

embora, virando-se a procura de Benjamin viu que ele lhe olhava com um pequeno sorriso. Discretamente o viu bater no relógio de pulso, surpresa afirmou lhe sorrindo. Também estava louca para sair dali e ficar a sós com ele, no quarto em uma pequena bolsa a fantasia a aguardava para ser usada.

Recebendo um cutucão na cintura pulou virando-se para Noemie.

— Hein?

— O que? – questionou com o cenho franzido.

Revirando os olhos Noemie fitou a direção ao qual Sayuri olhara.

— Está louquinha para ir embora, né? – quis saber com um sorriso safado. — Te conheço.

— O que você perguntou antes? – perguntou não a respondendo.

— Perguntei se vai preparar algo para a noite de núpcias – repetiu segurando a taça do champanhe.

Antes de a responder Sayuri fixou a atenção em Jillian que a observava, envergonhada coçou atrás da orelha desviando o olhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada demais, Mei — desconversou relanceando para Bradley e Hailee que estavam mais afastados conversando entre si. — Será algo normal como qualquer outro.

— Achei que usaria a fantasia que disse — proferiu confusa.

— Mei! — bronqueou envergonhada.

Ouvindo as outras mulheres rirem fechou os olhos, mas logo os abrindo.

Noemie não tinha mesmo jeito, isso desde que se conheceram ela já a fazia passar esse tipo de vergonha. Mas apesar de tudo a amava como se fosse uma irmã, sempre que precisou ela estava disposta a ajudar.

Levando as mãos ao ventre sorriu ao perceber que sua bebê nasceria em um ambiente com pessoas boas e amorosas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Segurou o copo de suco e o bebeu observando Ian dançar com Jilly, olhando rapidamente o relógio de parede viu que eram 7:30pm estava adorando a festa, mas gostaria de ir embora com Benjamin.

Alguns convidados já foram embora e, ficaram somente alguns mais próximos.

Bebendo mais um gole procurou o marido em meio as pessoas, quando finalmente o encontrou – conversando com o avô Archie – acenou delicadamente indicando a saída.

Colocou a taça em um móvel próximo e se encaminhou para dentro de casa, antes que chegasse nas escadas viu a mãe descê-las segurando uma caixinha preta comprida.

— Antes que você fuja. — Sorriu recebendo um sorriso envergonhado. — Eu quero te entregar isso.

— Mãe, não precisava – murmurou abrindo a caixinha notando ser uma pequena pulseira, voltando a encarar a mãe a viu com os olhos

PERIGOSAS ACHERON

marejados. — Isso não cabe em mim.

— Eu sei — anuiu enxugando uma lágrima. — Na verdade, eu comprei para a minha neta. — Sorriu fazendo Sayuri se emocionar. — Você tem tanta certeza de que é uma menina, então, quem sou eu para ir contra?

Emocionada abraçou a mãe deixando algumas lágrimas caírem.

— Obrigada, mãe — agradeceu sentindo os cabelos serem acariciados. — Eu espero ser uma mãe tão maravilhosa como a senhora.

— E você será, meu amor.

Benjamin andava rapidamente atrás da esposa, mas assim que a viu abraçada a Yumi parou. Esperando que elas se separassem viu quando a mais velha beijou o rosto da filha, inclinando o rosto lhe sorriu. Acenando se aproximou abraçando Sayuri pela cintura, olhando por cima do ombro feminino viu a caixinha com a pequena pulseira.

— Agora vou lá ficar com o seu pai. — Voltou a falar com um pequeno sorriso. — Estou tão feliz por vocês.

— Eu vou fazer a sua filha feliz — afirmou
PERIGOSAS ACHERON

ainda abraçando Sayuri.

— Eu sei disso – comentou enxugando as lágrimas. — Agora vão! – mandou já saindo do campo de visão dos dois.

Abraçando a pequena caixa virou-se para o marido.

— Vou pegar minha bolsa para irmos.

— Rápido.

Sorriu desferindo um tapa no traseiro feminino.

Subindo as escadas andou rapidamente para o quarto, pegando a bolsa perto da janela parou observando o pai segurando uma cerveja enquanto conversava com Ian. Segurando a bolsa com firmeza retirou as sandálias a segurando com apenas uma mão, saindo do quarto fitou Benjamin parado no final da escada a esperando. Em silêncio saíram da casa, mas antes de sair ouviram claramente alguém gritar “*Cadê o Benjamin?*”. Ao abrirem a porta correram para o carro, Sayuri sentia-se excitada por estar fugindo da própria festa.

Adentrando o carro colocou o cinto de segurança e relanceando para a porta da casa viu

PERIGOSAS ACHERON

algumas pessoas gritarem acenando. Sorrindo acenou de volta ouvindo Benjamin buzinar, logo saindo do local.

Com a cabeça encostada no vidro da janela do carro, viu Benjamin adentrar uma avenida diferente. Franzindo o cenho voltou-se para o homem em uma pergunta muda. Olhando novamente para fora viu o carro adentrar uma outra rua, sorrindo mordeu os lábios, reconhecia o local. Ansiosa viu a rua da futura casa que iriam morar, sentando-se ereta voltou-se para Benjamin.

— Bem-vinda ao nosso novo lar! – disse estacionando o carro em frente à casa branca.

Levando as mãos ao rosto Sayuri deixou algumas lágrimas caírem.

— M-Mas... Como? – questionou olhando a casa branca com cercas brancas ao redor.

— Eu quis fazer uma surpresa – respondeu sorrindo. — Então eu pedi ajuda ao seu pai, seu irmão e a sua mãe.

Emocionada, abriu a porta do carro sendo

PERIGOSAS ACHERON

seguida por Benjamin, antes de fechar a porta pegou a bolsa. Aproximando-se do marido andou até a varanda, o fitando abrir a porta.

Antes que pudesse adentrar a residência sentiu ser segurada e colocada no colo.

— Vamos começar do jeito certo.

Beijou-a logo entrando na casa com o pé direito e fechando a porta com o calcanhar.

Atenta observou a sala toda arrumada com os sofás em seus lugares, uma bela poltrona mais próxima a lareira e do outro lado a tevê enorme de última geração. Impressionada virou o rosto a procura da sala de jantar, sorrindo viu alguns eletrodomésticos deixando o local mais bonito. Agarrada ao pescoço do marido fitou as escadas ao qual Benjamin subia, uma porta encostada da cor lilás bem claro chamou a atenção de Sayuri. Sentindo ser colocada no chão andou até a porta e a empurrou. Emocionada fitou o berço de madeira posto próximo a janela.

Franzindo o cenho teve a impressão de que já havia o visto antes, voltando para Benjamin recebeu um pequeno sorriso.

— Sra. Mikkelsen nos deu o berço —
PERIGOSAS ACHERON

informou aproximando-se enxugando as lágrimas da esposa. — Ela nos deu semana passada antes de voltar para o lar de repouso.

Fungando lembrou-se desse dia, a mulher havia ido visitá-los e passado um bom tempo conversando sobre como estava sendo no lugar onde ficava. Tinham dito que Sayuri estava esperando um bebê e a notícia deixara a mulher surpresa e emocionada.

— É lindo! – falou abrindo as gavetas da cômoda fitando algumas fraldas de panos nela. — Eu nem sabia.

— Sra. Mikkelsen que me pediu para não estragar a surpresa – disse olhando-a cheirar uma fralda. — Você gostou?

— Eu amei! – exclamou o abraçando. — Está tudo tão lindo.

— Isso porque você não viu o nosso quarto – retrucou recebendo um olhar ansioso da mulher.

Saindo rapidamente do quarto parou no corredor observando as portas dos outros cômodos. Sentindo ser novamente pega nos braços, riu o beijando. Benjamin chutou a porta e adentrou o quarto principal que ficava entre os outros.

PERIGOSAS ACHERON

Fascinada Sayuri fitou a grande cama que de agora em diante dividiria com o marido. Sendo depositada no colchão com cuidado viu Benjamin colocar a bolsa ao lado dela, com um sorriso safado começou a desabotoar a camisa.

Inclinando-se um pouco, beijou os lábios rosados sentindo ser puxado pelas mãos delicadas. Enfiando uma mão nos cabelos castanhos rosnou ao ter a nuca arranhada pelas unhas curtas. Pronto para aprofundar o beijo sentiu ser empurrado, confuso a encarou.

— Eu tenho algo para você – disse com um grande sorriso. — Você vai amar.

— Mesmo? – quis saber observando-a pegar a bolsa e se dirigir para o banheiro. — Não acredito que eu estava segurando minha surpresa o tempo todo.

— Se quiser tomar banho em outro banheiro pode ir – avisou lançando um olhar sensual ao marido. — Daqui há quinze minutos você pode voltar.

Com um olhar curioso Benjamin a viu adentrar o cômodo fechando a porta rapidamente. Sorrindo correu para o outro cômodo e retirando

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente a roupa se colocou embaixo do chuveiro. Virando-se para o suporte de parede viu alguns produtos fechados, abrindo um sabonete líquido o espalhou no corpo se ensaboando.

Enxaguando-se rapidamente saiu do box estendendo a mão para uma toalha que havia ali, secando-se com pressa decidiu-se por ficar pelado.

Voltando para o quarto se jogou na cama esperando a esposa.

No banheiro, Sayuri se ensaboava com calma. Passando a mão na barriga fechou os olhos imaginando-se maior. Molhando o corpo retirou todo o sabão presente, desligando o chuveiro pegou uma toalha enrolando-se. Parando em frente a pia fitou a sacola com a fantasia, sorrindo sentiu a vergonha tomar conta de si.

Por um momento parou e pensou na reação de Benjamin.

No quarto, Benjamin começava a ficar impaciente com a demora. Quando pensou em ir até o banheiro viu a porta ser aberta. Em expectativa

PERIGOSAS ACHERON

fitou Sayuri sair do local acanhada, mas o que o deixou sem palavras foi a tal fantasia que ela usava.

Engolindo em seco viu a esposa vestida com uma fantasia de coelhinha.

Com a respiração desregular fitou a expressão de dúvida que ela tinha, descendo o olhar encarou o sutiã felpudo da cor rosinha. Descendo mais um pouco encarou a barriga de três meses e, aquilo o deixou aceso. Segurando o membro começou a acariciar a cabeça do pênis, apertando-o um pouco encarou Sayuri lhe sorrir envergonhada.

— Dá uma voltinha, dá? — pediu logo rosnando ao ver que a calcinha era fio dental e nela havia um rabinho de coelho.

— Você gostou? — questionou mordendo os lábios incerta enquanto remexia o traseiro fitando o olhar faminto em si.

— Se eu gostei? — repetiu saindo da cama aproximando-se dela. — Vê como fiquei duro? — perguntou mostrando o membro duro.

Lambendo os lábios, Sayuri deu um pequeno sorriso segurando a espessura dura o acarinhado, olhando-o o viu fechar os olhos com o cenho franzido de prazer. Juntando os lábios em um casto

PERIGOSAS ACHERON

beijo, esfregou os narizes de forma carinhosa.

— *Hoje vou ser sua coelhinha* – sussurrou fazendo-o abrir os olhos rapidamente. — *Eu tinha escolhido outra fantasia* – murmurou ficando nas pontas dos pés enquanto esfregava o rosto na barba do homem —, *mas...*

— Eu amei essa sua fantasia – informou a puxando para um beijo. — Você está muito gostosa.

Sorrindo, Sayuri o empurrou até chegar na cama, apoiando as mãos nas coxas grossas do marido se ajoelhou ficando entre as pernas musculosas. Fazendo uma expressão sensual o segurou pela base o colocando na boca, encarando os olhos de Benjamin o viu a fita-la com desejo. Segurando-a pelos cabelos forçou o quadril bombeando fazendo-a engasgar, soltando os fios castanhos a observou tira-lo da boca respirando com sufocamento.

— Me desculpe – pediu recebendo uma longa lambida e na cabeça do membro uma chupada.

Ajeitando as orelhinhas em cima da cabeça voltou a colocá-lo na boca, sentia um tesão muito grande só de tê-lo entre os lábios. Apoiando as

PERIGOSAS ACHERON

mãos nas coxas grossas tentou introduzi-lo totalmente na boca, não conseguindo. Sentindo a mão masculina lhe tocar no queixo, fixou o olhar no dele. Descendo os lábios pelo comprimento masculino, depositou um beijo seguido de uma lambida nos testículos pegando Benjamin de surpresa.

— Você está gostando? — quis saber movendo a mão em ritmo de sobe e desce.

— Você vai me fazer gozar já já — a informou a puxando para um beijo cheio de luxúria.

Soltando-se do beijo voltou ao que fazia, sentindo a carne macia e ao mesmo tempo dura em contato com a língua. O chupando com desejo sentiu o agarre nos cabelos aumentar, descendo a mão para a própria calcinha sentiu-a melada.

Fechando os olhos começou a se acariciar. Gemeu enquanto o mantinha ainda na boca, abrindo os olhos viu os dentes brancos de Benjamin morder os lábios e a testa franzir.

Aumentando a carícia também fechou os olhos sentindo o membro teso tremular e Benjamin gemer de forma rouca, retirando-o da boca sentiu o líquido quente em seus lábios. Passando a mão nos

PERIGOSAS ACHERON

lábios retirou os vestígios do orgasmo de Benjamin, sentindo ser puxada para a cama sorriu ao ter as pernas abertas.

— Agora vamos ver o que acontece quando...
— Parou enfiando a mão dentro da calcinha alisando toda a feminilidade. — Um cavalo de puro sangue acasala com uma coelhinha.

Prendendo a respiração Sayuri sentiu-se arrepiar com a comparação, descendo os olhos pelo corpo de Benjamin fitou o membro semiereto. Engolindo em seco fitou a cicatriz que ficara no corpo do homem, mordendo os lábios tratou de parar o pensamento que lhe veio à mente.

— Um c-cavalo? — repetiu o pegando pelo pau o acariciando. — Não seria melhor um coelho?

Sorriu observando o olhar confuso que ele lhe endereçou.

— Sra. Buthler — falou fazendo-a sorrir. — Por acaso eu tenho o tamanho de um coelho? — quis saber soando um pouco ofendido recebendo um sorriso. — Eu sou grande como um touro — avisou tendo um olhar sarcástico. — Um cavalo, um leão, um...

— Você vai me foder ou não? — quis saber
PERIGOSAS ACHERON

ficando de quatro sob o olhar do marido. — Só fica falando e fa... — Parou de falar recebendo um sonoro tapa no traseiro. — Ai! Benjamin!

— Coelhinha malvada! — proferiu alisando onde batera. — Eu adoro apertar esse traseiro — confidenciou dando um forte aperto na carne branca.

— Faz isso porque não é em você — retrucou puxando o travesseiro o abraçando enquanto sentia os dedos lhe acarinharem. — *Benjamin...* — gemeu sentindo a carícia aumentar.

Afastando a calcinha para o lado Benjamin encarou aquela parte feminina tão delicada e pequena da esposa. Era incrível como o membro conseguia adentrar aquele canal tão apertado e pequeno, dando prazer aos dois como fazia. Separando os grandes lábios com dois dedos aproximou a língua do clitóris o chupando, recebendo um gemido dengoso da mulher a penetrou com um dedo o movendo lentamente. Segurando a calcinha para o lado lambeu do clitóris a abertura pequena da esposa, envolvido no que fazia sentiu quando a mão feminina o agarrou começando a acarinhá-lo. Sentindo alguns arrepios

PERIGOSAS ACHERON

pelo corpo fechou os olhos se deleitando no que fazia, ao sentir que já estava ficando ereto novamente a beijou uma última vez ali.

Esfregando os dedos em uma carícia gostosa viu Sayuri olhar por cima do ombro o que ele fazia. As orelhas de coelhinha já não mais estavam onde tinham que estar, os cabelos castanhos se espalhavam na cama, as expressões de prazer que Sayuri tinha o fazia querer enfiar-se todo nela de uma só vez. Mas não faria isso, mesmo querendo ir com força teria que pensar na bebê que Sayuri carregava. Por isso segurando o membro, o encaminhou até a entrada feminina. Com as mãos fechadas em punhos, as apoiou ao lado do corpo a sua frente e em um pequeno impulso a penetrou fazendo-a gemer abafado.

Olhando os sexos juntos relanceou para o traseiro vermelho com a marca certa de cinco dedos e, mais acima um pouco o rabinho de coelho grudado na calcinha.

Aproximando mais os quadris começou os movimentos de vai e vem respirando pela boca viu quando o traseiro foi de encontro ao seu. Lambendo os lábios testou ir com mais força um pouco.

— *Mais f-forte* – pediu de maneira sôfrega.

— Não podemos exagerar – respondeu levando uma mão até a barriga pontuda. — Nossa bebê, nós...

— *Ben... Por favor!* – pediu apoiando as mãos no colchão, encostando as costas no peitoral firme atrás de si. — *N-Não vai machucar!*

Um pouco incerto a segurou pela cintura e, em um movimento rápido se jogou na cama com Sayuri por cima de si. Arrumando os travesseiros nas costas, viu a esposa pegar o membro duro e o colocar dentro do canal vaginal.

Sentando-se enquanto se segurava nas pernas de Benjamin começou a se mover soltando pequenos gemidos, olhando por cima do ombro encarou o marido que observava os sexos se conectando.

— Esse seu rabinho de coelhinha está acabando comigo – avisou fazendo-a sorrir.

Deitado a segurava pela cintura, a ajudando nos movimentos.

Franzindo o cenho encarou os cabelos castanhos pularem de acordo a intensidade das estocadas, tentava não ser tão rude, mas Sayuri o

PERIGOSAS ACHERON

deixava selvagem feito um animal.

Sentindo-a parar a segurou com delicadeza ajudando a se deitar quando notou que ela queria mudar de posição, ajeitando o travesseiro a viu deitar a cabeça confortavelmente e aproximando-se a beijou no ombro, segurando por baixo do joelho feminino a cutucou com o membro até conseguir penetrá-la.

Ainda a segurando pela perna recomeçou a invadi-la, juntando mais os corpos pousou a mão em cima do ventre pontudo. Com os dentes mordeu o lóbulo da orelha feminina, fazendo-a gemer alto. Acelerando um pouco os movimentos sentiu o canal vaginal o apertar, sabendo que ela estava próxima de gozar levou os dedos ao clitóris o acariciando ao mesmo tempo em que a penetrava.

As unhas lhe cravando o braço o fez crisar os lábios. Atento ao rosto contorcido de prazer aproximou mais os quadris arremetendo com força. Sentindo Sayuri o ajudar nos movimentos se descontrolou a puxando pelo cabelo enquanto metia com mais força, tendo a sensação do membro ser apertado viu a esposa tremer enquanto gemia. Acelerando mais sentiu a própria libertação vir.

PERIGOSAS ACHERON

Gemendo rouco no ouvido feminino gozou dentro da mulher fazendo-a gemer dengosamente.

Movendo o quadril com lentidão – com o membro ainda dentro dela – viu o sorriso que Sayuri tinha nos lábios.

— *N-Não... Sint-to meu corpo* – sussurrou recebendo uma risada breve de Benjamin.

Sentindo-o sair de dentro de si. Deitou-se ereta tentando normalizar a respiração. Passando a mão no pescoço retirou os cabelos que tinham grudado ali, virando-se para o marido fitou o sorriso que ele tinha. Lambendo rapidamente os lábios suspirou.

— Estou com sede – informou o olhando. — E com fome, mas estou tão cansada.

— Vamos primeiro tomar um banho e depois eu vejo o que tem para comermos.

Respirando fundo encarou os olhos escuros do homem e dando um pequeno sorriso o acarinhou no rosto. Estava tão feliz por tudo no final ter dado certo, os dias que passara com Benjamin dentro do hospital a fez ver que o amava de forma imensurável. A prova do amor que tinham estava crescendo dentro de si de maneira segura, sorrindo

PERIGOSAS ACHERON

percebeu que tinha certeza absoluta de que era uma menina.

— Eu te amo! – o ouviu dizer. — Vou te fazer a mulher mais feliz desse mundo.

Sorrindo aproximou-se dele o beijando e deitando a cabeça no peitoral tatuado.

— Eu também te amo! – respondeu chorando. — E estou tão agradecida por você não ter me deixado – informou recebendo um carinho nos cabelos. — Eu tive tanto medo, Benjamin – falou o olhando rapidamente —, mas não quero me lembrar daqueles dias.

— Não vamos! – exclamou lhe acarinhando o queixo. — A partir de hoje vamos esquecer aquele episódio e substituir por um pedido de casamento ao qual eu lhe fiz e você prontamente aceitou sem pensar duas vezes. – Sorriu a fitando. — Até porque um negro gostoso assim dando sopa seria vacilo seu não aceitar.

Desferindo um leve tapa no peito do homem o encarou.

— Nada de dar sopa – retrucou o encarando. — Você é todo meu e eu sou toda sua.

— Toda minha? – quis saber a colocando em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

baixo de si.

— Toda sua!

Sorriu o abraçando.

— Toda minha assim? – Indicou o polegar e o dedo indicador juntos. — Ou assim? – perguntou com os dedos afastados.

O beijando rapidamente alisou a barba grande.

— Toda sua de forma imensurável – afirmou fazendo-o sorrir. — Está bom para você?

Anuindo, Benjamin a beijou, sentindo a língua tocar na sua em uma carícia suave.

Inclinando o rosto para o lado aprofundou o beijo sentindo o desejo de tê-la mais uma vez voltar com força, afastando-se viu os lábios vermelhos levemente separados.

— Vamos tomar banho e depois comer.

Concordando abriu os braços em um pedido mudo.

— Que preguiçosa – a acusou pegando-a no colo se encaminhando para o banheiro.

— Se eu estou cansada a culpa é sua – murmurou depositando a cabeça no ombro tatuado —, mas isso não foi uma reclamação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijando-a mais uma vez adentrou o banheiro trancando a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 46 – Epílogo

Fechando os olhos com força sentiu ser invadida.

Mordendo os lábios fixou o olhar em Benjamin que deitado a segurava pela cintura ajudando nos movimentos. Jogando os cabelos para o lado rebolou sentindo o agarre na cintura aumentar. Inclinando o corpo para frente pousou uma mão no peitoral musculoso enquanto gemia ao sentir os braços a puxando para perto. A camisola enrolada na cintura a deixava com mais calor, mesmo estando chovendo.

Benjamin tinha o calção de dormir na metade das cochas, isso porque tinham uma pequena de dois anos e as vezes, Iven aparecia quando menos esperavam.

— *Eu te amo!* – a voz rouca lhe avisou fazendo-a sorrir.

— *Eu também te amo!* – confidenciou o beijando.

PERIGOSAS ACHERON

Do lado de fora da casa a chuva caía junto com os relâmpagos e raios. No quarto cor de rosa a pequenina olhava a tudo com muito medo. Ela não gostava quando chovia assim, pois tinha medo do que poderia acontecer no quarto. Da última vez o bicho papão se escondeu debaixo da cama, mas não entendia como ele havia sumido quando o pai foi olhar.

Retirando o lençol do corpinho desceu da pequena cama com muito custo. As perninhas gordinhas com pezinhos pequenos assim que pousaram no chão sentiram a frieza que estava. Passando a mão no rosto retirou a franja negra que insistia em chatear seus olhos. Pegando o lençol rosa e o ursinho Alfe caminhou para fora do quarto. Ao chegar no corredor encarou a escuridão que estava. Franzindo o cenho ficou olhando para os lados, um forte trovão a assustou fazendo-a choramingar. Parando em frente da porta dos pais ouviu barulhos vindo de dentro. Esticando o bracinho gordo tentou abrir a porta, mas não conseguiu.

Fitando a mãozinha inclinou a cabeça para o lado e voltando a estender o bracinho fungou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando viu que era muito pequena para abrir a porta.

Olhando para o lado viu o bicho papão parado a olhando.

Gritando começou a chorar.

No quarto do casal, Sayuri se deliciava com a velocidade que o marido tinha determinado. Deitando-se e o abraçando gemeu ao sentir que estava quase gozando. Sentindo um aperto no traseiro e o marido lhe penetrar com mais força ouviu quando a filha gritou começando a chorar. Saindo rapidamente de cima do marido, ajeitou a camisola e correu para fora. Na cama, Benjamin já tinha subido o calção e observava Sayuri abrir a porta e nela estar a pequena chorando agarrada ao ursinho e lençol.

Respirando em alívio viu a esposa pegar a pequena nos braços e a acalantar.

— O que foi, meu amor?

— Medo, mamãe — afirmou abraçando o pescoço suado da mulher. Virando o rostinho viu o pai em cima da cama. — Papai!

Estendeu os bracinhos com um fofo bico nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrindo, Benjamin foi até a filha e a pegou dos braços da esposa.

— Minha princesa. — Beijou-a no rosto logo sentindo os bracinhos lhe agarrarem o pescoço. — Está tudo bem. Papai está aqui e não vai deixar que nada te machuque.

Emocionada, Sayuri o observou alisar os cabelos negros da filha.

Aproximando-se enxugou as lágrimas nos olhinhos esticados da menor.

— Vou preparar um leitinho quente para você, está bem? — falou para a filha que apenas concordou voltando a deitar a cabeça no ombro do pai.

— E eu não ganho nada? — Benjamin perguntou com um sorriso de lado.

Arqueando a sobrancelha, Sayuri balançou a cabeça em negação.

— Quem sabe depois?

Balançando a pequena, Benjamin começou a cantarolar uma canção de ninar, antes de sair do quarto a mulher observou o marido acarinhar as costas da pequena enquanto cantava.

Saindo do quarto sentiu o coração se aquecer

PERIGOSAS ACHERON

de amor.

Tinha uma linda casa, uma linda família, um maravilhoso marido que a amava de forma imensurável, um bom emprego em uma escola pública... Era feliz de uma forma que não imaginava que seria, mas que sempre sonhou.

Após preparar o leite quente da filha, voltou para o quarto fitando a pequena deitada junto ao pai enquanto Benjamin lia um pequeno livro para ela. Fechando a porta andou até a cama entregando a mamadeira rosa a filha. Engatinhou sobre Benjamin e deitou-se no outro lado relanceando para a menor que bebia o líquido prestando bastante atenção na leitura.

Esticando a perna alisou a de Benjamin, tendo como resposta um suspiro.

Aconchegando-se mais ao homem e fechou os olhos, a voz do marido era o som mais lindo que alguém poderia ouvir. Suspirando, pousou a mão no peito masculino. Não teriam como terminar o que tinham começado. A filha estava entretida demais com a história e sempre quando ela estava assim acabava dormindo com o casal. Fechando os olhos ouviu novamente trovejar do lado de fora e a

PERIGOSAS ACHERON

chuva continuar sem parar.

Aconchegando-se mais no marido inspirou sentindo o cheiro que só ele tinha.

Antes que pudesse abrir os olhos, sentiu o lençol que usava, ser puxado. Abrindo apenas um olho fitou a pequena tentar subir na cama. Dando um pequeno sorriso virou na cama – fingindo que dormia – esticando o braço para fora do colchão. Segundos depois sentiu a filha lhe segurar o braço forçando o corpinho para cima. Rindo rouca a ajudou a subir.

— Papai – a voz da menor chegou em seus ouvidos. — *Acoda!*

De olhos fechados sentiu pequenas mãozinhas lhe tocarem o rosto e ao abrir os olhos fitou pequenos castanhos escuros lhe observarem. Sorrindo a viu retirar a franja da frente dos olhos, os cabelos negros lisos estavam amarrados de lado.

— Bom dia, princesa – falou colocando uma mecha atrás da pequena orelha. — Onde está a mamãe?

— *Ai baxo.*

Apontou para a porta, logo deitando-se em cima do pai.

— Que princesa cheirosa – afirmou sentindo o cheirinho de bebê.

— *Omei* banho, mamãe deu – respondeu balançando as perninhas. — Casa do vovô eu vou.

— Vai para a casa do vovô? – quis saber sorrindo sentindo-a confirmar com a cabeça. — Não vai ficar com o papai?

— Não – negou sentando-se na barriga alheia fazendo o pai arfar. — O vovô vai *opi compar* bebê *eu pegente*.

Franzindo o cenho, a observou tentando desvendar o que a filha tinha dito. As vezes acontecia de a pequena desatar a falar e ele não entender absolutamente nada. Alisando a bochecha gordinha a viu sorrir enquanto tocava as tatuagens espalhadas no peitoral do homem.

— Meu pai vai com ela ao shopping comprar uma boneca de presente – Sayuri falou da porta, segurava uma bandeja com o café da manhã. — Lembra-se que ele falou isso ontem?

Arqueando as sobrancelhas lembrou-se que
PERIGOSAS ACHERON

no almoço o homem tinha prometido isso.

Hoje é o aniversário da pequena, então o mais velho avisou que ficaria com a menor para que tudo fosse arrumado a tempo. Sentando-se observou a esposa se aproximar usando um short curto cintura alta e uma blusa preta sem mangas, lhe endereçava um lindo sorriso. Ajudando-a a colocar a bandeja em cima da cama fitou a pequena se esticar para pegar um morango, sorrindo relanceou para Sayuri que sorria olhando a filha.

— Você comeu? — perguntou antes de começar a se servir.

— Eu comi na cozinha — avisou sentando-se sobre os calcanhares na cama. — Então trate de se alimentar bem — mandou olhando a filha pegar mais um morango.

— A mamãe *biga* — Iven falou fazendo os dois rirem.

— A mamãe adora brigar com o papai — inquiriu recebendo um aceno da menor. — Menos com você, né princesa?

— Mamãe ama eu — proferiu entretida no morango que comia.

Rindo, Sayuri pegou um guardanapo e
PERIGOSAS ACHERON

limpou o caldo do morango que escorreu no braço da pequena.

— Isso mesmo. — Acenou a pegando no colo.
— Agora vamos deixar o papai comer e irmos até o seu quarto arrumar a bolsa para sair com o vovô — murmurou e ao sair da cama, acenou para Benjamin.

Encostando-se na cabeceira da cama suspirou com um pequeno sorriso. A cada dia sentia-se agradecido pela família que havia construído. Sayuri havia completado uma parte de si que ele não sabia estar incompleta.

Iven nasceu em uma madrugada chuvosa. Na hora estavam dormindo e havia acordado com o grito da esposa, aquele momento foi desesperador. Mas assim que ele viu o rostinho da filha tudo ao redor mudou, apenas conseguia ouvir o choro alto e fino da menor. Não conseguia lembrar de mais nada, pois, após isso tinha desmaiado.

Rindo voltou a comer, tinha prometido a Dustin ajuda-lo na mudança. Ainda sorrindo lembrou-se do sobrinho, Noah, o pequeno loiro era um mês mais velho que Iven. A família sairia do apartamento para morar em uma casa próxima a
PERIGOSAS ACHERON

eles. Depois que ajudasse o amigo iria a um outro destino. Mas esse seria uma surpresa para Sayuri, torcia para que a mulher não brigasse com ele e aceitasse.

Após finalizar o café da manhã se encaminhou para o banheiro.

No andar de baixo Sayuri limpava a sala enquanto a pequena estava sentada a espera do avô. Na tevê passava um desenho que tinha prendido totalmente a atenção da menor, do lado de fora Sayuri ouviu um carro estacionar. Olhando a janela viu o pai descer do automóvel. Sorrindo viu também a mãe com algumas sacolas. Relanceando para as escadas fitou o marido lhe sorrir. Estava arrumado com a bandeja do café nas mãos. Indo até a porta, a abriu e sorriu para o pai e a mãe. Abraçando-o sentiu um beijo ser depositado na testa. Virando-se para a mãe lhe abraçou segurando as sacolas que ela levava.

— Onde está a princesa do vovô? — Urion falou em voz alta chamando a atenção da pequena

PERIGOSAS ACHERON

que rapidamente desceu do sofá.

— Vovô! Vovó! — gritou correndo de forma afobada.

Agachando-se o mais velho abriu os braços e abraçou a pequena, sentindo os pequenos braços gordinhos lhe abraçarem.

— O vovô estava morrendo de saudades — anunciou fazendo cócegas na barriga da pequena que se contorceu sorrindo. — Sabia que o vovô ama muito você, princesa?

— Sim — respondeu passando a mão nos olhos.

Rindo Sayuri alisou o rosto da filha.

— Mas é convencida como uma pessoa que conheço — murmurou relanceando para Benjamin.

— O que podemos fazer se somos tão amáveis? — brincou aproximando-se. — Senhor. — Estendeu a mão o cumprimentando. — Sra. Dupke.

— Não precisa me chamar assim, Benjamin — disse beijando a bochecha da neta. — Olhem só como você está tão linda, toda arrumada — elogiou fazendo a pequena fitar o vestido que usava.

— Mamãe *butou pincesa eu*.

Rindo, os adultos se olharam logo voltando a
PERIGOSAS ACHERON

atenção para a menor.

— Sim, você é muito princesa. — Beijou-a novamente alisando os cabelinhos pretos da neta.

— Se comporte com o vovô está bem?

— *Tá!*

— No final da tarde voltamos — Urion anunciou recebendo um aceno da filha.

— Certo! — Sayuri concordou indo até o sofá. Colocou as sacolas no móvel e pegou a bolsa da pequena. — Aqui dentro tem mais duas roupinhas para ela, caso essa suje — comunicou recebendo um aceno. — Eu coloquei água e a mamadeira, tem também frutinhas caso ela peça algo — continuou recebendo um aceno. — Fraldas, pomada, uma toalhinha e...

— Filha — a interrompeu sorrindo. — Está tudo bem — proferiu fitando-a cruzar os braços. — Eu sei cuidar da minha neta.

Rindo, Yumi recebeu um olhar fuzilador do marido.

— Desculpe, amor — pediu o beijando na bochecha —, mas você não sabe.

— É claro que sei — mudou a neta de braço. — Iven, eu sei cuidar de você, né?

— Vovô dá *ôvete*.

— Não dê muito sorvete a ela – pediu rapidamente fitando o pai. — E nem besteiras, ela adora, mas não podemos dar tudo o que ela quer.

— Tudo bem – Urion disse acenando. — Dê tchau para a mamãe, Iven.

— Tchau, amor. – Beijou-a recebendo um aceno da pequena. — Mamãe te ama!

— *Sau!* – a menor respondeu logo voltando a fitar o avô.

— E eu não ganho um beijo também? – Benjamin questionou observando a pequena o encarar acenando antes de voltar a atenção ao avô.

Voltando-se para a sogra a viu andar até o sofá.

— Filha, vou levar essas sacolas lá para cima – avisou recebendo um aceno.

Quando se viram sozinhos na sala, Benjamin puxou a esposa para um beijo.

— É só o seu pai estar por perto que ela nem me dá valor – reclamou fitando a esposa fechar a porta.

Sorrindo, Sayuri voltou-se para Benjamin o abraçando pelo pescoço.

— Quando você está por perto ela também não me dá valor.

— Isso não é verdade – retrucou recebendo um arquear de sobancelha. — Tudo bem, é só um pouco verdade.

Negando com a cabeça o beijou sentindo as mãos masculinas descenderem até o traseiro lhe apertando com força. Arfando após ser imprensada na parede, segurou a gola da camisa o puxando para mais perto. Abrindo mais a boca, chupou a língua do marido fazendo-o rosnar e a imprensá-la com mais força contra a porta.

Afastando-o fitou a barba adornando os lábios carnudos do homem, acarinhando-o ali sorriu.

— Eu estou cheia de coisas para fazer, então vamos parar por aqui. – Mordeu os lábios arrumando a gola da camisa. — Você vem para casa no almoço?

— Acha que eu perderia a oportunidade de comer a comida da minha esposa? – Franziu o cenho fazendo-a rir. — Eu prometo que volto logo, mas caso aconteça algo eu ligo.

— Tudo bem – concordou o beijando

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente. — Vou te esperar.

— Me espere — repetiu aconchegando os braços ao redor da cintura fina. — E a noite quando a festa acabar você não vai me escapar. — Sorriu aproximando os lábios dos dela. — Vamos terminar o que não conseguimos ontem.

— Estou ansiosa para isso — afirmou recebendo beijos pelo pescoço. — Agora vai! — O empurrou levando a mão até o trinco abrindo a porta. — Te amo!

— Eu te amo mais! — Beijou-a e lhe enviou uma piscadela.

Agarrada a porta viu o marido se encaminhar até o carro. Depois de uma buzinada fechou a porta. Olhando para a escada viu a mais velha descer com um pequeno sorriso, fitando-a abrir os braços correu e a abraçou.

— Me sinto tão velha quando vejo que você e seu irmão já cresceram e que também já sou avó.

Riu sentindo os braços da filha lhe abraçarem.

— A senhora está bem bonitona — falou afastando-se. — Não está nada velha.

Suspirando, Yumi a observou colocar as

PERIGOSAS ACHERON

almofadas no lugar e desligar a tevê, então sorriu e a acompanhou até a cozinha.

— E o Ian? — quis saber pegando dois copos e a jarra de suco dentro da geladeira.

— Seu irmão ficou terminando uns projetos para a empresa — proferiu pegando o copo. — Depois que ele conseguiu aquele emprego só quer saber de trabalhar.

— Espero que venha — comentou tomando um gole do suco. — Iven adora o tio.

— Ele vem — afirmou sorrindo. — Encontrei com Romee e entreguei o convite da festa.

— Ela também vem?

— Disse que sim — disse observando o suco. — E eu reforcei o pedido.

Concordando, Sayuri encarou a mãe. Antigamente achava que Romee sentia algo pelo irmão, mas com o passar dos anos se desesperançou entre o irmão e a jovem se envolverem. Apostava que a mãe compartilhava o mesmo pensamento.

— Vamos começar com os preparativos? — propôs com um grande sorriso. — Que hoje minha princesa completa três anos. — Fechou os olhos sorrindo. — Meu Deus! Passou tudo tão rápido.

— É o que estou falando — Yumi inquiriu terminando de beber o suco. — Vamos logo começar.

Afirmando Sayuri lavou os copos, logo se encaminhando com a mais velha para começar os preparativos.

Estacionando em frente ao apartamento de Dustin, Benjamin desligou o automóvel.

Pegou o celular e desbloqueou a tela fitando a imagem da esposa e da filha. Sorrindo fitou o horário. Saindo do carro acionou o alarme. Acenou para o porteiro e se dirigiu para o elevador. Após chegar no primeiro andar se encaminhou para o apartamento do amigo e ao tocar campainha ouviu a risada do sobrinho. A porta aberta o fez observar o que acontecia dentro do lugar. Várias caixas espalhadas pelo local e o pequeno loiro assistindo algum desenho no celular do pai.

Virando-se para o amigo, o viu com uma expressão cansada.

— E aí? — Benjamin murmurou cumprimentando-o. — Onde está Taylor?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Saiu para comprar o presente da Ivie. — Deu espaço para o amigo passar. — E me deixou sozinho com esse pimentinha.

Rindo, Benjamin adentrou o lugar se jogando ao lado do sobrinho observando o desenho com animais que o loirinho assistia.

— Noah? — o chamou não obtendo resposta. — Hey! — Sem ter resposta cutucou o ouvido do pequeno fazendo-o desviar a atenção do celular. — E aí?

— Oi — falou voltando a observar a tela.

Levantando-se encarou o loiro que agora tinha adotado uma barba.

— São viciados.

— Contanto que ele fique assim quietinho eu realmente não acho ruim — Dustin afirmou coçando a cabeça. — Ele não para um minuto.

— Crianças... — Deu de ombros olhando as caixas. — Então por onde vamos começar?

— Você pode levar essas caixas. — Indicou mostrando-as. — Cuidado para não quebrar — pediu rapidamente. — Se quebrar algo, Taylor me mata.

Acenando, começou a pegar as caixas para levar até o carro.

PERIGOSAS ACHERON

Entretida com o almoço que fazia, ouviu quando a campainha fora tocada. Virando-se viu a mãe ir até a porta. A primeira voz que ouviu foi da sogra, então sorrindo saiu de perto do fogão indo de encontro a mulher. Aproximando-se da entrada da cozinha viu Jilly abraçar Yumi lhe perguntando como estava e, mais atrás, Bradley se aproximava com algumas sacolas. Sorrindo, fitou Hailee segurar a mão do loiro. Os dois sorriam de alguma coisa. Bradley com dezoito anos estava mais alto e por conta das aulas que praticava na academia de Benjamin, tinha ganhado músculos. Nada exagerado.

Relanceando para Hailee notou que ela também tinha ganhado curvas, a loira estava com dezessete anos.

— Viemos ajudar com os preparativos – Jilly informou abraçando a nora. — Onde está minha neta?

— Papai a levou ao shopping – respondeu a abraçando. — Como a senhora está?

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, filha. — Sorriu virando-se para o loiro. — Trouxe alguns ingredientes para um doce que vou fazer.

— Maravilha! — Yumi murmurou cumprimentando o adolescente e a loira. — Como vocês dois estão bonitos — elogiou fazendo Bradley sorrir de maneira contida. — Você ficou enorme, Bradie. E, você Hailee, muito linda.

— Obrigada, Sra. Dupke — agradeceu envergonhada. — A senhora também está muito linda.

— Vamos entrando — falou apontando para dentro. — Estou preparando o almoço. — Sorriu fitando Hailee e Bradley. — E o Liam e Melvin?

— Saíram. — A voz grave do loiro se fez presente. — Meu irmão conseguiu uma promoção no trabalho então ele saiu para comemorar com o Melvin — continuou olhando ao redor. — E a Tia Mei e o Tio Juan? Não chegaram?

Fechando a porta observou o loiro caminhar até a cozinha com as sacolas.

— Ontem ela mandou mensagem dizendo que Juan estava adoentado — respondeu correndo até o fogão ao sentir um cheiro de queimado. —

Está gripado, coitado.

Desligando o fogo, virou-se observando a mãe conversar com Jilly enquanto retiravam os ingredientes do doce de dentro das sacolas. Mais afastados Bradley cochichou algo para Hailee que sorriu confirmando. Indo até o celular viu que haviam passado horas desde que Benjamin saiu, clicando na opção mensagem mandou uma para o marido perguntando se ele já estava vindo.

Suspirando percebeu que a mensagem não fora entregue. Colocando o celular em cima do móvel andou até a sogra parando ao lado da mesma.

Fitava a decoração infantil por toda a casa com um grande sorriso, tudo estava lindo. Voltando para a conversa viu Hailee encher algumas bexigas enquanto Bradley ajudava as mais velhas a trocar as posições de alguns móveis, um carro estacionando em frente à casa lhe chamou a atenção. Abrindo a porta viu o pai trazer a pequena nos braços e na outra mão uma boneca.

PERIGOSAS ACHERON

Sorrindo colocou as mãos no quadril.

— Olha quem acabou dormindo — murmurou com um pequeno sorriso.

Aproximando-se da filha alisou o cabelinho negro, logo a pegando no colo.

— Minha princesinha — proferiu sentindo os bracinhos lhe arrodarem o pescoço.

— *Mamãe...* — balbuciou dormindo esfregando o narizinho na curva do pescoço da mais velha.

Afastando-se um pouco, viu Hailee se aproximar e estender a mão para a boneca que o homem trazia. Indicou para cima e recebeu um aceno da adolescente. No andar de cima abriu a porta da pequena e se encaminhando até o trocador que havia no recinto, depositando a menor com cuidado fitou o rostinho cansado da filha. Voltando-se para Hailee viu o sorriso que a jovem tinha ao observar a outra.

— Ela é tão lindinha — disse recebendo um aceno da mulher. — Dormindo assim nem parece o pequeno raio que é.

Rindo, Sayuri confirmou. A filha deveria ter puxado ao pai, pois não se lembrava de que quando

PERIGOSAS ACHERON

pequena fosse como a menor.

— Poderia encher a banheira um pouco por favor?

— Com a água não muito fria, né? — quis saber já se encaminhando para o banheiro.

— Sim.

Fitando a loira ir até o banheiro começou a retirar a roupinha da filha, a menor estava suada e apostava que tinha aproveitado demais com o avô. Sabia que o homem não conseguia dizer não a neta para nada, era verdadeiramente mimada por ele. Lhe daria um banho e a colocaria para dormir um pouco, para que pudesse aproveitar da festa.

Esperava que Benjamin não demorasse muito.

Descendo em frente à entrada do lugar Benjamin encarou a fachada. Andou rapidamente para dentro e encarou alguns funcionários. Aproximando-se do balcão, sorriu para mulher que o encarou de cima a baixo. Sayuri já havia o ligado três vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa tarde!

— Boa tarde! – a mulher o respondeu com um grande sorriso, ao fundo podiam ouvir latidos de cachorros. — Em que posso ajudá-lo?

— Eu gostaria de adotar um cachorro – disse observando a mulher à frente ficar levemente assustada.

— Mesmo? – quis saber apoiando-se no balcão.

— Eu pareço estar brincando? – questionou recebendo um negar de cabeça.

— Bem, queira me acompanhar – pediu abrindo a portinha do balcão. — Aqui não temos cachorros de raça, são apenas vira-latas.

— Continuam sendo cachorros – disse observando os animais separados por jaulas. — Então, eu quero um cachorro dócil – informou olhando-a. — Eu tenho uma filha de três anos, então, um cachorro dócil seria o melhor.

— Todos aqui são assim – falou parando em frente a uma grade, onde vários cachorros de porte médio latiam. — Esses aqui foram resgatados semana passada, estavam dentro de uma casa abandonados.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles são lindos. — Agachou-se colocando o dedo entre a brecha da grade. — São todos machos?

— Sim — concordou fitando os cachorros.

Relanceando para o lado, Benjamin viu um cachorro preto todo encolhido contra a parede, virando-se para ele sorriu notando o olhar triste do mesmo.

— E esse?

— Esse? — Franziu o cenho olhando-o. — Ah! Já fazem umas semanas que ele está aqui e, quando notam a deficiência dele desistem de levá-lo.

— Deficiência? — repetiu fitando-a rapidamente, mas logo voltando a encarar o cachorro.

Abrindo a portinha, a funcionária bateu palmas chamando o cachorro, depois de alguns segundos o animal se levantou com dificuldade deixando Benjamin fitá-lo por inteiro. O pequeno não tinha a pata da frente, fazendo com que o mesmo andasse com dificuldade.

— Ele sofreu um acidente — a mulher falou fitando o homem a sua frente acariciar com carinho

PERIGOSAS ACHERON

o cachorro. — O dono dele que veio trazê-lo, disse que não queria perder tempo com um cachorro que não prestava mais para nada.

— Bem idiota da parte dele falar isso. — Franziu o cenho ainda acariciando o cachorro que havia deitado em seus pés. — Ele ainda está sendo medicado? O que o veterinário disse?

Arqueando as sobrancelhas a mulher cruzou os braços.

— Ele está fora de perigo — respondeu suspirando. — Tem as vacinas em dia e o acompanhamento do veterinário daqui.

— Ótimo! — Sorriu encarando os olhos tristes do cachorro. — Vai ser ele.

— O que? — repetiu incrédula. — Vai levar esse? O senhor nem olhou os outros cachorros, temos outros que o se...

— Será esse — a interrompeu fazendo-a anuir com a cabeça. — Eu quero um cachorro para dar amor e carinho e ele com certeza terá — sorriu acariciando-o atrás da orelha. — Bom o que eu preciso para leva-lo?

Dando de ombros a mulher indicou o caminho de volta, se ele queria levar o cachorro

PERIGOSAS ACHERON

deficiente que leva-se.

Impaciente observava o horário no celular sorrindo avistou alguns convidados começarem a chegar. Na parte detrás da casa havia alguns convidados bebendo e rindo, um palhaço brincava com algumas crianças. Relanceando para a sala viu Jilly brincar com a neta enquanto a pequena ria atenta ao que a mulher dizia, passando a mão nos cabelos desviou a atenção.

— Benjamin ainda não atendeu? — questionou recebendo um negar de cabeça. — Ele já deve estar vindo.

— Ele prometeu que viria para o almoço — esclareceu bufando. — Ele nem atende à ligação.

— Ele deve estar dirigindo — disse para amenizar. — Tenha calma e desfaça essa pequena carranca.

Respirando fundo, fitou o lado de fora observando o carro do irmão estacionar em frente à residência. Sorrindo acenou quando ele lhe fitou. Ian assim que terminou na faculdade havia ganho

PERIGOSAS ACHERON

de presente do pai uma caminhonete na cor preta, mas sendo do mesmo modelo que a do mais velho. Lembrava-se que o irmão ficara maravilhado com o presente.

Fitando-o viu quando do porta-malas ele retirou uma caixa grande.

Sorrindo encarou-o até que ele parou em frente a porta.

— Oi, *One-chan*. — Beijou-a na bochecha colocando a caixa no chão. — Mãe. — Sorriu olhando a mulher. — Nem demorei.

— Tio Ian! — A voz fina da pequena se fez presente fazendo o adulto agachar-se abrindo os braços. — Mamãe! Meu *pegente*! — a menor exclamou correndo até a grande caixa, deixando Ian incrédulo com os braços abertos.

— Hey! — Puxou-a e a abraçou escutando o riso e logo a sobrinha tentar sair do aperto do abraço. — Eu não ganho um abraço?

— Solta, tio — pediu tentando alcançar o presente. — Mamãe! — choramingou enquanto ria fazendo Sayuri rir.

— Vamos, Ian, solte-a. — Balançou a cabeça fitando o irmão encher a pequena de beijos. — Não
PERIGOSAS ACHERON

está vendo que ela prefere o presente?

Após um último beijo, Ian a soltou.

Observou Iven limpar o rosto e tentar abrir a sacola.

— Hailee — Sayuri a chamou recebendo um aceno. — Poderia levar essa caixa para o quarto?

— Claro! — Deu um beijo em Bradley logo se levantando. — Vamos, Iven! Me ajuda a levar?

— Sim!

Voltando a encarar a entrada viu Romee se aproximar com um pequeno embrulho em mãos. Fitando-a, viu o exato momento em que a jovem notou que Ian estava ali, relanceando para a mãe a viu dar um pequeno sorriso.

— Boa tarde! — saudou encarando a todos. — Cheguei muito cedo? — perguntou ao notar poucas pessoas no lugar.

— Não. — Sayuri a puxou para um abraço. — Alguns colegas meus e do Benjamin estão lá atrás, tem um palhaço entretendo as crianças.

— Ah! — Sorriu entregando o embrulho a mulher. — Sra. Dupke.

— Querida! — Abraçou-a logo afastando-se lhe tocando os cabelos. — Está tão linda! —
PERIGOSAS ACHERON

elogiou-a recebendo um pequeno sorriso. — E sua mãe, por que não veio?

— Ela estava ocupada com umas coisas dela — respondeu com um pequeno sorriso. — Me pediu para se desculpar por isso.

— Tudo bem — Sayuri proferiu compreensiva. — Fiquei feliz por ter vindo, pode se servir. Por favor, você está em casa.

— Obrigada — agradeceu lançando um rápido olhar para Ian, logo saindo do local.

Virando para o irmão o viu olhar o caminho que Romee pegara, logo soltando um suspiro. O automóvel do marido sendo estacionado em frente lhe chamou a atenção. Rapidamente saiu da sala sob o olhar atento da mãe.

Aproximando-se viu quando Benjamin lhe sorriu saindo do lugar do motorista, cruzando os braços o encarou em silêncio.

— Eu sei que demorei! — falou andando até a esposa. — E peço desculpas por isso.

— Por que não me atendeu? — questionou com o cenho franzindo recebendo um sorriso. — E por que está sorrindo? Por acaso eu sou palhaça?

— Não. — Puxou-a para perto tentando beijá-
PERIGOSAS ACHERON

la, mas não conseguindo. — Vai me negar um beijo?

— Você ainda não me respondeu! — exclamou esperando uma resposta. — Onde estava?

Ainda sorrindo, Benjamin a puxou para mais perto.

— Lembra-se do dia em que você foi conhecer minha mãe pela primeira vez? — quis saber recebendo um olhar confuso, mas em seguida um aceno. — Você lembra também que falou do desejo em morar em uma casa como a nossa? — continuou relanceando rapidamente para a residência.

— Lembro Benjamin — afirmou o observando —, mas não entendi onde quer chegar.

— Algumas semanas atrás você falou comigo sobre aumentar a família.

Sorriu deixando-a surpresa.

— Você não...

— Sim!

Sorriu a beijando, indo até a porta traseira a abrindo.

Levando as mãos aos lábios Sayuri fitou o cachorro de porte médio deitado no banco,
PERIGOSAS ACHERON

aproximando-se emocionada o acariciou atrás da orelha sentindo-o encostar o focinho em sua mão. Voltando-se para o marido o viu sorrindo com as mãos no quadril. Indo até ele o beijou rapidamente.

— Fui ajudar o Dustin, depois fui a procura do nosso pequeno em um lugar de adoção — anunciou observando a esposa acarinhar o animalzinho. — Depois passei no pet shopping — murmurou olhando-a. — Ele tomou banho e comprei umas coisas para ele.

— Ele é lindo! — falou notando o olhar tristonho do mesmo.

— *Papai!* — a voz da filha lhe chamou a atenção.

Correndo afobada sob o olhar da avó, a pequena foi em direção ao mais velho, soltando um grito puramente infantil quando foi pega e jogada para cima. Sorrindo para Iven, Benjamin lhe beijou o rosto notando o olhar da pequena no cachorro.

— Papai, o *au-au*. — Apontou para o cachorro que lhe dirigiu rapidamente o olhar. — *Modi*, papai?

— Não — negou aproximando-se mais do carro. — Ele será seu amiguinho.

— Ben... — Sayuri franziu o cenho ao fitar a falta da patinha do cachorro. — Ele não tem uma patinha — anunciou. — Por isso tem o olhar tão triste.

— Ele sofreu um acidente — contou agachando-se colocando a filha sentada na coxa. — O antigo dono o abandonou.

— Não acredito! — enfureceu, mas logo respirou fundo. — Problema dele, agora esse pequeno é nosso e eu garanto que aqui não faltará amor.

— Eu sei. — Esticou a mão acariciando o cachorro. — Agora temos que pensar em um nome para ele.

— *Ursinho!* — Iven proferiu com um grande sorriso esticando-se tocando no cachorrinho. — Ursinho, papai!

Tocou no rosto do pai lhe chamando a atenção.

— Ursinho? — repetiu com o cenho franzido. — Não tem outro nome?

— Eu gostei de Ursinho — Sayuri proferiu pegando o cachorro no colo. — Você gostou desse nome? — perguntou fitando-o piscar os olhos logo

PERIGOSAS ACHERON

desviando. — Acho que ele gostou sim.

Dando de ombros, Benjamin esticou o braço pegando a caminha que havia comprado para o *Ursinho*. Sorrindo, fechou a porta do carro se encaminhando ao lado da esposa para dentro de casa. Na sala avistou a mãe conversando com Yumi e Urion.

Acenando relanceou para Bradley que conversava bem próximo a Hailee.

Sempre que fitava o loiro o via com a namorada, os dois não se desgrudavam.

Pegando a caminha a colocou ao lado do sofá, presenciando Sayuri apresentar o cachorrinho aos outros. Colocando a filha no chão a viu correr até a mãe, ficando ao lado acariciando o animalzinho. Subindo as escadas decidiu tomar um rápido banho, o dia havia sido cansativo, mas bem proveitoso.

A festa havia sido animada, repleta de brincadeiras que Benjamin fez questão de participar quando convidado. Ursinho se instalara na sala

PERIGOSAS ACHERON

junto com alguns brinquedos que Benjamin havia comprado.

Após as brincadeiras e risos, foi a hora do parabéns. Finalizado essa parte alguns convidados começaram a se despedir, pois, no outro dia seria o início da semana. Yumi, Urion e Jilly ficaram para ajudar na limpeza, Bradley e Hailee haviam ido mais cedo para passearem antes que o loiro fosse levar a namorada para casa.

Depois que finalizaram tudo e se despediram, Sayuri foi até o quarto da filha. Sorriu ao notar que a pequena dormia um sono pesado. Aproximando-se tirou a franja do rosto da pequena a beijando delicadamente na testa, a cobrindo por causa do frio se encaminhou para fora lançando um último olhar a pequena. Descendo as escadas fitou Benjamin sentado no sofá assistindo a uma reprise de um jogo de basquete enquanto bebia cerveja no gargalo da garrafa, espreguiçando-se sentou-se no colo do marido.

— Enfim sós — brincou beijando o pescoço do homem sentindo a cintura ser abraçada pelo braço musculoso do marido. — Eu amei o dia de hoje.

— Eu também – concordou bebendo mais um pouco da cerveja. — Você fez um bom trabalho aqui.

— Obrigada – agradeceu beijando-o no canto dos lábios. — Iven ficou bem feliz com o Ursinho.

— Esse nome é horrível – avisou recebendo um sorriso em troca. — Eu falo sério, coitado. — Parou encarando o cachorro que dormia próximo a lareira. — Vai ficar traumatizado com esse nome.

— Não vai nada – retrucou arrepiando ao sentir a mão gelada do homem em sua coxa. — Sabe... – interrompeu-se aproximando mais os corpos. — Iven está dormindo nesse exato momento.

— Que bom – agradeceu encostando-se mais ao sofá. — Ela me tirou as energias – expôs fitando a esposa pegar a cerveja a bebendo.

— Mesmo? – lamentou mordiscando os lábios. — Que pena. – Inclinou-se colocando a cerveja no móvel ao lado. — Esperava que você cumprisse o que prometeu de terminar o que havia começado ontem.

Benjamin a puxou para mais perto.

— Reformulando... – Sorriu fazendo-a sorrir.

— Para satisfazer a minha mulher eu nunca estou cansado.

Remexendo-se no colo do marido sentiu o tesão se espalhar pelo corpo, apenas por saber exatamente como Benjamin lhe satisfazia. Abraçando-o pelo pescoço o beijou sentindo a língua gelada em contato com a sua. Ainda remexendo-se, gemeu ao ter o traseiro apertado.

— *Ben...* – gemeu sentindo o pescoço ser mordido e chupado. — *Amor!*

— Oi.

Sorriu adorando ouvir aquela palavra.

— Sabe, eu... – Calou-se observando os olhos castanhos sobre si. — Deixa!

Riu envergonhada.

— Com vergonha de mim? – Estranhou enfiando o dedo no decote do vestido colocando-o para o lado. — Vamos, me diga – pediu abocanhando o seio, mordendo de leve o bico macio.

Arfando lambeu os lábios sentindo-se arrepiar da ponta do dedo até o último fio de cabelo. Olhando a boca do marido trabalhando em seu seio rebolou tentando aplacar a pressão que

PERIGOSAS ACHERON

sentia.

— A g-gente poderia tentar — propôs sentindo-o parar a olhando. — Lá.

Sorriu em nervosismo.

— Você quer me dar o...

— Sim — o interrompeu fitando o sorriso safado que ele tinha. — Não precisa falar em voz alta.

Há uns dias tentou o temido sexo anal, mas não conseguiu ir adiante. Estava nervosa e com medo, mas agora — depois que havia conversado com Noemie e ela explicado o que deveria fazer para que não doesse tanto — queria tentar. Voltando a encarar o marido viu que ele desabotoava a calça e baixava a cueca expondo o membro duro. Engolindo em seco fitou aquela anatomia e lembrou-se da dor que sentiu.

Lambendo os lábios começou a acariciá-lo recebendo um gemido rouco. Procurando os lábios masculinos o beijou sentindo as mãos afastarem a calcinha para o lado.

Parando o beijo, o fitou pegar o pau e o colocar entre as nádegas, apoiando-se no sofá gemeu ao sentir a pressão do membro na entrada

PERIGOSAS ACHERON

detrás. Fechando os olhos Benjamin encostou as testas, forçando mais uma vez na entrada da esposa.

— *V-Vamos para o quarto* — pediu esfregando-se na espessura do marido.

Segurando-a pela cintura Benjamin a levou no colo até o quarto. Fechou a porta do quarto e jogou-se na cama com Sayuri por baixo dele. Beijando-a ajudou a retirar o vestido, ao ver os seios desnudos rosnou abocanhando um deles. Sentindo as mãos da esposa tentar retirar a camisa ficou ereto a ajudando. Após retirar a camisa e a calça voltou a beijá-la.

Abraçando as pernas na cintura do homem suspirou ao sentir os seios em contato com a pele do marido, sendo erguida segurou-se com força o abraçando.

Beijando-o uma última vez, sorriu, inclinando-se até a gaveta do pequeno criado mudo para pegar um gel lubrificante.

Retirou a calcinha e deitou-se na cama abraçando ao travesseiro.

Lambendo os lábios sentiu os dedos do homem — melados com o gel frio — serem esfregados na entrada traseira de forma intensa.

Abrindo mais as pernas e empinando o traseiro arfou ao sentir mais gel ser colocado ali. Mordendo os lábios franziu o cenho ao sentir um dedo ser penetrado sendo seguido por outro em movimentos vai-e-vem. Retirando os cabelos grudados do pescoço fitou Benjamin colocar o gel no próprio pau enquanto alisava a entrada traseira sem desviar os olhos.

Sem esperar sentiu a língua lhe lambe toda intimidade, mordendo o travesseiro gemeu ao ter o clitóris chupado. Esfregando-se na língua do marido, sentiu-se ficar mais molhada. Em um movimento rápido sentiu o traseiro arder pelo tapa e a entrada vaginal ser invadida pela língua do homem.

Franzindo o cenho em um puro desejo observou o marido massagear o membro, espalhando bem o gel em toda sua espessura. Separando os lábios gemeu, sentindo os dedos em seu traseiro. Abraçando com mais vontade o travesseiro sentiu quando o corpo do homem ficou em cima do seu e o pênis duro forçou a entrada atrás.

Relaxando sentiu uma mão lhe segurar a

PERIGOSAS ACHERON

cintura e a outra apoiar no colchão.

— *Se você quiser parar é só falar* – sussurrou rente ao ouvido feminino.

Respirando fundo Sayuri sentiu o marido adentrar mais um pouco fazendo-a gemer dengosamente. Levando uma mão para trás o impediu de continuar.

— *P-Para!* – pediu mordendo os lábios. — *D-Deixa eu respirar.* – Respirando fundo mais uma vez começou a sentir as mãos do marido lhe acarinhar as costas. Apoiando-se na cama foi segurada pela cintura. — *P-Pode cont-tinuar.*

Separando as pernas Benjamin aproximou mais os corpos, sentia o membro ser apertado de uma maneira muito gostosa. Não aguentava mais ficar parado, ele precisava se mover. Pensando assim a segurou por trás a abraçando.

Mordeu o lóbulo da orelha delicada e começou a se mover de forma lenta. Recebendo um gemido dengoso da mulher, levou isso como um incentivo.

Apertando a cintura fina testou mover mais rapidamente, ouvindo-a gemer mais alto. Tampando sua boca a penetrou com mais força,
PERIGOSAS ACHERON

fazendo com que a cama batesse na parede. Sentindo as unhas pequenas lhe penetrarem a pele forçou mais o contato, a empurrando para a cama acelerou ouvindo o traseiro bater em sua pélvis com força. Agarrando um punhado do cabelo castanho com a outra mão desferiu um forte tapa na nádega branca.

Sorriu ao fitar a expressão de prazer que ela tinha.

Levando as mãos ao traseiro separou as nádegas observando o membro adentrar aquele local apertado, mordendo os lábios gemeu ao ter o pau contraído. Ainda segurando as nádegas ficou olhando o traseiro com a marca vermelha do tapa e, mais acima o suor pelo corpo lindo da esposa.

Jogando a cabeça para trás fechou os olhos sentindo um prazer imenso em estar naquele lugar, abrindo a boca com a respiração descompassada sentiu quando o corpo da mulher tremeu e ela ficou tensa, mas logo relaxou.

— Já? — brincou a estocando com força.

— *Ai!* — reclamou, mas logo sorriu o encarando. — *Safado!*

Sorrindo, Benjamin saiu da cama ainda
PERIGOSAS ACHERON

agarrado a Sayuri. Ficando em pé ao lado da cama colocou a esposa de quatro.

— A nossa noite está apenas começando — deixou claro com um pequeno sorriso.

E naquele ritmo rápido e forte continuou dando prazer a esposa e tendo prazer, prometendo a si mesmo que sempre a faria feliz até o último suspirar de sua vida. Pois, o seu maior presente era a felicidade dela e da filha. Seus melhores e maiores presentes que um dia ele poderia pensar em ter. Quem diria, que ao beijar uma desconhecida na boate — que antes trabalhava — estaria começando a escrever a própria história? Uma história que, na opinião dele, só era mais atrativa porque ele era o personagem principal.

Rindo da própria pretensão voltou a focar no que realmente interessava: sua esposa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Primeiro gostaria de agradecer a minha mãe que, enquanto estava viva, me apoiou nesse sonho. Ela não falava, mas quando eu mostrava minhas conquistas, ela sorria contida e me dizia: Parabéns. Obrigada, acho que se não tivesse o apoio e a paciência que ela tinha eu não escreveria.

Minha tia e madrinha, que depois do que aconteceu me apoiaram bastante para que eu continuasse a escrever.

E, em terceiro, as minhas leitoras! Quando comecei a escrever não imaginava que alguém leria, mas então ganhei leitoras maravilhosas que me acompanham até hoje. Muito obrigada a essas pessoas que me incentivaram a continuar, obrigada também a Bárbara Lorrany, Larissa e Luana Alves. Essas três *amorzinhos* me ajudaram bastante também, me ouvindo quando tinha ideias, me aconselhando e mais que isso estando comigo para o que der e vier.

Obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON